

TRILOGIA DOS GUARDIÕES

I. M. MARTINS



O

MOSTEIRO

pa
ra
le
la

I. M. MARTINS



O

TIBETANO

pa
ra
le
la

I. M. MARTINS



O

DRAGÃO

pa
ra
le
la



Sumário

[Capa](#)

[Rosto](#)

[O MOSTEIRO](#)

[Epígrafe](#)

[Dedicatória](#)

[1. O sopro da morte](#)

[2. A Casa do Lago](#)

[3. O coração de Angelina](#)

[4. O feiticeiro e a pitonisa](#)

[5. A esmeralda](#)

[6. O assassino inglês](#)

[7. O castigo](#)

[8. Objetos mágicos](#)

[9. A herança](#)

[10. A reunião](#)

[11. O mundo invisível](#)

[12. Sedução](#)

[13. A ronda dos leões](#)

[14. Premonição](#)

[15. O sábio e as salas secretas](#)

[16. A força da espada](#)

[17. A revelação](#)

[18. A festa](#)

[19. As páginas perdidas](#)

[20. O brasão](#)

[21. Laços de sangue](#)

[22. O ano do tigre](#)

[23. Os Guardiões](#)

[24. A consagração](#)

[25. A traição](#)

[26. O punhal das almas](#)

[27. As sombras](#)

[28. O terço dos anjos](#)

[29. A escolha](#)

[Agradecimentos](#)

[O TIBETANO](#)

[Epígrafe](#)

[Dedicatória](#)

[1. O retorno](#)

[2. Um amor inevitável](#)

[3. O número sagrado](#)

[4. A memória](#)

[5. A tenacidade de Oliver](#)

[6. O despertar das feras](#)

[7. O fio invisível da fé](#)

[8. O cordão dourado](#)

[9. Um novo ciclo](#)

[10. O massacre de Babi Yar](#)

[11. O caso Messie](#)

[12. Holocausto revisitado](#)

[13. A profecia Tibetana](#)

[14. O beijo](#)

[15. A tormenta](#)

[16. O cativo](#)

[17. A alma de Angelina](#)

[18. O despertar do desejo](#)

[19. A gruta](#)

[20. A laranja de ouro](#)

[21. A revelação](#)

[22. O herdeiro](#)

[23. Fogo e gelo](#)

[24. Identidades](#)

[25. A casa](#)

[26. O sacrifício](#)

[27. O Tibetano](#)

[28. A libertação](#)

Agradecimentos

O DRAGÃO

Epígrafe

Dedicatória

1. Um novo destino

2. Semeando violência

3. Buscando aliados

4. Recomeços

5. Espelho de Iblis

6. Runa Sigel

7. Quietude dos bons

8. Ajuda silenciosa

9. Dragão Verde

10. O perdão

11. Sete espelhos

12. Dilemas

13. Olho do Dragão

14. Fragilidades

15. O mesmo rosto

16. Amor proibido

17. O Homem das Luvas Verdes

18. A Noite Vermelha

19. A sala das almas

20. A Lança do Destino

21. Roubando almas

22. Olho por olho, dente por dente

23. Descobrindo a verdade

24. A queda

25. A batalha

26. O sétimo Guardião

27. A Lua Azul

Agradecimentos

Créditos

I. M. MARTINS

Trilogia dos Guardiões

2
1
1
1

O MOSTEIRO

*Para os que acreditam provas não são necessárias,
para os que não acreditam provas não são possíveis.*

Stuart Chase (1888-1985)

Para meus pais, Mário e Noémia, cujo amor me fortalece.

1. O sopro da morte

*O nome a encher uma pessoa
Como a luz enche o vento,
Ou a ferida enche a lembrança.*

Herberto Helder (1930-)

Elizabeth entrou no quarto do hospital e encontrou o pai acompanhado de um padre alto e atraente. Deixou as rosas brancas, que acabara de comprar, sobre a mesa de apoio e caminhou até junto da cama, percebendo que Arturo estava mais abatido. Beijou-lhe a face com ternura, e se virou para cumprimentar o padre, ainda impressionada pela fragilidade do pai. Estendeu a mão delicada mergulhando nos olhos dele, que possuíam a transparência azulada de duas contas de vidro. Um arrepio percorreu seu corpo. Ouviu-o apresentar-se com voz serena e uma entoação levemente rouca no final:

— Daniel.

Ela puxou a mão apressadamente, tentando vencer o nervosismo inesperado, e respondeu:

— Muito prazer. Elizabeth.

Daniel esboçou um sorriso e seus olhos faiscaram no rosto pálido. Fez um gesto vago com as mãos longas e magras como se afastasse uma poeira visível apenas para ele, e comentou com Arturo, parecendo continuar uma conversa iniciada antes da chegada dela:

— Impressionante!

Arturo balançou a cabeça ligeiramente, em sinal de concordância. Sabia

que Daniel se referia à semelhança entre Elizabeth e Angelina, sua mãe, assassinada anos antes. As poucas pessoas que conheceram as duas sempre ficavam surpreendidas e fascinadas com Elizabeth: parecia uma irmã gêmea da mãe, uma cópia viva da fabulosa beleza de Angelina.

Elizabeth se perguntou mentalmente quem seria o padre. Ele não parecia ter mais de quarenta anos, e o pai nunca o tinha mencionado, mas era visível que havia uma enorme cumplicidade entre eles. Sentiu-se desconfortável por não saber nada sobre aquele homem, principalmente porque, desde que o cumprimentara, parecia ter perdido o equilíbrio, como se uma força tivesse se apoderado dela impedindo-a de pensar com clareza. Ele emanava um magnetismo perturbador, semelhante a um ímã que atraía tudo à sua volta.

O pai estava exausto com o rosto marcado por sulcos fundos em volta dos olhos e da boca, onde antes havia um sorriso permanente. A noite anterior tinha sido a única em que não dormira no hospital desde que o pai fora internado, uma semana antes. Arturo tinha conseguido convencê-la a ir para casa, mas agora, ao vê-lo tão debilitado, se arrependia de não ter ficado.

O celular tocou bruscamente, sobressaltando-a. Atendeu enquanto saía do quarto com passos elásticos:

— Alessia. Que bom que ligou. Já chegou a São Paulo?

— Acabei de descer do avião. Aconteceu alguma coisa?

— Não... É o papai... Parece tão cansado. Está com o padre...

— Bento? — interrompeu Alessia, se referindo ao padre que acompanhava Elizabeth desde a infância e era um amigo da família, de longa data.

— Não. Padre Daniel, com olhos azuis hipnóticos... Sabe quem é ele?

— Sei. Vou só buscar as malas e sigo para o hospital. — respondeu agitada. — Conversamos quando eu chegar.

Depois de desligar o celular Elizabeth vagou pelo hospital durante quinze minutos, assolada por um pressentimento terrível. A presença do padre inibia-a de voltar para o quarto, mas, por fim, venceu o incômodo que sentia em relação a ele e foi para junto do pai. Abriu a porta sem ruído e viu Daniel sentado na beira da cama segurando afetuosamente a mão de Arturo e falando baixinho. E aquela voz quase sussurrada, em francês, soou familiar. Fechou os olhos por um instante, tentando descobrir a origem daquela sensação de familiaridade, mas antes que pudesse perceber alguma coisa, Daniel notou sua presença. Olhou-a com intensidade do outro lado do quarto, parecendo ler os seus pensamentos. Soltou a mão de Arturo, levantou com calma, e sugeriu:

— Sente aqui, junto dele.

Ao passar por ela, provocou de novo aquele frio inexplicável que atravessava o corpo e ia direto à alma, como um daqueles avisos que antecipam desgraças. Ela ouviu a porta fechar-se atrás das costas dele e só então se aproximou do pai. Ele tinha perdido toda a vitalidade. O olhar vazio e vítreo parecia denunciar que algo o estava consumindo de dentro para fora. Elizabeth assustou-se com a fragilidade repentina da mão dele, abandonada sobre o lençol branco.

— Papai, quer que eu chame o médico? Como se sente?

— Temos pouco tempo filha...

— Que quer dizer? — sentiu o peito apertado pressentindo com o coração o que a razão se negava a aceitar.

— Querida, há um momento para tudo. Nos últimos meses falamos muito sobre os ciclos da vida e eu disse que a hora de completar meu próprio ciclo estava chegando.

— Eu sei papai, mas era simbólico, não é? — comentou, esforçando-se para ser otimista.

— Não, Elizabeth. Escute: não há nada que a medicina possa fazer por mim.

— Não diga isso, papai! Vou chamar o médico... — insistiu, ensaiando um movimento para se levantar. Arturo segurou-a pelo pulso com um resquício de força e falou rápido, correndo contra o tempo, para livrar-se do peso que o atormentava.

— Há seis meses fui diagnosticado com um câncer no último estágio. Sei que devia ter contado, mas achei melhor vivermos os meus últimos meses sem angústias. Optei por uma vida de qualidade e quando acabasse meu tempo, eu aceitaria...

Elizabeth ficou rígida. Parecia ter acabado de chocar-se contra um muro de cimento em alta velocidade. Não podia acreditar que o pai havia escondido aquilo, mas principalmente não podia acreditar que o pai ia morrer. Era uma informação muito penosa para ser absorvida. Não conseguia compreender todas as palavras, dar-lhes um significado completo. E, no entanto, nada era mais importante do que ouvir aquelas palavras, que continham uma condenação que lhe roubaria o pai. Balbuciou emocionada:

— Mas não podia tomar essa decisão sozinho... Eu sou parte da sua vida... E hoje existem tantos tratamentos modernos...

— Filha, me escute! — interrompeu com ternura, acariciando as mãos dela. — É irreversível. Eu não quis passar pelo sofrimento de definir preso

em um hospital, com máquinas e remédios... Tenho o direito de escolher como morrer. Vivi muito. Vivi bem. Estou em paz. Agora é apenas uma questão de horas...

— Como, de horas? Como sabe isso?

— Sei, filha... Sei! Quando me internei há uma semana, sabia que não voltaria para casa.

Elizabeth sentiu segurança na voz dele. Começou a soluçar baixinho sem saber o que fazer. As mãos haviam se tornado desajeitadas, grandes demais para movê-las. Os olhos ardiam e a garganta parecia ter-se fechado. Os pés estavam colados ao chão, pesados demais. O corpo deixou de lhe pertencer como se uma garra tivesse arrancado seu coração. Em um segundo, o futuro seguro que tinha imaginado se fragmentou, dissolvido por aquela ausência repentinamente anunciada. Arturo estava tranquilo, com a serenidade própria de quem já abraçou seu destino e aceitou a morte.

— Eu não vou ter tempo para explicar tudo o que precisa saber. Mas quero que nunca se esqueça de que amo você e tudo o que fiz até hoje, até este instante, foi para protegê-la.

— Eu sei, papai.

— Quero te dizer três coisas. A primeira é que deve manter os seguranças. Leon e Náder acompanham-na há anos e são confiáveis.

— Papai não é hora de discutir isso. Nunca compreendi essa preocupação exagerada com minha segurança.

— Prometa!

Elizabeth percebeu o desespero mesclado de cansaço na voz dele e respondeu:

— Prometo, papai.

— A segunda é que deixei várias cartas no cofre da Casa do Lago. Não vai compreendê-las de imediato, mas leia-as com atenção.

— Vou ler, papai — acedeu obediente.

— E a terceira é que Daniel vai te contar o passado da nossa família. Eu sempre evitei falar sobre isso, mas chegou o momento de descobrir quem você é realmente. Deve ouvi-lo ainda que por vezes possa parecer enfadonho ou inútil. Mais tarde verá que tudo tem um significado. — Arturo respirou fundo em busca de oxigênio. — Estou exausto. Quero descansar um pouco. Não esqueça que te amo.

— Eu também te amo, papai.

Envolvida pelo desespero, se perguntou por que o pai escolhera Daniel e

não Alessia para contar a história da família, os mistérios que ele nunca explicara e dos quais sempre a protegera, como se o passado estivesse povoado de forças que pudessem destruí-la. Por mais que quisesse falar com ele, viu o quanto estava debilitado e manteve-se em silêncio.

Arturo fechou os olhos, e fez uma expressão de dor, quase imperceptível. Ela beijou-o na testa e continuou sentada ao seu lado, hirta.

Elizabeth não conseguia aceitar a possibilidade de perder o pai. Sua dor emocional era tão aguda que os pensamentos surgiam desordenadamente com a incoerência típica dos estados de choque. “Morrer” parecia uma palavra muito definitiva, algo inaceitável e irreal que invadira seu vocabulário abruptamente.

Perguntou-se como era possível que o pai estivesse à beira da morte, aos sessenta e dois anos, sem que os médicos tivessem detectado nada nos meticulosos exames anuais a que se submetia. Percebeu que era a natureza daquela doença ardilosa, que se instalava silenciosamente.

Quando se debruçava sobre o passado da família, a morte da mãe e até mesmo Alessia, faltavam pedaços da história. Sua vida assemelhava-se a um imenso quebra-cabeça. Tinha sempre a impressão de que algo lhe escapava. E essa impressão transformou-se em certeza quando o pai disse que precisaria descobrir quem era. Além disso, a presença intrigante de Daniel contribuía para aumentar o mistério.

Sentiu-se sozinha, mergulhada em memórias, enquanto, à sua frente, o pai se rendia à morte. Alessia tocou-a no ombro, com delicadeza, arrancando-a do mundo sombrio que começava a envolvê-la. Elizabeth virou-se, como se pesasse uma tonelada. Alessia abraçou-a e sussurrou:

— Venha. Vamos tomar alguma coisa enquanto seu pai descansa.

Olhou novamente para o pai e ouviu sua respiração profunda e pausada. Parecia tranquilo. Beijou-o mais uma vez na testa, e afastou-se com esforço.

Na cantina do hospital, Elizabeth sentou-se em uma das mesas alheia ao que acontecia à sua volta. Alessia viu Daniel encostado ao balcão e foi ao seu encontro com passos rápidos. Ele cumprimentou-a com um beijo na face, segurando-a pelo cotovelo com familiaridade.

— O que vai querer? — ele perguntou.

— Chá. — esperou que Daniel fizesse o pedido e comentou: — Que situação terrível.

— Arturo fez sua escolha há muito tempo e nós respeitamos — constatou Daniel incisivo, com a voz controlada.

— Eu sei, mas ainda assim é tudo muito doloroso.

— Agora é essencial definir os próximos passos. Não temos margem para erros — disse Daniel, pragmático, pegando uma das xícaras de chá e dirigindo-se em direção à mesa onde estava Elizabeth.

— Sim, mas precisamos lhe dar tempo para assimilar a perda do pai.

Daniel pousou a xícara fumegante sobre a mesa, à frente de Elizabeth, arrancando-a do seu isolamento. Ela estremeceu ao reconhecer as mãos dele, que vira apenas por um segundo no quarto do pai. Observou a forma calma como ele se sentava e os gestos frios, tão distantes da ternura fraternal que tinha demonstrado a Arturo pouco tempo antes, no quarto.

Alessia quebrou o silêncio:

— Querida, sei como está sofrendo...

— Não compreendo, Alessia — interrompeu Elizabeth. — Não compreendo como não descobriram antes. É um engano! Só pode ser engano!

— Não, querida, não é um engano. Aceitar é o primeiro passo...

— Você sabia, não é? — interrompeu novamente. — Eu devia ter percebido algo errado. Como é que não percebi?

— Quando as coisas acontecem conosco, não temos distanciamento suficiente para saber...

Elizabeth sacudiu a cabeça e os cabelos lisos e longos acompanharam o movimento. Murmurou, incrédula, como se falasse apenas para si:

— Não consigo aceitar a forma como ele parece ter se rendido.

O dia parecia interminável, mas eram apenas quatro horas da tarde. Elizabeth bebeu o chá esperando encontrar algum conforto, mas seu estômago continuava embrulhado. Daniel levantou-se, sem aviso, e informou em um tom neutro, capaz de camuflar uma infinidade de sentimentos:

— Seu pai não está mais neste mundo, Elizabeth. Venha.

Segurou-a pelo braço com uma firmeza gentil e guiou-a de volta ao quarto de Arturo, pelos corredores do hospital. Alessia seguiu atrás deles, com os olhos turvos pelas lágrimas, sabendo que muita gente sentiria falta de Arturo. Ele sempre praticara a caridade, fazendo doações e ajudando as pessoas necessitadas. Era voluntário em várias organizações e viajava, com frequência, para lugares dizimados por guerras e catástrofes naturais. Acreditava que é dando que se recebe e pautou sua vida por esse princípio.

Daniel e Bento organizaram o funeral. Prepararam a igreja com flores e incenso de jasmim, o preferido de Arturo. Avisaram amigos e conhecidos.

Quando Elizabeth e Alessia chegaram, às nove da noite, o lugar estava apinhado de gente, e o cheiro do incenso e das flores tinha se entranhado em tudo, criando uma espécie de neblina adocicada e perturbadora.

Elizabeth, engolida pelo seu próprio vazio, não percebeu quem a cumprimentou na profusão crescente de rostos desconhecidos — um mundo de gente que ela nunca tinha visto. E pouco recordaria das vinte e quatro horas passadas entre a morte e o sepultamento do pai, abalada pelo choque e pela incredulidade.

Tentou ver o pai uma última vez, mas Daniel foi irredutível e não permitiu que abrissem o caixão, previamente selado por sua ordem. A última lembrança que Elizabeth guardaria do pai, seria a do beijo que lhe havia dado, instantes depois da morte, quando seu corpo ainda retinha o calor da vida. Depois disso, ninguém mais viu Arturo, exceto Daniel, que o vestiu e pôs no caixão. Elizabeth não compreendeu o porquê daquela determinação tão estrita.

Quando chegou em casa, Alessia fez com que Elizabeth tomasse um calmante, que ela empurrou pela garganta com um chá de flor de laranjeira. Em seguida, aconchegou-a na cama, como se ela ainda fosse criança, e segurou sua mão até que adormecesse.

Eram dez da manhã de domingo quando Elizabeth acordou, depois de ter dormido doze horas. O apartamento cheirava a maçãs assadas e canela. Um aroma familiar, recuperado da sua infância.

Vestiu o roupão de seda verde sobre o pijama da mesma cor, e seguiu as vozes até a copa, ainda aturdida pelo efeito do comprimido tomado na véspera, e que mantinha as emoções controladas. Encontrou Alessia, dona Rosa, a vizinha octogenária que morava no apartamento da frente, e o padre Bento em volta da mesa redonda, tomando o café da manhã: chá English breakfast, acompanhado de strudel de maçã. Eles se levantaram assim que a viram hesitante na porta da cozinha e abraçaram-na com afeto, como se acolhessem alguém que chegara de uma longa viagem. Alessia puxou uma cadeira para ela se sentar e serviu uma xícara de chá. Elizabeth adicionou uma gota de leite e misturou delicadamente com a colher de prata. Percebeu o

silêncio súbito e respeitoso e se sentiu na obrigação de falar, embora lhe faltasse vontade e energia:

— Quero agradecer a vocês por tudo...

A voz saiu enrouquecida pelas muitas horas de choro e pelo cansaço. Sentiu a garganta seca. Bebeu um gole da bebida quente para tentar clarear a voz. Alessia pôs a mão sobre seu braço, carinhosamente, enquanto Bento tentava reconfortá-la:

— A perda do seu pai é uma provação muito sofrida, mas é nos momentos de dor que devemos procurar conforto em Deus.

— Eu sei, padre.

— Estamos aqui, ao seu lado, para o que precisar — afirmou Bento, dando uma palmadinha suave nas costas da mão dela, exatamente como fazia desde sua infância, quando queria enfatizar o que dizia.

Dona Rosa aproveitou o silêncio de Elizabeth para dizer:

— Coma uma fatia de strudel. Alessia disse que era sua preferida quando criança.

— Agora não dona Rosa, obrigada. Estou sem fome. Vou descansar um pouco mais. Se me dão licença... — respondeu, tentando evitar uma conversa mais longa. Pegou a xícara com a mão ligeiramente trêmula, e foi para o quarto. Pousou o chá no criado mudo, incapaz de bebê-lo. O aperto na garganta continuava a sufocá-la, impedindo-a de engolir, e se agigantou até explodir, forçando um choro convulsivo. Adormeceu novamente, vencida pelo cansaço, e acordou horas depois, a meio da tarde.

Alessia estava preparando uma canja portuguesa. A receita original, com galinha, tinha dado lugar a uma variedade de legumes para atender as suas opções vegetarianas.

Elizabeth entrou na cozinha e se encostou ao mármore da pia bebendo um copo de água. Alessia observou seu rosto inchado e os olhos afundados em auréolas escuras, que expunham parte do seu sofrimento.

Elizabeth interrompeu o silêncio:

— Quero viajar para a Casa do Lago. Sozinha.

— Compreendo, querida, mas não acho que seja um momento propício para se isolar.

— Preciso esgotar esta dor, Alessia — explicou colocando o punho fechado sobre o peito. — Tenho que enfrentar os meus demônios.

Alessia olhou-a séria e quieta, sabendo que ela estava longe de conhecer o verdadeiro significado da expressão “enfrentar os demônios”. Para evitar uma discussão, sugeriu:

— Como quiser. Falamos sobre isso mais tarde.

Elizabeth insistiu, enfática, pousando o copo no mármore da bancada:

— Já decidi: quero passar meu aniversário na Casa do Lago.

Alessia viu-a sair da cozinha e assim que ouviu a porta do quarto se fechando com um som abafado, foi para o telefone, tensa:

— Daniel?

— Sim. Qual o problema? — perguntou com secura.

— Elizabeth quer viajar sozinha para a Casa do Lago.

Daniel digeriu a informação, e após uma brevíssima pausa, respondeu friamente:

— Alessia, deixe-me ser claro: todos nós estamos sofrendo com a morte de Arturo, cada um à sua maneira. Mas isso não deve interferir no que foi planejado para Elizabeth mesmo antes do seu nascimento.

— Eu sei, Daniel.

— Então qual é o problema? — insistiu desgastado, lutando para controlar sua própria dor. Arturo tinha sido o irmão que nunca teve e que o acompanhara durante toda a vida.

— Acho que será melhor esperar um mês até ela aceitar a morte do pai. Ela está imersa no sofrimento e não consegue compreender mais nada. O sofrimento faz isso, Daniel: ele cega.

— Conheço muito bem os efeitos do sofrimento. Lamento, mas um mês é muito tempo. Ela precisa assumir as responsabilidades que herdou.

— Ela vai assumir, Daniel — defendeu Alessia. — Mas precisa estar serena para assimilar o que vai ser revelado, e mudará, em definitivo, o rumo da vida dela.

Daniel hesitou por um segundo perante a argumentação de Alessia. Sabia que ela estava mais emotiva do que racional, mas não deixava de haver lógica no que dizia.

— Alessia, deixe que ela vá para a Casa do Lago que eu resolvo esse assunto.

— O que quer dizer?

— Eu resolvo, Alessia. Deixe-a ir.

— Mas Daniel... — Alessia tentou continuar a defender seu ponto de vista, porém Daniel interrompeu-a com firmeza:

— Não podemos esperar um mês. Sabe bem que ela corre perigo e temos que informá-la disso — justificou mantendo sua posição inicial, de revelar a Elizabeth o passado da sua família, sem lhe dar tempo de se refazer da perda do pai.

— Eu sei — cedeu Alessia, tentando afastar as dúvidas que sentia sobre a decisão de Daniel.

— Tenho que desligar — Daniel terminou a ligação com impaciência, sentindo-se cansado. A morte de Arturo dava início a um novo ciclo, e apesar do longo planejamento, sentia-se inconformado com a responsabilidade de tutelar Elizabeth.

Alessia preparou a sopa para Elizabeth, colocando o prato na bandeja, com um guardanapo de linho branco e um chá de camomila. Bateu na porta do quarto e esperou que respondesse:

— Entre!

Encontrou-a recostada, no meio das almofadas, com um álbum de fotografias dos pais aberto sobre a cama, e o laptop pousado nas pernas cruzadas.

— Trouxe uma canja de legumes. Está na hora de comer alguma coisa, querida.

Elizabeth colocou o computador na cama, aceitou a bandeja e começou a comer. Sentia-se fraca. Havia mais de vinte e quatro horas que não comia nada sólido.

— Obrigada, Alessia, está ótima — elogiou, depois de provar a sopa. — É reconfortante.

— Que bom que gostou — fez uma pequena pausa, antes de mudar de assunto. — Estive pensando sobre o que me disse na cozinha. Se quiser mesmo ir para a Casa do Lago, peço apenas que leve Leon e Náder.

— Prometi ao meu pai que não abdicaria deles. Suponho que isso também a tranquiliza.

Alessia sorriu com suavidade habitual, concordando com a cabeça. Elizabeth esticou-se sobre a bandeja e fez-lhe um carinho nas mãos.

— Não se preocupe, Alessia. Você é como se fosse minha mãe, mas agora preciso ordenar um pouco minha cabeça, os meus sentimentos...

— E o emprego novo, na UniTouch?

Elizabeth começara a trabalhar havia pouco mais de um mês na UniTouch,

uma importante empresa internacional de telecomunicações e desenvolvimento de software.

— Vou pedir um mês de licença e, se não concordarem, que é o que me parece mais natural, demito-me. Depois decido o que fazer.

— Mas você gosta do seu trabalho e investiu tanto para conseguir uma boa oportunidade na sua área! É difícil alguém da sua idade ocupar um cargo de diretora de recursos humanos em uma multinacional!

— Eu sei, mas agora não consigo pensar com clareza. Preciso de um tempo para me organizar. Quero ver o testamento, os papéis...

— Sabe que está tudo em um fundo fiduciário. Qual é a pressa?

— Meu pai é que cuidava de tudo e estou me sentindo perdida. Quem sabe também não descubro alguma coisa sobre minha mãe, no meio da papelada do papai.

— Você sabe o suficiente sobre sua mãe — defendeu Alessia para evitar abordar aquele assunto complexo imediatamente após a morte de Arturo, sabendo que os mistérios que envolviam a vida e a morte de Angelina seriam revelados por Daniel.

— Sei mesmo? E sobre os meus avós? Simplesmente desapareceram, é isso? Meu pai desconversa sempre. Faz aquele sorriso cheio de charme, sabe?

— Desconversava, Elizabeth. Seu pai desconversava e fazia...

Alessia corrigiu devagar os tempos verbais e os olhos de Elizabeth encheram-se de lágrimas. Por um instante esquecera-se de que o pai já não estava vivo. A colher caiu, batendo no prato com um ruído seco, e ela levou o guardanapo à boca para sufocar um soluço.

— Eu sei, querida. Eu sei... No princípio é assim: de vez em quando parece que nada aconteceu. Mas é neste momento de fragilidade que precisa tomar alguns cuidados com certas pessoas mal intencionadas e com energias mais fortes.

— Está falando do padre Daniel? — questionou quase involuntariamente, ao recordar-se das sensações que ele lhe provocara, quando o conhecera.

— Ele te incomodou, não foi? — perguntou, sabendo da perturbação que Daniel causava habitualmente à sua volta.

— Sim. Como é que sabe?

— Ele tem uma força extraordinária, mas não é mal intencionado. Daniel é um homem de bem. — Alessia garantiu, fazendo com que Elizabeth minasse qualquer resistência que pudesse ter contra ele. Aceitar a presença dele era essencial para facilitar tudo o que viria adiante.

— Talvez tenha razão — respondeu, espantada por Alessia ter percebido que Daniel a tinha incomodado.

— Um processo de sofrimento, profundo o como seu, vai contribuir para fortalecê-la, mas precisa estar atenta, porque, em momentos assim, é mais fácil cometer erros de julgamento.

— Erros de julgamento? — inquiriu alarmada.

— A dor atrapalha o raciocínio e distorce a análise das situações, mesmo as mais simples, do dia a dia — avisou Alessia, antes de tentar tranquilizá-la.

— Mas estará protegida no Lago.

— Meu pai dizia que a casa dos nossos antepassados, o lugar das nossas origens, nos dá uma proteção especial.

— É verdade. — Alessia retirou a bandeja do colo dela. — Agora tente descansar mais um pouco. Tem que voltar a sonhar. Os sonhos ajudam a reequilibrar.

— Sim — concordou, sabendo que Alessia tinha razão. Quando sonhava as suas emoções clareavam, como se acionasse um estranho mecanismo de cura. Porém, naquele instante, tudo o que desejava era um sono profundo que induzisse o esquecimento.

Era a segunda semana de outubro. O feriado do dia 12 arrastou-se, vagaroso, e Elizabeth passou-o na cama, com uma febre leve e intermitente, que a deixou com o corpo moído.

No dia seguinte fez um esforço para ir trabalhar. Ao chegar à empresa, pediu para falar com o diretor geral. Ele foi gentil e recebeu-a imediatamente: já sabia o que tinha acontecido, e lamentou a perda dela. Comentou que, apesar de não ter estado presente no funeral, enviara uma coroa de flores. Elizabeth agradeceu, incapaz de lembrar-se das flores; na verdade não se lembrava de quase nada, mas tinha certeza que Alessia iria responder com um cartão educado. Sabia que ela e o padre Bento tinham passado o feriado compilando uma lista de pessoas, para enviarem cartões agradecendo o apoio e presença no funeral.

Elizabeth explicou ao diretor geral que precisava de um mês de licença para reorganizar sua vida sem a presença do pai e resolver aspectos relacionados com sua herança. O pedido, embora não fosse normal, foi aceito pelo diretor, que aproveitou a ocasião para comentar que o trabalho dela havia sido elogiado por Penafor, o diretor de marketing com quem estava

desenvolvendo um plano para reorganizar o departamento.

Ficou combinado que ela voltaria dia 16 de novembro, mas Elizabeth não conseguiu evitar certa estranheza por uma empresa internacional, com o porte da UniTouch, permitir que um funcionário recém-contratado se afastasse por trinta dias.

Em seguida, Elizabeth passou pelo seu departamento, traçou as linhas gerais do planejamento para aquele mês e, por fim, escreveu um e-mail aos outros diretores informando-os sobre sua ausência e nomeando os seus substitutos.

Ao sair percebeu que eram quase três da tarde e ainda não tinha almoçado. Dirigiu-se para o estacionamento quando ouviu o som de passos apressados atrás de si. Alguém gritou seu nome. Virou-se, viu Penafor e pensou, irritada: *Que merda!* Esperou por ele, que já vinha com as mãos estendidas, pronto para cumprimentá-la:

— Elizabeth, acabei de chegar. Estava fora da empresa e queria falar com você pessoalmente. Não sabe o quanto lamento. Precisa de alguma coisa? — perguntou, solícito.

Ela meneou a cabeça e tentou soltar a mão, que continuava presa, entre as dele.

— Não, obrigada.

— Estas situações são muito sofridas. Passei por isso quando perdi meu pai. Compreendo o que está sentindo.

— Obrigada, Penafor. Tenho que ir — disse, tentando se despedir.

— Se precisar de alguma coisa, a qualquer hora, pode me ligar no celular — tirou um cartão do bolso e anotou rapidamente o número particular, antes de entregá-lo a Elizabeth. Ela entrou no carro, aliviada por livrar-se dele. Esboçou um aceno com a mão esquerda e partiu.

Juan Penafor era um homem ambicioso e, acima de tudo, desejava o cargo de diretor geral na UniTouch. Descendia de uma família pobre de espanhóis, emigrada para São Paulo durante os rescaldos da Guerra Civil espanhola. A mãe, alcoólatra, o abandonara quando ele tinha dois anos e o pai, um católico caridoso, se esforçou para lhe dar uma educação que permitisse romper o ciclo de pobreza. Não chegou a ver o filho terminar a universidade e realizar seu maior sonho. Morreu aos cinquenta e quatro anos, atropelado por um desconhecido que fugiu do local do acidente e nunca foi descoberto. Havia

dezoito anos que enterrara o pai e ainda sentia uma grande mágoa contra o estranho que lhe tinha roubado o único afeto. Esforçava-se para tentar perdoar o criminoso, mas não tinha conseguido encontrar paz e seu coração continuava endurecido, incapaz de seguir adiante. Porém, apiedou-se de Elizabeth, por saber bem o quanto a perda de um pai era dolorosa.

Elizabeth não simpatizava com Penafor. Quando o conheceu, ao ingressar na empresa, ele dissera explicitamente que gostava que o chamassem “Penafor”. Ela havia achado o nome incomum e comentara com o pai.

— Penafor em latim é associado a “penhasco” — dissera Arturo, exímio conhecedor daquela antiga língua.

— Estranho alguém desejar ser chamado de “penhasco”.

— Às vezes o nome não é acidental. O que diz sua intuição? — Arturo incentivava-a sempre a dar atenção à intuição, mesmo quando ela contrariava a lógica e a racionalidade.

— Ele não me inspira confiança. Tem um comportamento um pouco agressivo e os olhos erráticos. Costuma colocar as mãos junto do peito, como se fosse um Tiranossauro Rex.

Descrito assim, Penafor parecia um homem desinteressante e horrível, mas na verdade era um moreno alto e bastante atraente. Arturo rira da forma como ela retratou o colega. Isso tinha acontecido havia pouco mais de um mês, logo depois de ter começado a trabalhar, mas parecia ter passado um século. Já sentia saudades do pai e, mesmo acreditando na reencarnação, a morte dele era devastadora. Ficou com os olhos embaçados pelas lágrimas, como se estivesse chovendo dentro dela.

Estava a três quarteirões de casa e não viu o carro. Sentiu a batida seca e parou, por reflexo. Abriu a porta e saiu, com o rosto marcado pelo choro, enquanto pensava, com frustração, que quando alguém está desesperado, as coisas tendem a agravar-se. É o caos se alimentando de si mesmo e gerando mais caos, exatamente como Alessia dizia.

Olhou para seu carro, e era apenas lataria amassada. Em seguida olhou para o outro carro e percebeu que, apesar dos danos também serem leves, se tratava de um esportivo importado, de luxo.

Leon e Náder desceram imediatamente do carro em que seguiam e aproximaram-se. Elizabeth disse, erguendo a mão direita com um gesto

imperativo que impunha distância:

— Estou bem. Esperem no carro, por favor. Eu trato disso.

Mas eles mantiveram-se junto dela, como montanhas, cientes das suas funções.

Ela voltou-se para o dono do carro, que continuava sentado ao volante, e falou impaciente:

— A culpa é minha. Vamos resolver isso.

O motorista saiu do carro, sereno, e, com um sorriso jovial, perguntou, apontando para a testa dela:

— Você está bem?

Elizabeth levou a mão ao centro da fronte e sentiu o líquido viscoso e morno. Ele estendeu um lenço:

— Pressione que o sangue para.

— Desculpe. Eu não o vi. O sinal ainda estava amarelo...

— Não se preocupe. Fui apressado. Assumo a responsabilidade.

— Estou certa de que passei o sinal.

— Meu nome é Miguel Besson. Sugiro que aceite minha ajuda e me deixe resolver isso. Talvez possamos tomar um café. Que acha? — enquanto falava, esticou a mão para cumprimentá-la. Ela abandonou sua mão contra a pele macia dele e cedeu, cansada, de forma quase automática:

— Está bem. Sabe onde é o Casarão do Café? Melhor, me siga — sugeriu.

Durante o percurso, Elizabeth ligou para Alessia avisando-a que houvera um pequeno acidente, mas estava bem. Ia apenas acertar as questões do seguro com o motorista do outro carro. Antes que Alessia pudesse manifestar sua preocupação maternal, se despediu e desligou.

No café, Elizabeth pediu um chocolate quente e Miguel um expresso e uma água gelada.

— Um hábito muito europeu — notou Elizabeth.

— Vivi lá muito tempo — respondeu com um leve sotaque francês, quase imperceptível.

Foi então que Elizabeth percebeu o quanto era charmoso. Vestia-se de forma esportiva e despretensiosa: jeans e camisa impecável, cor de rosa, com as mangas dobradas até ao cotovelo. Devia ter quarenta anos, talvez menos. Seu cabelo castanho-claro era liso, e tinha olhos quase dourados, cor de mel. Quando sorria, os olhos também sorriam, revelando uma ligação invisível

entre a boca e o olhar. Ao observá-lo tomou consciência da sua imagem: despenteada e ensanguentada, com os olhos avermelhados pelo choro. Pediu-lhe um minuto e foi ao toalete. Lavou o rosto com água gelada e limpou o sangue ressecado em volta do pequeno corte. Olhou-se ao espelho: emagrecera nos últimos dias e o rosto oval, emoldurado pelo cabelo loiro, parecia minúsculo. Penteou-se e passou um batom suave. Arrumou a gola da elegante blusa branca de corte masculino, que combinava com as calças cinzentas de caimento irrepreensível.

Miguel observou-a caminhar de volta para a mesa: alta, esguia, com gestos suaves, e uma elegância inata que se refletia na postura perfeita. Reconheceu nela os olhos fascinantes de Arturo: às vezes azuis, outras verdes. Levantou-se e, galantemente, puxou a cadeira para ela se sentar.

— Obrigada.

— Sente-se melhor?

— Sim.

— Tenho que fazer uma confissão — disse sem rodeios. — Sei quem você é, e sei quem é seu pai, Arturo Blanchefort. Lamento o que aconteceu. Cumprimentei-a no funeral, mas imagino que não se lembre. Havia muita gente e nessas circunstâncias é quase impossível reter rostos estranhos.

Ela sentiu as lágrimas aflorarem. Miguel percebeu, mas ignorou o fato de modo elegante, respeitando as emoções dela. Continuou falando calmamente:

— Sei que é um momento difícil. Eu conhecia seu pai. Não éramos amigos. Tínhamos um vínculo mais — como diria? — social. Mas sei que ele era um homem nobre e generoso.

Elizabeth sorriu involuntariamente, e Miguel perguntou:

— Eu disse algo engraçado?

— Disse que meu pai era nobre e generoso. Esse é um dos significados do nome dele, em celta.

— Que coincidência!

— Eu e meu pai pesquisávamos os significados e as origens dos nomes. Era uma brincadeira nossa. Ele dizia que às vezes os nomes refletem a essência verdadeira das pessoas. Foi assim que escolheram o meu.

— Significa “a consagrada a Deus” — afirmou, surpreendendo-a. — Talvez os seus pais a estivessem preparando para algum destino místico — insinuou com um sorriso convidativo, que parecia abrir caminho para confidências pessoais.

— Não. — Elizabeth acreditava que seu nome tinha sido escolhido muito

mais como um agradecimento a Deus do que propriamente como a preparação para qualquer destino. — Nem sei por que estou lhe contando isso.

Sentiu-se exposta ao perceber que estava revelando detalhes da sua vida a um desconhecido. Mas tudo nele inspirava confiança: era atraente, sereno, e tinha gestos leves, próprios de alguém seguro, que não tem nada a esconder. Os olhos dele também contribuía para aquela sensação. Eram da mesma cor que os da sua mãe: dourados como os de um leão. Mesmo assim, sentiu um aviso: *Tenho que sair daqui!*

— Talvez por ter dito que conhecia seu pai. Isso fez com que se sentisse à vontade, não?

— Pode ser. Mas vamos resolver o assunto do carro, Miguel.

— Gostaria que aceitasse minha oferta. Sei que está passando por um momento complicado. É o mínimo que posso fazer, depois de todo esse transtorno.

Ela olhou-o com atenção, se esforçando por compreender sua verdadeira intenção. Tentou intuir as razões para aquela inesperada generosidade, como o pai havia ensinado. Mas ele parecia não ter mistérios ou segredos e ela não conseguiu perceber qualquer intenção oculta. A proposta dele soava como um gesto simples de atenção. Ele sorriu acolhedoramente, com os olhos brilhantes.

— Está bem. Aceito sua oferta e agradeço.

— Que bom. Agora vou saber os seus números: telefone, identidade... — comentou, sedutor.

Trocaram informações e Elizabeth perguntou:

— É possível resolvermos tudo até sexta-feira?

— Claro. Existe alguma razão particular?

— Vou viajar por duas semanas.

— Compreendo. Algum lugar especial?

— Puebla de Sanabria — respondeu espontaneamente, sem pensar.

— Espanha. Um lugar muito bonito. — A forma despojada e familiar com que ele comentou fez Elizabeth se retrair. Mal o conhecia e se sentia capaz de contar a vida toda. Miguel emanava uma inexplicável sensação de intimidade. Percebeu que ele conhecia ou estava informado sobre o lugar, mas não quis aprofundar a conversa. Sentiu os instintos tinirem e notou, pela segunda vez, um alerta: *Não posso continuar aqui.* Levantou-se repentinamente para interromper a conexão que estava se criando entre eles e aumentava a cada

minuto.

— Miguel, foi um prazer, mas preciso ir.

— Claro — respondeu educado. — Eu telefono se precisar de mais alguma coisa.

Quando se despediram, ele beijou-a como se fossem amigos de longa data. Encostou-se a ela com naturalidade, em um abraço leve, e ela sentiu a respiração morna e sensual sobre a pele do rosto, lhe provocando um arrepio de prazer. Ao se afastar Elizabeth sentiu que o perfume dele se entranhara na sua roupa, como uma marca que fica depois do amor.

Quando chegou em casa, Alessia viu o pequeno corte na testa e sugeriu:

— Elizabeth, vamos desinfetar isso.

— Não é preciso, Alessia. Estou bem.

— Eu insisto. Você sabe que o meio da testa está ligado à clarividência, não é? — Alessia, embora fosse bastante pragmática, também cultivava um misticismo feroz, que partilhava com Arturo: ambos acreditavam que tudo possuía uma razão oculta.

— Sei — respondeu Elizabeth, séria, pois esse era um tópico nas conversas dos três, desde sua infância.

— Então devia se perguntar por que, justamente hoje, se feriu aí, no lugar da terceira visão. Não acha estranho? — perguntou, sabiamente, limpando o ferimento com cuidado.

— Nem tudo é simbólico, Alessia.

— Não acredita realmente nisso! — refutou com um sorriso suave, sabendo que Elizabeth por vezes gostava de provocá-la. — Tudo tem uma explicação simbólica, e mesmo aquilo que nos escapa no cotidiano pode ser sempre compreendido mediante uma leitura simbólica.

— Eu sei. Mas hoje acho que não é isso. Ter ferido minha testa não está ligado a nada.

— Pode ser um aviso de que algo vai afetar sua intuição — insistiu com ar premonitório que não escapou à percepção de Elizabeth. Mas ela não se deixou convencer.

— Acho que não. Foi apenas um acidente.

— E com quem é que bateu o carro?

— Miguel. Ele disse que era amigo do papai e até me cumprimentou no funeral.

Alessia sentiu a intuição tilintar como a cauda de uma cascavel no meio do deserto. Perguntou, cautelosa, e aparentemente tranquila:

— Te falou o sobrenome?

— Miguel Besson. — Elizabeth hesitou por um segundo. Foi o suficiente para Alessia perceber, e, controlando a raiva que a assaltou ao ouvir o nome do responsável pelo acidente, perguntou com voz calma:

— O que foi?

— O nome dele é familiar. Tenho a sensação que já ouvi em algum lugar, mas não consigo saber onde foi — confessou concentrada, esforçando-se por recordar.

O comentário deixou Alessia mais tensa do que já estava. Não fazia ideia de onde Elizabeth poderia ter escutado aquele nome.

— Tenho certeza que irá lembrar. Os últimos dias foram muito intensos — justificou Alessia. — Terminei. Agora, vá tomar um banho porque está com um perfume esquisito.

Elizabeth obedeceu. No banho, sorriu sozinha ao lembrar-se de Miguel, sem saber quem ele era realmente e o que sua presença significava.

Esforçando-se para manter a tranquilidade, Alessia chamou Leon ao escritório e trancou a porta depois que ele entrou. Estava exaltada desde que Elizabeth pronunciara o nome de Besson.

— Leon, o que aconteceu? Conte-me exatamente!

O segurança que vivia com Alessia, Arturo e Elizabeth desde a morte de Angelina, contou o ocorrido com pormenores. Fora treinado pessoalmente por Arturo e, com os anos, desenvolvera uma habilidade incomum para reter detalhes que passavam despercebidos até aos olhares mais treinados. Vira Elizabeth nascer e foi o único responsável pela sua segurança até ela completar dezoito anos, quando se mudaram da Espanha para São Paulo. Na vinda para o Brasil, Arturo achou que seria mais seguro que ela passasse a ter dois seguranças, e contratou Náder, um muçulmano fervoroso que se transformara no grande companheiro de Leon, um marfinense católico.

Alessia ouviu o relato atentamente e, quando Leon terminou, percebeu que ele estava incomodado, pela forma tensa como colocava as mãos atrás das costas.

— Há mais alguma coisa, Leon?

— Não sei explicar, mas eu já vi aquele homem antes. — Alessia achou

que aquela sensação começava a ser recorrente, tornando-se preocupante: primeiro, Elizabeth *parecia* ter escutado o nome de Besson antes, e agora Leon *parecia* tê-lo visto.

— Já viu como?

— O perfume dele... Eu conheço aquele cheiro.

Alessia se alarmou ainda mais, pois também havia ficado incomodada com o perfume que sentira impregnado em Elizabeth quando cuidara do ferimento na testa. Retrucou:

— Um perfume não é algo exclusivo, Leon.

— Eu sei, mas cada pessoa tem um cheiro único. Na África, o cheiro é muito importante. Pode salvar sua vida... — disse Leon lembrando as suas origens.

— Onde já sentiu esse cheiro? — interrompeu Alessia, cada vez mais perturbada com a situação.

— Na Costa do Marfim. — E antes que Alessia insistisse, afirmou: — Tenho certeza.

Alessia empalideceu, e sentiu as pernas cederem. Olhou Leon fixamente, e perguntou:

— Na Costa do Marfim, quando? Quando, Leon?

— No final, durante a confusão... Aqueles dias foram o *fim do mundo*! Não gosto de pensar naquele tempo. *C'était une chose très mauvaise!* — disse, em francês, lembrando que havia sido algo terrível.

— Eu sei, Leon, mas faça um esforço. Você viu esse homem?

— Não tenho certeza se o vi. Talvez ele estivesse diferente. Foi há tantos anos. As pessoas mudam em vinte e cinco anos, *non*?

— Esse é o propósito da vida, Leon: as pessoas mudarem. Mas algumas pessoas não mudam para melhor — retorquiu mordendo o lábio inferior, um gesto que denunciava seu nervosismo. Depois de alguns segundos de silêncio perguntou:

— E onde foi que o viu? O local exato.

— No funeral da senhora Angelina. Havia muita gente. De tantos lugares. Exatamente como no funeral de d. Arturo.

— Só pode tê-lo visto no funeral de Angelina? E em mais lugar nenhum, é isso?

— Sim. E hoje, claro.

— E o perfume é o mesmo? Tem certeza absoluta?

— Ele pode estar diferente, mas o perfume é aquele: o mesmo cheiro forte.

— Penetrante? — perguntou Alessia, concluindo que Elizabeth acabara de chegar a casa impregnada *dele*, e aquele tinha sido o primeiro sinal da presença de Besson, depois de muitos anos. Um sinal que ela tentou ignorar, até Elizabeth pronunciar o nome.

— Sim. É isso. Lembro-me de sentir aquele perfume durante o funeral da senhora Angelina, e hoje foi a mesma coisa. E agora que penso nisso, tenho certeza que também senti no funeral de d. Arturo — confirmou Leon, com a segurança da memória recuperada.

— No funeral de Arturo? — questionou Alessia alerta, lembrando que Elizabeth tinha dito que Besson a cumprimentara no funeral. Mas aquilo parecia impossível. Como ninguém percebera a presença dele?

— Sim.

— Lembra onde foi?

Leon franziu a testa ligeiramente se esforçando por localizar e cheiro no meio das muitas pessoas que tinham estado na cerimônia. Fechou os olhos, como o pai lhe ensinara a fazer na África, para sentir a natureza falar com ele, e deixar que se revelasse.

— Foi na entrada da igreja.

— Dentro da igreja? — quis saber Alessia, intrigada.

— Não. Dentro não. Só na entrada. E por pouco tempo. Depois desapareceu — comentou Leon, com o cenho franzido, pelo esforço de concentrar-se nas lembranças.

— Então ele não entrou na igreja? — insistiu Alessia.

— Acredito que não.

Alessia estava com os dentes cerrados e os olhos frios, mostrando uma faceta muito menos amorosa do que a habitual, tentando acreditar que aquilo não estava acontecendo. Deu um passo à frente, segurou o braço de Leon com uma força inesperada para seu corpo delicado, e disse com a ferocidade de uma leoa pronta para defender sua cria:

— Se esse homem se aproximar dela, quero saber imediatamente. Entendido, Leon?

Pelas perguntas de Alessia sobre Miguel, Leon acreditou que ele devia representar algum perigo. Isso explicaria o nervosismo de Alessia. Ele nunca a vira tão tensa.

— Sim. Ela corre algum perigo, como a senhora Angelina? — perguntou apreensivo.

Alessia fez sinal de silêncio levando o dedo à boca, e cortando

bruscamente a pergunta:

— Schiu, Leon. Há coisas que não se dizem. As palavras podem tomar forma. Vamos voltar ao trabalho. Coloque Náder a par desta conversa e fiquem mais atentos do que o habitual.

Elizabeth lembrava-se de ter visto uma carta na escrivaninha do pai e foi verificar quem era o destinatário. Não queria que as últimas palavras dele ficassem esquecidas sobre a mesa.

Arturo adorava escrever cartas. Dizia que era tudo muito rápido e imediatista na época atual: e-mails, internet, mensagens de texto, celulares... Não havia tempo para saborear o que se escrevia, nem havia o prazer de esperar uma resposta, abrir uma carta. Defendia que os e-mails eram úteis, mas não para falar de coisas realmente importantes. Escrever com sua própria letra era, para ele, um exercício intelectual e afetivo: procurar as palavras certas, desenhar letras perfeitas e assinar, era como enviar um pedaço de si.

Elizabeth sentou-se na cadeira dele, pegou na carta inacabada e tremeu ao perceber que estava dirigida a ela: o pai falava com ela novamente, como se as palavras tivessem o poder de anular sua morte. Começou a chorar assim que leu a primeira linha.

São Paulo, 1º de outubro de 2009

Minha amada Elizabeth,

Esta é a última de sete cartas que lhe escrevi, mas é a primeira que você lerá. Neste momento, tudo deve ter terminado para mim, aqui na Terra. É estranho escrever sabendo que já não estarei aqui quando ler estas palavras, mas quero que saiba que estou tranquilo. Este foi um destino que selei há anos. Foi uma escolha que me permitiu vê-la nascer, crescer e se tornar a pessoa que é. Cumpri minha missão!

Despedidas são sempre dolorosas, mas preciso que saiba que estarei atento a tudo o que acontecer. Lembre-se que pedaços de mim e da sua mãe se perpetuam em você.

Não estarei fisicamente aqui no dia do seu aniversário, mas velarei por você, em espírito. Será uma data mágica: vai completar 29 anos, no dia 29 de outubro de 2009. Escrevi uma carta para que leia nesse dia. Está no cofre da Casa do Lago.

Elizabeth,

Parou várias vezes ao longo do texto, e amontoou os lenços de papel, usados para secar as lágrimas teimosas, sobre a escrivaninha. A carta terminava de forma abrupta, suspensa no nome dela. Uma carta interrompida pela morte. Elizabeth voltou para seu quarto, onde a leu e releu esperando encontrar algum alívio, mas cada vez que percorria suas linhas, a dor parecia se adensar por causa daquele final inacabado.

2. A Casa do Lago

Tudo é enigma e a resposta a um enigma é outro enigma.

Ralph Waldo Emerson (1803-1882)

Alessia tentou combater a raiva e o pavor provocados pela proximidade de Miguel Besson. Esperou uma hora, até se acalmar o suficiente, para abordar o assunto com serenidade. Ligou para Daniel e contou que Elizabeth tinha sofrido um acidente, sem consequências. Daniel soube imediatamente que, embora Alessia defendesse Elizabeth com unhas e dentes, seu pragmatismo não lhe permitiria telefonar só para falar sobre um simples acidente. Deduziu que havia acontecido algo mais.

— Se Elizabeth está bem, qual é o problema?

— O acidente foi provocado por Miguel Besson — disse de uma vez, e por mais que tivesse tentado, não conseguiu evitar a crispação na voz.

— Besson? Tem certeza? — perguntou Daniel espantado com a inesperada aparição dele. Aquela atitude não se coadunava com seu comportamento habitual: Besson vivia na sombra e raramente se expunha, deixando visíveis apenas os efeitos da sua presença.

— Tenho certeza. Leon confirmou. E, além disso, ele lembrou-se da presença de Besson tanto no funeral de Angelina quanto no de Arturo. Pelo cheiro.

Daniel ficou em silêncio por um instante.

— Embora não o tenhamos visto, já parecia claro que ele estivera no funeral de Angelina. Agora tivemos a confirmação. Mas na cerimônia de

Arturo? Como é que ninguém percebeu? — questionou como se fizesse a pergunta mais para si do que para Alessia. Mesmo assim, ela respondeu:

— Foi o que também me perguntei. Ninguém o viu e ninguém percebeu a presença dele, do lado de fora da igreja, segundo Leon.

— É possível. Estávamos todos abalados pela morte de Arturo. Ficamos praticamente o tempo todo no interior da igreja. Seria fácil, no meio de tanta gente, ele passar despercebido. Concorde? — questionou com sua lógica racional, quando na verdade, pretendia apenas a anuência do interlocutor, sempre que usava a expressão “concorde”.

— Daniel, não é só isso. Ele feriu Elizabeth — rematou Alessia. Ela havia deixado para o final aquilo que mais a incomodara.

— Feriu, como?

— Elizabeth saiu do acidente com um corte na testa.

— No Véu de Ísis? — perguntou, se referindo ao espaço central da testa, situado entre as sobrancelhas, uma área considerada impenetrável até para o maior dos clarividentes. Um ferimento ali, porém, seria suficiente para afetar o equilíbrio e as percepções de qualquer um.

— Sim. Tenho certeza que Besson provocou a batida de modo que Elizabeth se ferisse exatamente nesse lugar.

— Não podemos saber isso — respondeu Daniel, cauteloso, sabendo que ela se alterava com tudo o que dizia respeito a Besson, embora não compreendesse as razões para Alessia, tão serena e comedida, se abalar tanto, sempre que Besson era mencionado. Realmente, Besson parecia representar um lado obscuro que eles não se atreviam sequer a imaginar, embora Daniel ainda achasse que faltavam provas concretas para muitas das barbaridades que lhe eram atribuídas. Mas também era certo que Besson tinha feito coisas indefensáveis.

— Você, que aprecia tanto a lógica, sabe que a possibilidade de Elizabeth ter se ferido acidentalmente no Véu de Ísis em um encontro com Besson é ínfima — defendeu, segura.

— Talvez. Porém, isso é muito difícil de explicar, não acha? Mas agora se torna ainda mais urgente que Elizabeth conheça a verdade — afirmou, lembrando-a sutilmente que ela tinha sugerido que dessem tempo para Elizabeth se recompor da morte de Arturo, um tempo que acabara de se esgotar com o aparecimento de Besson.

— Sim, você tem razão — concordou, rendida ao argumento de Daniel. Ela já devia estar habituada à racionalidade dele e, principalmente, à sua

capacidade de antecipar eventos, como um exímio jogador de xadrez que antecipa os movimentos do adversário, muitas jogadas antes.

— Vou me encontrar com Elizabeth na Casa do Lago, para contar a verdade — comunicou Daniel.

Naquele momento, foi Alessia quem ficou alguns instantes em silêncio, reunindo forças para perguntar:

— E o que faremos em relação a Besson?

— Por enquanto, nada. Ele fez o primeiro movimento. Fará outros. Vamos esperar.

— Há mais uma coisa — disse Alessia, com a voz crispada.

— O quê?

— Ela disse que o nome de Besson é familiar, que já o ouviu antes.

Daniel calou-se por um momento, pensando em várias possibilidades que explicassem como Elizabeth poderia ter escutado o nome. Por fim, explicitou o que lhe parecia mais lógico, naquelas circunstâncias:

— Talvez Arturo tenha mencionado o nome dele.

— É uma hipótese. Mas acho pouco provável — retorquiu Alessia.

— Em breve saberemos — afirmou Daniel, calmamente.

— Sabe o que ele quer? — Alessia perguntou, apesar de temer a resposta.

— Ele quer Elizabeth — respondeu Daniel, consciente da angústia que tinha acabado de provocar em Alessia. Uma angústia que ia muito além da segurança de Elizabeth.

— Temos que protegê-la — falou com voz baixa.

— É o que estamos fazendo, Alessia.

No período que antecedeu sua viagem, Elizabeth revirou os papéis do pai, na esperança de descobrir informações sobre a morte da mãe e a misteriosa história dos avós maternos, que não conhecera. Mas encontrou apenas documentos sobre advogados, seguros e escrituras de casas e apartamentos.

Também arrumou uma mala com roupas confortáveis, blusas quentes, jeans, tênis, e um par de botas, de cano alto. Em pleno outono, o frio já se fazia sentir em Puebla de Sanabria, uma vila de mil e seiscentos habitantes, situada na província de Zamora, no norte do país. Elizabeth vivera ali, na Casa do Lago, como era conhecida nas redondezas, entre os quatro e os dezoito anos, quando se mudara para São Paulo, por decisão de Arturo. Aquela casa, herdada dos antepassados paternos, era o único lugar que

reconhecia como sendo seu lar.

Na véspera da sua viagem para a Espanha, depois de muita insistência por parte dos amigos, decidiu jantar com eles. Havia-os encontrado no funeral de Arturo, e sabia que eles estavam preocupados com seu bem-estar.

Conhecera-os quando estudara sociologia e, desde então, eles participavam da sua vida e se encontravam com frequência. Era um grupo heterogêneo, com formações e profissões diferentes: Pietro era o único que tinha sido seu colega de faculdade. Ana era jornalista; Áurea estudara medicina; André especializara-se em pediatria; Jorge era professor de história e Paula, bióloga.

Jorge era alvo das atenções nessa noite. Envolvera-se com Beatriz, uma jovem que conhecera durante um congresso no Rio de Janeiro. Tudo se complicou quando Jorge voltou para São Paulo e ambos revelaram percepções divergentes sobre o envolvimento: para ele tinha sido um rápido e intenso caso; para ela, o início de um romance na ponte Rio-São Paulo. E Beatriz já queria passar o fim de semana seguinte com Jorge. Ana alfinetou, ferina:

— Depois vai deixar uma camiseta no seu apartamento. Na semana seguinte esquece uma calça jeans... Sabe como é... Quando perceber está casado.

Jorge ficou ainda mais incomodado, sem saber como explicar a Beatriz que não desejava um relacionamento com ela. E aquilo foi o estopim para mais uma discussão entre Jorge e Ana, até que Áurea interveio sensatamente:

— Jorge, não teria sido melhor você dizer a verdade, desde o início?

— Ela não teria ficado comigo — defendeu-se ele. — E a Beatriz é muito bonita. — justificou, contribuindo para aumentar a irritação de Ana.

— Então não se queixe: essas são as consequências dos seus atos. Quer saber? Faça terapia! — desabafou Ana frustrada com a discussão. Jorge era seu melhor amigo, mas era também o Don Juan do grupo e, embora não assumisse, tinha verdadeiro pavor de compromissos.

Ao chegar em casa, pouco antes da meia noite, Elizabeth percebeu que tinha sido relaxante jantar fora e falar sobre banalidades. Aquele encontro com os amigos lhe devolveu, por algumas horas, a sensação de normalidade que tanto buscava desde que perdera o pai.

Sábado bem cedo, uma semana depois da morte de Arturo, Elizabeth embarcou para a Espanha, acompanhada de Leon e Náder. Doze horas depois

atterrissaram no aeroporto de Barajas, em Madri. Leon foi buscar o carro alugado, acomodaram a bagagem, e seguiram para Puebla de Sanabria, noite adentro, em uma viagem que duraria mais de três horas.

A Casa do Lago ficava a dez quilômetros do povoado, incrustada nos montes, rodeada de árvores, de frente para o lago de Sanabria, o maior lago espanhol de origem glacial, transformado em região protegida. Era uma casa de pedra com dois andares, que reinava solitária no centro da paisagem quase intocada. As varandas da sala, no térreo, e as do escritório, no andar superior, tinham vista direta para a quietude plácida do lago azul, rodeado pelo relevo acidentado e verdejante. As janelas dos quartos, na parte posterior da casa, se abriam para os montes irregulares, oferecendo um contraste com a planura do lago.

A construção inicial datava do final do século XIII e, ao longo do tempo, sofrera várias reformas, embora mantivesse o traçado original. Algumas dependências — banheiros, cozinha e sótão — foram totalmente modernizadas por Arturo em 1984, quando ele e Elizabeth se mudaram para lá, vindos da Costa do Marfim, seis meses depois da morte de Angelina.

Foi ali que Elizabeth conheceu Alessia. Tinha quatro anos quando a viu pela primeira vez: tranquila e elegante, sem uma idade definida, e com o rosto emoldurado pelo cabelo claro e curto, que sempre mantivera, com pequenas variações no corte. Alessia se ajoelhou para olhá-la de perto, ergueu a mão suave, acariciou o rosto infantil e disse com um carinho que marcaria para sempre a relação que se estabeleceu entre elas:

— Vai ficar tudo bem. *Je te promis!* — prometeu, em francês.

Enquanto viveu na Casa do Lago, Elizabeth estudou em Puebla de Sanabria, embora a maior parte do seu aprendizado ocorresse em casa, sob a vigilante orientação de Arturo e Alessia. Nas férias de verão o pai viajava com ela para países e lugares distantes. Arturo defendia que a melhor maneira de conhecer outras culturas e expandir o espírito era por meio dos livros e das viagens. Por isso, investiu na educação da filha incentivando-a, desde muito cedo, a ler os clássicos e a aprender línguas. Falava com ela em inglês e francês — indistintamente, embora o francês fosse sua língua materna. Além disso, lhe incutiu valores morais bastante arcaicos, que não combinavam com a juventude da época moderna. Elizabeth cresceu acreditando que deveria se preservar e esperar pelo seu grande amor, e cultivar a elevação espiritual.

Durante os catorze anos que moraram em Sanabria, todos os domingos assistiam à missa das sete da manhã, celebrada pelo padre Bento, na secular

Iglesia de Nuestra Señora del Azogue, construída entre os séculos XII e XIII. Bento costumava almoçar com eles, passar alguns serões e pernoitar, especialmente no inverno, quando o frio não convidava à travessia da noite. Havia um cômodo sempre pronto para ele, e o tempo e o hábito transformaram no “quarto do padre Bento”.

A relação entre Bento e Alessia, por mais discreta que fosse, causava estranheza, mas além dos murmúrios eventuais no povoado, ninguém sabia realmente o que pensar. Elizabeth habituou-se a vê-los juntos, e acreditava que eram amigos, até o dia em que se mudaram para o Brasil, e Bento acompanhou Alessia. Nunca perguntara diretamente ao pai qual a natureza do afeto que os unia, mas perante a naturalidade com que Arturo tratara do assunto, Elizabeth acabou por esquecer as dúvidas, e aceitou a relação dos dois sem maiores questionamentos.

Depois de ter se rendido ao cansaço e dormido algumas horas, Elizabeth acordou cedo e foi à missa das sete, como fizera durante anos. No caminho, percebeu que pequenas gotas de gelo brilhavam sobre as ervas que ladeavam a estrada de terra: eram os resquícios de geada noturna, e os sinais do inverno que assaltaria a aldeia, em breve. Enquanto o carro avançava em direção à igreja, com Leon na direção e Náder ao lado, ela se lembrava das vezes que fizera aquele percurso com o pai. A imagem era tão vívida que parecia ainda senti-lo ao seu lado, insistindo para que ela estudasse seriamente outras religiões, apesar da sua formação católica. Arturo dizia que as religiões não eram excludentes e, quanto mais se aprofundasse, mais perceberia as ligações entre elas. Para ele, era essa capacidade de criar ligações e ver além da superfície, que representava o caminho para a verdadeira sabedoria.

Ao chegar à igreja, as pessoas que conhecia desde a infância abraçaram-na comovidas com a morte do seu pai. Todos sabiam o que tinha acontecido: Alessia havia contado a triste notícia a Maria e Juan, os caseiros que cuidavam da Casa do Lago. E, em um lugar pequeno como aquele, as notícias se espalhavam com a velocidade do vento.

Arturo fora muito respeitado e querido na comunidade. E eles se mostraram disponíveis para ajudar Elizabeth no que precisasse, porque o pai estivera sempre presente para apoiá-los. Soledad, uma galega magra e sem papas na língua, falou, comovida:

— D. Arturo nos ajudou em épocas muito difíceis. O bem que seu pai fez

abriu os caminhos para você.

Elizabeth ficou emocionada com as palavras de Soledad. Arturo ficaria feliz se pudesse ouvi-las: ele acreditava que as pessoas eram responsáveis pelas suas vidas e os resultados das suas ações, boas ou más, um dia voltariam ou recairiam sobre seus filhos e, até mesmo, netos.

Quando chegou a casa, depois da missa, encontrou Maria ocupada com o forno a lenha, assando pão e legumes colhidos na pequena horta que ficava na parte lateral da casa. Juan era o responsável pelo cultivo dos legumes e, também, uma série infindável de ervas para temperos e chás, que Maria usava para curar qualquer coisa, inclusive males do espírito.

Elizabeth almoçou na varanda, de frente para o lago, perdendo os olhos naquele azul intenso, de efeito calmante. O dia estava claro e a temperatura amena, naquela transição típica das estações quando nada é excessivo, mas, também, não é totalmente definido. Viu Náder junto ao portão e soube que Leon dormia para fazer o turno da noite. Acostumara-se à fiel e silenciosa presença deles, e lembrou do pedido do pai para mantê-los sempre por perto.

Durante a tarde planejou o que faria nas duas semanas seguintes. Havia centenas de papéis, livros e caixas catalogados no escritório e no sótão, que gostaria de pesquisar.

Na segunda-feira foi para o sótão e percebeu que os documentos e os muitos objetos antigos estavam guardados em caixas, com um rigor próprio de quem sabe como protegê-los do tempo. Tudo estava catalogado, com a letra regular do pai, e havia uma lógica perfeita na organização: os papéis encontravam-se na estante do lado esquerdo da porta de entrada, arquivados por datas e temas, em caixas de igual tamanho. Os objetos estavam em caixas maiores, do lado direito do sótão, embrulhados em tecidos leves ou papel de seda e depois resguardados em sacos de algodão, com uma etiqueta que os descrevia sumariamente. Todas as caixas estavam arrumadas cronologicamente — das datas mais antigas para as mais recentes.

Elizabeth recordava-se de ver o pai manuseando aquelas caixas, pelo menos duas vezes por ano — no início do outono e da primavera, e fazendo anotações em um grande livro de capa azul. Calculou que aquele livro podia ajudá-la e foi ao escritório procurá-lo. Encontrou-o na prateleira catalogada com o título “Inventários”, próxima da escrivaninha. Ali havia vários dossiês

com documentos antigos, e se destacavam dois volumes com capa dura e desbotada: o primeiro era o de tecido azul, do qual se recordava. O segundo estava encadernado com tecido vermelho escuro. Ambos haviam sido adornados de couro em toda a volta. Apesar de bem conservados, era evidente que tinham sido muito manuseados. Elizabeth abriu o azul. O papel amarelado pelo tempo, sem linhas, devia ter, no mínimo, duzentos anos, calculou, enquanto virava as páginas com cuidado. Tratava-se de um inventário minucioso dos objetos e documentos guardados no sótão, com detalhes sobre a data e a forma como chegaram à sua família. Aquilo prometia uma longa leitura.

Tomada pela curiosidade, abriu também o volume vermelho, que não se lembrava de ter visto, e se surpreendeu ao perceber que se tratava das genealogias da família do pai, desde tempos remotos. Cada página continha a descrição de nascimentos, casamentos ou óbitos desde o início do século III. As duas páginas finais estavam em branco e o último registro tinha sido feito em 1219, com o nascimento de Julien Blanchefort, em Montségur, na França. Imaginou que devia existir outro livro que continuasse a genealogia a partir daquele ponto, mas pelo que pôde perceber, após uma busca, não estava no escritório. Achou anormal que a família terminasse abruptamente em 1219. Com certeza havia informações dos últimos setecentos anos em outro lugar e ela pretendia encontrá-las. A partir daquele instante passou a ter dois objetivos: descobrir pormenores sobre a mãe e encontrar o segundo livro de genealogias da família paterna.

Voltou ao sótão, agora munida de uma espécie de raios X do conteúdo das caixas. Dirigiu-se às prateleiras e começou sua investigação pelas caixas mais antigas. Nas duas primeiras, catalogadas com os títulos “Antes de Cristo I” e “Antes de Cristo II”, encontrou obras de arte gregas, sírias e egípcias, adquiridas entre os séculos XIII e XIV. Percebeu que ali, no sótão da sua própria casa, estavam guardadas peças de valor incalculável, que eram parte da sua herança. Isso explicava a segurança do sótão, protegido por uma porta de aço com fechaduras, códigos, alarmes e um sofisticado sistema de controle de temperatura.

Enclausurou-se durante os dias seguintes, dominada pela ansiedade de desvendar o passado, e com a secreta esperança de encontrar objetos que tivessem pertencido à sua mãe e revelassem os segredos da família. Ficou fascinada com a riqueza e variedade das peças e com a impecável capacidade de organização do pai. Sentiu que a descoberta do conteúdo daquelas caixas

era uma viagem no tempo, que lhe permitia também vislumbrar a mente meticulosa de Arturo. Faltava ainda avaliar a seção dos documentos, mas sabia que se tratava de uma tarefa hercúlea, para realizar posteriormente.

John MacGee caminhava pelos montes de Puebla de Sanabria, com o rosto parcialmente oculto sob a pala do boné verde-escuro. Vestia jeans, uma jaqueta impermeável, calçava botas de caminhada, e levava uma pequena mochila nas costas, cujo conteúdo revelava o quanto era precavido. Ali colocara uma garrafa de água, um lanche, uma lanterna, um isqueiro, e uma caixa de primeiros socorros, além de um par de luvas de couro completamente amaciadas pelo uso. De longe podia ser confundido com um habitante da aldeia, se não fossem os binóculos pendurados no pescoço, que o identificavam como um amante da natureza, um daqueles observadores de aves que se aquieta num lugar até conseguir ver o pássaro que procura. E tudo poderia ser exatamente assim, se não fosse a arma que levava no coldre, escondido sob o braço esquerdo.

Mostrava grande preparo físico, caminhando com tranquilidade pelo terreno irregular, sem sinais de cansaço. Fez o reconhecimento da região sem precipitações, avaliando os caminhos e os melhores pontos de observação. Percebeu que não havia nenhum local que permitisse ter uma visão geral da casa. Sua localização isolada tinha sido um dos principais motivos para executar o sequestro de Elizabeth Blanchefort ali, aliada ao fato de estarem na Europa, um território onde tinha domínio das rotas de fuga. No entanto, agora percebia que aquela vantagem inicial também representava um problema: a casa estava no meio de uma paisagem acidentada com pouca visibilidade e acessibilidade.

Finalmente, no meio da tarde, encontrou um local alto, de onde podia observar a frente da casa e a estrada. Através dos binóculos, além do exterior, via parte do interior pelas janelas e portas abertas, quase como se estivesse lá dentro. Decidiu que no dia seguinte iria para a direção oposta, em busca de outro local que permitisse ver a parte de trás.

Lembrou-se das instruções que recebera: a mulher que lhe dera a localização de Elizabeth tinha dito que seria um trabalho fácil, porque a jovem que devia sequestrar tinha apenas dois seguranças, aparentemente tranquilos. Mas MacGee era um homem cauteloso, conhecedor dos perigos da sua profissão, em que qualquer erro, por menor que fosse, podia custar sua

vida, ou pior, atirá-lo para a prisão. Com a longa lista de crimes que cometera em vários países da Europa, certamente passaria muitos anos preso. E ele decidira jamais definir na prisão como seu pai, que fora acusado de um crime que não cometera, e acabou brutalmente assassinado pelo parceiro de cela. Enveredou pelo mundo do crime, de modo natural.

MacGee explorou o resto da região, e montou um verdadeiro posto de observação: Elizabeth fazia a maioria das refeições na varanda e quase não saía de casa. Mas tinha uma beleza espantosa, que começou a mexer com os nervos dele. Seria uma pena assassiná-la depois de conseguirem o que buscavam, porém as ordens eram claras, e não havia exceções: deveriam eliminar todas as pontas soltas. Ele lamentou que assim fosse, e recordou de novo a forma como a mulher que o enviara ali tinha falado de Elizabeth: com certa raiva. MacGee se questionou se aquele sentimento não estaria associado à tremenda beleza da moça.

Começou a traçar os seus planos antecipando os problemas. Os seguranças pareciam realmente tranquilos, como dissera a mulher, mas ele sabia que aquilo não significava nada, até vê-los em uma situação de perigo onde as suas habilidades se revelariam. Havia também os cães que ele precisava neutralizar: três pastores-alemães certamente treinados para detectar qualquer estranho que se aproximasse.

Na data do seu aniversário de vinte e nove anos Elizabeth acordou cedo, mais uma vez. Não eram ainda sete da manhã quando passou na cozinha para pegar uma xícara de café antes de ir ao cofre do escritório, onde o pai havia dito que guardara as cartas que escrevera. Apesar da curiosidade, resistira até aquela data, para cumprir um dos últimos desejos do pai.

Arturo selara as cartas com lacre, um hábito arcaico que apreciava. Tinha usado o sinete com o brasão de família, representado por uma Fênix de asas abertas, com uma rosa presa nas garras, tendo abaixo a palavra latina *Fraternitas*. Ela havia se habituado a ver aquele símbolo em todos os documentos pessoais do pai, mas nunca deixava de se espantar com a beleza e a elegância do desenho.

Pegou na carta identificada com a data do seu aniversário, sentou na cadeira de couro, em frente da mesa, quebrou o lacre com um estalido seco, cruzou as pernas e acomodou os pés descalços sob o corpo. Com uma inspiração profunda, como se tomasse fôlego antes de um longo mergulho,

começou a ler.

São Paulo, 10 de abril de 2009

Mon enfant,

Escrevo para que leia esta carta no dia do seu 29º aniversário. É uma idade especial, com alguma dor, porém com muito crescimento. É uma idade com certo destempero, porém cheia de esperança. Quando sua mãe tinha 29 anos você nasceu. Foi um evento maravilhoso!

Querida, o grande acontecimento dos seus 29 anos não é minha morte — que certamente já aconteceu — mas sua metamorfose, sua transformação. Vai acontecer um rito de passagem e você estará preparada para compreender os grandes mistérios da sua vida e as razões para ter recebido uma formação tão diferente da formação dos jovens da sua idade.

Falamos muito sobre o sofrimento que as mudanças acarretam. Sei que é muito difícil mudar os hábitos — eles se confundem com a própria pele, e é difícil “trocar” de pele. Porém não tema as mudanças: com elas chega também o conhecimento. Não aceite, nem rejeite nada sem analisar primeiro. Como disse São Paulo, “Discerni tudo e ficai com o que é bom”.

Quando tiver dúvidas, procure as respostas nos seus sonhos, como lhe ensinei desde sua infância. Existe uma força poderosa dentro de você. Somos todos “centelhas divinas”, mas você é uma centelha especial. Tão especial quanto sua mãe foi.

Reitero com esta carta minha convicção de que não existem coincidências — o presente é resultado de escolhas sucessivas, de caminhos percorridos, e até de decisões tomadas por muitas pessoas, há muito tempo.

A minha morte física vai lhe causar dor, mas terá que aceitar para poder seguir em frente. Deverá cultivar a serenidade e perceber que é responsável pelo seu destino. Não fique prisioneira do passado, porque isso impedirá sua evolução.

Hoje quero pedir que faça um desejo e brinde com champanhe. Este é um rito de alegria, que cultivamos nos anos que vivemos juntos, e não deve ser quebrado.

Feliz aniversário, minha filha!

Um beijo afetuoso,

Arturo

Levou algum tempo para se recompor do choro que não conseguira conter à medida que lia a carta. Por fim, quando se acalmou, foi para o sótão, depois de passar na cozinha para comer uma fatia de pão morno com doce de tomate, preparada por Maria.

Ao anoitecer tomou um banho bem quente para descontrair os músculos doloridos pelas horas que passou sentada, examinando as caixas. Percebia claramente que os dias estavam cada vez mais curtos e as noites mais longas com a proximidade do inverno. Maria já tinha se retirado — dormia e acordava muito cedo — mas não se esquecera do aniversário dela. Acendera a lareira e enfeitara a sala com flores vermelhas, segundo ela, para atrair o amor: não se conformava que Elizabeth, tão bonita como era, não tivesse um namorado. Deixou um castiçal de prata com velas brancas sobre a mesa, para que iluminassem os caminhos até o aniversário seguinte. Preparou uma refeição especial, com pratos de que Elizabeth gostava: creme de abóbora com rodela de alho francês, *ratatouille* acompanhado de arroz branco e, de sobremesa, mousse de chocolate com *crème fraîche*. Elizabeth acendeu as velas e jantou com prazer. Tinha feito uma refeição leve ao almoço e não percebera que estava com tanta fome até começar a comer. No final do jantar, abriu a garrafa de Dom Pérignon. O gesto provocou um aperto no peito ao recordar que era sempre o pai que abria e servia o champanhe. Pela primeira vez teria que realizar aquele ritual sozinha: ergueu a taça, formulou um desejo e bebeu o primeiro gole. Nesse instante escutou o barulho de um carro se aproximando. Não imaginou quem poderia ser, mas não se sentiu alarmada porque sabia que Leon e Náder a protegeriam.

Abriu a porta de vidro que separava a sala e a varanda e sentiu uma rajada de ar frio bater no seu no rosto. Viu os faróis de um carro surgirem na curva da estrada estreita, rasgando a escuridão. Ouviu Leon gritar para Náder soltar os cães. Deixou-se ficar na varanda, com a taça gelada nas mãos, observando a cena.

O carro parou com suavidade. Um homem alto desceu e os cães avançaram na sua direção. O homem afagou um dos três pastores-alemães que pulavam à sua volta. Os animais acalmaram e pararam de latir. Náder estava protegido pela noite mirando a cabeça do desconhecido com uma pistola, enquanto Leon se aproximou, com a mão direita pronta para sacar a arma presa na cintura, e a esquerda empunhando uma lanterna, que apontou diretamente

para o rosto do intruso:

— Padre Daniel, que susto! Quase atiramos no senhor — brincou Leon, aliviado.

— Leon, como vai? — respondeu com familiaridade, cumprimentando-o.

Ela não conseguia ouvir o que diziam, mas reconheceu Daniel assim que Leon iluminou seu rosto. Lembrou que o pai havia dito que Daniel revelaria o passado, e soube que ele não estava ali, justamente no dia do seu aniversário, por acaso. No entanto, achou a visita estranha, por não parecer lógico que Daniel tivesse atravessado o Atlântico, em uma viagem tão longa, só para contar a história da sua família. Ergueu a voz, dizendo:

— Suba, padre.

Daniel cumprimentou-a com um aperto de mão firme. Elizabeth o convidou para sentar-se em uma das poltronas junto à lareira, mas ele se manteve de pé.

— Aceita uma taça de champanhe? — ofereceu, amável.

Ele observou as velas que ardiam irregulares sob o efeito da brisa suave que entrava pela porta aberta da varanda, antes de responder:

— Não, obrigado. Não bebo.

— Nem para brindar ao meu aniversário?

— Parabéns — disse educadamente. — Posso brindar com chá?

— Obrigada, padre — agradeceu, dirigindo-se à cozinha. — Vou buscar seu chá.

Maria deixava sempre uma garrafa térmica com água quente. Quando Elizabeth voltou, pouco depois, encontrou-o sentado na varanda, com o olhar fixo no lago, desafiando o frio outonal.

— Earl Grey... Espero que goste. Açúcar? — perguntou, colocando a bandeja com o chá e o açucareiro sobre a mesa.

— Obrigado, sem açúcar. Gosto do chá puro.

Ela sentou-se próximo dele e ficaram alguns minutos em silêncio observando a lua cheia, refletida nas águas imóveis do lago prateado. Eram duas fascinantes bolas quase perfeitas, uma sobre a outra, fundindo dois mundos na mesma imagem: o mundo da lua real, pendurada no céu, tocando no seu reflexo, sobre o espelho de água.

O silêncio ganhou densidade à medida que os minutos passavam. Por fim, Elizabeth não se conteve por mais tempo e perguntou:

— Por que está aqui, padre?

— Vim vê-la — informou, com naturalidade.

— Por quê? — decidira ser direta como ele.

— Precisamos conversar e este é um lugar tranquilo. Costumava vir aqui, visitar seu pai.

— Não me lembro — disse tensa pelo esforço de capturar uma lembrança longínqua. O desconforto e, simultaneamente, a familiaridade provocados pela voz dele podiam ser explicados por um acontecimento remoto, que ela não lembrava, mas devia estar latente na memória, à espera de ser acordado. Talvez tivesse sido alguma visita durante sua infância, imaginou, buscando uma resposta.

— Nem sempre você estava por aqui.

— Eram muito amigos? Meu pai nunca falou de você até aquele dia, no hospital...

— É natural...

— Não acho nada natural. Eu conhecia quase todos os amigos do meu pai — afirmou incisiva, tentando acreditar no que dizia.

Daniel sabia que aquilo não era verdade, mas não a contrariou. Estava ciente que, em breve, Elizabeth descobriria a vida oculta do pai. Apontou para o lago e mudou de assunto:

— Aparentemente é tão tranquilo. Sabia que ali estão sepultadas cento e dezesseis pessoas?

— Sim. Por aqui todos conhecem essa tragédia.

Daniel continuou falando, em tom de desabafo, seguindo o fluxo dos seus pensamentos:

— O inverno de 1959 foi rigoroso: choveu muito, a represa ficou com excesso de água e a temperatura baixou para dezoito graus negativos. Eram as condições perfeitas para um desastre. A barragem Vega de Tera abriu uma brecha de setenta metros de comprimento por trinta de altura. Em menos de meia hora milhões de litros de água inundaram o desfiladeiro do Rio Tera e a aldeia de Ribadelago. Morreram cento e quarenta e quatro pessoas, mas só foram resgatados vinte e oito corpos. Os outros desapareceram aí, no fundo desse lago, onde desembocou aquela água toda.

— Fala como se tivesse visto o que aconteceu. — Elizabeth estava impressionada com a forma intimista com que Daniel descreveu o acidente.

— Isso seria muito complicado de explicar. Foi há cinquenta anos — respondeu, rindo.

Era a primeira vez que via Daniel rir. O som da sua gargalhada parecia mágico, como se fosse de cristal. Ficou fascinada com a forma como o rosto dele se iluminara. Os olhos adquiriram uma tonalidade mais escura, diferente do azul metálico e frio que habitualmente dominava seu olhar. O riso parecia ter aberto uma cortina e revelado outro mundo dentro dele — um mundo feliz, um lugar de luz. Era contagiante. E, sem saber como, Elizabeth também soltou uma gargalhada.

— É padre, seria bem difícil de explicar — concordou.

Daniel olhou para ela, e viu-a despreocupada, esquecida da dor provocada pela morte do pai. Era impressionante a semelhança com Angelina. Ria da mesma forma que ela, inclinando a cabeça para trás, como se o riso criasse um impulso que a atirava para dentro da vida.

— Você ri como sua mãe — confessou quando o riso se foi e o silêncio começou novamente a instalar-se entre eles. Ela olhou-o surpresa.

— Conhecia minha mãe?

— Sim.

Elizabeth sentiu as perguntas formarem-se desordenadamente, mas não as conseguia formular. Tinha muitas dúvidas ao mesmo tempo, e não era capaz de organizá-las com rapidez suficiente. Por fim, perguntou, intrigada:

— Onde conheceu minha mãe?

— Em São Paulo — disse Daniel, lembrando-se da primeira vez que Angelina vira os amigos de Arturo, e da forma como sua beleza os impressionara.

Elizabeth ficou em silêncio, tentando contabilizar as idades de Daniel e de Angelina, mas a matemática parecia traiçoeira. Ele observava-a atentamente, como se adivinhasse as dúvidas que se insinuavam dentro dela.

— Conheceu-a quando era muito jovem, não? — questionou Elizabeth. Ele sorriu sutilmente, mas não respondeu. Em vez disso, comentou, com segurança:

— Você e sua mãe são muito parecidas, mas são, também, muito diferentes.

Daniel não concordara com a forma como Arturo a educara. Achava que Elizabeth devia ter conhecido a história da família desde a infância. Mas Arturo optara por investir na educação dela, e lhe dera toda a proteção possível do amor, mantendo ocultas as suas verdadeiras origens e os fatos importantes do seu passado. Agora, com a morte dele, Elizabeth teria que desvendar o passado para enfrentar o futuro — um futuro sobre o qual não

teria escolha. E Daniel seria seu tutor nesse caminho.

— Iguais e diferentes como? — perguntou interessada, abandonando a aritmética das idades.

— São fisicamente parecidas, mas têm personalidades distintas: você é mais alegre e direta — fez uma pausa breve, como se as estivesse comparando mentalmente. — Mais voluntariosa.

— Como sabe? — replicou Elizabeth com descrédito. — Mal me conhece.

— Seu pai falava muito sobre você — justificou, com um sorriso enigmático. — Vamos ter oportunidade de conversar sobre vocês duas. Hoje estou um pouco cansado. Vim no voo noturno de São Paulo, e dirigi de Madri até aqui.

Daniel olhou-a fixamente, em silêncio, como se lhe sondasse a alma. Apesar de afirmar que estava cansado, emanava uma vitalidade capaz de dissipar tudo à sua volta. Elizabeth sentiu-se fascinada pela intensidade dele. Manteve-se imóvel, respirando devagar, para não quebrar o encanto, até que ele interrompeu aquele momento mágico:

— Podemos conversar depois de amanhã?

— Sim — concordou, sem resistência, parecendo voltar de outra dimensão. Mas a conversa com Daniel a tinha deixado curiosa. — Não pode ser amanhã?

— Amanhã tenho um compromisso.

— Depois de amanhã será dia de Halloween, embora aqui, na Espanha, não exista tradição de celebrar essa data — constatou, arriscando um convite tímido, consciente de que ele começava a mexer com as suas emoções. — Podemos almoçar?

— Sim, mas só poderei estar aqui por volta das três. Não é muito tarde para o almoço?

— Não. De forma alguma — disfarçou, para não perder a oportunidade de almoçar com ele.

— Preciso confessar que sou vegetariano — disse sorrindo, com a elegância de quem não deseja causar nenhum constrangimento à anfitriã.

— Não será um problema — assegurou Elizabeth, lembrando que Alessia e seu pai também eram vegetarianos e ela naturalmente seguira os seus passos. Mas era incomum encontrar um padre católico vegetariano. Aquela opção alimentar parecia mais adequada para os monges budistas.

— Está hospedado em Puebla de Sanabria?

— Estou — respondeu com simplicidade, se despedindo em francês. — *Au*

revoir.

Elizabeth viu-o partir com passos seguros, avançando para a escuridão, com a batina negra se confundindo com a noite, enquanto pensava, com certa ironia, que diabo de compromisso teria um padre, no dia seguinte, naquele fim de mundo.

3. O coração de Angelina

Uma superfície agitada não reflete.

Marguerite Yourcenar (1903-1987)

Elizabeth acordou com a cabeça latejando levemente. Tinha bebido quase meia garrafa de champanhe, mais que o habitual, e o corpo se ressentiu do excesso. Levantou-se devagar, tomou um analgésico, empurrado por um café forte e releu a carta do pai pela enésima vez.

Em seguida subiu ao sótão para investigar as últimas caixas. Encontrou finalmente algumas coisas da mãe: o vestido de noiva e o véu translúcido; uma máscara feminina africana, esculpida pelos baulé, um dos povos da Costa do Marfim, responsável por uma das mais elegantes artes da África; uma cigarreira de prata com a data do casamento dos pais gravada na parte interior e a dedicatória *Toujours, Arturo*; a aliança e o anel de noiva com uma pérola perfeita no centro de um círculo formado por diamantes rosa e, por fim, um caderno de orações com várias letras femininas. Folheou-o devagar, percebendo que havia quatro letras diferentes. Nas páginas finais reconheceu a letra arredondada da sua mãe.

Aquela caixa era uma incongruência na organização perfeita do pai: os anéis deveriam estar no cofre do banco, juntamente com as joias de família, que Elizabeth não usava; o vestido devia estar no armário, em São Paulo, com as outras roupas de Angelina, que ele conservara; e o caderno de orações devia estar arquivado na área do sótão dedicada aos documentos de papel. Deduziu que o pai guardara todos aqueles objetos na mesma caixa por serem

da sua mãe, e, talvez, para que Elizabeth os encontrasse.

Com exceção do caderno, que chamou sua atenção, o resto não lhe suscitou sentimentos particularmente intensos. Apesar da enorme curiosidade em relação à mãe, durante aqueles anos todos, ela havia se tornado mais uma imagem idealizada do que uma pessoa real; se transformara em uma espécie de anjo da guarda, um ser alado a quem recorria quando estava angustiada.

Lembrava-se da mãe banhando-a no rio, na África. Angelina lavava os seus cabelos de menina, entoando ladainhas em línguas estranhas. Essa era a única lembrança que tinha dela. Esforçou-se, ao longo do tempo, para recuperar outros pedaços da sua vida com a mãe, mas depois de garimpar bastante só lhe ficara aquela memória, límpida como uma fotografia.

A última caixa tinha coisas suas: o primeiro vestido, em cambraia, bordado à mão; os primeiros sapatinhos, de crochê, minúsculos e perfeitos; a primeira boneca; o vestido de batizado com pentagramas prateados; a roupa branca da primeira comunhão com sóis dourados; a mantilha de renda para cobrir a cabeça na igreja em ocasiões especiais, e que pertencera à sua mãe e, antes dela, à sua avó; uma mecha de cabelos resgatada do chão, na única vez que os usou curtos, ao entrar na faculdade, depois de um acesso isolado de rebeldia do qual se arrependeu até o cabelo voltar ao comprimento habitual, no meio das costas.

Olhando para o sótão, percebia claramente duas fases distintas da vida de Arturo: na primeira, ele acumulara objetos da história humana e na segunda, organizara objetos da sua história pessoal. Elizabeth acreditava que aquela profusão de artefatos tinha uma importância sentimental para o pai, por exemplo, as três túnicas masculinas do século XIII. Duas eram negras, estavam rasgadas nas mangas, e segundo a nota que as acompanhava, tinham pertencido a Paul Besson e Jacques De Payens. A terceira era parecida com as túnicas dos Templários, a misteriosa ordem de cavaleiros desaparecida no século XIV. Era branca, com uma cruz vermelha no peito, e pertencera a Julien Blanchefort, cujo registro de nascimento, em 1219, fechava a genealogia da sua família, anotada no livro vermelho que encontrara dias antes. Era a segunda vez que tropeçava naquele nome em tão pouco tempo, por isso calculou que devia ser um familiar importante, e colocou um *post it* amarelo na caixa, com a anotação: *Julien Blanchefort — Pesquisar*.

Depois de uma breve hesitação, decidiu levar o caderno de orações consigo: à exceção das túnicas, aquele havia sido o objeto que mais aguçara sua curiosidade. Queria saber que orações a mãe escrevia e por que as

escrevia.

No final do dia estava exausta, mais emocional do que fisicamente, e deu por finalizada sua pesquisa no sótão. Desceu para o escritório e começou a ler o policial *Um gosto por morte*, de P. D. James. Apesar de considerar os romances policiais relaxantes, por envolverem certo desafio intelectual que absorvia qualquer preocupação, não conseguiu se concentrar. Estava ansiosa com a visita de Daniel para o almoço do dia seguinte. Incapaz de ler mais de duas linhas seguidas sem pensar nele, foi à cozinha informar Maria e discutir o cardápio. Ela aprimorara os seus dotes culinários sob os ensinamentos de Alessia e as experiências gastronômicas de Arturo. Encontrou-a tirando o soro da manteiga que tinha acabado de fazer.

— Maria, um amigo do papai vem almoçar comigo amanhã.

— Quem? — perguntou curiosa, sem se conter.

— Acho que não conhece... O padre Daniel — respondeu hesitante.

— Conheço — contrariou Maria, franzindo a testa, antes de explicar. — Ele vinha aqui de vez em quando, para falar com seu pai.

Aquela informação coincidia com o que Daniel dissera sobre o hábito de visitar seu pai ali, na Casa do Lago.

— Ele é vegetariano — disse Elizabeth.

— Eu sei — respondeu Maria, indiferente à informação, porém mantendo a testa franzida em sinal de desagrado.

— O que podemos preparar para o almoço? — quis saber Elizabeth, ignorando os sinais de insatisfação da empregada. Ela pensou por um momento, antes de responder:

— Para a entrada, cogumelos assados, com recheio de tomate, cebolinha, salsa e coentros frescos, regados com azeite.

— Ótimo — elogiou Elizabeth, aguardando as sugestões para o restante do cardápio.

— Para o prato principal, pensei em penne com abobrinhas, pimentão, endro e queijo brie.

— E para a sobremesa?

— Torta de frutas com creme inglês. E para terminar, café com os meus biscoitinhos de amêndoa. O que acha? — perguntou orgulhosa do cardápio e feliz por perceber que Elizabeth aprovara. Preparou um chá de erva-doce para ela e aconselhou-a, com voz baixa e protetora:

— Tenha cuidado com esse padre bonito... Era amigo do seu pai, mas nunca se sabe... Antes de tudo é um homem. Ele sempre me deu arrepios! — confessou, explicando a razão da sua expressão de desagrado.

Elizabeth sentiu-se enrubescer e disfarçou com voz autoritária, embora sem convicção:

— Que é isso Maria? Respeito! É um padre.

— E desde quando os padres são santos? Sabe o que aconteceu aqui? Olhe... — começou Maria, que tinha sempre uma história para cada ocasião. — Depois de o padre Bento ter ido para o Brasil, veio o padre Favre. Um moço simpático, sempre pronto para ajudar. Moreno, alto, e muito bonito. Sabe o que ele fez? Ficou aqui um ano e teve dois filhos: um com a filha do padeiro, a Rosa, que agora tem a mercearia, e outro com a filha do dono do hotel, a Ana, que foi para Barcelona com a criança, depois da vergonha que fez o pai passar. O padre quase foi expulso à pedrada. Se não fosse seu pai, tinham lhe dado uma surra! Padres bonitos são perigosos e esse é o mais bonito de todos. Até podia ser artista — constatou com um suspiro, como se a beleza de Daniel fosse mais forte que as suas resistências em relação a ele.

— Maria, as pessoas não são todas iguais.

— Está bem... Não falo mais nada. Mas se ele não é daqui, por que é que veio de tão longe para vê-la? Seu pai, que Deus tenha a alma dele em paz, disse que ele tinha ido para o Brasil — rematou, inconformada, fazendo o sinal da cruz, um velho hábito cristão, para pacificar os mortos depois de mencionar seus nomes.

— Deve ter vindo fazer alguma coisa, porque hoje tinha um compromisso — disfarçou sabendo que Maria dizia a verdade e Daniel estava ali por sua causa.

— Depois não diga que eu não avisei. Esse padre é muito bonito para ser padre. Deus não dá tanta beleza por acaso... — insistiu, em um tom premonitório.

— Maria, por favor... — pediu Elizabeth, saindo da cozinha para não ouvir o eco dos resmungos dela, cismada com a beleza de Daniel.

Daniel chegou pouco antes das três da tarde, trazendo um envelope de papel pardo na mão esquerda. Cumprimentou-a com um breve aceno de cabeça, e algum formalismo:

— Como está, Elizabeth?

— Bem, padre. Obrigada — respondeu sorrindo, sentindo-se inexplicavelmente feliz com a presença dele. — Vamos almoçar na varanda. O dia está lindo.

Ele seguiu-a, pousando discretamente o envelope sobre uma cadeira vazia ao seu lado. Saboreou o almoço com tranquilidade, elogiando os dotes culinários de Maria. A conversa foi agradável embora ele falasse pouco. Em contrapartida, Elizabeth falou bastante, para disfarçar o nervosismo que sentia junto dele. Comentou amenidades e falou das viagens com o pai.

Quando terminaram o café, Daniel agradeceu:

— Muito obrigado pelo almoço, Elizabeth.

— Não tem de quê, padre — respondeu com doçura. Ele olhou-a pensando que aqueles eram seus últimos instantes de inocência, antes de dizer:

— Tenho uma coisa para você. — Pegou o envelope, empurrou-o na direção dela, sobre a toalha de linho branca, e sem soltar a ponta, disse em um tom que não prenunciava nada de bom: — Aqui está a verdade sobre a morte da sua mãe.

Ela foi tomada pela surpresa e empalideceu. Estendeu a mão, insegura, como se de repente a coragem tivesse se esvaído e sua busca pela verdade já não fosse tão importante quanto lhe parecera até ali. Por alguns segundos achou que depois de tocar naquele envelope sua vida mudaria. Esse pensamento, que lembraria depois, não estava longe da realidade.

Abriu o envelope devagar, sob o olhar atento de Daniel. Não estava colado, levantou a aba e puxou o papel delicadamente. Era uma única folha branca, datilografada, na frente e no verso. Estava em francês. Tratava-se do laudo da autópsia da sua mãe. Começou a ler.

Angelina foi assassinada de forma cruel: sua garganta tinha sido cortada de um lado ao outro e o coração arrancado do peito aberto. Todas as evidências apontavam para uma morte rápida, mas o coração foi removido com Angelina ainda viva. O corte da garganta foi feito em seguida. Não havia marcas de hesitação. Pela precisão dos ferimentos, percebia-se que o assassino era experiente. Parecia claro que se tratava de um assassinato ritual e, portanto, a morte só podia ter sido premeditada.

Elizabeth compreendeu por que o pai guardara com tanto zelo os detalhes da morte da mãe. Eram de uma crueldade brutal. Sentiu náuseas e um medo quase palpável. Queria respirar, mas o ar era insuficiente. Levantou-se e deu três passos em direção à balaustrada, cambaleante. Daniel seguiu-a e amparou-a com firmeza, pelo braço. Ela sussurrou:

— Tudo escureceu.

— Respire devagar, pelo diafragma — aconselhou.

Ela acalmou um pouco, sentou-se e leu novamente a folha da autópsia, incrédula.

— Aqui está escrito que cortaram minha mãe viva para arrancar seu coração. É isso? — perguntou com a voz aguda, as mãos trêmulas e os olhos cheios de lágrimas.

— É isso — confirmou Daniel, econômico.

— Suponho que está aqui para me esclarecer. Foi meu pai que pediu que me contasse os detalhes horríveis da morte da minha mãe?

— Estou aqui para responder às suas perguntas. Será mais fácil assim — disse calmo, mantendo total controle da situação.

— O que aconteceu?

— O que aconteceu, você já sabe Elizabeth. Sei que isto não é fácil, mas concentre-se para sermos objetivos — aconselhou, sem emoção.

— Objetivos? Objetivos como, padre? Alguém abriu o peito da minha mãe e arrancou seu coração! — falou agudamente, gesticulando com as mãos.

Daniel levantou-se da mesa e disse com uma frieza delicada, que caiu sobre ela como um balde de gelo:

— Quanto mais caótica for esta conversa, piores serão os efeitos emocionais, principalmente para você. Sugiro que durma sobre este assunto e amanhã passo aqui para continuarmos. Às quatro, está bem?

Ela surpreendeu-se com a reação: não esperava que ele a abandonasse, praticamente no início da conversa, sem uma explicação para a morte da mãe. Estava tomada pelo horror.

— Desculpe, mas não sei o que pensar, o que fazer, o que dizer...

— Não faça nada. Uma mente perturbada é como a água agitada que não reflete a lua. Para que o reflexo seja perfeito, a água tem que estar tranquila. Você precisa acalmar para pensar com clareza. Vamos esperar e amanhã conversamos com calma — anunciou, caminhando para a porta, sem dar margem para que ela discutisse sua decisão.

— Padre...

— Até amanhã, Elizabeth. Veja se dorme. O sono é essencial para uma mente serena — acrescentou mantendo uma distância emocional, mesclada com frieza.

John MacGee não sabia de onde o padre tinha surgido, nem fazia ideia sobre quem seria, mas viu, do seu posto de observação camuflado nos montes, que ele tinha perturbado Elizabeth. Ficou curioso, mas só conseguiu perceber que a discussão entre eles tinha a ver com um documento que Elizabeth leu com muita atenção. Observou o padre: era um homem alto, com os olhos frios. Comparou-o mentalmente aos outros padres que conhecera quando era jovem e sua tia insistia em uma educação religiosa sob as estritas regras católicas. O saldo da comparação foi negativo para o padre: à primeira vista, ele não parecia ser caridoso, e os seus gestos seguros e estilizados, pelo que pudera observar durante o almoço com Elizabeth, lembravam muito mais um aristocrata do que um homem de Deus. Havia qualquer coisa incongruente no padre, mas o que mais incomodava MacGee era o olhar: por um momento o padre olhou diretamente para ele com os seus olhos de aço, como se soubesse que ele estava a vigiá-lo, oculto na paisagem. Aquele olhar lhe deu calafrios. Baixou os binóculos e sentou-se atrás de uma pedra, perturbado. MacGee não se intimidava facilmente: já vira e praticara muita maldade para se abalar daquela forma. Mas daquele padre parecia emanar uma força inexplicável e terrível, que ele não conseguia definir. Tirou a máquina fotográfica que levava na mochila, desde que começara a vigiar Elizabeth, para fotografá-lo e, posteriormente, tentar descobrir algo sobre ele. Mas o padre saiu do seu ângulo de visão e por mais que MacGee tentasse, não conseguiu mais ver seu rosto, parecendo quase sobrenatural a forma como ele se posicionava, com a face sempre oculta. Viu as costas do padre quando foi-se embora, aparentemente indiferente às emoções de Elizabeth.

MacGee ficou mais algum tempo a observá-la, vendo-a andar pela casa com passos nervosos e miúdos, lendo e relendo o papel que agitava na mão. A noite estava se aproximando quando ele começou a descer os montes e se dirigiu para o hotel, onde se hospedara sob uma falsa identidade.

Restava pouco tempo para sequestrar Elizabeth e a presença do padre poderia atrapalhar seus planos. Contatou Vladimir Botkin, o jovem parceiro russo que o ajudaria no sequestro, e informou-o sobre a inesperada visita do padre. Botkin ficou impaciente. *Esse é o problema dos jovens* — pensou MacGee contrariado — *sempre tentando fazer tudo sem se darem ao trabalho de um planejamento cuidadoso.*

Confirmaram a data: 2 de novembro à tarde, na véspera de Elizabeth voltar para o Brasil. Para garantir que tudo corresse como planejado, Botkin, excelente atirador, eliminaria o padre, se fosse necessário. MacGee não

queria uma carnificina e, por isso, foi muito específico com Botkin, de forma a refrear os instintos dele. O próprio MacGee cuidaria dos seguranças, do caseiro e dos cães. Não gostava de matar animais, mas naquele caso era imprescindível, para evitar que o atacassem e dessem o alarme.

Elizabeth não conseguia pensar. Sempre pressentira que a morte da mãe tinha sido muito mais que um assalto que terminou mal, como o pai tinha contato durante todos aqueles anos, mas não estava preparada para a revelação violenta feita por Daniel. Passou metade da noite agitada, e sempre que fechava os olhos via a imagem da mãe ensanguentada, com o peito aberto. À meia-noite ligou para Alessia. Assim que ela atendeu, Elizabeth começou a chorar e a falar ao mesmo tempo, como se tivesse aberto uma comporta:

— Alessia, minha mãe... Padre Daniel me mostrou o laudo da autópsia. Ela estava viva!

— Calma, Elizabeth. Tem que ficar calma — aconselhou com a voz doce.

— Mas ela estava viva quando arrancaram o coração. Ela viu tudo — falou desesperada. Era difícil aceitar que a mãe tivesse percebido o que acontecera nos seus últimos instantes de vida: a mãe impotente, com o peito rasgado, e o coração palpitante, arrancado de forma cruel.

— Não podemos mudar o passado. Só nos resta aceitar e compreender. Você precisa ver além, saber o que está por trás disso.

— Mas como ninguém ouviu? Qual a razão para terem feito aquilo? — continuou falando sem escutar Alessia, dominada por um desespero irracional.

— Essas são perguntas que precisa fazer a Daniel. Falei hoje com ele e sei que amanhã ele vai explicar tudo. Agora tente dormir e, quando acordar, pense em tudo o que deseja saber sobre a morte da sua mãe.

— Você sabe o que aconteceu?

— Combinamos que seria melhor falar com Daniel.

Depois de uma pausa, questionou:

— Então é o padre Daniel que vai me contar tudo, por decisão do meu pai?

— Sim. A ausência de um vínculo emocional entre você e Daniel vai ajudá-la a ver a situação de modo menos doloroso. Ele sabe o que está fazendo e, neste momento, está dando tempo para você se ajustar à notícia.

— Alessia explicava devagar, para que ela entendesse as razões para Daniel

não ter dado mais detalhes. — Ele é muito racional e esse foi um dos motivos para seu pai o ter escolhido, por saber que ele será firme e objetivo.

— Existem outros motivos para meu pai ter escolhido Daniel?

— Sim... Mas não vamos falar disso agora — interrompeu Alessia.

— Suponho que é mais um mistério — acrescentou, depois de pensar uns segundos na estranha situação em que se encontrava: a morte recente do pai, e a presença de um desconhecido que iria revelar a história da sua família, iniciada com a descrição do assassinato da mãe. Um desconhecido que também começava a suscitar emoções inconvenientes.

— É melhor descansar para amanhã estar tranquila. Acalme-se, você sabe como fazer.

— Vou tentar. Boa noite, Alessia — disse, sentindo-se um pouco menos ansiosa.

— Um beijo, querida. Boa noite.

Depois de caminhar pela casa como uma sonâmbula, noite adentro, e dar muitas voltas na cama, Elizabeth acabou por adormecer, vencida pelo cansaço.

4. O feiticeiro e a pitonisa

É a dor que parte a casca do vosso entendimento. Como o caroço do fruto se deve partir, para que o seu coração se ofereça ao sol, assim deveis conhecer a dor.

Khalil Gibran (1883-1931)

Eram quase onze da manhã quando Elizabeth acordou. Tomou um longo banho quente para combater a tensão que persistia no seu corpo. Não conseguia comer nada, mas Maria fez uma batida de frutas com iogurte e insistiu para que tomasse. Elizabeth forçou uma colherada após a outra e, no final, sentiu-se revigorada.

No escritório, preparou uma lista de perguntas sobre a morte da mãe. Calculou que aquela tragédia é que originara no pai a angústia com sua segurança. Daniel tinha razão: em linhas gerais já sabia o que tinha acontecido; agora precisava entender como e por quê. No entanto, por mais que tentasse se acalmar, dentro dela parecia haver um buraco negro: a ausência do pai, adicionada à descoberta da morte bárbara da mãe, deixaram-na com um profundo sentimento de desamparo e terror.

Esperou ansiosamente pelas quatro da tarde enquanto Maria a obrigava a beber um suco de maçã. Maria notara que, depois do almoço com o padre, no dia anterior, Elizabeth ficou nervosa e nem sequer havia jantado. Comentou irritada:

— Eu avisei que aquele padre não era bom... Tanta beleza...

Elizabeth achou melhor defender Daniel, até porque ele chegaria em

menos de uma hora:

— Ele não me fez mal. Fiquei aborrecida com um documento que li. Ele não tem culpa.

— Pode defendê-lo o quanto quiser, mas eu sinto aqui dentro — disse batendo com as mãos no peito — que esse padre tem alguma coisa errada desde o tempo do seu pai, que Deus tenha sua alma em paz — fez o sinal da cruz, mais uma vez, ao mencionar Arturo.

Elizabeth, desgastada pela noite maldormida, respondeu firme, para encerrar a discussão:

— Maria, o padre Daniel vai chegar daqui a pouco. Preciso falar com ele. Por favor, prepare um chá. Estaremos no escritório. Avise o Leon para levá-lo lá, assim que ele chegar.

Maria deixou cair os braços ao longo do corpo, rendida à presença do padre, e resmungou, dramática:

— Está nas mãos de Deus.

Maria acabara de levar o chá quando Daniel entrou no escritório e inclinou a cabeça para cumprimentar Elizabeth. Ela devolveu o aceno, apontou as poltronas de couro dispostas à volta de uma mesa de centro do século XVI, posicionada em frente à lareira, e disse, tensa:

— Desculpe-me por ontem padre... Como deve imaginar, não foi fácil descobrir como minha mãe morreu.

— Compreendo — respondeu impassível, com o rosto esfíngico.

— Pensei bastante e organizei algumas perguntas, como sugeriu. Primeiro quero saber o que aconteceu naquela noite. Ninguém ouviu barulho? Os cães não latiram? Os empregados não viram um desconhecido entrar — era um desconhecido, não é? Onde estava meu pai?

— Uma pergunta de cada vez. Vamos à primeira — disse, sistemático. — Naquela noite seu pai estava na cidade, em Yamoussoukro, a vinte quilômetros da fazenda. Acredita-se que o assassino tinha um cúmplice, que devia trabalhar na fazenda, e foi responsável por colocar alguma coisa na água ou na comida dos empregados. Nunca se conseguiu determinar o que era. O certo é que todos adormeceram profundamente e ninguém ouviu nada.

— Como sabem que havia um cúmplice?

— Essa é a teoria mais consistente. Parece muito difícil que um desconhecido tivesse acesso à cozinha, para contaminar os alimentos, sem ser

visto. Deduzimos que foi alguém conhecido. Além disso, os cães foram degolados. Uma única pessoa — estranha à casa — não conseguiria matar seis cães com rapidez suficiente, antes de ser atacada.

— Meu pai dizia que tínhamos sete cães — ela recordou.

— Eram realmente sete. Mas Tejo, o preferido da sua mãe, apesar de ter sido muito ferido, conseguiu escapar. Foi ele que latiu e deu o alarme. Infelizmente não sobreviveu aos ferimentos e morreu no dia seguinte.

— Mas se estavam todos sob o efeito de uma droga quem é que ouviu?

— Leander, o capataz da fazenda, tinha ido com o filho mais novo à aldeia vizinha para avaliar algum gado que seu pai queria comprar. Eles deveriam voltar na manhã seguinte, mas como terminaram mais cedo e a lua cheia iluminava os caminhos, regressaram naquela mesma noite. Quando chegaram à fazenda ouviram os latidos do Tejo e perceberam que havia algo errado. Leander foi ver o que tinha acontecido com os empregados, porque não estava ninguém de guarda como deveria, e descobriu os cães degolados. Entretanto, o filho dele correu para a casa onde você e sua mãe estavam. E viu um homem coberto de sangue, com um punhal em uma das mãos e um saco na outra, em frente da porta do seu quarto. Ele não hesitou e acertou em cheio no peito do assassino.

— O filho de Leander estava armado? — estranhou, esquecendo, por um momento, que tudo aquilo havia acontecido nos confins da África.

— Claro. Ninguém anda pelas noites africanas sem uma arma ou uma catana na mão...

— E o que é que o assassino fazia em frente ao meu quarto?

— Supõe-se que também planejava matá-la, mas continuam sendo deduções — disse, mantendo o mesmo tom sereno que usara durante toda a narrativa. — Leander chegou pouco depois e tirou-a do seu quarto. Você nem chegou a acordar.

— E o cúmplice do assassino?

— A polícia investigou o caso durante seis meses e não descobriu nada. O assassino era desconhecido na região, mas pelos colares, braceletes e a tanga de pele de onça que estava usando, tratava-se de um feiticeiro.

— Da Costa do Marfim?

— Não. Do Quênia.

— Onde minha mãe nasceu — comentou, pensativa.

— Sim. E certamente isso deve ter uma ligação com o assassinato de... — Elizabeth interrompeu-o, sem imaginar que Daniel estivera prestes a fazer

outra revelação terrível.

— E o saco... O que havia no saco?

— O coração da sua mãe e uma garrafa de vidro com o sangue dela.

Ela estremeceu ao escutar aqueles detalhes sórdidos, mas tentou manter a calma ao lembrar que Daniel reagia mal ao descontrole emocional. Subitamente, passou por sua cabeça que aquelas revelações poderiam ser a porta para um mundo ainda mais perturbador. Controlou a voz e perguntou, tentando manter certo distanciamento e imaginando que falava de outra pessoa, e não da sua mãe:

— Descobriram o que ele pretendia fazer com o coração?

— Há apenas especulações. Na África tudo o que não tem uma explicação racional cai na esfera do sobrenatural. A crença na magia é muito forte. Alguns acreditam que certos feiticeiros matam ritualmente e roubam o coração para transformar pessoas em mortos-vivos. Uma vez por ano, em uma data que, por acaso, coincide com o Halloween, dia 31 de outubro, os feiticeiros adquirem controle sobre os mortos-vivos, e os subjugam aos seus desejos.

— Então o coração era para transformar minha mãe em uma morta-viva?

— Em parte. O essencial do ritual consistia em comer um pedaço do coração e beber o sangue. Os feiticeiros acreditam que isso permitia que adquirissem os dons da vítima por meio da ingestão. Eles também creem que o sangue, além de possuir poderes sobrenaturais, protege quem o bebe, em especial se for sangue de criança.

— De criança? — perguntou, compreendendo por que o feiticeiro queniano pretendia matá-la.

— Dizem que a pureza da criança intensifica os feitiços. É uma crença enraizada em certas regiões. Ainda hoje, na África, os albinos são mortos devido a essas superstições. Seus corpos são retalhados e vendidos para fazer feitiçaria. É um negócio rentável que envolve muita gente, inclusive alguns governantes, e por isso é tão difícil de combater.

Elizabeth já tinha lido sobre alguns rituais, mas descobrir que aquela realidade bizarra estava tão próxima aumentava seu medo e o horror, que começara a sentir desde que lera o laudo da autópsia da mãe. Era como se dois mundos infinitamente distantes tivessem colidido dando início ao caos. Murmurou:

— É absurdo.

— É sim, mas lembre-se que estamos no reino da ignorância. Essas

peessoas são muito primitivas, do ponto de vista espiritual. E, infelizmente, estão espalhadas pelo mundo. Às vezes são quem menos se espera — avisou.

Ela anuiu com a cabeça, ao escutar o alerta dele.

— Deixe-me fazer aqui um parêntesis: não existe magia negra ou branca. A magia é só uma força. O que existe é a intenção por trás dela: se for uma intenção negativa as pessoas chamam de magia negra. A mesma energia que é usada para o bem também é usada para o mal, dependendo somente de quem a usa.

— Entendo... — respondeu, racionalizando tudo o que Daniel estava contando. — E por que é que escolheram minha mãe?

— Essa é uma pergunta vital — frisou Daniel com calma, preparando-se para apresentar um novo fato. — Ela tinha dons especiais.

Ele dissera a frase devagar, para que ela entendesse bem o que estava sendo comunicado. Elizabeth olhou-o, suspendendo a respiração por alguns segundos. Sentiu que iria escutar mais uma revelação. Serviu um chá, com as mãos trêmulas e, após ter dado um gole, perguntou:

— Que tipo de dons?

— Angelina via o futuro, através dos seus sonhos.

— Como é possível? O futuro é mutável, cada vez que se toma uma decisão ele muda. Não é? — disse hesitante, pensando dos próprios sonhos e na insistência do pai para que os compreendesse.

— Exatamente. Mas se você soubesse também qual o futuro possível, poderia escolher ou evitar alguns acontecimentos. Concorda?

— Hipoteticamente, sim.

— Imagine que pode saber quais os futuros possíveis. Sempre que algo muda, você sabe.

— Seria um poder terrível — respondeu, reconhecendo certa familiaridade em tudo aquilo.

— Não deve ser entendido como um poder, mas como um dom. Um dom muito especial. Sua mãe tinha esse dom. E sua avó também. Foi por isso que Angelina foi assassinada. Quem a matou, ou quem a mandou matar, achava que, por meio do coração e do sangue, adquiriria o extraordinário dom de ver o futuro.

Elizabeth levou alguns segundos para assimilar aquela informação. Agora compreendia por que Daniel optara por não falar com ela na tarde anterior. O choque que sentira ao ler sobre os detalhes do assassinato de Angelina jamais lhe permitiria ter uma conversa racional, como a que estavam tendo naquele

momento.

— Não posso acreditar que alguém matou minha mãe por causa dessa crença — fez uma pausa como se avaliasse o que iria dizer. — Às vezes eu também sonho com situações que acabam acontecendo. Mas isso tem uma explicação racional: o subconsciente capta detalhes sutis que não são percebidos.

— É uma explicação. Compreendo que sinta necessidade de racionalizar. Mas *realmente* acredita no que está dizendo? — perguntou Daniel olhando-a com intensidade. Elizabeth estremeceu sob o olhar analítico. Ele calou-se por um momento, antes de afirmar:

— Você também tem esse dom.

— Eu? — Elizabeth estava ainda descrente, embora sentisse uma daquelas pontadas no estômago que costumavam avisá-la sobre o perigo.

— Sim, você. É uma herança. E bem dentro de si, você *sabe*, desde sempre, que é diferente. Nas mulheres da sua família o processo é muito profundo: vocês são pitonisas.

— Pitonisas? — perguntou com um sorriso nervoso, para minimizar o desconforto de sentir-se analisada por Daniel e a ansiedade que toda aquela revelação estava lhe causando.

— Exatamente. Pitonisas. Mulheres que têm a capacidade de conhecer o futuro. É um dom exclusivamente feminino, e você tem esse dom. Seu pai fez o possível para protegê-la, por acreditar que o assassino da sua mãe poderia fazer o mesmo com você, assim que seu dom despertasse. Você *sente* que estou dizendo a verdade — insistiu Daniel, apelando à intuição dela e aos conhecimentos que Arturo lhe transmitira, ainda que de maneira sutil.

Elizabeth lembrou a última conversa que tivera com o pai, quando ele disse que tentou protegê-la. Agora Daniel repetia as mesmas palavras e ela começava a se perguntar até onde tinha ido a proteção de Arturo. Quantos segredos mais existiam? Quem era ela afinal? E quem a estaria perseguindo desde que a mãe fora assassinada?

Daniel se manteve imóvel, esperando que ela respondesse ao seu comentário.

— Sim, tem razão. De certa forma *sinto* que está dizendo a verdade. E isso me assusta. Não sei o que pensar. Nunca lidei com esse dom e nem sequer sei se quero tê-lo.

Daniel retomou devagar:

— Não cabe a você decidir se quer ou não. Você já o tem. É seu. É uma

dádiva. Depois terá que pensar no que irá fazer. Afinal, foi por isso que sua mãe morreu.

— É muita informação — murmurou confusa.

— O que estou lhe contando é apenas uma pequena parte da sua história — avisou, paciente, pensando nas muitas horas que teria que passar com ela até explicar a teia de segredos que os pais haviam deixado como herança. Ela ouviu o comentário, sem conseguir imaginar o que mais poderia haver, se tudo o que Daniel dissera até aquele momento já parecia excessivo. Disse em voz baixa:

— Ainda tenho tantas perguntas sobre minha mãe. Como sabem que alguém mandou matá-la e não foi só o feiticeiro queniano? E meu *dom*, *como é que* vai despertar?

— Vamos falar primeiro do seu dom — começou ele, sem perder sua expressão de concentração. — A morte do seu pai foi um choque que abalou suas emoções, e um choque dessa magnitude desperta tudo o que está latente: o bom e o mau. Você se torna uma espécie de esponja que absorve tudo à sua volta por estar sem defesas para filtrar a realidade. Em momentos assim, de grande pressão, acontecem fenômenos como as possessões e despertam habilidades como a telecinesia ou os sonhos premonitórios.

— Meu pai escreveu que eu passaria por uma mudança. Ele se referia a este momento?

— Sim. Você está bem no início do processo, como se estivesse naquele instante entre o sono e o acordar, em que ainda não consegue distinguir claramente a realidade.

— E meu pai nomeou-o meu “protetor” ou “tutor espiritual”, para ajudar neste processo?

Daniel sorriu e meneou a cabeça suavemente:

— Arturo foi seu verdadeiro tutor espiritual. Ele e sua mãe começaram a prepará-la para compreender tudo isto desde sua infância. Por essa razão, apesar de eu estar falando sobre uma realidade tão diferente da que tem vivido até agora, você consegue aceitá-la como verdadeira, como se já a conhecesse. Não é?

Elizabeth pensou um pouco e percebeu, mais uma vez, que a análise dele estava correta.

— Acho que sim. Mas não percebo como é que meus pais me prepararam. Não me lembro de nada em especial. Estou chocada! — afirmou, se esforçando por manter a calma.

— Eles acreditavam que aprenderia o fundamental com a leitura, as viagens e os estudos. Tudo lhe foi ensinado sem que percebesse. Seu pai defendia um aprendizado sutil e achou sempre que você saberia os conceitos quando viesse a precisar deles. Eles estão dentro de você, porque se não estivessem não compreenderia o que estou dizendo.

— Então o que meu pai pediu, exatamente? — insistiu, tentando perceber como é que ele se encaixava na sua vida.

— Para estar ao seu lado e apoiá-la quando precisasse. Para contar a história da sua família e ajudá-la a entender o passado, de maneira a poder escolher seu futuro.

— Mas disse que sou capaz de conhecer o futuro.

— Não seu. As pitonisas não sabem seu próprio futuro.

Olharam-se em silêncio por longos segundos até que Daniel disse, de repente:

— Chega por hoje.

— Não, padre, por favor. Ainda tenho muitas perguntas...

— Continuamos amanhã, no mesmo horário — interrompeu com firmeza.

— Talvez pudesse vir mais cedo, para termos mais tempo. Às três? — sugeriu. Daniel esboçou um sorriso suave antes de responder:

— Prefiro começar às quatro. Três da tarde é a hora das trevas — exclamou, mais para informá-la do que para se justificar.

— Achava que a *hora do mal* era às três da manhã. Li algo sobre isso — argumentou Elizabeth tentando lembrar o que era.

— Não — afirmou Daniel com segurança. — Cristo morreu às três da tarde e esse horário se tornou maléfico. Como contraponto, para equilibrar as forças, três da manhã é a hora atribuída aos anjos.

— Lembrei — disse Elizabeth, quase triunfante. — Li que às três da madrugada os demônios perturbam mais as pessoas, deixando-as suscetíveis para cometerem crimes.

— É verdade. Mas isso acontece porque os demônios gostam de perturbar os anjos — informou Daniel. — E nós, quando estamos incomodados ou preocupados, acordamos espontaneamente às três da manhã, não é?

— Sim — respondeu impressionada, ao reconhecer o padrão do fenômeno.

— Esse é o horário certo para rezar aos anjos. Isso gera uma proteção espiritual, uma espécie de capa invisível contra o mal.

— Só mais uma pergunta...

— Não, Elizabeth — disse Daniel com firmeza. — Por hoje, o que contei é

mais que suficiente. Além disso, teremos muito tempo para conversar. Vamos para São Paulo no mesmo voo, depois de amanhã.

Ela franziu a testa, surpreendida, enquanto Daniel enfatizava ao descer a escada:

— Afinal estou aqui somente por sua causa.

Sabia que ele estava cumprindo os desejos do seu pai, mas se sentiu feliz por viajarem juntos, e teve que concordar com Maria: Daniel era perigoso. Parecia ter algo indecifrável adormecido sob sua aparente tranquilidade. Sentiu uma pontada de ansiedade no estômago, ao pensar em fazer a longa viagem de avião sentada ao lado dele.

5. A esmeralda

Quanto mais para trás no tempo se conseguir olhar, mais adiante se conseguirá enxergar.

Sir Winston Churchill (1874-1965)

A segunda carta que Elizabeth havia encontrado no cofre deveria ser lida no dia 2 de novembro, o dia dos mortos. Ela anotara todas as datas e, assim que acordou naquela manhã, foi ao cofre buscá-la. Começou a ler ainda com um pouco de sono.

Nova York, 12 de abril de 2009

Querida filha,

Estou em Nova York para novos exames, embora tenha a certeza de que vou apenas confirmar o diagnóstico que recebi em São Paulo. Mas não é por isso que escrevo, querida.

Há vinte e cinco anos, dia 12 de abril de 1984, perdemos sua mãe. Ela ia fazer trinta e três anos. Foi um acontecimento violento, do qual jamais me recuperei. Desde esse dia vivi com o terror de perdê-la da mesma forma. E esse medo constante não me fez bem!

Existem forças neste mundo que ninguém compreende. Durante séculos os homens criaram religiões para explicar o divino, mas o divino respira dentro de nós: “fomos feitos à imagem e semelhança de Deus”. Temos, em nós, o conhecimento para escolher entre o bem e o mal e essa escolha é contínua.

Recorda-se de “Fausto”? Há várias interpretações, mas a mais famosa é a de Goethe.

Deus e o Diabo apostaram a alma de Fausto. Deus acredita que Fausto tem virtudes suficientes para salvar-se, mas o Diabo acha que não. Eles recorrem a Mefistófeles (uma das personificações do mal) para testar Fausto. Mefistófeles transforma Fausto em um homem poderoso e rico, em troca da sua alma. Quando Fausto se apaixona por Margarida, imune ao seu poder de sedução, por ser pura, Mefistófeles sugere que ele a corrompa com bens materiais e a jovem se deixa seduzir. Entretanto, o irmão dela morre ao duelar com Fausto, depois de descobrir a relação dos dois. Margarida, grávida, enlouquece atormentada pela culpa que sente pela morte do irmão. No final, Margarida consegue salvar-se, mas Fausto não! Ele é levado por Mefistófeles.

Na Europa, há a crença de que Fausto existiu entre os séculos XV e XVI. Mas independentemente de ter ou não existido, ele representa a corrupção da humanidade pelo mal.

Uma coisa é certa: a luta entre o bem e o mal é constante, e nem sempre é clara. Por isso, minha filha, seu papel no mundo será vital. Cabe-lhe, junto com outras pessoas que irá conhecer (não se esqueça de que nada acontece por acaso), travar uma batalha. Você deverá desempenhar seu papel nesse jogo complexo, começar sua jornada, agora que a minha está terminando. É seu destino e quanto antes compreender esse fato, melhor!

Espero que, ao lembrar os nossos anos juntos e todas as nossas conversas e viagens, tenha compreendido que os lugares e os objetos têm memória, e por isso os rituais são tão importantes.

*Um beijo carinhoso,
Arturo*

Ao terminar a carta, Elizabeth sentiu-se confusa. Depois de saber das circunstâncias da morte da mãe, as palavras do pai pareciam conter um aviso, embora não tivesse compreendido qual. Arturo sabia que ela detestava Fausto, e achava a história triste. A questão do mundo material ser sedutor e forte ao ponto de vencer o mundo espiritual tornava a história sem esperança, principalmente porque a redenção de Fausto deixara de ser possível a partir do momento em que negociara sua alma com Mefistófeles. Não era

coincidência que o pai escrevesse no dia do aniversário da morte da sua mãe, uma carta falando sobre Fausto, e que seria aberta exatamente no dia dos mortos. Parecia estar a alertá-la sobre a existência de um *Fausto* na sua vida. Pôs a carta de lado, se aproximou da janela do seu quarto, e espreitou a paisagem que ia revelando suas cores matutinas, sob a luz do sol outonal. Começou a pensar no que ainda não fazia sentido ou não sabia sobre a morte da mãe, preparando-se mentalmente para questionar Daniel quando o encontrasse, naquela tarde.

Alessia telefonou para Daniel pouco depois do almoço:

— Como estão indo as coisas por aí? — quis saber, protetora.

— Mais devagar do que o planejado — respondeu tranquilo, embora Alessia soubesse que era difícil perceber o que ele pensava ou sentia. Sua serenidade funcionava como uma máscara que resguardava os sentimentos.

— Entendo. Investigamos Miguel Besson. É *ele* mesmo! Não sei como não percebemos.

— Discutimos isso depois — cortou abrupto. — Sabe que não gosto de falar ao telefone.

— Só ao telefone? — perguntou ela, com uma leve ironia.

Daniel ignorou o comentário, e disse, usando um tom ligeiramente autoritário:

— Quero que convoque uma reunião para sexta-feira, 6 de novembro, em São Paulo.

— Não acha muito cedo?

— No dia 6 ela estará pronta para dar o primeiro passo. Não podemos perder um tempo que não temos. E, basicamente, é algo simples. Um mero formalismo para que ela nos conheça.

— Eu sei, Daniel.

— Então qual é o problema, Alessia? — perguntou, com alguma secura.

— Tenho a sensação de que vai acontecer algo terrível.

Daniel percebeu a perturbação dela. Era incomum ouvi-la falar de forma tão ansiosa.

— Com Elizabeth?

— Só pode ser. Quem mais poderia ser? Toda esta situação se passa com ela.

— É verdade que ela é o epicentro, mas estamos todos envolvidos. Se

continuar ansiosa não será capaz de descobrir o que pode acontecer. Sabe o que tem que fazer — disse referindo-se à necessidade de Alessia se equilibrar por meio de exercícios de Tai Chi Chuan.

Alessia escutou o conselho e soube que ele estava tentando acalmá-la. Daniel tinha esse dom: conhecia as trevas como ninguém, sabia reconhecê-las quando se aproximavam, mas sabia também como afastá-las. Vivia na fronteira entre os dois mundos, na tênue e estreita linha que ficava entre a luz e a escuridão. Ela respirou fundo e perguntou:

— Elizabeth já sabe que vocês viajam juntos?

— Sim.

— Fez algum comentário?

— Não dei oportunidade — respondeu sereno.

Alessia sorriu e despediu-se. Sabia que Daniel era perito em dizer o que queria e jamais ouvir o que não queria. Tinha desenvolvido várias técnicas ao longo dos anos: por vezes fixava a pessoa com um olhar vazio, como se o que ela estivesse dizendo não fizesse sentido. Outras vezes, ia embora tranquilamente, ignorando seu interlocutor. Em algumas ocasiões ficava imóvel, como se não estivesse escutando. Ela já tinha presenciado várias pessoas interromperem suas frases, duvidando do que diziam, enquanto Daniel as encarava, sem pronunciar uma única palavra.

Daniel achava que as palavras despertavam coisas indesejáveis, abriam portas que deviam permanecer fechadas. Acreditava que o homem tinha que aprender a ficar em silêncio. Quando os amigos faziam algum comentário sobre seu apego ao silêncio, ele repetia, em latim, que o prêmio do silêncio é certo:

— *Praemium silentii certus es.*

Quando Daniel chegou, Elizabeth já o esperava no escritório, onde serviu um chá, antes de voltarem ao assunto do assassinato de Angelina. A bebida, que sempre fizera parte das suas vidas, começava a funcionar, também, como uma espécie de rito em torno do qual as conversas entre os dois se organizavam.

— É de manga, da Whittard — explicou Elizabeth, tentando iniciar o diálogo com leveza.

— É agradável, mas prefiro chás com *corpo* — respondeu, saboreando com ar conhecedor.

— Vou me lembrar disso — acomodou-se no sofá, percebendo que ele era um homem de gostos marcantes, e não combinava com chás frutados. — Ontem não me explicou o que aconteceu com o filho de Leander, o que atirou no assassino da minha mãe. Onde está ele?

Daniel respondeu com naturalidade, como se aguardasse a pergunta:

— Leon. É o Leon. Mas não gosta de falar daquele episódio. Como bom africano que é, acha que o demônio estava solto naquela noite.

— Leon?!— Elizabeth quase gritou de surpresa, mas corrigiu o tom e repetiu baixo. — Leon?

— Sim.

Ela levou alguns segundos para processar a informação. Levantou, deu alguns passos pelo escritório e voltou a sentar-se, com as costas tensas. Questionou sem conseguir evitar uma ponta de ironia:

— Há mais alguma surpresa, padre?

— Muitas — disse, esboçando um sorriso breve e sedutor. — Mas prefiro que você faça as perguntas. Esse foi o combinado. Não vamos mudar as regras no meio do trato.

Ela apertou os lábios, irritada pelo tom condescendente que percebeu na voz dele. Pensou um pouco e perguntou:

— E o punhal?

Daniel aquietou-se por um instante. Elizabeth percebeu que era a primeira vez, desde que tinham começado a falar da morte de Angelina, que o rosto hermético dele se contraía, como se uma sombra tivesse mergulhado sobre ele. Depois retomou a placidez habitual, mas pela sua atitude, Elizabeth deduziu que o punhal devia ser um elemento muito importante.

— O que tem o punhal? O que deseja saber, exatamente?

— Se a morte da minha mãe foi ritual, então teriam que ser utilizados objetos rituais. E o principal deles seria o punhal, não?

Percebeu que Elizabeth estava despertando do torpor que a envolvia desde a morte do pai. Começara a racionalizar, tentando evitar que as emoções interferissem na sua análise. Conteve o ímpeto professoral de elogiá-la. Em vez disso, explicou, de maneira quase técnica:

— Era um punhal ritual, com uma esmeralda incrustada na base do cabo. Uma peça bastante estilizada, de origem europeia.

— Um feiticeiro africano, com roupas de pele de onça, usando um elaborado punhal europeu? Isso não faz sentido! — exclamou.

— Lembra quando perguntou como sabíamos que havia alguém por trás do

assassinato da sua mãe? Foi exatamente essa a pergunta que fizemos: como é que um feiticeiro queniano aparece na Costa do Marfim, empunhando um sofisticado punhal europeu?

— E nunca souberam quem eles eram? O feiticeiro ou o mandante do assassinato?

— Não.

— E sobre o punhal, descobriram algo?

— Tornou-se importante por ser um objeto dissonante no crime. Não combinava com um ritual africano. O chefe da polícia de Yamoussoukro, responsável pela investigação, era amigo do seu pai e deixou-o ficar com o punhal desde o início. Arturo temia que alguém pudesse utilizá-lo para tentar assassiná-la. Esse foi o principal motivo para guardar o punhal, mas isso também nos permitiu estudá-lo.

— O que descobriram?

— Tinha um desenho curvo inspirado nas adagas árabes, mas era definitivamente um trabalho francês, de meados do século XIV.

— Mais alguma coisa?

— Existe um detalhe peculiar na arma: embora seja do século XIV, a esmeralda que está incrustada no cabo é muito mais antiga. É do século X a.C.

— Uma esmeralda com três mil anos. — Elizabeth hesitou como se lutasse para recuperar uma memória perdida. — Meu pai disse algo sobre esmeraldas, mas não lembro exatamente o quê. Pode ter sido a história do Graal. Ele era fascinado por ela.

Daniel assentiu com a cabeça e continuou falando, devagar:

— Sim... O Graal tem sido associado a vários objetos, que estão na origem de muitas lendas.

— Cada lenda ou teoria defende que o Graal é algo diferente — concluiu Elizabeth.

— Mas há sempre três objetos místicos ligados ao Graal...

— O Cálice de Cristo — interrompeu apressada, provocando um sorriso quase imperceptível no rosto de Daniel.

— O mais conhecido é esse mesmo: o Cálice usado na última ceia e no qual, horas depois, José da Arimateia recolheu o sangue de Cristo quando estava na Cruz e foi golpeado por Longinus, o soldado romano. Diz a lenda que quem beber nesse Cálice será imortal. Segundo o poema do francês Robert de Boron, escrito no século XII, José de Arimateia levou o Cálice para Avalon.

— A terra do Rei Artur e dos Cavaleiros da Távola Redonda.

— Exatamente. E é por isso que a história da busca do Graal se mistura às lendas do Rei Artur. O segundo objeto é um livro sagrado com poder devastador. As palavras desse livro são capazes de destruir a humanidade e só podem ser lidas e pronunciadas por quem for puro. Elas são, também, um caminho para a imortalidade.

— De novo a imortalidade — comentou, tentando assimilar todas as informações.

— E o terceiro objeto é uma esmeralda.

— Agora me lembro — disse Elizabeth. — Era isso que meu pai contava.

— Nessa terceira versão, o Graal é uma esmeralda de origem celestial. Coincidentemente, no século XII, outro escritor chamado Wolfram von Eschenbach, escreveu sobre uma esmeralda que estava na testa de Lúcifer e formava sua Terceira Visão. Já ouviu falar nisso?

— Sim. A “terceira visão” é responsável pela clarividência — respondeu Elizabeth recordando o corte em sua testa, quando teve o acidente de carro com Miguel Besson, e a advertência de Alessia sobre a possibilidade do ferimento obstruir sua intuição.

— Quando Lúcifer foi expulso do Paraíso, a esmeralda se quebrou. Um dos fragmentos continuou na sua testa, fazendo com que ele passasse a ver o mundo de maneira deformada. O outro fragmento foi trazido à terra pelo arcanjo Miguel. Consta que existe ainda um terceiro fragmento.

— Então seria uma pedra poderosa...

— Muito — confirmou Daniel. — E, nesse caso, a esmeralda se confunde com a Pedra Filosofal dos alquimistas. Eles diziam que essa pedra transformava metais em ouro e permitia obter o Elixir da Vida, que tornava imortal quem o bebesse.

— E a quem o arcanjo Miguel teria entregue a esmeralda?

— Ao rei Salomão, no século X a.C.

— A esmeralda incrustada no cabo do punhal que matou minha mãe é da mesma época de Salomão — concluiu, espantada com a antiguidade do artefato e com a forma como tudo parecia interligado. — Pode ser a mesma esmeralda que está no punhal? Não... Seria insano!

— É a mesma esmeralda — anunciou Daniel, muito devagar. Em seguida ficou em silêncio, dando tempo para que ela digerisse a notícia.

— Como é que sabe? Não é possível! É um objeto místico... É uma lenda — titubeou ela, descartando a hipótese de tudo aquilo ser real.

— Elizabeth, você precisa entender que, embora pareça impossível, não estamos falando de lendas. E estamos longe de completar a história sobre essa esmeralda — avisou Daniel, com um tom que indicava que tinha todo o tempo do mundo. — Ela fazia parte de um anel...

— Que anel?

— O arcanjo Miguel deu a Salomão um anel, usado como sinete para autenticar documentos. O anel tinha um hexagrama com uma esmeralda perfeita, encaixada na parte interna. Foi assim que a esmeralda chegou até Salomão: engastada no anel e trazida do céu por um arcanjo.

Elizabeth ficou em silêncio, dominada por um misto de incredulidade e fascínio, tentando abarcar a dimensão sobrenatural do relato. Depois perguntou, hesitante:

— Como é que o anel desapareceu e a esmeralda foi parar no punhal, três mil anos depois?

— O anel foi roubado no século XIV e apenas a esmeralda reapareceu na Costa do Marfim nas circunstâncias infelizes que você acabou de conhecer.

— Ficou desaparecida quase setecentos anos?

— Sim — disse evitando se alongar na explicação sobre o desaparecimento do anel. Aquele era um assunto complexo demais para abordar naquele momento. — O simbolismo da pedra é óbvio, mas, além disso, ela tem um poder *real*. Alguém teve muito trabalho para conseguir essa pedra, e colocá-la no punhal. A grande questão é: o que *essa* esmeralda pode *realmente* fazer?

— Meu Deus! — exclamou abismada. Tratava-se realmente, como compreenderia depois, de uma ligação concreta, que abria as portas para um mundo cada vez mais irreal. Olhou para Daniel e viu-o encostar a cabeça no assento da poltrona, relaxado, com os olhos fechados como se descansasse. Ela pressentiu que, por baixo daquela calma aparente, ele estava tão desperto quanto um predador antes da caçada, aguardando apenas que ela assimilasse as informações. Elizabeth suspirou, parecendo carregar um peso sobre os ombros. Indagou:

— Quem tinha o anel?

— Essa é uma boa pergunta que infelizmente não posso responder.

— É um segredo?

— Lamento, Elizabeth — disse Daniel inesperadamente brando. O tom a surpreendeu, embora não revelasse se conhecia a identidade do senhor do anel ao longo dos séculos anteriores. Olhou-a com suavidade enquanto

pegava na sua mão pela primeira vez. Apertou-a, e falou com ternura fraternal:

— O que preciso que compreenda é que quem tinha o punhal, adornado com essa esmeralda fantástica, foi responsável pela morte da sua mãe e virá atrás de você em um futuro próximo. E não sei quais são as suas reais intenções... É algo que estamos tentando descobrir.

— Estamos? Quem? — quis saber, dando-se conta que ele falava frequentemente no plural.

— Existe um pequeno grupo de pessoas que era muito ligado ao seu pai. Um grupo restrito do qual faço parte, juntamente com Alessia. Terá oportunidade de conhecer os demais em breve. Seu pai instruiu-nos, ao longo dos anos, para protegê-la, enquanto tentávamos descobrir a identidade do responsável pela tragédia que se abateu sobre sua família. Ele nunca parou de procurar o assassino da sua mãe, e acreditava que você seria a próxima vítima.

Ela sentiu o impacto das palavras no corpo. Gelou, se encolhendo no exíguo espaço da cadeira. Ele soltou a mão dela e disse em tom de promessa:

— Vamos tomar cuidados adicionais com você. Estará segura.

Ao ouvi-lo, Elizabeth sentiu uma inquestionável confiança nele.

6. O assassino inglês

Muito do vosso sofrimento fostes vós que escolhestes.

Khalil Gibran (1883-1931)

Os cães começaram a latir e o eco de um tiro cortou o ar. Daniel e Elizabeth estavam no escritório quando ouviram Leon gritar:

— Acho que ele foi para trás da casa.

Elizabeth esboçou um movimento para ir até a varanda, mas Daniel se jogou sobre ela, atirando-a ao chão e protegendo-a. Ela desapareceu sob o corpo dele, enquanto o ouvia dizer, a meia-voz:

— Suba para o sótão e tranque a porta. Não saia até eu ir buscá-la.

Ela perguntou, dominada por um pânico agravado pela atitude protecionista de Daniel:

— E se algo lhe acontecer?

— Não vai acontecer nada comigo. Agora vá — afirmou com segurança, enquanto a conduzia para a escada, protegendo-a com seu próprio corpo.

Esperou que ela subisse e, assim que ouviu a porta do sótão se fechando, saiu pela porta da frente, trancando-a, e foi para a parte de trás da casa. Encontrou Leon, Náder e Juan, que chegava naquele momento, empunhando firmemente um rifle de caça.

— O que há?

— Um homem apareceu ali — disse Juan apontando para a parte lateral da casa, perto da pequena horta. — Náder mandou-o parar, mas ele fugiu e Leon atirou.

— Acertou? — questionou Daniel.

— Não — respondeu Leon, visivelmente irritado com a falha.

— E os cães? — perguntou Daniel ao perceber que tinham parado de latir.

— Foram atrás dele — Juan trocou um olhar alarmado com Náder e Leon, perante o súbito silêncio. Ele tinha um apego quase irracional aos cães. Maria reclamava, com frequência, que ele gostava mais dos cães do que dela. Naquele momento sentiu um frio no estômago e a ansiedade tomou conta dele. A quietude dos animais só podia significar duas coisas: ou conheciam o homem, ou tinha acontecido alguma coisa.

— Talvez ele tenha aparecido para atrair os cães — disse Leon, se lembrando da noite em que Angelina fora assassinada e da matança dos cães. Ao ouvir o comentário, Juan pôs a arma ao ombro e se dirigiu para o lugar onde os tinha visto desaparecer, minutos antes. Náder foi com ele. Em pouco tempo estavam embrenhados no bosque que rodeava a casa.

Daniel avaliou a situação percebendo rapidamente que aquele incidente só podia estar ligado a Elizabeth, e, embora ela estivesse segura no sótão, ele precisava garantir sua proteção capturando o perseguidor. Pediu que Leon trancasse a porta de trás e depois ficasse na porta principal, sem arredar o pé dali até novas ordens. Deu uma volta em torno da casa, com uma energia surpreendente, quando viu Náder emergir da barreira de árvores com o rosto pálido.

— O que foi? — perguntou Daniel, econômico.

— Os cães... Estão mortos!

Aquilo confirmou as suspeitas de Daniel: só podia ser um ataque contra Elizabeth. Ninguém ia eliminar os animais de uma casa isolada a troco de nada, sem um objetivo maior.

— Como?

— Parece veneno — respondeu Náder, perturbado com o incidente.

— Onde estão?

Náder levantou a mão e apontou, dizendo:

— Por ali, padre. Siga sempre em frente, que vai ouvir os gemidos dos cães.

Daniel anuiu e ordenou:

— Vá guardar a porta de trás. Já volto.

Daniel deparou-se com uma cena triste: Juan de joelhos, com a arma abandonada no chão, chorava sobre os cães agonizantes. Era comovente vê-lo daquela forma, principalmente porque não parecia ser possível salvar os

animais.

Daniel se aproximou e sentiu o cheiro forte de amêndoas amargas:

— Cianeto de potássio. Não há o que fazer — concluiu baixinho, imaginando que o responsável pelo ataque tinha algum grau de sofisticação. Não era um veneno comum, apesar de ser rápido e eficaz.

— Juan, temos que abatê-los.

Juan olhou para Daniel inconformado, e sacudiu a cabeça rejeitando a sugestão. Treinara-os desde pequenos. Ninguém podia compreender, mas ele sentia como se estivesse perdendo alguém da sua própria família. Daniel percebeu que Juan precisava de um tempo para se recompor e decidiu deixá-lo com os cães. Voltou para a porta principal da casa, onde Leon continuava vigilante e imóvel como uma estátua. Chamou Náder, com voz possante. Em segundos Náder surgiu, posicionando-se ao lado de Leon. Daniel ordenou:

— Encontrem esse homem.

— E o padre vai ficar aqui sozinho com Elizabeth? — perguntou Náder, pouco convencido.

— Não se preocupem comigo. Vocês é que precisam ter cuidado, porque se ele matou os cães, com certeza vai atacá-los também.

— É por causa de Elizabeth? — questionou Leon, lembrando-se da sua conversa com Alessia e da perturbação dela com a segurança de Elizabeth no dia do acidente com Besson.

— Acho que sim — disse Daniel, quase seguro de que o objetivo do desconhecido era ela. Pensou na sensação que tivera durante os últimos dias, de que alguém vigiava a casa, como se olhos ocultos estivessem seguindo os seus passos, e soube que sua intuição estava certa.

— E se ele vier aqui enquanto o procuramos nos montes? — insistiu Náder preocupado.

— Já disse para não se preocuparem — repetiu Daniel. — Vão.

— Não quer uma arma, padre? — perguntou Náder.

— O padre não gosta de armas — respondeu Leon, provocando um sorriso em Daniel, enquanto ia em direção das árvores usando suas memórias da África para seguir rastros e sentir os odores. Náder acompanhou-o relutante, preocupado com Daniel e Elizabeth.

Leon tinha razão: Daniel não apreciava armas e só em ocasiões pontuais, e muito específicas, é que tinha usado alguma. Preferia sempre adagas ou espadas, mas em geral bastava seu próprio corpo altamente treinado. Sob as vestes de servidor de Deus, se ocultava um homem letal, capaz do melhor e

do pior, em circunstâncias peculiares. E, naquele momento, ele servia a uma causa maior, uma causa que necessitava de Elizabeth viva.

Do lugar onde se encontrava, Vladimir Botkin tinha visão para a fachada da casa, através do telescópio da sua arma de precisão. Quando ouviu um tiro, seguiu atentamente as movimentações para tentar descobrir o que acontecera. A luz do final da tarde ainda permitia que visse, pela janela do escritório, o padre empurrar Elizabeth para o chão, e instantes depois sair pela porta da frente, para desaparecer na parte posterior da casa. Botkin viu Leon guardando a porta principal por algum tempo, até o padre e o segundo segurança reaparecerem. Viu o padre instruir os dois seguranças, antes de entrar de novo na casa. E deduziu que os seguranças se embrenharam pela mata, em perseguição de MacGee.

Enquanto esperava para cumprir seu papel no sequestro de Elizabeth, Botkin continuava sem compreender a preocupação de MacGee com o padre: ele era muito tranquilo e não parecia representar qualquer ameaça. Mas Botkin devia ter compreendido que um homem que se mantém tão sereno sob uma ameaça desconhecida que acabou de dizimar os cães de guarda da casa, tem de ser alguém com uma fibra incomum. Além disso, naquele momento, Botkin não considerou que a simples presença do padre, por mais inócua que lhe parecesse, pudesse atrapalhar o plano tão cuidadosamente elaborado por MacGee.

A verdade é que Botkin estava reticente em assassinar o padre. Ele tinha poucos escrúpulos, mas aquilo era quase tão terrível quanto assassinar uma criança. Porém, pouco importava o que ele pensava ou sentia: estava ali para cumprir as ordens de MacGee e pôs de lado suas reservas. Ajustou a mira com cuidado, apontando a arma para a porta principal à espera que o padre surgisse uma última vez.

Depois de escapar do tiro de Leon e assassinar os cães, MacGee deu a volta na casa enquanto o padre dava ordens aos homens. Encontrava-se a poucos metros da porta da frente, ainda protegido pela vegetação, e sentiu que a situação estava controlada: o caseiro, desesperado com os animais mortos, trazia-os, um por um, do bosque; os dois seguranças tinham ido para o lado oposto ao que ele se encontrava agora. A única ameaça era o padre, que estava dentro de casa, possivelmente com Elizabeth. Segundo as

instruções que tinha dado a Botkin, em segundos o padre estaria morto. Tudo isso lhe daria pelo menos cinco minutos para sequestrar Elizabeth. Era tempo mais do que suficiente. Preparou-se para galgar a distância que o separava da porta quando sentiu as costas e o peito arderem. Não percebeu o que tinha acontecido. Instintivamente levou a mão ao local, próximo do coração, e sentiu um líquido viscoso entre os dedos, antes das suas pernas fraquejarem e cederem. Tombou para diante. Os joelhos bateram contra o chão com uma força inesperada e ele tentou manter-se ereto, com a mão apertando o peito. A dor espalhou-se rapidamente pelo corpo. Cada vez que respirava a dor aumentava, latejando até se tornar insuportável. Tudo escureceu à sua volta e o corpo cedeu, puxado pela gravidade. Quando MacGee tombou, desamparado e de uma vez, não sentiu o rosto batendo na terra, pois já havia perdido a consciência e não pôde ver os dois homens que surgiram às suas costas, no local de onde partira o tiro silencioso que o tinha ferido.

Daniel sentiu o celular vibrar no bolso das calças, sob a batina negra. Estava fechado no sótão com Elizabeth, tentando acalmá-la, depois de ter lhe contado que os cães haviam sido envenenados. Ele percebia que ela estava apavorada, apesar do esforço que fazia para se controlar. A impressionante tranquilidade de Daniel a ajudava, mas também a perturbava: seu comportamento era frio, destituído de emoção.

Ele afastou-se dela para atender o telefone enquanto a observava. Apesar das semelhanças, era muito diferente da mãe. Ele sempre tivera por Angelina um afeto fraternal, o mesmo que tentava sentir por Elizabeth, mas ela tinha algo que o inquietava: ficar perto dela despertava os seus sentidos. Viu-a apertar as mãos até ficarem quase brancas e percebeu que lutava contra as lágrimas. Não devia ser fácil lidar com a perda do pai, a morte violenta da mãe, o dom ainda desconhecido, e um possível assassino em seu encalço, naquele lugar remoto.

Desligou o telefone depois de ter murmurado algumas palavras e voltou a aproximar-se dela. Sentiu-se invadir por uma onda de ternura e lutou contra o desejo de acariciar seu rosto. Quando ficou na frente dela, já havia controlado aquela emoção.

— Leon e Náder atiraram num homem. Ele está muito ferido.

— Não ouvi outro tiro — estranhou.

— Eles usaram o silenciador — explicou Daniel. — Preciso descer, mas

quero que fique aqui.

— Não. Vou descer com você. Já feriram o intruso, o que mais pode acontecer?

— Ele pode estar acompanhado — comentou Daniel, olhando-a diretamente nos olhos.

— Vou com você! — respondeu com uma firmeza que não deixava espaço para nada. Ela havia posto a vida nas mãos dele. Daniel sentiu o peso da responsabilidade, e embora estivesse habituado a lidar com situações muito mais difíceis que aquela, proteger Elizabeth lhe pareceu, naquele instante, uma missão complicada, por desejar que nada acontecesse com ela.

— Mantenha-se atrás de mim — instruiu-a, descendo as escadas.

Assim que abriu a porta da frente, Daniel ouviu um silvo e sentiu um impacto no corpo, seguido de uma dor aguda. Cambaleou, lutando para manter o equilíbrio, e precisou de todo seu treinamento para devolver a verticalidade ao corpo. Elizabeth gritou quando viu o sangue espalhar-se pelo peito dele, e avançou, mas ele levantou o braço mantendo-a à distância e, protegendo-a, simultaneamente. Leon chegou correndo, deixando Náder ajoelhado ao lado do desconhecido, pressionando a ferida para tentar estancar a hemorragia. Leon empurrou Elizabeth de volta para casa e arrastou Daniel pelo braço, tirando-o da mira de Botkin.

— Chame uma ambulância! — disse Leon para Elizabeth, enquanto tentava ver a ferida, mas Daniel parecia ter se recuperado naqueles segundos.

— Estou bem — falou com fenomenal autocontrole, apesar do sangue continuar correndo pelo peito. — Levem o homem para a área de serviço, com cuidado. Temos que salvá-lo para descobrir o que pretendia. Eu só preciso de alguns minutos.

Leon concordou com a cabeça e foi para junto de Náder. Precisava manter o ferido vivo.

— Elizabeth, preciso da caixa dos primeiros socorros. — Daniel pareceu ordenar mais do que pedir, indo rapidamente para o banheiro do térreo. Ela abriu um armário e entregou-lhe o estojo. Ele pediu que saísse. Ela relutou, mas ele empurrou-a suavemente e trancou a porta. Despiu a batina e tirou a gola de padre, atirando as duas peças na cadeira que ficava em um dos cantos. Olhou-se no espelho e viu a imaculada camisa branca tingida de vermelho do lado esquerdo, próximo da clavícula. Abriu os botões e, ao afastar o tecido, percebeu que o sangue já começara a coagular ali. Analisou o ferimento: era superficial. A bala tinha raspado a carne sem perfurar

nenhum osso ou danificar o músculo. Desinfetou a ferida com gestos precisos e desenvoltos, como alguém habituado a lidar com situações semelhantes. Estancou o sangue que ainda corria, na parte de trás do ombro, por onde tinha saído a bala, usando o espelho para guiar-se, e fez o curativo. Em poucas horas estaria totalmente cicatrizado. Vestiu-se rapidamente, ajustou a gola branca e saiu do banheiro. Elizabeth esperava por ele, pálida, sentada no chão e encostada ao batente da porta.

— Preciso que vá para o sótão — pediu Daniel, segurando-a pelas mãos geladas. — Eu acompanho-a até lá. Venha.

Ela seguiu-o em silêncio, presa pelas mãos mornas dele, sentindo seu calor aquecê-la.

— Espere por mim aqui. Eu já volto — disse com um carinho que a confortou. Ela concordou em silêncio e se fechou novamente no sótão.

Tudo tinha acontecido muito rápido e agora ele não conseguia perceber se o alvo daquele tiro tinha sido ela ou ele. Talvez tivessem tentado matá-lo para chegar até Elizabeth, pensou Daniel enquanto saía pela porta da frente, sem temor, e se dirigia para a parte posterior da casa, acreditando que, naquela altura, o plano dos assassinos, qualquer que fosse, tinha sido cancelado.

O homem estava deitado no chão e sangrava abundantemente no peito, ferido pelo tiro disparado por Leon, que se redimira por ter falhado da primeira vez. Leon e Náder tinham conseguido levá-lo para o banheiro da área de serviço, com a ajuda de Juan, ainda muito abalado com a morte dos cães.

Daniel observou atentamente o ferido e disse para Náder:

— Leve a arma e vá com o Juan. Vasculhem os terrenos e vejam se encontram o cúmplice. — Daniel viu que os dois se afastavam, e se concentrou no ferido. — Leon, enquanto a ambulância não chega vamos tentar tratar o ferimento. Viu se ele está armado?

— Estava com uma faca e a pistola. Não tinha mais nada. Nem sequer documentos — respondeu Leon indicando com o queixo as armas que estavam sobre a mesa da área, mantendo a pressão sobre o peito do homem.

MacGee recuperou a consciência embora se mantivesse imóvel, paralisado com a dor. Naquele momento tudo parecia confuso e enevoado. Viu o padre se inclinando sobre ele, e percebeu que estava cortando sua roupa com uma tesoura, para avaliar o ferimento. A bala tinha entrado pelas suas costas e

saído pelo peito, rasgando tudo na sua passagem.

Daniel percebeu que o homem o observava, e perguntou com tranquilidade fria, ignorando seu estado grave:

— Vai me contar o que está fazendo aqui ou vou ser obrigado a descobrir?

MacGee olhou para Daniel e, pela primeira vez, enfrentou seus olhos cinzentos e gelados de perto. Sabia que estava terrivelmente ferido e não podia revelar nada, não por lealdade à mulher que o instruíra para ir até ali, mas ao homem que estava por trás do sequestro de Elizabeth. MacGee convivia com a maldade, mas ao ver o padre tão próximo soube que havia uma força maligna naqueles olhos de aço e que, apesar da batina, era um homem que conhecia a escuridão, e não hesitaria perante qualquer obstáculo até conseguir alcançar os seus objetivos. Tentou responder, mas a voz se negava a sair. Ele refletira muito ao longo dos anos e não tinha dúvidas sobre sua decisão em uma circunstância como aquela.

Daniel sabia que o homem estava à beira da morte, mas acreditava que se conseguisse mantê-lo vivo até a ambulância chegar, ele talvez se salvasse. Avisou Leon:

— Vou buscar a caixa de primeiros socorros.

Leon olhou para o padre se afastando e aquele instante foi o suficiente para o homem enfiar uma minúscula cápsula na boca. Aquele seria seu último gesto, realizado com os resquícios da sua força e lucidez. A cápsula estalou com uma mordida, libertando o conteúdo letal e, em segundos, MacGee começou a ter convulsões. Leon gritou:

— Padre, aconteceu alguma coisa com ele.

Daniel voltou com passos largos e ao se aproximar reconheceu o inconfundível cheiro das amêndoas amargas:

— Cianeto de potássio. O mesmo veneno que matou os cães. Ele devia ter uma cápsula...

Leon não sabia o que fazer, vendo o homem debater-se horivelmente, ansiando por uma morte rápida que avançava pelo seu corpo de forma dolorosa.

— O que vamos fazer? — questionou Leon ansioso para acabar com o sofrimento do homem.

— Nada. É uma morte rápida, mas terrível. Não temos o antídoto. Fique com ele até... acabar — respondeu, irritado.

Daniel subiu as escadas do sótão e bateu na porta:

— Elizabeth, sou eu.

A porta abriu, de imediato.

— O que aconteceu? Quem era?

— Não sabemos ainda quem era. Tentei tratar o ferimento, mas ele suicidou-se.

— Como? — perguntou, descendo as escadas, e se dirigindo para o escritório.

— Com uma cápsula de cianeto.

— E agora?

— A ambulância está chegando, mas temos que chamar a polícia.

Daniel telefonou para Manuel Bardas, um amigo de Arturo que conhecera anos antes. Bardas tinha trabalhado em Madri, mas no ano anterior assumira o cargo de chefe da polícia de Zamora. Daniel descreveu os acontecimentos, sem omitir qualquer detalhe.

Botkin percebeu que o plano tinha dado errado assim que o padre recobrou o equilíbrio. Decidira ferir o padre, em vez de matá-lo, mas quando viu o segurança aproximar-se dele, soube que algo acontecera com MacGee. O segurança não deveria estar ali, e aquilo o deixou em estado de alerta.

Esperou alguns minutos, procurando MacGee com o telescópio da arma, até ver os dois seguranças carregando um homem ferido. Reconheceu MacGee, e ele não parecia nada bem. Observou o ferimento no seu peito, quase no coração, e calculou que já devia estar morto. Sua jaqueta estava totalmente empapada de sangue.

Apesar de não possuir a maturidade de MacGee, Botkin compreendeu que naquele episódio funesto ocorreram dois erros: o primeiro foi seu, por não ter atirado no padre na primeira oportunidade, eliminando-o de uma vez, como combinado; o segundo foi de MacGee por não contar com a excelência profissional de Leon e Náder, que perceberam em que direção ele tinha se deslocado, independentemente das pistas falsas deixadas no terreno para induzi-los em erro, e afastá-los da casa.

Botkin tinha que apagar todos os vestígios da presença deles. Guardou a arma e foi para o carro alugado em Madri, com nome falso. Caminhou em ritmo acelerado por quinze minutos, entre as árvores, descendo o monte até chegar à estrada de terra que serpenteava junto do lago. MacGee tinha escondido o carro atrás de alguns arbustos, tornando-o invisível. O sol desaparecia e quando Botkin chegou ao esconderijo do carro e afastou os

arbustos, já era quase noite.

Ele e MacGee já tinham feito o *check-out* do hotel naquela manhã, e todos os objetos pessoais estavam no carro. Não havia como ligá-lo a MacGee: tinham ficado em hotéis diferentes e não foram vistos juntos.

Só lhe restava sair da aldeia enquanto a polícia ainda estivesse ocupada. E foi sua rapidez que o salvou: minutos depois teria sido impossível deixar a região sem que a polícia o tivesse parado em uma das blitz montadas. Botkin usou a rota de fuga que MacGee havia planejado para levar Elizabeth, e desapareceu da face da Terra.

A ambulância chegou e dez minutos depois dois carros da polícia estacionaram na frente da casa. Bardas espalhou os homens pela propriedade para ver se descobriam algo que tivesse escapado a Juan e Náder.

Daniel esperava-o, próximo ao corpo do desconhecido:

— Bardas, como vai? Há quanto tempo não nos víamos.

— É, mas parece que foi ontem. Você continua igual. Os anos não passam para você — comentou Bardas abraçando-o afetuosamente. — Mas você está ferido?

— Não foi nada. Já fiz o curativo.

— Não... Não! Eles vão vê-lo — disse Bardas apontando para os paramédicos que continuavam em volta do corpo do agressor. Mas aquilo era tudo o que Daniel não queria que acontecesse: que alguém observasse seu ferimento.

— Não é necessário. Estou bem — afirmou, colocando a mão sobre o ombro de Bardas para enfatizar as palavras, enquanto mudava o foco da conversa. — Como está tudo por aqui?

— Aparentemente tranquilo, mas este episódio vai criar alguma agitação. Sabe como é... Em lugares pequenos, isto é um prato cheio. E eu que pensava que essas cápsulas eram coisa de espiões russos do passado e tinham ficado esquecidas na Guerra Fria.

— Eu pensava o mesmo, se bem que as mortes por cianeto de potássio não foram tantas. O que se criou foi um grande mito à volta disso. É uma morte rápida, mas muito dolorosa.

— Alguma ideia sobre os motivos do suicídio?

— Não sei, Bardas. Acredito que ele se viu sem saída, e deve ter tido ordens para se suicidar caso isso acontecesse. É um comportamento antigo,

que se popularizou entre extremistas. Você sabe! Este homem deve pertencer a uma organização com princípios muito rígidos.

Bardas meneou a cabeça e perguntou:

— Notou algo diferente nele?

— Não demonstrou medo, mas acho que não esperava encontrar resistência. Pode ser que seja um assassino. Talvez fosse interessante ver se a Interpol tem alguma coisa sobre ele.

— Documentos?

— Nada.

— O que acha que ele veio fazer aqui? — questionou Bardas, incisivamente.

— Não sei, embora acredite que o suicídio não foi apenas para proteger a organização ou quem o contratou, foi também para não revelar o que veio fazer aqui, permitindo que outra pessoa termine o trabalho. Eram dois agressores, como contei ao telefone. Ele estava armado, e as suas intenções eram certamente as piores — comentou Daniel.

— Concordo. Mas contra quem? Só vejo aqui dois alvos potenciais: você e Elizabeth.

— Eu não sou. Garanto, Bardas.

— Mas atiraram em você. Como pode garantir isso com tanta segurança? — indagou o chefe da polícia curioso, com os olhos brilhantes.

— Só há cinco pessoas fora daqui que sabem onde eu estou, neste momento. Portanto, seria muito difícil eu ser o alvo.

— Quem são essas pessoas?

— Amigos íntimos... Alessia, Seth, Uchoa, Dib e Kent.

— Alessia, eu conheço bem. Ela morou aqui. E Kent, é o “corvo”? — perguntou Bardas, esboçando um sorriso astuto.

— Sim — respondeu Daniel devolvendo a expressão, de forma que Bardas entendesse, pois remetia aos tempos em que se conheceram.

— Alguém pode tê-lo seguido — insistiu Bardas.

— Isso não faz sentido. Não há motivo e, além disso, se alguém quisesse assassinar-me não viria até a Espanha. Podia fazê-lo em São Paulo, onde é muito mais fácil e barato.

— Pode ser para despistar — continuou Bardas, que não abandonava uma teoria até ter esgotado todas as possibilidades.

— Não. Eu garanto.

— Então resta Elizabeth — comentou, mudando o ângulo da sua análise.

Daniel assentiu em silêncio. Obviamente isso era algo que já sabia, mas não podia revelar a Bardas porque ele faria perguntas às quais não podia responder. Restava-lhe então orientá-lo para que ele chegasse a essa conclusão e começasse a investigar a identidade do assassino. Bardas era extremamente curioso e tinha um raciocínio lógico desenvolvido pelos vários anos na polícia e, em particular, pelas investigações realizadas em células especiais da Europol, um órgão de cooperação entre serviços policiais e aduaneiros dos países da Comunidade Europeia. Mas estava com sessenta e três anos e desejava alguma tranquilidade para compensar os tempos turbulentos que vivera durante sua carreira. Desde o ano anterior, após insistência de sua mulher, tinha conseguido a transferência para Zamora, mas, em certos dias, sentia falta da agitação. Aquele suicídio acontecera na hora certa, pensou ele com ironia. Pelo menos teria algo para investigar e isso já era suficiente para animá-lo.

— O que disse a seu respeito também se aplica a Elizabeth. Podiam matá-la em São Paulo — disse Bardas pensativo.

— É verdade... A não ser que além de Elizabeth, eles tenham vindo à procura de mais alguma coisa — insinuou Daniel habilidosamente, fazendo Bardas morder a isca.

— O que quer dizer com isso?

— Arturo deixou uma coleção de antiguidades e documentos valiosos no sótão. Tem peças de valor incalculável. Pode ser isso. Mas poucas pessoas sabem. E o sótão é uma verdadeira fortaleza. Tem alarme, porta blindada...

— O alarme eu sei. Está ligado à polícia. Quantas pessoas saberiam disso, dessa coleção?

— Não sei. Arturo era muito discreto — respondeu Daniel, pensando que aquilo manteria Bardas ocupado e faria com que o responsável pelo incidente permanecesse quieto, pelo menos em Puebla de Sanabria.

— Então o suicida era um potencial ladrão e um potencial assassino...

— Ou sequestrador. Talvez seja bom não excluir essa hipótese.

Bardas pensou uns segundos e respondeu:

— Isso sim... Parece mais lógico. Se ele queria alguma coisa, a melhor forma de conseguir era sequestrando Elizabeth. Por aqui toda a gente sabe que a família lhe deixou muitos bens. Pode ser uma explicação — removeu pensativo, já começando a desenvolver uma hipótese. — Bom, vamos ver o morto! Onde está Elizabeth?

— No escritório, com Maria. Com a morte recente de Arturo achei que era

muita coisa...

— Fez muito bem — concordou Bardas, protetor, dirigindo-se à maca onde o suicida já estava coberto por um lençol. Levantou a ponta do lençol e comentou, para Daniel:

— Devia ter uns quarenta, não?

— Sim.

— As mãos estão muito bem tratadas. Reparou? Manicure.

— Reparei.

— Vamos até lá em cima — disse Bardas soltando a ponta do lençol, com o queixo erguido em direção ao sótão. — Mas antes deixe-me instruir o pessoal que está na delegacia: temos que varrer os hotéis e a região antes que o outro criminoso desapareça.

Bardas percebeu, mesmo sem tocar nas caixas, que estava perante um tesouro de valor inestimável, como Daniel dissera. Andou pelo sótão com passos miúdos enquanto pensava. Deu três voltas pelas estantes, lendo aleatoriamente as etiquetas. Caminhou de um lado para o outro, com o rosto fechado e as mãos atrás das costas — um gesto que lhe era habitual quando estava envolvido com algum assunto intrigante. Quando parou, Daniel soube que ele tinha desenvolvido uma teoria. Bardas olhou para Elizabeth e perguntou de supetão:

— Quantas pessoas tiveram ou têm acesso ao sótão?

— Só meu pai e agora eu.

— Como funcionam os códigos de acesso?

— Estão guardados no banco, e são trocados duas vezes por ano.

— Quem os troca?

— Temos um aparelho que gera os códigos aleatoriamente. O código de acesso tem oito dígitos. A porta é de aço e as janelas também têm grades de aço. No interior da estrutura das paredes também há aço, como se fosse um *bunker* — informou Elizabeth de forma concisa.

— Mas parece tudo madeira — comentou Bardas, avaliando atentamente as paredes.

— Meu pai mandou revestir com madeira para não descaracterizar a arquitetura da casa. Em caso de emergência o sótão funciona como um *quarto do pânico*.

— Quem fez este projeto?

— Não sei.

— Eu sei — interrompeu Daniel, com os braços cruzados sobre o peito. — Foi uma empresa americana. Eles trouxeram o material e a mão de obra dos Estados Unidos. Parece pouco provável que tenha havido fuga de informação por aí. Além de ser uma empresa respeitável, assinaram um contrato de confidencialidade e nenhum dos funcionários viu nada, porque os objetos só vieram para cá depois do sótão terminado. Arturo trouxe tudo em um carro forte.

— Como sabe tudo isso padre? — perguntou Elizabeth impressionada com o conhecimento detalhado de Daniel sobre as melhorias realizadas no sótão.

— Seu pai me contou. Ele tinha uma grande preocupação com a segurança dos objetos, mais pelo seu valor sentimental e histórico do que propriamente pelo valor financeiro. Que eu saiba, nunca foi feita nenhuma avaliação formal. Os únicos objetos que Arturo mandou avaliar foram as joias, mas estão no banco, em Zurique, não é Elizabeth?

— Sim — respondeu ela, cada vez mais espantada com a intimidade de Daniel em relação aos assuntos da sua família. — Meu pai me levou lá, há dois anos... São joias sofisticadas, da família da minha mãe. Mas eu não uso esse tipo de joias.

— Quem sabe das joias e da existência destas coisas aqui? — questionou Bardas caminhando devagar até o centro do sótão.

— Nós, Alessia e meus advogados. Sobre o sótão também sabem os caseiros e os seguranças, mas nenhum deles faz ideia do que está guardado aqui. Açam que são objetos pessoais, coisas da minha mãe. Na verdade, nem eu sabia o que estava aqui até esta semana.

— Então a lista é muito reduzida, não é padre? — perguntou Bardas, olhando para Daniel.

— Temo que sim. Mas tenho certeza que vai descobrir quem arquitetou tudo.

— Não tenho dúvidas. Não há nada mais excitante do que um bom desafio — concordou Bardas.

— O que quer dizer? Que tudo isto tem a ver com uma tentativa de assalto? — perguntou Elizabeth, sentindo alívio.

— Talvez. Teremos que investigar e explorar várias hipóteses — informou Bardas.

— E quais seriam?

— Ainda não sei. É muito cedo para falar nisso — respondeu Bardas,

descendo as escadas.

Ao chegarem à porta da frente, perceberam que a ambulância e um dos carros de polícia já haviam partido. Os policiais não tinham encontrado nada suspeito na propriedade, durante aquela primeira busca. Bardas despediu-se e, ao entrar no carro, perguntou a Daniel:

— Vão ficar aqui muito tempo?

— Voltamos amanhã para São Paulo. Algum problema?

— Não, não... seu celular é o mesmo?

— Sim.

— Eu ligo. Vamos mantendo contato. Boa viagem Elizabeth — acenou com a mão, enquanto o carro se afastava lentamente.

A noite já havia se instalado sobre a casa e o lago parecia uma lâmina negra e brilhante. Daniel perguntou, com delicadeza:

— Quer que eu fique aqui hoje?

— Preferia. Pode ser? — respondeu Elizabeth ainda assustada e frágil.

— Amanhã viajamos para Madri muito cedo... — Daniel comentou, e ficou pensativo por alguns segundos, antes de decidir. — Vou ao hotel buscar a mala.

— A Maria vai preparar algo para comermos quando voltar — disse Elizabeth.

Daniel assentiu com a cabeça e afastou-se para instruir Leon e Náder:

— Volto, no máximo, em uma hora. Chamem o Juan e fiquem atentos. Leon, por favor, fique com Elizabeth até eu voltar.

Elizabeth aproveitou a ausência de Daniel para ir ao cofre do escritório buscar as demais cartas que o pai escrevera. Viu os envelopes lacrados com as datas: 13 de dezembro/2009; natal/2009; 1 de janeiro/2010 e 17 de fevereiro/2010. Não sabia quando voltaria e decidiu levá-los consigo. Fez as malas e guardou o caderno de orações da mãe junto das cartas. Desceu para a sala, e esperou por Daniel, sempre acompanhada pela sombra silenciosa de Leon.

Maria preparou uma sopa cremosa de ervilhas verdes, acompanhada de pão torrado, queijo de ovelha, manteiga, chá e biscoitos de aveia. Pôs a mesa e em seguida arrumou o antigo quarto do padre Bento, enquanto resmungava impropérios contra a fascinante beleza de Daniel. Era capaz de jurar que todo

aquele sangue derramado na casa tinha sido causado por ele, que atraía o mal, como um ímã. Ficara escandalizada quando espreitara pela janela, horas antes, e vira Daniel abandonar o homem à morte, sem fazer sequer o sinal da cruz. Não importava se ele era ou não um criminoso; na hora da morte todos são filhos de Deus e têm direito ao perdão, pensava Maria, dominada por seu espírito cristão. E o padre nem lhe dera a extrema unção. Maria tinha cada vez mais dúvidas sobre aquele padre. E agora ele ia dormir ali, para proteger Elizabeth. Mas Elizabeth é que precisava ser protegida da presença dele, resmungou entredentes. Maria tinha uma intuição terrível sobre aquele homem, e precisava avisar Elizabeth. Nenhum padre que se preze abandona as pessoas na hora da morte, pensou aterrorizada, arrumando o quarto com gestos bruscos.

— Obrigado, Maria — disse Daniel suavemente, na entrada do quarto.

Maria soltou um grito estridente que ecoou pela casa, colocando todos em polvorosa, mais uma vez naquele dia. Leon e Elizabeth correram até ela, assustados, enquanto Juan, esbaforido, estancava abruptamente à porta do quarto, seguido de Náder. A cena era insólita: Maria estava paralisada, branca como cera, com os olhos arregalados, fixos em Daniel, como se ele fosse uma figura do além. Em contrapartida, Daniel com um sorriso angelical, entrava tranquilamente no quarto para pousar sua mala na cadeira junto à janela. Elizabeth aproximou-se de Maria e perguntou:

— O que aconteceu?

Ela respondeu, gaguejando sob o efeito do susto:

— O padre... O padre...

— O padre o quê? — ajudou Elizabeth.

— O padre... Apareceu aqui. Aqui! — apontou para a porta fazendo o sinal da cruz.

Houve um suspiro de alívio generalizado e Elizabeth não conseguiu evitar o riso:

— Maria você estava distraída e não o viu chegar.

— Não. Ele apareceu de repente. Ouvi a voz dele como se viesse do além — fez de novo o sinal da cruz.

Juan entrou no quarto e aproximou-se dela. Sabia da cisma de Maria com o padre, mas aquilo era demais. *Já não basta a morte dos cães, agora o padre também vem do além! Onde já se viu?*, pensou Juan, tentando tranquilizá-la:

— Maria, eu estava na porta da frente quando vi o padre chegar e passar pela menina Elizabeth na sala, antes de subir. Você estava distraída e não o

ouviu... — insinuou, tentando acabar com aquilo, antes que ela dissesse mais barbaridades.

Maria respondeu, quase refeita do susto:

— Eu sei muito bem o que vi e ouvi — deu uns passos miúdos e aproximou-se de Daniel, que continuava junto à janela com um sorriso divertido. — Eu só quero dizer uma coisa: eu sei quem o senhor é. Eu sei!

— Maria, desculpe se te assustei. Não tinha intenção — retorquiu, olhando-a fixamente, para mostrar que estava arrependido do susto involuntário que tinha lhe pregado. Maria hesitou uns segundos, perturbada com a transparência hipnótica do olhar dele. — Por favor, aceite as minhas desculpas.

Todos olhavam para Maria sem compreender o que se passava. Até Juan duvidava dela e das forças obscuras que ela pressentia no padre. Virou as costas a Daniel sem responder e desceu as escadas batendo os pés raivosamente contra o chão. Todos saíram atrás dela. Elizabeth ficou a sós com Daniel:

— Foi um dia intenso. Por favor, desculpe-a.

— Não se preocupe com isso... Ela realmente se assustou. Estava compenetrada pondo as almofadas na cama. Não me viu chegar e, quando eu disse “obrigado”, ela entrou em pânico...

— Deixemos isso. Vamos jantar? — disse para minimizar o incidente, ao sair do quarto.

Foi um jantar silencioso. Elizabeth foi dormir cedo: estava exausta. A forma como sua mãe morrera, associada ao estresse do terrível incidente daquela tarde fizeram-na compreender que não estava segura e precisava se proteger. Qualquer pessoa podia estar à espreita, esperando uma oportunidade para atacá-la, pensou apavorada.

7. O castigo

O amor é um castigo. Somos punidos por não termos podido permanecer sós.

Marguerite Yourcenar (1903-1987)

Às cinco da manhã, Daniel fez uma refeição frugal sob o olhar atento de Maria. Ela continuava achando que o padre se materializara no quarto, na véspera, e agora já parecia ter estranhos poderes que permitiam que atravessasse paredes e caminhasse sem tocar o chão.

— Esse padre é do outro mundo — tinha dito convictamente a Juan que, intimamente, começava a suspeitar da sanidade mental dela. Pensou que a morte violenta daquele estrangeiro e dos cães poderia ter afetado o julgamento da mulher e tinha esperança que aquela cisma com o padre passasse quando ele fosse embora.

Daniel, indiferente aos tenebrosos pensamentos que suscitava em Maria, estava pronto para enfrentar a longa viagem entre a Espanha e o Brasil. Elizabeth, pelo contrário, continuava exausta. Quando Maria se despediu dela, enfiou um pequenino saco de pano, costurado com ervas, no bolso do casaco enquanto murmurava ao seu ouvido:

— É para protegê-la na viagem — Elizabeth abraçou-a e agradeceu, sabendo que Maria queria protegê-la de Daniel.

Leon dirigiu até Madri, com Nader ao seu lado. Elizabeth estava tão cansada que dormiu a maior parte da viagem, com um sono pesado que lhe

permitiu recuperar as forças. Acordou revigorada, pouco antes de chegarem a Madri. Daniel perguntou, como se estivesse vigiando seu sono:

— Descansou?

— Sim, obrigada. Estava realmente cansada — justificou.

— Ontem não foi um dia fácil — reconheceu, com doçura.

Elizabeth disse, atormentada pelos acontecimentos da tarde anterior, parecendo que as suas dúvidas tinham maturado durante o sono:

— Preciso saber o que aquele homem queria. Era por minha causa?

— Acredito que sim. Mas Bardas vai investigar — tentou tranquilizá-la.

— O que poderia querer de mim? O mesmo que queriam de minha mãe? — perguntou com a voz um pouco alterada.

— Não creio. Você ainda não desenvolveu seu dom. Só depois os riscos serão maiores. Por enquanto está protegida — assegurou, com calma.

— Se não é por causa do meu dom, o que pode ser?

— Não sei — respondeu com sinceridade, consciente de que precisava descobrir as razões por trás do comportamento do agressor. Ela ficou silenciosa por um momento, antes de pedir:

— Gostaria de saber mais sobre a família do meu pai. Pode falar sobre eles?

— A história da família do seu pai é muito, muito complicada — afirmou, com uma gargalhada luminosa. Sabia que ela não estava preparada para ouvir a história de Arturo. Elizabeth olhou-o novamente fascinada com o riso dele, que parecia ofuscar tudo em volta. Pressentiu que estava se apaixonando por ele: um padre católico, amigo de seu pai, e que era seu tutor. Mas aquele pressentimento era um aviso tardio.

— Está bem, Elizabeth? — perguntou Daniel, alheio à revolução que se passava dentro dela.

— Desculpe... Distraí-me.

— Alguma razão especial? — insistiu, como se agora soubesse o que estava acontecendo no interior dela. Ela corou ligeiramente, traída pelos sentimentos, e pensou envergonhada: *Juízo! O homem é padre, por amor de Deus! Padre.*

— Não, padre — respondeu tentando controlar a atração que sentia por ele.

— Falávamos da família do seu pai — recordou.

— Eu sei... Dizia que era complicada. Mais complicada do que a família da minha mãe?

— Muito mais. Nem imagina quanto. Vamos deixar isso para outra hora —

fez uma pausa, e continuou, ainda sorrindo, porém mudando de assunto. — Mas se quiser, podemos falar da família da sua mãe.

— Quero. Por favor — recostou-se no banco do carro, virando o rosto para ele, à espera.

— Temos mais de onze horas de viagem pela frente. Acho que vai dar tempo para que comece a compreender algumas coisas. Explico assim que entrarmos no avião — sugeriu, sedutor. Elizabeth tremeu perante o sorriso suave e, por um instante, pensou novamente que Maria podia ter algum fundo de razão em sua cisma: aquele padre tinha uma beleza suspeita. Ele percebeu o tremor:

— Está com frio?

— Não... Estou bem, obrigada.

Em Madri, foram direto para o aeroporto. Elizabeth não percebeu que, ao sair do carro, perdeu o pequeno sachê que Maria lhe havia dado.

Fizeram o check-in e tomaram um café enquanto aguardavam o voo.

— Está quase na hora. Vamos? — disse Daniel consultando o relógio de pulso, e fazendo um sinal discreto aos seguranças, ao apontar sutilmente em direção à porta que dava acesso ao avião. Eles posicionaram-se na fila, atrás de Elizabeth, enquanto Daniel avaliava discretamente o ambiente, à procura de algo suspeito. Não encontrou nada.

O voo não estava cheio. Daniel e Elizabeth eram os únicos ocupantes da classe executiva. Leon e Náder estavam na primeira fila da classe econômica e podiam vê-los sempre que a cortina que separava os dois ambientes se abria.

Assim que o avião decolou, Elizabeth perguntou, sem conter uma ponta de ansiedade:

— Então, padre?

Daniel pensou um instante, organizando internamente as informações, e começou a falar:

— Esse dom especial que você tem, e de que já falamos um pouco, foi responsável pela morte da sua mãe e também da sua avó.

Elizabeth fitou-o perplexa e perguntou, sem ter assimilado ainda as palavras dele:

— Minha avó também foi assassinada?

— Sim — respondeu lacônico, pois se preparava para contar mais uma

história dramática. — A família dos seus pais era francesa. Os seus avós maternos, Claude e Anabelle, descendiam de famílias aristocráticas. Seu avô era um talentoso engenheiro, mas era também um aventureiro de personalidade forte, cujo comportamento fugia aos padrões da época. Ele conseguiu convencer sua avó a acompanhá-lo para os confins da África, e aquela decisão estremeceu um pouco as relações com o resto da família. Apesar das resistências, eles foram para o Quênia em julho de 1950. Sua mãe nasceu no ano seguinte...

— Dia 15 de abril de 1951 — interrompeu, provocando um breve sorriso em Daniel. Estar tão próximo dela, durante tantas horas, começou a parecer contraproducente: Elizabeth estava provocando uma efervescência em seu corpo que ele não queria nem tinha intenção de alimentar. Controlou-se, com esforço, e continuou o relato:

— O parto foi muito difícil e algumas complicações quase levaram ambas à morte. Por isso sua avó escolheu um nome que protegesse sua mãe: Angelina em latim significa “descendente de anjo”. Pouco depois, sua avó começou a sonhar com leões brancos e por mais que seu avô insistisse que não havia leões brancos por ali, aquele sonho se tornou recorrente. Anabelle sabia que estava relacionado com sua mãe. O certo é que, com o tempo, ela criou um verdadeiro horror a leões.

Elizabeth pensou nos seus próprios sonhos com leões ameaçadores, de olhos dourados, garras e dentes afiados. Mas não interrompeu Daniel. Naquele momento, sua curiosidade era maior do que o desejo de partilhar seus sonhos violentos. Daniel continuou falando no mesmo tom tranquilo, distante dos pensamentos dela:

— Durante algum tempo, seu avô construiu estradas e pontes pelo Quênia, enquanto sua avó ficava na fazenda com sua mãe. Ela tinha o hábito de cavalgar todas as manhãs e, desde muito cedo, Angelina começou a acompanhá-la. Quando sua mãe tinha três anos, Anabelle, grávida de dois meses, caiu do cavalo e perdeu o bebê. Ela jurou que um leão assustou o cavalo, mas ninguém, além dela, viu o leão. E apesar de Claude assegurar que era impossível, e que havia sido apenas uma projeção de seus medos, a partir daquele dia fatídico, Anabelle deixou de andar a cavalo e o terror foi aumentando até que ela abandonou a fazenda e nunca mais voltou. Seu avô vendeu o lugar e comprou uma casa com um enorme terreno em volta, próxima de Nairóbi. Nos anos seguintes, sua mãe e sua avó dividiram-se entre Paris, onde sua mãe estudava, e Nairóbi, onde passavam as férias com

seu avô.

— Minha avó deixou de sonhar com os leões?

— Não.

— E o que é que ela sonhava?

— Que os leões a atacavam e feriam sua mãe.

— E não havia como parar de sonhar? Ir para outro lugar, não voltar para a África?

— Os sonhos eram independentes do lugar, e como envolviam a família, Anabelle nunca conseguiu decifrá-los, embora sentisse que pressagiavam algo terrível.

— Mas ela sonhava também com outras coisas, não é?

— Sim, e os seus sonhos tinham uma precisão absurda. Ela recebia muitos pedidos, principalmente por carta, para ver o futuro.

— E meu avô? O que é que achava de aquilo tudo?

— Sua avó contou a verdade desde o início do relacionamento. Na família da sua mãe ninguém falava abertamente sobre o assunto, mas sabiam que era necessário perpetuar o poder de ver nos sonhos. Isso era alimentado pela pureza da linhagem e, em todas as gerações, havia um casamento consanguíneo, ou seja, entre primos do primeiro grau. Sua avó tinha o dom e por isso deveria casar com um dos seus primos, mas, como só tinha duas primas, pôde casar-se com Claude, sem resistências da família e sem quebrar regras ancestrais.

— Minha bisavó também tinha o dom?

— Todas as suas antepassadas tinham.

— As primas da minha avó ou da minha mãe também tinham?

— Não. Há apenas uma pitonisa em cada geração e todas são da sua linhagem direta. O dom era só da sua mãe, sua avó, sua bisavó, trisavó e assim por diante...

— E eu tenho que casar com alguém? — perguntou, confusa, lembrando que Arturo sempre dissera que eles não tinham mais familiares.

— Não. Você é a última da sua linhagem. Na verdade, é a última descendente tanto do seu pai quanto da sua mãe — disse devagar, por saber o peso enorme que as suas palavras tinham.

— Não existe mais ninguém da minha família? — repetiu Elizabeth, com dificuldade em aceitar aquela solidão genética.

— Não — mentiu Daniel, sem intenção de contar toda a verdade, pelo menos naquele momento.

— Tinha esperança de ter alguns primos por aí. Mas não há ninguém, é isso? — insistiu ela.

— Não.

— E como foi que as famílias da minha mãe e do meu pai desapareceram?

— Por enquanto vamos falar só da família da sua mãe. Em outra ocasião falaremos de Arturo. Pode ser assim? — Elizabeth percebeu, de novo, a ternura na voz dele. Sentiu que ele queria mostrar que conhecia aquela solidão e sabia o significado de não ter pais, irmãos ou algum familiar, alguém que tivesse uma gota do seu sangue nas veias. Ela moveu a cabeça em um gesto de assentimento e se aproximou mais dele, buscando proteção. Ele sentiu o calor do corpo dela junto do seu braço, como uma brasa que antecede uma fogueira, mas não se afastou, e continuou falando:

— Quando a sua mãe nasceu, foi decidido que ela se casaria com Antoine, seu primo.

— Minha mãe devia se casar com o primo dela? — estranhou.

— Devia. Ele era filho do único irmão da sua avó Anabelle. Assim que sua mãe nasceu, selaram o compromisso. Quando ela tinha dois anos e Antoine quatro, aconteceu a cerimônia de “promessa de núpcias”, um ritual em que uniram os pulsos deles com uma fita de seda marfim, simbolizando os futuros laços sagrados do matrimônio. Aos quinze anos de Angelina e dezessete de Antoine, renovaram o compromisso na cerimônia dos “laços pré-nupciais”. Os seus pulsos foram novamente unidos com fitas de seda branca e vermelha, simbolizando pureza e paixão, e eles passaram a usar uma aliança de ouro, herdada das gerações anteriores, no anelar da mão direita. Aos dezoito anos Angelina ficaria noiva e aos vinte e um seria o casamento. Todas as etapas do ritual eram rigorosas e detalhadas: os noivos sempre vestiam roupa branca, o chão era forrado por pétalas de rosa da cor das fitas de seda que uniam seus pulsos, a sala era iluminada somente por luz de velas — centenas delas, e apenas a família mais íntima podia participar. E jamais, em circunstância alguma, podia ser derramada qualquer gota de sangue, porque seria um mau presságio. Por isso, durante os dias das cerimônias os noivos eram completamente protegidos, para que não houvesse possibilidade de se ferirem.

— Mas ela não casou com Antoine... — murmurou Elizabeth, sem compreender.

— Sua mãe foi a primeira a quebrar a tradição do casamento consanguíneo na sua família, uma prática com centenas de anos. Um ritual muito antigo.

— O que aconteceu? Meu pai nunca falou sobre isso. — Elizabeth tinha a voz toldada pela apreensão crescente, e intuiu, novamente, que o pai ocultara mais informações.

— Angelina conheceu Arturo aos dezessete anos, em Paris, em uma festa beneficente organizada pelo embaixador inglês, Sir William Groover. Desde o primeiro olhar, souberam que viveriam uma história épica. E apesar de não terem pronunciado uma palavra além dos seus nomes, dançaram três músicas seguidas, até sua avó intervir para lembrar que Antoine desejava dançar com a futura noiva. A contragosto Arturo deixou-a ir, mas passou o resto da noite em um canto do salão, sem afastar os olhos dela, um só segundo.

— E minha avó?

— Ela percebeu o que estava acontecendo e ficou muito irritada. A família era reduzida e Angelina e Antoine eram os únicos da sua geração, o que era mais um motivo para que o casamento se realizasse.

— Mas não se realizou! — exclamou Elizabeth.

— Não. Arturo descobriu onde Angelina estudava e, apesar dos cuidados da sua avó, que desde o início rejeitou seu pai, eles criaram um sistema de correio. Escreviam-se duas ou três vezes por semana, às vezes mais, durante sete anos.

— Essas cartas ainda existem? Gostaria de ler — afirmou Elizabeth.

— Seu pai guardou-as numa caixa, no sótão da Casa do Lago. Sua mãe separou-as em blocos amarrados com fitas de cetim coloridas.

— Eu não as encontrei no sótão. Mas talvez estejam na seção de papéis, que ainda não pesquisei — deduziu Elizabeth.

— Sim — concordou Daniel. — Voltando à história... Depois daquela primeira noite, eles se encontraram em alguns eventos, mas sua avó não permitia que seu pai se aproximasse. Seis meses após o primeiro encontro, antes de Angelina completar dezoito anos, houve um baile de máscaras, beneficente. Nessa noite, Anabelle, distraída pela presença de Claude, recém-chegado do Quênia, não percebeu o desaparecimento de Angelina no meio da profusão de máscaras.

— E Antoine?

— Ele não tinha ido ao baile. Coincidência ou não, parecia que o destino maquinava a favor dos dois, e seu pai não perdeu aquela oportunidade. Arrastou sua mãe até os jardins. Sentaram-se em um banco afastado, no meio das flores, e ele confessou que não conseguia viver sem ela e nada fazia sentido se não a visse. Mas, em poucos dias, sua mãe ficaria noiva de

Antoine, e em três anos casaria com ele. Ela propôs que fugissem juntos.

— E fugiram?

— Não. Seu pai era muito sensato e queria que tudo acontecesse da maneira certa. Mas todas as pessoas próximas do seu pai o desaconselharam a casar com sua mãe. Ele tinha muito a perder. Muito mais do que Angelina. Mas muito mais mesmo! — enfatizou, sem poder revelar a essência daquele segredo, por ele ser a essência do futuro dela.

— Ninguém queria que eles ficassem juntos. Por que os amigos do meu pai eram contra o casamento?

— Ele teria que fazer uma escolha difícil e abdicar da vida que tinha para poder ficar com sua mãe. Ele tinha que abdicar de tudo, para casar com ela — enfatizou Daniel novamente. — Mas Arturo nunca teve dúvidas desde o primeiro instante em que a viu. De certa forma, todos sentiam um pouco de inveja do amor que os unia. Eles pareciam invencíveis. Quem os visse, sabia que morreriam um pelo outro. E sabia, também, que era inevitável que eles terminassem juntos, mesmo que isso deixasse um rastro de destruição à sua volta.

— E isso aconteceu? Eles destruíram tudo para ficarem juntos? — perguntou Elizabeth com uma pontada de angústia, enquanto Daniel continuou a história mantendo seu ritmo, como se não tivesse escutado.

— Sua mãe ficou noiva, e nesse dia, em que ela completou dezoito anos, Arturo foi para a Costa do Marfim iniciar uma nova vida, para poder casar com ela mais tarde. Deixou para trás os velhos hábitos e a segurança que tinha conquistado com os anos e começou a construir uma casa. A casa perfeita, na fazenda, aonde você viria a nascer.

— Mas minha mãe estava noiva...

— Estava, e quando fez vinte anos, um ano antes da data prevista para o casamento com Antoine, Arturo bateu à porta do seu avô, em Paris, e pediu a mão dela. Sua avó quase teve uma síncope. Era uma mulher dramática, mas era também a única que pressentia realmente o que estava para acontecer. Disse ao seu pai que ele era um demônio, que tinha vindo destruir a família e que nunca mais o queria ver. Sua mãe entrou na discussão, ameaçou sair de casa e abandonar tudo. Argumentou que Anabelle tinha casado por amor e ela também casaria. Não acreditava nas superstições da família e não casaria com Antoine. Seu avô achou melhor que todos acalmassem e continuassem a conversa noutro dia, com a cabeça fria.

— E meu pai, o que respondeu?

— Seu pai só disse que queria casar com Angelina. Não pronunciou mais uma palavra e quando seu avô falou, ele apenas inclinou a cabeça e saiu, com toda aquela calma que lhe era peculiar. Sua mãe contou depois que, assim que a porta se fechou atrás de Arturo, a casa caiu. Literalmente. Claude estava furioso e concordava com Anabelle que o compromisso com Antoine tinha que ser honrado. Mas Angelina não se abateu e falou dos seus sentimentos por Arturo. Falou da forma como as suas almas se tocavam, da união dos seus corações, da única vez em que ele acariciou o rosto dela, no banco do jardim, da pureza e da castidade daquele amor que era a razão para ela acordar todas as manhãs e dava sentido à sua vida.

— Que lindo... — murmurou Elizabeth, emocionada.

— Os seus avós se comoveram, embora não tivessem demonstrado naquele dia. Anabelle pressentia em Arturo uma força indecifrável, e sabia que a união dele com Angelina, apesar do amor que os unia, iria causar um banho de sangue. Sempre que tentava sonhar com Arturo, os seus sonhos eram puro negrume. Não via nada e, por isso, não conseguia saber o que poderia acontecer. E quando sonhava com Antoine via sangue, um mar de sangue. Anabelle achou que aqueles dois fatos estavam interligados porque só depois de Arturo aparecer é que passou a sonhar com Antoine despedaçado. Mas Angelina manteve-se firme no seu amor e na sua convicção de mudar o destino. Depois de dias de conversa, pedidos e negociações, Angelina conseguiu que os pais entendessem a impossibilidade do casamento com Antoine. Anabelle avisou-a que aquilo mudaria o destino da família, porque o pacto do equilíbrio estava sendo rompido pela primeira vez em muitas gerações. Os seus avós deixaram claro que sua mãe seria a responsável por explicar à família, e em especial a Antoine, que não haveria casamento, e só após tudo resolvido é que ela voltaria a ver Arturo. Na noite em que Angelina rompeu com Antoine, as previsões de Anabelle concretizaram-se, e a reduzida família da sua mãe desintegrou-se. Antoine era apaixonado por ela e sua mágoa foi tão profunda que os pais dele acharam melhor levá-lo para uma temporada nos Alpes Suíços. Durante a viagem, aconteceu um acidente terrível e morreram todos, três dias depois do fim do noivado.

— Meu Deus! Que tragédia! E minha mãe? — perguntou Elizabeth, assaltada por um arrepio. Daniel percebeu e aproximou-se um pouco mais, tentando protegê-la.

— Ela sentiu tanta culpa que se enclausurou em casa por um ano e meio, sem pronunciar uma palavra. Parou de escrever e ler as cartas do seu pai.

Deixou-as amontoar sobre o criado-mudo, ao lado da cama, onde passava o tempo com o olhar vazio, assombrada pela culpa de não ter amado Antoine o suficiente, e pela culpa de amar Arturo em excesso. Chegou um momento em que Claude e Anabelle acharam que só Arturo poderia salvá-la. Seu avô foi à Costa do Marfim contar ao seu pai e ele veio para Paris, onde ficou quase um ano. Durante os seis primeiros meses visitava Angelina todos os dias, sem conseguir arrancá-la do mutismo em que se fechara. Sentava-se no sofá e conversava com ela sobre todos os assuntos que possa imaginar: da literatura às viagens, da culinária às peculiaridades culturais, das banalidades ao exotismo. Falava de religiões e história. Foi durante esses longos monólogos e a insuperável persistência do seu pai para resgatar sua mãe das sombras que Anabelle conheceu a alma luminosa de Arturo e viu o amor que ele sentia por Angelina. Isso fez com que ela aprendesse a amar o homem que amava sua filha, e esse amor apaziguou os seus medos e demônios.

Elizabeth tentou engolir as lágrimas que teimavam em saltar dos seus olhos, e por mais que tentasse se controlar, não conseguia. Daniel falava docemente, e aquelas palavras, quase poéticas, revelaram a intensidade do amor dos seus pais, em pleno voo sobre o Atlântico.

— Um dia, sem aviso, Angelina olhou para Arturo e começou a falar, como se aquele ano e meio de silêncio não tivesse existido e, nela, não restasse o mais leve sinal de trevas. Mas ambos sabiam que fora o amor que a resgatara da escuridão. E os seus avós também sabiam.

— E quando eles casaram?

— Nessa época sua mãe estava com quase vinte e dois anos e decidiram esperar até ela terminar os estudos que tinha interrompido. Depois ela foi para o Quênia, enquanto Arturo terminava de organizar a nova vida. Sua mãe quis celebrar o noivado no dia do seu vigésimo quarto aniversário, mas sua avó disse que as datas comemorativas têm que ter seu próprio dia e que misturar vários eventos no mesmo dia confundia o destino. Marcaram o noivado para o início do verão e Anabelle preparou a festa de aniversário mais fabulosa que Nairóbi jamais tinha visto. Foi gente até de Paris. A festa parecia um casamento. Só faltava o vestido de noiva e o bolo. Foi nesse dia que Arturo beijou Angelina pela primeira vez.

— Não posso crer! Não é possível — comentou Elizabeth, rindo.

— É verdade! — reforçou Daniel com um sorriso terno.

— Quer dizer que eles nunca tinham se beijado? É incrível!

— Acredite — Daniel fez uma pausa, aproximou-se até seu rosto ficar a

centímetros do dela, e fez mais uma revelação. — Seu pai era padre até conhecer sua mãe, e só conseguiu libertar-se dos votos dias antes do noivado. Foi um processo longo e difícil, muito difícil.

Elizabeth estremeceu na cadeira do avião, mais perturbada pela proximidade de Daniel do que pela revelação de que o pai havia sido padre.

— Padre? Como você? — perguntou, gesticulando as mãos para disfarçar o desejo que começava a apossar-se do seu corpo.

— Sim. Como eu! — reafirmou Daniel, tão próximo dela que podia sentir seu hálito morno. Agradava-lhe cada vez mais estar perto dela, quase a tocá-la.

— Isto é demais. Todos os dias há uma revelação, um mistério. Que família complicada — encostou-se no assento, afastando-se um pouco dele, para evitar revelar seu desejo.

— A festa de noivado foi em agosto de 1975 e o casamento foi marcado para março de 1976. Mas aquele dia foi, simbolicamente, o dia do casamento. Havia uma alegria contagiante e todos estavam felizes. Até Anabelle, transformada em uma verdadeira admiradora de Arturo, esqueceu os leões que a assombravam. Estava tudo irrepreensível, da comida à decoração.

— Disse que o noivado foi simbolicamente o dia do casamento deles... Por quê?

— Aquele dia foi o mais próximo de uma festa de casamento que os seus pais tiveram. Lembra-se que eles optaram por uma cerimônia simples, não é? Viu as fotografias?

— Sim.

— Depois do noivado, Arturo combinou com seus avós que o Natal seria na Costa do Marfim e, no final da primeira semana de dezembro, sua mãe viajou para lá. Seus avós iriam uma semana depois, mas, infelizmente, os medos de Anabelle se concretizaram.

— O que aconteceu?

— Eles foram brutalmente assassinados no dia 13 de dezembro de 1975. Alguém abriu o peito de Anabelle e arrancou o coração. Seu avô foi esfaqueado e em seguida os corpos dos dois foram despedaçados por um leão.

— Um leão? Eles não moravam perto de Nairóbi? — perguntou tentando entender.

— Sim. E por mais estranho que pareça, dessa vez os empregados viram um leão no local.

— E o assassino? Descobriram quem foi?

— Não, mas os cortes na sua avó eram iguais aos de Angelina. Foram mortes rituais muito parecidas, com objetos rituais. Pelo menos no caso da sua mãe, o punhal é ritual. Sempre achamos que havia uma ligação entre os dois acontecimentos, daí a apreensão do seu pai em relação a você — disse Daniel, tentando parecer tranquilo para não assustá-la mais do que ela já estava. Podia perceber um tom levemente mais agudo na voz dela, que denunciava o medo.

— Pode ter sido o mesmo assassino? O que Leon matou? — perguntou com a garganta seca, como se as palavras estivessem coladas dentro dela e arranhassem quando as pronunciava.

— Pode, e tudo indica que foi. Ele era queniano, lembra-se?

— Isso é cada vez mais estranho!

— Sem dúvida. Alguém matou sua avó, sua mãe, e pode estar atrás de você — disse com firmeza, para ela perceber o perigo que a rondava. Não queria que Elizabeth entrasse em pânico, mas ela precisava ter consciência de que corria risco de morte. — Esse era o maior temor do seu pai e talvez agora compreenda o zelo dele com sua segurança.

Ela acenou a cabeça, enquanto pensava que aquele dom que pendia sobre ela, à espera de se revelar, estava mais próximo de uma maldição do que de uma bênção.

— Fala sempre como se o assassino fosse um homem. Tem alguma suspeita?

— Não — mentiu Daniel. — Mas vamos descobrir. Agora tente descansar um pouco.

Daniel pediu um cobertor à aeromoça e aconchegou-a com carinho, como se ela fosse uma boneca. Elizabeth reclinou a cadeira para tentar dormir, mas a presença dele ao seu lado era difícil de ignorar. Com os olhos fechados, estendeu a mão, tateou até encontrar a mão dele pendendo do braço da cadeira, e entrelaçou os dedos. Ele cerrou os olhos e inclinou a cabeça contra o encosto saboreando o contato morno da mão dela. Ficaram em silêncio e ela adormeceu, sabendo que ele estava ali, a uma distância de poucos centímetros.

Daniel olhou para ela, entregue ao sono, desprotegida, e sentiu um aperto no peito. Perguntou-se até onde iria sua força para levar adiante o planejado, e roubar o futuro que talvez ela tivesse imaginado e alimentado durante anos.

8. Objetos mágicos

Que é o mal, senão o bem atormentado pela própria fome e pela própria sede?

Khalil Gibran (1883-1931)

Daniel despediu-se de Elizabeth com um beijo apressado na testa, e dirigiu-se, com passos rápidos, até um carro preto, à porta do aeroporto. Apesar da curiosidade, ela não conseguiu ver os ocupantes do veículo através dos vidros quase negros, cobertos com insulfilme. Foi para casa esgotada pelos acontecimentos da viagem, pelas revelações que Daniel fizera, e pela tensão constante que começava a sentir junto dele, naquela luta silenciosa de querer calar a voz interior que o tornava um homem possível e não um padre intocável.

Alessia recebeu-a, no apartamento, com um abraço reconfortante, e convidou:

— Venha para a cozinha. Encontrei um chá de jasmim especial — sorriu, descontraída, e continuou falando enquanto servia o chá. — Os chineses acreditam que o jasmim é uma planta mágica, que abre os caminhos da espiritualidade e ajuda a equilibrar o *Chi*, a energia vital. Antigamente só os imperadores e os nobres bebiam chá de jasmim. Descobri que existem mais de quinhentas espécies de plantas. Consegue imaginar?

— Realmente é bem mais suave que os outros que costumamos beber. Não tem aquele gosto amargo no final. É delicioso — confirmou Elizabeth após provar o chá. — De que marca é?

— Não tem marca. Althea, minha velha amiga, o descobriu em uma das suas viagens. Comprou de um produtor no interior da China.

Elizabeth sentiu o corpo relaxar sem saber se era por estar em casa, em um espaço seguro, ou se era o efeito do chá. Talvez o chá tivesse mesmo propriedades mágicas.

— E como está se sentindo depois de tudo o que aconteceu na Casa do Lago? — perguntou com o olhar atento.

— Emocionalmente esgotada — desabafou.

— Não é fácil ter que lidar com a perda de Arturo e a verdade sobre a morte da sua mãe, ao mesmo tempo que um desconhecido ataca sua casa...

— Além disso, durante a viagem descobri que minha avó também foi assassinada. — disse com um tom de tristeza e, simultaneamente, de apreensão.

— A história da sua família é dramática — confirmou Alessia, antes de perguntar: — O Daniel está ajudando, não é?

— Sim... — Elizabeth fez uma pausa que Alessia não deixou escapar.

— O que é, então? Parece incomodada — insistiu, alerta.

— Há muitos mistérios. Padre Daniel falou sobre a origem do punhal que matou minha mãe. A morte dela está associada a uma esmeralda que pertenceu ao rei Salomão e faz parte das lendas do Graal. É impressionante... Simplesmente não consigo acreditar!

— Vamos pensar nisso amanhã — interrompeu Alessia, sabendo que ela estava abalada.

— Sabe o que é pior?

— Não, querida.

— Sou capaz de jurar que isto é apenas a ponta do iceberg...

— Por quê? — perguntou Alessia, sabendo que ela estava correta.

— Não sei. Sinto aqui dentro — explicou, colocando a mão aberta sobre o estômago.

— Venha, vamos dormir. Você precisa de uma boa noite de sono — tentou tranquilizá-la.

Alessia acompanhou Elizabeth ao quarto, beijou-a no rosto e foi para a sala de TV. Ficou ali, olhando para a tela colorida sem conseguir prestar atenção ao filme, e pensando na reunião que Daniel tinha pedido que organizasse para a noite de 6 de novembro. Faltavam três dias, mas ela já tinha organizado tudo, faltava somente avisar Elizabeth. Arturo deixara uma herança terrível, e Daniel teria que preparar Elizabeth para enfrentar um caminho de solidão

onde certas escolhas podiam ter um preço alto demais, e ser pagas com a vida.

Às sete da manhã, Daniel, mal refeito da viagem da véspera, acordou com o toque irritante do celular.

— Daniel? Sou eu, Bardas. Acordei-o?

— Sim, mas já estava na hora. Novidades? — perguntou amistoso, enquanto se levantava, vestindo apenas uns boxers de cetim preto, e atravessava o apartamento ricamente mobiliado, para chegar à cozinha. Ligou a máquina de café e fez um expresso com a mão direita, enquanto segurava o telefone com a esquerda, meio tonto de sono.

— Segui seu conselho sobre a Interpol, mas usei um atalho: telefonei a um amigo. O suicida chamava-se John MacGee, quarenta e dois anos, suspeito de ter assassinado dez pessoas, só nos últimos dois anos.

— Isso dá uma boa média: cinco mortes por ano. E antes disso? — questionou Daniel, depois de beber um gole de café amargo e forte, com as costas apoiadas no balcão de mármore frio que separava o fogão e o lava-louça do espaço da copa, decorada com uma mesa de madeira e quatro cadeiras impecáveis, dos anos 1940.

— Nada. Pagava impostos, frequentou escolas em Londres, sem incidentes. Nunca teve trabalho fixo. Órfão, foi criado por uma tia solteira. O pai morreu na prisão, jurando até o fim que era inocente, e a mãe seguiu-o pouco tempo depois. Parece que virou assassino, mas nunca ninguém provou coisa nenhuma. Interrogaram-no quatro vezes: duas na Alemanha, uma em Londres e outra na Antuérpia, mas não conseguiram nada. *Niente! Zip!*

— Alguma descoberta sobre a conta bancária?

— Aberta há dez anos, em Munique, e recheada. Dois milhões de euros, um milhão e meio depositado em dinheiro, pelo próprio, nos últimos dois anos.

— É consistente com pagamentos suspeitos. E o perfil das vítimas?

— Essa é a parte interessante: suspeita-se que matou dois jovens herdeiros ingleses, um banqueiro alemão, a esposa de um empresário e a de um secretário de Estado, ambos ingleses, três empresários russos e dois franceses, descendentes de aristocratas.

— Como? — questionou, assimilando rapidamente toda a informação de Bardas.

— Três desastres de carro e dois de moto, dois caíram de prédios e um de uma ponte, e dois acidentes desportivos: um estava esquiando e outro praticando natação.

— Muito sofisticado! E por que suspeitam que foram assassinados?

— Há vários denominadores comuns: todos foram sequestrados. Nas vinte e quatro horas seguintes ao sequestro houve um pedido de resgate, e as vítimas foram mortas quarenta e oito horas depois do desaparecimento. O mais interessante é que as autópsias revelaram quantidades elevadas de tetrodotoxina na corrente sanguínea de todos eles; quantidades suficientes para incapacitá-los, mas não para matá-los.

— Tetrodotoxina... O veneno extraído do baiacu.

— Sim, o peixe responsável pela morte de três ou quatro pessoas por ano, no Japão. Mas mesmo aqui, na Europa, não é difícil encontrar esse veneno — explicou Bardas

— Ele paralisa as vítimas e pode matá-las entre vinte minutos e oito horas — disse Daniel, pensativo. — Então o assassino usava o veneno para paralisar as pessoas e depois simulava os acidentes. Isso não faz muito sentido.

— Não — concordou Bardas.

— Para quê dar-se ao trabalho de simular os acidentes, se podia matar com o veneno? A polícia sabia que eles haviam sido sequestrados porque foi pedido um resgate e, na autópsia, o exame toxicológico revelaria que tinham sido envenenados com tetrodotoxina. Qual a lógica do acidente nesse contexto? — inquiriu Daniel.

— Ainda ninguém conseguiu explicar isso — confessou Bardas.

— Tenho uma teoria... — murmurou, aguçando imediatamente a curiosidade de Bardas.

— Qual?

— Pelo que percebemos em Puebla de Sanabria, você está lidando com duas pessoas. Pode tratar-se de um sequestrador, que tentava obter informações das vítimas e as incapacitava com a tetrodotoxina, e um assassino que se livrava delas posteriormente, com acidentes simulados. Talvez para ganhar tempo...

— A teoria dos dois assassinos explicaria a presença de MacGee nas cidades dos crimes, e os seus álibis perfeitos para as horas dos acidentes. Foi por isso que não conseguiram prendê-lo.

— Então a pessoa que está livre talvez seja o verdadeiro assassino. E pode

ser a mesma que atirou em mim.

— Estou impressionado! — reconheceu Bardas, sem ocultar a admiração pela rapidez com que Daniel formulou uma hipótese que permitia explicar os assassinatos e, simultaneamente, associá-los a John MacGee. — E já que falou em quem o atingiu, como está o ferimento?

— Estou bem. Não foi nada. — Com exceção da pequena cicatriz no ombro que denunciava o tiro, Daniel já não sentia dor.

— Ainda bem.

— O que pediam as notas de resgate? — perguntou, mudando de assunto, para não se alongar no tema do seu ferimento.

— Aí tudo fica ainda mais singular: não pediram dinheiro, apenas objetos. Cada nota de resgate tinha a descrição de um objeto.

— Eram objetos diferentes?

— Apenas dois. Pensamos que ele tinha uma lista de potenciais proprietários e percorreu os nomes até encontrar quem os tinha. Em alguns casos houve mais de um assassinato por família. Acreditamos que sequestrou os familiares para pressionar, porque foram seis famílias e dez assassinatos. A investigação está sendo conduzida por uma força tarefa especial, com profissionais de vários países. Os detalhes têm sido mantidos fora das primeiras páginas dos jornais. Essa é a situação atual.

— Cruzaram as datas dos depósitos bancários e as dos assassinatos, para ver se coincidem? — questionou Daniel, voltando ao assunto das finanças de MacGee, acreditando que o dinheiro podia ser a pista mais segura para desvendar aquele caso.

— Sim, e é por isso que MacGee se tornou o melhor suspeito. A morte dele nos levou para um beco sem saída. Temos que estabelecer alguma conexão com quem mandou fazer isto. A boa notícia é que estou oficialmente no caso — anunciou Bardas, entusiasmado.

— Que objetos eram? — inquiriu Daniel, metódico.

— Um cálice e um anel.

Daniel ficou em silêncio por um instante, pensando calmamente, antes de perguntar:

— Pode me enviar a descrição dos objetos e a lista vítimas? Talvez eu possa ajudar...

— Ajudar como? — quis saber Bardas, incapaz de conter sua insaciável curiosidade.

— Sabe que sou um estudioso de objetos místicos! — afirmou, fazendo

com que Bardas recordasse aquele detalhe. — Acho que esses objetos têm uma finalidade simbólica importante. Se descobrirmos isso, chegamos mais rápido ao responsável e aos motivos por trás do crime.

— Só você para pensar no lado místico das coisas. — Bardas sorriu, antes de concordar com Daniel. — Pode ser que tenha razão! Vou enviar as listas. É o mesmo e-mail?

— Sim — respondeu Daniel, sorrindo, ao lembrar que dez anos antes, a pedido de Arturo, ajudou Bardas a resolver um misterioso assassinato que deixara Madri em polvorosa. Foi também nessa ocasião que Bardas conheceu Kent, um estudioso de rituais religiosos e mágicos. Apelidou-o de *corvo*, por Kent ser alto, magro e andar sempre de preto. Juntos, descobriram o responsável pela morte de uma menina de catorze anos, encontrada sem uma gota de sangue, com duas marcas no pescoço, semelhantes às das histórias de vampiros.

Alejandra, filha de um respeitado industrial local, era uma aluna brilhante, que se dedicava à caridade e se preocupava com os desfavorecidos. Desapareceu numa sexta-feira fatídica, entre a porta da escola e o carro do pai, em um percurso de cem metros, que atravessava o jardim do colégio, cheio de árvores e recantos floridos. Foi encontrada um dia depois de seu desaparecimento, no jardim em frente à escola, deitada sobre um dos bancos, com o uniforme do colégio, e as mãos cruzadas sobre o peito. O médico legista descobriu que as mãos e os pés da jovem foram amarrados com largas fitas de couro, e seu sangue drenado lentamente, com ela viva. As marcas estavam sobre a jugular, o único local por onde o sangue se esvaía.

Sua morte provocou grande comoção e ninguém compreendia o motivo do assassinato: Alejandra era a imagem da caridade e da pureza. Bardas era o responsável pela investigação e, depois de quinze dias sem pistas sobre o crime, tropeçou com Arturo, e contou os detalhes escabrosos do caso que comovera a cidade por sua brutalidade. Arturo propôs a colaboração de dois amigos, especialistas em rituais, objetos místicos e religiões.

— Eles trabalham juntos, e complementam-se — disse Arturo.

— O que é que eles fazem mesmo?

— Você quer dizer, a profissão?

— Sim.

— Daniel é um padre católico e Kent é um rabino — informou Arturo rindo, por saber que apesar de ser difícil surpreender Bardas, aquela informação seria, certamente, inesperada.

— Não tenho nada a perder. Mas isso é uma surpresa: um padre e um rabino juntos... No desespero em que estou, qualquer ajuda divina é bem-vinda — respondeu, cansado.

— Vou chamá-los. Eles não estão na Espanha, mas devem chegar depois de amanhã.

— Como pode ter tanta certeza?

— A curiosidade deles sobre temas dessa natureza é enorme — respondeu Arturo, seguro.

E foi assim que se conheceram e descobriram que o assassino de Alejandra, Paco Fuentes, acreditava que ao beber o sangue de uma jovem virtuosa, na lua cheia de agosto, manteria a juventude. Em sua casa descobriram um altar tenebroso onde sangrava as vítimas. Dizia que tinha cento e cinquenta e sete anos e fizera um pacto com o diabo: enquanto ele realizasse o ritual, uma vez por ano, e eliminasse a bondade do mundo, manteria sua juventude e riqueza. Paco parecia uma versão assustadora, embora mais moderna e piorada, de Fausto.

Um ano após sua prisão, uma misteriosa doença matou-o em menos de uma semana. Quando Daniel e Kent foram visitá-lo, nos seus últimos dias de vida, encontraram um velhinho trêmulo, de idade avançada, incompatível com o vigoroso homem de quarenta anos que ele era. Morreu enrugado como um papiro, com as mãos manchadas do sangue de mais vinte vítimas conhecidas. O caso ficou conhecido como o “Vampiro das Virgens”.

Elizabeth acordou quase na hora do almoço e, assim que entrou na cozinha, Alessia avisou-a que Daniel viria falar com ela às quatro da tarde. Manteve-se serena quando ouviu o nome dele, mas interiormente sentiu uma explosão de alegria.

Alessia tinha preparado uma refeição ligeira com salada de folhas verdes, *risotto* de abóbora, e framboesas geladas com creme batido. Depois do almoço, enquanto Elizabeth bebia um café, o celular tocou. Era um número desconhecido:

— Sim?

— Olá Elizabeth. É o Miguel. Quase destruí seu carro... Lembra?

Ela se surpreendeu, sem imaginar que ele telefonaria.

— Não esperava ouvi-lo.

— Queria saber como estava depois de tudo o que aconteceu. Disse que ia

viajar por duas semanas... Calculei que já tivesse voltado.

— Estou bem, obrigada.

— Gostaria de convidá-la para a inauguração de uma exposição na próxima sexta à noite — disse, sem dar tempo para ela pensar.

— Acabei de chegar, e ainda não sei como está minha agenda — respondeu hesitante. — Posso responder depois?

— Tenho a certeza de que vai gostar. É arte baulé, da sua terra — insinuou, sedutor.

Ela surpreendeu-se com o convite, principalmente por se tratar de algo tão próximo das suas origens. Lembrou-se da elegante máscara baulé guardada entre os objetos da sua mãe.

— Como sabe que é da minha terra? — questionou, intrigada.

— Vi nos seus documentos, lembra? — afirmou, bem-humorado.

— Sim... Posso retornar mais tarde? — perguntou com algum formalismo, sem saber o que fazer, ainda sob o efeito da surpresa.

— Claro. Eu espero — falou tranquilo, com a voz leve, e desligou.

Elizabeth olhou para Alessia e comentou:

— Era o Miguel, com quem tive o acidente de carro. Convidou-me para ir a uma exposição dos baulé, acredita? Que coincidência.

— Não há coincidências — afirmou Alessia com a testa franzida, antes de perguntar: — Quando?

— Depois de amanhã. Na sexta.

— Não pode — respondeu, abruptamente.

— Por quê?

— Temos um compromisso. Vai conhecer uns amigos do seu pai.

— Amigos do papai? Como? Nem sequer me perguntou se eu queria...

— Digamos que é uma obrigação social, Elizabeth.

— Não vou — afirmou, irritada, por Alessia ter tomado aquela decisão sem avisar.

— Então discuta isso com Daniel esta tarde — respondeu Alessia com suavidade, tentando ainda controlar a raiva que o telefonema de Miguel havia provocado.

Elizabeth tremeu ao ouvir o nome dele, mas continuou questionando, para não se expor:

— O que é que ele tem a ver com isso?

— Ele vai lhe dizer que algumas dessas pessoas viajaram até aqui só para vê-la. Eram muito próximas do seu pai.

Elizabeth fez uma pequena pausa, antes de responder:

— Lembrei que o padre Daniel me falou de uns amigos do papai, mas não sabia que ia vê-los já na sexta-feira — concluiu, contrariada, saindo da mesa.

— Sugiro que não aceite o convite do... Miguel — disse Alessia com uma ponta de desprezo, que passou despercebida a Elizabeth, agora mais preocupada com o novo compromisso que envolvia Daniel do que com qualquer outra coisa. Mas o episódio incomodou Elizabeth, deixando a sensação de não estava no controle da sua vida.

Telefonou aos amigos para marcar um jantar no dia seguinte. Precisava afastar-se um pouco daquele mundo denso, de mitos e mortes trágicas. Apesar de ser um pouco em cima da hora, todos se organizaram para jantar. André chegaria atrasado por estar de plantão no hospital. Elizabeth descobriu, entretanto, ao falar com Ana, que Jorge convenceu Beatriz, com quem tivera um caso no Rio, a desistir de visitá-lo em São Paulo. Em seguida trocou o número do celular e teve um trabalhão para avisar todos, contou Ana rindo. Quando desligaram, Elizabeth se perguntou quando é que Ana e Jorge iriam perceber que estavam apaixonados um pelo outro.

Daniel recebeu a lista das vítimas assassinadas por John MacGee e a descrição dos objetos. Em seguida ligou para Kent, com quem já discutira o assunto:

— Já tenho as listas.

— Ainda está em casa?

— Sim — respondeu Daniel.

— Chego em cinco minutos... Até já.

Kent e Daniel moravam em prédios que ficavam de frente um para o outro, separados apenas por uma rua com pouco trânsito. Quando a campainha tocou, Daniel já estava na porta, sorridente. Abraçaram-se com afeto.

— Vamos tomar um café — convidou Daniel.

— Tomar café? Ainda nem almocei. Não tem nada decente para comer?

— Sanduíche — respondeu, mas ao ver a careta no rosto de Kent, justificou-se. — Não tive tempo para ir às compras. Você foi me buscar no aeroporto ontem à noite, lembra?

— Aceito o sanduíche. Pode parar de reclamar. — Kent, muito à vontade, foi para a cozinha, abriu a geladeira e começou a preparar os ingredientes. — Mostre as listas.

Daniel pegou duas folhas de papel e virou-as para Kent, uma de cada vez, sobre a bancada da cozinha. A listagem dos assassinados não lhe despertou curiosidade imediata, mas ao ver a descrição dos dois objetos, estacou de repente. Largou a fatia de pão em cima do prato, e começou a ler a segunda folha com cuidado:

Cálice do século I, em madeira, com uma fina cintura de prata.

Anel do século X. a.C., em ouro maciço, com um hexagrama na parte superior.

Apesar da descrição dos artefatos ser vaga, os seus proprietários saberiam imediatamente do que se tratava, e era suficiente para que especialistas como Kent e Daniel os identificassem sem dificuldade alguma. Eram dois dos objetos que compunham a Tríade do Graal, formada pelo Cálice de Cristo, o Livro Sagrado, e o Anel de Salomão, que estava sem a esmeralda de Lúcifer, agora engastada no punhal sob a proteção deles, desde o assassinato de Angelina.

Kent leu várias vezes. Olhou para Daniel com cumplicidade e perguntou, tenso:

— Tem certeza de que é isto mesmo?

— Tenho.

— Mostre-me novamente a lista das pessoas.

Daniel fez deslizar a lista sobre o mármore da bancada da cozinha com a ponta dos dedos. Kent leu os nomes de família, dessa vez vagarosamente e comentou:

— Faz sentido. Há rumores de que todas essas famílias tinham ou tiveram esses dois objetos. Parece-me que o assassino começou por sequestrar algum familiar ou o proprietário e ao perceber que não tinham os objetos matava-os. E quando conseguiu os itens, também é possível que os tenha assassinado para evitar que falassem.

— Essa é, basicamente, a teoria de Bardas.

— Ele já sabe o significado dos objetos?

— Ainda não. Mas talvez seja conveniente dizer o que são. Assim ele começa a pensar em um colecionador de relíquias. Alguém ligado ao ramo de antiguidades. O que acha?

— Inteligente. Isso afastaria a investigação de qualquer um de nós. Inclusive de... você sabe... — murmurou Kent com resistências em pronunciar o nome que o atormentava.

— E ganharíamos tempo para tentarmos recuperar os objetos, se é que isso

é possível. Acha que o Cálice e o Anel já estão com o mandante dos assassinatos e do incidente da Casa do Lago?

— Parece-me óbvio. Os primeiros seis nomes da lista estão associados ao Cálice, e os outros quatro nomes estão ligados ao Anel. E a seguir o assassino foi atrás de Elizabeth, porque deve saber que ela é a chave para conseguir a esmeralda.

— Mas como saberia isso? — perguntou Daniel, como se falasse para si mesmo.

— Para ter essa informação precisaria saber que temos o punhal. Quantas pessoas sabem isso? Teria que ser alguém associado, de alguma forma, à morte de Angelina — insinuou Kent.

— Sei o que está pensando. Mas não é necessariamente assim — retorquiu Daniel, sereno. — Apesar de termos ocultado a existência do punhal, as informações circulam, as pessoas falam.

— Ninguém sabia, Daniel. Só pode ser Besson — insistiu Kent, dessa vez dizendo o nome.

— Precisamos ter cuidado com nossas teorias. Basta um rumor para desencadear a caçada a um objeto desta magnitude. Não podemos afirmar que é Besson. É possível que seja, mas não sabemos. No entanto, o responsável por isto sabe, com certeza, que sem a esmeralda o anel não serve para nada. Só não entendo uma coisa: se a pessoa tem o Cálice para que precisa da esmeralda? — questionou Daniel, pensativo.

— É realmente estranho. Será que não conhece o ritual do Cálice? Seria uma ironia, não é? Ter um objeto desses na mão e não saber o que fazer com ele! — riu Kent com um prazer sádico, pois ambos sabiam que cada um dos objetos do Graal tinha um secreto poder místico.

— Alguma coisa não bate nisso tudo. Uma pessoa que tenha o Cálice não precisa da esmeralda — murmurou Daniel.

— Talvez precise. Quanto menos pura for a pessoa mais difícil deve ser: mais objetos deverão ser necessários e mais violentos serão os rituais. Pode ser isso, não?

— Pode ser — respondeu Daniel, sem estar convencido. — Precisamos descobrir que rituais são esses porque o Graal só consagra os puros. Desde que isto tudo começou, esta é a primeira vez que sabemos quais são os passos seguintes desta trama: virão atrás de Elizabeth para conseguir o punhal. E sabem que está conosco.

— Na verdade, querem a esmeralda, e pensam que está com Elizabeth, a

herdeira de Arturo.

— Sim. Mas a esmeralda pode ser usada tanto no punhal quanto no anel.

— Engenhoso. Isso só pode ser coisa do Besson — defendeu Kent, com ironia.

— Concordamos que fazer um punhal com a esmeralda só podia sair da mente maquiavélica de Besson. É óbvio que é um punhal ritualístico. Só não descobrimos o que o objeto faz.

Kent terminou de montar o sanduíche, com três fatias de pão intercaladas por todos os recheios que tinha encontrado. Daniel franziu a testa e perguntou com espanto:

— Vai mesmo comer isso?

— Qual o problema? É meu almoço.

Daniel viu-o morder o imenso sanduíche com cenoura ralada, mostarda, chucrute, queijo Gruyère, pickles de pepino, queijo Brie e maionese de manjericão. Kent tinha a capacidade de surpreendê-lo com os inusitados recheios dos seus sanduíches. Comentou divertido:

— Essa sua resistência aos sanduíches não terá origem nesses recheios que inventa? Se eu comesse isso, seria o último sanduíche da minha vida.

— Não sei por que implica com os meus sanduíches. Se tivesse comida decente em casa, eu não teria que passar por isto.

Daniel não se conteve e deu uma gargalhada:

— Entendo. *Bon appétit!*

Kent murmurou:

— Precisamos isolar Elizabeth, pelo menos até sexta-feira. Depois decidimos o que fazer.

— Eu sei. Alessia contou que ela foi convidada para uma exposição dos baulé.

— Dos baulé? Que estranho! Quem a convidou?

— Miguel Besson — respondeu Daniel, calmamente.

— Ele está audacioso. Deve ter organizado a exposição só para garantir a presença dela — resmungou Kent, com o rosto contraído, abrindo a porta da geladeira à procura de mais alguma coisa para comer. Falar de Besson sempre o irritava.

— Por isso temos que mantê-la sob controle. Neste momento, qualquer informação pode provocar um dano enorme, além da óbvia questão da segurança dela.

— Acha que consegue explicar tudo até sexta? — perguntou Kent com um

ioogurte na mão.

— Pelo menos uma parte. Decidi que vou explicar superficialmente o que é a Ordem. Depois da reunião conto os detalhes históricos... Ainda tenho que falar muito — anunciou, contrariado, fazendo Kent rir. Ele sabia o quanto Daniel apreciava o silêncio.

— Então temos que definir até onde podemos ir, na sexta — disse Kent, ainda rindo.

— Não sei. Preciso avaliar o que vai acontecer. — Daniel ignorou o riso de Kent, e continuou falando. — Achei que ia dar tempo para passar mais informação, mas perdi um dia e meio, na Espanha, para ir ao Mosteiro buscar o documento da autópsia da Angelina. — Justificou-se, com certo desgaste, mudando de assunto. — Para garantir a segurança de Elizabeth chame Uchoa, Dib e Seth, enquanto eu vou falar com ela.

— Com eles ela fica segura, independentemente do que possa ameaçá-la — assegurou Kent.

— Alessia disse que ela marcou um jantar com os amigos amanhã.

— São os seus últimos dias de liberdade. Não interfira — pediu Kent.

— Não tenho intenção de interferir.

— Obrigado pelo almoço — agradeceu Kent em tom de brincadeira, despedindo-se.

9. A herança

Pagamos um preço por tudo o que conseguimos neste mundo, e apesar de valer a pena ter ambições, elas não devem ser alcançadas sem esforço.

Lucy Maud Montgomery (1874-1942)

Elizabeth estava na biblioteca do seu apartamento, sentada em um sofá de dois lugares, entre duas pequenas poltronas de couro, quando Daniel entrou com Alessia. Levantou-se para cumprimentá-lo.

— Padre, como vai? Descansou desde ontem? — perguntou, gentil.

Ele inclinou a cabeça em sinal de concordância, em um movimento tipicamente seu, e sentou-se na poltrona da direita. Alessia ocupou o lugar vago ao lado de Elizabeth, esperando por sua reação à reunião da Ordem.

— Padre, Alessia disse que tenho um compromisso na sexta-feira... É isso? — disse, direta. Alessia trocou um olhar cúmplice com Daniel, mas ele se manteve inalterado e, curvando-se ligeiramente na direção de Elizabeth, perguntou:

— Lembra-se de eu ter falado sobre um grupo de amigos do seu pai?

— Sim, claro...

— Quero pedir desculpas por ter marcado uma reunião com eles já para esta sexta-feira, mas achei melhor acelerar os acontecimentos, depois do incidente na Casa do Lago.

Alessia esboçou um sorriso e deixou-os a sós, aproveitando para embalar as frutas em calda que estava preparando para o Natal. Saiu da biblioteca pensando que Daniel nunca deixava de espantá-la com a forma como resolvia

os conflitos, antes mesmo de eclodirem.

— Compreendo. E por que eu nunca conheci os amigos do meu pai?

— Conheceu, mas era criança e não se recorda — respondeu Daniel, paciente. — Ao longo dos anos você conquistou sua independência e cultivou seus próprios amigos, e seu pai manteve as amizades dele. Não foi um segredo. Foram apenas as circunstâncias. Nos reunimos com frequência, aqui ou na Europa, em Londres, Paris, Lisboa, Berlim... — fez um gesto largo com a mão esquerda para dar noção da amplitude geográfica.

— Tenho a sensação crescente de que há um lado do meu pai desconhecido para mim.

— Há sim — confirmou Daniel. — Mas vai ter oportunidade de descobrir. Agora nossa prioridade é protegê-la, e para que isso aconteça deverá nos conhecer. Sei que está cansada e toda esta situação é confusa, porém temos um longo caminho a percorrer até que tudo fique claro, ou pelo menos até que se descubra quem atentou contra você na Casa do Lago.

— Eu sei, padre — respondeu, mais calma, esquecendo a irritação provocada pela reunião inesperada com os amigos do pai.

— Estou aqui por duas razões distintas: a primeira é para falar da reunião do dia 6. Você pode ir? — perguntou delicadamente, como se ela tivesse escolha.

— Posso — respondeu, constrangida, ao recordar sua reação, quando Alessia falou sobre o assunto horas antes.

— Ótimo. O segundo motivo também está ligado à reunião. Há algumas coisas que precisa saber e podem ser difíceis de compreender, por enquanto... — disse em tom de aviso.

— O quê? — perguntou, ansiosa, já sabendo que a presença de Daniel significava sempre alguma revelação bombástica.

— Seus pais eram pessoas especiais, cada um à sua maneira, e ambos lhe deixaram uma herança invisível. Uma herança espiritual.

— Da minha mãe herdei o dom da premonição — sintetizou Elizabeth. — Qual é a herança espiritual do meu pai?

Daniel parou por um segundo, para organizar o discurso, e começou a falar escolhendo as palavras com cuidado:

— Você descende de uma... vamos chamar de “casta especial”. Por isso foi naturalmente escolhida para ser parte de um grupo de pessoas peculiares. Essas pessoas, que vai conhecer na sexta-feira, formam uma Ordem, uma espécie de fraternidade dedicada a preservar o conhecimento, entre muitas

outras responsabilidades. O lugar do seu pai, entre nós, é uma parte da sua herança.

— Vou ocupar o lugar do meu pai?

— Sim, de certa forma. Mas isso vai depender de um conjunto de fatores: terá que aceitar seus dons e abraçar um destino que lhe permitirá evoluir espiritualmente. E, em algum momento, terá que provar, por mérito próprio, que é merecedora desse lugar.

— Vou entrar para algum tipo de *sociedade secreta*?

Daniel soltou sua gargalhada cristalina, iluminando a sala, e respondeu de maneira dúbia:

— São apenas pessoas especiais, com destinos e dons especiais, digamos assim... seu pai, por exemplo, era um homem extraordinariamente culto e tinha o dom da sabedoria.

— Sim — concordou, emocionada, ao recordar-se do pai, e da sua capacidade para dizer sempre a palavra certa na hora certa.

— Basicamente são todos assim, embora cada um tenha as suas particularidades. Claro que, além de mim, conhece Alessia. Isso deve tranquilizá-la.

— E posso escolher não fazer parte desse grupo?

— Pode optar por não seguir sua evolução espiritual conosco, claro. Mas decida isso depois de nos conhecer — mentiu Daniel, que aprendera a reconhecer a natureza às vezes irreverente de Elizabeth e optou, naquele instante, por lhe dar uma sensação de liberdade, ainda que falsa. A verdade é que ela não tinha escolha, embora Daniel acreditasse que, assim que Elizabeth compreendesse a importância do papel que estava sendo reservado para ela, aceitaria seu destino, sem resistências.

— Fiquei com a impressão que era algo obrigatório, como os sonhos.

— No caso dos sonhos, realmente não se trata de algo que possa escolher. Já sobre a Ordem, a escolha será sua, mas qualquer que seja sua decisão, terá impacto na sua vida.

— Mesmo que eu decida não fazer parte da Ordem? Minha vida vai continuar a mesma... — retrucou, sem compreender.

— Jamais voltará a ser a mesma, independentemente da sua decisão de não ingressar na Ordem — lembrou, com firmeza. — Você é uma pitonisa, e esse fato já é suficiente para alterar sua vida. Em breve começará a sonhar e terá que aprender a controlar seu dom.

Ela fechou os olhos com força, em uma tentativa quase infantil de parar o

tempo, querendo apagar tudo, exceto Daniel. Continuou a escutar a voz pausada dele:

— Existe um aprendizado que precisa fazer e nós, da Ordem, iremos ajudá-la. Além de protegê-la, vamos também prepará-la para assumir sua herança.

— E se eu desistir?

O comentário provocou um sorriso sutil em Daniel, que comentou ambigualmente:

— Só poderá desistir se aceitar. Há um caminho a percorrer: primeiro vai descobrir o significado do seu papel na Ordem. Em seguida passará por um intenso treinamento físico e espiritual e, por fim, será testada. Pode não passar no teste.

— Existe um teste? — perguntou, surpresa.

— Lembra que eu disse que terá que assumir sua herança por mérito? É isto: um teste que dependerá exclusivamente de você e da sua força interior.

Daniel ficou calado, esperando que ela captasse a seriedade de tudo aquilo, mas sabia que Elizabeth só compreenderia a profundidade das suas palavras algum tempo depois, quando chegasse o momento de enfrentar a última prova, para entrar na Ordem.

— Parece muito formal... — comentou hesitante.

— É muito formal, Elizabeth — enfatizou Daniel. — É um mundo cheio de regras e princípios. E, como em qualquer decisão, quando optar por entrar para a Ordem, automaticamente rejeitará o resto, todas as outras possibilidades da sua vida.

— Está dizendo de novo que minha vida vai mudar?

— Sim, e completamente. E não é apenas sua vida que mudará, é, também, sua essência.

— Minha essência? — questionou, sem entender.

— Aquilo que você é. Quem você é. Mas só vai saber realmente o que isso significa quando fizer parte da Ordem — assegurou, firme.

Ela ficou em silêncio por alguns segundos, como se começasse a vislumbrar o que estava prestes a acontecer. De repente, perguntou:

— E a Ordem aceita padres?

— Antes de tudo, somos regidos pelas mesmas bases filosóficas. Depois, se somos padres ou rabinos ou monges... é irrelevante. Desde que os princípios sejam rigorosamente respeitados — afirmou, enfático, sem poder explicar, ainda, as razões da sua opção pelo sacerdócio.

— E se eu não concordar com essas bases filosóficas?

Daniel sorriu com os olhos semicerrados e a cabeça ligeiramente inclinada para trás, avaliando-a. Havia nela uma inocência contagiante, própria de quem nunca enfrentara a maldade, que tornava sua beleza mais pura. Seu sorriso era perfeito e os traços suaves. Além do rosto delicado, o corpo esguio se revelava sob o tecido fino do vestido preto. Daniel deixou o olhar passear preguiçosamente pela boca sensual, o pescoço nu, o colo palpitante, a barriga plana e as longas pernas. Sentiu prazer ao vê-la encostada ao sofá, com o vestido mostrando os joelhos bem torneados, e esforçou-se para se concentrar novamente na conversa.

— Tudo o que seu pai ensinou foi para que chegasse a este momento e aceitasse os preceitos da Ordem. Mas durante as próximas semanas terá a resposta à sua pergunta.

— Não me vai contar mais nada, padre?

— A maior parte desses princípios está interiorizada em você. Terá apenas que descobrir até que ponto se sente confortável com os fundamentos da nossa filosofia. Somos um grupo homogêneo, e não podemos ter dúvidas sobre as nossas crenças. Elas são a base da Ordem. E não são algo que eu possa contar rapidamente. São parte de um aprendizado, Elizabeth.

Ouviram uma batida na porta e Alessia entrou trazendo um chá fumegante, acompanhado de biscoitos de frutos secos.

— Interrompi alguma coisa? Aceitam um chá?

— Obrigada, Alessia. Conversávamos sobre a reunião. Será apenas uma oportunidade para Elizabeth nos conhecer... Nada mais que isso, na verdade — comentou Daniel. — Alessia vai explicar os detalhes sobre a roupa que deverá usar. Como convidada, terá alguma liberdade.

— Existe algum *uniforme*? — perguntou sem conseguir controlar uma ponta de ironia.

— Existe. Mas só para os membros — respondeu Daniel, indiferente à provocação dela.

A resposta soou como uma exclusão daquele elitizado grupo, e nesse instante o desejo de pertencer à Ordem se sobrepôs, pela primeira vez, às suas dúvidas. Elizabeth queria pertencer ao mesmo mundo que Daniel, criar cumplicidades com ele, saber do que ele falava. Embora soubesse que a atração que sentia era imprópria, começava a ter uma dificuldade cada vez maior em controlar as emoções, oscilando entre a atração e a culpa, o desejo e o proibido.

Alessia mordeu um biscoito com delicadeza, e expôs o cerne das suas preocupações, mudando o rumo da conversa.

— Daniel, diga a Elizabeth que ela precisa tomar cuidado. Eu já disse, mas é necessário reforçar que a segurança dela está ameaçada. Não sabemos quem arquitetou o episódio da Casa do Lago — disse pausadamente para que Elizabeth não notasse o tremor na sua voz. Aquele assunto perturbava-a, em especial pela possibilidade de Besson estar envolvido.

— Vou ter cuidado. Combinei um jantar com os meus amigos, mas posso cancelar — ofereceu-se Elizabeth.

— Acho que deve ir — cortou Daniel. — Há mais três pessoas cuidando da sua segurança.

— Quem são?

— Vai conhecê-los na sexta-feira, mas eles já estão lá fora — apontou para a rua.

— E eu não devia saber quem são? — questionou novamente Elizabeth, preocupada.

— Não é necessário. Eles sabem quem você é — afirmou, seguro. — Acho que por hoje chega, não acha?

— Vamos vê-lo antes da reunião? — perguntou Alessia.

— Não sei. Estou com várias tarefas atrasadas e preciso me organizar.

Daniel levantou-se e caminhou em direção à porta da biblioteca, porém, antes que se despedisse, Elizabeth ensaiou um convite tímido:

— Mas almoça, não é, padre? Venha almoçar conosco amanhã. Quem sabe eu consigo arrancar mais algumas informações sobre essa misteriosa Ordem. Que acha, Alessia?

— É uma ótima ideia. Mas da boca dele nem a Inquisição arrancaria nada, se ele não quisesse — disse, brandamente, conhecedora da terrível capacidade que Daniel tinha de guardar segredos. Mas ambos sabiam que os segredos têm uma natureza peculiar: sempre arranjam maneiras de se revelar, caminhos para se esgueirar até a luz, e nem mesmo Daniel conseguiria conter os seus, por muito mais tempo.

— Agradeço o convite. A que horas?

— Meio-dia e meia. Que acha Alessia? — perguntou Elizabeth, enquanto Alessia não conseguia esconder a surpresa por Daniel ter aceitado o convite. Apesar de ser um excelente comunicador, era avesso ao convívio, e preferia sempre a solidão. Todos sabiam que ele estava se esforçando para ser mais social, o que não deixava de ser irônico, porque passara a maior parte da vida

em busca de isolamento, para fortalecer o espírito. Tinha sido um longo aprendizado que lhe dera uma força incomum, transformando-o em alguém com o extraordinário talento de perceber as mais ínfimas nuances do bem e do mal. Kent costumava dizer que Daniel era uma espécie de “radar de Deus”.

— Perfeito — respondeu, acompanhando Daniel, ainda sob o impacto da reação dele.

Ao chegaram à porta do apartamento, Daniel falou baixo:

— Já percebeu que Seth, Dib e Uchoa vão ficar com Elizabeth até sexta, não é?

— Sim. E depois?

— Depois veremos. Um dia de cada vez. Concorde? — perguntou, esperando apenas uma confirmação de Alessia ao seu comentário.

— Tem razão. Eles já estão aí?

— Sim — respondeu, apertando o botão do elevador.

Nesse instante, dona Rosa abriu a porta do apartamento e deu de cara com Daniel. Olhou para Alessia, momentaneamente zonzinha, incapaz de ocultar o fascínio provocado pela beleza dele, e questionou, curiosa:

— Boa tarde. Está tudo bem?

— Sim, dona Rosa. Este é o padre Daniel, um amigo — apresentou Alessia.

— Boa tarde — Daniel cumprimentou-a entrando no elevador, com alguma impaciência.

— Dona Rosa, como está? — perguntou Alessia, sabendo que ela se sentia solitária desde a morte do marido, anos antes, e se refugiava no apartamento de Elizabeth para não ver a noite agigantar-se dentro de casa.

— Ouvi barulho e quis ver o que era. Aquele padre é muito bonito — comentou incapaz de ignorar o fato. — Nunca o vi aqui. Mas é muito bonito! Parece um anjo com olhos de vidro.

— É... — comentou Alessia, consciente do efeito que a beleza de Daniel provocava nas pessoas. Era sempre assim. Até ela, mesmo depois de todos aqueles anos de convívio, ficava fascinada, especialmente quando ele estava tranquilo e seu rosto se suavizava, adquirindo traços mais ternos, quase infantis. Era como olhar para uma obra-prima esculpida diretamente pela mão de Deus. Mas ele não parecia ter consciência disso, como se vivesse em um mundo além da matéria, onde a beleza era um mero estado de espírito. Sua indiferença com o corpo tornava-o ainda mais belo.

Alessia abraçou-a com carinho.

— Até amanhã, dona Rosa. Se precisar de alguma coisa já sabe: é só chamar.

— Eu sei. Até amanhã. Tenha uma noite tranquila.

— A senhora também — retorquiu Alessia.

Ao sair do prédio, Daniel sentiu a presença de Seth. Procurou com o olhar ao longo da rua até o descobrir sentado dentro de um discreto carro preto, como um animal camuflado. Daniel tranquilizou-se ao vê-lo ali. Mais tarde chegariam Uchoa e Dib e não havia a menor possibilidade de alguém se aproximar de Elizabeth sem que eles soubessem ou permitissem. Tinham sido treinados para ver o invisível e seus corpos também eram silenciosas armas letais, sempre que necessário.

Elizabeth teve uma noite agitada. Sonhou com os pais, Daniel, Alessia e leões com olhos amarelos, embora não conseguisse entender o significado de todas aquelas imagens. Desde a morte de Arturo sonhava com gente desconhecida, textos em línguas estranhas e os leões. Sempre os leões rondando com os dentes arreganhados. Pegou o caderno que estava na gaveta do criado mudo e escreveu todos os pormenores. Arturo ensinou-lhe que a melhor forma de compreender um sonho passava por anotá-lo ao acordar, para que nenhum detalhe fosse esquecido. Ela tinha cadernos cheios de sonhos que analisara com o pai desde menina. Descobria e decompunha símbolos e seus significados. Arturo dissera que cada pessoa tinha um sistema de referências único, e o que era verdadeiro para uns não era necessariamente válido para outros. Isso a obrigou a criar seu próprio dicionário de sonhos, sem imaginar que aquele treinamento descontraído, em tom de brincadeira, fosse a porta para compreender seu dom oculto — o de espiar o futuro enquanto dormia.

Daniel chegou ao meio-dia e meia, pontual como sempre. Não gostava de atrasos. Dizia que a vida se media em tempo e o respeito pelas pessoas passava, antes de tudo, pelo respeito aos horários — o tempo dos outros.

Elizabeth optara por uma roupa atraente, dividida entre a culpa e o desejo de seduzir Daniel. Escolheu uma calça preta levemente justa, que alongava

ainda mais sua silhueta esguia, e uma blusa preta e branca, com gola mandarin. Calçou delicadas sapatilhas pretas de veludo. Prendeu o cabelo longo e liso em um rabo de cavalo bem alto, que revelava a curva perfeita da nuca e lhe emprestava um ar de menina. Sentiu-se especialmente bonita com a imagem que o espelho devolvia. Ao chegar à sala, Daniel já estava lá com Alessia.

— Olá padre.

— Elizabeth — disse, movendo a cabeça e ignorando, aparentemente, a estonteante beleza dela. Elizabeth se perguntava por que ele não a cumprimentava normalmente, com um abraço, um beijo ou até um simples aperto de mão. Ele criava uma barreira física no trato com as pessoas, embora isso não fosse um comportamento típico do seu status como padre. Bento cumprimentava-a sempre com um beijo, ao contrário de Daniel, que tinha aquela rigidez britânica.

Alessia tinha preparado um delicioso gaspacho, seguido de salada de alface, rúcula, agrião e espinafre com vinagrete de tomate e penne com molho de queijo e nozes. Para sobremesa havia sorvete de nata regado por uma deliciosa compota de manga feita por ela.

Almoçaram falando de amenidades. Foi uma conversa rasa, bem-humorada, e embora Elizabeth achasse que Daniel poderia contar histórias mirabolantes, rapidamente percebeu que ele jamais cometeria a indelicadeza de abordar qualquer tema com conotações religiosas ou políticas à mesa. E isso, de alguma forma, colocava todos os assuntos relacionados com a Ordem fora do escopo da conversa. Mas, durante a refeição, Elizabeth sentiu-se incomodada com o cuidado excessivo que Alessia dedicava a Daniel, ultrapassando o trato normal com um convidado. Tinha visto ela agir assim com Arturo, e, embora não soubesse definir o porquê, parecia que Daniel tinha usurpado o lugar do seu pai. Aquele pensamento provocou uma desagradável sensação de advertência.

Além disso, ao observar Alessia se debruçando para servir Daniel com uma subserviência tão natural, foi assaltada por uma pontada de ciúme. Nunca tinha sentido aquilo: parecia uma faca rodopiando dentro do peito. Lembrou dos conselhos sábios do pai sobre a infelicidade causada pelo ciúme, e tentou expulsar aquela emoção. Mas ela parecia ter chegado para ficar.

Depois de se despedirem, Daniel entrou no elevador, mas manteve-se no mesmo andar. Assim que ouviu Alessia fechar a porta do apartamento, saiu do elevador e observou o hall, para confirmar que estava sozinho. Sua presença naquele almoço, aparentemente banal, e que tanto espantara Alessia, tinha um propósito oculto. Daniel tirou três objetos dos bolsos: um marcador com ponta de feltro grossa e tinta transparente, um sino de cinco centímetros de altura, e um pequeno caderno de capa de couro negro, repleto de antigos encantamentos tibetanos, como o sino.

Com a caneta escreveu vários símbolos no batente de madeira da porta, enquanto murmurava uma ladainha cadenciada, para evocar a proteção do mundo espiritual. Tocou o sininho três vezes, para chamar os espíritos e, por fim, abriu o caderno e escolheu uma oração que encerrava o rito e selava a entrada do apartamento contra as forças que poderiam perturbar Elizabeth.

Instantes depois, quando ia entrar de novo no elevador, desta vez para partir, ouviu dona Rosa abrir a porta do seu apartamento e cumprimentá-lo. Daniel segurou a porta do elevador e, dessa vez, mirou-a com um sorriso sereno e os olhos brilhantes como diamantes incrustados no rosto. Dona Rosa ficou estática, sem conseguir se mover. O silêncio era total. Ela sentiu-se flutuar um pouco acima do corpo, livre da terrível dor ciática que a afligia dia e noite. Olhou para baixo e reconheceu seu corpo magro e marcado pelas mazelas do tempo, parado na porta, como uma estátua vazia. Daniel levou o dedo aos lábios, em sinal de silêncio e, no instante em que entrou no elevador, dona Rosa voltou para seu corpo perturbado pela ciática. Não compreendeu o que tinha acontecido, mas ao contrário de Maria, que considerava Daniel uma emanção do mal, dona Rosa achava-o um anjo, uma criatura de luz que viria buscá-la quando sua hora de partir chegasse.

Ainda não eram cinco da tarde, quando Elizabeth adormeceu no sofá do seu quarto, vendo *Casablanca* pela centésima vez. Acordou com o som irritante do celular.

— Sim? — atendeu com a voz ensonada.

— Esqueceu de mim ontem?

Ela sobressaltou-se ao ouvir a voz inconfundível de Miguel.

— Miguel, desculpe...

— Disse que telefonava e fiquei esperando — comentou jocoso, cobrando o esquecimento.

— Perdoe-me, mas não vou poder ir à exposição amanhã. Já tinha um compromisso...

— Para se redimir por não ir à exposição e por não ter telefonado vai ter que jantar comigo.

— Não posso prometer. Vou ter uma semana complicada.

— E sábado?

— Prefiro não marcar para que não me cobre depois, senão vou acumular uma dívida impagável... — protestou, brincando.

— Isso quer dizer que não costuma fazer promessas que não cumpre?

— Evito.

— Então ontem não me telefonou por que aconteceu algo importante — insinuou.

— A verdade, Miguel, é que esqueci — disse com candura desarmante.

— Acabou de ferir meus sentimentos: como pôde se esquecer de mim?

Elizabeth riu para tentar afastar a sensação de que Miguel estava criando uma armadilha em forma de dívida, da qual ela só se livraria quando saísse com ele.

— Não vou dizer mais nada, porque tudo o que digo parece se voltar contra mim.

— Bem, de alguma forma, preciso obrigá-la a jantar comigo.

— Por quê?

— Para tentar seduzi-la — respondeu de forma tão franca que ela quase tomou um susto.

— Como? — perguntou, temendo não ter percebido o comentário dele.

— Você ouviu — falou, devagar, com voz sensual. — Vou seduzi-la.

Nesse momento Alessia bateu na porta e Elizabeth pediu a Miguel:

— Dê-me um minuto. Não desligue — tapou a boca do telefone e elevou a voz: — Entre.

— Trouxe um café — deixou a bandeja na mesinha ao lado do sofá, e perguntou, percebendo que ela estava ao telefone: — Quem é?

— Miguel. Esqueci de ligar ontem e ele está cobrando um jantar como forma de pagamento — contou rindo, sem perceber que os olhos de Alessia faiscaram de raiva.

— Nos próximos dias não devia aceitar nenhum compromisso, até vermos como tudo vai se organizar, não acha?

— Não vou marcar nada, mas ele quer jantar — anunciou com a mão bem apertada sobre o telefone, para evitar que Miguel escutasse a conversa.

— É melhor almoçar — sugeriu. — Afinal você não o conhece tão bem assim, não é?

— Tem que ser menos conservadora, Alessia — retorquiu com ternura.

— Acho difícil... Além disso, estamos em um momento complicado — lembrou-a, se referindo ao perigo que pairava sobre ela.

— Eu sei. Não se preocupe. Obrigada pelo café.

Alessia saiu do quarto, e Elizabeth voltou a falar com Miguel.

— Desculpe, Miguel...

— Reparou quantas vezes me pediu desculpas desde que nos conhecemos? — disse, rindo.

— Não. O que percebi é que você está sempre rindo.

— A vida deve ser vivida com leveza. Nada de sofrimentos desnecessários porque isso acontece mesmo quando não desejamos.

— Então como lida com eles?

— Podemos falar sobre isso ao jantar: como viver com alegria. É um ótimo tema. Que acha?

— Vamos deixar isso suspenso.

— Está me tratando muito mal — comentou com mágoa fingida. — Passou dois dias seguidos me rejeitando.

— Só não quero me comprometer e depois desmarcar — justificou, rindo, mas sentindo-se pressionada.

— Compreendo — respondeu sério, mudando o tom da conversa. — Fico à espera que me telefone para combinarmos um jantar. Está melhor assim?

— Obrigada Miguel — respondeu, aliviada. — Falamos na próxima semana.

— Não se esqueça de mim — terminou com uma intimidade que parecia natural e fez Elizabeth sorrir.

Miguel conseguia sempre transmitir alegria, como se tudo fosse simples. Pensou que ele representava um contraponto ao momento que estava vivendo, impregnado de segredos e informações. Levantou-se do sofá feliz, pensando no jantar com os amigos, mas sabia que a principal razão para sua alegria se devia, cada vez mais, à proximidade de Daniel.

Elizabeth encontrou-se com os amigos em um dos muitos bares da Vila Madalena. André e Áurea anunciaram que iam casar, depois de um namoro de sete anos, entre idas e vindas. Áurea estava enlouquecida com uma

organizadora de festas que a mãe insistira em contratar. Ao vê-la subjugada por milhões de detalhes, André, sempre pragmático, tinha proposto que fugissem para casar em Las Vegas, um clichê das comédias românticas modernas que o deixaria muito feliz.

— Seria um escândalo. Minha mãe se suicidaria — respondeu Áurea. André franziu a testa e fez uma expressão que revelava que aquilo não seria uma má ideia.

A noite passou tranquilamente e cada um deu ideias diferentes para a festa, sem chegarem a conclusão alguma.

Na sexta-feira, às sete e meia da manhã, Miguel foi trabalhar muito mal-humorado. Não via Elizabeth desde o dia do acidente de carro. Tentou convencê-la a visitar a exposição dos baulé, por saber que remetia às suas origens africanas, mas mesmo recorrendo àquele pretexto, não conseguiu vê-la. Queria falar com ela antes que voltasse ao trabalho, no dia 16 de novembro. Faltavam dez dias. Embora Miguel fosse tranquilo, por natureza, sentia-se ansioso por saber que o tempo não estava a seu favor. Assim que entrou no escritório ligou para Tereza, sua assistente, que chegaria às oito e meia.

— Tereza?

Ela estranhou o horário do telefonema. Imaginou que devia ter acontecido alguma coisa inesperada para que ele ligasse tão cedo.

— Miguel. O que aconteceu?

— Preciso que marque uma reunião com o Conselho, amanhã às dez da noite.

— Amanhã?

— Sim. Algum problema? — questionou, com secura.

— Não. Mas costumamos marcar com uma antecedência maior para que todos tenham tempo de se organizar.

— Tem trinta e seis horas. É mais do que suficiente — disse friamente.

As palavras chegaram até ela sob a forma de uma ordem indiscutível, embora naquela manhã Tereza tivesse percebido que havia algo diferente, um tom metálico na voz dele.

— Vou marcar a reunião. Qual o motivo? Caso perguntem — atalhou, na defensiva.

— Diga que é do interesse de todos nós — respondeu encerrando a

conversa antes que ela pudesse perguntar mais alguma coisa.

Miguel era o mentor da “Irmandade da Fênix”. O nome tinha origem em antigas lendas sobre a rara ave, que possuía a capacidade única de renascer das cinzas. Ele apreciava a ideia de algo indestrutível, que lembrasse constantemente que o objetivo da Irmandade estava ligado à capacidade das pessoas se reinventarem — uma habilidade peculiar que desenvolvera ao longo dos tempos, sempre com muito sucesso.

A Irmandade da Fênix funcionava como uma espécie de ONG, orientada para ajudar regiões massacradas por guerras ou catástrofes naturais. Por muito que Miguel se esforçasse, havia sempre muita gente que não conseguia ajudar. Como o dinheiro era insuficiente, Miguel criou um conselho consultivo que analisava as situações e tomava decisões sobre a melhor alocação dos recursos financeiros e humanos.

Tereza, assistente de Miguel Besson, o principal acionista da UniTouch, nasceu em São Paulo, em uma família de classe média alta que lhe proporcionou uma vida confortável. Sua pele naturalmente bronzada, os cabelos lisos negros, e os olhos castanhos amendoados, revelavam traços indígenas herdados da sua avó materna.

Tereza se apaixonou por Miguel quando o conheceu, uma década antes, aos vinte e oito anos, e apesar do seu relógio biológico enviar todos os sinais possíveis, sentia a maternidade escapar-se. A espera por Miguel a encheu de ressentimentos. Aquela paixão não correspondida fez dela uma mulher amarga, que vivia dominada pelo medo de perder o emprego para alguém mais jovem ou simplesmente mais eficiente. Durante o período que trabalhou com Miguel, sua ética e escrúpulos desvirtuaram-se e ela criou uma rede de pessoas que manipulava para atender aos seus desejos. Era temida, mas não respeitada, e circulavam várias histórias na empresa sobre sua crueldade.

Tereza se questionou sobre o que poderia ser tão importante ou urgente para Miguel marcar uma reunião da Irmandade com pouco mais de um dia de antecedência. Percebeu que aquela sexta-feira seria um dia difícil, apesar de não ter a mínima ideia sobre as razões para Miguel estar tão agressivo. Por mais que organizasse sua agenda profissional e participasse tanto do trabalho na UniTouch quanto da Irmandade, Tereza sabia muito pouco sobre ele e sua vida privada.

Não havia muitas informações sobre Miguel. Sabia-se que era francês e dono de uma fortuna de valor desconhecido. Morava em São Paulo havia onze anos, mas era muito discreto e nunca tinha sido associado a mulher alguma, embora houvesse vários rumores. Solteiro cobiçado, possuía a incrível capacidade de desaparecer sempre que havia fotografos por perto.

Embora não demonstrasse, Miguel sabia dos sentimentos que Tereza nutria por ele, e sabia também que o fato de não amá-la a transformou em uma mulher rancorosa. Aquela paixão amarga tornava Tereza uma ameaça para os relacionamentos pessoais de Miguel. Por isso, teve sempre o cuidado de mantê-la afastada da sua vida privada, delimitando claramente as fronteiras em que sua atuação era permitida. E quando percebia que ela queria se aventurar um pouco mais na sua vida, tratava-a com frieza desencorajadora.

Tereza desconhecia que os motivos da perturbação de Miguel estavam relacionados com Elizabeth. Depois de tantos anos de espera, ter finalmente falado com ela, tocado na sua mão, beijado seu rosto, após o acidente de carro, aguçou seu desejo. Miguel não podia perder a oportunidade de aproximar-se dela. Havia muito em jogo.

10. A reunião

Não julgues. A vida é um mistério, cada um obedece a leis diferentes.

Jeanne de Vietinghoff (1875-1926)

A tarde de sexta-feira voou. Elizabeth reuniu-se com a equipe de economistas e advogados responsável pelos seus investimentos, e foi informada sobre as doações que seu pai fazia a várias instituições nos lugares mais dispersos e escondidos do planeta. Elizabeth não alterou as linhas de atuação de Arturo sobre os investimentos, as doações nem a composição da equipe. No final da tarde, estava com a sensação de que controlava novamente sua vida. Pensou que não havia nada como falar com um grupo de advogados para devolver a normalidade ao cotidiano. Eles resolviam tudo: eram uma espécie de anjos da guarda muito mais caros que os seguros, mas, em certas circunstâncias, muito mais eficazes.

No início da noite preparou-se para conhecer os amigos do pai. Tomou um banho relaxante, para diminuir a ansiedade que sentia, e escolheu a roupa, lembrando as instruções de Alessia: traje formal, cores neutras, ausência de joias exuberantes ou decotes acentuados. Algo elegante e conservador. Abriu o closet e, no canto esquerdo, viu a fileira de vestidos *vintage* que haviam pertencido à sua mãe. Gostava particularmente de um deles, embora nunca o tivesse usado por considerá-lo formal demais. Tratava-se de um longo de cetim, justo ao corpo, com manga comprida, decote suave em V e uma pequena cauda que arrastava no chão. Assim que experimentou percebeu que tinha feito a escolha certa: o azul profundo do tecido destacava sua pele

pálida, emprestando-lhe um ar sóbrio, embora leve. Como adorno, usou os delicados brincos de diamante, oferecidos pelo pai, no seu aniversário de quinze anos.

Às nove da noite, entrou pela primeira vez na sede da Ordem, uma admirável casa oculta por um alto muro, no Morumbi, e que era um dos lugares mais exclusivos e privados: o misterioso clube que Arturo frequentara durante anos, sem que ela soubesse. Alessia, que conhecia bem o lugar, caminhou à sua frente, conduzindo-a discretamente. Passaram por vários seguranças e encontraram Manfred Kräuser, o elegante mordomo alemão que as esperava na porta principal para guiá-las através das imensas salas vazias e silenciosas.

Manfred era o fiel depositário de parte dos segredos da Ordem. Aos vinte e cinco anos, começou a trabalhar com Arturo, que fora amigo do seu pai, e ajudara a mãe a instalar-se no Brasil. Em menos de um ano tornou-se o mordomo mais jovem da Ordem, cuja história remontava muitos séculos antes. Há quarenta anos que Manfred participava daquela vida cheia de regras e protocolos seculares, que ele dominava com maestria. Tinha sido leal a Arturo e lamentou sua morte como quem lamenta a perda de um grande amigo.

Ao ver Elizabeth, com o cabelo preso em um coque clássico, desnudando as linhas da nuca, Manfred soube imediatamente que era a filha de Arturo e Angelina. As semelhanças eram inegáveis: era uma cópia exata da mãe, de quem se lembrava perfeitamente. Acompanhou Alessia e Elizabeth através de quatro salas vazias, ricamente decoradas com peças de arte antiga e conduziu-as até o elevador, todo de madeira, exceto por um grande espelho de moldura dourada. Desceram para o subsolo e a porta abriu diretamente para uma saleta com algumas cadeiras, uma mesa com livros de arte e um pesado vaso de alabastro do século XIII com a base em mármore lúcido. O espaço da parede, acima da mesa, era ocupado por um Monet. À esquerda havia duas imensas portas de madeira, fechadas. À direita, Manfred abriu as portas de madeira e vidro, de uma sala maior, decorada em tons de azul, com um imenso tapete persa.

Quando entraram, as cinco pessoas sentadas em poltronas individuais dispostas à volta de uma sólida mesa de madeira redonda se levantaram. Mas a atenção de Elizabeth foi totalmente absorvida por Daniel, como se ele

tivesse sugado toda a energia da sala. Era a primeira vez que o via sem batina, com um terno preto, camisa branca irrepreensível e gravata em tons de cinza. Estava perfeito.

Elizabeth, aturdida pela presença magnetizante de Daniel, não percebeu o choque que provocou em todos os que a esperavam. Até Alessia, apesar da convivência diária, quando a vira surgir, uma hora antes, com aquele vestido e o cabelo preso, se assustou com a semelhança entre ela e a mãe, embora os olhos de Elizabeth fossem claros e os de Angelina dourados. De qualquer forma, à primeira vista, era difícil distingui-las. Angelina usara aquele vestido quando estivera ali com Arturo uma única vez, para ser apresentada àquelas mesmas pessoas. E, apesar de Elizabeth desconhecer aquele fato, o vestido azul estabelecia uma estranha ligação entre elas.

Após alguns segundos, que ela não pareceu notar, Alessia tocou no seu braço:

— Elizabeth, estes são os amigos mais fiéis do seu pai.

Ela fez um esforço para afastar os olhos de Daniel, aparentemente indiferente às emoções que suscitara. Tentou controlar o coração descompassado e se voltou para o primeiro integrante do grupo:

— Kent. — Ele estendeu a mão para cumprimentá-la com um aperto firme, perscrutando-a com os olhos negros e profundos.

— Muito prazer.

— Sou Seth. E tenho que dizer que está muito parecida com sua mãe.

— Conhecia minha mãe? — perguntou, lembrando que Daniel havia dito, na Casa do Lago, que conhecera sua mãe em São Paulo. Talvez ela também tivesse estado ali.

— Todos nós a conhecemos — enfatizou Seth, sério.

— Vou considerar isso como um elogio, porque meu pai falava muito da beleza dela — disse com um sorriso suave.

— Uma beleza lendária, sem dúvida. Sou Dib — sorriu, mostrando os dentes imaculados.

— Muito prazer, Dib.

— Uchoa, o mais simpático dos amigos de seu pai — cumprimentou-a descontraído, com um sorriso felino na boca perfeita.

— Muito prazer — respondeu, encantada com o sorriso genuíno. A seguir, virou-se para Daniel. Ele estendeu a mão em silêncio e apertou os dedos dela devagar contra os seus, em um movimento sensual que só os dois perceberam. Ela sentiu o efeito de uma descarga elétrica. Tentou parecer

normal:

— Como vai?

— Bem, obrigado — respondeu, enigmático. Desde que ela chegara, ele também tentava dominar o prazer que sentiu ao ver as formas do corpo dela suavemente moldadas pelo longo de cetim.

— Sente-se aqui — disse Kent, apontando para uma cadeira vazia à sua esquerda.

Elizabeth observou o grupo discretamente, e calculou que Arturo devia ter, no mínimo, vinte anos a mais que qualquer um deles. A exceção era Alessia, que escondia sua idade indefinida com tanto cuidado como se fosse um segredo de Estado. Não pôde deixar de achar estranho que os amigos mais íntimos do pai fossem muito mais novos do que ele. Percebeu que estavam todos de preto, com camisa branca e gravatas, embora diferentes, em tons de cinza. Lembrou-se de ver o pai com aquela roupa, quando dizia que ia ao *clube*. Agora, tinha, finalmente, descoberto qual era o *clube* frequentado por ele.

Kent percebeu que ela estava avaliando o ambiente e disse, para atenuar o formalismo:

— Não temos o hábito de receber visitas, mas foi aqui que conhecemos sua mãe e achamos que seria uma boa ideia recebê-la também.

Ao ouvir a breve explicação de Kent, Elizabeth confirmou sua percepção inicial, de que Angelina visitara aquele mesmo lugar.

— Aceita um chá ou uma água? — perguntou Alessia na ocasião, para evitar que comparassem novamente as duas. Sabia que o assunto perturbava Elizabeth, em especial depois de descobrir que havia um assassino à solta, pronto para dar-lhe o mesmo fim da mãe.

— Um chá, por favor — pediu, para mascarar o nervosismo que a assaltara.

— Alguém mais quer chá? — insistiu Alessia.

— Não, talvez mais tarde — respondeu Kent, como se falasse por todos.

Alessia levantou-se e serviu o chá do samovar de prata, em duas xícaras de porcelana delicada, com motivos florais. Colocou uma das xícaras na mesa, à frente de Elizabeth, e levou a outra para seu lugar, entre Uchoa e Dib. Kent falou novamente:

— Então Elizabeth, como se sente?

— Não sei — respondeu hesitante. — Ainda não assimilei a perda do meu pai, mas depois disso já tive vários choques...

— Daniel é especialista nisso. Quando acontece algo terrível, ele nos dá um choque terapêutico para lembrar que tudo podia ser muito pior — comentou Seth, provocando uma onda de riso contido e discreto, exceto em Daniel, que sorriu e respondeu pausadamente:

— Estamos aqui para conhecer Elizabeth e cumprir a promessa que fizemos a Arturo: que o lugar dele na Ordem seria herdado pela sua filha. Por isso, mesmo antes dela se tornar uma de nós, temos a obrigação de protegê-la de quem a persegue.

Resumiu a situação, olhando diretamente para Elizabeth:

— Na realidade, existem duas ameaças: a primeira é alguém que quer os objetos do Graal e para quem o assassino de Puebla de Sanabria, John MacGee, trabalhava. Ele matou dez pessoas, e como não atuava sozinho, o segundo criminoso deverá continuar a persegui-la.

— E sabem que objeto ele quer? — perguntou Elizabeth.

— O punhal usado para assassinar sua mãe, com a esmeralda de Lúcifer na base. — informou Daniel, sintético. — Mas além dessa ameaça, existe uma segunda, associada ao seu dom e às mortes da sua mãe e da sua avó.

— Como é que as duas ameaças não estão ligadas, se o assassino quer o punhal que matou minha mãe?

— Não disse que não estavam ligadas. — Daniel falava com uma calma fria, medindo as palavras. — Afirmar que são duas ameaças distintas que podem ou não ter origem na mesma pessoa. Acontece o seguinte: os criminosos de Sanabria sequestravam as pessoas e assassinavam dois dias depois do sequestro, após pedirem os objetos como resgate.

— Que objetos? O Cálice e o Livro? — perguntou confusa, pensando nas relíquias graáficas.

— Não. O Cálice e o Anel de Salomão.

— E se as pessoas não os tivessem? — questionou Elizabeth.

— Todos foram mortos, independentemente de terem ou não os objetos — respondeu Kent, trocando um olhar com Daniel, preocupado com os efeitos que todas aquelas revelações poderiam ter sobre Elizabeth. Apesar de não desejar que ela entrasse em pânico, Daniel continuou o exercício de sistematizar a informação disponível:

— Se a pessoa que deseja o punhal for também responsável pelas mortes da sua mãe e avó, não vai assassiná-la por causa do punhal. Você é valiosa demais, e certamente está destinada a participar de algum ritual...

— Que tipo de ritual? Para adquirir os meus poderes, me assassinando?

— Estamos pensando que pode ser um pouco mais complexo que isso, embora possa envolver sua morte. Mas não temos a certeza. Kent está tentando descobrir algo concreto que nos ajude a compreender o que podem querer de você.

Elizabeth mal podia acreditar que estavam discutindo calmamente as possibilidades da sua morte, em especial Daniel, que não demonstrava um pingom de emoção, e analisava tudo com a tranquilidade de um bom jogador de pôquer. Lembrou das vezes em que ele segurara sua mão com ternura, mas agora lhe parecia tão diferente — parecia alguém capaz de cometer as maiores barbaridades com a mesma serenidade com que bebia um copo de água. Baixou o olhar para o tampo da mesa, tentando ocultar as lágrimas súbitas. Sentia-se perturbada tanto pelas ameaças de morte que pendiam sobre ela, quanto pela frieza aparente de Daniel.

— Elizabeth? — chamou Alessia, ao perceber sua quietude. — Sabemos que isto é assustador, mas estamos ao seu lado, querida.

— Eu sei... — murmurou sem convicção, tentando enganar a angústia.

— Talvez ache que não tenho um pingom de compaixão... Mas não é nada disso. Neste momento temos que ser racionais, incluindo você, para analisarmos a situação. Elizabeth? — Daniel tentava acalmá-la, evitando se envolver emocionalmente. Já bastava olhar para ela, sentir vontade de tê-la entre os braços e acariciar a linha perfeita da nuca exposta.

Ela olhou-o, tranquilizada pelas suas palavras, feliz por perceber que ele não estava sendo indiferente, apenas racional.

— Eu compreendo — respondeu mais serena.

— As ameaças à sua vida são uma parte do que precisávamos falar. Existe mais uma coisa...

— O quê?

— Já comentei que para pertencer à Ordem, terá que merecer o lugar que seu pai deixou. Não basta que haja um lugar entre nós, que é algo que não acontecia há muito, mas muito tempo mesmo! — enfatizou Daniel, sinalizando uma situação sobre a Ordem, que ela só compreenderia depois. — Vai ter, também, que conquistá-lo.

— Como? — Elizabeth surpreendeu-se com a importância que aquilo parecia ter adquirido.

— Vai passar por um treinamento dividido em três partes: a preparação do intelecto, para conhecer a história da Ordem e os seus princípios filosóficos. A preparação do espírito, em que vai aprender a controlar os sonhos e a criar

defesas e a preparação do corpo. Embora seu pai já tenha dado uma boa estrutura para compreender tudo o que vai precisar, não vai ser fácil. Uchoa, Dib e Seth vão treiná-la.

— Treinar-me? — perguntou, vendo a reunião se transformar em uma missão de vida, independente da sua vontade.

— Até entrar na faculdade, seu pai fez com que praticasse esgrima, Tai Chi Chuan e Tae Kwon Do, por tudo isso ser parte do nosso treinamento. Eles vão ajudá-la a recordar o que aprendeu e a ter um olhar diferente sobre o que já sabe. Além da mente, seu corpo tem que estar saudável e equilibrado. Alessia vai preparar uma dieta especial, que não será difícil por você já ser vegetariana. Em um mês, dia 6 de dezembro, encontramo-nos novamente para avaliar seu progresso.

— O meu progresso? — perguntou, sentindo como se estivesse de volta à escola.

— Para seu teste final — Daniel concluiu. — Mas não se preocupe: só fará o teste quando estiver pronta.

— E se eu não quiser?

— Já falamos sobre isso — lembrou Daniel, suavemente. — Compreendo seus receios. Tememos o que desconhecemos. Mas vamos tentar mostrar o que significa pertencer a esta Ordem. Depois decidirá se quer ou não. Também pode acontecer que não se enquadre nas nossas regras. Por isso, faremos um caminho juntos. Alessia vai ajudá-la com os sonhos, e eu vou explicar a origem da Ordem e seus preceitos. Quando eu não puder, Kent irá no meu lugar. E, em algum momento, a decisão ficará clara, tanto para você quanto para nós.

Definiram uma nova rotina para Elizabeth: das cinco às oito da manhã teria treinamento diário de esgrima com Seth, Tai Chi com Dib e Tae Kwon Do com Uchoa. Ela se abalou com aquela possibilidade: três horas de treinamento diário era violento, mas começar tão cedo parecia insustentável. Ainda pensou em se opor, mas eles falavam com tanta naturalidade que achou que todos tinham passado por aquela maratona e aceitou, aquiescendo com a cabeça.

Por fim Daniel ficou em silêncio, e fez um ligeiro sinal a Kent para encerrar a reunião, enquanto Alessia servia chá.

Elizabeth notou que Daniel inspirava respeito e quando falava todos ficavam atentos, como um bando de lobos perante o macho alfa. Sob a aparente leveza da conversa, pressentiu um mundo de normas que Daniel

orquestrava sem esforço. Não sabia o que era, mas sua intuição dizia que estava vendo apenas a superfície de uma realidade misteriosa e densa. Talvez até perigosa. Por outro lado pensou que, se seu pai fizera parte daquele grupo, então devia ser algo bom, porque Arturo não a iria expor a qualquer situação maléfica.

Nos momentos finais da reunião, despediram-se afetuosamente e até Daniel a beijou no rosto, deixando uma marca acesa na pele acetinada. Ela aspirou o perfume intenso, de um fôlego só, e sentiu-se tomada por um desejo que não queria.

Alessia acordou às três da manhã com os gritos de Elizabeth. Correu para o quarto dela, sabendo que os sonhos haviam começado e um véu iria se romper, sem ninguém imaginar que revelações seriam feitas ou que tragédias e segredos seriam desvendados.

Acendeu a luz, mas Elizabeth continuava se debatendo no meio do sono:

— Elizabeth, acorde — tocou gentilmente os ombros, e repetiu seu nome para resgatá-la da profundidade do sono. — Elizabeth. Elizabeth é só um pesadelo. Elizabeth.

Ela abriu os olhos, ainda sob os efeitos do susto, atordoada pelos gritos da sua própria voz.

— Foi um pesadelo — disse, entregando o copo de água que estava sobre o criado mudo.

— Era tão real. Preciso anotar... — afirmou Elizabeth depois de beber um gole de água.

— Primeiro conte o que era — pediu, ao sentar na cama, acariciando as suas mãos frias.

— Havia leões brancos à minha volta e um deles atacou-me. A boca dele estava aberta sobre minha cara, aqui — mostrou erguendo a mão direita e colando-a ao rosto, em forma de concha. — Com os dentes afiados, os olhos amarelos, e as patas em cima do meu peito.

— Como era esse leão? Lembra se ele tinha alguma marca diferente?

Elizabeth fechou os olhos com força e esforçou-se por resgatar os detalhes do sonho:

— Tinha uma mancha negra na pata direita. Era a pata que ficava em cima do meu peito e me pressionava contra o chão.

— E os outros leões? — perguntou com naturalidade, apesar de sentir seus

temores aumentarem ao ouvir a descrição do inconfundível leão da pata negra.

— Brigavam, e um deles mordeu o que estava em cima de mim. Entretanto, o padre Bento apareceu e ajudou-me a levantar do chão, mas um dos leões atacou-o. Havia sangue no peito do padre Bento e o leão da pata negra voltou-se outra vez para mim e... você me acordou.

— Mas Bento ficou bem? — Alessia preocupou-se, apesar de parecer ilógico que alguém fizesse mal a Bento. Ele não estava envolvido com aquilo, exceto pela sua relação com ela.

— Não sei... Acordei antes de descobrir. Só vi uma mancha de sangue no peito dele.

— O que sentiu durante o sonho? Medo, ansiedade, proteção?

Elizabeth parou um segundo para pensar. Recordava-se bem da insistência do seu pai para que decifrasse os sentimentos dominantes dos sonhos. Ele argumentava que, além dos sonhos possuírem um componente simbólico, as emoções eram pistas das intenções ocultas em cada sonho. Dizia que tudo aquilo com que sonhava, eram os acontecimentos e as emoções que apontavam se o rumo desses acontecimentos seria bom ou mau.

— Medo. Era tudo muito intenso. — Elizabeth estava consciente que os leões eram um sonho recorrente na sua família.

— Sentiu medo por haver algum tipo de perigo.

— Pode ter a ver com essa história do assassino?

— Sim. E você não deve ficar sozinha — afirmou Alessia, decidida.

— Tem a certeza que não está exagerando?

— Tenho, querida. Infelizmente é assim mesmo. Você começou a sonhar e a partir deste momento tudo pode se complicar.

— Já sonhei antes — tentou justificar.

— Mas agora os seus sonhos estão adquirindo significado, revelando o futuro.

— Como pode ter tanta certeza?

— Esse leão da pata negra com que sonhou... — Alessia hesitou por um momento, antes de decidir revelar por que seu medo aumentou. — Ele perseguiu sua avó durante a vida toda. E sua mãe também sonhou com ele.

— Elas sonharam com ele? E o que significava?

— Não sei. Mas sua avó foi assassinada e depois despedaçada por um leão. E sua mãe também foi assassinada. Vamos ter que descobrir o que esse sonho significa para você.

— Acha que foi esse leão, com a pata negra, que matou minha avó?
— Não sei, querida.
— Estou cansada — comentou Elizabeth, rendida às emoções.
— Parte do seu aprendizado passa por vencer esse cansaço. Vai aprender a não se envolver nos sonhos, a ser apenas uma espectadora — beijou-a na testa. — Agora tente descansar.

Elizabeth tinha certeza de que o sonho era um mau presságio. Durante a infância e adolescência seus pesadelos com leões preocupavam o pai, até que desapareceram quando mudaram para São Paulo. Mas agora tinham voltado, repletos de simbologias ameaçadoras.

Anotou o sonho num caderno novo, de capa dourada. Estava completamente insone e lembrou do conselho de Daniel sobre rezar para os anjos às três da manhã. Abriu o livro de orações da mãe e começou a ler os títulos. Havia orações contra todos os males possíveis. Quatro mulheres da sua família escreveram aquelas orações. Em algumas páginas havia ritos de proteção, bebidas, ervas e referências a objetos sagrados. Elizabeth percebeu que aquele caderno continha muito mais do que orações: era um caderno de magias, conjurações e exorcismos, com trezentas e setenta páginas minuciosas. Tratava-se de uma combinação de textos que abrangia a proteção do corpo e da alma contra as terríveis forças do mal. Virou as folhas devagar, espantada com a clareza das explicações e a profusão de nomes de santos e ritos. Descobriu, logo nas primeiras páginas, uma antiga reza contra o mau olhado, que sugeria o uso de um escapulário com o olho grego, um talismã do Oriente Médio que protegia contra a inveja. Na página cento e trinta e quatro encontrou uma novena para afastar os pesadelos, e tornar as mensagens claras, sob a proteção de São Jorge. Elizabeth achou que seria uma boa ideia rezar como suas antepassadas e, sem alarde, começou a trilhar o caminho secreto das invocações mágicas e a descobrir quão poderosas eram as palavras.

Miguel também não teve uma noite tranquila. Enquanto Elizabeth se arrastava para fora do seu pesadelo, no mesmo horário, às três da manhã, ele passou à frente da porta do prédio dela e viu Seth rondando como um cão de guarda feroz. Quando seu carro cruzou a rua, no local onde Seth estava de pé, quase imóvel, eles mediram-se friamente, antecipando o que parecia ser um confronto inevitável e violento.

Miguel não parava de pensar em uma forma de tirar Elizabeth dali. Sabia que a presença de Seth era apenas parte do problema. A parte visível do problema. Por trás, nas sombras, estava se preparando a verdadeira batalha, que ficara latente durante séculos.

Às dez da noite o Conselho reuniu-se. Apesar do seu habitual autocontrole, Miguel conteve a ansiedade com esforço: a cada instante a imagem de Elizabeth crescia dentro dele, e a importância de tudo o que ela representava agigantava-se.

Entrou na sala com a longa capa vermelha sobre a roupa esportiva e ocupou seu lugar na mesa redonda. Começou a reunião com um mantra e avaliou silenciosamente os membros da Irmandade, percorrendo-os com um olhar analítico. Eram seis pessoas, além dele: Tereza, sua assistente; Juan Penafor, diretor de Marketing na UniTouch; Ambrósio Santos, um português de cinquenta e dois anos que passara a maior parte da vida na África; Frederico Buonaventura, o mais velho, descendente de índios brasileiros, com cinquenta e sete anos; Kami, uma havaiana de quase cinquenta anos; e Georgia Ivanović, a mais jovem, uma sérvia de trinta e cinco anos, embora lhe pesassem como se fossem cem.

Eram pessoas solitárias, magoadas e ressentidas, e, exceto Tereza, tinham um passado trágico. Miguel sabia que aquela energia imensa, gerada pelo desespero, tinha que ser canalizada de alguma forma. Tinha-os escolhido pelas suas histórias dramáticas e por conhecerem a maldade e buscarem a redenção. Eles eram almas negras à procura da salvação.

— Imagino que estejam se questionando sobre a urgência da reunião. Bem... Trata-se de Elizabeth Blanchefort. — Miguel começou a falar calmamente.

— Sabemos que ela é importante, isto é, se for mesmo capaz de ver o futuro e o passado... Mas convocar uma reunião com tanta urgência só para tratar deste assunto parece excessivo. — Tereza comentou ácida, sem conseguir se controlar. Elizabeth incomodava-a. Já a tinha visto na empresa e desde sua chegada, quase dois meses antes, só se comentava sua beleza. Além disso, sentia que Miguel se alterava quando falava nela. A raiva que Elizabeth lhe suscitava desnor-teou-a a ponto de ultrapassar os limites com Miguel: falar com ele daquela forma foi um erro que Tereza percebeu quando já era tarde demais. Viu como ele a olhou, em silêncio, sem mover um

músculo do rosto belíssimo ou das longas mãos pousadas sobre a mesa. Parecia uma estátua, e ela soube que ele estava pensando no que faria. Ele tinha a capacidade de levar as situações ao extremo, até torná-las insuportáveis, e a sala foi-se enchendo com seu silêncio e imobilidade. Tereza começou a sentir o estômago às voltas, temendo a reação dele. Miguel era imprevisível, mas nunca deixava alguém impune por um erro. E Tereza acabara de cometer um. Finalmente ele falou devagar, cortante, como se as palavras fossem feitas de aço.

— Imagino que esteja perturbada com algo grave. Não vejo outra razão para sua atitude. Até onde sei, eu determino a importância e os assuntos que debatemos. Ou estou enganado, Tereza?

— Não — respondeu pálida. Miguel tinha a habilidade de destruir uma pessoa em poucas palavras, não apenas pelo que dizia, mas principalmente pela frieza com que o fazia e pelo seu olhar implacável. Tereza achava que quando ele se alterava até os seus olhos mudavam de cor. Mas não tinha certeza.

— Quer dizer algo que não sabemos? — insistiu irônico, com os olhos fulgurantes.

— Não. Desculpe, Miguel — respondeu, sentindo o coração pular dentro do peito e as mãos frias, pelo nervosismo. Parecia que estava de novo com seis anos, sendo repreendida pela professora à frente dos colegas de classe. Naquele momento odiou-o.

— Desculpada. Só desta vez — respondeu aborrecido, como um pequeno deus complacente, aumentando a ira dela. Miguel achou que o início daquela reunião era um mau presságio. Tinha sido um erro envolvê-los no assunto de Elizabeth. Mas, no momento, pareceu uma boa ideia que soubessem quem ela era e o quanto parecia importante que ela fizesse parte da Irmandade. Continuou falando, agora para os restantes.

— Ao contrário de Tereza, acredito que se justifica uma reunião para falar de Elizabeth. Com seu dom ela pode nos ajudar a conhecer o futuro e o passado. Eu sei que, para alguns, o passado é mais importante que o futuro. Porém, da forma como tudo está se encaminhando, a possibilidade de Elizabeth pertencer ao nosso círculo é cada vez mais remota.

— Daqui uma semana ela volta ao trabalho e vou me aproximar dela, já que a força não é uma alternativa — afirmou Penafor.

— Não me parece que resulte. Já percebemos isso, Penafor. — Ambrósio usou sua voz de barítono para anunciar que aquela deixara de ser uma opção.

No máximo, Penafor conseguiria vigiar os passos de Elizabeth na empresa, mas não mais que isso. Dificilmente ela criava laços pessoais com um colega de trabalho, e isso já tinha ficado claro no seu comportamento antes da morte do pai.

— Então proponham alternativas — respondeu Penafor de forma contundente.

— Elizabeth passa a ser uma responsabilidade minha — concluiu Miguel, agora decidido a afastá-los de Elizabeth. — Mas quero que descubram o máximo possível sobre as pessoas que estão com ela. Façam o que for necessário.

Embora Miguel soubesse tudo sobre o grupo que protegia Elizabeth, queria testar até que ponto um estranho poderia descobrir quem eles eram e o que faziam. Aquilo parecia vital para seu plano, mas, principalmente, para sua própria proteção.

— O que for necessário? — perguntou Frederico com uma entoação metálica, que camuflava certa violência.

— Sim — reforçou Miguel. — Ambrósio e Tereza serão responsáveis pela investigação. Como temos pouco tempo, reunimo-nos no próximo sábado.

— E como pretende atrair Elizabeth? — questionou Tereza, e ele percebeu o ciúme dela.

— Não se preocupe com isso. Concentre-se nas suas tarefas — disse em um tom seco, quase de ameaça, intimidando-a e fazendo com que se calasse.

— Mesmo horário? — perguntou Georgia, sobre o horário da reunião na semana seguinte.

— Sim — concordou Miguel. — Acho que por hoje é tudo. Kami, você está resolvendo a questão das túnicas para as boas-vindas da Elizabeth, não é?

— Sim, Miguel. Linho branco, como pediu.

— Até sábado. Tereza, por favor, feche a casa. — Miguel encerrou a sessão com uma ladainha em latim e saiu.

Miguel tinha certeza que podia contar com a lealdade deles. Acreditava que aquilo que separa os homens são os interesses, e ali os interesses eram comuns e a relação era vantajosa para todos. Mas nenhuma daquelas pessoas suspeitava das verdadeiras intenções de Miguel nem do segredo que existia entre ele e os atuais protetores de Elizabeth.

Ela era especial, apesar dos membros da Irmandade não terem percebido sua verdadeira importância. Acreditavam que era uma pitonisa, mas isso

significava apenas a possibilidade de um ganho pessoal, como se Elizabeth fosse algum tipo de “adivinha” que pudesse mostrar os caminhos para resolver problemas. Porém, a realidade era muito mais complexa, e eles não faziam ideia do que estava prestes a acontecer. Miguel usava-os para garantir o funcionamento da Irmandade, mas também para manter a fachada, e evitar que alguém investigasse suas atividades e percebesse que havia uma relação entre as suas viagens e os misteriosos ataques sanguinários que dilaceraram dezenas de pessoas, deixando-as completamente despedaçadas e irreconhecíveis. Fazer parte de uma Organização Não Governamental totalmente legítima, centrada na ajuda humanitária a várias partes do mundo, lhe oferecia uma liberdade imensa: viajava para qualquer lugar sem obstáculos, e mantinha as suas verdadeiras atividades fora de suspeita.

11. O mundo invisível

Se não o crerdes, não vos mantereis firmes.

Isaías, 7: 9

Elizabeth começou o treinamento físico relembrando como os gestos podiam adquirir a fluidez dos golpes, mas agora o aprendizado conduzia-a para emoções mais profundas. Tudo o que aprendera durante anos passara a revestir-se de um propósito letal.

Dib a ensinou a usar a força do oponente, sem desperdiçar sua própria energia, um dos princípios do Tai Chi. Uchoa a ajudou a aguçar os sentidos para que reconhecesse as fraquezas do adversário instintivamente. Seth contribuiu para aumentar o equilíbrio do seu corpo, com a elegância e agilidade da espada, como se uma linha transparente a ligasse ao céu, mantendo-a vertical e firme.

A esgrima e o Tae Kwon Do não foram tão cansativos quanto esperava, e ela conhecia a maioria dos movimentos, mas trabalhar a energia, com as técnicas do Tai Chi, foi muito mais complexo e exigiu dela toda a concentração possível, deixando-a, frequentemente, exausta.

Miguel sabia que não conseguiria encontrar-se com Elizabeth. Ainda recordava bem que o treinamento da Ordem isolava o iniciado das influências que pudessem interferir na sua progressão. E, naquele momento, ele era alguém que podia perturbar o caminho traçado para Elizabeth. Além disso, tinha certeza de que não a deixariam sozinha por questões de segurança:

ninguém desejava repetir o erro cometido com Angelina. Após a morte de Anabelle, a Ordem não previu que o incidente se repetisse e aquela falta de precaução custou a vida de Angelina. Arturo viveu consumido pela culpa, e isso contribuiu para que adoecesse.

Elizabeth era a última descendente de duas linhagens poderosas, e a segurança em volta dela era enorme. Miguel só conseguiria se aproximar recorrendo às antigas magias para encontrá-la nos sonhos, antes que a influência da Ordem sobre ela aumentasse.

À meia-noite, deitou-se na sua imensa cama, forrada com lençóis de puro algodão egípcio e fechou os olhos. Respirou até atingir um relaxamento profundo, que o permitiu libertar-se da matéria e flutuar. Viu o corpo sobre a cama, como se não lhe pertencesse. Viajou como um fantasma, mas ao tentar entrar no sonho dela encontrou uma barreira de símbolos e letras que bailavam com luz própria, formando uma armadilha letal. Soube que o responsável só podia ser Daniel e aquilo era fruto dos misteriosos anos de treinamentos com os monges tibetanos. Evocou, com esforço, todos os seus conhecimentos mágicos até romper a barreira, por um milésimo de segundo, o tempo suficiente para ultrapassá-la. Percebeu que Daniel tinha se tornado muito poderoso.

Gastara quase toda a energia para se aproximar, restando pouco tempo para falar com Elizabeth. Abraçou-a pela cintura, encostou os lábios ao seu ouvido e avisou-a:

— Você corre perigo.

Ela assustou-se no meio do sono, mas ele continuou falando com brandura, mantendo o braço junto ao corpo dela para tranquilizá-la:

— As pessoas que a rodeiam vão te isolar e usar teu dom. Pergunte como é que Daniel sabe tudo sobre sua família? Como se tornou amigo do seu pai? Como surgiram essas pessoas, justamente depois da morte dele? Faça as perguntas certas.

Nesse instante um monge vestido de laranja, com um capuz cobrindo o rosto, materializou-se na frente deles e assoprou para Miguel. Um sopro breve. Miguel sentiu-se esvaír, como se estivesse sendo sugado por uma poderosa turbina. Ainda tentou beijar Elizabeth, mas não conseguiu. Daniel tinha minado sua energia com os encantamentos que deixara na entrada do apartamento e o estranho monge do sopro sugara o resto das suas forças. Se não se afastasse rapidamente, seu espírito enfraquecido seria incapaz de voltar ao corpo. Amaldiçoou Daniel e percebeu que não seria fácil vencê-lo.

Pouco depois, quando Miguel se mexeu na sua própria cama, estava tão extenuado que não conseguiu determinar, com clareza, se Elizabeth tinha compreendido a mensagem que tentara transmitir.

Elizabeth acordou perturbada com o realismo do sonho. Parecia ainda sentir a boca de Miguel próxima da sua. Por um momento, achou que ele fosse beijá-la, mas desapareceu de repente, tragado pelo ar, quando o monge de laranja surgiu. Anotou, no caderno dos sonhos, uma lista de perguntas desencadeada pelas palavras de Miguel. Lembrou-se da cisma de Maria com Daniel e do conhecimento que ele tinha sobre sua família, exatamente como Miguel insinuara. A dúvida instalou-se e tudo pareceu suspeito, até Alessia com aquela beleza intocada pelo tempo. Passou o resto da noite acordada, atormentada pelas dúvidas.

Assim que a cumprimentou, Dib percebeu que algo sombrio incomodava Elizabeth. Em volta de seus olhos turvos, se destacavam dois círculos negros no rosto pálido. Soube que ela iniciara a batalha interior que determinaria suas escolhas. A dúvida era parte da evolução, e Dib decidiu mostrar o poder da energia, para que ela compreendesse aquilo com que lidaria.

Por mais insólito que parecesse, Elizabeth devia aprender a manipular energias que a maioria das pessoas nem sequer acreditava que existissem. Era como se o ar estivesse cheio de forças capazes de destruir ou fortalecer qualquer ser. Dib ensinou Elizabeth a sentir a energia, e ela compreendeu, rapidamente, que o ar se tornava denso e adquiria força. Aprendeu a absorver aquela força, que a fortalecia. Dib relembrou a existência de uma multiplicidade de energias provenientes da terra, do ar, do sol e da água, e que assumiam várias formas e densidades. A energia era como a magia: nem boa nem má, as pessoas que a transformavam em algo positivo ou negativo.

Depois dos exercícios, Elizabeth estava esgotada e com o corpo dolorido. Dib explicou:

— A lição mais importante é a seguinte: as regras do mundo físico são as mesmas do mundo espiritual.

Elizabeth aprendeu que o mundo invisível era tão forte quanto o visível. E, naqueles lugares etéreos onde habitam os sonhos, existem forças tão poderosas quanto qualquer força da natureza. Era a eterna luta entre luz e escuridão e, às vezes, em certos lugares, elas fundiam-se de tal maneira que

era difícil saber onde começava uma e acabava outra. Era ali que ela caminharia para resgatar o futuro e o passado.

Naquela manhã, quando Alessia avisou Elizabeth que tinha uma visita, ela voou para a sala, esperando encontrar Daniel. Ao deparar-se com Kent, seu rosto quase traiu o desapontamento. Kent beijou-a com carinho, dizendo:

— Desculpe aparecer sem avisá-la...

— Estava descansando da maratona de exercícios — justificou-se, apontando para um sofá confortável. — Sente-se, por favor. Aceita um café?

— Não, obrigado. Vim apenas te ver. Dib está preocupado com você. Comentou que não estava bem ontem, e Daniel me pediu que viesse vê-la... Aconteceu alguma coisa? — perguntou sentando-se e avaliando-a com os seus olhos negros.

— Está tudo bem, obrigada — mentiu.

— Então por que estava tão perturbada ontem? — insistiu parecendo saber o que se passava com ela. Elizabeth assustou-se com a possibilidade de Kent descobrir não as suas dúvidas, mas sua secreta e crescente paixão por Daniel. E esse pensamento foi suficiente para fazê-la confessar o que havia acontecido, evitando revelar seu mais obscuro segredo.

— Tive um sonho e depois não consegui dormir.

— E falou com Alessia sobre esse sonho? — quis saber, lembrando-a sutilmente que Daniel havia dito para Alessia ajudá-la com os sonhos.

— Não. Achei que não fosse tão importante assim.

— Não era tão importante, mas te manteve acordada. Estou curioso — disse sorrindo, com suavidade. Ela também sorriu, consciente de que caíra na própria armadilha, ao reconhecer a lógica do argumento de Kent.

— Não foi o sonho que me deixou acordada, mas o que fiquei pensando depois.

— Quer me contar o que aconteceu? Talvez eu possa ajudar — perguntou persuasivo. Elizabeth hesitou, incomodada com a insistência, mas Kent explicou:

— Os seus sonhos podem ser a chave para eventos que irão acontecer ou já aconteceram. Não sabemos se vai sonhar com o assassino, e isso pode não ser ainda claro para você. Seu dom pertence ao mundo e temos que protegê-la, pelo menos até você decidir o que irá fazer.

Kent tinha razão, mas Elizabeth se questionava por que Daniel não tinha

vindo. O que acontecera para Kent estar ali, em vez de Daniel? Queria perguntar, mas o receio de trair-se foi mais forte, e respondeu, ao perceber que era melhor contar tudo para aplacar a curiosidade de Kent, evitando que ele descobrisse seu verdadeiro segredo.

— Sonhei com Miguel Besson. Só o vi uma vez, mas ele foi simpático e disse que conhecia meu pai. Acho que desenvolvemos uma ligação qualquer. No sonho ele veio me avisar contra o padre Daniel... Não entendi muito bem.

Se Elizabeth não estivesse tão preocupada em camuflar seus sentimentos por Daniel e estivesse mais atenta, teria percebido a perturbação que as suas palavras provocaram em Kent. Os olhos dele se fecharam num misto de raiva e preocupação e o maxilar ficou tenso, sobre os dentes cerrados, mostrando as linhas firmes do queixo bem delineado.

— O que ele disse?

— Para eu ter cuidado porque vocês estavam me isolando. Também sugeriu que eu descobrisse como padre Daniel sabia tudo sobre minha família.

Kent se esforçou para responder de forma casual, como se aquilo não tivesse importância:

— E você, o que acha?

— Não sei... — respondeu, hesitante, e Kent foi assaltado por uma onda de ternura, como se a fragilidade dela suscitasse as emoções que um pai teria naquelas circunstâncias.

— Foi seu pai que apresentou Daniel, em um dos seus últimos gestos, não é?

— Sim. O último — corrigiu, lembrando aquele momento doloroso.

— Você confiava nos julgamentos do seu pai. Confia em Alessia. Por que duvida agora?

— Não duvido deles.

— Então duvida apenas de Daniel?

— Não é isso. Existem tantos segredos... E a presença de Miguel nos meus sonhos é estranha. Fiquei com a sensação que ele também esconde alguma coisa. Não sei o que pensar.

— Deve confiar em Daniel. Se não houver confiança, tudo vai parecer conspiratório, porque há segredos que desconhecerá até o momento de se integrar à Ordem.

— Compreendo.

— E mais, Elizabeth... Com seus treinamentos vai aprender a apoiar-se

mais na sua intuição. Mas tem que se acalmar. A ansiedade e a angústia tornam tudo difícil de compreender. E provocam graves erros de julgamento — repetiu conceitos que ela já conhecia.

— Padre Daniel já me disse isso. E Alessia também.

— Então confie neles. E fale com Alessia. Não guarde as dúvidas para você, porque elas aumentam. Às vezes o silêncio é precioso, mas também pode ser terrível, como um fermento abafado que acaba infeccionando. Os acontecimentos têm sempre dois lados.

Kent sabia que Besson estava tentando confundi-la, e era vital que ela se afastasse dele. Mas, naquele momento, não havia como avisá-la contra Besson, porque a explicação soaria tão absurda que ela jamais acreditaria.

— Tem razão. Da próxima vez vou falar com Alessia — cedeu Elizabeth.

Kent despediu-se, e ela sentiu alívio por ter partilhado o sonho com alguém. Mas ainda persistia uma pequena dúvida, aguardando a primeira oportunidade para se agigantar.

Daniel acordou com o som do celular às seis da manhã. Bardas cumprimentou-o jocoso:

— Espero não ter acordado você.

— Que ideia — retrucou Daniel entrando na brincadeira, já de pé, indo para a cozinha preparar o café, vestindo as largas calças do pijama de seda azul. — Suponho que tenha novidades, para estar tão bem-disposto.

— Acertou. Descobrimos algumas informações que podem levar ao contratante de MacGee.

— Conseguiram? Como? — Daniel estava surpreso com a rápida evolução da investigação.

— MacGee tinha um apartamento em Londres. Viramos aquilo do avesso e encontramos, sob o fundo falso do armário de cozinha, um caderno com anotações dos depósitos, reuniões, datas e nomes. Essa é a notícia boa.

— E a má?

— Infelizmente está em código. Estão tentando decifrar, mas ainda não conseguiram. Tem informações sobre os últimos quinze anos. Achemos que matou trinta pessoas nesse período.

— Quando acha que saberemos essas informações?

— Não sei. Ele criou um código pessoal. Estamos desenvolvendo um software que permita fazer todas as combinações possíveis.

— O código é alfanumérico?

— Sim. Por que pergunta?

— É bem mais difícil de decodificar: são milhões de combinações de letras e números.

— Ah sim — concordou Bardas. — Mas telefonei para dizer que tudo está bem encaminhado.

— Obrigado, Bardas.

As novidades de Bardas deixaram Daniel agitado: percebeu que assim que o responsável pelos crimes fosse descoberto, a Ordem teria menos tempo para desvendar o que poderia acontecer com Elizabeth e qual sua ligação com as relíquias. A maior parte da Ordem achava que a pessoa que queria os artefatos era a mesma que estava por trás dos crimes de Anabelle e Angelina e poderia também assassinar Elizabeth. Mas Daniel não estava seguro que fosse assim. Acreditava que, apesar de várias pessoas terem sido assassinadas para que MacGee conseguisse o Cálice e o Anel, e fosse vital descobrir quem encomendara aqueles crimes, talvez aquilo não estivesse relacionado com Elizabeth. Ela era muito preciosa para ser morta em troca de algum objeto, por mais importante que esse objeto fosse, e estava certamente reservada para algo muito mais complexo.

Elizabeth dedicou-se aos treinamentos, seguindo as instruções precisas de Dib, Uchoa e Seth, não apenas porque queria estar bem preparada para a reunião de 6 de dezembro, mas também porque compreendeu que os exercícios continham uma antiga sabedoria que melhorava sua concentração e seu bem-estar.

Apesar da rotina intensa, Elizabeth sentia falta de Daniel. Quando estava sozinha, o tempo parecia mais lento e ela não conseguia livrar-se do nó que sentia no estômago, como se a ausência dele fosse uma queimadura constante.

No final de semana telefonou finalmente ao Miguel, como combinara:

— Miguel?

— Lembrou de mim — exclamou ele, reconhecendo a voz, e fazendo-a rir com o comentário. Miguel mantinha o dom de despertar a alegria. Ele representava amplitude e luz, um mundo oposto ao de Daniel, carregado de sombras e segredos.

— Nunca me esqueci de você — respondeu zombeteira.

— Teve uma semana ocupada?
— Muito, mas combinei que telefonaria...
— Eu sei. Vamos marcar nosso jantar?
— Começo a trabalhar segunda-feira, mas podemos jantar na quinta. O que acha?
— Dia 19? Perfeito — aceitou, embora preferisse encontrá-la antes que ela voltasse ao trabalho. — Às nove?
— Gostaria que fosse um pouco mais cedo. Pode ser às oito?
— Claro. Tem alguma sugestão?
— Podemos ir a um restaurante japonês. Existe um ótimo nos Jardins, perto da Lorena — sugeriu por ter sempre várias opções para seu paladar vegetariano.
— Gosto muito de comida japonesa — disse Miguel. — E conheço esse restaurante. É ótimo.
— Encontramo-nos lá às oito.
— Não prefere que eu a leve? Posso passar pela sua casa — ofereceu.
— Não é necessário, Miguel. Prefiro ir no meu carro.
— Está bem. Até quinta. Mal posso esperar — riu ele, provocando-a.
— Adeus Miguel.
— Um beijo, querida — despediu-se com intimidade, como se a conhecesse havia muito tempo.

Percebeu que estava feliz por rever Elizabeth e esse sentimento incomodou-o. Por vezes, a sedução começa dentro do sedutor, e foi o tempo que passou a observando e os dias que tinha vivido junto de Arturo que o aproximaram dela. Era irônico que fosse apaixonar-se justamente por Elizabeth.

Tinha que afastá-la da Ordem, inclusive de Alessia, o que seria difícil, por elas serem muito ligadas, e Alessia era a mãe que Elizabeth não tivera. Foi nesse momento que Miguel teve uma ideia clara do que poderia fazer para enfraquecer a influência de Alessia.

Bento veio jantar e, junto com Alessia, prepararam uma nova receita de raviólis recheados com abóbora, revelando a cumplicidade que os unia nos pequenos gestos de carinho e nos comentários que trocavam. Elizabeth observou-os, incapaz de compreender a relação dos dois: por um lado pareciam um casal de namorados, sempre carinhosos um com o outro, mas,

por outro, pareciam apenas amigos, e nunca tiveram qualquer atitude que indicasse que pudessem ser mais do que verdadeiros amigos. Porém, era indiscutível o afeto que sentiam, e não havia semana que não se encontrassem, pelo menos duas ou três vezes.

Depois de Bento ter ido embora, Alessia e Elizabeth tomaram chá de hortelã, enquanto assistiam a uma série policial na televisão.

— Quase esquecia de contar que vou jantar com o Miguel na quinta-feira — comentou Elizabeth com naturalidade.

— De onde surgiu essa ideia? — estranhou Alessia, tentando controlar a surpresa.

— Liguei para ele, e combinamos jantar no restaurante japonês, nos Jardins.

— Mas jantar? — perguntou, resistente à ideia de Elizabeth encontrar-se com Besson.

— Acha que eu não devia sair com ele?

— Acho que deve ir, mas tenha cuidado. Mal o conhece — Alessia justificou, tentando parecer natural.

— Está preocupada? Se estiver eu não vou — perguntou, ciente das ameaças à sua segurança.

— Acho que deve ir. Leon e Náder vão com você. E Uchoa também. Quinta é a vez dele ficar aqui — justificou Alessia.

— Então não pode acontecer nada. Estou mais que protegida, não acha?

— Acho... — respondeu, embora estivesse insegura por ter aconselhado Elizabeth a jantar com Besson. Alessia era uma das poucas pessoas que conhecia a verdadeira capacidade de manipulação de Besson, e sabia do perigo que ele representava.

Apesar da concordância de Alessia, Elizabeth achou que aquele jantar a incomodava, mas no instante em que ia questionar sobre o assunto, o telefone tocou. Alessia atendeu e falou durante alguns minutos, afastando-se até o corredor. Quando voltou, estava visivelmente mais calma, e estendeu o telefone para Elizabeth, dizendo:

— É o Daniel.

— Padre Daniel. Que surpresa — brincou Elizabeth, tentando disfarçar a alegria.

— Tenho estado ocupado — justificou-se.

— Quando vem nos visitar?

— Talvez no próximo final de semana.

— Mas isso é muito tempo! Podíamos tomar um chá antes — propôs, sem se conter.

— Vou ver se consigo. Conte, como vão os seus novos professores?

— Não tem sido fácil — queixou-se. Daniel deu uma gargalhada, contagiando-a. Ela disse, sem pensar:

— Estava com saudades.

Ele percebeu a doçura na voz dela. Ele também estava com saudades, mas estava impedido de confessar, por não poder se dar ao luxo de ter qualquer tipo de sentimento amoroso por ela. Brincou, evitando que o comentário dela os fizesse resvalar para uma conversa sensual:

— Que bom. Significa que comigo tudo foi fácil.

— Sabe o que quis dizer — ela tentou se defender.

— Não sei, mas sei que vai me contar quando eu for aí — respondeu tranquilo, com voz neutra.

— Fico à espera — insistiu ela.

— Eu telefono.

Quando desligou percebeu que Alessia a observava atentamente.

— O quê? Aconteceu alguma coisa? — perguntou temendo ter revelado as suas emoções.

— Não. Estava vendo você conversar com Daniel... Aprendeu a gostar dele, não é?

— Aprendi — murmurou, percebendo que Alessia estava apenas preocupada com ela, sem imaginar a intensidade dos seus sentimentos por Daniel.

Depois de ter conversado com Alessia e Elizabeth, Daniel telefonou para Dib:

— Acordei-o, Dib?

— Não. Estava só descansando. Já são quase dez da noite e eu acordo de madrugada, por causa da nova pupila — comentou, esticando o corpo elástico e sentando-se na cama.

— Entendi a mensagem — respondeu Daniel, bem-humorado.

— E como você já sabe tudo isso, e está ligando a esta hora, calculo que tenha acontecido algo — deduziu Dib.

— Elizabeth vai jantar com Besson na quinta-feira.

— O quê? Alessia não a impediu? — perguntou Dib, depois de sair da

cama.

— Elizabeth até se propôs cancelar, mas Alessia achou melhor deixá-la ir.

— Não acredito que Alessia fez isso.

— Ela vai ter que enfrentá-lo algum dia. É inevitável.

— Ela não está pronta, Daniel. O Besson vai manipulá-la contra nós.

Vamos perdê-la.

— Não vamos — afirmou, seguro.

— Ele vai seduzi-la e ela não terá forças para resistir.

— Dib, ele não vai fazer nada que já não tenha feito.

— O que quer dizer?

— Besson conheceu Elizabeth e sabemos que não foi por acaso. Por isso não vale a pena evitar o inevitável.

— Ela precisa saber se defender. Desculpe discordar de você, mas acho que é muito cedo para ela o enfrentar.

— Concordo. Mas ambos sabemos que ela nunca vai estar verdadeiramente preparada para enfrentar Besson, não é? — afirmou Daniel.

— Sim, nós é que teremos que protegê-la.

— Então vamos ajudá-la, Dib. Ela já sabe muita coisa, porque sua segurança era vital para Arturo. Você terá que sintetizar e ensiná-la a usar o conhecimento. Besson não vai estar à espera disso, até porque ninguém tem verdadeira consciência do poder de Elizabeth.

— Não há tempo — argumentou Dib.

— Nos próximos dias você vai ensiná-la a se defender das energias exteriores, em particular da energia de Besson.

— Ela precisa aprender outras coisas antes. Você sabe que não funciona assim. Há um caminho a percorrer no aprendizado... É como a vida. Não há como saltar etapas.

— Eu sei Dib. Mas para situações extremas, precisamos de medidas criativas.

— E você acha que eu consigo treiná-la em quatro dias para ela se defender de Besson?

— Elizabeth é especial. Vamos tentar.

— Está bem. Agora vou dormir. Até amanhã. — Dib, apesar de contrariado, aprendeu a não duvidar da intuição de Daniel, mas sabia que Besson, além de ser muito carismático, tinha um poder mental enorme. Todos sentiam algum receio do que ele representava e podia fazer. Besson era a única pessoa capaz de destruir os planos que tinham levado anos a forjar.

— Daniel pediu que lhe ensinasse conceitos que devia aprender adiante. E nós vamos reduzir muitos exercícios à teoria — justificou Dib, antes de iniciar aquela etapa dos ensinamentos.

— Daniel? — perguntou Elizabeth, sem compreender a razão da interferência dele, naquele ponto específico do seu aprendizado. Dib percebeu que ela se contraiu involuntariamente ao pronunciar o nome de Daniel e, em um segundo, descobriu o que Elizabeth tentara esconder com tanto afinco.

No tempo que passaram juntos, Dib viu Elizabeth aprender, persistir, descobrir suas forças e fragilidades. Mas havia uma sombra que trespassava seu olhar de vez em quando, e ele acabara de descobrir que era o amor que ela sentia por Daniel. Tinha que proteger o segredo dela, mas perante a presença ameaçadora de Besson, não hesitou em usar aquela informação para aproximá-la de Daniel. Explicou:

— Ele é o líder da Ordem e é responsável por você — enfatizou, assaltado pela culpa, por usar o amor dela para afastá-la de Besson. Mas pensou que aquilo seria por um bem maior, porque se Daniel era o mais improvável dos homens por quem Elizabeth devia se apaixonar, Miguel era o último dos homens de quem ela devia se aproximar.

— Então é o líder. Agora faz sentido... — comentou, confirmando algo que parecia claro, mas não fora ainda verbalizado.

— O quê?

— Todos parecem ter certa reverência em relação a ele — justificou.

— O que nos traz ao pedido de Daniel: ele quer que aprenda a defender-se e acredita que tem o conhecimento e a capacidade de acelerar várias etapas. Embora eu considere perigoso, concordo com ele: você tem dons especiais e foi treinada desde a infância. Muita informação está latente em você, alguma adquirida e outra inata. Por isso vamos falar do que Daniel quer especificamente que aprenda: como defender-se daquilo que não vê, mas já sabe que existe.

Nos dias seguintes, Dib lembrou a Elizabeth que, independentemente das pessoas acreditarem ou não, a energia era a força motriz dos mundos físico e espiritual. Deu o exemplo de alguém que desconhecia física ou biologia, mas nem por isso deixava de ser regido por suas leis. A imaginação e a capacidade de visualizar eram duas das formas de controlar a poderosa

energia humana, e o pensamento tinha a capacidade de tornar as coisas reais. Elizabeth aprendera com o pai a criar pensamentos luminosos e já praticava alguns dos princípios mencionados por Dib. Fazia uma tarefa por vez, dedicando atenção total a cada momento, para tornar os seus dias mais produtivos. E esforçava-se por fazer tudo com amor, por saber que o sentimento colocado nas tarefas retornava para ela.

Dib sorriu ao perceber que ela já descobrira que o segredo da harmonia estava nos gestos mais simples. A maior parte das pessoas tinha dificuldade em compreender isso, e buscava continuamente grandes revelações e verdades ocultas.

Dib a ensinou a vencer o cansaço que sentia em certas ocasiões, quando dormia ou sonhava, revelando que o mundo dos sonhos era o lugar onde tudo se cruzava e havia seres astrais que podiam fortalecê-la ou enfraquecê-la ao se alimentar de sua energia. Por fim, avisou-a sobre a maior ameaça:

— As pessoas mais perigosas, embora sejam incomuns, têm a habilidade de trocar energia. Absorvem parte da sua energia e a repõem com uma parte da energia delas.

— E o que acontece?

— A energia que foi reposta passa a funcionar como uma chave. A partir daquele momento, esses “vampiros energéticos” têm acesso aos seus sonhos e pensamentos. Quando são muito poderosos podem até controlá-la. Já ouviu falar de pessoas que, às vezes, escutam vozes?

— Sim... Mas achei que eram espíritos.

— E são, na maioria dos casos. No entanto, em certas ocasiões, são essas pessoas poderosas.

— E como se descobre a diferença entre os espíritos e os humanos?

— Com muita experiência — comentou Dib, sorrindo suavemente. — Há poucos humanos com esse nível de desenvolvimento, por ser extremamente difícil e exigir um longo treinamento. Mas é dessas pessoas que Daniel quer protegê-la.

— Está dizendo que posso encontrar alguém que vigia os meus sonhos e pensamentos?

— Sim. E também pode exercer algum tipo de influência sobre você.

— Algum de vocês é capaz de fazer isso? — questionou, perturbada, com o rumo da conversa.

— Nós não fazemos isso. É contra os nossos princípios.

— Mas conseguem fazer? — insistiu ela.

— Sim, conseguimos. Mas não fazemos — reiterou, olhando-a com firmeza. — Temos regras que não nos permitem agir assim.

— Então o que devo fazer, para me defender? — perguntou, angustiada.

— É essencial que saiba que ninguém tem acesso aos seus pensamentos e sonhos sem sua permissão. É como convidar alguém para entrar na sua casa. Não convide. Mantenha suas defesas, você já aprendeu como fazer.

— Estou sendo perseguida de todas as formas... — disse assustada. Dib tentou acalmá-la e, por alguns instantes, achou que tinha ido longe demais, mas ela precisava entender o tipo de ameaça que a rondava. E aquilo era uma ínfima parcela do que ela necessitava saber.

— Você é importante, Elizabeth — falou Dib, devagar. — Está protegida fisicamente, mas também tem que se proteger espiritualmente. E isso ninguém pode fazer por você.

12. Sedução

*Deus descansa na razão.
... Deus atua na paixão.*

Khalil Gibran (1883-1931)

Miguel não se espantou quando Tereza e Ambrósio contaram, na reunião do Conselho, que não haviam descoberto nada sobre o passado de Daniel, Dib, Seth, Uchoa e Kent, como se eles tivessem emergido do vazio nos últimos meses. As exceções eram Alessia e Bento. O que descobriram sobre Alessia remetia ao tempo passado com Elizabeth, isto é, aos últimos vinte e cinco anos. Antes disso também não havia informações sobre ela.

Ambrósio comentou, intrigado:

— Bento foi o único de quem descobrimos mais detalhes.

— Descobrimos em parte — rematou Tereza irônica. — Até entrar no monastério, na França, a vida dele permanece um enigma. Conseguimos um registro do nascimento dele, pouco antes da guerra civil espanhola terminar. Os pais foram mortos, mas ninguém sabe como apareceu, aos vinte e três anos, em um monastério na região de Albi.

Era exatamente sobre Bento e sua ligação com Alessia que Miguel queria saber se eles eram capazes de descobrir informações. Conhecia as origens de quase todos eles, incluindo Alessia, porque tinham um passado comum. O fato de Tereza e Ambrósio, que eram capazes de desenterrar as coisas mais obscuras que alguém pode ocultar, não terem descoberto praticamente nada sobre Bento e Alessia, lhe deu a certeza que o passado deles estava a salvo.

Miguel queria confirmar o que os membros da Ordem faziam agora, reunidos na mesma cidade, mas isso era algo que nem Tereza nem Ambrósio conseguiram descobrir, porque estava muito além do escopo da investigação que ele lhes encarregara. Miguel tinha certeza de que havia uma circunstância especial para que isso acontecesse, e essa circunstância era Elizabeth. Seu dom de conhecer o futuro e o passado significava poder e riqueza para quem a influenciasse ou controlasse. E, por razões diferentes, ou talvez até pelas mesmas, ela estava sendo disputada por dois grupos: a Ordem liderada por Daniel e a Irmandade da Fênix liderada por Miguel. Eles representavam duas forças separadas por uma rivalidade ancestral.

Tereza perguntou com voz casual:

— E Elizabeth? Conseguiu falar com ela?

— Sim. Está tudo sob controle — respondeu com secura, para interromper uma corrente de perguntas que Tereza certamente faria. Mas ela não se conteve e insistiu:

— Falou com ela?

— Falei, Tereza, e também já disse que esse assunto está sob minha responsabilidade.

— Sim, mas queremos saber o que está acontecendo. Afinal, desejamos que Elizabeth se junte a nós. Temos muito a ganhar com isso. Não é só você — insinuou mordaz, desafiando Miguel, mais uma vez, cega pelo ciúme irracional. E aquela era uma atitude que ele não permitiria, principalmente a Tereza, por já ter ultrapassado alguns limites na última reunião.

— Posso responder de várias formas, Tereza. Mas em vez de mostrar que sou o líder e que você é parte desta Irmandade por um convite meu, vou fazer uma proposta — disse pausado e frio. — Você vai trazer Elizabeth para junto de nós. Não esqueça que ela tem que vir de livre e espontânea vontade. Não adianta ter alguém entre nós sob o jugo da força.

A sala mergulhou em um silêncio pesado depois das palavras de Miguel. Ninguém se atrevia sequer a respirar. Os olhos de Miguel eram duas brasas incandescentes e a boca, com os lábios cerrados, transformara-se em uma linha fina, quase imperceptível. Ele estava muito irritado e embora sua reação parecesse desproporcional ao comentário de Tereza, não era. Era óbvio que Tereza fazia um esforço constante para controlar Miguel, movida por sua paixão insensata. Também era óbvio que Miguel era incontrolável, e não escondia a ausência de sentimentos por ela, tratando-a apenas como sua assistente.

A fúria dele era visível no rosto compacto e nas mãos crispadas pousadas sobre a mesa redonda. Tereza sentiu náuseas provocadas pela possibilidade cada vez mais real de perdê-lo. Ela sabia que Miguel não seria seu, mas faria o possível para que também não fosse de mais ninguém. Elizabeth era bela, enigmática, cheia de dons ocultos e Tereza percebeu que ela era muito mais importante para Miguel do que ele demonstrava. O ciúme obscurecia sua racionalidade, mas teve a longínqua intuição de que se acatasse a ordem de Miguel não conseguiria convencer Elizabeth a juntar-se à Irmandade e, por isso, com certeza, seria afastada, e talvez até demitida da UniTouch.

O silêncio adensou-se até Kami ter a coragem de quebrá-lo, para socorrer Tereza:

— Ela não duvidou de você, Miguel. Não foi por mal, não é Tereza? Ninguém consegue aproximar-se de Elizabeth agora. E você já estabeleceu uma ligação com ela. Por favor.

Ele continuou mudo, com o corpo tenso como o de um animal antes de estraçalhar sua presa. O tempo passava e ele não se movia, temendo o incêndio que ardia dentro dele. Estava irreconhecível, com os olhos quase da cor do ouro — um amarelo translúcido e impossível. Tereza percebeu finalmente que os olhos dele mudavam de cor, e baixou os seus, incapaz de suportar aquela ira. Miguel disse cortante:

— Por mim, a reunião está encerrada.

Tereza, frágil e exposta perante todos, disse com a voz trêmula de raiva:

— Miguel, desculpe. Por favor.

Ele continuou imóvel, esforçando-se para dominar as emoções antes de perder o controle sobre o corpo. Miguel travava uma dura batalha interior para não deixar o instinto sobrepor-se à racionalidade.

Tereza insistiu, sabendo que seu futuro junto dele, dependia daquele momento:

— Por favor, Miguel. Não voltará a acontecer.

Depois de mais alguns segundos, que pareceram minutos, ele respondeu, autoritário:

— Não voltem a questionar minhas atitudes. Vocês estão aqui porque eu quero. Eu permito. Eu. E você, Tereza, é a última vez que tenta interferir na minha vida e nas minhas decisões. A última.

— Desculpe Miguel — repetiu, vendo ele abandonar a reunião. Tereza oscilava com frequência entre o amor e o ódio, mas naquele momento seus sentimentos eram de puro ódio. Querer ficar junto dele, e praticamente

implorar pelo seu perdão, fez com que o odiasse mais do que o habitual, mais do que no dia a dia, quando ele a ignorava.

Miguel chegou em casa irritado consigo mesmo, por quase ter-se descontrolado à frente de todos. Aquela possibilidade era inadmissível, porque revelaria sua verdadeira natureza. A raiva expunha o âmago das pessoas. E, na verdade, sua ira não era por Tereza querer saber informações sobre Elizabeth. Era por ela ter pressentido que Elizabeth representava uma ameaça ao seu coração. Miguel cerrou os olhos com força, tomado por um furor quase infantil ao pensar em Elizabeth.

De alguma forma, estava feliz por a reunião ter terminado daquela forma abrupta, e não ter que falar mais sobre Elizabeth com o Conselho. Tornara-se um assunto seu, algo privado, como sempre deveria ter sido. Deitou-se na cama exausto pelo esforço gasto controlando o corpo e as emoções. Precisava de uma boa noite de sono.

Ao voltar para o trabalho, Elizabeth percebeu que o ambiente estava tenso devido às cobranças pelo cumprimento das metas, agora que o fim do ano se aproximava. Quase no final da tarde daquele primeiro e longo dia, Juan Penafor foi vê-la, para lhe dar as boas-vindas e informá-la sobre as mudanças que fizera no seu departamento, seguindo o planejamento dela. Comentou que estava impressionado com os resultados, porque sua equipe estava se relacionando melhor. Apesar de ter reservas em relação a Penafor, ele pareceu sincero, como na despedida antes da sua viagem, e Elizabeth se sentiu recompensada pelos seus esforços. Ela não tinha como saber do papel que Penafor havia desempenhado no seu primeiro encontro com Miguel — quando ele telefonou do estacionamento da empresa, para avisar da saída de Elizabeth. Foi assim que Miguel soube esperar no semáforo para provocar o acidente de carro que os aproximou semanas antes.

Kent continuava investigando rituais que envolviam uma pitonisa como Elizabeth. A Ordem possuía uma imensa biblioteca sobre ritos e símbolos religiosos e mágicos. Ele leu milhares de páginas sem descobrir nada que trouxesse uma nova luz sobre o misterioso ritual responsável pelas mortes de Anabelle e Angelina, além das ideias que já tinham explorado. Ainda não sabia por quanto tempo Elizabeth estaria segura, mas precisava se apressar.

Na sede de São Paulo havia apenas cópias de uma ínfima parcela dos livros

e textos que a Ordem possuía. A verdadeira biblioteca estava em um lugar secreto nos Pirineus, a gelada cordilheira de montanhas do sul da Europa. Mas a seção sobre rituais estava bastante completa e Daniel, durante sua última viagem à Espanha, tinha trazido cópias de antigos textos que podiam conter informações interessantes. Entre eles estava a cópia reduzida do Códice Giga, um dos livros mais misteriosos e temidos da Idade Média, também conhecido por Bíblia do Diabo. No original, escrito no início do século XIII, por um monge beneditino, e, atualmente, exposto na National Library, em Estocolmo, faltam sete folhas que guardam um segredo nunca revelado. Ninguém sabia onde estavam essas páginas, nem o que continham, mas Kent acreditava que poderia encontrar pistas para decifrar o segredo ao longo do Códice, e decidiu lê-lo atentamente. Talvez ali estivesse oculto um ritual secreto associado às pitonisas, e ele conseguisse, finalmente, desvendar qual seria o papel de Elizabeth no cenário desenhado pelo assassino da sua mãe e da sua avó.

Elizabeth viu-o sentado ao fundo do restaurante, em uma mesa junto à janela, e foi ao seu encontro, indiferente aos olhares de admiração que suscitava quando passava.

Miguel semicerrou os olhos para observá-la melhor: ela usava um vestido justo, de manga curta e sóbrio decote quadrado, que moldava discretamente seu corpo. Na cintura, um fino cinto preto contrastava com o vermelho escuro do vestido, e combinava com os sapatos pretos de salto alto. Não levava carteira, apenas o celular na mão direita e a chave do carro na esquerda. Estava belíssima, sem maquiagem e com o cabelo solto.

Ele levantou e beijou-a no rosto, colocando a mão na sua cintura, em um gesto que pareceu familiar a Elizabeth, e a fazia recordar o sonho que tivera com ele. Puxou a cadeira dela e voltou a sentar-se, elegante e despretensioso.

— Está muito bonita — elogiou com uma voz aveludada que não escondia o desejo que sentiu por ela. O timbre da voz dele provocou um arrepio em Elizabeth.

— Obrigada — agradeceu contida, e um pouco envergonhada pelo desejo que adivinhou sob o elogio. Ele percebeu o constrangimento dela, e comentou sério:

— Não queria incomodá-la com o elogio. Mas sua beleza me desarmou. E não foi só a mim — sorriu, olhando rapidamente em volta, indicando que

outras pessoas partilhavam a mesma admiração que ele sentira ao vê-la atravessar a sala. Ela retribuiu o sorriso:

— É muito generoso. Que bom que finalmente nos encontramos.

— Estava quase se transformando em promessa de político — brincou para quebrar o gelo.

— É verdade.

— O que vai beber? Aceita uma taça de champanhe?

— Obrigada Miguel, mas prefiro uma bebida sem álcool.

— Então sugiro um coquetel de frutas.

— Ótimo. Podemos pedir já? Estou com fome — justificou-se com um sorriso.

— Claro. Trabalhou muito?

— Sim. Estou terminando o planejamento de uma reestruturação na empresa.

— Eu sei.

O garçom chegou e interrompeu a pergunta que ficara presa na garganta dela. Depois de encomendarem o jantar, e assim que o garçom se afastou, Elizabeth perguntou, curiosa:

— Como é que sabe o que estou fazendo na empresa?

— Descobri recentemente que trabalha em uma das empresas da qual sou um dos principais acionistas — comunicou, com entoação neutra.

— Como? — perguntou surpresa.

— Sou acionista da UniTouch — repetiu, observando atentamente a reação dela. A boca de Elizabeth contraiu-se de leve, apenas por um segundo. Ela percebeu que a sensação de familiaridade suscitada pelo nome dele, quando o conhecera, estava explicada: com certeza vira-o em algum dos documentos da empresa. Bebeu um gole do coquetel de frutas, refazendo-se da surpresa. A voz não se alterou, quando afirmou:

— Acho que não é ético sair com você.

Miguel percebeu que ela tinha mudado. Não era uma mudança superficial, mas algo profundo, resultado do treinamento intensivo da Ordem. Ele precisava resgatá-la. Elizabeth devia conhecer suas opções, para poder escolher seu futuro.

— Depende. Só recentemente assumi um cargo mais ativo na empresa, e não será por muito tempo. Além disso, nos conhecemos fora do trabalho. Acho que podemos manter a nossa relação pessoal e profissional. Prometo não misturar as duas — explicou devagar, analisando as reações dela.

— Então os trinta dias de licença, para funcionários com pouco mais de um mês de trabalho, são uma política habitual da empresa? Você não teve nada a ver com aquilo? — perguntou, recordando que estranhara que o diretor geral tivesse autorizado sua licença.

— Na verdade tive, mas não foi pessoal. Você está fazendo um bom trabalho e não achei que fosse uma boa ideia perdê-la agora — respondeu com franqueza, surpreendendo-a.

— De qualquer forma não acho bom. Gosto de manter minha vida pessoal e profissional separadas.

— Eu também. Acredite. Mas gostaria que *esta* relação fosse uma exceção. Vamos tentar? — perguntou, persuasivo.

Elizabeth hesitou, mas ele parecia sincero. Miguel insistiu:

— Foi uma coincidência.

— Não acredito em coincidências — retrucou ela.

— Nem eu — respondeu sério, contrariando o que acabara de dizer segundos antes, enquanto comia um sashimi de salmão. Ela reconheceu que havia algo de erótico nos movimentos dele, na forma como levava a comida à boca e mastigava devagar, saboreando com prazer. Ficou fascinada com os gestos suaves dele, que pareciam carícias. Lembrou do seu sonho, da mão morna dele sobre sua cintura num abraço incompleto. Não queria pensar naquilo, mas parecia hipnotizada, enquanto ele a olhava com calma, deliciado. Ela fez um esforço para quebrar o clima de sensualidade:

— Se sabemos que não existem coincidências, então por que acha que estamos aqui?

— É uma pergunta interessante. Não sei, mas parece claro que temos uma ligação. Penso em você e sei que também pensa em mim... Ainda que ocasionalmente. Quero descobrir por que a mão do destino nos aproximou tanto em tão pouco tempo. E você, não quer descobrir?

Elizabeth desconhecia que Miguel tinha sido a *mão do destino*. Ele provocara o acidente e, antes disso, arquitetara a admissão dela na UniTouch. Mas ali estava ele, fingindo desvendar um destino que forjara com tanto cuidado. Elizabeth pressentiu que ele escondia algo, e já não parecia tão simples como no dia em que se conheceram. Mas ele era pura sedução e o corpo dela reagia àquela sensualidade, mesmo sem ela querer. Miguel era insinuante, belo e muito atraente. A camisa azul, com as mangas dobradas até a metade, mostrava os contornos dos braços fortes. O jeans moderno, com a cintura levemente caída e ajustada por um cinto de camurça castanha,

moldava-se ao corpo, deixando adivinhar os músculos perfeitos.

— Quero descobrir — respondeu enquanto comia um pedaço de tofu, disposta a tentar compreender por que se sentia tão atraída por ele.

— Você é fascinante — falou de repente, surpreendendo-a mais uma vez. Ela sentiu a pele palpitar com um desejo primitivo. Cada vez que Miguel falava, sua voz calcava mais fundo. Queria sair dali, para preservar seu amor por Daniel, mas seu corpo a estava traindo.

Ao longe, Uchoa observava-os, e via Besson envolver Elizabeth como uma cobra encanta um pássaro, mas não havia nada que pudesse fazer. Fechou os olhos por um instante, pensando, antes de tomar a decisão de telefonar para Daniel.

— O que está acontecendo? — Daniel perguntou antes mesmo que Uchoa falasse.

— Besson vai seduzir Elizabeth.

— Tenha fé.

— Não, Daniel. Ele é impressionante — disse, sem conseguir esconder certa admiração.

— Acha mesmo que ele vai seduzi-la?

— Sim. Ele é de uma delicadeza tão sutil que ela nem teve oportunidade de se defender.

— Vou resolver isso.

Daniel desligou o telefone, sentou no chão do quarto, quieto como uma antiga estátua de pedra, e começou a meditar. Pequenas gotas de suor, redondas como pérolas, surgiram na testa. Seu corpo parecia desabitado, de tão imóvel. Sem esforço, projetou-se para longe, como se voasse. Havia criado um laço espiritual com Elizabeth, e bastaria sua presença astral para que ela se reequilibrasse.

Viu-a sentada na mesa, transbordando sensualidade, e sendo seduzida por Besson. Sentiu um ardor súbito no peito, difícil de controlar. Era ciúme, uma emoção excessivamente humana, que ele desconhecia. Mas não tinha tempo para lidar com aquele sentimento novo e perturbador, e concentrou-se nela.

Elizabeth era capaz de jurar que tinha visto Daniel, e isso permitiu que se controlasse, interrompendo aquela espiral de desejo crescente.

Miguel percebeu quando ela quebrou o vínculo que estava se criando entre

eles e desejou-a ainda mais. Ansiou pelo corpo esguio e palpitante sob o vestido. Ainda havia inocência no brilho intenso dos olhos dela, mas ele viu também uma sombra. Quis descobrir o que a atormentava, mas estava disposto a esperar. Agradava-lhe a ideia de conquistá-la devagar. De todas as mulheres, ela era a mais especial — era a última das pitonisas.

Elizabeth passou o resto do jantar evitando enredar-se na intimidade sedutora dele. Porém, sua resistência a Miguel não impediu que, naquela noite, tivesse um sonho impregnado de sensualidade enquanto discutiam a festa de Natal que ela pretendia organizar para a empresa. Falaram sobre o local, a decoração e o cardápio. E Miguel abraçou-a pela cintura, beijando-a com intensidade. Mas o beijo foi interrompido pelo monge vestido de laranja: ele surgiu repentinamente, assoprou e o sonho esvaiu-se.

Se Elizabeth não estivesse na sua cama, seria capaz de jurar que aquilo havia acontecido. Seus sonhos com Miguel pareciam reais. Sentiu uma onda de calor ao recordar o beijo sensual, e por mais que lutasse contra, seu corpo respondia ao erotismo dele, apesar dos seus sentimentos por Daniel.

13. A ronda dos leões

A união do rebanho obriga o leão a dormir com fome.

Provérbio africano

Naquela manhã, assim que Dib viu Elizabeth, perguntou, como forma de cumprimento:

— Sonhou muito?

— Sonhei com o Miguel — respondeu, espantada com a pergunta certa de Dib. — Sabia que ele é um dos principais acionistas da empresa onde trabalho?

— Não — mentiu, lembrando que depois de Leon ter contado a Alessia sobre o papel de Besson no acidente de carro com Elizabeth, Daniel pedira para Seth e Uchoa descobrirem tudo que pudessem sobre ele. Havia anos que não sabiam nada de Besson e, de repente, ele surgira em São Paulo. Rapidamente compreenderam que ele planejava aproximar-se de Elizabeth, embora ainda não tivessem descoberto quais as suas verdadeiras intenções.

— Foi estranho.

— O sonho?

— Não. O jantar de ontem à noite — respondeu mudando de assunto e revelando aquela capacidade tipicamente feminina de saltar de uma coisa para outra com leveza. — O Miguel teve um efeito hipnótico sobre mim. Não consigo explicar...

— Podemos analisar juntos — sugeriu, atento.

— Sim... — Elizabeth riu, dando uma palmada suave nas costas dele. —

Você se transformou em professor de mistérios invisíveis, segurança nas horas vagas e agora confidente e terapeuta. E eu nem sei o que você realmente faz, Dib.

— Um dia falaremos de mim. Agora vamos falar sobre o que aconteceu. Como é que Miguel foi hipnótico? — perguntou suavemente, com aquele seu jeito manso de monge.

— Ele parecia um ímã que me atraía. Eu sentia o que estava acontecendo, mas não conseguia evitar. E não sei se era fruto da minha imaginação ou se estava realmente atraída por ele. E, além disso, sonhei com ele — comentou Elizabeth, quebrando a barreira das suas reservas habituais e mostrando que confiava em Dib.

— Às vezes criamos uma ligação com alguém e sentimos as mesmas emoções. Ou essa pessoa exerce algum tipo de influência sobre nós. Falamos sobre isso, lembra?

De repente ela teve uma ideia absurda. Dib viu o rosto dela tornar-se tenso. Ela ficou calada por alguns segundos, avaliando, antes de perguntar:

— Você ensinou-me aquilo sobre a transferência de energias por causa do Miguel?

— Sim — Dib admirou-se com a rapidez com que ela estabeleceu as conexões entre os fatos.

— Então você conhece o Miguel?

— Não conheço, mas todos os outros, da Ordem, conhecem.

— São amigos dele? — perguntou surpresa.

— Não. Mas respeitamos Besson — falou com honestidade, embora aquilo fosse apenas uma minúscula fração da verdade. Sabia que falar de Besson com Elizabeth era o equivalente a pisar em um terreno de areia movediça: quanto mais falasse, pior seria, porque não lhe cabia revelar a verdade.

— O Miguel quer me fazer mal? — questionou, negando-se a acreditar naquela possibilidade.

— Miguel é irresistível e as mulheres apaixonam-se por ele — comentou Dib, sem responder à pergunta dela.

— E ele? Também se apaixona?

Dib fez uma pausa, recordando a história de Adèle, o verdadeiro amor de Miguel. Por fim respondeu:

— Não. Ele não tem o hábito de apaixonar-se. Mas parece estar encantado com você.

— Como é que sabe?

— Uchoa contou hoje de manhã.

— Contou? O que é que Uchoa disse? Exatamente! — insistiu, curiosa.

— Isso tudo é interesse pelo Besson? — brincou Dib.

— Não. Só quero saber se não imaginei coisas. Se aquela atração de ontem existiu mesmo.

— Existiu sim. Você está se sentindo fascinada por Besson? — provocou novamente Dib.

— Não — negou, mais uma vez — Mas ele é muito envolvente. É algo puramente físico.

— Compreendo. Mas tenha cuidado, porque o corpo também permite que as pessoas se aproximem. São muitos caminhos para um mesmo lugar.

— O que quer dizer?

— Seu corpo é uma porta para seu coração. Se você se deixar levar pelas sensações corre o risco de apaixonar-se por Miguel — avisou.

— Não vou me apaixonar por ele — retorquiu ela, com segurança.

— Como pode ter tanta certeza sobre uma coisa tão incerta? — indagou astutamente, conhecedor dos sentimentos dela por Daniel.

— Tenho.

— Esse grau de certeza só existe quando já se entregou o coração a alguém e, nesse caso, todas as tentações são superadas em nome desse amor. É isso? — insistiu ele, tentando fazê-la falar sobre Daniel.

Ela hesitou, em conflito. Um conflito crescente. Dib podia ver as sombras trespassarem o rosto dela: o amor por Daniel e o desejo por Miguel.

— Não sei.

— Está em uma encruzilhada. Um momento em que precisa aprender muito para tomar decisões importantes sobre sua vida — enfatizou, ao perceber que Miguel tinha conseguido seduzi-la. — Tem que estar com o coração limpo e o corpo puro. Esse deve ser seu objetivo para hoje. Um dia de cada vez. Uma coisa a cada momento.

— Obrigada Dib — agradeceu, abraçando-o. Dib retribuiu com ternura, apesar de não ser dado a expressões de afeto. Mas Elizabeth era diferente: ele tinha acompanhado seus passos desde que ela nascera. Era como se fosse sua irmã mais nova, que ele vigiara de longe. Queria protegê-la, mas seria difícil mantê-la a salvo dos acontecimentos da vida.

A rotina de Elizabeth se reorganizara desde sua volta ao trabalho: acordava

antes das cinco da manhã e fazia Tai Chi Chuan, seguido de Tae Kwon Do nos dias pares e esgrima nos ímpares. Continuava sendo uma rotina pesada, mas a carga diária de exercícios havia sido reduzida de três para duas horas. O corpo dela se ajustava às exigências crescentes e seus sentidos captavam detalhes que escapavam à maioria das pessoas. Elizabeth conseguia antecipar mentalmente o que acontecia à sua volta, registrando tudo o que fosse dissonante, mesmo quando estava relaxada. Embora ainda não soubesse, todo aquele aprendizado já se tornava perceptível na sua postura. Uchoa havia lhe ensinado que tudo o que acontecia interiormente se tornava visível no corpo. Era uma releitura da Lei da Correspondência: *o que está no exterior é igual ao que está no interior*.

Ela aprendia a conhecer gradualmente a força daquele mundo invisível habitado por seres diáfanos e diabólicos, uma infinidade de gente transparente que vivia noutra dimensão, mas se fazia presente no cotidiano. Observadores que, por vezes, interferiam na vida humana com sussurros que enlouqueciam alguns e guiavam outros. Elizabeth estava descobrindo a lógica do funcionamento entre os mundos. Cada dia que passava aproximava-se mais da fronteira, da pele que dividia o mundo visível e o mundo invisível.

Elizabeth reconheceu o leão da pata negra sentado com a boca ensanguentada e os olhos fixos num ponto distante. Bento estava próximo do leão, agonizando, ferido de morte. Acordou assustada, com o eco da sua própria voz e quando abriu os olhos Alessia já estava, mais uma vez, ao seu lado:

— O que aconteceu querida? Teve outro pesadelo?

— Sim — balbuciou, bebendo um gole de água do copo que estava sobre o criado-mudo. Lembrou que rezara por uma noite tranquila, mas o sonho parecia ser um aviso muito forte.

— O que foi?

— Assassinaram o padre Bento — anunciou, e Alessia estremeceu, como se algo lhe tivesse arrancado as entranhas.

— O que quer dizer?

— Os leões o mataram. Mataram — repetiu, parecendo buscar algum sentido oculto que tivesse escapado.

— Não se enganou Elizabeth?

— Não. Das duas vezes que sonhei, ele estava ferido. Da primeira foi para

me defender, mas agora não havia nenhuma razão especial. Não compreendi. Era como se a morte dele fosse para conseguir alguma coisa. Não sei por quê — disse, desesperada.

— Acalme-se — segurou suavemente a mão dela, como se Elizabeth pudesse se quebrar com a força de um gesto mais brusco. Perguntou, com esperança que tudo pudesse ser um engano:

— Tem a certeza que Bento estava morto?

— Sim — respondeu segura, alarmando mais Alessia.

— E quando isso vai acontecer? Tem alguma pista?

— O sonho era vívido, muito próximo, por isso acho que vai acontecer em breve.

— Lembra-se de mais algum detalhe?

— Padre Bento tinha um ferimento no peito, igual ao outro sonho.

— Quem o feriu?

— Os leões. Mas o padre Bento não tinha ferimentos provocados por eles — colocou as mãos na cabeça, com uma ponta de irritação. — Não consigo entender.

— Lembra-se de algum leão especial? — Alessia guiou-a de volta ao sonho, sabendo bem o que os leões significavam, embora ainda não pudesse revelar a verdadeira razão para ela sonhar com aqueles animais.

— O leão com a pata negra estava quieto, como se estivesse esperando.

— Esperando o quê?

— Não sei, Alessia.

— Lembra-se de mais algum?

— Não consigo reconhecê-los. São muitos.

— Quantos são?

— Seis... Talvez sete... — esforçou-se por recordar e por fim afirmou — Sete.

— E onde estava o Bento?

— Deitado em uma cama. Mas neste sonho os leões não estavam brigando.

— Não? — perguntou Alessia espantada, porque aquele comportamento era uma novidade.

— Não. Só olhavam uns para os outros, como se estivessem rondando algo.

Alessia acalmou Elizabeth antes de voltar para seu quarto, angustiada. Dormiu mal o resto da noite e acordou cedo. Deixou um bilhete sobre a mesa da cozinha, avisando que ia passar o domingo com Bento. Quando Elizabeth

leu o recado imaginou que tinha assustado Alessia, e percebeu que precisava ter cuidado para não colocar todos em alvoroço permanente. Já bastava seu próprio alvoroço emocional, provocado pela atração proibida por Daniel e pelo desejo inesperado por Miguel, emoções ambíguas que não deveria sentir, mas que se tornara incapaz de controlar.

Daniel convocou uma reunião no seu apartamento, mas Seth e Alessia não participaram. Seth tinha que proteger Elizabeth, e ficou combinado que Uchoa o informaria sobre os assuntos discutidos. Alessia pediu que Daniel a liberasse da reunião, para passar o dia com Bento, tentando diminuir a angústia que se apossara dela depois do terrível sonho de Elizabeth.

Daniel estava silencioso, tamborilando os dedos suavemente sobre a mesa, se mostrando incomodado, o que era incomum no seu comportamento contido. Kent, Dib e Uchoa esperaram que ele começasse a falar e revelasse o que parecia perturbá-lo.

— Já sabem que Elizabeth jantou com Besson. O que nem todos sabem é que o clima ficou estranho — Daniel comentou, nivelando a informação.

— Quão estranho? — questionou Kent, dirigindo-se a Uchoa, que testemunhara os eventos.

— Besson usou seu poder de sedução e conseguiu desestabilizá-la — sintetizou Uchoa.

— Mas aconteceu algo físico entre eles? — insistiu Kent, querendo determinar o nível de envolvimento entre Elizabeth e Besson.

— Não. Precisamos levar em conta que ninguém consegue resistir a Besson, e Elizabeth se manteve firme. Ficou perturbada, mas recuperou o controle — explicou Daniel, que era o único que sabia, realmente, quão perto Elizabeth estivera de cair na rede sedutora de Besson.

— É verdade — confirmou Dib, como um irmão orgulhoso. — Isso é novo para Besson.

— Pode ser — respondeu Daniel, sem comentar sua presença astral no restaurante. — Mas como acontece com qualquer predador, isso apenas vai aumentar o nível de interesse dele.

— Acho que podemos ter sobrevalorizado a força de Besson — comentou Kent.

— Não sobrevalorizamos. O que não podemos é subestimá-lo. A única vez que eu e Arturo o subestimamos, todos sabem o que aconteceu, e estamos

pagando o preço pelo nosso erro até hoje. Portanto, lembrem-se do quanto ele é inteligente, astuto, sedutor e poderoso, independentemente das circunstâncias. Neste momento, ele tem acesso a Elizabeth no trabalho. Isso aconteceu porque Arturo já estava doente e nós não percebemos que Besson era o responsável pela admissão de Elizabeth na empresa. Foi um erro de principiantes, coisa que não somos — argumentou Daniel, sem emoção. — Agora temos que lidar também com isso.

— Mas o que o incomoda, exatamente? — insistiu Kent, percebendo que Daniel continuava dando indícios de uma perturbação maior, pela forma crispada como mantinha as mãos sobre a mesa.

— Incomoda-me o fato de ele estar na cabeça dela e poder descobrir nossos planos.

— Você acha mesmo que ele não sabe nossos planos? A mim, parece que seu incômodo tem outra origem. Mas não percebo qual possa ser — disse Kent preocupado, tentando entender as razões de Daniel.

— Repare: Besson tem como objetivo controlar Elizabeth — retrucou Daniel friamente.

— O mesmo que nós, de alguma forma — comentou Uchoa, com ligeira ironia.

— Pode-se dizer que num primeiro estágio é isso que estamos fazendo. Ela não tem conhecimento nem domínio dos seus dons. Estamos a treinando — defendeu Daniel.

— E não podemos correr o risco de perdê-la. Precisamos dela para completar a Ordem. A questão não é só Besson controlá-la. Também não podemos permitir que seja assassinada como a mãe e a avó — lembrou Dib, recolocando a ênfase da conversa nos motivos certos, com sua típica assertividade.

— Estamos misturando os assuntos — racionalizou Daniel, após conseguir expulsar da mente a imagem de Elizabeth e Miguel juntos, que era a verdadeira razão para seu transtorno emocional. — Elizabeth é o sétimo elemento de que precisamos desde que perdemos Arturo. Isso é fato. Besson sabe isso, como disse Kent. Mas não sabe quando e o que será feito. Ele deixou-nos há muito tempo e já não possui as referências todas do rito. Para ele, o controle sobre Elizabeth significa poder, domínio do futuro e conhecimento do passado. E, neste momento, o passado é mais importante que o futuro, porque há segredos que devem permanecer ocultos. Se Miguel tem acesso aos sonhos de Elizabeth, pode manipulá-la para descobrir A

Chave dos Segredos! É isso o que mais me incomoda, Kent.

— Devia ter percebido a origem da sua irritação — respondeu Kent, convencido com a explicação.

— Mas se sabíamos que Besson ia ter acesso a Elizabeth, por que a deixamos jantar com ele? — exclamou Dib, inconformado com aquela decisão.

— Besson estabeleceu uma conexão mental com Elizabeth no dia do acidente de carro. Lembram-se desse dia? — enfatizou Daniel.

— E há quanto tempo você sabe isso? — perguntou Uchoa, confuso com o fato de Daniel não ter partilhado com eles aquela informação.

— Desconfiei desde o início, quando Alessia me contou que o responsável pelo acidente tinha sido Besson, mas só tive a certeza na noite em que jantaram juntos. Aquele nível de envolvimento com alguém como Elizabeth não se consegue em um dia. Ele já esteve nos sonhos dela várias vezes para semear dúvidas, deixá-la insegura, e, conseqüentemente, mais fácil de manipular. Eu precisava descobrir até onde ele estava infiltrado. Agora que sei, preciso fazer alguma coisa, mas não posso invadir a mente de Elizabeth e brigar com ele.

— Sabemos disso — confirmou Uchoa, pensando nos casos de pessoas que escutam vozes do bem e do mal. — Forças como vocês, ecoando na mente de alguém, são o caminho para a loucura. Até mesmo ela pode acabar numa ala psiquiátrica.

— Temos que fortalecê-la. Dar-lhe as armas para que expulse Besson e deixá-la escolher, mesmo correndo o risco de perdê-la. É a única alternativa — sugeriu Kent.

— Exatamente. Mas acho que Daniel deve acompanhá-la mais de perto — sugeriu Dib.

— Por quê? — Kent quis saber, sem entender os motivos para aquela sugestão.

— Além de ser responsável por ela, é o único de nós que pode combater Besson sozinho. Estou errado? — defendeu Dib, com lógica.

— Concordo — cedeu Kent, vencido pelo argumento, apesar de continuar com a sensação de que havia algo que continuava lhe escapando.

Dib sabia que, por mais que Elizabeth aprendesse a se defender, a maneira mais fácil de afastá-la de Besson era por intermédio de Daniel, porque se Besson estava na mente dela, Daniel estava no coração.

— Daniel, acho que deve ir ver Elizabeth hoje — insistiu Dib.

— Por que a pressa? — perguntou Uchoa.

— Para equilibrar as forças — respondeu Dib, seguro, mas Daniel ficou com a impressão que ele sabia mais do que dizia. Dib tinha seu ritmo, era movido pela sensatez e falaria sobre o assunto quando considerasse oportuno. Tinham se conhecido no Tibete, muito tempo antes, quando Dib era um Barrete Amarelo, um tradicional monge tibetano, com grandes conhecimentos mágicos e místicos. Dib era também o único elemento da Ordem que Besson não conhecia, e Daniel costumava dizer, em tom de brincadeira, que ele era sua “arma secreta”.

— Vou depois da reunião — decidiu, perante a insistência do amigo. — Além disso, vou ter que explicar a história da Ordem. Ela está em casa?

— Treinando, segundo Seth. Ela está sempre treinando! — respondeu Uchoa, impressionado com a persistência de Elizabeth, que repetia as sequências de exercícios até que estivessem perfeitos.

— Vamos falar de outro assunto importante — disse Daniel. — Alessia me contou que Elizabeth sonhou pela segunda vez com a morte de Bento. Ele foi ferido no peito e havia um bando de leões...

— Brigando? — interrompeu Kent.

— No primeiro sonho sim, mas neste, eles rondavam algo que ela não conseguiu entender. Porém, identificou o leão com a pata negra. No sonho predominava a quietude. É quase um reflexo do momento que estamos vivendo. Exceto pela morte de Bento.

— Mas o segundo sonho não tem que confirmar o primeiro? — indagou Uchoa.

— Sim. E ambos confirmam a morte de Bento. No primeiro sonho os leões brigavam, mas neste último, não. Algo mudou. Mas o quê? — questionou Daniel, como se falasse para si mesmo.

— A relação de Besson com Elizabeth — murmurou Kent.

— É óbvio que ele precisa fazer algo para nos desestabilizar, porque isso afetará diretamente Elizabeth. O objetivo é deixar Elizabeth exposta, e Besson é um estrategista brilhante — disse Daniel, enquanto franzia a testa, tentando antecipar os passos de Miguel.

— Acha que ele é capaz de assassinar Bento? Existe muita coisa em jogo, Daniel. — lembrou Kent com firmeza.

— A morte de Bento não se encaixa — murmurou Daniel, absorvido pelos pensamentos. — Bento não tem nada a ver com isto, mesmo tendo uma ligação com Alessia. E, além disso, não acredito que Besson assassine Bento.

— Mas ele é capaz disso — reforçou Kent. — Já fez coisas muito piores.

— Não fará mal a Bento — defendeu, com segurança, levantando-se da cadeira para se despedir. — Vou falar com Elizabeth para tentar esclarecer melhor o sonho. Vamos Uchoa?

— Sim — concordou, seguindo Daniel.

— Kent, tranque a porta quando saírem — pediu Daniel antes de deixar o apartamento.

Leon encaminhou Daniel e Uchoa para a sala onde Elizabeth montara uma pequena academia e estava fazendo exercícios de esgrima.

Seth os viu chegarem e tirou a máscara de tela metálica e a luva para cumprimentar Daniel. Elizabeth imitou-o e guardou seu material, abraçando Uchoa e beijando Daniel no rosto, com desenvoltura, como se fosse um comportamento habitual. Ele surpreendeu-se com o gesto e ficou rígido ao sentir os lábios dela contra a pele. Uchoa divertiu-se com a cena, que passou despercebida a Seth, concentrado na tarefa de trocar de sapatos. Daniel era contido com tudo o que estivesse relacionado ao corpo, mas nas raras vezes em que perdeu o controle transformou o corpo na arma mais eficaz que Uchoa havia visto. E por conhecer seu imenso poder é que Daniel se mantinha sob uma contenção permanente, para não libertar o monstro que havia dentro dele.

— Hoje Elizabeth não parou — queixou-se Seth esticando os braços. — Estou exausto.

— Exausto? Eu é que estou exausta — comentou ela, com uma gargalhada leve.

Seth piscou os olhos em uma cumplicidade fraternal e se despediu, saindo acompanhado de Uchoa, para saber os detalhes da reunião, enquanto Elizabeth e Daniel se dirigiram para a aconchegante saleta de televisão.

— Fique à vontade enquanto preparo um lanche para nós. Preciso repor as minhas energias.

— Eu ajudo — ofereceu, seguindo-a até a cozinha. Encostou-se no batente da porta, e ficou vendo ela colocar água na chaleira, acender o fogão, preparar a bandeja com as xícaras e arrumar os biscoitos em um prato de porcelana. Observou os seus movimentos elásticos: estava mais desenvolta e segura. Os exercícios tornaram-na mais ágil.

— Vou fazer um chá forte, daqueles que você gosta — disse, mostrando

que se recordava que ele apreciava chás de sabor marcante e encorpado. — Lapsang Souchong. Que acha?

— Um dos meus preferidos — retorquiu econômico, com um sorriso sutil.

Ela esticou o corpo, e ao levantar o braço direito para pegar a embalagem de madeira com o chá, em uma das prateleiras altas da cozinha, a blusa de algodão subiu alguns centímetros e revelou a pele lisa da cintura. Daniel fixou os olhos naquela nesga de pele e sentiu vontade de tocá-la. Aquele pedaço de pele nua, acidentalmente visível, suscitou nele um desejo inesperado. Ele percorreu vagarosamente o corpo esguio com o olhar, sentindo o desejo por ela aumentar. Manteve-se atento aos gestos dela, como se observasse uma bailarina erótica dançando para despertar todos os seus sentidos. Disse, por fim, controlando a vontade de percorrer a distância que os separava e apertá-la contra si:

— Vejo que não precisa da minha ajuda. Vou escolher uma música para ouvirmos. Posso?

— Claro — respondeu com um sorriso suave, olhando-o com uma ternura involuntária.

Minutos depois Elizabeth entrou na saleta com a bandeja na mão, e encontrou-o de pé, observando a rua. Ele voltou-se ao ouvir ela entrar, se afastando da janela, por onde vira Uchoa na calçada, como um grande gato displicente. Enquanto ela servia o chá, Daniel apertou o botão do *play*, e a voz de Callas cantando uma ária de Manon Lescaut inundou a sala.

— Puccini — exclamou Elizabeth. — Adoro Puccini. E Callas.

Ele sentou-se, cruzando as longas pernas, em silêncio. Saborearam o chá devagar: ela feliz com a presença dele, ele tentando controlar o desejo que sentia.

Após alguns minutos, ela rompeu o silêncio mediado apenas pela música, para confessar:

— Fiquei feliz com sua visita.

— Vai me ver mais vezes. Vamos ter que falar sobre a Ordem — anunciou, antes de mudar de assunto. — Percebi que estabeleceu uma boa relação com Dib, Seth e Uchoa.

— Sim — confirmou. — Cada um deles tem seu estilo, mas são ótimos. Aprendi a gostar deles como se fossem meus irmãos.

— Que bom — murmurou, tentando ignorar a pontada de ciúme. Aquele sentimento irritante começava a alterar seus nervos, e ele era um homem que detestava sujeitar-se às emoções.

— Está preocupado? — perguntou, vendo-o com o rosto muito sério.

— Alessia comentou sobre seu sonho com Bento — disfarçou, tentando superar aquele ciúme incômodo. — É o segundo, não é?

— Sim. Para um sonho ser premonitório deve se repetir, não é?

— Sim — confirmou Daniel. — Quanto mais um sonho se repetir, maiores as probabilidades de se tornar real. Mas é preciso distingui-los: às vezes são avisos para mudar algo, outras vezes são premonições, e vão acontecer independentemente do que se faça. Se tivesse que classificar este sonho, o que diria?

Elizabeth pensou um pouco e respondeu:

— Dividiria em duas partes. Diria que a primeira parte, sobre a morte do padre Bento, é uma premonição. Vai acontecer. E a segunda parte, a ronda dos leões, é um aviso.

— São acontecimentos independentes?

— Não. Estão ligados, mas não sei como. Essa história dos leões é uma perseguição. Não consigo compreender o que significa sonhar com os leões.

— Tente explicar para ver se eu descubro — enfatizou com doçura, ao pousar a xícara vazia sobre a mesa, dominando a admiração súbita que sentiu ao vê-la confiante e tranquila, falando como uma verdadeira pitonisa.

— É como se antes a morte do padre Bento fosse uma consequência da briga entre os leões, e agora fosse uma forma de conseguir atingir outro objetivo. Não sei explicar melhor.

— Na verdade explicou muito bem.

— Então meu sonho faz sentido?

— Faz todo o sentido.

— E qual é o sentido? Vai mesmo acontecer alguma coisa ao padre Bento?

— Vamos tentar impedir que aconteça apesar de você dizer que se trata de uma premonição — disse, Daniel preocupado. — Vamos proteger Bento. O que acha?

— Acho bom, mas não sei se resolve — hesitou, insegura, pela primeira vez desde que começara a falar sobre o sonho.

— Temos que tentar. Temos que protegê-lo. Vou pedir a Alessia que fique com ele. — Mas, mesmo depois de tomar aquela decisão, Daniel continuou sentindo a pressão no peito que o avisava das desgraças, como se alguém as estivesse sussurrando em seu ouvido.

— Continua preocupado, não é? — perguntou ela com suavidade, vendo o vinco de preocupação na testa dele, e os olhos de um azul profundo, como se

o fundo do mar os tivesse tragado.

— Estou com um mau pressentimento... Pode até ser essa questão do Bento — disse com a cabeça cheia de ideias, sabendo que sua atração proibida por Elizabeth estava afetando a clareza do raciocínio e a capacidade de julgamento.

— Posso ajudar?

— Acho que não, Elizabeth. Mas vamos combinar uma coisa: a partir de agora, sempre que tiver um sonho que ache importante, me ligue. Vou dar o número do meu celular. Está bem?

— Está — respondeu automaticamente, mal podendo acreditar que tinha a desculpa perfeita para falar com ele quando quisesse. Percebeu que o universo conspirava a seu favor.

— Tenho que ir — murmurou se levantando do sofá, ainda concentrado em um pensamento distante.

— Gostei que tenha vindo. — Elizabeth acompanhou-o à porta, se despedindo com um beijo no rosto e ignorando, mais uma vez, os hábitos reservados de Daniel. Ele sorriu e sacudiu ligeiramente a cabeça, em sinal de espanto. Ela perguntou, com falsa inocência:

— O quê?

Daniel continuou a sorrir e entrou no elevador sem responder, negando-se a participar de um perigoso diálogo sobre a sedução silenciosa que ela tinha começado e ele apreciava, com prazer crescente. Ela sabia muito bem que o tinha provocado, mas ele não se incomodou. Pelo contrário, tinha gostado do beijo.

Alessia acabara de despedir-se de Bento, quando o celular tocou:

— Está tudo bem? — perguntou Daniel.

— Sim. Acabei de deixar o Bento e estou voltando para casa.

— Falei com Elizabeth sobre o sonho e acho que você devia ficar com ele hoje. Amanhã começamos um sistema de rotatividade para ele não ficar sozinho.

— Eu tentei convencê-lo a me deixar passar a noite com ele, ou a ir lá para casa, mas ele não quis. Pedi que me escutasse, e até contei o sonho de Elizabeth... Mas ele riu e disse que estava tudo bem.

— Como é que ele lhe pareceu?

— Sereno, como sempre. Não percebi nada de diferente.

— Mesmo assim acho que devia voltar para junto dele, Alessia — reforçou Daniel.

— Eu insisti, mas ele disse que queria ficar sozinho, e assegurou que estava tudo bem. Não posso obrigá-lo, Daniel — respondeu impotente, sem conseguir vencer a angústia.

— Claro que não. Esperemos que não aconteça nada. Eu passo pela igreja amanhã à tarde e falo com ele.

— Obrigada, Daniel. E a reunião?

— Conto depois. Veja se descansa Alessia.

— Até amanhã.

14. Premonição

Não tenhas inveja do homem violento, nunca escolhas seus caminhos.

Provérbios, 3: 31

Amélia tinha cinquenta anos e trabalhava para Bento havia onze, desde que ele chegara a São Paulo. Todas as manhãs, fizesse sol ou chuva, entrava na casa adjacente à igreja, limpava os cômodos do padre, preparava as refeições, tratava das roupas e, por fim, limpava a igreja. Chegava sempre às sete da manhã com pão fresco para o café de Bento, antes da missa das sete e meia, e encontrava-o invariavelmente na cozinha, fervendo a água do café. Amélia repetia todos os dias a mesma ladainha:

— Padre, não precisa fazer isso.

— É para adiantar, Amélia — justificava Bento.

Com exceção dos dias em que os lençóis eram trocados, Bento fazia a cama e deixava o quarto arrumado para evitar que Amélia tivesse trabalho e, por mais que ela falasse, ele continuava arrumando tudo com uma persistência metódica.

Naquela segunda-feira, 23 de novembro, quando Amélia entrou pela porta da cozinha, estranhou a ausência do padre, e percebeu que havia algo errado. Ele avisava-a quando saía e, em onze anos, era a primeira vez que ele não estava na cozinha e não a tinha avisado. Passou pela sala e estava tudo em silêncio, espreitou o banheiro pela porta entreaberta e viu o quarto dele com a porta fechada. Bateu com os nós dos dedos:

— Padre, sou eu, Amélia. Está tudo bem? Já são sete e cinco.

Não ouviu resposta e encostou o ouvido à porta:

— Padre Bento?

O silêncio era absoluto. Amélia ficou na dúvida se entrava ou não no quarto. Depois de uma longa hesitação, forçou a maçaneta, mas a porta do quarto estava trancada. Achou aquilo mais estranho ainda e telefonou para Alessia. Padre Bento dizia sempre que, se acontecesse alguma coisa, era para falar com a dona Alessia. Voltou à sala e o silêncio parecia ter se adensado. Sentiu um arrepio subir pela coluna como um gato que escala uma árvore: teimosamente, com as unhas afiadas. Procurou o número na agenda e ligou para o celular de Alessia:

— Dona Alessia, é a Amélia.

— Bom dia, Amélia. — Alessia respondeu aturdida, ciente de que Amélia nunca tinha telefonado naquele horário. Às vezes telefonava para reclamar que o padre Bento não estava se alimentando corretamente ou para pedir novas roupas de cama ou banho, porque Bento era muito generoso com os outros, mas esquecia das suas necessidades.

— Sabe se o padre viajou? O quarto dele está trancado e ele não deixou nem um bilhete.

— Como? Não saiu para comprar nada?

— Não, dona Alessia. Está tudo vazio. Acho que nem dormiu aqui.

— Você disse que o quarto está trancado? Não tem uma chave aí?

— Não. Aquela porta só tinha uma chave e o padre nunca trancou o quarto dele.

Alessia saiu da cama e procurou apressadamente uma roupa, enquanto dizia:

— Amélia, estou indo para aí.

— Está bem.

Alessia se vestiu, e saiu rapidamente, depois de pegar a chave do carro, que ficava na mesa de apoio, ao lado da porta. Assim que entrou no carro, ligou para Daniel e nem sequer deixou ele falar:

— Daniel, aconteceu alguma coisa com o Bento.

— O que aconteceu?

— Não sei. Amélia não o encontrou e o quarto dele está trancado. E é preciso alguém para celebrar a missa das sete e meia, antes que as pessoas fiquem por ali... — sugeriu, tentando pensar, enquanto dirigia e falava ao telefone. Felizmente, naquele horário, ainda não havia muito trânsito no percurso para a igreja.

— Eu vou, mas chegarei com dez minutos de atraso — avisou, largando o café na mesa, para vestir a batina. Naquela manhã, acordara às cinco para fazer jogging com Kent, e uma hora e meia depois começaram a tomar o café da manhã, na cozinha de Daniel.

— O que foi? — perguntou Kent, perante a preocupação visível no rosto de Daniel.

— Bento desapareceu.

— Como?

— A dona Amélia não o encontrou. Eu tenho que celebrar a missa das sete e meia, para evitar confusão com os fiéis — anunciou, apressado.

— Também vou — retrucou Kent, firme.

Alessia se dirigiu à parte de trás da Igreja, onde ficava a pequena casa que Bento ocupava. A entrada era pela cozinha. Encontrou Amélia sentada, tomando café, com o olhar triste e o corpo curvado.

— Dona Alessia, isto não é normal — disse levantando-se para cumprimentá-la, assim que a viu entrar.

— Olá, Amélia. Vamos ver se conseguimos abrir o quarto e descobrir o que aconteceu.

Alessia empurrou a porta e girou a maçaneta, mas não conseguiu fazer com que a madeira cedesse um único milímetro.

— E a janela do quarto?

— A cortina está fechada e a janela também. Já fui lá, para tentar entrar.

Alessia pensou no sonho de Elizabeth, e tentou afastar as palavras dela da mente. Sabia que Bento jamais iria para qualquer lugar sem avisar. E na noite anterior, quando se despediu dela com um abraço longo e disse que a amava, não avisou nada. Alguma coisa estava errada.

— Alessia? — chamou Kent, que acabara de chegar.

— Aqui, na porta do quarto de Bento.

— Bom dia, dona Amélia. Alessia — disse Kent beijando-a no rosto. — Deixe eu ver se consigo abrir a porta. Suponho que não temos a chave.

— Não. Amélia diz que só havia uma chave — informou Alessia, sentindo a angústia aumentar dentro do peito a cada instante que passava.

— Dona Amélia, existe alguma caixa de ferramentas por aí? — perguntou Kent, enquanto se abaixava para ver o encaixe dos parafusos da fechadura.

— Existe sim. Vou buscar. — anunciou, afastando-se apressadamente.

Quando Amélia voltou com a caixa, Kent pegou uma chave de fenda e começou a desparafusar a fechadura. Colocou os parafusos cuidadosamente num dos cantos da caixa de ferramentas. Desencaixou a fechadura e empurrou a porta devagar. A chave, apesar da porta estar trancada, não se encontrava na fechadura. O quarto estava escuro. Kent entrou, abriu as cortinas e a luz da manhã entrou de rompante pela janela e iluminou Bento, imóvel na cama, com o rosto pálido e sereno como se estivesse dormindo.

Alessia gritou, e tentou galgar o espaço que a separava da cama, mas Kent estendeu o braço em um movimento rápido e segurou-a com firmeza, impedindo-a de se aproximar. Amélia começou a chorar, parada à entrada do quarto.

— Alessia, calma. Fique aqui. — Ordenou Kent. Aproximou-se de Bento e levantou as cobertas. Uma mancha vermelha se alastrara pelo peito, como no sonho de Elizabeth. Soltou as cobertas e pediu com voz serena:

— Dona Amélia, por favor, vá para a cozinha que nós resolvemos isto.

— Eu quero ficar. Ele era muito bom para mim. Quero saber o que aconteceu — teimou ela.

— Dona Amélia, assim que soubermos o que aconteceu vamos te contar, mas agora é melhor ir. E, por favor, não diga nada a ninguém, por enquanto.

— E a missa? — perguntou ela, com um arroubo de lucidez.

— O padre Daniel está celebrando a missa. Se quiser, pode fazer um café... Ajudaria muito.

— Está bem — respondeu, sem convicção.

Assim que Amélia saiu do quarto, Kent levantou novamente as cobertas e mostrou o corpo a Alessia. Ela gemeu de dor. Não era possível que tivessem feito aquilo. Quem poderia ter entrado em uma igreja para assassinar um padre? No espaço sagrado da igreja.

— Não toque nele. Não toque em nada, Alessia. Temos que chamar a polícia — recomendou Kent totalmente controlado.

— Como puderam fazer isto? — perguntou desnorreada. — Foi um tiro?

Kent olhou com atenção e respondeu:

— Não sei... É estranho, mas não há muito sangue. Parece que o mataram enquanto dormia. Acho que ele não percebeu.

— Como é que entraram aqui e ele não percebeu?

— A polícia vai descobrir o que aconteceu.

— Não, Kent. Nós temos que descobrir o que aconteceu. Você sabe disso — gritou enfática, começando a perder o controle.

— Nós vamos descobrir, mas agora temos que ser discretos e deixar isto nas mãos da polícia.

Nesse momento Daniel entrou no quarto e assim que olhou para Bento e viu sua placidez marmórea, percebeu que estava morto. Deu duas passadas largas e abraçou Alessia:

— Lamento muito. Sei que sua dor é imensa, mas agora temos que ter muito cuidado...

— Eu sei — respondeu Alessia, tomada pela dor e pela raiva, porém ainda sob o efeito do choque. — É a primeira vez, em centenas de anos, que se quebra a lei do santuário. Não lembro de ter ouvido falar de um caso assim. Matar um padre em uma igreja. — disse aparentemente serena, mas Daniel sabia que em minutos ela cederia ao impacto da dor, depois de assimilar o choque inicial.

— Não sabemos quem foi, nem o que aconteceu. Temos que ter calma — advertiu Kent, caminhando pelo quarto, com um olhar analítico. — Alessia consegue perceber se está faltando alguma coisa? Alessia, é importante... Antes de a polícia chegar.

— Não. E quero dizer que sei quem é o assassino. Isto foi para nos atingir, para enfraquecer a Ordem. Para me destruir — comentou, com as lágrimas correndo pela face, cedendo à dor.

— É cedo para tirar conclusões, Alessia. — Daniel falou com voz grave, sabendo que era importante manter as emoções controladas. — A polícia vai querer falar com as pessoas que estavam aqui no momento da descoberta de Bento. Kent, você já chamou a polícia?

— Vou telefonar agora. Alessia, o Bento tinha aqui algum caderno ou objeto que pudesse revelar alguma coisa sobre nós? — insistiu secamente, enquanto engolia sua própria dor.

— Não.

— Tem certeza? — perguntou Kent de novo, pouco seguro sobre a capacidade de julgamento de Alessia.

— Tenho. Nós falávamos sobre isso. Ele tinha uns diários, mas há pouco tempo guardou-os em uma caixa e me deu. Parece que sabia que isto ia acontecer! Disse que se caíssem nas mãos erradas iria nos causar muito dano. E eu guardei-os no cofre, no Banco, com as minhas coisas.

— Então não há nada?

— Não. Ontem passei o dia com ele. Saí daqui pouco antes do jantar — gemeu, apertando as mãos, uma contra a outra. — Pedi que fosse comigo, ou

que me deixasse passar a noite com ele... Não devia tê-lo deixado aqui, sozinho. Não devia! Que raio de mãe sou eu?

Kent e Daniel trocaram um olhar de cumplicidade ao escutarem a última frase. Daniel segurou Alessia por um braço e guiou-a com firmeza para o banheiro, antes que ela se descontrolasse ainda mais e fizesse revelações incompreensíveis para o resto do mundo. Sentou-a na borda da banheira e procurou os remédios de Bento. Rezou para que ele tivesse algum calmante, alguma coisa que Alessia pudesse tomar. Ela não podia falar com a polícia naquele estado e dizer aquelas coisas. Daniel encontrou uma cartela de calmantes, meio esfarelada. Não conseguiu ver a data de validade, mas entre Alessia tomar um comprimido fora de prazo e dizer à polícia uma série de barbaridades, não lhe restava opção. Escolheu o comprimido roxo que parecia mais inteiro, pegou no copo que estava na pia, encheu-o de água e obrigou Alessia a tomar.

— Não quero. Meu filho... — gemeu com a mão esquerda sobre o peito, no lugar onde palpitava o coração, agora dilacerado pela perda de Bento.

— Alessia, beba. Agora. — Daniel falou com firmeza e ela bebeu, sem entender bem o que acontecia à sua volta. Só sabia que Bento tinha partido na grande viagem.

Kent abriu a porta e perguntou:

— Então?

— Tomou um calmante.

— Melhor assim. Telefonei para o Queiroz. Era isso, não é?

— Sim. Peça à Amélia para fazer um chá de erva-cidreira ou camomila... Alguma coisa quente para a Alessia beber.

Falavam como se Alessia não estivesse ali, e na verdade, ela não se sentia ali. Ouvia as vozes ao longe, sem entender de onde vinham os sons e qual a origem daquela dor absurda.

Rui Queiroz era coronel da Polícia Militar. Filho de um judeu português e de uma baiana, nasceu em São Paulo e revelou, desde muito cedo, uma inteligência acima da média. Aos vinte e cinco anos tornou-se o mais jovem capitão da polícia de São Paulo e, aos quarenta e nove anos, tinha uma lista infundável de admiradores e outra de detratores.

Conheceu Kent em uma palestra sobre rituais mágicos da América do Sul, dez anos antes, e ficaram amigos. Sempre que Queiroz se deparava com algo

relacionado a rituais ou magias ligava para Kent. Por vezes telefonava só para discutir pontos de vista alternativos e diferentes. Quando o celular tocou àquela hora da manhã, Queiroz soube que alguma coisa tinha acontecido com Kent, e assim que ele lhe deu o panorama geral da morte de Bento, praticamente voou para a igreja, acompanhado dos seus melhores investigadores.

Quando chegaram, tiraram todos de dentro da casa de Bento e marcaram um perímetro em volta da igreja, proibindo a passagem de qualquer um que não pertencesse à equipe de investigação.

O experiente médico-legista, Carlos Fernandez, fez um exame preliminar no local. Fotografou tudo que achou necessário e mandou levarem o corpo para o Instituto Médico Legal, onde realizaria a autópsia. Contou ao coronel que o padre fora esfaqueado no coração, mas um golpe daqueles provocava uma hemorragia enorme e não havia sangue suficiente no local. Deduziu que a facada tinha sido *post mortem*. Carlos garantiu que o golpe foi dado por alguém com conhecimento de anatomia, porque a faca atravessou o quinto espaço intercostal, um centímetro à esquerda do esterno. O assassino também tinha frieza excepcional, porque não havia uma única marca de hesitação. Além disso, calculou o médico, a faca devia ter cerca de quinze centímetros de comprimento.

— Será que conseguimos descobrir que tipo de faca é? — perguntou Queiroz.

— Podemos tentar. Vou injetar silicone no corte e faço um molde.

— Excelente — disse Queiroz.

— Te mantenho informado.

— Agradeço. Este crime, com um padre, vai ter repercussões e muita pressão da igreja. Temos que nos preparar — antecipou o coronel.

Despediram-se com um aperto de mão, enquanto Queiroz observava os investigadores atarefados, recolhendo fibras, digitais e todo o tipo de vestígios dentro e fora da casa do padre. Havia marcas de sapatos número quarenta e quatro ao lado da janela, o que levantava a hipótese daquele ter sido o local de entrada do assassino. Mas se o assassino tinha entrado por ali, como é que Bento não acordara com o barulho? Aquilo era um mistério.

Tudo indicava um assassinato premeditado, para não deixar vestígios. Algo maturado, fruto de uma mente meticulosa. Depois de analisarem a casa e falarem com Amélia, os investigadores descobriram que não havia nada roubado ou fora do lugar. Estranharam que alguém esfaqueasse uma pessoa

no coração sem deixar um rastro de sangue. Borrifaram o chão do quarto com luminol e encontraram algumas gotas de sangue, ao lado da cama, que escorreram da faca. Perceberam que o assassino limpou o chão para apagar os vestígios, mas o luminol revela sempre a presença de sangue. No entanto, a quantidade encontrada era insuficiente para resolver um crime como aquele. Este era outro mistério.

Havia ainda o fato da porta e da janela do quarto terem sido fechadas. A chave do quarto tinha desaparecido, o que indicava que o assassino a tinha levado depois de trancar a porta.

Rui Queiroz falou com Alessia e notou que ela estava muito abalada. Perguntou a Kent, com perspicácia, que tipo de relação havia entre Alessia e o padre Bento. Daniel permaneceu calado, enquanto Kent respondia com tranquilidade:

— Eles eram muito amigos. Alessia amava Bento como um irmão.

— Só isso? — insinuou Rui, desconfiado.

— Garanto que era só isso. Não existia nada entre eles, a não ser um amor fraternal — insistiu Kent com segurança.

— E vocês eram todos amigos?

— Há mais de vinte anos — mentiu Kent.

Queiroz deu por encerrada aquela primeira conversa e afirmou categórico:

— Vamos descobrir o que aconteceu.

Daniel afastou-se da área dominada pelos investigadores, em busca de privacidade, para avisar Uchoa, Dib, Seth e Elizabeth. Assim que ela atendeu o celular, avisou, com serenidade:

— Tenho más notícias, Elizabeth.

Ela ficou alguns segundos em silêncio, e perguntou:

— Padre Bento?

— Sim.

Ela se calou novamente, percebendo que ele estava dando tempo para ela aceitar a notícia.

— Foi como eu sonhei? — quis saber, sentindo as lágrimas prontas para saltar dos seus olhos.

— Kent e Alessia o encontraram no quarto, com um golpe no peito, provocado por uma faca. — Daniel falava pausadamente, evitando deixar transparecer qualquer emoção.

— Assassinararam-no? Quem poderia querer matar um padre? E por quê? — Elizabeth questionou, mas as perguntas eram apenas uma forma de racionalizar a notícia. Por mais chocante e dolorosa que fosse a morte de Bento, Elizabeth estava com a sensação de já ter vivido tudo aquilo antes, através dos sonhos. Era como se aquela informação viesse apenas confirmar o que ela já sabia.

— Ainda não se sabe nada. Vamos ter que esperar — respondeu Daniel evitando especular.

— E Alessia? — perguntou, sabendo da enorme e estranha ligação que ela e Bento tinham.

— Vamos levá-la para casa assim que possível.

— Estou esperando vocês — afirmou, antes de desligar.

Passava do meio-dia quando Rui Queiroz os liberou.

Kent e Daniel conduziram Alessia para casa. Elizabeth ajudou-a a deitar para que descansasse, sob o efeito do calmante.

O corpo de Bento seria autopsiado e só no dia seguinte seria liberado para o funeral.

Com exceção de Elizabeth, todos os membros da Ordem estavam cientes do problema que a investigação sobre a morte de Bento podia significar. Parte do segredo guardado durante anos poderia ser exposto a um mundo incapaz de compreender a profundidade e a magnitude daquela revelação.

Mas agora, o mais urgente era apoiar e, também, controlar Alessia, inconformada com a perda de Bento. Sua dor estava adormecida pela química do comprimido.

A fatalidade tem o dom de apagar as pequenas perturbações do cotidiano. De repente, as miudezas que incomodam no dia a dia, os detalhes que se transformam em problemas, somem sob o peso da tragédia. Alessia se lembrava claramente da primeira vez que vira Bento. Foi em fevereiro de 1939, dois meses antes do fim da guerra civil espanhola, que instaurou o regime do General Franco. Os pais de Bento foram fuzilados pelos franquistas, acusados de serem comunistas, quando Bento tinha duas semanas de vida. A mãe, para salvá-lo, escondeu-o no meio das roupas, onde o choro abafado pelos tecidos impediu que os soldados o ouvissem. Um bebê do tamanho dele teria sido assassinado com um único golpe de baioneta, como aconteceu com tantos outros durante a guerra. Naquela época, Alessia morava

em uma casa próxima e ouviu tiros. Quando os soldados partiram, deixando uma trilha de sangue pela aldeia, Alessia entrou na casa dos vizinhos para procurar o bebê, até escutar seu choro longínquo. Encontrou-o quase sufocado, dentro de uma cesta, debaixo das roupas, no armário do quarto dos pais. A criança minúscula estava vermelha de tanto chorar. Alessia trocou sua fralda, o alimentou com leite de cabra e decidiu sair da Espanha naquele mesmo dia. Achou que o bebê já tinha presenciado muito sangue em tão pouco tempo de vida. Levou-o para Castro Laboreiro, uma aldeia impregnada de lendas, encravada nas serras do norte de Portugal. Fez uma viagem difícil e penosa. Era inexplicável como uma mulher com um recém-nascido pôde sobreviver a uma caminhada de três semanas, por montes ermos e gelados, no fim do inverno, quando a neve ainda se recusava a abandonar a terra. Por vezes conseguia carona em um cavalo ou uma carroça, outras vezes alguém a deixava dormir em um lugar protegido do relento e próximo do fogo, e outras vezes ainda, ganhava um prato de comida quente e leite para o bebê.

Chamou-o de Bento, que vem da palavra latina *benedictus*, e significa “Louvado”. Registrou-o com os nomes dos pais, para que ele soubesse que tinha sido desejado. Amou-o como um filho. O único que teve em toda sua vida.

Alessia e Bento viveram em Castro até ele completar dezoito anos, e voltaram para a Espanha onde ele entrou para o seminário, em Barcelona. Quando Bento fez vinte e três anos, foram para Albi, na França, onde ele terminou os estudos em um monastério. Desde muito cedo Bento queria ser padre. Não tinha ainda seis anos, quando já insistia em ajudar o padre da aldeia na missa. Alessia nunca soube de onde surgira aquela devoção inesperada e prematura. Quando ele fez trinta anos assumiu a Igreja de Nuestra Señora Del Azogue, em 1969. Para ficar junto dele, Alessia morava em Puebla de Sanabria, a vila próxima à Casa do Lago de Arturo, e para onde ele se mudaria com a filha anos depois, em 1984.

Durante anos, parecia normal que Alessia fosse mãe de Bento. Mas com o tempo, Bento envelheceu naturalmente, enquanto Alessia se mantinha jovem. As pessoas começaram a duvidar que ela fosse mãe dele e passaram a achar que se tratava de uma amante discreta, que acabou sendo aceita e consentida. A partir do momento em que chegaram a Puebla de Sanabria, Alessia deixou de se apresentar como mãe dele, e assim havia sido durante os últimos quarenta anos.

E esta história devia permanecer oculta, por ser parte de uma trama maior e

mais densa, que Bento anotara nos seus diários: uma mãe que aparentava menos de cinquenta anos, com um filho de setenta. Não havia como explicar aquele fenômeno, por muito que a genética de Alessia fosse favorável e a medicina tivesse avançado.

A morte de Bento, apesar de não ter acontecido na igreja, foi considerada ultrajante: tratava-se do assassinato de um homem santo em um lugar sagrado. Por isso, o arcebispo de São Paulo designou Salvatore Camaratte, um dos seus clérigos mais pragmáticos e inflamados, para acompanhar as investigações, fazendo com que o caso ganhasse contornos cada vez maiores.

O assassinato, pouco mais de um mês depois da morte de Arturo, abalara os membros da Ordem, mal refeitos da sua primeira perda.

Durante três dias Alessia não disse uma palavra e tudo lhe exigia forças que não possuía. Sabia o que era perder os pais, mas nada prepara uma mãe para perder um filho. Embora soubesse que aquele momento se aproximava, quando o tempo foi moldando o corpo de Bento com a idade, agora, que se confrontava com a realidade, compreendia que nunca tinha conseguido sequer imaginar o tamanho daquela dor.

Kent tentou consolá-la, mas Alessia olhou-o como se ele falasse outra língua. Naquele momento, nada parecia ter sentido. A escuridão tinha se abatido sobre ela e todas as palavras pareciam chegar de muito longe, de um lugar desconhecido.

Elizabeth nunca a vira tão triste, sem uma centelha de esperança. Sabia que ela e Bento eram unidos, mas jamais percebera a profundidade daquela relação até ver a devastação emocional que a morte dele provocara. Não sabia o que pensar, embora todos tratassem o assunto com naturalidade, exatamente como seu pai fizera quando Bento se mudou para São Paulo, acompanhando Alessia. O amor entre eles era aceito como algo normal e puro, que não violava a ética de Bento, enquanto servidor de Deus. Elizabeth aceitou, mais uma vez, a estranha relação, apesar de continuar sem compreender. Confortou Alessia cuidando dela como, pouco tempo antes, ela cuidara de si, após a morte de Arturo.

Daniel visitava Alessia todos os dias, e falava sobre aceitação. Repetiu,

pacientemente, as mesmas palavras até elas começarem a fazer sentido para ela. No final da tarde do quarto dia depois da morte de Bento, Alessia respondeu pela primeira vez:

— Eu sei que preciso aceitar. Eu sei, Daniel. — Foi assim que ele soube que ela tinha acabado de dar um pequeno passo em direção à cura.

Durante aquele período, Daniel insistiu para que Elizabeth não alterasse a rotina e mantivesse seu ritmo de trabalho. Ele acreditava que o assassinato de Bento tinha como objetivo expor a Ordem e desestabilizar Alessia, deixando Elizabeth desprotegida.

Alessia era, naquele momento, o elo mais fraco da cadeia. Sua relação com Bento poderia causar vários problemas, e era prioritário garantir que não havia vestígios com mais de quarenta anos sobre a ligação dos dois, o que coincidia com a chegada deles a Puebla de Sanabria. E, mesmo assim, quarenta anos já causavam estranheza, visto que Alessia aparentava bem menos de cinquenta. Ainda que apagassem regularmente os vestígios das suas vidas, Daniel pediu que Kent confirmasse se não havia escapado nada que pudesse comprometê-los. Os mistérios sobre a idade de Alessia e sua relação com Bento precisavam ser protegidos, e a melhor opção era forjar os documentos de Alessia para que ela passasse a ter cinquenta anos. Era preferível que as pessoas pensassem que havia uma relação amorosa entre Alessia e Bento, do que uma relação de mãe e filho.

Os resultados da autópsia, no dia 27 de novembro, confirmaram que o ferimento no coração de Bento fora feito *post mortem*, como o legista deduziu na análise preliminar do corpo. Bento estava morto havia pelo menos duas horas quando sofreu o golpe, o que explicava a quantidade irrisória de sangue no local do crime. A causa da morte tinha sido uma dose letal de tetrodotoxina, o mesmo veneno encontrado nas vítimas europeias de John MacGee. O conteúdo do estômago revelou que a última refeição de Bento fora uma sopa de capeletti, provavelmente misturada com a tetrodotoxina. O veneno paralisou seus músculos, mas ele não perdeu a lucidez, até o momento em que sofreu uma parada cardíaca. Foi uma morte dolorosa, porém, pela serenidade em que o encontraram, ele parecia ter aceitado seu destino e deixado o mundo em paz, graças à sua elevada espiritualidade.

Havia mais um detalhe surpreendente: o médico descobriu que Bento estava com um câncer em estágio terminal. Havia metástases em vários dos

seus órgãos vitais, e ele teria, no máximo, dois meses de vida, que seriam, certamente, muito sofridos.

A análise forense mostrou que a faca utilizada tinha uma lâmina recurvada, com quinze centímetros de comprimento e quatro milímetros de espessura. Mas os detalhes sobre a faca não limitavam a lista de suspeitos nem apontavam para qualquer direção específica.

Apesar dos resultados explicarem a ausência de sangue no local do crime, havia outras questões: por que o assassino esfaqueou Bento no coração, se sabia que ele estava morto? E por que levou a chave do quarto?

Queiroz decidiu ter outra conversa com Kent, já que todo o caso parecia confuso, mas antes fez uma rápida e tensa reunião com o representante do arcebispo, Salvatore Camaratte.

No dia anterior Camaratte tinha dado uma entrevista na televisão, declarando que o assassinato de Bento fora perpetrado por alguém que desejava afrontar os poderes de Deus e desafiar a Igreja católica. Afirmou também que o assassinato continha uma mensagem simbólica, porque o coração do padre fora atravessado por uma lâmina, como se o assassino desejasse mostrar que estava “atingindo o coração da Igreja”. Para terminar, garantiu a colaboração da Igreja, para ajudar a descobrir o assassino.

Aquela entrevista irritou Queiroz, e ele expressou seu desagrado, especialmente por Camaratte ter revelado informações, como o golpe no coração, que eram cruciais para a investigação e não deviam ser públicas até o caso estar solucionado. Por essa razão, para evitar vazamentos para a imprensa, a polícia não iria dar informação adicional nem a Camaratte nem a qualquer outro membro da Igreja. O fato de Camaratte representar o Arcebispo não significava nada porque, como frisou Queiroz de modo enfático, a Igreja cuidava das almas e a polícia, dos corpos.

Camaratte, sempre tão eloquente, foi surpreendido pela reprimenda calorosa contra sua entrevista. Ele pretendia colocar a Igreja sob os holofotes da mídia, mas percebeu que tinha cometido um erro de julgamento ao intrometer-se na área de atuação da polícia. Tentou justificar-se, mas o coronel foi intransigente:

— Padre, o senhor pode ter influência no reino dos céus, mas aqui, neste pedaço de terra, quem manda sou eu e, até saber exatamente o que aconteceu, o decorrer desta investigação será um túmulo.

15. O sábio e as salas secretas

Tudo, absolutamente tudo, a cada instante, em cada lugar, é exato. Tudo é busca do conhecimento...

J. M. G. Le Clézio (1940-)

O coração tinha uma conotação simbólica e Daniel sabia que essa era a única razão para o assassino ter esfaqueado Bento, depois de morto, com tanta precisão. Quando Kent o avisou que Rui Queiroz queria falar novamente sobre Bento, Daniel calculou que ele desejava compreender o significado do ferimento no coração. Mas nem Kent nem Daniel poderiam explicar que se tratava de uma mensagem para os membros da Ordem. Eles acreditavam que o assassino estava mostrando que podia atingir a Ordem, e não a Igreja como defendia Camaratte. E pretendia também mostrar que o *coração* da Ordem estava vulnerável, da mesma forma que Bento estivera exposto, imóvel, sem conseguir pedir ajuda.

A chave do quarto, levada pelo assassino, podia significar que ele tinha uma chave importante e, naquele contexto, só havia duas chaves relevantes: a misteriosa Chave dos Segredos e Elizabeth, que era uma espécie de chave mestra para acessar a Chave dos Segredos por meio dos seus sonhos. Com Elizabeth em seu poder, o assassino podia descobrir o segredo mais bem guardado do último milênio, atingindo a Ordem no seu âmago. Tratava-se de alguém arrojado e bem informado, e só havia uma pessoa com aquele perfil: Miguel Besson.

Daniel considerava essencial impedir que a causa da morte de Bento fosse

divulgada, para evitar que Bardas fizesse a ligação com os casos da Europa, colocando a Ordem no centro de uma investigação internacional: Elizabeth seria associada a MacGee, o assassino que se suicidara em Puebla de Sanabria e Alessia seria ligada a Bento.

Queiroz se reuniu com Kent e Daniel, e percebeu que seria difícil compreender os motivos ocultos sob o ferimento de Bento. Começou a acreditar que podia ser mesmo uma questão simbólica, como Camaratte tinha sugerido, para atingir o “coração da Igreja”. Mas essa hipótese, em vez de ajudar, só complicava.

E se Camaratte estiver certo? Será um constrangimento ter que engolir o representante do arcebispo, pensou Queiroz, irritado com a possibilidade. Havia também o desaparecimento da chave. Por que o assassino teria trancado a porta e levado a chave? Kent teve uma ideia e sugeriu:

— Pode ser a *Chave do Reino dos Céus*? Se Bento foi morto para atingir a Igreja, como Camaratte sugeriu, a Chave pode ter também uma conotação religiosa, não?

— O que quer dizer? — perguntou Queiroz, atento.

— Talvez a mensagem signifique que atingiram o coração da Igreja, privando-a de alguém que representa a Chave do Reino dos Céus. Um intermediário com Deus.

— Tem lógica — interrompeu Queiroz, com o olhar vivo, parecendo vislumbrar alguma luz no caso, antes de fazer uma nova pergunta. — Mas por que mataram Bento e não outro padre?

— Não sei, Rui — murmurou Kent, pensativo. Desde a morte de Bento, vinha tentando descobrir um caminho que permitisse solucionar o caso, sem expor a existência da Ordem.

— Se você não sabe, imagine eu, que sou leigo nesses assuntos religiosos! Por que mataram Bento? — matutou intuitivamente, como se aquela pergunta tivesse um código secreto que permitisse desvendar o assassinato. — Só mais uma coisa. Sabiam que ele estava com câncer e teria no máximo dois meses de vida? Não encontramos nenhuma medicação na casa dele.

— Não. Ninguém sabia de nada. Nem ele, acho. — respondeu Daniel surpreso, acreditando que se Bento soubesse que estava doente, com certeza teria dito a Alessia.

— Bem... é isso, por enquanto — disse Queiroz, despedindo-se com o semblante sério, mostrando que não estava satisfeito com os resultados da investigação.

A informação sobre a doença de Bento e sua morte apanhou Kent e Daniel desprevenidos, e eles optaram por não contar a Alessia. Aquela notícia só iria contribuir para causar um sofrimento desnecessário.

Elizabeth tentava convencer Alessia a comer uma sopa quando Daniel avisou que estava subindo. Leon abriu a porta e acompanhou-o à cozinha, onde elas se encontravam. Alessia continuava pálida e silenciosa, como um fantasma relutante se arrastando pela terra. Daniel cumprimentou-a com um beijo, e depois de trocar um olhar cúmplice com Elizabeth, pediu:

— Alessia, coma a sopa, por favor.

Ela notou os sulcos de preocupação na testa dele. Parecia ter envelhecido, mas Alessia sabia que aquilo era apenas um reflexo do cansaço e das responsabilidades recém-acumuladas.

— Não se preocupe, Daniel — respondeu com voz arrastada.

— Lembre que fizeram isto para nos atingir e não podemos permitir que isso aconteça.

— Vou melhorar. É difícil... Mas vou melhorar — hesitou, antes de decidir se isolar. — Vou tomar a sopa no meu quarto. Desculpem... — disse afastando-se devagar.

Quando ficaram a sós, Daniel comentou:

— Temos estado tão centrados em Alessia, que não perguntei como tem passado...

— Bem, acho. Mas nunca mais sonhei desde que aconteceu... aquilo com Bento.

— Foi o choque da primeira premonição. É uma proteção do espírito — explicou Daniel.

— Como sabe? — questionou, curiosa.

— Aconteceu o mesmo com sua mãe — respondeu, nostálgico, recordando o momento em que Arturo lhe contou sobre a primeira premonição de Angelina. — Quando ela descobriu que a premonição se realizou, sentiu culpa como se pudesse ter tido alguma influência sobre os acontecimentos. E ficou sem sonhar por um tempo. O que sentiu com a morte de Bento?

— Acho que estava mentalmente preparada, mas não emocionalmente. Não senti surpresa nem culpa, só medo de voltar a sonhar. — Elizabeth ficou silenciosa alguns instantes, sob o olhar insondável de Daniel.

— É por isso que não sonha. Quando estiver pronta vai sonhar de novo.

Acredite. — Daniel olhou para o relógio, e percebeu que eram quase dez da noite.

— Elizabeth, falta uma semana para a próxima reunião da Ordem e eu tenho que explicar alguns fatos importantes sobre a Ordem. Sei que está com os dias sobrecarregados, mas precisamos de tempo para conversar. Quando é melhor?

— No final do dia, quando saio do trabalho. Depois das sete e meia.

— Estarei aqui amanhã, às oito — despediu-se com uma carícia leve no rosto, como se ela fosse uma criança, mas estava totalmente consciente de que ela era uma mulher, e oscilava entre a crescente atração por ela e os seus deveres e obrigações.

Daniel sintetizou as suas explicações para evitar que se tornassem exaustivas, sabendo que era difícil percorrer três mil anos de história em tão pouco tempo. Muito seria deixado para trás, mas as linhas gerais da história da Ordem ficariam claras para Elizabeth.

— Vamos voltar aos objetos graálicos. Já falamos sobre isso por causa da esmeralda e do punhal ritualístico. O Cálice, o Livro e a Esmeralda têm três pontos em comum: primeiro, estão associados à imortalidade; segundo, só são acessíveis aos puros; e terceiro, em algum momento, os Cavaleiros Templários foram os seus guardiões. São objetos que simbolizam o conhecimento verdadeiro e superior.

— E o que significa esse conhecimento? — perguntou Elizabeth.

— É o mais elevado conhecimento humano que existe, e é tão absoluto e poderoso que, entre outras coisas, permite viver centenas de anos. — Daniel percebeu que ela se esforçava para abarcar a magnitude do que estava sendo revelado, e continuou explicando pausadamente. — No século XII os Templários tiveram acesso ao Graal e a vários segredos. Mas o Graal foi alimentado por duas fontes distintas: Salomão e Cristo. A Esmeralda e a primeira parte do Livro Sagrado têm origem em Salomão e o Cálice e a segunda parte do Livro têm origem em Cristo. Tudo começou com o rei Salomão. Ele é o “pai” do Graal e de alguns dos maiores mistérios da história, como o Templo de Salomão e a Arca da Aliança, e está, também, na origem de todo o conhecimento místico.

— Não compreendo.

— Salomão tinha uma sabedoria inata e o rei Davi, seu pai, mandou-o para

aprofundar os seus conhecimentos no Egito. Salomão viveu no Egito meio milênio depois da fuga de Moisés e dos hebreus, depois das dez pragas e da passagem através do mar Vermelho. Foi durante esse período que Salomão teve acesso às tradições iniciais do seu povo, as mesmas que foram transmitidas a Moisés, centenas de anos antes.

— Então hebreus e egípcios compartilharam o mesmo conhecimento?

— Várias vezes. Todos os grandes líderes cristãos, Moisés, Salomão e Jesus, passaram pelo Egito para aprofundar os seus conhecimentos.

— Não me lembro de ler nada disso na Bíblia.

— Há poucas referências bíblicas sobre os períodos que Salomão ou Jesus passaram no Egito. A maior parte dessa informação foi perdida no incêndio da Biblioteca de Alexandria e destruída pelos romanos. A informação que chegou até nós e complementa algumas das histórias bíblicas foi preservada por Ordens Secretas.

— Do tipo “sociedades secretas”?

— Sim. Ao longo dos séculos, o conhecimento original foi se fragmentando e deturpando. Mas algumas Ordens preservaram registros sem qualquer contaminação externa. São Ordens muito rigorosas e desconhecidas, com pouquíssimos membros. Voltando a Salomão... — Daniel fez uma pausa, para reorganizar o discurso. — Enquanto ele esteve no Egito, foi aceito na elite das Escolas Secretas, por ser casado com a filha do Faraó. Obteve conhecimentos extremamente avançados até mesmo para a atualidade. Mas também descobriu que as forças do mal tinham desvirtuado o conhecimento hebreu e percebeu que sua missão consistia em salvar a religião.

Daniel ajeitou uma almofada atrás da cabeça e, com os olhos quase fechados, continuou:

— Os conhecimentos místicos dos hebreus estavam na Cabala e Salomão lhe devolveu sua pureza original. Ele conhecia o ocultismo e a magia, dominava as forças da natureza, controlava gênios e demônios...

— Gênios? Eu achava que as histórias dos gênios e da lâmpada eram lendas árabes.

— E são, mas foram inspiradas em Salomão. Os gênios estão ligados à construção do Templo. Com o poder do seu Anel, Salomão convocou-os para construírem o Templo, e foi ali que deixou seu legado espiritual, ao criar um caminho eterno, que permite aos homens acessar diretamente o conhecimento divino.

— Não entendo.

— Para evitar a deturpação do conhecimento, Salomão criou uma Cabala Secreta acessível apenas a alguns. Deixou caminhos para que só os *justos e puros* pudessem conhecer a verdade.

— Quer dizer que se uma pessoa não for justa e pura não tem acesso ao conhecimento?

— Exatamente. Lembre que todas as lendas do Graal mencionam a necessidade de *ser puro*. O Graal e a pureza estão intrinsecamente associados. E aqui começa a segunda parte da nossa história. Podemos deixar para amanhã, se quiser... Sei que já é tarde...

— Não — respondeu, de imediato, com a mente desperta. — Por favor, continue.

— Em 1109, um grupo de nove cavaleiros foi para a Palestina lutar contra os infiéis. Na época, esse era o espírito das Cruzadas. Quando chegaram a Jerusalém, o rei Balduíno II lhes ofereceu uma parte do seu palácio, que era adjacente à Mesquita de Al Aqsa, construída sobre as ruínas do Templo de Salomão. Os cavaleiros cavaram secretamente os escombros do Templo, e, finalmente, em 1118, nove anos depois, encontraram o que procuravam.

— Então eles sabiam que havia algo ali... Encontraram uma espécie de revelação divina?

— Sim, parte daquilo que Salomão escondeu no subsolo do Templo original: uma entrada secreta, escavada nas entranhas da terra, que conduzia a um labirinto de salas. Três delas estavam folheadas a ouro e repletas de símbolos.

— E o que significavam? — perguntou, à espera de algo surpreendente.

— Eles não sabiam — disse, rindo inesperadamente. Elizabeth olhou-o, surpresa com a reação dele. Contagiada, riu também, jogando a cabeça para trás, exatamente como fazia sua mãe.

Nesse momento, Alessia entrou na Biblioteca e foi surpreendida pela conexão entre os dois. Sentiu o coração congelar, aterrorizada pela lembrança trágica de Arturo e Angelina. Nunca tinha visto Daniel tão descontraído e feliz.

— Trouxe um chá — disse, quebrando a magia, mas nenhum dos dois parou de rir. Ela serviu o chá em silêncio, esperou que acalmassem e comentou, ainda com o coração pesado:

— Estão se divertindo muito.

— O padre Daniel fez uma piada. É um momento raro.

— Compreendo — respondeu Alessia observando-o. Ele devolveu um olhar franco e divertido, quase infantil, esquecido dos monstros que o rondavam. E aquele olhar a lembrou que um dia ela também já havia sido tão inocente quanto Elizabeth. Um dia, em um passado muito distante. Perguntou para afastar os pensamentos dolorosos:

— De que falavam?

— Do momento em que os Templários descobriram as salas secretas do rei Salomão — respondeu Elizabeth com a voz ainda toldada pelo riso.

Daniel retomou o discurso, sério, com absoluto controle:

— Apesar de não saberem o que era, perceberam que estavam perante um mistério valioso, que atravessara dois mil anos. E para provar que, realmente, não existem coincidências, um dos nove cavaleiros iniciais era cátaro. Seu pai certamente lhe falou sobre os cátaros...

— Sim — anuiu Elizabeth, sintetizando os seus conhecimentos, enquanto Alessia saía da sala depois de servir o chá. — Os cátaros são um grupo cristão que surgiu no final do século XI, na região de Languedoc, na França. Eles acreditavam na existência de dois deuses opostos: o Deus do Bem, do Amor, que domina o mundo espiritual, e o Deus do Mal, que domina o mundo material. Defendiam que todas as criações materiais são obra do Deus das trevas e por isso é que a terra é dominada por maldade e injustiça.

— Exato — concordou Daniel. — Esses primeiros cavaleiros que foram para a Terra Santa eram Hugh De Payens, Archambaud de Saint-Aignan, Payen de Montdidier, Godofredo de Saint-Omer, Geofroy Bissot, Arnaldo da Rocha, Gondamer e Rossal. Há especulações sobre quem seria o nono cavaleiro, alguns acham que seria o Conde Hugh de Champagne, mas na verdade era um cátaro de Albi, na França, chamado... Luc Blanchefort.

— Blanchefort? Blanchefort, como minha família? — perguntou surpresa.

— Um dos primeiros Templários era da sua família. E, a partir daí, houve Templários em todas as gerações Blanchefort. O sexto grão-mestre da Ordem foi Bertrand de Blanchefort. Mas nós sabemos quem foi o nono cavaleiro, embora sua identidade tenha se mantido secreta. E agora você também sabe, embora deva manter o segredo — recomendou.

— Passaram-se quase novecentos anos. Faz sentido manter esse segredo?

— Faz todo o sentido. A descoberta dos Templários nunca foi divulgada. Até hoje ninguém sabe exatamente o que eles encontraram em Jerusalém, mas todos acreditam que esteja ligado ao Templário desconhecido. E assim deve continuar. Em breve compreenderá por quê. Você é a última herdeira de

Luc Blanchefort e tem a responsabilidade de proteger esse segredo. — Daniel observou-a e percebeu que suas palavras tinham provocado o efeito desejado: ela baixou a cabeça, sentindo o peso da sua herança milenar e misteriosa. Daniel continuou:

— Luc era o mais jovem dos nove, mas por ser cátaro, era o único que tinha uma ideia sobre a importância da descoberta que haviam feito.

— Como ele sabia?

— Luc era um estudioso da sua religião e reconheceu alguns dos símbolos nas paredes, por serem os mesmos usados pelos cátaros. Luc também tinha a certeza de que aquela descoberta não podia chegar aos ouvidos da Igreja católica.

— Por quê? Nessa época a Igreja ainda não perseguia os cátaros...

— Mas já tinha começado a acusar algumas pessoas de heresia. Aliás, essa palavra na sua origem significa *escolha*. E segundo os cânones da Igreja, aceitar quaisquer outros princípios que não fossem os católicos era uma *heresia*, uma *escolha*, que passou a ser punida com a tortura e a morte. Para se proteger, Luc aprendeu a ser discreto sobre as suas crenças, e por isso achou que aquela descoberta tinha que ser mantida em segredo.

— Mas ele teve que contar que reconheceria alguns símbolos, não?

— Claro. E também contou de onde os conhecia, resumindo os princípios básicos do catarismo. Foi então que Hugh De Payens teve a ideia de transcrever tudo o que estava nas salas para ser analisado pelos cátaros, em Albi. Em 1119, um ano depois da descoberta dos escombros originais do Templo de Salomão, Luc Blanchefort e o português Arnaldo da Rocha atravessaram o continente e levaram os manuscritos que reproduziam os símbolos, desenhos e textos encontrados nas três salas secretas do Templo. Fizeram também uma cópia rigorosa da arquitetura das salas e de todos os objetos que havia nelas. E foi assim que começou mais uma história do Graal.

— O Graal como livro sagrado? — perguntou Elizabeth.

— Sim, mas há um detalhe importante: esse manuscrito, feito pelos primeiros Templários, passou a ser conhecido como “O Mistério de Salomão” e só adquiriu sentido quando os cátaros o juntaram ao livro sagrado que já possuíam, e havia sido escrito por Jesus e entregue a José da Arimateia, o mesmo que tinha o Cálice. Ambos os livros se transformaram em um só: O Pergaminho da Luz. E os estudiosos do Pergaminho levaram mais de um século para compreender o verdadeiro significado do que tinham nas mãos. Entretanto, em 1119 os Templários foram fundados *oficialmente*

por Hugh De Payens, com o nome de “Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão”. Repare que Cristo e Salomão fazem parte do nome da Ordem, porque embora os Templários não soubessem exatamente a dimensão da sua descoberta, já tinham uma ideia de que estava associada aos dois.

Daniel viu as horas: eram mais de onze e meia da noite. O tempo tinha voado. Sugeriu:

— Podemos continuar depois de amanhã?

— Não pode ser amanhã? — apesar da curiosidade em saber o resto da história, seu maior desejo era ver Daniel. Sentia saudades e uma inquietação que só parecia aplacar quando ele estava perto. Via que Daniel estava cansado, pelos pequenos sulcos em volta dos olhos, mas não imaginava que ela fosse responsável por parte daquele cansaço, quando lhe roubava o sono ocupando os seus pensamentos pela noite adentro.

— Preciso descansar — justificou. Vê-la todos os dias exigia um esforço cada vez maior. Precisava de uma noite para se reequilibrar e colocar alguma distância emocional entre eles.

— Está bem — cedeu, tentando esconder a decepção por não vê-lo no dia seguinte.

— Pode ser no mesmo horário?

— Sim — respondeu Elizabeth levantando para acompanhá-lo à porta e despedir-se.

Apesar de estar exausta, naquela noite o sono custou a chegar. Tinha a cabeça ocupada pela imagem do rosto de Daniel e suas palavras sobre aquela parte fantástica da história. Apesar da sua racionalidade se negar a aceitar como verdadeiro o que Daniel contara, sua intuição dizia que tudo aquilo era normal e sua família estivera envolvida com os tesouros grálicos e os mitos templários.

16. A força da espada

Por que querem tomar pela força aquilo que poderiam obter com amor?

Powhata, Índio Algonquino em 1609

Ao escutar o celular às sete da manhã Daniel sabia que só podia ser Bardas com aquele hábito irritante de ignorar a diferença de fuso entre Brasil e Espanha. Olhou para Kent, sentado do outro lado da mesa com o jornal na mão e comentou:

— Não deve ser boa coisa.

Assim que atendeu, Bardas disse de um só fôlego:

— Descobriram o código da agenda do MacGee e não vai adivinhar quem é o responsável pelos assassinatos.

— Quem? — perguntou Daniel temeroso.

— O responsável é T. S. Eliot.

Daniel deu uma gargalhada e disse aliviado:

— O único T. S. Eliot que conheço é o escritor, mas já não está entre nós e duvido que encomende crimes do além — rematou zombeteiro, acompanhado pelo riso de Kent, que seguia a conversa atentamente, pelo viva-voz do celular.

— Bem, foi o que pensei — ironizou Bardas.

— Então quebrar o código não foi suficiente — comentou Daniel.

— Não. Parece que há um segundo código. Não faz sentido... — disse baixando a voz, como se estivesse pensando.

— Dessa forma só MacGee saberia o nome real da pessoa. Talvez ele

precisasse manter um registro por questões de segurança, para o caso de alguém tentar chantageá-lo ou, pior, tentar silenciá-lo depois de algum trabalho. Afinal, ser um assassino é uma profissão arriscada — disse Daniel, com sarcasmo, enquanto pensava nas várias hipóteses que podiam explicar aquele comportamento de MacGee.

Kent moveu a cabeça em sinal de concordância.

— Pode ser... Mas isso nos deixa sem resposta para o problema — concluiu Bardas. — Vocês têm alguma sugestão?

— Por enquanto não. Mas vamos pensar no que acabou de nos contar — afirmou Daniel.

— E nós vamos continuar tentando descobrir quem é o assassino que ainda está livre. Se tiver novidades, eu ligo.

— Até breve, Bardas. — Daniel se despediu, intrigado com o nome do responsável pelos crimes.

Daniel chegou ao apartamento de Elizabeth no horário combinado. Finalmente tinha conseguido descansar na noite anterior, depois de várias maldormidas. Quanto mais pensava nela, mais percebia que precisava manter as emoções controladas, e não podia se deixar dominar por aquela atração que estava afetando seu equilíbrio.

Alessia estava retomando sua rotina e até havia preparado uma salada de frutas com iogurte, que serviu no escritório. Elizabeth aguardava, ansiosa, pela história sobre a descoberta dos Templários. Mas antes que pudesse especular, Daniel começou a falar exatamente a partir do ponto onde tinham parado duas noites antes:

— Quando Luc Blanchefort e Arnaldo da Rocha levaram o Pergaminho para Albi deram início às histórias trágicas dos cátaros e dos Templários.

— O Pergaminho da Luz é a essência do Graal cátaro?

— Sim. Em todas as histórias cátaras, o Graal aparece como um livro com um poder terrível, que proporcionava a Vida Eterna e só podia ser lido pelos *puros*.

— A Vida Eterna no sentido Bíblico, isto é, a salvação da alma? — perguntou, totalmente concentrada nas palavras de Daniel.

— A imortalidade da alma já era um conceito amplamente aceito, e a salvação dependia, segundo os cátaros, das ações de cada um — explicou, e Elizabeth reconheceu os ensinamentos do pai. — Era outra coisa: tratava-se

de um conhecimento que tornava os homens imortais.

— Imortais, do tipo *viver para sempre*?

— Quem tivesse acesso a esse conhecimento, alcançaria a sabedoria divina, e poderia viver centenas de anos. Esse é o verdadeiro legado de Salomão — sistematizou Daniel.

— E foi essa lenda que levou à perseguição dos cátaros?

— Não exclusivamente. A perseguição aos cátaros se fundamentou em dois fatores: o desejo da Igreja pelo Graal e o temor da Igreja pelos princípios do catarismo.

— Que princípios?

— Os cátaros diferenciavam-se dos católicos em várias outras questões, além daquelas que já examinamos. Eram vegetarianos e praticavam rituais de cura com as mãos. Na celebração dos ritos religiosos, dividiam simbolicamente o pão e não faziam distinção entre homens e mulheres. Recusavam os sacramentos católicos como a hóstia e consideravam válido o *consolamentum*, que era o batismo do espírito. Mas o que mais incomodava a Igreja era o fato dos cátaros não reconhecerem a autoridade do Papa e acreditarem que a relação com Deus não precisava de intermediários, o que excluía o papel da Igreja — afirmou Daniel.

— E os Templários?

— No século seguinte, enquanto estudavam o Pergaminho, cátaros e Templários estreitaram sua relação. Na verdade, muitos dos Templários eram de origem cátara, mas independentemente disso, a Ordem dos Templários adotou o catarismo.

— Apesar de servirem à Igreja católica e dependerem diretamente do Papa? — perguntou, confusa.

— Sim — confirmou Daniel. — E quando a influência cátara se espalhou pela Europa e a Igreja se sentiu ameaçada, começou a perseguir os cátaros. Inventou várias histórias para justificar essa perseguição, afirmando que os cátaros faziam orgias e praticavam rituais satânicos com sacrifício de crianças, entre outras barbaridades.

— Essa perseguição foi a “Cruzada Albigense”?

— Exato. Foi decretada em 1209, pelo Papa Inocêncio III, que estava interessado no Graal. Nessa época, havia rumores de que os cátaros tinham o Graal. E essas foram as razões que levaram à morte os cátaros, cidade por cidade: Béziers, Carcassonne, Albi, Montségur... — Elizabeth notou que ele estava tenso.

— O que foi?

— Não gosto de falar sobre um dos períodos mais sangrentos do catolicismo — espirou fundo, massageando levemente as têmporas com a ponta dos dedos. Mesmo depois de tantos séculos ainda não conseguira assimilar aquela parte da história sem sentir uma ponta de desespero. Elizabeth nunca o tinha visto assim, quase vulnerável, com as emoções à flor da pele. Mas Daniel retomou o controle, e após alguns segundos de concentração, continuou:

— Um exército de vinte mil cruzados marchou por Béziers, na França, destruiu tudo, queimou colheitas e chacinou toda a população, incluindo mulheres e crianças.

— Mas os Templários também eram cruzados — argumentou Elizabeth.

— Sim, porém eram uma elite diferente dos cruzados em geral, e se recusaram a participar da Cruzada Albigense. Mas isso não salvou os cátaros: a Inquisição foi oficializada em 1233 para acabar com o catarismo.

— Então o Pergaminho da Luz perdeu-se?

— Os Guardiões levaram o Pergaminho de Albi para Montségur, antes da queda de Albi.

— Que Guardiões? — perguntou Elizabeth confusa, com aqueles novos personagens.

— Em 1119, quando o Pergaminho chegou a Albi pelas mãos de Luc Blanchefort e de Arnaldo da Rocha, formou-se um grupo exclusivamente dedicado ao seu estudo. Esse grupo passou a ser conhecido como Os Guardiões da Luz. Durante os cem anos de estudo, as lendas cresceram e foram atribuídos poderes sobrenaturais aos detentores do Graal.

— E os Guardiões tinham mesmo poderes?

— Claro — respondeu, com naturalidade. — Consta que controlavam até as forças da natureza, como Salomão.

— E quantos eram?

— Sete Guardiões. Mas apenas três deixaram Montségur levando os tesouros, na noite de 14 de março de 1244, para a sede dos Templários, em Paris. E, pela primeira vez, todos os objetos graálicos estavam no mesmo lugar, sob a proteção dos mesmos Guardiões. Isso era muito arriscado numa época de perseguições como aquela, em que qualquer pessoa podia ser acusada de blasfêmia ou bruxaria e acabar na fogueira. Os Guardiões acharam perigosa aquela concentração de objetos sagrados e, juntamente com o Grão Mestre dos Templários, iniciaram um audacioso plano para retirar o

tesouro de Paris e levá-lo para um mosteiro secreto, que se tornaria o maior dos segredos templários, conhecido como A Chave dos Segredos.

— E que, pelo visto, nunca foi revelado.

— Nunca. Naquela época apenas um dos três Guardiões que haviam deixado Montségur e o grão mestre sabiam da localização. Mas, mesmo assim, circulavam rumores sobre um fabuloso tesouro templário. E o rei francês, Filipe, o Belo, falido e completamente endividado com os Templários, começou a arquitetar um plano diabólico para ficar com o tesouro. Como a Ordem dependia direta e exclusivamente do papa, o rei Filipe alinhou-se com o papa Clemente V, seu amigo de infância e, juntos, planejaram a queda dos Templários. Por isso, quando Filipe os denunciou à Igreja por heresia, o papa aceitou a denúncia. E na sexta-feira, 13 de outubro de 1307, Filipe ordenou uma perseguição violenta aos Templários e aprisionou-os em calabouços onde foram torturados e mortos. Guillaume de Nogaret, chefe da guarda e conselheiro do rei francês, prendeu Jacques de Molay, o último grão-mestre Templário, e acusou-o de satanismo e sacrilégio. Em 1311, o papa Clemente V emitiu uma ordem para extinguir os Templários, permitindo que Filipe confiscasse os seus bens. Mas não encontraram nada do fabuloso tesouro Templário — disse Daniel com certo prazer mórbido.

— Nada?

— Confiscaram terras e castelos, mas nenhuma riqueza adicional. Nem uma única moeda. Torturaram Jacques de Molay e outros Templários durante sete anos, entre 1307 e 1314. De Molay era o único que sabia dos segredos Templários, mas não os entregou. Sofreu todo o tipo de torturas físicas e psicológicas que a Inquisição conhecia. Esticaram-no, pregaram-no ao batente de uma porta, cortaram-no, chicotearam-no até quebrarem seus ossos... De Molay esteve à beira da morte várias vezes. Os inquisidores esperavam até ele melhorar, para recomeçarem as torturas.

— Por favor... Isto é muito doloroso — disse baixo, com a voz embargada pelas lágrimas. Só quando percebeu que ela chorava, é que Daniel olhou para ela. Ele também estava emocionado, com os olhos turvos, raiados pela dor. Elizabeth foi para junto dele. Sentou-se aos seus pés, apoiando as mãos nos joelhos dele, e enquanto as lágrimas desciam pela sua face, sussurrou:

— Como puderam fazer aquilo?

Ele ergueu a mão suavemente e tocou no rosto dela, limpando as lágrimas devagar com a ponta dos dedos, primeiro o lado direito e depois o esquerdo.

Em silêncio, desejando esquecer o lugar para onde os seus pensamentos o haviam levado. Um lugar perdido na Idade Média, a idade das trevas, onde se matava em nome de Deus, sob a lei falível dos homens. Ela beijou a mão dele, como se pedisse uma bênção silenciosa. Aspirou o cheiro morno, e sentiu a batina roçando na sua testa, enquanto os lábios continuavam encostados à mão macia. Daniel retirou a mão com doçura, evitando o contato com a boca úmida, e acariciou o cabelo dela. Finalmente falou, dominando as memórias martirizadas do passado e a sensualidade que o assaltara, ao senti-la tão próxima de si:

— Mataram tantos inocentes, durante tantos anos. Mas De Molay... De Molay foi diferente! Sete anos sob tortura! Em certos lugares do corpo, a pele tinha se rompido e os ossos estavam visíveis. No dia 18 de março de 1314, De Molay, com setenta anos, imagine, setenta anos, foi queimado vivo, sem ter revelado nada aos inquisidores. Nada! Mas antes da sua morte lançou uma maldição aos responsáveis pelo massacre Templário, para que morressem em menos de um ano: o papa Clemente, Guillaume de Nogaret e o rei Filipe.

— E morreram?

— Estranhamente, os três morreram em menos de um ano. E isso deu início a mais um mito templário: a maldição do grão-mestre De Molay. Dizem que o papa morreu por ter ingerido esmeralda em pó, receita por um médico desconhecido, para curar sua dor de cabeça.

— Esmeralda?

— Irônico, não é? Guillaume também foi envenenado. Filipe morreu em consequência de um acidente de caça. Além disso, nenhum dos três homens envolvidos no extermínio templário deixou descendência direta. Os seus filhos não sobreviveram.

Elizabeth continuou sentada no chão, ligeiramente encostada às pernas dele, sentindo-se quase vingada pela morte dos Templários. Daniel olhou-a, ciente da ternura que sentira ao vê-la chorar por De Molay, e do desejo que a proximidade dela despertava.

— E o tesouro, como desapareceu? Para onde levaram tudo?

— O tesouro foi separado: as relíquias foram com os Guardiões para o Mosteiro secreto, para A Chave dos Segredos. Mas a fortuna propriamente dita, e os vastos conhecimentos científicos dos Templários, foram transferidos em dezoito galeões para Portugal. Os Templários foram extintos oficialmente em 1312, mas Don Diniz, o rei português, criou a Ordem de Cristo, que abrigava uma parte da Ordem Templária, embora com outro

nome.

Elizabeth ficou alguns segundos em silêncio, antes de dizer:

— Em resumo, os Templários tinham o anel de Salomão com a esmeralda, pelo menos até inícios do século XIV, quando os Guardiões levaram o tesouro para a Chave dos Segredos. E como a esmeralda apareceu no cabo da adaga que matou minha mãe?

— Isso é o que temos que descobrir — mentiu Daniel, que conhecia bem os detalhes daquela história, mas sabia que Elizabeth ainda não estava preparada para ouvi-la.

— Minha família esteve ligada ao Graal?

— A família do seu pai sempre pertenceu aos “Guardiões da Luz”. Eram Templários e cátaros. — Daniel falou devagar, esperando que ela entendesse a importância da participação da família num dos eventos mais misteriosos do último milênio. Ela ficou, de novo, em silêncio, se esforçando para incorporar aquela informação: agora sabia de onde vinha, conhecia suas origens.

— Estou impressionada — confessou, com um suspiro, sem ter ainda o controle de todo aquele conhecimento. Perguntou, intuitivamente:

— Tudo isto que me contou continua sendo apenas a superfície, não é? Existe algo maior? — murmurou, incapaz de perceber qual seu papel no meio daquela história longa e complexa.

— Você descende de guerreiros e pitonisas. Uma mistura poderosa, não acha?

— O que isso quer dizer?

— Que quem a está perseguindo pode conhecer parte do que eu disse. Agora que começou a sonhar com o futuro, vai ver coisas que mais ninguém sabe. E também será capaz de ver o passado e descobrir segredos enterrados durante séculos. Pode até sonhar com a Chave dos Segredos, o último mosteiro dos Templários. Já imaginou o que isso realmente significa?

— Também posso sonhar com o passado! — repetiu, como se pesasse as consequências daquele novo fato. Daniel estava dizendo que ela poderia descobrir a localização do Mosteiro.

— Sim... — Daniel concordou. Ela compreendeu as razões que havia para sua perseguição ou morte. Levantou do chão, voltando para o sofá, e ao virar o rosto para ele, viu o olhar enigmático, que podia ser tão frio, mas, naquele momento, estava tranquilo, aguardando que ela entendesse o alcance da sua herança. O silêncio foi crescendo em meio aos pensamentos difusos de

Elizabeth, até que ela perguntou, devagar:

— Sabe se minha mãe ou minha avó sonharam com o Mosteiro?

— Não creio que tenham sonhado, senão seu pai teria falado sobre o assunto.

— E era isso que o assassino buscava?

— Não. Que sentido teria matá-las antes de descobrir a localização do Mosteiro? — perguntou Daniel, forçando-a a pensar e a recordar as razões da morte de ambas.

— Então, minha mãe e minha avó foram mortas apenas porque o assassino acreditava que podia apropriar-se dos poderes delas. É isso?

— Sim — respondeu Daniel. — O assassinato delas foi bastante primitivo. Não acreditamos que tivesse alguma conexão com o Mosteiro.

Elizabeth pensou por um momento, antes de dizer, com a voz calma:

— Estou sendo perseguida por causa do Punhal e dos meus dons, e não necessariamente por poder sonhar com a localização do Mosteiro.

— Em princípio sim. No entanto, se o assassino souber da existência do Mosteiro, os riscos são maiores. Mas pense que vamos protegê-la e guiá-la, até que tenha condições de fazer uma escolha. Vemo-nos na reunião — disse, despedindo-se com um beijo na testa.

Elizabeth o viu desaparecer pela porta, levando consigo os momentos de abandono, angústia e ternura, e deixando todas aquelas revelações sobre os seus antepassados. Olhou para os sofás vazios e sentou no lugar que ele ocupara pouco antes. O calor do corpo dele ainda emanava da almofada. Sentiu o peito apertado, temendo o amor que sentia. Sabia, bem lá no âmago, que tinha iniciado um caminho sem volta. E sabia que seu temor era apenas um aviso descompassado, incapaz de salvá-la daquela paixão e daquela nova vida, revelada à medida que ia desvendando a história da família. Mas não sabia o que fazer com aquele passado povoado de seres especiais — guerreiros e pitonisas: um passado excessivamente grandioso para caber dentro dela. E também não sabia o que fazer com o futuro, quando o presente estava marcado por aquele amor impossível.

17. A revelação

*Foi sempre um segredo.
E assim deveria ser (...)*

Herberto Helder (1930-)

O telefone tocou no final da tarde, minutos antes de Elizabeth sair do escritório.

— Como vai? — perguntou a voz masculina do outro lado da linha, sem se apresentar. Ele estava seguro que ela sabia de quem se tratava.

— Miguel — reconheceu, surpreendida com o telefonema. Ele nunca a tinha contatado no escritório e não se falaram desde que haviam jantado juntos.

— Sim — murmurou, a voz dele chegou até ela como uma carícia. — Gostaria de vê-la.

Ela não esperava o pedido quase sussurrado, e respondeu sem perceber, como se a vontade dele se sobrepusesse a tudo:

— Eu também.

— Jantamos?

Ela sabia que precisava se controlar para não reagir ao timbre sensual da voz dele.

— Elizabeth? — chamou, sedutor.

— Queria jantar com você, Miguel, mas não posso. Tenho que acordar cedo e estou cansada — disse, tentando dominar a inexplicável vontade de sair correndo ao encontro dele.

— Eu espero — respondeu, muito calmo, como quem tem todo o tempo do mundo.

— Na próxima semana, pode ser?

— Quer marcar já o dia? — insistiu ele.

— Não... Podemos combinar depois.

— Como preferir. Mas eu quero vê-la amanhã — anunciou, assertivo, com uma gargalhada suave, depois de quase ter conseguido marcar um jantar com ela.

— Eu trabalho, sabe? — brincou, lutando contra a sensualidade que a inundava ao escutá-lo.

— Sei! Por isso pedi à minha assistente que marcasse uma reunião para discutirmos seus planos para a festa de Natal da empresa.

— É você que vai decidir? — perguntou espantada, sabendo que aquele assunto devia ser resolvido pelo diretor-geral e não por um dos acionistas, apesar da participação ativa de Miguel na empresa.

— Não deveria ser eu — confessou, com sinceridade. — Mas sua presença tornou esta circunstância especial. Já comuniquei ao diretor-geral que vou ter um papel maior na organização da festa. É uma oportunidade para fazer marketing pessoal. Não acha?

— Claro — concordou, sem conseguir entender o que ele ia fazer.

— De acordo com minha agenda, teremos uma reunião amanhã às quatro da tarde. Mas quando minha assistente telefonar, por favor, faça de conta que está preocupada por ter sido convocada por um dos acionistas — avisou, bem-humorado.

— Você é impossível.

— Espero que isso seja um elogio, Elizabeth.

— Não sei...

— Hum... explique-me.

— Você é sempre tão imprevisível.

— Definitivamente vou considerar isso um elogio. Até amanhã, Elizabeth — respondeu, com um tom jocoso ao desligar, sem lhe dar tempo para elaborar o assunto.

Na sexta-feira, às quatro da tarde, Tereza recebeu Elizabeth friamente, na antessala de Miguel. Acompanhou-a até a sala dele, medindo-a da cabeça aos pés. Elizabeth era realmente bonita e possuía uma graciosidade natural, que

se revelava nos gestos sem que ela precisasse esforçar-se.

Tereza viu Miguel levantar da sua imponente cadeira para receber Elizabeth, que já tinha avançado até o meio da sala, apreciando a vista das imensas janelas do décimo quinto andar, suspensas sobre a avenida Paulista. Também o viu beijar o rosto dela enquanto seu estômago se revolia com uma náusea repentina, como se estivesse em um barco, no meio de uma tempestade. Aquele gesto simples fez com que fosse dominada pelo ciúme, mas recordou o que tinha acontecido da última vez que demonstrara ciúmes de Elizabeth e controlou-se. Miguel disse com um tom gélido, como se tivesse adivinhado as emoções dela:

— Obrigado Tereza. Pode retirar-se.

— Deseja café ou chá?

— Elizabeth, quer beber alguma coisa? — perguntou Miguel, polidamente.

— Um chá, por favor — respondeu com delicadeza, sentando em uma das duas cadeiras de couro posicionadas à frente da mesa dele.

Miguel voltou para Tereza e pediu, com firmeza:

— Earl Grey para dois. Peça para a Antônia trazer o chá, e tire o resto da tarde. Esta semana trabalhou muito. Vemo-nos na segunda-feira.

Tereza sentiu um arrepio trespassar o corpo, mas percebeu que Miguel a olhava com uma atenção fria e um aviso subliminar na linha dos lábios apertados. Respondeu tensa:

— Claro. Bom fim de semana.

— Obrigado, Tereza.

Assim que a porta se fechou nas costas de Tereza, Miguel puxou a outra cadeira e sentou ao lado de Elizabeth. Cruzou displicentemente as pernas atléticas e disse, descontraído:

— Adorei suas ideias para a festa de Natal.

— Obrigada. Mas precisamos nos organizar rapidamente, porque nesta época é difícil reservar os lugares. Já estamos sem tempo.

— Concorde. Temos menos de um mês — fez uma breve pausa, avaliando os olhos límpidos de Elizabeth, antes de afirmar, com a voz séria: — Então vamos trabalhar.

Durante uma hora discutiram o espaço, a decoração, a música e o cardápio. Elizabeth recordou seu sonho sobre a festa e percebeu que, para se realizar na íntegra, faltava apenas que Miguel a beijasse. Quando acertaram todos os detalhes, ela sentiu uma admiração involuntária pela forma sistemática como ele foi resolvendo um problema de cada vez, até organizar toda a festa.

Miguel captou a admiração dela e perguntou:

— Impressionada?

— Sim — respondeu, com honestidade.

— Que bom. Tenho me esforçado bastante para impressioná-la — rematou suavemente.

— Não acho correto qualquer tipo de relacionamento com você, exceto o profissional... — reforçou, tentando manter a conversa circunscrita ao trabalho.

— Já me disse qual é sua opinião sobre esse assunto — interrompeu, divertido. — Mas quando nos conhecemos não sabíamos, e não posso negar que você exerce certo fascínio sobre mim. Também sei que não é imune à minha presença. Estou certo?

Ela estremeceu perante a segurança das palavras dele e respondeu, aturdida:

— Não sabíamos, mas agora sabemos.

— É só por isso? Não quer uma aproximação entre nós por causa do trabalho?

Ela levou alguns segundos para responder:

— Sim.

— Você hesitou, Elizabeth... Diga o que a incomoda — pediu, atento aos gestos dela.

— Não sei... — respondeu, tentando definir todas as razões para não se envolver com ele.

— Tente explicar — insistiu, carinhoso.

— Você conhecia meu pai e os amigos dele... É tudo muito confuso.

— Ah. Isso. O que quer saber?

— A verdade. Quero que me conte a verdade.

— É preciso cuidado com o que se deseja — avisou. — Essa história de que “a verdade te libertará”, não é bem assim.

— É a única forma de pautarmos o comportamento — retrucou.

— Então, para você, antes de tudo está a verdade? — questionou, com uma ponta de ironia.

— Sim — afirmou, segura. — Você não concorda?

— Não. A verdade é subjetiva — defendeu, tranquilo. — Além disso, por vezes, não existe nenhum ganho na verdade.

— Não estamos falando sobre as consequências da verdade.

— São indissociáveis, Elizabeth. Acredite em mim. Mas não falemos sobre

o passado, porque ele nunca deixa de nos assombrar. Não existe uma página em branco. Não existe isso de “começar de novo”. O presente é a soma de tudo o que aconteceu: dos acertos e dos erros. E para seguirmos adiante, temos que nos perdoar por alguma coisa. É um exercício contínuo.

Embora Elizabeth não soubesse, Miguel estava se referindo ao seu próprio passado.

— Eu sei que a verdade pode ser relativa, mas continuo achando que é fundamental.

— E mais — continuou Miguel, ignorando a interrupção dela —, em cada momento da vida valorizamos algo diferente. Primeiro, talvez seja a verdade, como conceito absoluto. Preto ou branco. Depois começamos a achar que a verdade é relativa e pode ser cinza. E, mais tarde, achamos que a verdade não é tão importante quando comparada à felicidade.

— É difícil ser feliz sem saber a verdade.

— É a forma mais fácil de ser feliz — respondeu, com uma gargalhada suave. Elizabeth não percebeu, mas o riso dele era uma reação para camuflar a tristeza.

— Você consegue destruir a fé no ser humano. O que está dizendo é, praticamente, uma ode à mentira.

— É apenas uma maneira de dizer que tudo deve ser equilibrado. Não existem verdades absolutas. E, às vezes, é melhor não revelar algo que não vai acrescentar nada.

— Passamos a vida defendendo a verdade, e agora está dizendo que não é tão importante?

— É claro que é importante. Mas é relativa e é frequentemente atropelada por valores mais importantes. Isto é só meu ponto de vista, claro — ironizou, percebendo que tinha tocado em um ponto nevrálgico da concepção de vida de Elizabeth. Lembrou-se de Arturo: ele também defendia a verdade acima de tudo, agindo sempre com uma retidão irritante.

— Então suponho que não vai me contar como conheceu meu pai e os amigos dele? — perguntou, voltando ao início daquela conversa, como se tentasse fechar um ciclo.

— Hoje não, mas quero que saiba uma coisa: eu e seu pai tivemos um passado juntos. Nós fomos amigos um dia. Muito amigos. Lembre-se disso.

Elizabeth sentiu que havia mais coisas para descobrir: todos se conheciam, mas ninguém queria falar sobre o assunto. Comentou:

— Primeiro disse que tinha uma relação social com meu pai e agora diz

que foram amigos.

Miguel estendeu a mão e apertou os seus dedos finos:

— Prometo que vou contar tudo, mas hoje tive um dia longo. Não esqueça que toda história tem sempre dois lados, está bem?

Ela assentiu com a cabeça, mas sentiu-se confusa. Levantou para se despedir. Miguel também levantou e ficou na sua frente, com os olhos dourados e profundos. Elizabeth mergulhou naquele olhar e sentiu as pernas cederem. Queria ter forças para se afastar, mas o corpo parecia traí-la e ela não conseguia se mover. Ele deu um passo em frente e abraçou-a pela cintura com suavidade. Puxou-a contra o corpo e ela sentiu os músculos e o calor da pele dele através da roupa. Ele inclinou lentamente o rosto e beijou-a devagar, forçando-a a abrir os lábios para receber o beijo sensual. Ela sentiu o corpo dobrar-se ligeiramente para trás sob o efeito do abraço firme. Abandonou-se. Miguel escorregou a mão direita pelas costas dela, até encontrar o cós das calças. Puxou a blusa para fora das calças apenas alguns centímetros, o suficiente para encostar a palma da mão à pele dela, enquanto continuava a beijá-la. Parou de repente, deixando-a suspensa. Afastou o rosto e olhou-a com desejo. Ela retribuiu o olhar, à espera que ele continuasse. Miguel sussurrou:

— Viu, Elizabeth? Nada é mais importante do que isto. Sente meu desejo por você?

— Sim...

— Quero que venha até mim, consciente da sua vontade. Não quero que seja algo de momento, por nos sentirmos atraídos um pelo outro e estarmos perturbados pelo desejo. Compreende? — perguntou, baixinho, com a respiração escaldante próxima dos lábios dela.

— Sim.

— Pense nisso. — Solto-a suavemente, dando um passo para trás. Ela olhou-o, tonta, voltando a tomar consciência do corpo. Durante os momentos em que esteve nos braços dele sentiu-se flutuar, como se os pés não tocassem no chão e o corpo se resumisse àquele chamado primitivo. Ficou feliz por ele a ter deixado partir. Outra pessoa, no lugar dele, não teria lhe dado oportunidade para pensar no que ela realmente queria. Aquele gesto elegante fez com que o admirasse. Beijou-o no rosto e agradeceu:

— Obrigada, Miguel.

Ele rematou, com voz baixa:

— Não pense que não me custa deixá-la partir, mas prefiro tê-la inteira,

sem dúvidas para que não haja arrependimentos posteriores.

— Eu sei. Até segunda.

Ele a observou desaparecer pela porta e percebeu o quanto ela era inexperiente. Naquele beijo teve a certeza que ela era inocente, o que parecia absurdo para alguém de vinte e nove anos, nos tempos modernos. Mas Elizabeth era filha de Arturo e de Angelina, protegida pela Ordem desde o nascimento, e por isso os tempos modernos não tinham grande influência no seu comportamento. Ela foi educada para ser alguém de elevada espiritualidade. Miguel sentiu o corpo ardendo, ao imaginar a possibilidade de tomar aquela pureza.

Elizabeth sonhou pela primeira vez depois da morte de Bento. Estava no centro de uma clareira iluminada por uma imensa lua branca, e Miguel se aproximou com os seus olhos dourados. Deitou-se ao lado dela, como um animal pronto para acasalar, e murmurou palavras em uma língua estranha. Ela sentiu o corpo despertar, quando um vento morno, cheio dos sons de pequenos sinos ocultos nas árvores, varreu a clareira trazendo consigo o monge vestido de laranja com o capuz ocultando o rosto. Assim que Miguel percebeu a presença do monge tentou enfrentá-lo, mas ele assoprou levemente e Miguel evaporou, como fumaça. O monge aproximou-se dela e assoprou em seu rosto, um sopro adocicado que lembrava mel e alfazema, fazendo-a acordar com um sobressalto.

Lá fora, os primeiros raios de sol, ainda tênues, anunciavam a manhã. Sentiu-se envergonhada por estar tão atraída por Miguel, sabendo que estava apaixonada por Daniel. Não importava o que fizesse ou pensasse, no final tudo terminava naquele duelo interior entre o desejo e o amor, embora ela soubesse que não havia uma separação tão clara entre os dois sentimentos.

No dia 6 de dezembro Elizabeth não sabia o que esperar do novo encontro com a Ordem. Ainda se sentia incomodada com o beijo sensual de Miguel, e percebia que o desejo por ele era incompatível com a vida regrada, e equilibrada, que estava levando naquele momento.

Vestiu um longo preto, com manga comprida e corte simples, que emoldurava discretamente o corpo, e prendeu o cabelo com uma pequena peça de prata, que pertencera à sua mãe. Encontrou com Alessia no hall do apartamento e não conseguiu deixar de se espantar com a elegância dela.

Apesar de não ser alta, andava sempre muito reta e caminhava suavemente, como uma bailarina clássica. Mesmo agora, apesar da dor recente provocada pela perda de Bento estar visível no seu rosto triste, mantinha uma elegância irrepreensível. Elizabeth beijou-a no rosto e deu-lhe o braço, pronta para sair. Alessia sorriu com cumplicidade maternal, e disse, no seu francês impecável, que estava feliz por tê-la por perto:

— *Je suis hereuse de t'avoir ici, ma fille.*

— *Moi aussi* — respondeu, com simplicidade.

Leon abriu a porta do carro para que elas entrassem e Náder dirigiu até a sede da Ordem, exatamente como haviam feito da primeira vez que Elizabeth visitara o lugar, um mês antes.

Leon e Náder se dedicavam exclusivamente ao trabalho. Não tinham mulher ou filhos. De vez em quando se aventuravam em um relacionamento amoroso, que sabiam estar fadado ao fracasso. A vida deles girava em torno de Elizabeth. Leon era um católico convicto e Náder um muçulmano fervoroso. Cada um seguia os preceitos da sua religião e, após a estranheza inicial, aprenderam a respeitar-se e a falar sobre as duas crenças.

Elizabeth entrou na sala, no subsolo da casa, e olhou em volta, tentando absorver todos os detalhes fascinantes da decoração vermelha e dourada, quando os seus olhos se encontraram com os de Daniel, em um choque inevitável. Ele olhou-a intensamente como se soubesse do seu desejo inconfessável por Miguel Besson. Cumprimentou-a com um beijo: os lábios suaves roçando a pele morna fizeram-na estremecer. Quando ela ocupou seu lugar, a imagem de Miguel desaparecera da memória. Tinha se preocupado tanto em se proteger contra Miguel que esquecera a forma como Daniel a perturbava, e aquela estranha familiaridade que sentia, parecendo conhecê-lo desde sempre, talvez desde os tempos da sua infância.

Daniel ficou de pé, com as mãos abertas para cima, como se fosse receber dádivas invisíveis do céu e disse o Pai-Nosso em latim, acompanhado por um coro cadenciado de vozes treinadas e límpidas. Elizabeth acompanhou-os num sussurro, para não perturbar o ritmo, e lembrou das vezes que rezara aquela oração com Arturo, com a mesma cadência musical de um canto gregoriano.

Sentaram com as palmas das mãos viradas para baixo, sobre a mesa, e Daniel falou diretamente para Elizabeth, sem qualquer introdução, como se

aquele início fosse um modo usual de abrir a reunião:

— Os cátaros e os Templários formaram um grupo de Guardiões para estudar e proteger o Pergaminho, e eles nunca desapareceram. Desde o início, e durante os últimos nove séculos, há sempre sete Guardiões da Luz. Nós somos esses Guardiões — fez uma pausa para permitir que Elizabeth compreendesse a profundidade daquela revelação.

Embora ela já soubesse que a Ordem estava diretamente associada à sua família, e guardava um misterioso segredo, não acreditava que eles fossem os detentores do Pergaminho, o livro secreto, que continha o conhecimento místico deixado por Salomão e Cristo. Um livro terrível que pertencia à esfera dos mitos, cuja existência era questionada e tinha sempre sido negada. Tentou pensar, enquanto sentia sobre si a atenção fixa de todos. Um silêncio compacto caíra sobre a sala. Ela teve a sensação que o tempo tinha parado, e uma sombra obscurecia tudo. Quando voltou a olhar para Daniel achou que a cadeira dele estava acima do nível do chão. Mas não teve certeza. As cores e as formas estavam difusas, envoltas em um nevoeiro leve. Sentiu-se flutuar. Kent, sentado ao seu lado, tocou na sua mão e perguntou:

— Elizabeth, compreendeu o que somos?

— Não completamente — murmurou, com o olhar fascinado preso ao rosto fechado e enigmático de Kent. De todos os Guardiões, ele era o que menos conhecia e ainda lhe causava algum incômodo. Parecia ser o mais sombrio e o mais violento. Mas sua percepção estava errada: o mais brutal dos Guardiões era também o menos provável.

— Nós somos os Guardiões do Graal — insistiu Kent, ainda segurando a mão dela, para fazê-la sentir que tudo aquilo era real.

A sala escureceu um pouco mais, e os rostos deles pareciam fantasmas brancos cravados na noite. Ela não conseguia definir se a névoa que envolvia a sala era fruto da escuridão ou da luz, mas não sentiu medo, apenas uma letargia que tornava tudo mais lento. A voz macia e firme de Daniel arrancou-a da confusão que dominava seus pensamentos:

— Elizabeth, esta revelação tem que ser protegida, inclusive com a vida, se necessário.

Ela escutou-o sob o efeito daquele mistério milenar, surgido das trevas como um monstro pré-histórico que se ergueu do centro da terra, e se materializou no meio da sala, em pleno século XXI. Respondeu com a voz lenta, fazendo esforço para falar:

— Eu sei. Mas não compreendo muito bem.

Daniel analisava-a, com o olhar escurecido pelo efeito da estranha névoa. Continuou falando com a mesma simplicidade com que tinha revelado aquele terrível segredo que acabara de torná-la prisioneira da Ordem enquanto vivesse:

— Seu pai era um Guardião e você está sendo treinada para ocupar o lugar dele. Conte-lhe a história da Ordem para que compreenda a importância do nosso papel no último milênio, e esteja consciente da responsabilidade que pesa sobre nós. Responsabilidade que você também assumirá.

Ela assentiu com a cabeça, sem força para lutar contra aquele destino imposto, incapaz de distinguir onde terminava o mito e começava a realidade. Daniel continuou:

— Decidimos que vai iniciar a próxima fase do seu aprendizado. No último mês, recordou técnicas que equilibram corpo e espírito. Agora vai aprender a dominar sonhos e pensamento.

Tudo acontecia em câmara lenta e o tempo parecia suspenso.

— Tem alguma dúvida? — perguntou Daniel.

— Sim — titubeou. — Isto significa que fui aceita na Ordem?

— Não. Você tem que amadurecer um pouco mais, porque quando os Guardiões não estão no mesmo nível, toda a Ordem é impedida de alcançar um patamar espiritual mais evoluído.

— Quanto tempo isso vai levar?

— Você é especial: descende de famílias evoluídas há centenas de anos. E isso está gravado em você. Não sei definir quanto tempo leva, sei apenas que será muito menos que o normal. — Daniel falava friamente. Tudo nele demonstrava um desapego total naquele momento.

— E qual seria o tempo normal? — perguntou ela.

— Trinta a quarenta anos, no mínimo — respondeu, com tranquilidade. Elizabeth olhou-o sem entender e comentou, confusa:

— No mínimo? Mas vocês são todos jovens! Isso significa que começaram a estudar quando?

— Que idade tinha quando começou a fazer esgrima? — retrucou Daniel.

— Quatro.

— Então não é anormal que sejamos jovens. Quando você fizer trinta e quatro anos, terá estudado durante trinta anos, certo?

— Sim... — respondeu, se esforçando para pensar com clareza.

— Além disso, para nós, Guardiões, nada é normal. — Daniel enfatizou cada palavra. — Iremos acompanhá-la até acharmos que está pronta para se

juntar à Ordem. Se, entretanto, algum evento impedir sua evolução espiritual, será afastada da sucessão.

Embora não houvesse mais ninguém que pudesse ocupar o lugar de Arturo, Elizabeth precisava compreender que só seria uma Guardiã se mantivesse intacta sua pureza e isso dependia exclusivamente dela.

— Alguma dúvida Elizabeth?

— O que poderá me impedir de herdar o lugar do meu pai? — perguntou, enquanto a névoa começava a desprender-se dos objetos e a luminosidade voltava à sala devagar, diluindo as formas fantasmagóricas surgidas durante a revelação da identidade dos Guardiões.

— Coisas simples, na verdade: canalizar sua energia de forma errada, envolver-se em situações que perturbem seu caminho. Perder sua pureza — anunciou, sem emoção.

— Entendo. — Elizabeth respondeu, temendo que Daniel adivinhasse o beijo de Miguel, embora não fizesse ideia como ele poderia saber de algo que acontecera entre quatro paredes. Achou que o sentimento de culpa a estava deixando paranoica e um simples beijo não podia ameaçar sua pureza. Recordou a insistência do pai e de Alessia sobre aquele ponto, e da importância que a castidade ocupara na sua educação.

— É uma escolha que também terá que fazer. Na verdade, é a partir deste momento que as suas escolhas se tornarão mais difíceis e as situações mais complexas. É um processo natural. — Virou-se para Kent e pediu: — Por favor, explique o que acontece nesta fase da iniciação.

Kent assumiu o discurso da reunião:

— Quando os iniciados começam a estudar, e já aprenderam os princípios básicos, passam por um momento de tentações e dúvidas. É “a seleção natural” do mundo espiritual: é uma espécie de teste criado pela própria natureza, para que só os puros e fortes resistam. Daniel falou de um caminho invisível que Salomão deixou para que os escolhidos tivessem acesso ao conhecimento divino. Lembra?

— Sim — respondeu, esmagada pela forma como os mitos se tornavam reais.

— É um caminho de superação das dificuldades e da vontade de desistir. Vai passar por isso. Tem que concentrar sua energia nesse processo de evolução interior. Nós podemos dar os conceitos, mas só você pode colocá-los em prática e escolher.

— Sei... — respondeu aturdida, como se Kent estivesse fazendo um

diagnóstico do que ela estava sentindo. Miguel, naquele momento, era o ápice da tentação, representava a mudança das escolhas que fizera até ali: ou se dedicava à Ordem ou seguia na direção de Miguel.

— Suas escolhas são um processo diário, contínuo — avisou Daniel. Ela queria falar, mas as palavras pareciam insuficientes para explicar o assombro que a dominava. — Você tem mais um mês para continuar seu aprendizado, com o mesmo esquema de treinamento. E entre 6 e 13 de janeiro vamos viajar.

— Para onde vamos? — quis saber.

— Depois falaremos com mais detalhes. Agora precisamos continuar aqui... — anunciou Daniel fazendo um gesto com a mão para indicar que a reunião tinha que prosseguir. — Manfred vai acompanhá-la à porta, e Leon e Náder vão levá-la para casa.

Embora se sentisse excluída, sabia que ainda não pertencia à Ordem e havia assuntos que lhe eram vedados. Despediu-se, e quando estava para deixar a sala, Daniel aproximou-se, e pôs um terço na palma da mão dela:

— Era da sua mãe.

— Como? — questionou ela, surpreendida.

— Este terço de marfim era da sua mãe — repetiu Daniel. — Seu pai pediu que lhe entregasse quando eu achasse oportuno e, neste momento, acredito que precisa se lembrar das suas origens e saber para onde vai. Pertenceu à sua avó, e antes dela, foi da sua bisavó. Está na sua família há muitas gerações. Foi esculpido por um mago indiano com o marfim de um raro elefante branco, em 1557. É um objeto mágico.

— O que é que ele faz?

— Só você poderá saber. Os seus poderes só são revelados às pitonisas.

Elizabeth cerrou a mão e sentiu os olhos encherem-se de lágrimas. Daniel conseguiu fazê-la voltar à essência, àquilo que era importante.

— Obrigada.

Partiu com as pequenas contas na mão tão fechada, que não passaria sequer o vento.

Independentemente de concordar ou discordar com as várias teorias e opiniões do grupo, Daniel resumiu a situação a três pontos, todos eles relacionados com Besson: a presença dele na vida de Elizabeth, a possibilidade do seu envolvimento na morte de Bento e nos outros

assassinatos na Europa, e a necessidade de contar a Elizabeth quem ele era. Revelou também preocupação com Elizabeth. Tinha percebido que ela estava incomodava, e parecia ocultar algo.

— Como pode ter certeza? — perguntou Kent.

— Ela estava inquieta e, por mais que disfarçasse, havia culpa no seu olhar. Pode ser algo relacionado com Besson. Eles trabalham juntos e Besson aproveita isso para se aproximar.

— Besson está em vantagem: sabe que nunca usaremos os mesmos métodos que ele, e não vamos manipular o livre-arbítrio de Elizabeth — sintetizou Alessia, tentando manter a calma. Agora, sempre que pensava em Besson via Bento morto e, apesar de não ter provas sobre a participação dele naquele acontecimento, não conseguia evitar a sensação de que, de alguma forma, todas aquelas mortes relacionadas à busca do Cálice de Cristo e do Anel de Salomão estavam associadas a ele.

— Eu achei que ele estivesse enfraquecido, e não conseguisse interferir nos nossos planos — comentou Uchoa.

— Eu também, mas parece que nos enganamos. — Seth falou pela primeira vez, com o olhar focado em um ponto distante, como se estivesse desvendando algum mistério. — A força dele provém da magia. Não sei que rituais descobriu, mas está à nossa frente em conhecimento.

— Não está à nossa frente em conhecimento — argumentou Daniel, com segurança. — O que ele sabe pertence a um mundo que ninguém deveria acessar. Precisamos descobrir que ritual ele pratica, para podermos combatê-lo, mas não é algo que se deseje. Nós temos nosso próprio conhecimento e sabemos o preço que pagamos. Besson escolheu o caminho dele e também tem um preço a pagar. Agora a nossa obrigação imediata é proteger Elizabeth.

— De nós e dele — argumentou Seth.

— Sim, de nós e dele. Mas nós somos o mal menor. Se a influência de Besson sobre Elizabeth aumentar, não haverá proteção que a salve — rematou Daniel, apesar de todos saberem a realidade brutal que se ocultava por trás daquelas palavras aparentemente mansas.

— Então, o que faremos? — perguntou Seth.

— Esperamos. E vigiamos — comunicou Daniel.

— Não acha que devemos contar a Elizabeth mais detalhes sobre nós e sobre Besson? — Uchoa, pela sua personalidade direta, achava sempre que a transparência era o melhor caminho para solucionar os problemas, e defendia

que Elizabeth devia saber toda a verdade.

— Ainda não. Vamos deixar Besson dar o primeiro passo — finalizou Daniel.

— Mas isso não vai ser pior? — insistiu Uchoa.

— Não. Assim que Besson contar a versão dele, seremos capazes de saber o que pretende.

— E se ele estiver à espera que façamos o mesmo? — perguntou Kent.

— Alguém terá que iniciar o jogo. A vantagem será de quem tiver mais sangue frio — disse Daniel, antes de terminar a reunião, como um verdadeiro estrategista.

Miguel acreditava que não seria difícil seduzir Elizabeth por dois motivos: ela era inocente e ainda não tinha força suficiente para resistir aos seus avanços. Também sabia que os Guardiões não iriam violar as regras que proibiam a manipulação da mente, principalmente dos iniciados. A lei estipulava que os iniciados não podiam sofrer influências externas, para poderem provar seu verdadeiro valor. Isso dava a Miguel uma vantagem: ele pertencera à Ordem e conhecia seu funcionamento, mas deixara de estar subjugado às suas leis rígidas.

Porém, havia outros fatores a considerar: Miguel estava ciente de que Daniel era o herdeiro de Arturo e assumira o lugar de Guardião Supremo, tornando-se responsável pela proteção de Elizabeth, o que iria dificultar seus planos. Embora Daniel não pudesse interferir diretamente, poderia criar barreiras que o impedissem de se aproximar dela. Foi então que uma ideia cruzou sua mente. *O monge só pode ser ele*, pensou Miguel, que tentava descobrir a identidade do monge de laranja, desde a primeira vez que ele o expulsara dos sonhos de Elizabeth, impedindo-o de aprofundar sua conexão entre eles.

A presença vigilante do monge era a última proteção de Elizabeth, e Besson ainda não conseguira vencê-lo. Sentiu o prazer da caçada aumentar: quanto mais obstáculos houvesse na conquista de Elizabeth, mais interessante se tornava. Ele e Daniel eram predadores, cada um à sua maneira, e o prêmio nunca fora tão valioso.

Miguel tinha planejado chegar até ela através da sedução. A atração que estava alimentado em Elizabeth ia permitir explorar uma dimensão sensual proibida pela Ordem, que submetia seus membros à rígida prática da

castidade.

Elizabeth acordou cedo, antes de a claridade expulsar todos os resquícios de escuridão. Ainda sentia dificuldade em aceitar as revelações que havia escutado na última reunião da Ordem. Desde que conhecera Daniel, cada novo dia trazia a descoberta de histórias que desafiavam a racionalidade: esmeraldas e assassinos, leões e pitonisas, guardiões e pergaminhos, heranças de Salomão, o rei místico, e de Cristo, o Redentor dos homens. Visto assim, sob a luz crua da razão, tudo aquilo parecia desprovido de sentido. Ninguém acreditaria naquela história excessiva, que atravessara os séculos, oculta por um manto de mistério e sangue. Ela estava presa entre a ficção e a realidade, sem conseguir definir onde começava uma e terminava a outra. Era difícil acreditar que eles eram os Guardiões do Graal, e em breve ela seria um deles, embora ainda não soubesse o que aquilo realmente significava. Sentiu-se atraída por aquele caminho que selara o destino dos seus antepassados.

Analizou cuidadosamente o terço de marfim que Daniel lhe dera: cada conta era única, esculpida com um emaranhado de imagens que representavam plantas, animais, santos e anjos minúsculos. Havia uma quantidade enorme de pormenores nas contas redondas, como se cada um formasse um pequeno universo. Imaginou quais poderes mágicos o terço teria, e enquanto apreciava a riqueza de detalhes, começou a questionar se conseguiria conciliar o trabalho na UniTouch e o treinamento, cada vez mais exigente, da Ordem. Mas o que mais a preocupava era sua incapacidade de lidar com a atração que sentia por Miguel.

Devolveu o terço à gaveta do criado-mudo e tirou a carta do pai, com a data de 13 de dezembro. Quebrou o lacre do envelope, retirou a carta e começou a ler.

Puebla de Sanabria, 13 de maio de 2009

Meu tesouro,

Hoje se celebra o culto a Nossa Senhora de Fátima e é, também, o dia do meu aniversário. Quando ler esta carta, a 13 de dezembro, vão se completar trinta e quatro anos desde a morte da sua avó materna. Nesse momento Daniel já deve ter revelado quem você é. Eu não disse antes, porque acreditei que fosse possível proporcionar uma vida normal até o momento de receber todo o peso da sua herança. Nos

próximos meses vai compreender quão pesado pode ser o fardo que terá que carregar.

Sei que não tinha o direito de comprometer seu futuro, mas foi isso que fiz e, apesar de parecer que não lhe dei escolha, poderá sempre optar por outro destino. Mas acredito que conheço sua essência e é isso que a vai fazer tomar a decisão correta. Seu coração está no lugar certo, e mesmo que tenha dúvidas ou hesitações, vai ser capaz de ouvir sua voz e compreender as situações que a rodeiam.

Você é a última pitonisa. Não conseguirá ver seu futuro, mas se estiver equilibrada, vai sentir o que deve e não deve fazer.

São Tomás de Aquino disse: “Três coisas são necessárias para a salvação do homem: conhecer o que se deve acreditar, conhecer o que se deve desejar, conhecer o que se deve fazer.”

E eu acredito em você, minha filha. Haverá momentos em que tudo o que vai poder fazer é acreditar. Não duvide de você. Erre, volte atrás, aprenda, repita, mas não duvide de você. Não duvide daquela voz que vai sussurrar coisas que podem contrariar toda a lógica ou até duvidar de pessoas em quem confia. Se isso acontecer, ouça sua voz.

Seu pai,

Arturo

Mais uma vez a carta do pai trazia conselhos contra armadilhas, que podiam ser perpetradas por qualquer pessoa, até mesmo as mais próximas. Leu a carta novamente, e encontrou a fé inabalável de Arturo na capacidade de ela pressentir perigos e descobrir caminhos. Ele dizia que, antes de tudo, ela devia confiar na intuição, mesmo que isso contrariasse a racionalidade. Releu a frase “até duvidar de pessoas em quem confia” e percebeu que o pai estava a alertá-la contra alguém próximo dela. Fez mentalmente uma lista das pessoas em quem confiava e não havia muitas: seus seguranças, Alessia, Daniel e os outros membros da Ordem, exceto Kent, que era a pessoa com quem tinha menos contato, e ainda não fazia parte da sua lista de pessoas íntimas. Havia ainda os seus amigos dos tempos de faculdade, mas eles estavam claramente excluídos daquela trama incomum. Ao pensar que precisava precaver-se contra pessoas do seu círculo íntimo sentiu-se desamparada: como seria possível duvidar de pessoas que aparentemente a protegiam? Achou estranho que o pai a deixasse entregue a gente de quem deveria duvidar. *Também há o Miguel*, pensou no último minuto. E ele tinha

sido amigo de Arturo. Mas nada daquilo parecia fazer sentido.

18. A festa

É sempre preciso fazer de maneira que as coisas perigosas não nos estejam ao alcance da mão.

Marguerite Duras (1914-1996)

Às cinco e meia da manhã o celular arrancou Daniel do sono, com brusquidão. Ele sentou na beira da cama, de um salto, completamente acordado. Em um segundo passou do sono profundo para um estado desperto, sem que o corpo necessitasse de um tempo intermediário entre um estado e outro. Pegou o celular e assim que viu o nome de Bardas piscar freneticamente na pequena tela, sentiu o estômago se contraindo de ansiedade.

— Bardas, como vai?

— Daniel, recebi o e-mail do Kent ontem — disse, sem sequer cumprimentá-lo, distraído pela quantidade de informação que tinha para discutir. — Encaminhei para os arqueólogos e os especialistas envolvidos no caso. Criou-se uma confusão danada. Você nem imagina... Se estivesse nos Estados Unidos diria que era o Quatro de Julho!

Menos mal, pensou Daniel. Os Guardiões, depois de conversarem sobre o assunto, tinham decidido informar Bardas sobre o significado dos objetos místicos que estavam no centro da onda de sequestros e assassinatos. Enviaram um e-mail detalhando os artefatos e as teorias em torno deles. Dessa forma, além de mostrar a Bardas que estavam empenhados no caso, também provavam o valor das relíquias e a justificativa para os assassinatos.

Tinham esperança que aquilo diminuísse o interesse de Bardas em Elizabeth, embora Daniel não estivesse seguro de que o artifício viesse a funcionar.

— Kent investigou os artefatos e eles correspondem à descrição de antigas relíquias.

— Eu sei. De valor incalculável. Vi o e-mail... Eu defendi, desde o início, que era preciso descobrir o que eles significavam, mas os investigadores do caso achavam que era necessário focar exclusivamente no assassino e nas vítimas. Bem, aí está a prova de que eu estava certo — argumentou Bardas, impaciente. — Essa teoria das relíquias provocou alguma insanidade por aqui. De repente, há especialistas por todo o lado. Até um agente da Mossad já me ligou. E todos têm uma opinião... Desde ontem, os objetos tornaram-se mais importantes que os assassinatos. Mas é difícil acreditar que esses objetos existam. Por outro lado, deixaram um bom rastro de sangue... — disse entredentes.

— Os especialistas acham que não existem, é isso? — perguntou Daniel, com uma ironia quase imperceptível. Era sempre mais fácil negar do que acreditar na existência de relíquias como aquelas, que desafiavam a racionalidade de qualquer um.

— Estão divididos. Uns acreditam e outros não. Parece uma loucura encontrar o Cálice de Cristo dois mil anos depois e o Anel de Salomão três mil anos depois... Os céticos acham que é uma réplica... Mas não fazem ideia — disse, rindo.

— Por que não acreditam? — insistiu Daniel, agora um pouco mais divertido, principalmente pela confusão que a informação havia gerado.

— Bem... É o Cálice mais desejado do mundo. Foi procurado pelo rei Arthur e até pelo Indiana Jones — argumentou em tom de brincadeira.

— Eu sei... — respondeu Daniel, no mesmo tom leve. — Mas telefonou só por causa da polémica que o e-mail provocou?

— Não. Tenho ótimas notícias. — Daniel pensou que era exatamente aquilo que temia. — Sabemos quem está por trás dos crimes.

— Como?

— Os especialistas descobriram a identidade da pessoa que queria os objetos e possivelmente foi responsável pelos assassinatos: é uma mulher chamada Tereza S. Eliot.

— T. S. Eliot. É mesmo o nome verdadeiro? — questionou Daniel, duvidando, não apenas pela semelhança entre o nome da mulher e o do famoso escritor inglês, mas também por aquela revelação ser inesperada: era

surpreendente que uma mulher, de quem ele nunca tinha ouvido falar, estivesse por trás de todos aqueles crimes. Repentinamente algumas das suas teorias pareciam desprovidas de lógica, embora sua intuição já o tivesse avisado que Besson podia não estar ligado à caçada aos objetos místicos, como Kent e Alessia tanto defendiam. A investigação que a Ordem havia feito, depois do acidente de carro com Elizabeth, revelara que Miguel era o responsável pela admissão dela na UniTouch. A presença de Miguel em São Paulo indicava que o foco da sua atenção era Elizabeth.

O surgimento daquela mulher, T. S. Eliot, no cenário atual, adensava o sinistro enredo, no qual todos estavam envolvidos, cada um com os seus objetivos e obsessões. Quem era ela?

— É uma coincidência ela ter o mesmo nome do escritor, mas é verdadeiro — disse Bardas, entusiasmado, no seu espanhol animado. — E a segunda boa notícia é a de que ela tem alguma ligação com o Brasil. O que acha disto?

Daniel levou um susto: por um instante acreditou que tudo se resolveria pela Europa e agora, sem uma explicação aparente, o foco se voltou para o Brasil. Respondeu, com calma:

— Diga primeiro como descobriram a ligação da tal T. S. Eliot com o Brasil.

— Ah... Tem razão... Primeiro tenho que contar o que sabemos.

— Sim, convém nivelarmos as informações.

— Os grandes enigmas são resolvidos, na maioria das vezes, de forma simples. E este não foi diferente. Depois de quebrarmos o código alfanumérico, acreditamos que o MacGee tinha um segundo código em que usava nomes de gente famosa, mas na verdade ele usou o nome real das pessoas. E, no caso dela, a forma como ele anotou — *Miss T. S. Eliot* — acabou por nos confundir. Foi uma coincidência interessante. Ninguém imaginaria que existisse alguém com esse nome. Foi um dos nossos colaboradores que considerou a possibilidade de todos aqueles nomes anotados no caderno serem reais. E com esse novo olhar, encontrou várias anotações que o levaram à T. S. Eliot e, por fim, descobriu também um endereço no Rio de Janeiro, para onde foram enviadas duas encomendas.

Nesse instante, Daniel soube exatamente o que continham aquelas encomendas: eram os objetos místicos que o assassino conseguira resgatar e agora estavam nas mãos daquela mulher misteriosa. Aquilo não deixava de ser insano, porque era preciso alguém com uma grande dose de loucura para enviar objetos daquele valor, pelo correio. Percebeu que o Cálice de Cristo e

o Anel de Salomão, dois dos objetos mais cobiçados desde a Idade Média, parte do tesouro graúco, pertenciam a alguém do Rio de Janeiro, e talvez tivessem sido enviados num simples pacote. Desaparecidos durante séculos, ali estavam, quase ao seu alcance, a pouco menos de uma hora de avião de São Paulo. Sentiu uma estranha comoção apoderar-se do corpo. Quanto tempo a Ordem havia esperado por aquilo! Controlou a emoção que o assaltou e preparou seu expresso matinal. Bardas continuou, agora em voz baixa, como se formulasse os pensamentos enquanto falava:

— Penso que aqueles objetos que o MacGee andou caçando pela Europa, independentemente de serem ou não as relíquias, já foram enviados para essa tal T. S. Eliot. O que acha? — questionou, rendido ao uso da nova expressão “o que acha”, que parecia ser uma forma de incluir seu interlocutor na conversa.

— Acho que está correto — respondeu Daniel, concordando com ele.

— Por outro lado quem iria imaginar que dois artefatos tão valiosos pudessem ser enviados pelo correio? Ninguém — comentou Bardas, pigarreando um pouco para aclarar a voz. Daniel conhecia aquele tique: ele fazia aquilo sempre que estava nervoso com algo que não conseguia controlar.

— Sabe Daniel, estive conversando por aqui e tenho quase a certeza de que o MacGee foi a Puebla de Sanabria à procura de algum artefato que o Arturo tinha e agora está nas mãos de Elizabeth. Outro objeto, sabe? Tem alguma ideia do que possa ser?

Daniel reconheceu que Bardas era excepcional e seus temores aumentaram: imaginou Bardas e Queiroz trabalhando com o mesmo objetivo, ligando os pontos comuns entre os assassinatos da Europa e a morte de Bento. Precisava pensar numa estratégia urgente para proteger Elizabeth e salvaguardar a Ordem. Após um breve silêncio, respondeu:

— Não faço ideia do que possa ser.

— Mas você mesmo disse que Arturo tem uma coleção impressionante... E eu vi o sótão. A resposta tem que estar ali.

Daniel percebeu que aquela hipótese de Bardas poderia muito bem servir para ganhar algum tempo adicional, mas sabia que não seria uma boa ideia abrir o sótão à polícia, com toda a informação e arte coletadas durante centenas de anos, além do que a resposta não estava exatamente ali. Questionou com rapidez:

— E você quer ver o que está no sótão, é isso?

— Tinha pensado nisso, sim.

— O que vai procurar?

— Não faço ideia — respondeu Bardas. — Mas temos uma equipe cheia de gente inteligente e deve ser um objeto tão importante que quando for encontrado vamos saber exatamente o que o assassino procurava. Deve ser também algo assim... místico! — disse, hesitante, à procura de uma palavra que permitisse nomear corretamente as relíquias.

— Como pretende fazer isso?

— Bem, a Elizabeth teria que nos dar acesso ao sótão.

— Bardas, são centenas de objetos importantes, que pertencem à família dela há séculos. Não acredito que ela permita que estranhos revirem a herança deixada pelo pai.

— Eu sei, mas garanto que faremos a investigação com todo o cuidado.

— Mesmo assim, acho que ela não vai permitir.

— Se você pedir, acho que ela deixa. Ela confia em você, Daniel. Afinal, era um dos amigos mais íntimos de Arturo.

— Vou falar com ela, mas não acredito que ela dê acesso ao sótão. Se fosse com você: deixaria os investigadores, ainda que cuidadosos, mexerem na sua valiosa herança centenária? Tudo o que restou do seu pai e da sua mãe? — frisou Daniel.

— Bem, posto assim... talvez não — respondeu honestamente. — Mas estou fazendo meu papel e tenho que pedir que tente. Pelo menos saberemos que fizemos o possível.

— Está bem. Mas essa seria uma linha de investigação: tentar descobrir alguma coisa especial no sótão. E se Elizabeth não permitir, o que acontece?

— Daniel sabia que embora os documentos guardados no sótão não estivessem ligados aos assassinatos, revelariam dados sobre a família Blanchefort difíceis de explicar, e poriam em cheque praticamente todos os membros da Ordem, inclusive Besson. Daniel tinha que impedir que isso acontecesse.

— Pela lei, não tenho provas suficientes para pedir um mandato de busca. Se ela não permitir fica nisso mesmo: dificilmente saberemos o que o assassino procurava em Puebla de Sanabria. De qualquer forma é apenas uma teoria.

— E a investigação como fica?

— Ainda temos a T. S. Eliot, aí no Rio.

— Disse que já têm um endereço — comentou Daniel.

— Não me expliquei bem — justificou Bardas. — Temos uma caixa postal, paga em dinheiro, mas sem nenhum endereço. Só o nome: T. S. Eliot.

— E como pretende descobrir quem é ela? — perguntou Daniel.

— Hoje há câmeras em todo o lado, e já temos a colaboração da polícia do Rio. Mandamos um dos nossos investigadores para ver os filmes e descobrir quem é o dono da caixa postal.

— Ele já está aqui?

— Chega ao Rio amanhã, mas não tenho muita esperança. As filmagens são destruídas quinzenalmente, por isso acho que não vamos encontrar nada, a não ser que ela visite a caixa postal com regularidade...

— Vamos esperar — sugeriu Daniel, aliviado, ao perceber que todas as pistas desapareciam rapidamente. — Parece que tudo acaba sem rastros, não é?

— Apesar de ser difícil não deixar rastros hoje em dia — concordou Bardas.

— É verdade. Mas tenho a certeza que vai descobrir alguma pista.

— Continuo pensando que se descobrir o que MacGee foi fazer em Puebla de Sanabria, desvendo o caso. Não sei por quê. É uma daquelas intuições, sabe?

Daniel conhecia as “intuições” de Bardas e sabia que indicavam a direção certa, mas naquele caso o objeto que o assassino procurava — o punhal — não estava na Casa do Lago.

— Vou falar com Elizabeth e assim que tiver uma resposta, ligo para você. Pode ser?

— Sim — resmungou Bardas pensando que, apesar de saber como resolver o caso, não tinha provas que sustentassem as suas hipóteses.

Assim que Bardas desligou, Daniel telefonou para Kent:

— Acabei de falar com Bardas.

— Bom dia, não é? — respondeu Kent do outro lado do telefone.

— Precisamos conversar — interrompeu Daniel, com uma voz preocupada que não deixava dúvidas sobre a amplitude do problema. — Vou chamar Dib e Uchoa. O Seth está com a Elizabeth e vamos deixar Alessia fora disto, por enquanto.

— Ela não vai gostar nada.

— Depois falo com ela. Não quero acordá-la tão cedo. Ela ainda não se recuperou totalmente.

— Vou tomar um banho e sigo para aí — disse Kent apressado, desligando

o telefone.

Menos de uma hora depois, Daniel, Kent, Uchoa e Dib discutiam os últimos eventos sobre os assassinatos, no apartamento de Daniel. O fato do responsável pelos crimes na Europa ser uma mulher, com uma caixa postal no Rio, complicava o cenário, e alterava as hipóteses em que haviam se baseado inicialmente para tentar desvendar o caso.

Embora Daniel discordasse, tinham pensado que Miguel Besson estava ligado àqueles crimes e à busca dos objetos místicos, por ser uma das poucas pessoas que sabia da sua existência, simbologia e poder. Ele era o único Guardião que havia abandonado a Ordem e continuava vivo, porque Arturo tinha vetado sua morte. A partir daquele dia a Ordem se manteve atenta aos movimentos de Besson, embora ele tentasse viver nas sombras. Em várias ocasiões perceberam a presença dele, mas esta era a primeira vez que se expunha tanto, ao se aproximar de Elizabeth, filha do amigo com quem rompera tantos anos antes. Ninguém sabia quais as reais intenções de Besson, mas todos sabiam de episódios inacreditáveis sobre sua magia e força igualáveis apenas às do Guardião Supremo.

Agora, sob a luz dos novos acontecimentos, outra teoria para os fatos era necessária, mas Kent insistia na ideia da culpabilidade de Besson, e tinha uma ideia:

— Eliot pode estar ligada ao Besson. O que acham?

— Não — respondeu Daniel, categórico. — Besson não confiaria em ninguém para uma missão dessas, de alto risco. Isso o deixaria muito vulnerável e ele não arriscaria tanto.

— Poderia conseguir a colaboração dela e depois matá-la — insinuou Uchoa, que tendia a concordar com Kent.

— Principalmente pela sua capacidade de sedução permitir que ele consiga qualquer coisa — analisou Dib, apesar de ser o único que não conhecia pessoalmente Miguel.

— Acham mesmo que a Eliot é uma testa de ferro do Besson, é isso? — perguntou Daniel.

— Eu acredito que sim — defendeu Kent.

— Não creio. Conheço bem o Besson e algo me diz que isto está sendo feito sem o conhecimento dele. — Daniel falou, pensativo, enquanto todos o olharam em silêncio. Pelos muitos anos de convívio sabiam que quando

Daniel usava a expressão “algo me diz”, estava sempre certo. Nenhum deles se lembrava que ele tivesse errado alguma vez depois de usar aquela expressão, pronunciada em um tom quase oracular.

— Se “algo lhe diz”, é melhor ouvirmos — disse Kent, cedendo aos argumentos de Daniel. — O que afinal tem certa lógica: não compreendíamos por que o assassino queria todos os objetos místicos, quando apenas um bastaria para realizar qualquer ritual que quisesse. E Besson saberia isso.

— Todos os Guardiões sabem. E isso reforça minha teoria, apesar de alguns de vocês discordarem: não é Besson que está por trás disso e talvez a busca pelas relíquias não tenha como fim a realização de algum ritual. Pode ser apenas um colecionador — argumentou Daniel. — Não podemos ignorar nenhuma hipótese.

— Um colecionador iludido com as relíquias e a busca da imortalidade — disse Dib, sem esconder uma pitada de sarcasmo.

— Isto significa que temos que descobrir quem é a T. S. Eliot — lembrou Kent.

— Podemos deixar isso entregue a Bardas — sugeriu Daniel. — Ele enviou alguém para avaliar as filmagens do local onde ela tem a caixa postal, embora me pareça que está longe de conseguir alguma pista, porque a informação é destruída quinzenalmente.

— Daniel, não acha que devíamos ir ao Rio? — perguntou Uchoa ansioso.

— Não. A polícia está envolvida e Bardas não vai desistir até encontrar alguma pista — defendeu Daniel.

— O fato de Besson não estar atrás dos objetos, tranquiliza-nos, não? — disse Kent.

— Por um lado, sim. Significa que nosso adversário na busca dos artefatos, por mais forte que possa ser, não se equipara a Besson. Por outro lado, o caso fica mais complexo: temos um criminoso que persegue Elizabeth para conseguir o punhal, e continuamos a ter Besson interessado em Elizabeth, sem sabermos por quê — sintetizou Daniel. — E para complicar um pouco mais o cenário, Bardas quer ir ao sótão da Casa do Lago. Acha que pode descobrir algo que explique o interesse de MacGee por Elizabeth e solucionar o caso.

— Não podemos permitir que isso aconteça. Ele realmente vai descobrir muita coisa sobre muitos casos, mas não sobre este — ironizou Uchoa.

— Penso que Elizabeth não vai permitir. Há ainda uma questão... — continuou Daniel. — Embora não acredite que Besson seja responsável pela

busca das relíquias, acho que pode estar envolvido na morte de Bento.

— E como explica a presença da tetrodotoxina em todos os assassinatos? Não pode ser uma coincidência — concluiu Kent.

— Certamente não, e tenho certeza de que vamos encontrar a ligação. Mas agora devemos nos concentrar em saber os planos de Besson e o que o Rui Queiroz descobriu sobre a morte do Bento. Essa questão da T. S. Eliot parece não nos afetar diretamente, pelo menos por meio de Besson, que era o que temíamos. Portanto, deixemos o assunto com Bardas e voltemos a focar no que precisamos controlar — anunciou Daniel. — Kent vai continuar pesquisando rituais associados às pitonisas, para evitarmos que Elizabeth tenha o mesmo destino trágico da mãe e da avó. Ela é a nossa prioridade. Enquanto isso, quem não estiver protegendo Elizabeth, vai monitorar Besson.

— E Alessia? — questionou Kent.

— Vai continuar cuidando apenas de Elizabeth. Ainda é cedo para participar de tudo isto. A morte de Bento a deixou arrasada, e ela precisa de tempo — justificou Daniel.

Depois da reunião, Daniel fechou-se no escritório, preocupado com a proximidade cada vez maior de Besson.

Eram onze da noite, quando Miguel a viu atravessar o salão, sorrindo e cumprimentando todos. Vestia um elegante longo vermelho escuro, ajustado ao corpo esbelto, que fazia sobressair sua pele branca e o tom claro dos cabelos. Calçava sandálias de tiras do mesmo tom do vestido, e tinha uma *clutch* preta na mão direita. Completava o conjunto com brincos delicados e uma fina pulseira de diamantes.

Ele sentiu prazer ao vê-la se aproximando do balcão do bar onde estava apoiado. Não conseguia desviar o olhar. A sala inteira parecia presa à beleza dela. Finalmente ela subiu o pequeno degrau que separava o salão de dança do espaço do bar, e beijou-o no rosto macio, meticulosamente barbeado. Ele ofereceu uma taça de champanhe a ela, em silêncio, sem tentar disfarçar o desejo que assomava no olhar. Elizabeth tentou manter a calma, apesar de sentir um arrepio quando ele pousou a mão sobre seu braço em um gesto de cumplicidade, para que ela o acompanhasse enquanto ia conversando com as pessoas.

Nenhum dos dois percebeu a fúria refletida no rosto de Tereza, que os observava ao longe, encostada em uma das colunas da sala, conversando com

Penafor. Tereza percebeu a paixão no olhar de Miguel, e sentiu que seu peito podia explodir a qualquer momento. Bebeu o uísque de um trago e fixou o olhar nas pedras de gelo no fundo do copo, como se pudesse encontrar alguma resposta ali. Penafor perguntou:

— Está tudo bem?

— Sim... Dê-me uns minutos. Volto já — foi ao banheiro, para tentar conter as emoções. Olhou-se ao espelho. Era bonita, inteligente, mas sentia uma paixão doentia por Miguel, uma paixão cada dia mais próxima do ódio. Ficara ao lado dele nos últimos dez anos, como sua assistente, disposta a qualquer coisa para agradá-lo. Não conseguiu controlar o ódio: queria que Miguel a olhasse da forma que olhava Elizabeth, como se nada mais importasse além dela.

Abriu a torneira e enfiou as mãos na água fria, lavou-as cuidadosamente com o sabonete, esfregando-as, vezes sem conta, até a pele ficar vermelha. Não percebeu quanto tempo tinha passado até ouvir o som do celular, que tinha deixado sobre a bancada de mármore. Penafor perguntou, de novo, se estava tudo bem.

— Já estou saindo — respondeu, ao descobrir que tinha passado meia hora no banheiro esfregando as mãos. Respirou fundo e voltou para a sala. Viu Miguel inclinado sobre Elizabeth, falando com ternura ao seu ouvido. Sentiu o estômago ardendo, por mais que tentasse se controlar, aquele ardor espalhava-se dentro dela como uma fogueira. Juntou-se a Penafor como se ele fosse uma tábua de salvação, e embora ele não soubesse o que estava acontecendo, reconheceu os sinais de instabilidade no comportamento dela, os mesmos sinais que o dominavam de vez em quando, ao reviver a morte prematura do pai. Segurou-a pelo braço e levou-a para a varanda, onde soprava uma brisa leve. Sentaram nas cadeiras de vime e começaram a conversar: ela aliviada por não estar vendo Miguel e ele surpreendido por se sentir feliz com a presença dela.

Penafor era um homem alto, magro, moreno, com um queixo ligeiramente quadrado, que tornava seu rosto viril e atraente. Tinha olhos castanhos e brilhantes e quando ria, o que era raro, tudo nele se iluminava. Tereza relaxou, não apenas pelo efeito do uísque que tinha bebido abruptamente, mas também pela conversa tranquila. Em todos aqueles anos de convívio superficial, nas várias reuniões do Conselho e em encontros sociais como aquele, ela nunca percebera que Penafor pudesse ser um homem tão interessante. Ele tinha magnetismo e não foi difícil Tereza se concentrar nele,

para afastar os pensamentos tortuosos sobre Miguel. As horas passaram e eles conversaram sobre assuntos cada vez mais pessoais, criando uma inesperada cumplicidade: Penafor contou a história trágica da morte do pai e ela falou do desejo recalcado de ser mãe.

À uma da manhã, a pista estava cheia de gente descontraída, que dançava ao som da música animada. Elizabeth mal tocou na taça de champanhe que Miguel lhe oferecera e, em vez disso, bebeu coquetel de frutas e água. Ele cumpriu seu papel de anfitrião e conversou com todos, embora não tirasse os olhos de Elizabeth. Por fim, sentou ao lado dela, em um dos bancos altos do bar.

— A festa é um sucesso, Elizabeth.

— Parece que sim. Mas daqui a pouco vou para casa — anunciou.

— Tão cedo? — disse, contrariado por ter calculado que teria mais tempo para ficar com ela.

— Não quero me deitar muito tarde. Amanhã preciso acordar cedo.

— Algum motivo especial?

— Já tenho compromissos e não quero faltar. — Miguel percebeu que seria difícil fazê-la mudar de ideia e tinha pouco tempo para enredá-la nas malhas da sua sedução. Aproximou-se e, com um timbre aveludado, comentou, apanhando-a desprevenida:

— Achei que podíamos ficar um pouco a sós. Tinha esperança que isso acontecesse. Não parei de pensar em você um minuto sequer, desde aquele dia... Você sabe.

Elizabeth estremeceu ligeiramente ao recordar o beijo envolvente:

— Acho que devíamos esquecer aquilo que aconteceu.

— Por quê?

— Tivemos um momento de fraqueza. Você, além de ser um dos acionistas da empresa onde trabalho, também exerce um cargo lá...

— Então vamos resolver isto de uma vez por todas — afirmou, mudando bruscamente de estratégia. — Diga o que deseja fazer.

— Não há nada a fazer.

— Claro que há. Eu vou dizer o que quero: gostaria que continuasse na UniTouch, mas também gostaria de conhecê-la melhor. Podemos conciliar isso? — perguntou direto, como se estivesse em uma mesa de negociações.

— Não creio, Miguel.

— Por quê?

— Meu trabalho na empresa iria se complicar. As pessoas iam achar que tudo o que eu conseguisse era por ter uma relação com você.

Ele olhou-a com intensidade e perguntou pausadamente, como um estrategista que fareja as fraquezas do adversário:

— Então considera a possibilidade de ter uma relação comigo?

— Não foi isso que quis dizer — atrapalhou-se ela.

— Mas não deixa de ser uma possibilidade.

— Você entendeu o que eu quis dizer.

— Não — provocou ele.

— Eu não quero misturar meu trabalho e minha vida pessoal.

— Espero que seja apenas isso — insinuou, sabendo que a Ordem pesava na decisão dela. — E se tivesse que fazer uma opção, o que escolheria: o trabalho ou a possibilidade de ter uma relação comigo?

— O trabalho — respondeu, com o rosto virado para baixo e o olhar fixo no copo de água que tinha entre os dedos, temendo encará-lo e ser envolvida pela sensualidade dele.

— Deduzo que aconteceu algo depois do nosso último encontro, para fazê-la tomar essa decisão. O que foi Elizabeth? Quando a abracei naquele dia tive a certeza que me queria tanto quanto eu quero você.

— Não é que eu não sinta desejo por você. Só não quero que isso interfira no meu trabalho.

— Então sente atração por mim? — interrompeu ele, com aquele hábito peculiar de valorizar primeiro o positivo e, só depois, pensar nos obstáculos.

— Sim — respondeu, com honestidade, sem imaginar que aquela confissão era tudo o que ele precisava para continuar sua estratégia de conquista.

— É um começo — sussurrou junto a ela, arrepiando-a de novo. — Poderíamos tentar. Eu só penso em você.

— Eu não quero, Miguel — insistiu, lutando contra as sensações que percorriam seu corpo.

— Respeitarei sua decisão — disse, se endireitando calmamente. Ela não conseguiu evitar o desapontamento provocado pela rápida desistência dele. Miguel, astuto e atento, percebeu e deixou escapar um ligeiro sorriso de vitória. Mal tinha começado o jogo de sedução, e ela estava atraída por ele. A inexperiência dela tinha sido uma grande vantagem. Arturo educara-a para ser uma Guardiã, mas esquecera as tentações do mundo. Esquecera que ele

também abdicara de tudo por uma mulher.

— Podemos ser amigos, não? — murmurou Elizabeth para evitar o afastamento dele, sem saber como lidar com os sentimentos que ele provocava.

— Sabe que a desejo, e eu sei que me deseja... Que sentido há em sermos amigos se tivermos que fingir que não existe uma atração entre nós? É isso que vamos fazer, não é? E eu nem compreendo por que luta contra os nossos sentimentos. Se for por uma questão profissional, quero que saiba que jamais irei interferir no seu trabalho e... seríamos discretos. Ninguém saberia de nada, até você desejar tornar a relação pública — olhou-a com firmeza. — E você que gosta tanto da verdade, agora propõe que vivamos uma espécie de mentira...

Elizabeth sabia que ele tinha razão em tudo o que dissera, mas não podia dizer que na sua vida havia o amor puro por Daniel, e a possibilidade de entrar para a Ordem, e essas eram as verdadeiras razões para não se envolver com ele. Apesar de tudo, não conseguia evitar a atração por ele e queria que ele continuasse por perto, até descobrir exatamente o que fazer.

— A verdade é que não posso ter uma relação agora, mas não quero deixar de vê-lo — confessou por fim.

— Então o que realmente impede a nossa aproximação não é a questão profissional?

— Não.

— Não compreendo — mentiu Miguel, conhecedor das restrições da Ordem.

— Não posso falar sobre isso. Tem que confiar em mim — pediu com os olhos suplicantes, abandonando parte das suas defesas.

— Está bem. Confio. Em troca também quero que confie em mim. Não vai voltar a acontecer nada entre nós até você desejar. O próximo passo será seu. Mas podemos sair, jantar, conversar, manter essa amizade disfarçada que propôs... — disse, rindo. Elizabeth se sentiu aliviada e o apreciou ainda mais pela atitude bem-humorada.

— Obrigada, Miguel.

— De nada — respondeu com doçura, acariciando suavemente os seus dedos. Elizabeth apertou a mão dele:

— Tenho que ir — justificou-se novamente. — Amanhã acordo cedo.

— Eu acompanho-a até o carro.

— Obrigada.

Miguel se despediu com um beijo no rosto. Elizabeth acreditou que ele cumpriria a promessa, e sentiu uma inesperada confiança nele.

19. As páginas perdidas

Como imaginar que nos vamos salvar com os vocábulos?

J. M. G. Le Clézio (1940-)

Por mais que Kent investigasse, ainda não conseguira descobrir magias ou ritos que pudessem envolver Elizabeth. O fim do ano se aproximava e Daniel tomou uma medida mais radical: viajou para a Chave dos Segredos, a insuperável fortaleza mística da Ordem, capaz de surpreender até os mais experientes arquitetos e engenheiros modernos.

O Mosteiro estava localizado no âmago da Cordilheira dos Pirineus, encravado nas montanhas gélidas da Europa.

A entrada ficava em uma estreita abertura oculta pelas rochas, antecédida por uma caverna com aproximadamente três metros de largura e dois de altura, escavada quase no topo da montanha nos finais do século XIII, para servir de apoio à construção do Mosteiro. Mas agora, setecentos anos depois, seu aspecto assemelhava-se ao de uma gruta natural e várias vezes serviu de refúgio a viajantes desprevenidos, que se aventuraram por ali, sem que imaginassem que estavam a poucos metros de um dos maiores tesouros do último milênio. A porta de metal, totalmente mimetizada na parede rochosa, à direita da pequena caverna, era acessada por um moderno código, acompanhado da leitura da íris do Guardião Supremo. Qualquer erro bloquearia as fechaduras, como acontecia com a mais sofisticada das caixas fortes, e o desbloqueio era feito pela inserção dos códigos de cada um dos Guardiões.

Depois da entrada havia uma antessala, com outra porta e novo esquema de segurança: uma dupla sequência de sete dígitos alfanuméricos e uma característica física do Guardião Supremo. O sistema solicitava aleatoriamente a voz, os olhos, as digitais ou uma das macabras cicatrizes que Daniel tinha no corpo, especialmente nas costas.

Por dentro, o Mosteiro dividia-se em três andares esculpidos no interior rochoso da montanha. No primeiro andar, após a entrada, uma imensa sala era dividida por móveis seculares em dois ambientes: a sala de estar e a sala de jantar, ligada à copa por um arco aberto, sem porta. A cozinha e a despensa haviam sido completamente modernizadas e, por cima do fogão, uma minúscula janela abria-se para a íngreme encosta da montanha permitindo arejar o lugar. A janela parecia um pequeno buraco na rocha, confundindo-se com a paisagem. Na parte mais profunda do Mosteiro, ainda no primeiro nível, sete quartos com confortáveis antecâmaras funcionam como áreas íntimas, dedicadas ao isolamento pessoal, e quatro banheiros eram divididos entre os Guardiões. A água era acessível através de um sistema inteligente de coleta e armazenamento de água das chuvas e da neve. O refúgio, aprimorado ao longo dos séculos, funcionava com energia solar, e a cozinha, assim como os banheiros, haviam sido modernizados e estavam perfeitamente equipados. O Mosteiro contava ainda com internet e TV por satélite.

No final do estreito corredor que unia os quartos, uma escada conduzia ao segundo nível, inferior, todo ocupado pela imensa biblioteca com milhares de volumes. Alguns tinham mais de mil anos de existência e eram verdadeiras preciosidades do conhecimento humano.

Em um dos cantos da biblioteca, outra escada conduzia ao terceiro nível. Ali, duas salas eram exclusivamente dedicadas aos rituais: uma sala maior, branca e dourada, e uma menor, toda decorada em tons de vermelho. Uma terceira sala, com uma moderna porta fechada com travas e códigos, ocultava os tesouros Templários e místicos que a Ordem devia proteger. Dentro dessa sala, uma pequena área isolada por um portão de ferro era acessível apenas ao Guardião Supremo. Daniel tinha entrado lá uma única vez — quando Arturo lhe entregou as chaves que davam acesso irrestrito ao refúgio e mostrou os segredos mais profundos que a Ordem devia proteger, mas só o Guardião Supremo conhecia. Aquela pequena sala era um dos motivos para o nome do Mosteiro ser A Chave dos Segredos. Depois de vê-la, Daniel passou muitas noites insone, em busca de serenidade para compreender a enormidade do

que estava sob sua guarda. Havia seis meses que entrara na sala pela primeira vez, e ainda era assombrado pelos terríveis segredos que ali estavam. Durante aquele período, visitara o Mosteiro três vezes e não foi capaz de voltar a entrar ali. Arturo avisara que só o tempo abrandaria aquele terror e lhe deixou quinze cadernos, dos cinquenta que escrevera, totalmente dedicados aos objetos da “Sala do Assombro”, como ele a chamava. Daniel sentia que até a proximidade da sala causava horror e sabia que estava longe de sentir-se pronto para voltar a entrar no recinto.

Assim que chegou ao Mosteiro, ignorou os efeitos da viagem cansativa, e foi para a biblioteca pesquisar, mais uma vez, rituais que envolviam pitonisas. A diferença é que agora tinha os cadernos que Arturo havia escrito enquanto fora Guardião Supremo. Abriu o último caderno, guardado na primeira gaveta da mesa, e se espantou ao perceber que havia páginas e páginas com uma profusão de notas sobre o Códice Giga. Daniel se recordou que Kent estava pesquisando a possibilidade do Códice conter indicações sobre os rituais que procuravam. Além da misteriosa origem daquele livro, atribuída a um monge condenado, e ao próprio Satã, todos os que o possuíram haviam sido vítimas de infortúnio e mortes bizarras. Mas o fato mais intrigante era o desaparecimento de sete das suas folhas com um segredo antigo. As notas de Arturo eram exatamente sobre as folhas desaparecidas. Daniel estava habituado a lidar com coisas desconhecidas para a humanidade, da esfera das lendas e dos mitos, mas tropeçar com as notas sobre aquelas folhas perdidas durante séculos, deixou-o esfuziante. Leu atentamente e no final do pequeno caderno descobriu um antigo ritual que envolvia uma pitonisa, mas a informação estava incompleta e não era claro se ela deveria ou não perder a vida. Tratava-se de um longo rito de fertilidade que recriava a ligação inicial dos homens com o sagrado. Arturo anotara alguns códigos da Biblioteca, que remetiam para uma seção específica sobre magia. Daniel foi à prateleira e não pôde evitar o espanto ao deparar-se com quatro das folhas originais desaparecidas do Codex. As páginas continham a descrição de um antigo sacrifício de primogênitos usado para apaziguar deuses e conseguir bênçãos. As reminiscências desses rituais persistiam atualmente na magia negra pela utilização do sangue humano e continuavam sendo uma forma de comunicação com esses deuses antigos. Porém, o foco daquelas páginas era a descrição minuciosa de um rito amoroso entre um ser fantástico, meio homem e meio leão, e uma pitonisa, *“para perpetuarem, pelo sangue, a imortalidade”*. Aquela descrição era insuficiente para Daniel

compreender os objetivos do ritual, mas era claro que Elizabeth se encaixava na descrição. Agora ele sabia como deveria ser o ritual, mas não sabia os motivos, nem se Elizabeth seria sacrificada no final. Copiou para seu próprio caderno as notas de Arturo, as páginas do Codex e o desenho, que era a representação de uma sala, com os objetos alinhados de forma geométrica. No centro da sala, uma espécie de altar, descrito apenas como *marmor*, parecia-se mais com uma cama do que propriamente com um altar.

Quando terminou as anotações, foi à despensa, no primeiro nível, escoltado pelo som dos seus passos contra o chão de pedra. Escolheu uma lata de sopa de aspargos e aqueceu-a em banho-maria. O silêncio era absoluto: não havia ruído ou luz do sol. A escuridão permanente era quebrada pela recente energia solar, inteligentemente armazenada. Durante séculos só as velas haviam iluminado o lugar, e ainda se encontravam castiçais espalhados por todos os lados.

Terminou a sopa, fez um chá e sentou-se à frente da TV, na aconchegante sala de estar que precedia seu quarto. Não voltara a entrar no quarto de Arturo — tudo continuava como se ele pudesse aparecer a qualquer momento, com uma das suas fantásticas ideias para modernizar mais alguma coisa.

Sentiu-se cansado. Tomou um banho rápido e deitou, ansiando por uma noite tranquila.

Acordou às quatro e meia da manhã e preparou-se para deixar o Mosteiro. Vestiu roupas leves e impermeáveis, próprias para a neve, calçou botas confortáveis e pegou a mochila onde guardou uma garrafa térmica com chá quente, barras de cereais, alguns objetos pessoais, o caderno com as notas e o meticuloso desenho copiado dos originais do Codex. Trancou tudo e saiu para enfrentar a escuridão que ainda abraçava as montanhas. A neve cobria a paisagem, como um tapete branco e mortífero. Qualquer deslizamento poderia ser fatal, e apesar de Daniel conhecer o lugar de olhos fechados, o trajeto era difícil. Algumas horas depois de uma caminhada com ritmo rápido, chegou ao lugar onde deixara o jipe, na véspera. Restavam poucas horas para ir até o aeroporto mais próximo pegar o pequeno avião que o levaria até Paris, de onde seguiria para São Paulo.

Faltavam três dias para o Natal. Elizabeth passou a tarde comprando presentes. Em casa, anotou os nomes em pequenos cartões, e arrumou os

pacotes debaixo da enorme árvore que tinha montado com Alessia.

Naquela época as ausências de Arturo e Bento pareceram maiores — o Natal era o tempo dos sentimentos excessivos: a presença dos vivos era mais intensa, com o ruído festivo das crianças, e a ausência dos mortos era mais densa como se eles andassem por perto, temendo ser esquecidos.

Alessia apareceu de mansinho, enquanto Elizabeth terminava de arrumar os presentes. Sentou-se com as costas direitas contra o espaldar da cadeira mais próxima da árvore de Natal, e colocou delicadamente as mãos sobre as pernas cruzadas.

— Temos que pensar no Natal.

— Estou sem muita vontade de comemorar.

— Eu também. Mas se não comemormos, vai ser pior. Daniel nos convidou para a ceia e o almoço do dia 25.

— Não o vejo há dias — respondeu, tentando ocultar a mágoa provocada pela ausência dele.

— Ele viajou e pediu que Kent organizasse tudo.

— Você quer ir? — perguntou Elizabeth, pensando que seria uma oportunidade de vê-lo.

— Quero. É melhor do que ficarmos aqui as duas, só com Leon e Náder.

— Mas eles também vão conosco, não é?

— Claro! — anunciou. — Você vai gostar, e terá oportunidade de conhecer outro Daniel.

Elizabeth imaginou se seria um Daniel que continuaria a vê-la como a pitonisa em perigo constante ou a filha do amigo querido. De qualquer forma, nenhuma daquelas imagens era a que ela desejava que ele visse. Não respondeu ao comentário de Alessia, mas disse:

— Amanhã vou jantar com os meus amigos.

— Que bom. Anda trabalhando muito e precisa sair um pouco. Está muito isolada — comentou, mesmo sabendo que o isolamento seria inevitável no futuro dela.

— Minha vida era simples, mas agora é tudo problemático, complicado.

— Eu sei querida, já passei por isso. Mas tente não perder a alegria.

— Alessia... — sussurrou, e instintivamente Alessia soube que algo horrível seria dito.

— Diga querida.

— O Miguel me faz rir.

— O Miguel? — perguntou para ganhar tempo, enquanto pensava no que

dizer, e sentia o coração encher de terror. De todos os homens, Elizabeth tinha caído justamente nas mãos daquele que Alessia mais temia. O homem que ela agora responsabilizava pela morte de Bento, entre outros eventos dolorosos da sua história pessoal.

— Ele me faz sentir normal, desperta meu lado feminino.

Alessia percebeu que Elizabeth fora seduzida pelo inegável charme dele, e chegara o momento de conhecer a verdade sobre a natureza da relação de Besson com seu pai e a Ordem. Mas aquilo deveria ser revelado por Daniel. Hesitou, mordeu o lábio inferior com nervosismo como se mastigasse as palavras contra os dentes, e respondeu:

— Sei o que quer dizer.

Elizabeth olhou-a, surpreendida pela calma que transparecia na sua voz. Esperava uma rejeição a Miguel embora não soubesse bem por quê. Alessia era conservadora e, em seu papel de mãe, a ensinara a esperar por um grande amor que, entretanto, não tinha chegado.

— Achei que não ia gostar.

— Embora não possa evitar a necessidade de protegê-la, é você que tem que saber o que deseja e se isso lhe faz bem. Vou respeitar sua escolha — justificou Alessia.

— Estou confusa, mas gostaria que Miguel fosse meu amigo. E talvez isso seja possível.

— Pode ser — respondeu, ao ouvir o comentário ingênuo de Elizabeth. Só alguém que conhecia profundamente Besson, como ela, sabia o quanto ele era manipulador.

— Fico feliz por não ficar aborrecida comigo.

— Por que ficaria? Só quero que tenha cuidado e pense bem antes de tomar qualquer atitude que afete seu futuro.

— O Miguel é muito sedutor, mas agora tenho que me concentrar em outras coisas, como sabe — disse, com um ar cúmplice.

— Sei — murmurou, afastando-se. — Vou confirmar a nossa presença na casa de Daniel.

Alessia sentia um misto de raiva e pavor, mas Daniel tinha razão: ele havia dito que a melhor maneira de lidar com a proximidade de Besson era não criticá-lo e evitar que Elizabeth percebesse resistências da parte deles. Arturo acreditava que os inimigos deviam ser esquecidos e isso era suficiente para remetê-los ao limbo, mas Daniel tinha uma filosofia diferente: achava que os inimigos deviam ser mantidos por perto. Quanto mais perto, melhor.

A imagem de Miguel firmou-se nos pensamentos de Elizabeth depois da conversa com Alessia, e ela cedeu ao impulso de telefonar:

— Miguel?

— Que surpresa. Eu ia ligar para saber se posso desejar um feliz Natal pessoalmente.

— Gostaria muito — disse, sem controlar a vontade de vê-lo.

— Quer jantar comigo?

— Não vou conseguir. Hoje já é tarde, amanhã vou jantar com amigos e depois, é Natal.

— Mas quero vê-la — fez uma pausa e continuou risonho. — Tenho um presente para você.

— Eu também.

Nesse instante Alessia apareceu e pôs uma xícara de chá sobre a mesa de apoio, que ficava ao lado da árvore de Natal. Elizabeth estendeu uma mão, puxou-a pelo braço, tapou a boca do telefone, e contou:

— O Miguel tem um presente para mim.

Alessia sugeriu, em um gesto calculado:

— Convide-o para vir tomar um chá conosco.

Elizabeth balançou a cabeça em sinal de assentimento enquanto dizia a Miguel:

— Passe aqui em casa amanhã.

Pela primeira vez Miguel surpreendeu-se, e gaguejou ligeiramente:

— Aí? Tem certeza?

Elizabeth deu uma gargalhada e respondeu:

— Nunca o vi titubear. Meu convite foi assim tão inesperado?

— Sem dúvida. Tem certeza de que posso ir aí? — insistiu ele, sabendo que o convite só podia ser uma armadilha de Alessia.

— Claro, Miguel. Acabei de convidá-lo.

Alessia sentou na cadeira ao lado de Elizabeth, aguardando o desfecho da conversa. Sabia que Miguel estava em uma situação difícil: não podia rejeitar o convite sem explicar as razões, algo impossível de fazer naquela altura, e não podia aceitar o convite devido à presença de Alessia e dos outros membros da Ordem. Alessia esboçou um leve sorriso de prazer. Percebeu que Daniel tinha razão: deve se manter os inimigos perto, principalmente aqueles que, por alguma razão obscura, não querem ficar por perto.

Miguel ficou em silêncio, enquanto decidia o que fazer.

— Miguel! — chamou Elizabeth perante o silêncio dele.

— Acho melhor não. É sua casa, um espaço que quero respeitar até voltarmos a conversar sobre a nossa... amizade — justificou, feito da surpresa.

— Está bem — respondeu, esforçando-se para entender o que estava acontecendo: ele queria tanto se aproximar dela, mas se negava a visitá-la em casa. *Estranho*, pensou Elizabeth.

— Posso passar aí para pegá-la e tomarmos café perto da sua casa. Meia hora, no máximo. Trocamos presentes e não atrapalho seu dia — sugeriu, voltando a controlar a situação.

— Está bem — respondeu relutante. — Duas da tarde?

— Perfeito. Estarei aí.

Elizabeth desligou o celular e disse ao olhar para Alessia, sem esconder o desapontamento:

— Não compreendo.

— O quê? Ele não aceitou?

— Não — respondeu espantada. — E nem entendi por quê. Nunca vi o Miguel hesitar. Sugeriu vir me buscar aqui no prédio amanhã, para um café depois do almoço.

— Ele pode ainda não estar à vontade para visitá-la em casa — disfarçou Alessia, sabendo que Besson rejeitara o convite porque temia ou não queria encontrar alguém da Ordem.

Já de volta da viagem ao Mosteiro, quando Daniel soube que Besson não quisera visitar Elizabeth em casa, mas iria buscá-la à porta do prédio, compreendeu que aquela atitude era uma clara provocação e representava o início de uma nova etapa no relacionamento deles.

Miguel estudara cuidadosamente três das sete folhas desaparecidas do Códice Giga. Durante anos revirou-as de todas as formas possíveis para tentar compreender a totalidade do rito, mas falhara sempre: as quatro folhas que faltavam eram vitais para sua compreensão. Leu tudo o que havia sobre ritos com alguma similaridade, mas não encontrou forma de completar as informações que possuía. Sabia que as informações de que necessitava estavam nas mãos da Ordem, e seria quase impossível obtê-las. Mas não tinha perdido a esperança, pois tanto ele quanto os Guardiões, por razões

diferentes, desejavam o mesmo: ter acesso ao poderoso ritual descrito naquelas páginas do Códice Giga.

Miguel sabia o porquê e a Ordem sabia como. E aquele impasse só poderia ser resolvido com a junção das duas partes do documento. Miguel imaginou-se fazendo a proposta a Daniel e adivinhou seu olhar gelado. Aqueles olhos que nunca deixaram de assombrá-lo. Daniel jamais aceitaria aquilo, principalmente depois das mortes de Anabelle e Angelina, e Besson tinha certeza de que os Guardiões o consideravam responsável. Eles também sabiam da sua relação com Elizabeth, e Miguel achava estranho que se limitassem a observar. Aquilo não era habitual, porque em geral protegiam os seus e não deixavam que ninguém se aproximasse.

Foi nesse momento que surgiu sua primeira dúvida: algo dentro dele se mexeu, como um daqueles avisos que sobem pelas vísceras, atravessam a medula e chegam à mente, ainda disforme. Questionou se a vantagem que obtivera sobre Elizabeth, por meio do seu relacionamento, não estaria se transformando em uma armadilha contra ele, alimentada pela Ordem.

A morte de Arturo levava Daniel à liderança e isso significava uma nova forma de atuação. A compaixão e o perdão, tão presentes em Arturo, não eram características dominantes em Daniel. Ele representava a justiça, a espada que cortava para manter o equilíbrio. E Besson era uma ameaça ao equilíbrio. Mas a proximidade de Elizabeth estava dando a Miguel uma nova perspectiva: dentro dele uma chama começava a brilhar timidamente. Por ironia, o caçador parecia estar se transformando na caça.

Kent telefonou a Rui Queiroz, para saber notícias sobre a investigação da morte de Bento:

— Emperrada — respondeu Queiroz, mal-humorado com o assunto. — Ninguém viu nada. Ninguém sabe de nada. Não há vestígios e o pouco que encontramos no local do crime não levou a lugar algum.

— Nada? — insistiu Kent, apesar de já saber a resposta. Se Besson estivesse mesmo por trás do assassinato de Bento, como imaginavam, nem Queiroz com seus melhores investigadores conseguiriam resolver aquele caso.

— Estamos rastreando a origem do veneno. É a pista mais segura neste momento. Descobrimos uma coisa interessante: recentemente, na Europa, dez pessoas foram assassinadas e todas tinham vestígios de tetrodotoxina no

corpo. Estranho, não acha?

Kent ficou tenso ao ouvir o comentário. Os seus temores pareciam tomar forma: se Queiroz ligasse a morte de Bento aos assassinatos na Europa, havia uma alta probabilidade de tropeçar com Bardas, e os dois unirem os casos e perceberem o envolvimento, ainda que indireto, da Ordem.

— Como descobriu isso?

— Comecei a investigar mortes com tetrodotoxina. Algumas eram acidentais, provocadas pela ingestão do baiacu, mas essas eram assassinatos. Um amigo, comissário na Europol, enviou informações. Estou tentando descobrir o que há de comum entre os casos. Recebi os arquivos ontem e vou manter isso confidencial.

— Vai manter confidencial por causa do Camaratte? — perguntou em tom de brincadeira, para disfarçar a tensão que sentia.

— Principalmente. Ele enfia o nariz em todo o lugar, e cismou que o assassinato tem uma conexão com a Igreja. Mas só volto a me dedicar ao caso no início do ano. Vou tirar uns dias para descansar, enquanto a equipe vai trabalhando no assunto.

— Boas férias — desejou Kent.

Em seguida, Kent consultou Daniel para determinar se deveria ter mencionado que sabia dos assassinatos na Europa e do suicídio de MacGee na Casa do Lago.

— Queiroz vai descobrir tudo isso, mais cedo ou mais tarde — comentou Kent, apreensivo.

Daniel avaliou de novo a situação, antes de tomar uma decisão final.

— Vamos falar com Bardas e depois com Queiroz, e diremos que percebemos a ligação entre os casos.

— E depois? Já imaginou o que vai acontecer quando os dois se juntarem? — perguntou Kent. Daniel respirou fundo, pensando nas repercussões daquele caso infernal que podia colocar a Ordem sob os olhares perspicazes de Bardas e Queiroz.

— O fato de unirmos as investigações funcionará a nosso favor, mostrando que não temos nada a esconder. Embora ache que são dois casos diferentes, como sabe. — defendeu Daniel.

— Mas existe a tetrodotoxina, a ligação de MacGee com Elizabeth, a ligação de Bento com Alessia — sintetizou Kent. — Já são três pontos em comum. Não consigo deixar de pensar nas consequências. Se descobrirem alguma coisa sobre nós...

— Não vão descobrir. Temos uma vasta experiência em fazer desaparecer o passado — enfatizou Daniel.

— Eu sei — confirmou Kent, com uma insegurança proveniente do conhecimento que tinha das habilidades de Bardas e Queiroz. — Mas estamos lidando com profissionais competentes.

— O objetivo é descobrir quem está atrás das relíquias. E, neste contexto, a morte de Bento não se encaixa. É outro caso — insistiu Daniel ligeiramente crispado.

— Apesar da tetrodotoxina ser comum aos dez assassinatos e à morte de Bento?

— Sim, apesar disso, há algo que não bate direito — comentou Daniel, com uma fina ruga de preocupação na testa. — Quanto mais penso, maior é minha certeza de que são casos diferentes, apesar da tetrodotoxina em comum. Bardas e Queiroz também podem chegar a essa conclusão.

— A utilização desse veneno é incomum — reforçou Kent.

— Sem dúvida há alguma ligação entre os casos, mas as motivações e as pessoas envolvidas são diferentes — insistiu.

— Acreditamos que a morte de Bento foi para nos atingir — lembrou Kent.

— Continuo acreditando nisso. Mas algo está me escapando — concluiu Daniel, disposto a desvendar aquele mistério.

20. O brasão

Fiquei magoado, não por me teres mentido, mas por não poder voltar a acreditar-te.

Friedrich Nietzsche (1844-1900)

Elizabeth acordou, espreguiçou-se e sentiu o corpo esticar até o limite. Ficou cinco minutos deitada na cama, contemplando o teto do quarto, com os pensamentos divididos entre a inesperada capacidade de Daniel para o riso e a leveza sensual de Miguel. Ambos despertavam seu corpo para desejos profundos. Quando se levantou, achou que o dia seria perfeito, apesar de sentir o coração envolto em um turbilhão de emoções contraditórias.

Às duas da tarde encontrou Miguel, alheia à presença de Seth e Uchoa. Os dois, parados na portaria do prédio, pareciam esfinges enigmáticas com os olhos fixos nele. Quando saiu do carro para abrir a porta a Elizabeth, Besson pôde sentir a força deles, um campo de energia capaz de repercutir pelo quarteirão inteiro. Analisou-os sem receio aparente, como se pudesse destruí-los quando quisesse, mas sentiu um ligeiro tremor ao recordar o quanto eram poderosos. A presença deles ali, como dois anjos imóveis, era um aviso e Miguel sabia que não poderia os derrotar enquanto estivessem juntos. Se tivesse que entrar em confronto, teria que separar os Guardiões e derrotá-los um de cada vez.

No café, escolheram uma mesa junto à janela, por onde entrava uma fulgurante luz de verão. Trocaram os presentes de Natal: Miguel recebeu elegantes abotoaduras de prata e Elizabeth um delicado fio de ouro com uma

medalha que lhe provocou alvoroço, assim que abriu a pequena caixa com a joia.

— Esse símbolo... A Fênix com as asas abertas, uma rosa presa nas garras, e embaixo escrito *Fraternitas*, é o brasão da minha família. O que faz aqui? — perguntou confusa.

— Esse brasão é da minha família — informou com um sorriso brando, para apaziguá-la.

— É um engano. Isso não é possível — retrucou, com firmeza.

— Por quê?

— Meu pai sempre usou esse brasão.

— Diga por que acha que seu pai está certo e eu errado — pediu, calmamente.

— Meu pai não ia inventar isso, não ia mentir durante anos. Que interesse teria em mentir sobre uma coisa dessas?

— Não sei, Elizabeth. Acha que seu pai mentiu? — pronunciou as palavras devagar, para que tivessem um impacto maior.

— Não! — retorquiu, desconcertada, tentando dominar a raiva despertada pela pergunta provocante. — Meu pai sempre quis me proteger, mas mentir sobre o brasão pertence a uma categoria que não combina com ele. Que importância tem esse brasão?

— Não estou dizendo que ele mentiu, mas talvez tivesse omitido... — insinuou. — Sua pergunta sobre a importância do brasão é a pergunta certa, mas antes deve fazer outra: o que significa esse brasão? E talvez depois disso compreenda o que seu pai possa ter omitido.

— Eu sei o que significa o brasão — argumentou, lembrando que o pai falara longamente sobre a simbologia do brasão.

— Então vamos por partes: a Fênix, primeiro — sugeriu, quase didático.

— É um mito do antigo Egito, posteriormente transmitido aos gregos. É uma ave que vivia mil anos e quando pressentia que ia morrer preparava uma pira funerária e incendiava-se, para depois renascer. Segundo a lenda, suas cinzas tinham o poder de ressuscitar os mortos.

— E qual a simbologia da Fênix?

— Para os egípcios significava a imortalidade. Para nós, ocidentais, representa a transformação, a vitória da vida sobre a morte.

— E no cristianismo? Lembra?

— Está associada à ressurreição de Cristo, na arte sacra.

Miguel reconheceu nela a herança de Arturo e quase sentiu sua presença,

como se ele pudesse fugir da morte para vir assombrá-lo, e pedir que se afastasse da sua filha amada.

— Em resumo, a Fênix está associada aos ciclos da morte e renascimento e à imortalidade. Agora passemos ao segundo símbolo: a rosa. Diga-me o que significa — pediu, pacientemente.

— Tem vários significados, mas acho que o mais importante é sua associação ao segredo da imortalidade. Significa a perfeição defendida pelos espinhos, que são os seus guardiões.

— É também o caminho para o autoconhecimento, o símbolo do Graal.

— Sim — reconheceu, compreendendo subitamente, à luz dos seus novos conhecimentos, como tudo se encaixava e estava associado à simbologia do Graal e da imortalidade. *Que ligação Miguel tem com o Graal?*, perguntou-se espantada com a inesperada explicação dele.

— E por fim *Fraternitas* — exclamou Miguel, interrompendo a avalanche de perguntas que se insinuavam dentro dela.

— Fraternidade. Irmandade — respondeu Elizabeth.

— Exatamente. Então, resumindo: este Brasão representa a Fraternidade do Graal, que defende o conhecimento secreto. Ou, dito de outra forma, representa o conhecimento perfeito defendido pelos seus Guardiões.

— Mas... — Elizabeth começou a falar, mas calou-se antes de dizer o que não devia e não podia. Antes de contar que os seus antepassados tinham sido Guardiões do Graal, desde que os Templários descobriram o Pergaminho, em Jerusalém.

Miguel percebeu a hesitação dela e perguntou:

— O que ia dizer Elizabeth?

— Como sabe sobre a Fraternidade que protege o segredo do Graal? — questionou revelando as suas dúvidas, mas expondo simultaneamente o que sabia.

Ah... Então era isso: o segredo sobre a existência da Ordem! Ela já sabe sobre os Guardiões!, pensou Miguel, seguro de que sua estratégia de falar sobre o brasão iria, primeiro, permitir que descobrisse o que Elizabeth sabia, e depois, abalar a harmonia da Ordem.

— Pergunte ao Daniel — sugeriu, com malícia.

— Estou confusa... — confessou.

— Eu sei. Mas já disse que conheci os amigos do seu pai — comentou, assaltado por uma onda de ternura, ao vê-la insegura. — E sei que duvida que o brasão pertença à minha família.

— Sim — respondeu com franqueza.

— Sugiro que também pergunte ao Daniel. Tenho certeza que ele vai explicar e você, finalmente, saberá o que se oculta no brasão. É isso que importa.

Ela se sobressaltou com as palavras dele. Temia descobrir um segredo terrível sob a calma aparente de Miguel. Observou-o atentamente e os olhos dele lembraram o lago de Sanabria: liso como um espelho que refletia as estrelas e a lua, e abaixo da superfície, nas águas escuras, cheio de fantasmas e segredos dos mortos.

— Não posso usar este colar, Miguel — estendeu a pequena caixa na direção dele.

— Não use, só quero que guarde — respondeu, feliz por ter conseguido perturbá-la.

— Obrigada pelo presente — agradeceu, desconcertada. — Podemos ir?

— Podemos... — respondeu, levantando. — Posso vê-la antes do final do ano?

— Não sei, Miguel... — respondeu, cansada.

— Nada disto é fácil, mas quando descobrir o que está oculto vai se sentir melhor. Prometo que vai ficar tudo bem. Se precisar, me procure — afirmou, com o olhar dourado fixo nela, colocando o braço sobre o ombro dela, em um gesto protetor.

Deixou-a em casa, com um beijo no rosto. Não viu Seth nem Uchoa, mas sabia que estavam por ali, como uma ameaça invisível. Daria tudo para ver Daniel explicar a Elizabeth como ele e Arturo tinham o mesmo brasão, pensou com um sorriso largo nos lábios, enquanto voltava para o carro. Aquele era seu presente de Natal para a Ordem.

No dia de Natal, o principal presente de Elizabeth foi uma carta do pai.

Côte de Ivoire, 9 de julho de 2009

Elizabeth,

Estou na Costa do Marfim, quase terminando meu ciclo de viagens.

África tem um ritmo próprio, como se o mundo tivesse parado aqui e se sentasse nos olhos dos bichos. Eu também parei aqui: deixei uma parte do meu coração e vim resgatá-lo. A outra parte está com você. Estou quase inteiro, pronto para a grande viagem. Estou em paz!

Hoje é dia de Natal e talvez esteja triste. Não fique. Sua vida está apenas começando. Acredite em mim.

Nesta altura já deve saber que somos cátaros. Se por alguma razão isso não era claro, torna-se claro agora.

Earl Hickey disse: “faça coisas boas e coisas boas lhe acontecerão”. Isto é basicamente a lei de Newton, segundo a qual “tudo o que se faz gera uma reação oposta, de igual força e intensidade”. Significa que somos responsáveis pelos nossos atos e pela nossa evolução. Mas isto você já sabe, por ser a base da nossa filosofia, embora com outra terminologia. O que precisa lembrar, também, é que, antes de nascermos, escolhemos algo para melhorar nesta vida — estabelecemos uma missão. Muito do nosso aprendizado foi determinado por nós e temos que assumir a responsabilidade por essa escolha, porque é a única forma de evoluirmos.

Independentemente do que possa acontecer, pode mudar e melhorar. Primeiro, com o pensamento e depois, com a ação. Pensamento e ação têm que caminhar juntos. Não deixe que nada nem ninguém determinem quem você é.

*Com amor profundo,
Arturo*

Não conseguiu evitar as lágrimas. De todas as cartas que o pai escrevera, aquela era a mais doce e menos ameaçadora. Arturo a fez lembrar que era dona do seu destino, e se estava ali era por uma decisão sua, para aprender o que lhe permitisse evoluir. Ela não sabia qual era seu aprendizado, mas as palavras do pai tranquilizaram-na e contribuíram para dissipar as dúvidas sobre a Ordem, após a conversa com Miguel, que a havia desestabilizado, na véspera.

A cozinha era o coração da casa: ali estavam todos, em um entra e sai constante, embriagados pelos perfumes de uma culinária delicada, que Daniel preparava para a ceia de Natal. Viu-a entrar na cozinha, timidamente, para não perturbá-lo. Observou-a e se lembrou da última vez que tinha visto a mãe dela. Sentiu a culpa assaltá-lo novamente por não ter percebido que Angelina corria perigo. Tinha passado alguns dias com Angelina e Arturo duas semanas antes do trágico evento, e não pressentiu que ela poderia ser

assassinada.

E, durante aqueles dias, sempre que Elizabeth ia dormir chorava por Daniel. Ele sentava-se na beira da cama e contava histórias de cavaleiros e princesas, no seu francês suave, enquanto ela segurava seu indicador direito com a mão miúda para ter a certeza de que ele não partiria quando ela dormisse. Durante o dia não o largava um minuto: embrulhava o pescoço dele com os bracinhos esguios e não o soltava até estar segura de que ele não a colocaria no chão. Angelina ria e dizia que eles tinham um destino comum e Daniel teria que velar por ela. Não sabia o quão premonitória estava sendo. Naquele momento, Daniel olhava para Elizabeth e a culpa o consumia. Culpa por não ter antecipado a morte de Angelina. Culpa por não ter estado mais presente na vida de Elizabeth. Sabia que devia livrar-se dessa culpa, mas sabia também que tinha que lidar com aqueles sentimentos para poder superá-los. Ele precisava aceitar que não poderia ter feito nada para salvar Angelina do seu trágico destino, e aceitar também que não fazer parte da vida de Elizabeth havia sido uma opção sua.

Daniel recordou que, naquela época, ele não soubera reagir à estranha ligação que Elizabeth tinha com ele, aquele apego quase irracional. Arturo dizia que Elizabeth só queria que Daniel a amasse. Mas ele ficara desorientado com aquela criatura minúscula que queria sua atenção vinte e quatro horas por dia. Quando Elizabeth fez quatro anos, Daniel decidiu que era melhor afastar-se por um tempo. Arturo respeitou sua decisão, mas os meses viraram anos e, no final, aquele afastamento não serviu para nada. O que não foi resolvido antes se transformou em algo mais complexo, e ali estavam eles novamente, face a face, assolados por inesperados sentimentos. Ela o reconhecia sem saber como, por não se lembrar dele na sua infância, e ele recordava tudo, com as memórias exacerbadas. É sempre assim, pensou Daniel, *aquilo que não resolvemos repete-se e complica-se.*

Daniel era o anfitrião perfeito, revelando a habilidade de antecipar os pequenos desejos e necessidades dos convidados. Elizabeth se surpreendeu ao vê-lo sem a batina, vestindo elegantes calças e uma camisa impecável, que o transformavam em um homem quase comum, alguém que poderia amar sem obstáculos. Sabia que ele continuava sendo um território proibido, mas naquela noite queria acreditar, ainda que por algumas horas, na possibilidade daquele amor. Por mais que brigasse contra os sentimentos, sentia o beijo que

ele lhe tinha dado quando a cumprimentara, ardendo na testa, como um anel de fogo palpitante. Um beijo que tinha apagado todas as reminiscências sensuais de Miguel.

As conversas, amenas e leves, acabaram por girar em torno dos cátaros.

— Elizabeth, lembra-se da origem da palavra “cátaros”? — perguntou Alessia.

— Vem do grego *katharós*. Significa *puro* — respondeu prontamente.

— Os cátaros são os puros! — reforçou Seth.

Elizabeth viu a ligação natural entre os cátaros e o Graal.

— Como é que não percebi? Só os *puros* têm acesso ao Graal. É por isso que os cátaros são os Guardiões. É isso — comentou entusiasmada como se tivesse feito uma grande descoberta que, na verdade, era óbvia e estivera à sua frente o tempo todo, porém perdera-se no meio da quantidade absurda de informação dos últimos meses.

— Sim, mas o Graal é que escolhe os seus Guardiões, e não o contrário — avisou Seth sem se adiantar no assunto, mas introduzindo sutilmente um dos pontos cruciais do Graal.

Elizabeth conhecia os principais conceitos do catarismo, porque faziam parte da sua formação, mas só agora compreendia a profundidade da sua identidade: ela era cátara.

— Alguns estudiosos acham que o catarismo foi a *heresia* mais poderosa enfrentada pela Igreja — comentou Daniel, servindo doces de massa folhada com creme de frutas vermelhas.

— E a Cruzada Albigense foi para massacrar essa heresia — rematou Kent, inconformado com a morte dos cátaros, mesmo depois de tantos séculos.

Elizabeth, intrigada com a presença de Kent, mudou de assunto, ao comentar:

— Você é judeu, não é? E os judeus não comemoram o Natal, comemoram o Chanuká...

— Sou judeu — respondeu rindo, sabendo que sua presença provocara estranheza. — E você quer saber o que estou fazendo em uma festa de Natal cristã.

— Não é muito normal um rabino participar do Natal — concordou ela timidamente.

— É verdade. Sou rabino, Daniel é padre, Dib é monge budista, Uchoa é muçulmano, Seth e Alessia são católicos — sintetizou sério. — Mas antes de

tudo, somos cátaros e Guardiões do Graal. O resto são conveniências que precisamos para funcionar no mundo real.

— Então não é rabino de verdade? E Daniel não é padre? — questionou, tentando entender os impactos que aquela informação trazia para sua vida, especialmente em relação a Daniel.

— Somos tudo isso, de verdade — disse Kent, sorrindo. — Mas somos porque precisamos monitorar o que acontece nas principais religiões. O nosso papel de Guardiões é extenso.

— Acho que a Elizabeth só vai compreender a dimensão do nosso papel quando se tornar uma de nós — interrompeu Daniel, consciente de que Kent não poderia explicar melhor o assunto, naquele momento. — Atenção, todos. Vou servir uma experiência gastronômica.

— Outra? — perguntou Alessia, que não cansava de surpreender-se com as habilidades culinárias de Daniel. Ele conseguia transformar os ingredientes mais simples em pratos sofisticados, sem fazer das receitas um emaranhado complexo de procedimentos.

— Preparei uma sobremesa de chocolate e morangos, o que não é sequer original...

— Você sabe que eu não acho uma boa combinação — interrompeu Kent.

— Eu sei, mas hoje vou provar que está errado — brincou Daniel, colocando sobre a mesa uma mousse de chocolate, com camadas de morangos finamente fatiados, em uma taça previamente coberta por palitos de La Reine embebidos em café. Para atenuar a profusão de sabores, serviu a sobremesa com uma colher de *crème fraîche*. O equilíbrio dos sabores era fantástico e Kent rendeu-se, finalmente, à mistura dos morangos com chocolate.

Elizabeth sentiu-se ainda mais fascinada com aquele lado familiar de Daniel.

No dia 26, quando a rotina voltou a se instalar, Elizabeth decidiu investigar a história do brasão. Tinha deixado passar o Natal para não gerar nenhum constrangimento, mas precisava descobrir o que a revelação de Miguel significava. Pegou o telefone, um pouco temerosa, e discou o número de Daniel devagar, para ter tempo de arrepender-se. Quando ouviu o primeiro toque sentiu o impulso de desligar, mas ele foi mais rápido.

— Elizabeth. Como está? — disse, reconhecendo o número dela.

— Bem, obrigada. Mas preciso falar com você — anunciou, direta.
— É urgente?
— Para mim é — respondeu, após uma breve hesitação.
— Alessia pode ajudá-la?
— Talvez... Mas prefiro falar com você. Além disso, Alessia foi passar o dia com Althea.

Daniel sabia quem era Althea. Havia nascido em Castro Laboreiro e foi amiga de infância de Bento. Com os anos, tornara-se a única amiga de Alessia, fora da Ordem. Ela dedicou a vida ao estudo das ervas e era capaz de curar qualquer coisa, desde que a alma da pessoa não estivesse consumida pela maldade. Transformara-se em uma curandeira respeitada, sempre com uma fila de gente ansiosa para consultá-la.

Daniel sabia que a vida de Althea tinha sido um exemplo de caridade e amor, mas sabia também que o fim se aproximava. Althea estava cansada e começava a ansiar por um descanso mais absoluto, e por isso Alessia decidira passar mais tempo com ela.

— Passo aí por volta das cinco — afirmou Daniel.
— Está bem — disse, consultando o relógio, desalentada por serem ainda onze da manhã.

21. Laços de sangue

Na vida chega um momento — e penso que ele é fatal — ao qual não é possível escapar, em que tudo é posto em causa (...)

Marguerite Duras (1914-1996)

Daniel achou estranho o telefonema de Elizabeth, mas antes de pensar seriamente naquilo concentrou-se em outro assunto mais premente: ligou para Bardas para resolver um problema, que se tornava inadiável.

— Feliz Natal, atrasado — brincou Bardas ao atender o celular.

— Para você também.

— Eu ia telefonar para contar uma novidade. Encontramos umas notas sobre o assassino que trabalhava com MacGee. Era um russo de trinta anos chamado Vladimir Botkin.

— Um russo? — estranhou Daniel.

— Isto é um quebra-cabeça infundável. É um complô espalhado pelo mundo — queixou-se Bardas, com uma ponta de desalento.

— Três das vítimas eram russas. Há alguma ligação entre eles e esse Vladimir?

— Não. Já exploramos essas possibilidades todas, e não há nada que os ligue.

— O que descobriram sobre ele?

— Não devia falar sobre isto, mas estou envolvido em uma unidade especializada em assuntos da máfia do Leste europeu — contou Bardas, demonstrando total confiança em Daniel. — Eles invadiram a Europa e a

situação é preocupante. Segundo as nossas informações, o Vladimir Botkin está ligado a um grupo muito violento da máfia russa que controla a maior parte do comércio do mundo da arte. Inicialmente atuavam apenas no Leste europeu, mas nos últimos anos estenderam os tentáculos por toda a Europa, África e América do Sul.

— América do Sul?

— Por que pergunta? — inquiriu Bardas atento.

— Isto está se complicando. O padre Bento foi assassinado — informou de uma só vez.

— O padre Bento? Aquele que esteve aqui, na Iglesia de Nuestra Señora del Azogue?

— Sim.

— Quando é que isso aconteceu?

— Em novembro.

— E você não me disse nada? — resmungou Bardas, claramente irritado.

— Bardas, foi um choque. Ainda não nos recuperamos da morte de Arturo, e Bento foi assassinado — justificou-se.

— Compreendo... — respondeu mais suave, arrependido do seu arroubo temperamental.

— E só percebemos uma ligação entre os casos agora — mentiu Daniel.

— Uma ligação?

— Bento foi assassinado com tetrodotoxina na sopa. Praticamente na igreja, porque a casa dele era anexa à igreja. O representante do arcebispo está pressionando, e acha que é um crime contra a Igreja católica. Mas pouco antes do Natal começamos a pensar sobre a possibilidade de haver pontos comuns entre os assassinatos da Europa e o de Bento.

— Mas como? — insistiu Bardas, completamente alerta, assimilando toda a informação.

— Temos em comum a tetrodotoxina e Elizabeth — comentou Daniel, querendo impedir que o foco da investigação se voltasse para Alessia e para a Ordem. — Queria consultá-lo antes de falar com o coronel responsável por investigar a morte de Bento.

— Concorde. Os crimes estão muito próximos de Elizabeth. O assassino foi à casa dela, e agora mataram o padre, que praticamente lhe deu toda a orientação religiosa. Acho que tenho que ir a São Paulo — disse Bardas, com renovado entusiasmo.

— Rui Queiroz só volta de férias no início de janeiro.

— Ele é o responsável?

— Sim, mas apesar de estar de férias tem uma equipe no caso. Ele já sabe dos assassinatos na Europa e comentou com o Kent. Na verdade foi aí que percebemos que havia uma ligação entre tudo isto. Não sabemos as razões, mas você e Queiroz certamente irão descobrir — insinuou Daniel, pensando que apesar de temer aquilo, não lhe restava alternativa.

— Obrigado pela confiança. Então pode passar os meus contatos ao Queiroz?

— Kent vai falar com ele. Eles são bastante próximos — informou Daniel.

— Quando perguntou sobre a máfia russa na América Latina, o que queria saber?

— Se poderiam ser as mesmas pessoas — comentou Daniel.

— MacGee não está no cenário, mas Vladimir Botkin esfumou-se. E agora, com a morte de Bento, existe a possibilidade de ele ter estado em São Paulo. Se esteve aí, deve ser suficiente para comprovarmos a ligação entre os casos. Mas, não sei... — hesitou Bardas. — E por que raio a Máfia mataria um padre? Deixaram algum bilhete pedindo um objeto, como nos outros casos?

— Não.

— Aqui, todas as mortes estão associadas às relíquias, sejam ou não relíquias verdadeiras. Isso explicaria a presença de MacGee na Casa do Lago, atrás dos tesouros de Arturo, e até a história da cápsula de cianeto de potássio... Uma reminiscência da Guerra Fria.

— Da KGB. — enfatizou Daniel. — Muitos dos mafiosos atuais pertenceram à KGB, e o cianeto de potássio era um método muito usado para o suicídio.

— Parece que está se fazendo alguma luz sobre este assunto — declarou Bardas.

— Continuo sem compreender a morte de Bento — comentou Daniel. — Vai ter que descobrir isso com o Queiroz.

— Existe ainda a questão do Rio de Janeiro: o responsável parece estar aí no Brasil, apesar de não termos encontrado nenhuma pista — lembrou Bardas.

— Mas continuam vigiando? — perguntou Daniel.

— Sim, a polícia do Rio está atenta: se alguém acessar aquela caixa postal, eles nos comunicam. Minha opinião, que você já conhece, é a de que eles estão procurando um objeto que está com Elizabeth. Consultou-a sobre o

sótão?

Daniel esquecera-se de responder ao pedido de Bardas, mas tinha falado rapidamente com Elizabeth, no dia de Natal, sobre a possibilidade de permitir que a polícia vasculhasse o sótão, à procura de alguma pista que justificasse a presença de MacGee na Casa do Lago. Ela foi peremptória na recusa: não queria que revirassem os objetos e os documentos que herdara do pai. Além disso, em face das últimas revelações sobre os Guardiões, a secreta Ordem à qual Arturo pertencera, todo o cuidado lhe parecia necessário.

— Falei, mas ela recusou.

— Pelo menos tentamos — atalhou Bardas, agora menos incomodado com aquilo, perante a nova perspectiva de ir a São Paulo. — Daniel, esta nossa conversa ajudou-me muito.

— Você já sabia tudo, Bardas... — comentou Daniel, sorrindo.

— Podia até saber, porém o quebra-cabeça ganhou mais algumas peças.

— Dou notícias assim que o Kent falar com o Queiroz.

— Obrigado. Um bom ano para nós.

— Esperemos que sim.

Daniel desligou o celular aliviado pelo novo rumo da investigação. Talvez houvesse realmente uma organização criminosa por trás da caçada aos artefatos, o que afastaria a Ordem do olho daquele furacão, e simultaneamente absolveria Miguel Besson.

Quando comentou com Kent, ele deu uma gargalhada de alívio e respondeu:

— Realmente a sorte protege os inocentes. Estamos sendo bafejados pela proteção.

O som da campainha arrancou Elizabeth da letargia. Eram duas da tarde, e ela tinha se deitado no sofá enquanto escutava ao longe, os diálogos do filme que passava na TV, *O curioso caso de Benjamin Button*. Foi à porta, espreitou pelo olho mágico e viu dona Rosa. Deixou-a entrar e abraçou-a com carinho.

— Estava com saudades suas — disse Elizabeth afetuosamente.

— Eu também, filha.

— Venha. Eu faço um chá e tomamos na saleta de TV — convidou Elizabeth.

Começaram a conversar e dona Rosa contou que tinha passado o Natal na casa de um dos filhos, mas estava se sentindo muito cansada. Porém, queria

saber todas as novidades.

— Conte-me sobre seu namorado. Eu vi-o da janela, antes do Natal, quando ele veio buscar na porta do prédio. Que moço bonito! Como é que ele se chama?

— Miguel. E não é meu namorado.

— Ah, mas vai ser. Eu rezo tanto para Deus lhe mandar um homem bom.

— Somos apenas amigos. Eu não o conheço tão bem assim.

— Ah, sim. Isso é sensato. Mas você pensa nisso, não é?

Elizabeth terminou o chá mais rápido para fugir às perguntas e insinuou delicadamente, ao perceber que a vizinha estava ali para ficar:

— Acho que vou tomar um banho, dona Rosa...

— Eu vou andando, não quero atrapalhar. Alessia saiu?

— Foi ver uma amiga. Deve voltar no final da tarde. Eu depois digo para ir vê-la.

— Faça isso, querida. Faça isso!

Elizabeth acompanhou-a à porta e depois tomou seu banho. Daniel chegaria em breve e ela queria estar serena. *Não será uma conversa fácil*, pensou.

Daniel sentou-se no sofá, com o corpo relaxado. Cruzou as pernas sob a longa batina negra, aguardando pacientemente que Elizabeth falasse sobre o que a perturbava.

— Obrigada por ter vindo — agradeceu ansiosa, antecipando a dificuldade da conversa.

— Espero que não seja grave — respondeu, observando a pequena caixa na mão dela.

— Antes do Natal encontrei-me com Miguel Besson. Vocês se conhecem — comentou, indo direto ao assunto.

— Sim — respondeu, com simplicidade.

— E ele conhecia meu pai e Alessia.

— Sim. É tudo verdade. Mas não foi isso que a incomodou. Já sabe que ele conhece seu pai desde que tiveram o acidente de carro — racionalizou ele.

— Realmente não é essa a origem da minha perturbação. Ele deu-me este colar — disse, abrindo o estojo de veludo azul-escuro, e revelando a medalha com o brasão de Arturo.

Daniel sentiu um formigamento no estômago, quase imperceptível.

Chegara a hora de começar a revelar a verdade. Compreendeu que Miguel não o fizera certamente para que ela confrontasse Daniel e isso gerasse um conflito. Ele semeou a dúvida e deixou para Daniel a parte complicada: o brasão era um subterfúgio para obrigar Elizabeth a buscar a verdade.

— O brasão dos Blanchefort — comentou Daniel devagar.

— Miguel diz que pertence à família dele e eu sempre vi meu pai usá-lo. É o brasão da *minha* família — afirmou com a voz tensa, enfatizando as palavras.

— Os dois estão corretos — Daniel falou suavemente, respirando entre as sílabas como se estivesse esticando a frase, para que as palavras ecoassem por mais tempo na mente dela.

— Como isso é possível? Estarmos os dois corretos? — a voz dela tinha uma nota aguda, pois nada daquilo fazia sentido.

— Vocês são da mesma família. Besson é seu primo — revelou de chofre.

— O quê? — perguntou, surpreendida com a notícia.

— O pai de Besson era um Guardião, e casou com a irmã mais velha do seu pai, Albertine Blanchefort. Besson é sobrinho do seu pai e, portanto, seu primo — explicou sucintamente.

— Disse que não havia ninguém da minha família — acusou, chocada.

— Até agora só contei a história da família da sua mãe. Ainda não falamos sobre seu pai... — Daniel se justificou.

— Como isso é possível? Miguel sabe que é meu primo?

— Claro que sabe. Foi por isso que ele lhe deu a medalha com o brasão.

— Meu pai não mentiu sobre o brasão, e Miguel também não.

— Miguel disse uma verdade parcial, apenas para instigá-la a descobrir a verdade — frisou Daniel. — O pai dele era um Besson e a mãe uma Blanchefort. Apesar de Miguel ser da família Blanchefort, não tem direito ao brasão. O brasão pertencia ao seu pai. O Miguel tem o brasão que herdou do pai dele — reforçou lentamente.

— E por que é que ele não me contou a verdade?

— Talvez por não saber como você reagiria — simplificou Daniel.

— Ele sempre soube quem eu era?

— Sim, Elizabeth.

— Quer dizer que quando eu bati o carro, ele sabia quem eu era? É isso? Ele até comentou que tinha uma “relação social” com meu pai...

— Não sei o que dizer — respondeu Daniel, tentando perceber por que ela estava mais perturbada por Besson saber que eram primos do que por

descobrir um familiar.

— Miguel é meu primo! — repetiu lembrando o desejo que sentia por ele. Um desejo que agora parecia impróprio. Um desejo que Miguel explorou, mesmo sabendo do parentesco deles. — Então é por isso que ele sabe da história dos Guardiões? Ele disse que o brasão significa a “Fraternidade do Graal”.

— Não é por ser seu primo que ele sabe isso. Ele adquiriu esse conhecimento quando assumiu o lugar de Guardião, herdado do pai dele, Alphonse Besson.

— Ele era um Guardião? — perguntou surpreendida.

— Sim. E foi a única vez na história da Ordem em que houve um Guardião que descendia de duas famílias de protetores do Graal. E esse fato, por si só, já tornava Besson especial.

— Especial como?

— Não sei se por essa razão, mas acredito que sim, Besson tem capacidades acima da média. Consegue quase tudo o que deseja sem precisar se esforçar — insinuou Daniel sem se alongar no assunto, mas Elizabeth sabia o que aquilo significava: ele a tinha praticamente seduzido, com sucesso, todas as vezes que estiveram juntos.

— Por que deixou de ser um Guardião? Isso é possível: entrar na Ordem e depois sair?

— Não é possível deixar a Ordem. Mas o caso de Besson é único, mais uma vez.

— Por que é que meu pai nunca me falou sobre Miguel? Qual a relação deles?

— Eles eram muito amigos, mas se desentenderam por causa de um assunto muito importante da Ordem, e nunca mais se aproximaram. O que aconteceu, quando Besson saiu da Ordem, inviabilizou qualquer relação entre eles. Por isso é que seu pai nunca falou dele. Arturo tentava ignorar a existência de Besson. Embora, na realidade, não fosse assim, porque seu pai sempre protegeu Besson.

— O que aconteceu entre eles?

— Não posso contar, sem revelar assuntos da Ordem — respondeu, apaziguando-a.

— E você, por que nunca me falou sobre Besson?

— Fiquei esperando que ele desse o primeiro passo e contasse quem era. Achei que ele é que deveria dizer que era seu primo.

— Mas ele não fez isso.

— Não. Arranjou um subterfúgio para me forçar a contar a verdade. Colocou-nos, a mim e a você, em uma situação em que a verdade teria que ser revelada, por nós dois.

— Manipulou-nos — disse baixinho Elizabeth.

Daniel manteve-se silencioso.

— Estou irritada! Ele está me manipulando desde o início. Como pode estar tão tranquilo?

— Lindando com a situação calmamente. As emoções...

— Eu sei... Já me disse. As emoções atrapalhavam o raciocínio — completou observando-o com atenção. Ele mantinha o rosto sereno e os olhos eram tão claros que pareciam de água. Ao vê-lo assim, quieto, com a roupa negra e a imaculada gola padre, ele parecia pertencer a um plano superior, a um mundo acima dos mortais, com sua beleza fabulosa.

— Miguel nos manipulou várias vezes para conseguir vantagens. Esse é o objetivo da manipulação: obter vantagens. Não podemos deixar que isso nos afete. De que adiantaria?

— Não sente raiva?

— Não. Tento compreender as razões por trás disso, e transformar a situação em algo positivo, vantajoso para mim.

— O que seria positivo nesta situação?

— Já sabe quem é Besson: ele é seu único familiar vivo. Mais: você descobriu que ele a manipulou desde que se conheceram. Diga-me, que vantagens Besson pode obter?

Ela hesitou, lembrando os beijos e os cuidados que ele tivera com ela. Respondeu baixo:

— A mim.

Esperou que Daniel reagisse, mas ele continuava sereno como se já soubesse de tudo aquilo. Olhava-a em silêncio, sem julgamentos. Olhava-a como um padre olha para alguém que está se confessando em busca de consolo e apoio.

— Para quê?

— Achei que ele estava atraído por mim — sentiu a voz tremer quando pronunciou as palavras. — Mas agora não tenho tanta certeza.

— O que abalou sua certeza? — a voz dele era mansa, como um convite ao diálogo. Elizabeth precisava tirar aquilo de dentro dela, expulsar Miguel da sua pele.

— Não sei — sentiu as lágrimas escorrerem pelo rosto. — Só sei que quando estou com ele, não consigo controlar as minhas emoções. Eu tento, mas é difícil.

— Está apaixonada por ele? — perguntou com suavidade, com o peito apertado, temendo a resposta que poderia afastá-la da Ordem, e principalmente dele.

— Não! — rejeitou, com uma entoação firme. — Não! Não é nada disso.

— Como pode ter certeza de que não está apaixonada por ele? — insistiu.

— Tenho! Acredite em mim: tenho certeza! — respondeu com tanta segurança que Daniel não duvidou. Mas surpreendeu-se com a rejeição e a forma inconsciente como ela parecia proteger o coração com as mãos, como se guardasse ali algo que não podia ser revelado.

— Diga-me exatamente o que sente por Besson — pediu, sem saber o quão doloroso aquilo estava sendo para ela, mas ciente do seu próprio sofrimento.

— Não sei. Não é amor. É uma perturbação... É um desejo.

— Isso não é grave. — Daniel percebeu que se tratava de uma provação para Elizabeth. Sentiu alívio, como se uma lufada de ar tivesse chegado finalmente aos seus pulmões.

— Mas isso não vai impedir minha evolução espiritual?

— Não, Elizabeth — respondeu, feliz por ela não estar apaixonada por Besson. — Pelo contrário, isso contribui para seu crescimento. São tribulações que precisa vencer. Os seus sentimentos por Besson não são relevantes, por você não estar apaixonada. Tudo isso é resultado daquela capacidade superior que Besson tem de seduzir.

— Entendo — respondeu com a cabeça baixa, se sentindo exposta. Mas Daniel sabia isso, e a transparência dela lhe inspirou ternura. Aproximou-se e sentou-se ao lado dela. Elizabeth sentiu o cheiro do perfume dele, carregado de notas marinhas. Daniel tocou a ponta do queixo dela com os dedos gentis e levantou o rosto dela até que ficasse de frente para o seu: viu a marca das lágrimas e a fragilidade nos olhos desamparados, a boca nua esperando um beijo. Estavam separados por pouco mais de um palmo de distância. Ele podia sentir o hálito morno. Ficaram em silêncio, sem se moverem, presos ao olhar um do outro. Alguns segundos depois, ele soltou o rosto dela devagar, afastou os dedos lentamente, como se precisasse se esforçar para vencer a gravidade que o puxava para ela. Continuou a fixá-la. Parecia estar a vê-la pela primeira vez, mas sabia que estava apenas a reconhecê-la: os olhos tinham a mesma luz da infância, quando ela se pendurava no pescoço dele e

segurava sua mão para evitar que partisse. Ele inclinou-se com doçura, beijou-a na testa e saiu sem pronunciar mais nenhuma palavra. Ela ouviu a porta fechar-se, ao longe, e continuou parada, sem se mexer, incapaz de compreender o que acontecera.

O certo é que jamais falariam sobre aquele momento: ela prisioneira do seu amor por Daniel, e ele, atormentado com o despertar de um afeto que destruiria a ambos, se ele não se controlasse. Talvez ele tivesse pressentido aquele afeto, quando viu Elizabeth ainda criança, e por isso fugira dela durante aqueles anos todos.

Elizabeth tentou lutar contra a sensação de traição que sentiu ao descobrir seu parentesco com Miguel. Lentamente, naquela semana entre o Natal e o ano-novo, a ideia de sair da UniTouch adquiriu força, parecendo o caminho mais plausível.

Na segunda feira, 28 de dezembro, quando chegou ao escritório, encontrou sobre sua secretária um ramo de rosas brancas e perfeitas. Instintivamente soube que eram de Miguel e sentiu um nó no estômago. Leu o cartão, escrito com sua letra desenhada: *Espero por você, hoje, às seis, no café onde fomos pela primeira vez. M.*

As horas passaram devagar. Dentro dela se travava uma luta: por um lado queria confrontá-lo, ouvir o que tinha para dizer, mas por outro, sabia que ainda não estava segura o suficiente para revê-lo. O desejo por ele não tinha desaparecido, e além da culpa, também sentia vergonha e uma espécie de ressaca emocional. No final da tarde, Daniel era a única pessoa com quem desejava falar.

— Daniel — chamou-o pelo nome, pela primeira vez. O nome dele saiu naturalmente, como se sempre o tivesse chamado assim. Ele ficou um segundo em silêncio, antes de responder, devagar:

— Elizabeth.

— Miguel quer se encontrar comigo — confessou, como se estivesse fazendo uma catarse.

— Era previsível. Ele é seu primo — recordou, com serenidade. Percebeu que ela estava angustiada, mas era um caminho que precisava trilhar sozinha. Eram as pequenas escolhas cotidianas que iam moldar sua trajetória, porque o futuro não é feito de grandes decisões, mas de pequenos gestos que se acumulam.

— Eu sei. Mas ao mesmo tempo que quero confrontá-lo também não desejo vê-lo.

— Não posso ajudá-la. A decisão deve ser sua.

— Por favor, Daniel.

— A fuga é sempre mais fácil, mas todas as coisas de que fugimos nos perseguem até as enfrentarmos: os medos, os desejos, as pessoas. Tudo volta para nos assombrar.

— Então acha que devo ir?

— Não foi isso que eu disse. Apenas acho que deve enfrentar o que a perturba, mas no seu ritmo. Quando estiver serena e puder controlar sua irritação.

— Para pensar com clareza — atalhou ela, sabendo que Daniel tinha razão. Ela deveria encontrar-se com Miguel, quando estivesse tranquila.

— O fato de Besson a ter manipulado é irrelevante. As razões por trás disso é que são importantes. Não deixe seu ego ferido atrapalhar seu juízo.

— Obrigada. Já sei o que fazer: vou me encontrar com Miguel outro dia.

— *Bien* — respondeu em francês, com sua tranquilidade habitual.

Assim que desligou sentiu que tinha tomado a decisão certa. Eram cinco e meia. Tinha que avisar Miguel. Telefonou, disposta a ser rápida.

— Miguel?

— Estou à sua espera, Elizabeth. — Ela sentiu um arrepio ao ouvir a voz dele, macia e séria, diferente do tom brincalhão que usava habitualmente.

— Eu sei, mas não vou.

— Por que não? Precisamos conversar. Tem ideia de como passei estes dias?

— Foi uma escolha sua. Podia ter me contado.

— Podia! E em que é que isso alteraria a situação em que nos encontramos agora? Você se sentiria menos magoada?

— Acho que não. Mas por que não me contou?

— Você teria acreditado? Você duvidou do que eu disse sobre o brasão.

— Você insinuou que meu pai mentiu.

— Não — disse firme e um pouco seco, com um tom mais profissional, como se estivesse tratando de negócios. — O que eu disse é que era da minha família.

— Certo. Deixemos isso. Vou desligar.

— Vamos conversar — insistiu, mais suave.

— Sim, mas não hoje.

— Elizabeth, o que aconteceu entre nós era inevitável — afirmou, tocando no ponto nevrálgico do relacionamento deles.

— Não quero falar sobre isso agora.

— Já estamos falando sobre isso agora. Eu a beijei e beijaria outra vez. Beijaria mil vezes! A atração que sentimos um pelo outro não tem nada a ver com a nossa ligação familiar.

— Se eu soubesse quem você é, não teria me envolvido com você.

— Não mesmo? Nós ainda não nos envolvemos. Somos amigos, lembra? — comentou com ternura. — Eu não paro de pensar em você. Tem que acreditar em mim. Não trate o que aconteceu de forma dramática, quase criminosa. Isto não é... incesto!

— Eu sei, mas estou me sentindo horrível.

— Não tem razões para se sentir assim. Não aconteceu nada. Estamos respeitando seu tempo. Quero que me perdoe, se acha que fiz algo tão errado assim ao ocultar o nosso parentesco. É bem verdade que seu pai também ocultou — alfinetou, delicadamente.

Elizabeth teve que ceder aos argumentos dele, embora soubesse que o pai não lhe revelara a existência de Miguel porque eles haviam cortado relações. Quando conversava com Miguel, a lógica parecia se inverter. Lembrou-se que ele era inteligentíssimo, e tinha a capacidade de argumentar tudo de forma pragmática a seu favor.

— Eu sei Miguel. Mas agora preciso de espaço.

— Vou lhe dar espaço. Mas fiz o que qualquer homem apaixonado faria — rematou, com a naturalidade de quem já tinha pensado longamente sobre o assunto.

— O que disse?

— Você escutou. Quando quiser conversar, me avise. Adeus, Elizabeth — desligou sem dar tempo para ela se despedir. Elizabeth ficou olhando o telefone, sem acreditar no que tinha escutado. A franqueza dele ao expor o que sentia desarmou-a. Miguel confessou seu amor e se despediu, deixando-a ainda mais agitada, com uma montanha de sentimentos contraditórios.

22. O ano do tigre

Aquilo que se faz por amor está sempre além do bem e do mal.

Friedrich Nietzsche (1844-1900)

Elizabeth trabalhou até o final do ano, e em todos aqueles dias encontrou um ramo de rosas brancas sobre a mesa, com um pequeno cartão assinado *M.* As rosas provocaram curiosidade entre os seus subordinados, e em pouco tempo a empresa sabia daquele secreto admirador.

A cada manhã sua inquietação aumentava: desejava e, simultaneamente, temia que as rosas não estivessem sobre a mesa. Aquela comunicação silenciosa mantinha-os unidos — ele mostrava que continuava pensando nela, e ela aceitava os pensamentos dele.

Ao chegar em casa pousava as flores sobre a mesa da cozinha, sem dizer uma palavra. Alessia sabia que eram de Miguel, e arrumava-as nos vasos, a contragosto. Agora que Elizabeth descobrira seu parentesco com Besson, Alessia tinha que controlar ainda mais os seus sentimentos e evitar, a todo o custo, revelar o segredo que os unia.

O último dia do ano chegou e Elizabeth decidiu passar a noite em casa, com um bom livro e nenhuma agitação. Queria ver o ano chegar, pé ante pé, como um convidado tranquilo e esperado, e não como uma visita barulhenta, que invade a rua acompanhada por um séquito animado. Alessia tentou convencê-la a ir para a casa de Daniel, onde todos se reuniriam, mas não conseguiu demovê-la. Os amigos também a convidaram, para que se juntasse a eles, mas foi em vão. Ninguém a arrancou de casa.

Os auspícios do novo ano não eram os melhores. Sob a égide do tigre, um animal forte e explosivo, 2010 anunciava conflitos, desastres e guerras. O bom e o mau seriam levados ao extremo. Propenso a mudança e agressividade, seria também um ano libertador e purificador.

Elizabeth esperou pela meia noite para abrir a sexta carta do pai, que devia ler no dia 1º de janeiro. No silêncio da casa, todos os pequenos gestos pareciam maiores e o lacre do envelope quebrou-se com um barulho nítido. Começou a ler, completamente alerta.

Tomar, 13 de agosto de 2009

Elizabeth,

Estou em Tomar, uma cidade templária, prestes a terminar meu périplo pessoal, visitando os lugares que, por alguma razão, foram importantes para mim. Por estar aqui, neste lugar especial, refúgio seguro de tantos Templários, sinto-me compelido a falar sobre um dos sete pecados capitais, aquele que contribuiu para o aniquilamento tanto dos cátaros quanto dos Templários: a inveja. Para nós, este foi o mais mortífero dos sentimentos.

Para os budistas a inveja é o resultado das palavras “cobiça” e “ciúme”, sentimentos que impedem a iluminação. Dante escreveu que a inveja está associada ao olhar e, por isso, os invejosos estão no Inferno com os olhos costurados por fios de arame. Em várias culturas o olhar dos invejosos é conhecido como “mau olhado” e para combatê-lo é necessário um amuleto conhecido como o “olho turco”.

Originalmente, inveja significava “caminhar segundo os passos de outra pessoa”. Invejar alguém era viver com base nos esforços dos outros. Hoje a inveja é uma reminiscência desse conceito. E seu contraponto é a “paciência”, isto é, a capacidade de cada um caminhar, no seu ritmo, com os seus próprios passos.

O desejo de alguém possuir os tesouros ou as glórias dos outros desencadeia consequências terríveis que podem levar ao ódio e destruir todos os envolvidos.

Quero que se lembre dos perigos desse sentimento, não por correr o risco de senti-lo. Não creio que passe sequer perto da sua nobreza, mas porque tenho a certeza que muitos sentirão por você e isso, certamente,

*vai lhe fazer mal. A mim fez.
Proteja-se minha filha.
Um beijo do seu pai amoroso,
Arturo*

Falar de inveja não era a melhor forma de começar o ano: pressentiu a fúria silenciosa do Ano do Tigre pesando sobre os ombros, como uma ameaça latente.

Arturo deixara outra carta enigmática: além de atribuir à inveja um papel de destaque na destruição dos cátaros e da lendária Ordem Templária na Idade Média, uma época obscurecida por sentimentos pouco nobres, o pai estava citando alguém específico, que lhe fizera mal. Nas cartas anteriores mencionara Fausto e avisara-a sobre pessoas próximas que não eram confiáveis, e agora escrevia sobre a inveja. Tudo parecia levar à mesma conclusão: a existência de alguém que podia prejudicá-la muito.

Avaliou de novo as pessoas que a rodeavam. Lembrou-se da primeira vez que viu Daniel e do frio que sentiu, como se estivesse sendo avisada sobre um perigo oculto, mas parecia difícil que se tivesse apaixonado por alguém indigno. Mais do que isso: não acreditava que seu pai a tivesse aproximado de Daniel se ele não fosse confiável. Recordou-se do acidente com Miguel e da forma como sua testa sofrera um pequeno corte, perturbando o centro da clarividência, o portal da intuição.

Tentou calar a pergunta sobre Alessia e a estranha relação com o padre Bento. Mas ela tinha sido a mãe que não teve e não acreditava que pudesse fazer nada além de amá-la.

Descartou todos os outros Guardiões e por mais que pensasse não se lembrou de ninguém que se encaixasse naquelas preocupações de Arturo.

No primeiro dia de trabalho do ano, em 4 de janeiro, Elizabeth demitiu-se da UniTouch, sem discutir o assunto com ninguém, nem mesmo com Alessia. Cheia de novas resoluções, decidiu afastar-se de empresa, mas queria manter sua ligação com Miguel — independentemente do que tivesse acontecido, ele era seu único parente.

Escreveu uma carta ao diretor-geral da empresa, anunciando seu desligamento a partir do dia 6 de janeiro e invocando razões pessoais, e pensou que os conflitos anunciados para o ano do tigre já estavam

impactando na sua vida.

O seu afastamento gerou surpresa. Pelo pouco tempo que trabalhara e pela sua natureza tranquila e discreta, tinha mais admiradores que críticos. Alguns, da sua equipe, tentaram compreender por que estava se afastando, e outros tentaram convencê-la a ficar. Elizabeth explicou que sua decisão era irreversível.

O diretor-geral não gostou da ideia. Mas Elizabeth sugeriu que promovesse Francisco Monteiro da Cunha, um português sereno e centrado, sem a “síndrome do protagonismo”. Ele havia sido seu grande apoio, e Elizabeth achava-o brilhante, mas devido ao seu perfil discreto não se destacava. O diretor-geral aceitou a sugestão.

Kent falou com Queiroz sobre Bardas e a possível ligação entre os assassinatos na Europa e a morte de Bento — uma hipótese já considerada por Queiroz, ao descobrir que a tetrodotoxina era comum aos dois casos. Kent explicou quem era Bardas, qual seu papel nas investigações, e sugeriu que eles trocassem informação. Queiroz gostou da ideia.

— Acho que devia falar com ele diretamente. Daniel já comentou a seu respeito, portanto a ponte está feita. Vou lhe enviar uma mensagem com os contatos — disse Kent.

— Telefone para ele assim que receber sua mensagem... Que horas são lá?

— Mais quatro horas, nesta época do ano. São... — espreitou o relógio de pulso — quatro da tarde. Mas Bardas não tem preocupações com o fuso. Telefona ao Daniel entre as cinco e as sete da manhã.

— Posso esperar para fazer isso... — anunciou Queiroz rindo, sentindo que seu humor melhorara perante a possibilidade de conseguir uma ajuda extra no seu caso.

— Pode — incentivou-o, brincando.

— Obrigado pela ajuda, Kent. Podíamos encontrar-nos para um café. O que acha?

— Vou estar fora. Viajo amanhã e volto no dia 14. E Daniel vai depois de amanhã, dia 6.

— Férias?

— Sim, uma semana. Vamos à Espanha com amigos — justificou, sabendo que o objetivo de Queiroz era saber para onde iam, com quem e por quê.

— Posso contatá-lo, se surgir alguma novidade?

— Claro, embora às vezes o celular tenha problemas de rede — avisou, precavendo-se para os momentos em que não poderia atender.

— Não se preocupe: eu deixo mensagem... Bem, então faça boa viagem.

— Obrigado Queiroz. Espero que avance na investigação.

— Obrigado — agradeceu, antes de desligar.

Minutos depois, Queiroz recebia a mensagem de Kent com os contatos de Bardas. Ligou-lhe imediatamente e tiveram uma conversa bastante formal. Bardas sugeriu visitar São Paulo na semana de 14 de janeiro. Até lá, esperava ter mais notícias sobre Vladimir Botkin, com quem MacGee trabalhara no “caso das relíquias”, como passou a ser conhecido a partir do momento em que Kent enviou as informações sobre os objetos. Esperava também uma análise sobre eles, bem como detalhes sobre T. S. Eliot, do Rio de Janeiro. Em uma semana deveriam ter dados suficientes para avançar no caso.

No seu último dia de trabalho na UniTouch, Elizabeth deixou a empresa sem nostalgia, sabendo que chegara o momento de seguir adiante. Aquela atitude estava a afastá-la do mundo normal, do trabalho e do convívio com gente comum. Elizabeth ainda não estava se dando conta, mas acabara de cortar os laços com a normalidade.

Só quando entrou no carro é que teve tempo para ler o bilhete que Miguel enviara com as rosas habituais: *Também vai fugir de mim? Espero-a no Café das Artes, às 7:30. M.*

Olhou para o relógio. Eram seis e meia. Decidiu ir ao encontro e enfrentar Miguel. Avisou Leon e Náder, que a esperavam do lado de fora da empresa, e deu-lhes o novo itinerário.

Continuava sem comentar que saíra da UniTouch e também não diria que ia encontrar Miguel. Aquele arrojo de independência parecia ter devolvido sua liberdade. Mas esses seriam os seus últimos gestos de independência: em breve seria prisioneira de forças maiores.

Assim que entrou no café viu-o sentado na mesa do canto direito, sob uma pintura a óleo, que representava as ruas alegres de Salvador na Bahia, em dias de festa. Ele levantou-se da cadeira e, com a mão direita sobre a cintura dela, puxou-a suavemente contra seu corpo, em um abraço suave. Roçou a boca pelo rosto dela e beijou-a superficialmente nos lábios, com naturalidade. Ela estremeceu e sentiu o calor se espalhando na pele. Apoiou o peso do corpo contra o peito dele e encostou a cabeça ao seu ombro. Ao tê-lo assim, tão

próximo, percebeu que sentira sua falta. Ele passou a mão esquerda pelo cabelo dela, com carinho. Ficaram abraçados, em silêncio, com a respiração compassada, até Miguel quebrar a magia ao mover o rosto para observá-la. Sussurrou, com a boca colada ao ouvido dela, em tom de promessa:

— Vai ficar tudo bem, Elizabeth.

Ela acreditou, envolvida por aquele misterioso dom que ele tinha de fazer a realidade desaparecer. Continuou por mais uns segundos nos braços dele, sem conseguir separar-se. Miguel se afastou, com gentileza, e puxou a cadeira para que ela se sentasse.

A garçonete chegou para anotar os pedidos: uma água gelada com gás para ele e um chocolate quente para ela.

Quando ficaram a sós, olharam-se à procura dos vestígios da dor, da mudança, do afeto. Ela achou-o sério, compenetrado, mas também sereno e mais doce. Tudo nele parecia mais purificado, mais limpo. Comentou:

— Você está diferente.

— É meu amor por você — respondeu tranquilo, partilhando uma verdade já pensada e assimilada. Não parecia que aquilo lhe doesse, como lhe doía a ela o amor por Daniel.

— Mas eu não te amo...

O fato de ela não o amar parecia irrelevante: Miguel contentava-se em amá-la, e não demonstrou emoção perante a confissão dela. Sorriu, olhando-a com intensidade:

— Hum... — murmurou descrente, estendendo a mão para acariciá-la com intimidade no braço nu. O gesto arrepiou-a. Ela não entendia como é que Miguel conseguia fazê-la reagir ao menor gesto. O desejo estava se transformando em uma forma de comunicação familiar.

— Miguel, por favor... — pediu tentando afastar braço. Mas ele ignorou o gesto e continuou com a mão morna sobre a pele dela.

— Não me ama, mas deseja-me. É isso?

— Sim, mas não posso.

— Concentremo-nos primeiro nos sentimentos, depois falaremos sobre os obstáculos — disse metódico, e ela reconheceu a forma com que ele tratava dos assuntos: primeiro os fragmentava para depois resolvê-los. — Bem... Não me ama. Como pode ter certeza?

— Tenho... — sabia por que amava dolorosamente Daniel, e isso parecia excluir a possibilidade de amar Miguel. Não amava Miguel por exclusão. Mas aquilo era inconfessável.

— Aceitemos que não me ama.

— É algo físico — interrompeu ela, tentando explicar o que sentia por ele.

— De pele.

— Quero mais de você. Espero mais de você. Mas me contento com isso, por enquanto — disse sensualmente, mantendo o peso da sua mão sobre o braço dela, para não deixar escapar a memória do desejo. — Eu espero.

— Por favor, não espere. Você é meu primo. Eu não o amo *dessa forma*...

— repetiu como se dissesse um mantra que era desmentido pelo seu corpo.

— Já sei que não me ama. Mas deseja-me *dessa forma* — brincou Miguel.

— Infelizmente. E quero enfrentar isso com você. Quero me livrar disso.

— Veio falar comigo para resolver a questão do desejo? — perguntou, rindo suavemente, divertido com a ingenuidade dela. — Acha que isso é uma decisão que se toma e o desejo desaparece? Seria bom, se assim fosse. Metade das traições entre as pessoas não aconteceria.

— Sei que não desaparece — defendeu-se.

— Então...?

— Falar sobre o assunto talvez ajude. Foi isso que pensei.

— Foi o que eu disse: falamos, decidimos e puff! Magicamente deixamos de sentir atração um pelo outro. Não vai acontecer, Elizabeth. Mas vamos conversar, mesmo assim — sugeriu, retirando a mão do seu braço, para diminuir a perturbação dela.

— Não sei o que fazer — confessou, sincera. Ele emocionou-se com a franqueza dela.

— Ajuda se eu não a procurar? Diga-me... — propôs, disposto a ajudá-la. Ela achou que ele faria qualquer coisa para deixá-la feliz e detestou-se por não estar apaixonada por ele.

— Não sei. Mas não quero perdê-lo.

— Por que somos os últimos da nossa família? — lembrou, estrategicamente.

— Não apenas por isso. Eu tenho a certeza que não o amo, mas não consigo evitar esta vontade de estar com você... de... Não sou capaz de explicar — disse, com honestidade impressionante, se expondo completamente. Miguel fez um movimento lento, dando tempo para ela se afastar. Mas ela continuou imóvel, esperando que ele completasse o movimento. Ele ergueu as duas mãos, emoldurou o rosto dela, e beijou-a com sensualidade. Sentiu a boca dela ceder sobre a pressão suave dos lábios, e entregar-se sem resistência. Ele poderia ficar ali, a noite inteira, preso àquele

beijo cada vez mais intenso. Talvez fosse a pureza dela que o fascinava tanto, talvez fosse por ela ser filha de Arturo e sua prima, talvez fosse o mundo de possibilidades que ela encerrava com aquele dom de pitonisa, ou até o fato de saber que ela precisava manter-se casta. Ele não sabia exatamente o que era, mas Elizabeth representava, naquele momento, o auge do seu desejo. Miguel percebeu que estavam a ponto de perder o controle, em um lugar público, e afastou-se com esforço, murmurando sobre a boca dela:

— Querida, temos que parar.

Ela levou alguns segundos para processar a informação, e percebeu que, mais uma vez, ele agira corretamente. Ainda estava tonta de desejo. O perfume dele estava impregnado no seu cabelo, na pele e na boca. Elizabeth se afastou sem vontade.

— Já paramos — murmurou, com a voz ligeiramente rouca.

— Bem... É lógico que isto tudo é um pouco superior à nossa vontade. A questão é: o que faremos? O que quer fazer? — perguntou enquanto chamava a garçonete para pedir um café expresso e mais um chocolate para ela.

— Não posso ficar com você — afirmou ela.

— Por quê?

— Não posso dizer — confessou, com desespero. — Tem que acreditar em mim. Não posso.

— Mas gostaria?

— Gostaria, mas não posso. — *E também não quero... Racionalmente não quero, porque amo Daniel*, pensou teimosamente, ainda sob o efeito perturbador da sensualidade de Miguel. Era uma coisa animal: ele parecia um felino arrogante, enérgico, e ao mesmo tempo terno, cheio de promessas nos olhos e nos gestos. Tudo nele conduzia ao desejo. Ela percebeu como a garçonete o olhava, como se estivesse a oferecer-se para um ato de amor, ali mesmo. Olhou em volta e viu que as mulheres estavam fascinadas por ele. Nunca tinha percebido o efeito que Miguel causava, mas ele parecia indiferente a tudo o que o rodeava. Só tinha olhos para ela. Mentalmente, Elizabeth lhe agradeceu por aquilo.

— E o que quer que eu faça? — perguntou tentando compreender o que se passava dentro dela e que sombra triste era aquela que surgia, de vez em quando, no seu olhar.

— Não faça nada. Vou viajar amanhã, por uma semana. Quando voltar, ligo para você.

— Quer que eu espere? — perguntou, brincando para evitar denunciar o

impacto da notícia.

— Não sei... Acho que temos que deslindar isto. Eu não consigo pensar muito bem quando estou com você.

— Eu também não — murmurou aproximando-se dela, mais uma vez. — Suponho que pelas mesmas razões, não é?

— Suponho que sim. Mas você parece provocar isso em todo o mundo. As mulheres em volta estão fascinadas por você — sussurrou ela.

— Mas para mim, todo o mundo *é* você — tocou o queixo dela com a ponta dos dedos, puxando-a para junto dele e beijou-a. Ela sentiu o desejo se espalhando de novo, como um raio sobre o corpo desprotegido. Ele afastou-se, dessa vez com controle absoluto, e perguntou:

— Vai para a Casa do Lago? — ela estranhou a pergunta, lembrando rapidamente dos laços que os uniam e de tudo o que ele sabia sobre a família.

— Não.

— Também não pode me dizer? Quantos mistérios — deduziu que ela ia submeter-se ao rito de iniciação da Ordem. Tremeu ao pensar naquilo. Queria alertá-la sobre o perigo mortal que corria, mas sabia que ela não acreditaria. Ficou feliz por ter resistido ao desejo de fazê-la sua: sabia que a castidade podia salvar a vida dela. Disse, com ternura: — Mas espero por você, sim.

— Quando eu voltar conversamos mais... — respondeu, maliciosa, brincando pela primeira vez com aquele assunto do desejo. Miguel ficou feliz por vê-la soltar-se um pouco, mas por dentro tinha o coração apertado. Queria levá-la para casa, amá-la devagar pela noite adentro, ver o sol romper o dia no abraço dela, mas isso poderia matá-la. Precisava se despedir dela. *E se ela não voltar?*, se perguntou e soube que se isso acontecesse, ele destruiria a Ordem — um por um. Mataria todos. Sentiu o sangue ferver, mas nem um músculo do seu rosto se alterou.

— Fico esperando — repetiu, enfático. — Acho que devemos ir... A que horas viaja amanhã?

— No final do dia. Quero ficar com você mais um pouco — disse, após uma breve hesitação.

— É difícil ficar tão perto de você — confessou Miguel, se referindo ao autocontrole que precisava exercer quando estava com ela.

— É difícil para mim também... — riu. — Mas podemos falar da nossa família. Sei muito pouco. O que aconteceu entre você e meu pai?

— É uma longa história. Conto quando você voltar — fez uma pausa, antes de mudar de assunto. — Quando vi sua carta de demissão, tive receio de que

não quisesse voltar a ver-me.

— Acho que devia ter lhe falado antes, mas precisava tomar aquela decisão sozinha.

— Não consultou ninguém? Nenhum advogado ou conselheiro? — espantou-se.

— Ninguém.

— Devia ter me consultado.

— O que me diria? Para não sair?

— Sim, depois de muitos beijos — anunciou, com uma gargalhada.

— Ah... Era só mais uma oportunidade para se aproveitar de mim — brincou, feliz por terem recuperado a leveza, no meio de tantos sentimentos difíceis e histórias mal contadas.

— Claro. Mas acho que devia continuar na empresa. Dá-lhe uma sensação de normalidade.

— Preciso de uma semana de licença e estava me sentindo mal por pedir mais isso, depois de ter tirado aquele mês — argumentou ela.

— Eu resolveria isso com uma assinatura — afirmou, sorrindo.

— Viu? Era tudo o que eu não queria. Uma assinatura. A nossa relação ia sempre interferir...

— Que evolução. Temos uma relação — interrompeu, jocoso, acariciando a mão dela.

— Claro que temos. Somos primos — riu, procurando o telefone que tocava dentro da bolsa. — Desculpe Miguel... É a Alessia.

Só podia ser, pensou Miguel descontraído, sabendo que estava criando uma ligação com Elizabeth difícil de romper. Ela se afastou da mesa e Miguel observou-a com prazer: usava uma camisa branca justa, que deixava transparecer levemente o sutiã com alças de renda branca. Vestia jeans com a cintura levemente descaída, presa por um fino cinto de camurça vinho. Calçava modernos sapatos pretos, de salto alto. Completava o conjunto com a carteira vinho, que estava sobre uma das cadeiras. O cabelo claro balançava ligeiramente enquanto ela gesticulava alguma coisa, de forma suave. Desligou o telefone e voltou para a mesa.

— Tudo bem? — perguntou Miguel.

— Sim. Alessia estava preocupada comigo. Eu disse que estava tomando café com você.

— Ela faz bem em protegê-la. Você é especial e importante... para mim — respondeu, sorrindo. Ela ficou sem saber como interpretar o comentário

dúbio, mas não desejava falar sobre aquilo antes de se despedirem. Seria mais um assunto pendente entre eles.

— Tenho que ir, está ficando tarde.

— Eu acompanho-a ao carro — ofereceu, deixando sobre a mesa uma nota de cinquenta reais, excessiva para pagar uma conta que nunca seria superior a quinze.

Pegou-a pela mão, como um namorado, e ela aceitou. Ao chegarem ao carro, ele tirou a chave da mão dela, abriu a porta, colocando a chave na ignição, com um movimento ágil. Depois ficou de frente para ela. Aproximou-se e com o corpo encostou-a contra o carro. Abraçou-a pela cintura com uma mão e com a outra, segurou-a por trás da nuca, se preparando para beijá-la. Ela se deixou envolver, sentindo no corpo o calor dele. O beijo longo foi como se ele estivesse se despedindo para sempre: explorou os lábios ternos e a boca quente dela, com sabor de chocolate. Protegidos dos olhares indiscretos por uma árvore centenária que os separava do resto da rua, nenhum deles saberia dizer quanto tempo se passou. A clausura do abraço protegia a intensidade do que acontecia nos seus corpos. Miguel beijou-a com calma, apertando-a contra ele, em uma promessa explícita e vibrante.

Foi o beijo mais intenso que Elizabeth recebera, mas também, antes de Miguel, só havia beijado um namorado da escola, havia muitos anos. Não tinha parâmetros de comparação, mas sabia que tudo aquilo seria sua perdição: o corpo inteiro enchia-se de um fogo que se espalhava a partir da boca dele, com suave sabor de café. Ela abraçou-o mais forte, desejando fundir-se nele. E ele continuou a beijá-la com prazer, em um caminho que parecia abrir-se acima deles. Quando o corpo parecia incapaz de conter o desejo, ele soltou-a com o mesmo vagar com que a abraçara e beijara. Afastou-se um passo e ficou a olhá-la com os olhos semicerrados, inundados de desejo. Inclinou-se e passou a língua suavemente pelos lábios dela, como um gato que lambe prazerosamente o leite. E quando ela fez um gesto para abraçá-lo mais uma vez, ele abriu os braços, recebeu-a com o corpo, fazendo com que coubesse inteira contra o peito. Enfiou a cabeça no ombro dela e cheirou-a com sofreguidão:

— Que perfume bom.

— Não quero ir embora — sussurrou.

— Eu sei... Mas tem que ir. Faça o que tem a fazer *e volte para mim* — pediu.

— Eu volto.

— Por favor, volte. Esperei séculos por você — repetiu, sabendo que estava fazendo um pedido divino. Soltou-a, mas ela ainda agarrou a mão dele, como se temesse partir. Ele beijou os dedos dela, empurrou-a gentilmente para o carro e fechou a porta. Incapaz de resistir, enfiou a cabeça pela janela e beijou-a uma vez mais nos lábios. Estavam incompletos um sem o outro: sentiam-se como dois irmãos incestuosos, sabedores do pecado e incapazes de parar.

Ela foi embora, com o corpo fervendo e as pancadas do coração palpitando em todos os lugares. A decisão de se afastar de Miguel e criar uma relação fraternal que não passasse pelo corpo desapareceu. Soube que teria que falar sobre aquilo com alguém, e revelar que seu corpo conhecia o desejo e sua castidade estava sendo ameaçada.

23. Os Guardiões

Portanto submetemo-nos ao nosso destino, e não respondemos ao mal com o mal, porque isso ofenderia o Grande Espírito e traria calamidades para o meio de nós.

Senachwine, venerável índio Potawotom (discurso em uma assembleia diante do fogo, no Illinois, em junho de 1830)

No dia 6 de janeiro, Elizabeth partiu para os Pirineus, com Daniel e Dib, desconhecendo o objetivo da viagem. Alessia, Seth, Uchoa e Kent tinham viajado na noite anterior.

Daniel não parecia disposto a explicar, e dissera apenas que preparasse uma mochila leve, com roupa própria para o inverno europeu, além de botas adequadas para longas caminhadas na neve. Elizabeth se rendeu à situação e decidiu não perguntar mais nada.

O voo noturno de São Paulo para Madri foi tranquilo, e ela dormiu a maior parte da viagem ao lado de Dib, que de vez em quando lhe ajeitava o cobertor, como um irmão zeloso.

De Madri aos Pirineus viajaram em um confortável Land Rover, e algumas horas depois pararam numa espécie de base, formada por um pequeno albergue que pertencia a um jovem e robusto casal basco. Parecia habitual deixarem ali os carros. Elizabeth reconheceu um Coupe-Crossover branco, similar ao deles, estacionado por Uchoa no dia anterior, na parte de trás do albergue, sob a proteção de um telhado rústico. Entraram por alguns minutos no restaurante minúsculo e aconchegante para tomar uma sopa quente. Dib

avisou-a que fariam uma caminhada longa até chegarem ao destino, antes que a noite engolisse as montanhas escarpadas, e os deixasse expostos ao frio, sem poderem continuar. A paisagem acidentada transformara-se em uma armadilha letal, devido à neve e, principalmente, ao gelo fino e escorregadio que se formara em vários pontos do estreito caminho ascendente e perigoso. Além disso, a altitude dificultava a respiração e contribuía para aumentar o desgaste físico. Depois de calçarem as botas e as luvas e vestirem os casacos leves com os seus capuchos quentes, colocaram os óculos escuros, e começaram a caminhada montanha acima. Elizabeth seguia estrategicamente posicionada entre Daniel, que liderava, e Dib, que seguia atrás dela para protegê-la de qualquer tropeço ou queda.

Caminharam em silêncio, com o passo firme durante horas. Elizabeth achou que aquilo não terminaria nunca, e quando sentiu o cansaço se acomodando traiçoeiramente no corpo, Daniel segurou-a pela mão, guiando-a por mais duas horas. Quando a noite começou a abraçar a paisagem, transformando tudo em uma sombra cinzenta, ele anunciou bruscamente:

— Chegamos.

Ela olhou para a parede rochosa e viu uma pequena gruta. Esgueiraram-se por ali, mas não havia nenhuma entrada. Dib lembrou-se da primeira vez que entrou na Chave dos Segredos e da surpresa que sentiu quando as portas se abriram como se fossem um “abre-te sésamo mágico”, para revelarem novas portas e um misterioso mundo esculpido na pedra, oculto ali durante centenas de anos. Daniel olhou-a, divertido, enquanto digitava o primeiro código, iluminado pela lanterna de bolso. De repente as travas se moveram com um ruído seco e a porta abriu, mostrando um lugar inacreditável. Ela não conseguiu dizer uma única palavra, enquanto avançava para o interior da montanha, espantada. Daniel digitou o segundo conjunto de códigos na porta da pequena sala que formava a antecâmara de entrada no Mosteiro. Uma voz pediu que colocasse a cicatriz da parte interna do seu braço direito, um pouco acima do pulso, sob o scanner digital. Elizabeth viu a cicatriz, iluminada pela luz irregular da lanterna: entalhada na pele alva estava a sigla SS, no alfabeto rúnico, que pertencia à famosa SS do governo Nazi de Hitler. Estremeceu, confusa, mas antes que pudesse fazer qualquer pergunta, a porta abriu e revelou a primeira sala do Mosteiro, majestosamente iluminada. Daniel parou em frente dela, e disse:

— Bem-vinda ao Mosteiro. Estamos na “Chave dos Segredos”.

Ela parecia hipnotizada e as lágrimas pulavam involuntariamente dos seus

olhos, enquanto murmurava com voz trêmula:

— A “Chave dos Segredos” é real?

Dib ajudou-a a tirar a mochila das costas, com cuidado, e respondeu em tom de aviso:

— É tudo real. Tudo o que possa imaginar é real.

Alessia veio abraçá-la e o espaço encheu-se de vozes e cumprimentos. Elizabeth estava exausta, com o corpo dolorido pelo esforço da longa caminhada, e a surpresa provocada pela descoberta do Mosteiro deixara-a em um estado quase catatônico. Alessia arrastou-a pela mão, feliz por poder partilhar, finalmente, os seus segredos. Mostrou-lhe toda a área social formada pela sala e cozinha. Daniel sugeriu:

— Vamos tomar algo quente, e depois faremos uma visita pelo resto do Mosteiro. Foi uma caminhada exaustiva, especialmente para quem a fez pela primeira vez. Além disso, temos que ir com calma. É muita informação, não é, Elizabeth?

Ela anuiu com a cabeça. Sentia a garganta seca, mas não conseguia definir se era por causa da exposição ao ar frio nas últimas horas, ou se era um reflexo das emoções, ou ambos.

— Já fiz chocolate quente — anunciou Seth, distribuindo as xícaras pela mesa enquanto todos se sentavam. Alessia conduziu Elizabeth à cadeira vazia, que a partir daquele instante seria sua. Ela sorveu o chocolate em pequenos goles, e sentiu o calor voltar devagar ao corpo. Não conseguia parar de observar os detalhes: havia quadros maravilhosos pendurados pelas robustas paredes de pedra, e esculturas de valor incalculável, com séculos de existência — peças de Michelangelo, quadros desconhecidos de Da Vinci, Luca Signorelli, Boticelli, Ticiano, Caravaggio, Rafael... Aquele era o lugar mais procurado de todos os tempos. O tesouro dos Templários estava ali.

Ouviu vozes longínquas, extasiada pelos pormenores que descobria cada vez que virava o rosto. Havia alguns candelabros com as velas acesas, apesar da luz elétrica. Uchoa, sentado ao seu lado, tocou no braço dela e chamou:

— Elizabeth.

Ela olhou-o parecendo se esforçar para reconhecê-lo e comentou:

— É maravilhoso.

— Daniel está falando com você — disse apontando para Daniel, que a observava, sorrindo.

— Vou levá-la para um *tour*, e depois mostrar seu quarto. Vamos?

— Sim — respondeu, pronta para segui-lo.

Desceram um lance de escadas e foram para o segundo nível, com sua imensa e exuberante biblioteca. Percorreram todo o espaço devagar, em silêncio, como se estivessem acompanhando um cortejo religioso. Elizabeth observava tudo atentamente, fascinada com o imenso espólio. Desceram para o terceiro nível, e Daniel mostrou as duas salas. Explicou que eram dedicadas aos rituais da Ordem. Elizabeth apontou para a porta fechada, com modernos alarmes e códigos:

— E ali?

— Ali é uma área proibida — brincou ele.

— São os tesouros?

— Alguns. Aqui há tesouros em todos os lugares — respondeu Daniel.

— E os quartos?

— São aquelas portas no corredor do primeiro nível, aquele que termina na primeira escadaria. Vamos voltar para lá agora.

Subiram as escadas sem pressa e, ao chegarem ao corredor, Daniel foi apontando para as portas e dizendo a quem pertenciam os quartos: o primeiro do lado esquerdo era de Uchoa; seguido dos quartos de Seth, Dib, e dele próprio. Do lado direito do corredor havia mais três quartos: o de Kent, seguido pelo de Alessia e por fim o de Arturo, que agora seria de Elizabeth, posicionado em frente ao quarto de Daniel. Ele abriu a porta e entraram para a pequena saleta, que antecedia o quarto de dormir, propriamente dito.

— Tiramos a maior parte das coisas do seu pai, especialmente livros e documentos, que estão agora arquivados na biblioteca. As roupas também. Deixamos alguns objetos pessoais, mas caso não os queira, podemos redistribuí-los pelo Mosteiro.

— Não... Acho que quero.

Daniel deu alguns passos pelo quarto e fez um gesto abrangente com a mão:

— Este espaço é seu. Pode fazer o que quiser.

— Por enquanto me parece bem — disse, ainda atordoada com tudo aquilo.

— Talvez precise de um toque feminino — sugeriu, para deixá-la à vontade, antes de explicar a utilização dos banheiros. — Temos quatro banheiros para todos. Mas um deles é utilizado só pela Alessia. Ela sugeriu que vocês o dividissem, mas pode usar qualquer outro.

— Acho que me sinto mais confortável dividindo o banheiro com Alessia.

— O Uchoa já trouxe sua mochila. Se quiser tomar um banho, e descansar

um pouco... Jantamos em quarenta minutos — avisou, antes de sair do quarto e fechar a porta.

Depois de um banho quente, Elizabeth massageou os músculos doloridos com um gel à base de arnica, que Alessia lhe deu. Percebeu que todas as histórias contadas por Daniel não eram apenas parte de um imbricado sistema de mitos alimentado ao longo dos séculos, mas eram a própria origem dos mitos. Passou os dedos pelas paredes rústicas e ásperas, e foi tocando em alguns dos objetos que estavam espalhados pelo quarto. No criado-mudo, um candeeiro de madeira, entalhado com animais, iluminava suavemente o quarto, criando uma selva africana suspensa no teto. Sobre a cômoda havia uma pequena caixa de prata com desenhos árabes que tinha uma mecha de cabelo de Angelina, amarrada com um laço de seda vermelha, uma escova de cabelo e um espelho, ambos com cabos de marfim esculpidos, com fileiras de elefantes de trombas erguidas. As gavetas e os armários estavam vazios. Começou a arrumar as suas roupas, quando ouviu batidas suaves na porta:

— Entre.

— Vim chamá-la para o jantar — disse Alessia da porta entreaberta.

Elizabeth deixou as roupas sobre o pequeno sofá que ficava aos pés da cama e seguiu Alessia, em silêncio. Estava com dificuldade para expressar-se, ainda dominada pela surpresa daquele mundo milenar, que lhe arrancara o vocabulário inteiro de uma só vez. Quase todos os Guardiões haviam sentido aquele choque e fascínio em algum momento, mas as surpresas de Elizabeth estavam apenas começando. O Mosteiro era somente a superfície de um espantoso mundo, que seria revelado gradualmente, nos dias seguintes.

O jantar começou com uma curta oração de agradecimento em latim, com entoação similar à dos belos cantos gregorianos. Elizabeth se arrepiou, como se estivesse febril. A refeição decorreu entre risos e conversas tranquilas, aparentemente normais. Daniel era o único que parecia compenetrado nos seus próprios pensamentos, pairando um pouco acima da harmonia da sala. Elizabeth não se cansava de observar o ambiente, tentando absorver tudo, com receio de que aquela pudesse ser sua única visita. Não sabia que o grande temor de todos era que o Mosteiro se transformasse no túmulo dela, fazendo daquela, sua última visita. E essa incógnita era a ameaça que pairava secretamente sobre eles.

Depois do jantar estabeleceram as rotinas e fizeram as escalas com a

distribuição das tarefas para organizar o Mosteiro enquanto estivessem ali. A tabela foi colada na porta da geladeira, como era habitual.

A rotina começava às cinco da manhã, com os cantos matinais na sala vermelha, no último nível do Mosteiro. A consagração de Elizabeth estava marcada para 9 de janeiro, e nos dois dias que faltavam para o evento, os Guardiões revelariam parte dos segredos da Ordem e a razão da sua presença no Mosteiro.

Às oito da manhã, após o café da manhã e as tarefas domésticas, todos se sentaram à volta da longa e maciça mesa da Biblioteca. Alguns liam, outros discutiam um texto em voz sussurrada. Elizabeth aguardava pacientemente, sentada em um dos quatro confortáveis sofás posicionados no canto direito da biblioteca. Em frente, havia uma pequena mesa redonda, sobre a qual Daniel colocara um caderno de capa negra. Ele pedira que esperasse ali e desapareceu por minutos, voltando com um enorme livro, escrito em latim e francês, de páginas amarelas visivelmente manuseadas. Pousou o pesado livro sobre a mesa, em cima do caderno, e assim que se sentou no sofá à sua frente, todos os Guardiões se levantaram da mesa central e formaram um círculo em volta deles, como se Daniel tivesse feito algum tipo de sinal. Eram cinco figuras estranhas, ensombradas pela ausência de luz natural e pelas roupas longas que usavam: túnicas negras, até o chão, com um cordão branco na cintura. Daniel havia trocado sua batina por uma daquelas túnicas, mas seu cordão era dourado e não branco, como o dos outros. Sobre o lado direito havia uma pequena cruz templária com dez centímetros, bordada em vermelho vivo. Começou a falar, sem preâmbulos:

— Recapitulemos alguns pontos: o Graal entrelaça-se com a história da humanidade. Este é o livro dos antigos textos cátaros — abriu o livro em uma determinada página, e virou-o de forma que Elizabeth pudesse vê-lo. — Aqui, o Graal originalmente chamava-se *CLÉ*, que são as iniciais dos três objetos que o representam, na sua língua original: *Calice, Livre e Émeraude*. Mas como sabe, *CLÉ*, em francês, também significa *Chave*. E este conceito é essencial para compreendermos a natureza do Graal: ele é *a chave* que *abre* o caminho para o conhecimento. Os primeiros Templários tiveram acesso direto a parte desse conhecimento. Os símbolos desse manuscrito ensinavam a atingir a sabedoria divina. São um rito de preparação física e espiritual para atingir o Graal.

— O que é que os Templários e os cátaros descobriram quando juntaram “Os mistérios de Salomão” e “Os Evangelhos de Jesus”? — perguntou, sabendo agora que tudo o que Daniel havia lhe contado, tinha acontecido.

— Todos os objetos do Graal são um caminho para aceder ao estado mais próximo do divino que é permitido ao ser humano. Mas acho que já sabe o significado da descoberta deles, não é? — perguntou Daniel persuasivo. Porém, Elizabeth estava receosa de formular o que intuía ao longo do seu aprendizado. Olhou para as mãos pálidas e esguias, como se elas pudessem revelar uma resposta diferente. Moveu os dedos devagar, e esboçou uma resposta, que a atirava para uma dimensão mais irreal do que aquela que estava vivendo:

— A imortalidade. Descobriram a imortalidade — murmurou baixinho, incrédula com o som das suas próprias palavras, como se elas fossem de vidro.

— Em todas as religiões existe a crença na imortalidade, pela continuidade do espírito, a reencarnação ou a ressurreição. Em religião alguma existe o fim: a alma é sempre imortal. Mas aqui, neste contexto, falamos da possibilidade real de viver muitos anos.

— Isso é mesmo real? — perguntou receosa, apesar de já saber a resposta. Durante os últimos meses aquela realidade se ajustara dentro dela, sem alarde, e agora, apesar de continuar parecendo fantasiosa, sabia que era verdadeira.

— Sim — respondeu Daniel, lacônico, enquanto todos os outros se mantinham em silêncio.

— Vocês são imortais?

— Não... Imortais não. Temos apenas muitos anos. A imortalidade não significa que não possamos morrer. É uma vida prolongada que precisa ser renovada a cada cem anos, pelo ritual de consagração da *CLÉ*. E não sabemos quando terminará essa vida. Um dia podemos deixar de ser jovens, como aconteceu com seu pai. O tempo começa a pesar, de repente.

— Por que é que meu pai não viveu?

— Os Guardiões podem viver muitos anos, mas pagam um alto preço por isso: são seres solitários, submetidos a uma série de regras. Seu pai deixou de pagar esse preço. Conheceu sua mãe e abandonou as regras da Ordem. Lembra-se de eu ter lhe dito que ele tinha muito a perder? Bem, era isso: o retorno à mortalidade.

— Agora compreendo... — murmurou ela. — Vocês eram os amigos que

não queriam o casamento dele com minha mãe, para que ele não abdicasse da imortalidade.

— Sim... Uma das regras que precisamos cumprir é a da castidade.

— Por quê? — perguntou pensando imediatamente em Miguel. Nesse momento Daniel olhou-a como se soubesse o que ela estava pensando. Fez um pequeno silêncio antes de dizer:

— A Alessia vai lhe explicar isso em seguida — disse para evitar qualquer constrangimento de falar sobre aquele tema delicado à frente de todos, principalmente por saber do recente envolvimento dela com Miguel. Leon e Náder haviam avisado Alessia sobre o encontro de Elizabeth e Miguel, e ela, por sua vez, havia contado a Daniel.

— Não podemos casar, nem ter filhos? — insistiu ela.

— Não — respondeu, firme.

— Meu pai abdicou de tudo pela minha mãe.

— E por você — lembrou pausadamente, adicionando uma nova dimensão à existência dela. Para que ela existisse, o pai tivera que renunciar à sua imortalidade.

— E é por isso que não tenho família? Quantos anos meu pai tinha?

— Muitos, Elizabeth — respondeu Daniel.

— Quantos, Daniel? Por favor. — Ele hesitou, mas sabia que tinha que contar toda a verdade, até por essa verdade fazer parte de tudo que ela teria de enfrentar.

— Seu pai nasceu em 1219.

Elizabeth já sabia que eram todos imortais, mas ao descobrir a data de nascimento do seu pai, tudo pareceu explodir no cérebro dela. De novo, nada daquilo parecia possível. Achava que ele tinha oitenta anos ou cem anos, no máximo. Mas Daniel estava dizendo que ele tinha quase oitocentos anos. Respirou fundo, tentando organizar as informações dentro da cabeça.

— Todos têm essa idade?

— Mais ou menos — respondeu Daniel, lhe dando tempo para assimilar a informação. De repente ela percebeu que se Miguel era filho da sua tia, da irmã do seu pai, também tinha que ser imortal. E aquilo chocou-a mais ainda. Sentiu a garganta seca. Tossiu ligeiramente, ao pensar em um novo sentido oculto nas palavras de Miguel, quando ele dissera que tinha esperado séculos por ela. Na altura parecia uma frase romântica, mas agora compreendia que tinha uma profundidade muito maior. Perguntou, apenas para confirmar:

— Miguel também é imortal?

— Sim — confirmou Daniel, tentando controlar o ciúme que o assaltou ao perceber que, perante a enormidade daquela revelação, ela estava preocupada com Besson.

— Mas se ele não é um Guardião como é que é imortal? Como isso é possível?

— Ele foi um Guardião, mas afastou-se. Não sabemos como ele se mantém imortal. É um mistério que ainda nos escapa — comentou Daniel, controlando a leve irritação provocada por ouvi-la falar de Besson.

— Não compreendo como é que ele deixou de ser um Guardião, continuou jovem e meu pai, apesar de ser um Guardião, ficou doente daquela forma. Como é que se explica isso?

— Não sabemos Elizabeth — respondeu Daniel sério, com um laivo de preocupação quase imperceptível, por Elizabeth ter tocado no ponto fulcral de toda a discussão sobre a juventude de Besson e a mortalidade de Arturo.

— E este é o Pergaminho da Luz? — perguntou ela, mudando de assunto, e apontando para o enorme livro que continuava sobre a mesa.

— O Pergaminho está guardado. Este é apenas um livro com explicações e notas dos Guardiões que estudaram o Pergaminho entre 1119 e 1244, quando o Graal foi transferido para a sede dos Templários, em Paris — explicou Daniel, lhe entregando o caderno de capa preta, que estava debaixo do livro cátar. — E aqui está a história dos Guardiões. Fiz uma síntese para que compreenda um pouco mais sobre nós. Acho que vai ajudar. Sei que parece estranho, mas garanto que, depois do choque inicial, muita coisa vai começar a fazer sentido.

Ela assentiu silenciosamente e agarrou no caderno com as duas mãos, como se estivesse no meio do mar, em busca de uma tábua de salvação. Daniel se levantou, fazendo um carinho leve no cabelo em jeito de despedida, e Elizabeth finalmente entendeu por que é que ele a tratava como uma criança. Eles tinham mais de setecentos anos de diferença. Ela era realmente uma criança perto dele. Mas Miguel tinha a mesma idade de Daniel e não a tratava daquela forma. Era seu primo, se recordou irritada, porque além de ele ter ignorado esse fato também não lhe contou sobre *aquela diferençazinha de idades* — pensou com ironia. De repente se lembrou do *post it* amarelo que tinha colado em uma das caixas do sótão:

— As túnicas do sótão... meu pai tinha três túnicas do século XIII no sótão. Pertenceram a Paul Besson, Jacques De Payens e Julien Blanchefort. — Daniel já tinha se afastado alguns passos, quando ela falou. Estacou,

emocionado, ao ouvir aqueles nomes resgatados do passado. Sempre que os escutava recordava as suas origens. Voltou atrás e parou diante dela. O silêncio na sala parecia mais denso. Elizabeth continuou falando, sem perceber a tensão que se formara no rosto dele:

— E Julien é o último descendente do livro de genealogias da minha família. O que aconteceu? Quem eram, para que meu pai guardasse as túnicas durante tanto tempo?

— Eles... somos nós! — respondeu pausadamente, com voz baixa, como se revisitasse memórias dolorosas. — De tempos em tempos trocamos as nossas identidades, e esses eram os nossos nomes iniciais, que nunca mais usamos. Jacques De Payens sou eu: Daniel De Payens, descendente direto de Hugh De Payens um dos nove Templários iniciais. Julien Blanchefort é Arturo, seu pai, descendente de Luc Blanchefort, o primeiro cátaro da Ordem. Paul Besson é Miguel Besson, seu primo.

Elizabeth olhou-o, chocada. Parecia que tinha mergulhado no mundo da fantasia: cada pergunta era um fio que trazia séculos de história e desenterrava segredos quase milenares.

Daniel disse para Alessia, antes de sair da Biblioteca, deixando Elizabeth ainda com uma montanha de perguntas suspensas:

— Explique-lhe sobre a castidade.

— Venha — pediu Alessia conduzindo-a até a sala de jantar, no primeiro nível. Sentou-se na frente dela, depois de preparar duas xícaras de chá de melissa. Todos precisavam se acalmar, e ela também. A proximidade do ritual os deixava sempre tensos, embora Elizabeth ainda não soubesse nada sobre a Consagração.

— Por que é tão importante a castidade? Não amamos menos o próximo por termos um relacionamento com outra pessoa. Pelo contrário: amar alguém faz-nos amar mais o mundo. Foi isso que você e meu pai sempre me ensinaram — defendeu, inconformada com a inflexibilidade da regra, agora que seu corpo estremecia sob as mãos experientes de Miguel, e ansiava pela proximidade de Daniel. Alessia sorriu, e explicou com a segurança de quem já vivera aqueles questionamentos, sabendo que ninguém passa incólume pelas provações do corpo ou do espírito. Há sempre marcas que ficam e relembram as duras lições.

— Sim, mas para que você compreendesse a importância de amar alguém.

Por isso a incentivamos tanto a resguardar o corpo e a alma... — disse, fazendo uma breve pausa para que Elizabeth recordasse as muitas conversas que haviam tido sobre o assunto. — E agora você entende realmente o que significou a decisão do seu pai amar sua mãe.

— Sim — murmurou, pensando que o pai abdicara da imortalidade para casar com sua mãe. — Mas continuo sem entender por que estamos sujeitos à castidade?

— A castidade não é a ausência do amor. É exatamente o oposto: é a ágape, o caminho do amor pela humanidade. Platão foi o filósofo que mais estudou este tipo de amor, e deu origem ao conceito de *amor platônico* — explicou Alessia, paciente. — Para nós, a castidade é um processo profundo que nos faz funcionar com uma química diferente: nós transformamos a energia sexual em uma poderosa energia espiritual.

— Como?

— Como está fazendo: você vem desenvolvendo os seus centros de energia superiores e aprendendo a controlar os inferiores.

— No Tai Chi? — questionou.

— Sim. Mas todos os exercícios que aprendeu, desde a infância, e continua aprendendo, são ferramentas que lhe permitam ter total domínio do corpo. É um processo longo e complexo.

Deve ser mesmo longo porque comigo não está funcionando, pensou com ironia, consciente do despertar tardio do seu corpo. Questionou:

— Canalizamos toda a nossa energia para a evolução espiritual?

— Sim. É um tipo de iluminação praticada por nós, pelos monges budistas, alguns padres e homens santos. Nós aprendemos a controlar todas as nossas emoções. E isso é fundamental.

— E um dia simplesmente esquecemos que temos um corpo?

— Nunca esquecemos que temos um corpo: sentimos fome, frio, dor, desejo. É impossível ignorá-lo, mas aprendemos a controlar os impulsos. Vai ficando mais fácil, embora nunca seja realmente fácil — confessou Alessia, sabendo que Elizabeth só entenderia o verdadeiro significado daqueles ensinamentos depois da consagração.

— E o que acontece se nos deixarmos dominar por esses impulsos? — perguntou, pensando nos limites que tinha explorado com Miguel.

— O padrão da nossa energia se altera.

— Como aconteceu com meu pai?

— Com seu pai, houve outras questões. Não foi apenas a castidade. Ele

deixou de ser um Guardiã, tornou-se humano, e isso afetou todos nós — comentou Alessia, lembrando o que aconteceu após Arturo perder a imortalidade e a sagacidade única de Guardiã Supremo, ao abdicar do seu papel na Ordem em troca de uma vida normal com Angelina. Todos acharam que ele devia continuar sendo o Supremo, mas sua condição humana não lhe permitiu antecipar os eventos. E a Ordem ficou mais de três décadas, de 1975 até a morte de Arturo, em 2009, sem um guia poderoso. Por isso a proximidade de Besson não foi percebida. Por isso aconteceram as mortes trágicas de Anabelle e Angelina.

— Por que o fato do meu pai se tornar mortal afetou a Ordem? — perguntou Elizabeth.

— *Uma corrente é tão forte quanto o mais fraco dos seus elos* — citou Alessia. — Os guardiões ficam ligados após a consagração, e o que acontece com cada um de nós impacta diretamente em todos.

— Se um de nós não estiver bem, os outros sentem? — perguntou, tentando entender.

— Sim. Ser um guardião significa ter acesso a esferas de energia muito elevadas. E sempre que um de nós está enfraquecido pode buscar energia e se apoiar nos outros. É para isso que servem alguns rituais: para nos fortalecer e tornar imunes às ameaças externas.

— Que ameaças externas?

Nesse momento os passos de Daniel ecoaram pela sala, e ele respondeu, se aproximando da mesa e sentando-se ao lado de Alessia, de frente para Elizabeth:

— Tudo o que é intrinsecamente bom também é intrinsecamente mau: um princípio não existe sem o outro. E o mal nem sempre é o oposto do bem. Às vezes eles nos confundem.

— Então é disso que se trata? A nossa tarefa é a luta contra o mal? — perguntou Elizabeth, sem conseguir esconder algum desapontamento.

— Conhece alguma tarefa maior do que essa? — Daniel perguntou com uma voz macia, se inclinando sobre ela. Elizabeth mergulhou na intensidade dos olhos dele e sentiu uma espécie de vertigem. Era como se ele estivesse mostrando toda a maldade através dos olhos transparentes e frios. Os mesmos olhos que ela aprendera a amar. Ele insistiu na pergunta, separando bem as sílabas:

— Conhece, Elizabeth?

Ela sentiu um arrepio parecido com o que sentira quando o conheceu.

Pensou que dentro dele existiam duas pessoas e a luta entre bem e mal estava bem ali, à sua frente.

— Acho que não — respondeu baixinho.

— Acha que não? — repetiu, ácido. — É isso que move o mundo, Elizabeth. É isso que nos move todos os dias. É para combatermos o mal, o verdadeiro mal, que estamos aqui. Para evitarmos que a luz e a esperança desapareçam deste mundo e a maldade aniquile os homens.

— Eu não quis dizer que não era importante. Mas fala-se disso com tanta frequência...

— É verdade — concordou, reconhecendo a banalização do discurso sobre o bem e o mal. — Mas poucos sabem do que falam. E os que sabem desejariam não saber.

— Lamento — disse, enquanto se perguntava o quanto de monstro podia existir dentro dele.

— Não lamente ainda Elizabeth, porque você está prestes a olhar para o abismo — anunciou, em tom de aviso e não de ameaça.

— O que quer dizer? — perguntou, temerosa.

— Que em breve vai conhecer o abismo. Como todos nós. Para conhecer a Luz tem que conhecer as Trevas.

Elizabeth desconhecia que o abismo, de que Daniel falava, se abriria sob seu corpo em menos de dois dias. Sentiu um nó na garganta e as lágrimas formarem-se nos olhos, prontas para saltar. Espremeu as pálpebras com força. Daniel continuou falando, agora com doçura, quase arrependido da frieza brusca com que a tratara segundos antes:

— Não chore. Estou apenas tentando mostrar a importância do bem e do mal. Precisa compreender que, por muito banal que pareça, é uma luta maior do que nós. Por isso somos Guardiões: preservar a localização do Mosteiro é o menor dos nossos problemas. A nossa verdadeira tarefa, mantida em segredo há séculos, é esta: preservar o bem e destruir o mal.

Alessia, que se calara desde que Daniel tinha começado a falar, acrescentou:

— Por isso monitoramos as religiões. Lembra-se de Kent ter falado sobre isso?

— Sim — respondeu se esforçando por entender a profundidade do papel deles.

— Descanse um pouco antes do almoço. Comemos ao meio-dia e meia. Vá, querida — sugeriu Alessia, ciente da dificuldade dela em compreender

aquelas informações.

Elizabeth foi para o quarto, perturbada com as ameaças veladas e aquela face obscura de Daniel, que emergia de vez em quando e revelava um ser sombrio. Mais uma vez, o fato de Arturo fazer parte da Ordem lhe deu alento e tranquilidade para continuar ali. Negava-se a acreditar que o pai estivesse ligado a um grupo que praticava o mal. Adormeceu encostada no sofá, e acordou com umas batidas suaves na porta. Era Dib chamando-a para o almoço. Sentia-se melhor: as duas horas de sono relaxaram-na. Ainda sentia o corpo dolorido com os efeitos da caminhada na véspera, pela montanha íngreme.

A tarde passou devagar. No Mosteiro o tempo era lento, pertencia à esfera de um mundo antigo, de um tempo sem pressas. Cravado no ventre dos Pirineus, o Mosteiro resgatava a sacralidade do silêncio tão presente na vida monástica dos séculos passados. Ali, todos se transformavam: estavam mais suaves, vagarosos e compenetrados. Andavam como se flutuassem, com as vestes negras arrastando pelo chão. A maioria passou a tarde na Biblioteca, em volta de Kent, para ajudá-lo na persistente pesquisa de antigos rituais com pitonisas. Estudaram o Códice, já sabendo que as páginas subtraídas do livro original ocultavam um ritual associado à imortalidade. Tratava-se de um rito realizado sem qualquer dos objetos do Graal, mas eles só tinham quatro das sete páginas desaparecidas, recentemente encontradas por Daniel, e elas eram insuficientes para compreender os objetivos.

Daniel fechou-se na antessala do seu quarto, lendo os diários de Arturo sobre as relíquias da “Sala do Assombro”. Precisava conhecer cada centímetro daquela sala. Cada diário que lia detalhava uma relíquia com poderes mais devastadores que a anterior. Aquelas descrições permitiram que entendesse as noites insones de Arturo e seu mutismo, em certos dias. Quando Elizabeth bateu na sua porta, arrancou-o de um nível profundo de concentração. Nunca sentira uma solidão tão imensa: a solidão de um homem que tem nas mãos instrumentos divinos, sem poder partilhá-los. Pareceu-lhe que aquela devia ser uma solidão próxima à solidão de Deus.

Levantou-se devagar. Fechou o caderno e colocou-o sobre a mesa de apoio, do início do século XIV, que ficava em frente do seu sofá. Sabia que era Elizabeth. Os seus sentidos apurados perceberam a proximidade dela. Abriu a porta e olhou-a como se tivesse atravessado as trevas e visse

finalmente a luz.

— Preciso falar com você — anunciou apressada, antes que a coragem se esvaísse.

Ele saiu da sua sala íntima, fechando a porta atrás de si. Dirigiu-se silenciosamente à escada que conduzia ao andar inferior. Elizabeth seguiu-o, dizendo nas costas dele:

— A sós, por favor — sua voz tremeu ligeiramente, atravessada pelo temor.

Ele continuou caminhando em silêncio, depois de assentir com a cabeça uma vez, sem se voltar para olhá-la. Desceu as escadas, passou pela biblioteca onde todos continuavam em volta de Kent, e foi para o terceiro nível. Na sala vermelha, puxou uma cadeira e sentou-se, indicando a Elizabeth outra das seis cadeiras vazias. Parecia cansado: havia finas rugas em volta dos olhos e a boca normalmente serena e descontraída, estava tensa e comprimida.

— Diga, Elizabeth.

— O que aconteceria se eu não fosse totalmente casta? — falou baixo, timidamente.

— Por que está fazendo essa pergunta? — questionou com o mesmo tom tranquilo que usara quando haviam falado sobre a atração dela por Besson, mas sentiu um sobressalto.

— Encontrei-me com Miguel e... bem... sei que não o amo. Sei. Mas sinto atração por ele. Parece um ímã. Não consigo pensar quando estou com ele. Meu corpo fica independente de mim, com vontade própria. E eu... gosto da forma como ele me faz sentir. É algo novo.

Contou tudo de uma só vez, fixando as mãos crispadas em cima da mesa. Não estava habituada àquele tipo de segredos, e o guardara por tempo demais. Não conseguia parar de falar. Temia olhá-lo e descobrir que o havia desapontado. Ele tinha confiado nela, e ali estavam de novo falando sobre o mesmo assunto. Continuou, perante o silêncio dele:

— Na verdade, o Miguel foi um cavalheiro.

— Acredito que sim — respondeu Daniel, achando corajoso que ela tivesse vindo falar com ele, revelando assim seu caráter correto e o apreço pela verdade. Ele já estava ciente de que Besson a deixara partir para não submetê-la a um risco de morte maior que o atual, evitando alterar o padrão de energia dela antes da Consagração. Imaginou que Besson desejasse Elizabeth por muitas razões. Tinha pensado naquilo desde a noite em que os

viu jantar e percebeu o envolvimento dos dois, e compreendeu que além de Miguel *querer* Elizabeth, também estava se apaixonando por ela. Daniel imaginou sempre que Besson se tornara uma alma negra, mas, naquela noite, tudo o que sentiu foi luz e força. Talvez fosse a influência de Elizabeth sobre ele. Acreditava, assim como os outros Guardiões, que Besson precisava de Elizabeth para algum tipo de ritual. Que outra explicação haveria? Mas agora tinha certeza que algo lhe escapava sobre as verdadeiras intenções dele em relação a Elizabeth.

— Sei que ele me protege. Ele diz que me ama, mas não parece sofrer mesmo quando eu respondo que não o amo.

Claro, pensou Daniel percebendo finalmente o que estava acontecendo com Besson — esse é o resgate da alma dele: amar sem esperar qualquer retorno. O verdadeiro amor representa o último sacrifício: tudo dar sem nada esperar. Por isso a luz, a iluminação.

— Daniel? — chamou Elizabeth arrancando-o dos seus pensamentos. Era difícil acreditar que Miguel, depois de tantos séculos de escuridão, tivesse sido resgatado pelo amor. E justamente pelo amor a Elizabeth. Era doloroso escutar tudo aquilo e Daniel não queria aceitar as razões que o faziam sentir aquela pressão crescente no coração.

— Vou perguntar mais uma vez: está apaixonada por ele?

— Não — respondeu com serenidade, olhando-o fixamente. Achou-o triste. Talvez o tivesse desiludido. Sentiu o estômago embrulhado e o frio espalhar-se pelo corpo, gelando as mãos.

— Não posso ajudá-la. Ninguém pode. É uma escolha sua — respondeu, cedendo ao cansaço.

— Eu sei... Mas o que acontece por eu não ser mais pura?

— A pureza também está ligada à essência. Não tem só a ver com o corpo. Não aconteceu nada realmente importante entre vocês. Talvez venha a acontecer. Nesse caso, provavelmente deixará de ser uma de nós — avisou, seguro de que Besson não ia desistir e só ela poderia detê-lo. — Mas agora temos que nos concentrar na sua consagração. É um momento muito importante! Lembra-se quando Seth disse que o Graal é que escolhe os seus Guardiões?

— Sim, no Natal.

— Isso é literalmente verdade. Não sabemos, até hoje, o que acontece. Por vezes achamos que não seremos consagrados de novo e, no entanto, aqui estamos.

— Não compreendi.

— O Graal só consagra alguns Guardiões. Em certas ocasiões acreditamos que não estamos puros, mas o Graal consagra-nos.

— Por quê?

— Não sabemos. É impossível prever quem serão os consagrados. Também é impossível saber exatamente por quê.

— Meu pai não foi consagrado da última vez?

— Não aconteceu assim — disse, fazendo uma pausa breve, antes de contar o que acontecera. — Seu pai era o Supremo e esperou anos para sair da Ordem, mas nós impedimos sempre. Achamos que ele poderia mudar de ideia. Um dia ele ajoelhou na capela branca, com todos nós à sua volta e rejeitou o Graal: disse que queria ser um homem comum, e não desejava continuar sendo um Guardião. Nesse momento uma luz desprendeuse do corpo dele e o Graal abandonou-o. Foi algo que ele desejou desde que conheceu sua mãe. Ele é que renunciou ao Graal e a partir desse dia seu corpo começou a ceder, cansava-se mais rápido, dormia mais, perdeu a habilidade de pressentir os eventos. Aos poucos tornou-se humano, como tanto queria — rematou, com nostalgia.

— Foi por isso que não me deixou vê-lo no dia do funeral?

— Depois de morto, seu corpo ficou com a idade real. Em poucas horas se transformou em uma renda frágil que se desmancharia com um simples sopro.

— Entendo — disse, percebendo por que Daniel selara o caixão de Arturo e não permitira que ninguém o abrisse. — Então meu pai é que se afastou do encantamento do Graal.

— Sim, e é diferente de não ser consagrado. Aquilo foi um evento único.

— E o Miguel?

— Acreditamos que ele nunca renunciou ao Graal. Saiu da Ordem, mas jamais deve ter expressado o desejo de abandonar o encantamento.

— O que acontece com os que não são consagrados, aqueles que o Graal rejeita?

Daniel sabia que aquela pergunta chegaria, mas a resposta não era fácil. Respondeu devagar, medindo as palavras:

— Dissipa as pessoas.

— Dissipa como?

— Evapora. As pessoas desintegram-se. Transformam-se em pó. É... instantâneo.

— Como é que sabe? — perguntou, temendo a resposta de Daniel.

— Já aconteceu.

Ela sentiu um baque, e percebeu por que havia tanta tensão no ar, e todos insistiam na questão da pureza e da castidade. Finalmente, entendeu que os conselhos e ensinamentos do pai e de Alessia, para que esperasse por um grande amor, haviam sido um subterfúgio para mantê-la pura até aquele momento. Ninguém sabia muito bem até onde resultava, mas parecia ser uma medida preventiva. Era o que estava no livro do Graal. Compreendeu, também, que Miguel podia ter salvado sua vida, por conhecer e respeitar as restrições.

— E como sabemos que meu envolvimento com o Miguel não vai me afetar?

— Não sabemos. Foi como lhe disse, nunca sabemos como o Graal funciona: os seus caminhos são inescrutáveis.

— E o que é que eu faço?

— Confie. A proximidade do Graal provoca ansiedade. Mas você é especial, não tem que temer. Sua energia não se alterou por causa de Besson — disse para tranquilizá-la, sabendo que todos passavam por aquilo, e os anos não tornavam aqueles momentos mais fáceis.

— Se me acontecer alguma coisa...

— Não vai acontecer — reforçou, pegando na mão fria dela, e colocando-a entre as suas para aquecê-la. Em segundos ela sentiu o calor se espalhando pelo corpo. Ergueu os olhos e viu-o esboçar um sorriso leve. A sala inteira parecia mais quente. Elizabeth franziu a testa, em jeito de interrogação, mas ele apenas sacudiu a cabeça, mostrando que não falaria sobre sua capacidade inusitada de moldar a energia à sua volta.

— Talvez a Maria tivesse mesmo razão naquela noite em que quase a matou de susto — disse Elizabeth, resgatando a lembrança de Maria na Casa do Lago, inconformada com a beleza perfeita de Daniel. Ele riu com o comentário inesperado, e ela olhou-o fascinada, com a mão ainda presa nas mãos dele, estremecidas pelo efeito do riso.

Meu Deus, como é belo. Parece uma estátua, perfeita, de Michelangelo, pensou sem conseguir acompanhá-lo naquela incursão pelo riso. Ele parou de rir devagar, e olhou-a, divertido. Era impressionante a maneira como ele se movia pelos mundos: passava da profundidade à leveza em segundos. E voltava à profundidade. Os olhos tornaram-se novamente sérios, e ele disse:

— Há um procedimento para o Graal. Nas próximas vinte e quatro horas

pode fazer e comer o que quiser, exceto carne e peixe, claro. O dia é seu. Amanhã à noite fará sua última refeição e ficará vinte e quatro horas sem comer nada. Vai se purificar através de chás e de um banho com ervas especiais e sal do mar morto. O ritual acontece às nove horas da noite do dia 9, depois de amanhã — fez uma pausa e olhou para o relógio. — Agora vamos subir, está na hora do jantar e acredito que a Alessia fez alguma de suas comidas preferidas.

Soltou a mão dele com pesar: o toque confortava-a naquela hora de tamanha incerteza.

24. A consagração

O homem não sabe muito bem o que inventa. Não conhece o poder dos seus ritos.

J. M. G. Le Clézio (1940-)

Para diminuir a ansiedade, Elizabeth passou o dia organizando o quarto que herdou do pai. Pediu para trocar alguns objetos por outros, que considerava mais femininos. O Mosteiro era muito austero, e percebia-se a mão da linhagem masculina em todos os cantos. Mas havia também alguns detalhes mais suaves, introduzidos por Alessia.

Elizabeth trocou o sofá de couro preto por outro, de veludo castanho, mais delicado, que estava na sala de jantar. Alessia lhe ofereceu algumas almofadas italianas de seda amarela e laranja, bordadas à mão, para alegrar a antessala. Dib levou um quadro de Ticiano, com uma mulher de longos cabelos loiros, que cobriam seu corpo nu, mas deixavam antever os contornos suaves de um dos seios perfeitos. O quadro, que representava a jovem mulher sentada, mostrava uma sensualidade latente, percebida nos lábios entreabertos, no olhar lânguido e na cabeça inclinada para trás, em um gesto que lembrava o abandono do corpo na sua rendição ao desejo. Elizabeth apaixonou-se pelo quadro assim que o viu, e lhe destinou uma das paredes da antessala.

Trocaram o candeeiro que estava no criado-mudo, e colocaram um mais esguio, sem motivos animais. Uchoa trocou os dois tapetes persas, em tons de azul, que estavam ao lado da cama de Elizabeth, pelos seus persas, de tom

mais terra e dourado. Aos poucos, a decoração do quarto transformou-se em uma obra coletiva, e no final, quando tudo ficou pronto, Elizabeth ficou feliz com o resultado: os tons de amarelo e dourado emprestavam uma luminosidade que aumentava a amplitude do quarto, fazendo-o parecer maior. Daniel apareceu quando tudo estava terminado e encontrou todos na antessala, exceto Alessia, que ainda estava no quarto arrumando a cômoda com o perfeccionismo que lhe era característico.

— Agora sim. Parece com você — comentou Daniel, admirando a transformação.

— Com tantos decoradores, não podia ficar mal... — brincou ela.

— Trouxe um presente.

— Obrigada — agradeceu, desembulhando o objeto envolto em papel de seda dourada.

Era um maravilhoso ovo de ouro, rubis e esmeraldas, sustentado por três leões, com olhos de diamante, sentados sobre uma base de quartzo tibetano. Lembrava vagamente a Ferrovia Transiberiana, um ovo criado em 1900 para o czar Nicolau II da Rússia.

— É um Fabergé! — exclamou, levantando a tampa espetacular e revelando uma cavidade forrada de ouro, que servia de porta-joias. — É mesmo para mim? — perguntou, surpresa com a magnitude do presente.

— É seu — reforçou Daniel, dobrando as longas pernas para caber no novo sofá de Elizabeth, entre Uchoa e Dib.

Apesar do ambiente descontraído, havia certa eletricidade no ar. Para os que tinham visto gente se dissipando, à exceção de Dib e Elizabeth, a proximidade do ritual era sempre pior. Sabiam o que podia acontecer: gente que se esfumava no vazio, ao primeiro toque da luz grálica. Ardiam em um segundo e desapareciam como os mágicos de filmes.

Naquela noite Elizabeth dormiu profundamente e acordou tranquila. Seria um longo dia, o último antes do ritual. Talvez até fosse seu último dia de vida. Para afastar os seus temores, aproveitou para ler a complexa história dos Guardiões, escrita com a letra irregular de Daniel, tão diferente das letras de Arturo e de Miguel, perfeitamente desenhadas.

Em 1224, vinte anos antes da queda de Montségur, os sete Guardiões se encontravam lá, com o tesouro grálico — a *CLÉ*. Depois da

destruição e queda de várias cidades cátaras, na França, os Guardiões decidiram proteger seus filhos, para garantir a continuidade da Ordem. Por isso, os herdeiros foram separados em dois grupos.

O primeiro grupo, formado por quatro mulheres e crianças, viajou para fora da França: Marie, mãe de Kent, com dois anos de idade e Sarah, mãe de Seth, que estava com seis meses, viajaram para a Inglaterra. Constança, mãe de Uchoa, com pouco menos de um ano, foi para a região da atual Catalunha. E, por fim, Alessia, que ainda não era nascida quando sua mãe, Isabelle, viajou grávida de cinco meses para o norte de Portugal. Nenhuma daquelas crianças voltou a ver os seus pais e Alessia nem sequer conheceu o seu.

O segundo grupo era composto por três herdeiros: Julien de Blanchefort, Paul Besson, e eu, Jacques De Payens. Nós fomos mantidos em Montségur, e treinados especificamente para proteger as relíquias, sob quaisquer circunstâncias.

Elizabeth leu e releu os nomes. Agora sabia quem eram: seu pai, seu primo e o homem que amava. Os três homens da sua vida, unidos pelo mesmo destino.

Depois de mais de cem anos estudando o Pergaminho, finalmente, em 1240, os Guardiões conseguiram recriar uma das salas do Templo de Salomão — a sala branca e dourada — e o ritual que dava acesso ao conhecimento divino. Os Guardiões haviam compreendido todas as etapas, palavras e gestos necessários para a realização precisa do rito. Inicialmente, por inexperiência, além do Pergaminho, usaram o Cálice e a Esmeralda.

A réplica da sala de Salomão foi construída nos subterrâneos de Montségur, dando assim origem à lenda de que os cátaros teriam emparedado o Graal.

Três anos depois, em 1243 aconteceu algo espantoso, durante um rito: uma luz intensa surgiu do nada, como uma faísca que aumentou até engolir literalmente um dos sete Guardiões. Esse Guardião especial, tocado pela luz divina, era Pierre Blanchefort, pai de Julien Blanchefort.

Elizabeth parou por um segundo, apenas o suficiente para assimilar que o primeiro Guardião consagrado tinha sido seu avô, mas continuou lendo

sofregamente:

Essa foi a primeira revelação do Graal. Uma revelação suave. Pierre sentia-se mais perspicaz e mais forte, mas era apenas isso.

Depois de um ano, em 1244, quando os Guardiões perceberam que a queda de Montségur era iminente, incumbiram-nos de levar o tesouro para a sede dos Templários, em Paris. Eles continuaram em Montségur e cometeram endura, para evitar os inquisidores — que os submeteriam às mais cruéis torturas até obterem as confissões sobre os segredos do Graal.

Atravessamos as linhas de soldados que sitiavam Montségur sem sermos vistos. Levamos algumas semanas para chegar a Paris, a pé, com todos os cuidados para não chamarmos atenção. Viajamos quase sempre durante a noite até chegarmos ao Forte dos Templários, onde o grão-mestre já nos esperava.

O Graal se revelou aos poucos e só anos depois de termos reunido a última geração dos Guardiões — nós três que tínhamos saído de Montségur e os quatros herdeiros que estavam protegidos em outros países — é que aconteceu realmente a primeira Consagração.

A luz jorrou sobre nós, entrou pela nossa cabeça, como um raio brutal e incandescente. No início não percebemos o que aconteceu: a força do impacto nos atirou ao chão. Por dentro tudo queimava, como um fogo violento. O nosso corpo estava diferente. Sabíamos que éramos nós, mas não nos reconhecíamos. Olhamos uns para os outros e finalmente compreendemos a devastadora realidade: tínhamos deixado de ser humanos...

A descrição sobre o assunto terminava ali. Elizabeth tomou um susto: como tinham deixado de ser humanos, se eram humanos? Acreditou que era uma metáfora. Só podia ser uma metáfora: tinham deixado de ser humanos por se terem aproximado da essência divina.

O caderno tinha trinta páginas e também descrevia, em linhas gerais, a saída de Miguel da Ordem, em 1307. Mas não revelava os motivos nem seu destino posterior, como ele vagou solitário por centenas de anos, sem os irmãos.

Dib entrou para a Ordem três décadas depois da saída de Miguel. Era um poderoso monge tibetano, que Daniel conhecera em uma de suas viagens.

Profundo conhecedor do budismo e dos seus rituais mais secretos, tinha uma força mental inigualável, sob a aparência tranquila. Era o único que não descendia de Guardiões, mas seu lugar entre eles havia sido conquistado pela natureza do seu caráter e pelo domínio profundo da magia. Órfão de pai e mãe foi criado por monges desde bebê e alimentado com leite de iaque. Era o único dos Guardiões que Miguel não conhecia.

Porém, o pequeno caderno não revelava que, antes de Dib, a Ordem tentara consagrar vários Guardiões. Por três décadas procuraram alguém para ocupar o lugar de Besson, mas o Graal rejeitou a todos. Vinte e sete pessoas se dissiparam, transformadas em pó assim que a luz tocou em suas peles. Mas, no dia em que Dib chegou, todos souberam, intuitivamente, que ele seria consagrado. Havia uma força inquestionável no seu olhar sereno, e os seus gestos pareciam mais lentos que o normal, como se o ar fosse sempre mais pesado à sua volta. Se Kent não fosse o primogênito, e também descendente dos antigos Guardiões, Daniel escolheria Dib para seu sucessor. Mas aquela decisão não dependia dele: era a lei dos antepassados. E a lei era para se cumprir, a qualquer preço.

Às seis da tarde, três horas antes do ritual, Alessia preparou o banho de Elizabeth, com uma combinação de ervas cuidadosamente escolhidas. Depois a ajudou a vestir uma longa túnica de linho branco, sobre o corpo completamente nu, com um cordão branco na cintura.

Às oito horas, Elizabeth atravessou os corredores e desceu as escadas silenciosas do Mosteiro: o ritual aconteceria na sala branca e dourada do último andar, que ela agora sabia tratar-se de uma cópia de uma das salas do rei Salomão, descobertas pelos Templários, em Jerusalém. Aquela era a única sala que não possuía as paredes de pedra: eram brancas emolduradas pelo dourado brilhante do ouro, como se cada uma das quatro paredes fosse um quadro com uma pintura invisível aos olhos humanos, cercado pela sua moldura dourada. O teto estava todo pintado com representações celestes de anjos e luzes. No centro, uma suave abóbada circular criava a ilusão de um céu resplandecente, que irradiava a luz divina.

Os Guardiões estavam vestidos de branco, com uma solenidade nervosa, emprestada pela importância do momento que se aproximava. Pareciam anjos descalços, sem asas, ligados ao céu por uma aura leitosa. Sobre o chão, um magnífico tapete branco, redondo e felpudo, de algodão puro, marcava o

lugar onde Elizabeth ficaria, em frente do altar de mármore lúcido. Sobre o altar, o Pergaminho Sagrado, aberto, mostrava as antigas palavras com os encantamentos que abririam os caminhos do Graal. Nos quatro cantos da sala e em frente ao altar, grandes jarras de cristal transparente continham água até a metade. Todos os objetos rituais presentes na sala simbolizavam a energia existente no mundo invisível e atuavam como chaves para abrir esse mundo: a água era o caminho mais fácil para essa energia fluir.

Alessia conduziu Elizabeth ao centro do tapete fofo e ela sentiu a diferença de temperatura entre o chão frio, que gelara seus pés, e a proteção do tapete. À sua volta, todos formaram um semicírculo em volta do tapete.

Daniel aproximou-se dela devagar, com o rosto pálido, como se algo dentro dele estivesse a ponto de revelar-se a qualquer momento. Disse, com voz suave:

— Vai ser como uma descarga de milhares de volts. Além da purificação, esse é outro motivo para o jejum: a força sobre o corpo é atroz e não é aconselhável ter nada no estômago.

— Qual é a sensação? — perguntou, com a voz ligeiramente trêmula.

— Inexplicável. É uma força tão imensa que arrasa tudo dentro de nós. Transforma-nos.

— Como?

— Transforma-nos, literalmente. Não resista. Relaxe o corpo através da respiração, como Dib ensinou: é menos doloroso quando o corpo não está tenso e a energia flui. O impacto diminui ao encontrar menos resistência — insistiu, por saber que aquele fator era crucial para minimizar a dor que ela sentiria no corpo, especialmente nos dias seguintes.

— E se... — Daniel não a deixou verbalizar o que a angustiava. Não podia permitir que o medo se apoderasse dela.

— Vai correr tudo bem. Olhe para mim — pediu, e ela olhou-o e se afundou naquela transparência etérea. Tranquilizou-se e sentiu o medo abandoná-la. — Não tenha medo, em momento algum. Confie.

— Como posso confiar em uma coisa que... pode me destruir? Que desconheço completamente? — perguntou, de forma abrupta.

— É um ato de fé. E pode salvar sua vida. É isto a fé: a queda no desconhecido, como se você se jogasse do alto de um penhasco sabendo que nada acontecerá. Renda-se à luz!

— Não posso hesitar?

— Não pode duvidar — corrigiu. — Por isso não há lugar para o medo.

Lembra-se da expressão de Jesus: “A tua fé te salvou”? Não é por acaso! Era disso que Ele falava. O que vai acontecer aqui é um ato de fé. Não esqueça: se ajoelhe assim — exemplificou novamente se ajoelhando no centro do tapete com as costas retas, o rosto virado para o vaso de água que estava em frente ao altar, e as mãos com as palmas abertas para o céu, esperando uma dádiva desconhecida.

Agora que estava ali, ela sentia que o tempo deixara de escoar lentamente: tudo acontecia mais rápido e o ar parecia cada vez mais denso. À sua volta, havia se formado um cordão de pessoas com as mãos dadas e os rostos serenos voltados para a frente.

Daniel voltou devagar para seu lugar, no altar. Pousou as mãos no livro, apoiado sobre o mármore, e olhou para ela uma última vez antes de iniciar o ritual. Mas algo dentro dele se comoveu ao vê-la compenetrada naquele ato solitário de fé que poderia lhe arrancar a vida em uma fração de segundo. Lembrou que Arturo pedira que a protegesse. Foi invadido por um amor diferente do que sentia por todos os seus irmãos, que haviam estado ali antes, naquela mesma posição de humildade, que permitiria absorver o impacto da luz. Foi até junto dela e, ajoelhando-se ao seu lado com o pesado livro na mão, sussurrou:

— Leia comigo.

Nesse momento, todos compreenderam que Daniel ia passar pelo ritual com Elizabeth. Aquilo não estava previsto quando fizeram a simulação, horas antes. Ela olhou-o, confusa, mas entendeu rapidamente que ele iria acompanhá-la na Consagração, correndo com ela o mesmo risco de morte: se expondo ao sopro divino mais uma vez, sem saber se resistiria ou não.

Ele estava, literalmente, se sacrificando por ela. Tinha se consagrado recentemente, ao assumir o papel de Guardião Supremo, naquela que fora a mais violenta das suas transformações, quando recebeu o poder das revelações divinas e descobriu uma força diferente e maior que as anteriores, uma força adequada ao novo papel.

Ninguém compreendia por que Daniel estava se submetendo outra vez ao ritual em tão pouco tempo. Aquilo nunca tinha sido feito: a Consagração acontecia uma vez a cada cem anos. A tensão na sala aumentou e todos se concentraram em seus papéis, sem poder vacilar. Entoaram um longo canto em aramaico, em ritmo forte e crescente. Elizabeth verbalizou pela primeira vez o caminho do Graal, sustentada pela voz tranquila de Daniel. Saber que ele estava ao seu lado era suficiente para se sentir confiante: sem medo ou

dúvidas.

Pareciam dois noivos, de branco, ajoelhados lado a lado, em frente ao altar, com o coro de vozes atrás, arrastando-os para níveis cada vez mais profundos de concentração, que lhes permitia atingir uma consciência superior e entrar em transe. A união dos Guardiões em torno de Elizabeth e Daniel aumentava a energia, transformando-a gradualmente em uma força imensa, que seria libertada no momento da Consagração.

A água dos vasos entrou em ebulição, libertando pequenas nuvens de vapor. Elizabeth sentiu que dentro dela havia uma chama ardente que não se consumia, quase como a sarça bíblica, que Moisés viu no Monte Sinai. Talvez fosse aquilo que os mantinha jovens e fortes: aquele fogo de Deus aceso no interior de cada um deles. Quando achou que não suportaria mais o calor intenso que a queimava de dentro para fora, as palavras do livro moveram-se. Sabia que não podia parar de dizê-las, mas as palavras pareciam ter vida própria. Acompanhou a dança louca com o olhar turvado pelo calor, e viu que tomavam forma no espaço vazio à sua frente, pouco acima do vaso fumegante.

Ouviu ao longe a voz de Daniel em sintonia com a sua, e uma luz inundou a sala inteira e reverberou sobre eles transformando-os em seres fantasmagóricos. A luz possuía uma intensidade brutal: era tão branca que se tornava doloroso olhá-la, e tão intensa que era impossível ignorá-la.

A luz entrou neles, pelo centro da cabeça, como um raio violento, rasgando-os ao meio, exatamente como Daniel descrevera no seu caderno. A dor dele foi muito maior: a intensidade da luz era proporcional à sua força. Mas ela nunca havia sentido nada parecido: suas entranhas pareciam dilacerar-se, como se alguém as estivesse arrancando, a sangue frio, com garras afiadas. Era uma dor excruciante. Achou que morria e na loucura daquela incandescência não conseguia ver Daniel. Imaginou que o havia perdido para a luz branca e terrível. Virou o rosto e todos a olhavam serenos, em um silêncio repentino que se instalara na sala sem que ela percebesse. Quis dar um passo para fora do círculo imaculado do tapete, em busca de Daniel, mas Dib impediu-a erguendo a mão e conduzindo-a de volta ao círculo. Não era possível que a luz o tivesse levado, pensou, atravessada por uma dor que não tinha lugar específico, uma dor generalizada pelo corpo, como se a pele tivesse se tornado insuportável. E havia ainda aquele fogo interior que queimava sem parar. Foi quando viu a criatura branca deitada ao seu lado, com os olhos transparentes e atentos. Não compreendeu como é que

aquele animal tinha aparecido ali e possuía olhos iguais ao de Daniel. Aproximou-se dele para mergulhar naquela transparência familiar. Tentou erguer as mãos para tocá-lo e o leão não se moveu. Continuou imóvel olhando para ela, relaxado sobre as longas patas, com a cabeça coroada por uma imensa juba branca. Ela quis falar, mas sua voz soou estranha, com um som gutural. Ouviu Daniel falando dentro da sua cabeça:

— Está tudo bem Elizabeth. Só precisa pensar para que eu a ouça. Não fale.

— Como pensar? — questionou mentalmente, sem palavras, enquanto continuava com o olhar fixo no fabuloso leão deitado aos pés do altar.

— Da forma que está fazendo.

— Estou falando com você? — perguntou, insistente.

— Sim, mas através do pensamento. É telepatia — explicou.

— E onde você está? Não consigo vê-lo — quis saber, sentindo a dor no corpo diminuir.

— Estou na sua frente. Sou eu.

— O leão branco? — questionou incrédula, com o raciocínio turvo. — Você é um leão?

— E você uma leoa. Olhe para seu corpo — murmurou devagar, enquanto ela girava a cabeça para baixo procurando reconhecer o corpo. Em vez disso, encontrou uma penugem branca e patas poderosas, bem assentadas no chão. Olhou-o novamente, dando um passo adiante, para ficar bem na frente dele.

— Não saia do tapete — avisou, com a voz forte.

— Por quê?

— A energia não está estabilizada dentro de nós. Eles estão fazendo um círculo de proteção, exatamente sobre o tapete.

— Como é possível?

— O quê? — perguntou divertido, agora que o principal perigo se fora, sabendo que ela se referia à transformação deles.

— Como podemos nos tornar animais?

— No processo de nos tornarmos Guardiões, entramos em comunhão com a natureza e no momento da Consagração adquirimos a habilidade de nos transformarmos em leões brancos.

— Isso é incrível. São os leões dos meus sonhos — disse, entendendo finalmente.

— Somos nós... E você também — respondeu, lembrando-a que agora pertencia ao grupo.

— Como voltamos aos nossos corpos?

— Quando a energia do Graal for totalmente absorvida pelo nosso corpo. Não se mexa muito, porque precisa poupar energia para os próximos dias. Isto será extremamente doloroso para seu corpo.

— Por que não me contou antes? — perguntou, com o corpo praticamente junto ao dele. Daniel não se moveu. Gostava daquela proximidade felina.

— Acreditaria? Além disso, não tinha como explicar o processo sem gerar medo e tudo o que não podia sentir era medo.

— Acho que fez bem. Estou me sentindo cansada. Muito cansada — murmurou.

— Sua transformação deve estar terminando.

— E sua?

— Não... meu processo é mais longo. E você vai ter que ficar aqui comigo. Não podemos romper o ciclo de energia.

— O que aconteceria?

— O Graal não se completaria em mim... Teria que passar por outro ritual e não posso. Neste momento meu corpo talvez não aguento.

— Sinto náuseas.

— Já voltou a ser humana — avisou-a, em um murmúrio, vendo-a nua pela primeira vez, sob a palidez da luz que ainda persistia na sala. — Vista sua túnica.

Ela tomou consciência da nudez e em um ímpeto se arrastou para pegar a túnica rasgada. Vestiu-a como pôde e amarrou o cordão para tentar segurá-la de forma a não revelar o corpo.

— Ainda consigo falar com você? — perguntou com os pensamentos mais organizados, sem pronunciar uma única palavra.

— Sim...

— Para sempre?

— Sim, mas não em todos os lugares. Além do mais, há regras para não invadirmos os pensamentos uns dos outros. Depois vai aprender...

— Não me sinto bem...

— Deite devagar, com a cabeça sobre as minhas costas. Vai ajudar se ficar com a cabeça em uma posição mais alta que o corpo. Funciona quando estamos com náuseas. — sugeriu, conhecedor das etapas do processo.

Elizabeth acatou a sugestão. Deitou sobre ele. Pousou a cabeça no pelo macio, abandonada contra ele, naquela fraternidade nova e estranha em que os limites do corpo tinham ultrapassado todas as barreiras plausíveis. Sentiu

que a sala tinha parado de girar e ficou muito quieta, tentando controlar a indisposição e as dores crescentes que voltavam lentamente ao seu corpo humano. Adormeceu em cima dele, como se Daniel fosse um leito gigante e macio. Acordou com a voz dele, impregnada de doçura:

— Elizabeth?

Ela abriu os olhos devagar e viu-o vestido, com a túnica quase intacta, resultado de muitos anos de experiência. Respondeu, sem se mexer:

— Não consigo me mover. Estou com muita dor...

Eram três da manhã e estavam todos exaustos. Tinham passado seis horas e aquela havia sido a mais longa transformação de Daniel. Disse, sabendo que mais ninguém teria forças para carregá-la:

— Eu te levo. Vem. Põe os braços em volta do meu pescoço.

Ergueu-a como uma pena e levou-a pelas salas e escadas do Mosteiro até o primeiro andar. Ela encostou a cabeça ao pescoço dele. Aspirou seu cheiro. Gostaria de não estar tão cansada para senti-lo melhor. Encostou os lábios à pele dele, discretamente, quase a beber as pequenas gotículas de suor que se formavam enquanto ele subia as escadas do segundo para o primeiro nível. Daniel estremeceu ao sentir o hálito dela e os lábios quentes, febris, contra sua pele. Estava com os sentidos totalmente despertos. Percebeu o que estava acontecendo e sussurrou, em francês, pedindo que parasse:

— Elizabeth, *arrête*.

— *Non* — rejeitou ela, entre a dor e um impulso de sensualidade.

Estacaram de repente e ela temeu que ele fosse soltá-la, mas tinham chegado ao quarto. Daniel disse com voz forte:

— Alessia, a porta.

Alessia escancarou a porta. Daniel pôs Elizabeth sobre a cama com cuidado, como se ela fosse de vidro. Sabia que a primeira vez era a pior de todas: o corpo inteiro ficava dilacerado. Só começaria a melhorar no terceiro dia, por isso Daniel tinha planejado voltar no dia 13 de janeiro. Mas agora, ao vê-la assim, tinha dúvidas se não precisariam esperar mais alguns dias até ela ser capaz de caminhar de forma segura pelas montanhas cobertas de neve. Aquela era a fase mais frágil do processo: o corpo estava totalmente desprotegido. A vida dela tinha terminado em um mundo e começado em outro.

— Elizabeth, a Alessia vai ajudá-la a trocar de roupa. Se quiser pode tomar um chá, mas ainda não pode comer. Isso iria piorar as náuseas.

— Está bem — respondeu, obediente.

— Amanhã venho vê-la — prometeu.

Ela agarrou a mão dele com o resto de força que tinha:

— Obrigada.

— De nada... — disse, empurrando a lembrança palpitante dos lábios dela para o fundo da memória.

Daniel retirou-se para o quarto e, depois de um longo banho frio, dormiu por mais de quinze horas. Acordou no dia seguinte às seis da tarde. Foi ao quarto de Elizabeth. A porta estava encostada. Empurrou-a ligeiramente, atravessou a antessala e espreitou para a cama. Alessia estava debruçada sobre ela e assim que o viu, parado no umbral da porta, fez um sinal de silêncio com o dedo sobre os lábios. Daniel saiu silenciosamente e esperou por ela no corredor. Ela abraçou-o com carinho e disse:

— Bem-vindo.

— Obrigado. Como ela está?

— Ainda não acordou. Lembra do Dib? Tinha muito mais condicionamento físico e dormiu um dia inteiro.

— Sim... — respondeu, dirigindo-se para a sala.

Todos se levantaram quando Daniel entrou, abraçaram-no, dando as boas-vindas como se ele tivesse chegado de uma longa viagem. E, na verdade, tinha atravessado mundos para voltar ali e sempre era surpreendente renascer: vencer a morte e voltar à vida. Além da alegria por verem Daniel, depois da loucura que tinha feito submetendo-se novamente ao rito, predominava o alívio por Elizabeth ter sido aceita pelo Graal. Era perfeito haver sete Guardiões consagrados novamente. O poder deles, juntos, era absurdo.

— O que aconteceu ontem? — questionou Kent.

— Achei que devia passar pelo rito com Elizabeth.

— Sabemos disso Daniel. Mas foi uma loucura. Podia não ter voltado — insistiu Kent.

— Mas voltei — respondeu, olhando para Uchoa, encostado à pia da cozinha. — Tem algo para comer? Estou faminto.

— Estrogonofe de legumes, com arroz de pinhões e pêssegos em calda de sobremesa. Serve?

— Tem dúvidas? Claro que serve — respondeu bem-humorado, sentando-se à mesa.

— Como se sente? Ontem foi complicado — comentou Dib, se referindo ao tempo em que Daniel ficou preso ao corpo do majestoso leão branco.

— Talvez tenha a ver com a proximidade do outro ritual e com o fato de

agora ser o Supremo. Não sei. Mas tive dificuldade em voltar — confessou, recordando os momentos em que pensou que poderia ficar preso no seu lado felino. Todos sabiam que quanto mais tempo passasse como animal, mais sua humanidade se diluía.

— Você não pode fazer o rito outra vez — frisou Kent tenso, sabendo que não estava pronto para liderar a Ordem se acontecesse alguma coisa com Daniel. Na verdade cada vez menos desejava aquele papel: não se sentia feito para aquilo.

— Agora só daqui a cem anos — respondeu, dando a primeira garfada, com prazer genuíno.

— Está com alguma dor? — perguntou Alessia, colocando um de chá de jasmim junto dele.

— Estranhamente não. Imaginei que hoje não conseguiria levantar, mas meu corpo regenerou-se enquanto dormia. Estou só um pouco cansado. Tenho dúvidas de que Elizabeth melhore até dia 13.

— E se não melhorar? — indagou Uchoa.

— Eu e Dib ficaremos com ela, mais uns dias, e vocês voltam para São Paulo, como planejado.

Depois do jantar, Daniel foi descansar, mas antes voltou ao quarto de Elizabeth. Ela dormia com a cabeça pousada sobre o braço direito e o esquerdo abandonado sobre o lençol imaculado, entregue a um sono profundo e reparador. Daniel observou a respiração compassada. Ela se moveu levemente, ajeitando a cabeça alguns centímetros no encaixe do braço. Ele continuou ali, silencioso, por alguns minutos, até se afastar devagar com o rosto tenso, abalado por uma perturbação interior.

Elizabeth não sabia quanto tempo havia se passado quando acordou, um dia e meio após a Consagração. Sentou na cama devagar, com o corpo dolorido. Teve dificuldade em se levantar. As pernas cediam sob seu peso.

Lembrou que tinha sonhado novamente com os leões brancos. Eles se confundiam com a cor dourada da savana africana, e corriam fustigados por uma brisa quente e suave, mais parecida com um sopro divino do que com o áspero vento da África. Pela primeira vez, os leões do seu sonho pareciam em paz: livres de ameaças ou terrores. Eram seus irmãos, aqueles com quem atravessaria as noites e o futuro. Reconheceu-os um por um, pelo olhar: Daniel, Dib, Kent, Uchoa, Seth e Alessia.

Pousou as mãos sobre a beira da cama à procura de um apoio para se firmar, quando a porta abriu e Alessia entrou, dizendo:

— Não se mova. Pode cair.

Sentou novamente na cama.

— Onde estava indo?

— Ao banheiro — murmurou, como se até a voz lhe doesse.

— Vou buscar ajuda.

Alessia viu Seth no corredor e pediu que levasse Elizabeth ao banheiro. Ele pegou-a no colo, e depois de esperar por ela na porta, trouxe-a de volta até a cama.

— Seja bem-vinda. Como é que se sente? — perguntou Seth.

— Não há nada que não me doa — respondeu, vendo todos entrarem pelo quarto, em uma espécie de procissão.

— Viemos dar as boas-vindas — disse Dib, beijando-a no rosto, seguido de todos os outros, que a abraçavam com o mesmo cuidado de quem toca em um cristal delicado. No fim da fila, Daniel de braços cruzados olhava a cena, com uma expressão divertida.

— Parece que chegou minha vez — comentou sentando-se na borda da cama, sem cerimônia. Segurou a mão dela e beijou-a na palma. — *Bienvenue!*

— Obrigada. Ontem tivemos uma longa noite.

— Ontem? São três da tarde do dia 11 — anunciou Daniel.

— Estou dormindo há um dia e meio? Não é possível — tentou se erguer da cama.

— Não se mexa. Alessia foi buscar um caldo. Vai comer e continuar na cama.

— Por quanto tempo vou ficar assim?

— Três dias. Mas na primeira Consagração a recuperação pode ser mais longa. Temos que esperar para ver como se sente. Não pode descer a montanha enquanto não estiver totalmente recuperada. — Daniel falou, olhando-a fixamente.

— Mas você já está melhor — replicou ela.

— Meu caso é especial. Tenho uma estrutura diferente.

— Por ser o Supremo?

— Sim. E por fazer isto há muito tempo. — Ele inclinou um pouco a cabeça e percorreu o rosto dela vagarosamente, analisando cada milímetro e cada gesto.

— Aqui está o caldo — anunciou Alessia, interrompendo o exame atento de Daniel. Ele deu o lugar a Alessia. Saiu do quarto, acompanhando dos outros. Seth disse para Elizabeth, antes de fechar a porta atrás de si:

— Se precisar, é só chamar. Nós escutamos.

Ela assentiu com a cabeça. Esforçou-se por engolir o caldo e caiu novamente no sono, para acordar apenas no dia seguinte, ao início da noite.

Assim que ela abriu os olhos, Daniel soube. Lembrou imediatamente dos tempos em que Arturo, antes de abdicar do Graal, impressionava todos com sua capacidade de perceber tudo o que acontecia. Agora estava acontecendo com ele. Apesar de já possuir dons verdadeiramente extraordinários, tornava-se ainda mais perceptivo. Caminhou até o quarto dela. Bateu com o nó dos dedos na porta e ouviu-a, mais firme que no dia anterior:

— Entre — sabia que era Daniel. Também ela começava a sentir a presença dos da sua espécie pelo formigamento no corpo, mas com Daniel tinha uma ligação maior.

Ele abriu a porta e viu-a de pé, apoiada na cômoda, ainda hesitante. Caminhou até o meio do quarto para ampará-la, enquanto chamava com voz possante:

— Alessia.

Em segundos Alessia surgiu na porta.

— Quero tomar banho — pediu Elizabeth.

Alessia ajudou-a a caminhar. Daniel viu-as desaparecer pela porta. Elizabeth parecia mais segura, mas não estaria pronta para viajar no dia seguinte.

Meia hora mais tarde, quando Elizabeth entrou na sala de jantar, vestindo pela primeira vez a túnica negra com a cruz vermelha, todos a ovacionaram de pé, fazendo com que se sentisse parte da Ordem. Mas ela só tinha olhos para Daniel, e observou-o, enquanto os restantes se dedicavam à preparação do jantar. Na noite da Consagração, soube que haviam criado uma ligação, porém ele mantinha sua tranquilidade habitual, e não demonstrava qualquer emoção especial ou sinal de se recordar do gesto sensual dela, quando a levava no colo pelas escadas.

Daniel disse, sobrepondo-se ao barulho dos pratos e copos que Uchoa distribuía pela mesa:

— Vocês viajam amanhã, mas eu e Dib ficamos com Elizabeth. Viajamos dia 15, se ela estiver pronta. Seth, por favor, altere nossas passagens.

— O.k. — concordou Seth, provando o molho de cogumelos. — Perfeito!

— O jantar está pronto — anunciou Dib, colocando a travessa de massa fresca com manjeriço no centro da mesa.

Elizabeth percebeu que estava faminta. Alessia avisou-a:

— Coma devagar e pouco.

— Mas estou morrendo de fome... — retorquiu.

— Se comer tudo o que necessita vai passar mal, e voltar à cama. Tem que comer pouco. Está se ajustando às mudanças. Você deixou de ser mortal e, além disso, existe algo de animal no seu corpo — disse Dib, com ar professoral, lembrando-a da profundidade da mudança.

— Tome este chá — Seth empurrou uma xícara fumegante com um cheiro forte, na direção dela. — Não é agradável, mas vai ajudar a manter os alimentos no estômago.

Elizabeth deu um gole e fez uma careta, provocando uma onda de sorrisos.

— O que não te mata, te torna mais forte! — replicou, lembrando a expressão que Maria dizia sempre que ela não queria comer algo que fazia bem, mas tinha um sabor horrível.

Agora sabia que a luz divina entrara no seu corpo, virara tudo do avesso e não lhe escapara nada: nem seu desejo carnal por Miguel, nem seu amor impossível por Daniel. E tinha sido aquela mão divina que revirara seus órgãos, reorganizando-os de uma forma que tornava impossível alimentar-se sem que houvesse uma revolta interior. O corpo se ajustaria com o tempo, mas o espírito prometia uma batalha difícil contra aquela fixação por Daniel. E, contudo, o Graal não a tinha rejeitado ou evaporado da face da terra, como era de esperar.

Por mais que se esforçasse não conseguia ignorar a presença de Daniel, absurdamente felina sob a túnica negra. Não compreendia como não tinha percebido antes: talvez a batina tivesse mascarado o erotismo animal que emanava dele. Ela não sabia que aquilo era um efeito da transmutação: Daniel ainda não tinha recuperado totalmente sua faceta humana, e persistiam resquícios do animal que fora, três dias antes. E nela também e, por isso, seu corpo rejeitava a comida — aquela comida. Para o mal-estar passar bastaria que ela comesse carne crua. Mas essa era uma realidade que desconhecia: era o lado negro dos Guardiões, a maldição que precisavam ocultar e combater. Era parte do preço que pagavam: havia a solidão e aquela sede brutal por sangue, que os aproximava da animalidade.

— Queria fazer uma pergunta... — disse Elizabeth hesitante, tentando controlar a fome e o impulso de atirar-se à comida com desespero. Estava

travando uma verdadeira guerra contra os instintos, desconhecendo até onde a poderiam levar. Daniel observava todos os movimentos dela, imaginando o estrago que uma jovem fêmea, com os instintos predatórios descontrolados, poderia fazer no Mosteiro. Preocupava-se com as obras e as relíquias das quais eram Guardiões. Não tinha qualquer preocupação com os outros: todos se defenderiam sem feri-la. Mas até as dores desaparecerem ela corria o risco de se transformar novamente, mediante qualquer estímulo mais forte.

— Sim? — questionou Daniel, depois de engolir uma garfada de macarrão.

— Por que leões?

— Não é uma escolha nossa. Mas faz todo o sentido que os Guardiões sejam leões brancos: são animais sagrados que representam o bem. Os mitos sobre os leões brancos são antigos e estão presentes em quase todas as culturas.

— Mas há outros animais sagrados.

— Não como os leões brancos. Nenhum é mais sagrado. Eles causam terror e admiração. Estão associados à coragem, justiça, poder, sabedoria e triunfo da verdade. O trono de Salomão era ornamentado por leões.

— Por isso me deu o Fabergé com leões... Não foi?

— Sim, foi um presente simbólico — confirmou, com simplicidade. — Na Idade Média surgiu uma lenda que diz que os leões nascem mortos e ressuscitam três dias depois, pelo sopro do seu Pai. Esta lenda é confundida com a morte e a ressurreição de Cristo.

— Nós também levamos três dias para nos curarmos — comentou Elizabeth, se lembrando do que Daniel dissera.

— Exatamente. Entre os cristãos, os leões brancos são os anjos que espalham a palavra de Deus e guardam os segredos. Alguma semelhança? — insistiu Daniel, divertido.

— A lenda é sobre nós.

— Não. Nós somos a lenda. As lendas — repetiu categórico, deixando cair as palavras no silêncio calmo da sala.

Nessa noite, Elizabeth dormiu com fome. Acordou às três da manhã pronta para devorar o mundo e quando abriu a porta do quarto estacou surpresa: Daniel estava à sua espera.

— Como sabia? — perguntou Elizabeth, desesperada.

— Fome? — questionou, sem responder. Em breve ela descobriria que todos tinham a habilidade de sentir parte do que acontecia com os outros.

— Sou capaz de engolir qualquer coisa...

— Venha. Vou preparar um lanche para você.

Fez um prato de iogurte com cereais leves e vários frutos secos.
Aconselhou:

— Coma devagar.

Nesse momento Dib apareceu na sala:

— Tudo controlado, certo?

— Não — respondeu Daniel, fazendo um gesto com a cabeça em direção a Elizabeth. Ambos viram como as veias dela se dilatavam e os olhos brilhavam de forma mais intensa. Sentaram junto dela, um de cada lado. E ali ficaram até que ela terminasse de comer:

— Mais — disse, com uma gota de iogurte brilhando no lábio superior. Daniel pegou no guardanapo e limpou a boca. De repente, ela se atirou em cima dele: os braços se projetaram para diante e o corpo criou o impulso necessário para o salto. Mas Daniel estava preparado e abraçou-a na queda, pegando-a por trás, com o braço fechado sobre o pescoço, forte o suficiente para imobilizá-la sem ferir. Em segundos a sala se encheu de Guardiões. Daniel continuou com o braço fechado até senti-la relaxar o corpo tensionado.

— Elizabeth — chamou com a boca encostada ao seu ouvido. — Elizabeth!

— Que aconteceu? Não consigo respirar — queixou-se deitada no chão, percebendo que Daniel a segurava. Ele afrouxou o braço musculoso, mas não a soltou totalmente. Dib avaliou as nuances dos olhos dela.

— Pode soltar Daniel — afirmou Dib, seguro de que ela estava mais tranquila.

— Estou com tanta fome — disse Elizabeth, levantando do chão.

— Sabemos. Uchoa vai preparar mais um prato de cereais... — respondeu Daniel, de pé, se posicionando atrás da cadeira onde ela havia se sentado.

— Não... Quero carne. Eu preciso — insistiu já sentada, com a cabeça apoiada entre as mãos.

— Somos vegetarianos, lembra? Não comemos nenhum ser vivo.

— Mas é só no que consigo pensar. Meu corpo precisa de carne — disse, se voltando para trás, olhando diretamente para Daniel. Ele viu os seus olhos turvos adquirirem novamente o brilho felino do animal que agora era parte dela. Pôs as mãos sobre o pescoço, com firmeza, baixou-se e disse delicadamente:

— Agora vai comer cereais. Coma, Elizabeth.

Ela olhou para o prato que Uchoa colocara à sua frente, e sentiu náuseas. Não era aquilo que queria. Mas as mãos firmes de Daniel empurravam-na para baixo, e mantinham sua cabeça voltada para o prato.

— Não — respondeu ela tentando dar um salto para se libertar, como um animal enjaulado. Ele apertou um pouco mais seu pescoço e a manteve imóvel.

— Coma. Seu corpo vai melhorar. Esses são alimentos preparados para diminuir sua ansiedade e agressividade. Coma, Elizabeth.

Apesar de Daniel não fazer esforço, ela sentia que havia uma tonelada sobre seu pescoço. Não conseguia erguer a cabeça. Pegou a colher e levou-a à boca devagar, combatendo as náuseas. Limpou o prato, colherada após colherada. Daniel foi afrouxando o peso sobre ela. Quando ela terminou, ele soltou-a lentamente, vigilante. Sentou-se ao lado dela, estudando-a com olhos perspicazes, como vinha fazendo desde a noite da Consagração.

— Por que me sinto assim?

— Ainda tem muita fome?

— Sim — respondeu mais calma, embora só conseguisse pensar em se alimentar.

— Seth, a infusão está pronta?

— Aqui está — respondeu, entregando uma xícara fumegante, com estranhas ervas.

— Beba, Elizabeth — ordenou Daniel, levando a xícara junto aos lábios dela e afastando uma mecha de cabelo do seu rosto. Ela deu um trago e as náuseas voltaram.

— Não consigo.

— Consegue sim. Beba — insistiu.

Quando ela terminou, sentiu o corpo acalmar e a racionalidade voltar. Tinha a sensação de ter estado em um lugar escuro, mas não se recordava muito bem. Finalmente todos se afastaram, desfazendo o cordão humano que haviam formado em volta dela.

— O que aconteceu?

— São quase quatro da manhã. Vamos descansar mais uma hora, porque eles têm que viajar daqui a pouco. — Lembrou Daniel apontando em direção a Seth, Uchoa, Kent e Alessia.

Ela levantou da cadeira e quase caiu. Daniel amparou-a e levou-a no colo até a cama, totalmente adormecida, sob o efeito anestésico do chá. Alessia cobriu-a e comentou:

— Deve ter sido o último ataque, não?

— Talvez... É o terceiro dia. Vamos ver como ela acorda. Acho que vai dormir o dia todo.

25. A traição

É preciso ter demasiadas ilusões para se desejar o poder, demasiada vaidade para se desejar a glória.

Marguerite Yourcenar (1903-1987)

Miguel percebeu, mesmo estando a milhares de quilômetros de distância, que Elizabeth se tornara uma Guardiã. A quantidade de energia liberada em um evento raro como aquele atravessava o planeta como uma excepcional descarga de eletricidade.

Saber que agora ela era uma Guardiã tornava-a ainda mais preciosa. Única. Estava apaixonado, mas não pretendia abdicar dos seus planos. Pelo contrário: sua paixão por ela abriu novas possibilidades. Se antes ela era uma forma de chegar ao Mosteiro, agora era isso e muito mais. E, contrariamente ao que os Guardiões podiam imaginar, nunca equacionou a possibilidade de assassiná-la. Sabia como manter-se jovem e não precisava dela para obter a imortalidade. Ele tinha outros planos: menos dramáticos, porém, bem mais maquiavélicos.

Miguel não gostava de alterar seus planos depois de traçados. Mas seu sentimento por Elizabeth era importante demais para continuar a farsa de trazê-la para a Irmandade da Fênix sob o pretexto de descobrir o passado ou futuro, para redimi-los das suas tragédias pessoais. Miguel alcançara o objetivo inicial, de se aproximar de Elizabeth. Pediu que Tereza marcasse uma reunião para encerrar de vez o assunto de Elizabeth. Não precisava deles para aquele caso, mas reconhecia que cumpriam sua missão, dando

credibilidade à Irmandade através do trabalho humanitário. Lembrou das viagens que fez pelo mundo, deixando trilhas de sangue, dizimando pessoas e animais nas suas caçadas, sem que suspeitassem dele. O que mais o divertia era a tentativa posterior das pessoas racionalizarem o inexplicável: em geral atribuíam poderes sobrenaturais à criatura que comia os homens. Falavam de um leão branco que seria descendente dos próprios deuses e havia descido à terra para puni-los.

A reunião foi marcada para 13 de janeiro, e ele sabia que ninguém se atreveria a contrariá-lo. Miguel tinha os traços dos homens que querem igualar-se aos deuses sem, no entanto, possuírem qualquer das suas virtudes. Sua ira era uma forma de instrumentalizar o poder, mostrar sua força e a capacidade de destruir qualquer um que se atrevesse a enfrentá-lo.

Kent, Uchoa, Seth e Alessia voltaram para São Paulo, enquanto Daniel e Dib continuavam esperando que Elizabeth melhorasse, vigiando seu sono e as alterações do seu corpo.

No início da noite ela acordou, com memórias fragmentadas dos últimos dias. Olhou em volta e percebeu o silêncio — não um silêncio qualquer, daqueles que acontece entre uma coisa e outra, mas um silêncio compacto, que preexiste a tudo. Levantou, atravessou o quarto, descalça, e tomou um banho, deixando a água massagear o corpo ainda dolorido.

Ouviu Daniel e Dib, e seguiu as suas vozes até a sala. Dib estava cozinhando um aromático *curry* de legumes, que impregnava tudo. Daniel cortava finamente algumas frutas em calda para colocar em cima da torta doce que tinha preparado. Elizabeth cumprimentou-os com um beijo no rosto e pegou em um copo de água, que bebeu em pequenos goles. Dib perguntou:

— Dormiu bem?

— Sim, obrigada. E os outros?

— Já desceram.

— Então suponho que dormi mais um dia, é isso? — disse, sorrindo.

— Dia 13 de janeiro... Seis da tarde — comentou Dib, sorrindo de volta.

— Só dormi desde a noite da Consagração.

— Acho que agora está recomposta. Não é, Daniel? — perguntou, virando-se ligeiramente para Daniel que continuava fatiando as peras e lichias com a perícia de um chef.

— Sim. Imagino que esteja com fome. O jantar estará pronto em dez

minutos. Ou quer comer alguma coisa já?

— Não... Estou com fome, mas espero.

Daniel distribuiu as frutas brilhantes pelo efeito da calda açucarada, sobre a torta. Passou água gelada pelas mãos e secou-as com a toalha. Colocou a sobremesa estrategicamente sobre a mesa enquanto Dib arrumava o arroz branco em uma travessa e o *curry* em outra — belíssimas louças do século xv, das oficinas italianas de Faenza e Urbino.

Jantaram em silêncio, saboreando a comida devagar. Elizabeth ficou saciada e depois da sobremesa achou que aquela tinha sido a melhor refeição da sua vida. Ofereceu-se para lavar a louça, mas Dib não aceitou:

— Descanse. Precisa de toda a energia para se regenerar completamente e podermos viajar.

— Quando voltamos? — perguntou para Daniel, que estava guardando as comidas e louças.

— Depois de amanhã. Talvez. Depende de você.

— Já me sinto bem.

— Ainda tem dores — afirmou Daniel, profundo conhecedor do processo.

— Não pode descer a montanha assim. É muito arriscado. Temos que esperar.

— Só quando não sentir dores é que posso descer?

— Sim, mas agora o processo é rápido. Depois de amanhã já deverá estar recuperada — disse Dib, da cozinha. — Estou preparando um chá para você, Elizabeth.

— Outro chá? Cada vez que bebo chá durmo um dia inteiro.

— Este não é para dormir — respondeu Dib, rindo. — É só para o espírito.

— Jasmim? — perguntou Elizabeth.

— Flor de jasmim — corrigiu Dib, com preciosismo.

— Perdoe-me a incorreção — brincou.

Daniel interrompeu a conversa e disse, afastando-se em direção aos quartos:

— Vou descansar. Tenham uma noite tranquila.

Dib e Elizabeth seguiram-no pouco depois de terminarem o chá. Ela ainda se sentia cansada e com o corpo moído, embora não fosse nada comparado aos dias anteriores.

Em São Paulo, Miguel chegou à reunião da Irmandade com alguns dossiês

de papel debaixo do braço. Deu início à sessão, sem demora, sentindo que havia alguma tensão no ar.

— Acredito que já sabem que Elizabeth saiu da UniTouch... — disse, olhando para Tereza e Penafor, as duas pessoas que poderiam ter transmitido aquela informação ao resto do grupo.

— Sabemos — confirmou Frederico. — A questão é o que iremos fazer agora.

— Você ficou de trazer Elizabeth para junto de nós, não foi Miguel? Foi um compromisso seu, se bem me lembro — disse Tereza, provocando-o até o limite possível. Miguel olhou-a divertido e respondeu tranquilamente, com os lábios estendidos em um sorriso sensual:

— Verdade. Eu não a trouxe para junto de nós, mas para junto de mim. Lamento.

A sala mergulhou no silêncio. Tereza irritou-se. O final do ano deixou um rastro de novas promessas e ser mais feliz era um desejo que parecia depender exclusivamente dela. Iniciara um tórrido romance com Penafor, mas Miguel ainda continuava latente como um vírus pronto para atacar, quando as condições o permitissem. E ali estavam as condições: a clara expressão do desejo dele por outra mulher, depois de ter esperado uma década em vão. Penafor interveio, sentindo-se ludibriado, como todos os outros, e embora estivesse alheio ao que se passava dentro de Tereza, sua intervenção acalmou-a.

— Você se aproximou de Elizabeth, e nós ficamos sem descobrir o que pretendíamos.

Miguel começou a folhear os dossiês e respondeu, surpreendendo-os:

— Não. Todos terão o que queriam. Frederico, aqui estão os nomes das pessoas que o torturaram quando esteve preso durante a ditadura e este — apontou o nome sublinhado a vermelho — foi quem o denunciou.

Instantaneamente, todos ficaram paralisados. Frederico estendeu o braço devagar para pegar o dossiê. Miguel deixou-o ler os nomes. Um ou outro eram nomes familiares, gente que Frederico conhecia, encaixados na normalidade, como se nada tivesse acontecido e eles nunca tivessem torturado ou denunciado ninguém durante a ditadura no Brasil. Miguel continuou:

— Georgia. A localização do capitão que a manteve prisioneira por três meses — relembrou, provocando um tremor no corpo dela pelas memórias violentas. Em 1998, durante o sangrento conflito no Kosovo entre o ELK

(Exército de Libertação do Kosovo), um grupo paramilitar de origem albanesa, e os sérvios comandados por Milošević, a família de Georgia foi assassinada e ela foi prisioneira de um capitão de Milošević, que a atacou diariamente.

— Obrigada — foi tudo o que conseguiu dizer. Tinha esperado tanto tempo por aquilo, imaginado milhares de maneiras de fazê-lo pagar, sofrer. E agora não sabia o que fazer.

— Penafor. A pessoa que matou seu pai. Acidentalmente — enfatizou Miguel. Penafor deu a volta à mesa e recebeu o dossiê com os maxilares apertados, sem saber se era desespero ou alívio. Agora teria que fazer alguma coisa, já não se tratava daquele fantasma distante que levava seu pai. O fantasma tinha nome e rosto. Deixou desabar o corpo na cadeira, em um movimento contínuo. Ficou em silêncio dando voltas ao dossiê, sob o olhar tenso de Tereza.

Miguel continuou:

— Ambrósio e Kami: ninguém pode devolver o que vocês perderam. As pessoas não voltam. Infelizmente — disse, como se pensasse em alguém específico. — Precisamos aprender a viver com suas perdas. Não sei se Elizabeth poderia lhes dar alguma esperança. A verdade é que a redenção que buscam não existe fora de vocês. São vocês que têm que se salvar. É simples.

Tanto Ambrósio quanto Kami haviam perdido suas famílias de forma violenta.

Ambrósio apaixonara-se por Nanaia, uma professora tutsi, em Ruanda, mas em 1994 eclodiu o mais violento conflito entre as duas etnias dominantes: os hutus, criadores de gado, e os tutsis, agricultores. Esse conflito, iniciado por extremistas hutus, foi responsável pela chacina, com golpes de machado e catana, de oitocentos mil tutsis e hutus moderados. E Nanaia, grávida de seis meses, foi assassinada, com vinte e sete golpes.

No caso de Kami, a desgraça veio de dentro da sua própria casa. Ela conheceu John Stuart no Havaí, onde morava. Casou com ele aos dezoito anos, e tiveram duas filhas. Anos depois, John começou a beber e tornou-se violento. Kami decidiu deixar a ilha com as filhas, mas ele descobriu e, num ataque de fúria, matou as filhas a tiro, baleou Kami e suicidou-se. Kami se recuperou depois de um mês em coma, mas nunca mais foi a mesma.

— Como conseguiu isto? — perguntou Georgia, com a pasta aberta à sua frente.

— Não importa — respondeu Miguel, sem revelar que contratara

investigadores, e estava na posse daquela informação havia um par de anos, aguardando o momento certo. — Era o que queriam, por acharem que daria paz a vocês. Está aí. E o que farão é um problema das suas consciências: podem fechar o ciclo com o perdão ou com a vingança. Vocês é que sabem.

— Tudo o que procurei, está aqui. Na minha mão — enfatizou Penafor, incrédulo.

— Mas agora você tem outra coisa, Penafor — disse, com um toque de sadismo. — Tem Tereza. Podem começar uma vida. Este momento da decisão é crucial. Vai definir quem são.

Tereza observou-o, sem saber se ele estava sendo irônico ou não. Mas Miguel parecia indiferente a tudo, e com um gesto natural, preparou o fim da reunião. Ela gostaria de saber se ele amava Elizabeth. Mas não podia perguntar, e também não queria mexer naquela ferida, ainda mal cicatrizada. Precisava ficar ao lado de Penafor naquele momento.

No dia 14 de janeiro aconteceu o encontro entre Bardas e Queiroz. Eles se cumprimentaram como se estudassem um adversário com quem travariam difíceis batalhas. Mas depois dos momentos iniciais, pareceram se reconhecer sob a superfície polida do profissionalismo, e começaram a falar como velhos amigos, usando jargões similares e o mesmo tipo de raciocínio, um guiando o outro em cada caso: Bardas contando os detalhes do “caso das relíquias” e Queiroz os do “caso do padre”, como era conhecida a investigação sobre o assassinato de Bento. O encontro deu-se no pequeno gabinete de Queiroz, recém-reformado. Queiroz, avesso a gastanças do dinheiro público e defensor da parcimônia, mandara demolir seu gabinete imenso e fazer salas maiores para os seus detetives. Essa foi a última história que correu na cidade, à boca miúda, engrandecendo-o aos olhos da população, até o dia em que alguém contou o caso na internet e transformou Queiroz em celebridade. Agora, em certos lugares por onde passava, parecia um candidato em campanha eleitoral. Por essa razão não tinha ido receber Bardas no aeroporto, mas pediu a um motorista da Polícia que fosse. Bardas agradeceu a gentileza, especialmente após uma viagem tão longa. E aquele fato já pesou positivamente na avaliação que fez de Queiroz antes mesmo de conhecê-lo.

Ao longo do dia, se aproximaram bastante e Bardas notou que Queiroz era muito mais sistemático do que ele, e isso, na área da investigação, era uma excelente notícia.

Saíram do Mosteiro às oito da manhã, sob o efeito tardio dos primeiros raios de luz do inverno, que teimavam em atravessar as nuvens espessas. Caminharam devagar, com Elizabeth entre Daniel e Dib. A descida era mais perigosa que a subida: qualquer tropeço poderia ser fatal e atirá-los para uma queda terrível.

Elizabeth sentia-se mais forte. Achava que tinha ganhado poderes de supermulher e esforçava-se para controlar a força, que aumentava gradualmente. Naquela manhã, quebrara a xícara de chá sem querer ao segurá-la com a mão.

A descida levou mais tempo que a subida, dias antes. Pararam duas vezes para tomar chá quente, que levavam nas pequenas garrafas térmicas, e comer barras de frutos secos e mel, preparadas por Daniel na véspera.

Chegaram à base da montanha quase ao fim da tarde. Os bascos do aconchegante albergue esperavam por eles com uma refeição nutritiva: uma sopa de legumes encorpada com massa recheada de queijo. Eles comeram, trocaram de roupa e seguiram para Madri, no jipe que ficara estacionado na parte de trás do albergue.

Horas depois, quando entraram no aeroporto, Daniel estranhou a presença insistente de um homem que se posicionou próximo deles, e os seguiu até ao check-in. Podia ser uma coincidência, embora essa palavra estivesse banida do vocabulário de Daniel. Mas sua estranheza inicial se transformou em preocupação ao perceber que o homem seguia no mesmo voo que eles, e estava sentado a poucas cadeiras de distância. Falou baixo para Dib, aproveitando a ida de Elizabeth ao balcão de doces:

— Temos problemas.

— À direita, não é? — respondeu Dib, impressionando Daniel pela sua atenção aos detalhes.

— Acho que é conosco. Tem uma tatuagem na parte de trás do pescoço — avisou Daniel.

— Também vi, mas não consegui perceber o que era...

— Descobrindo a tatuagem, podemos saber quem é. Passe por trás dele — sugeriu Daniel.

Dib foi ao encontro de Elizabeth, escolhendo um percurso que lhe permitiu passar por trás do desconhecido. No balcão, onde Elizabeth se encontrava, perguntou, ao ver a quantidade de doces que ela estava comprando:

— O que foi?

— Não sei. Nunca senti essa necessidade de comer açúcar — justificou-se, preocupada.

— Tem a ver com as mudanças do seu corpo — justificou Dib, enviando uma mensagem pelo celular, para Daniel. — “*Gato.*”

— E vai ser sempre assim? — perguntou Elizabeth, baixinho.

— Não. Só em certas épocas, quando tiver que... — hesitou à procura das palavras — assumir sua nova personalidade.

— E com que frequência isso acontece?

— Temo que seja uma frequência excessiva. No entanto, uma vez por ano terá que libertar essa... personalidade — informou baixo. — Depois explicamos como lidar com isso.

— Que trama interminável de segredos — reclamou.

— O segredo é...

— ...a alma do negócio — Elizabeth completou o ditado popular, com um sorriso.

— Não. O segredo é o nosso negócio — corrigiu em tom de brincadeira, segurando-a pelo braço para guiá-la de volta à cadeira. Mas ela desprendeuse suavemente:

— Vou comprar bolachas ali... — disse apontando para a loja da frente.

— Traga um pacote para mim também — respondeu, caminhando de volta, para junto de Daniel. Assim que se sentou Daniel disse, entredentes:

— Um gato. Pode significar tanta coisa, mas pelo estilo dele parece ser da Máfia do Leste.

— Por que essa hipótese entre tantas?

— Bardas estava investigando a ligação entre MacGee e um russo, Vladimir Botkin.

— Lembrei. Então neste caso o gato significaria que ele é um ladrão.

— Exatamente. Vou mandar um e-mail para o Bardas. Ele já está em São Paulo com o Queiroz. Se for a Máfia não queremos nada com eles. Isso é assunto de polícia. Voltamos à divisão básica das tarefas: a nós os segredos, à polícia os corpos e à igreja as almas — resumiu Daniel com ironia.

— Acho bom — respondeu Dib, se dirigindo à loja onde Elizabeth estava, assim que viu o homem com a tatuagem do gato levantar-se. Dib e Elizabeth voltaram algum tempo depois com um saco cheio de bolachas e outros doces.

Enquanto isso, Daniel mandou um e-mail detalhado a Bardas:

Saímos de Madri às 00h40m, no voo 992 da Ibéria. Chegaremos a São Paulo às 06h30m — horário local. Acredito que somos seguidos por um sujeito do Leste europeu, com um gato tatuado na parte posterior do pescoço. Talvez fosse interessante investigar. Não se preocupe com a nossa segurança, concentre-se nele: um metro e oitenta, cabelo loiro, olhos azuis, uma cicatriz de dois centímetros sobre a sobrancelha direita, jeans escuro, pulôver verde-escuro, casaco de pele castanho e botas pretas. Em anexo, a foto.

Daniel

Em seguida telefonou para Kent:

— Podemos ter problemas, com um desdobramento dos acontecimentos da Casa do Lago.

— O que temos que fazer?

— Preciso de dois carros no aeroporto: um para nós e outro para proteger nossa retaguarda.

— Lá estaremos.

— Obrigado Kent.

A viagem foi tranquila, exceto por uma pequena turbulência a meio do caminho. O russo, como o chamaram por questões de conforto, foi sentado na traseira do avião e não se moveu durante o percurso. Daniel e Dib revezaram-se para dormir, de forma a não deixar Elizabeth desprotegida em momento algum, embora ela fosse sentada junto à janela, com Dib ao seu lado, bloqueando qualquer pessoa que tentasse chegar até ela.

Ela preferia que Daniel tivesse ficado ao seu lado, mas ele parecia não fazer a menor ideia sobre os sentimentos dela, comportando-se friamente, quase de forma britânica. Ela desconhecia que Daniel se mantinha distante por sentir-se cada vez mais atraído por ela, e precisar manter as suas emoções controladas.

Desde que se aproximara de Elizabeth, Miguel pensava mais em Arturo e na forma infeliz como a relação deles terminara, centenas de anos antes.

Tudo começou quando ele defendeu que o cargo do Supremo devia ser rotativo. Acreditava que cada um dos originais, que viveram em Montségur — Arturo, Daniel e Miguel —, deveria ser Supremo por cem anos, para que todos vivenciassem o conhecimento pleno, acessível apenas ao Guardião

máximo. Mas Arturo e Daniel defendiam a antiga lei, herdada dos Guardiões iniciais, que previa um único Supremo, substituído apenas em caso de morte. Miguel argumentava que a lei foi escrita antes da Consagração e, portanto, da imortalidade.

Arturo era o Supremo desde 1244, quando deixaram Montségur, e era respeitado pela sua sabedoria. Ele sempre fora o mais sábio, e sabia o que fazer e o que dizer em todas as ocasiões. Depois da Consagração, quando se tornou visivelmente mais iluminado, os sentimentos de Miguel mudaram. A admiração transformou-se em inveja, uma sensação que lhe causou inquietação e sofrimento. Desejava o lugar de Arturo: queria ter acesso aos segredos absolutos do Graal e controlar a Chave dos Segredos. Porém, antes dele, havia Daniel, o segundo na hierarquia. Além do desejo pelo poder, Miguel também se cansara das rigorosas regras e desejava ser livre, com uma frequência crescente.

Quando notou a presença das sombras era tarde demais. No dia em que Miguel, em vez de ajudar Arturo, sentiu prazer com seu sofrimento, a trajetória deles se alterou.

Miguel saiu da Ordem no dia 13 de agosto de 1307, dias antes dos tesouros serem transferidos para o Mosteiro, cuja localização, na época, era conhecida apenas por Arturo e De Molay, o grão-mestre Templário. Exatamente dois meses depois, a 13 de outubro, aconteceu a prisão dos Templários, e embora ninguém tivesse provado qualquer relação entre a saída de Miguel da Ordem e a queda dos Templários, muitos tinham aquela dúvida latente.

Ao abandonar a Ordem, Miguel levou algumas das relíquias. Primeiro, tentou apropriar-se do “Pergaminho da Luz”, mas assim que tocou nos textos, uma chama queimou a mão direita. E, desde então, sempre que tentava entrar em um espaço sagrado, sua mão ardia como se o fogo divino queimasse sua carne, provocando uma dor insuportável. Além disso, ao transformar-se em leão, sua pata ficava negra, para recordar o pecado que havia cometido.

Embora Miguel não tivesse levado os textos, roubou o Cálice e o Anel de Salomão, dois dos objetos graálicos, e vendeu-os por um preço absurdo, dando início a uma fortuna que só aumentaria com o passar dos anos. Levou também três páginas do Códice Giga. Não sentia remorsos nem era assolado por qualquer resquício de culpa. Para ele, tinha sido um gesto necessário, de sobrevivência — nem bom, nem mau. Naquela época, acreditava que as relíquias pertenciam ao mundo, embora pensasse que tinha “jogado pérolas aos porcos”, porque nenhum dos seus proprietários descobrira a

grandiosidade e magnitude das revelações que encerravam. Aquilo o fazia desprezar ainda mais a falta de inteligência da humanidade.

Bardas compartilhou o e-mail de Daniel com Queiroz, que enviou policiais para o aeroporto, com instruções de seguirem o russo, e fotografarem todos com quem ele fizesse contato.

Durante o almoço, à frente de um fabuloso bife à parmegiana, Bardas revelou a teoria que ganhara força na sua mente, e na qual vinha se debruçando com afinco.

— A verdade, Queiroz, é que os tais objetos que estão sendo caçados pela Europa têm algo místico. Verdadeiros ou não, eles são a razão desta matança desenfreada.

— Correto. Só não compreendo como o padre se encaixa nisso — resmungou Queiroz, enquanto enfiava uma garfada de arroz branco na boca.

— Também não sei. Se não fosse o veneno, diria que são casos diferentes. Mas vamos por partes, que chegaremos lá. Então, os objetos estão por trás disto. O Núcleo Europeu Contra o Crime Organizado, do qual faço parte... já disse, não é?

— Sim, sim...

— Bem, o Núcleo está investigando um grupo violento da Máfia russa, responsável por traficar arte, e que deixa um rastro de sangue por onde passa. Com a crise e a contínua derrocada do Leste europeu, o crime é um mercado em expansão.

— Mas quem compra, se há crise? — indagou Queiroz.

— É uma lógica perversa. Quem compra não está em crise. É um investimento seguro. E eu acho, cada vez mais, que tudo isto está ligado a esse grupo. Talvez seja uma facção mais sofisticada de assassinos e ladrões, que trabalhe para o grupo.

— E a presença de MacGee na Casa do Lago?

— Tem que compreender que, se eles andam caçando obras de arte, Arturo era um alvo perfeito. E com a morte dele, sobrou Elizabeth, a herdeira. Claramente MacGee não esperava encontrar resistência na sua aproximação da casa, ou talvez estivesse apenas fazendo uma avaliação inicial. O certo é que estava muito ferido e se matou para não falar, o que também faz parte do código sanguinário da Máfia.

— E escolheu o veneno da KGB — comentou Queiroz, ajudando Bardas a

compor o cenário.

— Sim... O crime organizado do Leste é formado por muitos dos antigos agentes das polícias secretas. Gente fria e impiedosa — disse, sacudindo a mão, com a expressividade espanhola.

— Completos psicopatas — acrescentou Queiroz, sem meias palavras, chamando o garçom para pedir mais uma água.

— A questão é que eles estão atrás de alguma coisa que agora pertence a Elizabeth Blanchefort, e não vão descansar até conseguir. O que significa que ela está em risco.

— Ajudaria se soubéssemos o que é!

— Certamente... Mas ela herdou uma fortuna incalculável em obras de arte. Uma pequeníssima parte está em Puebla de Sanabria. A maioria está em bancos na Suíça, fora o que está aqui no apartamento de São Paulo e, talvez, noutras cidades. Neste momento, acredito que os assassinos querem algo muito valioso, que deve estar fechado em algum banco. Então vamos ter que resolver o caso sem sabermos qual é o terceiro objeto...

— Pensando bem, não faz falta. Estamos seguindo o russo — afirmou Queiroz, pragmático.

— O que me leva a outro assunto: o MacGee tinha um associado, Vladimir Botkin. E veja o que acabei de receber: comparando a foto enviada por Daniel, com a que foi tirada pelo seu agente, esta manhã no aeroporto, e a que acabei de receber dos nossos arquivos... — disse Bardas, mostrando as fotografias no celular.

— São a mesma pessoa. Agora não nos restam dúvidas que estão atrás de Elizabeth. Tenho que mandar gente para lá... — afirmou Queiroz.

— Não — rejeitou Bardas, movendo a mão para enfatizar sua opinião. — Eles não querem.

— Eles quem?

— Kent, Daniel e mais alguns amigos de Arturo. Ela é protegida deles, e não tem nenhum familiar. Eles eram amigos do pai...

— Mesmo assim vou perguntar ao Kent se precisam de algum reforço. E nós vamos nos concentrar no Vladimir — após uma breve pausa, murmurou pensativo: — Ainda não sei como se enquadra o padre Bento em tudo isto.

— Talvez devêssemos pensar que mataram Bento pela proximidade com Elizabeth. Como um aviso. Eles eram muito próximos — adiantou Bardas, como se pensasse em voz alta.

— Ele seria o equivalente a um familiar dela, já que ela não tem ninguém

- disse Queiroz, tentando acompanhar a hipótese de Bardas.
- Sim... Nos casos da Europa mataram várias pessoas da mesma família.
- É uma hipótese interessante, mas não explica a facada no coração depois de Bento morto.
- Explica sim: simbolicamente é um aviso.
- Não um aviso de que irão atacar o coração da Igreja, como diz Camaratte, e sim um aviso de que podem atingir Elizabeth — deduziu Queiroz, embora ainda não estivesse convencido.
- Talvez seja necessário pensarmos mais sobre isto — sugeriu Bardas, também reticente.
- Concordo — disse Queiroz, pagando a conta.

O celular tocou com insistência. Elizabeth soltou o livro em cima do sofá e atendeu. Desde que voltara do Mosteiro, pensava em ligar para Miguel. Agora não havia como adiar mais.

- Miguel — disse, em tom de cumprimento.
- Você está bem? — perguntou, mostrando que aquele era o real motivo para telefonar.
- Dentro do possível. Ainda estou absorvendo informação...
- Imagino. Compreende que eu não tinha como explicar nada, não é?
- Sim — afirmou ela, em uma conversa que só os dois pareciam compreender.
- Só queria saber como está. Acredito que necessite de tempo.
- Necessito sim... Mas quero entender como é que você consegue...
- Miguel interrompeu-a, sabendo que ela iria perguntar como ele mantinha sua juventude sem a Consagração:
 - Não vamos falar sobre isso ao telefone. Quando estiver melhor, jantamos. O que acha?
 - Sim, mas não sei quando será. Não posso sair de casa.
 - Por quê? — perguntou preocupado.
 - Parece que há um assassino interessado em mim.
 - Um assassino? — Miguel ficou surpreso.
 - Da última vez que estive em Puebla de Sanabria, apareceu lá um homem que acabou por se suicidar. A polícia descobriu que ele está ligado a uma série de assassinatos motivados pela busca de duas relíquias: o Cálice de Cristo e o Anel de Salomão. Sabe do que falo, não é? — perguntou,

insinuando que Miguel tinha aquele conhecimento por ter sido um Guardião.

— Sei exatamente do que fala — respondeu com a voz séria. — E o que é que o assassino pode querer de você, já que não possui nenhuma das relíquias?

— A teoria é a de que ele quer algum outro objeto valioso.

— Que objeto?

— O punhal com a esmeralda — disse, após uma breve hesitação, esperando que Miguel entendesse o que aquilo significava.

— Sei... — murmurou sem compreender como alguém podia estar à procura das relíquias e também do punhal. Pouquíssimas pessoas sabiam que Arturo tinha ficado com o punhal, e só ele conhecia seu poder. Aquelas informações deixaram-no em estado de alerta.

— E além do incidente da Casa do Lago, fomos seguidos de Madri até São Paulo, por um homem que parece ser da Máfia do Leste Europeu.

— Máfia? — perguntou, genuinamente surpreso.

— É um homem que está ligado ao que foi à Casa do Lago e parece fazer parte de um grupo da Máfia dedicado ao tráfico de obras de arte. É confuso?

— Não. Por que não me contou isto antes? — quis saber, cada vez mais preocupado.

— Não o conhecia o suficiente... — justificou, dando a entender que além de não saber quem ele era, também não confiava nele. — E há muita gente envolvida...

— Sei que há, mas a Máfia tem um código próprio: é cruel e determinada. Se as pessoas estão marcadas, eles caçam até o fim. Podem prender esse assassino, mas virá outro, e mais outro, até eles conseguirem o que querem.

— Eu sei. Por isso não saio de casa, até resolverem o caso.

— Quem vai resolver o caso?

— A polícia já sabe quem são. Estão tentando estabelecer quais as conexões, aqui no Brasil.

— Então já têm pistas? — perguntou, assimilando rapidamente a informação de que um dos criminosos estava no Brasil.

— Sim.

— Menos mal. Não saia mesmo de casa. Eu telefono para saber como está.

— Sim... — acatou, com um sorriso na voz.

Ao desligar o telefone, Miguel ouviu um clique quase imperceptível, que poderia ter passado despercebido em outra ocasião, mas não naquele momento, depois da conversa que tivera com Elizabeth. Teve certeza que

alguém estivera escutando o diálogo e tinha desligado um segundo antes dele. Levantou da cadeira e atravessou o escritório rapidamente, com uma intuição terrível. Quando chegou à sala que antecedia a sua viu Tereza e Antônio sentadas, concentradas no computador e com o pequeno *headset* posicionado sobre os ouvidos e a boca. Era difícil saber se alguma delas tinha escutado sua conversa, mas ele sabia que tinha sido descuidado, e que não devia ter usado o telefone da empresa para falar com Elizabeth. Ficou irritado por ter cometido aquele erro de principiante. E se alguém ligado àquele caso tivesse ouvido aquela conversa?

Começou a analisar a situação. Saiu do escritório, sem avisar ninguém. Tereza tentou segui-lo para perguntar aonde ia, mas ele ignorou-a. Entrou no carro e dirigiu sem rumo por algum tempo, até a solução se agigantar dentro dele. Tomou uma decisão inusitada. Algo que jamais pensara fazer em toda sua vida. Engoliu o orgulho e a raiva. Fez a chamada, com as mãos completamente crispadas e o maxilar tenso. Quando ouviu a voz do outro lado da linha, tremeu ligeiramente, mas continuou fiel ao seu propósito de salvar Elizabeth:

— Sou eu, Besson — disse como se fosse natural ligar e não tivessem se passado centenas de anos desde a última vez que conversaram.

— Eu sei — respondeu Daniel, se remetendo ao silêncio, surpreso e perturbado pelo contato. Aquela conversa, independente do motivo para Besson contatá-lo, era muito difícil.

— Elizabeth.

— Elizabeth, o quê? — perguntou pausadamente, percebendo o quanto Miguel devia amá-la, para lhe telefonar.

— Temos que protegê-la.

— Estamos fazendo isso — informou Daniel.

— Não. Estas pessoas que a estão perseguindo são...

— Sabemos o que são. Há alguma coisa que queira me dizer? — perguntou de forma aveludada, acreditando que Besson tinha telefonado por saber alguma informação vital, algo que não podia resolver sozinho, como tanto apreciava.

— Tenho a impressão que alguém da empresa está ligado a esse grupo.

— Impressão? — questionou Daniel.

— Intuição — afirmou Miguel, avesso ao termo, mas sabendo que Daniel compreenderia que aquele sentimento apontava para a direção certa.

— Diga — insistiu Daniel, sem conseguir evitar a nostalgia provocada

pelas memórias dos tempos em que eram amigos, quase irmãos. Agora que falava com ele, parecia estar abrindo uma velha ferida, que provocava dor. Percebeu pela hesitação de Miguel, que devia ser grave.

— Telefonei à Elizabeth, do escritório e tive a *certeza* — contou, frisando bem a palavra — de que alguém estava ouvindo na linha.

— E qual a associação com aquelas *pessoas*? — perguntou referindo-se à Máfia.

— Não sei. Mas Elizabeth me contou sobre Puebla e o homem que os seguiu desde Madri. Disse também que a polícia sabe quem são. — Miguel falava de forma tensa, e quando se calou fez-se um silêncio entre eles. Ambos avaliavam as repercussões de alguém envolvido com a Máfia agora saber em que ponto estava a investigação. Aquilo mudava tudo: dava aos criminosos a vantagem, permitindo que refizessem sua estratégia e desaparecessem.

— Tem ideia sobre a identidade dessa pessoa? — perguntou Daniel devagar.

— Não.

— Aposte — insistiu, recordando aquela forma antiga que usavam para eliminar opções, ao analisarem um problema. Miguel também lembrou, sem conseguir evitar a tristeza.

— Tereza Sampaio Eliot. Minha assistente.

Daniel agitou-se, sentindo aquela informação explodir no cérebro. Informou:

— O mandatário dos crimes, ou pelo menos quem é citado como tal, é T. S. Eliot.

— Tereza Sampaio Eliot — repetiu Miguel, como se cuspiisse, sentindo a raiva se apossando do corpo. E, de repente, tudo lhe pareceu lógico.

— Então ela conseguiu a informação através de você — Daniel percebeu o caso todo.

— Pelo visto... Tenho anotações sobre as relíquias... Vagas, mas não deixam de ser anotações interessantes sobre os proprietários. Mantive um rastreamento ao longo do tempo. Mas são apenas nomes de famílias, aparentemente desordenadas — falar sobre aquilo trouxe o problema inteiro de volta, o problema da sua saída da Ordem e do roubo das relíquias. Mas Miguel não tinha como contornar o tema.

— São os nomes que ela passou ao assassino. O que explica que tenham assassinado pessoas de várias famílias até conseguirem as relíquias — disse Daniel, evitando elegantemente abordar o passado naquele momento.

— Quantas pessoas foram mortas?

— Dez. Por enquanto — Daniel excluiu Bento daquelas contas.

— Tendo em consideração o que eles estão procurando, o estrago é até pequeno.

— Visto sob esse prisma... — limitou-se a dizer, impressionado com a frieza de Miguel. — E antes que a contabilidade aumente, e incluam Elizabeth nessa contagem, tem ideia se deixou notas sobre o punhal?

— Apenas sobre a possibilidade de estar com Arturo.

— Deus do Céu, Besson. Que irresponsabilidade! — acusou Daniel.

— Não! — respondeu irritado, soltando a raiva que se esforçara para controlar. — Ela sabe isso por ter invadido meu apartamento. Mais: invadiu meu quarto. Compreende?

— Lamento. Mas não deixa de ser uma irresponsabilidade. Tudo isso esteve fora do radar durante séculos, e agora o mundo inteiro vai saber da existência das relíquias.

— Alegada existência das relíquias, De Payens. E eu... — Miguel hesitou, antes de completar a frase como se estivesse avaliando muito bem o que diria. — Vou ajudá-lo a recuperá-las. Tem minha palavra. — Aquilo surpreendeu Daniel, mas deixou-o imediatamente de sobreaviso.

— E o que quer em troca?

— O punhal.

— Claro. — respondeu Daniel, sarcástico, e apesar de não saber para que servia o punhal, o fato de Miguel tê-lo mencionado parecia indicar sua participação na morte de Angelina e, também, de Anabelle. Mas aquele não era o momento para entrar nesse tipo de detalhes.

— Temos um acordo? — questionou Miguel, insistente, ignorando o sarcasmo de Daniel. Depois de alguns segundos, para avaliar a proposta, Daniel respondeu:

— Temos. Mas isso não muda nada entre nós — frisou, se referindo às diferenças irreconciliáveis que os separavam.

— Óbvio. E o que propõe que façamos agora? — perguntou, se colocando pela primeira vez a serviço de Daniel, movido por seus sentimentos por Elizabeth. E ambos estavam conscientes disso: que Elizabeth era o elo que os unia.

— Temos que fazer essa informação chegar à polícia.

— Não vejo como. Eu sou adepto de formas mais definitivas de lidar com certos problemas, eliminando-os, de preferência — insinuou Miguel,

friamente.

— Não — opôs-se Daniel. — Precisamos dismantelar a rede inteira, para acabar com isso. De outra maneira será interminável, e Elizabeth estará em perigo permanente.

— Tem razão. Estou um pouco irritado — confessou Miguel, pensando que Tereza o havia traído durante todo aquele tempo. Aquilo dava voltas em seu estômago. Daniel aconselhou:

— Besson, não é hora para emoções. Temos que nos concentrar em Elizabeth.

— Sim... O que faremos? — apesar das diferenças e da longa separação, saber que estavam do mesmo lado dava a ambos uma sensação de segurança que não tinham havia muito tempo. Não necessitavam olhar para trás o tempo todo, à espera de se vislumbrarem nas sombras.

— Temos que contar à polícia. Já. Antes que a Tereza desapareça — sugeriu Daniel.

— Como? — perguntou Miguel. — Vamos fazer uma denúncia anônima?

— Não. Eu vou contar que você, um velho amigo, comentou ter problemas com sua assistente de dez anos, Tereza Sampaio Eliot, por ter a certeza que ela invadiu seu apartamento, embora não tivesse como provar. E quando eu ouvi o nome, associei imediatamente ao responsável pelos crimes: T.S. Eliot. Além disso, vou dizer que você é um estudioso da arte e que foi assim que ela conseguiu as informações sobre as relíquias.

— Muita coincidência, não acha? — disse Miguel, irônico.

— Acho, mas não vejo alternativa.

— Essa informação vai nos associar.

— Vai — confirmou Daniel, sabendo que a partir daquele momento estariam unidos: a exposição de um impactaria no outro. Era um abraço mortal.

— Concordo com sua estratégia — afirmou Miguel devagar, enquanto assimilava as consequências daquela decisão. — Vai falar sobre o punhal?

— Não. Quanto menos souberem, melhor será para nós. Só mais uma pergunta: se ela invadiu seu quarto, o que mais poderá saber? — questionou Daniel argutamente.

— Nada. Tudo o que lá está é *herança familiar*. Nada rastreável sobre qualquer outro assunto, certo? — frisou, referindo-se à condição imortal deles e à Ordem.

— Certo. Com certeza Bardas e Queiroz vão querer falar com você.

— Dê este número de celular. Passe também os contatos da Tereza para rastrearem. Vou enviá-los numa mensagem de texto.

— Perfeito — rematou Daniel.

— Dê notícias — pediu Miguel.

— Darei.

Quando desligaram, estavam ambos tensos. Tinha sido um passo infernal. Não confiavam um no outro, mas aquela aproximação, por mérito de Besson, ainda que temporária e com o único objetivo de protegerem Elizabeth, representava uma trégua apreciada e bem-vinda.

Daniel encaminhou a mensagem de Miguel para Bardas e só depois telefonou.

— Bardas.

— Eu ia ligar para você para entender que mensagem é esta.

— Não temos muito tempo — avisou. — São os contatos de alguém que precisa mandar investigar imediatamente...

— Investigar?

— Ponha esses telefones sob escuta. Agora, Bardas. Depois conversamos — pediu, sem deixar margens para questionamentos.

— O.k, o.k... Já ligo de volta.

Assim que desligou, Bardas virou-se para Queiroz, dizendo:

— Daniel pediu que rastreasse os telefones desta pessoa — mostrou o visor do celular com os números.

— Quem é?

— Não faço ideia. Vou saber agora. Mas garanto que a voz dele não deixava dúvidas sobre a gravidade e a urgência do problema. Por favor, faça isso.

— Tenho que justificar. Não posso “grampear” telefones sem mais nem menos. É ilegal.

— Justifica depois. Vá, Queiroz — insistiu Bardas, seguro.

— Está bem — concordou após uma breve hesitação, anotando os números e saindo do gabinete para dar início a um processo que desconhecia por completo. Tudo aquilo se baseava em uma pirâmide de confiança: ele confiava em Bardas que, por sua vez, confiava em Daniel.

Cinco minutos depois Bardas falava novamente com Daniel:

— Daniel, estamos no viva-voz, para o Queiroz participar da conversa.

— Olá, Queiroz. Já resolveram o assunto?

— Sim. Temos acesso à informação a partir deste momento — informou Queiroz misterioso, avesso a explicações no telefone, principalmente depois de ter acabado de mandar grampear alguns. — Agora, por favor, explique por que estamos interessados nessa pessoa.

Daniel contou tudo o que sabia sobre Tereza Sampaio Eliot, e havia combinado previamente com Besson. Como seria de esperar, Queiroz quis o contato de Besson para confirmar e esclarecer os detalhes da história.

Depois da conversa, Daniel ligou para Besson dizendo apenas:

— Está feito. Vão procurá-lo em breve.

— Obrigado.

26. O punhal das almas

Quando a respiração está prestes a cessar, é desejável que a Transferência tenha sido feita (...)

Lama Kazi Dawa Samdup (1868-1923)

Amar Elizabeth provocava em Miguel a angústia da perda. Avivava a trágica memória de Adèle de Saint-Simon, a jovem aristocrata francesa que conhecera em Paris e amou irracionalmente. Miguel acreditou que aquele amor podia salvá-lo, redimi-lo dos pecados que cometera durante séculos, resgatando-o das trevas.

Casaram-se em junho de 1785. Durante quatro anos ele foi completamente feliz, e iniciou um longo caminho de volta à luz. Esforçou-se até para acompanhar Adèle à igreja, apesar da dor insuportável na mão esquerda, e no final de 1788 conseguiu finalmente entrar no espaço sagrado sem sentir as chamas vorazes na carne, pela primeira vez em mais de quatrocentos anos. Sentia-se em paz e decidiu procurar Arturo, para fazer as pazes com o passado e restabelecer a relação entre eles.

Desde sua saída da Ordem, não cruzava os caminhos de nenhum dos Guardiões. Embora soubesse que eles só reagiam quando ameaçados, não desejava provocá-los. Qualquer confronto seria violento e brutal, e apesar de Miguel ter adquirido um poder imenso, os Guardiões estavam em vantagem numérica, e isso fazia toda a diferença.

Arturo vivia em Londres e, em maio de 1789, Miguel escreveu uma carta falando de Adèle e do seu arrependimento pela forma como saíra da Ordem.

Reconheceu que muitos dos seus atos eram imperdoáveis, mas acreditava na compaixão. Considerava que o nascimento do seu filho, previsto para o final daquele ano, seria mais um passo para aproximá-lo da luz. Arturo comoveu-se com a carta e recordou os anos iniciais, depois de deixarem Montségur, quando perderam as famílias, e se apoiavam como irmãos. Já naquela época Miguel tinha os traços que marcariam sempre sua personalidade: o carisma e a alegria. E mesmo quando tudo parecia perdido, ele encontrava forma de agregar todos pela alegria e pela esperança.

Interiormente Arturo já o havia perdoado por ter abandonado e dilapidado a Ordem, mas aquela bondade de Miguel, reconquistada com Adéle e o filho, fez renascer o amor fraterno inicial. Compartilhou a carta com os Guardiões e, com exceção de Alessia, todos se sentiram felizes com a possibilidade de revê-lo. Decidiram visitá-lo, de surpresa, e compraram presentes para Adéle e para o bebê. Arturo encomendou uma bússola e mandou gravar o símbolo dos Templários, formado por dois cavaleiros sob o mesmo cavalo, que representava a união entre os guerreiros físico e espiritual, e a divisa do Salmo 151, “Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao Vosso nome dai a Glória”. Queria que Miguel recordasse o passado que os unira.

Porém, quando chegaram a Paris, encontraram uma cidade destruída esmagada pela violência: camponeses e trabalhadores famintos lutavam contra a aristocracia, que vivia no luxo graças aos impostos pagos pelas classes menos privilegiadas. A Bastilha, símbolo da monarquia francesa, foi atacada no dia 14 de julho de 1789, dando início à Revolução Francesa.

Os revolucionários, cujo lema era “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, guilhotinaram os membros da aristocracia que não conseguiram fugir da cidade e confiscaram os bens da Igreja. Adéle foi presa e toda sua família morta, apenas pela sua ascendência aristocrática. Miguel virou Paris do avesso, falou com todos que conhecia, suplicou em vão, humilhou-se, e no momento em que chegou à praça ainda conseguiu ver Adéle no seu último instante de vida, corajosa e serena, dobrar-se sob a guilhotina. Ouviu o som da lâmina na sua descida vertiginosa e viu a cabeça dela rolar pelo chão. Explodiu de dor, ao vê-la morta, com o filho no ventre.

Os Guardiões souberam da morte de Adéle, e procuraram Miguel por todos os lugares possíveis, mas não havia rastro dele. Um homem rude, que carregava os guilhotinados em uma carroça, os informou que ele levava o corpo de Adéle, mas não sabia para onde. Arturo temia que aquele desaparecimento marcasse a volta de Miguel à escuridão.

A violência aumentou, tornando insustentável a estadia dos Guardiões em Paris, e eles voltaram para Londres sem notícias de Besson.

Miguel nunca soube que Arturo não respondera à sua carta porque tinha ido visitá-lo, e que os Guardiões estiveram em Paris à sua procura, pondo em risco suas próprias vidas. A solidão que sentiu perante o suposto silêncio dos Guardiões, adicionada à trágica morte de Adèle contribuíram para mergulhá-lo no desespero. Fechou-se em uma cabana, longe de Paris, e planejou sua vingança, maldizendo todos os seres divinos de que se lembrava. Arquitetou um plano minucioso e macabro contra todos os que participaram direta ou indiretamente na morte de Adèle e do filho, que jamais conheceria.

Voltou para Paris, carregando na memória a imagem de Adèle caída no chão como uma boneca quebrada e de seu sangue escorrendo devagar pelas tábuas vermelhas. E quando fechava os olhos via a longa fila de inimigos que destruiria.

Na época havia dois grupos de revolucionários: os girondinos, da alta burguesia, que desejavam evitar uma participação maior do povo no governo, e os jacobinos, da baixa burguesia, que defendiam uma maior participação popular. De forma maquiavélica, Miguel alimentou a discórdia entre essas posições contrárias, incentivando os jacobinos radicais, defensores de mudanças sociais profundas que beneficiassem os pobres. Em 1792 os jacobinos radicais, liderados por Robespierre e Marat, assumiram o poder.

Miguel lembrou de ter suplicado a ajuda deles para salvar Adèle, e tanto Robespierre quanto Marat responderam que se tratava da revolução e tinham que eliminar os “inimigos do povo”. O seu filho que ia nascer não era um inimigo do povo, nem sua mulher, cujo único pecado tinha sido ter sangue nobre. Planejou mostrar a verdadeira cor da revolução: jurou que Paris ficaria vermelha de sangue. Miguel semeou dúvidas e criou uma teia de suspeitas tão imbricada que levou os jacobinos a ordenarem a morte de qualquer opositor do novo governo. Entre 1793 e 1794 foram guilhotinadas milhares de pessoas, em uma época conhecida como o Período do Terror.

Totalmente dedicado ao seu frio plano, convenceu a jovem Charlotte Corday a assassinar Marat, com uma punhalada no coração, enquanto ele estava na banheira, para tratar da doença de pele que o afligia. E não precisou de muita persuasão para convencer os inimigos de Robespierre a mandá-lo para a mesma guilhotina onde Adèle havia sido morta. Os excessos de Robespierre selaram seu próprio destino na guilhotina, para onde enviara tantos com suas listas obscuras de inimigos.

Miguel foi a sombra manipuladora por trás daqueles acontecimentos violentos e terríveis: carroças apinhadas de corpos e cestos abarrotados de cabeças passavam continuamente pelas ruas, e Paris esvaiu-se em sangue, sob o som metálico da guilhotina.

Depois da morte dos seus inimigos, não sentiu prazer ou alívio. Imaginou que sentiria uma espécie de saciedade, mas havia apenas um enorme vazio. O propósito daqueles anos terminou e ele continuava com a boca amarga pela morte de Adèle. Optou por ficar em Paris para visitar o túmulo dela, indiferente à reconstrução da França. E desde então, não há um único dia em que não sejam colocadas rosas amarelas, as preferidas de Adèle, no seu túmulo.

Miguel responsabilizava-se pela morte de Adèle, por tê-la deixado ficar em Paris. Aquilo não podia se repetir: não perderia Elizabeth nem deixaria que ninguém tocassem em um único fio do seu cabelo. Foram todas aquelas memórias que o fizeram telefonar para Daniel, mesmo sem saber qual seria sua reação.

Apesar de a polícia estar investigando, como Bardas e Queiroz asseguraram quando o visitaram em casa naquela manhã, Miguel continuava pensando se não seria o caso de, simplesmente, fazer com que Tereza falasse. Mas se lembrou que Daniel não apreciava métodos pouco éticos ou violentos, e decidiu esperar a investigação oficial.

Daniel convocou todos, menos Elizabeth, para uma reunião na sede da Ordem e contou detalhadamente o telefonema de Miguel. Alessia foi a que reagiu primeiro e pior:

— Daniel, você parece o Arturo. Não pode acreditar que Besson agora é uma pessoa de bem.

— Ninguém acredita nisso, Alessia. Mas Besson deu um passo na nossa direção para proteger Elizabeth. Somos gratos por isso, porque talvez ele venha a ser o responsável por desvendarem essa história. E mais: todos nós, em algum momento, o responsabilizamos por estas mortes e pela perseguição a Elizabeth. E estávamos errados.

— Eu até podia estar errado sobre o envolvimento de Besson nestes acontecimentos, mas tenho motivos mais do que suficientes, motivos pessoais e recentes, para querer Besson distante de nós. Distante de mim. Se houver mais algum gesto de aproximação, teremos problemas — avisou Kent

friamente, revelando uma decisão maturada.

— Não há aproximação nenhuma. Vocês imaginam a força interior necessária para ele me telefonar? Já pensaram nisso? É óbvio que ele ama Elizabeth. E quer protegê-la.

— Ele não pode tê-la. E, além disso, a última vez que ele amou alguém quase destruiu Paris — lembrou Alessia, furiosa.

— Kent tem suas justificativas. Mas o que você tem contra Besson, Alessia? Mesmo antes de achar que ele é responsável pela morte de Bento, tinha essa raiva recalcada. Uma raiva antiga... — insinuou Seth, tentando entender as resistências de Alessia.

— Não quero, nem vou falar sobre isso. Arturo sabia o que era — defendeu-se Alessia.

— Mas Arturo não está aqui, Alessia — continuou Seth, suavemente.

— Não vou falar sobre isso, Seth — respondeu, mordendo as palavras com raiva. — A morte de Bento devia ser suficiente para compreenderem meus sentimentos em relação a Besson.

— Não vamos entrar nesses detalhes, porque não sabemos qual a participação de Besson na morte de Bento. Ainda não temos provas, Alessia. E, neste momento, Besson está tentando proteger Elizabeth — concluiu Daniel, sereno.

— Ele tem interesse em manter Elizabeth viva para algum ritual — insinuou Kent, justificando o interesse de Miguel em Elizabeth.

— Se ele quisesse fazer mal a Elizabeth já teria feito, não acha? — perguntou Daniel.

— Não sei. Podia estar à espera que ela fosse consagrada. Imagine a quantidade de energia que isso implica para quem deseja fazer qualquer ritual. E nós ainda não descobrimos o que ele quer de Elizabeth — argumentou Kent. Sabia que Besson era capaz das maiores barbaridades, porque presenciara algumas delas.

— É verdade. Sei que pretende algo com ela. Teremos que descobrir o que é, mas não creio que seja algo sanguinário para se manter jovem.

— Não acredito que vá cometer os mesmos erros que Arturo. Não acredito, Daniel — Alessia falou, irritada. Daniel olhou-a friamente e falou com secura:

— Isto está passando dos limites. Já disse o que penso, e não vou repetir. Basta. Alguém mais deseja comentar este assunto de forma inovadora?

Perante o silêncio depois das suas palavras cortantes, Daniel encerrou a

reunião, ignorando a fúria de Alessia. Sempre achara a irritação dela com Besson um pouco exacerbada, e não compreendia quais as razões. Agora tinha a certeza que algo acontecera entre os dois, certamente quando ele ainda fazia parte da Ordem, centenas de anos antes.

A dedução de Daniel estava certa: Miguel não necessitava de Elizabeth para continuar jovem. Antes de abandonar a Ordem havia garantido sua imortalidade. Enquanto Guardião estava sujeito às regras da Consagração, mas perante a iminência de deixar de seguir o código graáfico, o mais certo era que se transformasse em um simples mortal. Porém, como era característico da sua personalidade, planejou tudo com extremo cuidado e pesquisou até encontrar uma forma de manter-se imortal, levando a vida hedonista que desejava. Descobriu que a esmeralda do Anel de Salomão permitia absorver energia e, quando partiu, levou consigo dois dos mais emblemáticos objetos da Ordem: o Cálice e o Anel. Vendeu ambos, mas antes, trocou a imensa esmeralda original do anel por outra, comum.

Encomendou dois punhais ao melhor artesão francês. Dividiu a esmeralda em duas, uma delas um pouco maior, e colocou-as na base de cada um dos punhais. Quando o feiticeiro queniano roubou o punhal menor, para assassinar Angelina, e Arturo ficou com ele, ainda restou o segundo. No entanto, Miguel esperava reaver o primeiro, para sentir-se seguro.

Manter a juventude não era, portanto, um problema: o punhal permitia que absorvesse a energia que se esvaía das pessoas no momento da morte. Quando a lâmina penetrava no coração da vítima, a esmeralda iluminava-se com a alma que ficava aprisionada na pedra luminescente. Em seguida, Miguel encostava a ponta do punhal no peito e fazia um corte minúsculo, e quando surgia a primeira gota de sangue, a luz entrava diretamente para o seu corpo, como uma poderosa descarga elétrica. Quanto mais puro fosse o sacrificado, mais forte Miguel se tornava. Mas ele cansara daquelas mortes ritualísticas, com gente especial e cada vez mais difícil de encontrar: virgens, puros ou médiuns, seres que conseguiam fazer a ponte entre o mundo humano e o espiritual.

Em 1967 descobriu um antigo ritual egípcio. Segundo o texto, o sacrifício de uma pitonisa garantiria a imortalidade por uma centena de anos, exatamente o mesmo período da consagração. Para o ritual era necessário o coração e o sangue da pitonisa, que seriam ingeridos ao longo de três dias e

três noites consecutivas, em um regime de isolamento total, ao som de um antigo mantra, repetido até a exaustão.

Sem muita convicção, Miguel iniciou a busca por uma pitonisa, e descobriu Anabelle e sua filha Angelina acidentalmente, por meio de Abedi, um feiticeiro do Quênia, disposto a fazer qualquer coisa em troca do poder dos espíritos. Ele contou que Anabelle, conhecida como a “grande mãe branca”, podia ver o passado e o futuro dos homens, sem precisar fazer magia. Explicou que ela tinha a magia dentro da boca, e seu interior era tão branco quanto sua pele. Disse que as palavras dela viajavam do passado ou do futuro, e chegavam através dos sonhos, e por isso tinham grande poder de cura. Confessou, certa noite, depois de ter bebido mais do que a conta, que ele próprio gostaria de comer o coração e beber o sangue da mãe branca para adquirir os poderes dela, mas tinha medo que ela o matasse com seu poder. Miguel teve então uma ideia bizarra: embora não gostasse de partilhar nada com ninguém, achou que aquele feiticeiro poderia fazer o trabalho sujo.

No dia seguinte, sob a luz crua da manhã, Miguel contou a Abedi que sabia do seu desejo secreto de comer a magia da mulher branca. Abedi primeiro negou, mas rapidamente se rendeu à evidência de que tinha falado demais. Miguel propôs a ele que matasse a mulher e dividissem o coração e o sangue. Abedi não ficou convencido, mas Miguel disse que tinha um punhal que iria impedir que a magia da mãe branca lhe fizesse mal. Explicou que primeiro deveria apunhalar o coração, e só depois arrancá-lo. O feiticeiro animou-se, agora que possuía um punhal feito no tempo dos antepassados, quase na época em que o mundo tinha sido criado. Marcaram uma data porque o tempo, na comunicação com o além, era crucial.

Miguel não estava preocupado com o resultado final porque Abedi traria o punhal com a alma de Anabelle e isso já garantia a energia necessária por algum tempo.

Na data combinada, Miguel, cuidadoso, seguiu Abedi à fazenda. Viu-o agitar o punhal no ar e abrir o peito de Anabelle. Percebeu o terror lançar-se no rosto dela e a rapidez com que a morte a levou, sofregamente. O plano complicou-se quando Claude, o marido dela, apareceu de repente, e Abedi foi forçado a matá-lo. Foi um ato de defesa.

Mas a visão e o odor adocicado do sangue chegaram até o lugar onde Miguel estava escondido, inundando seus sentidos. Ele transmutou-se e, com um salto fenomenal, atirou-se às vítimas ensanguentadas e ainda palpitantes. Abedi, horrorizado com a presença inesperada do terrível leão branco, fugiu

levando o punhal e o coração de Anabelle, mas derrubou todo o sangue pelo chão. Miguel refestelou-se com o banquete e, horas mais tarde, lembraria o evento com irritação por ter se descontrolado daquela forma.

Sem o sangue, Miguel não pôde realizar o ritual, embora tivesse absorvido a alma de Anabelle. O feiticeiro tinha razão: era branca, pura e possuía uma luminosidade capaz de curar qualquer dor. Abedi, por sua vez, não se aproximou do coração de Anabelle, dizendo que ela tinha enviado o “grande branco” para protegê-la e o leão iria devorá-lo se ele tentasse adquirir seus poderes. Miguel não discutiu, indiferente às crendices dele. Mas Abedi, incansável na busca pelo poder dos espíritos para dominar os homens, recordou que Anabelle tinha uma filha, que se mudara para a Costa do Marfim. Miguel mandou-o encontrar a jovem.

Tereza percebeu que o cerco se apertava. Ouvir aquela conversa de Miguel com Elizabeth a tinha perturbado. Nunca imaginou que a polícia pudesse chegar ao Brasil. Não compreendia como aquilo poderia ter acontecido. Reviu seus passos, relembrou as vezes que falara com MacGee e até as duas viagens que fizera à Europa, para tratar de assuntos relacionados com as relíquias. A primeira viagem tinha sido para conhecer Dimitri Sergeevich, um charmoso homem de negócios russo, que a contatou depois de ela ter comprado uma caríssima bailarina de porcelana do século XVIII, para Miguel, em um leilão da Christie's, em Nova York.

Dimitri tinha uma fortuna enorme, e estava sempre interessado em arte de todos os tipos, quanto mais exótica melhor. De início propôs apenas que ela rastreasse obras de arte pelo mundo, fazendo uma espécie de inventário sobre quem tinha o quê. Em troca ele iria pagar generosamente pelas informações, qualquer informação. Tereza foi ganhando importância e começou a decidir quais obras deviam ser adquiridas, passando a ter contato direto com MacGee, a quem instruía sobre as peças e sua localização. Percebeu rapidamente que o papel de MacGee, e mais tarde de Botkin, estava associado ao nível de persuasão exercido sobre os proprietários para que vendessem suas obras. Mas ela não se importava muito com aquilo: pela primeira vez tinha dinheiro para fazer o que quisesse, inclusive deixar de trabalhar. Porém, era vantajoso manter-se junto de Miguel, não só devido aos seus sentimentos por ele, mas também por seu trabalho permitir circular no mundo da arte.

Paralelamente Tereza arquitetou planos para se vingar da frieza e da rejeição de Miguel: primeiro invadiu seu apartamento. Como assistente dele, foi fácil descobrir o código do alarme e fazer uma cópia da chave. Não teve dificuldade em conseguir uma lista de objetos interessantes: Miguel tinha anotações com antigos objetos misteriosos, do tipo que Dimitri apreciava, e até os nomes de quem os poderia possuir. Copiou a lista, passou-a para MacGee e acompanhou o rastro de sangue. Quando, por fim, recebeu os objetos pelo correio, desiludiu-se. Achou-os banais, nada impressionantes como imaginara. Foi nessa ocasião que viajou pela segunda vez para encontrar-se com Dimitri, levando o Anel de Salomão no dedo indicador direito e o Cálice jogado entre as roupas. Colocados assim, entre a normalidade cotidiana, não suscitavam curiosidade. Tereza atravessou meio mundo com duas das maiores relíquias da humanidade e ninguém percebeu. O que conduzia diretamente à teoria de Dimitri: ele dizia que o contexto é que valorizava as coisas, e o mesmo objeto em uma sala luxuosa ou em uma sala simples adquiria um valor totalmente diferente.

O negócio com o Cálice e o Anel rendeu muito dinheiro. E também os parabéns de Dimitri, que ficou impressionado com a desfaçatez com que ela viajou com as relíquias, sem que ninguém a tivesse barrado. Agora faltava o Punhal que, segundo notas de Miguel, tinha uma esmeralda capaz de “dar vida ao Homem”.

Por coincidência, Elizabeth era a atual proprietária do punhal, herdado de seu pai. Em uma das incursões ao apartamento de Miguel, Tereza descobrira uma anotação com referência à Casa do Lago, onde Elizabeth estava depois da morte do pai. A morte dela seria uma fonte de prazer, mas sua vingança contra Miguel não terminaria com o assassinato de Elizabeth: Tereza pretendia colocar na lista alguma das obras de Miguel, para que Botkin o obrigasse a vender. Ele era persuasivo e não tinha apego à vida dos outros. Em geral, precisava de supervisão para não assassinar ninguém antes de conseguir a assinatura nos documentos de transferência ou venda. Por isso MacGee ia sempre primeiro e Botkin fazia o trabalho sujo depois. Porém, após a morte de MacGee, Tereza tinha que controlar a atuação de Botkin.

Tereza percebeu, tardiamente, que Dimitri era o chefe de um extenso grupo de ladrões e assassinos profissionais espalhados por vários países, uma rede complexa de gente com muitas nacionalidades. Portanto, entrar para o grupo foi fácil, mas seria impossível sair, conforme percebeu pelas notícias de alguns dissidentes que apareceram mortos nas margens do Volga, o rio mais

longo da Europa. Dimitri tinha fascínio pela água e adorava jogar o corpo dos traidores em rios. Aquilo se assemelhava a um ato simbólico de higiene.

Ele se impunha pelo medo e dirigia o grupo de forma sanguinária: as traições eram pagas com a vida e as missões falhas ou incompletas, com partes do corpo, principalmente dedos. Apesar de tudo isso, ou por isso, não havia ninguém disposto a traí-lo. O medo falava mais alto. O medo e os corpos boiando pelo Volga, como aviso.

Quanto mais Tereza pensava, mais dúvidas tinha: não sabia se telefonava apenas para Botkin ou se ligava primeiro para Dimitri. Mas não podia mandar Botkin de volta sem falar com Dimitri. Esperou mais de um dia até se decidir e finalmente telefonou para Dimitri:

— Tereza? — estranhou, com seu sotaque inglês carregado.

— Dimitri, Botkin tem que voltar para a Europa e temos que suspender a operação aqui.

— Por quê? Será muito rentável. Já tenho comprador para o punhal — informou.

— Ouvi uma conversa sobre isso. A polícia descobriu a identidade de Botkin e sabe que ele está aqui.

— Sabe como? — perguntou, desconfiado.

— Sabe que tem ligações com MacGee, e veio de Madri. O imbecil veio no mesmo avião da vítima, que estava acompanhada por dois homens que fazem parte do grupo que agora está sempre com ela. Eles perceberam que estavam sendo seguidos e avisaram a Polícia.

— Botkin não é muito inteligente mesmo, mas é leal e é... meu sobrinho. Filho da minha única irmã — respondeu Dimitri, sem esconder a irritação suscitada pelo comentário.

Tereza mordeu a língua, percebendo que tinha chamado de imbecil o sobrinho de Dimitri.

— Desculpe. Eu não sabia...

— Deixemos isso — disse com uma ameaça latente no fundo da voz, mostrando claramente que aquele tipo de diálogo estava fora dos limites. — E quando ouviu essa conversa?

— Hoje — mentiu, sabendo que se dissesse que ouvira na véspera ele ficaria mais irritado.

— Este telefone é seguro? — quis saber, percebendo as implicações daquela revelação.

— Sim. Estou em casa.

— E sabem quem você é? — perguntou, com a voz metálica.

— Com certeza não. — Se Miguel ou a polícia soubessem algo a seu respeito, ela já teria percebido. Depois da conversa do dia anterior estava atenta. Não havia ligação que ela não rastreasse, ou movimento que não analisasse com cautela.

— Há mais alguma coisa que eu deva saber?

— Sim. Na conversa disseram que sabiam quem eram os envolvidos, e só estavam esperando para saber quais as ligações no Brasil.

Dimitri ficou em silêncio, pensando nas suas conexões e na quantidade de informantes pagos que tinha na polícia de vários países.

— Blefe — respondeu, tranquilo. — Se soubessem eu também já saberia.

— O que devo fazer?

— Fale com Botkin e ponha-o em um avião. Mande-o para Moscou que iremos protegê-lo até tudo se acalmar.

— Mais alguma coisa?

— Suspendemos esse trabalho por um tempo... até ver. Mantenha sua rotina e... não gaste dinheiro, Tereza. O dinheiro é a maneira mais fácil de encontrar alguém.

— Não se preocupe. Sou discreta.

— Eu sei. Levantei sua ficha há muito tempo. Seu namorado novo não sabe de nada, não é? — disse com um riso metálico, que não escondia a ameaça velada, caso ela vacilasse em algum momento. Tereza estremeceu, ao perceber que ele sabia tudo da vida dela.

— Não. Ninguém sabe.

— Vamos manter tudo assim. Não me telefone. Eu entro em contato com você.

Quando desligou sentiu as pernas tremerem. Dimitri suscitava medo, mas era pior quando embutia ameaças sutis na conversa. E as ameaças não eram para ela, e sim para as pessoas que a rodeavam: primeiro a família e agora Penafor. Pelo menos teria paz por um tempo, pensou. Antes tinha que mandar Botkin para a Europa.

— Vladimir — disse, chamando-o pelo nome próprio.

— Estava me perguntando o que aconteceu para você não telefonar — respondeu em inglês, com um acento forte e alguma falta de concordância entre os verbos.

— Escute bem — falou devagar, por meio de frases simples, para fazer-se entender em inglês. — Dimitri disse que você precisa voltar para Moscou.

- Ainda não fiz meu trabalho.
- Não vai fazer seu trabalho agora. Primeiro vai para Moscou. Amanhã.
- Não, não. Primeiro trabalho, depois Moscou — discordou Botkin.
- Vladimir, amanhã encontro você na entrada do Ibirapuera às duas horas.

Entendeu?

- Sim.
- Depois conversamos. Leve sua mala.
- A mala não.
- A mala sim. Dimitri disse para você levar a mala. Pode ser?
- Está bom — respondeu, ainda reticente.

Tereza desligou o telefone e tomou um banho. Estava com os nervos em frangalhos.

Quando Abedi encontrou Angelina na Costa do Marfim, Miguel se surpreendeu com o relacionamento dela com Arturo. Achou que o destino encerrava uma ironia macabra na forma como colocava as pessoas frente a frente, vezes sem conta.

Observou Arturo na fazenda, e percebeu que ele se tornara humano. Aquela descoberta foi um choque violento. Não compreendia o que acontecera com Arturo, e vê-lo como um ser humano, sujeito às leis da física, o apavorou. *E se aquilo acontecer comigo?*, se questionou sem parar durante vários meses.

Rondou a fazenda, fascinado com a vida terrena de Arturo, desde seu casamento até o dia em que ele partiu destroçado pela morte de Angelina, levando a filha pela mão. No início teve pena da sua mortalidade, mas rapidamente percebeu a felicidade, a plenitude do amor e o milagre da vida com o nascimento de Elizabeth. Viu os primeiros passos da menina e presenciou aquela loucura que ela sentia por Daniel, perseguindo-o por todos os lados.

A morte de Angelina foi um acidente infeliz. Abedi, o feiticeiro, cada vez mais alucinado pelas bebidas e mandingas que fazia, roubou o Punhal das Almas e matou Angelina para assimilar seus poderes, algo que não conseguira com Anabelle, por causa do leão que, segundo ele, nunca mais parou de assombrá-lo. Mas o que deixou Miguel verdadeiramente possesso foi o atrevimento de Abedi, ao tentar matar Elizabeth. Se Abedi não tivesse morrido, sob a mira certa de Leon, ele mesmo o teria despedaçado com

prazer, por causa daquilo.

A presença maciça de Guardiões no funeral de Angelina não impediu Miguel de se aproximar para presenciar a tristeza de Arturo, com certo prazer perverso. Foi nesse momento que Leon sentiu seu perfume, um perfume que reconheceria vinte e cinco anos depois, no acidente de carro com Elizabeth. Miguel ainda se lembrava do dia em que pai e filha abandonaram a Costa do Marfim: Elizabeth de vestido amarelo, com uma grande trança loira caindo pelas costas, e um delicado laço amarelo na ponta, levava uma boneca apertada debaixo do braço, e caminhava feliz sob os cuidados amorosos do pai. Miguel teve que reconhecer: Arturo fora um excelente Guardião, tinha sido um ótimo marido e era um pai perfeito. Tudo nele era de uma grandiosidade sem limites, até a vida normal, cheia de pequenos gestos ocasionais, se agigantava porque ele fazia tudo com amor. E era aquele amor desmedido, sem fim, que Miguel invejara, desde sempre. O desprendimento de Arturo com as coisas banais do mundo tinha a ver com aquele amor, que o fazia entender sempre o lado bom e lhe dava a capacidade de ir ao encontro da plenitude e da felicidade.

Acompanhar aqueles anos da vida de Arturo provocara em Miguel um misto de inveja e terror, desejo e repulsa. Não conseguia se libertar daquela visão cotidiana: a forma como a vida deles se organizava, uma criança crescendo no ventre de Angelina e nascendo com cabelos dourados de anjo. E foi ali que Arturo e Miguel começaram a traçar destinos opostos para ela.

Tereza se encontrou com Vladimir Botkin às duas da tarde e explicou que o trabalho estava suspenso. Foi difícil fazê-lo entender, porque ele tinha enraizada a necessidade de terminar seus trabalhos a qualquer custo. Explicou a Tereza que apesar de Dimitri ser seu tio, um trabalho incompleto ou imperfeito terminava sempre em violentas punições. Com muita calma ela contou que a polícia estava alerta e ele tinha que partir por um tempo, com a bênção de Dimitri. Botkin se acalmou, pegou o bilhete de avião que Tereza tinha imprimido e desapareceu. Ela soube mais tarde que ele havia chegado em segurança, quando Dimitri telefonou para agradecer os quinhentos dólares que havia dado ao jovem para evitar que se expusesse nos caixas eletrônicos do aeroporto, onde certamente seria filmado. Talvez aquele gesto tenha salvado a vida dela, mas isso ela jamais saberia.

Bardas estava entusiasmado com as notícias vindas da Europa: o círculo estava se fechando lentamente. Depois do telefonema de Tereza, Dimitri Sergeevich investigou as andanças da polícia sem sucesso, porque toda aquela operação estava sob o controle restrito do Núcleo Europeu Contra o Crime Organizado. Depois da tensão inicial, Dimitri relaxou por acreditar que tudo não passava de um blefe. Nenhum dos seus contatos tinha informações sobre qualquer investigação que o envolvesse diretamente ou a qualquer dos seus homens mais próximos.

A estratégia do Núcleo fora muito bem traçada: investigaram exaustivamente o maior número possível de colaboradores de Dimitri para dismantelar a rede toda. Como a investigação havia começado muito antes do caso dos assassinatos de MacGee, a maior parte da rede estava mapeada, sendo fácil atribuir e explicar a responsabilidade dos assassinatos.

Apesar de Queiroz ainda não saber quem tinha sido o assassino do padre, parecia lógico que estivesse ligado àquela matança perpetrada pela Máfia, para ter acesso às obras de arte.

Ficou acertado que as prisões seriam simultâneas nos vários países, para evitar que alguém fosse avisado e fugisse. Durante o tempo de espera, a polícia continuaria acumulando provas e vigiando os suspeitos.

27. As sombras

É por isso que aquele que tem grandes paixões fica necessariamente exposto a grandes sacrifícios.

Lao Tzu (640 a.C.-531 a.C.)

Depois de alguns dias de ausência, Daniel visitou Elizabeth pela primeira vez, desde que tinham voltado do Mosteiro.

— Achei que tivesse me esquecido — comentou, tentando brincar.

— Neste momento é muito difícil que isso aconteça. Estamos todos preocupados com você — respondeu, no mesmo tom.

— Eu sei... Lamento estar na mira de um assassino.

— Eu também lamento. Mas acho que isso será resolvido em breve e você poderá voltar a sair de casa com tranquilidade.

— Gostaria muito, até porque vou ser uma das madrinhas no casamento de uma amiga e tenho que provar meu vestido... — disse, lembrando que Áurea estava totalmente neurótica com a festa e queria tudo pronto com antecedência.

— Por falar nisso, tem que estar consciente que terá que forjar seu desaparecimento para estas pessoas — avisou Daniel. — Já pensou que não vai envelhecer? Como irá explicar esse “pequeno detalhe”? — questionou, com uma ponta de ironia.

— Ainda não tinha pensado nisso.

— Não é algo imediato, porém deve se habituar à ideia. Mas o que vim aqui fazer é imediato: vim lembrar que precisa controlar as suas emoções.

Todas as suas emoções.

— Eu sei. O descontrole aumenta o risco de nos transmutarmos em leões.

— Não pode esquecer que estamos falando de tudo o que elevar excessivamente seus batimentos cardíacos, Elizabeth — enfatizou. — Por isso insistimos tanto nesse ponto e você aprendeu aquela quantidade enorme de exercícios de autocontrole. Use-os.

— Compreendo — primeiro achara que sua nova capacidade podia ser divertida. Mas com o passar dos dias compreendeu que precisava estar sempre vigilante, observando o monstro que vivia dentro dela, durante as vinte e quatro horas do dia, para evitar que o corpo a traísse.

— No início é difícil, e ainda bem que tem ficado em casa. Com o que está acontecendo, se alguém a atacar, o mais certo é que se transforme e lhe arranque a cabeça — disse com um meio sorriso, como se aquilo o estivesse divertindo.

— É... Vai ser difícil explicar a presença de uma leoa branca, enlouquecida, no meio de São Paulo — rematou com um sorriso triste. — Isto parece uma maldição.

— Está mais para bênção, mas às vezes pode ser uma maldição. Torna-se menos complicado quando nos controlamos.

— Sempre foi muito claro sobre a necessidade de assumirmos o controle e não permitirmos que as emoções nos dominem — comentou, lembrando a postura de Daniel.

— Sim. O excesso de emoções é prejudicial para nós. A forma como se consegue esse controle é pessoal, não há uma fórmula — afirmou, observando-a. Tinha ido vê-la, porque sentia saudades e não estava conseguindo suportar por mais tempo sua ausência.

Ficaram um momento em silêncio. Ele pensando no seu estranho afeto por ela e na ferida que se abriu quando a voz de Besson o transportou para as memórias do passado. E ela pensando naquele amor impossível, não por ele ser padre, mas porque a missão de proteger a humanidade havia entrado à força em suas vidas, exigindo total devoção.

Alessia juntou-se a eles na sala e arrancou-os dos seus turbulentos universos privados, para jantarem. Daniel agradeceu o convite, mas não aceitou. Foi para casa. Não dormia bem desde que voltara para São Paulo, atormentado com a quantidade de objetos acumulados na “Sala do Assombro”, o desejo por Elizabeth e, agora, o retorno de Besson à sua vida.

Bardas e Queiroz, agora inseparáveis como siameses, se reuniram com Daniel e Kent, para conversarem sobre a investigação.

Na Europa, estavam sendo finalizados os detalhes da “Operação Relíquia” no maior sigilo. Planejada cuidadosamente, envolvia esquadrões especiais da polícia de todos os países, onde o grupo de Dimitri atuava. Tinham investigado o maior número possível de envolvidos, inclusive alguns policiais, quase todos de menor escalão, que passavam informações para Dimitri. O dia da operação, guardado a sete chaves, era 8 de fevereiro.

— Simultaneamente em todos os países? — questionou Daniel apenas para confirmar.

— No mesmo horário — disse Bardas. — Inclusive aqui no Brasil, não é Queiroz?

— Sim. Já temos provas suficientes contra Tereza Sampaio Eliot, e temos a certeza de que ela foi responsável por descobrir os artefatos aqui no Brasil. No início coletava as informações e passava-as diretamente para Dimitri. Depois passou a falar com MacGee e Botkin, que faziam o trabalho sujo e conseguiam os objetos — explicou Queiroz.

— Achamos que ela pode ser útil — reforçou Bardas. — Conhece pessoalmente Dimitri e isso pode ajudar na condenação dele. Apesar das provas, é sempre bom ter testemunhas.

— O problema é que ele tem o péssimo hábito de eliminá-las — resmungou Queiroz. — Mas vamos propor um acordo: ela testemunha contra Dimitri, entra em um programa de proteção. E, principalmente, não vai presa. É um excelente acordo.

— E como fica a morte de Bento? — perguntou Daniel.

— Acreditamos que foi morto por alguém do grupo de Dimitri, para atingir Elizabeth, mas não há provas. Vamos tentar descobrir isso depois das prisões. Talvez alguém fale, até a própria Tereza — disse Bardas.

— Sim — concordou Kent, sem muita convicção.

— Parece que está quase tudo equacionado — afirmou Daniel, tranquilo com o rumo dos acontecimentos. A Ordem estava fora do âmbito da investigação. E Besson também.

— Só faltam os objetos — lembrou Bardas. — Foi uma matança e tanto por causa deles. Os especialistas acham que são uma fraude. Nunca houve provas da sua existência. São um mito como a Arca da Aliança, a Pedra Filosofal, a espada Excalibur, a lança de Longinus... Enfim, esse monte de

artefatos que alimentam nossa imaginação.

— Concorde, embora ache que temos que encontrar os objetos, independentemente das suas histórias. A teoria é que foram enviados para o Brasil, Tereza teve acesso a eles, e os passou adiante. Portanto, teremos que perguntar isso à Tereza. A questão dos objetos entra no pacote da negociação — afirmou Queiroz, com a frieza de quem já tinha analisado todos os ângulos do caso.

— E se os objetos não aparecerem? — insistiu Daniel.

— Não há nada a fazer. Não vejo como dedicar mais gente para procurar objetos que foram com certeza uma invenção para alguém faturar com isso — respondeu Bardas, cético.

— Pensando assim, parece ter pouco sentido continuar procurando, embora fosse interessante vê-los. Pelo menos para nós, que somos estudiosos do assunto — defendeu Daniel, satisfeito com a forma com que a polícia pretendia resolver o assunto, abrindo a possibilidade da Ordem, com a ajuda de Besson, reaver as relíquias, que estavam perdidas por mais de sete séculos. A partir daquele momento, Daniel assumiria a missão de devolver as relíquias ao seu verdadeiro lugar, na “Sala do Assombro”.

— Compreendo, mas infelizmente vamos ter que nos contentar com esta solução. Se conseguirmos os objetos, prometo que irão vê-los... Acho que neste momento já devem ter desaparecido no submundo da arte. Dificilmente alguém vai assumir que os tem.

— É verdade — confirmou Daniel alinhando o corpo na cadeira, se preparando para se despedir. Bardas percebeu e levantou, imitado pelos restantes.

— Obrigado por nos manter informados — agradeceu educadamente Daniel, despedindo-se com um firme aperto de mão.

— Sem vocês não teríamos resolvido o caso com esta rapidez.

— E com a ajuda de Besson também — comentou Queiroz.

— Sem dúvida — resmungou Kent, inconformado com a interferência e proximidade de Besson. Só de pensar nele sentia náuseas. Tinha por ele um desprezo visceral.

Enquanto se afastavam Kent murmurou:

— Finalmente este inferno vai acabar. Mais uma semana, até dia 8, e ficamos livres.

— Não completamente — frisou Daniel. — Temos que recuperar as relíquias.

Minutos depois Daniel entrou no seu carro e, enquanto Kent se afastava em direção oposta, ligou para Besson:

— Tenho notícias — anunciou, sem qualquer introdução.

— Sim — respondeu Miguel, à espera.

— Pretendem usar Tereza como testemunha contra o chefe da Máfia. Isso tem várias implicações, entre elas a de que você precisa manter tudo normal até o dia da operação.

— Quando?

— Dia 8 de fevereiro.

— Menos mal. Falta pouco tempo. E os objetos?

— Podem ou não aparecer — informou Daniel.

— Precisamos encontrá-los. Não faço ideia sobre a identidade do atual proprietário, e os artefatos precisam ser monitorados.

— Sim. Não queremos mais surpresas.

— Vamos deixar assentar a poeira antes de traçar um plano — sugeriu Miguel.

— Concordo. Se houver novidades, telefone.

— Eu também.

A ausência aparente das atividades profissionais na agenda de Miguel, durante a primeira semana de fevereiro, começou a incomodar Tereza. Não se lembrava de vê-lo tão ausente e displicente com o trabalho. Fechava-se na sala e não a chamava para quase nada. Tereza não imaginava o que Miguel estaria fazendo, e quando entrou na sala dele, se espantou por vê-lo conversando no celular com Andreas Müller, o diretor da filial alemã. Assim que percebeu a presença dela, Miguel desligou e, de pé, em frente à enorme janela, perguntou:

— O que é, Tereza?

— Está tudo bem?

— Por que não estaria? — questionou, olhando-a friamente.

— Está tudo muito tranquilo nos últimos dias. Por isso estranhei. Deseja alguma coisa?

— Não, obrigado, Tereza — afirmou com uma educação seca que não deixava margem para ela fazer qualquer comentário adicional.

Ela saiu da sala com a sensação que algo estava acontecendo, mas não conseguiu definir o que poderia ser. Dimitri a tinha informado que seus

contatos garantiram que a polícia não sabia de nada, e aquilo a tranquilizou. No final do dia passou pelo apartamento de Penafor. Ele não tinha ido trabalhar e ela encontrou-o ainda de pijama e com a barba por fazer. Descobrir o responsável pela morte do pai, tantos anos depois, paralisou-o: não sabia o que fazer. Leu o dossiê compulsivamente, até decorar todas as informações e continuava sem decidir o que faria. Vacilava entre o desejo de se vingar e o temor de confrontar a pessoa. O pai, em toda sua magnitude católica, não gostaria que ele se vingasse.

E ali estavam, Penafor e Tereza, prisioneiros dos seus erros, presos pelos seus medos, sem saberem como andar para a frente, com o passado pesando em suas memórias.

Miguel defendia que não havia um caminho único para a iluminação, e que o corpo era um desses caminhos — o mais prazeroso. Decidira levar Elizabeth a esse imponderável mundo, em uma jornada através da pele e dos sentidos.

Centenas de anos antes, tinha descoberto um rito milenar em três das páginas do Códice Giga que estavam em seu poder, mas faltavam as quatro restantes. O ritual ali descrito parecia permitir que os Guardiões preservassem a imortalidade e levassem uma vida aparentemente normal — amassem e tivessem filhos. Mas a cerimônia estava incompleta: ele sabia o porquê, sabia que manteria a “imortalidade da carne”, mas não conhecia os passos do rito. E os Guardiões sabiam como, mas desconheciam os objetivos. Miguel não teria acesso ao resto da informação, às quatro páginas que estavam com a Ordem, e optou pelo antigo ritual sumério da fertilidade, um rito que conhecia bem e permitira que gerasse um filho com Adéle.

Planejou a cerimônia, realizada pela primeira vez na Suméria, cinco mil anos antes. Tinha caráter religioso, acontecia entre a sacerdotisa e o rei na frente de toda a corte, e recriava o momento da União Sagrada que gerou a vida sendo, na sua essência, um poderoso ritual de fertilidade.

Organizou tudo com calma, atento aos mais ínfimos detalhes. Purificou-se por meio da alimentação e da meditação, e se manteve casto. Era um homem de minúcias: escolheu velas brancas e incensos, usou as túnicas de puro linho que encomendara, sob falso pretexto, para as boas-vindas de Elizabeth à Irmandade, e se submeteu a um treinamento para despertar os sentidos. Precisava canalizar a energia corretamente, de forma a atingir os seus

obscuros objetivos. Marcou a data com base no ciclo lunar: 14 de fevereiro, dia de lua nova, quando a sensualidade de ambos estaria em sintonia. Tinha descartado a lua cheia, época em que a energia dela estaria mais forte, e o quarto crescente, quando ele seria predominante.

O dia 8 de fevereiro amanheceu quente em São Paulo, contrastando com o inverno frio que varria a Europa. Tereza estranhou as batidas violentas na porta do apartamento, às sete e meia da manhã. O mundo parecia estar prestes a ruir, tal era a força das pancadas. Deu um gole no café, pousou a xícara sobre a bancada da cozinha, se dirigindo à porta. Espreitou pelo visor e não viu ninguém. Achou aquilo mais estranho ainda. Perguntou:

— Quem é?

— Polícia. Por favor, abra a porta.

Temeu, mas um pensamento rápido atravessou seu cérebro: *E se fosse alguém enviado por Dimitri?*

— Mostre o distintivo — pediu, espreitando novamente pelo visor. Um policial pôs a identificação na frente do visor. Ela sentiu as pernas cederem. Encostou-se uns segundo na parede, ao lado da porta, para retomar o controle, mas não conseguiu. Do lado de fora, novas batidas e a mesma voz forte:

— Abra a porta, por favor.

Ela abriu a porta devagar, mas um dos policiais forçou a entrada apontando uma arma para seu rosto enquanto ordenava com voz metálica:

— Coloque as mãos sobre a cabeça, por favor! — Outro policial foi até ela e algemou-a sem cuidado, forçando os pulsos a encaixarem um contra o outro, enquanto falava um lenga-lenga que até então ela só ouvira nos filmes:

— A senhora está presa... — As palavras foram se distanciando dela, como se aquilo não estivesse acontecendo e fosse um pesadelo, que desapareceria quando ela abrisse os olhos.

O policial da voz forte levou-a para o carro e os outros ficaram revistando o apartamento. Seu único consolo era que eles não encontrariam nada ali: ela não era tão ingênua a ponto de deixar provas plantadas no seu próprio apartamento. Naquele momento tinha duas preocupações: saber o que eles tinham de concreto contra ela, e avisar Penafor. Seria difícil contar a verdade, mas no meio de tanta gente que conhecia, acreditava que só ele poderia ajudá-la. Pensava nele como se pensasse na salvação.

Quando chegou à delegacia colocaram-na numa sala, com uma mesa e quatro cadeiras maltratadas. Viu a parede de vidro escuro e uma câmera piscando no canto superior direito da sala, quase encostada no teto. Percebeu que estava sendo observada e filmada. Sentou aparentando tranquilidade, embora por dentro estivesse em total alvoroço. A sala era desconfortável, com o ar-condicionado propositalmente muito frio. Tereza começou a ficar com as mãos geladas. Felizmente sempre saía de casa com um casaco, para se proteger da temperatura sempre baixa da UniTouch, apesar do calor infernal que fazia na rua.

Bardas, na sala de observação, juntamente com Queiroz, viu o lugar encher-se de detetives, preparados para acompanhar o interrogatório. Achou aquilo um exagero. Nesse instante, Queiroz observava Tereza, em silêncio, através do espelho, estudando todos os seus gestos com os cuidados de um bacteriologista num laboratório. A sala de observação estava abarrotada e Bardas resolveu perguntar baixinho para Queiroz:

— O que acontece?

— Eles gostam de apostar. Uns acham que o suspeito vai falar, outros não. Alguns até acham que o sujeito vai falar em um determinado intervalo de tempo. Eles se divertem — murmurou, com uma ternura inusitada, como se falasse dos próprios filhos.

— Mas é sempre assim?

— Quando eu resolvo fazer um interrogatório é sempre este circo — confirmou, divertido.

— Por quê? Faz parte do treinamento que você dá? — perguntou, curioso.

— Não, não — rejeitou, com um sorriso brando. — É que eu tenho um estilo quase... feminino, que eles gostam de observar.

— Feminino? — inquiriu Bardas, confuso.

— Sou muito delicado. Acredito na educação e na gentileza. As pessoas não encontram isso em um lugar destes. E ficam desarmadas. É do que preciso para estabelecer um diálogo — explicou, consultando o relógio. — Bem, está na hora.

— Coronel — chamou um dos detetives, colocando-se na frente dele. — Quanto tempo acha que vai levar para dobrá-la?

— Não sei. Mas tem que ser antes do advogado dela chegar, senão vai dar muito mais trabalho. E acredito que ela vai pedir esse advogado já, já — respondeu, enquanto se dirigia para a sala de interrogatório. Depois voltou atrás, enfiou a cabeça na porta e rematou:

— Quem ganhar paga uma rodada para todos esta noite.

Tinham se passado três horas desde que Tereza chegara à delegacia. Depois de ter percorrido a sala vezes sem conta e quando já não encontrava posição na cadeira dura, alguém entrou com um café quente na mão. Era o que ela precisava para sentir o calor voltar ao corpo. O homem tinha mais de quarenta anos e tudo nele era calmo: da expressão facial aos gestos. Sentou na cadeira à frente dela e bebeu o café devagar, saboreando-o em pequenos goles. Pousou o copo de plástico, meio cheio, bem junto dele, e disse:

— Bom dia. Me chamo Rui Queiroz e sou coronel da Polícia. Aceita um café?

— Sim. Muito obrigada — respondeu, apressada.

Ele levantou o copo para o espelho que estava nas suas costas, em um sinal que parecia claro para quem estivesse os observando. Esperou que trouxessem o café e só quando ela começou a beber é que falou de novo, interrompendo o silêncio que se instalara entre eles.

O café estava muito doce, mas naquele momento Tereza sentiu as energias voltarem ao corpo e aquele parecia ser o melhor café que tomara na vida.

— Imagino que saiba por que está aqui... — disse Queiroz, dando início à conversa.

— Não — respondeu, lacônica.

— Então vai ser assim? Não vamos colaborar um com o outro? — questionou suavemente.

— Senhor, eu não posso colaborar com a polícia sem saber do que se trata. Além disso, não posso falar para não me incriminar em algo que seja considerado ilegal.

— Compreendo — respondeu Queiroz, pensando que o jogo tinha começado e estava uma a zero, a favor dela. Ela parecia frágil, mas era extremamente astuta.

— Tenho direito a um telefonema, não é?

— Sim, claro. Quer fazê-lo já? — perguntou Queiroz, desconcertando-a com sua ética. Tereza achava que eles iam mantê-la ali horas a fio até conseguirem fazê-la confessar alguma coisa. Os métodos da polícia eram conhecidos pela brutalidade e, em alguns casos, pela falta de escrúpulos para conseguir confissões. Aquela atitude era contrária a tudo o que tinha ouvido a respeito da atuação da polícia. Primeiro a gentileza do café, e agora a ética do telefonema. Sentiu-se grata.

— Sim, por favor.

Ele levantou novamente o braço para o espelho e, segundos depois, um policial jovem e robusto trouxe um telefone sem fio, que pôs à frente dela antes de abandonar a sala, sempre em silêncio.

— Pode usar. É só ligar o telefone e marcar o número. É uma linha direta. Vou te dar alguma privacidade — afirmou, deixando-a sozinha. Tereza sabia que estava sendo observada, mas o gesto dele tinha sido de uma educação extrema. Sentiu a ameaça das lágrimas. Depois do tratamento do silêncio durante três horas, que se arrastaram como se fossem dez, onde tudo passou pela cabeça, aquele humanismo raro a comoveu. Primeiro marcou o número do celular de Penafor, mas ele não atendeu. Depois tentou o de casa e foi inundada por uma sensação simultânea de alívio e alegria ao ouvir a voz dele.

— Juan — disse com voz de choro. Ele sobressaltou-se.

— Tereza?

— Preciso muito de você. Fui presa. Preciso de um advogado criminal.

— O que aconteceu? O que você fez Tereza? — perguntou perplexo. A dor dela arrancou-o da letargia que o dominara desde que descobrira o responsável pela morte do pai. De repente, alguém precisava dele e esse alguém era a mulher que amava. Levantou, de um pulo, do sofá onde estava deitado e sentiu o corpo se encher de uma força nova. Mentalmente revia os nomes de advogados que conhecia ou de quem já havia ouvido falar de forma elogiosa. O dinheiro não seria problema. Tinha que salvar Tereza.

— Não posso falar sobre isso agora. Mas foi algo terrível.

— Não se preocupe. Vou cuidar de tudo. Para onde é que a levaram? — disse, recuperando a voz firme com que a encantara na festa de Natal da empresa.

— Para a delegacia do Centro.

— Eu sei qual é. Não se preocupe. Não importa o que tenha feito, vou tirá-la daí. Prometo.

Tereza sentiu-se reconfortada depois de ouvi-lo. A sensação de desespero diminuiu e, naquele momento, começou realmente a amá-lo. Ouviu Queiroz entrar e ocupar o mesmo lugar, à sua frente. Ele levantou o telefone com a mão direita e o mesmo policial que entrara na sala minutos antes, veio buscá-lo.

— Sente-se melhor? — perguntou, gentil.

— Sim, obrigada, coronel.

— Quer esperar pelo seu advogado ou podemos conversar um pouco?

— Oficialmente? — perguntou, com esperança de poder deixar de vigiar

tudo o que dizia.

— Sim. A partir do momento em que batemos à sua porta, é tudo oficial Tereza.

— Compreendo. E de que falaríamos?

— Da sua participação em uma quadrilha do crime organizado, dedicada ao mercado da arte e envolvida em vários assassinatos.

Ela baixou a cabeça perante a suavidade firme com que ele falava. Aquilo só podia significar que a polícia sabia de tudo. Mas insistiu para ver até onde eles poderiam conectá-la com Dimitri.

— Não têm provas sobre isso.

— Infelizmente para você, temos. Você é apenas uma milésima parte do quebra-cabeça: hoje foi realizada uma operação em vários países para dismantelar essa rede criminosa. Neste momento estão presas cento e dezessete pessoas.

Ela se assustou com o número, percebendo que se tratara de uma megaoperação. Uma operação que tinha escapado totalmente aos contatos de Dimitri. Uma coisa secreta, que significava que o vigiavam havia muito tempo e mantiveram tudo confidencial, fora dos canais normais da polícia. Estremeceu com a lucidez do seu próprio raciocínio.

— Compreendo.

— Sua participação está comprovada porque, como calcula, uma operação desta magnitude pressupõe um minucioso e longo trabalho de investigação.

— Está dizendo que estão me vigiando há algum tempo, é isso?

— Investigando — corrigiu delicadamente Queiroz.

Bardas, do outro lado do espelho, estava estupefato com o andamento da conversa. Agora que via Queiroz em ação, com toda a delicadeza, compreendia o fascínio que ele exercia sobre os seus subordinados.

— Certo. Investigando — repetiu Tereza. — E quais são as acusações?

— Várias. Raramente um crime é só um crime.

— O que quer dizer? — disse, descruzando os braços para apoiá-los sobre a mesa, indicando, inconscientemente, que estava baixando suas defesas.

— Para cometer um crime, em geral cometem-se vários! E com você não foi diferente.

— Que crimes eu cometi?

— Invasão ao domicílio, associação criminosa, participação em homicídios...

— Nunca matei ninguém — negou, perante o absurdo da acusação.

— Mas era você que fornecia a lista dos objetos de arte e o nome dos proprietários aos seus colegas — lembrou, gentil.

— Sim, mas não era para que matassem ninguém.

— Mas rapidamente descobriu que os matavam, não é?

— Eu não podia fazer nada, coronel! — falou como se desabafasse. — Depois de entrar para um grupo desses não há como sair. Quando percebi onde estava, já era tarde demais.

— E por que se meteu nisso?

— Por dinheiro e para me vingar de Miguel Besson, meu chefe.

— Ele tratava-a mal, é isso? — perguntou solidário, para total espanto de Bardas, que os observava inconformado com a rapidez com que uma mulher inteligente como Tereza estava confessando ao coronel da Polícia, antes do seu advogado chegar.

— Eu fui apaixonada por ele durante anos.

— Não se pode obrigar ninguém a nos amar, não é Tereza? — questionou, se incluindo inteligentemente na conversa, como participante.

— Não. Mas eu estava com muita raiva.

— E agora?

— Agora não. Amo outra pessoa.

— Então quem sabe, se colaborar com a polícia e nos contar o que sabe, possamos negociar e evitar um julgamento público.

— Isso é possível?

— Sim. Se o Ministério Público aprovar. Mas acredito que sim, se você colaborar.

— O que faria se estivesse no meu lugar?

— Ouviria primeiro meu advogado.

Ela se admirou com o conselho. Realmente aquele homem tinha uma ética absurda.

— Obrigada. Quando meu advogado chegar gostaria que propusesse um acordo. Pode ser?

— Claro. Vou pedir que anote seu depoimento e assine — respondeu Queiroz, se preparando para deixar a sala. — Aceita mais um café, uma água?

— Os dois, por favor. Obrigada coronel.

Ele sorriu, saiu da sala, e no momento em que abriu a porta da sala de observação, percebeu que a desordem estava instalada. Discutiam os detalhes da aposta e Bardas, sem perceber como, tinha se transformado no árbitro do

conflito.

— Cinquenta minutos foi o tempo que ele levou para negociar — dizia Bardas, no seu português atravessado de gíria espanhola, com a folha das apostas na mão. — O tempo mínimo aqui na lista é de uma hora. Temos que excluir o tempo.

Queiroz falou alto:

— Bardas, não se meta com eles. Saia daí, vamos tomar uma cerveja. André, vá lá pegar o depoimento da senhora e garanta que ela escreva direitinho o que fez.

Bardas entregou a folha ao detetive que estava ao seu lado e deixou a sala de observação.

Mais tarde o advogado de Tereza formalizou o acordo que ela já havia começado a negociar com Queiroz: daria nomes, datas e detalhes da organização, e em troca da sua colaboração entraria para um programa de proteção a testemunhas. Aquilo significava que deixaria para trás sua vida atual e todos os que faziam parte dela, inclusive Penafor.

Na África o tempo parece mais lento, tem um ritmo próprio e as cores, os cheiros e os sabores são mais intensos. Miguel olhou pela janela da sala e viu a savana pontilhada por algumas árvores que quebravam a monotonia da paisagem. Adiante, uma montanha quase azul interrompia a amplitude do horizonte. Ao longe, o barulho dos bichos antecipava a noite. A escuridão caiu de repente. Naquela época a noite se abatia sobre a terra de uma vez. O dia ia da luz intensa à escuridão profunda sem ameaças ou entardeceres prolongados, como se uma sombra engolissem o sol de supetão.

Elizabeth, encostada à janela, com o pensamento distante, lutava contra sua presença junto de Miguel. Não entendia como aquilo acontecera: tinha ido se encontrar com ele e acabara viajando para África, sem levar sequer uma roupa. Agora, ao pensar nas últimas horas, tudo parecia confuso, como se a mente tivesse lhe pregado uma peça. Talvez o ferimento na testa, no dia em que conheceu Miguel, tivesse mesmo afetado o seu discernimento sobre ele. Desde aquele instante, era difícil se libertar daquela espécie de nevoeiro que afetava sua vontade e lucidez quando ele estava por perto. Não sabia. O certo é que não queria ficar, mas também não queria partir.

Muitas horas antes, Miguel a convidara para viajar até a África. Não a pressionou para fazer nada que ela não desejasse. Elizabeth estava ali porque

aceitara o convite dele, e acompanhara-o por vontade própria.

Miguel não tocou nela nem a beijou. Manteve a distância. No avião, quando ela cedeu ao cansaço, cobriu-a com um cobertor macio e ficou vendo ela dormir, observando seu sono, como se a estivesse estudando.

Ela se afastou da janela, para longe do chamado dos bichos. Aproximou-se dele, pousando a mão sobre o peito másculo e, perguntou, confusa com seu comportamento distante:

— Atravessou continentes, me trouxe até aqui, e já não me quer?

— Quero — respondeu com voz rouca, assaltado por um desejo mal reprimido. — Muito.

— Então por que não me abraça?

— Vamos descansar hoje e amanhã. Depois, com calma, você decide se é isso que quer.

— Acha que tenho dúvidas?

— Deveria ter — avisou-a. — Sua decisão pode alterar sua vida. Já pensou nisso?

— Não sei! — abraçou-o, antes de confessar. — Não quero sair da Ordem, mas quero ficar com você. E ao mesmo tempo não quero.

— Eu sei — respondeu acariciando o cabelo claro, antes dar um passo atrás, e se afastar. — Podemos esperar. Quero que veja um lugar especial, onde ficaremos juntos. Pode ser?

— Pode — concordou docilmente, deixando cair os braços vazios ao longo do corpo.

— Hoje, vamos fazer outra coisa especial. Vamos nos transformar e caçar — sugeriu, observando-a cuidadosamente.

— Não posso comer carne. Não quero comer carne — respondeu com repulsa.

— Não precisamos comer. É apenas para sermos livres. Será uma experiência inesquecível — convidou Miguel, sabendo do vínculo que criaria com ela. Um vínculo eterno, porque seria a primeira vez que ela se transmutaria na natureza e ele seria seu guia.

— Não sei se posso — disse confusa, assaltada pela lembrança do seu rosto contra as costas macias e felinas de Daniel, quando havia se consagrado.

— Venha. Eu estou com você — insistiu, persuasivo, puxando-a pela mão com suavidade.

— Não. Não posso. Não quero. Não quero, Miguel — afirmou finalmente,

com veemência. Lembrou-se de Daniel, dos seus lábios contra a pele úmida do pescoço dele, quando ele a carregou pelas escadas do Mosteiro.

Miguel abraçou-a com força, tentando dominar um sentimento de frustração. Ela tremia ligeiramente, com o coração acelerado e o medo espreitando nos olhos, juntamente com o animal sagrado que habitava dentro dela.

— Está tudo bem — disse, junto ao ouvido dela, com voz mansa, acalmando-a e fazendo os batimentos cardíacos voltarem ao normal. — Venha. Vamos comer. A empregada deixou salada e sopa... Nada de carne. Eu também não estou comendo carne.

Elizabeth seguiu-o até a cozinha. Ele a serviu, cuidou dela e depois a acompanhou ao quarto. Sentou-se na cama e conversou longamente com ela sobre os tempos dos cavaleiros em terras que já tinham mudado de nome.

Ela sentia-se frágil. Depois de tantos anos, estava de volta ao lugar onde nascera e a África inteira parecia gritar dentro dela, como se despertasse de um grande sono. Lentamente cedeu ao sono, embalada pela voz meiga de Miguel. Quando ela adormeceu, ele relaxou finalmente o corpo tenso e beijou-a nos lábios. Cobriu a cama com o mosquiteiro redondo, preso no teto, e deixou-a dormir em uma espécie de casulo, antes de ir para seu quarto.

Quando a noite de 12 de fevereiro caiu sobre São Paulo, trouxe uma escuridão maior que a habitual. Naquela tarde, Elizabeth tinha ido encontrar-se com Miguel em um pequeno café repleto de azaleias de todas as espécies e cores. Na parte de trás da casa, depois de duas salas aconchegantes, havia um jardim com algumas mesas. Foi dali que Elizabeth desapareceu. Leon e Náder não encontraram rastro dela, trinta minutos depois de ter entrado no café. Avisaram Alessia que eles deviam ter saído pelo portão do jardim, que desembocava em outra rua. O certo é que, em minutos, a inquietação se apoderou de todos os Guardiões.

Daniel ligou para Miguel e Elizabeth, mas os celulares estavam desligados. Manteve a frieza e distribuiu tarefas. Seth e Uchoa iriam ao apartamento de Miguel e à sua casa de praia, localizada a cem quilômetros da cidade, para ver se descobriam alguma pista. Alessia e Kent entrariam na sede da Irmandade da Fênix. Dib iria com ele para os aeroportos da região. Daniel deduziu que seu primeiro gesto, se estivesse no lugar de Miguel, seria levar Elizabeth para fora do país, distante do alcance da Ordem.

Daniel listou várias possibilidades para onde ele poderia levar Elizabeth, e, de repente, o mundo que sempre lhe parecera minúsculo, tornou-se excessivamente vasto. Às quatro da manhã, depois de terem virado a cidade do avesso, encontraram-se na sede da Ordem. Manfred Kräuser, por precaução, havia preparado uma ceia tardia. Serviu-os na sala que antecedia a Biblioteca, e embora ninguém estivesse com apetite, todos se obrigaram a comer, por desconhecerem quando seria a próxima refeição.

Daniel ouviu os relatos minuciosos. O menor detalhe podia transformar-se em uma pista. Porém, não havia indícios do lugar onde Besson pudesse estar com Elizabeth e Daniel sabia que, se ele quisesse, ninguém o conseguiria encontrar. Pensou durante algum tempo, avaliando as diferentes ideias e sugestões e, por fim, tomou uma decisão: iria usar a projeção astral para descobrir onde ela estava. Bateu com a palma da mão na mesa, em uma espécie de gesto de adeus e saiu, seguido de Dib:

— Vou com você. Pode precisar. — Daniel moveu a cabeça em sinal de aquiescência. Parou na porta, por um segundo, antes de partir, e pediu:

— Mantenham-se atentos. Posso precisar de vocês. Dia 14 é lua nova. A lua dos novos começos, a lua da fertilidade. Temos que encontrá-la antes.

— Daniel, por favor, diga o que está pensando! — pediu Alessia.

— Besson não precisa de Elizabeth para manter a juventude. Ele a ama e não lhe fará mal, mas a deseja — mordeu os lábios, como se quisesse morder também as palavras. — Deseja-a mais do que tudo. É simples.

Os olhos de Alessia faiscaram com aquela verdade que intuía, mas se negava a aceitar. As lágrimas correram pelo rosto. Kent pôs as mãos sobre os seus ombros e disse, consolando-a:

— Nós vamos encontrá-la.

28. O terço dos anjos

Ouçam-me, quando estiverem cansados, vão dormir e obtenham assim poder. Algo virá ter convosco no vosso sonho para vos ajudar. Seja o que for que esses animais vos digam, se aparecerem enquanto vocês dormem, obedeçam-lhes. Deixem-se guiar por eles. Se alguém quiser ajuda, se um de vocês estiver só na viagem e gritar alto por ajuda, o seu pedido será ouvido. Era assim que as primeiras pessoas se deslocavam pelo mundo, graças ao poder dos seus sonhos.

Pés Negros (Índios Siksika, Sangues e Piegans)

Daniel meditou, usando sua ligação com Elizabeth, fortalecida pela Consagração, para localizá-la. Após uma hora de profundo transe, viu-a adormecida sob a renda do mosquiteiro. Aproximou-se dela, e assoprou seu rosto. Ela abriu os olhos devagar, com esforço, e viu o monge de laranja dos seus sonhos, o monge que a protegia sempre. Ergueu a mão, afastou o largo capuz, e reconheceu Daniel.

— Temos pouco tempo, Elizabeth — avisou Daniel num sussurro. — Diga-me onde está.

— Na Costa do Marfim.

— Mostre-me o lugar.

— Não consigo. Estou muito cansada — respondeu, dominada por uma estranha letargia, sob o efeito do encantamento de Besson.

— Dê-me uma indicação.

— A montanha azul... A quatro horas da capital.

— Eu vou encontrá-la. Não se oponha a ele. Quanto mais lutar, mais forte será o encantamento. Não resista.

— Está bem. Daniel... — murmurou, no instante em que Besson entrava no quarto. Mas Daniel já não se encontrava ali. Foi por um milionésimo de segundo que não se cruzaram. Besson caminhou até ela e ouviu-a repetir o nome:

— Daniel...

Apertou os olhos com força, confuso. Não sabia por que é que ela chamava por Daniel. Olhou em volta tentando descobrir se ele quebrara a proteção que tinha colocado em volta dela. Mas não havia nenhum desequilíbrio no campo de energia. Sorriu, seguro de que nem mesmo Daniel teria a habilidade de entrar no círculo à volta da cama dela, sem que ele descobrisse. Puxou a cadeira que estava num dos cantos e sentou-se próximo da cama, vendo-a dormir: as longas pernas nuas contra os lençóis brancos, os braços abandonados. Observou a respiração ritmada sob a camiseta de algodão rosa que ela encontrara na cômoda.

A quilômetros dali, Daniel saiu do transe em que se encontrava. Dib estava ao seu lado, sentado no chão, com as pernas cruzadas uma sobre a outra, em profunda meditação. Também abriu os olhos lentamente e comentou, sorrindo:

— Foi por pouco.

— Foi — concordou Daniel. O dia raiava. — Se você não tivesse mantido a energia do círculo estável, Besson teria descoberto minha presença.

— Eu sei — disse Dib, lembrando que Daniel fizera o mesmo por ele, anos atrás, ao resgatá-lo das mãos de um poderoso inimigo durante a Segunda Guerra. — Descobriu onde ela está?

— Na Costa do Marfim. Besson deseja fechar um ciclo e iniciar outro. Que lugar seria melhor do que a terra onde Elizabeth nasceu? Além disso, é África.

— A magia é muito poderosa lá... — confirmou Dib. — Sabe qual é a localização exata?

— Elizabeth mencionou uma montanha azul, a quatro horas da capital. Tenho certeza que é um antigo templo que existe no topo dessa montanha.

— Vai lá?

Sem terem dormido, foram para a cozinha, onde Daniel fez um café

expresso forte, enquanto respondia:

— Vamos juntos. Quero que me acompanhe, mas vai manter-se invisível e equilibrar os campos energéticos para evitar flutuações, porque Elizabeth está sob o encantamento de Besson. E ele é que vai ter que deixá-la partir.

— E se ele não a libertar, Daniel?

— Primeiro vamos analisar a situação — respondeu, bebendo um trago de café.

— Quer que avise os outros? — perguntou Dib.

— Sim. Peça que Seth providencie um avião para nos levar à Costa do Marfim, o mais rápido possível — respondeu Daniel.

— O que é Daniel? — Dib percebeu que ele continuava maquinando alguma coisa.

— Arturo deixou um terço para Elizabeth. É um objeto mágico. Foi o único objeto que ele me pediu para dar à Elizabeth quando eu achasse que seria necessário.

— Lembro quando você lhe entregou, na reunião...

— Essa é a questão: “*quando for necessário*”! — frisou Daniel, olhando fixamente para Dib. — Não vejo uma situação em que o terço seja mais necessário. E você?

— Também não — confirmou Dib. — Onde está o terço?

— Deve estar na casa dela. Vou falar com Alessia e passo lá para buscá-lo. Encontramo-nos aqui em duas horas e seguimos para o aeroporto. Kent vai nos levar.

— Perfeito — disse Dib. Precisava ir ao seu apartamento para pegar uma mochila com algumas roupas e objetos de higiene pessoal.

Miguel conduziu-a pela mão. Subiram a montanha por uma antiga escada, com pequenos buracos escavados na rocha íngreme. Era um caminho oculto para quem não o conhecesse, cortado na pedra centenas de anos antes, pelas mãos de antigos sacerdotes. No topo da montanha, uma rocha lisa, coberta por uma camada de terra, abrigava um cemitério africano de quinhentos anos, com gerações de reis adormecidos, cujos nomes teimavam em resistir na pedra para evitar o esquecimento humano. Espíritos e forças estranhas pairavam sobre o lugar, ligando o passado ao presente. Uma pequena torre de pedra branca, com um altar de mármore no centro, erguia-se quase na beira do penhasco de mil e setecentos metros.

Anos antes, o altar servira para realizar sacrifícios que apaziguassem os antigos deuses, sempre que a natureza se enfurecesse contra a humanidade. A única forma de os homens provarem o amor por esses deuses cruéis e ávidos de atenção era pela oferta de sangue. Habitualmente eram sacrificados animais. Porém, quando a fúria divina era demasiado violenta e se abatia sobre os homens sem compaixão, eles sacrificavam uma criança. Mas mesmo com tanto sangue derramado — ou talvez por haver tanto sangue derramado — a região tornou-se inóspita, incapaz de sustentar a vida. Os deuses pareciam tê-la sugado, deixando apenas um pedaço árido de chão.

O povo partiu em busca de água quando percebeu o abandono dos deuses. Para trás deixaram os túmulos dos reis mortos, fustigados pela poeira, e a pequena torre branca.

Miguel apropriou-se da torre que havia sido preservada e, agora, era mantida por um velho feiticeiro que insistia em homenagear os antepassados, na esperança de que eles interferissem junto aos deuses, e a vida retornasse à terra ressequida.

Os olhos de Miguel brilhavam anormalmente, mesmo sob a proteção das lentes escuras. O sol africano tinha uma luz forte que deixava um rastro fantasmagórico e leitoso sobre as pessoas e as paisagens. A luminosidade vinha do céu sem hesitações, e depois emanava da terra, como se o chão fosse incapaz de suportá-la e tivesse que devolvê-la. De longe, a libertação do calor provocava um estranho efeito de óptica: a terra parecia diluir-se em direção ao céu, em um bizarro tremor.

Apesar do caminho íngreme, quase a pique em certos lugares, Elizabeth subiu a montanha sem esforço. Seu condicionamento físico impressionou Miguel, que viu claramente os efeitos da Consagração. Subiram as escadas, no interior da montanha, protegidos do sol impiedoso, mas sob o efeito de um calor intenso. Sentiram alívio imediato assim que Miguel empurrou a porta e entraram na capela branca. Tudo estava perfeito: as velas brancas no lugar certo, o fumo adocicado do incenso, e, sobre o enorme altar, um fino colchão de algodão egípcio que protegeria o corpo do toque gelado do mármore. Miguel pediu que ela vestisse uma longa túnica de linho branco enquanto colocava a sua. Viu-a quando ela se despiu e avaliou o corpo perfeito, esguio, com a cintura fina e a pele de marfim. Não conseguiu evitar um arrepio de prazer antecipado, ao saber que ela seria sua.

Quando ficaram apenas com o tecido fino e delicado sobre a pele, ele sentiu o corpo livre de restrições e tentou dominar o desejo que o inundava.

Precisava se controlar para que o ritual fosse perfeito.

No meio da sala, o antigo altar de mármore, com um metro de altura e quase três de largura, esperava por eles. Elizabeth se deitou como uma noiva sacrificial. Estava calma, sem medo ou ansiedade, e apesar de tudo aquilo parecer estranho, não pretendia fazer nenhum gesto de rejeição, prisioneira do poderoso encantamento que Miguel lançara. Sentiu que ele se aproximava, sem pressa. O corpo, em um movimento lento, dissipava a distância que os separava. Lá fora, o sol continuava a pique, caindo impiedosamente sobre a paisagem.

Ele sentou-se em frente dela e puxou-a pelas mãos para que ela ficasse na mesma posição. Ficaram alinhados, com as pernas cruzadas, na posição de lótus. Miguel começou a respirar profundamente e ela acompanhou-o, em um processo lento de preparação para maximizar a energia. Quando a respiração deles estava totalmente sincronizada, ele despiu a túnica, e ela imitou-o em um gesto automático.

Tudo nela era perfeito, pensou Miguel com prazer, olhando-a fixamente. Percebeu como o desejo aumentava devagar, pela respiração profunda e pelas carícias das mãos sobre os corpos nus. Tinham passado horas desde que haviam se sentado ali, e ambos ardiam de desejo. Ela fez um gesto para se aproximar, ansiando por mergulhar no corpo dele, mas ele moveu a cabeça em sinal de negação, concentrado em cumprir as etapas do ritual. Continuaram sentados, frente a frente, empreendendo uma viagem dos sentidos, com as mãos ocupadas em uma exploração cada vez mais exigente.

Finalmente, Miguel se inclinou e a beijou com uma sensualidade voluptuosa. Ela se entregou sem reservas, dominada por aquele fogo que fazia arder seu ventre e se espalhava por todo o corpo. Quando atingiram o ápice do desejo, e Miguel estava prestes a possuí-la, sentiu a presença dele. Parecia longínquo, mas, na realidade, já era muito tarde: a porta abriu e a luz da tarde invadiu a capela, com um jorro pungente. Ele ficou imóvel, recortado contra a luz, como um anjo vingador. Miguel quase esquecera como ele era senhor daquela terrível beleza que escondia o golpe certo da justiça.

Daniel fechou a porta em silêncio. Vestia a túnica negra dos Guardiões e na mão trazia a túnica de Elizabeth, que colocou à esquerda da porta.

Depois de centenas de anos, finalmente se encontraram face a face. Daniel sentiu o peito comprimir quando olhou para o rosto do antigo amigo. Reconheceu as suas feições belas e elegantes, mas o olhar estava diferente e,

naquele momento, completamente alterado pelo desejo. Manteve a tranquilidade, mas não pôde evitar a tristeza de reencontrá-lo, tantos anos depois, naquelas circunstâncias, a ponto de *lhe roubar* Elizabeth.

Entrou na capela pisando com cuidado, como se o chão pudesse se abrir debaixo dos seus pés a qualquer instante, pronto para tragá-lo. Parou a cinco passos de Miguel, com os olhos fixos nele. Via Elizabeth de relance, nua sobre o altar, em uma espécie de transe. Mediram-se e ele recordou o intenso erotismo de Miguel: parecia um felino pronto para acasalar, e todos à sua volta se rendiam àquela força primitiva que os atirava para a obscuridade do desejo.

Miguel continuou imóvel, sentado sobre o altar, expondo sua sensualidade exuberante, como se a natureza não tivesse que se ocultar sob circunstância alguma.

— Hum... — disse Miguel, dando início ao diálogo de forma letárgica, quando, na verdade, estava totalmente alerta. Daniel continuou em silêncio, pensando que Miguel teria que fazer melhor do que aquilo: teria que dizer uma palavra se quisesse dialogar.

— É belíssima, não acha? — perguntou Miguel, provocante, para auscultar até onde ia a relação entre eles. Lembrava-se como Elizabeth era alucinada por Daniel quando criança, e havia dito o nome dele durante as duas últimas noites, enquanto dormia.

Por fim, Miguel se moveu, para deitá-la sobre o altar, como uma boneca. Assoprou suavemente seu rosto e ela adormeceu. Disse, voltando-se para Daniel:

— Não queremos que ela veja isto, não é?

— Depende. Por que matou o Bento? — questionou Daniel, mudando de assunto para conseguir algum tempo e controlar a emoção que a nudez e o envolvimento de Elizabeth com Besson lhe suscitavam.

— Bento entrou na lista de crimes sob a responsabilidade de Dimitri, na busca por objetos de arte, pela ligação dele com Elizabeth. Até Rui Queiroz aceitou que Botkin foi responsável, mesmo sem o aval de Tereza. Por que pergunta? — respondeu Miguel, irônico.

— Embora Botkin tenha estado no Brasil quando Bento morreu, e a polícia aceite essa explicação, sabemos que não foi isso que aconteceu. A morte de Bento tem a ver com você.

— Você acha que sabe o que aconteceu, mas não sabe — frisou Miguel com uma calma fria, tentando dominar o desejo por Elizabeth e a irritação

provocada pela interrupção de Daniel. — Vou esclarecer: houve uma associação de interesses. Eu precisava que focassem a atenção em algo e deixassem Elizabeth livre, para poder me aproximar dela. Alessia ficou destruída...

— Matou um homem para chamar a nossa atenção?

— Sim — respondeu, com naturalidade, olhando provocadoramente para Daniel como se estivesse dizendo que havia cometido crimes muito piores por muito menos. — Mas confesso que fiquei impressionado por você não ter hesitado: manteve tudo organizado e não baixou a guarda. Bravo! — disse com sarcasmo. — Arturo não teria feito melhor. Mas realmente nos últimos tempos a mortalidade abalou-o e impediu que percebesse muitas coisas, inclusive minha presença. Em outras épocas ele teria sabido assim que eu chegasse à cidade.

— Eu sei. Mas Arturo estava doente...

— Hum... Como eu disse: os efeitos colaterais da mortalidade humana. Mas valeu a pena. Ele abdicou da imortalidade por Elizabeth. Veja como ela é perfeita... — disse, apontando novamente para Elizabeth, nua, adormecida sobre o altar. Deu alguns passos, pegou na túnica que tinha atirado ao chão e vestiu-a com gestos sensuais.

— Ele abdicou da imortalidade por Angelina — lembrou Daniel.

— Esperou sete séculos por ela e perdeu-a em menos de duas décadas. A aritmética não lhe foi nada favorável — disse, com um esgar de ironia. — Mas Elizabeth fez com que o sacrifício dele valesse a pena, e agora será minha. Ela está destinada a algo maior.

— Maior do que ser uma Guardiã? Não há nada maior que isso na Terra.

— Os Guardiões são limitados por demasiadas regras: castidade, pureza, abnegação... Má alimentação. São seres solitários e infelizes que não podem amar ninguém. Estão condenados à solidão. Vivem para guardar o Pergaminho e um monte de objetos mágicos poderosos demais, que não podem cair nas mãos humanas. Os homens são como um bando de crianças tolas que não podem ficar sem supervisão — afirmou cinicamente.

— E você, vive para quê? — perguntou, ignorando as provocações de Besson.

— Divirto-me, amo, faço o que quero. Sou livre e também imortal como vocês. Posso oferecer o mundo a Elizabeth.

— Não se iluda. Terá que pagar um preço por tudo isso. Como nós pagamos pela nossa imortalidade: sofremos com a solidão, mas também

somos abençoados pela luz.

— Pago meu preço — afirmou com falso desprezo ensaiado. — Além disso, a luz só existe por haver escuridão. São complementares. Uma não existe sem a outra.

Daniel perguntou de repente, como se a informação só tivesse chegado ao seu cérebro naquele momento:

— O que quis dizer sscom a morte de Bento ter sido uma “associação de interesses”?

— Quase passou despercebido esse detalhe macabro! — ironizou Miguel, com um sorriso.

— Foi você que abriu essa porta. Agora diga — lembrou Daniel.

— Bento estava doente. — Miguel fez uma pausa breve, antes de continuar a falar, como se estivesse pesando bem o que diria. — É uma coincidência que Bento tenha tido a mesma doença de Arturo, não acha?

— Sim... Mas é uma doença comum. E você assassinou-o.

— Ele me pediu.

— Como? Bento o conhecia? — inquiriu Daniel, tentando controlar a surpresa provocada por aquela informação.

— Bento e eu ficamos amigos, desde que eu cheguei a São Paulo. Quando me pediu que o ajudasse, achei que seria interessante para mim e para ele...

— Custa-me acreditar nessa sua frieza. Você fez isso por amor...

— Posso até ter feito por amor. Mas vocês não acreditam que eu seja capaz de atos de amor. Só reconhecem meu lado negro. É verdade que sou capaz de coisas terríveis. Mas somos todos, não é? — perguntou, com cumplicidade.

— Somos — reconheceu Daniel.

— Dei-lhe o veneno e ele me chamou no dia em que ia tomá-lo, quando começou a sentir dores. Fiquei ao seu lado até ao fim. O ferimento foi *post mortem*, como sabe.

— Por que o feriu?

— Além de deixar-vos ocupados, era um aviso de que eu podia atingir a Ordem. E ao levar a chave do quarto, queria que soubessem que eu tinha acesso a Elizabeth, uma chave-mestra.

— Calculei que fosse essa a mensagem simbólica.

— Eu sabia que entenderia — confirmou Miguel, com segurança.

— E como é que foi usado o mesmo veneno em Bento e nas vítimas da Europa?

— Tereza deve ter tido a ideia ao ler as minhas notas sobre tetrodotoxina,

quando invadiu meu apartamento.

— É uma explicação convincente — respondeu Daniel pensativo, voltando a falar de Bento. — Eu não sabia da sua ligação com Bento.

— Ele era excepcional. Alessia foi uma boa mãe. Diga-lhe isso — retorquiu, sincero.

— Espera que eu diga à Alessia que você e Bento eram amigos? E que foi a você que ele recorreu para morrer? Ela responsabiliza-o pela morte dele e, por alguma razão que me escapa, não suporta sequer ouvir seu nome.

Miguel sorriu e ignorou o comentário, mas Daniel insistiu:

— O que aconteceu entre vocês, Besson?

— São demasiadas revelações para um só dia. Deixemos isso. Falemos de Elizabeth — disse, voltando à verdadeira razão da presença de Daniel ali.

— Deixe-a escolher — pediu Daniel. Miguel observou-o atentamente, sentindo que Daniel estava escondendo algo importante, mas ele não conseguia decifrar. Daniel parecia um lago calmo, e tudo o que Miguel tentava fazer para ler sua mente se diluía naquela calmaria.

— Ela já escolheu.

— Ela não escolheu, Besson — disse, chamando-o pelo nome com suavidade. — Você arquitetou isto desde que ela nasceu, não é?

— Arturo não fez diferente.

— Arturo era pai dela. Escolheu aquilo que achou ser melhor para ela.

— O mesmo caminho que ele trilhou. Escolheu o conhecido — argumentou Miguel.

— Está sendo injusto com Arturo. Ele era o melhor de nós, em tudo. E foi isso que você não lhe perdoou, não é Besson? — questionou, tocando na ferida oculta durante séculos.

— Que importa isso agora? Ele se foi, apesar de ser o melhor de nós, sim. Mas parte do que ele era está em Elizabeth. Eu vejo isso e você também.

— Sim, vejo. E é por isso que quer destruí-la?

— Não quero destruí-la. Quero lhe dar a possibilidade de ter uma vida. Ser feliz. Ser mãe — anunciou friamente a Daniel, sabendo que aquela era a grande fraqueza da Ordem.

— Ela não pode ter filhos. Para isso ou deixaria de ser imortal, como Arturo, ou seguiria o mesmo caminho que você, seja ele qual for. E, nesse caso, esqueceu-se do que somos? Do que poderíamos fazer aos nossos filhos durante uma transmutação?

— Ela pode ter filhos — insistiu. — Ela pode ter tudo. Eu tenho tudo, De

Payens.

— Não tem, não.

— Mas terei — afirmou Miguel, seguro.

— Como é que consegue? Qual é realmente seu preço? Você tornou-se um Fausto, como Arturo achava? Vendeu a alma em troca da imortalidade? De poder? Do quê? — questionou Daniel, com a voz branda, sem alterar sua postura serena.

— Não vendi nada. Vocês são os Guardiões e não sabem nada. É sempre necessário alguém destemido, como eu, para descobrir a verdade. Para ir mais longe.

— Então me diga.

— Não — respondeu Miguel, divertido.

— Não por mim. Por ela.

— Eu mesmo contarei a ela, não se preocupe. Quando chegar a hora, ela saberá.

— Conte agora. Devolva-lhe a lucidez e revele a verdade — aproximou-se dela devagar.

Miguel se adiantou, barrando a passagem. Era ligeiramente mais baixo que Daniel, mas tinha uma força eletrizante. Parecia forçar um confronto. Ficou em silêncio, com o olhar calculista, avaliando estrategicamente o conflito. Daniel insistiu, com suavidade:

— Deixe-a escolher. Diga o que ela terá que fazer para continuar imortal ao abandonar a Ordem, e deixar de se submeter à Consagração. Revele o que você é, Besson.

— O que eu sou? Eu sou um Guardião sem função. Apenas isso — anunciou, sarcástico.

— Não me diga? — perguntou Daniel, com uma leve ironia, sem permitir que as emoções aflorassem. Aquilo era um jogo, e o mais frio teria todas as vantagens.

— Sou um Guardião, De Payens. Arturo deixou de ser um Guardião porque renunciou, e pronunciou as palavras que o afastaram do Graal, não foi? Eu nunca as pronunciei, jamais renunciei. E apesar de precisar fazer alguma... “ginástica” para substituir a Consagração, continuo aqui.

— Você não é um Guardião, Besson. Os Guardiões necessitam passar pela confirmação do Graal, submeter-se ao teste da pureza a cada cem anos. O que aconteceria com você se tivesse que consagrar-se? — questionou, sabendo que o deixara sem saída e sabendo, também, que Miguel pretendia prolongar

a discussão para ganhar tempo e decidir o que faria. — Mas isso é irrelevante. Estamos aqui por causa de Elizabeth. Quebre o encantamento e deixe-a ir.

— Não — retorquiu Besson, seguro da sua força. Daniel recuou dois passos e abriu um espaço entre eles. Mentalmente chamou por Dib, que aguardava oculto na escadaria, e em segundos chegaria ali. Levantou os braços em sinal de impotência, fazendo Miguel sorrir.

— Desistiu fácil, De Payens. Ainda não se tornou um poderoso Supremo?

— Estou aqui por Elizabeth. Não vim provar nada — respondeu, sabendo que se entrasse em qualquer tipo de conflito, Elizabeth é que poderia sofrer as consequências, devido à ligação mental que Besson mantinha com ela.

— Então terminamos — insistiu Besson.

— Se você a ama mesmo deixe-a ir.

— Depois... — retorquiu, sensual. — Mas aí eu já estarei no corpo dela. Há muitos caminhos para a luz. A salvação vem de vários lugares... O corpo é um caminho.

— Não para nós — negou Daniel.

— Não sabem o que perdem — disse com uma gargalhada, que se confundiu com o ruído da porta abrindo. A luz invadiu de novo o espaço e Miguel teve um momento de hesitação, o suficiente para Daniel se aproximar de Elizabeth, assoprar seu rosto e pôr entre os dedos o terço de marfim que trouxera no bolso.

Miguel olhou para Dib espantado: o sexto Guardião, o Tibetano. Dib se assemelhava a uma muralha: sólido e impenetrável. Miguel tentou se voltar para Elizabeth, agora posicionada atrás dele, juntamente com Daniel, mas não podia virar-se porque Dib estava à sua frente. Baixou os braços, sinalizando que não desejava brigar, e disse:

— Teve que trazer companhia, De Payens? Não dava conta sozinho? — Daniel ignorou os comentários, concentrado unicamente em vestir Elizabeth.

— Podem levá-la, mas ela está sob meu poder. Se quebrarem o encantamento de forma errada ela nunca mais recupera a memória — ameaçou, com a voz fria. — Ah... e isto aqui, estes acontecimentos, ela jamais recordará.

Daniel ergueu-a com facilidade e carregou-a no colo. Dib deixou-os passar e recuou alguns passos, observando Miguel e avaliando sua força. Quando saiu fechou a porta atrás de si.

Lá fora, o sol bateu em cheio nos seus rostos. Elizabeth fechou os olhos

para se proteger. Daniel colocou-a no chão. Tirou o terço da mão fechada e colocou-o no pescoço dela.

Miguel abriu a porta, observando-os com os olhos frios. Depois de alguns segundos, decidira que Elizabeth não sairia dali. Avançou para eles com passo firme e, de repente, percebeu o colar dela, com a cruz pendente, na direção do coração. As contas cintilavam com um brilho ferino, do qual se desprendiam dezenas de seres minúsculos, que se alinhavam pelo corpo dela como tatuagens. Havia animais, plantas e seres com auréolas e asas movendo-se na pele. Ele estremeceu perante a pele tatuada e o brilho exuberante do terço. Recuou furioso, se sentindo acuado. Voltou para o interior da capela batendo a porta.

— Elizabeth — chamou Daniel. Ela olhou-o ausente, e não respondeu. Ele insistiu:

— Elizabeth, temos que descer a montanha. Você consegue?

Ela assentiu com a cabeça e desceu devagar, compenetrada como uma criança obediente.

— E agora? — perguntou Dib, percebendo a gravidade da situação.

— Vamos para o Mosteiro. Mas antes precisamos criar um bloqueio em volta dela para impedir que Besson a continue controlando.

Ao chegaram à base da montanha, isolaram Elizabeth, impedindo-a de escutar Besson. Ela murmurou com uma voz ausente:

— Foram vocês que pararam a voz que estava falando comigo, na minha cabeça, não é?

Eles trocaram um olhar cúmplice, e Daniel respondeu:

— Sim... O que dizia a voz? — perguntou Daniel, arrastando-a até ao jipe.

— Chamava meu nome e falava comigo.

— Mas o que é que ela falava? — insistiu Daniel.

— Coisas de amor, para eu não me esquecer — repetiu ela, em transe.

Elizabeth acordou, olhou em volta e reconheceu seu quarto, no Mosteiro. Não sabia como chegara ali. Sua última memória era de São Paulo. Com esforço, recordou que tinha ido tomar café com Miguel. Tinha a sensação de que algo fora apagado de sua consciência.

Saiu da cama e viu a pele toda pintada: pareciam tatuagens de henna, mas os seres caminhavam sobre ela em um movimento contínuo, embora não os sentisse. Percebeu que o colar em volta do pescoço era o terço da sua mãe e

as contas, antes cheias de desenhos, estavam lisas. Compreendeu que os desenhos tinham adquirido vida no seu corpo. Tomou um banho rápido, fascinada com a profusão de seres que habitavam sua pele. Dirigiu-se para a área social e, quando entrou na sala, percebeu que todos os Guardiões estavam lá. Por momentos, achou que ainda estava nos dias após sua Consagração. Pensou que talvez fosse algum efeito tardio do Graal.

Foi recebida com alegria, e Alessia lhe ofereceu um lugar à mesa para jantar.

— Como se sente? — perguntou Dib.

— Confusa.

— Sabe onde está?

— Sim... Mas a última coisa que lembro é de estar em São Paulo com Miguel. E agora estou aqui. Isto é um efeito da Consagração?

— Não — respondeu Uchoa, carinhoso. — Você esteve muito doente.

— Doente como?

— Perdeu a memória e teve febres muito altas durante vários dias — contou Seth. — Viemos de São Paulo para ajudá-la a melhorar.

— Quanto... quanto tempo se passou? — perguntou, temendo a resposta.

— Dez dias — respondeu Dib, lhe dando uma xícara de chá de ervas. Ela aceitou e começou a beber. Lembrava-se vagamente de Daniel no meio das memórias difusas. Perguntou, notando a ausência dele:

— Onde está Daniel?

— Aqui — respondeu ele, surgindo às costas dela. Ela virou o rosto para vê-lo. E foi até ele. Estava pálido e mais magro. Ela ficou em silêncio na sua frente. Daniel manteve-se tranquilo, com os braços cruzados na altura do peito e ela, também mais magra, falou devagar, pousando a mão direita sobre o braço dele:

— Não me lembro de quase nada, mas sei que foi você quem me salvou. Recordo-me de vê-lo: você é o monge de laranja. Eu estava presa em um labirinto e havia uma voz que me levava cada vez para mais longe. Você me mostrou a saída.

Ele baixou a cabeça, esboçou um sorriso terno e cansado, e murmurou:

— Foi difícil tirá-la de lá. Alguns dias perderam-se, e talvez não se lembre nunca do que aconteceu, mas você se libertou do encantamento. E isso é o que importa. Para resgatá-la, tive que entrar com você naquele labirinto.

— Perdemo-nos? — intuiu ela.

— Sim.

— Conte-me o que aconteceu — pediu, em voz baixa.

— Vamos jantar primeiro — sugeriu.

Depois do jantar, Daniel contou que Besson a tinha levado para a Costa do Marfim. Daniel e Dib foram resgatá-la, mas ela estava sob a influência de um encantamento que só podia ser quebrado por Besson. Eles não sabiam qual era o encantamento e ela foi definhando na ausência de Miguel. Durante sete longos dias, Daniel lutou para trazê-la de volta, com a ajuda de Dib, em quem se apoiava para ter energia suficiente e poder andar durante tanto tempo no mundo das sombras. No final, quando o cansaço e a escuridão se acentuaram, os pequenos seres se soltaram da pele dela e iluminaram o caminho, mas mesmo com a ajuda deles, Daniel ainda levou dois dias para conseguir trazer Elizabeth de volta.

Ela não se recordava, e só tinha fragmentos de imagens com o monge de laranja.

— Mas por que foi tão difícil? O encantamento de Miguel é assim tão poderoso?

— Não sabemos qual é o encantamento e por isso ele não podia ser quebrado. Percebemos que você entrou num labirinto e estava perdendo pedaços da sua memória pelo caminho. Sabíamos que se não passássemos por todos os lugares que deveríamos, uma parte de você ficaria presa lá. Mas quanto mais tempo ficássemos no labirinto, mais difícil se tornava sair.

— Aconteceu mais alguma coisa? — perguntou ela, com a sensação que aquilo não era tudo.

— Aconteceu, mas falamos depois. Hoje preciso descansar. Alessia trouxe a última carta que seu pai escreveu, para ler dia 17.

— Que dia é hoje?

— Vinte e quatro de fevereiro — anunciou Daniel.

— Não me lembro de nada desde o dia 12 — concluiu, depois de pensar um pouco.

— Aqui está — disse Alessia, entregando a carta de Arturo, enquanto Daniel se retirava. Estava exausto.

Elizabeth foi para o quarto e sentou-se no sofá, deixando o corpo desabar contra o tecido macio. Sentia-se fraca, por ter estado mais de uma semana sem comer quase nada. Pegou na carta de Arturo e assim que quebrou o lacre teve uma estranha visão: ela e Miguel, nus sobre um altar, entregues a um

desejo tão palpável que só podia ter sido real. Teve certeza que era sobre aquilo que Danielalaria. Tremeu, desamparada.

Afastou aqueles pensamentos impregnados de erotismo e começou a ler a carta com concentração redobrada.

Albi, 23 de agosto de 2009

Elizabeth,

Aqui foi onde tudo começou, onde os nossos ancestrais estudaram o Pergaminho e compreenderam o caminho do Graal. Depois irei para São Paulo, passar os meus últimos dias, feliz por ter conhecido sua mãe e por você existir.

Neste momento, tenho a certeza que faz parte da Ordem e está começando seu percurso. Desde o início, os primeiros cristãos sabiam que o cristianismo atrairia pessoas que iam compreender a sabedoria profunda dos Mistérios Divinos e pessoas que iam compreender só o lado superficial e chegavam a Deus pela Fé.

O primeiro grupo eram os gnósticos, e se tornaram uma comunidade dedicada a estudar e preservar os conhecimentos esotéricos dos evangelhos. Esta tradição gnóstica sobreviveu através dos Cátaros e dos Templários, nos séculos XII e XIII. Mas estes grupos foram aniquilados pela Igreja, que os temia, e por reis, que invejavam os seus tesouros.

Muitos acharam que seria o fim do catarismo, mas a nossa filosofia está viva e permeia a sociedade, com as suas simbologias e adaptações. Basicamente é a crença de que estamos aqui por uma razão, e somos responsáveis pela nossa salvação. Se formos corretos e bons — no verdadeiro sentido cristão — romperemos o ciclo de vida e morte, de reencarnações sucessivas para nos tornarmos parte do Divino. Estamos aqui para nos aperfeiçoarmos. Seremos perfeitos — “parfaits”! A nossa filosofia é um cristianismo interior, um caminho de retorno a Deus, sem intermediários, que foi reaberto por Jesus.

Esse é o nosso destino, Elizabeth. Sei que o abraçou. E essa certeza me dá paz.

Um beijo afetuoso do seu pai,

Arturo

Ela percebeu que era tarde demais. Se tivesse lido aquela carta alguns dias

antes, talvez não tivesse se encontrado com Miguel. Agora, a memória fragmentada do seu corpo nu, junto ao de Miguel, fazia-a sentir que seu papel de Guardiã estava em perigo. Começou a chorar e os minúsculos seres aquietaram-se na sua pele. Adormeceu vencida pelo cansaço. Acordou na manhã seguinte, quase às onze horas. Quando entrou na cozinha, Uchoa e Alessia já estavam preparando o almoço. Tomou um chá e comeu uma torrada, para acalmar o estômago frágil, trocando algumas palavras com eles. Em seguida, foi à procura de Daniel. Encontrou-o na Biblioteca, sozinho, sentado num dos sofás com um livro nas mãos. Sentou-se na sua frente e disse baixinho:

— Sei o que aconteceu com Miguel.

Pelo tom de voz tenso, e pela angústia espelhada no olhar, Daniel compreendeu que ela estava pensando o pior.

— O que aconteceu?

— Eu e ele... Nós... — gaguejou, sem conseguir verbalizar o que a assombrava.

— Nós? — insistiu Daniel divertido, ciente do que ela estava imaginando.

— Nós ficamos juntos.

— Juntos, como? — perguntou, querendo descobrir se os sentimentos dela em relação a Miguel haviam mudado, para tentar calar o ciúme que o atormentava. — Do que se lembra?

— Eu estava com ele, sobre uma cama ou algo assim... Nus. E aconteceu... E agora? O que vai acontecer comigo?

— Não vai acontecer nada porque não aconteceu nada — informou vagarosamente.

— Aconteceu.

— Não. Realmente vocês estavam nus. Miguel tinha preparado um ritual de fertilidade, para ficarem juntos. Ele a deseja muito — justificou Daniel, pensando no desejo crescente que tinha por ela, lembrando do desespero que sentira diante da possibilidade de perdê-la.

— Não sente raiva dele?

— Não. Ele está cego pelo amor e pelo desejo que tem por você. E vive isso da única forma que sabe, isto é, de forma egoísta. Mas, às vezes, o amor tem que ser altruísta.

— Ele diz que não se importa que eu não o ame.

— Aparentemente não. Mas sente necessidade do seu amor. Todos queremos ser amados por quem amamos, senão a experiência se torna muito

sofrida. Porém, em certas situações, temos que deixar a pessoa ir: é a expressão máxima do amor — disse, com tristeza.

— Ele não me deixou ir, é isso?

— Eu fui buscá-la, mas ele não a deixou partir. Cheguei pouco antes da consumação do ritual. Mas não aconteceu nada, Elizabeth — assegurou, calmo.

— Você tem certeza?

— Um acontecimento intenso como esse, iria alterar seu padrão de energia. Eu saberia.

— Então, se acontecer alguma coisa comigo, você saberá? — perguntou, envergonhada.

— Sim... — respondeu, com um sorriso. — A nossa ligação é muito profunda, fortaleceu-se com a Consagração e ainda mais nestes últimos dias. Mas vamos aprender a viver com isso.

— Foi assim que descobriu para onde Miguel havia me levado?

— Sim.

— E é por isso que me lembro de você lá?

— Sim... — respondeu, levantando-se. Afastou-se alguns passos e ficou de costas para ela, como se desejasse terminar aquela conversa muito dolorosa, por mostrar uma verdade que ele teimava em negar. Daniel lutava furiosamente contra o fato de estar apaixonado por ela. Mas isso também permitia que compreendesse a paixão de Miguel embora, simultaneamente, lhe provocasse ciúmes.

Ela aproximou-se dele, e quase se encostou às suas costas.

— Ainda não agradei por ter me salvado. Obrigada.

Ele voltou-se para enfrentá-la. Inclinou o corpo ligeiramente e ficou com o rosto a alguns centímetros do dela, olhando-a com intensidade, como se a estivesse despindo. Os músculos doíam pelo esforço de lutar contra a vontade de abraçá-la. Sentia o calor do corpo dela, separado do seu por uma finíssima parede de ar.

Elizabeth achou que ele fosse beijá-la e teve receio que ele percebesse seu coração batendo descompassado, como se mil tambores ecoassem dentro dela. Aspirou o hálito morno da boca tão próxima da sua. Se movesse o rosto um centímetro os seus lábios tocariam os dele.

Daniel continuou imóvel, com os olhos fixos no fundo das pupilas dela, lutando para não ceder ao desejo. Lentamente deu um passo atrás, com muito esforço. Levantou a mão direita e acariciou devagar o rosto dela: os dedos

ferviam contra a pele dela. Sentiu o corpo dolorido pela luta travada contra a vontade insana de beijá-la e mergulhar dentro dela como se ela fosse o mar. Agora, finalmente compreendia Arturo e por que abandonara tudo por Angelina, e também compreendia por que Besson sequestrara Elizabeth.

Ela viu o espaço entre eles aumentar, tornar-se respirável, e tocou a mão esquerda dele. Entrelaçou os seus dedos nos dele, na tentativa de prendê-lo. Daniel abandonou a mão na dela, por um segundo, e depois a retirou suavemente, como se desmanchasse um laço, antes de se afastar.

Nenhum dos dois pronunciou uma palavra: ela por medo que tudo desaparecesse, e ele, por não achar as palavras suficientes para explicar o sofrimento emocional e físico que se apossara dele.

Como poderia ele condenar Besson, se estava à beira do mesmo abismo, enfrentando o mesmo monstro que roía as suas entranhas?

29. A escolha

Ela entrega-se de livre vontade ao destino que lhe é proposto. Quer ser uma rainha. Quer ser uma cativa. Quer aquilo que ele deseja que ela seja.

Marguerite Duras (1914-1996)

Elizabeth pensava cada vez menos em Miguel, mas quando se recordava dele, sentia saudades, e era assaltada pelo desejo irracional que ele lhe suscitava, mesmo contra sua vontade. Queria telefonar, mas precisava de mais tempo antes de voltar a vê-lo, especialmente tendo em conta que ele apagara sua memória. Sabia que era um encontro inevitável: teria que confrontá-lo e falar sobre o que acontecera, quando ele a arrastou para o meio da África. Aqueles dias continuavam envoltos em névoa, com exceção da sua nudez partilhada com Miguel e da imagem de Daniel envolto no seu longo manto laranja.

Desde que voltara do Mosteiro, um mês antes, Elizabeth passava as tardes na Biblioteca da Ordem, em São Paulo, estudando profecias, o assunto que escolhera. Era regra da Ordem que cada guardião se especializasse em um tema religioso, mágico ou filosófico, algo diferente e único, que agregasse conhecimento ao todo. Ela decidira estudar as profecias e Daniel acreditou que nada seria mais apropriado para uma pitonisa do que se debruçar sobre um assunto como aquele, diretamente ligado ao seu dom de ver o passado e o futuro.

Após o incidente de Miguel, Daniel não permitira que ela ficasse sozinha, forçando-a a andar acompanhada por um dos Guardiões, pelo menos até tudo

voltar à normalidade e ela se sentir mais segura. Embora Elizabeth gostasse de todos e tivesse aprendido a reconhecer a doçura e gentileza de Kent, sob seu estilo britânico, Dib se tornara seu preferido, com aquele jeito sereno e despojado, porém totalmente conectado com o mundo.

O terço, que se transformou temporariamente em colar, passou a fazer parte integrante dela durante algum tempo. Mas quando melhorou os seres mágicos abandonaram sua pele e voltaram para o reino microscópico das contas redondas e pálidas.

O estudo ocupava seu tempo, e em certos dias ela se sentia angustiada analisando algumas das profecias catastróficas que anunciavam o fim do mundo, e haviam sido escritas por pessoas que arderam na fogueira, acusadas de bruxaria, durante a Idade Média. Comentou com Dib:

— Buscamos o conhecimento, e ele é como o fogo: queima e destrói a inocência.

— Para nós é um paradoxo — respondeu, compreendendo perfeitamente o que ela dizia. — Primeiro precisamos ser puros para ter acesso à sabedoria, mas assim que sabemos perdemos a inocência. Além disso, esse conhecimento místico pode ser um conhecimento unificador que leva à imortalidade, ou um conhecimento desagregador que leva à destruição.

— No caso de Miguel, o efeito do conhecimento foi mais desagregador que unificador. É isso? — perguntou Elizabeth.

— De certa forma. Mas aquilo que alimenta é também o que mata: o antídoto é o veneno. Vivemos todos sobre essa linha tênue, e quanto mais se sabe, mais tênue é a linha. Não somos tão diferentes de Besson. Na verdade, somos mais iguais do que gostaríamos — rematou Dib sabiamente e de maneira algo misteriosa.

Duas semanas antes do casamento de Áurea e André, Elizabeth pediu um convite para “um acompanhante”, cumprindo as instruções de Daniel para que não andasse sozinha. Apesar da curiosidade que seu pedido suscitou nos amigos, Elizabeth evitou falar sobre o assunto, até por desconhecer ainda quem iria acompanhá-la, embora desejasse que fosse Daniel. Levou vários dias preparando-se para falar com ele e, na primeira ocasião em que se encontraram sozinhos, na sala de chá da Ordem, abordou o assunto.

— Não sei se decidi quem vai comigo ao casamento, mas gostaria que fosse você.

Ele respondeu com naturalidade, como se já tivesse decidido bem antes de ela pedir:

— Está bem.

Ela levou alguns segundos para acreditar na resposta dele, controlando o impulso de se jogar nos braços dele para agradecer. Ele percebeu o sorriso no rosto dela e perguntou de forma econômica embora cúmplice:

— Feliz?

— Muito — respondeu ela, sem conter o riso antes de deixar a sala.

A cerimônia religiosa foi comovente e não faltou a clássica Ave Maria de Schubert, cantada por uma bela voz lírica. Estava tudo perfeito, com todas as cores combinando entre si: uma extensa paleta de tons que envolviam as toalhas, os arranjos de flores e até as comidas.

A presença de Daniel, ao lado de Elizabeth, não deixou ninguém indiferente: formavam um casal elegante, de beleza extraordinária. Havia entre eles uma sintonia natural que se refletia no comportamento, revelando certa intimidade.

Elizabeth se afastou de Daniel somente durante a cerimônia religiosa, para cumprir seu papel de madrinha da noiva, no altar. Depois disso, não saiu de junto dele, feliz por tê-lo atencioso e sedutor, tratando-a como se fosse a única mulher da festa, embora ele se esforçasse por manter certa distância física — algo de que parecia não abdicar. Porém, quando a festa estava no auge, e começou uma sessão de música mais lenta, ele surpreendeu-a, ao puxá-la pela mão e levá-la para a pista de dança, onde soava um clássico de Elvis Presley. Abraçou-a pela cintura com a mão direita e com a esquerda segurou a mão dela. Puxou-a com delicadeza contra si, mantendo um espaço ínfimo entre eles, e começou a rodopiar suavemente.

— Você dança — constatou num murmúrio, encostando os lábios ao ouvido dele, deixando-se embalar pelos movimentos suaves do corpo tão próximo do seu.

— Você também — respondeu baixinho, com a boca ardente sobre o rosto dela, consciente daquela proximidade perigosa. Puxou-a um centímetro mais e colou-a ao seu corpo. Ela encostou a cabeça no ombro dele, em um abandono total. Ele podia senti-la por inteiro: as pernas esguias roçando nas suas lentamente, ao som da dança, os seios firmes contra seu peito, e a boca quente no seu pescoço, respirando sobre a palpitação da jugular.

Ficaram suspensos no tempo enquanto a música durou, entregues um ao outro, em uma dança sensual. Quando a música estava terminando, ela

sussurrou, apertando a mão dele, que segurava sua:

— Não quero que acabe.

— Podemos dançar outra — respondeu, mantendo-a abraçada contra seu corpo, no mesmo ritmo lento e elegante, ao som de uma nova balada.

Quando a música acabou, soltou-a devagar, vencendo a vontade de mantê-la nos braços.

— Está na hora — anunciou, temendo perder o controle se continuassem dançando.

Ela aquiesceu com a cabeça, mas não lhe soltou a mão. Segurou-a em silêncio até chegar em casa, e só então desprende o nó entrelaçado que fizera com os dedos dele. Ele sorriu e partiu, sentindo que tinha esperado muito tempo por aquilo, e ela seria sua perdição. Nunca falaria sobre aqueles momentos. Nenhum dos dois. Mas ambos estavam conscientes do desejo que sentiam um pelo outro.

Dias depois, encontraram-se na Biblioteca. Daniel estava focado no estudo de antigos textos de Salomão sobre o famoso anel com o qual o rei subjugara seres fantásticos, tentando descobrir quais os poderes da esmeralda e a razão para Miguel a ter colocado na base do punhal. Elizabeth tentava, em vão, concentrar-se. Observava-o, sentado tranquilamente na outra ponta da mesa, com uma roupa informal: calça jeans e camisa de manga comprida dobrada até o meio do antebraço, em um tom azul profundo da mesma cor dos seus olhos mutantes. Ela sentiu as palavras crescendo dentro de si e, num impulso, sentou-se ao lado dele. Daniel ergueu os olhos do livro para fixá-los no rosto dela, e continuou em silêncio, aguardando o que viria.

— Tenho certeza do meu amor por você — confessou, como se atirasse bruscamente uma pedra sobre um lago tranquilo e ficasse observando a forma como as ondas se iam alargando a partir do epicentro. Ele cruzou as mãos, com calma, sobre o livro, impávido, tentando processar a informação. Achou-a corajosa. Depois de alguns segundos, perguntou:

— O que está dizendo?

— Estou dizendo que abduco de tudo isto para ficar com você — falou, apontando simbolicamente para a Biblioteca, para se referir à Ordem.

— Você é uma criança Elizabeth — respondeu condescendente, lutando para absorver o impacto do discurso dela, embora já pressentisse. — Eu nasci em 1220. Tenho oitocentos anos e você não tem sequer trinta. Pense nisso.

Você ainda não viveu. Como pode pensar em abdicar da sua imortalidade por mim?

— A vida sem você não parece ter sentido. Não suporto a angústia de tê-lo longe de mim, este nó na garganta que não me deixa engolir, as noites em claro pensando em você... Quero ficar com você. É tudo o que quero. É só no que penso. Nem sei desde quando...

— Esta situação é inaceitável — retorquiu, hermeticamente, atordoado com o discurso apaixonado, temendo deixar-se envolver pelas palavras que também revelavam o que ele estava sentindo por ela.

— Por favor, aceite.

— Não posso aceitar — disse, com uma nota de desespero no fundo da voz, lutando com emoções contraditórias: o desejo de aceitá-la e a obrigação de rejeitá-la. Não queria falar sobre aquilo, dar forma ao que estava silenciado, calado, quieto. Mas ela insistiu:

— Minha mãe soube que amava meu pai aos dezessete anos e meu pai abdicou da imortalidade em troca de quê? Menos de duas décadas de amor. E desse tempo ele viveu com minha mãe apenas nove anos. Nove anos em troca da eternidade.

— Não posso Elizabeth — repetiu como se repetisse um mantra, consciente de que a aritmética realmente não tinha favorecido Arturo, como Miguel muito bem havia dito.

— É você que não quer deixar de ser imortal. É isso, não é?

Ele olhou-a longamente com uma tristeza profunda, sentindo o peito se rasgar, e a noite se esgueirar para dentro dele.

— Elizabeth, eu vivi muito, como seu pai, como o Kent. Como todos os outros Guardiões. Eu sei o que eu quero e o que eu posso. Mas você está começando agora a dar os seus primeiros passos. Tem uma vida inteira para pensar, decidir, saber. Uma vida que não se esgota a não ser que você decida ou o Graal não a consagre.

— Entenda! Eu sei o que quero — enfatizou, com os punhos fechados contra o peito dele, em sinal de desespero. Daniel segurou as mãos dela, apertou-as contra o peito e cerrou os olhos enquanto ela continuava a falar.

— Meu pai aceitou minha mãe...

— Sua mãe não era uma Guardiã. Seu pai abdicou de tudo por ela, mas ela não era imortal, como você. Nós somos Guardiões do maior tesouro que existe na Terra. Somos os Guardiões de Deus. Temos obrigações. Não posso deixar que abdique de tudo isto. É irracional. Tem que compreender.

— O amor não é racional — disse, com os olhos cheios de lágrimas, sentindo que ele não iria mudar de ideia, nem iria quebrar as regras da Ordem para amá-la.

— E veja quantas barbaridades se fazem em seu nome — respondeu, se esforçando por ignorar o que sentia por ela. — Talvez se o amor fosse um pouco mais racional, se houvesse um caminho do meio, a humanidade fosse mais feliz. Khalil Gibran diz que “a razão, governando sozinha, é uma força que restringe; e a paixão entregue a si mesma, é uma chama que consome até causar a própria destruição”.

Ele tinha a capacidade de desmontar os argumentos. Sabia dizer as palavras certas. Ela percebia a sabedoria dele em todas as decisões, mas, naquele momento, não queria ser racional nem se importava se ele estava certo ou não.

— Às vezes, acho que você existe dentro de mim desde sempre. Eu já nasci com você morando aqui... — confessou, apontando para o coração. — Você não me ama?

Daniel ficou em silêncio. Era tão difícil negar quanto revelar a verdade, dizendo que a amava. Mas reconhecer que a amava não tinha propósito, não serviria para nada. O que iriam fazer com aquilo, se não podiam ficar juntos? Deixá-la ir era a verdadeira prova do amor dele. Ela tinha que viver, descobrir o mundo e a plenitude do conhecimento, todo aquele conhecimento que só eles possuíam. Além disso, ele era o Guardião Supremo. Como poderia, de um só golpe, reduzir o número de Guardiões de sete para cinco, em uma época em que as trevas cada vez mais se misturavam aos humanos, se emaranhavam na luz e corrompiam tudo? Sua responsabilidade com a humanidade tinha que se sobrepor ao seu amor por ela. Ele não estava escolhendo a imortalidade, apenas aceitando seu fardo enquanto servo do último estágio do Graal, o mesmo estágio em que Arturo se encontrava quando abdicou da imortalidade para ficar com Angelina. Mas Elizabeth tinha um caminho longo para percorrer, ao lado dele, como sua irmã e não como sua consorte.

— É isso Daniel? Não me ama? Quero ouvi-lo dizer que não me ama. Diga!

— Não vou falar sobre isso!

Ela aproximou-se mais dele, intuindo a verdade com aquele seu dom oculto de pitonisa. Mas aquela verdade latente também era algo que ela temia acreditar: queria, mas não achava que fosse possível que Daniel a amasse.

Um lampejo de esperança cruzou os seus olhos. Segurou suavemente no rosto dele, para forçá-lo a olhar para ela, com os lábios próximos aos dele, sentindo sua respiração, e sussurrou:

— Então diga que me ama, Daniel. Só uma vez. E eu nunca mais falarei sobre isso. Prometo. Mas diga uma só vez que me ama. E eu saberei enquanto vivermos. Saberei a verdade.

Estava linda, frágil, com a boca morna a dois centímetros da sua. Bastava um gesto, um único gesto para terminar aquele sofrimento e sentir o alívio de um beijo. Mas ele manteve o corpo imóvel, como uma estátua fria de mármore. Encontrou forças no lugar mais recôndito do seu centenário treinamento espiritual, e respondeu:

— Não posso, Elizabeth.

Ela moveu o rosto um pouco para trás e ele olhou-a, triste, magoado, como se o mundo todo estivesse guerreando dentro dele. Beijou-o na face, como beijaria um irmão, e prometeu:

— Vou mostrar meu amor por você todos os dias. E precisa saber uma coisa: o fato de amá-lo não ameaça minha imortalidade, porque eu já estava inundada deste amor quando fui consagrada. E isso deve ter algum significado misterioso, que está além das nossas regras.

Baixou o rosto para esconder a ameaça das lágrimas e, de repente, reviu a tatuagem perfeita formada pelo símbolo das ss, espreitando no braço dele. Passou o indicador devagar, contornando o desenho e acariciando a pele em volta.

— E isto? O que significa?

— É uma longa história — respondeu, afastando o braço para evitar a perturbadora carícia.

— Mais um segredo?

— Vidas longas têm sempre mais... mistérios — justificou, sereno.

— Compreendo — respondeu, percebendo que ele não estava disposto a falar sobre aquele assunto. Levantou-se e abandonou a sala, sentindo o coração pesado. Assim que abriu a porta da rua e a luz jorrou sobre ela, sentiu saudades dele, como se não o visse havia anos, mas não tinha passado sequer um minuto desde que o deixara. Soube que teria que aprender a viver com aquele amor. Tinha que deixá-lo intocado no seu coração, em algum lugar além da dor.

Na Biblioteca, Daniel continuou imóvel na semiobscuridade, com o corpo tenso. O amor era redentor, mas para um Guardiã era uma maldição. Só ele sabia daquela luta imensa que travava todos os dias, e provocava o caos dentro dele, num momento em que precisava de serenidade para continuar seu trabalho. Decidiu viajar. Precisava de espaço para aprender a viver com a presença de Elizabeth no seu coração. Iria para o Tibete e ficaria lá até adormecer aquele amor impossível. Sabia bem que as batalhas mais difíceis eram as interiores, aquelas em que os demônios olham de dentro para fora, instalados no côncavo da alma.

As sombras rondavam-no, e ele, que conhecia tudo sobre a presença da escuridão nos homens, pela primeira vez não sabia como lidar com a sua. Temia que aqueles sentimentos o afastassem da luz. Mas como podia o amor, que é a própria luz, a essência do bem, levá-lo para o centro da escuridão? Arturo pensara a mesma coisa que ele, e agora estava morto, abatido pelo peso da mortalidade. Teria valido a pena? O certo é que deixara sua filha, o bem mais precioso que possuía, para que ele a protegesse, e, em vez disso, ele apaixonara-se por ela. Era uma ironia que ele e Besson estivessem apaixonados pela mesma mulher. De todos os acontecimentos improváveis, aquele era o pior.

Descobriu que o amor era maior do que tudo, mais forte que as pessoas e o tempo. Era a cola que sustentava o universo, a porta para o paraíso e para o inferno. Sempre soubera daquilo, mas agora sentia na pele, e o amor se assemelhava ao caminho para seu inferno pessoal. Recordou Besson e a forma dramática como a ausência de Adèle o atirara para as sombras. Pensou no amor que ambos sentiam por Elizabeth e no que estavam dispostos a fazer: Besson queria Elizabeth a qualquer custo, e Daniel, embora a amasse, ia deixá-la livre.

Daniel arrumou a mala com sua meticulosidade habitual, como se estivesse arrumando um pedaço da sua própria vida, de forma econômica, fazendo caber tudo em um espaço demasiadamente pequeno para uma quantidade excessiva de coisas.

Avisou que iria passar algum tempo no Tibete. Ninguém estranhou. Na verdade, pareciam estar esperando que ele se afastasse por um período. De vez em quando ele desaparecia durante meses. Uma vez passou cinco anos seguidos na região do Tibete e do Nepal, isolado no meio das montanhas

geladas. Mas agora era o Supremo e não podia se ausentar por muito tempo: as novas responsabilidades roubaram mais um pedaço da pouca liberdade que ainda tinha.

Faltava-lhe apenas falar com Elizabeth. Ficou indeciso se ligava ou falava pessoalmente com ela, dividido entre a racionalidade que o aconselhava a não voltar a se aproximar dela e o impulso de vê-la mais uma vez, antes de partir.

Ela ouviu a campainha, abriu a porta, e deu de cara com ele.

— Daniel? — estranhou, vendo-o com uma mala e uma mochila pendurada no ombro. Sentiu um aperto no estômago, provocado pela visita inesperada e pelo temor de que ele fosse viajar, e se afastasse dela por semanas ou até meses.

— Não me convida para entrar?

Ela afastou-se silenciosamente da porta para deixá-lo passar. Viu-o colocar a mala entre duas cadeiras, no hall de entrada, e depositar a mochila sobre uma delas.

— Vai viajar?

— Vou passar algum tempo no Tibete — anunciou, fazendo o coração dela acelerar, como se fosse explodir. Respirou fundo, para recuperar o controle.

— Por favor, não vá — pediu baixinho, temendo que as palavras o afugentassem ainda mais.

— Tenho que ir, Elizabeth — reforçou a título de justificativa, para disfarçar que fugia dela e estava colocando meio planeta entre eles por não saber lidar com aquele sentimento atormentado que consumia sua paz em um tempo em que ele precisava de serenidade.

— É por causa do que eu disse? — perguntou, se aproximando. Daniel interrompeu-a antes que ela falasse mais alguma coisa que aumentasse a dor que ambos sentiam, silenciando-a com o indicador sobre os lábios. Olhou-a, ainda com o dedo sobre a boca macia. Ela estava linda, descalça, de jeans e uma camiseta azul escura que contrastava com sua pele alva, e os cabelos dourados caídos pelas costas. A proximidade dela era insuportável. Sentiu os músculos tensos, e lutou para não amá-la ali mesmo, no chão da sala, indiferente às regras da Ordem ou a qualquer pessoa que pudesse entrar.

Ela afastou o dedo suavemente e se encostou ao corpo dele, abraçando-o. Ele não se afastou, e rodeou-a com os seus braços, antes de se aquietar, sentindo o prazer do perfume e do calor dela. Ficaram imóveis, com medo

que algum gesto os perturbasse e não conseguissem recuperar aquele momento. Mas a vontade de se entregar um ao outro aumentava a cada segundo, naquela imobilidade forçada.

Ele sabia que se a beijasse seria um caminho sem retorno, seria a perda da inocência. Hesitou, mais uma vez, entre o desejo e a razão, entre o amor e o dever.

Apertou-a com força nos seus braços, esmagando o corpo dela contra o seu. Ela, sem resistência, rendeu-se a ele, com uma mão nas costas e outra na nuca, fundindo-se nele. Deixou-se ficar abandonada, contra ele, com o rosto apoiado no peito másculo, como se tivesse finalmente chegado a um porto seguro.

Daniel acariciou lentamente as costas dela de baixo para cima, num movimento contínuo, por alguns segundos intensos. Ergueu o queixo dela com a ponta dos dedos, e puxou-a para mais perto, sem pressa. Olhou-a longamente, antes de dizer com a voz rouca e uma expressão sofrida de desejo:

— Nós não podemos fazer isto. Não podemos, Elizabeth.

— Eu sei, mas é o que mais quero — confessou, consciente do esforço que ambos estavam fazendo para não cometerem nenhuma insanidade que os condenasse.

— Agora você sabe que eu também quero — sussurrou, como se lhe custasse pronunciar aquelas palavras, que revelavam uma verdade indizível. Ela assentiu com a cabeça, confirmando algo que já intuía.

— É tão difícil viver assim, controlando o que sentimos, sem podermos ir além.

— Eu sei — concordou ele, antes de pedir: — Nunca mais vamos falar sobre isto.

— Sim. Mas não vá, por favor — pediu.

— Tenho que ir, antes que façamos alguma loucura. Sabe disso, não é? — perguntou, abraçando-a com força, como se a estivesse abraçando pela última vez.

— Sei — confirmou baixinho, de forma quase inaudível.

— Se precisar de mim, fale com o Dib. Ele sabe como me encontrar. Aproveite este tempo para estudar — sussurrou ao ouvido dela, como uma despedida. Solto-a devagar, pegou a mala e a mochila e saiu sem olhar para trás.

Tinha acabado de fazer o check-in, quando o viu avançar entre a multidão, no aeroporto.

— Partindo? — perguntou Miguel, com alguma ironia.

— Sim — respondeu Daniel, lacônico.

— Vai deixá-la sozinha?

— Ela não está sozinha. Tem todos os seus irmãos... — fez uma breve pausa, olhou para ele com tranquilidade e rematou: — Tem você.

— A mim? — questionou, com sarcasmo e espanto. Não podia acreditar que Daniel estivesse dizendo aquilo. Só podia ser uma provocação. — Sabe que vou seduzi-la outra vez, não é?

Daniel olhou-o por alguns segundos, em silêncio, consciente dos planos dele.

— *Seducere!* — respondeu em latim, repetindo devagar o significado original da palavra. — *Afastar alguém dos seus votos.*

— É o que pretendo fazer — disse, displicente, mas Daniel sabia que por baixo daquela sua capa de descontração alguma coisa havia mudado. Talvez ele percebesse que não poderia voltar a se aproximar de Elizabeth enquanto ela tivesse aquele estranho terço em torno do pescoço, ou talvez achasse a presença de Dib intimidante, ou talvez ainda estivesse tentando descobrir até onde ia a força de Daniel. Mas algo estava acontecendo com Besson.

— Você iria mesmo enlouquecê-la? É esse o tipo de amor que sente por ela? — questionou, referindo-se ao encantamento que Miguel havia lançado em Elizabeth.

— Claro que não. Mas ela ficaria muito tempo ausente, até eu voltar a vê-la e devolver sua memória. Foi você que a resgatou?

— Por quê?

— Curiosidade.

— *Questo non è importante* — respondeu Daniel em italiano, afirmando que não era importante. Mas ambos sabiam que era importante. Era crucial saber quem vencera as sombras e resgatara Elizabeth. Aquele gesto dava a dimensão da força incomum do salvador.

— Quanto tempo levou para trazê-la de volta? — insistiu Miguel. Daniel olhou-o em silêncio, analisando seu rosto bonito e o sorriso rasgado. Depois sacudiu ligeiramente a cabeça em sinal de negação, deixando claro que nãoalaria sobre o assunto. Anunciou:

— Besson, se não se deixar resgatar por esse amor que sente por ela, nada

mais o resgatará do lugar onde se enfiou.

— Quer ter a pretensão de conhecer o lugar onde me enfiei? — perguntou, com arrogância.

— Achamos sempre que sabemos quem são os outros, achamos que os conhecemos, mas a verdade é que não sabemos. Não sei mais nada sobre você, nem tenho essa pretensão, mas esse lugar onde está deve ser muito doloroso — respondeu, com doçura desarmante.

— Vou partir, também — Miguel respondeu sério, mudando de assunto.

— Durante a nossa ausência vamos deixar Elizabeth em paz — sugeriu Daniel.

— Quanto tempo? — perguntou, surpreendendo Daniel, por ter aceitado a sugestão sem resistência e sem sua habitual ironia.

— Sugira você — ofereceu Daniel, com elegância, retribuindo a atitude amistosa de Miguel.

— Seis meses. Exatos.

— Certo — aceitou Daniel.

— Ainda quer as relíquias? — perguntou Miguel.

— Sim.

— Falaremos sobre isso quando voltarmos — disse, afastando-se, com sua passada felina.

Daniel viu-o desaparecer entre a multidão. Estava tranquilo. Sabia que o amor que Elizabeth sentia por ele, por muito sofrido que fosse, se transformara em uma proteção, a partir do centro do seu corpo, o coração. O amor puro é a mais poderosa das armas. Lao Tsé dizia: “Pagai o mal com o bem, porque o amor é vitorioso no ataque e invulnerável na defesa”.

Elizabeth sentou-se em uma das cadeiras da cozinha, com os braços cruzados sobre a mesa, como se tivesse sido abandonada pelo amante de longa data. Pensou que *para sempre* era uma eternidade. Nem a morte podia ser para sempre. Por isso não fazia sentido que ela e Daniel ficassem separados *para sempre*. *Nunca* e *sempre* eram palavras terríveis, excessivamente definitivas, impossíveis de caber no vocabulário. Apesar da partida dele, ela continuava alimentando a esperança de que um dia se uniria a Daniel sob o signo daquele amor, um amor capaz de regenerá-los ou destruí-los.

Agora, na ausência dele, haviam sobrado os pequenos gestos cotidianos, as pequenas coisas que emprestavam coerência aos dias. Alessia entrou na

cozinha.

— Vou comer um pêssego. Quer comer alguma coisa?

— Quero uma manga. As mangas fazem as pessoas felizes. Eu quero ser feliz — decidiu, certa de que só ela compreendia o que estava acontecendo.

Alessia olhou-a, tentando entender seu comportamento: Elizabeth andava triste e silenciosa, mas agora parecia disposta a recuperar a alegria.

Mas tanto Elizabeth quanto Daniel sabiam que a felicidade não suporta os excessos. Por isso as paixões nunca são felizes. Eles teriam que escolher: ou viveriam aquela paixão ou tentavam ser felizes. As duas coisas eram incompatíveis. Dominados pela paixão, que os consumia todos os dias um pouco mais, ou eles se destruía ou abdicavam dela: não havia meio-termo. Ser feliz era viver na ponte entre o excesso e a banalidade, em um delicado equilíbrio. E ambos tentariam trilhar o caminho da felicidade, da ausência de excessos. Cada um no seu ritmo, para que aquele fogo incandescente que dormia dentro deles não acordasse. Abdicavam do amor devagar, ignorando ainda que se tratava de uma tarefa impossível mesmo tendo adiante centenas de anos.

Agradecimentos

Paulo Bogo, por estar ao meu lado, segurando minha mão sem hesitações, com sua fé inabalável. Uma fé que me sustenta. Meu principal leitor, meu maior defensor e meu crítico mais confiável. Suas opiniões norteiam meu mundo.

Lourenço Henrique, meu filho. Por me perdoar pelas muitas horas que estive ausente para poder escrever. Por encher minha vida de luz e alegria. Por seus questionamentos pertinentes, seu português impecável e sua preciosa ajuda na gramática.

Meus pais, por todo o incentivo, e pelo amor brando e sereno que me deu a força necessária para atravessar o mundo.

Delta de Negreiros e Elaine Nunes Wzorek, minhas primeiras leitoras. Por contribuírem para aprimorar o livro — lendo, comentando, sugerindo. Um olhar atento e enriquecedor.

Ana Luisa Astiz, minha agente. Por sua competência, assertividade e apoio. Este livro não seria o que é sem suas sugestões — fizeram *toda* a diferença. Sua confiança em mim foi, sem dúvida, um dos grandes alicerces que tive.

Rui Barbosa, por servir de inspiração e pela amizade em todas as horas.

Carlos Fernando Nascimento, cujos conselhos médicos me orientaram em várias passagens.

Marisol Recamán, por sua ética e correção. Pelo emprego dos sonhos e confiança.

Maria Inês da Costa, minha governanta querida. Por cuidar da casa e da minha família com amor, para que eu pudesse me dedicar à escrita sem sobressaltos.

O TIBETANO

O mal deve ser evitado em qualquer ocasião. Não há ocasião que permita fazer o mal para que resulte alguma coisa boa.

são Tomás de Aquino (1225-1274)

Ao Paulo Henrique Bogo, meu marido.

1. O retorno

A vida só pode ser compreendida olhando-se para trás; mas só pode ser vivida, olhando-se para a frente.

Soren Kierkegaard (1813-1855)

Elizabeth escutou a campainha. Atravessou o apartamento silenciosamente, com os pés descalços, e abriu a porta. Sentiu um choque ao vê-lo encostado ao umbral. Por alguns segundos ficou sem fôlego, com o coração batendo descompassado.

Daniel estava mais magro e levemente bronzeado pelo ar livre da vida no mosteiro. Durante os seis meses que passou no Tibete esforçou-se para transformar os sentimentos por Elizabeth em algo fraternal e aceitável, mas sabia que eles poderiam traí-lo com o mínimo descuido.

Encararam-se por momentos, em silêncio: ele tentando manter-se fiel à decisão de esquecê-la, e ela desejando controlar o impacto daquela visita inesperada. Daniel falou primeiro, esboçando um sorriso, para amenizar a situação:

— Não vai me convidar para entrar?

— Entre... — respondeu de modo quase automático, afastando-se para que ele entrasse. Sentia as mãos trêmulas. O seu amor por ele se assemelhava a um ferimento mal cicatrizado, que poderia abrir com um gesto brusco do corpo, fazendo com que a dor voltasse. Conduziu-o ao escritório se debatendo com emoções contraditórias: estava feliz por voltar a vê-lo, mas se sentia magoada com o silêncio a que ele a submetera.

Ele sentou no sofá, cruzou as longas pernas, com a placidez adquirida no seu retiro espiritual, e observou-a com atenção: ela estava ainda mais bonita do que da última vez que a vira, se é que isso era possível. Os olhos tinham a mesma cor verde da sua blusa, e os cabelos longos e lisos, presos no alto da cabeça, revelavam o seu rosto oval, fazendo-a parecer mais jovem do que era.

Ela perguntou, incapaz de se conter por mais tempo:

— Por que não deu notícias? Não telefonou ou escreveu, nem que fosse só uma vez? Tem noção do meu sofrimento?

Daniel recordou que haviam combinado não voltar a mencionar aquele assunto, mas ali estava ela questionando-o, esquecida da promessa. Pensou um pouco, antes de responder com cuidado, como quem morde uma fruta madura demais:

— Foi um tempo necessário para encontrarmos algum equilíbrio. Uma pausa para tentarmos aprender que somos irmãos da mesma Ordem, regidos pelos mesmos princípios.

— Achava mesmo que eu ia te esquecer? — perguntou, com ironia, para ocultar a sua mágoa.

— Não — respondeu sério, sabendo que ele também não a esquecera.

— Eu sei que nada mudou: nem o meu amor por você, nem a sua convicção em servir a Ordem, acima de tudo.

— A minha convicção em servirmos a Ordem. Juntos — corrigiu.

— Então diga o que sente por mim. Uma única vez.

— Não faça isso — pediu inclinando-se um pouco, para vê-la melhor. — Deixe esse assunto cair no esquecimento. Não alimente uma situação que só vai nos ferir.

— Eu quero saber, Daniel. Preciso escutar — insistiu.

— Você acha que a nossa dor vai diminuir se falarmos sobre os nossos sentimentos, mas eu garanto que só vai piorar. Cada vez que falarmos sobre isso, ficaremos reféns das emoções.

Os argumentos dele não a convenceram. Ela continuava acreditando que, num futuro não muito distante, superariam todos os obstáculos. Aquele sentimento se chamava esperança e era o que lhe dava forças para seguir adiante, sem ceder ao desespero. Anunciou:

— Eu amo você e tenho certeza de que saber disso lhe faz bem.

— É verdade — reconheceu, consciente de que após pronunciar as palavras que ela tanto queria escutar não havia como voltar atrás. Levava seis meses para encontrar um novo equilíbrio e ela estava prestes a destruí-lo em

minutos. Balançou a cabeça ligeiramente, lutando contra as palavras. Por fim, levantou-se do sofá, deu duas passadas largas e aproximou-se dela. Elizabeth estava encostada numa estante de livros embutida na parede. Ele apoiou as mãos sobre a estante, uma de cada lado do corpo dela, prendendo-a no espaço circular dos seus braços. Aproximou-se do rosto dela, olhando-a com intensidade, e disse baixo, e muito devagar, uma única frase onde parecia caber todo o universo:

— Estou apaixonado por você.

Ela estremeceu com o impacto simultâneo da perigosa proximidade do corpo e das palavras tão esperadas. Ergueu a mão e tocou a face bem barbeada. Respirou fundo, inalando a fresca fragrância masculina, que lembrava vagamente o mar e a montanha. Perguntou com ternura, já esquecida de que ele estivera meio ano sem dizer uma única palavra:

— E o que faremos?

— Nada. Ambos sabemos e não faremos nada — anunciou, com o rosto a poucos centímetros do dela.

— Conforta-me saber que me ama — parecia menos doloroso amá-lo depois de ouvi-lo confessar que estava apaixonado. Aproximou-se mais dele, sentindo o corpo quente como se estivesse com febre. Encostou a boca à dele, de leve. Daniel precisou de toda a sua força de vontade para recuar um passo, num último instante de lucidez, antes que o beijo se consumasse e ele cedesse à tentação. Disse, com a voz alterada pelo desejo:

— Precisamos trabalhar.

— Vamos salvar o mundo, suponho — respondeu sarcástica, vendo-o afastar-se.

— Sim — confirmou sério, sabendo que o sarcasmo tinha sido uma forma de Elizabeth lidar com a frustração que ambos sentiam. Tirou do bolso da camisa um minúsculo *pendrive* vermelho e pediu: — Posso usar o seu computador?

Ela se dirigiu à mesa onde estava o laptop. Colocou o *pendrive* e assim que abriu o arquivo, imagens violentas surgiram na tela. Percebeu que se tratava de uma compilação das notícias relatando o desaparecimento de ônibus escolares com crianças que eram posteriormente assassinadas. Ela sabia do que se tratava, nos dois últimos meses tinham sido mortas cento e duas crianças em vários países: Suíça, Áustria, República Checa, Alemanha, Holanda e Bélgica. Não se falava em outra coisa.

O mundo assistira impotente àqueles acontecimentos na Europa, que

deixavam um rastro de sangue, sem que a polícia descobrisse o responsável ou conseguisse prever quem seriam as próximas vítimas. Surgiram várias teorias e especulações, mas as razões dos massacres permaneciam desconhecidas.

A compilação de Daniel mostrava análises em que especialistas em comportamento criminal faziam o perfil geográfico dos assassinatos e concluíram que os países formavam praticamente um círculo no mapa, faltando apenas a França para completá-lo. Previam que a próxima onda de homicídios seria na França, embora não conseguissem descortinar o porquê. Nas últimas semanas, os ônibus franceses deixaram de ser uma alternativa de transporte para as escolas e os pais e familiares levavam as crianças. A polícia estava em alerta máximo, mas ninguém sabia se as precauções seriam suficientes para impedir mais um massacre.

Elizabeth viu em seu laptop as imagens das mãos destroçadas, abraçando os corpos sem vida dos seus filhos, num último gesto de amor, incapaz de aplacar o desespero e a dor. Não conseguiu evitar as lágrimas, nem o arrepio que percorreu o seu corpo. Podia sentir uma poderosa força obscura se movendo por trás daqueles eventos terríveis.

Daniel estava de pé, por trás dela, acompanhando as notícias que passavam na tela do computador, como um filme de terror demasiado real para ignorar e demasiado fictício para acreditar. Por fim inclinou-se sobre ela e disse pausadamente, bem perto do seu rosto:

— Não protegemos apenas os tesouros divinos, somos também guardiões da humanidade. Temos que parar isso.

— Como? — perguntou, incapaz de conter as lágrimas teimosas.

— Descubra quem são — pediu, sentando-se tão próximo dela que podia sentir o seu calor. — Sonhe com eles.

— Nunca fiz isso — argumentou, pensando na responsabilidade que estava recebendo.

— Eu sei, mas você foi treinada para sonhar. Talvez precise de apoio, no início. Dib vai ajudá-la — devolveu o *pendrive* ao bolso da camisa.

— Preferia que fosse você.

— Cheguei há duas horas e você foi a primeira pessoa que vi — percebeu que o olhar dela se iluminava com a notícia. — Mais do que aceitar o que estou dizendo, tem que confiar nas minhas decisões, Elizabeth. Dib ficará com você porque eu preciso cuidar de outros assuntos.

— Que assuntos? — quis saber, sem conseguir imaginar o que poderia ser

mais importante que a morte de uma centena de inocentes.

— As relíquias, Besson... — respondeu, observando a reação dela quando pronunciou o nome do primo.

— O que tem ele? Quando você foi para o Tibete, ele enviou um e-mail dizendo que também ia viajar — falou na defensiva, ainda sem lembrar o que acontecera na África, quando Daniel e Dib tiveram que resgatá-la dos braços de Miguel.

— Você respondeu? — questionou, sentindo ciúme.

— Não. Ele já voltou?

— Chega amanhã — Miguel tinha avisado sobre a data do seu retorno, exatamente como Daniel fizera poucos dias antes.

— Que *timing*! Parece que combinaram — estranhou.

— Fizemos um acordo para não incomodá-la por um tempo — fez uma pausa, antes de mudar de assunto, ciente de que cumprira a sua parte do combinado com Besson. — Copiei os arquivos para o seu computador. Estude-os — pediu, em jeito de despedida, se dirigindo para a porta com sua passada elástica.

Jean Luc Messie vivia em Paris com os pais. Era um jovem de vinte e nove anos, discreto, com personalidade enigmática e algo efeminada. Tentara formar-se em quatro faculdades sem sucesso, embora isso não o afetasse. A sua indiferença com os estudos era consentida pelos pais. Jean Luc era muito inteligente, mas sentia tédio pelas coisas normais e estudar era uma delas. Os pais entendiam que a sua incapacidade de se ajustar aos padrões era um traço de genialidade e não uma falha. Em contrapartida, praticava todos os esportes radicais de que ouvira falar, viajava para os lugares mais exóticos do mundo e apreciava a vida noturna.

Filho único e tardio de um riquíssimo casal francês de ascendência nobre, viu-se rodeado de cuidados desde que nasceu, quando a mãe estava com trinta e oito anos e o pai, quarenta e cinco. Nada lhe foi negado e a palavra “não” nunca fez parte do seu vocabulário.

Era magro, alto, e a sua pele clara mantinha um bronzeado natural cultivado durante as muitas horas dedicadas aos esportes. Tinha cabelo claro não muito curto, com leves ondulações, que mantinha com um impecável corte moderno. Seus olhos, profundamente castanhos, pareciam absorver o mundo, com atenção fixa. A boca perfeita funcionava como um contraponto

na face séria, emprestando-lhe leveza e doçura. A roupa irrepreensível, e aparentemente simples, revelava que ele dava total atenção aos detalhes. Falava sempre um tom abaixo do normal com uma voz macia, obrigando as pessoas a prestarem atenção ao que dizia.

Os seus modos elegantes denotavam a segurança da sua ascendência, que unia aristocracia, poder e riqueza. Mas o seu traço mais marcante era o ar de anjo imaculado que convencia os pais de praticamente tudo o que ele quisesse. Jamais havia sido punido por coisa alguma, mesmo nos tempos de escola. Podia estar envolvido nas maiores barbaridades sendo, muitas vezes, o autor da ideia, mas os colegas estavam dispostos a protegê-lo e os professores a acreditar na sua inocência. Aquela capacidade de convencer os outros a fazerem o que ele desejava, sem esforço e sem recorrer à força, era um dom natural e a sua marca registrada.

Não tinha uma sexualidade definida: gostava tanto de mulheres quanto de homens, sendo-lhe indiferente a questão do gênero. Porém, sabia que teria que dar um neto aos pais: aquele havia sido o seu único pedido, e ele não podia negá-lo. Na verdade, se sentia obrigado a satisfazer o desejo deles com rapidez porque os pais tinham idade avançada. Em certos dias flagrava-se procurando uma mãe para o filho, mas todas pareciam distantes do seu imaginário: queria que ela fosse doce e inocente. Por conhecer bem o lado obscuro do desejo, a inocência exercia sobre ele grande poder de atração.

Jean Luc herdara da mãe o requintado gosto pelas artes e do pai o prazer pelo colecionismo de relíquias. Charles Robert Messie colecionava objetos sagrados e antigos, mas a recente aquisição de um cálice e de um anel despertou o interesse de Jean Luc. Pai e filho passaram horas estudando os detalhes e as lendas que cercavam os dois artefatos. E quanto mais pesquisavam, mais descobriam um mundo fascinante, repleto de promessas místicas.

Marie-Thérèse d'Aumont Messie sabia que pai e filho eram muito ligados, mas estranhou que passassem tanto tempo fechados na enorme biblioteca herdada dos antepassados. E o que mais chamou a sua atenção foi o fato de Jean Luc ter abdicado das suas saídas e viagens para ficar enclausurado, pesquisando com o pai. Nessa noite, enquanto jantavam um delicioso pato marinado em frutas ao vinho tinto, acompanhado de cuscuz marroquino com pinhões, perguntou o que estava acontecendo e o que eles investigavam com tanto empenho. Pai e filho trocaram um olhar de cumplicidade, que não escapou a Marie-Thérèse:

— Parem de olhar um para o outro... Quero saber! — disse peremptória. Ambos conheciam aquele tom de voz que exigia uma resposta.

— Papai comprou duas relíquias inestimáveis.

— Que relíquias?

— O Cálice usado por Cristo na última ceia e um Anel que pertenceu ao Rei Salomão — respondeu Charles fleumático, intervindo na conversa.

— Isso é uma lenda — declarou Marie-Thérèse, com uma ponta de ironia.

— Comprovou a autenticidade deles? — perguntou, olhando para o marido, com ceticismo.

— Não ia pagar milhões de dólares sem mandar autenticá-los — retorquiu, com segurança. — Os testes confirmam as datas. O único problema é o anel: a esmeralda não é a original. Mas independente disso, valeu a pena.

— Está dizendo que possuímos um dos objetos mais famosos da história? — insistiu com descrédito, referindo-se ao cálice.

— Sim, querida. Mas é um assunto sobre o qual ninguém fala, obviamente — afirmou Charles conciliador, para fazê-la compreender que o cálice e o anel eram reais, mas estavam fora do circuito normal das obras de arte, aliás, como acontecia com a maioria das relíquias religiosas ou místicas, que circulavam num submundo sombrio e alternativo.

— Quanto pagou por eles? — perguntou, temendo que o marido tivesse gasto vários milhões em objetos duvidosos, sem valor comercial, e que não conseguiriam vender posteriormente.

— Dez — respondeu cômico, como se falasse de uma quantia irrelevante, e na verdade, para ele, era irrelevante. Marie-Thérèse ficou com o garfo suspenso no ar, sem chegar à boca.

— Como? — perguntou ela novamente.

— Dez milhões de dólares — completou Charles.

— Por Deus, Charles! Que loucura é essa?

— Mamãe, são artefatos importantes — Jean Luc veio em defesa do pai.

— Podem até ser — disse, depois de comer o pedaço de pato que ficara suspenso por algum tempo na ponta do garfo, enquanto ela assimilava as informações. — Mas se bem conheço o seu pai não os conseguiremos vender nunca. Tudo o que está naquela sala de relíquias veio de alguma fonte obscura e é altamente questionável. Quem iria acreditar que temos o Cálice de Cristo? Quem? E o anel de Salomão? Nunca ninguém ouviu falar nesse anel — analisou, pragmática. — E o Cálice é a base das lendas do Graal... Todo o mundo sabe disso.

— E por que venderia objetos que estou colecionando? Não faz sentido, Marie-Thérèse — disse Charles, sem disfarçar certo tom de repreensão, apesar de ser apaixonado pela mulher.

— Tudo deve ter um valor comercial, Charles. Isso é um investimento... — argumentou ela.

— Nós investimos numa quantidade absurda de arte, entre outras coisas... As relíquias são uma paixão, que por acaso o Jean Luc também partilha. E serão parte da herança dele, e dos nossos netos.

— Dez milhões por uma paixão?

— Ora, Marie-Thérèse... Nem parece você! Nós vivemos de paixões — comentou *blasé*.

— Eu sei, Charles — concordou. — Mas parece um pouco excessivo.

— Não é, querida — respondeu brando, olhando-a com aquele sorriso encantador, que o filho havia herdado. Ela sacudiu a cabeça enquanto cruzava delicadamente os talheres de prata, dando por terminada a refeição.

Dois empregados retiraram os pratos vazios e serviram uma sobremesa de morangos com vinho do Porto, enquanto eles se mantinham num silêncio ameno. Marie-Thérèse, apesar de considerar que os empregados pertenciam a uma categoria das pessoas invisíveis, detestava que comentassem assuntos delicados na frente deles. Por isso, a conversa terminou ali.

A pele queimada pela prolongada exposição ao sol africano intensificava o tom dourado dos olhos de Miguel, acentuando a sua beleza de traços felinos.

Durante o período em que Daniel esteve no Tibete, Miguel percorreu quinze países e, ao contrário das suas viagens anteriores, desta vez não deixou um rastro de gente morta. Manteve o controle e não permitiu que os seus instintos o dominassem. Usou aquele tempo para pensar em Elizabeth e planejar a vida que desejava, como um estrategista habituado a obter grandes vitórias, embora soubesse que fizera o seu verdadeiro aprendizado através das grandes derrotas. Lembrava-se bem da arrogância dos tempos iniciais, após abandonar a Ordem, quando se considerava um pequeno deus no reino dos homens. Isso trouxe sabores que não desejava repetir. Agora planejava tudo com precisão, para evitar que os seus planos fossem alterados pela imprevisibilidade do comportamento humano.

Apaixonara-se por Elizabeth e, embora não pretendesse voltar a controlá-la por meio da magia, estava decidido a conquistá-la. Além disso, a

possibilidade de descobrir a localização do Mosteiro e os tesouros lá guardados, após uma espera de séculos, era um apelo que não podia ignorar. Para o sucesso do seu plano inconfessável, Miguel teria que conquistar a confiança dos guardiões, sem pressas ou erros.

Depois de desmanchar a mala e tomar um banho, ligou para Daniel.

— De Payens. Como está? — questionou com voz suave.

— Bem. E você? — respondeu, no mesmo tom.

— Acabei de chegar. Vamos planejar a recuperação das relíquias? — propôs de imediato, colocando em prática o seu plano de se aproximar da Ordem.

— Acho que devíamos nos encontrar — sugeriu Daniel, diplomaticamente.

— Desde que seja em um lugar neutro...

— Numa igreja? — disse astutamente Daniel, fazendo Miguel soltar uma gargalhada.

— Não é definitivamente o que eu chamaria de “lugar neutro”.

— O que sugere? — perguntou Daniel. Aquela resistência talvez significasse que Besson não podia entrar em igrejas. Lembrou-se de que Miguel tinha levado Elizabeth para uma capela na África, mas sabia que o lugar tinha sido usado na prática de rituais sangrentos. Deduziu que Miguel devia ter alguma restrição que o impedia de entrar em espaços sagrados.

— O parque próximo do meu apartamento é central e nos dará privacidade.

— Perfeito — aceitou Daniel. — Amanhã, às duas?

— Estarei lá — respondeu Miguel, sabendo que não era necessário especificar um ponto de encontro no parque, usaria o instinto que permitia que detectasse outros da sua espécie.

Charles Messie ficou incomodado com a prisão de Dimitri Sergeevich. Foi um golpe inesperado, até porque além de Dimitri ser o seu confiável fornecedor de relíquias, estava negociando a aquisição de um punhal do século XIV, com uma belíssima esmeralda na base. Aquele seria o presente de aniversário de trinta anos de Jean Luc, que era apaixonado por punhais, espadas e praticamente tudo o que tivesse uma lâmina.

Charles contatava Dimitri diretamente, sem intermediários, e não teve dúvidas que ele jamais revelaria o seu nome. Não denunciar ninguém era uma questão de honra. Esse conceito poderia parecer incompatível com um homem como Dimitri, que fazia da violência um meio para alcançar os seus

objetivos, mas, na verdade, era a base de toda a sua organização, cheia de códigos que definiam, com exatidão, o permitido e o proibido.

Eles haviam se conhecido através de um amigo comum, que os apresentou durante um leilão de arte — o ambiente preferido de Dimitri para os negócios. Rapidamente perceberam que tinham interesses comuns: Charles era um colecionador e Dimitri, um provedor de todo tipo de arte, em especial a do chamado “mercado negro”. A forma como Dimitri conseguia os objetos era irrelevante para Charles. Não que ele concordasse com o assassinato para consegui-los, até porque a violência lhe causava asco. Charles considerava que era algo primitivo que afastava o homem da civilidade. Mas acreditava que pagava bem pelas relíquias e o dinheiro era suficiente para apagar os vestígios de violência. Além disso, Dimitri jamais comentou como ou onde adquiria os objetos. Isso era um tema que não abordavam.

Dimitri e Charles estabeleceram uma associação proveitosa e, com o passar do tempo, desenvolveram admiração e simpatia mútuas. Eram homens de gostos requintados, embora Dimitri levasse o seu requinte até ao reino da violência, enquanto Charles se limitava ao hermético mundo da arte.

Após a prisão de Dimitri, Charles quis contatá-lo para oferecer apoio, mas temia que a polícia estabelecesse alguma ligação entre eles, e isso, em vez de ajudar Dimitri, poderia prejudicar a ambos. Em face dessa suspeita manteve-se quieto, acompanhando as notícias pelos jornais e pela TV — embora não gostasse de televisão, por achar quase obscena a forma como os programas exploravam a violência e a vulgaridade para conseguirem audiência.

Assim que o caso esfriou, escreveu a Dimitri, com remetente de uma caixa postal que se deu ao trabalho de abrir numa seção dos correios distante da sua casa, imaginando que aquele gesto ajudaria a salvaguardar a sua identidade.

Na carta, deveras inocente, além de expressar a sua preocupação com o estado de saúde de Dimitri, perguntou como poderia ajudá-lo e se ele necessitava de algo. Dimitri, impressionado com a gentileza de Charles Messie, por ter sido o único de seus clientes a escrever, respondeu no mesmo tom educado e elegante, agradecendo a preocupação e o interesse. Após aqueles contatos iniciais, mantiveram uma correspondência regular e Charles passou a enviar chocolates, caviar, *foie gras*, revistas, charutos e outras pequenas delicadezas.

A sua pena foi de dezoito meses de prisão, mas, com bom comportamento, sairia na metade do tempo. Só Tereza Sampaio teve coragem para depor contra ele. Não houve mais nenhuma testemunha: dois homens que

trabalhavam com ele entraram para um programa de proteção de testemunhas, mas mesmo assim foram assassinados pouco antes do julgamento. Todas as provas contra Dimitri eram circunstanciais e ninguém provou que ele contrabandeava obras de arte ou era responsável pelas muitas mortes que lhe atribuíram.

Mas Dimitri cometeu dois erros que contribuíram, com diferentes pesos, para a sua prisão: o primeiro, e também o mais importante, foi guardar em sua casa um único quadro roubado, antes de enviá-lo para o comprador; o segundo foi permitir que Tereza Sampaio vivesse. Ela tinha sido responsável pelas acusações de contrabando, dando detalhes específicos sobre a forma como funcionava parte da operação de Dimitri. E apesar do advogado de Dimitri ter desqualificado todo o depoimento, afirmando que ela estava depondo por ter feito um acordo com a promotoria, Tereza conseguiu incutir várias dúvidas que acabaram pesando no julgamento. Dimitri jurou que a mataria quando chegasse o momento. Agora se limitava a pensar nela, antecipando o dia em que se encontrariam.

2. Um amor inevitável

Eu creio, sim, que se tratava de um amor bestial, cruel. Acredito que se tratava do próprio amor.

Marguerite Duras (1914-1996)

A tarde estava quente, mas nuvens negras se acumulavam ao norte, prometendo chuva.

Quando Miguel chegou, Daniel ocupava um dos bancos do parque, em frente ao gramado em que crianças ocasionalmente jogavam futebol. Viu Miguel se aproximando com o seu andar indolente, usando um irrepreensível terno azul-escuro e uma camisa rosa suave.

Ambos se observaram cuidadosamente, cientes de que não confiavam um no outro e estavam tentando restabelecer uma relação interrompida durante séculos. Miguel sentou-se ao lado de Daniel, no duro banco de madeira, sorrindo com falsa inocência.

— Padre? — perguntou, iniciando o diálogo, e referindo-se de forma provocante à batina negra com a alva gola de padre que Daniel usava.

— São os últimos dias. Deixei a Igreja... — Daniel justificou o uso da indumentária.

— Suponho que os seus colegas estão envelhecendo e você se mantém jovem... — deduziu Miguel, pensando que também iria se afastar da UniTouch pelas mesmas razões. O seu aspecto jovem, comparado ao dos colegas com a mesma idade, começara a gerar comentários, e Miguel sabia que era hora de se retirar. Habitado a grandes mudanças ao longo da vida,

Miguel conseguiu planejar com precisão o seu afastamento da UniTouch e o começo de uma nova vida, na qual pretendia incluir Elizabeth.

— Sim — anuiu Daniel.

— Fez boa viagem? — perguntou novamente Miguel.

— Sim, obrigado. E a sua?

— Boa... — retorquiu monocórdico. — E agora?

— Primeiro as regras — respondeu Daniel, como se estivesse esperando aquela pergunta.

— Sabia que ia começar por aí — Miguel soltou com uma gargalhada bem humorada. — Você não vive sem regras, não é, De Payens?

— Se vamos colaborar um com o outro, a nossa proximidade precisa ser regida por regras. Temos que chegar a um meio-termo. — Daniel sabia que aquele diálogo era uma forma de ambos lidarem com a difícil aproximação, que só o convívio suavizaria.

— Não matarás — disse Miguel, lembrando que aquele era o princípio vital da Ordem.

— Sim, essa é a primeira regra. Concorda?

— Há algumas limitações: posso ter que matar para sobreviver ou defender alguém, não? — perguntou Miguel, irônico.

— Besson: não matarás! — insistiu Daniel, imperativo.

— Certo. Está tentando me resgatar, De Payens? — questionou, mantendo a ironia.

— Isso não existe: a redenção é um caminho individual. Só você poderá se redimir.

— Quais são as outras regras? — Miguel sabia que Daniel tinha razão e ninguém poderia salvá-lo das atrocidades que cometera.

— Elizabeth — pronunciou o nome dela, filtrando todas as emoções que ela lhe suscitava.

— Elizabeth o quê? — inquireu Miguel, curioso.

— Não se aproxime dela enquanto durar a busca pelas relíquias.

— Não é uma boa regra, De Payens. Prometo que não farei mal a qualquer ser vivo, não mentirei, não roubarei, mas Elizabeth é outra história — olhou para Daniel com firmeza, seguro de que aquele era o único ponto de que não abdicaria.

— Deve deixá-la fazer as suas escolhas. E não vai lançar mais nenhum encantamento, como aquele da Costa do Marfim.

— Sabe que não tenho que prometer nada, não é? — inquireu Miguel,

provocante.

— Sei. Mas estamos nesta situação, de caçar relíquias pelo mundo, porque há centenas de anos você as retirou, indevidamente, da proteção dos guardiões — lembrou Daniel, frisando de forma fria o roubo deplorável de Miguel.

— Sim — reconheceu, sem indícios de arrependimento. — E é por isso que vou ajudá-lo a encontrá-las, para restabelecer o equilíbrio e, principalmente, para evitar que alguém descubra para que servem. Não queremos mais ninguém por aí com capacidades iguais às nossas, não é? Alguém que possa, por exemplo, organizar um pequeno exército de invencíveis e marchar pelo mundo...

— É — concordou, percebendo que Miguel o estava ajudando movido pelo receio de que alguém descobrisse o poder das relíquias. — Mas durante anos você não se preocupou...

— Sempre me preocupei — interrompeu Miguel, discordando. — Por isso as monitorei. Agora, pela primeira vez, não sei onde ou com quem estão. E estou cada vez mais incomodado com isso.

— Voltemos a Elizabeth — insistiu Daniel.

— O pomo da discórdia! Reparou que estamos novamente em posições opostas, De Payens?

— Estamos ambos tentando protegê-la. Por razões diferentes, claro — respondeu, ignorando a provocação de Miguel.

— Certamente.

— Prometa, Besson — insistiu Daniel, desconhecendo que aquela havia sido uma decisão que Miguel já tomara: queria que Elizabeth se apaixonasse por ele sem a influência da magia. Ele sabia que tudo o que era conseguido com a magia tinha um preço demasiado alto e de durabilidade duvidosa.

— Prometo. Mais alguma regra? — respondeu, surpreendendo Daniel com a aparente rapidez com que concordara em respeitar a vontade de Elizabeth, embora tivesse rejeitado a possibilidade de se afastar dela.

— Não é uma regra. É um conselho: não se aproxime muito dos guardiões. Os sentimentos em relação a você são muito ambíguos — avisou Daniel, refeito da surpresa provocada pela atitude conciliatória de Miguel em relação a Elizabeth.

— Eu sei — Miguel conhecia bem os seus principais opositores na Ordem.

— Por que Alessia o detesta tanto? — perguntou Daniel.

Miguel surpreendeu-se com a pergunta. Calou-se por alguns momentos,

antes de responder.

— Vai ter que perguntar à Alessia. Não me cabe revelar — a sua voz estava séria, bem diferente do tom jocoso ou irônico com que havia tratado a maioria dos assuntos.

— E com o Kent? — inquiriu Daniel.

— Ele acha que viu algo que não corresponde completamente à verdade — anunciou.

— Quer falar sobre isso? — insistiu Daniel que, no caso de Kent, já conhecia o brutal evento que os separava.

— Não. Mas quero falar com Kent, quando ele estiver disposto — respondeu mantendo a voz séria, imprimindo, assim, a devida gravidade ao assunto.

— Compreendo — Daniel achou louvável que Miguel preferisse falar diretamente com Kent, e protegesse Alessia, não expondo o seu segredo, fosse ele qual fosse. Aquela atitude revelava uma faceta ética de Miguel que Daniel quase esquecera.

Miguel sabia que se conseguisse falar com Alessia e Kent poderia minar as suas resistências, seguindo o plano de conquistar os guardiões, se infiltrando entre eles.

— Já temos as regras. Quais os próximos passos? — perguntou, mudando de assunto.

— Sugestões? — questionou Daniel.

— Temos que falar com Dimitri Sergeevich.

— Ele não mencionou nenhum dos seus clientes, e não encontraram um único nome entre os seus documentos.

— Mas eu posso descobrir. Só preciso de alguns momentos a sós com ele... — disse, sem conseguir evitar uma nota de sadismo.

— Não — Daniel foi categórico.

— Ah! As regras... Não farei mal a Dimitri. Já prometi.

— Claro que fará. Você vai vasculhar a memória dele.

— Nem uma gota de sangue será derramada — informou, com seriedade.

— Faz parte das regras da Ordem não usarmos os nossos dons para conseguir as coisas. Temos que respeitar o livre-arbítrio humano e você sabe disso.

— Chama-se adaptação, De Payens. Adaptação! Não era você que dizia que problemas complexos exigiam medidas criativas? Ainda diz? — lembrou, com um sorriso provocante. Daniel meneou a cabeça,

impressionado com a habilidade de Miguel de subverter as regras. Sabia que se o deixasse resolver o assunto, em pouco tempo recuperariam as relíquias. Mas não podia permitir que as regras fossem quebradas.

— Continuo dizendo. Portanto, usemos medidas *criativas* — retorquiu, fazendo Besson sorrir com a ênfase que colocara na palavra “criativas”.

— Dimitri seria o caminho mais fácil, mas como é inviável, podemos observar o comportamento do mercado negro da arte. Quem compra esse tipo de relíquia não assume nem anuncia.

— Você tem contatos no mercado negro?

— Não muitos — comentou, surpreendendo Daniel, que esperava vê-lo envolvido naquele circuito paralelo. — Mas é impossível que o mundo da arte não se cruze com o mercado negro: há sempre comentários e situações dúbias.

— Besson, vamos ao ponto — interrompeu Daniel.

— Cheguei a uma lista de vinte e cinco pessoas, com alguma probabilidade de possuírem as relíquias — tirou uma folha dobrada do bolso interno do blazer e entregou a Daniel.

— O que planejou? — questionou Daniel, analisando atentamente a lista.

— Precisamos descobrir o que compraram nos últimos meses para encontrar pistas. Em algum momento vamos saber qual deles se cruzou com Dimitri: esse é o objetivo.

— Engenhoso, Besson — reconheceu Daniel.

— Obrigado — disse inclinando a cabeça, em agradecimento, como se estivesse em frente a uma plateia que o aplaudia. — Sua vez.

— O núcleo de investigadores europeus, responsável pelo desmantelamento da célula de Dimitri, manteve-o sob vigilância durante muito tempo. Eles têm fotografias de todos os que contataram Dimitri durante esse período. Se conseguirmos fotografias atuais dos homens dessa lista — disse, movendo ligeiramente a folha que tinha na mão — e as cruzarmos com as do arquivo da polícia, saberemos quem teve contato recente com Dimitri e reduziremos as nossas buscas.

— Excelente — elogiou, surpreendido com a rapidez com que Daniel montou um plano unindo as ideias dos dois. Tinha esquecido aquela sua capacidade de avaliar rapidamente as situações tirando o melhor proveito delas. — Eu trato dos colecionadores e você da polícia. Para você é mais fácil, devido à sua ligação com Bardas — justificou Miguel.

— Vou falar com ele — concordou Daniel, pensando que teria que arranjar

uma boa justificativa para o seu pedido. — Voltamos a conversar quando houver alguma novidade.

— Ótimo — respondeu Miguel, caminhando em direção à saída do parque, com Daniel ao seu lado, quando as primeiras gotas de chuva começaram a cair.

Ao contrário do pai, que evitava emoções exageradas, desprezava a violência e abominava a visão do sangue, Jean Luc gostava de todas as situações que proporcionassem adrenalina, inclusive a violência, se necessário.

Em geral, tudo lhe parecia vazio e começou a procurar emoções intensas desde cedo. Mas as drogas e o álcool irritavam-no: alteravam a lucidez e ele não suportava perder o controle. Gostava de estados máximos de alerta sem o auxílio de substâncias químicas e, por isso, mantinha o corpo em forma e cuidava da alimentação.

Deambulava pela noite, visitando um lugar após o outro, sempre elegante, com as roupas perfeitas, sem perder a compostura. Cultivava uma aura de mistério. Aproximava-se das pessoas, mas nunca o suficiente para que o conhecessem, mesmo as que amava nos quartos dos hotéis sofisticados de Paris ou qualquer outra cidade. Fazia amor com sensualidade, abandonando o corpo ao desejo e exigindo uma entrega plena dos amantes, embora a sua firmeza por vezes beirasse a violência. Só se aproximava dos perfeitos, dos belos. Não suportava a ausência de beleza. E, como os seus pais, abominava a vulgaridade.

Na vida amara apenas o pai e a mãe. Não sabia o que era amar outra pessoa e que tipo de amor seria aquele. Ninguém era perfeito o suficiente para alimentar o seu desejo e muito menos para perdurar no seu afeto.

O mais próximo que estivera do amor tinha sido com Peter Steinbach, um jovem alemão que foi seu colega de faculdade, quando ambos tinham dezenove anos. Foi a sua relação mais longa, porém, quando iam completar um ano de discretíssimo relacionamento, Peter suicidou-se. Apesar de ser avesso a barbitúricos, tomou dois frascos e foi encontrado por um colega, deitado na cama, de bruços, como se dormisse. Parecia sereno.

Jean Luc nunca soube que um dos motivos que levou Peter ao suicídio foi o conhecimento sobre o seu relacionamento com belas mulheres. Não entendia o tipo estranho de fidelidade que Jean Luc lhe dedicava: nunca mais

estivera com nenhum homem desde que se conheceram.

O caso foi arquivado. Todos os vestígios apontavam para um suicídio, e a ausência de bilhete de despedida não causou estranheza aos investigadores, porque é um comportamento frequente entre suicidas.

Sem dúvida Peter representava o ponto mais próximo em que Jean Luc estivera do amor. Peter representava a perfeição e havia sido a única pessoa que nunca teve um gesto grosseiro ou disse algo vulgar. Não lamentava a morte dele, e até achava que era por isso que o mantinha tão vivo na memória. Sabia que o amor de Peter por ele era superior ao afeto que lhe dedicava.

Por isso, não estava preparado quando a viu numa rua de Paris. Algo aconteceu e ele não conseguiu desviar o olhar, como se tivesse sido hipnotizado. Ela destacou-se entre a multidão, pouco antes da hora do *rush*. Caminhavam em direções opostas e Jean Luc a viu aproximar-se suavemente, como se flutuasse, com o longo cabelo castanho-claro, liso e brilhante, movendo-se com o ritmo dos passos. Não devia ter mais de vinte e dois ou vinte e três anos, embora a roupa clássica lhe emprestasse um ar distinto e um pouco mais velho, desmentido pelo rosto juvenil e miúdo, marcado por intensos olhos verdes. Caminhava tranquila, como se passeasse. Observava tudo com atenção quando o viu. Percebeu a forma elegante como ele caminhava, a roupa simples, porém de bom gosto: jeans escuros de corte impecável, suéter vermelho de gola em V, e um casaco impecável para se proteger do frio de outubro que ameaçava Paris.

Ele pensou se devia abordá-la e ela desejou que ele o fizesse, mas nenhum dos dois esboçou qualquer gesto de aproximação. Depois que se cruzaram, ele voltou-se para trás, para vê-la desaparecer entre a multidão. Jean Luc consultou o relógio de pulso: eram quatro e cinquenta e três. Fixou o horário e o local.

Durante a semana seguinte refez o percurso no mesmo horário até voltar a vê-la. Estranhamente o seu coração acelerou, como se ele estivesse escalando uma montanha muito íngreme. Ela estava mais bonita do que da primeira vez em que a vira.

Jean Luc havia passado a semana pensando nela, mas hesitou mais uma vez, sem saber se a abordava ou não. Agradava-lhe o fato de poder imaginá-la e esperar por ela, ignorando se a veria novamente. Gostava de deixar aqueles encontros entregues ao destino. Olhou-a intensamente e quando se cruzaram tocou na mão dela e continuou caminhando. Desta vez quem olhou

para trás foi ela, antes de seguir adiante, com a certeza de que o veria de novo.

Os guardiões estavam sujeitos à constante ameaça da transmutação. Eles se controlavam graças ao rigoroso treinamento a que se submetiam, mas mesmo os guardiões mais experientes como Daniel, por vezes lutavam para não ceder aos seus instintos.

Elizabeth, por ser a mais jovem, tomava um chá de ervas impronunciáveis e amargas, que a impedia de transformar-se em leoa, mas esse chá também sedava os seus sentidos, impedindo-a de sonhar. Para que voltasse a sonhar e descobrisse o assassino das crianças, teria que parar de tomar o chá. Dib estava ajudando naquela delicada transição nos últimos meses, até que ela dominasse os rudimentos básicos do seu autocontrole.

Após a instrução de Daniel, aceleraram o processo para que ela voltasse a sonhar, mas isso também intensificou as suas emoções, como se tudo estivesse dilatado. Aquele era um dos efeitos da Consagração: apurava os sentidos.

Elizabeth estudou o material que Daniel lhe entregara. Os assassinos faziam um golpe cirúrgico na jugular das crianças para drenar todo o seu sangue. Depois as abandonavam no chão, deitadas umas ao lado das outras como se estivessem dormindo, com as mãozinhas cruzadas sobre o peito e as roupinhas perfeitas manchadas de sangue. Parecia tratar-se de um ritual, embora ainda ninguém soubesse o que motivava aquele comportamento bizarro. Elizabeth se preparava para decifrar as razões e descobrir a identidade dos assassinos.

Sarah Liberman era a mais velha de três irmãs e filha de conservadores pais ingleses, que consideraram apropriada a sua opção por um curso de línguas. Sarah terminou a faculdade aos vinte e dois anos, com notas excelentes e decidiu estagiar na Alemanha e na França para aperfeiçoar os idiomas. Seu pai, Frank Liberman, um empresário de sucesso, bem relacionado, descendente de judeus alemães, não teve dificuldades em conseguir os estágios para a filha.

Sarah foi para Düsseldorf, onde ficou um ano trabalhando numa empresa alemã de exportação que pertencia a um amigo da família. Durante esse período, recebia regularmente as visitas da mãe, Rachel Liberman, e das

irmãs, Yonah, de dezoito anos, e Deanne, de vinte. Quando terminou o estágio, passou um mês de férias na Inglaterra, antes de seguir para Paris, onde iria trabalhar numa empresa de traduções franco-saxônica, muito adequada aos seus quinze anos de estudo do francês.

Das três irmãs, Sarah era a que tinha a personalidade mais serena. Não evitava o conflito se fosse necessário, mas tinha uma forma suave de impor o seu ponto de vista. E, naquilo, era a mais parecida com o pai — um empresário tranquilo e perspicaz. Mesmo quando estava irritada, Sarah não levantava a voz. Depois de se acalmar e todos pensarem que o assunto estava encerrado, ela expunha os seus argumentos de forma delicada, porém ponderada e racional.

Sarah estava em Paris havia três meses, quando o viu pela primeira vez, próximo ao Café de Flore. Achou-o diferente. Misterioso. Tinha um olhar tão intenso que, quando pensava nele, parecia vê-lo emergir à sua frente. A partir do instante em que o viu, ele se tornou inevitável na sua vida.

Kami, a pedido de Miguel, organizou uma reunião com o Conselho, agora reduzido a seis membros, após a saída forçada de Tereza Sampaio. Naquela noite, ao entrar na sala, Miguel observou-os de relance, com um olhar rápido e experiente. Percebeu que o ambiente estava pesado. Conversou com eles para saber como haviam passado os seis meses em que estivera na África, antes de entrar no tema da reunião, que dizia respeito à atuação da Irmandade.

Penafór, na ausência de Teresa Sampaio, continuava indeciso sobre o que faria ao responsável pela morte do seu pai. Buonaventura também não sabia que destino dar aos militares da ditadura, que o haviam torturado. Mas Georgia já decidira matar o capitão que a mantivera prisioneira e a estuprara por três meses.

Por fim, Miguel disse, de modo objetivo:

— Percebi, pelos relatórios, que a nossa atuação se centrou no Haiti, que já se encontrava numa situação precária antes do terremoto do início do ano. Mas a situação mundial está se complicando com a crise econômica global, os conflitos armados e as catástrofes naturais. Neste momento, as maiores necessidades estão ao sul do Saara, onde vinte e quatro milhões de pessoas no Chifre da África são afetadas pela seca, pela fome crônica e pela violência armada. A população, que se desloca naquela região em busca de segurança,

está muito vulnerável.

Fez uma pausa para que assimilassem o que havia dito. O discurso pegou todos de surpresa: depois do seu afastamento, Miguel voltara disposto a fazer com que a Irmandade cumprisse plenamente o seu papel de organização filantrópica.

— Você esteve lá? — perguntou Kami.

— Sim, por isso quero um plano de ajuda para aquela região do Chifre da África. Na próxima semana. Pode ser?

Kami assumira as funções de Tereza, e Miguel viu-a trocar um rápido olhar de cumplicidade com Ambrósio, antes de responder:

— Acho que sim, até porque essas situações são sempre urgentes.

— Ótimo — respondeu Miguel, antes de se dirigir a Ambrósio. — Preciso falar com você depois da reunião.

Miguel encerrou a reunião e, quando ficou a sós com Ambrósio, pediu:

— Preciso que faça um trabalho de investigação. É pessoal. Não sei se tem disponibilidade...

— Tenho total disponibilidade — interrompeu Ambrósio, com o rosto compenetrado.

Miguel deu-lhe uma folha com a lista dos vinte e cinco nomes, a mesma que mostrara a Daniel.

— Preciso de fotografias recentes destas pessoas. Quero saber onde estão, que obras de arte compraram no mercado negro durante o último ano e de quem compraram.

— Algum vendedor em particular? Isso restringiria muito a investigação.

— Eu sei... — interrompeu Miguel, dizendo: — Dimitri Sergeevich.

Ambrósio franziu a sobancelha direita num gesto habitual, que fazia quando juntava mentalmente várias informações, e comentou:

— Esse não é o mafioso russo para quem a Tereza trabalhava?

— Sim. E eu quero saber quais dessas pessoas — apontou para a lista — contataram Dimitri ou alguém do seu grupo, inclusive Tereza.

— Compreendo — respondeu arrastadamente, enquanto pensava.

— Não se preocupe com as despesas.

— Posso contratar mais gente?

— Sim. Mas isto é confidencial — avisou. — Não quero que comente sequer com Kami.

— Ah... Tão óbvio assim? — perguntou Ambrósio, sempre muito discreto, sem compreender como Miguel percebera que havia um

relacionamento entre ele e Kami. — Não é óbvio. Foi apenas a forma sutil como se olharam — tranquilizou Miguel, provocando uma espécie de sorriso em Ambrósio. Miguel não se lembrava de ter visto Ambrósio sorrir desde que o conheceu, anos antes.

— Fique tranquilo. Mantereis isto confidencial.

— Use este cartão — Miguel estendeu um cartão de crédito negro, ilimitado. — Se precisar de mais alguma coisa, telefone. Com cuidado, Ambrósio.

— Claro — respondeu, entendendo a mensagem de Miguel. Após descobrir que Tereza monitorava as suas conversas telefônicas, Miguel partia do pressuposto de que podia haver sempre alguém escutando. No início, Ambrósio achava aquilo um exagero, mas agora já não estava tão seguro e começava também a acreditar que talvez as dúvidas de Miguel tivessem fundamento. Afinal, eles eram uma organização que funcionava em todo o mundo e, apesar dos recursos financeiros serem sempre insuficientes, movimentavam somas muito elevadas.

— Obrigado, Ambrósio — agradeceu Miguel se despedindo.

3. O número sagrado

*Agora o sete,
Sete dias da semana, sete notas musicais,
Sete cores do arco-íris nas regiões divinais...*

Raul Seixas (1945-1989)

A gentileza e o apoio de Charles Messie fizeram com que Dimitri voltasse a pensar no punhal que ele tanto desejava oferecer ao filho, Jean Luc. Com certeza aquela seria uma forma de agradar uma das poucas pessoas que se mostrara genuinamente preocupada com ele durante a sua prisão, e que passara a considerar um amigo.

Apesar de estar na prisão e da sua rede ter sido desmantelada, Dimitri já estava se reorganizando e espalhando seus tentáculos. O conhecimento era algo que ninguém poderia extirpar da sua cabeça e era o seu bem mais valioso. Por isso, sem grande esforço, planejou operações do interior da prisão, e até cooptou vários colaboradores, especialmente os jovens ambiciosos que pretendiam fazer do crime uma forma de vida. A estes, Dimitri começou por ensinar o código pelo qual regia a sua organização, deixando claro que a quebra de certos princípios era paga com a vida.

Dimitri guardava tudo na memória: nada de papéis, computadores ou registros de qualquer espécie. O seu cérebro prodigioso não deixava escapar o menor dos detalhes. Sabia que o punhal estava nas mãos da herdeira de um homem chamado Arturo Blanchefort. Meses antes enviara MacGee para Puebla de Sanabria com o objetivo de recuperar o punhal e lamentava a morte

dele. Ainda não tinha encontrado alguém com a sua *souplesse* para realizar trabalhos que exigiam inteligência e sofisticação. Para recuperar o punhal precisava de um profissional com a destreza e a agilidade de MacGee. E isso não seria uma tarefa fácil.

No final de novembro Dimitri estaria livre e tinha dois objetivos: conseguir o punhal e descobrir o paradeiro de Tereza Sampaio.

Uma antiga profecia Tibetana, protegida por monges de um mosteiro dos confins do Tibete, previa o aparecimento de alguém que mudaria o mundo e seria responsável pela morte de milhares de pessoas num reduzido período de três anos. Segundo a profecia, esse ser poderoso e temido, conhecido como “Anunciado”, “*beberia as almas*” e usaria o “*sangue do Puro como arma contra os homens*”.

Depois da Segunda Guerra, Arturo acreditara que Hitler tinha sido o Anunciado e a profecia se havia cumprido. Mas Dib defendia que Hitler não terminara a missão de dominar o mundo e o verdadeiro Anunciado iria completar o que ele começara. Insistia que a marcha violenta de Hitler era uma amostra do que estava por vir. Além disso, Hitler levava seis anos — de 1939 a 1945 — para assassinar alguns milhões de pessoas, e não três anos como previa a profecia. Arturo discordara, argumentando que as profecias são simbólicas e o tempo era difícil de prever. O tempo messiânico se assemelhava ao tempo bíblico, e ambos eram muito diferentes do tempo humano. A opinião de Arturo prevaleceu.

Quando Elizabeth se tornou uma guardiã e optou pelo estudo das profecias, para agregar conhecimento à Ordem, Dib viu naquela escolha uma oportunidade para reavaliar a profecia. Durante o período em que Daniel esteve afastado, pediu que Elizabeth analisasse a antiga profecia, cuja cópia, feita com a permissão dos monges tibetanos, se tornara parte do espólio da Ordem. Embora ela fosse ainda inexperiente, o seu dom de pitonisa podia ajudá-la a descobrir eventos que tivessem escapado aos outros guardiões.

A essência da profecia era catastrófica e previa a destruição da humanidade. Ao contrário das profecias bíblicas que falavam na salvação da alma e no dia do julgamento final, ali não havia uma única palavra de esperança: só morte, desespero e escuridão. Após meses de estudo, Elizabeth chegou à mesma conclusão de Dib: acreditava que a profecia não se cumprira. Isso significava que os guardiões deveriam estar atentos àquela

ameaça.

O retorno de Daniel, trazendo para o seio da Ordem o horror das crianças assassinadas, mudou o foco de Elizabeth, e a profecia Tibetana foi relegada para segundo plano. Agora ela estava concentrada em descobrir os assassinos. Porém, por mais que tentasse, os seus sonhos revelavam apenas uma escuridão que permanecia dentro dela, mesmo depois de acordar.

Cada passo que Jean Luc e Sarah davam para se aproximarem um do outro, entre a multidão, parecia uma conspiração: algo de que não podiam escapar, um evento que não podiam contornar.

Naquela tarde, Jean Luc parou na frente dela, impedindo-a de seguir adiante. Ela levou uma das mãos ao rosto e tirou os óculos escuros para observá-lo melhor.

— E agora? — perguntou ela num francês perfeito, após um momento em silêncio. A voz baixa e aveludada combinava com ela. Era exatamente como ele imaginara.

— Agora... — respondeu, com os olhos brilhantes e um sorriso sedutor. — Agora, começamos o resto das nossas vidas.

Ela riu, inclinando a cabeça para baixo, e os cabelos ocultaram o seu rosto. Jean Luc inclinou o corpo, para espreitá-la. Ao vê-lo assim dobrado, com os seus longos cabelos quase roçando as faces dele, Sarah riu um pouco mais.

— Está bem — respondeu, rendendo-se à força inevitável que os aproximava.

— Tomamos um café no Flore? — convidou, com elegância.

— Sim — concordou, seguindo-o. Pela primeira vez caminhavam na mesma direção.

Sentaram-se no café e perderam a noção do tempo. Conversaram durante horas, e quando Sarah olhou para o relógio assustou-se, ao perceber que já eram onze da noite.

— Tenho que trabalhar amanhã cedo. Preciso ir — justificou.

Ele disse, vencendo as suas reservas habituais em demonstrar abertamente os seus sentimentos:

— Não queria que fosse. Era capaz de ficar aqui a noite toda conversando com você e vendo como sorri e move as mãos quando fala...

— Eu também — respondeu suavemente.

— Mas vou acompanhá-la à porta de casa — afirmou, fazendo-a sentir-se

especial.

Caminharam devagar, para esticarem o tempo, e ao chegaram à porta do prédio onde ela morava, ele beijou-a nos lábios, com ternura, como se já se conhecessem há anos. Ela sorriu:

— Até amanhã.

— No mesmo horário? — perguntou ele.

— Sim... — concordou abrindo a porta para entrar. Ambos se afastaram sem vontade. Ele sentia-se o dono do mundo, e o planeta parecia ter sido dominado por uma força que o transformara num lugar melhor durante as horas que passou com ela.

Eram sete da manhã quando Elizabeth acordou. Saiu da cama apressadamente e procurou Dib. Ele continuava disponível no apartamento dela para ajudá-la e apoiá-la, se ela precisasse. Encontrou-o na varanda, observando a luz tímida do sol nascente. Assim que ele a viu, ainda de pijama, com os pés descalços contra o chão frio e o rosto tenso, soube que aquilo não prenunciava nada de bom.

— Por favor, chame o Daniel, enquanto vou tomar um banho — pediu agitada.

Alessia e Dib já estavam preparando o café da manhã quando Elizabeth entrou na cozinha e escutou a campainha. Leon deixou Daniel entrar e acompanhou-o à ampla cozinha. Daniel cumprimentou-os e perguntou, servindo uma xícara de chá, à qual adicionou um pinga de leite:

— O que aconteceu, Elizabeth?

— Tive um sonho — revelou, com o rosto um pouco pálido.

— Conte — pediu Daniel, controlando a ternura que sentira ao revê-la. Não se viam desde o dia que ele voltara do Tibete e confessara o seu amor por ela. Percebeu que Dib os observava atentamente, como se intuísse o que estava acontecendo entre eles.

Elizabeth contou os detalhes do sonho, descrevendo que o número sete nasceu da terra, como se fosse uma árvore, e se transformou em uma estátua enorme e brilhante. A sua luz revelou um campo cheio de crianças mortas, que forravam o chão formando um macabro tapete de horrores. E quanto mais o sete se erguia, mais longe a sua luz alcançava e mais extenso era aquele campo interminável de crianças arrancadas à vida, como flores decepadas. Crianças pálidas com pequenos cortes cirúrgicos em suas

gargantas, por onde se esvaía a vida. Exceto o pavor e impotência causados pelo sonho, Elizabeth não sabia qual o significado. Mas Daniel ficou alerta: o número sete era especial, e ele conhecia bem o seu simbolismo. Estava na raiz da Ordem, e não era por acaso que eram sete guardiões.

— Por que o sete? Tem alguma ideia? — questionou Elizabeth, após descrever o sonho.

— Pitágoras, cinco séculos antes de Cristo, dizia que o sete era o mais perfeito e sagrado dos números. Está presente no cotidiano e no sagrado. O corpo e a vida mudam em intervalos de sete anos, e cada homem tem sete portais da alma: olhos, ouvidos, fossas nasais e boca. O Templo de Salomão, uma das bases da nossa imortalidade, foi construído em sete anos. O sete também desempenha um papel crucial nas profecias bíblicas do apocalipse.

Daniel fez uma breve pausa, tentando sintetizar o resto da informação:

— O número sete representa a ordem cósmica, a plenitude, a ligação entre os mundos divino e humano: Deus é a Trindade formada pelo Pai, Filho e Espírito Santo, e o Homem é a tríade do Corpo, Alma e Espírito, unidos através de Cristo.

— Então se o sete é a representação do sagrado e da perfeição por que surge num campo repleto de crianças assassinadas? — perguntou Elizabeth.

— Não sei, mas o sonho indica que os dois eventos estão conectados — respondeu Daniel pensativo. — Só precisamos descobrir que ligação é essa.

— Esta foi a primeira vez que consegui sonhar — disse, tentando descobrir o que poderia ligar dois fatos tão distintos e, simultaneamente, tão próximos: o sagrado e a morte.

— Acredito que o assassino é responsável pela escuridão que a tem impedido de sonhar — explicou Daniel, que já se debruçara sobre aquele assunto.

— Usando a magia — afirmou Alessia, que acompanhava atentamente a conversa.

— Sim, para proteger a sua identidade e os seus planos — confirmou Daniel. — Isso explica por que o sete emerge de um deserto com crianças mortas. O sete, como elemento sagrado, sobrepõe-se a tudo, e é através da sua luz que Elizabeth conseguiu ver as crianças... Pode significar que nós, os sete guardiões, precisamos vencer esse mal, e ele é mais perigoso do que parece — fez uma pausa, antes de concluir: — O sonho de Elizabeth indica que há mais crianças mortas do que pensamos.

— É uma explicação lógica — concordou Dib.

— Teve alguma percepção sobre o lugar, Elizabeth? — perguntou Daniel pragmático.

— É uma planície lisa, um deserto totalmente plano — contou Elizabeth.

— Plano? — estranhou Daniel, olhando para Dib em busca da cumplicidade que os unia.

— Sim — confirmou Elizabeth, desconhecendo o que aquilo significava. — Por quê?

— Os assassinos criam cenários confusos e caóticos, reflexos das suas mentes perturbadas. Uma paisagem como a que descreveu indica alguém organizado e racional, capaz de planejamentos cuidadosos e de estruturar o seu mundo de forma a ocultá-lo. Alguém que se confunde com uma pessoa normal, e é muito difícil de descobrir — explicou Daniel, antes de pedir: — Você precisa continuar a sonhar.

— Vou tentar — Elizabeth estava consciente das suas responsabilidades e da necessidade de controlar os seus sentimentos por Daniel. A proximidade dele a perturbava, mas ela não podia esquecer que ele era o guardião Supremo, o protetor máximo da humanidade.

— Ligue, se precisar — comentou Daniel antes de se despedir e sair, lutando contra as suas próprias emoções, e alheio aos pensamentos dela.

Sarah e Jean Luc se encontravam e jantavam juntos todos os dias. Durante uma semana, passaram as horas desfiando um vocabulário que parecia não ter fim. Na noite de sexta-feira, à frente de uma taça de Chardonnay, ela confessou timidamente:

— Tenho a sensação de que estive sempre à sua espera.

Ele respondeu, encantado com a confissão e a descoberta daquele mundo de emoções que o deixava num estado gasoso, característico da efervescência do champanhe:

— E você é a mulher que sempre procurei.

Ela sorriu inclinando o rosto para diante, como fazia quando estava feliz, com os olhos úmidos, como se aquele sentimento excessivo que sentia por ele se tornasse subitamente líquido dentro dela.

— Podemos ir para a minha casa, se quiser — ela convidou, hesitante, antecipando o momento de paixão que tanto desejavam e temiam. Ambos pensavam naquele momento, mas nenhum deles se atrevia a mencioná-lo. Temiam quebrar o encanto que os envolvia.

Caminharam de mãos dadas até o apartamento dela, em silêncio, com os dedos encaixados e apertados, dominados por uma ponta de ansiedade. Ela abriu a porta. Rodou a chave com cuidado como se um mundo desconhecido espreitasse lá de dentro pronto para se abater sobre eles. Ele entrou, olhou em volta e sorriu.

— Reflete quem você é: alegre, elegante... Gosto do amarelo — apontou para a parede fazendo-a sorrir.

— Obrigada. Quer beber alguma coisa?

— Um vinho? — perguntou ele. Ela assentiu com a cabeça e foi à cozinha. Ele a observou enquanto pegava as taças e as pousava sobre a bancada. Depois abriu o armário e mostrou meia dúzia de garrafas geometricamente enfileiradas.

— Que vinho quer?

Ele aproximou-se dela. Encostou suavemente o corpo contra as costas dela e passou os braços em volta encerrando-a num abraço quase casual. Ela inclinou a cabeça contra o ombro dele. Jean Luc olhou para os vinhos com atenção, e por fim decidiu. Esticou um dos braços e retirou cuidadosamente um Bordeaux.

— Este — disse junto ao ouvido dela, colocando a garrafa sobre a bancada de mármore que ficava abaixo do armário.

— Adoro esse.

— Eu sei. Você me disse — lembrou Jean Luc, rodando-a suavemente para que ficasse de frente para ele. Olhou-a com ternura, sentindo-a relaxar nos seus braços, e beijou-a sem pressa. Os seus lábios encaixaram com perfeição e ele acariciou o rosto dela enquanto a beijava com intensidade crescente, numa entrega total. Tudo nele era intenso. Um beijo não era apenas um beijo: ele parecia mergulhar na alma dela, sensual e exigente. Jean Luc ergueu-a sem esforço, sentou-a na bancada e encaixou-se entre as coxas dela, mostrando o quanto a desejava. Depois pegou-a no colo, em silêncio, e levou-a para o quarto que vislumbrou pela porta entreaberta, quando entrou no pequeno apartamento, minutos antes.

Pousou-a ao lado da cama e começou a despi-la devagar, beijando cada pedaço de pele que se revelava. Ela tentou puxar a camisa dele para fora das calças, sôfrega, dominada pelo desejo. Ele murmurou com ternura:

— Devagar. Vamos viver este momento.

Ela riu suavemente e respondeu:

— É difícil...

— Mas será melhor. Prometo.

Acordaram no meio da manhã do dia seguinte, depois de uma noite de descobertas. Ela se espreguiçou languidamente e quando olhou para o lado viu que ele a observava com o mesmo encanto da véspera. Riu e beijou-o. Ele encostou o rosto no pescoço dela e cheirou-a. Enfiou as mãos debaixo do lençol e acariciou-a antes de abraçá-la contra o corpo nu.

— Tem cheiro de amor — disse rindo, com a boca morna encostada ao ouvido dela.

— Eu sei — respondeu, inibida ao lembrar tudo o que vivera nos braços dele. Ele percebeu e insinuou descontraído, rodando o corpo e deitando-se sobre ela com um movimento sensual, cheio de promessas:

— Timidez, agora?! Hum... Vamos relembrar.

Eram três da tarde quando Daniel telefonou. Bardas reconheceu a voz e cumprimentou-o do jeito espanhol, alto e rude como se estivesse zangado:

— Que coincidência. Acabei de falar de você ao responsável pelo núcleo de investigação...

— Mais um núcleo europeu? — interrompeu Daniel, sem esconder a ironia pelo excesso de formalismo e burocracia da Europa.

— Os europeus acham que funciona. Os núcleos são autônomos e investigam um único assunto que atinge simultaneamente vários países... Isso permite agir mais rápido porque escapamos da burocracia — justificou Bardas, embora também achasse um exagero aquela mania dos europeus criarem núcleos de estudo ou de investigação para todas as atividades, exceto aquelas que diziam respeito aos próprios governos.

— E este novo núcleo é para...? — questionou, sabendo antecipadamente a resposta.

— É o caso das crianças, sabe? O caso dos “Anjos Caídos” — respondeu crispado.

— Sei — disse Daniel.

— Estamos perante algum tipo de ritual... Vão enviar-lhe os detalhes, mas acho que o Capitão Matthew Shaw, o responsável pelo núcleo a quem recomendei o seu nome, vai querer que viaje para Londres, porque a situação é muito delicada.

— Compreendo.

— Ele vai contatá-lo assim que organizar o núcleo. Acabou de ser criado.

— explicou.

— E você faz parte desse núcleo?

— Infelizmente faço. Odeio casos assim — disse, com paixão. — Tantas crianças mortas, sem uma única gota de sangue no corpo. Que monstro é capaz de fazer algo assim?

— É um caso muito difícil — reconheceu Daniel, que já estava investigando o assunto por conta própria. — Lembra o caso de Madri, o primeiro que investigamos juntos.

— Sim — confirmou Bardas, mantendo-se em silêncio, revivendo a dolorosa lembrança da jovem Alejandra, morta anos antes em Madri, e encontrada sem uma gota de sangue.

— Telefonei por outro motivo — informou Daniel, interrompendo os pensamentos dele.

— Claro... Claro... — anuiu Bardas, ainda distraído pelas memórias.

— É sobre Dimitri Sergeevich.

— Isso está totalmente resolvido — disse surpreso, não desejando voltar àquele assunto.

— Eu sei, Bardas, mas preciso de um favor seu.

— O que é? — perguntou, sem ocultar o tom de contrariedade.

— Preciso ter acesso às fotografias das pessoas que tiveram contato com ele, nos seis meses que precederam a sua prisão. Como o caso está encerrado, deduzi que não haveria problema.

— Não... Quer dizer, sim. Essa informação é confidencial.

— Não foi usada no processo? — estranhou Daniel.

— A maioria não, porque são apenas contatos sociais de Dimitri com gente influente: industriais, empresários e até políticos.

— São esses mesmo que quero ver, Bardas.

— Por quê? — perguntou desconfiado, com o seu faro aguçado.

— Preciso que um amigo identifique quais deles colecionam arte.

— Não me diga que acredita que eles têm as relíquias! — exclamou Bardas, rindo, deduzindo de imediato o que Daniel estava querendo.

— Fiquei intrigado com os objetos.

— Nenhum especialista sério acredita na existência deles. — afirmou seguro, provocando um sorriso jocoso em Daniel. — Se existem, garanto que são uma fraude.

— Mas posso tentar encontrá-los? — perguntou Daniel bem humorado.

— Claro. O tempo é seu. Nós encerramos o caso. Vou copiar os arquivos

para lhe enviar, mas é confidencial — recomendou, mostrando que tinha plena confiança em Daniel.

— Fico agradecido, Bardas.

— Você está à procura do Eldorado — avisou brincalhão.

— Conheço a sua opinião, Bardas — respondeu sereno, evitando discutir o assunto.

— Está bem — cedeu Bardas, finalmente. — Mas só consigo as fotografias na próxima semana, quando for a Londres. É lá que estão os arquivos.

— Eu espero. Um abraço — despediu-se Daniel. Minutos depois avisou Kent que os europeus tinham um novo núcleo dedicado ao caso das crianças e liderado pelo inglês Matthew Shaw, um especialista em perfis criminais.

— Mas você não telefonou para falar sobre a criação de mais um núcleo — insinuou Kent.

— Não... — concordou Daniel. — Bardas avisou o capitão Shaw que somos especialistas em assuntos de natureza... bizarra. As crianças foram drenadas...

— Eu sei, Daniel — interrompeu Kent, tenso. Aquele caso inquietava-o.

— O que foi? — perguntou Daniel, percebendo a tensão na voz de Kent.

— Não estou com um bom pressentimento. Este caso é diferente de todos os outros em que já nos envolvemos — avisou Kent, sério.

— Por quê? — insistiu Daniel, nada habituado a ver Kent tão preocupado.

— Não sei. Até o fato de Elizabeth sonhar com o número sete emergindo do meio das crianças mortas me parece terrível — disse, referindo-se ao que Daniel havia contado sobre o sonho de Elizabeth.

— Vamos esperar — aconselhou Daniel.

— Não temos outra opção — cedeu Kent, embora fosse incapaz de se tranquilizar. Aquele caso parecia ter um perigo oculto espreitando nas sombras, algo que os afetaria de forma dramática.

Jean Luc nunca apresentou aos pais alguém com quem teve um relacionamento, mas estava decidido a apresentar Sarah à família no fim de semana seguinte. Ela ficou reticente, pensando se aceitava o convite. Argumentou com Jean Luc que deviam esperar um pouco mais, até se conhecerem melhor. Mas Jean Luc a convenceu.

Já tinha falado dela suscitando a curiosidade dos pais, embora a mãe,

sempre mais crítica, tivesse sido menos efusiva em suas demonstrações. Tudo o que ela desejava, como qualquer mãe, era que Jean Luc fosse feliz. E isso passava por uma série de questões e dúvidas práticas: seria ela de famílias tradicionais, que tipo de educação teve, estaria à altura do círculo social de Jean Luc, seria culta, seria amorosa, amaria Jean Luc incondicionalmente, desejaria ter filhos... Marie-Thérèse pensou numa série de detalhes, mas ficou feliz por finalmente Jean Luc ter escolhido alguém. Ele era tão exigente quanto ela e, por isso, ambos se desiludiam com facilidade. A vulgaridade lhe causava horror, tornando o convívio insuportável. Mas quando ela conhecera Charles tudo mudara: ele era perfeito em quase tudo. Um verdadeiro *gentleman* que conseguia passar pelas miudezas do cotidiano sem que elas o afetassem, parecendo sempre flutuar um pouco acima da normalidade. Talvez Jean Luc tivesse a mesma sorte com a namorada.

4. A memória

A memória diz sempre de mais ou de menos.

Marguerite Yourcenar (1903-1987)

Miguel viu Elizabeth sentada na esplanada do movimentado café. Ela parecia agitada, com pernas cruzadas, balançando nervosamente um dos pés. Miguel telefonara dois dias antes e a convencera a encontrar-se com ele. Ambos sabiam que precisavam esclarecer o que acontecera da última vez que haviam estado juntos.

Ela sentiu a presença dele e o viu avançar entre as mesas até se sentar à sua frente. Embora estivesse apaixonada por Daniel, reconhecia que Miguel lhe provocava emoções difíceis de ignorar. Ele segurou uma das mãos dela e beijou os seus dedos. Estava sério, sabendo que aquele encontro não seria fácil, mas era importante: Elizabeth não era apenas a mulher que amava, era também a chave para o Mosteiro.

Ela estava muito bonita, parecia mais magra e os cabelos estavam mais longos. Ele esticou a mão devagar e tirou os óculos escuros do rosto dela, para ver os olhos claros. A garçonete apareceu para anotar o pedido: ele queria um espresso e uma água sem gás, e ela quis um chocolate quente, como era habitual.

Mantiveram-se em silêncio como dois animais se observando cuidadosamente. Ela foi a primeira a falar, depois da garçonete ter servido as bebidas.

— Você está diferente — constatou, notando que os olhos dourados de

Miguel possuíam uma limpidez pura, que ela nunca vira. Naquele momento desejava, acima de tudo, que Elizabeth se sentisse confortável para falar das suas mágoas e dúvidas.

— Você também — retorquiu, vendo que ela parecia mais madura, como se aqueles meses de separação fossem equivalentes a vários anos.

— No meu caso é inevitável — justificou, se referindo ao intenso treinamento da Ordem.

— No meu também — sorriu, pensando na forma como ela influenciara os seus sentimentos e contribuía para apaziguar até as dolorosas memórias de Adéle e do seu filho.

— O que aconteceu?

— Você aconteceu. Você me aconteceu — enfatizou.

Ela se espantou com a profundidade da revelação e a simplicidade da confissão. Miguel falou como se estivesse dizendo algo banal, mas era uma frase que abarcava toda uma realidade, e se bastava a si mesma, sem exigir uma resposta.

— Não sei o que dizer.

— Não diga nada. É apenas um fato. Mas acho que devemos falar sobre o que a incomoda — sugeriu, desejando se livrar das reservas dela, para tentar restabelecer a relação deles.

Elizabeth lembrou-se da África. Por instantes, nada daquilo parecia ter existido.

— Sim, falemos disso. Por que me levou para a África?

— Queria que conhecesse outro lado da vida. Um lado proibido para você enquanto Guardiã. Queria lhe mostrar o amor físico — inadvertidamente a voz dele se tornou sensual e Elizabeth fez um esforço para resistir à atração que sentia.

— O amor físico parecia tão irrelevante... — confessou ela. — Sempre acreditei que devia esperar por um grande amor.

— Esse sentimento é o resultado da sua educação e dos exercícios que aprendeu com o seu pai desde muito cedo, e serviam para bloquear os seus chacras inferiores, evitando que você sentisse desejo — explicou Miguel, com calma.

Ela pensou por alguns segundos e compreendeu mais uma coisa oculta nos ensinamentos de Arturo, tal como Daniel dissera: o seu pai lhe ensinara tudo serenamente.

— Então por que eu deixei de ser capaz de bloquear os meus chacras? —

Miguel não podia explicar que, num primeiro momento, a encantara com os seus poderes mágicos, mas podia revelar o que acontecia após a Consagração, o ritual que os transformava em guardiões.

— O nosso corpo muda após a Consagração, não apenas porque passamos a incorporar uma identidade divina e outra animal — disse, baixando o tom de voz para evitar que mais alguém escutasse. — Mas também porque todas as nossas emoções se amplificam. Há um aprendizado diferente, que já deve estar fazendo, para dominar essas mudanças.

— Sim, eu sei — concordou, revelando a Miguel o ponto do seu treinamento.

— Agora os seus sentidos despertaram completamente e você sente desejo.

— Mas não posso sentir. É uma luta constante entre o corpo e a razão. E você sabia que eu não podia ceder ao desejo e, mesmo assim, levou-me para a África sem que eu tivesse consciência do que estava fazendo... — acusou, sentindo-se traída.

— Tenho certeza de que aquele ato de amor não iria afetá-la. Você acabou de ser consagrada. Tem cem anos pela frente para escolher o que realmente deseja.

— Está dizendo que agora posso fazer... o que quiser? — perguntou hesitante, com receio de ter compreendido errado o que Miguel dissera.

— Não, não pode, Elizabeth. Mas talvez possa saber como é ser uma mulher, como é o amor, e depois escolher... Se quiser continuar sendo uma guardiã terá que se manter casta. É uma energia necessária para a Ordem. Não se trata de um capricho.

— Mas eu posso escolher? É isso que me está me dizendo?

— Pode escolher sempre — afirmou, fazendo Elizabeth recordar que o pai havia escrito, em uma das cartas, que ela poderia sempre optar por outro destino. — Mas faça o que fizer há um preço: se continuar na Ordem, terá que ser casta e submeter-se à Consagração — avisou.

— Se eu tivesse ficado com você... Se nós... Você sabe! Eu poderia dissipar quando voltasse a consagrar-me.

— A Consagração pode sempre dissipar. Há regras, mas não há garantias. Claro que se as regras não forem respeitadas a possibilidade de dissipação é maior, mas nem sempre funciona assim. O Graal vai além dos atos, vai à essência das pessoas, àquilo que elas são realmente e, às vezes, ainda nem sabem — afirmou, revelando que mantinha a memória intacta.

Ela conhecia a lógica da Consagração. O Graal era uma força que varria o

lado mais profundo e oculto das pessoas e tinha uma lógica intrínseca e assustadora: para a Consagração não bastavam os atos, tinha que haver também uma essência reconhecível à luz do Graal — essa era a verdadeira característica dos puros.

— E qual seria a outra possibilidade, se eu optasse por deixar de ser uma guardiã? — perguntou, mergulhando mais naquele mundo de dúvidas que Miguel parecia fomentar, fiel aos planos de torná-la sua.

— Abandonar a Ordem e ter uma vida relativamente próxima do normal.

— Mas você disse que isso também tem um preço. Qual é?

— É um preço tão alto quanto abdicar da sua humanidade pela Ordem.

— Não vai me contar?

— Ainda não — respondeu, sabendo que, em algum momento, teria que revelar o terrível segredo por trás da sua juventude.

— Por que me obrigou a ir com você? — perguntou, voltando ao cerne das suas dúvidas.

— Eu não a obriguei a ir comigo. Só fortaleci o seu inconsciente, para que dominasse o seu lado racional. Você agiu guiada pela vontade, sem o espalho da censura e da razão. E o seu desejo sobrepôs-se a tudo. Isso é o que você recalca quando está comigo. E o desejo é também a parte que os guardiões precisam controlar, porque é uma força que, ao ser corretamente canalizada, se transforma em energia pura, e os torna muito mais fortes e focados — explicou devagar, mostrando que sabia tudo sobre aquele processo.

— Você não me dominou? — questionou cética.

— Não. Aquele era o seu lado de fêmea querendo acasalar — falava com a voz baixa, carregada de erotismo, lembrando-a do lado animal que havia dentro dela. — Já mencionei que a Consagração torna os nossos sentidos mais aguçados...

— Eu sei — interrompeu, antes de questioná-lo de novo. — Por que você apagou a minha memória?

— Para protegê-la — explicou, com simplicidade desconcertante. — Você ainda está aprendendo a se controlar. As suas emoções foram muito intensas e eu não podia permitir que se descontrolasse se os seus batimentos cardíacos aumentassem demasiado. Tivemos momentos de grande envolvimento emocional — explicou, olhando-a com uma sensualidade explícita, ao recordar o abandono dela sobre o altar. Ela corou, envergonhada sem saber de quê, porque nas suas vagas lembranças havia apenas flashes de corpos nus

e da exuberante beleza dele. Miguel parecia um daqueles deuses gregos que descem do Olimpo para amar as mulheres com toda a sua sabedoria.

— Eu quero lembrar, Miguel — pediu.

Ele olhou-a atentamente, para avaliar se ela estava pronta para recordar tudo o que acontecera, inclusive a intervenção de Daniel. Colocou as mãos sobre a testa dela enquanto continuava a observá-la. Em segundos ela recuperou os dias desaparecidos como se estivesse vendo um velho filme desbotado ganhar vida e cor sob a mão de técnicos modernos. Ele viu os olhos dela escurecerem sob o impacto das memórias e avisou:

— Respire devagar.

Ela controlou a respiração. Lembrou o envolvimento deles, as mãos dele acariciando o seu corpo, a temperatura da pele e a luz brusca que irrompeu pela capela trazendo Daniel. Estremeceu, sob o olhar vigilante de Miguel, dividida entre as memórias do desejo por ele e do amor por Daniel, embora as fronteiras entre os dois sentimentos fossem cada vez mais difusas. Também lembrou a forma como Daniel a vestiu e a levou no colo, e os seres que saíram do Terço dos Anjos para protegê-la da energia sobrenatural de Miguel.

As imagens eram tão vívidas que ela sentia a pele ardendo. Miguel estendeu a mão, segurou-a pelo pulso, e falou devagar, divertindo-se com as emoções visíveis no rosto dela:

— Elizabeth, exceto o bloqueio da sua memória, tudo já existia em você. Eu apenas a libertei da racionalidade.

— Mas quando fez isso também tirou uma parte de mim: a parte que me permite escolher e tomar decisões racionais — disse num tom de voz frio, que o surpreendeu, tentando mostrar que não estava disposta a passar por uma situação idêntica.

— Sim, claro. Mas não volta a acontecer — prometeu, sério, mantendo a mão em volta do pulso dela. — Agora que já sabe o que se passou, o que pretende fazer?

— Não quero que volte a acontecer nada entre nós — avisou decidida.

— Não acontecerá. Eu espero que você dê o primeiro passo — respondeu sorrindo, para suavizar a situação, imitando vagamente a forma provocante com que a tratava antes.

— Não darei — retrucou, incapaz de conter um sorriso perante a provocação. Ao vê-la sorrir, Miguel percebeu que a relação deles saíra da área de conflito. Embora soubesse que aquilo aconteceria em algum

momento, não conseguiu evitar uma sensação de alívio.

— Acredito — mentiu, disposto a seduzi-la com o seu charme, reiniciando o interminável jogo de gato e rato. Agora que ela recuperara a memória, ele não estava disposto a deixá-la esquecer das emoções que tinham vivido juntos.

— Você é impossível... — disse, rindo, sem conseguir se conter.

— Obrigado.

— Não foi um elogio — argumentou ela.

— Claro que foi — aproximou-se para olhá-la mais de perto e percebeu a forma como ela se retraiu, na defensiva. — Incomodo?

— Não... Talvez... Tenho que ir — retorquiu, para evitar que ele a envolvesse de novo.

— Não tem nada — riu Miguel. — Só quer ir embora porque está incomodada comigo, não?

— Não consigo lidar com a nossa relação tão bem quanto você — confessou.

— Consegue, sim. Lembre-se de que a levei para África, ébrio de amor — disse, querendo exorcizar aquilo de vez, e a surpreendendo por voltar ao assunto com tamanha naturalidade.

— Que exagero! — exclamou, tentando disfarçar a perturbação causada pela proximidade e pela confissão dele.

— Não é exagero: estou ébrio de amor — repetiu sério. — E vamos ter que lidar com isto.

— Vou embora — afirmou, levantando-se para evitar falar uma vez mais sobre os sentimentos dele. Miguel também se levantou. Ficaram frente a frente e ele aproveitou a oportunidade para se inclinar e beijá-la nos lábios. Um beijo suave, sem malícia.

Ela recuou, com os olhos brilhantes, censurando-o:

— Não faça isso.

— Foi um beijo de despedida — justificou, com um sorriso brando. Abraçou-a com ternura, ignorando as resistências dela. Elizabeth cedeu por alguns segundos, deixando-se ficar nos braços dele, antes de empurrá-lo com suavidade, para se afastar.

Em Paris, o domingo começou com um sol indeciso de outono. Sarah escolheu cuidadosamente a roupa: queria algo clássico que revelasse as suas

origens, mas com um toque de modernidade que mostrasse a sua juventude. Tinha pesquisado artigos e fotografias dos pais de Jean Luc. Eles ocupavam muitas vezes as principais páginas das revistas sociais, mas isso a deixou mais ansiosa.

Optou por elegantes calças castanhas, uma blusa de malha num tom de terra e um casaco da mesma cor. Escolheu botas de cano curto, de salto alto, e completou o conjunto com uma echarpe que misturava os vários tons da roupa. Colocou os brincos e o colar de pérolas que os pais lhe tinham oferecido quando fizera dezoito anos. Não usou maquiagem, exceto um batom *nude*, que dava um ligeiro brilho aos lábios.

Jean Luc veio buscá-la ao meio-dia e quando a viu percebeu que a sua mãe se encantaria com ela: estava simples e elegante. Sarah ficou feliz com o olhar de aprovação de Jean Luc e perguntou sorrindo, enquanto ele continuava parado à porta, esperando por ela:

— Estou bem?

— Está perfeita — elogiou, inclinando-se para beijá-la no rosto.

— Obrigada — agradeceu, girando a chave na porta, antes de guardá-la na pequena bolsa bege, de alça curta.

Ele abraçou-a pela cintura, ao entrarem no elevador.

— Você também está perfeito — respondeu. Ele quase cheirava a sândalo, um perfume sensual que se desprendia dos gestos sempre que se movia.

Apesar dos seus pais serem pessoas com uma alta posição social, Sarah sentiu-se um pouco intimidada ao entrar na casa de Jean Luc, um palácio magnífico, primorosamente mobiliado e decorado com impressionantes obras de arte. Apertou a mão dele com força enquanto se dirigiam à saleta que antecedia a sala de jantar. Jean Luc tranquilizou-a, baixinho:

— Vai dar tudo certo.

Ela relaxou um pouco, mas ainda sentia frio nas mãos, temendo que os Messie não gostassem dela. Jean tinha dito que Marie-Thérèse era muito mais crítica que Charles. Sarah cumprimentou-a com um beijo, quase sem tocar no rosto dela, enquanto dizia, num francês irrepreensível, as tradicionais saudações:

— *Enchanté*.

Marie-Thérèse aprovou-a imediatamente e Charles foi cativado por sua beleza serena. Quando Jean Luc lhes dissera que Sarah era inglesa imaginaram uma jovem algo fria, com os traços e a personalidade britânica. Mas ao vê-la, mal podiam acreditar que era inglesa: tinha um charme muito

francês e falava como uma verdadeira francesa, sem qualquer sotaque.

Jean Luc relaxou: também ele sentira alguma tensão, embora não demonstrasse, para evitar que Sarah percebesse. Agora, ao vê-la conversando tranquila e sorridente, sentada numa cadeira Luís XV, como se tivesse estado sempre ali, compreendeu que nunca tivera motivos para se preocupar com aquele encontro.

No final do almoço Marie-Thérèse já tinha convidado Sarah para irem a uma exposição na semana seguinte. Charles olhou para Jean Luc com um sorriso de cumplicidade e aprovação.

— Besson — exclamou Daniel, dando início à conversa por telefone. — Bardas concordou em enviar os arquivos digitais do Dimitri.

— Eu também já tenho uma pessoa cuidando da lista — Miguel falava dos vinte e cinco nomes que Ambrósio estava pesquisando, para descobrir quem poderia estar ligado a Dimitri. — De Payens, preciso de um favor — avisou, antes de mudar o rumo da conversa.

— O quê?

— Lembra-se da Tereza Sampaio?

— A sua secretária, que trabalhava para Dimitri?

— Sim.

— O que tem ela?

— Preciso que use a sua ligação com Bardas para descobrir onde ela está.

— Besson, o que pretende fazer? Deixe isso — aconselhou Daniel.

— Acha que quero me vingar? Se eu quisesse fazer alguma coisa garanto que ela tinha desaparecido muito antes de depor contra Dimitri — explicou, com ironia.

— Então por que quer saber?

— Penafor, um dos meus associados, está apaixonado por ela e acho que deviam conversar.

— Sabe que essa informação coloca a vida dela em perigo — comentou, surpreendido pela justificativa de Miguel, mas convencido das suas boas intenções. — Ela está num programa de proteção.

— Eu sei, De Payens. Sei tudo isso. Vai ou não tentar conseguir o contato?

Daniel hesitou, antes de responder:

— Vou tentar, Besson. Quando surgir uma oportunidade, falo com Bardas — fez uma pausa, antes de terminar a conversa. — Falo com você quando

receber os arquivos.

5. A tenacidade de Oliver

Não é suficiente que façamos o nosso melhor; às vezes temos que fazer o que é preciso.

Sir Winston Churchill (1874-1965)

Oliver Bassan nasceu em Londres, durante o frio novembro de 1968. Era filho de italianos, que tinham emigrado em busca de uma vida melhor, em meados dos anos 60. Teve uma educação rígida que lhe moldou o caráter. O pai insistia na questão da honra e da lealdade, dois traços de que Oliver jamais abdicaria, e ao longo da sua vida, passariam a ter um preço cada vez mais elevado, enquanto o seu nome era sussurrado no mundo do crime.

O pai também lhe transmitiu certa aspereza, a mesma que usava para não demonstrar a Oliver o quanto lhe custava a vida dura de acordar às quatro da manhã, para comprar peixe e produtos frescos que revendia na pequena loja que tinham. Mas Oliver rapidamente se aprumou e transformou a rudeza herdada em serenidade.

A mãe transformou Oliver no centro da sua vida afetiva desde que a irmã, um ano mais nova que ele, morrera aos dois anos de idade com uma pneumonia provocada pelos gelados invernos ingleses.

Oliver destacou-se na escola por ser um aluno excelente e centrado, pouco dado a risos ou brincadeiras. Impunha distância e respeito sem esforço e nunca brigou, como era frequente naquelas idades, entre a infância e a adolescência, quando os jovens marcam o seu próprio território como pequenos animais. Oliver estudava de manhã e à tarde ajudava os pais na

loja. No dia do seu aniversário de doze anos, decidiu que não queria aquela vida. Nessa noite, ao jantar, enquanto a mãe servia um fumegante macarrão *al pomodoro* salpicado com uma boa *mozzarella* que se derretia com o calor da massa, Oliver explicou aos pais que pretendia dar um rumo diferente à vida e não queria assumir a pequena loja. O pai, surpreendido pela conversa inesperada, teve um acesso de fúria italiano: gritou, gesticulou e esperneou. A mãe tentou acalmá-lo, para poderem ouvir os planos do menino, mas durante cinco minutos tudo o que escutaram foi o pai insultando gerações e gerações de antepassados, em italiano fluente. Depois de ter se acalmado, voltou a comer, com generosas garfadas de macarrão. Oliver, aproveitando o silêncio, começou a falar tranquilamente, como se a ira do pai não o tivesse afetado.

A serenidade de Oliver desarmou os pais de tal forma que ficaram a ouvi-lo, não imaginando que tudo o que escutariam os deixaria ainda mais surpreendidos:

— Quero estudar nas melhores universidades inglesas: em Cambridge ou em Oxford. Para isso tenho que ser o melhor na escola e tenho que juntar dinheiro para pagar os meus estudos. Como estou ajudando na loja e não posso trabalhar noutro lugar, pensei que podíamos conversar sobre um salário para eu guardar, e um horário de trabalho para eu poder estudar mais. Prometo que não vão se arrepender — avisou seguro.

Os pais não sabiam o que dizer após aquele discurso eloquente e racional, inacreditável para alguém da idade dele. Ficaram em silêncio algum tempo, olhando-o enquanto ele continuava comendo calmamente, indiferente às emoções que suscitara nos progenitores. Por fim, o pai perguntou:

— Então quer que eu lhe pague para você trabalhar naquilo que é seu?

— Não, pai. Eu quero trabalhar noutro lugar, mas como precisam de mim na loja, gostaria que investissem no meu futuro, guardando algum dinheiro todos os meses: o dinheiro que eu ganharia se trabalhasse noutro lugar, como no restaurante do dom Vito.

— Você quer trabalhar no restaurante do Vito? — perguntou o pai irritado, sentindo a raiva voltar, por saber que o lugar estava sempre cheio de mafiosos e gente de caráter duvidoso.

— Não, pai, mas ele paga bem. E eu vou precisar de muito dinheiro.

— Paga bem porque são todos criminosos! — justificou, batendo com a palma da mão em cima da mesa e fazendo saltar os pratos.

— Então esta vida que temos, e é uma boa vida, não lhe serve? — perguntou a mãe.

— Não, mãe. Não quero esta vida para mim, nem para vocês. Um dia vou comprar uma mansão para vocês. Isto... — falou, esboçando um gesto com a mão em volta da casa simples, inesperado para a sua idade. — Isto não é vida, mãe. Mereço mais. Quero mais. E vou ter.

O pai, que nunca tivera aquela autoconfiança, estremeceu como se soubesse que as palavras de Oliver eram premonitórias. Olhou para a mulher, e depois de pensar, disse:

— Muito bem. Pago o mesmo que o Vito pagaria.

— Com os reajustes anuais, não é, pai?

O pai tentou segurar o riso, mas não conseguiu e, cheio de orgulho, bateu com a mão grossa na do filho, dando duas palmadinhas carinhosas enquanto dizia:

— É assim mesmo que se negocia, filho... Você vai longe. Pago os reajustes, sim.

A partir daquele dia Oliver trabalhava e estudava totalmente focado nos seus objetivos. E, nos finais de semana, à socapa dos pais, convenceu dom Vito a contratá-lo para alguns biscates, tendo negociado antecipadamente que a contratação era por trabalho e ele não era seu empregado. O mafioso achou engraçado: ninguém se atrevia a negociar com ele. Mas, fiel aos seus princípios, dom Vito testou Oliver para avaliar sua lealdade. Depois de ter pedido que entregasse um envelope ao policial do bairro, mandou dois dos seus homens darem uma surra em Oliver para ver se falava. Porém, apesar da violência a que foi submetido, Oliver negou até o fim que conhecia dom Vito. No entanto, aquele incidente fez com que decidisse ter aulas de artes marciais com Cheng-Fang, o professor de chinês que morava no bairro. Ao entrar no pátio, que ficava na parte de trás da pequena casa do professor, percebeu que era o único ocidental entre as dez crianças, de diferentes idades, que ali estavam treinando.

O professor gostou dele, principalmente pela coragem que o jovem demonstrou ao entrar no seu pátio pedindo para aprender. Durante os dez anos que morava ali nenhuma criança ocidental o tinha procurado. Tinha a certeza de que ele era diferente. Perguntou num inglês pouco firme:

— Por que você quer aprender artes marciais?

Oliver levou alguns segundos para processar o sotaque, mas respondeu rapidamente:

— Fui agredido por dois homens.

— E você quer vingança?

— Não. A vingança atrapalha os meus planos. Só quero poder me defender da próxima vez — respondeu sereno, surpreendendo o professor, por ver alguém tão jovem, e ainda mais um ocidental, com uma sabedoria tão profunda.

— E quais são os seus planos?

— Vou estudar e ter uma vida melhor. Vou dar uma vida melhor aos meus pais — disse Oliver, seguro do seu projeto de vida. Cheng-Fang acreditou nele ao reconhecer uma luz firme no fundo do olhar negro, e aceitou-o como aluno.

— Muito bem... Começa amanhã. Você estuda?

— Estudo de manhã e trabalho à tarde.

— Seis da manhã, todos os dias, aqui — disse Cheng-Fang apontando com o dedo para o chão do pátio. — Depois você vai para a escola.

— Não tenho como pagar. Estou juntando dinheiro para a universidade.

— Você trabalha para mim no sábado de manhã: limpa a casa e o pátio. Pode ser?

— Sim — concordou Oliver. Aquilo mudaria a sua vida: se o pai lhe deu o sentido da honra e da lealdade, Cheng-Fang lhe daria uma filosofia para guiá-lo, desenvolveria a sua agilidade física e mental, lapidaria a sua calma e o transformaria num exímio aprendiz de artes marciais em tempo recorde.

Oliver entrou para Oxford, uma das melhores e mais elitistas universidades, onde sofreu os preconceitos com tamanha indiferença que, após o primeiro ano, os colegas deixaram de implicar com ele, passando a convidá-lo para festas e eventos, aos quais ele comparecia impecavelmente vestido e com o comportamento irrepreensível. Bonito e alto, era dos poucos que tinha cabelos e olhos escuros, o que contribuía para adensar o seu ar de mistério. Destacava-se nos esportes e estava entre os melhores alunos da universidade.

Foi pouco depois de entrar para a universidade, com apenas dezoito anos, que dom Vito lhe encomendou o primeiro assassinato. Oliver sabia que aquele dia chegaria. Não se surpreendeu: era mais um passo para cumprir o seu destino. Seria um trabalho bem pago, principalmente tendo em conta que era o primeiro. Oliver aceitou e avisou:

— Dom Vito, lembre-se: não trabalho para o senhor e, desta vez, mato quem mandar atrás de mim. Estamos entendidos?

Dom Vito fixou aqueles olhos negros e não conseguiu deixar de se espantar com a coragem, a frieza e a firmeza que havia neles. Oliver falava

sempre educada e suavemente. Era um assassino perfeito, daqueles assassinos que não cometiam erros e não sentiam qualquer emoção em relação ao seu trabalho — nem prazer nem dor. Nada.

— Dom Vito? — insistiu Oliver para que ele respondesse.

— Estamos entendidos, sim, Oliver — disse com a voz arrastada de mafioso, sem saber de onde o garoto tinha tirado a autoconfiança, o profissionalismo e aquele jeito de homem do mundo. Sentiu uma pontada de inveja, não só pela juventude de Oliver, mas principalmente pela sua polidez, gestos refinados, bom gosto e aquele fascinante ar cosmopolita.

Manfred Kräuser, o perfeito mordomo que detinha os segredos da Ordem, preparou a reunião de 31 de outubro até os mais ínfimos detalhes: organizou a sala vermelha deixando-a impecável, adicionando um pequeno aparador do século XVIII com chás diversos, adaptados ao paladar de cada um dos guardiões. Eles se sentaram em volta da mesa redonda, vestidos a rigor, de preto e branco, parecendo que tinham saído das páginas de uma revista de moda. Daniel decidira reuni-los para tratar de vários assuntos, inclusive dos temores de Kent e das preocupações de Dib com a profecia Tibetana. Aquela seria a primeira reunião formal após a Consagração de Elizabeth. Daniel abriu a reunião com mantras e bênçãos. Depois disse, pragmático, e sem rodeios:

— Vamos falar dos assassinatos das crianças na Europa...

— Alguém sabe onde Besson estava durante o período dos assassinatos? — interrompeu Kent friamente.

— Como pode pensar isso de Miguel? Ele seria incapaz de algo assim! — defendeu Elizabeth, chocada, escutando pela primeira vez as impressões de Kent sobre Miguel.

— Elizabeth, você não sabe nada sobre Besson — avisou Kent. — Não faz ideia do que ele fez ou é capaz de fazer!

— Então me conte, por favor — pediu ela, com firmeza.

— Não é o momento adequado. É uma longa história, mas posso lhe contar quando estiver disposta a ouvir — avisou, suavizando o tom de voz ao olhar para ela.

— Não basta ele ter arrastado você para a África e apagado a sua memória? — questionou Alessia, sem esconder a raiva que tentava controlar sempre que falava de Miguel. Elizabeth olhou-a espantada, percebendo

finalmente o quanto Alessia o detestava.

— Por que tem tanta raiva dele?

— É uma história tão longa quanto a de Kent. Não vou falar sobre isso — avisou categórica.

Daniel percebeu que o rumo da reunião estava se afastando do planejado, mas quando ia interferir Elizabeth fez um comentário que o deixou alerta. Estivera tão focado em outros problemas que tinha descurado a relação entre Miguel e Elizabeth.

— Fui tomar um café com Miguel, no sábado, e ele devolveu-me a memória — disse, revelando uma independência recém-adquirida.

— Elizabeth, o Kent tem razão: Besson não é confiável — afirmou Alessia, exasperada por Elizabeth não ter comentado aquele assunto. Por vezes ela era incontrolável.

— Vocês estão dizendo isso sobre Miguel, mas ninguém me explica os motivos.

— Miguel só não lhe fez mal porque Daniel e Dib a resgataram — lembrou Kent.

— Miguel é o meu único familiar e não tinha intenção de me fazer mal — explicou, olhando alternadamente para Alessia e para Kent.

— O que Besson disse quando devolveu a sua memória, Elizabeth? — questionou Daniel, intervindo pela primeira vez, para esclarecer aquele assunto.

— Disse que bloqueou apenas o meu lado racional — respondeu com um ligeiro rubor nas faces, sabendo que Daniel conhecia boa parte das memórias que ela recuperara.

Daniel e Dib olharam um para o outro, compreendendo finalmente o que acontecera com as lembranças dos dias que Elizabeth passara na África. Tratava-se de um artifício inteligente e simples, mas somente Miguel tinha a chave para aceder à memória dela.

— Elizabeth deve afastar-se de Besson. — Alessia, mais calma, insistiu no assunto.

Daniel decidiu encerrar a conversa.

— Elizabeth conhece as regras da Ordem. Besson é seu primo. A decisão é dela. Neste momento é uma guardiã, capaz de fazer as suas escolhas e exercer o seu livre-arbítrio. Nós não cerceamos a liberdade de ninguém. Somos responsáveis, conhecemos o nosso papel e os nossos deveres. Agora voltemos à questão dos assassinatos...

— Onde estava Besson? — perguntou Kent, retomando a pergunta que despoletara a conversa sobre Miguel e Elizabeth.

— Daniel estava viajando, mas isso não faz dele um assassino — lembrou Seth.

— Não de Daniel, mas de Besson pode fazer — comentou Alessia, segura do envolvimento de Miguel na morte de Bento. O que era verdade, embora ele não tivesse assassinado Bento.

— Não acredito que Besson esteja ou possa estar envolvido nisto — defendeu Daniel, rejeitando a participação de Besson nos assassinatos.

— Você está parecendo o Arturo, quando defendia Besson. Não compreendo. É porque saíram juntos de Montségur? É isso? — questionou Kent com alguma impaciência, referindo-se à última cidade cátara, destruída pelos cruzados, centenas de anos antes.

— Não. É porque acredito que Besson não seria capaz de matar aquelas crianças — afirmou Daniel, com segurança.

— Você não acredita porque não viu o massacre de Babi Yar — argumentou Kent.

— O que é o massacre de Babi Yar? — questionou Elizabeth, atenta.

— Não vamos nos dispersar novamente — interrompeu Daniel, desta vez mais firme, assumindo de novo a liderança da reunião. — Quero saber se alguém tem alguma ideia sobre os motivos que podem estar por trás do início e do fim dos assassinatos.

A sala ficou silenciosa. Ainda não havia uma explicação para a onda dos assassinatos. Daniel recomeçou a falar:

— As crianças foram mortas em cidades de seis países, em sextas-feiras consecutivas. A distribuição geográfica forma praticamente um círculo: Suíça, Áustria, República Checa, Alemanha, Holanda e Bélgica. A sétima cidade, que fecharia esse círculo, seria na França. Por que mataram as crianças nesses seis países? E por que pararam?

— Parece tratar-se de um intervalo... — comentou Seth, enquanto os outros se mantiveram em silêncio, tentando responder mentalmente às perguntas.

Daniel levantou-se e dirigiu-se ao aparador onde se serviu do seu chá preferido: o original Lapsang Souchong, produzido na província chinesa de Fujian. Voltou para a mesa, com a chávena de porcelana perfeitamente equilibrada no pires e continuou:

— Elizabeth sonhou com o número sete, mas não descobriu mais nada.

Isso deve estar associado a um algum tipo de encantamento ou proteção, o que confirmaria que estamos perante alguém com domínio da magia negra. Neste contexto, as crianças são sacrificadas num ritual que funciona como uma chave para aceder a esse mundo negro, permitindo que o assassino ganhe poder e força. Isto nos afasta das teorias dos assassinos em série, que vigoram entre a polícia, desde o início deste caso.

— Independente dos motivos ou da identidade do assassino, a morte das crianças é um mau augúrio. Tenho um péssimo pressentimento — avisou Kent, verbalizando os seus temores.

— Pelo visto é algo que está perturbando muitos de nós. Sugiro que tomemos cuidado — afirmou Uchoa, contagiado pelo clima de preocupação que dominava a sala.

— Concorde que precisamos estar atentos, mas vamos nos envolver oficialmente no caso. Foi criado um núcleo europeu, como alguns de vocês já sabem, para tratar desta investigação. Bardas sugeriu a minha participação e tudo indica que vou viajar para a Europa.

Elizabeth ouviu a notícia sem se mover, quase sem se atrever a respirar. Não queria acreditar que ele ia partir outra vez. Perguntou, tentando controlar as suas emoções:

— Quando?

— Não sei. Depende da evolução do caso — respondeu com uma calma fria, parecendo desejar lembrá-la que ele era o Supremo e aquele era um assunto da Ordem. Continuou falando para o resto da plateia. — Na minha ausência, como vem sendo hábito, Kent será o responsável.

Kent inclinou a cabeça num gesto de aceitação, apesar daquele papel ser cada vez mais penoso para ele. Não tinha aptidão para cuidar dos assuntos da Ordem. Havia demasiada burocracia envolvendo investimentos que precisavam constantemente de algum tipo de resposta, decisão ou atenção. A Ordem se transformara num poderoso grupo econômico que aumentara a sua enorme fortuna por meio de estratégias bem pensadas ao longo dos anos, e Kent detestava lidar com aquilo. Desde que Daniel assumira a Ordem e ele passara a desempenhar as funções de número dois, percebia que não tinha sido talhado para aquela posição e considerava que, entre todos, Dib deveria substituí-lo. Mas as regras eram rígidas e Kent aceitou o seu papel com resignação, embora aguardasse o momento certo para revelar a Daniel os seus sentimentos e resistências.

— Besson é o segundo ponto da reunião. Sei que há opiniões divergentes,

e acabamos de ter provas disso...

— Daniel... — Alessia tentou interrompê-lo, mas ele ergueu a mão, num gesto que indicava claramente que não estava disposto a escutar nada sobre aquele assunto, e disse num tom firme:

— Por favor, não interrompam. É irrelevante o que pensam de Besson e o que ele possa ser ou possa ter feito, porque, neste momento, há eventos muito mais importantes em jogo. E é disso que se trata: temos que colocar os interesses da humanidade e da Ordem acima de tudo. Besson e eu estamos envolvidos na busca dos objetos que nos pertenceram e deviam estar sob a nossa guarda, mas agora, infelizmente, ninguém sabe onde estão.

Embora Alessia tivesse vontade de comentar que o Cálice e o Anel não estavam sob a guarda deles porque Miguel os tinha levado da Ordem séculos antes, se manteve calada. Percebeu que Daniel não pretendia discutir aquele assunto, como se o caso estivesse resolvido e qualquer conversa fosse infrutífera.

Daniel continuou falando:

— Portanto, mantenham as reservas em relação a Besson, mas vamos trabalhar juntos para recuperar as relíquias, evitando conflitos — avisou, mesmo sabendo que um dia teriam que descobrir a responsabilidade de Besson em vários eventos chocantes e, principalmente, como se mantinha jovem sem a Consagração. Mas o foco atual era recuperar as relíquias antes que alguém descobrisse para que serviam.

Como todos se mantiveram silenciosos, em sinal de concordância, Daniel abordou o terceiro assunto que havia planejado para a reunião:

— A nossa transmutação será dia 6 de novembro. Em menos de uma semana.

Os guardiões transmutavam-se pelo menos uma vez por ano para libertarem a força que se acumulava gradualmente dentro deles. Era um ritual de libertação intenso, e também de pacificação com o seu lado animal.

A transformação exigia uma preparação cuidadosa. Aquela seria a primeira transmutação de Elizabeth após a Consagração. E havia vários problemas durante o processo: o primeiro seria o de controlar a parte animal depois de liberta da censura da racionalidade, e o segundo, resistir ao desejo de matar qualquer ser vivo que se aproximasse. Além disso, quanto mais tempo ela passasse transformada em leoa branca, mais difícil seria retornar ao corpo humano. A sua falta de experiência seria compensada pela orientação de Daniel, responsável por protegê-la e guiá-la. Ele já havia desempenhado

aquele papel com Dib centenas de anos antes, quando ele se transmutou pela primeira vez na natureza. Mas Dib era diferente: fora treinado por monges tibetanos desde criança e possuía um controle atípico sobre o corpo, que lhe permitiu vivenciar a experiência com tranquilidade. E embora Elizabeth também possuísse formação e dons especiais, não se comparava a Dib. Daniel temia que ela não tivesse controle suficiente sobre os seus instintos predatórios e atacasse algum animal. Mas o que Daniel mais temia, e era de todo inconfessável, eram os seus próprios sentimentos por ela. Ao imaginar-se livre do espartilho da racionalidade, se questionava se seria capaz de manter o desejo controlado. Lembrou-se do corpo dela seminu, abandonado sobre o seu dorso, na noite da Consagração e mais tarde, quando a levou no colo, apertada entre os braços, e ela encostou os lábios mornos contra o seu pescoço. Estremeceu com a memória e se concentrou no tema da reunião, quando percebeu que todos o olhavam, esperando que terminasse de falar:

— Na penúltima noite da lua nova do ano — concluiu Daniel, afastando todos os pensamentos que não estivessem diretamente associados à reunião.

— Achava que seria durante a lua cheia — comentou Elizabeth. Foi Kent quem respondeu:

— A lua nova representa novos começos. É simbólico.

— Entendi — apesar das suas reservas iniciais com Kent, por ser o guardião com quem tivera menos contato, Elizabeth aprendeu a gostar do seu jeito reservado e, principalmente, da forma discreta com que ele a protegia, mesmo quando discordavam.

— Vamos voltar à África do Sul — Daniel sabia que era um lugar apreciado por todos.

— Excelente decisão — comentou Uchoa, parecendo expressar a opinião geral.

— Na África do Sul, os leões brancos são considerados seres sagrados e mágicos. Há um misticismo muito grande em relação a nós. É um lugar especial — Kent explicou a Elizabeth.

— Seth vai orientar Elizabeth sobre a viagem. Viajamos dia 4 de novembro. Uchoa irá organizar a viagem — informou Daniel, avançando para o último assunto da sua pauta. — Dib vai abordar um tema que o tem preocupado.

— Sei que já falei nisto antes e temos opiniões diferentes, mas acredito que devemos voltar a analisar a profecia Tibetana. Pedi que Elizabeth a estudasse enquanto Daniel esteve fora, e ela tem a mesma opinião que eu.

— Acha que a profecia ainda não se cumpriu, Elizabeth? — perguntou Kent, sabendo qual era a opinião de Dib sobre o assunto.

— Sim. Há um paralelismo com os eventos da Segunda Guerra, mas o que aconteceu está longe de abarcar a extensão da profecia. Ela prevê acontecimentos mais violentos e mais rápidos do que os que aconteceram.

— Isso é o resultado da sua compreensão da profecia ou é a sua intuição? — questionou Uchoa, atento.

— Os dois. Além disso, esta noite tive um sonho que pode estar associado à profecia.

— E o que sonhou? — perguntou Dib.

— Hitler estava sobre um pódio, acima do solo. Em seguida surgiu um homem mais jovem, que se elevou em outro pódio, e ultrapassou Hitler.

— Ultrapassou-o quanto? — perguntou Dib com os olhos quase fechados, absorvendo as informações.

— O dobro da distância. Isso pode significar que o Anunciado poderia ter sido Hitler, mas não foi, e alguém fará muito mais que ele — disse Elizabeth sem consciência do que aquilo significava para Dib, que vivera assombrado com aquela profecia e acreditava que a Ordem desempenharia um papel importante nos acontecimentos previstos.

— Consegue reconhecer esse novo homem? — perguntou Dib novamente.

— Não. Era jovem e estava com o rosto abaixado. Mas também podia ser uma mulher — fez uma pausa, hesitando um pouco, antes de explicar: — Sei que não faz muito sentido, mas era quase como se duas pessoas tivessem se fundido numa só.

— E não conseguiu perceber se essa... — Seth, surpreso, buscou uma palavra para tentar sintetizar a explicação de Elizabeth. — *fusão* era um homem ou uma mulher?

— Não. Sei que era jovem porque emanava vitalidade. O cabelo longo estava oculto atrás dos ombros. Tinha uma figura esguia e magra, completamente vestida de preto — descreveu Elizabeth.

— Então pode ser uma mulher? É isso? — perguntou Dib, que sempre acreditara que o Anunciado era um homem. Tudo na profecia indicava que ele era um homem.

— Talvez seja alguém andrógino — disse Elizabeth expressando uma nova hipótese. — Pode ser por isso que fiquei com a sensação de serem duas pessoas unidas.

— Faz sentido — concordou Kent. — Mas independente do gênero, o seu

sonho altera significativamente as coisas. Ou pelo menos a nossa opinião sobre a profecia. Acreditávamos que Hitler era o Anunciado.

— Dib tem razão: devemos analisar a profecia com um novo olhar. Elizabeth precisa se concentrar nos Anjos Caídos, mas se surgir algum sonho espontâneo como este, temos que registrá-lo para complementar a profecia. Alguém quer fazer algum comentário? — perguntou Daniel antes de encerrar a reunião.

Apesar de incomum, sentia-se cansado, não por ter gerido a reunião, evitando a dispersão da conversa e a velha discussão em torno de Besson, mas devido aos seus sentimentos por Elizabeth. Aquela paixão consumia os seus pensamentos e a sua energia.

Jean Luc observava Sarah na pequena cozinha preparando uma massa fresca de azeitona, com molho de tomate cereja, camarão salteado em azeite trufado e manjerição roxo. As mãos dela, em movimento constante, pareciam ensaiar uma dança contínua.

Ela viu-o quieto, fixando-a intensamente, sem piscar os olhos para não perder nenhum gesto. Perguntou, enquanto jogava os camarões para dentro da wok, fazendo-os frigar no fio de azeite quente.

— Jean, o que é?

— Quero ajudá-la... Mas não sou capaz de sair daqui: você está tão bonita, mas tão bonita, que me provoca uma dor aqui — disse baixo, colocando a mão direita sobre o peito, em cima do coração, para mostrar o ponto de origem da dor.

Ela desligou o fogão, aproximou-se dele e mirou-o com seus olhos verdes brilhantes. Nunca tinha visto ninguém mais bonito que ele. O formato do rosto emoldurado pelos cabelos claros dava-lhe um ar angelical. E o corpo alto e magro, com os músculos definidos na medida certa, sem exageros, parecia feito para encaixar no corpo dela.

— Eu sei... — respondeu Sarah. — Eu sinto o mesmo. Uma dor aqui, como se algo estivesse errado. Como se o que sinto por você fosse tão intenso que o meu corpo não suportasse.

— Não sei o que faria se algo acontecesse com você — murmurou inclinando-se para beijá-la com um carinho extremo. Só a possibilidade de não vê-la por um único dia que fosse, era suficiente para angustiá-lo.

— Não vai acontecer nada comigo — abraçou-o com força, tentando

tranquilizá-lo.

Ele puxou-a pela cintura, com o braço bem apertado, e ergueu-a do chão sem esforço. Ela aninhou-se no colo dele, inclinou a cabeça para ver os olhos castanhos e profundos e riu feliz. Ele gostava vê-la rir naquela mistura de abandono e alegria. Sabia que ela estava feliz e isso era tudo o que queria: fazê-la feliz.

Ela tinha-o arrancado da letargia e abrira as portas para um mundo novo. Até então, com exceção do genuíno afeto que sentia pelos pais, achava que o amor era um exagero dos poetas. Não compreendia como as pessoas podiam se perder por causa do amor. Aquela rendição melodramática ao amor parecia-lhe patética até encontrar Sarah. Agora achava que nenhum poeta tinha conseguido descrever o amor em toda a sua plenitude. Sarah era tudo para ele: era a vida que pulsava dentro dele.

6. O despertar das feras

Aquele que sabe refrear-se, está protegido do perigo e poderá viver muito tempo.

Lao Tzu (604 a.C.-531 a.C.)

Dia 4 de novembro os sete guardiões viajaram para a África do Sul. Por questões de segurança, formaram dois grupos e hospedaram-se em hotéis diferentes: Alessia, Uchoa, Seth e Kent viajaram pela manhã; Daniel, Dib e Elizabeth viajaram à noite. O dia seguinte seria para se ajustarem um pouco ao fuso local, e no dia 6 aconteceria a transmutação.

Elizabeth estava ansiosa. Fez várias perguntas, querendo saber o que aconteceria ou como aconteceria, mas Dib avisou-a que tudo seria revelado na hora certa, porque o conhecimento do processo, para quem nunca tinha passado por ele, poderia aumentar a ansiedade e descontrolar o corpo prematuramente.

Ao contrário da tensão geral que Elizabeth percebera no Mosteiro antes da sua Consagração, agora ela via os guardiões demasiado focados em si mesmos, tentando dominar uma espécie de frenesi que se tinha apoderado de todos e parecia contagiante. A proximidade da transmutação e da lua nova, com sua energia renovadora, os deixava agitados e sensíveis: o cérebro já assimilara a mudança e eles faziam um esforço adicional para manter a racionalidade funcionando.

Dib acompanhava Elizabeth e no dia da transmutação fizeram a última refeição às duas da tarde. Dib obrigou-a a comer muito mais do que ela

necessitava para evitar que sentisse fome. Pouco depois, Daniel foi ao quarto onde ela aguardava com Dib, e bastou vê-la, sentada no sofá, junto à janela, para perceber a sua aparência febril. Anunciou:

— Eu e Dib vamos levá-la à savana, e quando chegarmos, vou explicar o que precisa saber.

— Está bem... — anuiu Elizabeth, sentindo um arrepio causado pela febre.
— E os outros?

— Combinamos com eles um ponto de encontro — informou Daniel.

Entraram no Land Rover, e Dib dirigiu durante quase três horas, no meio do capim alto, por caminhos invisíveis que só ele parecia capaz de reconhecer. Chegaram à base de uma montanha, quando a luz alaranjada do sol caía sobre a paisagem.

Daniel e Dib tiraram os sapatos e pisaram o chão sem receio dos pequenos animais letais que assombram o imaginário de pessoas comuns: aranhas, escorpiões e cobras. Ela os imitou, hesitante. Dib encorajou-a, rindo, enquanto começava a se despir com naturalidade:

— Pode pôr os pés no chão. Você vai saber instintivamente onde pisar e onde estão os bichos. Esse conhecimento está dentro de você.

Ela pisou na terra devagar, com desconfiança, e sentiu o chão morno que ainda retinha o calor do dia abrasador.

— Dispa-se, Elizabeth — disse Daniel, tirando o cinto das calças cáqui.

— Não — retorquiu envergonhada.

— Tire a blusa e as calças — insistiu Daniel, despindo a camisa e guardando-a no carro. Tirou as calças descontraidamente, e quando Elizabeth percebeu, os dois vestiam apenas modernos *boxers*. Mas o que parecia tê-la fascinado, além da naturalidade com que eles expunham seus corpos perfeitos, eram as cicatrizes que Daniel tinha, especialmente nas costas, e aquela marca exata das ss no braço. Elizabeth aproximou-se dele e ergueu a mão como se fosse tocar nas suas costas, mas Daniel voltou-se com rapidez, e recuando um passo disse com voz firme, de comando:

— A roupa, Elizabeth. Os brincos também.

Ela tirou os pequenos brincos de ouro, guardou-os no bolso das calças e começou a despir-se, perturbada por uma série de perguntas, e dividida entre o fascínio e a incredulidade, como se apenas naquele instante começasse a compreender a magnitude das transformações do seu corpo. Guardou a roupa

no carro, dobrada sobre os sapatos, imitando o comportamento deles, e encarou-os: pareciam dois deuses esculpidos de mármore e plantados no meio da savana, onde os olhos dos bichos espreitavam a noite.

Daniel começou a explicar:

— Depois da transmutação alguns de nós afastam-se, mas conseguimos sempre nos localizar porque criamos um vínculo mental que nos permite chamar os outros, no caso de acontecer alguma coisa ou aparecer um grupo de caçadores. A nossa pele, enquanto leões brancos, é uma das mais valiosas e apreciadas. É rara! Por isso, é crucial que evitemos os homens. Esta vai ser a sua primeira transformação consciente, e você vai compreender o que acontece com o seu corpo, tanto para se tornar uma leoa quanto para voltar à forma humana.

— E eu vou induzir a mudança? — questionou Elizabeth.

— Eu vou ajudá-la — disse Daniel.

— Vou ficar com você? — perguntou, olhando diretamente para ele.

— Sim. Não pode andar sozinha até que aprenda a se controlar — respondeu, com um sorriso quase malicioso. — Há um processo de iniciação durante o qual estarei ao seu lado. Nós chamamos esse processo de “caminhar juntos”. Você vai ouvir apenas a minha voz em todos os momentos. Eu vou ensiná-la a andar na selva, vou frear os seus instintos e vou determinar o momento de retornar ao corpo humano.

— E quem caminhou com os outros? — questionou Elizabeth, sentindo a temperatura do seu corpo aumentando.

— Arturo caminhou com todos, menos com Dib.

— Por quê?

— O seu pai me pediu que o iniciasse.

— E quem iniciou o meu pai?

— Eu, o seu pai e Besson iniciamo-nos juntos. E isso cria um elo inquebrável — contou Daniel, lembrando que aquilo tinha unido os três para sempre e era um dos motivos que levava Arturo a opor-se à morte de Besson quando ele abandonou a Ordem. Arturo não suportara a ideia de perder Besson.

— Como o laço que há entre você e Dib? É por isso que, por vezes, sabem sempre um do outro, mesmo quando estão distantes? — perguntou Elizabeth, entendendo por que Miguel tentara caminhar com ela, quando a levou para a Costa do Marfim.

— Temos esse laço enquanto guardiões, mas os que caminham juntos têm

isso muito mais acentuado. Para sempre — elucidou Dib, falando da sua ligação umbilical com Daniel.

— Então os outros perderam esse laço, depois da morte do meu pai?

— Perderam, embora tenha sido menos doloroso do que seria normalmente, porque o seu pai se tornou humano e os laços diluíram-se. Mas quando acontece algo muito violento com um de nós, todos sentem, e isso é mais forte entre os que caminham juntos — explicou Daniel.

— E agora? Quais os passos para a transmutação? — Elizabeth sentia a pele ardendo.

— Primeiro vamos falar do retorno ao seu corpo humano. Após a transformação você começa a perder as referências humanas e a sua animalidade vai-se tornando dominante, podendo chegar ao “ponto de não retorno”, que é um momento em que perderá as ligações humanas e fica presa no seu lado felino. Antes que isso aconteça, vou ajudá-la a voltar à forma humana. Porém, o prazer que sentimos quando somos feras livres é muito intenso e às vezes é difícil voltar.

— E se eu não voltar?

— Volta — assegurou. — Eu a faço voltar. A minha voz funcionará como um chamamento irresistível, porque vou ter sempre uma ascendência sobre você a partir deste momento.

— Entendo — respondeu, pensando na ascendência que ele já tinha, e imaginando o que aconteceria quando criassem uma ligação maior. Uma ligação que já começara quando ele arriscara a vida para acompanhá-la no ritual da Consagração, quebrando as regras da Ordem.

— Tem alguma dúvida sobre o que falamos até aqui?

— Não — disse, escutando o segundo Land Rover chegar. Viu-os descenderem do carro e se despirem. Percebeu que um lampejo dourado estava se formando nos olhos deles. Uma pequena auréola que os últimos raios de sol iluminavam mostrando o nascimento das feras. Ficaram nus, sem pudor, muito mais próximos da natureza do que da civilização a que pertenciam. Dib despiu a última peça de roupa e juntou-se a eles, afastados cinco ou seis passos de Daniel e Elizabeth. Daniel disse, autorizando a transmutação:

— Podem ir.

Num segundo eles desapareceram com uma velocidade espantosa, para dentro da savana, fazendo os seus corpos transmutarem-se enquanto corriam, entre um salto e outro, ocultos pelo capim alto e quebradiço.

Daniel continuou à frente dela, observando-a atentamente, e explicando

devagar:

— Agora, sim, vamos falar da sua mutação e eu vou induzi-la a isso. Tem que confiar em mim — aproximou-se mais dela. — Tem que entregar-se a mim, sem reservas. Sem medo.

Elizabeth assentiu com a cabeça, sentindo o corpo efervescente, sem saber onde começava o desejo por Daniel e aquela febre estranha que elevava a temperatura do corpo, dando-lhe uma sensação intensa de gripe.

— Tire o resto da roupa — pediu, despindo a última peça e atirando-a para dentro do jipe. Concentrou-se nos olhos dela, se esforçando por ignorar a fabulosa beleza nua, e continuou falando, mas agora sem emitir qualquer som, instalado no interior da cabeça dela.

— Esse calor que está sentindo vai aumentar e se espalhar pelo corpo. Vai dominar os seus sentidos, como se estivesse com febre de quarenta graus e delirasse. Sente? Não fale. Pense.

— Sinto — respondeu em pensamento, sem mover os lábios, mantendo os olhos fixos nele.

— É muito rápido, são apenas alguns segundos. Agora começou a sentir um frenesi incontrolável: é o seu corpo se transformando. Não é doloroso, mas é como se tudo dentro de você estivesse sendo esticado até o limite, e quando achar que não suporta mais, o seu corpo já estará mudado. Veja. Olhe para mim... — repetiu Daniel, majestosamente felino, se colocando ao lado dela e guiando-a para a savana, na trilha dos outros. Eles estavam perto do rio, onde costumavam descansar num abandono letárgico e feliz. Ao perceberem que Daniel e Elizabeth estavam bem, se afastaram numa corrida louca, embrenhando-se no mato.

Elizabeth sentou-se sobre as quatro patas, olhando em volta. Tudo era mais intenso. Todos os seus sentidos estavam mais aguçados. Olhou para Daniel sentado ao seu lado, quase imóvel. Podia ouvir o som dos bichos ao longe e ver a folhagem se movendo devagar sob o efeito de uma brisa leve. Sentiu uma excitação primitiva percorrer o seu corpo e teve um pensamento louco, ao olhar para ele. Chamou-o:

— Daniel?

Ele percebeu o desejo e o pensamento se formarem como um raio dentro dela, e mesmo antes que ela se expressasse, ordenou com uma voz ríspida, contrariando tudo o que o seu corpo animal queria, e que ele já havia negado ao seu corpo humano.

— Elizabeth, não é hora para isso. Pare!

Mas ela sabia instintivamente que ele a desejava e colocou a cabeça sob a sua mandíbula, provocando-o. Ele tentou empurrá-la com pata, mas ela ignorou o gesto e encostou-se mais, num convite explícito ao acasalamento. Tudo nela era irresistível, mas ele rejeitou-a mais uma vez com a pata e foi nesse instante que ela os sentiu. Ergueu um pouco o corpo para observá-los melhor. Daniel soube, mesmo antes de ela saber o que faria, e chamou por Dib, antecipando-se ao que poderia acontecer.

Ela estava fascinada vendo a imensa manada caminhar até o rio para beber água. Eram centenas de búfalos, com as suas peles negras confundidas com a própria noite, alheios ao casal perfeito de leões brancos, oculto pela barreira formada pelo capim alto e pelas árvores.

Daniel sentiu a tensão se acumulando nos músculos, pôs a pata forte por cima do dorso dela com uma força bruta, e avisou:

— Elizabeth, nós não caçamos animais.

Elizabeth estava com os instintos à flor da pele, olhando aqueles monstros que se moviam dentro da escuridão, e sentindo a sua natureza predatória se sobrepor às regras. Ele argumentou, ciente do perigo eminente, para tentar ganhar tempo e esperar pelos outros:

— Eles nos matam. São centenas. Não faça isso.

Ela ergueu-se um pouco mais, colocou a cabeça quase fora da linha formada pela vegetação, e lutou contra a pata dele, que continuava a pressioná-la contra o chão. Nesse momento, Dib chegou silenciosamente com os outros e se posicionaram em volta dela. Qualquer movimento brusco chamaria a atenção dos búfalos, fazendo com que debandassem. E eles estavam no trajeto das suas patas possantes.

Daniel tinha que impedi-la de se mover ou seriam esmagados quando aquela massa negra se pusesse em movimento. A tensão era palpável, exceto para Elizabeth, obcecada com os búfalos. Daniel colocou as duas patas da frente sobre o dorso dela forçando-a contra o chão com o peso do seu corpo possante. Ela olhou-o como se estivesse ausente, com o corpo em frenesi total. Daniel pensou de forma a que todos escutassem:

— Vou perdê-la, mas não posso forçá-la a voltar à forma humana neste momento...

— Solte-a, ou seremos todos destruídos. Tem que deixá-la ir, enquanto nós saímos da rota dos búfalos e tentamos ir por trás deles, para salvá-la — sugeriu Kent, friamente.

Daniel olhou-a e sentiu o coração se despedaçar, incapaz de tomar uma

decisão: ou salvava o bando ou tentava salvá-la. Sabia que se a deixasse ir, a manada ia atirar-se contra ela e esmagá-la. Nem mesmo um guardião sobreviveria a um embate daqueles. O tempo era vital. Estavam todos com a adrenalina no limite, mas ninguém se movia e Daniel continuava sobre ela. Os segundos se arrastavam como se fossem horas. Não havia saída.

Daniel sentia-se culpado. Tinha percebido a proximidade da manada, mas o seu desejo por Elizabeth impediu-o de prever a reação dela com mais antecedência. Quando viu que os instintos predatórios dela tinham despertado, era demasiado tarde. Por isso aos guardiões eram proibidos o desejo e o amor. As leis antigas eram sábias. Mas não tinha tempo para pensar nisso. Precisava se concentrar. Tomar uma decisão. Excluía todos da sua mente e ninguém sabia o que estava acontecendo. Dib chamou-o, arrancando-o da corrente de pensamentos que lhe atravessava o cérebro desordenadamente:

— Daniel?

— Saiam. Posicionem-se por trás dos búfalos — ordenou, por fim.

— Não dá tempo, Daniel — avisou Kent. — Assim que nos mexermos, os animais vão sentir.

— O vento está a nosso favor. Nós é que os sentimos, por isso ela está tão descontrolada. Vão — insistiu Daniel.

— Eu fico — afirmou Dib.

— Preciso que vá — respondeu Daniel, querendo salvar o amigo.

Elizabeth sentia o peso dele esmagando-a contra o chão, mas naquele momento, o chamado da caça sobrepunha-se a tudo. Daniel sabia que talvez houvesse ainda uma forma de salvá-la: se acasalasse com ela, poderia fazê-la esquecer-se dos búfalos. Mas como poderia ele salvá-la violando outro dos preceitos essenciais da Ordem e condenando os dois? Chamou-a, numa última tentativa, punindo-se por ter vacilado:

— Elizabeth!

Mas ela não escutava, sedenta de sangue, pronta para quebrar a principal regra da Ordem que proibia matar e alimentar-se de qualquer ser vivo. Daniel viu os guardiões se afastando suavemente, um por um, mas viu também que os búfalos estavam se agitando, inquietos, como se estivessem pressentindo os predadores. Bastava que um dos animais debandasse para a manada segui-lo, enlouquecida. Daniel diminuiu a pressão sobre ela, devagar, preparando-se para soltá-la e, em seguida, tentar salvá-la. Se ao menos ela desse a volta e não atacasse os búfalos de frente, talvez houvesse uma pequenina chance de

saírem com vida daquele incidente. Se ela o ouvisse e compreendesse o que ele dizia, poderiam salvar-se. Ele falou mais uma vez, ainda sobre ela, mas pressionando-a menos, quase pronto para deixá-la ir:

— Elizabeth, eu caço com você. Vamos juntos, mas temos que dar a volta... Vamos pela direita, para o lado da montanha. Se formos em frente e os atacarmos, eles nos esmagam. Estamos no caminho deles.

O vento tinha mudado, diminuindo o odor dos búfalos, mas começara a soprar em direção à manada e, em segundos, eles perceberiam o cheiro dos leões. Ela virou a cabeça para olhá-lo, e respondeu, sentindo-se mais calma após a diminuição da intensidade do odor:

— Então vamos.

Ele soltou-a, mas no instante em que se moveram para a direita, em busca de refúgio no sopé da montanha, onde o rio começava, os búfalos vieram em disparada, levantando uma nuvem de poeira e fazendo ecoar as patas contra o chão com estrondo avassalador. Centenas deles, numa corrida desenfreada, formavam uma massa imensa e poderosa que galgava a distância mínima que os separava. Cem metros. Noventa metros.

Daniel e Elizabeth corriam vertiginosamente para a direita tentando alcançar o fim daquela linha negra que se movia com rapidez mortal. Sessenta metros. Cinquenta metros.

Daniel era muito mais possante que ela, mas não podia deixá-la para trás. Eles estavam quase no final da linha de búfalos, que avançava enlouquecida. Trinta metros. Vinte metros.

Elizabeth precisava fazer um esforço derradeiro.

Os leões avançaram, vindos do lado da montanha, tentando forçar o ritmo da debandada a mudar de direção. Mas não foram rápidos o suficiente. Dez metros.

Daniel jogou o seu corpo na frente dela, para tentar protegê-la. Era mais forte e suportaria melhor o impacto. Os últimos metros desapareceram e os búfalos se atiraram sobre eles, jogando-os para o alto, como marionetes, e espezinhando-os. Daniel levantou-se e começou a atacá-los furiosamente. Havia búfalos desfeitos sob a sua mandíbula. O cheiro do sangue impregnou o ar e, em segundos, todos os leões atacaram os búfalos, enlouquecidos.

Matthew Shaw, o responsável pelo núcleo de investigação dos Anjos Caídos, como passara a ser conhecido o dramático caso das crianças

assassinadas, era tão inteligente quanto conservador. Formado em Oxford, preferia sempre abordagens científicas, onde explorava as evidências dos casos em que se envolvia. Quando Bardas, com quem trabalhara no caso da pedofilia que arrasara a Europa anos antes, falou na possibilidade de Daniel De Payens ajudá-los a compreender a ritualística dos assassinatos, Shaw optou por esmiuçar as provas. Quando elas já não permitiam explicar mais nada, rendeu-se e contatou Daniel, no dia 7 de novembro, bem cedo.

Shaw era muito racional e não acreditava em nada que pertencesse à remota esfera do sobrenatural. Mas em breve seria obrigado a rever os seus conceitos, para encaixar a magia e o divino, à força, no seu quotidiano.

A estranha ausência de mortes após um ciclo ininterrupto de seis semanas, em seis países, tornava tudo complexo, deixando sem sentido tanto os assassinatos quanto o seu abrupto fim. O que irritava profundamente Shaw era a falta de motivos aparentes para aquela matança. E esperava que Daniel De Payens o ajudasse a compreender aquilo.

Daniel viu o prefixo do número piscando sem parar na tela do seu celular. Eram sete da manhã. Imaginou que seria Shaw e, mesmo sem o conhecer, quase o amaldiçoou por ele ter o mesmo hábito infeliz de Bardas e telefonar de madrugada ou quase. Mas uma coisa era Bardas e outra Shaw, com quem não tinha qualquer relação. Aquilo o irritou.

Não estava em condições de falar com ninguém. Estava destruído. Não conseguia sequer pensar. Mas o telefone continua piscando silenciosamente, porque ele tinha desligado o som.

— Atenda — Dib aconselhou.

— Não quero — respondeu Daniel com a voz enrouquecida pelo pó e pelas violentas pancadas do acidente com os búfalos.

— Uma hora vai ter que atender. É melhor resolver já — insistiu Dib.

Daniel moveu o braço cheio de hematomas, e atendeu o celular.

— Sim?

— Daniel De Payens?

— Sim — respondeu, reconhecendo de imediato o sotaque inglês.

— Sou Matthew Shaw. Bardas me deu o seu contato e acho que já lhe adiantou o assunto...

— Sim.

Dib, sentado numa cadeira da sala em que se encontravam, quase sorriu com as respostas monossilábicas de Daniel, e só não o fez pela gravidade da situação em que se encontravam.

— Gostaria de poder contar com você aqui, em Londres, o mais rápido possível. Talvez daqui a dois ou três dias... Nós providenciamos tudo, claro — informou, se referindo às despesas de deslocamento. Daniel ficou em silêncio por alguns segundos, pensando no que dizer e principalmente como dizer. Por fim respondeu:

— Não será possível... Posso telefonar daqui a alguns dias?

— Fiquei com a impressão que Bardas havia mencionado a sua disponibilidade imediata.

— Sim, mas houve um imprevisto.

— Nada grave, espero? — disse o inglês com esperança de resolver aquilo rapidamente.

— Grave.

— Lamento. Então espero o seu contato, assim que possível — respondeu Shaw, totalmente britânico, evitando fazer perguntas sobre um assunto que não lhe dizia respeito.

— Sim — disse Daniel desligando.

— O que era, para você estar tão monocórdico? — perguntou Dib baixinho.

— Shaw, o inglês a quem o Bardas me recomendou, queria que eu fosse para Londres em dois ou três dias... Inviável! — respondeu, deixando o corpo se afundar mais na cadeira.

— Nesse diálogo, o inglês parecia você — comentou Dib, fazendo alusão ao jeito econômico dos ingleses falarem.

Horas antes, às dez da noite, após o violento ataque dos búfalos, os guardiões colocaram Elizabeth no jipe e Dib dirigiu cuidadosamente, para evitar que ela sofresse com os solavancos da viagem, na estrada de terra batida, oculta pelo mato e pela escuridão. Assim que a encontraram, no meio de um tapete de búfalos mortos, com o delicado corpo feminino ensanguentado e torcido, souberam que o estado dela era grave: ela já estava em coma profundo, lutando para respirar. Daniel teve frieza suficiente para lhe fazer imediatamente uma traqueostomia, usando uma cânula improvisada com o tubo de uma caneta que estava no carro. Aquele procedimento prolongou a vida dela temporariamente, mas resolveu apenas uma milésima parte do problema. Os seus pulmões estavam inundados de sangue e, em breve, ela deixaria de respirar totalmente.

Quando chegaram ao hospital mais próximo, os médicos entubaram-na e tentaram estabilizá-la. Ela tinha ossos quebrados, uma grave contusão cerebral e uma intensa hemorragia interna. Após três horas e duas paradas cardíacas, os médicos estavam céticos: Elizabeth dificilmente resistiria e não tinham como cuidar dela naquele hospital. Precisavam transferi-la para Johannesburgo, a quatrocentos quilômetros do local onde se encontravam, mas as opiniões eram divergentes: ela não sobreviveria se a movessem, mas, por outro lado, se não fosse imediatamente submetida a uma complexa cirurgia, também não teria chance. O prognóstico, em qualquer das situações, era fatal.

Daniel ouviu os médicos e tomou a sua decisão, pouco antes das cinco da manhã. Era óbvio que se ela continuasse ali, morreria. Uchoa e Seth conseguiram dois helicópteros, e avisaram o hospital de Johannesburgo sobre a gravidade do estado dela. O primeiro helicóptero chegou antes das seis da manhã. Daniel e Dib acompanharam Elizabeth. Os outros viajariam depois, no segundo helicóptero.

Durante a viagem, enquanto a observava, deitada na maca com tubos por todo o corpo, Daniel rezava para que chegassem a tempo. As horas passadas desde o momento em que a encontraram, espezinhada por dezenas de búfalos, transformaram-se num dos seus piores pesadelos. A ideia de perdê-la era insuportável e foi ao vê-la tão próxima da morte que tomou verdadeira consciência do profundo amor que ela lhe inspirava.

Daniel conseguira os melhores cirurgiões sul-africanos para atendê-la, e depois de ter falado com eles, remetera-se ao silêncio, ruminando a culpa e lutando para controlar a angústia causada pela imagem dela: o corpo em colapso, cedendo à morte, com o coração quase imperceptível. Ele já não conseguia senti-la: os batimentos cardíacos eram tão incertos e suaves que ela já não parecia ligada a terra.

— Não se sinta assim — disse Dib, percebendo a angústia e a culpa que consumiam o amigo.

— Foi culpa minha — desabafou, consciente do seu inconfessável desejo por ela e do quão perto estivera de deixar-se dominar por ele. Era por isso que ela estava com a vida presa por um fio, ele assassinara búfalos inocentes e obrigara todos os guardiões a fazerem o mesmo.

— Foi culpa minha! — repetiu num murmúrio, sem saber muito bem se entendia aquele acidente terrível como um aviso para não se aproximar dela ou como uma punição, por sentir todas aquelas emoções proibidas.

7. O fio invisível da fé

Ainda é humano muito do que há em vós, e muito do que há em vós ainda não é humano, mas antes um pigmeu informe que caminha adormecido no nevoeiro em busca do seu próprio despertar.

Khalil Gibran (1883-1931)

Miguel estava em Paris havia dois dias. Passou a noite insone, sem conseguir sequer fechar os olhos. Andou de um lado para o outro, impaciente e mal-humorado, no seu belo apartamento na Avenue des Champs-Élysées. Sentia uma pontada no centro do peito, no mesmo lugar onde, muitos anos antes, lhe doera a perda de Adèle. Um pensamento medonho atravessou o seu cérebro: a possibilidade de ter acontecido algo fatal com Elizabeth. Tudo silenciou dentro dele, como se o mundo escurecesse novamente à sua volta e a luz que Elizabeth trouxera se tivesse esvaído.

Tentou se acalmar, ocupando a mente: analisou os dez dossiês dos colecionadores que tinham alguma probabilidade de possuírem as relíquias. Cada dossiê tinha uma biografia, referências detalhadas dos objetos adquiridos recentemente e várias fotografias. Ambrósio era muito eficiente e havia começado a investigação pela Ásia, seguindo para os Estados Unidos. Agora iria para a África e Emirados Árabes, onde havia quatro colecionadores, e por fim viajaria para a Europa investigar os onze restantes. Leu e releu as informações, mas elas não significavam nada enquanto não as comparasse com as fotografias das pessoas que haviam contatado Dimitri Sergeevich. Porém, sentia uma inquietação que o impedia de pensar com

clareza. Às nove da manhã decidiu telefonar para Daniel.

— De Payens?

— Não tenho boas notícias, Besson — avisou Daniel, como se estivesse aguardando o telefonema dele. Miguel estremeceu e sentiu a dor se alastrar do peito para o resto do corpo.

— Por favor, De Payens... Por favor, não me diga que foi Elizabeth — pediu, como se as palavras lhe rasgassem a garganta quando as pronunciava. Daniel ficou em silêncio, dando tempo para que ele se ajustasse à ideia, antes de dizer:

— Ela está em cirurgia há mais de uma hora, mas as hipóteses de sobrevivência são muito reduzidas — Daniel falava devagar, dominado pelo cansaço, e ainda sem acreditar que aquilo estivesse acontecendo. Tudo estava distorcido pelo amor que sentia por ela.

— O que aconteceu? — questionou Miguel, se esforçando por dominar as emoções.

— Acho que devia vir até aqui, se quiser vê-la, Besson... Devia vir já — insistiu Daniel e, nesse instante, Miguel percebeu que a situação devia ser muito grave e que ela estava mesmo à beira da morte. Daniel estava praticamente dizendo que ele deveria ir se despedir dela.

— Vou — respondeu Miguel, desligando o telefone atordoado, para só depois perceber que Daniel não lhe explicara o que havia acontecido.

Em seguida falou, negociou e subornou os seus contatos para conseguir um avião que o levasse para a África do Sul o mais rápido possível. Conseguiu marcar a decolagem do voo Paris-Johannesburgo para as cinco da tarde.

Arrumou um saco de viagem, onde guardou o Punhal das Almas e outros objetos rituais que lhe permitissem resgatar Elizabeth, se necessário. Estava disposto a qualquer sacrifício para salvá-la. Nos seus olhos havia desespero, mas também uma decisão inabalável, uma força capaz de fazê-lo desafiar qualquer regra ou lei, para garantir que ela não morresse.

Estavam numa das salas do hospital, esperando notícias de Elizabeth. Daniel avisou, formalizando aquilo que eles já haviam escutado da sua conversa telefônica com Miguel:

— Besson está vindo para cá.

— Será sábio? — perguntou Seth.

— Neste momento é difícil saber o que é sábio — murmurou Dib. — Mas

é melhor que ele participe e saiba o que está acontecendo. A fúria dele costuma deixar um mar de sangue, e não queremos isso.

— Ele não vai fazer nada. Está destroçado — afirmou Daniel.

— Estamos todos — confirmou Alessia, sem saber como lidar, simultaneamente, com a perda eminente de Elizabeth e a presença de Besson, tantos séculos depois.

Depois de alguns minutos de silêncio, Kent disse:

— Daniel, prefiro não me encontrar com Besson.

— Compreendo. Quer voltar para São Paulo?

— Não. Vou ficar no hotel. Por favor, sugira que ele se hospede no mesmo hotel em que você e Dib estão — Kent falou sem a raiva habitual, mas era perceptível uma grande mágoa por trás das suas palavras. Alessia aproveitou a ocasião para se alinhar com Kent, dizendo:

— Estarei com Kent, se você concordar, Daniel. Deixamos o hospital antes de Besson chegar.

Daniel assentiu com a cabeça. Estava se recuperando rapidamente, como todos os guardiões, da violência brutal da noite anterior. Mas o caso de Elizabeth era diferente: a sua energia vital se esvaíra e o corpo estava tão destroçado que não conseguia se regenerar. Todos os seus órgãos internos estavam destruídos: baço, rins, fígado... As costelas quebradas tinham perfurado os seus pulmões. Os médicos não compreendiam como ela tinha sobrevivido até o momento de entrar na cirurgia, o que já era considerado um milagre.

Daniel organizou tudo para que os guardiões doassem sangue e foi muito específico com os médicos, para que só fizessem transfusões a Elizabeth com o sangue deles.

Às quatro da tarde, Miguel telefonou de novo:

— De Payens, como está Elizabeth?

— Ainda está em cirurgia.

— Mais de oito horas... — notou Miguel, como se aquilo fosse um mau augúrio.

— Pelo menos ainda está conosco... — lembrou Daniel.

— O sangue... — começou falando Miguel, mas foi interrompido por Daniel.

— É nosso. É isso que está ajudando. Já usaram todo o que doamos: quase

três litros. Cada um de nós só pode doar quatrocentos e cinquenta mililitros por vez. Vamos doar novamente, mas foi quase uma guerra para os médicos aceitarem. É contra o protocolo.

— Dane-se o protocolo, De Payens — disse Miguel, perdendo a fleuma habitual. — Nós podemos perder mais da metade do nosso sangue num dia, sem que isso nos afete.

— Eu sei, mas não podemos dizer isso aos médicos — argumentou Daniel. — Além disso, já contornamos o problema. Alessia está agora doando pela segunda vez. Você já chegou?

— Ainda estou em Paris. O meu avião parte em uma hora. Não consegui ir antes.

— O que você está fazendo em Paris? — perguntou, surpreendido com a informação. Achava que Miguel estava em São Paulo. E mais, acreditava que ele já devia estar a meio caminho de Johannesburgo.

— Vim resolver uns assuntos — informou Miguel, sem revelar a razão concreta da sua visita a Paris. — Chego aí por volta das cinco da manhã. Horário local.

— A situação de Elizabeth é muito complicada, Besson — avisou, embora ele próprio rejeitasse a possibilidade de perdê-la.

— Ela vai ficar bem — disse Miguel, com segurança. — Mas não podemos deixá-la apenas nas mãos dos médicos, certo?

— O que quer dizer? — questionou Daniel.

— Que somos quem somos e temos que usar isso a favor dela.

— Estamos tentando ajudá-la, Besson... Por isso ela continua aqui.

— Pense noutra solução, De Payens. Você é o melhor de todos nós no improviso. Falamos quando eu chegar — rematou Miguel, desconhecendo que Daniel não conseguia vislumbrar nenhuma solução, por estar mergulhado num mar de emoções completamente novo para ele.

— Você já pensou em alguma coisa? — perguntou Daniel devagar, querendo saber se Miguel havia feito algum ritual para ajudar na recuperação de Elizabeth.

— Já fiz a minha parte, por hoje. Falamos depois — disse, enigmático, antes de desligar.

Daniel pensou na última frase de Miguel e começou a preocupar-se com o que ele poderia ter feito. As forças da natureza têm que ser usadas de maneira

positiva, por meio de magia branca. A magia negra oferecia resultados rápidos, mas o preço exigido era sempre demasiado alto, incerto e desastroso. Daniel temia que Miguel tivesse recorrido à magia negra para salvar Elizabeth, porque isso significava que ela também teria que pagar um preço. Aquilo definitivamente não seria uma boa ideia.

Daniel precisava descobrir uma solução extraordinária para arrancar Elizabeth das garras da morte. No entanto, por mais que tentasse pensar não lhe ocorria nada que já não tivessem feito: na véspera fora a energia deles jogada diretamente sobre o corpo dela com as mãos, como faziam os seus antepassados cátaros, que a segurou à vida. Porém, tudo o que conseguiram, nas horas entre o acidente e o início da cirurgia, foi prolongar aquele sopro tênue de vida, que parecia ser o último fio que a mantinha ligada ao mundo.

Alessia entrou na sala e colocou a mão no braço de Uchoa com suavidade, antes de dizer:

— Terminei. É a sua vez.

Uchoa foi doar sangue, mais uma vez, contra as resistências das enfermeiras e dos médicos, que recomeçavam a listar uma longa ladainha de restrições sempre que um deles ia até lá pela segunda vez, apesar de todos terem assinado termos de responsabilidade.

Daniel anunciou com a voz quase normal, praticamente sem vestígios de rouquidão:

— Besson chega por volta das cinco da manhã. Só conseguiu um voo agora. Ele disse que temos que usar o que somos em benefício dela. E tem razão.

— Já fizemos isso com a nossa energia e continuamos fazendo ao doar sangue para as transfusões: é o nosso líquido vital. O líquido mais sagrado de todos — comentou Seth.

— Ela já devia estar se recuperando. Nós nos regeneramos. Por que é que ainda não aconteceu com ela? — perguntou Alessia, incapaz de controlar a angústia. Perder Arturo, Bento e Elizabeth era excessivo para todos, principalmente para ela.

— Essa é a grande pergunta desde ontem — disse Daniel. — A pergunta que não nos atrevemos a verbalizar. Mas a verdade é simples: ela foi massacrada de tal forma que nenhum órgão vital resistiu. E se ela está aqui é por ser uma guardiã, porque ninguém resistiria ao que ela passou. Então a questão não é se ela está se regenerando. A questão é se ela consegue aguentar até os médicos selarem os seus órgãos. A partir desse momento, ela

melhora.

— Isso é a razão ou a fé? — perguntou Kent, com os olhos semicerrados, sentado numa cadeira com a cabeça encostada para trás, apoiada na parede.

— Ambas — respondeu Daniel. — Mas neste momento é a fé que nos segura.

Dib saiu do lugar onde estava, junto à janela, deu três passos largos até Daniel, sentou-se na cadeira vazia ao seu lado e disse como se acabasse de ter uma epifania:

— O terço.

— O quê? — perguntou Daniel, perplexo.

— O Terço dos Anjos — repetiu Dib baixinho. Uma luz explodiu nos olhos de Daniel e ele perguntou para Alessia:

— Lembra-se do terço de marfim? O Terço dos Anjos?

— Sim — disse ela, percebendo de imediato os motivos da pergunta. — Acha que ajudaria?

— Tenho certeza de que ajudaria. Será que ela o trouxe? — perguntou Daniel, com esperança.

— Não o vi quando arrumei a mala dela, antes de virmos para Johannesburg. Mas posso procurar dentro da bolsa e nos fechos interiores da mala. Vou ver agora — disse levantando-se rapidamente, para ir ao hotel onde estavam as bagagens.

— Vou com você — ofereceu Kent, gentilmente.

— E se não estiver aqui? — perguntou Seth.

— Algo me diz que não está — respondeu Daniel, usando a sua expressão premonitória, *algo me diz*. — Vamos ter que ir buscá-lo em São Paulo.

— É melhor tentarmos já alugar um avião e deixar em *stand by*. Aqui é difícil conseguir um avião para ir até São Paulo... — lembrou Seth, indo até a porta exterior do hospital, onde começou a fazer contatos para organizar a viagem.

Às nove da noite Bardas telefonou. Justo naquele dia parecia que todos resolveram ligar. Daniel moveu a cabeça de um lado para o outro, em sinal de rejeição, avaliando se atendia ou não o telefone. Um dos médicos acabara de sair da sala para falar sobre o estado de Elizabeth, que continuava na sala de cirurgia. Tinham-se passado quase catorze horas, e durante o processo ela tivera mais duas paradas cardíacas e os cirurgiões não sabiam explicar como

continuava viva. As hemorragias internas estavam relativamente controladas, mas os médicos estavam ainda suturando os seus órgãos vitais: não haviam encontrado um único órgão intacto dentro dela. Além disso, surgiu um novo problema: uma hemorragia cerebral, no lóbulo frontal esquerdo. Eles acreditavam que, caso ela sobrevivesse, ficaria com sequelas, mas era impossível determinar a extensão dos danos.

— Mais quantas horas de cirurgia? — perguntou Daniel, econômico.

— Três, quatro... Depende. Ela está em estado crítico permanente. Na verdade, não entendemos como sobreviveu até agora — informou o médico.

— Ainda há sangue? — quis saber Uchoa.

— Acredito que haja o suficiente: ainda temos um litro e as hemorragias maiores estão controladas. Mas, repito: a situação dela é muito crítica. Tudo pode mudar a qualquer momento. Para pior.

— Ela vai sobreviver? — perguntou Seth, exasperado com a delicadeza do médico.

— Dificilmente — disse finalmente o médico, preparando-os para o cenário mais provável.

— Mas se ela já não tem hemorragias... Não compreendo — insistiu Seth.

— Senhor, acredita em milagres? — perguntou o médico, para tentar dar a dimensão do estado de Elizabeth e dizer que a ciência estava fazendo o que podia, mas, na verdade, ela já se encontrava em uma situação muito além do alcance da ciência.

— Sim, acredito — disse Seth, sem hesitar, desconcertando o médico com a sua segurança.

— Bem... Então reze por um — concluiu se afastando, com a tranquilidade típica dos cirurgiões habituados a lidar diariamente com a vida e a morte.

Ao perceberem que o terço não estava entre as coisas de Elizabeth, Alessia e Kent viajaram para São Paulo. Se tudo falhasse, ainda havia a possibilidade do terço ajudar Elizabeth, mas isso só aconteceria na noite seguinte, após as longas viagens de ida e volta. E, para isso, eles tinham que mantê-la até lá.

O telefone de Daniel continuava tocando. Ele suspirou.

— Bardas, como vai? — falou com voz cansada, esgotado pelos eventos.

— O que lhe aconteceu, *hombr*e? Shaw me disse que não pode vir para cá porque aconteceu algo grave, e eu estou tentando falar com você que nem um desesperado... — disse dramático.

— Elizabeth teve um acidente e está em coma. Só saio daqui quando ela

melhorar — interrompeu firmemente, não dando espaço para qualquer pedido ou negociação.

— Ai, meu Deus... *Putá Madre!* — disse Bardas, preocupado com Elizabeth e se expressando como um verdadeiro espanhol. Mas também estava preocupado com os últimos eventos de Paris. Para ele tratava-se de uma matemática simples: era a preocupação com a vida de uma pessoa *versus* a preocupação com a vida de centenas. A Europa estava à beira da ebulição. Havia pequenos motins em vários países e a polícia tentava controlar as manifestações, sem recorrer ao uso da força, porque compreendiam o terror que abalava todos, especialmente os pais das crianças assassinadas, que clamavam por justiça.

— O que foi? — perguntou Daniel, percebendo a ansiedade de Bardas.

— Foram assassinadas mais doze crianças.

— Mas nem sequer é sexta-feira. Isso não combina com o padrão — respondeu Daniel apreensivo. O mundo parecia disposto a cair sobre ele, em um momento em que ele não tinha lucidez suficiente para pensar em nada.

— Não combina mesmo. Sexta foi dia 5 e isto aconteceu esta manhã, dia 7.

— Dia 7 — repetiu Daniel baixinho, lembrando-se do número sete com que Elizabeth sonhara, mas ainda sem conseguir estabelecer alguma conexão. — Onde?

— Paris. Em plena Paris. E ninguém viu nada — informou.

— A que horas? — perguntou Daniel vagarosamente, cheio de precaução, lutando contra um pensamento terrível que começava a nascer no seu cérebro, ao lembrar que Besson estivera em Paris naquela manhã.

— O ônibus ia para uma excursão e desapareceu às dez da manhã. Foi encontrado às três e meia da tarde na beira da rodovia A1, depois da polícia ter revirado a cidade inteira...

— No caminho para o aeroporto Charles de Gaulle?

— Sim. Por quê?

— Curiosidade. — Daniel tentou raciocinar, sabendo que aquele percurso era o que Miguel fizera para dirigir-se ao aeroporto, de onde partira às cinco da tarde. — E as crianças?

— Estavam três quilômetros antes do ônibus, em um descampado, todas em fila, alinhadas e aprumadas, exatamente como as anteriores.

Daniel tentava assimilar a informação, mas o seu pensamento continuava ocupado por Elizabeth. Além disso, estava incomodado com presença de Besson em Paris durante o período em que acontecera aquele episódio:

Besson soube do acidente de Elizabeth às nove; as crianças desapareceram às dez; o ônibus foi encontrado às três e meia da tarde, a caminho do aeroporto, de onde Besson partiu, hora e meia depois.

— Bardas, percebo o drama, mas também estou com um problema aqui. Telefone assim que a Elizabeth estabilizar.

— Entendo — disse Bardas, antes de desligar, sentindo-se um pouco culpado por incomodar numa hora daquelas.

Daniel disse para Dib, omitindo a possibilidade de Besson ter alguma coisa a ver com aquilo:

— Mais doze crianças mortas em Paris.

— Isto parece uma conspiração: tudo acontece ao mesmo tempo — afirmou Dib.

— A tendência é esta: o caos gera mais caos. Temos que nos acalmar — Daniel respirou fundo e fechou os olhos, em busca de silêncio e paz. Mas mesmo ali, nas profundezas da alma, só encontrava Elizabeth e o horror que o seu desejo por ela havia causado.

Eram seis e meia da manhã do dia 8 quando Miguel entrou no hospital. Não dormiu durante a viagem. Na verdade não dormia há duas noites: na primeira estivera perturbado por pressentimentos terríveis, e na segunda pela possibilidade de perder Elizabeth.

Assim que entrou na sala de espera viu três guardiões sentados, com o rosto virado para baixo, como se estivessem numa oração silenciosa. Eles sentiram-no, levantaram o rosto e olharam-no fixamente. Era uma situação estranha para todos. Dib foi o primeiro a reagir dirigindo-se a ele, como se Besson pertencesse à Ordem:

— Seja bem-vindo — deu-lhe a mão direita e colocou a esquerda sobre a de Miguel pressionando mais o polegar, usando o código de reconhecimento e aceitação de um irmão.

Seth e Uchoa repetiram o comportamento.

— Daniel pediu que doasse sangue, assim que chegasse. Sobrou só uma bolsa — avisou Seth.

— Sim — concordou, ainda com a mala numa das mãos.

— Eu o acompanho — ofereceu-se Dib, para levá-lo ao local onde doaria sangue. — Se quiser deixe sua mala com Seth e Uchoa. Estará segura.

Lembrou-se que o Punhal das Almas estava na caneleira da sua perna

direita e não havia problemas em deixar a mala na cadeira ao lado de Seth.

Minutos depois, Miguel abriu o botão do punho da camisa, dobrou a manga até acima do cotovelo com gestos precisos e ofereceu o braço, com veias visíveis, a uma das enfermeiras, que pareceu se encantar com ele.

— Como é que ela está? — perguntou, observando Dib. Aquele era o único guardião que não conhecera e entrara na Ordem para ocupar o lugar que ele deixara livre. Dib sentou-se na cadeira ao seu lado e respondeu tranquilo, dominando a angústia:

— Estável.

— Isso significa...?

— A cirurgia levou quase vinte horas: começou ontem antes das oito da manhã e terminou hoje às três da manhã. Não existe um único órgão dentro do corpo dela que não tenha sido suturado. Fizeram também uma cirurgia no cérebro, e os médicos acham que, se ela sobreviver, vai ficar com sequelas. Durante a cirurgia teve duas paradas cardíacas e recebeu quase cinco litros de sangue em transfusões — Dib informou com precisão, deixando Miguel assombrado com o estado dela. Depois de uns segundos para assimilar toda aquela informação, Miguel perguntou:

— Só sangue nosso?

— Sim, e foi provavelmente o que a manteve viva.

— Mas o que tudo isso significa agora? — insistiu Miguel.

— Significa que ela continua em coma, em estado crítico, mas sem hemorragias. O ritmo cardíaco está controlado. Está na UTI, e as chances de sobrevivência aumentaram de um por cento, quando chegou aqui, para dez por cento, que é a situação atual.

— Isto é excelente: as chances aumentaram mil por cento — rematou Miguel, com os olhos brilhantes, como se tivesse acabado de acender uma lâmpada dentro dele. Nesse momento Dib viu a força que Miguel emanava, aquela energia vital em relação à vida, de que Daniel falava, e que precisava de muito pouco para se revelar. A alegria e a esperança dele eram contagiantes e pareciam propagar-se à medida que ele as sentia. Dib acreditava que ela viveria, mas com Miguel parecia mais fácil acreditar que tudo daria certo, e não apenas que ela sobreviveria.

Miguel não perguntou o que tinha acontecido, e Dib achou elegante que ele reservasse as suas dúvidas para Daniel, de quem fora amigo, antes dos muitos séculos de distanciamento. Quando acabou de doar sangue, depois de ter sorrido para as enfermeiras, desdobrou a manga da camisa e vestiu o blazer.

Estava perfeito. Parecia ter acabado de sair de casa para ir trabalhar, em vez de ter viajado a noite inteira, de um continente para outro.

Dib conduziu-o pelos corredores do hospital até a UTI. Espreitaram pelo vidro da porta: o quarto parecia uma nave espacial e Elizabeth, um ser interplanetário e irreconhecível no meio de tantos tubos.

— Você não me disse que ela estava ligada à máquina para... respirar — constatou Miguel, com a voz ligeiramente trêmula, observando Daniel, vestido com roupa especial e máscara, sentado ao lado da cama, segurando a mão inerte de Elizabeth e falando com ela numa língua incompreensível para a enfermeira que ajustava uma das máquinas.

— Dez por cento, Besson — lembrou Dib, percebendo como os olhos dele se umedeciam involuntariamente. Dib sentiu que ele a amava muito e se solidarizou com ele. Estavam do mesmo lado, querendo o melhor para ela, querendo que ela voltasse à vida. Dib se afastou para lhe dar privacidade.

Depois de se recompor, Besson bateu no vidro da porta. Daniel o viu. Dirigiu-se para uma pequena sala de vidro que ficava à direita do quarto, com uma porta externa, que funcionava como câmara de esterilização. Despiu as roupas especiais e atirou-as para um cesto. Havia vários outros conjuntos fechados em plástico, sobre uma prateleira de vidro.

Quando se olharam, naquele momento de fragilidade, parecia que todos os anos cheios de mágoas não tinham acontecido. Daniel abraçou-o, feliz por ele estar ali, e Miguel abraçou-o de volta, com força, beijando-o no rosto, com o fraternal cumprimento dos guardiões.

— O que aconteceu, De Payens? — perguntou desesperado, porém sem responsabilizá-lo.

— Preciso de um café — disse, caminhando para a cafeteria, enquanto telefonava para Dib, para que ele ficasse com Elizabeth.

Miguel percebeu que ele estava abatido, mas mantinha aquela elegância inata, misturada à indiferença absoluta com a sua fenomenal beleza.

Minutos depois sentaram-se na mesa da cafeteria do hospital com duas xícaras de café fumegante e dois sanduíches de queijo. Miguel disse, para iniciar a conversa:

— Acabei de chegar, mas em Johannesburg não se fala noutra coisa senão num bando de leões que matou mais de cinquenta búfalos na noite passada. Ninguém se lembra de ter acontecido nada remotamente parecido, até porque os animais caçam para comer. E o comportamento desses leões é totalmente inexplicável. Dizem que eram leões brancos. Sagrados leões brancos —

ênfatizou. — Mas o mais estranho é que ninguém viu mais os leões. Desapareceram. Você ouviu alguma coisa sobre isso?

Daniel olhou para ele sério. Deu uma dentada no pão e se esforçou para engolir. Parecia que tinha a garganta fechada. Abandonou o pão no prato e sorveu meia xícara de café, com goles lentos, antes de começar a falar. Contou tudo o que acontecera, até o mais ínfimo detalhe, omitindo apenas os seus sentimentos inconfessáveis por Elizabeth e os dela por ele. Assumiu que era o responsável pelo acidente, mas Miguel se esforçou para convencê-lo que ele não tinha culpa de nada, acreditando que muita da angústia de Daniel tinha origem nesse fato. Miguel não imaginava que ambos amavam a mesma mulher, e isso era algo que Daniel tentava ocultar e esquecer.

— Mas o que deu nela, De Payens?

— Não sei... — mentiu, sabendo que se tivesse cedido ao desejo, Elizabeth não estaria ali, naquela cama de hospital, lutando pela vida, mas teria acontecido outro tipo de desgraça.

— Quem matou os búfalos? — perguntou Miguel, mencionando a violação da lei sagrada.

— Todos nós.

— Todos?

— Sim... Mas disso também sou o culpado.

— Pare de se culpar, De Payens. Eu acredito que os erros são corrigidos automaticamente pela vida, quando há razões muito fortes por trás.

— Corrigidos como? — estranhou Daniel. — Eu sou o líder e levei a Ordem inteira a quebrar um dos nossos princípios mais importantes.

— As regras têm exceções. Você tomou a decisão certa: ou era assim, e você matava os búfalos, ou a Ordem podia desaparecer. O que aconteceu com Elizabeth podia ter acontecido com todos. *Ela* sabe disso — disse apontando para cima com o dedo, em tom de desafio. Daniel sacudiu a cabeça, quase sorrindo. Realmente só Miguel, com aquela sua lógica distorcida, poderia fazê-lo sorrir naquele momento.

— Não sei o que fazer para ela melhorar — confessou Daniel, bebendo mais um gole do resto do café, agora frio. Miguel levantou o braço e quando a garçonete se aproximou pediu mais dois cafés.

— Ela já está se regenerando? — perguntou Miguel, baixando o tom de voz.

— Não. Mas também não está piorando.

— Temos que fazer alguma coisa, De Payens.

— Você disse que tinha feito a sua parte. O que você fez? — perguntou Daniel, sem conseguir afastar as dúvidas sobre a participação de Miguel nos assassinatos das crianças.

— O que acha que eu fiz?

— Não sei... Por isso perguntei: o que você fez? — insistiu Daniel.

— Enviei a minha energia. Só isso — respondeu candidamente. — Mas talvez seja necessário algo mais radical.

— Pedi que Alessia e Kent fossem buscar o terço dela...

— Enviou-os para São Paulo? — questionou, com um sorriso leve, descobrindo por que ainda não tinha visto nenhum dos dois.

— Voltam esta noite, mas ainda faltam mais de quinze horas para chegarem. Se a mantivermos estável, o terço pode resolver.

— Mas se o terço não funcionar, tem que me deixar salvá-la, De Payens — avisou.

— Como?

— É melhor não saber. Tem que confiar em mim.

— Como é que você me diz duas coisas tão contraditórias na mesma frase? — perguntou Daniel, terminando o segundo café e começando a sentir-se um pouco melhor.

— Porque se você souber, não vai permitir. E se não permitir, provavelmente vamos... perdê-la — disse, hesitando à procura de uma palavra que definisse o que podia acontecer.

— E qual é o preço que ela terá que pagar? — quis saber Daniel.

— De Payens, neste momento estamos todos com as contas muito desequilibradas. Mas garanto que o preço será meu. E mesmo assim você vai se opor.

— Tão mau assim?

— Sim... Muito mau — respondeu Miguel, com frontalidade.

— E está disposto a fazer isso, seja lá o que for, por ela, Besson?

— Tanto quanto você matar os búfalos e violar a lei mais básica da Ordem para salvá-la. Quantos matou, dos cinquenta?

— Muitos... Mais da metade — confessou, tentando imaginar o que Miguel faria de tão terrível para salvá-la.

— Até o final do dia temos que fazê-la voltar para nós — disse Miguel, firme.

— Combinado.

— Agora, se você não se importar, gostaria de ficar algum tempo com ela.

Vá até o hotel... — sugeriu para Daniel, que estava visivelmente cansado.

— Quer que faça o seu check-in?

— Sim. Por favor — respondeu Miguel, enfiando a mão no bolso interno do blazer e tirando o passaporte, que entregou a Daniel. — Deixei a mala com o Seth.

— Eu pego. Volto daqui a pouco. Uchoa e Seth ficam por aqui... Depois trocamos.

— Está bem — concordou Miguel, levantando-se e começando a caminhar até o quarto da UTI onde Elizabeth estava.

8. O cordão dourado

Terá o dedo da morte que pousar de tempos a tempos no tumulto da vida para que este não nos destrua? Seremos feitos de tal massa que precisemos tomar diariamente pequenas doses de morte, sob pena de não conseguirmos cumprir a missão de viver?

Virginia Woolf (1882-1941)

Miguel aproximou a cadeira da cama de Elizabeth e sentou-se. Ela estava irreconhecível. Havião raspado o seu cabelo para a cirurgia na cabeça, agora protegida por gaze. Todo o cabelo se fora. Tinha o rosto coberto de hematomas, o braço e a perna esquerda totalmente enfaixados, e os pedaços de pele visíveis estavam cheios de tubos e fios. E havia ainda aquela máquina que obrigava o seu peito a subir e descer, empurrado por uma mão mecânica que agora substituía a invisível mão divina, responsável pela respiração de todos os seres.

O corpo dela parecia desabitado, mas nos confins da inconsciência, persistia uma luz frágil que contrariava as evidências médicas e a lógica científica. E essa incoerência, que fazia a vida palpitar quando não parecia possível, era o sopro de Deus em Elizabeth.

Miguel segurou a mão dela com cuidado, evitando puxar os fios e agulhas enfiados nas suas veias. Beijou-a com suavidade. Ficou ali, imóvel, com a cabeça inclinada, a testa encostada à mão dela e os dedos presos aos dela. Naquele momento amá-la parecia suficiente. A única coisa que queria era a salvação dela, mesmo que ela o rejeitasse. Bastava-lhe pensar que ela voltaria

a viver, sem sequelas. Mas até ele, depois de vê-la naquele estado, começava a ter dúvidas. Percebia claramente que algo dentro dela se havia rompido. E as batidas leves do seu coração eram apenas um eco da presença dela, mas ela já não parecia estar ali, e agora ele compreendia isso. Aquela pequena luz, que teimava em brilhar, era uma luz de adeus, o último resquício divino dentro dela, porque o seu lado humano já se fora.

Pela primeira vez desde a morte de Adéle, Miguel chamou por Deus. Primeiro chamou baixinho, quase com medo, até a sua voz aumentar e se firmar. Depois evocou-O por todos os nomes que conhecia, em todas as línguas de que se lembrava, pedindo que a salvasse. Mas só havia o silêncio e nenhum sinal da presença de Deus. Um silêncio terrível, sufocante, interrompido pelo suave ciciar das máquinas que mantinham Elizabeth viva.

Sentia o punhal contra a sua perna, como se estivesse pegando fogo, em busca de um sacrifício que o tornasse capaz de suportar o sofrimento. Mas em vez de sucumbir àquele desejo continuou firme, ao lado dela. Não soube quantas horas ficou ali, imóvel, sem parar um único segundo de suplicar-Lhe que a salvasse. Só se mexeu quando ouviu Daniel bater no vidro, chamando-o. Despiu a roupa esterilizada, jogou-a no cesto, como Daniel fizera antes, e saiu do quarto. Olhou para Daniel, com desespero, e anunciou:

— Não consigo sentir a vida nela. Esvaiu-se.

— Não se esvaiu. Está aí. Temos que acreditar.

O desespero era assim: ora fazia um vacilar, ora fazia o outro duvidar. Mas a esperança também era assim: intermitente. Miguel meneou a cabeça. Daniel reforçou:

— Besson, não podemos pensar assim. Ela se alimenta da nossa energia. Você sabe disso. Você é o mais otimista de nós... O que aconteceu?

— Apreendi a reconhecer quando a vida acaba. Sei quase tudo sobre isso... — confessou.

— Ela ainda tem o cordão dourado, o que significa que a alma dela continua ligada ao corpo. Enquanto o cordão não se romper ela pode voltar.

— Como sabe que ela tem o cordão dourado? Como é possível, se não consigo senti-la?

— Também não a sinto, mas vi.

— Quando é que a viu? — questionou, atento, fixando nele o seu olhar analítico.

— Enquanto estava no hotel — relatou, parecendo mais sereno.

— Como foi que conseguiu isso?

— Besson... — Daniel apertou carinhosamente o braço dele como se quisesse confortá-lo. — Não posso lhe falar sobre isso.

— Não quero saber como você fez, quero apenas que me diga o que fez.

— Eu consigo caminhar pelos mundos todos: dos sonhos, das sombras, da luz e, também, na fronteira dos vivos e dos mortos.

— Nos mundos todos? Isso não é possível — discordou, surpreso. — É por ser o Supremo?

— Não. É um dom que aperfeiçoei durante o meu treinamento.

— E onde a viu? — perguntou Miguel, com admiração.

— Na fronteira dos mortos, mas o cordão ainda é visível e, aparentemente, firme.

— Então o que a prende por lá?

— Na verdade é o que a prende por cá — informou Daniel. — Nunca encontrei ninguém tão distante na fronteira, e ainda tão preso à vida aqui. Por isso digo que a nossa energia é crucial para ela. Vá descansar um pouco, vai lhe fazer bem. Volte no final da tarde.

— Que horas são? — perguntou, aturdido com a informação, mas sentindo-se esperançoso.

— Duas.

— Vou aceitar a sua sugestão — antes de se afastar, perguntou: — E o terzo?

— Alessia e Kent já estão voltando — avisou Daniel, reforçando o que haviam combinado. — Temos um trato: não faça nada antes do terzo chegar.

— E se for tarde demais?

— Se eu notar alguma alteração, telefone e você faz... o que tem a fazer.

Miguel anuiu com a cabeça, antes de partir. Estava destruído. O mundo parecia perverso: sempre que se aproximava da felicidade, ela desaparecia sob o efeito de alguma desgraça.

Sarah sorriu assim que abriu a porta do apartamento e vislumbrou Jean Luc por trás de um ramo imenso de rosas vermelhas. Entregou-lhe as rosas e entrou, sem esperar pelo convite, ciente do direito adquirido de estar ali.

— São trinta e oito rosas. O número de dias que passaram desde que nos encontramos.

Ela deixou as rosas na bancada da cozinha, pôs os braços em volta do pescoço dele e pendurou-se como uma criança se pendura numa árvore.

Ficou na ponta dos pés, para ganhar alguns centímetros e beijá-lo.

— Obrigada.

— Ainda não terminei... — falou, abraçando-a pela cintura fina, enquanto tirava uma caixinha de veludo vermelho, quase da mesma cor das rosas, do bolso do casaco. Deu-lhe a caixa sem soltá-la. Ela levantou a tampa com cuidado e viu uma cruz de malta com as suas delicadas oito pontas em V saindo dos quatro braços. Pousou a caixa sobre a mesa, que estava ao seu lado, pegou a cruz e ergueu-a contra a luz: a cruz de malta era a sua preferida, mas aquela tinha uma beleza rara, toda trabalhada numa delicada filigrana.

— Falta a minha presença nesse fio que traz sempre perto do coração... — disse Jean Luc referindo-se à fina corrente de ouro que ela usava.

— Você está dentro do meu coração, mas agora vai estar também sobre ele. É linda! — respondeu, inclinando o pescoço num convite para ele abrir a corrente e colocar a cruz. Ela sentiu o peso da corrente aumentar e balançar contra a pele, assim que ele a fechou.

— Era da minha avó.

Sarah olhou-o atônita, colocando instintivamente a mão sobre a cruz.

— Não posso aceitar.

— Claro que pode. É por ter sido da minha avó que lhe dei.

— É muito cedo para me oferecer joias da sua família — argumentou ela, sorrindo.

— Não é cedo — disse, abrindo os braços. Ela deu um pulo e se encaixou nele: as pernas enroladas na sua cintura e as mãos presas ao pescoço. Ele fechou os braços e apertou-a com força contra o peito. Sentiu uma vertigem: estava completamente feliz! A partir daquele momento Jean Luc passou a considerar que a essência da felicidade era vertiginosa. Sarah deu uma gargalhada sem motivo, enfiando o rosto na curva do pescoço dele, onde podia sentir o coração palpitar sob a jugular, enquanto ele atravessava a sala e ia para o quarto.

Quando Daniel voltou a sentar-se ao lado de Elizabeth, já acreditava que ela viveria, apesar dos prognósticos pessimistas. Mas ela continuava inerte, com a máquina insuflando ar nos pulmões, presa num lugar onde a vida não se esvaía, mas também não retornava.

As horas passaram devagar, como se o tempo tivesse se tornado misteriosamente mais lento. Ao anoitecer Miguel voltou, e Daniel percebeu,

pelo seu olhar decidido, que ele estava disposto a tudo. Agora, que a sua vida parecia se encaminhar para um novo rumo, surgia um novo obstáculo que o forçava a romper com os limites do bem. E Miguel iria se sacrificar para salvar Elizabeth, não parecendo se importar com o que pudesse acontecer com ele.

Estavam os dois sussurrando na frente da UTI, quando uma enfermeira pediu que fossem conversar em outro lugar. Dirigiram-se à porta principal do hospital, onde ficaram dando passadas curtas enquanto continuavam falando baixinho, após Daniel ter pedido que Seth ficasse com Elizabeth.

— Você descansou? — perguntou Daniel, achando-o demasiado pálido.

— Não. Estive preparando o ritual, se for necessário. Mas estou bem — respondeu Miguel, aparentemente calmo, como se tivesse alcançado alguma serenidade durante aquele período.

— Vamos esperar pelo terço, como combinamos.

— Eu sei, mas há coisas que precisavam estar organizadas.

— Besson, o preço da magia é muito alto.

— Para nós qualquer preço é sempre demasiado alto. Somos seres diferentes dos humanos, De Payens. Em nós tudo é excessivo — lembrou.

— Por isso temos tantas restrições, tantos cuidados, tantas regras... — lembrou Daniel.

— É irônico, não é? Podemos ser quase tudo e não podemos fazer quase nada. Até o direito de amar nos é vedado. O direito de tocar numa mulher — constatou Miguel, com tristeza.

— Não poder amar uma mulher é o que mais o incomoda nas nossas regras?

— Também. Mas qualquer que seja a nossa escolha, o resultado é sempre trágico. Estamos destinados a uma vida de solidão.

— É isso que faz de nós quem somos, Besson.

— Fomos criados com as forças e os poderes dos anjos, temos os desejos e as falhas dos homens e, ainda, possuímos os instintos puros dos animais. Como podemos sobreviver a isso? — perguntou Miguel, revelando os pensamentos profundos que o atormentavam e que, de alguma forma, atormentavam todos eles.

— Não podemos viver simplesmente como anjos, homens ou animais — argumentou Daniel. — Precisamos encontrar o equilíbrio entre essas três naturezas.

— Você já encontrou? — questionou Miguel.

— Em certos dias. Mas vivemos à procura do equilíbrio. Constantemente.

— Arturo não. Arturo era equilibrado — disse Miguel, recordando o amigo com nostalgia e tristeza. Naquele momento, certas coisas pareciam despropositadas e pouco importantes perante a perda de Arturo e o estado de Elizabeth.

— Ele era quase perfeito. Até no seu amor por Angelina, ao abdicar de tudo, sem a menor dúvida. E quando Angelina se foi, ele aceitou a morte dela como parte da sua escolha, a parte que tornava a vida tão preciosa — explicou Daniel.

— Por isso temos Elizabeth — disse Miguel. — E temos que salvá-la. Por ele e por todos nós.

— Eu sei, mas primeiro vamos tentar o caminho certo. Vamos tentar salvá-la sem a magia...

— Está preocupado comigo? — perguntou Miguel com ironia, para tentar disfarçar a emoção provocada pela preocupação de Daniel.

— Não — rematou Daniel com um sorriso sutil, que negava o que acabara de dizer.

— Os anos não o tornaram um mentiroso melhor. Continua péssimo nisso! — respondeu Miguel, com genuíno afeto.

— O terço vai trazê-la de volta, Besson. Representa a linhagem da mãe dela e carrega o poder dos seus antepassados — comentou Daniel.

— Eu sei.

— Por que não se aproximou de Elizabeth na Costa do Marfim, quando ela estava com o terço? — perguntou, tentando desvendar aquele episódio que ficara a incomodá-lo.

— Naquele momento a minha energia era totalmente primitiva... Sexual — confessou devagar. — O terço a protege de energias mais fortes, que possam interferir com a dela.

— Como sabe isso sobre o terço?

— É um objeto mágico, De Payens. E a magia é a minha área — afirmou Miguel.

— Você já tinha visto ou sabia alguma coisa sobre o terço? — insistiu Daniel.

— Não. Nem sabia que existia. Mas percebi imediatamente como funcionava. Senti a sua força, assim que tentei me aproximar de Elizabeth.

— E acha que pode funcionar com ela, agora?

— Não sei. O objeto protege de energias externas, mantendo-a numa

espécie de casulo.

— Naqueles dias que passamos com ela, para que recuperasse a memória...

— Foi você que a trouxe de volta, não foi? — interrompeu Miguel curioso. Daniel sorriu, mas continuou falando sem responder à pergunta.

— ... os pequenos seres, aquelas tatuagens que andavam na sua pele, ajudaram-na a voltar.

Miguel sacudiu a cabeça e sorriu: apesar de Daniel não confirmar, para não lhe revelar a dimensão da sua força, ele sabia que fora Daniel que resgatara Elizabeth das sombras.

— Nesse caso, talvez o terço ajude. Pode ser a única forma do corpo dela começar a se regenerar.

Lucrezia Zani era uma mulher de gostos sofisticados. Não aparentava mais de trinta e cinco anos e era dona de uma beleza exuberante e voluptuosa. Morena, com longos cabelos negros, cintura delgada, e formas fartas, chamava a atenção onde quer que fosse. Naquela noite a sua sensualidade animal era valorizada pelo vestido preto, justo ao corpo, e pelo decote generoso, que revelava o início dos seios.

Eram dez horas quando entrou no Les Ambassadeurs, o famoso restaurante parisiense do Hotel de Crillon, um dos mais luxuosos e antigos do mundo. O garçom a conduziu para uma mesa onde jantou sozinha, divertida pela atenção discreta de que era alvo, enquanto observava o local e as pessoas.

O restaurante estava lotado, como sempre. Lucrezia reconheceu ao longe o casal Messie, acompanhado do filho e da namorada. As colunas sociais noticiavam que o jovem Messie tinha se envolvido numa relação relâmpago com uma herdeira inglesa, descendente de judeus alemães. Tudo indicava que o noivado seria para breve e ele sairia da lista dos solteiros franceses mais cobiçados. Jean Luc era daquelas pessoas que quanto mais se observava mais belo se tornava. A futura noiva também era muito bonita, com um toque de doçura, como Lucrezia pôde apreciar de longe. A felicidade de Jean Luc a incomodou. Ele parecia ter atingido um elevado estágio de bem-estar junto da família, agora agregada de Sarah.

Observou a sala na esperança de ver de novo o homem que chamara a sua atenção alguns dias antes e, tal como ela, jantara sozinho. O que a fascinou, além do charme que ele esbanjava, sem esforço, foi o fato de tê-la ignorado

magistralmente. Imaginou que ele não a tinha visto mesmo após ter tentado chamar a atenção dele, passando na frente da mesa, quando foi ao toalete. Lucrezia não estava habituada a ser rejeitada ou ignorada. Aquilo despertava sempre o seu pior lado, se bem que era difícil perceber se ela tinha algum lado melhor. Em Lucrezia tudo parecia excessivo, dramático e cruel.

Ela percebeu que o homem charmoso, de uns quarenta anos, aparentava indiferença em relação a tudo, exceto quando falava delicada e sedutoramente com os empregados, que pareciam adorá-lo. Enquanto saboreava a comida com vagarosa sensualidade, ele parecia se dedicar a pensamentos profundos, como alguém que está prestes a tomar grandes decisões. Lucrezia descobriu que ele era um *habitué* do restaurante e se chamava Miguel Besson. O empregado disse que sabiam pouco sobre ele, a não ser que era um empresário rico, que visitava a França com frequência e morava no Brasil. Aqueles detalhes aguçaram mais a curiosidade dela, agora disposta a reencontrar o homem misterioso.

Parecia claro que Miguel não estava ali naquela noite, mas estava Jean Luc, o jovem que ela escolhera anos antes para participar dos seus planos e, desde então, acompanhava o seu percurso. A presença de Sarah é que não estava prevista, pensou ela com o olhar frio.

À meia-noite Alessia e Kent pousaram no aeroporto Oliver Tambo, em Johannesburg. Daniel pediu que Miguel se afastasse do hospital, para evitar um encontro com eles, porque ninguém estava em condições de mexer em velhas feridas. Miguel acatou o pedido, mas a situação desfez a ilusão de que era um deles, lembrando-o que não pertencia à Ordem, por uma opção que, agora, parecia pesar demais, mantendo-o afastado de Elizabeth.

Daniel recebeu o terço das mãos de Alessia e dirigiu-se à UTI. Aquela parecia ser a última esperança de Elizabeth, antes de Miguel fazer o ritual negro, para arrancá-la da morte.

Daniel se debruçou sobre ela e percebeu que não tinha onde pôr o terço: os braços estavam enfaixados ou cheios de tubos que a inundavam com líquidos diferentes contra tudo e mais alguma coisa, e a cabeça tinha uma parafernália de instrumentos que a obrigavam a respirar. Pegou no pé direito, o único lugar do corpo sem faixas ou agulhas e colocou o terço. Ficou pacientemente ao lado da cama, esperando que os pequenos seres se revelassem, dando início ao trabalho de cura, mas os minutos passavam e tudo continuava

imutável.

Descobriu que o terço não funcionaria e foi dominado pela angústia. Elizabeth iniciara a viagem para o outro mundo e, em breve, o seu espírito abandonaria de vez o corpo. Tentou tranquilizar-se, decidido a salvá-la. Ainda tinha uma última carta. Sabia que não podia interferir nos ciclos de vida e morte e não devia resgatá-la. Havia um equilíbrio entre os mundos: se uma pessoa não voltasse voluntariamente e fosse resgatada da morte, outra teria que tomar o seu lugar. Daniel sentia-se responsável pelo estado dela e precisava resgatá-la mesmo sabendo que esse gesto o condenaria. Além de salvá-la, evitaria que Miguel se condenasse mais uma vez, com um ritual de magia negra, cujas consequências também poderiam recair sobre Elizabeth. Daniel estava disposto a trocar a sua vida pela dela e tinha plena consciência que a morte viria cobrar os seus dividendos.

Concentrou-se e após longos minutos a viu ao longe, presa pelo fio dourado que mantinha o espírito ligado ao corpo. Ela preservara a imagem anterior ao acidente e flutuava no espaço, como um ser etéreo, sem asas. Ela o reconheceu e tentou vir ao seu encontro.

— Daniel — chamou-o, como se estivesse em câmera lenta.

— Elizabeth, não rompa o fio. Eu vou até aí — aconselhou, aproximando-se dela.

— Tenho frio — murmurou devagar. Daniel reconheceu os sinais da morte. Tentou abraçá-la, mas ela perdera a densidade e o corpo estava se tornando mais leve, à medida que a morte a distanciava da vida.

— Precisa voltar, Elizabeth.

— Para onde? — perguntou desnorteada, fazendo-o compreender, finalmente, por que é que não retornara à vida: Elizabeth não reconhecia o seu corpo destruído. Com o receptáculo do espírito parcialmente destruído e irreconhecível, ela não tinha para onde voltar, e o espírito embrenhava-se mais e mais no profundo território da morte.

— Para ali — disse Daniel, apontando para a mulher deitada na cama da UTI.

— Não... Aquela não sou eu.

— É você. E eu preciso que volte. Por favor, Elizabeth... — pediu, carinhosamente, e ela sentiu pela primeira vez algo morno, em vez do frio que anesthesiava os seus sentidos. Daniel percebeu que estava criando uma ponte com ela. Qualquer que fosse o lugar sombrio em que alguém se encontrasse, o amor era uma força poderosa. Elizabeth ganhou densidade e o

cordão dourado diminuiu, aproximando-a do seu corpo físico. Mas ela insistia que o corpo da jovem destroçada não era o seu.

— Não posso entrar ali, Daniel. Não sou eu.

— É, sim — falou, aproximando-se mais e pegando-a pelas mãos, agora menos leves.

— Não posso ser eu, Daniel... — recusou Elizabeth.

— Você teve um acidente muito grave e, para melhorar, tem que voltar para ali — anunciou, apontando novamente para o corpo dela.

— Mas depois você não vai saber que aquela sou eu — defendeu, confusa.

— Vou, sim. Veja como eu estou ao seu lado, lá embaixo. O meu corpo está com o seu, enquanto o meu espírito está aqui com você. Vim buscá-la. — Ela o olhou com a atenção fixa, enquanto o corpo passava do estado gasoso ao sólido. Daniel estava a arrancá-la das mãos da morte. Inclinou-se sobre ela, pronto para beijá-la pela primeira vez, mas no instante em que os seus lábios estavam a milímetros de se tocarem Elizabeth se esfumou, como se alguém tivesse esticado o cordão dourado com força e a jogasse firmemente de volta para o corpo.

Ele levou alguns minutos para se recompor, retornando ao corpo devagar. Quando abriu os olhos viu que os pequenos seres mágicos, que habitavam o terço de marfim, começavam, finalmente, a espalhar-se na pele de Elizabeth. Saiu do quarto, confiante de que ela ficaria boa, consciente de que trocara a sua vida pela dela, e que a sua morte tinha hora marcada.

A melhora de Elizabeth foi imediatamente percebida: todos sentiram o aumento dos seus batimentos cardíacos e da sua energia. Quando Daniel entrou na sala de espera, havia uma sensação de alívio, e ele não precisou explicar nada.

— Onde está Dib? — perguntou, olhando em volta.

— Lá fora com Besson — respondeu Uchoa.

— Temos que resolver um problema — declarou Daniel, antecipando o que viria. — Elizabeth vai melhorar e precisamos levá-la daqui. Não temos como explicar a rapidez com que o metabolismo dela vai reagir: ela deve sair do coma em menos de vinte e quatro horas, e o seu processo de cicatrização já vai estar bastante avançado.

— Acho que ninguém se lembrou desse detalhe. Estávamos tão focados na recuperação dela que nos esquecemos dos detalhes práticos como esse —

falou Kent.

— Mas agora precisamos resolver — insistiu Daniel.

— Você parece... esgotado. O que aconteceu? — perguntou Seth, intuitivamente.

Daniel meneou a cabeça em sinal de negação e afastou-se em direção à porta dizendo:

— Vou ver se encontro Dib. Alessia, fique com Elizabeth e evite que as enfermeiras se aproximem, por causa do terço. Se necessário, guarde-o temporariamente. Está no pé direito.

Lá fora, a noite envolvia tudo com o seu silêncio. A luz dos candeeiros revelava, ao longe, as formas de Dib e Miguel recortadas no limiar das sombras, onde começava uma espécie de mato com arbustos e árvores, na parte de trás do hospital. Daniel aproximou-se deles. Estava exausto, mas resgatar Elizabeth sem uma preparação física e espiritual prévia, num gesto de impulso, tinha custado bem mais do que o esgotamento da sua energia. Custara a sua vida.

— O terço funcionou? — perguntou Dib, avaliando-o com atenção.

— Funcionou depois — respondeu, colocando Dib e Besson em estado de alerta.

— Depois do quê? — quis saber Dib.

— O que foi que você fez, De Payens? — questionou Miguel.

— Tive que ir buscá-la — confessou, sabendo que não poderia manter o seu gesto em segredo durante muito tempo.

— Como? — perguntou Dib num tom mais alto, ciente das implicações daquela atitude.

— O terço não funcionava. Precisava saber as razões e descobri que ela não voltava porque não reconhecia o corpo. Achava que não era o corpo dela e não tinha para onde voltar.

— Isso explica muita coisa. Mas significa também que você foi buscá-la à fronteira da vida e da morte — afirmou Dib, agora o observando com atenção redobrada.

— Sim. Ela já estava no penúltimo estágio que precede a morte. O cordão dourado estava mais fino, ela estava lenta e com frio, sem sensibilidade... — contou Daniel.

— Por que você fez isso? Eu disse que faria o ritual para salvá-la — perguntou Miguel com a voz irritada, apertando o braço de Daniel com uma força descomunal.

— O ritual que o condenaria? E talvez a ela também? O ritual que você não quer que eu saiba, por ser tão terrível? Sabemos o que significa, Besson: para salvar uma vida temos que dar uma vida. Você teria que dar uma vida em troca da vida de Elizabeth. É uma aritmética muito simples.

— Mas não era a sua vida, De Payens. Você é essencial. Demasiado importante para partir — respondeu Miguel, assombrado com a dimensão do sacrifício e da generosidade de Daniel.

— Sem você o equilíbrio entre o bem e o mal vai ser rompido — sussurrou Dib chocado, com o rosto curvado para o chão, como se estivesse lendo o futuro.

— Entre a justiça e a injustiça — reforçou Miguel, perturbado com a atitude de Daniel.

— Os outros sabem? — questionou Dib, sério, olhando para Daniel com angústia.

— Não... E vamos manter assim, por enquanto. Abordar este assunto agora não vai ajudar em nada — afirmou Daniel.

— Não sabemos quanto tempo temos para salvá-lo. Mas vou pensar numa solução — Miguel sentiu um aperto no peito. Não queria perder Daniel. Podiam ter estado distantes por séculos, mas ele continuava sendo o mais próximo que tinha de um irmão, depois de Arturo.

— Não, Besson. A troca está feita: a minha vida pela dela. Não quero mais interferências. — Daniel estava seguro da sua decisão.

— Eu troco com você — Dib tentou dizer, mas Daniel interrompeu-o, colocando a mão carinhosamente sobre o seu ombro.

— Dib, está decidido. Estou tranquilo com a minha decisão. Agora vamos pensar numa forma de tirar Elizabeth daqui, antes que percebam a sua rápida e injustificável recuperação.

— Não vou desistir de você — retorquiu Miguel. — Mas tem razão, precisamos pensar em Elizabeth.

— Temos que esperar até ela conseguir respirar sozinha. Isso deve acontecer nas próximas horas, antes de amanhecer. E depois temos que levá-la para o avião — afirmou Daniel.

— Basicamente temos que sequestrá-la do hospital, é isso? — questionou Miguel.

— Não vejo outra solução. Não há como explicar aos médicos o que vai acontecer com ela — Daniel fez uma breve pausa e recomeçou a falar, revelando um plano simples e lógico. — Seth vai tratar da questão do avião

para podermos levantar voo a partir das oito da manhã. Uchoa vai recuperar as bolsas de sangue que sobraram: não queremos que o analisem e descubram a nossa capacidade de regeneração. Alessia e Kent cuidam dos hotéis e das nossas malas. Eu e Dib levamos Elizabeth diretamente para o aeroporto. Besson, você terá que viajar no seu avião. Esqueci alguma coisa?

— E como pretendem tirar Elizabeth do hospital sem alvoroço? — perguntou Miguel.

— Não será complicado. Apesar da segurança, é fácil contorná-la pelo estacionamento da garagem. Eles me deram um cartão de livre trânsito para a garagem, que também dá acesso aos elevadores. É só descer no elevador direto para a garagem e sair — explicou Daniel.

— E se alguém aparecer no corredor ou no elevador? — inquiriu Miguel.

Daniel pensou por alguns segundos e por fim disse baixo, quebrando mais uma regra da Ordem:

— Vamos apagar a sua memória.

— Eu faço — ofereceu-se Miguel. — Vocês já quebraram regras demais nos últimos dias.

— Besson, eu faço — afirmou Daniel, consciente da sua morte eminente.

— Não — discordou Miguel, peremptório. — Eu faço o que for necessário e parto depois de vocês, para garantir que não ficou nenhuma ponta solta.

— Obrigado, Besson — disse Daniel, comovido pela ajuda dele, sugerindo cautelosamente. — O ideal era que o Dib e mais dois guardiões fossem com você, para não viajarmos todos no mesmo avião. Por questões de segurança.

— Por mim tudo bem. Algum problema de viajarmos juntos, Dib? — questionou Miguel.

— Não. E creio que Seth e Uchoa também não farão objeção.

— Ótimo. Então este problema está resolvido — rematou Daniel.

9. Um novo ciclo

Súbito, voltam à minha alma o movimento e o som — o movimento tumultuoso do coração e, em meus ouvidos, o som de suas batidas.

Edgar Allan Poe (1809-1849)

Elizabeth acordou no meio da viagem para São Paulo, como se despertasse de um sono profundo. Olhou em volta e Daniel foi a primeira pessoa que viu. Fez um esforço para focar as coisas, franzindo os olhos. Estava desnorteadada. Moveu o corpo e tudo lhe doía. Alessia aproximou-se da cama, no quarto do avião completamente ajustado às necessidades dela:

— Não se mova. Ainda não está boa.

— Onde estou? — perguntou, com a voz rouca e tênue.

— É uma longa história... — respondeu com carinho, querendo adiar a explicação para que ela se ajustasse primeiro.

— Quero saber o que aconteceu. Onde estou... — insistiu, sinalizando para que Alessia a ajudasse a sentar-se na cama. Alessia resumiu o acidente, enquanto Kent e Daniel se mantinham calados, sentados nos dois sofás posicionados em frente à cama. A memória chegou devagar, e ela recordou os acontecimentos até o momento em que os búfalos a massacraram com as patas possantes. As horas de agonia passadas desde então eram um tempo sem significado para ela. Só sabia que todo o seu corpo doía. Kent descreveu a luta para trazê-la de volta e a complexa cirurgia a que fora submetida. Ela ergueu a blusa do pijama, levantou a gaze e espreitou a linha reta que começava a se apagar, mas nunca desapareceria, e atravessava o meio do

corpo, do púbis ao início do peito. Depois passou a mão pela cabeça nua, sem um único cabelo. Pediu um espelho. Alessia hesitou e olhou para Daniel em busca de orientação. Ele moveu a cabeça em sinal de concordância. Elizabeth pegou o pequeno espelho redondo que Alessia lhe deu e avaliou o seu rosto ainda marcado por hematomas, como o resto do corpo. O pior era a ausência de cabelo. Arrancou o curativo, girando o rosto para o lado de modo a ver a linha escurecida da cicatriz exposta no lado esquerdo da cabeça. Ela parecia um menino desamparado, sem saber onde enfiar os olhos. Devolveu o espelho a Alessia, afundou a cabeça contra a almofada macia, chamando:

— Daniel.

Ele levantou-se e aproximou-se dela, em silêncio.

— Quero falar com você, por favor — pediu, tentando vencer a dor. Alessia e Kent deixaram discretamente o quarto e foram para a sala ao lado, onde havia quatro conjuntos de largas e confortáveis poltronas em volta de duas mesas.

— Desculpe — pediu, devagar.

Daniel meneou a cabeça lentamente e respondeu:

— Não foi por sua culpa. Eu devia ter previsto.

— Eu me lembro do que aconteceu — ela hesitou, avaliando o que dizer, mas depois de ter estado tão perto da morte, parecia-lhe válido falar de amor. — Vou aprender a controlar os meus sentimentos por você. Foi isso que desencadeou tudo.

Ele sentou-se na beira da cama e segurou gentilmente a mão dela. Agora que havia trocado a sua vida pela dela e já pressentia a mortalidade rondando, tudo adquiria um novo sentido de urgência. Deixara de possuir a vida toda para amá-la em silêncio e não tinha tempo para rejeitá-la ou brigar contra aquele amor. Falou com calma:

— Não se penalize. Eu sou responsável. Devia ter-me concentrado mais — inclinou-se para se aproximar mais do rosto dela e sussurrou como se partilhasse um terrível segredo que não podia sequer ser pensado: — O que eu quero dizer é que não foram apenas os seus sentimentos que provocaram isso. Foram principalmente os meus por você.

Ela o olhou surpreendida por ouvi-lo falar tão explicitamente e sentiu as lágrimas descerem pelo rosto. Chorava de alegria e tristeza: alegria por ele estar falando de amor, e tristeza por saber que ele jamais abdicaria do papel de guardião. Ficaram em silêncio, enquanto ele continuava segurando a mão dela. Ela apertou os dedos dele com força, como se o mundo inteiro estivesse

concentrado ali, nas duas mãos encaixadas uma na outra, onde nascia e morria o silêncio. Ele ergueu a outra mão e limpou as lágrimas dela com as pontas dos dedos. Ela tentou sorrir e perguntou:

— Foi você que me salvou, outra vez?

— Fui. Por quê?

— Vamos ter que parar com isso, de você me salvar o tempo todo.

— Enquanto eu puder salvá-la, está tudo bem — respondeu movendo o polegar sobre a pele delicada da mão dela, numa carícia suave que beirava a sensualidade. Ela estremeceu.

— Sonhei com você. Sonhei que flutuávamos.

— Não era um sonho. Você estava morrendo, Elizabeth — falou, esboçando um gesto para se levantar. — Agora precisa descansar.

— Não vá, por favor. Fique até eu adormecer — pediu, segurando-o pela mão, para impedi-lo de partir, como fazia quando era criança.

Ele assentiu com a cabeça e continuou sentado na beira da cama, segurando-a pela mão, enquanto ela mergulhava novamente no sono. Quando sentiu que a mão estava sem resistência, soltou-a e sentou-se no sofá em frente à cama vigiando o sono dela, vendo como a vida voltava para dentro dela. Encostou-se para trás e adormeceu cedendo ao cansaço.

Quase uma semana depois de chegar em São Paulo, Daniel viajou para Londres, atendendo ao pedido de Matthew Shaw. A situação na Europa era tensa, e a pressão sobre os investigadores era crescente, o que levava à decisão de sediar o núcleo em Londres, por não ser uma capital diretamente afetada. Mesmo assim Daniel percebeu, ao atravessar a cidade, que os ingleses estavam agitados.

Ao entrar na sala do Capitão Shaw, com suas paredes totalmente brancas, Daniel notou que ele mantinha uma frieza quase higiênica, que lhe permitia pensar. Até Bardas, que lá estava, esperando Daniel, parecia mais comedido, menos espanhol.

O dramatismo do caso não era apenas por terem sido assassinadas cento e catorze crianças, em sete países, mas também por não haver suspeitos ou pistas. Os investigadores não tinham encontrado nada: nem uma digital, uma fibra ou um fio de cabelo. A polícia estava às cegas.

Daniel cumprimentou primeiro o seu anfitrião, Matthew Shaw, e depois abraçou Bardas com afeto. Shaw ofereceu uma cadeira confortável, ao lado

de Bardas, e em frente à larga mesa, onde estavam pastas de arquivo milimetricamente organizadas. Instantes depois uma jovem inglesa, pálida e magra, vestindo um terno preto, trouxe uma bandeja com três copos de água e três copos de plástico com café, que colocou num dos cantos livres da mesa. Shaw agradeceu com um seco aceno de cabeça.

— A intenção é boa, mas o café é intragável — avisou Shaw, amistosamente.

Bardas manteve-se imóvel, sem se aproximar do café. Daniel agradeceu, pegou o seu copo e mesmo antes de dar o primeiro gole, percebeu o cheiro de café doce e queimado que antecipava o sabor horrível. Encostou os lábios no copo, para simular que tinha bebido, e devolveu-o à bandeja, sugerindo:

— Talvez possamos tomar um café lá fora enquanto falamos dos detalhes mais superficiais.

Bardas levantou-se com rapidez, parecendo impulsionado por uma mola invisível, e dirigiu-se para a porta do gabinete sem nem esperar a resposta de Shaw. Estava desesperado para tomar um bom espresso. A ausência de cafeína afetava o seu raciocínio. Shaw pegou o casaco, pendurado nas costas da sua cadeira, e vestiu-o sobre o *pulôver* cinzento escuro, encaminhando-se para a saída, onde Bardas os aguardava impaciente, com as mãos enfiadas nos bolsos das calças.

Dirigiram-se para o café que ficava do outro lado da rua, na frente do grande prédio estatal, cheio de gabinetes especiais de ar secreto e conspiratório. Shaw escolheu uma mesa discreta, encostada à parede e próxima da porta. Ele gostava de ter sempre alternativas de fuga, e aquele raciocínio estava tão enraizado que já se tornara parte do seu comportamento. Pediram cafés e água. Eram quatro da tarde e como Daniel ainda não tinha almoçado, pediu um folhado de legumes.

Bardas, ao perceber que a massa folhada estava crocante e revelava um cremoso recheio de alho-poró, cenoura e queijo ao molho branco, também comeu um salgado. Ficou feliz por descobrir mais uma opção de comida, já que a gastronomia inglesa não era das suas favoritas. Estava em Londres havia mais de uma semana e estava farto do *English stew*, o famoso guisado inglês, e da comida indiana, que enjoara durante as viagens anteriores. Também não era apreciador do *fish and chips*, o popular peixe frito com batatas fritas. Restava a comida italiana, mas a mulher tinha dito que ele estava engordando e precisava diminuir as massas e as pizzas. O restaurante espanhol próximo do seu hotel era excelente, mas caríssimo, não sendo uma

escolha para o dia a dia. A questão da comida o estava deixando mal-humorado e até uma simples xícara de bom café era difícil de conseguir no escritório em que estava alocado, próximo de Shaw. As máquinas de café, disponíveis em vários andares, eram horríveis, e sempre que Bardas precisava de um bom café tinha que interromper o trabalho para ir tomá-lo na rua. Terminou o folhado e o café sentindo-se muito melhor e, para finalizar, pediu mais um espresso curto. Shaw olhou para ele, espantado:

— Parece que não almoçou, Bardas...

— Não satisfatoriamente — respondeu, fazendo jus à velha franqueza espanhola, e surpreendendo Shaw, que o vira comer dois pratos de ensopado duas horas antes, no refeitório da polícia.

— Sente-se bem? — perguntou Shaw preocupado com o atípico comportamento do colega.

— Na verdade não, Shaw. Entre outras coisas, temos que resolver a questão do café com urgência. É vital para mim. O café contribui para o funcionamento do meu cérebro. Não posso continuar trabalhando à base de *English stew, fish and chips* e, ainda por cima, com falta de café — explicou apaixonadamente, como se destampasse uma panela de pressão e tudo voasse lá de dentro, sem aviso.

— Eu não tinha ideia! — exclamou Shaw surpreendido com a eloquência do discurso. Pelo visto o café era importante para Bardas, e ele também não apreciava a comida da cantina. Mas, em relação ao segundo ponto, Shaw solidarizava-se com ele.

— Bem, agora tem ideia — retrucou aliviado por finalmente ter compartilhado as suas angústias, provocando um sorriso em Daniel, que continuava bebendo o seu café calmamente, divertido com o diálogo dos dois.

— Bastava ter falado. Isto me pareceu um pouco... inflamado — afirmou Shaw, moderado.

— Lamento pela paixão ibérica. Mas o resto se mantém — insistiu Bardas.

— Vou pedir que resolvam a questão do café...

— Não, não, não... — interrompeu Bardas. — Eu trato disso pessoalmente. Amanhã vou comprar um café decente e uma pequena máquina de espresso, que vai ficar no meu gabinete. Na verdade, Shaw, você devia vir comigo, porque o ritual do café é um traço cultural extremamente importante. Combinado? — questionou Bardas, categórico, e bem mais calmo, ao perceber que a solução do problema se aproximava.

— Só preciso ver a verba do orçamento para isso — resmungou Shaw, pouco convencido da importância do café. Ele sempre preferira chá. E nisso tinha gostos bastante precisos. Negava-se a tomar aqueles chás de pacotinho em copos de plástico. Ou tomava um bom chá devidamente preparado e servido numa fina xícara de porcelana, ou preferia não tomar.

— Quanto à comida, acho que vou tolerar melhor se aumentar o consumo de cafeína — justificou Bardas.

— Não. A comida é um ponto importante. Também já não suporto — confessou Shaw.

— Ah... Você também? Parecia um grande apreciador do cardápio do refeitório — afirmou Bardas incrédulo, recordando a forma educada com que Shaw comera os diferentes *stews* e o peixe frito sem qualquer comentário ou expressão depreciativa.

— Não aprecio — concluiu Shaw, com o rosto impávido de sempre.

— Então, Shaw, vai ter que ser mais enfático nas suas expressões — riu Bardas, finalmente bem disposto com o rumo da conversa.

— Podemos usar o valor da refeição para comer em outro lugar, talvez com uma ligeira diferença monetária, mas deve compensar — sugeriu Shaw, satisfeito com o arranjo. A comida do refeitório estava destruindo o seu estômago e o seu humor.

— Agora que acertaram a alimentação, que também vai me afetar principalmente porque sou vegetariano, talvez possamos começar a tratar do caso... Vou pagar a conta e subimos para o seu gabinete, Shaw — disse Daniel.

— Sim... Mas eu pago — avisou Shaw.

— Eu convidei — argumentou Daniel dirigindo-se à caixa, seguido por eles.

— Você é vegetariano?! Ainda bem que não viu o *stew* lá do refeitório — comentou Shaw com um sorriso, olhando com cumplicidade para Bardas, pensando nos pedaços de carne boiando num caldo que mais parecia uma sopa. Aquilo seria uma visão dos infernos para Daniel.

— Imagino — respondeu Daniel.

Daniel olhou para os sete dossiês abertos sobre a mesa de Shaw. Cada um deles correspondia a um país diferente: Suíça, Áustria, República Checa, Alemanha, Holanda, Bélgica e França. Estavam organizados da esquerda para

a direita: do primeiro país onde tinham sido assassinadas as crianças ao último, a França. Embora a Suíça não fizesse parte da União Europeia e, portanto, não participasse diretamente do núcleo, as forças policiais haviam decidido colaborar.

Shaw gostava de ver alguns detalhes distribuídos num grande painel. Dizia que o ajudava a pensar e era parte do seu método, como a cafeína era parte do método de Bardas. Shaw já pedira que montassem um painel numa das paredes do gabinete, mas só chegaria no dia seguinte. Entretanto, tinha que se contentar com as informações sobre a mesa, enquanto os arquivos virtuais estavam no seu computador conectado a uma moderna televisão de cinquenta e cinco polegadas, cuja qualidade permitia ver até as mais ínfimas gotas de sangue de uma fotografia.

Não havia nada de diferente nas mortes: o *modus operandi* era o mesmo desde o início, exceto pela data dos assassinatos na França, que não aconteceu numa sexta-feira, como era habitual.

Após a análise dos corpos, os investigadores descobriram que os golpes fatais eram perpetrados pela mesma pessoa: um assassino canhoto, com agilidade surpreendente, que cortava a jugular de forma precisa e sem hesitação, exercendo a força necessária para romper a veia com um golpe cirúrgico. A polícia acreditava que o assassino mantinha cada uma das crianças de pé, com as costas voltadas para ele, segurando a sua testa com a mão direita para manter o pescoço firme, enquanto aplicava o golpe com a esquerda, num movimento de fora para dentro. Em seguida deixava a criança sangrar até a morte.

Nenhuma das crianças apresentava marcas de violência, com exceção do corte na jugular. Era difícil explicar como o assassino controlava tantas crianças simultaneamente, com aparente tranquilidade. Por isso, alguns investigadores acreditavam que talvez houvesse um ou mais cúmplices. Outros investigadores, especialmente os belgas, defendiam que estavam perante um *serial killer*, com um comportamento metódico e frio, que não cometia excessos de violência: desde o início, sequestrava um ônibus com crianças que apareciam mortas poucas horas depois. Era tudo programado, seguindo um mesmo roteiro, que era aplicado em cada país. A assinatura dos crimes era composta por um conjunto de fatores: o sequestro do ônibus sem testemunhas, o golpe perfeito e cirúrgico na jugular, as crianças drenadas e abandonadas, deitadas ao lado umas das outras, com as mãos cruzadas sobre o peito.

Shaw foi revelando os detalhes enquanto passava as fotografias na televisão, expondo as crianças abandonadas em filas exatas.

— Existe algo associado à precisão — comentou Daniel.

— Como? — perguntou Shaw, sem compreender o comentário.

— Algumas crianças são mais altas que outras, mas estão todas alinhadas pela cabeça, formando uma linha exata. Os pés é que são irregulares. Mostre-me a fotografia da Suíça, que foi tirada de lado. A anterior — Daniel apontou para a linha. — Entenderam?

Bardas e Shaw acenaram com a cabeça.

— Além disso, há a posição das mãos cruzadas sobre o coração: a esquerda embaixo e a direita por cima. Todas estão assim — continuou Daniel vagaroso, desenvolvendo o seu próprio raciocínio, como se estivesse entrando na cabeça do assassino.

— Percebemos que ele cria um cenário e as crianças são colocadas numa pose específica, sem erros — disse Shaw, pegando uma folha com vários tópicos sobre o perfil do assassino.

— Sim. E o que isso significa? — perguntou Daniel.

— Que é demasiado metódico — defendeu Shaw.

— O que nos leva a uma grande questão: se é tudo tão metódico, por que assassinou crianças em seis países diferentes, durante seis sextas-feiras consecutivas, de agosto a setembro, e de repente parou? E mais: por que começou a matar, não numa sexta-feira, como seria de esperar, mas no domingo, dia 7 de novembro? Isto deve significar alguma coisa — disse Daniel, acreditando que aquilo podia ser a chave para descobrirem algo importante.

— Sim... — anuiu Shaw. — Já nos questionamos sobre isso.

Daniel olhou para o relógio de pulso e disse:

— São quase sete da noite. Proponho que continuemos amanhã. Mas gostaria de levar cópias dessas fotografias comigo. Essas gerais, com as crianças deitadas, em fila. Pode ser, Shaw? — disse pondo a mão no bolso e tirando de lá um *pendrive*. Shaw copiou os arquivos.

— Copiei também as fotografias detalhadas para que possa estudá-las com mais calma. Estão separadas em pastas, uma por país — avisou Shaw, sistemático.

— Obrigado — agradeceu, consciente de que os arquivos eram confidenciais.

Miguel telefonava para Elizabeth todas as noites desde que haviam voltado da África.

— Como se sente hoje? — perguntou, com ternura.

— Melhor. Neste momento, estou até preocupada com coisas fúteis...

— O quê?

— A minha ausência de cabelo.

— É por isso que não quer sair de casa?

— Não — fez uma pausa breve, antes de dizer o que realmente a incomodava. — Tenho medo de perder o controle e causar mais um acidente.

— Compreendo. Mas vai ter que combater esse medo. O seu descontrole na África do Sul estava ligado a uma situação específica, com muitos gatilhos. Era tudo novo.

— E se eu me descontrolar num lugar público? Já imaginou?

— Vivemos com essa ameaça todos os dias. Não é apenas você. É uma luta assídua. Não pode se transformar em uma reclusa por causa do acidente.

— Eu sei... Estou ganhando confiança, antes de voltar a sair.

— E cabelo — brincou Miguel, contaminando-a com a sua boa disposição.

— Sim... Isso também — respondeu, rindo.

— Vamos sair um dia desses? Estou com saudades, e a última imagem que guardo de você não é das melhores — comentou, lembrando dela cheia de mazelas e tubos.

— Vou ficar bem, para sairmos. Prometo — respondeu comovida, com a constante atenção com que ele a rodeava.

— Uma promessa sua, é uma garantia. Você marca a data.

— Está bem.

— Telefone-me se precisar. A qualquer hora.

— Obrigada, Miguel. Até amanhã.

Falar com ela depois de vê-la tão próxima da morte deixava-o feliz. Porém, percebia que ela estava mais serena, sem aquele ímpeto juvenil que a incendiava e, por vezes, lhe inflamava o discurso.

Jean Luc e Sarah entraram em casa. As luzes estavam acesas, porém reinava uma quietude anormal. Eram sete da noite e, naquele horário, a casa estava sempre borbulhante, principalmente porque Marie-Thérèse convidara Sarah para experimentar uma nova receita, que pretendia servir alguns dias

depois, numa pequena homenagem ao embaixador alemão. Ela nunca servia nada nas suas festas que não tivesse testado antes e preferia que tudo fosse preparado na sua própria cozinha, sob as ordens do talentoso chef Giacomo, que contratara na Itália anos antes, depois de se encantar com a originalidade da sua culinária.

Jean Luc atravessou os corredores, levando Sarah pela mão, e percorreu várias salas enquanto se dirigia à saleta onde deveriam estar os pais. O silêncio começou a incomodá-lo e o fato de não cruzarem com nenhum empregado gerou uma estranheza crescente. Ao abrir a porta da saleta, percebeu que também estava vazia, e foi assaltado pela angústia, como se uma peça tivesse se desencaixado dentro dele. Solto a mão de Sarah por segundos e abriu a porta da sala de jantar. A mesa já deveria estar posta, mas não havia sinais da proximidade do jantar. Fechou a porta de correr e pegou novamente na mão de Sarah. Foi mais adiante e espreitou a biblioteca vazia. Ligou para os celulares, primeiro do pai e depois da mãe, mas os telefones tocavam até cair na caixa postal. Arrastou Sarah para a cozinha e a sua apreensão aumentou quando não encontrou ninguém. A moderna cozinha estava arrumada, com exceção de dois faisões que marinavam em vinho tinto, numa taça de vidro transparente, sobre a bancada de mármore, onde o chef Giacomo costumava preparar as carnes.

O silêncio adensava-se com o passar dos minutos e Jean Luc sentiu um aperto inexplicável na garganta e o seu coração batendo mais forte.

— Podem estar na adega, vendo os vinhos — sugeriu Sarah, tentando dominar o medo que se infiltrava dentro dela.

— Não. As chaves estão ali — respondeu, apontando para o enorme chaveiro à direita da porta da cozinha, onde estavam penduradas as cópias das chaves da casa.

Saíram para o enorme pátio, através da porta traseira da cozinha, e foram à garagem, atravessando as acomodações dos empregados e o pequeno chalé de Giacomo, mas reinava o mesmo silêncio compacto. Quanto mais Jean Luc andava, mais apertava a mão de Sarah, e angústia ia se transformando em pavor.

— Jean, está machucando a minha mão — sussurrou Sarah, quando voltavam para casa. Ele parou na porta da cozinha com os olhos turvos e respondeu como um autômato, sem conseguir expressar-se coerentemente, como se os pensamentos estivessem soltos:

— Desculpa, querida... é que...

— Eu sei. Vamos encontrá-los — assegurou, fazendo um gesto carinhoso no seu rosto perturbado. Ele acalmou-se temporariamente, sob a ternura de Sarah.

Continuou percorrendo a casa, levando-a pela mão, esforçando-se por não apertá-la, com a mesma força da angústia que o consumia. Subiu ao primeiro andar, a parte íntima da casa, pela larga escadaria de mármore. Eram quase sete e vinte. Foi direto aos quartos dos pais, os últimos do longo corredor que ficava à direita da escada. Sarah o seguia silenciosamente. Os dois quartos dos pais estavam vazios, com a porta de comunicação aberta, como era habitual.

Jean e Sarah viram a galeria de quartos, salas íntimas e banheiros do primeiro andar e não encontraram sinais da presença deles ou dos empregados. Era como se todos tivessem evaporado. Nada estava fora do lugar ou apresentava indícios de desordem, violência ou roubo. Os objetos adquiriam uma normalidade assustadora, comparados com a ausência de vida numa casa daquele tamanho. Agora, o normal é que parecia estranho naquele enigma.

— Não sei onde podem estar — disse ele, parando no topo da escada por alguns segundos, antes de voltar ao térreo, sem disfarçar o temor que se instalara definitivamente nos seus olhos.

— Só falta a adega, Jean — sugeriu Sarah de novo.

— Sim... Mas não vejo como podem estar todos na adega. Fazendo o quê? A adega está fechada — argumentou, dirigindo-se à cozinha, para pegar a chave.

Desceram devagar. Jean Luc sentia as mãos geladas e trêmulas, e o peito muito apertado, como se o coração tivesse triplicado de tamanho e não coubesse mais ali. Enfiou a chave na porta e rodou-a, apreensivo. Nesse momento, a adrenalina havia dominado todos os seus sentidos. A possibilidade de alguém estar por trás daquela porta fechada só podia ter um significado terrível. Antes de abrir a porta respirou fundo, enfiando todo o ar possível nos pulmões, como se fosse atirar-se num mergulho longo e profundo. Empurrou a porta devagar e entrou. A luz estava propositalmente acesa e o espetáculo apresentou-se de imediato aos olhos. No centro vazio da adega, sob o chão frio, estavam todos deitados e alinhados, com as mãos cruzadas sobre o peito, como se dormissem.

Jean Luc deu uns passos até o pai, a primeira pessoa da fila. Do seu lado estava a mãe, e a seguir os empregados. Ao todo, eram onze pessoas. Ele

ajoelhou-se, como se tivesse perdido a sustentação e caísse no chão. Sentiu o frio da pedra entrar pelos seus joelhos e quando esticou a mão para tocar no rosto do pai, Sarah o impediu, e disse baixo, mas firme:

— Não toque em nada, Jean. Temos que chamar a polícia.

Ela pegou o celular e ligou para a polícia explicando o que tinha acontecido. Eram sete e quarenta e, em menos de meia hora, a casa foi invadida por gente estranha e uniformizada.

Étienne Bergès, diretor da Divisão de Homicídios de Paris, tinha cinquenta e cinco anos e estava com um mau humor impossível de descrever. Desde a morte das crianças, uma semana antes, não dormia, assombrado pelas imagens daquele que considerava o pior caso da sua carreira. Nessa noite deveria viajar para Londres, onde se encontraria com os colegas do núcleo para tentarem descobrir alguma pista que os levasse ao responsável por aquele caso macabro. E quando a única coisa que parecia aliviá-lo estava tomando forma e ele se encontrava relativamente feliz a caminho do aeroporto, de onde seguiria para Londres, o celular tocou. Étienne reconheceu o número do seu assistente, Andre Mopellier, e soube que só poderia ser mais um problema.

— *Merde!* — resmungou. — O que aconteceu? Ainda nem saí de Paris.

— Senhor... — pelo tom de voz desesperado de Andre, ele percebeu que o problema não era apenas grave, mas devia ser uma coisa monumental.

— Ah! Tenho até medo de perguntar o que aconteceu. Diga, Andre — falou Étienne acendendo um Gauloise, indiferente ao ataque de tosse que provocou no motorista da polícia, que dirigia ao seu lado. Escutou calado o breve resumo do assistente, interrompendo-o apenas para dizer ao motorista:

— Volte para trás, Marcel. Vamos para a casa dos Messie — deu uma longa tragada no cigarro, e falou para Andre, do outro lado da linha. — Pode continuar...

Étienne era alto, magro e um fumante inveterado. Estava no seu segundo casamento, vivendo uma crise provocada pela descoberta de que já não amava sua mulher, Rose, mais precisamente, que já não era capaz de suportá-la. Esse fato, adicionado ao caso dos Anjos Caídos, deixava os seus nervos em frangalhos. Sair de Paris, por alguns dias, era a oportunidade ideal para pensar com tranquilidade nos dois assuntos que tanto o incomodavam. Mas agora surgira mais um imbróglio: o assassinato dos Messie, um importante

casal da alta sociedade parisiense.

Quando chegou à casa dos Messie, Étienne abandonou os pensamentos sobre a sua vida pessoal, para se concentrar no novo problema.

10. O massacre de Babi Yar

Era um panorama mais aterrorantemente desolado do que se torna possível à imaginação humana conceber.

Edgar Allan Poe (1809-1849)

Após muita insistência de Dib, Elizabeth cedeu e o acompanhou à sede da Ordem. Era a primeira vez que saía de casa desde que voltara da África do Sul. Saíram no meio da tarde, e a temperatura estava morna, com a ameaça de um friozinho para o final do dia. As flutuações meteorológicas de São Paulo tornavam o tempo totalmente imprevisível.

Kent, Alessia, Uchoa e Seth estavam na Biblioteca, o lugar privilegiado do estudo e, também, do convívio. Todos estavam preocupados com o caso das crianças e a ausência de pistas, mas Elizabeth estava incomodada com algo específico: queria que Kent explicasse os comentários que fizera sobre Miguel durante a última reunião da Ordem, e aquela parecia uma boa oportunidade para esclarecer as suas dúvidas:

— Kent, você disse que me contaria os motivos da sua raiva contra Miguel. Pode ser agora?

Dib interveio, acreditando que as revelações sobre Besson não deviam ser feitas naquele momento por duas razões: Elizabeth precisava de tranquilidade para descobrir o assassino das crianças e Daniel estava ausente.

— Sugiro que deixemos isso para depois, quando Daniel voltar — disse, mas Kent não estava disposto a calar-se e Elizabeth queria chegar ao fundo da questão e acabar de vez com aquele mistério.

— Acho que está na hora de Elizabeth saber qual o papel de Besson em alguns dos massacres mais sangrentos da história — respondeu Kent, como se tivesse aguardando pacientemente por aquele momento.

— Não é possível — respondeu Elizabeth, na defensiva.

— Besson participou da Segunda Guerra Mundial, ao lado de Hitler — disse Kent, com um discurso cru onde se adivinhava a exposição de uma torrente de crueldades.

— Ele pode ter participado da guerra, mas não era necessariamente nazista — respondeu Elizabeth, lembrando que a marca Sigel, das ss, tatuada no braço de Daniel, também parecia revelar um envolvimento com Hitler. Mas, naquele contexto, embora não soubesse o que pensar, tinha que defender Miguel. Não podia acreditar que ele tivesse sido um nazista.

— A participação de Besson foi profunda. Percebe-se a sua influência em vários pontos do nazismo — frisou Kent com os dentes apertados, para evitar expor toda a sua ira e dor. — Hitler era vegetariano, não fumava nem bebia, e nisso foi influenciado pela doutrina cátara da pureza. Uma doutrina que chegou até ele através de Besson.

— Há outras influências, historicamente provadas — rejeitou Elizabeth.

— Há, mas nenhuma foi mais forte que a influência secreta de Besson. Garanto. Dou ainda outro exemplo, entre os vários que existem. Durante a Segunda Guerra, os nazistas empreenderam uma verdadeira caçada a todos os objetos místicos, que Besson conhecia: a Arca da Aliança, que tinha o poder de vencer exércitos, o Cálice de Cristo, que é o fundamento simbólico da pureza do sangue ariano, a Lança do Destino, que feriu Cristo na Cruz, o anel de Gengis-Khan com a Suástica gravada...

— Miguel não era o único que sabia da existência desses objetos — interrompeu Elizabeth. — Além disso, os nazistas não os encontraram.

— Infelizmente encontraram alguns. Sabe-se que eles conseguiram a Lança do Destino no dia 12 de março de 1938, o dia em que a Alemanha invadiu a Áustria — Kent fez uma pausa antes de acrescentar uma informação que sabia ser do interesse de Elizabeth. — Também procuraram uma pedra fantástica, conhecida como Pedra Negra ou Pedra de Lilith, e que não era outra senão a Esmeralda de Salomão.

— Encontraram a esmeralda? — perguntou, lembrando-se imediatamente que aquela era a esmeralda que estava na base do punhal que assassinara a sua mãe.

— Pensamos que não, mas não sabemos como foi parar nas mãos do

assassino da sua mãe e da sua avó — mentiu Kent, que acreditava na participação de Miguel nas mortes de Angelina e Anabelle, ciente de que aquele assunto teria que ser tratado por Daniel.

— Nada do que me contou prova que Miguel era nazista. Os princípios que integram a filosofia nazista podem ter origem noutras fontes. Muitos vieram do hinduísmo, do ocultismo, dos antigos mitos germânicos... — revelou, mostrando que conhecia o tema.

— Sim — concordou Kent. — Mas há mais, Elizabeth. O objetivo oculto do nazismo foi o holocausto, o sacrifício de milhares de vítimas. Assassinar tanta gente inocente era um rito sacrificial, um rito de morte, que lhes permitia adquirir poder. E a guerra possibilitou isso com a participação de Besson.

— Como é que Miguel ajudou ou participou nisso?

— Antes precisa conhecer o contexto... Você já ouviu falar dos *Einsatzgruppen*? — perguntou ele.

— Vagamente.

— Eram os esquadrões de morte, grupos anteriores aos campos de extermínio. Eles acompanhavam o exército e assassinavam as populações. Primeiro eliminavam os homens para diminuir o risco de qualquer ameaça, depois assassinavam as mulheres e as crianças. Jogavam os corpos em valas imensas, uns sobre os outros... — Kent falava com a voz exaltada e as mãos crispadas, incapaz de se conter, visivelmente perturbado pelas lembranças. — E sabe quem comandava esses grupos? Besson!

— Não é possível, Kent — negou, horrorizada. Levantou-se, de repente, e a cadeira tombou atrás dela, batendo estrondosamente contra o chão. Uchoa endireitou a cadeira e segurou o braço dela, tentando acalmá-la. Os olhos dela ferviam entre a descrença, a repulsa e a angústia. Ela queria respirar e não conseguia: faltava-lhe o ar. — Alguém viu o Miguel? — perguntou ela, depois de respirar fundo, tentando racionalizar e descobrir se havia provas que sustentassem o relato de Kent.

— Eu estava lá. Sou um dos quatro sobreviventes do massacre de Babi Yar, na Ucrânia, em 1941. E vi Besson entre as tropas de comando de Hitler, com os *Einsatzgruppen* — anunciou, cedendo ao peso da memória. — Eles dizimavam populações inteiras em horas. Em Babi Yar mataram trinta e três mil judeus em dois dias. Foi depois disso que surgiu a ideia dos campos da morte, que começaram a funcionar em 1942.

— E os *Einsatzgruppen* pararam? — perguntou, com esperança que

tivessem terminado.

— Não. Continuaram até o final da guerra. Eles eram o holocausto em movimento. E Besson participou desses grupos. É isso que precisa compreender — falou mais devagar, como se tivesse tirado um imenso fardo das costas, e agora não restasse mais nada, senão a exaustão.

— Por que Miguel participaria dessas mortes terríveis? Por quê? — perguntou Elizabeth, esforçando-se por dominar o choque que a revelação lhe causara e tentando encontrar alguma explicação para o comportamento de Miguel.

— Não sei. Mas acredito que ele fez parte de outras barbaridades — avisou Kent para não deixar dúvidas sobre o lado obscuro de Besson. Elizabeth não quis escutar, embora imaginasse que nada podia ser pior do que a participação no holocausto. Mas, apesar do relato de Kent, e do silêncio de todos, custava-lhe acreditar que Miguel tivesse participado de todo aquele horror. Alguma coisa dentro dela, talvez aquela sua voz interior que se tornara cada vez mais firme, lhe dizia que aquilo não era possível. Miguel não podia ser aquele monstro cruel que Kent revelara com tamanha precisão.

Pediu que Dib a levasse para casa e nessa noite não atendeu o telefonema de Miguel. Não era capaz de falar com ele até descobrir qual fora o seu papel naqueles eventos macabros.

Étienne Bergès possuía uma aura mítica: era o inspetor com maior número de casos resolvidos na história da polícia francesa. A sua argúcia era tão famosa que as pessoas tinham certo receio que ele descobrisse coisas íntimas sobre elas, e ficavam na defensiva quando ele andava por perto. Ele divertia-se principalmente quando percebia a resistência dos novatos em fixá-lo nos olhos, como se ele pudesse ler pensamentos. E aquilo era exatamente o que os denunciava. Quanto maior era o receio que sentiam, mais tinham a esconder e Étienne precisava de muito pouco para descobrir o que queriam ocultar: a noitada de bebedeira, a traição, a jogatina. Eram coisas simples que se refletiam na postura do corpo, na forma como atendiam um telefonema, na camisa amarrotada às oito da manhã. Detalhes que não escapavam ao olhar bem treinado de Étienne. Era um dos seus grandes trunfos, juntamente com uma memória prodigiosa e um brilhante raciocínio dedutivo, desenvolvido ao longo dos trinta e dois anos de polícia.

Porém, naquela noite, estava sem disposição para brincadeiras e assim que

saiu do carro pressentiu que aquele caso só lhe traria dissabores, exatamente como o caso das crianças. Ao longe, atrás do muro, via os fotógrafos e as câmeras de televisão que quase o haviam impedido de atravessar o portão no frenesi da busca por notícias.

Andre o aguardava, com o rosto excessivamente preocupado. Étienne perguntou com a sua voz de fumante, macia e um pouco enrouquecida:

— O que foi?

— É melhor ver pessoalmente — respondeu o assistente, usando a estratégia que anunciava sempre péssimas notícias.

Étienne colocou as proteções sobre os sapatos, calçou as luvas de látex e entrou na casa com passos lentos, observando tudo com atenção enquanto se encaminhava para a adega, o verdadeiro cenário do crime. A sua presença era suficiente para trazer ordem e silêncio ao local.

Assim que chegou à adega entendeu os motivos da preocupação de Andre: as vítimas estavam posicionadas exatamente da mesma forma que as crianças, em fila, com as mãos cruzadas sobre o peito, a direita sobre a esquerda. A possibilidade dos dois casos estarem relacionados provocou-lhe uma sensação de náusea, porque todas as possíveis teorias que haviam construído até ali pareciam ter caído por terra.

Aproximou-se dos corpos e percebeu que não haviam sido mortos da mesma forma que as crianças: em vez do golpe na jugular, todos tinham um golpe no lado esquerdo do corpo, que parecia ter atingido o coração. O ferimento aconteceu com uma lâmina relativamente estreita. Mas o espantoso era a ausência de sangue, e com exceção de pequenas gotas sobre a roupa e o chão, não havia uma quantidade que justificasse a morte.

— Isso não é nada bom — resmungou Étienne.

— Estão com a mesma pose das crianças. Acha que foi alguém que imitou o caso, para nos confundir? Vazaram algumas fotografias na internet... — comentou Andre.

— Ainda é cedo para tirar conclusões, mas acho pouco provável que seja uma imitação. Já fotografaram tudo? E o médico-legista?

— O médico já liberou os corpos, mas ainda estamos filmando e fotografando os detalhes — anunciou Andre seguindo Étienne, que andava com passadas lentas escrutinando tudo com minúcia. Depois de cinco minutos de profunda análise do local Étienne perguntou, com base no breve resumo que Andre tinha feito previamente por telefone:

— Então foi o jovem Messie que encontrou os pais?

— Sim. Junto com a namorada, Sarah. Estão lá em cima, na sala... bem, numa das salas. Achamos que devíamos deixar que o senhor o entrevistasse. O Jean Luc está muito abalado. Muito abalado mesmo — insistiu Andre.

— E a namorada também está abalada? — questionou Étienne, porque naquele momento tudo e todos lhe pareciam suspeitos.

— Sim, mas menos. Percebe-se que ela está se esforçando para manter o controle, talvez para poder apoiá-lo.

— Vamos lá falar com eles — disse, memorizando os nomes de Jean Luc e Sarah, e seguindo Andre, que se colocou ao seu lado, para guiá-lo pelo labirinto de salas.

Em Londres, Bardas entregou a Daniel um *pendrive* com as fotografias de todos os que haviam contatado Dimitri Sergeevich durante o tempo em que a polícia o vigiara. Também o convidou para jantar, mas Daniel preferiu comer algo frugal e ficar no quarto do hotel analisando as fotografias das crianças em busca de algo que pudesse ter escapado aos investigadores. Embora achasse difícil descobrir novidades, sabia que a sua intuição ia sempre além dos olhares comuns, captando detalhes que escapavam à esfera humana.

Depois de comer uma sopa cremosa de champignons e dois crepes de legumes, avaliou as fotografias por ordem crescente, do primeiro crime, na Suíça, ao último, na França. As cenas do crime eram similares: descampados onde as crianças eram alinhadas com as roupas arrumadas e as mãos cruzadas. Os investigadores haviam descartado que aquelas fossem as cenas originais dos crimes por não haver sangue ou outros vestígios no solo. Era um mistério como alguém tinha posicionado as crianças sem nunca ser visto, porque eram locais ao ar livre, expostos e próximos de centros urbanos.

Daniel olhava para as fotografias e, assim como Bardas, não conseguiu deixar de pensar em Alejandra, a jovem assassinada em Madrid que havia sido encontrada sobre um banco de jardim, sem uma gota de sangue no corpo. Paco Fuentes, o “Assassino das Virgens”, jurava que a morte de Alejandra, e de outras jovens que assassinara durante anos, era parte de um ritual que o mantinha jovem e poderoso. O certo é que, um ano após a sua prisão, Paco sofreu uma doença degenerativa que o matou em uma semana, sem que os médicos conseguissem explicar a velocidade do fenômeno. Paco jurou até o fim que tinha mais de cento e cinquenta anos. Ele foi convenientemente rotulado como esquizofrênico e o caso ficou por ali. No

entanto, Daniel e Kent perceberam, na ocasião, que havia algo de maligno sob tudo aquilo, embora não tivessem descoberto o que era.

Agora que Daniel estabelecera aquela ligação, ao observar minuciosamente as fotografias, percebia cada vez mais semelhanças: Alejandra também havia sido encontrada num espaço aberto, tranquilamente deitada, com as mãos cruzadas sobre o peito, a esquerda por baixo da direita, e duas marcas na jugular, por onde se esvaíra lentamente o sangue. No caso dos Anjos Caídos, certamente por serem muitas crianças, a drenagem não podia ser lenta, e por isso o assassino optara por um método mais rápido. Mas havia mais semelhanças do que diferenças entre os dois casos, o que reforçava a ideia de uma relação entre o assassinato de Alejandra, tantos anos antes, e o assassinato daquelas crianças. E essa possibilidade significava que apesar de serem assassinos diferentes, tinham em comum a mesma filosofia, tratando-se, portanto, de um ritual relacionado com a aquisição de poder, como eram, na essência, todos os ritos de magia negra. No final, independente dos objetivos, tratava-se de conseguir algo difícil ou impossível de alcançar por meios normais, sendo o ritual um exercício que abria as portas a algum tipo de poder. O preço a pagar seria sempre excessivo, muito caro.

Aquela descoberta abria um novo caminho na investigação, e revelava que as crianças eram assassinadas por motivos obscuros, estando descartada a possibilidade de um *serial killer*. O fato de se tratar de um ritual explicava o cuidado com os detalhes e a repetição sistemática das cenas do crime nos diferentes países. O assassino era metódico não por ter qualquer distúrbio de personalidade, mas porque precisava repetir o ritual com precisão. Embora Daniel já suspeitasse, agora tinha certeza de que os assassinatos eram ritualísticos. Porém, em vez dessa certeza o apaziguar, deixou-o angustiado. Estavam agora no reino da maldade pura: o assassino era alguém que se fortalecia com as mortes das crianças. E cabia a Daniel explicar aquilo aos investigadores, de forma racional.

Étienne entrou na sala onde Jean Luc e Sarah estavam sentados num pequeno sofá, de mãos dadas, um do lado do outro. Ele parecia apertar tanto a mão dela que os seus dedos estavam com os nós quase brancos. Depois de ver os pais sem vida, deitados sobre o chão frio da adega, não tinha dito mais uma palavra. Mesmo quando um dos detetives de homicídios falou com ele, foi Sarah quem respondeu às perguntas. Ele mantinha o rosto virado para

baixo, com o olhar fixo no chão e o único sinal de vida era o elo que mantinha com Sarah através da mão fechada em torno da dela, como se ela lhe desse uma dimensão terrena que parecia escapar desde a morte dos pais.

Étienne puxou suavemente uma cadeira, sentou-se na frente deles e começou a falar sem pressa, preparando-se para arrancar o jovem do mutismo em que mergulhara:

— Sou Étienne Bergès, da Divisão de Homicídios de Paris. Vou investigar este caso, mas preciso da sua ajuda, Jean Luc. Você e Sarah foram as primeiras pessoas a ver os seus pais e temos que conversar sobre isso. Sei que é muito doloroso, mas precisamos fazer isso agora, Jean Luc — repetiu o nome dele para chamar a sua atenção.

Jean Luc levantou os olhos do chão e fixou-se em Étienne, vendo um rosto sereno, de belos traços, com cabelos brancos. Étienne lhe transmitiu uma imediata sensação de tranquilidade, no meio daquele caos que tinha invadido a casa, como um furacão louco.

— Podemos conversar aqui ou prefere outro lugar? — perguntou Étienne, atencioso.

— Podemos continuar aqui. Era a saleta preferida da minha mãe — Étienne percebeu a breve hesitação do jovem antes de dizer o verbo no passado, lutando para assimilar a violenta realidade e verbalizá-la de forma correta. Jean Luc parecia calmo, tinha aquela imagem de quem se habituara desde muito cedo a não expor as emoções em público, mas Étienne sabia que ele estava mergulhado num grande sofrimento. Leu todos os sinais: os olhos muito brilhantes pelas lágrimas ocultas, a boca crispada, as palavras ligeiramente enrouquecidas pelo nó na garganta, e a mão apertando a de Sarah, como um naufrago que se segura à última possibilidade de salvação. Também observou Sarah: era pouco mais nova do que ele e tentava parecer tranquila, mas estava longe de ter o autocontrole de Jean Luc. Havia vestígios de lágrimas nos olhos e a boca estava trêmula, tentando segurar o choro. Étienne teve certeza de que ela desabaria primeiro do que Jean Luc.

— Quer chamar o seu advogado? — sugeriu Étienne, com a sua ética impecável. Detestava aproveitar-se da fragilidade das pessoas e sabia que se Jean Luc fosse o assassino não haveria advogado que o impedisse de descobrir a verdade.

— Já telefonei. Ele deve estar chegando — respondeu Sarah, com a voz não muito firme.

— Então vamos esperar — sugeriu Étienne.

— Obrigado, mas não é necessário — respondeu Jean Luc com firmeza inesperada, como se tivesse acordado de repente.

— Tem certeza? — insistiu Étienne.

— Sim.

— Conte-me o que aconteceu desde que entraram em casa. Posso gravar? — pediu Étienne com calma, fazendo um pequeno sinal para Andre providenciar água para todos.

Nesse momento a porta da saleta abriu-se e entraram dois advogados que aconselharam Jean Luc a não dizer nada. Pediram para falar com ele a sós antes de qualquer contato com a polícia, mas Jean Luc limitou-se a acenar a cabeça ligeiramente, mostrando que compreendera a mensagem deles, antes de convidar:

— Sentem-se, por favor, senhores. Vou dar o meu depoimento agora e não gostaria de ser interrompido. Isto é doloroso para mim. — Aquele posicionamento, feito com um estupendo autocontrole, maravilhou Étienne, que se tornou um secreto admirador do jovem Messie. Depois pegou um dos copos de água que alguém trouxera, bebeu um gole e pousou-o na mesa ao lado do sofá, sem nunca soltar a mão de Sarah.

— Podemos começar, *Monsieur Étienne*. E pode gravar — disse Jean Luc, contando pormenorizadamente a deambulação que ele e Sarah haviam feito até encontrarem os pais e os empregados na adega, não omitindo a estranheza e o temor que sentiram durante a busca. Contou também que Sarah o impedira de tocar nos pais e ela é que chamara a polícia. Quando terminou, Étienne perguntou:

— Os seus pais têm uma grande coleção de obras de arte, não é?

— Sim. É um fato do conhecimento público.

— Sei que não teve tempo para pensar sobre isso, mas pode verificar se falta alguma peça? Talvez os seus advogados possam nos dar uma lista e fazer uma auditoria para ver se está tudo aqui — sugeriu Étienne, amigavelmente.

— Sim — respondeu Jean Luc olhando para os advogados, reforçando o pedido de Étienne. — Acha que mataram os meus pais para roubar algum objeto de arte?

— Talvez. Por quê?

— Bastaria virem aqui quando eles não estivessem, mesmo com os alarmes e a segurança. Não justificaria assassinar a todos.

— Com certeza os seus pais têm cofres e os criminosos podiam desejar os

códigos. A sua mãe guardava as joias em casa?

— Algumas. As mais valiosas estão no banco. Mas vou avaliar o conteúdo dos cofres...

Depois de responder a todas as perguntas de Étienne, Jean Luc questionou:

— Há mais alguma coisa que queira saber, *Monsieur*?

— Por enquanto não, Jean Luc — respondeu Étienne, impressionado com o jovem.

— *Monsieur* Étienne, gostaria de saber quando vão liberar os meus pais.

— Em vinte e quatro horas. Vou priorizar este caso — afirmou.

— Muito obrigado. Vamos preparar a cerimônia e providenciar tudo o que for necessário para a polícia. Até a data do funeral, gostaria de ficar na intimidade da minha casa.

— Não tem outro local para ficar? — perguntou Étienne.

— Prefiro ficar aqui — respondeu Jean Luc.

— Vamos deixar aqui dois policiais para garantir a sua segurança. Não sabemos as razões do crime e a partir deste momento vai andar escoltado. Além disso, a adega estará selada até desvendarmos o caso — disse Étienne, despedindo-se de todos.

Jean Luc tinha uma personalidade forte sob a polidez da educação, mas estava verdadeiramente afetado pela morte dos pais. Sarah era doce e tentava parecer forte, mas não tinha estrutura para aguentar o choque. Étienne podia jurar que nenhum dos dois estava envolvido com nada que estivesse ligado à morte dos pais dele. E ele raramente se enganava. Mas não podia ainda excluí-los da lista de suspeitos até ter provas concretas de que eram inocentes.

Dimitri Sergeevich estava vendo o telejornal, depois do jantar, junto com alguns outros presos privilegiados, quando deu um salto, como se tivesse sido picado por uma serpente. Levantou-se, atravessou rapidamente a sala de televisão para aumentar o som e fez um sinal com a mão pedindo silêncio. Ficou imóvel ao lado da televisão, com o rosto frio, até ouvir a notícia toda. Quem o observasse perceberia que a morte do casal francês o tinha perturbado, mas ninguém se atrevia a dar um ai enquanto Dimitri não se movesse. A notícia não era longa: o casal Messie tinha sido assassinado juntamente com todos os seus empregados, mas o filho estava ileso, porque se encontrava na casa da noiva no momento do crime. A polícia não dera

detalhes para não comprometer a investigação. Dimitri sabia bem que a polícia só apelava para o sigilo e o argumento do comprometimento da investigação em duas situações: quando já sabia tudo e estava pronta para fazer uma prisão, ou quando não sabia literalmente nada. E parecia que, naquele caso, a segunda hipótese era a mais provável. Após a notícia terminar, continuou mais alguns segundos de pé, parado quase na frente da televisão, antes de abandonar a sala com passos largos, decidido a descobrir quem matara Charles Messie, a única pessoa que o tratara sempre da mesma forma generosa e não o abandonara naqueles meses de prisão. Dimitri seria libertado no final do mês, mas mesmo assim, aquele tempo lhe parecia muito longo para vingar a morte do amigo.

Foi para a sua cela pensando nas razões para aquele assassinato e a única coisa que lhe ocorreu foi a de que os Messie haviam sido mortos por causa das suas famosas e fenomenais obras de arte. E aquele era o seu reino: o obscuro mundo do mercado paralelo, das artes roubadas. Imaginou que alguém entrara na casa para roubar, mas não fazia sentido que fosse durante o dia, com todos os empregados por lá. Até um incauto escolheria um dia e um horário tranquilo. Dimitri não tinha informação suficiente para desenvolver uma teoria que explicasse o trágico evento. Porém, a partir daquele instante, descobrir o assassino de Charles Messie passou para o topo das suas prioridades. E a sua segunda prioridade era conseguir o famoso Punhal das Almas para oferecer ao jovem Messie, como o seu pai tanto desejara.

11. O caso Messie

*Quando se planeja, nenhuma manobra deverá ser inútil; na estratégia,
nenhum passo em vão.*

Sun Tzu (544 a.C.-496 a.C.)

Daniel decidiu enviar a informação sobre os contatos de Dimitri Sergeevich para Miguel.

— Besson. Acordei-te? — perguntou.

— Não — mentiu, com a voz bastante controlada, para quem acabara de ser arrancado do sono. — Mas preciso de um café.

— Enquanto prepara o seu café, me escute: vou enviar os arquivos que Bardas me entregou.

— Pensei que quisesse analisá-los comigo — comentou, surpreso com o voto de confiança de Daniel. Sabia que ainda havia muito para resolver entre eles, mas desde que tinham estado na África do Sul, a ligação estava se restabelecendo de modo menos tenso.

— Estou sem tempo agora e acho que não devemos atrasar mais isso.

— Também acho. Não estou com uma boa... intuição — comentou, depois de um generoso gole de café.

— O que quer dizer?

— Pressinto que vamos ter muitos problemas para conseguir esses objetos — disse Miguel, sério.

— Compreendo. Alguma sugestão? — perguntou Daniel, consciente de que os guardiões, principalmente Kent, também não estavam com um bom

pressentimento. E ele também não.

— Temos que nos apressar — avisou Miguel.

— Vou enviar uma cópia do arquivo criptografado para o seu e-mail. A chave para acessar a informação vai por mensagem, para o seu celular.

— Assim que receber, vou comparar com os dados que tenho, mas acho que sei quem tem os objetos — disse Miguel, pousando a xícara vazia sobre a bancada da cozinha.

— Quem?

— Charles Messie, um colecionador de arte francês que fazia parte da nossa lista. Ele foi assassinado ontem, no final da tarde, aqui em Paris.

— Você está em Paris? — estranhou Daniel, pensando na coincidência de Miguel se encontrar de novo em Paris no dia em que foi cometido mais um crime.

— Sim... — disse Miguel — Por quê?

— Nada — respondeu Daniel. — Achei que estivesse em São Paulo.

— Cheguei ontem pela manhã — contou Miguel, começando a descrever o caso dos Messie. — Ninguém sabe nada sobre os assassinatos, mas há muita especulação porque a polícia não soltou nenhuma informação. Parece que o único sobrevivente foi o filho. Mataram todos os que estavam em casa: o casal Messie e os empregados, onze pessoas ao todo.

Daniel ficou um segundo em silêncio avaliando a situação, antes de perguntar:

— Também não se sabe por que foram assassinados?

— Não há qualquer informação oficial.

— Isso não é um procedimento normal... — comentou.

— Parece que a polícia vai fazer uma conferência de imprensa, mas só depois do funeral dos Messie, previsto para amanhã, ao meio-dia.

— Analise as fotografias que Bardas disponibilizou e veja se Messie está entre os que contataram Dimitri. E avise-me se tiver novidades — disse Daniel, terminando a conversa.

— Claro — respondeu Miguel, calmamente.

Sarah ligou para os pais e pediu que viessem para Paris. Jean Paul estava destroçado e ela não sabia o que fazer para aliviar a sua dor, exceto ficando ao seu lado, presa pela mão que ele se negava a soltar durante a maior parte do tempo.

Nessa noite, enquanto Sarah dormia, rendida à exaustão, Jean Luc foi à pequena sala onde guardavam as relíquias e percebeu que o Cálice de Cristo tinha desaparecido, mas o Anel de Salomão continuava ali. Jean Luc não entendia os motivos para que apenas uma das relíquias tivesse desaparecido, já que ambas eram as relíquias mais enigmáticas que possuíam.

Ainda não eram oito da manhã quando telefonou para Étienne Bergès, arrancando-o de um sono profundo. Étienne acordou abruptamente, sentando-se na beira da cama para atender o celular.

— *Bonjour, Monsieur* — Étienne reconheceu a voz de Jean Luc, no cumprimento matinal. O jovem ficara preso na sua memória de forma vívida. Étienne raramente se impressionava com alguém, mas aquele jovem lhe pareceu especial.

— Jean Luc. Está tudo bem?

— Sim, obrigado — agradeceu, entrando rapidamente no assunto que o levou a telefonar para Étienne. — Descobri o que foi levado aqui de casa, mas gostaria de falar com o senhor pessoalmente. Acredito que precisamos manter alguma discrição sobre o assunto.

— Claro — rematou Étienne. — Qual o melhor horário para eu passar aí?

— Durante a manhã. Vou estar em casa. Os pais de Sarah chegam de Londres — justificou.

Foi ao ouvir a palavra “Londres” que Étienne lembrou que precisava telefonar para Shaw e Bardas, avisando-os do contratempo que o impedira de viajar.

— Passo aí por volta das dez. Obrigado por ter ligado, Jean Luc — agradeceu, finalizando a conversa. Desligou o telefone e foi para o banho.

Elizabeth não acreditava que Miguel tivesse sido um nazista feroz e cruel. Não o achava capaz de participar na morte de tantos inocentes. Mas a dúvida criada pelo relato de Kent, dito à frente de vários guardiões que não o contestaram, gerava uma angústia crescente. Decidiu consultar Daniel, evitando confrontar Miguel enquanto não estivesse segura.

— Daniel. — Ele estava na rua, a caminho do escritório do núcleo, no centro de Londres. Percebeu que ela estava ansiosa.

— O que foi? — perguntou preocupado.

— Sei que está ocupado com o caso dos Anjos Caídos e a busca das relíquias, mas...

— Diga, Elizabeth — insistiu, com suavidade.

— Ontem à tarde, na biblioteca, Kent me contou que Miguel participou no genocídio dos judeus e comandou os *Einsatzgruppen*. Disse que o viu no massacre de Babi Yar.

Daniel meneou a cabeça em sinal de reprovação, mas não comentou. Achava inapropriado que Kent tivesse contado aquilo a Elizabeth num momento em que ela precisava de tranquilidade para se recuperar totalmente do acidente e ajudar a descobrir os assassinos das crianças. Percebia que Kent estava consumido com o que acontecera, mas aquele não tinha sido o melhor momento para contar a verdade a Elizabeth.

— Besson me disse que estava disposto a falar sobre o assunto, quando Kent quisesse.

— Mas é verdade?

— Kent afirma ter visto Besson em Babi Yar. E eu acredito em Kent. Mas Besson tem direito de defesa, não acha?

— Sim — concordou, sentindo que ainda havia esperança na inocência de Miguel.

— Vamos ouvi-lo primeiro. Ele deve ter uma justificativa para ter estado lá. Nem sempre as coisas são o que parecem — lembrou, tentando fazê-la sentir-se melhor, mas sem conseguir evitar o ciúme que o afeto dela por Miguel lhe provocava.

— Está bem — concordou, sentindo-se mais calma depois de ouvi-lo. Admirava o modo como ele era sempre tão equilibrado e justo em suas análises.

— O que aconteceu ou o que Miguel fez pertence ao passado. Não há como alterar.

— Mas isso define quem ele é — respondeu ela.

— Não necessariamente. O passado define as nossas origens, mas não o nosso futuro, define quem fomos, mas não quem somos.

— Então há esperança?

— Há sempre esperança — respondeu, como se falasse para si mesmo, cada vez mais convencido de que precisava amá-la antes que a mortalidade o arrancasse à vida.

— Sinto-me melhor — confessou, sabendo que ao falar com ele substituíra a angústia pelo desejo. Sentiu a pele quente.

— Concentre-se nos sonhos — pediu, com uma voz carinhosa, apesar de saber que ela ainda estava com dificuldade em retomar as suas atividades

normais.

— Vou-me concentrar — respondeu.

— Telefone, se precisar — disse, tentando se despedir. Custava-lhe desligar o telefone, como um adolescente apaixonado. Do outro lado, Elizabeth ficou quieta esperando que a linha emudecesse. Mas ambos continuaram lá, por alguns segundos, em silêncio, e era assim que sabiam daquele amor mesmo sem falarem sobre ele.

— Volte rápido — pediu Elizabeth.

— Sim... — anuiu, desligando finalmente.

Étienne visitou Jean Luc às dez da manhã e percebeu que o jovem continuava muito abalado, com profundas olheiras que denunciavam a noite mal dormida e o sofrimento emocional.

Jean Luc conduziu-o à pequena sala das relíquias, e assim que abriu a porta, Étienne percebeu que estava perante um mundo paralelo, de objetos únicos, cuidadosamente guardados. Jean Luc apontou para uma caixa de madeira, com uma tampa de vidro e disse:

— Era aqui que estava o objeto que foi levado: o Cálice usado na última ceia de Cristo.

Étienne, surpreendido com a informação, olhou para o jovem, se questionando se ele tinha consciência do que estava dizendo. Ficou calado, processando a informação, mas aquilo parecia surreal, mesmo comparado com as muitas bizarrices com que se deparara ao longo da sua carreira. Por fim, questionou delicadamente para não o ofender:

— Jean Luc, tem certeza?

— Sim. O meu pai mandou datar e corresponde ao período em que Jesus viveu — argumentou Jean Luc, antes de explicar. — As pessoas imaginam que é algo luxuoso, talvez ouro ornamentado com pedras preciosas, mas era um objeto simples, de madeira polida, com uma fina cintura de prata. Tem lógica, porque Cristo era simples e pregava que as verdadeiras riquezas eram as do reino do céu, e não da terra.

— Compreendo agora o que quis dizer quando mencionou a necessidade de certa descrição — concluiu Étienne. — Há mais algum objeto especial?

— São todos especiais: objetos usados por santos ou com valor simbólico, como este aqui... — Jean Luc abriu uma caixa e retirou de lá a ponta perfeita de uma azagaia africana. — Chama-se “iklwa” e pertenceu a Shaka Zulu, o

mítico rei africano dos zulus. Mas acredito que o objeto similar ao Cálice é este anel, que pertenceu ao rei Salomão.

— Ao rei Salomão? — repetiu, sem ocultar a surpresa. — A esmeralda é verdadeira?

— Sim.

— E o assassino só levou o Cálice e deixou para trás o Anel de Salomão, uma peça muito mais antiga. E também ignorou as outras relíquias e toda a arte valiosíssima espalhada pela casa. — Étienne pensou por alguns segundos antes de concluir: — Ele não veio roubar ou saquear. Veio buscar o Cálice. Apenas isso.

— Essa parece ter sido a única motivação do assassino — confirmou Jean Luc.

— Tem certeza de que não levaram mais nada? Viu o cofre?

— Estão preparando um inventário, e até agora não faltou mais nada — informou.

— Tem fotografias do Cálice, Jean Luc? — perguntou Étienne, esperançoso.

— Temos um catálogo com informações e fotografias de todos os objetos que possuímos — respondeu, dirigindo-se à biblioteca, seguido por Étienne. Abriu a porta de uma das estantes de madeira maciça e retirou de lá um enorme e pesado caderno. Abriu-o quase no final e mostrou duas fotografias do Cálice. — Só temos essas duas fotografias.

— Não se preocupe — avisou Étienne. — Vou fotografar essas páginas com o celular e o caderno não vai sair daqui.

— Obrigado. Se precisar de mais alguma coisa, diga-me, *Monsieur* — ofereceu, amável.

Despediram-se, e enquanto o motorista levava Étienne para o escritório, no Quai d'Orsay, ele avaliou as fotografias do Cálice com atenção. Era um objeto normal, que não suscitava interesse ou admiração. Tornava-se quase chocante que a sua imagem simples fosse tão desproporcional ao que ele representava.

Mas se o objetivo do assassino havia sido o roubo daquele Cálice, por que entrara na residência quando estavam lá os Messie com os empregados, e os assassinou, posicionando-os da mesma forma que as crianças? Haveria ligação entre os dois casos? E o sangue desaparecido? O que acontecera ao sangue das vítimas? Étienne pensava em tudo isto, quando o celular tocou, no momento em que entrava no seu gabinete.

— Shaw! Eu ia ligar para você.

— Bom dia — disse, educadamente britânico. — Estamos à sua espera. Já chegou?

— Infelizmente não. Ontem à noite quando estava a caminho do aeroporto assassinaram os Messie e os seus empregados. São um casal importante da alta sociedade francesa — explicou.

— Ouvimos as notícias na BBC. Lamento, Étienne. E quando acha que pode vir? — questionou Shaw, sabendo que a experiência dele era importante.

— Não sei... Este caso tem algo de incomum. Realmente incomum — frisou devagar.

— O que quer dizer? — estranhou Shaw.

— Preciso elaborar um pouco mais o assunto, mas acredito que há uma ligação entre a morte dos Messie e a das crianças — falou no mesmo tom vagaroso, como se estivesse formulando um raciocínio.

— Uma ligação entre os dois casos? — Shaw tentou assimilar a informação. Aquilo, se fosse verdade, implicava uma revisão das teorias deles.

— Vou mandar algumas fotografias para que avalie juntamente com Bardas, e depois conversamos. O especialista dos rituais já chegou? — Étienne havia sido informado sobre a importância de Daniel na compreensão de situações que escapavam à lógica comum. Apesar de Bardas considerar que os métodos dele nem sempre eram transparentes, porque Daniel não revelava as suas fontes, confiava totalmente nele. E isso era suficiente tanto para Étienne quanto para Shaw.

— Sim — respondeu Shaw.

— Ótimo. Quem sabe, ele traz uma luz diferente a isto tudo — comentou se despedindo.

Minutos depois selecionou algumas fotografias e enviou para o e-mail de Matthew Shaw.

Finalmente o quadro tinha sido pendurado na parede de Shaw e ele distribuía estrategicamente a informação, organizando-a por países, enquanto Bardas e Daniel analisavam as fotografias que Étienne havia enviado. Os Messie e seus empregados estavam posicionados da mesma forma que as crianças: alinhadas pela cabeça, com os braços cruzados e a mão direita sobre a esquerda. Também não havia vestígios de sangue no chão. Mas, ao

contrário das crianças, aquele era o cenário principal do crime.

— Precisamos descobrir como foram mortos — afirmou Daniel, analisando fixamente as fotografias, consciente de que não podia ser uma coincidência que a morte dos Messie tivesse vindo parar em suas mãos poucas horas depois de Besson acreditar que Charles Messie era o proprietário do Cálice e do Anel. Nada acontecia por acaso.

— Se o caso Messie estiver ligado ao caso dos Anjos Caídos vai ter que aumentar esse painel para a parede do lado — comentou Bardas, bem-humorado desde que instalara a pequena máquina de café espresso no seu gabinete.

— Sim... — concordou Shaw. — Também acha que os casos estão ligados Daniel?

— Preciso de mais informação... — respondeu cauteloso, ciente do peso da sua opinião.

— Vamos falar com Étienne — comunicou Shaw, finalizando o painel. Recuou dois passos e ficou olhando para o quebra-cabeça gigante e colorido que ocupava a parede quase toda e fazia sentido principalmente para ele. Em seguida ligou para Étienne Bergès e em segundos ele aparecia na tela da televisão de Shaw, fumando o seu Gauloise.

— *Bonjour* — cumprimentou Étienne, antes de adotar o inglês e ir direto ao assunto. — Viram as fotografias?

— Como vai? Apresento-lhe Daniel de Payens — disse Shaw, fiel ao protocolo.

— Muito prazer — respondeu Étienne, apagando o cigarro enquanto observava os três na sua própria tela, pendurada na parede.

— Vimos as fotografias — falou Bardas, devolvendo o foco à conversa. — E estamos com algumas dúvidas.

Étienne anuiu com a cabeça, e Daniel perguntou:

— Já tem informações da autópsia que expliquem como foram mortos?

— Fizeram quatro autópsias até o momento: a dos Messie, do chef e da governanta. Ainda faltam sete — acendeu novo cigarro. — Mas estes quatro foram mortos de maneira incomum: uma lâmina longa e não muito larga penetrou no peito entre as costelas até um milímetro antes do coração...

— A lâmina não perfurou o coração? De nenhum deles? — inquiriu Daniel, estranhando.

— Exato. A lança não chegou sequer a tocar no coração, mas os quatro morreram.

— E pelo visto os outros também... — disse Bardas, com ironia, antes de perguntar: — Morreram do golpe?

— Não. Os três médicos-legistas que estão trabalhando no caso não conseguiram determinar a causa da morte. E o pior é que também não conseguem explicar a ausência de sangue nos corpos e na casa. O sangue desapareceu e as vítimas só têm aquele ferimento no peito. Mais nada. Nenhuma outra perfuração, nenhuma marca... Nada. — falou Étienne.

— É obvio que há uma explicação científica para isso — comentou Shaw.

— Deve haver... — concordou Bardas. — Porém é mais fácil explicar o que aconteceu às crianças do que o que aconteceu com os Messie.

— Mas há mais — avisou Étienne, com a sua voz profunda. — Não foram encontrados sinais de violência. As entradas não foram forçadas, e parece que as vítimas se deitaram voluntariamente no chão para receber o golpe. O ferimento mostra que o objeto foi usado num ângulo ligeiramente ascendente.

— Uma pessoa de pé, perfurando o peito das vítimas deitadas. É isso? — sistematizou Shaw.

— Sim. De pé, posicionada do lado esquerdo das vítimas. Isto é... — Étienne hesitou procurando uma palavra que revelasse o seu raciocínio lógico, sem resvalar para a esfera do irracional, mas não conseguiu. — Bizarro!

— E a arma do crime? Alguma teoria? — quis saber Shaw.

— Não... Estão fazendo os moldes — informou Étienne.

— Gostaria de ver os corpos e o local do crime. É possível? — perguntou Daniel.

— Sim, quando quiser — entusiasmou-se Étienne.

— Viajo no primeiro voo para Paris — Daniel comunicou, decidido.

— E as crianças? — perguntou Shaw, surpreso com a decisão.

— Precisamos determinar se os casos estão ou não ligados Shaw, para termos um panorama claro do que está acontecendo — defendeu Daniel. — E para ter certeza, prefiro analisar tudo o que puder *in loco*.

— Compreendo — concordou Shaw, vencido pelo argumento inteligente, embora preferisse que Daniel não se ausentasse.

Miguel não compreendia porque Elizabeth deixara de atender os seus telefonemas, mas tinha certeza de que havia um novo problema entre eles. Achou que o melhor seria dar tempo para ela processar o assunto, como

acontecera quando descobriu que eram primos.

Saiu para jantar, mas o fato de não falar com Elizabeth por dois dias seguidos o deixou irritado e tenso. Era capaz de cometer uma barbaridade qualquer.

Entrou no Les Ambassadeurs. Sentou-se na mesa habitual, leu o cardápio, fez o pedido e observou o ambiente, com ar distraído. Foi quando a viu: uma morena belíssima e sensual, usando um vestido vermelho, justo, que revelava os seios generosos e o corpo bem torneado, sem ser vulgar.

Percebeu que ela já o havia observado, antes mesmo dele se dar conta da sua presença. E apesar da distância que os separava, sentiu que ela tinha um magnetismo quase animal. Reagiu à presença dela. Havia muito tempo que se resguardava e o seu corpo tinha necessidades que ele não desejava controlar naquele momento.

O garçom trouxe a garrafa de Bollinger que encomendara. Após saborear a primeira taça, pediu papel e caneta e escreveu um bilhete para a morena exuberante que continuava a observá-lo, provocante: “Aceita uma taça de champanhe?”.

Pouco depois o garçom voltou com a resposta: “Na minha mesa”.

Miguel sorriu ao notar que ela era direta e segura. Caminhou até ela.

— Miguel Besson — apresentou-se, sentando-se na cadeira em frente à dela.

— Lucrezia Zani.

— Italiana?

— Também — sorriu enigmática, mostrando os dentes brilhantes sob os lábios vermelhos e carnudos. Tudo nela era convidativo, avaliou Miguel, antecipando uma noite promissora. Eles não pareciam dispostos a perder tempo. Ambos sabiam o que queriam.

Jantaram com tranquilidade, falando de banalidades. Comeram devagar, com os olhos fixos um no outro como dois animais perigosos que se medem antes de um acasalamento feroz, com probabilidade de ser fatal.

No final da segunda garrafa de Bollinger, ela pediu uma sobremesa de chocolate e ele ficou a observá-la, deliciado com a forma como ela saboreava, sem pressa.

Miguel levantou-se por alguns minutos, para pagar a conta discretamente e reservar uma suíte no hotel acima do restaurante. Ao voltar para a mesa, inclinou-se até ela, inspirou o seu perfume intenso e disse provocante, com os lábios encostados ao rosto macio:

— Agora gostaria da minha sobremesa.

Ela se afastou um pouco, para avaliá-lo, e respondeu sorrindo:

— Na sua casa?

Miguel percebeu que ela queria ter o controle da situação: quis que ele fosse à mesa dela e esperava conhecer a casa dele.

— A minha casa é muito longe... — insinuou com a sensualidade felina que a estava fazendo perder a cabeça. — Mais perto. Aqui, no hotel... Vamos?

Ela se levantou em silêncio, surpreendida por ele já ter organizado tudo. Caminhou na frente dele provocante, movendo o corpo numa promessa clara do que estava por vir.

Assim que Miguel fechou a porta da suíte agarrou-a pelo cabelo negro, prensou-a contra a parede e beijou-a com fúria, como se tudo o que estava recalcado dentro dele transbordasse, de repente. Ela reagiu da mesma forma impetuosa, arrancando-lhe o casaco e a camisa com desespero e enfiando as unhas perigosamente nas costas. Miguel tremeu com a dor fina provocada pelos arranhões na pele. Abriu o zíper do vestido e deixou-o escorregar pelas pernas dela, revelando o corpo soberbo e completamente nu.

A percepção de que ela estivera nua durante todo o jantar, sob o tecido fino do vestido, excitou-o ainda mais. Deu alguns passos, segurando-a pela cintura, e forçou-a a cair na cama. Deitou-se sobre ela com firmeza. Ela brigou com o zíper das calças dele. Ele a ajudou a livrar-se das calças, atirou os sapatos para um dos cantos do quarto, enfiou agilmente os dedos nas tiras das sandálias dela e deu-lhes o mesmo destino dos sapatos. Ficou sobre ela livre das roupas e sentiu os dentes furiosos dela se cravando no ombro direito. Gemeu de dor e ela riu como um gato ronronando.

Ele prendeu os braços dela contra a cama, imobilizando-a com uma força inesperada. Mordeu de leve os lábios para fazê-la sentir o perigo dos seus dentes, enquanto se encaixava entre as coxas dela, sem cerimônia, preparando-se para assaltá-la. Ela sentiu que o momento se aproximava e tentou libertar os braços, mas ele manteve-a imóvel e afastou o rosto alguns centímetros para vê-la. E, nesse instante, vislumbrou, rapidamente, uma força negra nos olhos dela. Ela soergueu o rosto para beijá-lo, mas Miguel percebeu que havia algo terrível dentro dela e Lucrezia não era quem aparentava. Tentou olhá-la de novo, mas ela moveu os quadris numa oferta irrecusável e Miguel penetrou-a com paixão, num movimento contínuo. Sentiu uma vertigem quando atingiu o fundo, fazendo-a gemer numa entrega

total. Ele moveu-se furiosamente, enlaçado pelas pernas musculosas dela, como um guerreiro cavalgando em direção a um precipício mortal. Soltou-lhe as mãos e ela abraçou-o com uma raiva animalesca. Ambos mergulharam em um movimento sísmico, com sintonia crescente e vertiginosa até o êxtase. Ela deu um grito gutural e uma calma súbita caiu sobre eles. Entregaram-se ao silêncio e à quietude, com os corpos repentinamente lentos. Ele manteve-se sobre ela, sem se mover, por mais de um minuto. Por fim saiu devagar de dentro dela e deixou-se cair na cama, esgotado, com o rosto virado para cima e os olhos semicerrados, tentando compreender o que vira, de relance, no olhar dela. Ela também se manteve imóvel, surpreendida pela intensidade fogosa dele. Nunca um homem lhe dera tanto prazer em tão pouco tempo.

Miguel esboçou um gesto para sair da cama. Estava saciado e queria ir embora, mas ela tinha outros planos e se moveu com rapidez para cima dele. Beijou-o nos lábios e sussurrou:

— Fique mais um pouco.

Miguel abraçou-a pelos quadris e se deixou ficar, abandonando o corpo às mãos dela, que o foram despertando. Primeiro uma chama suave que ela alimentou até se transformar numa labareda, e depois num incêndio furioso. Amaram-se com paixão, sem ternura e sem um momento de abandono carinhoso.

Para Miguel aquele encontro foi uma terapia que acalmou o seu corpo, mas para Lucrezia foi uma revelação fulminante. Ela era uma mulher sensual, que valorizava o corpo acima dos sentimentos, e Miguel lhe deu exatamente o que precisava. Agora ela não pretendia deixá-lo desaparecer. Queria continuar a vê-lo, não para ter um relacionamento, mas apenas para saciar o corpo, algo que Miguel fizera com sabedoria, despertando um desejo feroz, que há muito não sentia, apesar das suas incontáveis experiências.

12. Holocausto revisitado

(...) deuses e demônios existem de fato para os que acreditam na sua existência e possuem o poder de fazer bem ou mal àqueles que lhes prestam um culto ou que os temem.

Alexandra David-Neel (1868-1969)

Amanhecia quando Daniel chegou a Paris. O frio do inverno dominava a cidade àquela hora da manhã. Daniel passou pelo hotel para tomar um banho revigorante, antes de se encontrar com Étienne Bergès, às oito e meia, no Instituto Médico Legal, onde analisariam os corpos que lá se encontravam. Charles e Marie-Thérèse tinham sido liberados na véspera. O serviço fúnebre seria ao meio-dia e Étienne pretendia comparecer, na esperança de descobrir algo suspeito.

Daniel e Étienne dirigiam-se à sala onde estavam os nove funcionários dos Messie, depois de trocarem impressões durante vários minutos. Daniel analisou atentamente os corpos e os moldes provenientes dos ferimentos. Os moldes eram iguais, revelando a lâmina longa e estreita que Étienne havia descrito antes.

— Terminei, obrigado — Daniel agradeceu ao médico que estivera ao seu lado, explicando os resultados das autópsias.

— Vamos ao meu gabinete — convidou Étienne, dirigindo-se para o carro que os levaria à Divisão de Homicídios.

Durante o percurso, Étienne perguntou:

— O que acha? — Apesar de ser o seu primeiro contato pessoal com

Daniel, Étienne recebera referências excelentes de Bardas, em quem confiava completamente pelos muitos anos de colaboração.

Daniel moveu a cabeça, como se estivesse rejeitando uma ideia inconveniente, antes de expressar a sua opinião:

— Infelizmente, acredito que os casos estão ligados.

— Já temia isso — comentou Étienne.

— Acho que as mortes foram perpetradas pela mesma pessoa, mas com objetivos diferentes. Levaram alguma coisa da casa dos Messie?

Étienne se espantou com a argúcia de Daniel e, antes de responder, perguntou:

— Por quê?

— Creio que foi isso que motivou os assassinatos dos Messie — disse, saindo do carro, em frente à porta do prédio da Divisão de Homicídios. Étienne ficou calado, digerindo a informação até entrar no seu gabinete. Abriu uma das gavetas da sua mesa e tirou de lá um pequeno dossiê. Abriu-o e pegou as duas fotografias arquivadas, entregando-as a Daniel:

— Levaram isto. Parece uma insanidade, mas Jean Luc Messie afirma que é o Cálice da última ceia de Cristo.

Daniel olhou longamente para as fotografias ocultando a emoção de ver a relíquia tantas centenas de anos depois.

— Isso justificaria o ataque aos Messie. Devíamos fazer uma conferência com Londres... — sugeriu Daniel, sereno. Étienne ligou o computador e se conectou com Londres. Em segundos estavam todos alinhados, e após os rápidos cumprimentos iniciais, Shaw perguntou:

— O que descobriram?

— Daniel e eu achamos que as mortes dos Messie e das crianças estão ligadas.

— Por quê? — perguntou Bardas, inconformado com a complexidade crescente dos casos.

— A ausência de sangue e de marcas de agressão, e a posição das vítimas. Nos dois casos são mortes rituais com algum objetivo sobrenatural — sintetizou Daniel, começando a revelar as razões que estavam por trás da sua fama de especialista competente.

— Sobrenatural? — estranhou Shaw, avesso à palavra.

— Quem assassinou as crianças e os Messie maximizou sempre as mortes do ponto de vista ritualístico. A ausência de sangue, em todos os cenários, mostra que se trata de um líquido essencial para o assassino. Entre os

cristãos, o sangue de Cristo serviu para lavar os pecados dos homens, torná-los puros. Simbolicamente, o sangue é o mais sagrado dos líquidos, o mais vital: dá e tira a vida. Mas para este assassino o ritual não é apenas simbólico, é, também, literal: ele drena as vítimas e usa o sangue para adquirir força e poder — explicou Daniel.

Todos ficaram em silêncio por alguns segundos assimilando a explicação de Daniel. Étienne foi o primeiro a recompor-se, informando:

— No caso dos Messie há um elemento adicional: o assassino queria um objeto.

— Que objeto? — perguntou Shaw.

— O Cálice usado na última Ceia de Cristo. Seja ele verdadeiro ou não — revelou Étienne, mostrando as duas fotografias na câmera do computador, para que eles vissem.

Houve um novo silêncio. Desta vez, um pouco mais longo. Daniel, de braços cruzados, encostado à janela, pensava que os temores de Miguel haviam se concretizado: alguém levava o Cálice e tudo indicava que iria usá-lo em rituais de magia negra, com sangue humano. Ninguém sabia que forças poderiam ser libertadas.

Daniel tinha certeza de que Bardas se lembraria do objeto. Tinha acabado de lhe dar um *pendrive* com as fotografias de todas as pessoas que haviam estado com Dimitri, exatamente para que Daniel tentasse descobrir quem poderia estar na posse do Cálice e do Anel. Viu Bardas levantar-se da cadeira, dar uns passos em volta da sala com os braços atrás das costas, como fazia quando pensava, voltar a sentar-se e perguntar abruptamente:

— Daniel, esse Cálice não será o Cálice de Dimitri Sergeevich?

— Sim — respondeu Daniel, lacônico.

— O que está acontecendo? — quis saber Shaw, perdido na conversa. Bardas contou rapidamente que várias pessoas haviam sido assassinadas para os criminosos conseguirem o Cálice e o Anel de Salomão. A polícia havia desmontado um grupo de contrabando de arte, mas nunca recuperaram nada exceto um quadro na casa de Dimitri, o chefe do bando.

— O Cálice desapareceu, mas o Anel continua na casa dos Messie — informou Étienne.

— Daniel, há alguma explicação para não terem levado o Anel? — inquiriu Bardas, confuso.

Daniel acreditava que o assassino sabia que a esmeralda não era a original que pertencera a Lúcifer e por isso não levava o Anel. Se estivesse correto,

isso significava que o assassino conhecia profundamente os objetos, o que dava contornos ainda mais sombrios ao caso. Mas apesar das suas hipóteses, não podia revelar a dimensão mística dos objetos e respondeu com simplicidade:

— Não sei... Talvez não soubesse que era o Anel de Salomão.

— Temos que confiscá-lo. São provas materiais — rematou Bardas, enfático.

— Ninguém vai confiscar nada, Bardas — avisou Étienne, com firmeza, devolvendo o foco à investigação. — A prova material é o Cálice roubado. Mas todos esses objetos são falsos e servem apenas para tirar milhares dos bolsos de alguns incautos muito ricos. Nós vamos nos concentrar na solução dos assassinatos. É isso que vamos fazer.

— Concordo — afirmou Shaw. — Mas por que é mataram os Messie? Não podiam ter apenas levado o Cálice?

— O objetivo era conseguir o Cálice. As mortes foram um bônus. O assassino aproveitou para usar o sangue deles — explicou Daniel.

— Usar como? — quis saber Shaw, cada vez menos confortável com aquele mundo de rituais e explicações que o afastavam da racionalidade.

— Para beber, banhar-se, oferecer aos seres negros de outras dimensões, exatamente como acontece quando são mortos animais no vodu — respondeu Daniel, sem se alongar muito.

— Acreditam mesmo nisso? — perguntou Shaw friamente.

— Nós, não — respondeu Étienne. — Mas o assassino acredita e é por isso que está matando dezenas de crianças com sete anos pela Europa.

— Sete? — perguntou Daniel devagar, sentindo o cérebro estalar ao recordar o sonho de Elizabeth. Como é que aquilo lhe tinha escapado, a ele, que era sempre tão atento?

— O que tem? — questionou Bardas, atento.

— Nada — mentiu, muito irritado, evitando expor que deixara escapar um detalhe daquela importância. Aquilo era uma prova de que estava perdendo a sua capacidade de análise, talvez por estar apaixonado por Elizabeth ou por estar se tornando mortal, ou estar simplesmente desatento, o que era ainda pior.

— Na realidade todas as crianças tinham sete anos ou quase — informou Shaw, com o seu preciosismo técnico. — O que isso significa?

— Preciso investigar... — esquivou-se Daniel.

— Mas deve significar alguma coisa! — afirmou Bardas.

— Sim, mas ainda não sei o que é — mentiu Daniel, começando a entender as ligações ocultas entre os assassinatos.

— E o sangue? Como é que tiraram o sangue dos Messie? — perguntou Shaw pragmático. Todos falavam da ausência de sangue, mas nada se sabia sob a forma como os Messie haviam sido drenados.

— Étienne tem um grupo de gente dedicada a buscar uma explicação científica, que certamente haverá — respondeu Daniel.

— E como os Messie foram mortos? Já descobriram qual foi a arma do crime? — questionou Bardas mais uma vez.

— Talvez uma lança — sugeriu Daniel, provocando um olhar de admiração em Étienne. Não pensara naquela hipótese, mas agora, após ouvir Daniel, fazia todo o sentido, e até a posição do assassino, em pé, sobre os corpos, se justificava, embora contribuísse para aumentar a estranheza do caso.

— Claro, uma lança — concordou Étienne.

— Envie-nos a informação que tiver, Étienne — pediu Shaw. — Quando vem a Londres?

— Agora é difícil... — justificou Étienne. — A pressão aumentou com o caso Messie e quando explicarmos à imprensa o que aconteceu, vai ser ainda pior. Não pretendo fazer a ligação entre os dois casos, mas os jornalistas já começaram a especular e, em breve, as especulações acabarão se transformando em verdades absolutas.

— Sabe o que dizem: conte uma mentira várias vezes que ela acaba se transformando em uma verdade — comentou Shaw.

— Daniel, você volta para Londres ainda hoje? — questionou Bardas.

— Não... Preciso ir a São Paulo. Talvez volte na próxima semana. Sugiro que continuemos conversando enquanto esperamos o exame das provas dos Messie. Pode ser que haja alguma pista — disse, sabendo de antemão que aquele assassino não deixaria nenhum indício da sua presença. Era demasiado cuidadoso e seguro. Sabia o que fazia.

Daniel decidiu voltar para São Paulo ao perceber a ligação entre o número sete e o sonho de Elizabeth, o Cálice e os assassinatos e, talvez, a Lança do Destino. A soma de todos aqueles fatores apontava para uma situação em que o mal estava se tornando uma força com objetivos muito sinistros. Quanto mais pensava no assunto, mais clara era a conexão entre os acontecimentos

como se, de repente, uma luz tivesse perfurado a venda que parecia cobrir os seus olhos até ali. Achou que iria precisar da participação de Besson e contatou-o quando já estava a caminho do aeroporto, depois de ter passado pelo hotel para pegar a mala.

— Besson, precisamos conversar. É importante que nos encontremos em São Paulo — sugeriu sério. Miguel compreendeu que o assunto era grave.

— E é urgente também, suponho — deduziu pelo tom de voz de Daniel.

— Sim. Vamos nos reunir na Ordem — aquele convite dito com jeito de informação deixou Miguel alerta. Havia mais de sete séculos que não pisava num espaço da Ordem.

— A minha presença vai causar problemas — avisou.

— Não maiores do que os que temos. Garanto — afirmou, visivelmente preocupado. — Encontramo-nos amanhã, no final do dia. Às seis da tarde. Sabe onde é?

— Sim — respondeu Miguel com franqueza, mostrando que monitorava os guardiões. Após desligar o telefone ficou pensando no que poderia ser tão importante que Daniel estivesse disposto a levá-lo para a sede da Ordem, apesar dos conflitos que isso pudesse gerar entre os guardiões. Sabia que os assuntos da Ordem se sobrepunham a tudo, e o caso devia ser muito grave para que Daniel pedisse a sua ajuda. Não teve um bom pressentimento, de novo.

Combinara encontrar Lucrezia naquela noite, no mesmo hotel onde haviam estado na véspera. Desagradou-lhe a ideia de não vê-la. Desmarcou o encontro dizendo que surgira um imprevisto de negócios e sorriu de prazer ao notar o desagrado dela com a notícia.

— Quando volta? — perguntou aborrecida.

— Ainda não sei... Em breve, espero — respondeu, sensualmente, em tom de promessa. Ela sentiu o corpo reagir ao timbre da voz dele e recordou o toque das mãos dele na noite anterior.

— Também espero que sim... — disse ela. — Tinha planejado algo especial para nós.

— Teremos tempo — prometeu, com a voz aveludada. — Telefone quando voltar.

Oliver Bassan recebeu o envelope pardo com as fotografias e um celular descartável, imaginando que seria mais um contrato comum. Mas assim que

viu o seu alvo, percebeu que não seria um trabalho normal. Avaliou a jovem de olhos claros, cabelo loiro e beleza extraordinária, potencializada pela pose distinta. Havia três fotografias: a primeira era um *close* do rosto dela, onde se percebiam até os matizes esverdeados sob o olhar brilhante e claro; a segunda era um perfil do rosto dela, tão perfeito que parecia desenhado; e a terceira era uma fotografia de corpo inteiro. Oliver percebeu que ela era alta e parecia demasiado inocente para ser morta, mas não lhe cabia julgar ou questionar os motivos do cliente. Se decidisse rejeitar o trabalho, outro aceitaria, e ele pelo menos dava às suas vítimas mortes indolores e rápidas. Aliás, era famoso pela forma cuidadosa com que executava os assassinatos. As mortes eram sempre limpas, sem pistas ou excessos. Não era sanguinário ou cruel e isso era algo do conhecimento geral, que contribuía para aumentar a sua aura de profissional ético, frio e confiável. Era assassino há vinte e quatro anos e durante esse período se tornou referência no mundo do crime. Havia lendas em volta dele e muitos exageros sobre as suas habilidades. O certo é que era temido e os seus serviços eram muitíssimo caros. Raras pessoas o tinham visto face a face, mesmo os seus contratantes.

Ao analisar as fotografias não gostou da ideia de sequestrar e matar a jovem: parecia um desperdício, mas três milhões de dólares eram uma boa razão. O cliente, com quem nunca tinha trabalhado, estava oferecendo um milhão a mais do que o preço habitual que Oliver cobrava.

Enfiou o envelope com as fotografias debaixo do braço esquerdo, guardou o celular no bolso das calças e fechou a caixa postal, onde recebia as encomendas e envelopes com as descrições dos trabalhos. Saiu da pequena agência dos correios situada no centro de Londres e entrou na rua, se misturando à multidão do final da tarde.

Telefonou à mãe para saber como estavam. Quando fizera vinte e três anos, ainda mal saído da universidade onde estudara química, quis que os pais fossem morar num bairro melhor, mas eles pediram que comprasse uma casa no mesmo bairro: a casa dos seus sonhos havia pertencido a um grego excêntrico que morreu aos cento e cinco anos. Era uma grande casa cor-de-rosa, de dois andares, na esquina de duas das principais ruas do bairro. Eles gostavam de morar ali, conheciam toda a gente, mas queriam, principalmente, partilhar o sucesso com alguns dos que os haviam menosprezado durante anos. Dois anos depois Oliver lhes ofereceu uma boa mesada e propôs que vendessem a pequena loja, mas os pais não aceitaram. Em vez disso pediram que os ajudasse a melhorar a loja para venderem apenas produtos italianos da

melhor qualidade: queijos, massas, azeitonas, tomate seco, berinjelas em azeite, sardelas, pestos, vinhos. Oliver lhes deu o dinheiro e eles transformaram a loja num ponto de referência em Londres.

Oliver também não se esqueceu de Cheng-Fang, o mestre que o treinara durante vinte anos. Sempre que visitava os pais visitava também o velho mestre, agora com oitenta e cinco anos, a quem ajudava. O que o mestre e os pais de Oliver desconheciam era que ele se tornara o melhor na sua profissão — o melhor dos assassinos.

Daniel sabia que haveria resistência à presença de Miguel, por isso reuniu-se com os guardiões um pouco antes da chegada dele. Desejava que o encontro fosse informal e optou por fazê-lo na sala que antecedia a biblioteca. Era um espaço com vários sofás confortáveis, algumas mesas de apoio e um aparador do século XIX, onde seria servido um lanche que Manfred Krauser preparou com o seu cuidado habitual.

— Houve alguns desdobramentos com o caso das crianças. Desdobramentos complexos — avisou Daniel, antes de comunicar de chofre. — E eu acredito que precisamos de Besson.

Alessia levantou-se do seu lugar, tentando controlar a irritação. Perguntou:

— Nunca precisamos dele, por que precisaríamos agora?

— Besson chega às seis, e quero que o recebam. Depois da reunião, se acharem que ele não tem um papel relevante nos eventos que vamos abordar, pedirei que se afaste. Pode ser assim? — sugeriu com firmeza, e com uma nota de impaciência, sabendo que a presença de Miguel iria provocar, antes de mais nada, um exorcismo, especialmente em Kent e Alessia. Mas era um exorcismo necessário para poderem seguir adiante.

Kent encolheu os ombros com aparente indiferença, mas os seus olhos possuíam um brilho excessivo que desmentia a sua atitude. Alessia cruzou os braços, num gesto defensivo. Um silêncio pesado encheu a sala e quando parecia insuportável Besson chegou, conduzido por Manfred, que anunciou em voz alta, assim que abriu a porta:

— *Herr* Miguel Besson.

Daniel cumprimentou-o, com um abraço e um beijo no rosto. Besson agradeceu interiormente a atitude, por representar um gesto de aceitação, embora soubesse que ainda havia muito por resolver. Elizabeth foi a segunda a cumprimentá-lo da mesma forma, seguindo-se Dib, Seth e Uchoa. Kent e

Alessia se limitaram a apertar a sua mão, deixando claro que o aceitavam não por vontade própria, mas por imposição do líder.

Miguel observou Elizabeth: o cabelo muito curto, rente à cabeça, deixava ainda visível a cicatriz do lado esquerdo e fazia-a parecer muito mais jovem, evidenciando os traços perfeitos e a transparência do olhar. Mas a sua imagem de aparente fragilidade, reforçada pela total exposição do rosto, era contrariada pela sua serenidade.

Embora disfarçasse, Miguel estava nervoso. Estar na mesma sala com sete guardiões, no espaço deles, tinha uma forte carga simbólica que o remetia aos tempos em que fora um deles. Sentiu nostalgia e evitou pensar em Arturo. Precisava estar focado, porque sabia que aquele encontro não seria fácil para ninguém, especialmente para ele, que esperava ataques de Alessia e Kent. Mas contra todas as suas expectativas e, também, as de Daniel, quem iniciou o diálogo foi Elizabeth. Desde que Kent revelara a tragédia da ravina de Babi Yar, não voltara a falar com Miguel, mas não deixara de pensar no assunto.

— Você participou do movimento nazista durante a Segunda Guerra? — Elizabeth perguntou e a sala pareceu se encolher, como se o espaço tivesse contraído bruscamente e tornado demasiado pequeno para todos.

— Sim — respondeu Miguel, compreendendo que aquela havia sido a razão para o silêncio dela e Kent devia ter sido a fonte da informação. — Quando Hitler surgiu, muitos acreditavam que ele iria resgatar a Alemanha dos efeitos catastróficos da Primeira Guerra e da grande recessão que dominava o mundo. O seu poder e associação com a magia são resultado desse objetivo inicial, que acabou se desvirtuando e se transformou num dos grandes genocídios da história.

— Hitler inicialmente era do bem? É isso que está tentando dizer? — Elizabeth estava incrédula, por aquela ser a teoria mais absurda que ouvira.

— Ele *deveria* ter sido do bem — frisou Miguel, encostando bem o corpo ao sofá para não deixar transparecer qualquer emoção. Estava disposto a revelar a verdade ou, pelo menos, parte dela. — Não é por acaso que todos os símbolos do nazismo estão associados às grandes religiões ou filosofias: eles tinham um propósito inicial diferente, antes de serem subvertidos. A questão do “sangue puro”, que sustenta a teoria da raça ariana e é um dos pilares do nazismo, deriva do misticismo associado ao Cálice de Cristo.

— Eu sei que os nazistas integraram símbolos religiosos no nazismo — afirmou Elizabeth, lembrando-se das conversas que tivera com o pai sobre o assunto.

— Eles apropriaram-se de símbolos como a Suástica, que chamavam de *Hakenkreutz* — explicou Miguel, com calma. — Esse símbolo, antigo e sagrado, presente em várias culturas milenares, foi utilizado com algumas mudanças: os nâzis alteram o ângulo fazendo a suástica com um giro de quarenta e cinco graus. Com esta rotação, se transformou em um símbolo capaz de absorver mais energia do universo. A saudação tradicional nazista também é antiga e se baseia na “saudação a Mithra”, usada pelo exército romano há mais de dois mil anos. Todos os símbolos e rituais nâzis têm um sentido oculto, porque o nazismo era um caminho para o ocultismo e apoiava-se na magia para atingir o seu propósito.

— Foi você que influenciou o nazismo com alguns preceitos cátaros e o seu conhecimento dos símbolos religiosos, inclusive a questão das relíquias sagradas? — Daniel acompanhava o diálogo, vendo Elizabeth questionar Miguel de forma comedida e racional. Embora aquela conversa estivesse fora do seu planejamento, deixou-os esclarecer temores e dúvidas, mas não esperava que Elizabeth liderasse o diálogo.

— A minha influência foi irrelevante, tendo em vista o contexto geral do nazismo — confessou, com honestidade. — No caso das relíquias, eu sabia onde estavam duas das mais procuradas pelos nazistas, o Cálice e a Esmeralda, e nunca revelei o seu paradeiro.

— Por quê? — perguntou Kent, intervindo pela primeira vez.

— Percebi que o nazismo não era um movimento construtivo e não queria que Hitler tivesse acesso às relíquias, porque se ele descobrisse como usá-las, seria praticamente invencível. E vocês sabem disso — comentou, fazendo um gesto inclusivo com a mão direita.

— Como é que soube que o nazismo se havia desvirtuado? Quando é que isso aconteceu? — questionou Elizabeth, seguindo o seu próprio raciocínio, de forma lógica. Vê-la falando com objetividade sobre um assunto tão doloroso, que trazia imagens e lembranças terríveis para todos, fez com que Miguel e Daniel a amassem um pouco mais. A transformação dela em uma pitonisa acontecera devagar, mas parecia que, de repente, ela emergira totalmente pronta.

— O nazismo foi influenciado pela Sociedade Thule, uma sociedade secreta que acreditava que o Vril, uma energia telúrica capaz de curar ou destruir pessoas, podia ser alcançado de duas formas: pela meditação ou pela libertação da energia proveniente de orgias sexuais ou de sacrifícios humanos. A filosofia nazista se tornou fatal quando se uniu à magia negra

tibetana, através dos Barretes Negros, monges xamanistas que praticavam rituais sexuais e sacrifícios humanos. Esses monges se dedicavam ao lado negro, em oposição aos monges budistas tradicionais, os Barretes Amarelos. O líder desse grupo de Barretes Negros, conhecido como “o Tibetano”, orientou Hitler durante a Segunda Guerra, incentivando-o a realizar sacrifícios cada vez maiores e esse é um dos motivos que está por trás do genocídio.

Dib moveu o corpo, como se fosse falar. Miguel olhou para ele, e ambos pareciam saber muito mais do que estava sendo revelado. Dib consultou rapidamente Daniel com o olhar, e o viu mover a cabeça de leve, em sinal de negação. Dib recostou-se de novo no sofá, se mantendo silencioso e calando todos os segredos que sabia.

— E você participou da guerra? — continuou Elizabeth, com o objetivo de levar o diálogo até os massacres dos *Einsatzgruppen*.

— Ativamente. Estive na Polônia, França, Rússia... Um pouco por todo o lado. Fiz muitas coisas das quais me arrependo — murmurou, fazendo um périplo mental.

— O que você fez Miguel? — perguntou ela, sem disfarçar a ansiedade que começara a sentir. Kent incentivou com a voz fria:

— Diga, Besson. Diga a verdade. O que você realmente fez.

— Participei dos *Einsatzgruppen* e da Solução Final — confessou, como se expulsasse um demônio de dentro do peito, com vagar e cuidado, para que ele não acordasse de repente e se negasse a partir. O ar da sala se tornou irrespirável. Ele viu o horror no olhar de Elizabeth.

— Mas não da forma como pensam. Eu tentava minimizar o sofrimento das pessoas. Se eu não estivesse em alguns dos massacres, o sofrimento teria sido infinitamente maior. Teriam torturado, antes de matar as vítimas. Persistia a crença de que quanto maior fosse o sofrimento, mais energia seria libertada.

— Não posso crer que está dizendo isso. Não posso crer que espere que acreditemos nisso — afirmou Kent se levantando do sofá e dando dois passos em direção a Besson, para fixá-lo de cima, com os olhos em brasa. — Eu o vi em Babi Yar, Besson.

— Então conte o que viu. Diga, Kent — pediu Miguel sem desviar o olhar, enfrentando a fúria brutal que se adivinhava nos músculos tensos de Kent.

— Você dava as ordens, Besson.

— Eu não estava no comando, mas evitei que torturassem as pessoas,

Kent. Eles queriam torturar crianças. Tinham ordens para isso — disse baixo e Kent recuou um passo com os olhos vidrados, como se tivesse levado um murro violento no estômago. Virou as costas e foi até ao aparador buscar um copo de água gelada. Sentiu as mãos tremerem e se esforçou para recuperar todos os detalhes daquele dia, em Babi Yar. Ouviu Miguel do outro lado da sala, sem emoção, como se estivesse relatando um evento normal.

— Acha mesmo que não notei a sua presença? Acha que eu não sabia que havia um guardião ali, no meio daquele amontoado de corpos? Você não percebeu como eu manipulei os soldados para enterrarem a pilha de corpos onde você estava, junto à superfície, para que pudesse escapar rapidamente depois de partirmos? Eu caminhei até você para ter certeza de que ficaria bem. O seu corpo estava quase visível sobre a terra. Lembra-se?

Kent estremeceu com a memória: lembrava-se claramente das botas negras de Miguel, quase encostadas ao seu rosto, enquanto se esforçava por controlar o coração que batia descompassado e poderia traí-lo. Elizabeth sentiu as lágrimas se formarem nos olhos, feliz por Miguel não ser um monstro. Nada daquilo o inocentava, mas os motivos eram mais nobres. Por vezes era preciso mergulhar no mal para conseguir resgatar algum bem.

Kent voltou ao seu lugar e respondeu, com a voz um pouco rouca:

— Lembro-me.

— Então também se lembra da criança que arranquei das mãos do soldado?

— Sim.

— Essa criança ainda vive. Mora na Suíça — murmurou devagar, provocando o espanto de todos, ao revelar a dimensão oculta da sua participação no holocausto. — Consegui salvar alguns. Poucos.

— Talvez... — hesitou Kent buscando as palavras, após ter alimentado por anos ideia de que Besson era monstruoso. — Talvez eu lhe deva um pedido de desculpas e um agradecimento.

— Aceito o agradecimento — respondeu Besson, deixando passar o pedido de desculpas. Tinha consciência do quanto aquilo estava sendo doloroso para Kent.

Alessia observava a forma como Besson estava manipulando todos eles. Até Kent agora estava do lado dele, passando de crítico a admirador. Ela não podia acreditar que fosse a única pessoa a reconhecer a verdadeira face de Besson. E mesmo que tudo aquilo fosse verdade, Miguel não era confiável. Foi quando ele virou o rosto para ela, com uma mansidão lenta nos olhos

dourados, como se adivinhasse os pensamentos dela.

— E nós também temos que conversar, Alessia.

— Lembra-se da última vez que me disse isso: que tínhamos que conversar? Eu lembro bem, Besson. De você só quero saber uma coisa: por quê? — perguntou com raiva e mágoa, incapaz de compreender o que motivara o comportamento dele séculos antes.

— Eu digo tudo o que quer saber, Alessia. Mas quer falar sobre isto aqui? — perguntou olhando em volta, sob a atenção vigilante dos guardiões.

— Não — ela mordeu o lábio, em sinal de nervosismo. Miguel reconheceu o gesto, recordava-se de vê-la fazer aquilo. Era como se aquelas centenas de anos não tivessem existido e houvesse uma frincha por onde eles se podiam esgueirar, para voltar ao passado.

— Telefone-me quando quiser conversar. A sós — sugeriu, entregando um cartão com o número do celular manuscrito, que parecia guardado no bolso interno do blazer, especificamente para ela. Ela aceitou e acenou com a cabeça, embora o seu instinto lhe dissesse que Miguel já se tinha revelado há muito tempo e a sua essência era imutável: ele tinha sempre uma agenda secreta, como Kent defendera antes de ser seduzido.

Daniel percebeu que, apesar da tensão ter diminuído, ainda havia desconforto: tinham abordado temas violentos e deambulado por memórias terríveis. Sugeriu:

— Acho melhor continuarmos a reunião amanhã.

— Mas não é urgente? — perguntou Dib.

— É, mas neste momento ninguém tem condições para discutir um tema tão difícil quanto o que vamos abordar. Proponho continuar amanhã, às onze — disse.

Miguel agradeceu o convite e despediu-se de todos, um por um. A reunião tinha-o desgastado. Sentia-se exausto. A sua franqueza ao explicar a participação na guerra provou a sua coragem e gerou admiração entre os guardiões, exceto em Alessia.

13. A profecia Tibetana

*As palavras não fazem o homem compreender,
é preciso fazer-se homem para entender as palavras.*

Herberto Helder (1930-)

A presença de Sarah ao seu lado, nos dias após a morte dos pais, tornou Jean Luc mais consciente do seu amor por ela. Frank e Rachel, os pais dela, apesar das circunstâncias infelizes em que se conheceram, foram um apoio discreto e constante.

Jean Luc ainda não se ajustara à nova realidade, mas as suas preocupações estavam centradas na saúde de Sarah. Ela tinha passado mal durante os dois últimos dias. Rachel acreditava que pudesse ser o resultado da tensão emocional a que se submetera, porém Jean Luc insistira para que Sarah fosse ao médico. Ela cedeu aos pedidos dele e telefonou no final da consulta para tranquilizá-lo, mas dizendo que precisava falar com ele. Jean Luc ficou apreensivo e, mais tarde, quando se encontraram a sós, notou que Sarah estava nervosa. O rosto sério e a postura tensa, depois de um abraço morno, fizeram Jean temer que algo terrível pudesse estar acontecendo.

— O que foi, Sarah? — ela sacudiu a cabeça, fazendo o silêncio ganhar espaço entre eles. Jean estava sentado na frente dela e sentiu as mãos gelarem. Pediu:

— Fale comigo. Sei que estes dias foram muito duros, e certamente não lhe fizeram bem. Por isso ficou doente...

Ela o interrompeu com um gesto suave, erguendo um pouco a mão que

descansava sobre o braço do sofá, em frente dele.

— Não é isso. É outra coisa... — anunciou, tentando prepará-lo para enfrentar um fato que iria alterar, de novo, o rumo das suas vidas.

Ele não se conteve e sentou-se ao lado dela, no pequeno sofá de dois lugares. Segurou-lhe as mãos e reparou que estavam tão frias quanto as suas. Imaginou que ela ia deixá-lo e sentiu a garganta seca. Ou pior, que ela mentira, e estava gravemente doente.

— Sarah, por favor — repetiu, com a voz ansiosa. — O que aconteceu?

Ela sacudiu uma vez mais a cabeça, e ele viu os seus olhos verdes se encherem de lágrimas. Num impulso abraçou-a:

— Não importa o que aconteceu, eu a amo — disse, beijando-a suavemente no rosto.

— Mas depois você vai me odiar — avisou.

— Como isso seria possível? Você é o meu mundo. O que aconteceu? Está doente?

— Não estou doente. Estou grávida — confessou, espreitando a reação dele, aterrorizada com a ideia de que ele pensasse o pior sobre ela e repudiasse a notícia. Sarah não compreendia como aquilo acontecera, mas acontecera contra todas as probabilidades. Viu-o serenar e a preocupação estampada no seu rosto desapareceu, varrida por um sorriso de alívio. Ele segurou o rosto dela com as mãos, beijou-a com cuidado e, por fim, soltou uma gargalhada feliz, rompendo o silêncio e a tristeza que reinavam na casa até àquele comento.

— Um filho. Vamos ter um filho — ergueu-a do sofá e prendeu-a nos braços ensaiando alguns passos de dança.

— Não está irritado? — perguntou com os braços em volta do pescoço dele, surpreendida pela alegria com que ele recebera a notícia. — Achei que fosse odiar.

Olhou-a sem poder acreditar que ela pensara que a possibilidade de ser pai o desagradasse.

— É a melhor coisa que me aconteceu, depois de você — fez uma pausa, antes de dizer, com a voz triste. — Só gostaria que os meus pais estivessem aqui. Um neto era o grande sonho deles.

— Lamento, Jean — disse, encaixando o rosto na curva morna do pescoço dele.

— Eu sei... Mas agora temos que nos preparar. Mais do que isso: temos que casar. — afirmou Jean Luc, sentindo que aquela notícia contribuía, de

certa forma, para amenizar a perda dos seus pais. Sarah sorriu, feliz.

— Não precisamos nos apressar. Só estou grávida de três semanas.

— Claro que precisamos. Tenho que falar com os seus pais.

— Os meus pais já sabem.

— O que disseram? — perguntou preocupado.

— Nada. Só que você não era judeu — respondeu delicada, para evitar constrangimentos.

— Converto-me — atalhou vigorosamente, como se tudo aquilo fossem detalhes perante o grande evento de ter Sarah na sua vida e tornar-se pai. — Vamos ser discretos. Não quero nada grandioso. A não ser que você queira uma grande festa...

— Também quero algo íntimo — respondeu, em sintonia com os desejos dele.

— Temos que preparar o quarto do bebê — lembrou.

— Não — discordou, com um tom mais alto. — Só podemos começar a preparar as coisas do bebê, quando eu estiver grávida de três meses.

— Acredita nessas superstições, Sarah? — perguntou, com descrédito.

— É melhor prevenir... — disse, com ar de cumplicidade.

— Está bem — cedeu rapidamente. — Esperamos três meses para montar o quarto do bebê. Vou falar com os seus pais para começarmos os preparativos para o casamento — afirmou, recuperando a sua segurança habitual. Sarah ficara apreensiva quando o médico lhe disse que estava grávida, mas agora estava feliz. Primeiro contou ao pai, que detestou a ideia: esperava ver a filha casar antes de ficar grávida. Além disso, apesar das primeiras impressões sobre Jean Luc serem as melhores, achava que eles se conheciam pouco e tudo acontecera demasiado rápido. Mas, por se tratar de Sarah, sempre tão centrada, Frank acabou por vencer as resistências com a ajuda de Rachel, que se rendera a Jean Luc assim que o viu triste e desolado, segurando a mão de Sarah como se ela fosse a razão da sua existência.

Ao contrário da tensa reunião da tarde anterior, naquela manhã o ambiente parecia mais leve, talvez até pelo efeito da luz do sol que entrava pelas janelas. Reuniram-se na mesma sala e ocuparam os lugares da véspera, numa espécie de acordo tácito.

Elizabeth se esforçava por dominar os sentimentos por Daniel e, em certos momentos, evitava olhá-lo, temendo trair-se. Percebia que Miguel lhe

dedicava uma atenção vigilante, e isso fazia com que tomasse um cuidado redobrado com as suas atitudes.

Daniel tinha formulado uma teoria e começou a reunião nivelando as informações:

— Elizabeth, fale-nos da forma como as profecias se estruturam — pediu, surpreendendo com a abordagem daquele tema.

— As profecias dividem-se em blocos de acontecimentos encadeados entre si: são os imperativos necessários para que se cumpra.

— Isso significa exatamente o quê, Elizabeth? — questionou Miguel.

— Os eventos devem acontecer numa determinada ordem, até que a profecia se cumpra.

— E se essa cadeia for interrompida? Se um dos eventos não acontecer? — perguntou Seth.

— As profecias têm um imperativo: possuem uma energia própria que faz com que aconteçam. Só não se cumprem quando são interrompidas por uma força exterior superior à força da própria profecia. Mas é difícil alterar o curso de uma profecia. Por vezes acontece apenas parcialmente, como aconteceu com Hitler. Ele tinha tudo para ser o Anunciado.

— Falamos da profecia Tibetana, Besson — explicou Dib. Miguel inclinou a cabeça, mostrando que sabia bem do que se tratava. Tinha visto algumas notas que os Monges Negros haviam dado ao *Führer* para provar que a sua ascensão era inevitável e fora prevista centenas de anos antes. Mas Miguel não conseguira conhecer os Monges, embora acreditasse que Hitler era o Anunciado depois de ler o resumo da fatídica profecia, em 1939. Foi por essa razão que não revelou a localização do Cálice e da Esmeralda — a Pedra de Lilith, como era conhecida entre os alemães. Mas não conseguiu impedir que eles encontrassem a Lança.

— Se Hitler cumpriu parte da profecia, não se pode considerar que já aconteceu? — perguntou Miguel.

— Hitler representou apenas uma parcela, os passos iniciais. E a profecia é clara sobre a sua inevitabilidade — respondeu Elizabeth segura, mostrando o caderno onde havia anotado detalhes da Profecia, e que agora andava sempre com ela. — Ela diz “*está escrito que a força do sangue acordará a alma adormecida do Anunciado e a lançará na escuridão, onde o seu poder se elevará, intocado, acima dos homens, e os aniquilará*”.

— Mas não significa que vai acontecer... — insinuou Uchoa, esperançoso.

— A expressão “*está escrito*” é usada na Bíblia para mostrar a

inevitabilidade dos eventos. E quando essa expressão surge, no contexto das profecias, é uma indicação clara de que determinado evento possui uma força intrínseca. Vai acontecer — reafirmou Elizabeth.

Nenhum dos guardiões gostaria que uma profecia tão obscura tivesse a menor possibilidade de se concretizar.

— A profecia menciona que primeiro “*cairiam os inocentes, antes de passarem pelo número sagrado. Com a sua queda, a pureza e a bondade começariam a abandonar os homens, e o coração das mães, que servia para manter o mundo unido, ia endurecer*” — Daniel falava devagar, enquanto alinhava os pensamentos, revelando o profundo simbolismo da profecia. — Depois afirma que o “*sangue de um Puro, derramado para redimir a humanidade, seria usado para destruí-la. E o Anunciado ganharia poder e invencibilidade pelo sangue do Puro e se alimentaria das almas humanas, tragando a luz da terra*” — Daniel fez uma breve pausa. Agora a profecia lhe parecia tão clara que ele se questionava como não percebera antes. Continuou explicando:

— Há uma relação entre os acontecimentos atuais e a profecia. O *número sagrado* é o sete e todas as crianças foram mortas antes de completarem sete anos, em sete países da Europa. As últimas crianças, na França, foram assassinadas no dia 7 de novembro.

— E Elizabeth sonhou com o número sete — lembrou Dib.

— O que sonhou? — perguntou Besson, percebendo que os poderes dela haviam se firmado.

Elizabeth sintetizou o sonho, sem omitir os detalhes. Miguel concluiu o mesmo que Daniel deduzira quando escutou o sonho pela primeira vez: o assassino era organizado, frio e dominava a magia, impedindo Elizabeth de descobrir a sua identidade.

— Antes das últimas crianças serem assassinadas no dia 7, elas eram mortas às sextas-feiras. — comentou Seth, tentando agregar informação ao quebra-cabeça.

— Seis sextas-feiras — lembrou Miguel, com calma. — Duas composições com o número seis: 666. O número atribuído a Lúcifer.

— As mortes têm dupla função: derramar o sangue de inocentes, através de um ritual para obter força e poder, e alimentar a escuridão através do terror e do ódio gerados nas pessoas — sintetizou Dib de forma didática.

— Sim — concordou Daniel. — E depois do sangue dos inocentes, a profecia fala do sangue do Puro, “*derramado para redimir a humanidade*”. O

Puro é Jesus. Ele também é o sétimo elemento, é o elo que liga o divino e o humano — Daniel relembrou parte da simbologia do número sete, que já explicara a Elizabeth.

— E o seu sangue foi simbolicamente oferecido para redimir os homens quando morreu na cruz. Mas esse mesmo sangue de Cristo servirá agora para destruir a humanidade, dois mil anos depois. Não compreendo como — disse Elizabeth, confusa.

— Através do Cálice — explicou Daniel, adicionando um novo ponto à explicação.

— E qual é a sua relação com a Profecia? — perguntou Elizabeth.

— O Cálice, como qualquer dos objetos da CLÉ, leva à imortalidade, por meio de um ritual apropriado — Daniel referia-se aos objetos da tríade graálica, que no original francês eram *Calice*, *Livre*, *Émeraude*. — Ele é o último receptáculo do sangue de Cristo. A ascensão do anunciado é a ascensão pelo sangue: ele se torna imortal através do Cálice. A profecia diz que ele “*ganharia poder e invencibilidade pelo sangue do Puro*”. Com isso, ele será invencível.

— Invencível, até mesmo para nós? — questionou Elizabeth.

— Temo que sim — respondeu Dib, que sempre receara a profecia talvez por ter sido murmurada entre os monges, desde os seus tempos de criança, muito antes de imaginar que havia guardiões e ele se transformaria num daqueles seres míticos.

— E onde está o Cálice agora? — perguntou Kent.

— Essa é a grande questão: o Cálice estava com os Messie — disse Daniel, ciente de que todos sabiam da morte do casal e de seus empregos, pelo noticiário. — E desapareceu.

— Dimitri vendeu as nossas relíquias aos Messie? — Uchoa falava do Cálice e do Anel.

— Sim. O interessante é que os Messie tinham muitas obras de arte e artefatos valiosos, mas só desapareceu o Cálice — enfatizou Daniel.

— Não levaram o Anel? — questionou Alessia, com estranheza.

— O Anel só é um objeto do Graal se estiver com a esmeralda — lembrou Daniel. — Apesar do seu valor monetário, o anel sem a esmeralda verdadeira não tem poder real. Portanto, o ladrão devia saber que a esmeralda atual não é a pedra original.

— Isso significa que conhece a esmeralda, ou não sabe a importância do Anel — disse Seth.

— Acho que é o primeiro caso: ele sabe que não é a esmeralda de Lúcifer — defendeu Miguel.

— Como é que o assassino sabia que os Messie tinham o Cálice? — perguntou Elizabeth.

— Não sei ainda — disse Daniel. — Neste momento há muito mais perguntas que respostas.

— E os Messie entregaram o Cálice antes de serem assassinados? — quis saber Kent.

— Charles Messie deve ter revelado a localização — afirmou Daniel.

— Sob tortura? — inquiriu Kent, atento.

— Não creio. As circunstâncias das mortes são peculiares — Daniel relatou os detalhes da morte dos Messie e dos nove empregados: a forma como estavam alinhados na cave na mesma posição das crianças; a ausência inexplicável de sangue na cena do crime e nos corpos; o golpe no peito, mas que não atingiu o coração; e a ausência de violência, com exceção do golpe, como se as vítimas tivessem abraçado o seu destino voluntariamente.

— Qual a arma do crime? — perguntou Dib.

— Uma lança — informou Daniel, olhando diretamente para Miguel.

— A Lança do Destino — afirmou Miguel devagar, compreendendo de imediato a insinuação de Daniel. — Segundo a lenda, ela precisa penetrar na região do peito da vítima, mas sem tocar no seu coração, para absorver todo o sangue do corpo. O que explicaria a ausência de sangue nos Messie e nos seus empregados. Mas a Lança sangra incessantemente e isso deixaria um rastro de pingos de sangue por todo o lado.

— Havia pingos de sangue — mencionou Daniel. — Mas acho que eram insuficientes...

— Se a Lança estivesse protegida pela sua capa de veludo negro, a quantidade de sangue no chão seria menor — explicou Miguel, pensativo. — Pelo que você acabou de relatar, tudo indica que os Messie foram mortos com a Lança do Destino.

— Qual o poder da Lança? — perguntou Elizabeth.

— Usada para o bem, tem propriedades de cura. Usada para o mal, dá poder e vitórias a quem a possui. Hitler se apropriou da Lança em março de 1939 e quase dominou o mundo. Contudo, a Lança se volta contra quem a utiliza de forma errada, e todos os conquistadores que a tiveram sofreram quedas amargas — explicou Daniel.

— E por que é que mataram os Messie com a Lança? Hitler também usou a

Lança para matar pessoas? — questionou Elizabeth novamente.

— Não. As mortes com a Lança são algo novo, que eu saiba — informou Miguel, e depois de uma breve pausa, disse: — Mas acredito que essas mortes servem para apaziguar a Lança, para que ela não se volte contra o seu proprietário, como aconteceu com Hitler e Napoleão, e sempre lhe garanta vitórias. É um ritual de apaziguamento. Quem a está usando tem profundo domínio da magia.

— Sabe onde estava a Lança, Besson? — Dib quis saber.

— As últimas informações são de 1945, quando a Lança estava no Castelo de Wewelsburg, na região da Renânia do Norte-Vestfália, um lugar que os nazistas pretendiam transformar no *zentrum der neuen Welt*, o centro do novo mundo. Ali eram guardados os artefatos místicos mais importantes do nazismo e eram, também, realizados os rituais mais secretos. Com a invasão dos Aliados, o General Patton se apropriou dos objetos que estavam em Wewelsburg, mas não sei se levou a Lança. O certo é que ela desapareceu naquela época e ressurgiu agora.

— Estamos lidando com um praticante de magia negra, disposto a matar para conseguir o poder, e que tem dois dos objetos mais importantes do cristianismo: a Lança do Destino e o Cálice de Cristo — comentou Dib. — A ascensão do Anunciado está sendo preparada.

— Sim — concordou Daniel, lacônico. A sala mergulhou no silêncio por alguns segundos, enquanto todos se davam conta do que estava acontecendo e do que teriam que enfrentar.

— As duas primeiras etapas da profecia estão sendo cumpridas: a morte das crianças com menos de sete anos, e o Cálice, que será usado em algum ritual — sistematizou Dib.

— Falta a terceira parte, em que o Anunciado “se alimentaria das almas humanas, tragando a luz da terra” — disse Daniel. — Mas o seu significado ainda me escapa. Dever ser algum ritual em que ele absorve as almas...

— Eu sei o que é — avisou Miguel, que estivera em silêncio, maturando uma decisão difícil. Sabia que chegaria o momento de confessar os seus pecados, mas não imaginou que fosse acontecer à frente de todos. Por ironia, seria o seu lado negro que iria ajudar a compreender a terceira etapa da profecia e, talvez, contribuir para salvar a humanidade. Não conseguiu deixar de pensar que havia certa justiça divina e maquiavélica em toda aquela situação.

— E o que é, Besson? — perguntou Daniel pressentindo a luta de Miguel

entre as palavras e o silêncio, antecipando a terrível confissão que ele faria pela forma como o seu olhar escurecia.

— Tem razão, De Payens: é um ritual em que a alma é absorvida. O punhal... — Elizabeth interrompeu-o imediatamente:

— O punhal que matou a minha mãe? — perguntou, rezando para que não fosse o mesmo.

— Sim — Miguel falava suavemente, como se narrasse uma história distante, que desejava esquecer. — Na base desse punhal está encastoadada a esmeralda que foi de Salomão, e antes esteve na testa de Lúcifer. Quando o punhal penetra o coração da vítima, a esmeralda absorve a alma e a pedra torna-se luminescente. Com a ponta do punhal é feito um pequeno golpe na pele do receptor, de preferência sobre o coração, e ao surgir a primeira gota de sangue, a alma da vítima sai do punhal e penetra no corpo do receptor. É assim que o Anunciado se “alimentará das almas humanas, tragando a luz da terra”.

A sala foi envolta por um silêncio denso. Elizabeth mirou-o como se ele fosse irreconhecível. Ele percebeu os olhares assombrados, mas continuou calado, aguardando a pergunta que todos tinham bailando na mente.

— Foi você que mandou matar a minha mãe? — perguntou Elizabeth, temendo que ele assumisse ser o responsável, naquele excesso de honestidade que o havia assaltado. Se Miguel confessasse a participação na morte da sua mãe, abriria um abismo intransponível entre eles.

— Não — respondeu, mantendo a serenidade.

— Não? Então como sabe isso? Como sabe do punhal? Era seu?

— Fui eu que o desenhei há muitos séculos, e lhe dei o nome de Punhal das Almas — explicou, devagar. — A Consagração é uma forma de confirmar os guardiões, mas é também uma maneira de manter a vida. Quando saí da Ordem precisava conservar a energia, e a única forma de renová-la era através da absorção das almas ou de complexos rituais de sangue, como os que estão sendo realizados agora. Optei pela absorção. O sangue e a alma são a energia mais poderosa, depois da Consagração. Por isso a morte faz parte de tantos rituais.

— Você mata para se manter imortal? — perguntou Elizabeth, sem esconder a repulsa.

— Esse é o preço que pago — rematou, sem tristeza nem remorsos, fazendo uma simples constatação. — Da mesma forma que as pessoas matam animais para se alimentar, eu preciso da energia das almas. Eu sei que é

chocante, mas é uma questão de sobrevivência: ou faço isso ou morro. E quando as pessoas são confrontadas com a sua própria sobrevivência, há alguns mecanismos que se alteram; se está além do bem e do mal. É como no mundo animal: ou se mata ou é morto. Não há certo nem errado.

Todos reconheciam que a lógica de Miguel estava correta, apesar de não concordarem com a morte de nenhum ser vivo. Mas aquela era a lei vigente na natureza, no mundo animal ao qual pertenciam. E a verdade colocada daquela forma tornava Besson mais humano e as suas atitudes quase perdoáveis. Eles acreditavam, assim como Arturo, que Miguel fizera um pacto similar ao de Fausto: havia trocado a alma pela imortalidade, e servia Lúcifer. Arturo até se referira a Fausto em uma das cartas que escrevera a Elizabeth, na esperança de avisá-la sobre Besson. Mas a explicação de Miguel revelara outra realidade. Ele matava para se alimentar, para não morrer, embora soubesse que haveria um preço a pagar por tantas mortes.

— E quem matou a minha mãe? — questionou Elizabeth. Mesmo sabendo que Miguel tinha as mãos cheias de sangue, e após o impacto das revelações, Elizabeth tentava vencer a repulsa inicial e compreendia que a escolha dele não tinha sido fácil.

— Foi um feiticeiro que roubou o meu punhal e a matou. Não fui eu, Elizabeth. Juro — disse com a voz firme, perante a sala silenciosa que não o condenava, mas também não o apoiava.

— E os meus avós? — perguntou, querendo descobrir toda a verdade.

— Foi o mesmo feiticeiro, Elizabeth. Ele buscava o poder a qualquer preço e achava que o conseguiria matando a sua mãe e a sua avó.

— Mas os corpos dos meus avós foram destruídos por um leão — insistiu Elizabeth.

Miguel baixou ligeiramente o rosto, como se aquelas memórias fossem dolorosas. Depois de alguns segundos imóvel, confessou:

— Eu não os matei, mas também não impedi que o feiticeiro os assassinasse. E quando o cheiro do sangue chegou até mim eu me descontrolei. Lamento muito, mas foi um gesto completamente irracional — Miguel encarou Elizabeth esperando a reação dela, como um condenado aguarda a sentença.

— Eu acredito em você — respondeu, depois de um longo silêncio em que lhe perscrutou o olhar. Apesar do que Miguel fizera, saber que não assassinara a sua mãe e os seus avós tornava-o, de novo, uma pessoa possível, do ponto de vista afetivo.

— Elizabeth — chamou Daniel, querendo voltar à questão da profecia, agora que o segredo sobre a imortalidade de Miguel havia sido revelado.

— Sei que me afastei do objetivo da reunião, mas precisava descobrir o papel de Miguel nas mortes da minha família — respondeu Elizabeth, se justificando. — Desculpe.

— Compreendo o quanto isso é importante para você — retorquiu Daniel — Mas temos que nos concentrar na profecia. Besson, qualquer pessoa pode absorver as almas?

— Não. Apenas um guardião, porque o impacto da energia absorvida é muito violento.

— O Anunciado não é um guardião — afirmou Kent, ciente de que havia apenas oito seres especiais no mundo: eles e Besson.

— Mas está sendo preparado um caminho: primeiro a morte de inocentes, segundo certos rituais, para gerar uma grande quantidade de energia. Em seguida, a utilização do Cálice para obter imortalidade e uma força similar à nossa. E por fim, o Punhal das Almas para manter esse poder. E quanto mais almas ele absorver, mais forte se tornará — avisou Miguel.

— Então ele não é um guardião, mas vai tornar-se igual a nós — concluiu Daniel.

— Não apenas igual a nós. Mais forte que nós. A profecia fala de *invencibilidade*... — lembrou Dib, apreensivo. Daniel já entendera que aquela profecia tinha um impacto anormal sobre Dib e isso era o bastante para indicar o perigo que pendia sobre eles. Dib era o exemplo da tranquilidade, e o seu vasto treinamento permitia que superasse os obstáculos sem esforço. Mas a forma como a profecia o afetava contribuiu para que todos sentissem a ameaça.

— O que é, Dib? — Daniel se aproximou dele enquanto o observava.

— Se não impedirmos o Anunciado, milhares morrerão e depois disso é a escuridão. A ascensão do Anunciado prevê uma era de trevas em que a esperança será destruída. Já imaginaram um mundo sem esperança? — perguntou Dib, em voz baixa.

— Não — Daniel sabia que o Anunciado era o prelúdio do desespero e da violência.

— Temos que destruí-lo. Mas como vamos encontrá-lo? — questionou Seth.

— O ponto de partida é a morte das crianças em seis países, durante seis sextas-feiras seguidas. Duas vezes o número 666, como disse Miguel. O

sétimo país, que inaugura o fim de um ciclo e, certamente, o início de outro, é a França, onde foram mortas crianças no dia 7 de novembro e depois os Messie — Daniel fez uma pausa, antes de revelar o resto do seu raciocínio. — Por isso acredito que a França está ligada à ascensão do Anunciado. Mas antes de agirmos, temos que descobrir quem ele é. Além disso, ele ainda não tem o Punhal das Almas — lembrou Daniel, se voltando para Elizabeth, para encará-la de frente. — Neste momento, só você pode descobrir quem é o Anunciado.

— Eu sei... — respondeu, ciente de que era esperado que sonhasse com o rosto daquele que traria a destruição ao mundo.

— Você devia ajudá-la esta noite, Daniel. Não estou tranquilo o suficiente — justificou Dib, que ficava à disposição de Elizabeth durante a noite, para ajudá-la caso ela necessitasse.

Daniel hesitou, imaginando como seria dividir a casa com ela, durante uma noite inteira.

— Está bem — respondeu, por fim. Elizabeth acompanhava a conversa e sentiu uma pontada de culpa por estar feliz com a proximidade dele, em circunstâncias tão difíceis.

Miguel observava-os tentando entender a hesitação quase imperceptível de Daniel e uma emoção muito rápida que atravessou o rosto de Elizabeth. Mas a reunião havia sido demasiado intensa, perturbando todos com a profundidade e o alcance da Profecia, e Miguel ficou sem compreender o que acontecera entre Daniel e Elizabeth.

Daniel terminou a reunião, e sem outras opções, restava-lhe esperar que Elizabeth fosse capaz de descobrir a identidade do Anunciado.

Oliver Bassan preparou uma mala com o essencial para a viagem. Tinha levado alguns dias planejando tudo, até o mais ínfimo pormenor. Para ele não havia excesso de cuidado. Todos os detalhes eram importantes, porque eram os detalhes que levavam ao fracasso.

Quando chegasse ao seu destino pretendia observar a rotina da jovem para ajustar o plano antes de sequestrá-la. Oliver organizava as suas atividades mesclando planejamento e oportunidade, o que contribuía para complicar as investigações dos casos em que se envolvia, fazendo parecer que havia sido algo aleatório. Por isso, após estudar as vítimas, preferia assassiná-las em situações que fugiam do padrão das suas atividades habituais.

Chegou à cidade depois de uma viagem tranquila de avião e hospedou-se num hotel luxuoso. Tomou um banho rápido e começou imediatamente o reconhecimento da região onde morava a jovem que deveria sequestrar.

14. O beijo

Se não se passou pela obrigação absoluta de obedecer ao desejo do corpo, isto é, se não passou pela paixão, nada se pode fazer na vida.

Marguerite Duras (1914-1996)

Étienne Bergès não conseguia disfarçar o sorriso, apesar do estresse no trabalho: a imprensa não dava um minuto de sossego a ninguém que estivesse envolvido com o caso dos Anjos Caídos e, mais recentemente, o dos Messie. A televisão repassava as notícias, mostrando velhos detalhes como se fossem novos, para manter o assunto aceso entre a população. Na internet era pior ainda. Além da circulação e da multiplicação das notícias verdadeiras, havia um monte de conclusões falsas que aumentava a cada segundo. E a pior das notícias saía do mundo virtual e invadira os jornais sensacionalistas, anunciando que os assassinos das crianças e dos Messie se dedicavam à magia negra e se haviam inspirado em Charles Manson, responsável pela violenta morte da atriz Sharon Tate, grávida de oito meses, em 1969.

Esses ruídos na comunicação eram o pior de tudo, porque aumentavam a pressão sobre os investigadores. Depois de trocarem várias ideias, Shaw e Étienne decidiram fazer uma conferência de imprensa, em que seguiriam o mesmo roteiro, para tentarem acabar com os rumores sobre magia e rituais satânicos, independente de haver ou não algum fundo de verdade em tudo aquilo. Naquele momento, o importante era serenar a população e diminuir o medo que se instalara com aquelas teorias que mesclavam morte e sobrenatural.

O natal aproximava-se rapidamente e São Paulo, como qualquer grande cidade naquela época do ano, estava efervescente. Elizabeth não falava com os amigos da faculdade desde que viajara para a África do Sul e ficou feliz quando Ana telefonou para contar as novidades.

Ela e Jorge estavam apaixonados, mas continuavam sem dar um nome ao relacionamento, afirmando categoricamente que não estavam namorando.

Paula continuava em Londres e Pietro, após muitas negociações, tinha conseguido convencê-la a deixá-lo ficar no seu minúsculo apartamento durante o mês de dezembro.

Áurea e André se adaptavam à vida de casados, mas o relacionamento parecia tenso e os antigos carinhos tinham-se transformado em alfinetadas sutis.

Por sua vez, Elizabeth explicou que tivera um acidente e fora obrigada a raspar o cabelo para os médicos suturarem o golpe que levara na cabeça.

Lucrezia não parava de pensar em Miguel desde a noite que passaram juntos. Havia muito tempo que ninguém lhe suscitava aquele nível de interesse. Era sempre ela que seduzia e controlava a relação, decidindo quando e onde se encontraria com os amantes e, ao menor sinal de tédio, os abandonava sem explicações. Mas algo diferente estava acontecendo: Miguel permanecia na sua memória, mesmo contra a sua vontade. Sabia muito pouco sobre ele, e ao pesquisá-lo na internet, não encontrou informações ou fotografias. Era quase como se ele não deixasse sinais da sua existência, o que era difícil numa era digital onde tudo e todos têm um rastro eletrônico. Aquilo a deixou alerta, mas o mistério aguçou a curiosidade e a vontade de voltar a estar com ele. Telefonou-lhe.

— Lucrezia — espantou-se ao ouvi-la, como se ela pertencesse a um mundo que desaparecera da sua vida nos últimos dias, a um passado ingrato que ressurgira inoportunamente para persegui-lo.

— Surpreso?

— Um pouco. Não esperava que telefonasse — confessou. — Não parece ser o seu estilo.

— Não é mesmo o meu estilo — concordou com firmeza, antes de alterar a voz para um tom sensual. — Mas sinto a sua falta. Quando volta?

— Ainda não sei.

— Não? Como não? — Miguel percebeu que a voz dela se crispara e ficou atento. Não suportava mulheres possessivas e, apesar de ter percebido que ela era do tipo controlador, não imaginou que telefonasse para lhe falar sobre o desagrado com a sua ausência. Aquilo, embora fosse lisonjeiro, também soava como uma cobrança, e eles haviam passado apenas uma noite juntos. É verdade que fora uma noite intensa, mas não justificava o sentimento de posse que adivinhava sob as palavras dela. Ficou em silêncio, indeciso sobre o que fazer: ou mostrava o seu desagrado com aquele tipo de cobrança ou agia como se não tivesse percebido e esperava para ver como se encaminharia o diálogo. Optou pela segunda atitude.

— Assim que souber telefone. Pode ser? — perguntou, com uma voz neutra.

Lucrezia percebeu que exagerara no tom das perguntas. Mas Miguel estava lhe despertando um ciúme difícil de controlar. Lucrezia sabia que não podia permitir que o seu caso com Miguel a afastasse da sua verdadeira missão: Jean Luc Messie.

— Sim. Espero que volte rápido — respondeu, rindo com sensualidade, para disfarçar os indícios da sua possessividade, momentos antes.

— Eu também — disse, antes de desligar. Mas aquele telefonema incomodou-o. Havia algo em Lucrezia que o deixava em estado de alerta, como se ela representasse um perigo oculto.

Daniel deixou o apartamento de Elizabeth antes de tomar o café da manhã, para evitar cruzar-se com ela. Tinha dormido pouco e a noite o havia esgotado. Cada dia oscilava mais entre o seu desejo por Elizabeth e a sua obrigação em relação à Ordem. Sabia que o amor era matematicamente insustentável: para ficar com Elizabeth ambos teriam que abdicar da imortalidade. E aquela não era uma alternativa para ela. Com a inevitabilidade da sua morte, tudo o que queria era amá-la antes de partir, mas achava injusto condenar Elizabeth.

Pressionado por uma escolha difícil, Daniel compreendia melhor o verdadeiro drama vivido por Arturo e, por mais que se questionasse se valera a pena, sabia que a mortalidade dele é que tornava possível a existência de Elizabeth. Também pensou em Besson e na sua saída da Ordem, mas sabia que os motivos dele eram diferentes dos seus: Besson deixara a Ordem em busca do poder e de uma vida livre do rígido espartilho das regras; e ele

estava dilacerado entre o amor e o dever, tal como acontecera com Arturo. Questionou-se sobre o caminho que Besson seguira: um caminho que, apesar dos motivos errados, ainda o mantinha consagrado. O preço que Besson pagava pela sua escolha era muito alto, mas a Ordem também exigia um preço elevado. Daniel abdicava da sua vida pessoal para servir exclusivamente a Ordem. E agora estava dividido entre o amor por Elizabeth e a sua responsabilidade perante a Ordem, enquanto guardião Supremo.

Nessa tarde, quando foi para a biblioteca da Ordem, encontrou Elizabeth. E agora não havia como escapar. Ela abandonou o livro que lia com atenção forçada e foi ao seu encontro, assim que o viu atravessar a sala. Daniel parou no meio do caminho, antes de chegar à grande mesa de madeira sólida, onde ela estivera sentada, segundos antes. Apoiou-se numa das estantes e ficou a vê-la aproximar-se com passos miúdos e nervosos. Podia perceber que ela estava irritada. Elizabeth revelou a razão: ainda não conseguira sonhar com as identidades do assassino e do Anunciado. Daniel disse, com a calma proveniente da sua longa experiência:

— Às vezes é difícil descobrir. Tem que insistir.

— Estou insistindo — argumentou, parando na frente dele, sentindo-se impotente. Parecia que algo superior aos seus dons extraordinários ocultava tudo, com um véu negro.

— Eu sei — disse, vendo-a muito próxima, gesticulando com as mãos esguias, quase roçando o seu peito.

A proximidade dela era intoxicante. O seu perfume chegava até ele cada vez que ela se movia. O fato de a morte ser algo concreto desde que trocara a sua vida pela dela, emprestava uma nova urgência às suas emoções, confundindo as prioridades e obrigações.

Ela parou, sob o olhar atento de Daniel, e mirou-o como se o tivesse visto apenas naquele instante. Aproximou-se um pouco mais, diminuindo a distância já irrisória que havia entre eles. Estavam separados por alguns centímetros. Ele manteve-se imóvel, consciente da atração crescente que os envolvia. Elizabeth inalou vagarosamente o odor fresco da colônia masculina. A irritação deu lugar ao desejo, como se um raio a tivesse atingido, de repente.

Eles continuaram se olhando fixamente, sem se moverem. Sabiam que não seriam capazes de continuar controlando aquele sentimento que oscilava entre o prazer e a dor, a atração e a culpa, o amor e a impossibilidade. Estavam subjugados por uma atração intensa que aumentava cada vez que

respiravam.

Ela deixou tombar as mãos ao longo do corpo, tentando recalcar as emoções. Mas o espaço entre eles diluía-se enquanto mergulhavam nos olhos um do outro. O ar parecia irrespirável, num misto de expectativa e temor. Uma emoção irracional estava se apoderando deles. Ambos sabiam que não podiam dominar por mais tempo o desejo. Ele estava cansado de lutar contra a vontade constante de abraçá-la. E ela só queria mergulhar nos braços dele.

Aproximaram-se, sem precipitações, anulando a nesga de ar que os separava. Daniel pousou uma mão acima da cintura dela, dobrando-a contra si, e pôs a outra mão sobre a nuca, anunciando um beijo. Ela o abraçou, em volta do pescoço. Ele continuou a olhá-la, ciente dos sinais do seu corpo junto ao dela. Os seus corpos uniram-se sem pressa, se tocando suavemente, com os músculos das coxas se encaixando numa dança lenta.

Daniel colocou a mão debaixo da blusa dela e sentiu a pele da cintura contra os seus dedos. Moveu a palma aberta pelas costas dela, provocando-lhe um arrepio. A longa espera intensificava tudo, dando aos gestos, mesmo aos mais insignificantes, um prazer excessivo. Com a mão aberta contra as costas dela, Daniel puxou-a mais contra o seu peito. Os corpos se fundiram num abraço profundo.

Aproximou-se dos lábios dela devagar, fazendo-a tremer de antecipação. Queria que chegassem àquele primeiro beijo lentamente. Queria que fosse um beijo inesquecível. Demorou-se em cada gesto. Beijou-a de leve nos lábios, doce e quase fraternal. Ganhou firmeza e entreabriu os lábios dela sensualmente com a pressão dos seus, explorando a boca morna. Estremeceram ambos sob o alívio momentâneo provocado pelo beijo. Ela se afundou nos braços dele, se entregando às mãos dele.

Ele a apertou contra o corpo másculo, sentindo-a por inteiro. Continuou a beijá-la com intensidade crescente, acariciando as costas dela, numa descoberta sensual, e ao perceber que ela não usava sutiã, sentiu uma espécie de frenesi que intensificou o seu desejo. Ela puxou a camisa para fora dos jeans dele e acariciou as suas costas, sentindo a pele quente e as irregularidades das cicatrizes, sob as pontas dos dedos. Ele gemeu de prazer e, nesse momento, surpreendido pelo som da sua própria voz, percebeu que precisava recuperar o controle antes que fosse tarde demais.

— Elizabeth — disse, sobre os lábios dela, tentando se controlar, enquanto todo o seu corpo pedia que continuasse.

— Sim... — respondeu, abraçando-o mais forte, temendo que ele

escapasse.

— Não — negou, sem se afastar, ainda com o corpo unido ao dela, aturdido com a intensidade das emoções.

— Por favor, Daniel... — pediu, imaginando que, se o deixasse ir, ele não permitiria que um momento como aquele se repetisse.

— Precisamos parar. Vem gente aí — insistiu, tenso, lutando para recuperar o domínio da situação, enquanto ela continuava a abraçá-lo, acariciando as costas dele com as pontas dos dedos quase febris.

Ela se afastou contra a vontade, sabendo que ele estava certo. Também sentira o formigamento no corpo que denunciava a presença de outro guardião. Ele ajeitou rapidamente a camisa dentro das calças e sentou-se, folheando um livro aleatório que estava sobre a mesa, enquanto recuperava o autodomínio. Tinha a sensação de ter aberto uma comporta e não ser capaz de voltar a fechá-la. Sentia que se afogava num mar de desejos e quanto mais lutava mais se afundava, como se tivesse mergulhado em areias movediças. Estava consciente de que acabara de escancarar as portas do seu inferno pessoal.

Ela se sentou no lado oposto da mesa, evitando encará-lo, e tentando controlar os efeitos daquele beijo arrebatador que a fez vislumbrar o lado sensual de Daniel. E aquela descoberta só contribuíra para piorar a situação.

Lá fora, a luz abandonava a cidade e as sombras da noite esgueiravam-se pelas janelas da biblioteca. Alessia entrou e, vendo-os quase às escuras, perguntou:

— Existe algum motivo para estarem com as luzes apagadas?

Ao ver Alessia, Daniel sentiu alívio. Se fosse outro guardião certamente pressentiria a quantidade absurda de energia que havia entre eles, e que era difícil de explicar. Mas Alessia era movida principalmente pelo seu amor por Elizabeth, e isso afetava a sua percepção.

— Não — exclamou Daniel, com aparente serenidade. Elizabeth manteve os olhos fixos no livro, temendo que Alessia percebesse os vestígios do seu momento de paixão com Daniel. Vestiu o casaco leve, que colocara nas costas da cadeira mais cedo, para tentar ganhar tempo e se recompor. Mas Alessia percebeu que havia algo errado.

— O que aconteceu?

— Por quê? — perguntou Daniel, astutamente.

— Vocês parecem estranhos — comentou, com a intuição própria dos guardiões.

— Falávamos sobre os assassinatos e Elizabeth se sente frustrada por não ter conseguido sonhar — disfarçou Daniel, com displicência, olhando para Elizabeth com uma ternura mal disfarçada. Ela retribuiu o olhar, consciente dos riscos que corriam se alguém descobrisse o que sentiam um pelo outro. Estava mais calma e reforçou os argumentos dele:

— Estava reclamando por não conseguir descobrir o assassino, nem o Anunciado.

— Talvez esteja demasiado ansiosa — insinuou Daniel, com um breve sorriso, imprimindo à frase um duplo sentido que só Elizabeth entenderia.

— É verdade que anda um pouco ansiosa — confirmou Alessia, dirigindo-se a uma das prateleiras. — Só passei aqui para pegar um livro. Você volta comigo para casa, Elizabeth?

Elizabeth hesitou. Queria falar com Daniel sobre o que acontecera, mas viu-o menear a cabeça levemente. Ambos precisavam de tempo para digerir aquele momento que abalara os seus alicerces, colocando-os numa posição de fragilidade em relação aos seus papéis na Ordem.

— Sim, vou — respondeu, contrariada.

Jean Luc e Sarah decidiram se casar em Paris. Frank Liberman voltou para Londres e usou alguns dos seus contatos para apressar a burocracia necessária para o casamento. Rachel continuou em Paris, se dedicando aos preparativos da cerimônia. Embora fosse algo íntimo, queria que a filha tivesse uma festa inesquecível.

Jean Luc, apesar de continuar com a adega interditada, contratou novos empregados e começou a se preparar para receber a noiva e o futuro filho. A perspectiva de ter um filho contribuía para diminuir a tristeza causada pela perda dos pais.

O casamento aconteceria na primeira semana de janeiro e os pais de Sarah o convidaram para passar o final do ano em Londres.

Elizabeth estranhou o telefonema de Áurea, às oito da manhã.

— O que foi? — perguntou Elizabeth, ao ouvir Áurea chorando. Ela era uma pessoa comedida, por isso devia ser algo grave.

— O André saiu de casa — disse, quando finalmente conseguiu controlar as lágrimas.

— Por quê? — perguntou, espantada. Eles estavam casados há menos de

um ano.

— É muito complicado... — hesitou, recomeçando a chorar.

— Onde você está?

— No meu apartamento.

— Vou até aí — disse, antes de sugerir: — Não vá trabalhar hoje: não está em condições.

Elizabeth pegou a chave do carro e a caminho da porta disse em voz alta:

— Alessia, preciso ir à casa da Áurea.

— O que aconteceu? — perguntou Alessia, aparecendo no corredor, vinda da cozinha onde estava limpando a mesa do café da manhã.

— O André saiu de casa e ela está destrocada — respondeu, dirigindo-se para a porta. — Por favor, avise o Leon e o Náder que espero por eles na garagem.

— Vai ficar tudo bem — respondeu Alessia, acreditando que aquilo havia sido uma simples briga de casal.

Elizabeth encontrou Áurea ainda de pijama, com o rosto inchado de tanto chorar. Foi à cozinha, encheu um copo com água gelada e aconselhou:

— Beba devagar. E se acalme para conseguirmos conversar — Elizabeth acariciou o cabelo despenteado da amiga. Ela acenou com a cabeça e bebeu a água em pequenos goles, como se fosse um remédio. Quando acalmou um pouco, as duas sentaram no sofá branco, de três lugares, que ficava num dos cantos da sala. Elizabeth descalçou os sapatos, cruzou as pernas em cima do sofá e pediu:

— Agora me conte o que aconteceu.

— O André saiu de casa ontem à noite. Brigamos por causa da minha mãe.

— O quê? — perguntou cética, duvidando do motivo da separação.

— Discutimos sempre por causa da minha mãe. Ele não compreende que eu não posso proibi-la de nos visitar quando ela quiser.

— E ela avisa? Telefona? — perguntou Elizabeth, desconfiada, lembrando o estilo autoritário com que a mãe de Áurea conduzira os preparativos do casamento.

— Às vezes se esquece de avisar. Ela gosta de me ajudar porque sabe que os nossos horários no hospital e na clínica são complicados — justificou.

— Deixe-me ver se entendi: a sua mãe vem aqui quando quer, sem avisar, para ajudá-la a organizar a sua casa. É isso?

— Sim — respondeu Áurea, com simplicidade.

— Você não acha estranho que a sua mãe invada a privacidade de vocês

para organizar a casa? Se eu estivesse no lugar do André também teria me irritado.

— Sei que tenho que falar com a minha mãe — reconheceu. — Mas ela não vai entender.

— Se não colocar um limite na sua mãe, vai perder o homem que ama — avisou Elizabeth.

— Eu vou falar com ela — disse Áurea, ciente de que aquela era a decisão certa. — Estou tentando ligar para o André, mas ele não atende.

— Acho que só vai falar com você quando estiver mais calmo. O André deve estar esperando que você decida o que vai fazer... — Elizabeth calou-se ao escutar a chave na porta e olhou interrogativamente para a amiga.

— É a minha mãe — murmurou ela.

— Ela tem a chave de casa? — perguntou Elizabeth num sussurro, sem esconder o espanto ao ver a amiga mover a cabeça positivamente.

— Você precisa acabar com isso... — aconselhou, antes de dizer no mesmo tom baixo: — Vou embora, para que fale com ela. Se precisar, me ligue. — Elizabeth beijou-a na testa, antes de sair rapidamente pela porta de serviço para evitar encontrar-se com a mãe de Áurea. Gostaria de ter ficado mais tempo com a amiga e partiu desagradada com a interrupção, mas a mãe de Áurea não era alguém com quem desejasse conversar naquele momento.

Eram dez da manhã quando Elizabeth deixou o apartamento de Áurea. Olhou em volta e viu Leon e Náder dentro do carro. Fez-lhes um breve sinal de adeus e telefonou para avisá-los que ia para casa. Ligou o carro, que estacionara em frente do prédio de Áurea, olhou pelo retrovisor e viu os seguranças na fila ao lado, dois carros atrás. O trânsito estava difícil: a avenida não se movia e ela teria que arranjar um percurso alternativo para sair dali. Percebeu que se distanciara de Leon e Náder: a fila da esquerda, onde estava, tinha andado, mas a deles continuava parada. Telefonou mais uma vez e avisou que ia sair pela esquerda, para tentar escapar do trânsito e esperaria por eles perto da praça, um pouco adiante. Leon ofereceu-se para acompanhá-la, mas Elizabeth não achou necessário. Os dias de perigo pareciam distantes. Porém, alguns minutos depois, teve a estranha sensação de estar sendo observada. Sentiu um arrepio e ajustou o espelho tentando entender por que estava sentindo que havia alguém atrás de si. Foi quando viu os olhos escuros refletidos no espelho. Ele estava imóvel no banco

traseiro do carro, como uma estátua surgida do nada. Ela não conseguia saber há quanto tempo ele estava ali, silencioso, mas viu uma ameaça clara nos olhos gélidos. Voltou o olhar para a estrada e abrandou o seu ritmo cardíaco, respirando devagar. O desconhecido disse, com uma voz ligeiramente rouca, num inglês perfeito:

— Estacione.

Ela estacionou perto da praça, onde havia combinado esperar pelos seguranças.

— Vamos atravessar a praça, para a direita — avisou o homem.

Elizabeth pegou a bolsa, saiu do carro e caminhou ao lado do homem corpulento e alto. Ele devia ter um metro e noventa, cabelos e olhos negros, musculoso sem exageros, e muito tranquilo. Quem os visse caminhando pela rua, ele com a mão firmemente fechada em volta do braço dela, diria que eram um casal. Ele não aparentava emoção. Era educado e não foi rude ou desagradável, mas no fundo do olhar havia um aviso frio que dispensava palavras, uma espécie de abismo desconhecido que desencorajava qualquer tentativa de fuga, qualquer gesto impensado.

No outro lado da praça mandou parar um táxi, empurrou-a delicadamente para o banco de trás, sentou-se ao seu lado, e entregou ao motorista um papel com o endereço que tirou do bolso dos jeans impecáveis. O taxista leu e quando se voltou para encará-lo e viu o rosto impávido e sério, optou por calar-se e pôr o carro em andamento.

O celular dela começou a tocar, ininterruptamente.

O homem dos olhos negros disse, em voz baixa, com o seu inglês britânico:

— Temos um entendimento, não é, Elizabeth?

Ela assentiu com a cabeça: sabia que ele a estava desaconselhando de tentar escapar. Confirmou que ele sabia quem ela era. Lembrou-se das mortes trágicas da mãe e da avó e, também, do assassino que tinha ido a Puebla de Sanabria.

O sequestrador estendeu a mão esquerda, aberta, mantendo a direita em volta do braço dela, como um anel mortal. Elizabeth podia sentir a força controladora dos dedos dele. Entendeu o gesto dele e entregou o celular, que continuava tocando. Ele soltou o braço dela para abrir o celular e retirar o chip, que atirou pela janela. O celular silenciou. Ele montou as peças e devolveu o aparelho. Elizabeth colocou-o de volta na bolsa. O homem tornou a fechar a mão em torno do braço dela, com tranquilidade. Ela percebeu que

estava perante um adversário imponente: inteligente, controlado, organizado, educado e, aparentemente, habituado a situações similares.

Questionou-se sobre quanto tempo ele estivera dentro do seu carro, à espera, sem ser notado, e como conseguira entrar.

Uma hora depois estavam na região norte da cidade. O táxi parou, ele pagou e deu uma gorjeta de cinco reais, suficiente para o motorista ficar feliz, mas insuficiente para ele se lembrar de uma gorjeta extravagante. Desceram do táxi, e ele a guiou para a calçada, sempre com a mão em torno do braço dela. Andaram duzentos metros e pararam ao lado de um carro preto. Ele acionou a chave e destrancou o carro. Abriu a porta e a empurrou para o banco da frente. Inclinou-se e colocou o cinto de segurança, enquanto mantinha sobre ela o mesmo olhar frio, em tom de aviso. Foi nesse momento que ela viu a arma sob o braço dele, oculta pelo elegante blazer azul que ele usava. Ele deu a volta no carro, tranquilo, seguro de que ela não iria a lugar nenhum e sentou-se ao volante. Elizabeth não pretendia escapar, porque dentro dela uma voz dizia que aquele homem não hesitaria em feri-la se ela lhe desse motivo. E a mesma voz também lhe dizia que uma grande tormenta estava se aproximando.

15. A tormenta

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu: há tempo de nascer e tempo de morrer; (...) tempo de chorar e tempo de rir; (...) tempo de abraçar e tempo de afastar-se; tempo de buscar e tempo de perder; (...) tempo de amar e tempo de aborrecer; tempo de guerra e tempo de paz.

Eclesiastes, 3: 1-8

Leon e Náder viram o carro de Elizabeth estacionado em frente à praça. Perceberam que estava destrancado, como se ela o tivesse abandonado às pressas. Ligaram para o celular e quando ela não atendeu perceberam que algo terrível tinha acontecido.

Assim que avisaram Alessia, ela entendeu a gravidade do problema e pediu que não saíssem do local. Em seguida avisou Daniel, mas ele já pressentira que havia algo errado:

— Foi Elizabeth, não é?

— Sim — respondeu. — Consegue criar alguma ligação com ela?

— Estou tentando, mas ainda não consegui. Pode ser a distância, a perturbação dela ou algum outro tipo de impedimento. O que aconteceu?

— Leon e Náder ficaram presos no trânsito. Ela se adiantou e disse que esperaria por eles perto de uma praça. Quando eles chegaram, encontraram o carro abandonado, com a chave na ignição. Ligaram para o celular e ela não atendeu. Insistiram e as chamadas começaram a cair na caixa postal.

— Onde é que ela foi?

— Foi ver a Áurea, uma amiga da faculdade...

— Eu sei quem é — interrompeu Daniel, lembrando-se do casamento em que a acompanhara, e dos momentos que haviam dançado, imaginado que eram pessoas normais.

— Temos que encontrá-la antes que aconteça... — Alessia não completou a frase, mas Daniel entendeu que ela estava insinuando a possibilidade de Elizabeth ter sido sequestrada para ser assassinada. A ideia o encheu de um desespero que o impedia de raciocinar com clareza.

— Preciso pensar — disse, tentando se acalmar. — Avise Kent, Uchoa e Seth e peça para nos encontrarem no seu apartamento. Enquanto isso vou com Dib ver o carro dela.

Quando chegaram à praça, Léon e Náder estavam devastados. Daniel e Dib tentaram acalmá-los, mas eles se sentiam responsáveis pelo sequestro de Elizabeth.

— Esperaram aqui no carro, no banco de trás — informou Dib, analisando o carro.

— Algum odor particular? — perguntou Daniel.

— Um perfume amadeirado e forte.

— Parece alguém sofisticado. Mais alguma coisa? — questionou Daniel, se inclinando para dentro do carro, para observar melhor.

— Não.

— Vamos tentar descobrir para onde foram — pediu Daniel, dirigindo-se a Dib.

— Acho difícil. É uma área aberta, com grande fluxo de gente. Os odores já se foram. Mas podemos tentar... — concordou Dib, caminhando devagar ao lado de Daniel, como dois animais farejando o ar sutilmente.

— Você se concentra nele e eu em Elizabeth... Consigo senti-la aqui. — Daniel percebeu o odor no meio da praça. Fechou os olhos para se concentrar e isolar o cheiro de Elizabeth no meio de tantos outros. Caminhou até o início da rua, do outro lado da praça. — Vieram até este ponto... — Daniel apontou para o chão. — Devia haver um carro esperando.

— Como saberiam? O percurso de Elizabeth foi definido no último minuto — afirmou Dib.

— Talvez tenham apanhado um táxi — sugeriu, antes de comentar: — Tiveram que parecer tranquilos, porque ninguém percebeu nada. Foi algo discreto e ela colaborou.

— Não há mais nada aqui, Daniel.

— Quando foi a última vez que revistaram o carro dela? — Daniel questionou os dois seguranças, antes de voltar para junto deles e entrar no seu carro com Dib, para se dirigirem ao apartamento de Elizabeth.

— Hoje de amanhã, às oito. Quando chegamos à garagem ela já estava no carro, mas revistamos tudo: fazemos sempre isso antes de Elizabeth sair com o carro.

— Como ele entrou no carro? Elizabeth ficou mais de uma hora na casa da amiga e vocês ficaram aqui embaixo. Perderam o carro de vista?

— Não — respondeu Náder. — Não saímos dali. O carro dela estava do outro lado da rua. Conseguíamos vê-lo.

— Viam apenas um dos lados, não é? O lado das portas que abriam para a calçada estava parcialmente oculto, certo? — insistiu Daniel, tentando entender o que podia ter acontecido.

— Sim, mas se alguém abrisse a porta conseguíamos perceber... — argumentou Náder.

— Acho que perdemos o carro de vista por alguns minutos, quando dois adolescentes brigaram à nossa frente e tivemos que separá-los — lembrou Léon.

— Dois adolescentes? — perguntou Daniel, percebendo que aquilo poderia ter sido um subterfúgio para distraí-los, criando a oportunidade ideal para alguém entrar no carro, sem fazer disparar o alarme, o que, atualmente, não era difícil com acesso a tanta tecnologia.

— Tinham uns quinze anos e estavam com o uniforme da Escola Americana — disse Náder.

— Há uma unidade ali perto, um quarteirão acima. Se fossem lá, conseguiriam descobrir quem são eles? — questionou Dib.

— Sim — rematou Léon, sem hesitação, seguro da sua memória imbatível.

— Vejam se os encontram e descubrem o que aconteceu — pediu Daniel. — Depois, um de vocês leva o carro de Elizabeth para casa.

Os adolescentes não sabiam de nada. Tinham-se irritado um com o outro, e o sequestrador devia estar esperando e aproveitou a oportunidade assim que ela surgiu.

Daniel e Dib entraram na sala onde Alessia, Kent, Seth e Uchoa aguardavam com impaciência. Em menos de um ano, era a segunda vez que Elizabeth desaparecia, mas da primeira vez sabiam que estava com Besson e

agora não faziam a menor ideia sobre a identidade do sequestrador. Além disso, também não sabiam o motivo do sequestro.

A tensão era palpável. Todos estavam agitados, movendo-se pela sala como leões enjaulados. Daniel tentava manter a calma. Puxou uma cadeira, deu alguns passos com ela e posicionou-a de maneira a ficar de frente para todos. O desaparecimento de Elizabeth pegara-os desprevenidos. Alessia foi a primeira a falar:

— Talvez precisemos chamar o Besson, para nos ajudar — pronunciou o nome dele com cuidado, como se ele pudesse ferir a sua boca. Mas o desespero tinha-se apossado dela ao ponto de fazê-la considerar a possibilidade de pedir a colaboração do homem que tanto detestava. Daniel olhou-a, surpreso:

— Está falando sério?

— Sim. E Kent também é da mesma opinião. Falamos sobre isso enquanto esperávamos vocês chegarem — justificou. — Precisamos dele para encontrá-la o mais rápido possível. E represente ele o bem ou o mal, neste momento será um de nós. Talvez o único de nós capaz de fazer qualquer coisa para salvá-la.

Daniel olhou friamente para Alessia e comentou com sarcasmo:

— Quando precisamos de Besson ele serve para nós, e quando não precisamos, ele representa tudo o que abominamos. É isso?

O silêncio aumentou emprestando mais densidade ao ambiente. Todos sabiam que Daniel estava certo. Kent aceitou a crítica.

— Tem razão, Daniel. Somos hipócritas — reconheceu com o semblante sério. — Agora que Elizabeth está em perigo, não nos importamos muito com o passado dele. Mas acho que precisamos dele.

— Reparem na ironia: você e Alessia, os maiores críticos de Besson, são os primeiros a chamá-lo, porque aquilo que mais abominam nele, que é sua capacidade de sobrevivência, de viver acima do bem e do mal, é o que pode ajudar Elizabeth. Ele foi a lugares onde nenhum de nós se atreveu a ir — Daniel lembrou.

— Votemos — sugeriu Dib, vendo o tempo passar.

E cinco braços se ergueram, exceto o de Daniel.

— Não concorda que chamemos Besson? — perguntou Kent.

— Não, mas respeito a opinião de vocês — respondeu Daniel devagar, pegando o celular para ligar. Levantou-se e deu três passadas em direção à varanda. Assim que Besson atendeu não lhe deu oportunidade para falar, e

avisou em voz baixa:

— Besson, Elizabeth foi sequestrada. Precisamos de você no apartamento dela.

— Estou indo — Miguel desligou o celular, sem perguntar mais nada, sentindo um frio se infiltrando imediatamente dentro dele.

Daniel voltou a sentar-se na cadeira e falou:

— Esperemos por Besson, a não ser que alguém tenha alguma intuição fabulosa que nos permita descobrir onde ela está.

— Por que ela não tentou escapar? — questionou Alessia, consultando as horas e tentando vencer a ansiedade. Era meio-dia. Havia duas horas que Elizabeth desaparecera.

— Não sabemos quais as circunstâncias, nem quantos sequestradores estão envolvidos — argumentou Uchoa, antes de lembrar: — Com certeza estavam armados.

— Se ela quisesse, tenho certeza de que poderia escapar — insistiu Alessia.

— Ela teme perder o controle e transmutar-se — defendeu Dib, sabendo que Elizabeth ainda lutava para recuperar a sua autoconfiança depois do dramático acidente na África.

— E corre o risco de revelar que é uma guardiã... — acrescentou Seth.

Daniel percorria a sala com passos lentos, aparentemente alheio à conversa, tentando sentir Elizabeth. Dib observou-o: era raro ver Daniel tão tenso. Foi ao encontro dele, que finalmente se aquietara por um momento, na varanda, olhando a rua. Perguntou:

— O que foi, Daniel?

— Não consigo senti-la — respondeu angustiado.

— Isso não quer dizer nada.

— Eu devia senti-la — Daniel se referia à ligação que tinham criado quando caminharam juntos pela primeira vez em que ela se transmutou.

— Às vezes é difícil e Elizabeth tem pouca experiência. Temos que lhe dar tempo — Dib disfarçou a sua apreensão, sabendo que Daniel devia ser capaz de se comunicar com ela. A ausência de conexão não era um bom sinal, mas não significava que ela estivesse morta, porque todos teriam sentido a perda da sua energia vital.

Nesse momento o porteiro do prédio anunciou que alguém deixara uma carta para Alessia, na portaria. O envelope, totalmente branco, tinha apenas o nome dela no exterior e uma nota com duas frases curtas, que puseram todos

em polvorosa:

*Elizabeth Blanchefort em troca do Punhal das Almas.
Londres, em quarenta e oito horas.*

O Natal seria dali a dois dias, o que significava que o sequestrador faria a troca no dia do Natal. Era uma época incomum, mas era também uma época em que o número de viajantes e turistas era maior em todos os lugares, permitindo passar despercebido mais facilmente.

Quando Miguel chegou, Daniel já tinha delineado um plano. Parecia claro que Elizabeth havia sido levada para Londres, o local onde aconteceria a troca.

— O que aconteceu? — perguntou Besson, depois de cumprimentar todos rapidamente.

Daniel resumiu o sequestro e lhe estendeu o envelope. Besson leu a carta e empalideceu.

— Será Dimitri? Ele já saiu da prisão — declarou Dib.

— Em todos os casos relacionados com as relíquias, as vítimas foram mortas. Nós temos quarenta e oito horas para descobrir onde ela está — racionalizou Daniel, parecendo ter retomado o seu autocontrole. — Mas apesar de sabermos que Dimitri queria o punhal agora temos uma nova possibilidade: pode ser alguém ligado à Profecia. E se for este o caso, o problema é muito mais complexo.

— Se o sequestro tiver alguma ligação com a Profecia, esperemos que não descubram quem é Elizabeth. O fato de ser uma pitonisa e uma guardiã só agrava a situação — advertiu Seth.

— Sim — respondeu Kent. — A energia dela, num sacrifício, é muito poderosa.

— O que faremos? — questionou Alessia, sentindo a angústia aumentar perante aquela nova ameaça.

Daniel revelou o seu plano.

— Dib e Besson vão para Londres tentar descobrir rastros de Elizabeth. Eu vou ao Mosteiro buscar o punhal e me encontro com eles lá. Kent e Seth seguem para Paris, porque precisamos monitorar a Profecia, e Paris parece ser o epicentro. Alessia e Uchoa continuam em São Paulo, mas ficam preparados para viajar, quando for necessário.

Oliver Bassan não gostava de sequestros. Preferia não ter contato com as vítimas, por tornar as situações menos perigosas, mas notou que, em momento algum, Elizabeth resistiu aos seus pedidos ou tentou escapar. Apesar da situação, havia nela uma serenidade incomum. Oliver já deduzira que ela não era uma jovem comum durante os dias em que a observara: era discreta, não ia a festas e saía pouco. Acreditou que talvez fosse um comportamento motivado pelo acidente: as fotografias que tinha dela mostravam longos cabelos, e quando a encontrou, ela usava o cabelo muito curto, que ainda não ocultava a enorme cicatriz visível do lado esquerdo da cabeça. Mas agora, ao vê-la calmamente sentada ao seu lado no avião, teve certeza de que ela era uma jovem diferente. A sua beleza era impressionante e apesar de Oliver não sentir nenhuma atração por Elizabeth, reconhecia nela uma espécie de bondade desarmante, que não facilitaria o seu trabalho. Se ela fosse mal-educada e grosseira, tudo seria mais fácil, e ele não sentiria aquele constrangimento que começava a surgir quando pensava que teria que matá-la. Fechou os olhos por alguns segundos e pensou nos três milhões que iria receber pelo trabalho. Além disso, sabia que o homem para quem estava trabalhando pela primeira vez, Dimitri Sergeevich, exigia o total cumprimento dos contratos. Oliver compreendera bem que Dimitri não deixava pontas soltas, por isso, independente de conseguir o punhal, Elizabeth morreria.

Aterrissaram em Londres, onde ele preparara um apartamento discreto e confortável, na zona oeste da cidade. Ali passariam o tempo até Oliver contatar Alessia que, para todos os efeitos, exercia o papel de mãe da jovem. De acordo com a sua investigação, Elizabeth perdera os pais e Alessia era a pessoa mais próxima dela, juntamente com um grupo de tutores que pareciam protegê-la, talvez devido à imensa fortuna que herdara. Embora não tivesse conseguido informações precisas, era óbvio que Elizabeth era milionária.

Não tinha sido fácil conseguir o celular de Alessia, mas Oliver sabia que o dinheiro subornava ou corrompia. E foi isso que fez: subornou um funcionário da operadora para conseguir o número dela. E seria através de Alessia que daria as suas instruções.

Em circunstâncias diferentes gostaria de conhecer Alessia. Achou-a muito bonita e distinta. Ele gostava de mulheres maduras, especialmente mulheres tranquilas, que pareciam não se apressar com nada. Ele adivinhava em Alessia uma doçura que parecia precisar de muito pouco para se revelar.

Imaginou que a sua aparência suave escondia um vulcão, e ela, uma mulher sensual sob aquela capa educada. Lamentou não poder conhecê-la melhor.

Oliver preparou uma refeição leve depois de saber que Elizabeth era vegetariana: um macarrão simples, com molho rústico de tomate, manjerição e um bom queijo pecorino.

Ela observou enquanto ele preparava a comida com desenvoltura: era um homem ágil, educado, sempre atento aos movimentos dela, mesmo quando ela não estava sob o seu ângulo direto de visão. Havia qualquer coisa nele que a intimidava e não era a pistola sempre visível, debaixo do braço, agora que ele estava sem o casaco. Eram os seus olhos, que continham uma ameaça fria, algo que ele não precisava verbalizar. E também o corpo, que se assemelhava a uma mola: bastava qualquer coisa para ele entrar em ação, como acontecera no aeroporto, quando uma mulher deixou cair a mala quase sobre os pés de Elizabeth e Oliver, num só movimento, levantou-a pela cintura e a retirou da trajetória da mala, com velocidade impressionante. Ela podia tentar fugir, mas tinha consciência de que seria um salto no escuro: a reação dele seria imprevisível e, possivelmente, violenta. Ele tinha avisado para não tentar nenhum gesto impensado. E, por mais estranho que parecesse, Elizabeth confiava nele, aparentemente alheia ao fato de ele ser o seu carrasco, o homem que tinha sido pago para assassiná-la em menos de dois dias.

— Nasci na África. E você, onde nasceu? — perguntou Elizabeth devagar.

— Não espera que fale sobre mim... — disse, tentando compreender onde ela queria chegar com aquela conversa, depois de ter se mantido silenciosa desde que fora sequestrada.

— Não — respondeu, com sinceridade. — Mas gostaria de saber o que quer de mim.

Oliver hesitou sem saber se lhe contava ou não a verdade. De que adiantaria mentir? Em menos de quarenta e oito horas ela estaria morta.

— Vou trocá-la pelo Punhal das Almas — respondeu calmo, enrolando habilmente o macarrão no garfo, antes de colocá-lo na boca, de forma elegante.

Elizabeth sentiu um tremor ligeiro. Lembrou-se do assassino que a perseguiu em Puebla de Sanabria, mas uma ideia mais profunda chegou até ela, e pensou na Profecia e na importância do punhal para a ascensão do

Anunciado. Ficou em silêncio, pensando que serviria de troca para conseguirem o punhal e se questionando sobre o papel daquele homem no novo cenário que ganhava força dentro dela. Ironicamente ela, que era uma das pessoas que devia impedir a Profecia, parecia estar contribuindo para a sua realização.

Oliver percebeu que ela ficou perturbada com a notícia, mas continuou comendo. No final da refeição Elizabeth fez um gesto para se levantar e colocar o prato na pia, mas ele desaconselhou com frieza:

— Sente-se, por favor. Depois trato disso. Vou mostrar o seu quarto.

O pequeno apartamento tinha uma sala com cozinha integrada, dois quartos e um banheiro. Os móveis, embora fossem simples, eram confortáveis e de bom gosto. Oliver abriu um dos quartos e ela viu uma cama larga e uma cômoda com uma moderna televisão. Percebeu que a janela estava trancada, apesar de estarem no nono andar.

— Espero que fique confortável. Vou fechar a porta do seu quarto — comunicou retirando a chave do lado de dentro. — Quando precisar de alguma coisa bata na porta. Na gaveta da cômoda há pijamas e algumas roupas.

Elizabeth ouviu-o trancar a porta, dando duas voltas com a chave. Sentou-se na ponta da cama e olhou em volta: havia um candeeiro, uma garrafa de água e um copo sobre o criado mudo, à direita da cama. Abriu a gaveta da cômoda e viu dois pijamas, um roupão e roupas, exatamente como ele havia dito. Estava tudo com etiquetas e parecia ter sido comprado para ela. Ele já lhe havia dado um casaco quente e tênis, quando entraram no avião, para ela enfrentar o frio do inverno inglês, oposto ao verão brasileiro naquela época do ano.

Pegou um dos pijamas e o roupão e bateu na porta, para usar o banheiro. Ele mostrou os produtos, ainda selados, para a sua higiene pessoal: xampu, sabonete, hidratante de uma marca francesa para corpo e rosto, um pente, pasta e escova de dente. Percebeu que ele era detalhista, e tinha bom gosto, e mesmo sendo o seu sequestrador, não conseguiu evitar um sentimento de admiração pela forma cuidadosa como ele a estava tratando.

Tomou um banho quente e relaxante, vestiu o pijama e, assim que abriu a porta do banheiro, ele estava à sua espera para trancá-la de novo no quarto.

Elizabeth deitou-se e sentiu o corpo ceder ao cansaço da viagem e às emoções do dia, sendo rapidamente vencida pelo sono.

Daniel se aventurou pela montanha, destemido, desafiando a noite e o frio gélido, guiado pelos seus instintos superiores e pela sua longa memória. Chegou ao Mosteiro extenuado pelo esforço da caminhada. Comeu uma sopa de pacote e tomou um chá bem quente, para normalizar o calor do corpo. Estava ciente de que, mesmo para ele, tinha sido um risco começar a subir a montanha ao anoitecer. Havia nevado durante toda a manhã, e a neve estava fofa em certos lugares, aumentando os perigos da caminhada, além da falta de visibilidade provocada pela noite escura como o breu. Mas já se passara um dia desde que Elizabeth desaparecera, e mais nenhum guardião tivera um segundo de sossego. Besson e Dib já haviam chegado a Londres, Kent e Seth estavam em Paris, e ele no Mosteiro, para levar o Punhal das Almas. Foi à Sala do Assombro e pegou cuidadosamente o punhal, evitando olhar para os outros objetos místicos, como se temesse que algum deles ganhasse vida e causasse alguma catástrofe. Desde a primeira vez que entrara ali, sentia que a energia da pequena sala era diferente, mais densa, parecendo ter sido condensada. E ele ainda estava longe de saber lidar com os mistérios ali guardados.

Dormiu duas horas e, bem antes do dia raiar, abandonou o Mosteiro para descer a montanha com a maior rapidez possível.

Oliver acordou com o grito de Elizabeth. Em segundos destrancou a porta do quarto dela e acendeu a luz, mas ela continuava gritando. Aproximou-se da cama e percebeu que ela sonhava. Sacudiu-a pelos ombros e chamou com firmeza:

— Elizabeth.

Ela abriu os olhos e viu Oliver, debruçado sobre o seu rosto como uma sombra. Ele a soltou, perguntando:

— Pesadelo?

— Sim — respondeu, com a voz trêmula, e ele quase se comoveu com a fragilidade dela.

— Venha tomar um chá — convidou, infringindo as regras sobre o convívio com as vítimas.

Ela seguiu descalça, pelo chão frio, como uma criança obediente. Ele passou pelo sofá da sala, apanhou uma pequena manta de lã e colocou sobre os ombros dela.

Elizabeth sentou-se na cadeira, levantou os pés do chão e enfiou-os debaixo das coxas para aquecê-los. Apertou a manta contra o corpo e apoiou os cotovelos na mesa, enquanto Oliver, vestindo um confortável roupão, colocava a chaleira no fogo e preparava duas xícaras.

— Açúcar?

— Não, obrigada.

Só voltaram a falar quando ele pôs as xícaras com o chá quente sobre a mesa e se sentou na frente dela. Estava completamente desperto. Em menos de uma hora o sol nasceria e ele já não pretendia voltar a dormir.

— O que sonhou? — perguntou, quebrando mais uma vez a regra de não dialogar.

Ela hesitou. Sabia que ele jamais acreditaria no que ela lhe dissesse. Ninguém acreditaria. Era uma história demasiado ficcional para os padrões das pessoas normais. Sacudiu a cabeça, para mostrar que não valia a pena falar sobre o assunto. Mas ele continuava olhando-a firmemente, aguardando que ela falasse. E Elizabeth não conseguiu evitar aquele sentimento de confiança que ele lhe inspirava, contrariando todas as evidências. Tomou quase meia xícara de chá antes de começar a falar. Concentrou-se como se estivesse conversando com Daniel, mas, naquele momento, ele não podia escutá-la porque estava descendo os Pirineus cobertos de neve, numa corrida contra o tempo, e qualquer distração poderia ser fatal.

— Três crianças vão desaparecer hoje, em Paris, e serão mortas até o final do dia, em intervalos regulares de seis horas: uma ao meio-dia, outra às seis, e a última à meia-noite. Serão encontradas exatamente como as outras: com as mãos cruzadas sobre o peito e um corte na jugular.

Oliver olhou-a sério, tentando compreender o que ela estava contando.

— Foi isso que sonhou?

— Sim — disse, com um fio de voz. — Vi quando morreram, uma por vez, sem que ninguém conseguisse impedir.

— Está dizendo que sonhou com as crianças que têm sido assassinadas? — perguntou, vagaroso, juntando várias peças na mente: talvez ela estivesse sugestionada com o caso das crianças, que afetara todo o mundo, ou talvez estivesse pressentindo a sua própria morte.

Ela fixou nele o seu olhar transparente, quase translúcido, sob o efeito da luz artificial da cozinha, e respondeu no mesmo tom vagaroso da pergunta:

— Não as que foram mortas. Sonhei com as que vão morrer hoje.

Ele sacudiu a cabeça e deu um sorriso frio.

— Está impressionada com toda esta situação. Tente descansar mais um pouco — disse, levantando-se da mesa para encher a sua xícara com mais chá.

Ela continuou quieta, encolhida na cadeira, e quando ele se sentou, afirmou com a voz mansa, sobressaltando-o:

— Se acontecer o que acabei de contar, você acreditará em mim?

— Só há uma maneira de saber uma coisa dessas, Elizabeth: você conhece o assassino e sabe quais são os planos dele — afirmou.

— Não sei quem é o assassino. Mas sonhei com as crianças — assegurou, com firmeza, terminando o chá, antes de se levantar e dirigir-se para o seu quarto. Oliver seguiu-a e trancou a porta. Aquele trabalho estava adquirindo contornos bizarros. Quanto mais pensava no assunto, mais incomodado ficava com o que Elizabeth contara, e embora não acreditasse que ela conhecia o assassino das crianças, aquela era a explicação mais racional e a única explicação lógica. Era difícil aceitar que Elizabeth sonhara com algo que fosse acontecer. Aquela possibilidade abria as portas para um mundo sobrenatural que desafiava os princípios de Oliver. Mas em breve saberia se o sonho que Elizabeth lhe contara iria ou não acontecer.

Quando a primeira criança apareceu morta, por volta das duas da tarde, todos os canais interromperam a programação para dar a notícia. Oliver estava guardando a louça do almoço, enquanto Elizabeth via TV. Ele pousou o prato que tinha na mão e aproximou-se da televisão, posicionando-se, de pé, ao lado do sofá onde ela estava sentada. Quando a notícia terminou, ele a observou de soslaio. Ela estava serena, com a segurança de quem já sabia do acontecimento muito antes do resto do mundo. Não podia ser uma coincidência: havia muitos detalhes corretos. Tudo acontecera como ela anunciara.

Oliver voltou para a cozinha, acabou de arrumar tudo e preparou um chocolate quente. Apesar do aquecedor ligado, estava frio. Trouxe uma bandeja com duas xícaras e pousou-a na mesa de apoio. Elizabeth agradeceu e bebeu um trago do líquido quente e denso.

Quanto mais o tempo passava e Elizabeth analisava a situação em que se encontrava, mais compreendia que Oliver não iria permitir que vivesse, porque ela poderia denunciá-lo. Ele era organizado e não deixava nada ao acaso, e muito menos pontas soltas.

— Conte-me novamente o seu sonho — pediu, disposto a explorar aquela situação inusitada que desafiava as regras da racionalidade. Ela contou o sonho uma vez mais. Sabia que era difícil alguém acreditar, mas tudo o que precisava era que Oliver tivesse uma pequenina dúvida. Isso bastaria para criar um diálogo com ele e mostrar outro mundo.

— É habitual sonhar com coisas que acontecem? — perguntou, com uma boa dose de ironia. Ela não se abalou e informou com tranquilidade:

— Sim... — queria dizer o nome dele, mas não sabia.

Ele a olhou atônito com a seriedade da resposta.

— Espera que acredite que os seus sonhos se realizam? — insistiu, sarcástico.

— Sei que é difícil, mas é a verdade. Até a meia-noite vão assassinar as outras duas crianças que estão desaparecidas.

— Vamos esperar — decidiu Oliver, levantando-se e encerrando o pequeno diálogo, enquanto maturava o inverossímil aviso de Elizabeth.

A morte das crianças na véspera do Natal deixou todos em estado de choque. Em Paris, as pessoas levaram algum tempo para reagir, entorpecidas com o acontecimento.

As crianças desapareceram enquanto estavam no parque de diversões, com seus pais. Em poucos segundos, haviam sumido como se tivessem sido tragadas por um abismo, para aparecerem mortas, algumas horas depois. Étienne estava furioso. Não conseguia acreditar na ousadia do assassino. E o pior é que os crimes estavam se acumulando dramaticamente sobre a sua mesa, sem que ele tivesse a menor ideia por onde procurar.

O núcleo havia se completado: Shaw estava no comando, e além de Étienne e Bardas, havia representantes dos países onde haviam sido assassinadas crianças. No entanto, por mais discussões e análises que fizessem, não tinham ideia sobre o assassino das crianças. A teoria mais consistente era a de que o assassino elegera a França para finalizar o seu plano insondável.

Na morte dos Messie, os investigadores eram unânimes sobre as motivações do crime, e mesmo os mais céticos concordavam que o roubo do Cálice de Cristo era a razão dos assassinatos. Porém, embora não acreditassem na veracidade do artefato, compreendiam que ele contribuía para reforçar a teoria de um assassino dedicado à realização de rituais

satânicos. A explicação de Daniel sobre a simbologia do sangue e os objetivos e detalhes dos rituais convenceram os profissionais do núcleo, inclusive Shaw.

Mas, na véspera do Natal, às duas da manhã, quando apareceu a terceira criança, Étienne estava possesso e decidido a acabar com aquela matança na sua cidade. Telefonou para Daniel, assim que amanheceu.

— Sei que é muito tarde, Daniel, mas preciso falar com você — disse, sem fazer transição entre os assuntos. — Viu as notícias?

— É impossível não ver — respondeu Daniel. — O caso está em todos os canais.

— Gostaria que viesse a Paris.

— Não posso, Étienne, mas tenho dois amigos aí que costumam me ajudar nessas questões dos ritos e simbolismos. Um deles até já trabalhou com Bardas há alguns anos. — explicou Daniel. — Se quiser, eles podem ver as crianças.

Étienne ficou em silêncio pesando os prós e os contras da oferta, antes de responder. Preferia que fosse Daniel, mas, naquele momento, a situação estava se complicando tanto que qualquer ajuda seria bem-vinda.

— Peça para me ligarem.

Daniel telefonou para Kent e explicou a situação. Uma hora depois, Kent e Seth se encontravam com Étienne Bergès, no Instituto Médico Legal.

Lucrezia Zani estava sozinha na véspera de Natal. Detestava o Natal e todas as outras festividades que faziam a apologia da família e do amor. Achava aquilo uma hipocrisia. As pessoas passavam o ano se odiando e naquela época tudo parecia ter desaparecido e, por milagre, surgiam as grandes amizades e os grandes afetos.

Na véspera, ligara três vezes para Miguel Besson, mas ele não atendera o celular e nem lhe dera retorno. Ela estava com um mau humor insuportável. Quando ouviu o telefone e viu o número de Besson, hesitou pensando se atendia ou não. Porém a memória da noite que passaram juntos se sobrepôs à irritação.

— Sim — atendeu friamente.

— Lucrezia, sei que me telefonou ontem, mas não pude atender. Estou ligando agora para saber como está — a sua voz suave desarmou-a. A raiva que sentira pela falta de resposta dele desapareceu ao ouvi-lo.

— Queria estar com você... — confessou baixo.

— Também gostaria de vê-la, mas não estou em Paris — advertiu para acalmá-la. O problema das mulheres passionais era que isso podia ser positivo, mas também podia ser muito negativo. As emoções eram excessivas e andavam sempre à flor da pele.

— Onde você está? Eu posso viajar para nos encontrarmos — a proposta inesperada surpreendeu Miguel. Precisava ter cuidado com ela, pensou ele, tentando arranjar uma boa desculpa.

— Seria muito bom, mas estou trabalhando — respondeu convicto.

— No Natal? — estranhou Lucrezia.

— Sim. Estou tendo alguns problemas — atalhou vagamente, com a voz séria, seguro de que a convenceria.

— Compreendo. E quando vai terminar tudo isso?

— Não sei, mas assim que terminar viajo para Paris, e passamos algum tempo juntos.

— Promete?

— Eu telefono... — respondeu, evitando qualquer promessa. — Tenho que ir, Lucrezia.

Ela ficou olhando o celular mudo, na mão de longas unhas vermelhas. A irritação tinha passado, mas agora sentia tédio. Incomodava-a desejar que ele estivesse ali. Pensar nele acalmava-a, mas começava também a preocupá-la: sentia falta dele cada vez mais, como se ele fosse um vírus que tinha se infiltrado no seu corpo.

16. O cativo

A ordem e a desordem dependem da organização; a coragem e a covardia, das circunstâncias; a força e a fraqueza, das disposições.

Sun Tzu (544 a.C.-496 a.C.)

Kent e Seth se encontraram com Étienne na sala de autópsias. As apresentações foram rápidas e informais perante a visão dos três corpos pálidos e minúsculos perdidos na imensidão das frias mesas de metal. Aquela visão mexia com algo sagrado para qualquer sociedade: a proteção dos filhos. Matar crianças, daquela forma, numa época como o Natal, equivalia a violar os alicerces que mantinham a coesão familiar. O povo estava revoltado.

Apesar da sua longa experiência, Seth sentiu náuseas e percebeu que precisava se controlar para conseguir ficar ali o tempo necessário. Dominou-se. Kent observou-o de soslaio, sabendo que as mortes de crianças impressionavam Seth, fruto de reminiscências antigas.

Em 1614, Seth era responsável por dez meninos com idades entre seis e doze anos. Os pais, camponeses pobres, não conseguiam alimentá-los e os entregaram aos cuidados dos padres, no norte da Inglaterra, para que tivessem comida, agasalhos e um futuro melhor, seguindo os caminhos da Igreja. O monastério era uma antiga construção de pedra, mas com o aumento dos que desejavam servir a Igreja, mais para fugir à pobreza do que por vocação, houve necessidade de expandir as instalações, e surgiram construções de madeira. Os estábulos foram aumentados, e uma grande casa, de altas vigas, com vários quartos, foi erguida para abrigar os jovens. Era ali que ficavam as

crianças, num longo quarto, com suas enxergas alinhadas no chão e uma boa manta de lã para aquecê-los do frio dos invernos impiedosos.

Certa noite, no pino do verão, começou um incêndio. O fogo se propagou rapidamente pela madeira e atingiu o quarto das crianças. Seth tentou salvá-las, atravessando o fogo, indiferente ao fumo espesso que o impedia de ver e sufocava os seus pulmões. Conseguiu salvar três das dez crianças, antes que as vigas cedessem e desmoronassem sobre aqueles que não conseguiram sair. Dos trinta jovens e crianças, apenas sete sobreviveram. Depois que tudo ardeu e ficaram somente as brasas incandescentes, Seth andou entre os escombros até achar os corpos das crianças para lhes dar um enterro cristão. Conseguiu encontrar os ossos calcinados e enterrou-os numa mesma sepultura, no cemitério contíguo ao monastério.

Desde então Seth se culpava pela morte das crianças: era o responsável por elas, e embora os pais tivessem compreendido que se tratara de um acidente, ele sabia que devia ter seguido a intuição que o alertara para ir ver as crianças naquela madrugada.

A visão das três crianças, sobre as mesas de metal lúcido, trouxe à memória aquelas outras, calcinadas no meio dos escombros. Kent perguntou baixinho:

— Tudo bem?

— Sim — respondeu Seth, movendo a cabeça em sinal de concordância, com os olhos muito brilhantes, como se estivesse prestes a chorar.

Calçaram luvas de látex e avaliaram os corpos, enquanto o médico explicava que o método usado era igual ao das crianças anteriores, e se tratava do mesmo assassino. Mas uma coisa era ouvir os detalhes e outra era ver as crianças: a ausência de vida dos corpos aprumados, com as mãozinhas cruzadas sobre o peito, e aquele corte negro na jugular que sobressaía ofensivamente da pele pálida, tinha algo muito malévolos. Kent e Seth podiam sentir uma força poderosa se alimentando e fortalecendo com cada morte. Tiveram certeza de que era algo que ia além da esfera humana e estavam no reino da maldade pura.

— Então, o que acham? — perguntou Étienne, impaciente, ao sair da sala de autópsias, descartando as luvas para dentro do balde que ficava à direita da porta.

— Vamos trocar algumas ideias com Daniel e ele fala com você — Étienne se espantou com a resposta. Esperava que eles dessem uma opinião objetiva, algo concreto que começasse a apontar para alguma direção

específica.

— Só isso? — perguntou desapontado.

— Este caso é muito mais complexo do que parece. Precisamos falar com o Daniel antes de darmos a nossa opinião — explicou Seth com a voz serena. Pelo comentário, Étienne deduziu que aquilo era ainda pior do que pensara.

— Obrigado. Diga ao Daniel para me ligar — pediu, se despedindo, sem disfarçar a frustração.

— Claro — respondeu Kent.

Miguel, Dib e Daniel estavam no apartamento da Ordem em Londres, aguardando a mensagem que os informaria sobre o local onde deveriam entregar o punhal. Durante o período de espera, por mais que se esforçassem, nenhum deles conseguira sentir Elizabeth.

— Talvez ela esteja nos evitando, embora eu não consiga entender por quê — disse Daniel.

— Também acho que Elizabeth não deseja ser encontrada — Dib concordou com Daniel.

— Ela está nas mãos de um assassino. Como pode estar se escondendo? — atalhou Miguel, com uma ponta de irritação na voz.

— Não há nada que possamos fazer a não ser aguardar — declarou Daniel, se recostando no sofá, disposto a manter a serenidade.

— Há algo que precisa saber, De Payens — Miguel esperara para abordar um tema sensível, mas nenhum momento lhe pareceu ideal e o tempo estava se esgotando. Fez o anúncio com o rosto sério, preparando Daniel para algo terrível. Com a ameaça da Profecia, a morte das crianças e o sequestro de Elizabeth, tudo o que Daniel não queria era outro problema.

— O quê? — perguntou, preparando-se para o choque.

— Quando o feiticeiro que assassinou Angelina foi morto estava com o punhal. Certo?

— Sim — anuiu Daniel surpreendido por Miguel voltar a um assunto tão distante da realidade que estavam vivendo.

— Quando guardaram o punhal alguém mais tocou nele? — perguntou Miguel.

— Não. Por quê? — questionou Daniel.

— A alma de Angelina ficou presa no punhal. E eu acredito que ainda esteja lá — falou devagar, para que Dib e Daniel compreendessem o alcance

da revelação.

— Como é possível? — perguntou Dib. — A esmeralda não estava brilhando.

— Não brilhava porque a alma de Angelina ficou muito tempo presa na esmeralda — explicou Miguel. — Vai perdendo a luz e só volta a brilhar quando o punhal for usado novamente. Mas se ninguém mais o usou, Angelina está presa naquela esmeralda.

— Deus — murmurou Daniel, com os olhos quase fechados, tendo dificuldade em acreditar que Angelina ficara presa na esmeralda durante vinte e cinco anos. — Temos que libertá-la.

— Sim, mas a libertação acontece através da... absorção — avisou Miguel.

— Absorção? — Daniel tentou recuperar o que Miguel dissera sobre o punhal.

— Alguém tem que absorvê-la. É a única forma de libertá-la. E depois da alma entrar no corpo, há um antigo rito de libertação que precisa ser cumprido, com orações em latim e jejum por três dias.

— Similar a um exorcismo — lembrou Dib. — Você liberta as almas?

— Depois de certo tempo, as almas perdem eficácia e eu as deixo ir.

— É o seu lado benevolente? Você não para de me surpreender, Besson — afirmou Daniel.

— Eu sei — disse Miguel, com um sorriso irônico. — Esforço-me bastante.

— Acho que Elizabeth é que deveria libertar Angelina — sugeriu Daniel, voltando ao assunto principal.

— Vai ser um choque para ela, mas é melhor que seja assim — concordou Miguel.

— Como é que você fez durante estes anos, sem o punhal? — perguntou Daniel.

— De Payens, não espera que eu revele os meus segredos, não é? — inquiriu Miguel.

— Não — reconheceu Daniel, antes de resumir a situação. — Estamos perante um dilema: enquanto não libertarmos Angelina não podemos entregar o punhal, e enquanto não entregarmos o punhal não teremos Elizabeth — resumiu Daniel.

— Precisamos de uma solução. — Embora não revelasse, Miguel ainda tinha uma carta na manga: ele possuía um segundo punhal, mais poderoso, por ter um pedaço maior da esmeralda na sua base, que poderia entregar ao

sequestrador. Mas preferia tentar salvar Elizabeth sem revelar a sua existência.

— Temos que criar uma oportunidade para que Elizabeth tenha tempo de absorver Angelina, antes de entregarmos o punhal — anunciou Daniel, ponderadamente, sem esconder a sua preocupação acrescida por aquele problema adicional.

Elizabeth terminou o café da manhã: iogurte com frutas, uma torrada com geleia de laranja e chá. Oliver limpou a mesa e lavou rapidamente a louça, mas ela continuou sentada à mesa, como se estivesse se preparando para um diálogo dramático. Quando arrumou tudo, Oliver se fixou nela, mantendo-se em silêncio, atento às suas atitudes. Havia-a observado bastante naqueles dois dias e, embora não conseguisse explicar como ela sonhara com os assassinatos, não estava disposto a pensar no assunto, apesar de Elizabeth lhe parecer cada vez menos comum. Perguntou-se se Dimitri Sergeevich saberia das supostas habilidades dela e talvez por isso a quisesse morta.

— Contrataram você para conseguir o Punhal das Almas, mas independente do resultado, morrerei — Elizabeth falou devagar, como se estivesse lendo um texto difícil.

Ao escutá-la, Oliver percebeu que ela sempre soubera que seria assassinada e mesmo assim nunca se opôs a ele, nunca lutou contra ele. Teve a intuição de que aquilo era um péssimo sinal.

— Por que não tentou fugir? — perguntou, tentando compreender a atitude anormal dela.

— Se eu quisesse, teria conseguido escapar, mas ia criar uma situação interminável. Você iria me perseguir de novo — anunciou, revelando conhecer a persistência dele. Oliver meneou a cabeça uma vez, em sinal de concordância. — E se não fosse você, viria outro.

— E por que está me dizendo isso?

— Você é importante em tudo o que está para acontecer — disse, justificando a sua atitude.

— Elizabeth... — ele ergueu a mão, com a palma virada para ela, tentando impedi-la de continuar falando. Ela levantou-se, ficou de frente para ele, e pediu com firmeza:

— Por favor, escute. Se não acreditar, não vou me opor ao destino que me reservou.

— Não quero escutar — afirmou, olhando-a friamente. Elizabeth estava fazendo com que ele quebrasse as suas regras e a situação o desagradava. Em poucas horas teria que matá-la e não estava disposto a aprofundar qualquer assunto com ela.

— É importante. Por favor... — insistiu e antes que ele respondesse, começou a contar. — Foi com o Punhal das Almas que a minha mãe foi assassinada, e antes dela, a minha avó.

Ele a olhou surpreendido. Não esperava nada daquilo. Achou que ela ia insistir nos sonhos, tentar falar do futuro e contar um monte de baboseiras nas quais ele não acreditava. Mas ela estava relatando acontecimentos trágicos de uma realidade cada vez mais bizarra: quais as possibilidades de duas mulheres da mesma família serem assassinadas com o mesmo punhal? E uma terceira ser assassinada por causa desse punhal?

Ela tinha conseguido chamar a atenção dele. Oliver deu duas passadas e sentou-se na cadeira, em frente à dela.

— Pouco antes de a minha mãe casar com o meu pai, a minha avó foi assassinada no Quênia, e quando eu tinha três anos e meio, mataram a minha mãe na Costa do Marfim, onde nasci. As duas foram mortas com o Punhal das Almas e o meu pai o guardou, porque temia que acontecesse comigo o mesmo que aconteceu com elas. Mas o meu destino parece estar ligado a esse punhal: posso não morrer com ele, mas parece que morrerei por causa dele.

— E por que elas foram assassinadas? — questionou, objetivo, sabendo que a resposta àquela pergunta crucial poderia trazer alguma luz à situação.

— Você não vai gostar da resposta — anunciou. — Elas eram pitonisas como eu: nós somos capazes de ver o futuro através dos sonhos. É um dom passado de mãe para filha. Quem as matou acreditava que conseguia absorver os dons delas, por meio de um ritual de magia.

Oliver franziu a testa, com descrédito. Os assassinatos eram verossímeis, mas aquilo das pitonisas e da magia já saía da esfera da racionalidade e não o convencia, apesar de ver que Elizabeth estava falando sério. Ela não parecia estar tentando salvar a vida e, sim, fazê-lo acreditar no que estava descrevendo.

— Está dizendo que as mulheres da sua família sonham com o futuro?

— Sim. E eu sou a última pitonisa — declarou de modo quase banal, mas Oliver percebeu que aquilo tinha um significado muito mais profundo. Ela falava de maneira causal, mas parecia haver sempre algo obscuro escondido nas suas palavras. Começou a ficar incomodado com as proporções que o

assunto estava adquirindo e com a importância que ela lhe atribuía.

— E sabe qual é o futuro?

— É complexo... — avisou, tentando prepará-lo. — Existe uma antiga profecia Tibetana que prevê a chegada do Anunciado, alguém que irá dominar o mundo e destruir a bondade e a esperança. Para ele ascender estão sendo realizados vários rituais, incluindo a morte das crianças. E o punhal é um objeto mágico necessário para tornar o Anunciado poderoso.

Oliver sorriu, sem acreditar no que ela estava dizendo.

— Isso é fantasioso demais.

— Não é. Vou falar das ligações entre o nazismo e a magia e vai ver que o processo é muito similar ao que está acontecendo — retorquiu, desfiando um rosário de exemplos que Oliver compreendeu, até porque já ouvira falar das ligações de Hitler com o sobrenatural. Elizabeth revelou o lado mágico do nazismo e justificou a caçada às relíquias sagradas durante a Segunda Guerra, a transformação de símbolos místicos em forças malignas e a morte sacrificial de milhares de pessoas para alimentar aquela filosofia negra. Aquele contexto histórico, do passado, deu sustentação a tudo o que ela estava revelando sobre o futuro.

— Qual a função do Punhal das Almas? — perguntou Oliver, desta vez sem vestígios de ironia, após ela terminar a longa explicação.

— O Anunciado se fortalece cada vez que matar alguém com o punhal. Mas existe outra relíquia, além do punhal — anunciou Elizabeth para reforçar a sua história. — Foi roubada da casa dos Messie, em Paris. Ouviu falar disso?

— Eles foram assassinados com todos os seus empregados — sintetizou. — Que relíquia era?

— O Cálice usado na última Ceia de Cristo — Elizabeth observou atentamente a reação dele às suas palavras. Viu-o franzir a testa de novo numa expressão de descrédito.

— O Cálice da última Ceia? — repetiu as palavras tentando dar-lhes sentido, antes de questionar com ironia: — Você espera mesmo que eu acredite nisso?

— Eles já têm o Cálice e agora querem o punhal — insistiu Elizabeth, séria.

— O punhal faz com que esse... Anunciado se torne invencível, é isso?

— Achamos que sim... — respondeu, sabendo que ele não acreditava no que ela dissera.

— Achamos quem? — perguntou Oliver, com os olhos bem fixos nela, estudando-a como se ela fosse alvo de uma experiência de laboratório.

— As pessoas com quem me viu durante o tempo que me vigiou — disse, certa de que ele a observara antes do sequestro. Oliver sorriu sutilmente. — Somos um grupo de estudiosos.

— Um grupo que estuda o quê? — perguntou, pensando rapidamente que talvez a calma dela estivesse relacionada com o fato de imaginar que eles a encontrariam.

— Todos os fenômenos maléficos que afetam o bem e podem destruir a humanidade.

Ele sorriu com suavidade, tentando manter a ironia, mas a forma segura como ela contava todas aquelas informações o estava perturbando. Lembrou-se da tranquilidade de todos os que cercavam Elizabeth e da força que suas presenças emanavam. Ele, que havia estudado artes marciais durante anos, sabia bem que, apesar da cultura ocidental não valorizar a energia existente em todos os seres vivos, os seus efeitos eram reais.

— Suponho que você não tentou escapar para poder contar esta história e convencer-me que tenho um papel em toda essa trama — deduziu Oliver. — E qual é o meu papel?

— Não entregar o punhal a quem o contratou e revelar quem é o seu cliente, para que possamos descobrir a identidade do Anunciado.

Oliver deu uma gargalhada ligeira, surpreso com o pedido dela. Reconhecia que ela era criativa e muito corajosa. Resumiu os argumentos dela:

— Tenho que poupar a sua vida e não entregar o punhal. Isto é, vou romper o meu contrato e, além disso, ainda tenho que trair quem me contratou. Essa é a sua proposta?

— Dito assim, parece estranho — reconheceu.

— Não é mais estranho do que tudo o que acabou de me contar. Na verdade, a sua proposta é a parte mais normal do que escutei hoje. Mas está na mesma linha fantasiosa... — comentou sorrindo, enquanto se encostava contra o espaldar da cadeira e cruzava as pernas, como se estivesse se esforçando para entender a história que ela havia revelado.

— Preciso que acredite em mim — pediu Elizabeth.

— É difícil, mesmo com o contexto da Segunda Guerra — comentou Oliver.

— E com a morte das crianças — lembrou ela.

— Sim... História complicada — reconheceu, sem estar convencido, pensando na sua reputação de profissional. Ele jamais quebrara um contrato em mais de duas décadas e embora não conhecesse o seu contratante, sabia que ele era um criminoso ligado ao mundo paralelo das artes. Elizabeth insistiu, ao perceber que ele estava hesitante:

— Esse punhal não deve ser entregue a quem o contratou.

Oliver meneou a cabeça em sinal de rejeição, antes de responder, calmamente:

— Esse punhal tem que ser entregue. Absolutamente. Foi por isso que me contrataram.

— E também para me assassinar.

— Sim.

— E vai cumprir o contrato? — perguntou, enfrentando-o corajosamente com o olhar. Ele ficou em silêncio e depois respondeu devagar, revelando uma decisão bem pensada.

— Sim.

Elizabeth baixou o rosto e sentiu as lágrimas aflorarem. Tinha seguido o seu instinto, aquela voz que lhe dizia que ele era uma das peças da profecia e devia confiar nele. Mas, depois de tudo, ele ainda pretendia assassiná-la e entregar o punhal. Sabia que as pitonisas não possuíam habilidade de pressentir ou prever o seu próprio futuro, mas aquilo lhe pareceu o seu sexto sentido, uma intuição confiável. Porém, ela tinha-se enganado, e só lhe restava optar entre deixar-se assassinar ou destruir Oliver.

Eram dez da manhã quando Daniel sentiu a presença dela se fortalecendo devagar. Criou uma conexão com ela e projetou-se até vê-la, sentada sobre uma cama com as pernas cruzadas, focada em se comunicar com ele. No início, o processo era muito exaustivo, mas com o treinamento ela aprenderia a fazer aquilo com facilidade.

— Daniel — percebeu a presença dele e o chamou mentalmente, sem abrir os olhos.

— Mostre-me onde está.

Elizabeth fez um esforço adicional e mostrou o caminho do aeroporto até o pequeno apartamento. Daniel conseguiu ver o nome da rua, o número do prédio e do apartamento.

— Daniel, não quero que lhe façam mal — pediu.

— Como? — perguntou surpreso, por ela defender o sequestrador.

— Ainda não sei como, mas ele vai ser importante para nós. Talvez na Profecia — explicou, deixando-se guiar pela sua intuição inicial.

A porta do quarto se abriu e Daniel viu um homem alto, distinto e muito atraente. Alguém que fugia aos padrões de um sequestrador ou assassino. Sentiu ciúme.

— Saímos em uma hora — o homem avisou calmamente, lutando com a incrível história dela, e não muito seguro de que deveria assassiná-la. Mas tudo aquilo parecia muito mirabolante. Oliver saiu, fechando de novo a porta.

Daniel disse, embora Elizabeth já não o ouvisse por a ligação ter se quebrado:

— Vamos buscá-la.

Oliver telefonou para Alessia e deu um endereço para entregarem o punhal, duas horas depois. Escolhera o movimentado centro de Londres, um lugar exposto, onde ninguém se atreveria a ter uma atitude agressiva.

Alessia comunicou as instruções a Daniel que, por sua vez, informou Dib e Miguel:

— O sequestrador pediu que o punhal fosse entregue por uma única pessoa. Mas eu acabei de descobrir onde Elizabeth está e vi o homem que a sequestrou. Eles vão deixar o apartamento, na zona oeste da cidade.

Miguel não conseguiu evitar um sentimento de admiração: Daniel conseguia sempre arranjar uma solução, mesmo quando tudo parecia perdido. Em menos de meia hora, descobrira a localização de Elizabeth e vira o rosto do assassino.

— Temos que ir já — insistiu Daniel, vestindo o longo casaco negro, que alongava a sua figura. — E precisamos ter cuidado: este homem é de uma estirpe diferente.

— O que quer dizer? — perguntou Dib, também vestindo o casaco para enfrentar o frio.

— Ele é... uma espécie de elite. Muito distinto. Não parece um assassino — descreveu Daniel, saindo do apartamento, com rapidez.

— Eu cuido dele — ofereceu-se Miguel, enquanto desciam pelo elevador. O tom metálico da sua voz não deixava dúvidas sobre o destino que pretendia lhe reservar.

— Elizabeth não quer que nada aconteça com ele — comentou Daniel,

caminhando com largas passadas em direção ao carro, na garagem do prédio.

Entraram no carro em silêncio: Dib conduzia, Daniel ia ao seu lado e Besson no banco de trás, mas os seus olhos ardiam de raiva. Ao deixarem a garagem, a pálida luz do dia não tornou a situação menos tensa, muito pelo contrário, o cinza frio do céu de Londres parecia contribuir para atizar mais a ira de Miguel.

— O que quer dizer, De Payens? Que agora temos que ser amigáveis com o homem que a sequestrou? Isso é algum novo princípio cristão de Elizabeth? — perguntou sarcástico, e tanto Dib quanto Daniel perceberam que ele estava muito irritado, e não fazia questão de disfarçar.

— Elizabeth acha que ele tem um papel importante na Profecia... Ou em alguma outra coisa ligada aos guardiões — disse Daniel, tentando dominar as suas próprias dúvidas.

Besson ouviu a explicação, mas continuava irritado por ela ter ficado com o sequestrador por dois dias, sem tentar contatar nenhum deles, e agora, ainda por cima, estar a defendê-lo.

Quando bateram à porta, com os nós dos dedos contra a madeira, Oliver Bassan ficou com os músculos em alerta máximo, sentindo instantaneamente o perigo. Olhou para Elizabeth, de pé junto dele. Estavam prontos para sair.

Avaliou a situação: não podia ser a polícia, portanto, ou era um vizinho ou alguém ligado a Elizabeth. E, neste caso, não devia ser só uma pessoa. Se abrisse a porta eles entrariam e perderia a vantagem que possuía. Se não abrisse, não acreditava que eles forçassem a entrada, por causa do barulho, mas ele ficaria sitiado no seu próprio apartamento. Analisou Elizabeth: ela estava tranquila, mas isso não significava nada. Ela havia estado tranquila durante todo o processo. Perguntou baixo, com voz de aço:

— Seus amigos?

— Sim.

— Quantos são?

— Três — ela sentia claramente a energia deles do lado de fora da porta.
— Deixe-os entrar.

Oliver esboçou um sorriso frio. Não tinha opções: não compreendia como haviam chegado ali. Tinha certeza absoluta de que não deixara qualquer rastro, o que significava que eles eram, realmente, muito bons. Lembrou-se da história de Elizabeth cheia de magias e outras tantas informações estranhas

e começou a sentir desconforto. Apreciava realidades concretas, cientificamente explicáveis. Mas agora não tinha tempo para pensar naquilo. Pegou a pistola e disse, apontando para a cabeça dela:

— Abra a porta devagar.

Ela dirigiu-se para a porta, destrancou-a e abriu. Os três avaliaram-na com rapidez, e ao verem a arma apontada com firmeza para a cabeça dela, voltaram a sua atenção para Oliver.

Dib foi o último a entrar, fechando a porta.

Oliver, escudado por Elizabeth, recuou dois passos, apertando o braço dela, para que o seguisse. Ela obedeceu, sentindo o cano frio da pistola encostado à cabeça. Oliver reconhecia que eles estavam em vantagem e, apesar de não estarem armados, não se mostravam intimidados. Pareciam apenas cuidadosos na análise da situação, talvez para avaliarem se ele seria mesmo capaz de atirar em Elizabeth. Mas era óbvio para todos que se ele fizesse isso, perderia a única vantagem que tinha naquele momento. Oliver conhecia dois deles: Daniel, o de casaco negro e olhos quase transparentes, e Dib, o de casaco cinza com olhos ligeiramente rasgados, como um oriental miscigenado. O outro, que tinha olhos quase dourados, parecia mais nervoso, e Oliver nunca o tinha visto. Mas deduziu, pela sua postura beligerante, que o perigo viria dali.

A situação era insustentável, avaliou Oliver. Depois de alguns segundos de imobilidade e silêncio, ele travou a arma e devolveu-a ao coldre debaixo do braço. Afastou Elizabeth e ficou de frente para os três homens. Miguel avançou, tal como Oliver previra, mas Daniel se moveu com uma rapidez impressionante colocando-se entre os dois, de costas para Oliver, olhando diretamente para Miguel, em tom de aviso. Miguel não o temia, mas o olhar de Daniel continha uma ameaça tão vibrante que ele recuou, reconhecendo nele todos os traços de um líder que se impõe pela razão, mas que pode usar a força se necessário — uma força superior e palpável.

Oliver reconheceu quem era o líder e compreendeu que ele não pretendia matá-lo, pelo menos não antes de conversar. Aquilo não era nada bom, deduziu Oliver: homens tranquilos que enfrentam situações daquelas desarmados e querem conversar pertencem a uma categoria especial — à categoria dos muito perigosos.

Após Miguel recuar, Daniel se voltou para Oliver, perscrutando-o com o olhar para tentar compreender as razões do pedido de Elizabeth.

Oliver apontou para o sofá, antes de pegar duas cadeiras da mesa da

cozinha, para posicioná-las na sala. Sentou-se numa delas. Daniel sentou-se na outra, e os restantes ocuparam o sofá e a poltrona.

— Vamos levar Elizabeth — comunicou Daniel, com voz firme.

— Eu sei — reconheceu Oliver, com o corpo tenso. — Mas continuo precisando do punhal. E se não resolvermos isso agora, vou ter que usar outros métodos... mais criativos — informou com arrojo, surpreendendo os guardiões.

— A não ser que nunca mais precise usar método algum — anunciou Miguel, ameaçador.

Oliver olhou-o e não compreendeu por que é que ele estava tão irritado, ignorando que a sua postura fleumática e corajosa, aliada à bela figura, provocara ciúmes em Miguel. Optou por não responder à provocação, até descobrir as razões por trás da raiva dele. Tinha consciência que a raiva era um sentimento que atrapalhava, deixando as situações confusas. Esperou para ver como o diálogo prosseguiria.

— Suponho que quem está por trás disto esteja muito motivado e não vá desistir do punhal — concluiu Daniel, depois de avaliar Miguel novamente, com um olhar atento.

— Sim — confirmou Oliver, admirando a forma civilizada como tudo estava decorrendo, mas não baixou a guarda por nenhum segundo.

— Sabe se já foi feita alguma tentativa antes? — perguntou Daniel, tentando descobrir se era a mesma pessoa que havia enviado o assassino para Puebla de Sanabria.

— Não sei responder a isso. Mas garanto que ele está altamente motivado — informou Oliver, pensando no valor que o contratante lhe oferecera.

— No seu contrato está incluída a testemunha? — questionou Daniel, delicado.

— Sim, mas o foco é o punhal. Não me parece que alguém saiba das habilidades de Elizabeth — comentou, revelando que, apesar de Elizabeth ter lhe contado que era uma pitonisa, aquilo não parecia ser do conhecimento do seu contratante. Aquela informação deixou Miguel ainda mais irritado: Elizabeth fizera confidências ao sequestrador. Daniel olhou para Miguel de soslaio, mais em jeito de pedido que de ameaça. Miguel se controlou.

— Não podemos lhe dar o punhal — disse Elizabeth, falando pela primeira vez desde que eles haviam entrado no apartamento. Oliver anunciou, com calma:

— Mesmo que não me entreguem o punhal e decidam me eliminar, este

assunto não terá fim. Como eu disse, o meu contratante está muito motivado.

A sala ficou alguns segundos em silêncio, enquanto todos reavaliavam a situação, tentando arranjar uma solução para sair daquele impasse. Por fim, Daniel falou:

— Tenho uma proposta.

— Não posso aceitar nenhuma proposta — interrompeu Oliver, revelando a sua ética, mesmo que aquilo lhe custasse a vida. — Já estou comprometido.

— Temo que precisemos trabalhar juntos. Parece que Elizabeth já lhe deu uma ideia do que está acontecendo — insinuou Daniel.

— Falou da Profecia e das suas habilidades especiais, mas eu sou bastante cético — afirmou Oliver, desconfortável com o rumo incomum da conversa.

— Não é fácil acreditar nestes temas — reconheceu Daniel. — É sempre mais confortável acreditar no que pode ser provado. Mas se pensar que estão matando crianças para drenar o sangue através de um ritual de magia negra, a fantasia se transforma em uma realidade bem macabra, não acha?

— Acho — rendeu-se Oliver, antes de insistir: — Mas tenho um contrato para cumprir.

— Vamos tentar uma situação de meio-termo. O destino do punhal nos preocupa, mas talvez possa negociar apenas o punhal e excluir Elizabeth desse pacote — sugeriu Daniel perante o espanto de todos. Miguel sacudiu a cabeça, discordando: para ele, tudo aquilo se resolveria eliminando o sequestrador e todos os que viessem em busca do punhal.

— Ele não deixa pontas soltas, mas posso tentar negociar — concedeu Oliver, que já pensara naquela possibilidade, por estar reticente em assassiná-la. O fato de eles o conhecerem não o preocupava, porque se quisessem envolver a polícia já o teriam feito. — Existe um valor...

— Nós cobrimos o valor da negociação. — interrompeu Daniel, achando justo que Oliver não fosse prejudicado, na tentativa de proteger Elizabeth.

— E vocês me dariam o punhal? — perguntou Oliver, tentando entender o que mais eles poderiam ganhar com a negociação.

— Sim, mas apenas para podermos acompanhar o seu percurso. Obviamente que pretendemos recuperá-lo. Elizabeth deve lhe ter dito que se trata de um objeto valioso.

— E mágico — rematou Oliver, evitando ser irônico. O tom sério da conversa estava contribuindo para convencê-lo de que aquilo era verdade. Sem saber como, aquela história inacreditável parecia estar se tornando real sob o efeito das palavras de Daniel. Ele conseguia dar credibilidade àquela

loucura toda. Oliver começava a ter dúvidas. — E qual é a proposta?

— Nós entregamos o punhal, mas em troca você nos dá detalhes do local da entrega.

Oliver hesitou. Sabia que estava quebrando a confiança de quem o contratara e não fazia ideia se Dimitri aceitaria a proposta de deixar Elizabeth livre.

— Acha que se seguirem o punhal conseguirão descobrir quem é o Anunciado? — perguntou Oliver. Daniel percebeu que estava perante um homem inteligente, com uma ampla visão e uma capacidade anormal de adaptação às situações.

— Sim, mas precisamos da sua ajuda — reforçou Daniel.

— Antes de avançarmos, gostaria de garantir que só tentarão recuperar o punhal se ele sair das mãos do meu contratante — argumentou Oliver, mantendo-se atento, consciente de que sob a aparente calma com que o diálogo estava acontecendo, todos continuavam tensos.

Daniel compreendeu que ele estava cumprindo o seu contrato, mas Miguel comentou, friamente, mostrando a fragilidade da posição em que Oliver se encontrava:

— Não me parece que esteja em condições de negociar nada.

— Garantimos isso, desde que o seu contratante não seja o Anunciado — cedeu Daniel e Miguel olhou-o, surpreso, sem compreender aquela benevolência toda com o sequestrador.

— Vou falar com o meu contratante. Assim que tiver uma resposta voltamos a conversar.

— Contate-me neste número — disse Daniel, anotando o telefone num papel que tirou do bolso do casaco, antes de lhe apertar a mão em jeito de despedida e, simultaneamente, apresentação —, Daniel De Payens.

— Oliver Bassan — disse, revelando o seu nome.

— Estes são Besson e Dib... — Daniel apontou para cada um deles. Dib avançou e apertou a mão de Oliver e, por fim, Besson fez o mesmo, embora mostrando uma resistência clara.

Elizabeth se aproximou de Oliver, e disse:

— Obrigada pela gentileza.

Oliver anuiu com a cabeça, pensando que ela o tinha envolvido num problema sem tamanho e o colocou no centro de uma história bizarra. Porém, sentia-se estranhamente tranquilo com a decisão de não a ter assassinado. Elizabeth lhe parecia, cada vez mais, alguém especial, embora não soubesse

definir com exatidão por que tinha essa impressão. Além disso, estava seguro de que aqueles homens poderiam tê-lo ferido, ou mesmo morto, mas agiram como pessoas preocupadas em combater a maldade, como ela dissera.

Oliver usou o celular descartável para falar com Dimitri:

— Tenho uma contraproposta — disse, sem dar tempo para que Dimitri avaliasse a situação.

— O quê? — perguntou com o seu inglês com sotaque, surpreendido pelo telefonema de Oliver e, principalmente, por uma contraproposta tanto tempo após ter fechado o contato.

— O objeto por um ponto cinco — propôs Oliver e Dimitri compreendeu que ele estava sugerindo não matar Elizabeth e reduzindo o valor do punhal para um milhão e meio. Sabia que aquilo não era um comportamento típico de Oliver. As informações que recebera sobre o histórico dele o retratavam como um assassino competente e frio.

— Apaixonou-se? — perguntou curioso, imaginando que Oliver se envolvera com a vítima.

— Ela não representa perigo — defendeu Oliver, mantendo o mesmo tom neutro com que iniciara a conversa, sem responder aos comentários dele. — Já tenho o que deseja.

— E ela?

— Estou esperando a sua decisão — tranquilizou Oliver, mostrando que Dimitri continuava com o poder de decisão. Sabia bem que homens como ele gostavam de ter o controle e detestavam ser desafiados. Dimitri pensou por alguns segundos: não havia como ela o identificar e se Oliver a queria deixar ir, o risco seria dele. Além disso, era um presente para o filho de Charles Messie, e se podia pagar um milhão e meio em vez dos três iniciais, estava fazendo um excelente negócio.

— Um ponto cinco. Mas a responsabilidade pelo resto da encomenda é sua — Dimitri referia-se a Elizabeth.

— Então está tudo finalizado — comentou Oliver se referindo ao milhão e meio que Dimitri já depositara na sua conta. — Preciso de um local para a entrega.

— Paris. Amanhã às duas horas, na entrada das Galerias Lafayette.

— Combinado. — Tinha sido fácil. Pensou que Dimitri fosse mais difícil de negociar, mas deduziu que o dinheiro devia ter pesado na sua decisão de

permitir que Elizabeth vivesse.

Telefonou para Daniel usando outro chip descartável, para evitar ser rastreado. Todo o cuidado lhe parecia pouco, especialmente depois de terem vindo buscar Elizabeth, sem que ele soubesse como. Estava certo de que não deixara pistas.

— Já está tudo resolvido — anunciou, para alívio de Daniel, que desejava acabar, de vez, com a perseguição a Elizabeth. Pelo menos aquele assunto estava encerrado.

— E o resto? — perguntou Daniel, se referindo à entrega do punhal.

— Amanhã às duas horas, nas Galerias Lafayette.

— Paris? — estranhou Daniel, alerta, pensando na morte das crianças.

— Sim.

— Estaremos à uma, no interior das Galerias, para eu entregar o punhal.

— Perfeito — confirmou Oliver, no seu estilo pragmático. Nesse momento pensou que estava confiando num estranho, que poderia nem sequer aparecer com o punhal. Mas os seus instintos de matador profissional diziam que aquele homem era confiável, ao contrário de Besson, que estivera sempre nervoso durante todo o encontro. Não teve tempo de avaliar Dib. Pensou ainda que aquilo tudo parecia ser importante para eles, por causa da história do tal Anunciado e da profecia do fim do mundo. Eles tinham um interesse especial em descobrir quem estava querendo o punhal e para quê.

17. A alma de Angelina

Se é difícil viver, bem mais penoso é explicar a vida que se vive.

Marguerite Yourcenar (1903-1987)

Chegaram a Paris no início da noite e Besson decidiu não acompanhar Daniel, Elizabeth e Dib. Precisava ficar algum tempo sozinho. A presença de Elizabeth perturbava-o, mas aquele momento parecia impróprio para ensaiar uma aproximação, e optou por se afastar. Porém, precisava se livrar da tensão a que se submetera durante os últimos dias. E ninguém poderia ajudá-lo a fazer isso melhor que Lucrezia. Foi direto do aeroporto para o seu apartamento, e após um banho revigorante telefonou a Lucrezia para combinar um encontro.

Quando Miguel entrou na suíte do hotel, ela já o esperava, sentada no sofá com as pernas cruzadas, o corpo inclinado para trás e um cintilante copo de champanhe nas mãos. Viu-o avançar pelo quarto com passos lentos e felinos, os olhos fixos nela e um esboço de sorriso, enquanto despia o casado de inverno e o atirava para uma das cadeiras, com displicência.

Aproximou-se satisfeito por perceber que a beleza fogosa dela era superior à imagem que guardava na memória. Tirou-lhe o copo da mão com delicadeza e inclinou-se para beijá-la suavemente nos lábios, mas ela levantou as mãos e prendeu-o pela nuca, intensificando o beijo com a boca sensual. Miguel sentiu o corpo despertar. Puxou-a pela cintura para colocá-la de pé e abraçá-la. Espremeu-a contra o corpo tenso e sentiu-a vibrar quando percebeu o desejo instantâneo dele. Abriu o zíper do vestido, deslizando os

dedos pelas costas dela e antecipando a sua nudez. Quando o vestido caiu no chão, se afastou alguns centímetros para confirmar a beleza nua, sentindo as mãos experientes dela se livrando da camisa e das calças.

Nenhum deles disse uma palavra e durante a hora seguinte pareciam velhos amantes que se reconheciam ao menor gesto. Quando, finalmente, saciaram a primeira onda de desejo, ela encostou a cabeça sobre o ombro dele, antes de reconhecer em voz baixa e relutante:

— Senti a sua falta.

Miguel não queria falar, mas sabia que depois de ouvir uma frase daquelas era imperativo que dissesse alguma coisa:

— Temos que nos ver mais — sabia que ela esperava que ele dissesse que também sentira a falta dela. Mas ele não era capaz. O seu corpo sentira falta dela. Mas ele não.

Ela continuou quieta, colada à lateral do corpo dele, sentindo a mão dele acariciando os seus cabelos macios, parecendo atenuar o vazio das palavras vagas que acabara de dizer.

Miguel se entregava ao amor de forma vibrante, mas quando o amor acabava ele permanecia distraído, com os pensamentos distantes. Ela reconhecia os sinais porque sempre se sentira assim com os seus amantes. Mas estava se apaixonando, apesar de mal o conhecer, e sentia que ele era um homem diferente, embora não soubesse em quê.

Lucrezia fechou os olhos com força, para combater o inexplicável aperto que sentia no peito e se entregou ao prazer de sentir os dedos dele no seu cabelo como se ele estivesse tecendo um destino possível para os dois. Encostou-se mais nele e começou a morder o ombro com suavidade, acariciando-o com a mão vagarosa. Podia não saber nada sobre a alma dele, mas sabia arrancá-lo da letargia. Lucrezia nunca conhecera alguém com uma sensualidade tão primitiva e avassaladora. E nisso ambos se reconheciam.

Besson tocou a campainha às oito da manhã. Daniel abriu a porta e levou-o para a espaçosa cozinha, onde terminavam o café da manhã em volta da grande mesa redonda. Dib havia feito sonhos de mirtilos.

— Aceita um? — perguntou Elizabeth.

— Aceito, obrigado — disse, sentando-se à mesa enquanto Elizabeth colocava uma xícara, prato, talheres e um guardanapo de linho adamascado à sua frente.

Besson elogiou, depois da primeira garfada:

— Excelentes sonhos, Dib.

— Obrigado — agradeceu feliz com o resultado, porque não havia quase nada na despensa quando chegaram na noite anterior.

Miguel perguntou assim que acabou de comer:

— Vamos mesmo entregar o punhal?

— É a única maneira de o seguirmos até o Anunciado — declarou Daniel.

— E se o caso não tiver nada a ver com a Profecia? Se for apenas Dimitri querendo vender o punhal por uma exorbitância, como aconteceu com as outras relíquias? — disse Miguel.

— Dimitri vendeu as relíquias aos Messie, que foram assassinados... — lembrou Daniel.

— E as relíquias desapareceram — completou Dib.

— E isso aconteceu aqui, em Paris, na mesma cidade onde Dimitri quer receber o punhal — continuou Daniel. — Parece haver uma ligação, mas se não houver, será uma hipótese descartada. Concorda?

— Sim — afirmou a custo, sem conseguir controlar a irritação que o assaltava ao lembrar-se de ter visto uma espécie de intimidade entre Elizabeth e o atraente assassino. — Mas antes temos que resolver o assunto relacionado com o punhal — comunicou Miguel, trocando um olhar de cumplicidade com Daniel, que não escapou a Elizabeth.

— O que aconteceu com o punhal? — perguntou atenta.

— Besson lhe conta — avisou Daniel, se recostando na cadeira da cozinha. Desde que Elizabeth se juntara a eles, o seu humor tinha melhorado muito. Também se divertira ao perceber que Miguel tinha ciúmes de Oliver. Por mais que soubesse que o seu amor por Elizabeth era impossível, estava decidido a não facilitar a vida de Miguel naquele aspecto.

Miguel sabia que seria difícil explicar a Elizabeth o que acontecera com a alma da mãe, e não fazia a menor ideia sobre a sua reação quando lhe contasse. Explicou que Angelina ficara aprisionada no punhal quando o feiticeiro a matou. Percebeu que ela se esforçava por controlar as emoções: primeiro o choque, depois o desespero por saber que a mãe estivera presa durante todos aqueles anos e, por fim, o medo de libertá-la.

Quando Miguel acabou de falar, Elizabeth se manteve silenciosa por alguns segundos, pensando que a prisão da mãe explicava por que nunca conseguira senti-la ou sonhar com ela, ao contrário do pai, que parecia estar em paz sempre que pensava nele.

— Antes de entregarmos o punhal a Oliver, você terá que absorver a alma da sua mãe. Compreendeu isso, Elizabeth? — perguntou Dib.

— Compreendi, mas não quero fazer isso — retorquiu, angustiada.

— É a única forma de libertá-la — avisou Miguel.

— E se eu não fizer?

— Angelina continua presa na esmeralda e quando entregarmos o punhal ela pode ser absorvida por um estranho... Ou um de nós a absorve agora.

Ela sacudiu a cabeça como se estivesse negando a realidade: por muito terrível que aquilo fosse, era bem pior deixar a mãe presa no punhal. Perguntou, sem se lembrar dos detalhes que Miguel já explicara tempos antes:

— Como funciona?

— Você faz um corte no peito e a alma entra no seu corpo causando uma descarga de energia. A partir desse momento o conhecimento da sua mãe passa para você — Miguel sintetizou, antes de avisar: — Mas deve tomar cuidado, porque, às vezes, quando a alma absorvida é muito poderosa, o hospedeiro perde o controle.

— E o que acontece? A minha mãe passa a me controlar?

— Sim, mas isso não vai acontecer. Com certeza ela vai lhe transmitir o conhecimento das pitonisas. Esta é uma oportunidade única, porque ela não teve tempo para fazer isso em vida — lembrou Miguel.

— Todas as pessoas que você absorveu lhe transmitiram conhecimento? — perguntou Elizabeth, olhando diretamente para Miguel.

— Sim, mas eu consumi quase sempre almas brancas — revelou.

— Brancas? — estranhou Elizabeth.

— Há almas negras, de pessoas terríveis, muito difíceis de controlar, e que depois de absorvidas lutam para ter poder sobre o hospedeiro. E há almas brancas, de seres iluminados, com missões de paz no mundo, como a sua mãe — contou Miguel, mostrando o seu domínio do mundo das almas. — Além disso, as almas brancas têm muito mais energia.

— E as almas sentem o que acontece? — quis saber Elizabeth, preocupada com a mãe.

— Depois do choque inicial, a alma leva algum tempo para se ajustar. Fica confusa, sem saber onde está. Você deve falar com ela pelo pensamento, como se usasse telepatia. Porque, basicamente, é como se outra pessoa estivesse dentro de você, uma pessoa que lhe deve obediência. No início você vai se sentir muito mais forte, mas essa força vai-se diluindo, até perceber

que chegou o momento de libertá-la — revelou Miguel.

— E se a minha mãe me controlar?

— A sua mãe não lhe fará mal — afirmou Daniel, que conhecia bem a natureza de Angelina. — Além de amá-la muito, ela é uma alma branca.

— Faça, Elizabeth. Nós estaremos com você — disse Dib segurando a mão dela para transmitir segurança.

— Está bem — decidiu, rendida aos argumentos dos três. Preferia não ter que passar por aquilo, mas compreendia que era um caminho necessário para libertar a mãe.

— É melhor se deitar no sofá — sugeriu Miguel.

Ela se deitou, abriu três botões da blusa e expôs o centro do peito. Daniel, que fora buscar o punhal, entregou-o a Miguel. Ele tocou com a ponta afiada no peito dela um milímetro, apenas o suficiente para fazer surgir uma gota de sangue redonda e perfeita e, nesse instante, uma luz branca e muito intensa surgiu na base do punhal e foi absorvida por Elizabeth.

Ela sentiu o impacto de uma força bruta se encaixando à força no seu corpo, empurrando todos os seus órgãos internos, um pouco como acontecia na transmutação. Parecia estar com uma roupa excessivamente apertada. Depois do choque, veio o silêncio. Elizabeth esperou com os olhos fechados durante alguns minutos, antes de se levantar devagar.

— Parece estar tudo como antes — afirmou.

— A sua mãe já deve ter percebido o que aconteceu. Ela era sábia e está tentando se ajustar, sem perturbá-la — disse Daniel.

— E quando ela lhe passar todo o conhecimento você irá se transformar numa das maiores pitonisas que já existiram — Dib anunciou.

— Então agora só tenho que esperar, é isso? — questionou Elizabeth.

— Sim — respondeu Miguel com simplicidade, devolvendo o punhal a Daniel.

Daniel entregou o punhal a Oliver, acompanhado de Miguel, evitando assim que ele ficasse sozinho com Elizabeth. Estava se tornando difícil lidar com os seus sentimentos por ela: temia que ela sofresse um acidente trágico, fosse novamente sequestrada, deixasse de amá-lo ou se entregasse a Besson, incapaz de resistir aos seus encantos de sedutor semidivino.

Oliver foi pontual. Cumprimentou-os, observando Miguel com atenção, sem conseguir afastar a sensação de que ele podia atacá-lo a qualquer

momento. Daniel entregou-lhe uma caixa de madeira com o punhal. Oliver abriu a tampa, e sob um tecido protetor de algodão puro, viu o belíssimo punhal com uma hipnótica esmeralda verde.

— É uma peça maravilhosa — confessou Oliver, com ar entendido.

— Sim — concordou Daniel.

— Vou entregá-la e vocês seguem? É isso? — questionou Oliver.

— Sim, a partir daqui tratamos do assunto — confirmou Daniel, sem se adiantar sobre o que fariam, mas seria como Oliver previra.

— Encerramos por aqui — disse Oliver friamente, com o seu estilo britânico, dando por finalizada a relação deles.

— Se Elizabeth estiver correta, esta não será a última vez que nos encontramos — anunciou Daniel enquanto se despediam, provocando um sorriso de descrédito em Oliver.

Dimitri Sergeevich cumprimentou Oliver com naturalidade, embora fosse a primeira vez que se viam, mas cada um arranjava uma forma de reconhecer o outro. Dirigiram-se para um discreto café, próximo das Galerias. Sentaram-se durante vinte minutos e tomaram um espresso cada um, enquanto mantinham uma conversa aparentemente banal, mas tanto Daniel quanto Miguel, que os observavam de longe, perceberam que se tratava de um assunto sério pela forma como ambos se inclinavam a intervalos regulares, de forma a diminuïrem a distância que os separava e também o tom de voz. No final, despediram-se, como se fossem velhos amigos, e seguiram em direções opostas.

Daniel e Miguel seguiram Dimitri até o hotel onde ele estava hospedado.

— Não vamos poder ficar nisto o dia todo. Quanto tempo acha que ele vai levar para entregar o punhal? — perguntou Miguel impaciente.

Daniel sorriu, comentando:

— Não sei, mas precisamos de paciência. Muita paciência!

— Ficar imóvel durante horas, dias... Isso tem a ver com você — assumiu, com leveza.

— Eu sei, mas vamos ter que fazer turnos.

— Não me dê o turno da noite — pediu. — Tenho planos.

Daniel olhou-o com curiosidade, mas sabia que não adiantava perguntar que planos eram aqueles porque tinha certeza de que Miguel não lhe contaria. Ele gostava de manter os seus mistérios, talvez porque, na maioria dos casos,

eram situações que não podia ou gostava de comentar abertamente. Pela sua tranquilidade naquela manhã, e pelo corpo relaxado, Daniel deduziu que se tratava de uma mulher. E esse pensamento provocou-lhe alívio, porque significava que Miguel deixara de estar focado em Elizabeth.

— Não vou estragar as suas noites a não ser que seja necessário. Vou pedir que Uchoa e Alessia venham de São Paulo, porque além de Dimitri, temos o caso das crianças.

Daniel calou-se, para analisar o número na tela do seu celular, que começara a vibrar.

— Sim — atendeu, após reconhecer o telefone de Oliver Bassan.

— Acho que vamos dar continuidade ao nosso encontro... — comentou, depois de ter hesitado, pensando se telefonava ou não para Daniel.

— Então Elizabeth tinha razão? — perguntou Daniel divertido, acirrando-o um pouco.

— Talvez — respondeu Oliver, resistente.

Daniel vacilou por segundos, antes de dar o endereço do apartamento da Ordem, ignorando a mão férrea de Miguel sobre o seu braço, num aviso mudo para que ele não revelasse a localização. Daniel combinou um encontro com Oliver na tarde do dia seguinte. Em seguida, pediu que Seth e Kent vigiassem Dimitri e ordenou que Uchoa e Alessia viessem de São Paulo no final do dia, no voo que chegaria a Paris na manhã seguinte.

Miguel observava Daniel, vendo-o resolver tudo em menos de três minutos. Quando Daniel voltou a colocar o celular no bolso das calças, comentou:

— Será sábio expor o apartamento da Ordem?

— Temos outros — informou sorrindo. — Este é o apartamento... social, digamos assim.

— Compreendo. — Penalizou-se por ter pensado que Daniel pudesse cometer um erro daqueles. E mais, pensando que, apesar da atenção que dedicara à Ordem, não descobrira a localização de outros locais em Paris. Possivelmente, Miguel só sabia daquilo que Daniel permitira que conhecesse sobre a Ordem.

Oliver Bassan entrou no apartamento, seguindo Daniel, sem ter ideia do que o aguardava. Ia movido pela curiosidade, depois de compreender que os acontecimentos estavam se encaixando com uma lógica semelhante à que

Elizabeth anunciara. Em outra ocasião acreditaria que tudo não passava de um conjunto de coincidências, mas eram eventos demasiado próximos e ligados entre si para que pudesse ignorar.

Oliver cumprimentou Dib, Miguel e Elizabeth e foi apresentado a Uchoa e Alessia. Sentiu que a visita já valera a pena por tê-la conhecido. Confirmou as suas impressões iniciais: ela era uma mulher elegante, além de bonita. Calculou que ela teria, no máximo, quarenta anos, embora se esforçasse por parecer mais velha. Oliver achou a atitude incompreensível: nunca conhecera uma mulher que tentasse parecer mais velha, especialmente numa época em que a ideia de juventude se sobrepunha a todos os outros valores, muito mais importantes.

— Sente-se, Oliver — convidou Daniel.

— Aceita um chá? — perguntou Alessia. Oliver agradeceu, se questionando se ela teria um relacionamento com algum deles. Mas o pensamento não o perturbou: aprendera a esperar antes de conjecturar e criar obstáculos. O certo é que ela lhe agradava. Muito. E ele estava disposto a convidá-la para jantar, assim que surgisse uma oportunidade.

Oliver deu um gole no chá, antes de começar a falar, com segurança:

— Dimitri aceitou ficar com o punhal e deixar Elizabeth livre, mas mostrou que não estava satisfeito com o desfecho da nossa negociação. O que significa que eu estou com uma dívida com ele, que quero e preciso saldar.

— Ninguém deseja dever nada a um homem como Dimitri — completou Daniel.

— Sim — confirmou Oliver, dando mais um gole no chá, que estava esplêndido. — Quando ele me ofereceu um novo trabalho eu me senti compelido a aceitar. E apesar de ele me pagar, o fato do escopo do trabalho não ser a minha especialidade faria com que a dívida moral que tenho com ele fosse sanada.

— E qual é o trabalho? — perguntou Daniel, reconhecendo a lógica impecável que ancorava o raciocínio de Oliver e a sua negociação com Dimitri.

— Fui contratado para descobrir quem assassinou os Messie. Além de não confiar muito na polícia, por achar que estão um pouco perdidos com tantos assassinatos, Dimitri quer ter uma conversa privada com o assassino — contou Oliver.

— Compreendo — falou Daniel mais uma vez, consciente que Dimitri queria vingar a morte dos Messie. — Não imaginava que Dimitri fosse tão

próximo dos Messie.

— A forma como ele falou de Charles Messie indica que ele tem uma profunda gratidão por ele — comentou Oliver, sucinto. — Dimitri contou apenas que se trata de algo pessoal, sem entrar em detalhes. Expliquei que não é a minha área, mas que faria o trabalho, embora sem garantias. Combinamos que se eu descobrir o assassino, ele me paga, mas mesmo que eu não descubra, consideramos que a questão de Elizabeth está resolvida.

Oliver se assemelhava a Daniel na economia: se podia usar apenas uma palavra para se expressar, não usava duas, se podia obter o máximo efeito com um gesto, não fazia dois. Quando terminou, a sala ficou mergulhada num daqueles silêncios que geralmente antecedem grandes decisões. Todos estavam fazendo suas conjeturas, sem se atreverem ainda a verbalizar seus pensamentos. Apenas Oliver se manteve tranquilo, observando Alessia fixamente. A firmeza do olhar dele incomodou-a. Mal podia acreditar no descaramento dele, avaliando-a como se a estivesse despindo. Mas sentiu-se desejada e sorriu involuntariamente.

Dib foi o primeiro a falar, fazendo Oliver voltar a sua atenção para a conversa:

— Os Messie têm um filho, Jean Luc. O punhal deve ter sido encomendado por ele.

— Dimitri comentou que o punhal seria um presente — comentou Oliver afastando os olhos da figura de Alessia. Ela percebeu que apesar de ele a estar observando, se mantinha atento ao que acontecia à sua volta.

— Então o punhal não foi encomendado ao Dimitri? — inquiriu Miguel.

— Ele frisou apenas que se tratava de um presente — afirmou Oliver. — Eu achei melhor não fazer perguntas. A curiosidade não é um traço apreciado na minha profissão.

— Claro — Daniel concordou.

— E mesmo que o punhal seja um presente de Dimitri para Jean Luc, parece ser um gesto aleatório, que não se encaixa na Profecia — declarou Miguel.

— Aleatório? Não creio — defendeu Alessia, assertiva. — Há muita coisa acontecendo em volta dos Messie: tinham as relíquias, foram assassinados por causa delas, e talvez o punhal venha a pertencer a Jean Luc...

— Talvez Jean Luc possa ser o Anunciado... — insinuou Elizabeth.

— Não me parece — Kent falou pela primeira vez. — Se ele fosse o Anunciado, não teriam assassinado os Messie para conseguir o Cálice.

— Tem lógica — confirmou Daniel. — Temos que descobrir para quem é o punhal. E a partir deste momento devemos ajudar Oliver, porque temos interesse em saber a identidade do assassino dos Messie. Ele está ligado à Profecia.

Oliver ouvia-os discutir a profecia como sendo algo real, e apesar de tentar manter-se distante, sabia que estava sendo envolvido na situação.

— Vou alugar um apartamento em Paris. Não sei quanto tempo vou ficar aqui... — anunciou Oliver. — Entretanto, vamos conversando sobre os Messie.

— Perfeito — disse Daniel. Oliver despediu-se e Alessia acompanhou-o à porta. Ele não deixou escapar a oportunidade, e disse em voz baixa, imprimindo intimidade ao diálogo:

— Ia telefonar mais tarde, mas já que estamos a sós, vou perguntar pessoalmente se gostaria de jantar comigo hoje?

Alessia ficou chocada. Não esperava o arrojo dele e muito menos que ele a convidasse para sair com tanta rapidez. Sabia bem que, apesar de achá-lo atraente, a Ordem exigia devoção, entrega total. Mas o pior de tudo era que Oliver era um criminoso. Alessia percebia que ele estava conquistando algum espaço entre eles, mas a tranquilidade com que todos o aceitavam derivava do fato de Elizabeth defender que Oliver desempenharia um papel importante.

— Não posso — respondeu desejando que fosse diferente, e ela estivesse livre das restrições da Ordem, mas, principalmente, que ele não fosse um assassino. Oliver não se abalou com a resposta: ela não o havia rejeitado, havia dito que não podia e, portanto, havia um imperativo qualquer que a impedia de sair com ele.

— Por quê?

— Não posso — repetiu tensa, ao perceber a proximidade de Miguel, que também ia sair.

— Eu telefono — prometeu num sussurro quase inaudível, afastando-se, seguido de Miguel.

Rachel insistiu para que eles ficassem mais um dia ou dois em Londres, mas Sarah argumentou que precisava voltar ao trabalho para finalizar alguns assuntos antes de tirar as duas semanas de licença para o casamento, que aconteceria no dia 7 de janeiro.

Paris não voltara ao normal depois do terrível incidente do Natal. Por mais

que todos tentassem devolver a normalidade à sua rotina, parecia pairar sobre eles uma ameaça e eram perceptíveis o medo e a desconfiança.

Jean Luc e Sarah chegaram a Paris no dia 3 de janeiro, e dois dias depois chegaria a mãe de Sarah, para finalizar os preparativos do casamento. Eles haviam optado por realizar o casamento na casa de campo que os pais de Jean Luc tinham próximo de Paris.

Sarah enjoava quando viajava de carro ou de avião e ele propôs que passassem a lua de mel no campo, depois de ter prometido uma lua de mel verdadeiramente exótica, num lugar tropical com águas mornas e transparentes, quando o bebê nascesse. Ela aceitou, aliviada. Desagradava-lhe a ideia de viajar naquele período, em que os odores se intensificavam à sua volta e o corpo tinha reações que ela ainda não compreendia.

A primeira semana do ano passou num ápice e o dia do casamento chegou como se tivesse surgido de repente, sem nenhum tempo de preparação. Cumprindo a tradição, Jean Luc não viu Sarah no dia anterior ao casamento, e quando ela entrou no jardim decorado com rosas brancas de todas as espécies, susteve a respiração: Sarah era uma visão angelical com o vestido longo, de manga comprida e busto justo, e um véu de renda antiga cobrindo o cabelo, numa queda suave até os ombros. Jean Luc achou que aquele momento era perfeito, e embora lamentasse a ausência dos pais, tinha certeza de que eles ficariam felizes se ali estivessem e o vissem unir o seu destino ao de Sarah.

O casamento, embora fosse íntimo e contasse apenas com a presença dos pais e irmãs de Sarah, os padrinhos e os tios de Jean Luc, era muito sofisticado. Rachel usara o jardim de inverno para organizar a cerimônia. O almoço de três entradas, sete pratos e várias sobremesas começou a ser servido às duas da tarde, em uma das salas, com uma varanda envidraçada onde várias plantas floridas se equilibravam harmoniosamente nos suportes de ferro forjado, que enquadravam os vidros. O ambiente era aquecido por duas lareiras que crepitavam sob as vozes tranquilas dos convidados. A decoração, com arranjos de rosas e velas, contribuía para dar um aspecto intimista à enorme sala. Tudo era suave e elegante.

Jean Luc e Sarah pairavam acima das tragédias que assolavam a Europa. O amor deles transbordava, deixando claro que estavam destinados um ao outro.

No final da noite, após a partida dos convidados, quando ficaram sozinhos pela primeira vez depois de casados, Jean Luc declarou comovido, colocando

a mão sobre o ventre dela:

— Agora, vocês são a minha vida.

— Dimitri vai viajar — Uchoa avisou Daniel por telefone. Dimitri deixaria Paris, sem ter se cruzado com ninguém suspeito, exceto Oliver Bassan. Todos os seus encontros eram totalmente sociais, parecendo que ele estava retomando a sua agenda de contatos.

— Para onde? — perguntou Daniel.

— Vai voltar para a Rússia — contou Uchoa.

Daniel pensou durante alguns segundos. Precisava tomar uma decisão: ou mantinha Uchoa e Seth seguindo Dimitri, pressupondo que ele ainda tinha o punhal, ou acreditava que Dimitri já passara o punhal adiante, e eles não tinham percebido, talvez porque ele o tivesse mandado entregar em vez de levá-lo pessoalmente.

— Daniel? — perguntou Uchoa, do outro lado da linha, aguardando uma decisão.

— Estou pensando — respondeu, devagar. — Acho que você e Seth devem segui-lo.

— Também acho. Pelo menos mais uns dias — concordou Uchoa.

— Assim que chegarem, deem notícias — pediu Daniel. — Boa viagem.

Quando o celular tocou, Alessia soube que era ele, o assassino que Daniel parecia ter acolhido, depois de Elizabeth ter defendido a sua misteriosa importância para a Ordem. Por um instante pensou se o papel dele também teria alguma coisa a ver com ela, mas afastou o pensamento, irritada. Não podia ter devaneios nem deixar-se envolver em tentações. Mas desde que vira o assassino, como ela o chamava mentalmente para mantê-lo distante, não tinha parado de pensar nos olhos dele, analíticos e sensuais. Ele observava tudo com uma calma meticulosa, detendo-se em cada detalhe até estar satisfeito. A forma como ele resvalava os olhos pelo corpo dela, como se a estivesse acariciando, incomodava-a sempre que pensava nele.

Deixou o telefone tocar até cair na caixa postal. E suspirou de alívio por ter resistido à tentação de atender. Mas o telefone voltou a tocar. Insistentemente. Quatro vezes. Quando percebeu que ele não desistiria, atendeu devagar, como se temesse que ele se materializasse à sua frente. O instinto avisava-a para não atender, mas a persistência dele, aliada à vontade

de ouvir de novo aquele sotaque inglês irrepreensível, sobrepôs-se à sua intuição.

— Sim? — respondeu, um pouco nervosa, sem saber como começar a conversa.

— Sou eu, Oliver. Gostaria de continuar a nossa conversa. Por que disse que não podia jantar comigo? — perguntou, firme, quase exigindo uma resposta. Não era um homem de meias palavras, meias medidas, meios modos. Ela estava habituada a lidar com pessoas firmes. Os guardiões eram assim: firmes, seguros, fortes. Porém, fora daquele círculo restrito, ela percebia que havia nos humanos uma fragilidade constante, proveniente da sua própria condição de seres mortais, que podiam se romper a qualquer momento. Mas com Oliver, Alessia não sentira isso: ele emanava força, coragem e completo autodomínio. Era também destemido, arrojado.

— Alessia? — chamou, interrompendo o silêncio dela.

— Não posso jantar com você porque... — hesitou, sem poder confessar as verdadeiras razões da sua rejeição: que ela era uma guardiã e ele, um assassino.

— Porque... — insistiu Oliver.

— Não posso.

— Está envolvida em algum relacionamento? — perguntou, desagradado com a ideia.

— Não — Oliver sentiu-se aliviado com a rejeição enfática dela. Também lhe parecia claro que se ela não quisesse realmente jantar com ele, já teria terminado o diálogo. O fato de continuar arrastando a conversa significava que ela queria, mas por alguma razão não podia.

— Então vamos jantar. É só um jantar. Não me diga que não janta?

— Janto — se aceitasse sair com ele, estaria começando um caminho perigoso. Sentiu ansiedade, como se tivesse uma borboleta voando no seu estômago. A rígida disciplina que mantinha sobre as suas emoções não podia afrouxar um único segundo. Ela sabia bem que, se perdesse o controle, tudo se perderia.

— Passo aí amanhã, às sete e meia...

— Não — rejeitou, deixando claro que não queria que ele fosse buscá-la. Ele deduziu que talvez o problema fosse em casa, com o “grupo de estudiosos”, como Elizabeth lhes chamara. Estava decidido a esperar o momento certo, para tirar aquilo a limpo.

— Podemos nos encontrar no restaurante, às oito. Pode ser? — sugeriu,

educadamente.

— Prefiro. Mas podemos jantar depois de amanhã? — perguntou, desejando tempo para se ajustar à ideia de que ia realmente sair com ele e arquitetar um plano para explicar por que iria sair de casa para jantar fora. Embora todos tivessem suas vidas, o fato de, naquele momento, estarem dividindo o mesmo espaço, não facilitava as coisas para Alessia.

— Podemos, Alessia — disse o nome dela, sibilando os esses, parecendo divertir-se com o som. Ela gostava da forma como ele pronunciava o seu nome, se demorando sempre um pouco mais nos esses.

— Adeus, Oliver — respondeu, dizendo o nome dele pela primeira vez.

Brigou entre a vontade de manter o seu encontro com Oliver em segredo, como um pecado, ou falar com Daniel, na esperança de que ele a impedisse de dar aquele passo. Mas por aquela vez o segredo venceu, e ela calou Oliver dentro do pensamento.

18. O despertar do desejo

Há precipícios carnavais como há precipícios espirituais, com as suas vertigens e as suas delícias, os seus suplícios também, que apenas os que ousaram mergulhar neles conhecem.

Marguerite Yourcenar (1903-1987)

As noites de Miguel e Lucrezia eram intensas e quando ele pensava que já não se surpreenderia, ela inventava algo que o deixava mais rendido aos seus encantos. Miguel percebeu que ela mostrava, aos poucos, uma ternura que transportava a relação para além do desejo físico. Mas para ele era impossível ir além daquelas noites em que satisfaziam os corpos. Desde a primeira vez que estiveram juntos, havia algo obscuro nos olhos dela que Miguel ainda não conseguira definir e surgia quando ela se rendia ao prazer e revelava um lado mais profundo. O olhar dela adquiria um negrume ameaçador, mas era uma sombra tão rápida que seria indetectável para qualquer outra pessoa que não fosse Miguel. Por isso, ele teve alguns cuidados desde o início e jamais permitiu que ela conhecesse mais do que a superfície da sua personalidade.

Lucrezia acordou com uma fome anormal. Era capaz de devorar o mundo. Eram sete da manhã e Miguel estava acordado. Não dormia quando estava com ela. O sono era algo demasiado íntimo para dividir com ela. Lucrezia tinha algo indefinível que o perturbava e, por isso, evitava abandonar-se ao sono. Por vezes cochilava, mas não dormia. Sentia claramente quando ela o observava por longos minutos. Ele se incomodava, mas ficava imóvel, fingindo dormir. Foi assim que percebeu a evolução dos sentimentos dela:

pelo tempo crescente que ela passava vigiando o seu falso sono. Por vezes, incapaz de se conter, ela o beijava, de leve. Ele abria os olhos devagar, como se estivesse acordando e amava-a para ocupar o tempo. Não queria conversar com ela, não queria dividir nada com ela, além do corpo. Ela era, talvez, a melhor amante que conhecera, e ele possuía uma longa lista. Lucrezia parecia ter o dom de fazer o gesto certo no momento certo, exatamente como ele, permitindo que usufríssem longas noites de paixão.

— Estou com fome — ela anunciou, e Miguel fez um gesto para sair da cama, mas ela o agarrou enfiando as unhas no seu braço. Por alguma razão, aquilo o irritou de uma maneira inusitada. E a sua irritação era totalmente desproporcional ao gesto dela.

— Solte — anunciou, frio, surpreendendo-a. Nunca o tinha ouvido falar assim. Ela soltou o braço e tentou espiar o rosto, mas ele levantou-se e foi para o banheiro.

Enquanto ele tomava banho, ela pediu um café da manhã com grande variedade de pães e doces. Ela podia comer o que quisesse sem engordar, porém, nos últimos dias, estava mais exuberante, a sua pele parecia mais luminosa e sentia muita fome, mas não se espantou: nas duas últimas semanas passara todas as noites com Miguel, e tinha que repor as energias.

Miguel voltou para o quarto com o corpo úmido enrolado na toalha, como se nada tivesse acontecido, mas ela agora sabia que ele tinha um limite, e podia ser perigoso ultrapassá-lo. Porém, tudo o que descobria sobre ele tornava-o mais apetecível e ela sabia como seduzi-lo. Deitada na cama, com os cabelos negros espalhados sobre a almofada, afastou o lençol branco devagar e expôs o belo corpo moreno, num convite. Miguel olhou-a. Estava irresistível. Ele soltou a toalha, deixando-a cair no chão, e aproximou-se dela. Sentou-se na beira da cama e acariciou um dos seus seios com firmeza, fazendo-a soltar um gemido de dor acompanhado de uma advertência:

— Cuidado — aquela palavra explodiu no cérebro dele, de repente, como uma luz. Ela nunca reclamara de dor. Ele parou o gesto no mesmo instante em que a campainha tocou. Vestiu o roupão do hotel e abriu a porta para deixar passar um carrinho cheio de comida. O empregado ia colocar tudo sobre a mesa na antessala da suíte, mas Miguel interrompeu-o:

— Pode deixar assim, obrigado.

O empregado saiu e Miguel empurrou o carrinho para junto dela posicionando-o ao lado da cama. Viu-a levantar e começar a comer com apetite voraz. E aquela luz que se acendera no seu cérebro minutos antes o

ofuscou totalmente. Ele sentiu um pensamento nascer, crescer e transformar-se num monstro capaz de devorá-lo.

— Não quer comer nada? — perguntou ela, mordendo um croissant de chocolate. — Café?

— Eu me sirvo — disse, sentando-se na cama, ao lado dela, e enchendo uma xícara com o café forte e aromático. Bebeu em pequenos goles, vendo-a devorar os pães doces com prazer. Foi até a pequena varanda do quarto e olhou para a rua, tentando controlar as ideias que o assaltavam. Quando ela terminou e se deu por satisfeita, Miguel já reorganizara os pensamentos. Perguntou devagar:

— Você está grávida?

Ela jogou a cabeça para trás com uma gargalhada feliz antes de sair da cama, expondo a sua nudez exuberante, antes de abraçá-lo com força.

— Era isso que o incomodava, a possibilidade de eu estar grávida? — perguntou, desconhecendo que nem mesmo ele sabia por que tinha se irritado com ela. Tinha sido algo instintivo que acontecera antes de pensar na possível gravidez dela.

— E está? — insistiu ele.

— Claro que não. Não posso ter filhos — respondeu com indiferença. Miguel sentiu a calma voltar à sua mente. Seria difícil explicar uma gravidez, não apenas por ela ser estéril, como acabara de descobrir, mas porque ele, enquanto consagrado pelo Graal, não podia ter filhos, a não ser que recorresse a um ritual muito específico, como acontecera com Adèle. Um ritual que ele pretendia repetir com Elizabeth.

— Tem certeza? — questionou, sabendo que a sua intuição raramente falhava.

— Absoluta — afirmou, despiando o roupão dele e acariciando-o lentamente. Miguel sentiu que tudo voltara à normalidade, sem ter que buscar explicações para justificar a gravidez dela, como, por exemplo, o fato de ele não ser o pai.

Depois de dois dias de tranquilidade, Jean Luc e Sarah decidiram abrir os presentes de casamento. Jean Luc notou que havia duas caixas com o nome dele e estranhou: presentes de casamento são dirigidos aos noivos, e não apenas a um deles. Sarah estava sentada ao seu lado quando ele abriu a caixa retangular embrulhada em papel de seda dourada, com um laço feito de cetim

negro. Dentro havia um belíssimo punhal com uma esmeralda encastuada na base. Era uma peça de rara beleza, e Jean Luc sentiu-se imediatamente atraído pelo objeto. Tirou-o da caixa e murmurou fascinado:

— É uma das peças mais bonitas que já vi.

— Não gosto de punhais — confessou Sarah, incomodada. Ela detestava qualquer arma branca, ao contrário de Jean Luc.

— Vou guardá-lo na estante. Está bem? — respondeu carinhoso.

— Obrigada — agradeceu Sarah, segurando a tampa para fechar o punhal na caixa. — Tem uma carta aqui. Presa no interior da tampa.

Jean Luc descolou o envelope da tampa e abriu-o. A carta era manuscrita, com uma letra desenhada, como se tivesse sido despendido um esforço para torná-la legível e elegante:

Jean Luc,

Sou Dimitri Sergeevich e o seu pai foi um grande amigo que nunca faltou quando precisei.

Era seu desejo lhe oferecer este punhal no dia em que completasse trinta anos. Infelizmente acontecimentos trágicos impediram que ele realizasse esse desejo. Por isso, tomo a liberdade de lhe oferecer o punhal como presente de casamento, para que o aprecie, como o seu pai tanto queria.

Dizem que esse punhal tem poderes mágicos, porque a sua esmeralda pertenceu ao Rei Salomão, exatamente como o Anel que o seu pai já tem.

Estou à disposição para o que necessitar em qualquer momento, por ser filho de quem é.

Atenciosamente,

Dimitri Sergeevich

Jean Luc olhou para a marca-d'água no rodapé da carta, com o nome e o telefone de Dimitri, e à mão, em uma letra menos cuidada do que a da carta, estava anotado um número particular. O conteúdo da carta continha um forte apelo emocional: tratava-se de um amigo fiel do seu pai, que o estava presenteando com um objeto valiosíssimo, para atender o último desejo de Charles Messie.

Se Jean Luc soubesse sobre a restrição de presentear alguém com facas, espadas ou tesouras em ocasiões festivas, talvez tivesse devolvido o presente,

por precaução. Mas nem Dimitri nem Jean Luc sabiam que, segundo antigas crenças populares, a lâmina tinha o poder de cortar a vida ou a felicidade.

Para não incomodar Sarah, guardou o punhal na estante da saleta onde estavam abrindo os presentes. Fechou a gaveta com a chave e voltou para junto dela, se preparando para abrir a segunda caixa, com o seu nome. Era uma caixa quadrada e negra, com um laço vermelho vivo, e nenhuma indicação de quem a enviara. A única coisa visível era o nome dele na tampa, em tinta dourada. Avaliou a caixa de todos os lados, antes de abrir. Embrulhada em papel de seda negro, havia uma Laranja Dourada. Jean tirou-a da caixa, percebendo que era pesada e, possivelmente, de ouro maciço. Mas assim que Sarah viu o objeto sentiu náuseas e correu para o banheiro contíguo à saleta. Jean Luc soltou a laranja e, apesar do tapete ter amortecido a queda, ela bateu no chão com um estrondo seco, parecendo mais pesada do que na realidade era. Seguiu Sarah e quando abriu o banheiro viu-a ajoelhada e curvada sobre a privada, vomitando. Ela gritou, não querendo que ele a visse daquela forma:

— Sai, Jean.

— Não — disse, ignorando o pedido dela. Ajoelhou-se, segurou os cabelos dela na nuca com uma mão, colocando a outra na testa, enquanto ela lutava contra as náuseas.

Por fim, ela conseguiu murmurar:

— Não quero que me veja assim.

— Só quero que fique bem — respondeu, molhando uma toalha com água fria e passando na testa dela. Em outra época, aquilo bastaria para Jean Luc não voltar a olhar para ela, enojado e incapaz de lidar com as fragilidades humanas. Mas com Sarah era diferente: não havia nada que ela fizesse que fosse capaz de perturbá-lo ou diminuir-lhe a paixão. Tudo lhe parecia natural e ela era uma espécie de continuidade do corpo dele.

Minutos depois, quando conseguiu melhorar, Sarah explicou:

— Aquela laranja provocou-me náuseas. O que é?

— Parece um objeto de decoração, em ouro. Mas eu também não gostei — confessou.

— Quem nos ofereceu?

— Não sei. Não trazia cartão. Só o meu nome na caixa.

— Podemos doá-la?

— Claro — respondeu, feliz com a ideia. — Assim que voltarmos para Paris vou falar com uma amiga da minha mãe que dirige uma ONG... Acho

que se chama *Irmandade da Fênix* ou algo assim... Eles sempre precisam de doações.

— Então esse assunto está resolvido — disse Sarah.

— Espere aqui, enquanto vou guardar a laranja — disse Jean Luc protegendo-a de uma nova náusea. Devolveu a laranja à caixa e teve a estranha impressão de que ela brilhou mais na sua mão. Fechou a caixa, mas voltou a abri-la para pegar de novo a laranja e teve certeza de que enquanto ela estava na sua mão adquiria um brilho mais intenso e parecia mais leve. Ouviu os passos de Sarah, jogou a laranja para dentro da caixa sem muito cuidado e colocou-a na estante, numa das portas de vidro, junto com algumas taças de cristal. Depois investigaria o mistério do brilho e da leveza da laranja de ouro.

Alessia viu-o sentado na mesa: simples e elegante, com calças de alfaiataria, de corte irrepreensível, em tecido cinza escuro, e um pulôver da mesma cor, com decote em V, sobre uma moderna camisa lilás, muito suave. Tinha as pernas cruzadas e bebia algo num copo longo. Ela pensou que devia ser vodca, misturada com suco de laranja, pela cor da bebida.

Ele estava sentado de frente para a porta, numa mesa junto à janela de onde via a Place de La Concorde. Viu-a chegar, despir o longo casaco preto e entregá-lo ao garçom, antes de avançar pela sala, com seus passos de bailarina. Ela era muito séria e estilizada, mas ele pressentia que, sob aquela aparência controlada, havia uma mulher apaixonada.

Levantou-se para cumprimentá-la. Segurou-a pela mão, enquanto a beijava na face, mal tocando com os lábios na pele, enquanto o garçom puxava a cadeira dela, em frente à sua.

Alessia sentou-se e ele a observou, repetindo o comportamento incongruente do dia em que a conhecera: tudo em Oliver revelava cavalheirismo e os seus gestos e palavras eram educados, mas os olhos eram descarados e irreverentes. E enquanto mantinha uma distância elegante, praticamente a despia com os olhos, desconcertando-a e lhe dando a certeza de que estava entrando em um terreno perigoso.

Ela usava um vestido preto de mangas compridas. Calçava sapatos de salto alto, pretos, com um pesponto pastel. Completava o conjunto impecável com colar e brincos de pérolas. Oliver percebeu que algo na elegância dela lhe recordava os melhores figurinos de Audrey Hepburn.

— Estou feliz por ter vindo jantar comigo — começou Oliver. — Aceita uma bebida?

— Um suco. Não bebo álcool — justificou, para evitar que ele perguntasse se ela queria vinho durante a refeição ou um licor para acompanhar a sobremesa. Oliver pediu o suco e sorriu, antes de comentar:

— Que bom. É o nosso primeiro ponto em comum: também não bebo álcool.

— Por quê? — perguntou.

— Não gosto dos seus efeitos, nem mesmo dos bons. Acho que o álcool, na sua versão benéfica, relaxa o corpo, mas provoca desatenção. Não gosto de ficar desatento.

— E relaxado? — provocou, revelando a mulher que Oliver adivinhava dentro dela.

— Relaxado, sim. Gosto muito. Mas não preciso de álcool — explicou, emprestando uma entoação mais vagarosa à voz, cheia de segundas intenções.

Ela sorriu, consciente do rumo da conversa: ele parecia frio, mas estava revelando uma sensualidade que o tornava mais desejável. Oliver observou-a e percebeu que o sorriso e o silêncio dela demonstraram que não responderia ao seu comentário ambíguo. Pediram a comida: creme de champignon de entrada, e para o prato principal, ela escolheu um suave curry vegetariano, e ele, um peixe grelhado, envolvido em crosta de ervas.

A conversa era fácil e fluída, e quando estavam saboreando uma deliciosa sobremesa de frutas, Oliver perguntou inesperadamente:

— Por que me disse que não podia sair comigo?

Ela não podia confessar a verdade, mas também não podia alimentar uma situação que iria, mais tarde ou mais cedo, criar um conflito entre eles. Ele a viu morder ligeiramente o lábio, um gesto que parecia indicar nervosismo, mas que ele ainda não compreendia. Deu-lhe tempo para que ela elaborasse a resposta, tornando-se óbvio que ela escondia algo. Por fim ela optou por dizer a verdade, de uma vez só:

— Não posso me envolver com ninguém porque fiz um voto.

Oliver surpreendeu-se: aquilo parecia uma atitude de outra época. Em pleno século XXI era impensável uma bela mulher como ela fazer um voto para ficar sozinha.

— Um voto de... castidade? — perguntou sério, se negando a acreditar no que estava escutando.

— Sim — confirmou Alessia, séria.

— Por que faria uma coisa dessas? — perguntou, sem entender o que ela estava contando.

— Somos um grupo de pessoas exclusivamente dedicadas ao estudo e a ajudar os outros.

Elizabeth já mencionara o assunto. Porém, aquela informação não facilitava a compreensão do contexto: Oliver viu que eles tinham uma vida demasiado confortável e luxuosa, que contradizia os objetivos do grupo. Pessoas que ajudam os outros normalmente fazem voto de pobreza e abdicam dos bens terrenos, em vez de fazerem voto de castidade.

— Todos fizeram voto de castidade?

— Menos Miguel Besson. Ele está nos ajudando, mas não faz parte do nosso grupo.

Oliver apoiou todo o peso do corpo na cadeira, como se desabasse, se esforçando por avaliar a situação com clareza.

— E o que a castidade tem a ver com a ajuda aos outros?

— Somos uma espécie de...

— Monges? — perguntou, tentando buscar uma explicação racional.

— Mais ou menos isso — afirmou Alessia, por aquela explicação lhe parecer mais fácil para Oliver compreender. Ele ficou alguns segundos em silêncio, pensativo. O garçom levou os pratos de sobremesa e perguntou se queriam café, chá ou algum digestivo. Alessia pediu chá de jasmim para os dois, enquanto dava tempo para Oliver assimilar o que estava dizendo.

— Elizabeth disse que sonhava com o futuro. Que era uma pitonisa. Você também é? Vocês são pessoas com dons especiais? É isso?

— Só Elizabeth é uma pitonisa. Mas todos nós passamos por um grande treinamento para fazermos o nosso trabalho. Um treinamento físico e espiritual. Como você. Mas a grande diferença é que nós tentamos salvar o mundo de ameaças e você é um assassino pago — constatou Alessia, com serenidade, sem nenhuma entoação acusatória.

— Neste momento sou um detetive contratado para descobrir quem matou os Messie — disse baixinho, se inclinando sobre a mesa, com ar de cumplicidade. Ela sorriu.

— Eu sei, mas isso não muda a sua profissão. Ser detetive é temporário — respondeu, pensando na bizarra situação de estar jantando com o criminoso que sequestrara Elizabeth.

— Pode ser. E esse seu voto também é temporário? — perguntou ele, sem

rodeios.

— Não — respondeu segura, mas pela forma profunda como ele a olhou, depois de já ter processado toda a informação, Alessia percebeu que ele não desistiria.

— Vamos ter que aprender a conviver com isso — anunciou fleumático, com tom de promessa, bebendo o chá que agora estava sobre a mesa, ocupando o espaço entre eles.

— Está dizendo que deseja voltar a sair comigo, mesmo depois do que contei? — perguntou Alessia, consciente da impossibilidade de qualquer relacionamento entre eles, mas, simultaneamente, sentindo-se atraída por ele.

— Sim — respondeu, acreditando que o fato de ela ter feito um voto de castidade não significava nada para ele. Oliver era obstinado, e aquele voto tornava-a ainda mais atraente aos olhos dele, se é que era possível.

Oliver não desejava que o jantar tivesse terminado, mas haviam se passado três horas.

— Posso levá-la para casa? — perguntou, ciente das implicações da presença dela ali, com ele, agora que sabia do seu voto, embora ainda não entendesse que tipo de monges eles eram. Mas aquilo ficaria para depois. Percebeu que Alessia lhe revelou o que podia.

— Obrigada — aceitou, decidida a contar a Daniel que havia jantado com Oliver. Não queria alimentar mais um segredo, já lhe bastava os pesados segredos da Ordem que a impediam de ter uma vida normal.

A noite estava gelada e as ruas, cheias de neve. Oliver ofereceu o braço para ela se apoiar e abriu a porta do luxuoso carro, que alugara. Ligou o ar-condicionado ao vê-la estremecer ligeiramente de frio e colocou uma música suave.

— Mascagni — disse Alessia, reconhecendo a música.

— Gosta?

— Muito — confessou.

Quando chegaram ao destino, Oliver abriu o carro, ofereceu de novo o braço para ajudá-la a atravessar a calçada coberta de neve. Acompanhou-a à porta do elevador, se despedindo com um beijo no rosto, a milímetros da boca, fazendo Alessia tremer.

— Jantamos depois de amanhã?

— Vou pensar.

— Eu espero — respondeu Oliver, soltando a mão enluvada de Alessia que ainda mantinha entre as suas, para se afastar sem olhar para trás, com a

passada segura e imponente.

Elizabeth acordou no meio da noite. Sonhou com as crianças assassinadas e depois foi assaltada pela insônia. Quando voltou a adormecer, rendeu-se ao cansaço e acordou às nove.

Atravessou a casa silenciosa e foi à cozinha, calçando meias de lã para se proteger do chão frio. A mesa do café da manhã estava posta apenas para ela. Mas havia mais alguém. Ouviu os passos se aproximando, amortecidos pelos tapetes, enquanto se sentava para comer. Serviu-se de chá com um pingo de leite, uma salada de frutas e uma colher de creme.

Daniel entrou na cozinha e ela tentou controlar a emoção: sempre que o via, estremecia por dentro. Ele se assemelhava a uma daquelas forças da natureza que faz o chão tremer e abala as estruturas das casas. Nunca haviam falado daquele beijo. Nunca mais tinham ficado sozinhos. Ambos ansiavam e, também, temiam ficar sozinhos. Não sabiam que tipo de loucura podia apossar-se deles.

— Dormiu bem? — perguntou, sentando na frente dela, depois de se servir de uma xícara de chá.

— Acordei no meio da noite e fiquei com insônia, mas depois dormi demais — justificou, bebendo um gole de chá. — Onde estão todos?

— Kent, Dib e Alessia foram às compras. Estamos com a despensa vazia — comentou tentando dar leveza à conversa. Agora, ambos tinham consciência de que estavam sozinhos no apartamento, visto que Uchoa e Seth continuavam na Rússia, vigiando Dimitri.

Sentiram a tensão se acumulando no ambiente, parecendo uma daquelas nuvens escuras, grávidas de chuvas violentas. Ela comeu parte da salada e não conseguiu engolir mais nada. A proximidade dele era perturbadora e a impedia de pensar com clareza.

— Preciso lhe falar do sonho que tive — disse, tentando ludibriar o silêncio cheio de desejos inconfessáveis.

— O que sonhou?

— Com a morte das crianças — confessou, se concentrando no sonho. Ele se endireitou na cadeira, curioso, apoiando os braços na mesa, focado no que Elizabeth estava dizendo para tentar enterrar temporariamente o desejo. — Elas são colocadas de joelhos, sem resistência, como se estivessem sob o efeito de um encantamento. O assassino segura a testa delas, para mantê-las

inclinadas, enquanto o sangue escorre para dentro de um recipiente colocado debaixo da garganta, até elas tombarem sem vida — disse baixinho, visualizando a horrífica imagem. — Isso acontece em lugares diferentes. São escuros e iluminados por velas...

— Com quantos lugares você sonhou?

— Dois. Um deles é maior e deve ser o mais importante, porque tem um altar. Mas o que eu vi mais claramente, e que talvez consiga localizar, é um espaço menor, parecido com uma gruta. Tem chão de terra... Fica depois do aeroporto Charles de Gaulle, a uns vinte quilômetros. Talvez um pouco mais. Está rodeado por muitas árvores.

— Consegue desenhar um mapa? — perguntou Daniel.

— Já desenhei, embora os meus desenhos sejam péssimos — informou, se referindo ao mapa que desenhara no caderno onde anotara o sonho, quando acordou no meio da noite.

Cada vez ela se parecia mais com uma pitonisa, ganhando maturidade, talvez até por estar absorvendo parte dos conhecimentos de sua mãe.

— Preciso ver... — pediu Daniel.

— Eu sei — saiu da mesa para ir ao quarto buscar o caderno. Ele a seguiu, mas assim que deu alguns passos soube que seria uma péssima ideia acompanhá-la ao quarto. O coração começou a bater mais rápido ao vê-la caminhar à sua frente, com os jeans e a blusa de lã azul com gola em V, delineando o corpo esguio. Parou no meio do corredor, lutando para vencer a atração. Ela se voltou para trás, ao perceber que ele não a seguia, e perguntou:

— Não vem?

— Espero você na sala — respondeu, dando meia-volta, e se dirigindo para a sala.

— Como quiser — respondeu Elizabeth.

Daniel observava a rua através dos vidros fechados da janela, mas o seu pensamento estava ocupado pela imagem de Elizabeth. Ouviu-a se aproximando às suas costas e se voltou devagar, olhando diretamente para o caderno, evitando encará-la para não ceder à tentação de abraçá-la. Precisava se concentrar no caso das crianças, mas sentia o corpo tenso como uma corda de violino esticada demais, quando ela estava por perto. Ela lhe deu o caderno, observando-o fixamente. Ele segurou uma das pontas, para não tocar nos dedos dela. Mas ela agarrou-o pelo pulso, forçando-o a enfrentá-la. Daniel mergulhou nos olhos dela, azuis, da cor da blusa. Ela queria falar

sobre aquele primeiro beijo, mas as palavras desapareceram como se tivessem sido sequestradas por um terrorista louco. O silêncio adensou-se e o ar se tornou irrespirável. Os dois sentiam o coração batendo descompassadamente. Daniel puxou o pequeno caderno e quando os dedos dela se desprenderam da capa rígida, atirou-o para uma das poltronas. Não havia mais nada mediando o espaço que os separava. Ele não se conteve e a segurou pela cintura, apertando-a com firmeza contra o seu peito sólido. Afundou o rosto nos cabelos dela e inspirou profundamente para se impregnar do seu perfume suave, como se buscasse uma memória antiga. Elizabeth retribuiu o abraço, fundindo-se nele. Ele afastou o rosto para vê-la melhor, e ela devolveu um olhar límpido, cheio de ternura. Daniel contornou o rosto dela com a mão, numa carícia doce. Segurou o seu queixo entre o polegar e o indicador e se aproximou lentamente, beijando-a com suavidade. O toque leve dos lábios foi suficiente para acordar o desejo insuportável que ambos se esforçavam tanto por controlar.

Daniel a empurrou delicadamente para o amplo sofá bege. Ela tombou nas almofadas e, segundos depois, sentiu o peso dele se distribuindo sobre o seu corpo. Abraçou-o pela cintura, com as duas mãos sobre as costas, sentindo os músculos dele, tensos, sob a roupa.

Ele a beijou com paixão, dominado por um desejo descontrolado. Queria senti-la. Despiu a blusa dela e atirou-a ao chão enquanto ela puxava o pulôver dele pela cabeça, num movimento rápido. Elizabeth se entregava a ele, sem resistências. E ele sentia sua racionalidade se esvaindo, como se estivesse mergulhando no vazio.

O celular tocou dentro do bolso de trás das calças de Daniel, mas o som parecia distante, vindo de outra dimensão. Ela passou a mão pelas costas dele, numa carícia firme, que subia da cintura à nuca, ignorando o telefone que continuava tocando até cair na caixa postal. Uma e outra vez. Ele se afastou alguns centímetros, para criar espaço e abrir o fecho do sutiã de renda preta, na frente. Ouviu o clique e tirou uma alça, e depois a outra, atirando a peça ao chão, junto das blusas abandonadas. Acariciou-a. Elizabeth gemeu e pôs a mão sobre a região do cóccix dele, forçando-o mais contra o seu corpo. Ele reagiu de imediato, se movendo sensualmente sobre ela e fazendo-a estremecer. Desabotoou o botão das calças dela e abriu o zíper. Ainda havia tempo para voltarem atrás, mas nenhum deles conseguia pensar. Estavam consumidos por emoções tão intensas que não escutavam a voz que os alertava das proibições a que estavam sujeitos. Sentiam-se no olho de um

furacão, que os fazia rodopiar levando-os cada vez mais alto.

Ele pôs a palma direita sobre a sua barriga lisa e exposta, antes de descer vagorosamente, com os olhos presos aos dela, observando-a. Ela aguardava expectante, com a respiração suspensa. O telefone, inoportuno, recomeçou a tocar. Ela disse, num sussurro ofegante:

— O telefone...

— Eu sei — murmurou beijando-a nos lábios e aquietando a mão escaldante sobre o ventre dela, antes de retirá-la, sem pressa, para pegar o telefone, no bolso das calças. Viu o número e, antes de atender, beijou-a, deixando uma marca úmida nos lábios dela.

— É o Dib — disse, apertando a tecla para colocá-lo no viva-voz. — Sim?

— Está tudo bem? — perguntou Dib. — Liguei várias vezes.

— Eu sei. Estava falando com Elizabeth — justificou com calma, para mascarar o desejo, sentindo-a seminua, espremida sob o peso do seu corpo. — O que é?

— Agora não é nada. Ninguém entendia a sua lista de compras, mas já estamos no caixa, pagando. O que faltou, vai ter que vir buscar depois.

— Está bem. Mais alguma coisa?

— Não — respondeu Dib, estranhando a voz arrastada de Daniel. — Está tudo bem?

— Sim... Depois falamos — disse, desligando, sem se alongar na conversa. Pôs o celular no chão e se voltou para ela, com o olhar toldado pelo desejo. Acariciou o corpo esguio, até encontrar o seio, demorando-se num movimento circular e suave. Ela fechou os olhos, entregue às mãos mornas dele. Daniel comentou, contrariado:

— Eles estão chegando. Mas... Talvez seja melhor assim.

— Por quê? — Por um instante, receou que ele estivesse arrependido.

— Para planejarmos um momento especial. Se vamos fazer isto, temos que fazer com calma. Não no sofá da sala ou na biblioteca. Precisamos de uma noite para nós — anunciou, beijando-a com ternura, em jeito de despedida, antes de começar a desprender-se dela, com esforço. Ela se espantou com as palavras dele.

— O que o fez mudar de ideia e querer passar uma noite comigo?

— Depois falamos sobre isso. Agora precisamos de tempo para nos recompor, antes que eles cheguem e percebam o que está acontecendo.

Ela concordou com a cabeça. Ele se levantou e, ao vê-la lânguida, deitada no sofá, nua da cintura para cima e com os jeans abertos, foi assaltado por um

novo desejo, e precisou de todo o seu autodomínio para se afastar dela. Fechou os olhos com força, apertando os maxilares, e estendeu a mão para ajudá-la. Ela era leve e ergueu-se rápido e sem esforço, num só impulso. Abraçou-o uma última vez, antes de apanhar as roupas do chão e abandonar a sala, para se vestir no quarto. A situação deles estava se tornando insustentável e difícil de gerir.

Daniel leu as notas de Elizabeth, se esforçando por controlar as emoções que o assaltaram momentos antes. Analisou o mapa que ela desenhara. A gruta ficava na Forêt Domaniale d’Ermenonville, aproximadamente a vinte e cinco quilômetros do Aeroporto Charles de Gaulle. Mas o lugar era relativamente vasto para procurar uma gruta oculta no chão. Daniel, com o laptop sobre as pernas, comparava o mapa de Elizabeth com os mapas disponíveis na internet, tentando encontrar similaridades entre os dois. Preferia fazer aquilo com Elizabeth, mas sabia que era uma péssima ideia ficarem sozinhos, faltando tão pouco tempo para os outros chegarem. Porém, apesar do esforço para se concentrar, não conseguia deixar de pensar nela. Ficou aliviado quando ouviu a porta se abrindo e Dib, Alessia e Kent chegarem com as compras. Dib foi ao seu encontro, como se pressentisse que algo anormal estava acontecendo.

— E Elizabeth?

— Foi ao quarto. Já volta. — Resumiu o sonho dela, estendendo-lhe o caderno de Elizabeth. Enquanto Dib lia, Daniel analisava milimetricamente o mapa da Forêt Domaniale d’Ermenonville. Pouco depois, Elizabeth juntou-se a eles, e após Kent e Alessia arrumarem as compras, todos passaram a pesquisar os mapas.

Miguel chegou mais tarde e se surpreendeu com a clareza do sonho de Elizabeth:

— Os detalhes e a localização são demasiado precisos para terem surgido tão de repente. Sabemos que a magia a impediu de sonhar e é necessário alguém experiente para ultrapassar os impedimentos criados pelo assassino. Acho que esse sonho foi guiado pela sua mãe.

— Pode ser, mas eu não sinto nada de diferente em mim — argumentou Elizabeth.

— Com certeza ela se esforça para não interferir no seu livre-arbítrio — comentou Daniel.

— Mas já está transmitindo o conhecimento e a transformando numa poderosa pitonisa — afirmou Miguel. Percebeu que Elizabeth ganhara segurança, mas também estava se afastando dele, sem que ele soubesse o porquê. Sentia saudades de abraçá-la e beijá-la, embora compreendesse que ela estava se ajustando às novas responsabilidades e, naquele momento, a profecia e a morte das crianças estavam consumindo o tempo e a energia de todos.

Daniel e Elizabeth tentavam dominar as emoções quando estavam acompanhados, sabendo que precisavam ser cuidadosos para não se traírem. Quando ela se sentou ao lado dele, para ajudá-lo a comparar os mapas, ambos controlaram a tensão provocada pela proximidade um do outro. No final da manhã, Elizabeth disse, apontando para a tela:

— Acho que pode ser aqui.

Daniel se inclinou, analisou o desenho e aumentou o mapa no computador.

— Pode ser — confirmou. Dib se aproximou e também comparou as informações, enquanto Daniel ajustava o zoom do mapa até conseguir uma escala aproximada à do desenho. Quando as escalas coincidiram, Daniel copiou o mapa para um *pendrive* e entregou-o a Kent para que imprimisse. Kent voltou com três cópias coloridas do mapa e as coordenadas do local.

— E agora? — perguntou Miguel.

— Vamos telefonar para Étienne. Só temos que justificar a descoberta — Daniel explicou.

— Investigamos — disse Miguel.

— E achamos uma gruta enfiada no chão, no meio da floresta? — perguntou Dib, divertido.

— Claro. Por isso investigamos. Descobrimos por acaso. Aliás, a maior parte das descobertas é acidental — insistiu Miguel, sabendo que o seu argumento não era suficiente para justificar a descoberta.

— Não creio que Étienne acredite nisso, mas vamos ver o que acontece — rematou Daniel, telefonando para Étienne.

— Daniel. Estávamos estranhando a sua falta de notícias. Shaw acabou de me perguntar onde você andava, apesar do Bardas dizer que você tem uns métodos peculiares que dão resultado.

— Se tenho métodos eficazes, então está tudo bem — disse Daniel, pensando que aquele raciocínio já garantia uma boa justificativa para a descoberta da gruta.

— Tem novidades?

— Sim — respondeu sintético. — Preciso me encontrar com você, ainda hoje.

Étienne não sabia ainda se ficava ou não feliz com as notícias, mas o assunto parecia grave, já que Daniel havia desaparecido por um bom tempo e agora queria lhe falar, com urgência.

— Depois do almoço, no meu gabinete. Três da tarde? — sugeriu Étienne.

Daniel olhou para o relógio de pulso: era uma e meia. Tinha tempo para comer alguma coisa e ir. Olhou para Elizabeth e avisou-a:

— Quero que venha comigo e com o Dib. Precisa se envolver mais com este caso.

Ela sacudiu a cabeça sem dizer nada, feliz com a oportunidade de trabalhar ao lado dele.

19. A gruta

E, então, como para perder-me final e irremissivelmente, surgiu o espírito da perversidade. (...) Creio que a perversidade é um dos impulsos primitivos do coração humano.

Edgar Allan Poe (1809-1849)

Sarah assustou-se com o barulho do cristal estilhaçando. Ela e Jean Luc estavam prestes a entrar no carro estacionado à porta de casa, para retornarem a Paris, quando aquele estrondo os surpreendeu. Jean Luc segurou-a pelo braço e conduziu-a de volta ao hall de entrada.

— Fique aqui — pediu, dirigindo-se sozinho à saleta onde estavam os presentes de casamento, e que parecia ser o ponto de origem do barulho.

Ao chegar lá percebeu que a porta do armário tinha se aberto e a laranja de ouro estava caída no chão, ao lado da caixa vazia. Todas as taças de cristal que estavam na prateleira, junto da laranja, se quebraram, sem que houvesse mais nada fora do lugar no resto da estante. Jean Luc achou o acontecimento difícil de compreender: não a queda da caixa com a laranja de ouro, porque podia ter ficado mal colocada, e ao se desequilibrar teria forçado a porta e caído no chão; mas os cristais quebrados não tinham explicação racional. Como se justifica que as taças estivessem quebradas no interior do armário, sobre uma prateleira, sem que nada tivesse tombado sobre elas? Não havia explicação.

— Está tudo bem? — perguntou Sarah, com a voz mais próxima. Jean Luc saiu da sala e justificou, de forma simplista, para acalmá-la:

— Não foi nada. A caixa com a laranja de ouro caiu e quebrou os copos.

— Caiu como?

— Eu devo tê-la posicionado mal, e ela desequilibrou-se. Como a laranja era pesada, quebrou tudo o que estava na prateleira — insistiu, tentando racionalizar o acidente para que Sarah acreditasse. Mas ele não estava convencido.

— Não íamos doá-la?

— Sim, mas como sei que não suporta a laranja, decidi não levá-la conosco.

— Prefiro doá-la já. Não quero isso na nossa casa — disse, sentindo aversão pelo objeto. — Prefiro o punhal a essa laranja. Dá-me náuseas.

Jean Luc aproximou-se dela e beijou-a na testa:

— Como quiser — respondeu, voltando à sala, para pegar a laranja. Refez o laço para garantir que a caixa não se abria, caso tombasse, e acomodou-a no porta-malas. Apesar de incomodar Sarah, a laranja parecia um objeto interessante, que ele gostaria de investigar, se tivesse tempo e oportunidade. Mas não era o caso.

Étienne cumprimentou Daniel e Dib e foi apresentado a Elizabeth. Convidou-os para ocuparem as cadeiras distribuídas pelo gabinete e ofereceu café. Observou Elizabeth discretamente, impressionado com a sua juventude e beleza. O cabelo muito curto contribuía para lhe emprestar um exotismo adicional. Vê-la ao lado de Daniel produzia um efeito estranho e parecia aumentar a beleza nórdica de ambos.

Daniel retirou uma folha dobrada do bolso do casaco, abriu-a sobre a mesa de Étienne e apontou pra um local praticamente irreconhecível, no meio do mapa verde:

— Aqui está uma gruta onde foram mortas algumas das crianças.

Étienne olhou-o por cima dos óculos de leitura, que acabara de colocar para ver melhor o mapa com as coordenadas impressas em uma das margens. Aquela notícia era excelente, por contribuir para solucionar o caso dos Anjos Caídos.

— Tem certeza? Como é que descobriu?

— Investigando com *métodos peculiares*, mas a descoberta pode ser da responsabilidade do seu departamento — afirmou Daniel, mostrando que não podia explicar muito mais do que aquilo, mas lhe oferecendo generosamente

os créditos.

— Denúncia anônima — sorriu Étienne, justificando a descoberta, ciente da fama de Daniel e da confiança que Bardas depositava nele. — Quando as fontes não podem ser reveladas, a denúncia anônima é infalível. Obrigado pela generosidade, Daniel.

— Não queremos aparecer na mídia — avisou Daniel, mantendo a discrição.

— Eu sei. Shaw comentou que essa foi a sua condição para nos ajudar — lembrou Étienne, que se espantara com o pedido de Daniel. Porém, depois de saber que ele tinha sido padre e abandonara recentemente a Igreja, imaginou que aquela seria uma reminiscência da sua vida regrada. — Pode me dizer mais alguma coisa sobre a forma como descobriu informações sobre o local?

— Infelizmente, não. Mas gostaríamos de acompanhar a polícia. Pode ser?

Étienne ficou em silêncio, enquanto avaliava mentalmente a situação, antes de perguntar:

— Quantas pessoas?

— Quatro: nós três e mais um, Miguel Besson.

— Podem, mas terão que se sujeitar às regras.

— Não há problema — anuiu Daniel. — Quando vão lá?

— Agora escurece cedo. Às cinco da tarde é praticamente noite. A melhor estratégia é ir lá amanhã, bem cedo. Assim que a luz raiar já estaremos prontos para entrar na gruta — afirmou. — Saímos daqui às cinco e meia da manhã.

— Estaremos aqui às cinco — prometeu Daniel, se despedindo.

Depois de ficar a sós no seu gabinete, Étienne analisou o mapa, perguntando-se como Daniel havia descoberto aquele lugar tão improvável. Em seguida, chamou os seus subordinados para organizar a ida à gruta no dia seguinte.

Era a primeira noite que Miguel não passava com ela em mais de duas semanas, e não lhe dera uma explicação plausível. Primeiro Lucrezia estranhou o telefonema dele, desmarcando uma combinação, que se transformara numa rotina que ela apreciava, e da qual não estava disposta a abdicar. Depois, irritou-se com o silêncio dele, quando insistiu para saber as razões. Miguel poderia até ter dado alguma justificativa, mas ao perceber a irritação dela, decidiu que estava na hora de cortar o mal pela raiz, por muito

boa amante que ela fosse.

— Lucrezia — chamou-a, com frieza, interrompendo a enxurrada de perguntas. E ela soube, pelo tom de voz dele, que ultrapassara os limites, mas não imaginou qual seria a sua reação.

— O que foi? — perguntou ainda sem conter a irritação.

— Acho que não devemos nos ver mais. Não creio que isto esteja indo em uma direção saudável. Pelo menos para mim.

Lucrezia não podia acreditar que Miguel estivesse terminando o relacionamento. Sentiu uma fúria tão intensa que quase não conseguia raciocinar. O ego dela não permitia que fosse dispensada, e muito menos por alguém de quem estava gostando. Tinha certeza de que ele não terminaria uma relação ainda no início sem ter outra pessoa na sua vida. Atirou o copo que tinha na mão contra a parede. Miguel ouviu o eco dos estilhaços e percebeu a fúria dela. Entendeu que a predadora se transformara na caça. Ele conhecia bem a sensação, depois que se apaixonara por Elizabeth.

— Não quero que termine — disse ela, por fim, ruminando as palavras, com um sentimento de humilhação. Lucrezia nunca pedia nada a ninguém: impunha, ordenava, manipulava, mas não pedia. Mas já percebera que Miguel era diferente. Havia sido o único homem que não tinha conseguido manipular e a deixava com a sensação de que ele fazia apenas o que queria, exatamente como ela.

— Não posso estar com alguém que tem uma crise de fúria sempre que preciso me afastar.

— E por que precisa se afastar? — perguntou furiosa.

— Eu nunca perguntei nada sobre a sua vida — comentou Miguel, mantendo-se frio. Não tinha dúvidas de que ela lhe faria falta, principalmente por estar cada vez mais meiga. Mas preferia não estar com ela a passar por aquele drama só porque ela era possessiva.

— Eu sei, mas sinto a sua falta... — confessou, se sentindo mais irritada por ter que admitir as suas emoções.

— Não justifica — disse, revelando cansaço com a conversa. Falar com Elizabeth durante horas sobre o mesmo assunto não o perturbava, mas falar com Lucrezia menos de cinco minutos acabava com a sua paciência. Ela era tudo menos tonta ou distraída e percebeu que ele ia desligar o telefone e talvez não voltasse a ligar.

— Eu sei. Não volta a acontecer — assegurou com uma falsa mansidão, tentando mascarar a ira. — Eu gosto das nossas noites, gosto de ter você

comigo...

— Também gosto — cedeu, lembrando as noites tórridas. — Mas não quero isto.

— Já disse: não volta a acontecer.

— Não adianta dizer isso, se na primeira oportunidade que eu viajar ou simplesmente sair, ficar irritada de novo. Eu vou saber. E não vou gostar. Nós não temos um relacionamento: passamos as nossas noites juntos, mas é só isso, Lucrezia. — E foi assim que ela teve certeza de que havia encontrado o seu par, alguém igual a ela. E aquele vazio que sentia no peito e ele não preenchia estava diretamente associado ao fato de ela estar apaixonada e ele não.

— Não volta a acontecer — prometeu, mais calma, disposta a conquistá-lo. Miguel hesitou: não gostava dela e nem sequer sabia bem as razões para aquele desafeto, mas ela era uma mulher que saciava o seu corpo como nenhuma outra, adivinhando os seus menores desejos.

— Eu telefono — informou como se falasse com um estranho que estava tentando lhe vender algo que ele não queria. Desligou sentindo-se desconfortável. Ela conseguiu incomodá-lo com a sua irritação, e ele podia pressentir uma fúria perigosa dentro dela.

Eram quase seis da tarde e Miguel ainda queria passar no apartamento da Ordem e ver Elizabeth. A pureza dela o acalmava, ao contrário de Lucrezia, que parecia possuir uma espécie de crueldade latente, que por vezes lhe fazia mal, como naquele momento.

O dia frio e nebuloso tornava a paisagem fantasmagórica, como um daqueles filmes de terror cheios de brumas. Vinte policiais do esquadrão especial, totalmente armados, estavam a postos para entrar na gruta, antes dos homens do Departamento de Homicídios fazerem o seu trabalho. Tinham instruções para causar o menor impacto possível na gruta, evitando destruir evidências, e usar as armas apenas em último caso. Assim que a luz do dia se firmou, invadiram a gruta silenciosamente, e em minutos tinham controlado todo o espaço. Étienne entrou com os seus homens, seguidos de Daniel, Dib, Miguel e Elizabeth.

O local era grotesco: era uma gruta subterrânea não muito grande, com dois espaços distintos. O primeiro funcionava como uma antessala, com uma mesa, quatro cadeiras de madeira no centro, e um armário encostado à parede

rochosa. Pelo aspecto antigo e gasto, aquelas mobílias estavam ali havia muito tempo. Não era um lugar descuidado, mas não estava destinado a oferecer conforto algum. O que chamou atenção foi o casaco cor-de-rosa de uma criança, sobre uma das cadeiras. Estava limpo, mas era difícil determinar há quanto tempo estava ali até uma análise mais profunda. Étienne mandou guardar o casaco para enviá-lo ao laboratório e dirigiu-se ao armário. Abriu a primeira porta e viu velas, fósforos, facas muito bem afiadas e panos ensanguentados. Por trás da segunda porta havia dois copos de cristal sem brilho, três pratos antigos de porcelana e alguns talheres de prata escurecidos.

Num dos cantos da gruta, brasas ardiam na lareira rudimentar provando que alguém estivera ali há pouco tempo. O cheiro de sangue impregnava o ambiente e se acentuava à medida que avançavam para o interior da gruta. O odor adocicado começou a incomodar os que tinham estômagos mais sensíveis, como Elizabeth.

Entraram na segunda sala, com cerca de sessenta metros quadrados. Encontraram manchas de sangue no chão e nas paredes rochosas, algumas delas recentes. Não havia ali nenhum objeto, exceto as tochas pregadas na parede circular.

Daniel comentou, rompendo o silêncio pesado:

— Há dois círculos negros marcados no chão. Um dentro do outro, e entre eles há doze símbolos, que estão quase irreconhecíveis. No centro do círculo menor há um pentáculo entrelaçado...

— O que é isso? — perguntou Étienne.

— É uma estrela de cinco pontas, entrelaçada. Costuma ser usada em rituais com o objetivo de trazer seres sobrenaturais para esta dimensão — explicou Daniel.

— No interior desse círculo há também um triângulo com um número — concluiu Miguel, observando atentamente o chão. — Eu reconheço os símbolos, embora estejam muito diluídos. São a base de um poderoso ritual para evocar forças sobrenaturais.

Étienne reconheceu que eram bons: se não estivessem ali teria que chamar uma série de especialistas, e cada um, com certeza, diria algo diferente. Mas eles eram precisos e seguros.

— Isso quer dizer exatamente o quê? — questionou Étienne.

— Confirma que o assassinato das crianças tem fins ritualísticos — disse Daniel.

— E que o caso está longe de terminar — afirmou Elizabeth. Daniel viu

que ela estava pálida, lutando para lidar com o cenário macabro, o odor do sangue e o frio gélido da gruta. Daniel despiu o seu longo casaco e colocou-o sobre os ombros dela, sem dizer uma palavra. Ela também não disse nada. A relação de ambos parecia ter evoluído para um patamar um pouco além das palavras.

— Por que diz isso? — perguntou Étienne.

Ela trocou um olhar de cumplicidade com Daniel e foi ele quem respondeu:

— Acreditamos que este é um lugar secundário. Existe outro, mais importante e talvez maior, que precisamos localizar. Esse será o lugar que pode nos revelar a identidade do assassino, porque possivelmente deve ser na sua casa ou bem próximo.

— Deus do Céu! — murmurou Étienne, que era pouco dado à evocação divina, mas em face daqueles acontecimentos, o vocabulário terreno parecia lhe ter escapado.

— Este sangue é recente — disse Daniel, apontando para o centro do círculo, onde se viam manchas de sangue mais claras.

— Sim — confirmou Étienne, erguendo o braço para os homens que esperavam atentamente as suas ordens. — Podem começar.

— Tudo isto significa que vão aparecer mais crianças mortas — murmurou Dib.

— Este assassino é o pesadelo da polícia: um psicopata organizado — disse Étienne.

— Não é apenas um psicopata — avisou Daniel. — É alguém que mata para estabelecer uma ligação com um mundo sombrio, de trevas.

— Essa pessoa acredita mesmo que tem acesso a um poder do além? — perguntou Étienne cético, saindo da gruta, para que os investigadores fotografassem e recolhessem as provas.

— Sim — respondeu Miguel, indiferente à lógica racional que dominava o mundo científico e forense. Daniel olhou-o de soslaio, em tom de aviso, para que ele não explicasse demais, mas não conseguiu evitar um sorriso ao reconhecer o jeito direto de Miguel tratar dos assuntos.

— Como? — perguntou Étienne.

— Mesmo para os que não acreditam no mundo espiritual, ele existe, como a gravidade, o ar, a luz... Simplesmente existe — começou Miguel, se enchendo de paciência para falar com um leigo cético. — E os seus efeitos são visíveis: o bem e o mal são reflexos do mundo espiritual no mundo

material. Essa pessoa que usa as crianças para obter poder através de rituais de magia negra tem acesso à maldade na sua forma mais pura. Acredite em mim: isso é fruto de uma mente possuída pelo mal. Percebo a necessidade de racionalizar, mas a história tem centenas de exemplos de pessoas que foram tomadas pelo mal, um mal absoluto.

Étienne olhou-o, espantado com a sua eloquência. Até àquele instante, Miguel não lhe parecera capaz de falar de forma tão intensa.

— Eu sei que há assassinos monstruosos, mas não acha que são fruto de mentes perturbadas? — perguntou Étienne, sentindo falta de Shaw com a sua racionalidade britânica, para ajudá-lo naquela troca de ideias.

— Sem dúvida que são mentes perturbadas, mas são perturbadas por quem? — indagou Miguel, com os olhos brilhantes.

— Há uma série de doenças... Na Idade Média é que tudo era fruto do mal, mas hoje a ciência se encarrega de explicar praticamente tudo.

— Praticamente tudo, Étienne. Concordo. Porém... — disse Miguel parando um pouco, como se pesasse o que ia dizer. — Há eventos que não têm explicação racional, mesmo com a evolução da ciência. E no meio disso, existe o bem e o mal, que não são tão claros assim... Mas isso é outra discussão.

— Sim... — reconheceu Étienne. Era verdade que certos eventos eram difíceis de explicar e, naquele caso, por muito louco que fosse o assassino, aquela gruta contribuía para adensar os mistérios daquele caso complexo.

Ao abandonar a criança perto do aeroporto, percebeu que esquecera o casaco dela na gruta. Segundo o ritual, precisava devolver a criança vestida exatamente como estava no momento em que a sequestrara. Só podia tirar das crianças a vida, todo o resto teria que permanecer igual. A eficácia do rito era garantida pela sua perfeita repetição, por isso tinha que devolver o casaco para assegurar que os seus planos não seriam postos em causa devido a um detalhe menor. Se não devolvesse o casaco teria que repetir o ritual.

Jamais se esquecera de vestir uma vítima por completo, e aquela desatenção mostrava bem que não podia deixar nada interferir na sua mente. Sentia-se dispersa, e precisava voltar a se concentrar naquilo que era importante. Considerou que o esquecimento era um mau augúrio.

Quando se aproximou da gruta, percebeu que havia uma movimentação incomum. Ao longo dos anos algumas pessoas haviam descoberto a gruta,

com a sua entrada camuflada pelas rochas e árvores, mas isso lhes custara a vida, e elas nunca puderam partilhar esse conhecimento com ninguém. Escondeu o carro e deu uma boa caminhada: conhecia aquela região com os olhos vendados.

Tomou um susto quando viu um cinturão de policiais do esquadrão especial em volta da gruta. Aquilo não podia estar acontecendo. Escondeu-se atrás das árvores, observando tudo, como um ladrão na noite. Estava longe demais, mas conseguia ver os policiais se movimentando. Tentou se aproximar, mas era perigoso: havia muitos policiais e o perímetro traçado era amplo. Aquietou-se, consciente do seu descuido, ao deixar o casaco da menina na gruta. Mas, depois de pensar um pouco, percebeu que talvez o descuido tivesse sido uma conspiração do destino a seu favor, para que voltasse à gruta e soubesse que o local fora descoberto e o cerco estava se apertando.

Teve a certeza de que o casaco cor-de-rosa estava perdido e não conseguiria recuperá-lo.

Às dez da manhã a maioria do contingente do esquadrão especial partiu. Ficaram apenas alguns, para dar apoio ao grupo de técnicos.

Aproximou-se o máximo que podia e conseguiu distinguir alguns rostos. Foi quando notou um grupo formado por cinco pessoas que conversavam não muito distantes da entrada da gruta. Mudou de posição para tentar vê-los melhor ao perceber que havia algo terrivelmente familiar num deles. Sentiu um suor frio enquanto pensava e repetia movendo os lábios, sem emitir som algum:

— Não é possível. Não é possível que seja ele.

Observou o grupo. Um deles era o capitão da polícia que aparecia na televisão com frequência, e era responsável pelo caso dos Anjos Caídos: Étienne Bergès. Não conhecia os outros dois, altos e másculos: um tinha um belo rosto moreno com leves traços orientais, mas o outro, de cabelo claro, estava de costas e não lhe conseguiu ver as feições. Também não conhecia a jovem de cabelo muito curto, dona de uma beleza espetacular, usando o casaco do homem loiro, que estava de costas, aparentemente indiferente ao frio. Mas o último é que fizera o seu coração tremer: Miguel Besson. Era mais belo que os outros, pelo menos aos seus olhos. E aquele fato soou como um aviso para Lucrezia Zani terminar com Miguel Besson, o amante por quem estava apaixonada e, pelo visto, fazia parte do círculo de homens que a caçava. Um aviso para ela compreender que não podia deixar nada ao acaso,

nem cometer qualquer erro, por menor que fosse.

Fixou o olhar em Miguel, como fazia quando achava que ele estava dormindo: viu a forma como ele gesticulava as mãos e o sorriso suave. Sabia que não podia voltar àquela gruta: eles certamente deixariam câmeras minúsculas, enfiadas pelas paredes, com sensores de movimento, para filmar quem entrasse na gruta.

Manteve-se imóvel, observando as movimentações e, principalmente, observando Miguel. E, de repente, foi assaltada por uma ideia brutal, como se alguém a tivesse esbofeteado. Não foi nenhum gesto explícito que ele tivesse feito, foi apenas a maneira como parou para ouvi-la falar, suspenso nas palavras dela, como se o mundo estivesse concentrado no que ela estava dizendo. Nesse instante, Lucrezia percebeu que aquela mulher era a dona do coração dele. Aquela mulher que parecia um anjo, com uma beleza pálida tão diferente da sua, morena e sensual. Ele falava com essa como nunca tinha falado com ela. Ele era totalmente diferente do amante viril que a assaltava sem pudor todas as noites. E quando pousou a mão sobre o braço dela, em jeito de carícia, e se inclinou para murmurar alguma coisa ao seu ouvido, Lucrezia teve uma náusea violenta e incontrolável. Dobrou o corpo, apoiou uma mão com força na árvore áspera e levou a outra ao estômago numa tentativa vã de controlar os instintos, mas não conseguiu: vomitou e uma mancha vermelha se alastrou pelo chão. Percebeu que fizera barulho e talvez tivesse denunciado a sua presença. Afastou-se o mais rápido possível. Naquele momento a imagem dos dois ocupava a sua mente e parecia mais importante do que a descoberta da sua gruta, o lugar onde praticava os seus sacrifícios rituais. Só mais tarde perceberia que havia machucado a mão na casca grossa da árvore onde se apoiara.

Daniel escutou um barulho leve, inaudível para qualquer humano, mas não para ele. Avisou, apontando o dedo para o lugar onde Lucrezia estivera segundos antes:

— Há alguém ali — se voltou para Miguel e pediu, mais pelo hábito de proteger Elizabeth do que pela consciência de um novo perigo que estava se delineando — Fique com ela.

Daniel caminhou rapidamente, seguido de Dib e de alguns policiais, e quando chegou ao local onde Lucrezia os estivera observando, comentou:

— Chegamos tarde. Já se foi.

— O que significa isto? — Étienne perguntou apontando para a poça vermelha, no chão, temendo a resposta que já adivinhava.

— Se mandar analisar vai descobrir que é sangue e pertence à criança que vamos encontrar hoje, em algum momento do dia — afirmou Daniel. Étienne baixou a cabeça, cada vez mais horrorizado com os detalhes do caso. Quando pensava que não podia piorar, surgia algum elemento ainda mais escabroso.

Daniel avaliou o local e a árvore e descobriu algumas gotas de sangue.

— Étienne, peça que colem amostras daqui — apontou para a árvore. — Se tivermos sorte, este é o DNA do assassino.

Minutos depois, quando voltaram para junto da entrada da gruta, Besson perguntou:

— O que aconteceu?

— O assassino nos observava e vomitou sangue — sintetizou Daniel.

— Isso significa que sabe quem somos — concluiu Dib.

— E que a vantagem que tínhamos se foi — esclareceu Miguel, ligeiramente irritado por terem perdido as vantagens de serem desconhecidos do assassino.

— Talvez possa significar, também, que agora somos alvos potenciais — concluiu Daniel, alerta.

— Elizabeth é a mais frágil de nós. Precisamos protegê-la — afirmou Miguel.

— Outra vez? — perguntou ela.

— Sim — confirmou Daniel, vendo Étienne se aproximar, vindo do meio das árvores. Ele estava pálido e abatido. Aquele caso mexia emocionalmente com todos, mas os detalhes obscuros da morte das crianças e da magia deixavam Étienne mais abalado do que o normal.

Dois dias depois, Daniel, Dib e Miguel entraram na sala de Étienne e encontraram um burburinho inesperado: Bardas gesticulava com Étienne no seu inglês com sotaque, enquanto Shaw se matinha quieto, com o queixo tenso. Pela postura dos três, as notícias não deviam ser boas. Depois dos cumprimentos e apresentações de praxe, Étienne começou a falar, posicionando a tela do seu computador, de forma a que todos acompanhassem o que dizia:

— Em primeiro lugar, as análises dos vestígios que encontramos na gruta estão longe de estar processadas, mas o que sabemos até agora é que existe

ali sangue de muitas dezenas de pessoas. Além disso, algum dos sangues tem... muito tempo. Ainda não conseguimos analisar sequer um quarto das amostras.

Daniel, Dib e Miguel se entreolharam, e Bardas, sempre atento, perguntou:

— O que é?

— Nada, por enquanto — respondeu Daniel, sereno. — Continue, por favor, Étienne.

— Muitas amostras estão totalmente deterioradas, mas acreditamos que conseguiremos o suficiente para demonstrar que naquela gruta pessoas são mortas há vários anos.

— Era isso, Bardas — disse Daniel respondendo finalmente à pergunta de Bardas. — As evidências confirmam o que pensávamos: estamos perante ritos antigos que se realizam há muito tempo, talvez por membros da mesma família ou da mesma seita.

— As digitais nos objetos que estavam no armário pertencem a uma única pessoa, que acreditamos ser o assassino. Mas as digitais não estão em sistema algum, de país algum. Não encontramos nada, por enquanto.

— E a arma do crime? Era alguma daquelas facas? — perguntou Miguel.

— Havia cinco facas com formatos e lâminas diferentes e todas tinham vestígios de sangue humano. Uma delas tinha o mesmo tipo de sangue da criança que encontramos naquele dia, próximo ao aeroporto — explicou Étienne.

— Mas não encontramos a lança que assassinou os Messie — comentou Dib.

— Não — confirmou Étienne. — E o sangue que estava na árvore, tal como Daniel previu, pertencia à criança encontrada naquele dia, e foi regurgitado pelo assassino, o que comprova os tais rituais de magia negra — fez uma pausa, dominando a aversão, antes de sintetizar: — Ele mata e depois consome o sangue.

A sala ficou em silêncio por alguns segundos. Todos estavam conscientes de estar lidando com alguém extremamente perturbado. Daniel foi o primeiro a falar:

— Analisaram o DNA que coletaram na árvore?

— Sim, mas a amostra deu resultados... estranhos. Tentaram repetir os testes, mas ela se deteriorou rapidamente. O laboratório afirma que seguiu o protocolo e ninguém consegue explicar o que aconteceu.

— Estranhos, como? — perguntou Daniel.

— O sangue não parecia totalmente humano. Eles acham que a amostra foi contaminada. Só conseguiram descobrir que o DNA é feminino — respondeu Étienne, com ar cansado.

— Então o assassino é uma mulher? — perguntou Dib, surpreso.

— Tudo indica que sim — Étienne comentou. — Mas os crimes são demasiado violentos e frios para uma mulher.

— Há poucos casos assim — concordou Dib. — É difícil uma mulher revelar tanta frieza, em especial quando se trata de crianças.

— Só me lembro de um caso pior que este — disse Miguel.

— Qual? — perguntou Shaw.

Miguel hesitou. Não gostava de pensar naquilo. Ele tinha conhecido pessoalmente a assassina e a lembrança dos terríveis crimes que ela cometeu nunca deixou de pesar sobre ele.

— Erzsébet Báthory. É um caso histórico — justificou. — Ela viveu entre 1560 e 1614. E não apenas matava como tinha prazer em torturar as vítimas da pior maneira possível. Depois bebia e se banhava com o sangue das vítimas, que eram especialmente mulheres jovens. Foi responsável pela morte de mais de seiscentas pessoas.

Bardas resmungou mal-humorado, com o tema:

— Pelo menos esta não tortura. Põe a faca na garganta e pronto.

— O certo é que há menos mulheres *serial killers* do que homens, mas quando aparecem matam mais que eles — afirmou Shaw, com ar desconsolado.

— E agora, o que fazemos? — perguntou Bardas parecendo perdido, o que não era nada usual no seu comportamento decidido.

Daniel esperou alguns segundos para ver se alguém dizia alguma coisa, mas perante o silêncio lúgubre que se apoderou da sala comentou, tentando trazer alguma luz ao assunto:

— Temos informação que a gruta era apenas um lugar secundário. Existe outro lugar que ainda não localizamos. Entretanto, sugiro que façam um apelo para a população manter as crianças protegidas, em especial as que têm entre seis e sete anos.

— Isso é quase um estado de sítio — retorquiu Shaw preocupado, mas sem alternativas.

— Que seja — defendeu Miguel. — Pelo menos, não serão mortas mais crianças e, em algum momento, o assassino vai entrar em desespero e pode começar a cometer erros.

— Por quê? — perguntou Shaw.

— Os ritos têm regras exatas que precisam ser seguidas. Parece, por tudo o que vimos até aqui, que a última criança foi também a única que estava sem uma das suas peças de roupa. Acredito que ela nos viu, porque voltou atrás para recuperar o casaco. Então esse ritual não deve ter dado certo. Não foi igual aos outros. Precisa ser repetido, e se ela não conseguir fazer os seus rituais é inevitável que cometa algum erro — explicou Miguel.

— Vou falar com o Ministro da Justiça para fazer um pronunciamento — suspirou Étienne, rendido à lógica deles. Pelo menos iriam exercer pressão sobre a assassina.

— Deve ser uma mulher excepcionalmente inteligente e com muito autocontrole para fazer uma coisa dessas sozinha — anunciou Bardas.

— Concordo. É uma verdadeira psicopata — afirmou Daniel. — Por isso acho que devem dizer que um dos assassinos das crianças é uma mulher.

— Mas parece que é só um assassino, não é? Os golpes são feitos pela mesma pessoa — lembrou Bardas.

— Sim, mas ninguém precisa saber disso além de nós — defendeu Dib. — Pelo menos até estarmos seguros de que ela está mesmo sozinha nisso.

— Concordo — por fim Bardas confessou, com os nervos à flor da pele. — Este caso está acabando comigo. Não consigo dormir...

— Nem eu — afirmou Shaw, lembrando-se dos seus próprios filhos.

— Vou ligar para o Ministro — avisou Étienne.

Depois de esperar em vão por ele durante os últimos três dias, lutando contra a vontade de procurar Miguel, cedeu finalmente ao impulso de lhe telefonar. Agora, além de sentir a falta dele, também precisava descobrir o que ele sabia sobre o assassino das crianças e, principalmente, se tinha alguma desconfiança em relação a ela.

Eram sete da noite quando Miguel viu a chamada dela. Estava no apartamento da Ordem, onde passava a maior parte do tempo desde o episódio da gruta. Alessia deixara de implicar com ele, embora não estivesse disposta a falar sobre o passado. Miguel dirigiu-se à varanda, em busca de privacidade para falar com ela.

— Lucrezia, como vai?

— Sinto a sua falta — disse com voz meiga, disposta a seduzi-lo, mostrando um lado suave que o fizesse esquecer a outra, a mulher com cara

de anjo. Queria encantá-lo, enfeitiçá-lo se necessário.

— O meu corpo também — respondeu, rindo suavemente. Mas ela queria dele mais do que o corpo. Queria que ele a amasse e aquilo se tornara uma obsessão que aumentava à medida que ele lhe fugia.

— Podíamos nos encontrar hoje. Talvez na minha casa...

Miguel avaliou o convite. Era tentador, especialmente por ela parecer disposta a se redimir da última conversa, quando ele tentou terminar tudo. Pensou alguns segundos, vendo Elizabeth se aproximar sorridente, para avisá-lo baixinho, ao perceber que ele estava no telefone:

— Jantar.

Miguel decidiu, depois de alguma hesitação:

— Eu telefono amanhã para combinarmos.

— Está sozinho?

— Não. Estou na casa de amigos — Lucrezia se irritou com a resposta, vacilando entre o desejo e o ódio por ele. Tinha certeza de que ele estava com ela e imaginou os piores cenários.

— Divirta-se — respondeu com ar displicente, para disfarçar o ciúme. — Espero por você amanhã, na minha casa, às nove da noite.

— Tenho outra proposta. — Por um instante ela achou que ele ia convidá-la para o seu apartamento, mas depressa entendeu que ele não estava disposto a alterar a relação que tinham criado, nem desejava nenhum tipo de laço adicional. — Encontramo-nos na nossa suíte habitual, depois de amanhã, às dez.

Ela disfarçou o desapontamento e se perguntou se ele teria consciência do perigo que corria ao desafiá-la ou rejeitá-la. Por mais que estivesse obcecada por ele, não estava disposta a permitir que ele a humilhasse. Ao mesmo tempo, as saudades que sentia falaram mais alto, e ela concordou:

— Às dez.

20. A laranja de ouro

(...) o Tempo, embora faça desabrochar e definhar animais e plantas com assombrosa pontualidade, não tem sobre a alma do homem efeitos tão simples. A alma do homem, aliás, age de forma igualmente estranha sobre o corpo do tempo.

Virginia Woolf (1882-1941)

Interromperam o telejornal para o Ministro da Justiça francês, sereno e compenetrado, fazer uma intervenção especial que chocou a França e repercutiu em vários países da Europa, especialmente naqueles onde também haviam sido cometidos crimes similares.

O Ministro falou dos esforços conjuntos da polícia de vários países, mas explicou que o caso era difícil e, por isso, pedia que todos ajudassem a proteger os inocentes, enquanto a polícia se concentrava em identificar o assassino. Aconselhou os pais a vigiarem as crianças e, em casos extremos, aconselhou-os a ficarem em casa com os seus filhos. Por fim, informou que um dos responsáveis pela morte das crianças era uma mulher, deixando todos chocados com a informação. Pediu que, caso suspeitassem de alguém, contatassem a polícia do bairro e fossem moderados em seu comportamento para evitar injustiças.

Lucrezia não podia acreditar que aquilo estivesse acontecendo: não compreendia como a polícia descobrira que o assassino era uma mulher, mas lembrou-se de que talvez eles tivessem conseguido o seu DNA quando machucou a sua mão na árvore e vomitou ao ver Miguel encantado com a

jovem de cabelo curto. Sentiu uma onda de ódio ao pensar nela, e a ideia que começara a se formar quando falou com Miguel da última vez ganhou força: precisava tirar aquela mulher do seu caminho. Era assim que ela resolvia tudo o que lhe desagradava: eliminando. E agora não seria diferente.

No apartamento da Ordem, Miguel também ouvira a intervenção do Ministro e, no final, comentou sarcasticamente:

— Agora, sim, o jogo começou.

— Atiçamos o monstro — concordou Daniel sentado no sofá, com a cabeça encostada no apoio e os olhos quase fechados, quando a campainha tocou.

— Esperamos alguém? — perguntou Elizabeth.

— Oliver Bassan — informou calmamente Daniel. — Convidei para vir até aqui e trocarmos ideias sobre a situação.

— Eu atendo — ofereceu-se Alessia, abrindo a porta. Assim que o viu sentiu-se inesperadamente mais leve, como um balão cheio de hélio. Ele se inclinou para beijá-la a milímetros dos lábios, repetindo o comportamento do único encontro que haviam tido.

— Como vai? — perguntou Alessia, tentando iniciar uma conversa normal.

— Agora melhor — respondeu baixinho com os olhos ardentes, fazendo-a sorrir, enquanto a seguia do hall à ampla sala, onde todos estavam sentados em frente à televisão.

— Como vai, Oliver? — Daniel levantou-se para cumprimentá-lo, sendo imitado pelos outros. Elizabeth comentou em tom de brincadeira, sob o olhar vigilante de Miguel:

— Não lhe disse que teria um papel nisto tudo?

— Ainda não sei bem qual é o papel... Mas começo a perceber o que quis dizer. — insinuou dando uma rápida mirada para Alessia, com um duplo sentido que só os dois compreendiam.

— Sente-se — convidou Daniel. Oliver ocupou a poltrona próxima de Alessia.

— Quando vinha para cá ouvi a intervenção do Ministro da Justiça na rádio. Então o assassino é uma mulher? — perguntou Oliver.

— Sim — confirmou Daniel.

— Isso significa que estamos envolvidos numa caçada mais interessante do

que imaginamos — respondeu Oliver, adquirindo rapidamente a postura fria de assassino.

— Sem dúvida. E há mais alguns detalhes que precisa saber: encontramos uma gruta na Forêt Domaniale d’Ermenonville onde eram realizados alguns dos rituais — explicou Daniel.

— Quer dizer: onde assassinaram algumas crianças? — questionou Oliver, objetivo.

— Exato — afirmou Miguel, participando da conversa. — E foi assim que descobriram que era uma mulher, pela análise dos vestígios.

— Se ela perdeu o local onde fazia os rituais, agora vai procurar outro — deduziu Oliver.

— Achamos que aquele era um lugar secundário, e deve existir outro, mais importante.

— “Achamos” como? — Oliver quis saber.

— Eu sonhei — confessou Elizabeth, tornando-se o centro das atenções.

— Ah — respondeu Oliver econômico, ainda reticente em acreditar na capacidade de ela sonhar com o futuro. Elizabeth percebeu a descrença dele e acrescentou com simplicidade:

— Também sonhei com a localização da gruta e por isso é que a polícia a encontrou.

Oliver analisou-a atentamente. Aquela informação mudava tudo: se Elizabeth era responsável pela descoberta da gruta, então é porque tinha mesmo um dom especial e único, que desafiava a lógica. O sonho dela com as crianças mortas no dia de Natal, quando ele a mantinha cativa em Londres, podia ser uma coincidência. Mas este, já revelava um padrão.

— Compreendo — disse, e depois de alguns segundos em silêncio, deduziu, com uma leve ironia: — Suponho que em breve vai descobrir onde é esse outro lugar.

— Acredito que sim.

— Também tenho novidades — confessou calmamente. — O meu foco são os Messie, portanto, achei que o melhor ponto de partida seria Jean Luc e dediquei-me a observá-lo. A noiva está grávida. Talvez isso, aliado à morte recente dos pais, o tenha feito optar por uma cerimônia de casamento íntima. Eles receberam vários presentes e por precaução rastreei-os.

— Como é que os rastreou? — interrompeu Dib curioso.

— Faz parte da minha profissão — confessou com tranquilidade, sem revelar as suas fontes ou a forma como conseguira informações. — Descobri

algo que chamou a minha atenção: dois dos presentes foram enviados especificamente para Jean Luc. Um deles era o punhal que entreguei a Dimitri...

— Espere — disse Daniel, se endireitando no sofá com um interesse súbito. — Então o punhal sempre fora para Jean Luc?

— Parece que sim. E foi um presente, exatamente como Dimitri contou.

— E qual o segundo presente? — perguntou Miguel, também interessado.

— Uma belíssima laranja de ouro maciço. Sem remetente — contou Oliver. — Não consegui descobrir quem a enviou.

— Estranho — comentou Dib. — Quem enviaria um objeto de ouro maciço anonimamente?

— Pode ser que Jean Luc saiba quem é que lhe deu o presente — sugeriu Elizabeth.

— Não sabe. E a mulher dele detestou a laranja. Vão doá-la a uma instituição... Alguma coisa da Fênix. — Miguel sorriu ao ouvir o nome da sua organização. Decidiu que pediria a Geneviève Gillot, responsável pela Irmandade da Fênix na Europa, que se mantivesse atenta à doação de um objeto como o que Oliver acabara de descrever. Nunca ouvira falar de uma laranja de ouro maciço, mas soava bizarro o suficiente para suscitar o seu interesse.

— Como conseguiu esse nível de detalhes? — insistiu Dib.

Oliver sorriu ao lembrar-se da facilidade com que hoje se coloca uma pequena câmera, bem posicionada, em qualquer cômodo de uma casa para acompanhar todos os movimentos de uma pessoa, sem que ela soubesse.

— Sou grande adepto da tecnologia — respondeu por fim, compreendendo que Dib pretendia confirmar a veracidade das informações. — Fique tranquilo: a informação é segura.

Aquilo parecia equilibrá-los de alguma forma: enquanto os guardiões usavam os seus sentidos e dons semidivinos, Oliver recorria à tecnologia de forma habilidosa e constante.

— E por que é que ela detestou a laranja, se é um belo objeto, como você disse? — perguntou Dib insatisfeito com aquela explicação.

— Ela teve náuseas quando viu a laranja — comentou Oliver, começando a compreender que tudo parecia ter um significado simbólico e oculto para eles.

— Tem certeza? — perguntou Miguel, atento.

— Tenho — respondeu Oliver. — Por quê?

— Objetos mágicos causam emoções peculiares em crianças e mulheres grávidas. Neste último caso, a gravidez torna as mulheres sensíveis a tudo o que possa afetar o seu corpo e o bebê. E o tipo de reação que descreveu, se foi mesmo provocado pela laranja, significa que estamos perante um objeto mágico — concluiu Miguel.

— Mas ela não sentiu isso em relação ao punhal, não é, Oliver? — perguntou Kent, intervindo pela primeira vez.

— Não teve uma reação tão violenta, mas também ficou incomodada — respondeu Oliver.

— Aí está a confirmação: ambos provocaram reações negativas. Essa laranja é um objeto mágico do qual nunca ouvi falar. Mas Oliver disse que Jean Luc vai doar a laranja à Irmandade da Fênix, e isso vai permitir que analisemos o objeto — avisou Miguel.

— Como? — perguntou Oliver, perdido.

— Sou o fundador dessa Irmandade: é uma organização dedicada a ajudar os outros. Funcionava apenas na França, mas agora também funciona no Brasil.

Oliver sentiu alguma surpresa, embora não aparentasse: de todos eles, Miguel era o único que não parecia possuir o perfil de se dedicar a causas humanitárias.

— Excelente trabalho, Oliver — reconheceu Daniel impressionado com a eficiência dele, e satisfeito com o rumo dos acontecimentos. — Assim que tivermos notícias sobre o assassinato dos Messie, telefone.

— Eu aguardo — disse começando a se despedir, e quando parou na frente de Alessia, perguntou de repente, com a maior das naturalidades, na frente de todos. — Gostaria de jantar comigo amanhã?

A pergunta feita de chofre surpreendeu todos e ninguém sabia o que fazer, exceto esperar a reação de Alessia, que parecia ser a mais surpreendida. O silêncio começou a pesar na sala enquanto ela o olhava sem compreender que raio estava ele fazendo, expondo os dois daquela forma. Mas Oliver continuava sereno, indiferente às reações provocadas pelo seu arrojado convite, como se não soubesse que todos estavam condicionados pelos seus votos à Ordem. Miguel era o que mais se divertia com a situação, mas não se atrevia a falar para não acordar a velha raiva de Alessia contra ele.

Antes que pudesse responder, Elizabeth se aproximou colocando a mão carinhosamente sobre o braço dela, dizendo:

— Aceite, Alessia. É sempre bom fazer amigos... — Elizabeth mantinha a

sua confiança em Oliver, sem racionalizar ou tentar compreender os motivos, segura de que ele tinha um papel relevante. Alessia estava indecisa: queria aceitar o convite e encontrar-se de novo com Oliver, mas sabia que não devia. Foi Daniel, ciente do seu próprio drama interior em relação a Elizabeth, que deu o empurrão final, ao perceber a relutância dela:

— Por que não, Alessia?

— Aquilo que não vivemos persegue-nos — comentou Miguel, participando da conversa que se transformara em tema global, como havia sido a intenção inicial de Oliver, para avaliar as reações de todos. O interesse de Oliver por Alessia gerou uma simpatia instantânea em Miguel, ao perceber que, afinal, Elizabeth não era o foco da sua atenção, como imaginara.

— E aquilo que vivemos também — respondeu Alessia secamente, desejando terminar a conversa. Queria matar Oliver, mas ele continuava tranquilo, com um sorriso discreto, que denunciava a sua felicidade perante as consequências da sua atitude.

— Podemos falar sobre isto a sós? — perguntou Alessia, olhando diretamente para Oliver, tentando contornar o constrangimento que a situação estava lhe provocando.

— Claro. Eu telefono — respondeu, se despedindo dela com um ligeiro aceno de cabeça, mas sem apagar o sorriso.

Quando Oliver se foi, Alessia avisou com a voz crispada, antes de abandonar a sala:

— Não quero falar sobre o assunto e dispenso comentários.

— Ninguém tem nada a ver com a sua vida ou com as suas decisões, Alessia. Mas estamos aqui, se precisar — rematou Daniel, que estava vivendo a dor e o conflito que o afeto provocava. Apesar de Alessia se espantar com a condescendência dele, agradeceu o apoio.

— Obrigada, Daniel.

Pouco depois Daniel ordenou que Uchoa e Seth retornassem para Paris, porque o punhal não estava com Dimitri.

Geneviève Gillot, a responsável pela Irmandade da Fênix na Europa, tinha sessenta anos, era muito ativa e dedicada a ajudar o próximo. Geneviève tinha sido muito próxima de Marie-Thérèse e ao ver Jean Luc Messie não conseguiu evitar a emoção: o conhecia praticamente desde que nascera e sabia que ele sofria com a perda abrupta dos pais. Ficou feliz ao saber da

gravidez de Sarah e achou que era o melhor que podia ter acontecido a Jean, não porque diminuísse a dor da perda, mas porque o obrigava a seguir em frente e a pensar na nova vida que em breve faria parte da sua.

Ao receber o objeto das mãos do jovem Messie, estranhou a sua beleza e o seu peso: tratava-se realmente de uma laranja de ouro. Perguntou se ele tinha certeza de que queria doá-la, mas Jean Luc manteve-se irredutível: confessou que apesar de estar atraído pelo objeto, Sarah não o suportava, sendo esse o motivo da doação.

Geneviève telefonou a Miguel para lhe contar que tinha o objeto que ele gostaria de avaliar, e ele a informou que iria vê-lo no dia seguinte, aconselhando-a a deixar a laranja fechada na caixa, dentro de um dos cofres.

Lucrezia estava furiosa. Caminhava com passos pesados pela sala da sua enorme casa de três andares, estilhaçando copos contra a parede. O chão estava coberto de cacos de vidro e ela continuou a quebrar copos, um atrás do outro, até destruir o serviço inteiro, mas a raiva manteve-se inabalável dentro dela, sem ceder.

Ninguém havia resistido aos encantos da Laranja Dourada, e ela se perguntava como Jean Luc resistira? Tudo fora planejado para chegar ao momento em que ele olharia para a laranja e Lucrezia se apoderaria da sua alma, sugando-lhe os melhores sentimentos, inclusive o amor por Sarah, para transformá-lo num ser desprovido de bondade e compaixão. Em vez disso, ele ofereceu a laranja a uma amiga da sua mãe. Lucrezia viu-a abrir a caixa e avaliar a laranja com olhar curioso, mas não deu tempo de criar uma ligação com ela. A mulher fechou a caixa e guardou-a num lugar escuro e silencioso, talvez um cofre, impedindo Lucrezia de saber o que estava acontecendo.

Quando Jean Luc colocou a laranja na estante, Lucrezia continuou escutando tudo: descobriu que Sarah estava grávida e foi ela que detestou a laranja. Se Lucrezia não tivesse usado um encantamento para fazer a caixa cair da estante e estilhar os cristais, a laranja teria ficado na casa de campo. Agora Lucrezia duvidava da sua decisão: talvez a laranja estivesse melhor na casa de campo do que nas mãos de uma desconhecida, protegida num cofre que não lhe permitia ver nada. Mas como Lucrezia iria imaginar que Jean Luc se iria desfazer de um objeto de ouro, que valia uma fortuna?

Porém, o grande enigma era descobrir como Jean Luc resistira ao encanto da laranja. O objeto exercia um fascínio intenso sobre quem o olhasse e Jean

Luc devia ter sido subjugado ao seu poder. Além disso, ele estava fragilizado pela perda dos pais, o que contribuía para deixá-lo mais suscetível à magia. Algo estava dando errado nos planos meticulosamente urdidos por Lucrezia durante anos. Talvez o amor de Sarah tivesse protegido Jean Luc, pensou Lucrezia, incapaz de encontrar outra explicação. Sarah ou o filho por nascer não deviam ter acontecido na vida que planejara para Jean Luc. Mas ela soube que tudo começara realmente a sair do seu controle a partir do momento em que cruzara com Miguel Besson. A paixão por ele tirava-a do eixo, impedindo-a de pensar com frieza.

Sarah convenceu Jean Luc a visitar o apartamento onde morava quando se conheceram, antes de devolvê-lo ao proprietário. Ao chegaram ao antigo prédio que marcara o início do seu amor, ela quis trufas de chocolate: agora tinha vários desejos insondáveis e apetites inesperados. Jean Luc deixou-a subir e foi buscar as trufas. Não havia nada que ela quisesse que ele não se esforçasse por satisfazer. Ela o beijou, feliz, antes de entrar no elevador.

Vinte minutos depois Jean voltou com as trufas que Sarah tanto queria. Abriu a porta do apartamento e sentiu imediatamente que havia algo errado. Não soube explicar o que era: era mais uma impressão do que de uma certeza, como se um aspirador gigante tivesse sugado o ar da sala. Chamou-a, ainda com a porta da rua entreaberta:

— Sarah... — parou de repente, interrompido por uma figura vestida de negro, que saiu do quarto e o empurrou contra a parede, para abrir passagem. Ele caiu, com a brutalidade da pancada, mas levantou-se rápido e correu para o quarto, onde vislumbrara Sarah deitada no chão, através da porta, que o criminoso deixara aberta. Aproximou-se dela e viu o sangue jorrando do peito e se espalhando pelo chão. Com uma mão pressionou o ferimento, e com a outra pegou o celular e chamou uma ambulância. A voz serena no outro lado da linha aconselhou-o a manter uma pressão constante sobre o ferimento. Durante os minutos em que esperava pela ambulância, Jean Luc sentiu impotência e desespero, vendo Sarah se esvair numa poça de sangue. Mas o sentimento predominante era o terror de perdê-la.

Sentiu as lágrimas correndo pelo rosto enquanto brigava para manter o sangue dentro dela. A espera pela ambulância tornava o tempo mais vagaroso, e tudo o que Sarah não tinha era tempo. Cada segundo afastava-a mais da vida, afundando-a naquele lago vermelho e morno que se alargava

lentamente em volta do corpo dela e do seu filho minúsculo.

Dez longos minutos depois, os paramédicos entraram no apartamento pela porta que o assassino deixara escancarada na sua fuga e dominaram a situação: puseram Sarah numa maca, enquanto um deles abria a blusa dela para avaliar o ferimento. Jean Luc, que não se afastara muito, apesar dos pedidos dos paramédicos, fixou os olhos no pequeno corte no peito dela e lembrou-se do corte sofrido pelos seus pais. A diferença era que no caso dos pais todo o sangue desaparecera dos seus corpos, e ali, Sarah se esvaía numa lenta e infundável hemorragia. Viu os paramédicos colocarem uma máscara de oxigênio, pressionarem o corte e levarem-na pela escada, afastando-a do seu ângulo de visão. Tentou segui-los, mas um deles pediu, com firmeza:

— Senhor, é melhor que nos deixe levá-la para o hospital.

Jean Luc achou que aquelas palavras não eram um bom presságio. Tentou controlar o maldito nó na garganta que o impedia de falar, mas não conseguiu emitir um único som. Ficou na porta do apartamento enquanto ela era levada por três estranhos de uniforme branco. Sentiu o coração apertado e viu quatro policiais com malas na mão saírem do elevador. Tinha-se esquecido de avisar a polícia, mas os serviços de emergência acionavam a polícia sempre que havia algum caso violento.

Os policiais começaram a falar, mas Jean Luc manteve os olhos fixos no lugar por onde Sarah se fora, indiferente ao que eles diziam. Por fim, percebeu que estava bloqueando a porta e se afastou dois passos para a direita, para deixá-los entrar.

Alguns minutos depois a porta do elevador abriu-se e Jean Luc viu Étienne Bergès. Reconheceu-o e sentiu algum alívio, quase como se visse um velho amigo. Étienne percebeu que Jean Luc chorava e sentiu empatia por ele: perdera os pais recentemente e a mulher com quem casara não havia ainda um mês fora esfaqueada. Étienne ouvira comentar que o casamento apressado se devia ao fato de Sarah estar grávida.

— Jean Luc — Étienne apertou a mão dele com uma firmeza maior do que a habitual, em sinal de solidariedade.

— *Monsieur* Étienne — respondeu com voz rouca, tentando segurar as lágrimas em vão.

— Lamento muito, Jean Luc, mas precisamos ver o local.

— Compreendo. Tenho que ir ver a Sarah... — esboçou um gesto apontando para o elevador.

— Se me der alguns minutos, eu mesmo o levo ao hospital — ofereceu

Étienne consciente de que o jovem Messie não estava em condições de dirigir. Jean Luc moveu a cabeça em sinal de concordância, como uma criança que ainda não aprendeu a falar e fixou o olhar na porta do elevador. Não conseguia pensar.

Quarenta minutos antes, quando Étienne se preparava para ir almoçar, o seu assistente telefonou informando que Jean Luc Messie havia contatado os serviços de emergência, pedindo uma ambulância para atender Sarah, que havia sido apunhalada. Étienne sentiu imediatamente um estalo no cérebro e o seu instinto despertou num ápice: aquilo não podia ser uma coincidência. Dirigiu-se para o local, com a mesma equipe que estava envolvida no caso dos Messie.

Entrou no apartamento e olhou em volta: era óbvio que não estava habitado. Étienne se perguntou o que estariam fazendo ali os jovens recém-casados. Viu as trufas de chocolate espalhadas pelo chão e uma trilha de sangue que seguia até o quarto. Dirigiu-se para lá. Dois policiais fotografavam e coletavam todos os resíduos possíveis. Étienne viu o lago de sangue com um vazio no meio — a marca do corpo dela. Pela quantidade, deduziu que ela tinha perdido muito sangue e talvez não sobrevivesse.

Jean Luc parecia ser o epicentro de algo terrível, e Étienne solidarizou-se com ele: as suas perdas não tinham sido fáceis, mas a violência que se formara em volta dele estava se transformando num padrão que começava a incomodá-lo.

Étienne precisava de uma nova leitura para o caso: Sarah era a única vítima encontrada com sangue. O que aquilo podia significar? Seria um novo assassino, que não estava ligado aos casos dos Messie e das crianças? Ou seria o mesmo assassino, que fora oportunamente interrompido por Jean Luc?

Étienne deixou o apartamento com instruções para que os peritos agilisassem a análise das evidências. Parou na porta, onde Jean Luc permanecia teimosamente imóvel e convidou:

— Vamos até o hospital — Jean Luc seguiu-o como um autômato, sem consciência. Só queria saber como estavam Sarah e o bebê. O resto não parecia ter a mínima importância. Étienne percebeu que, apesar de estar com a cabeça fervendo de perguntas, não adiantava falar com ele naquele momento: tinha que deixá-lo se acalmar.

— Que foi aquilo? — perguntou Alessia atendendo o celular sem dar tempo para Oliver cumprimentá-la — Como teve a ousadia de fazer uma pergunta daquelas na frente de todos?

— Só você ficou perturbada com o meu convite para jantar, Alessia — respondeu rindo, desconcertando-a com a análise.

— Isso é irrelevante, Oliver.

— Não é irrelevante. Eu percebi que ninguém se opôs a que jantasse comigo. E sei que aquelas pessoas são importantes para você — afirmou Oliver, sem ter compreendido ainda o tipo de relacionamento entre todos eles. — Portanto... jantamos amanhã?

Alessia não podia acreditar na desfaçatez dele e, de repente, riu. Oliver manteve-se sereno, esperando a resposta. O riso dela lhe pareceu um bom sinal: significava que tinha superado a irritação e certamente ia aceitar o convite.

— Não.

— Por quê? — perguntou, surpreso com a resposta.

— Não podemos alimentar uma situação ambígua, que não nos vai fazer bem.

— Como sabe que não vai nos fazer bem?

— Eu tenho os meus votos... — mencionou com firmeza.

— Não pedi que quebrasse nenhum dos seus votos. Só quero jantar com você. Conhecê-la melhor. Jante comigo — pediu sedutoramente. — Vamos viver um dia de cada vez.

Ela podia argumentar dizendo que sabia que aquele jantar, assim como o anterior, não tinha nada de inócuo e era exatamente o oposto: despertava neles uma sensualidade vagarosa, que aumentava sempre que se viam. Também sabia que ele não desistiria se ela rejeitasse o convite, e o pior é que ela não queria que ele desistisse.

— Um dia de cada vez — repetiu a frase de Oliver, que coincidia com um dos princípios filosóficos da Ordem. Lutou entre o desejo de revê-lo e as suas responsabilidades de Guardiã. Tinha consciência de que o encontro com Oliver não era inocente, e ele era um assassino. Mas quando o via ou falava com ele, aqueles obstáculos não pareciam relevantes.

— Exatamente — afirmou, antes de perguntar cinicamente: — Posso passar no seu apartamento amanhã, às oito da noite?

— Sim — cedeu, consciente de que cada vez que saía com ele, a tentação

crecia e ele se tornava mais atraente.

Os médicos informaram que Sarah perdera muito sangue e estava em coma.

— O que isso quer dizer? — perguntou Jean Luc em voz baixa. Étienne observava-o com atenção. Era visível a paixão dele por Sarah, mas ele mantinha a elegância mesmo numa situação dramática como aquela, agravada pela perda recente dos pais.

— O estado dela é muito crítico — informou o médico, sendo delicado e contando a verdade em doses homeopáticas.

— Vou perguntar de novo: o que isso quer dizer? — usou um tom mais frio, fazendo Étienne reconhecer nele a força de vontade com que o surpreendera no dia da morte dos pais.

— Ela está lutando pela vida, mas as chances de sobrevivência são muito baixas. Apesar do corte no peito não ter atingido o coração, foi difícil controlar a hemorragia.

— Por quê?

— Não conseguimos compreender. Embora tenha perdido muito sangue, o golpe não justifica o estado dela. O metabolismo está muito lento. E é um processo contínuo.

— O corpo dela está deixando de funcionar, é isso? — perguntou Jean Luc, revelando um raciocínio surpreendentemente rápido para a ocasião.

— Sim... Há uma equipe de especialistas com ela, tentando descobrir o que está acontecendo, senhor Messie. Mas a situação não é fácil. Há mais uma coisa... — avisou o médico, com delicadeza. — A sua mulher perdeu o bebê. Lamento muito.

Jean Luc baixou a cabeça por um segundo, como se soubesse que aquilo aconteceria, e em seguida pediu, dominado pela emoção:

— Por favor, descubram o que ela tem... Precisam salvá-la.

Étienne se afastou por alguns minutos e voltou com dois cafés horríveis, das máquinas que ficavam encostadas nas paredes da sala de espera. Ofereceu um a Jean Luc e bebeu o seu. Jean Luc agradeceu e deu um gole lento.

Tinham passado quase três horas desde que haviam entrado no hospital e se mantiveram praticamente em silêncio. Étienne não quis deixar Jean Luc sozinho, apesar de ele estar tão compenetrado nos seus pensamentos que mal percebia o que acontecia à sua volta.

— Quer que avise alguém? — perguntou e Jean Luc olhou-o como se tivesse sido arrancado de um grande pesadelo.

— Os pais de Sarah. Tenho que avisar os pais de Sarah — disse pegando o celular, com uma consciência repentina sobre a existência de um mundo além daquele lugar, onde Sarah se encontrava. Depois de uma breve conversa em que contou aos sogros que Sarah fora atacada por um desconhecido, pediu que viessem o mais rápido possível. Étienne aproveitou aquela brecha no mutismo de Jean Luc para descobrir o que se passara.

— Pode me contar que aconteceu?

Jean Luc contou tudo detalhadamente. Étienne ouviu-o até o fim, antes de começar a fazer perguntas.

— E essa pessoa que saiu correndo do quarto era um homem ou uma mulher?

— Não sei... — respondeu, parecendo espantado com a sua própria informação. Ainda não conseguira racionalizar aquilo. — É estranho que tenha me atirado ao chão e eu não consiga saber quem era. Também não tentei segui-lo, porque fui logo ver como Sarah estava...

— E fez bem. Possivelmente foi o que salvou a vida dela — afirmou Étienne. — Mas não teve sequer um vislumbre?

— Estava todo vestido de preto: botas, calças, blusa e luvas. Usava um boné preto que tapava parcialmente o rosto e escondia o cabelo.

— E a parte visível do rosto?

— Talvez fosse uma boca um pouco feminina, mas foi uma visão rápida. Não significa nada.

— Reparou se o atacante tinha algum objeto na mão?

Jean Luc fechou os olhos tentando recuperar a memória e quando os abriu, olhou para Étienne como se tivesse feito uma grande descoberta:

— Uma lança. Levava uma lança na mão.

Étienne semicerrou os olhos, ordenando os pensamentos: uma lança era responsável pela morte dos Messie e dos seus empregados. Aquilo ligava os casos e significava que quem tentara matar Sarah, também assassinara os Messie e estava associado às mortes das crianças.

— Então as gotas de sangue que iam do quarto à porta do apartamento pingaram da lança — disse Étienne, que pensara inicialmente que as gotas haviam pingado de uma faca. Mas os especialistas tinham estranhado a consistência e o formato das gotas: quando o sangue escorre de um objeto as gotas vão-se tornando menores, mas ali isso não acontecera. As gotas eram

do mesmo tamanho, como se a quantidade de sangue que estava no objeto não diminuísse e se mantivesse sempre igual. E o rastro mantinha-se regular pelas escadas até desaparecer abruptamente alguns andares abaixo, talvez porque o assassino tivesse embrulhado o objeto, que agora Étienne sabia tratar-se de uma lança.

— Lembrei-me de mais uma coisa — disse Jean Luc. — A Sarah usava sempre uma corrente de ouro com uma cruz de malta que pertenceu à minha avó. E a corrente desapareceu.

— Era um objeto valioso? — perguntou Étienne, tentando determinar se aquela não seria a causa do ataque. Talvez tivessem tentado matar a jovem por causa daquele objeto, como mataram os Messie por causa do Cálice.

— Está na minha família há gerações. É uma peça de ouro valiosa — confirmou Jean Luc. — Acha que foi por isso que tentaram matá-la? Bastava terem arrancado o fio do pescoço dela. Exatamente como no caso dos meus pais, em que bastaria terem levado o Cálice.

— Talvez — respondeu Étienne, sabendo que, além dos objetos, o assassino praticava mortes rituais, mas não era prudente entrar naquele assunto com Jean Luc. — Obrigado.

— De nada — disse, levantando-se para se despedir de Étienne educadamente.

— Se precisar de alguma coisa, telefone. Vou manter alguns policiais com você e com Sarah. Por precaução — afirmou Étienne, lembrando-se que mantivera o jovem protegido durante algum tempo, após a morte dos pais. Talvez se tivesse mantido a proteção, Sarah não se encontrasse agora naquela situação.

— Obrigado — agradeceu, sem oferecer resistência.

O dia começara com uma luz trêmula que parecia incapaz de enfrentar a ameaça das nuvens. Daniel estava no escritório quando a porta abriu e Elizabeth entrou, com uma xícara de chá na mão, e uma expressão séria no rosto totalmente desperto.

— Bom dia. É muito cedo — disse ele, consultando o relógio.

— Precisamos falar — respondeu, sentando-se numa cadeira ao lado dele e apoiando os braços na larga mesa. Ele posicionou ligeiramente a cadeira para ficar de frente para ela. Sentiu o perfume dela, de banho recém-tomado.

— O que aconteceu?

— Sonhei com a laranja. Descobri para que serve — informou, bebendo um gole de chá.

— A laranja de ouro? — Não achara que fosse muito importante apesar de Miguel ter defendido que se tratava de um objeto mágico.

— Sim — confirmou. — Ela permite ver o que acontece dentro das pessoas.

— Não compreendi — disse Daniel, olhando-a fixamente.

— É uma espécie de bola de cristal das pessoas: permite ver a alma das pessoas. Quando alguém olha para a laranja, ela revela o interior daquela pessoa.

Daniel entendeu de imediato o que aquilo podia significar e deduziu que a laranja tinha sido oferecida a Jean Luc para permitir que alguém visse a sua alma.

— Mais alguma coisa? — perguntou devagar.

— Serve também para... É difícil explicar... — disse, procurando as palavras.

— Temos tempo — comentou Daniel, tranquilizando-a para que ela pensasse com calma.

— É como se fosse um aspirador: suga os sentimentos das pessoas e guarda-os.

— Besson tinha razão: é um artefato mágico. Muito poderoso — reconheceu Daniel.

— E foi enviado a Jean Luc — lembrou Elizabeth.

— Há alguém muito interessado nele — anunciou Daniel. — Viu mais alguma coisa?

— Não.

— Temos que avisar Besson antes que ele olhe para a laranja — disse Daniel, preocupado, sabendo que se alguém tivesse acesso a Miguel, também teria acesso à Ordem, através dos conhecimentos dele.

— Ainda não são sequer oito da manhã...

— Ele já está acordado — afirmou, levantando-se para ir buscar o celular, desconhecendo que Miguel já se encontrava nos escritórios da Irmandade da Fênix, para avaliar o artefato mágico.

— Daniel... — disse Elizabeth, se aproximando dele e segurando-o pela mão com ternura.

A porta abriu-se de repente. Elizabeth soltou a mão de Daniel rapidamente, mas Dib percebeu o gesto e ficou parado na porta, por um segundo, tentando

racionalizar o que vira: se fora apenas um gesto de ternura ou se Elizabeth já confessara a Daniel que o amava. Aquele era o segredo dela, e Dib guardara-o desde que tinha descoberto que ela estava apaixonada por Daniel. Mas antes que Dib pudesse compreender o se passara, Daniel pôs a mão no peito e tombou de joelhos, assaltado por uma dor violenta.

Elizabeth deu um grito e Dib correu para ele, se ajoelhando à sua frente e dizendo:

— Não ceda à dor. Não ceda — Daniel era incapaz de responder, dominado pela dor aguda. Sentia o coração descompassado, como se uma mão o estivesse arrancando do peito. Ele sabia o que era aquilo e Dib também: era a morte avisando-o que a sua hora estava próxima.

— O que foi? — perguntou Kent entrando no escritório, seguido de Alessia. Viram Daniel de joelhos, pálido e ofegante, com a mão no peito tentando controlar a dor, e perceberam que algo muito grave estava acontecendo.

— Rápido. Vamos ajudá-lo... — Dib disse, se levantando e posicionando as mãos a dez centímetros da cabeça de Daniel. Kent, Alessia e Elizabeth imitaram-no, iniciando o ritual de cura com energia das mãos, seguindo os ensinamentos dos seus antepassados cátaros. A dor diminuiu, mas Daniel se manteve ajoelhado enquanto os quatro entoavam uma antiga oração cátera, antes de terminarem o rito.

Elizabeth se abaixou e perguntou:

— Sente-se melhor?

Ele assentiu com a cabeça em silêncio, mas ela notou algumas gotas de suor na testa dele. Nunca o tinha visto suar. Dib estendeu a mão para ajudá-lo a levantar. Daniel aceitou e se ergueu devagar, sem a força e vitalidade habituais. Sabia que a morte não chegaria assim, mas aquele incidente havia sido um aviso: quanto maior fosse a resistência dele, mais dolorosa seria a sua partida. Ele teria que se render e deixar levar.

— O que aconteceu? — quis saber Elizabeth, com uma expressão de angústia. Alessia e Kent se entreolharam: tinham certeza de que estava acontecendo algo muito errado com Daniel.

— Estou bem. Não foi nada — respondeu, tendo já recuperado o seu autocontrole habitual.

— Algo aconteceu... — afirmou Alessia.

— Está na hora, Daniel — aconselhou Dib baixinho, se referindo à necessidade de Daniel contar que havia trocado a sua vida pela de Elizabeth,

e estava se aproximando a hora da sua morte.

— Esta noite, quando Uchoa e Seth chegarem, temos que conversar — anunciou Daniel. — Agora preciso falar com Besson. Entretanto, Elizabeth, conte-lhes o seu sonho com a laranja.

Apesar de Alessia perceber que se tratava de algo grave porque os guardiões não adoeciam, não conseguiu evitar um pensamento egoísta: o fato de Daniel querer falar com eles significava que teria que cancelar o jantar com Oliver. Puniu-se pelo pensamento, percebendo que os seus desejos humanos estavam levando a melhor sobre os seus deveres.

Miguel já estava no escritório da ONG. Sabia que Geneviève chegava às sete e meia. Ela dizia que era o horário em que conseguia resolver mais problemas porque o silêncio lhe permitia pensar melhor. Mas, nessa manhã, quando chegou, Miguel já estava na sala de reuniões tomando um café e lendo o *Le Monde*, que comprava diariamente.

Cumprimentaram-se, trocaram algumas ideias sobre os projetos que estavam sendo desenvolvidos e, por fim, Geneviève levou-o ao cofre do seu gabinete, onde guardara o objeto que Miguel queria ver. Colocou a caixa sobre a mesa, em frente de Miguel, antes de sair da sala para lhe dar privacidade. Miguel abriu a tampa e viu a laranja coberta por papel de seda. O seu brilho era quase visível sob o papel. Ergueu a mão e começou a levantar a ponta do papel, para revelar a laranja em todo o seu esplendor. O telefone tocou e ele hesitou entre ver totalmente a laranja e atender a chamada. Parecia cedo para alguém ligar e deduziu que devia ser importante ou urgente. Solto o papel e tirou o celular do bolso do casaco para ver quem era. Atendeu ao perceber que se tratava de Daniel.

— Besson, não toque na laranja — afirmou, com urgência na voz, sem sequer o cumprimentar. Miguel sentiu o corpo endurecer como se estivesse sendo puxado por várias cordas invisíveis, todas em direções opostas.

— Tarde demais — respondeu, sabendo que o aviso de Daniel não prenunciava nada de bom.

— Você tocou nela?

— Quase. Abri a caixa, mas está embrulhada em papel de seda.

— Feche a caixa e tranque-a no cofre. — Miguel obedeceu de imediato. Daniel não era dado àqueles comportamentos impetuosos e irracionais.

— Fechei. Agora vai me explicar o que está acontecendo?

— Elizabeth sonhou com a laranja: quando alguém olha ou toca nela, a sua alma é revelada e os seus sentimentos são absorvidos.

Miguel já ouvira falar de objetos assim: eram conhecidos como Destruidores de Almas, mas nunca tinha visto nenhum. Explicou a Daniel que eram objetos mágicos muito raros, com uma força cumulativa, por isso, quanto mais antigos fossem mais poderosos se tornavam. Miguel achava que se tratava de uma lenda, como tantas outras sobre artefatos mágicos, mas agora percebia que estavam lidando com um desses magníficos objetos. Era o primeiro que encontrava em mais de sete séculos e isso mostrava bem a sua raridade.

— O problema é que não sei como controlá-lo — afirmou Miguel.

— E como funciona? — perguntou Daniel, querendo confirmar as informações de Elizabeth.

— Quem controla o objeto, vê a alma daqueles que entram em contato com ele. E consta que faz com que o objeto absorva os sentimentos positivos, a essência da pessoa.

— Isso significa que quem ofereceu o artefato a Jean Luc tinha o objetivo de conhecer a sua alma e transformá-lo em alguém maligno — sintetizou Daniel.

— Parece que o papel de Jean Luc é maior do que imaginamos — comentou Miguel.

— Uchoa e Seth voltam hoje. Precisamos nos reorganizar. Tem planos para esta noite?

— Nada importante — respondeu Miguel, lembrando que teria que desmarcar o encontro com Lucrezia. Ela não ia gostar e embora a ele também lhe desagradasse não vê-la, naquele momento estar ao lado da Ordem era mais importante. E também de Elizabeth. Qualquer oportunidade para vê-la era mais do que bem-vinda.

— Venha jantar. Às sete — convidou Daniel.

21. A revelação

Quanto mais importante é uma coisa, tanto mais parece que a queremos calar.

Marguerite Yourcenar (1903-1987)

Dib observava Daniel, silencioso, sentado num dos confortáveis sofás do escritório, que servia simultaneamente de biblioteca e sala de leitura. Disse:

— Ela está apaixonada por você.

— Há quanto tempo sabe? — perguntou Daniel vagaroso, erguendo os olhos do livro que lia.

— Descobri quando ela jantou a primeira vez com Besson — Daniel olhou-o admirado. Não imaginava que Dib soubesse daquilo há tanto tempo e nunca tivesse comentado nada. Lembrou-se de que, naquela época, sentira que Dib estava escondendo algo.

— Era isso que sabia e não queria me contar?

— Não era um segredo meu — defendeu-se Dib. — E você, há quanto tempo sabe?

— Primeiro pensei que ela estava apaixonada por Besson, mas fui percebendo que a ligação dela era comigo — fez uma breve pausa, medindo bem as palavras. — Quando criança ela já tinha um apego... inexplicável por mim.

— Por isso é que você se afastou dela?

— Sim. Arturo dizia que ela só queria que eu a amasse — confessou.

— O encontro de vocês era inevitável. Há algo que precisam resolver —

comentou Dib sabiamente. Daniel sabia do que ele falava: fugira de Elizabeth, mas agora não podia continuar ignorando o que estava acontecendo entre eles. Em breve morreria. — Você trocou a sua vida pela dela. Na altura não compreendi as razões para tamanho sacrifício, mas agora vejo que deve amá-la muito.

— Não sei como aconteceu — confessou, aliviado por tirar aquilo de dentro do peito. — Imagino que a sua opinião a meu respeito tenha mudado.

— Não. O conhecimento máximo de um Supremo traz novos desafios e caminhos. Arturo também passou por isso e fez uma opção. Talvez o fim de todos nós seja o amor.

— Não creio — afirmou Daniel. — Causa demasiada dor.

— Não é o amor que provoca dor, é a sua luta contra o amor. Todas as resistências que temos geram sofrimento, é tudo o que não aceitamos que causa mágoa.

— Eu sei, mas não posso aceitar. Além de ser uma transgressão, sou responsável por ela. E tenho que lutar contra este sentimento — disse, com uma expressão dolorida no rosto. — Luto diariamente contra isto e não vejo fim ou solução. Estou vivendo o meu inferno.

— Sabemos que o inferno é aqui. Na nossa cabeça, no nosso corpo. Ceda. Resolva isto com ela antes que seja tarde demais — aconselhou Dib, emocionado por nunca ter visto o amigo tão perturbado, mesmo nos momentos mais difíceis que haviam passado.

— Não sei — respondeu, deixando visível o esforço que fazia para conviver com o que sentia por Elizabeth. Sabia que Dib guardaria o seu segredo, mas de alguma forma tornara-o seu cúmplice, sem querer. Cúmplice do seu pecado.

— Daniel, ela pode ter sentimentos por Besson, mas é a você que ela ama. Profundamente.

— Eu sei, mas isso não simplifica nada. Pelo contrário, só complica.

— Estou aqui — afirmou pousando a mão sobre o braço dele, para mostrar que a confissão não afetara a sua relação com ele. Daniel era e continuava sendo o seu melhor amigo, e ele iria ajudá-lo, mesmo que isso significasse quebrar os códigos da Ordem.

Miguel leu a notícia na internet e viu a fotografia de Jean Luc. Apesar dos óculos escuros e da figura reta, era óbvio que estava consumido pela dor.

Parecia que dentro dele não havia nada mais além do vazio. Um vazio capaz de destruí-lo.

Miguel se identificou com ele e, de repente, reconheceu um padrão nos acontecimentos similares que os afetaram, ainda que em épocas diferentes. Começou a pensar nas analogias e percebeu que ambos perderam a mulher e o filho por nascer, apesar de Sarah ainda estar entre a vida e a morte. Miguel sentiu um frio na coluna vertebral como se um metal gelado subisse pelas suas costas. E apesar de viver num mundo de coisas aparentemente impossíveis, teve um pensamento que lhe pareceu excessivo. Mas o pensamento continuou martelando a sua mente como um insistente batuque africano, fazendo a sua cabeça latejar do lado esquerdo. E ele soube que, definitivamente, havia um padrão entre a sua vida e a de Jean Luc.

Andou pelo luxuoso apartamento e, por fim, foi para a varanda, tentando se acalmar para pensar melhor. Sentiu o vento gelado do inverno batendo no seu rosto. Observou a Avenida Champs-Élysées e seguiu-a até o fim, fazendo um percurso mental, até bater com os olhos no Arco do Triunfo. Durante alguns segundos apreciou o Arco inaugurado em 1836, para comemorar as vitórias napoleônicas. Respirou fundo. Não compreendia a ligação que tinha com Jean Luc, mas os acontecimentos uniam-nos. Tentou descobrir o que podia haver por trás daquele padrão e decidiu consultar Daniel naquela noite, depois do jantar. Daniel conseguia ver além da superfície, com uma clareza que mais nenhum dos guardiões possuía.

Lembrou-se de que precisava falar com Lucrezia.

— Não esperava que telefonasse — disse sedutora. — São saudades?

— Esta é a boa notícia: quero estar com você — respondeu rindo, fazendo-a esquecer momentaneamente os seus planos, inclusive o fato de Sarah continuar viva, algo que jamais acontecera porque a Lança nunca falhara nos seus propósitos.

— Que bom. Estou ansiosa para vê-lo — respondeu. — Mas se me deu a boa notícia, significa que existe uma má notícia.

— Infelizmente, sim — Miguel falou baixo, parecendo aborrecido.

— O que é? — perguntou solidária.

— Embora queira passar a noite com você, vamos ter que adiar para amanhã. Surgiu um imprevisto — Lucrezia acalmou ao ouvi-lo confessar que queria estar com ela.

— Que imprevisto é esse, mais importante que eu? — quis saber, com a voz mimada.

— Não é mais importante que você, mas preciso ajudar um amigo — respondeu econômico, mas firme.

— E não podemos nos encontrar mais tarde? — insistiu ela.

— Não quero marcar nada porque se as coisas se prolongarem vamos ficar frustrados, mais uma vez — a resposta indicava que ele queria mesmo encontrar-se com ela.

— Então fica para amanhã, às nove. Pode ser? — sugeriu, controlando o desejo de vê-lo e, principalmente, a curiosidade sobre o envolvimento dele na investigação dos assassinatos e a identidade da mulher de cabelo curto, que o acompanhava na gruta. Além disso, um novo acontecimento colocara Miguel no centro dos seus planos: achava que a mulher que tinha a Laranja Dourada possuía uma ligação com ele. Era capaz de jurar que Miguel quase tocara na laranja, mas não conseguiu ter certeza porque tudo foi muito rápido, e a laranja estivera sempre na caixa. Lucrezia começou a questionar se a presença de Miguel na sua vida teria uma importância que ia além da tórrida relação que mantinham.

— Depois de amanhã, às nove — corrigiu Miguel, sabendo que não poderia adiar de novo o encontro com ela. Ela não gostou da nova data sugerida por Miguel, mas não retorquiu.

Após o jantar, com Uchoa e Seth descansados da viagem, quando Daniel se preparara para revelar a sua morte iminente, Miguel começou a falar, visivelmente incomodado. Tinha passado as últimas horas com a mente em polvorosa e iniciou o seu discurso esforçando-se por dar uma ordem lógica aos pensamentos:

— Durante o período da revolução francesa eu estava casado com Adèle e íamos ter um filho, mas ela foi executada na guilhotina, como sabem.

Todos ficaram em silêncio, surpresos por Miguel abordar um assunto que era um tabu para ele. Elizabeth era a mais surpreendida por estar escutando a história pela primeira vez, mas depressa entendeu que Adèle era alguém que ele amara muito.

— Naquela época eu era feliz e tentei me reaproximar de Arturo e da Ordem, mas ele nunca me respondeu — disse, com alguma mágoa.

Nesse momento Daniel vislumbrou uma oportunidade para contar a verdade. Planejara fazer várias revelações, e aquela, apesar de não estar nos seus planos, seria mais uma. Não lhe restava tempo para fazer as coisas como

gostaria, por isso tinha que tirar o melhor proveito das situações.

— Arturo não respondeu porque queria surpreendê-lo. Nós fomos visitá-lo em Paris.

— Foram? — perguntou Miguel, sem entender como não sentira a presença deles.

— Sim, mas chegamos demasiado tarde. Adéle já havia sido executada. Procuramos por você, mas parecia que a terra o tinha tragado. Passadas algumas semanas voltamos para Londres porque Paris se tornara perigosa demais.

— Eu sei como estava Paris — reconheceu Miguel, lembrando-se bem daquela época da sua vida e deduzindo que não percebera a presença deles por estar mergulhado numa dor que o impedia de ver ou sentir outras situações. Se eles tivessem se encontrado talvez Miguel não tivesse orquestrado o banho de sangue que aconteceu após a morte de Adéle. Mas saber que os guardiões o haviam procurado, mesmo tanto tempo depois, lhe deu um ânimo diferente, como se aquele evento pudesse diminuir todas as horas posteriores de solidão. Miguel compreendeu que a raiva que acumulara durante anos tinha origem num mal-entendido.

— Obrigado por ter me contado — agradeceu, percebendo que passara anos equivocado, pensando que Arturo havia ignorado o seu gesto de aproximação. Esforçou-se por voltar ao assunto que queria debater. — Quando perdi Adéle e o meu filho achei que ia enlouquecer. Foi tudo tão inesperado e desprovido de lógica que só recentemente comecei a aceitar. E hoje percebi que o tipo de evento que aconteceu comigo está se repetindo.

— Como? — perguntou Daniel, atento às palavras de Miguel. Era óbvio que ele jamaisalaria de Adéle se o assunto não fosse muito importante.

— Jean Luc perdeu a mulher e o filho. Ela não está morta, mas as probabilidades de sobrevivência são quase nulas. Acho que podemos dizer que ela foi assassinada, grávida, poucas semanas depois do casamento.

— Não compreendo a ligação — comentou Dib.

— Eu só tinha Adéle e o meu filho, e a morte dela atirou-me para um desespero... sem fim. O mesmo aconteceu com Jean Luc: depois da morte dos pais só lhe restava Sarah e o filho. Quando vi a sua fotografia no jornal compreendi que ele estava se sentindo como eu, quando perdi Adéle. Percebi que ele estava a ponto de fazer algo terrível. E tive uma ideia, que no início parecia absurda, mas quanto mais penso nela, mais lógica se torna: acho que essas perdas brutais têm o objetivo de nos levar a cometer atos extremos e

violentos. Há um padrão: isolamento, redenção pelo amor, e perda brutal de quem se ama. Trata-se de um percurso, com base na dor, que leva à destruição.

Os eventos analisados sob aquele prisma apontavam realmente para a existência de um padrão. Mas isso também significava que Besson fora manipulado por forças similares às que agora manipulavam Jean Luc, tornando-o capaz de reconhecer as semelhanças entre ambos.

— Parece haver um padrão — reconheceu Daniel pensativo, unindo todos os pontos.

— Há outro exemplo que confirma este padrão: para Hitler também foi construído um caminho. É óbvio que ele já tinha uma predisposição natural para a crueldade, mas após a morte da mãe, ele ficou sozinho até se concentrar na política — disse Miguel, como se o seu pensamento fosse mais rápido do que a sua capacidade de verbalizá-lo.

— Ele tinha Eva Braun — lembrou Seth.

— Mas a sua verdadeira paixão foi a sobrinha, Geli Raubal, muito antes de Eva. Geli, supostamente grávida, matou-se aos vinte e três anos com a pistola de Hitler, embora haja suspeitas sobre a participação dele no suicídio, porque ela teria se apaixonado pelo motorista. Mas essa é, claramente, uma história mal contada — defendeu Miguel, antes de continuar. — Eva Braun, com quem Hitler se casou no final da guerra, também tentou suicidar-se várias vezes. Sem falar em outras amantes dele... — Miguel sintetizava as suas memórias com rapidez, perante a audiência atenta. — Hitler estava destinado a ficar só. E o que aconteceu com as suas amantes foi uma espécie de imperativo, para obrigá-lo a aceitar a sua missão de líder. É como a Elizabeth disse sobre a Profecia: os acontecimentos encaixam-se e têm uma energia própria que os torna inevitáveis — afirmou, lembrando-se da forma como se sentira compelido a agir depois da morte de Adéle.

— Hitler podia ter sido o Anunciado e alguns de nós até acharam que a profecia se cumpriu — disse Dib, antes de verbalizar o que todos pensavam: — De acordo com a lógica de Besson, tudo o que está acontecendo é para transformar Jean Luc no Anunciado.

— Os pais dele tinham o Cálice e foram assassinados ritualisticamente; a mulher foi atacada e o filho, morto; foram-lhe oferecidos dois objetos mágicos: o punhal e a Laranja — resumiu Daniel, antes de acrescentar, cuidadoso: — Sim, parece cada vez mais viável que Jean Luc esteja sendo preparado para se tornar o Anunciado, mas não creio que ele saiba disso.

— Isso quer dizer que Miguel também podia ter sido o Anunciado? — perguntou Dib, depois de avaliar as implicações daquele padrão.

Miguel o encarou, com os olhos translúcidos, parecendo tomar verdadeira consciência do seu destino, naquele momento: podia ter dominado o mundo, mas algo mais forte o impedira de dar aquele passo. Recordou de novo aqueles tempos de trevas:

— Depois de quase ter destruído Paris, percebi que o vazio deixado pela morte de Adèle não podia ser preenchido. Nada me bastava. Eu era insaciável.

Elizabeth podia sentir a tristeza na voz de Miguel: a descoberta de que ele quase fora pai e amara tanto uma única mulher tornava alguns de seus comportamentos mais perdoáveis. E sabendo que agora ela era o centro do afeto dele, se sentiu culpada: lamentou não poder amá-lo com a mesma intensidade, por o seu coração pertencer a Daniel. Naquele instante, Miguel lhe pareceu mais intenso e desejável, alguém capaz de qualquer sacrifício por amor.

— Lembra-se do que o fez parar, Besson? — perguntou Daniel, percebendo o quão perto haviam estado de uma batalha incerta, se Miguel tivesse se transformado no Anunciado.

— Não sei muito bem... Sonhei com Gabriel, mas nunca consegui lembrar o sonho. Só sei que acalmei, e dias depois decidi sair de Paris — confessou Miguel.

— Gabriel é o Arcanjo da Esperança, da Revelação. É o mensageiro das boas notícias. Ele traz sabedoria e oferece uma nova direção na vida — comentou Daniel, fazendo todos compreenderem o verdadeiro significado do sonho de Miguel: apesar das muitas escolhas erradas e das enormes transgressões, Besson continuava sob a proteção divina e, por isso, ele fora impedido de se transformar no Anunciado.

— Não podemos esperar que Gabriel apareça a Jean Luc. A agenda divina é complicada — disse Miguel recorrendo à sua velha ironia. Daniel e Dib não conseguiram evitar um sorriso, ao reconhecer o Miguel habitual, mas agora sabiam que ele era muito melhor do que aparentava, embora oscilasse sempre entre o bem e o mal. O certo é que parecia haver planos divinos reservados para ele.

— Temos que impedi-lo. Alguma ideia, Besson? — perguntou Daniel, sabendo que ele era o único que vivera uma situação similar.

— Neste momento Jean Luc não vai escutar ninguém. Não compreende

por que tudo aquilo aconteceu com ele. A sua indiferença com o mundo é total. Ele deseja apenas deixar de sentir dor e desespero. É nesse contexto que a violência oferece a adrenalina necessária para romper com essas emoções — avisou. — Pelo menos comigo foi assim.

— A sobrevivência de Sarah pode ser a chave para impedir que Jean Luc se transforme no Anunciado. De acordo com o percurso de que Besson falou, Jean Luc ainda está na fase das perdas preparatórias para a ascensão. Só a partir da morte de Sarah é que ele vai ser iniciado nos ritos que o transformarão no Anunciado — afirmou Daniel.

— Quem fará os ritos? — perguntou Alessia.

— A assassina das crianças e dos Messie. Ela é responsável pela ascensão do Anunciado, e é com ela que devemos nos preocupar — sintetizou Daniel. — Besson ajudou-nos a compreender a dinâmica da Profecia, mas temos que descobrir a identidade da assassina — reiterou, fazendo uma pausa, pensando na melhor forma de abordar o tema seguinte. — Entretanto, preciso dividir com vocês uma informação, mas quero que me escutem com muita... tranquilidade.

Daniel percebeu que as suas palavras tiveram impacto imediato, gerando um sentimento de apreensão, o oposto do que ele queria. Todos sabiam que ele não pedia que ficassem tranquilos se não fosse comunicar algo dramático. Daniel continuou falando.

— Quando Elizabeth sofreu o acidente na África do Sul, eu fui resgatá-la às fronteiras da morte e tive que negociar uma troca: a minha vida pela dela.

A sala ficou tão silenciosa que se podia ouvir a respiração pausada e quase suspensa de cada um deles. A notícia não era surpresa para Dib e Miguel, e só Elizabeth não entendera o significado daquela revelação dita de chofre, sem qualquer preparação.

— Não compreendo — disse baixinho, quebrando o silêncio quase com medo.

Foi Dib quem explicou:

— Quando alguém já está nas fronteiras da morte não pode retornar, a não ser que haja uma troca. Para manter o equilíbrio entre a vida e a morte, se alguém voltar dessa fronteira terá que ser oferecida outra vida para substituir a que retornou. O Daniel trocou a vida dele pela sua, quando a resgatou. Era a única forma de mantê-la viva.

Ela sentiu um baque, como se tivesse sido atingida por uma daquelas pancadas violentas que adormece os sentidos e provoca o desmaio. Não

conseguia acreditar que Daniel ia morrer, mas era isso que ele estava dizendo. Instantes antes, ao escutar a história de Adéle, Miguel lhe parecia mais profundo, mas agora percebia que Daniel fizera o sacrifício máximo ao salvá-la. E compreendeu que ele cedera ao desejo e queria ficar com ela porque estava se despedindo. Olhou para ele: mantinha a tranquilidade habitual, em paz com a sua escolha. Mas ela estava arrasada, incapaz de entender ainda a extensão daquela revelação. Tentou manter a calma, receando trair-se e revelar o seu amor por ele, porém, a emoção foi mais forte e as lágrimas correram pelas faces. Queria fazer perguntas, mas não conseguia, porque além de não encontrar palavras também não sabia para onde fugira a voz.

Miguel observava-a com atenção, vendo-a chorar em silêncio: lembrou-se de vê-la, ainda criança, perseguindo Daniel como uma sombra, e percebeu que aquela antiga ligação estava mais forte que nunca, e Elizabeth tinha um profundo afeto por ele. Não imaginava que ela estava perdidamente apaixonada e disposta a qualquer coisa para salvá-lo, inclusive trocar a sua vida pela dele, devolvendo ao destino o seu propósito inicial.

— Precisamos encontrar uma solução — avisou Miguel, seguro de que todos sabiam que a morte de Daniel seria uma perda irreparável que ameaçava o equilíbrio entre o bem e o mal.

— Por que fez isso? — perguntou Elizabeth com um fio de voz, após recuperar as palavras.

— Era a única solução — respondeu Daniel, com simplicidade.

— Podemos trocar novamente. Você é muito mais importante para a Ordem... Para o mundo — argumentou Elizabeth. Daniel avaliou o que ela estava dizendo e anunciou, com firmeza, consciente de que a sua vida sem ela era muito difícil:

— Isso está fora de questão, Elizabeth.

— Por favor, me escute... — pediu ela, mas Daniel olhou-a com autoridade, mostrando que era o líder responsável por todas as decisões, e não desejava ser desafiado.

— Essa discussão está encerrada, Elizabeth. — Ela calou-se, não porque tivesse acatado a decisão dele, mas porque lhe faltavam forças para argumentar.

— O que aconteceu hoje, quando passou mal, já é um reflexo disso? — questionou Alessia.

— É um aviso para eu iniciar o desapego com o corpo e a matéria. Não sei quanto tempo tenho, mas não é muito — revelou Daniel.

— Estamos falando de um dia, um mês, um ano? Estamos falando de quanto tempo? — perguntou Elizabeth, desesperada perante o silêncio triste que dominava a sala.

— Não faço ideia — disse Daniel, sem qualquer demonstração de sofrimento ou mágoa.

— Eu preciso me empenhar mais... Há antigos ritos que permitam que viva — disse Miguel.

— Mas todos exigem um preço, Besson. Você sabe disso.

— Que preço? — perguntou Elizabeth.

— A troca de uma vida por outra. É sempre esse o preço: para Daniel viver, alguém tem que morrer no lugar dele — contou Dib, sem emoção. — Voluntária ou involuntariamente.

— Um sacrifício? — quis saber Elizabeth.

— Se for voluntário será um sacrifício altruísta, se não for, será um assassinato frio — explicou Miguel, sem meias palavras.

— Eu escolhi este destino. E quero que vocês o aceitem — interrompeu Daniel firme, levantando-se do sofá para dar alguns passos pela sala antes de se voltar para todos, que permaneciam sentados. — Infelizmente temos outros problemas além de deter o Anunciado, no pouco tempo que me resta. Preciso de um sucessor: Kent é o próximo na linha de sucessão e alguém precisa ocupar o lugar atual de Kent. A lei determina que seja Alessia. Pensem sobre isto, para voltarmos a falar ainda esta semana.

Ninguém disse nada. Ninguém queria falar ou discutir a sucessão, porque nem sequer haviam assimilado a ideia brutal da perda de Daniel, e estavam mais concentrados em buscar uma solução do que em aceitar a possibilidade de perdê-lo. Nenhum deles estava disposto a deixar Daniel partir, mas para Elizabeth a ideia de não tê-lo na sua vida era um fardo excessivamente doloroso. Sem ele nada tinha sentido.

Eram seis da manhã. Elizabeth passou a noite em claro, pensando numa forma de salvá-lo. Queria encontrar uma solução nos sonhos, mas o sono não chegou e a possibilidade de perder Daniel a consumia por inteiro. Foi para o escritório, vestindo um roupão de lã sobre o pijama e calçando grossas meias de lã. O frio de janeiro parecia ter-se esgueirado para dentro dela desde que ele anunciara a iminência da sua morte.

A lareira acesa aquecia a sala. Ela caminhou para o sofá posicionado em

frente ao fogo e quando ia se sentar viu-o, imóvel, olhando-a fixamente com os olhos tão brilhantes que pareciam de gelo. Ele vestia calças e blusa de algodão cinza e tinha os pés enfiados em confortáveis chinelos de tecido preto e macio. Ela sentou-se sem ruído, próximo dele.

— Abrace-me — pediu baixinho.

Ele ergueu o braço e ela encaixou-se, encostando a cabeça no ombro dele e pousando uma das mãos sobre o seu peito, em cima do coração. O calor dele contagiou o seu corpo, e o frio que ela sentia finalmente cedeu.

— Esteve chorando? — perguntou baixinho, com ternura, ao ver os olhos avermelhados de Elizabeth. Acariciou os seus cabelos curtos e ainda eriçados, no esforço de crescer.

— Sim.

— Não quero que chore. Tem que me deixar partir para que eu possa ir em paz. Aproveite bem a vida, esta vida que é a prova do meu amor por você — disse com naturalidade como se estivesse falando de uma viagem e não da morte.

— Não sou capaz — respondeu, sentindo as lágrimas voltarem aos olhos.

— Quero que se esforce para ser capaz. É de você que espero mais tranquilidade para me deixar partir — sussurrou junto ao ouvido dela. — Porque é você quem mais amo.

Elizabeth levantou o rosto e tocou a face áspera, ainda não barbeada, tentando gravar todos os detalhes das feições dele. A proximidade da morte tornara-o mais humano, muito menos contido, quase despreocupado com as rígidas exigências da Ordem. Agora ele revelava os seus sentimentos, mas aquele comportamento em vez de deixá-la feliz aumentava a sua angústia porque ela sabia que quanto mais ele se expunha, mais próximo se encontrava da morte. A calma dele já parecia possuir algo de etéreo: ele mostrava um desprendimento próprio de quem está se despedindo do mundo. Elizabeth se aproximou mais dele, beijou-o suavemente, e sentiu as lágrimas saltarem dos seus olhos fechados. Daniel segurou o rosto dela entre as mãos e sorveu algumas lágrimas com um beijo carinhoso.

— Não chore — pediu de novo em voz baixa. — Talvez tivesse que acontecer assim, para nos termos um ao outro.

— Não quero que se vá — murmurou, abraçando-o. Ele sentiu o corpo quente e convidativo junto ao seu e confessou baixinho como se estivesse assoprando um segredo:

— Estou planejando um dia inteiro para ficarmos juntos. Um dia e uma

noite...

— Queria que fosse já — disse, convidando-o: — Vamos para o meu quarto.

— Não. Não — respondeu firme, em voz baixa. — Quero tempo para ficarmos juntos sem sobressaltos, sem a possibilidade de sermos interrompidos. Quero ter muito tempo...

Ela tremeu com a promessa que as palavras dele encerravam e teve certeza de que valera a pena esperar tantos anos pelo amor, mesmo quando os amigos zombavam da sua decisão.

— Só quero ficar com você mais um pouco — insistiu, mas ambos sabiam que se ele a acompanhasse, cederiam ao desejo, e isso seria visível para todos, porque a energia de ambos iria se alterar. Ela puxou-o pela mão, mas ele resistiu, recorrendo a todo o seu autocontrole.

— Descanse um pouco — sugeriu, beijando-a suavemente nos lábios e dominando com dificuldade a vontade de conhecer as profundezas do corpo dela, mantendo-se fiel ao plano de amá-la quando não estivessem expostos nem pudessem ser interrompidos, num encontro que seria simultaneamente uma celebração e uma despedida da vida.

Ela olhou-o e soube que ele não a seguiria. Abraçou-o, antes de voltar para o seu quarto, para tentar descansar e aceitar aquela realidade que despedaçara a sua esperança no futuro.

Étienne pediu que Daniel passasse no seu escritório naquela manhã. Ele foi acompanhado de Dib e de Miguel. Tinha certeza de que Étienne queria falar sobre o que acontecera com Sarah e Jean Luc, como já vinha sendo noticiado na mídia. Miguel, perturbado, parecendo não ter descansado o suficiente, encontrou-se com eles na porta da polícia.

— O que aconteceu, Besson? Não dormiu? — perguntou Daniel, avaliando o rosto cansado.

— Não muito — reconheceu, entrando no prédio. E apesar de não explicar as razões, era óbvio que algo o estava corroendo e roubando o seu sono.

Étienne, Shaw e Bardas esperavam por eles no gabinete, analisando várias fotografias com ar circunspecto. Ao vê-los, pareceram dar sinais de alívio. Étienne contou o que acontecera, revelando os detalhes que a mídia ignorava. O estado de Sarah não tinha se alterado: os médicos estabilizaram-na após várias transfusões, mas ela continuava em coma, e não havia explicações para

o seu estado debilitado, porque não tinha hemorragia e o golpe não atingira órgãos vitais. Fizeram todos os exames possíveis para avaliar a possibilidade de se tratar de alguma bactéria ou vírus, mas não descobriram nada no organismo dela. Jean Luc estava destruído e só deixara o hospital para tomar banho e trocar de roupa, depois de muita insistência dos pais de Sarah que, entretanto, haviam chegado.

— Como se trata de um caso cheio de crenças e rituais porque há uma louca que acredita que isso lhe dá poder, quero saber o que acham. Se há mais alguma pista que nos tenha escapado... — disse Étienne.

— Jean Luc afirmou que o assassino estava com uma lança — comentou Daniel, com base nas informações dadas por Étienne. — Esse é o mesmo objeto que matou os seus pais.

— Sim, mas as crianças foram mortas com uma faca — lembrou Shaw.

— São rituais com objetivos distintos e, por isso, foram usados objetos diferentes. As crianças fazem parte de um ritual que permite ganho ou aumento de poder, para tornar a pessoa mais forte. A morte dos Messie e a tentativa de assassinar Sarah são um ritual de pacificação, isto é, são mortes destinadas a apaziguar as forças que foram evocadas — explicou Miguel de forma sintética, justificando as diferenças entre as mortes. E mesmo sem abordar os poderes da Lança do Destino, deixou os investigadores desconfortáveis, pela falta de domínio na área da magia, que consideravam puro delírio e fantasia do assassino.

— Deixe-me ver se entendi: essas forças que ajudam a assassina a se fortalecer têm que ser apaziguadas? Não lhes basta a morte das crianças?

— Não. As crianças são para a assassina se tornar poderosa com a ajuda de certas forças, e os Messie e Sarah são para satisfazer essas forças. Acalmá-las — elucidou Miguel, tentando fazer com que os investigadores compreendessem a complexidade e diferença entre os rituais.

— Todos os rituais de magia negra exigem um preço e o mais alto deles é a vida humana. Quanto mais coisas forem pedidas às forças negras, mais alto é o preço — contou Daniel.

— Então essa pessoa espera o quê? Dominar o mundo? — perguntou Bardas, com ironia.

— Sim, possivelmente — confirmou Dib, com naturalidade, surpreendendo Bardas.

— Mas na magia negra o final é imprevisível. As forças são insaciáveis: querem sempre mais e nunca estão satisfeitas com os sacrifícios. E o que

começa com um simples pedido acaba se transformando numa prisão para a vida toda da pessoa que fez os pedidos. Quem entra nesses rituais nunca mais sai, nunca mais consegue se livrar daquilo — declarou Daniel.

— Por isso, há dois tipos de rituais: para ganhar poder ela mata as crianças e se alimenta de parte do seu sangue, e para pacificar as forças que a ajudam ela usa a lança. — concluiu Miguel, esperando ter esclarecido o assunto.

— E sempre que ela achar que precisa se fortalecer ou apaziguar as forças, ela mata. E ingere o sangue das crianças — repetiu Shaw, com o estômago embrulhado.

— É parte do ritual — confirmou Daniel.

— Temos alguma pista sobre o outro lugar onde ela realiza os rituais? — quis saber Étienne.

— Ainda não — respondeu Daniel.

— Alguém voltou à gruta? — questionou Miguel.

— Não — Étienne respondeu. — Apesar de muitas das amostras estarem danificadas, as análises do sangue coletado já revelam o DNA de mais de uma centena de pessoas, ao longo de muitos anos. Trata-se de algo antigo...

— Pode ser um rito passado de uma geração para outra — sugeriu Dib, ignorando ainda a terrífica realidade que se escondia por trás das descobertas da gruta.

— Sarah foi a única sobrevivente até este momento, com certeza por a assassina ter sido interrompida por Jean Luc. Gostaríamos de vê-la. É possível? — perguntou Daniel.

— Sim, mas coloquei-a sob um esquema de segurança para evitar surpresas — justificou-se Étienne. — Vamos aguardar um pouco para ver se melhora.

— Perfeito — concordou Daniel, se despedindo.

22. O herdeiro

Um exército de ovelhas liderado por um leão derrotaria um exército de leões liderado por uma ovelha.

Provérbio árabe

A campanha tocou às onze da manhã. Kent atendeu e minutos depois entrou no escritório para avisar Alessia que Oliver Bassan a aguardava na sala. Ela ficou dividida entre a surpresa, a alegria e a irritação. O arrojo dele não tinha limites.

Oliver parecia ter acabado de sair de um desfile de moda: vestia um irrepreensível terno cinza escuro, camisa azul e uma gravata quase prata, com finíssimas riscas azuis. Estava de pé, com um casaco dobrado sobre o braço esquerdo. Ao vê-la entrar na sala pousou o casaco sobre a cadeira que estava ao seu lado, deu um passo em frente e abraçou-a pela cintura, com uma familiaridade inesperada. Beijou-a na face, próximo dos lábios. Cada dia parecia conquistar mais um pedaço do seu rosto, como se estivesse avançando por um território vasto e desconhecido com a determinação de um cruzado.

Ela se afastou sem dizer nada, criando uma distância que considerou segura, antes que ele resolvesse abraçá-la outra vez.

— Vim vê-la, já que parece difícil voltarmos a jantar.

— Eu disse que surgiu um imprevisto — justificou-se por ter cancelado o jantar.

— Mas eu vim avaliar pessoalmente se existe alguma probabilidade de

jantarmos hoje, sem que surja um novo imprevisto — informou, sem dispensar a atitude galante, embora um pouco fria. Ela sorriu: depois de quase beijá-la, Oliver mantinha uma desconcertante distância britânica. Ela gostava daquela oscilação entre a sensualidade e a educação perfeita. O comportamento dele era uma incógnita. Respondeu:

— Sim... Eu gostaria — confessou.

Ele atravessou a distância que os separava, aproximando-se tanto que ela podia sentir o seu hálito fresco de menta.

— Venho buscá-la às sete — informou, beijando-a de novo, e conquistando mais um milímetro, na sua lenta caminhada para os lábios dela. Ela ficou imóvel, sentindo os lábios dele bem perto dos seus, e resistindo ao impulso de virar o rosto para encontrar a boca ardente de Oliver. Tinha consciência que entrara num jogo perigoso: um jogo demasiado envolvente, que ameaçava as regras da sua conduta. Não o acompanhou à porta: manteve-se quieta, ouvindo os passos dele e a porta se fechando. O fato de ele ser um criminoso deixara de ser um obstáculo para se transformar em algo apelativo. Ele estava se tornando mais atraente e irresistível: o seu arrojo e aura mítica de assassino frio contribuíam para fazer dele um homem misterioso e imprevisível, fora dos padrões das pessoas normais com quem se cruzava fora do núcleo formado pelos guardiões.

Lucrezia estava dominada por um apetite voraz. Primeiro comeu este mundo e o outro, e depois teve náuseas, como se estivesse atravessando uma tempestade em alto-mar. Os seios, gradualmente mais doloridos e inchados, foram o alarme final. Lembrou-se da pergunta de Miguel sobre a possibilidade de estar grávida e decidiu ir ao laboratório fazer um teste para acabar com as dúvidas. Obviamente devia ser alguma coisa, mas era impossível que fosse uma gravidez, já que ela havia se tornado estéril.

A enfermeira tirou o sangue para o teste e ela esperou o resultado, pensando em Miguel. Além de estar ali por causa dele, o que realmente a incomodava era o que ele poderia saber sobre a participação dela nos assassinatos. Não podia permitir que alguém descobrisse a sua identidade ou ameaçasse os planos, mas se esse alguém fosse Miguel, estava disposta a tentar encontrar uma solução em que não tivesse que matá-lo.

Lucrezia analisou o resultado do teste por alguns segundos, antes de perguntar:

- Qual a possibilidade disto estar errado?
- Nenhuma, senhora — respondeu a atendente, segura.
- Quero repetir — informou, antes de refazer todos os procedimentos.

Quando viu o segundo resultado percebeu que não havia engano, e aquilo lhe pareceu uma peça do destino: estava grávida de Miguel Besson. Ia ter um herdeiro. A notícia, por muito surpreendente que fosse, impactava algumas das suas decisões e exigia uma análise cuidadosa. A sua paixão por Miguel e a resistência em feri-lo adquiriam sustentação com aquela gravidez. Após a surpresa inicial, começou a ver mais vantagens do que desvantagens em estar grávida dele. Aquele fato mudaria a dinâmica da relação: tinha certeza de que ele não era capaz de abandonar o filho e, também, não a abandonaria durante a gravidez.

A notícia abria possibilidades que podiam inverter as prioridades de Lucrezia. Mas antes, precisava descobrir o paradeiro da Laranja Dourada para recuperá-la: era um objeto raríssimo, com mais de dois mil anos, que lhe permitia ver e controlar qualquer um. Já que Jean Luc o havia doado, Lucrezia pretendia usá-lo em Miguel e, nesse caso, não necessitaria destruí-lo independente do que ele soubesse, porque passaria a controlá-lo.

No devido tempo, após a morte de Sarah, voltaria a se concentrar em Jean Luc, para transformá-lo no Anunciado. E ela tinha certeza de que Sarah morreria, porque ninguém sobrevivera a um golpe da Lança do Destino.

Ele a esperava em frente ao prédio, e assim que a viu surgir na portaria, saiu do carro para abrir a porta, como um cavalheiro cheio de charme e cuidados. Ela hesitou, sem saber se o cumprimentava ou não, recordando a lenta conquista que ele fazia em direção aos seus lábios. Mas ele não ia perder aquela oportunidade: fazia parte do seu treinamento aproveitar as oportunidades quando se deparava com elas. Inclinou-se, no instante em que os cabelos dela roçaram o seu rosto, e beijou-a distante da boca, como se tivesse desistido de todo aquele território conquistado a pulso, milímetro a milímetro. Ela aceitou o beijo passivamente e entrou no carro, desapontada com o recuo dele.

Durante o jantar, Oliver falou dos pais e da irmã perdida, como se contasse uma história antiga, de outra pessoa, sem emoções desnecessárias nem exageros, bem ao estilo inglês em que a contenção moderava os sentimentos. Ela gostou da forma como ele ia se mostrando, sem pressas, equilibrando o

que dizia e o que perguntava.

Ela contou o possível sobre a sua história recente: falou da presença de Elizabeth na sua vida, da morte prematura de Arturo e dos lugares onde vivera. As horas voaram, sem que percebessem como o tempo passara tão rápido. Ele perguntou quando entraram no carro, estacionado a poucos metros do restaurante:

— Posso vê-la amanhã?

— Não podemos continuar com isto — respondeu Alessia.

— O que quer dizer “com isto”?

— Jantar juntos...

— É apenas a segunda vez que jantamos — respondeu Oliver, com tranquilidade.

— Este clima de... flerte — explicou de modo mais esclarecedor.

— Por que não? — riu suavemente, com o seu jeito habitual.

— Eu não posso me envolver com você. Não posso, Oliver — afirmou de novo.

— Mas se pudesse. Hipoteticamente falando. Se pudesse, se envolveria comigo? — ela sentiu o perigo espreitando na voz dele, e em especial na sua resposta, como uma daquelas armadilhas que os antigos caçadores deixavam escondidas no chão e só eram vistas quando era tarde demais. Manteve-se em silêncio pensando naquela possibilidade tão desejável.

— Alessia — chamou-a, pousando a mão sobre o seu braço, formando uma pulseira suave. Ela tremeu e ele não soube se era de frio ou do toque da sua mão. Soltou-a para ligar a chave e o ar-condicionado. Mas insistiu: — Alessia, se pudesse se envolveria comigo?

Ela sacudiu a cabeça, mas ele não estava satisfeito. Queria mais.

— Quero ouvi-la — pediu com a voz mais baixa, aumentando o clima de intimidade. Ela sentiu o corpo mais quente, sem conseguir definir se era provocado pelo ar aquecido ou pelas estranhas sensações que ele estava despertando.

— Sim.

— Sim o quê, Alessia? — questionou sibilando os esses do nome dela.

— Sim, me envolveria — respondeu olhando para ele, tentando estudar a sua reação na obscuridade do carro. Ele sorriu, curvando a boca com prazer.

— Para mim é suficiente saber isso.

— Como pode ser suficiente?

— A paciência é uma das minhas virtudes. Talvez a única que cultivei bem

— explicou.

— Não posso lhe dar mais do que o que temos agora — lembrou Alessia, esquecida do passado dele, de assassino de aluguel.

— Eu espero — respondeu com uma confiança desafiadora, deslizando o carro para levá-la para casa. Acompanhou-a à porta do prédio e recomeçou a lenta conquista, beijando-a na esquina da boca, exatamente no lugar onde nasce o sorriso e os lábios se erguem. O perfume dele lhe provocou uma tontura leve, como se a paisagem tivesse se inclinado subitamente. Ele manteve a boca, por segundos, sobre o início dos lábios dela, antes de dizer:

— Não me respondeu... Posso vê-la amanhã?

Ela não se moveu. Queria que aquele momento durasse.

— Alessia?

— Acho que não. Vamos deixar acalmar um pouco essa questão dos assassinatos. — propôs.

— Eu espero — disse ele novamente, se afastando para deixá-la ir. Ficou a vê-la desaparecer pela porta, seguro de que ela estava tentando fugir das emoções que sentia por ele.

Geneviève Gillot estava no seu gabinete, com a porta aberta. Era o horário do almoço e estava sozinha na ONG. O silêncio era total, nas salas distribuídas em três andares. O térreo tinha uma ampla área social com um espaçoso hall, um moderno anfiteatro para cem pessoas, sala de reunião para vinte pessoas, cozinha bem equipada, seis lavabos e um jardim interno com cadeiras e mesas para eventos especiais. No segundo andar havia uma biblioteca com milhares de volumes, sala de informática e três grandes salas, onde algumas doações eram guardadas temporariamente antes de serem encaminhadas para os dois armazéns de recolhimento noutros pontos pela cidade. O terceiro andar era uma área interna, com quatro lavabos e onze gabinetes distribuídos a partir de um corredor, que funcionava como uma espinha dorsal da arquitetura daquele espaço. No final do corredor situava-se o gabinete de Geneviève, onde estavam os dois cofres com os objetos e documentos mais importantes.

Geneviève olhou pela porta entreaberta do cofre, de onde retirara os documentos que estava lendo, e viu a caixa quadrada e negra que Jean Luc Messie havia doado. Num impulso, retirou-a do cofre e abriu a tampa. Afastou o papel de seda e fixou o olhar na laranja luzidia. Tirou-a da caixa e

levantou-a em direção à janela: a metade iluminada pela luz natural que atravessava as vidraças adquiria um brilho mais intenso, capaz de hipnotizar quem a olhasse. Geneviève se aproximou da janela, com a laranja na mão, para vê-la melhor. Quanto mais olhava mais brilhante ela parecia ficar. Estava tão fascinada, admirando o misterioso artefato, que não percebeu que havia passado uma hora, nem viu a sombra que se esgueirou silenciosamente pela porta do seu gabinete. Quando sentiu o metal frio entrar no peito, com precisão cirúrgica, era tarde demais. Não sentiu dor, apenas um atordoamento lento. A cabeça parecia girar, como se ela estivesse rodopiando, e tudo ficou desfocado. Não queria soltar a laranja, mas o seu corpo dobrou, batendo no chão com um ruído seco, e o objeto rolou até junto dos pés da mulher que a observava friamente. Geneviève olhou para cima, e viu a sua atacante: era uma mulher vestida de preto, com calças justas, enfiadas nas botas rasteiras de cano alto, casaco longo, até o meio da canela, boné cobrindo parcialmente as feições e luvas protegendo as mãos. Ela estava guardando uma lança numa proteção de veludo negra. Geneviève achou que a mulher lembrava um daqueles soldados negros, do regime nazista, que vira apenas em fotografias da Segunda Guerra. Queria compreender o que estava acontecendo, mas não conseguia: os seus pensamentos estavam enevoados. Não sentiu medo, nem ansiedade, apenas uma paz gradual que foi se apoderando dela enquanto o corpo amolecia.

Lucrezia viu a alma se desprendendo do corpo de Geneviève. Cerrou os maxilares com irritação ao ver a alma se elevando apesar de ela ter usado o Destruidor de Almas para dominá-la e a Lança para drenar o sangue. Porém Geneviève dedicara generosamente a vida aos outros e Lucrezia não conseguiu aprisionar a sua alma abnegada.

Lucrezia observou a alma se transformando num ponto brilhante antes de desaparecer e pensou que os acontecimentos estavam fugindo do seu controle: Jean Luc não se rendera aos encantos do Destruidor de Almas, Sarah não morrera, a gruta fora descoberta, acabara de perder Geneviève e, como se nada disso bastasse, apaixonara-se e estava grávida do enigmático Miguel Besson, que pertencia ao grupo de policiais que a estavam perseguindo.

Deixou escapar um suspiro de irritação e baixou-se para recuperar a laranja e devolvê-la à caixa negra. Olhou uma última vez para Geneviève caída no chão, debaixo da janela, com as mãos ao longo do corpo e uma serenidade teimosa no rosto. Não a posicionou como fazia sempre: não tinha sentido

posicioná-la ritualmente se aquela alma não lhe pertencia. Ao sair da sala o seu olhar captou, de relance, uma fotografia na estante: voltou atrás e pegou a moldura prateada com a mão enluvada. Geneviève estava com um grupo de pessoas e, ao seu lado, estava Miguel Besson. Nunca vira uma fotografia dele e agora encontrara uma justamente na sala de Geneviève, onde estava a Laranja Dourada. Confirmou o seu pressentimento de que Miguel vira a laranja. Ele estava envolvido em vários aspectos da sua vida: era seu amante, pai do seu filho, estivera na gruta com a polícia e estava ligado à mulher que tinha o Destruidor de Almas. Eram coincidências demais para que pudesse ignorar.

— De Payens, preciso falar com você — Miguel entrou no escritório e ocupou a cadeira ao lado dele, em volta da pequena mesa redonda de madeira sólida, onde Daniel fazia algumas anotações. Dib estava no sofá, não muito distante. Transformara-se na sombra de Daniel, além de fiel confidente do seu amor por Elizabeth.

Daniel ergueu os olhos do caderno para observá-lo. Não gostava daquelas palavras. Ninguém diz que precisa falar com outra pessoa sem que aquilo seja um passo preparatório para anunciar algo grave ou desagradável.

— Não sei se quero ouvir, Besson — respondeu, ligeiramente jocoso.

— Tenho certeza de que não quer, mas peço que me escute — disse, imprimindo um tom sério à conversa. — Há uma forma de adiar a sua morte. O Punhal das Almas permite absorver uma alma e prolongar a sua vida até descobrirmos uma solução definitiva.

— Todas as soluções implicam na perda de uma vida para manter o equilíbrio. Inclusive o punhal: para prolongar a minha vida alguém tem que morrer. Não quero isso.

— De Payens, a sua teimosia é irritante. Você vai morrer por um princípio estúpido.

— É um princípio no qual acredito, Besson. Não quero tomar a vida de ninguém.

— A sua vida vale mais do que a vida de qualquer outra pessoa... — defendeu Miguel.

Dib assistia à conversa passivamente, mas ao ouvir a última frase de Miguel, concordou:

— Besson tem razão.

— Todas as vidas são igualmente importantes — discordou dos dois.

Miguel estava frustrado, sem conseguir convencer Daniel, e assentou um murro na mesa, com o punho fechado. Após um segundo, a mesa cedeu, abrindo uma rachadura que a dividiu ao meio. Parecia uma daquelas aberturas no chão provocadas por um tremor de terra, uma fúria vinda das profundezas, como a ira de Miguel. Daniel e Dib entreolharam-se. A ira de Miguel não abrandara, mas ele parecia surpreso por ter quebrado a mesa. Achou que a pancada não tinha sido forte o suficiente para fazer um estrago daqueles, mas enganara-se.

— Era do século XIV — informou Daniel, segurando o caderno e levantando-se para afastar as quatro cadeiras que estavam em volta, antes que a mesa cedesse de vez. Sentou-se ao lado de Dib. Miguel seguiu-o, usando uma poltrona próxima. A mesa desabou com estrondo.

— Desculpe — disse Miguel entredentes, justificando-se: — Ando com pouca paciência.

— Mas isso não tem a ver comigo — afirmou Daniel, lembrando que ele não andava dormindo bem e já havia dado sinais de cansaço e irritação.

— Não — reconheceu, fazendo uma pausa enquanto pensava no verdadeiro motivo da sua perturbação. Desde que percebera a existência de um padrão entre ele e Jean Luc, dedicara-se a analisar as estranhas coincidências da sua vida. — Ao longo dos anos, tenho estado associado ou próximo de eventos terríveis. Isso quer dizer que, neste momento, existe a possibilidade de eu estar próximo do responsável por tudo isto — explicou, reconhecendo que aquele era um traço inevitável do seu destino.

Daniel e Dib continuaram olhando para ele, respeitando os seus silêncios e o ritmo da sua narrativa. Era visível que Miguel desenvolvera uma teoria que o ligava à assassina das crianças. Durante as últimas vinte e quatro horas, lutara com uma ideia terrível, que pusera as suas emoções em ebulição. Mas aos poucos a ideia consolidou-se e ganhou credibilidade, exatamente como acontecera com a sua teoria sobre a existência de um padrão.

— Estive pensando e talvez... eu conheça a responsável por tudo isto. Esta noite saberei se estou correto, quando me encontrar com ela — confessou, após uma breve hesitação.

— Não é um plano inteligente — rejeitou Dib.

— Acredite: é o melhor dos planos — anunciou Miguel.

— Só se estiver envolvido com ela... — deduziu Daniel devagar, perscrutando-o.

— Estou.

Ficaram em silêncio por algum tempo: Daniel e Dib digerindo a informação, e Miguel pensando que não havia alternativa senão enfiar-se na boca do lobo.

— E Elizabeth? — perguntou Daniel, querendo entender como Miguel se envolvera com outra pessoa. — O que você sente por Elizabeth?

— Elizabeth é uma categoria à parte. Houve Adèle e há Elizabeth. As outras mulheres são apenas momentos de prazer, de descompressão — informou, com um acento cínico, que Daniel ignorou por saber que era uma forma de Miguel lidar com certas situações.

— Esteve com ela depois da gruta ter sido descoberta? — perguntou Dib.

— Não.

— Ela deve saber da sua colaboração com a polícia. É quase certo que nos viu — disse Dib.

— Já pensei nessa possibilidade. Depois do episódio da gruta, ela convidou-me para ir à sua casa. Na altura nem sequer tinha pensado sobre a hipótese do envolvimento dela, mas rejeitei o convite. Acho que os meus instintos me alertaram, mesmo antes de eu racionalizar.

Daniel baixou a cabeça, pensativo, avaliando o assunto.

— As suas suspeitas se baseiam apenas na sua proximidade de eventos ruins? — perguntou.

— Não. Desde o início ela me incomoda, embora nunca tenha visto nada de concreto. Talvez num momento ou outro... — hesitou, revendo mentalmente o que o incomodara. — eu tivesse a impressão de que havia uma escuridão em seus olhos. Mas era tão rápido que fiquei sempre na dúvida se não teria sido algum truque da minha imaginação.

— Por que se envolveu com ela? — inquiriu Daniel.

— É a melhor amante que tive — confessou, sabendo que eles não o julgariam.

— Mas não sabia disso antes de se envolver com ela — insistiu Daniel.

— Ela tem uma beleza exótica, que me atraiu. Algo... animal.

— Isso foi suficiente? — perguntou Daniel.

— No momento em que a conheci eu estava precisando de... — procurou a palavra correta. — um escape. Ela surgiu na hora certa, no lugar certo.

— Mas enquanto não soubermos quem ela é realmente, você corre perigo — avisou Daniel. — Não acho que deva se encontrar com ela.

— Neste momento, sou o melhor posicionado para descobrir a verdade —

defendeu Miguel. — Vou vê-la no hotel, onde nos conhecem. Acha mesmo que ela faria algo contra mim lá?

— Depende! Não sabemos quem ela é. Sabemos apenas que não é totalmente humana — lembrou Daniel, olhando-o com atenção. — Por isso os técnicos do laboratório acharam que as amostras do sangue dela estavam contaminadas, antes de se deteriorarem sem que ninguém soubesse como.

— Acha que ela pode ser como nós? — perguntou Miguel, após um breve silêncio, se questionando como aquilo era possível. — Eu teria sabido.

— Não como nós. Mas algo próximo de nós — retificou Daniel, que se debruçara sobre o assunto. — E tantas mortes devem ter-lhe dado um poder descomunal. Além disso, ela já tem o Cálice e não sabemos que rituais pode ter realizado.

— Também tem a Lança do Destino. E se ela o ferir com a Lança... — avisou Dib. — Viu o que aconteceu com Sarah?

— Eu sei. Apesar de ser quem sou, um ferimento da Lança terá um desfecho incerto. Mas temos que descobrir a identidade dela — reforçou Miguel, quando foi interrompido por um telefonema informando-o sobre a morte de Geneviève Gillot. A notícia foi um choque. Levou alguns minutos para assimilar a informação, antes de pedir que Dib e Daniel o acompanhassem à Irmandade da Fênix.

Havia policiais por todo o lado, e quando Étienne os viu surgir no hall de entrada, perguntou, confuso:

— Alguém da polícia avisou vocês?

— Não. Sou Presidente desta ONG e Georges ligou-me — afirmou Miguel, apontando para uma das seis pessoas que formavam um grupo discreto num dos cantos do hall.

Étienne observou Miguel, sem responder, com o pensamento ocupado em entender como aquela morte se encaixava no amplo cenário dos assassinatos.

Quando um dos seus investigadores lhe telefonou, uma hora antes, avisando que a morte de uma mulher chamada Geneviève Gillot tinha certas semelhanças com o caso dos Messie, Étienne arrepiou-se e decidiu ir ao local do crime investigar pessoalmente. Ainda tinha esperança que fosse um novo caso, sem nenhuma ligação com os Messie e os Anjos Caídos.

— A perícia está colhendo evidências. Subimos quando terminarem — informou Étienne.

Miguel acenou com a cabeça, se dirigindo ao pequeno grupo de funcionários. Eles se esforçavam por aparentar serenidade, mas os seus gestos denotavam nervosismo e muita tristeza. George assumira a liderança. Tinha sido o braço direito de Geneviève e apesar de parecer o mais tranquilo, na realidade era o mais perturbado. Tinha cinquenta anos e mantinha uma discreta relação amorosa com Geneviève havia uma década.

Foi Clarice, a secretária, quem encontrou Geneviève ao voltar do almoço, quando levou a salada que ela pedira. Assim que viu Geneviève no chão, começou a gritar por Georges. Ele entrou no gabinete e percebeu que algo terrível acontecera: aproximou-se e tentou sentir o pulso, mas ela já estava morta.

A polícia começou a gravar os depoimentos na sala de reunião, e ninguém fazia ideia sobre os motivos para assassinar Geneviève, uma pessoa generosa, dedicada a ajudar os outros. Especularam que talvez fosse roubo, porque parecia ser a hipótese mais plausível.

Quando os peritos liberaram o local do crime, Étienne subiu, acompanhado de Miguel, Dib e Daniel, para verem Geneviève antes que o seu corpo fosse levado.

O gabinete não apresentava vestígios de desordem ou violência. Geneviève estava deitada no chão, como se dormisse: um pouco de lado com os braços abandonados e a ferida vermelha ligeiramente exposta na parte lateral do corpo que ficara voltada para cima. Miguel ajoelhou-se ao lado dela e observou:

— Estava serena. Não sofreu.

— Nem resistiu. Não há sinais de luta. Foi muito rápido — reforçou Daniel.

— A posição não tem nada a ver com os outros casos — comentou Étienne, baixando-se para analisar o ferimento. — Mas o legista tem razão: o ferimento é igual ao dos Messie.

Étienne levantou o braço da vítima, que ocultava parcialmente a ferida, antes de afirmar:

— Também não há sangue, exceto estas gotas, similares às que foram encontradas junto dos Messie e de Sarah. Mas esta nova posição pode significar que os rituais acabaram? — perguntou Étienne, olhando para Daniel, que estava ajoelhado ao seu lado.

— Não creio — respondeu Daniel. — A ausência de pose do corpo talvez indique que a assassina foi interrompida ou não conseguiu o que pretendia

com a morte de Geneviève.

— A morte dela pode estar associada ao roubo de algum objeto, como aconteceu com os Messie e Sarah, independente dos rituais... — afirmou Étienne, lembrando que o assassino levava o medalhão de Sarah. — Sabe se falta alguma coisa, Besson?

Miguel aproximou-se do cofre aberto e ao confirmar a ausência da caixa com a Laranja Dourada trocou um olhar de cumplicidade com Daniel. Depois passeou os olhos pela sala e abriu as gavetas da mesa de Geneviève.

— Não lembro se falta algo. É melhor Georges avaliar para ver se está tudo aqui. — mentiu Miguel, falando com a sua segurança habitual.

— Se não roubaram nada por que a mataram? — perguntou Étienne, como se falasse sozinho.

— Não sei... — respondeu Daniel, pensando que seria bom arranjar uma explicação, ainda que simplista, para a morte de Geneviève, já que, embora tivesse sido perpetrada pela mesma assassina, não se coadunava com o esquema ritualístico habitual. Apesar de não saberem ainda por que Geneviève não estava posicionada como as outras vítimas, não podiam explicar a Étienne que ela fora assassinada por causa de uma laranja de ouro, um objeto mágico capaz de permitir a manipulação da alma, e que havia sido oferecido originalmente a Jean Luc. Tratava-se de uma quantidade absurda de informação, que estava associada ao papel de Jean Luc na profecia Tibetana, e só iria complicar ainda mais o caso com questões sobrenaturais.

— Geneviève gostava muito desta fotografia — comentou Miguel se aproximando da estante onde estava uma moldura com a fotografia de Geneviève, Besson e um grupo de voluntários. A moldura deitada era o único elemento dissonante na estante arrumada. Miguel se reviu e reparou que Geneviève parecia mais jovem do que ele na fotografia e agora, ali deitada, estava mais velha.

— Você não envelheceu nada — comentou Étienne, espantado. Miguel apertou os lábios pensando no seu descuido, por ter permitido que a fotografia ficasse ali, e pensando, também, que havia ultrapassado o tempo de participar pessoalmente na ONG.

— Os anos foram bons para mim — respondeu. Ao lado direito de Geneviève, Miguel viu a razão do apreço dela pela fotografia: Georges, na semana em que eles se conheceram e apaixonaram. Mas agora que ela se fora, Miguel tinha que dar um jeito de sumir com a fotografia, antes que se transformasse num problema.

— Se ela gostava tanto da fotografia, como diz, por que é que estava virada para baixo? — questionou Étienne.

— Pode não significar nada — respondeu Miguel, arrependido por ter chamado a atenção para aquele detalhe.

— Quem são? — perguntou Étienne, apontando para as pessoas da foto.

Miguel disse os nomes. Tinha quase certeza de que a assassina tinha visto a fotografia e deitara a moldura na estante, talvez num gesto de provocação. Se fosse mesmo Lucrezia Zani, como ele supunha, então ela já sabia da sua ligação com Geneviève, e já percebera que ele se mantinha jovem. E Miguel não sabia o que ela podia deduzir sobre a sua juventude.

— Precisamos encontrar esta assassina — suspirou Étienne, desesperado com o acúmulo de casos por solucionar. — Vamos visitar a Sarah amanhã, às nove, no hospital? — perguntou, despedindo-se com o rosto marcado por uma expressão de preocupação crescente.

— Sim — concordou Daniel, que estava esperando que Étienne autorizasse aquela visita.

Quando os três voltaram ao apartamento encontraram Seth, Uchoa, Elizabeth, Kent e Alessia na sala, em frente à televisão, acompanhando a notícia sobre a morte de Geneviève Gillot, seguida de uma breve entrevista com Étienne Bergès.

— É uma mulher morena, de cabelo negro, comprido. Muito bonita — a frase de Elizabeth teve um efeito paralisante, fazendo todos se aquietarem.

— É ela — confirmou Miguel em voz baixa, para Daniel. — Lucrezia Zani.

— É a mesma mulher que fará o Anunciado ascender. Alimenta-se de morte e de sexo. — Elizabeth falava como se de repente tudo o que silenciara por semanas saísse de supetão.

— Como sabe? — perguntou Daniel, espantado com todas aquelas informações abruptas.

— A minha mãe me ajudou a ver — explicou, antes de acrescentar: — Os seus olhos são negros e profundos.

— Que mais? — perguntou Daniel, consciente de que se Angelina se revelara de forma tão clara, era porque estavam perante uma situação extrema. Algo tremendo.

— Ela matou Geneviève para levar a laranja, mas não conseguiu ficar com

a sua alma — informou Elizabeth.

— Está explicado por que ela não posicionou o corpo de Geneviève como os outros, cruzando as mãos sobre o peito — disse Dib, entendendo finalmente o simbolismo das poses. — A alma não lhe pertence.

— Isso quer dizer que ela está com todas as almas das crianças? — perguntou Alessia.

— Sim. E de todos os que ela matou — enfatizou Miguel. — Devem estar presos em algum lugar terrível, cheio de sofrimento, porque o sofrimento gera muita energia.

— Temos que descobrir onde estão essas almas para libertá-las — declarou Daniel.

— Isso é quase impossível — respondeu Miguel.

— Não para nós — concluiu Daniel, seguro.

— Ela tem algo seu — disse Elizabeth, olhando diretamente para Miguel.

— Como algo meu? — perguntou Miguel, espantado. — Um objeto?

— Não é um objeto. É algo seu, que será maior que tudo — disse Elizabeth, antes de avisá-lo: — Ela ainda não sabe quem você é, mas saberá.

— Como é que vai descobrir? — quis saber Miguel.

— Com a laranja — explicou Elizabeth, falando devagar, e Daniel reconheceu algumas nuances, muito leves, do estilo brando de Angelina, misturadas à personalidade de Elizabeth. — Precisa se proteger porque se ela controlar a sua alma, você pode se transformar em um aliado para a ascensão do Anunciado, ou no próprio Anunciado, e o mundo estará perdido.

— Há forma de resistir ao poder do Destruidor de Almas? — quis saber Miguel.

— O amor é a única proteção contra o Destruidor de Almas. Mas é difícil resistir a um Destruidor de Almas tão antigo como este. O seu poder é enorme. Porém, você não é inteiramente humano. Terá que usar os seus dons divinos para resistir e vai precisar da ajuda de Daniel e Dib. — Elizabeth explicou o que devia ser feito para que Miguel resistisse ao Destruidor de Almas.

— Mas se eu resistir, ela também vai saber que sou diferente — argumentou Miguel.

— Sim, mas não conseguirá descobrir o que você é. Ela não pode saber qual é a sua essência. Você é valioso demais — enfatizou Elizabeth. — Um guardião é o ser supremo entre os homens, e é o único que se iguala aos Anjos Negros.

Eles ficaram em silêncio, entreolhando-se, impactados pelas palavras de Elizabeth, enquanto eram assaltados por memórias terríveis dos Anjos Negros com que haviam cruzado. Sabiam que eles só se revelavam quando estavam seguros da sua vitória, seguros do seu incomparável poder e da sua magnífica força. Eram seres imortais que aniquilavam multidões em suas batalhas. Eram seres das trevas, sem resquícios de luz ou de qualquer sentimento bondoso. Neles tudo era terrivelmente frio e escuro, apesar de sua beleza magnífica.

Miguel começou a entender como tudo fazia sentido: por que sempre tivera reservas em relação a Lucrezia e não descobrira a sua identidade, as razões da esterilidade dela, o fato de ser a sua melhor amante, os motivos para aquela matança sem fim e o plano para tornar o mundo sombrio e destruir a bondade e a esperança dos homens.

— Tem certeza, Elizabeth? — insistiu Daniel, olhando-a fixamente.

— Ela é um Anjo Negro, Daniel — repetiu, ciente de que aquele fato era difícil de aceitar por suas implicações para os guardiões. — Um Anjo Negro capaz de destruir a todos nós.

— Sabe quem é?

— Ainda não — respondeu Elizabeth, com uma entoação similar à da sua mãe. — Miguel deve se preparar para encontrá-la.

Miguel anuiu a cabeça e avisou para Dib e Daniel:

— Não quero que venham comigo. Mudei de ideia: é perigoso demais.

— Se não fizerem o que eu disse, Miguel estará perdido. E nós também — avisou Elizabeth.

— Seguiremos as instruções de Elizabeth, Besson. Você fará com a laranja o que combinamos, e nós manteremos a energia estável à sua volta — disse Daniel com autoridade, sem deixar espaço para discussões. Miguel concordou, relutante. Assim que deixaram o apartamento, explicou os motivos da sua relutância:

— Eu preciso ficar sozinho com ela. Há coisas que não estou disposto a partilhar.

Daniel sorriu antes de responder com tranquilidade, sabendo muito bem o que Miguel estava tentando dizer discretamente:

— Não se preocupe, Besson. Também temos corpos humanos. Vamos criar um vínculo energético e sentiremos as flutuações da sua energia. Isso é necessário porque se, em algum momento, você baixar a defesa, ela pode descobrir a sua identidade.

— Eu sei. Vamos ao meu apartamento — convidou-os pela primeira vez.
— Preciso tomar um banho e criaremos o nosso vínculo lá.

23. Fogo e gelo

Mas por muito intensamente que ardessem, o calor não chegava para derreter o gelo que, embora de singular transparência, era duro como o aço.

Virginia Woolf (1882-1941)

Miguel Besson foi ao encontro de Lucrezia, consciente de que poderia perder a vida.

Abriu a porta da suíte, despiu o longo casaco de inverno e pousou-o na cadeira. Viu-a deitada na cama, com o vestido justo revelando o corpo extraordinário. Estava belíssima, com os cabelos negros e lisos caindo sobre a cama, contrastando com os lençóis imaculadamente brancos. A boca vermelha e apetecível parecia pronta para beijar. Mas o olhar negro lembrava o olhar frio de uma naja, contrastando, de forma insólita, com o desejo violento que ela suscitava. Ela resumia o paradoxo do gelo e do fogo: o gelo da alma e o fogo do corpo.

Naquele momento, Miguel não sentiu qualquer tipo de emoção: nem desejo nem medo. Nada. Aproximou-se da cama, com passos lentos, aparentando indiferença. Ela não se importou com a indiferença dele, sabia que assim que o beijassem o seduziria.

Miguel tornara-se o seu amante preferido. A sua beleza animal, associada ao desapego com que tratava quase tudo, exerciam uma atração irresistível sobre ela.

Ele sentou-se na beira da cama, próximo das pernas dela, apreciando cada detalhe perfeito da beleza escultural, sem esboçar gesto algum para se

aproximar mais. Ela tentou seduzi-lo, erguendo o corpo para ficar com a boca convidativa ao mesmo nível da dele, mas Miguel continuou quieto, ignorando o convite para beijá-la. Ela não conhecia ninguém como Miguel, capaz de resistir aos seus encantos, embora soubesse que, na realidade, ninguém lhe resistia. A imobilidade dele tornava o jogo de sedução mais interessante, mas ela decidiu que chegara o momento de mudar as regras. Anunciou de rompante:

— Estou grávida.

A frase entrou dentro dele como uma espada. Tentou controlar a emoção causada pela notícia, mas era difícil evitar que os seus pensamentos se voltassem para Adèle e Elizabeth, os amores da sua vida. Baixou o olhar rapidamente e fixou-o nas mãos, observando-as devagar para impedir que Lucrezia percebesse o turbilhão de emoções que o assaltara. Apoiou-se mentalmente no fluxo energético de Daniel e Dib, que estavam no estacionamento, aguardando no carro, em perfeita sintonia com ele. Quando voltou a olhar para ela, percebeu a forma fria e atenta como ela o observava, tentando descortinar os seus pensamentos.

— Disse que não podia ficar grávida. Tem certeza? — perguntou sereno.

— Sim. E não sei como aconteceu — ela pareceu honesta, mas era difícil ter certeza sobre o que ela dizia enquanto não descobrisse a sua verdadeira identidade.

— Fez os testes? — insistiu, vendo-a sensualmente jogada sobre a cama. Sentiu o seu corpo despertar perante aquela visão de luxúria.

— Fiz. Duas vezes — confirmou, antes de perguntar: — Devemos ser especiais, não acha?

— O que quer dizer? — perguntou, com o cuidado com que manusearia uma víbora letal.

— Sou estéril. Por isso deve ter acontecido algo muito especial para termos gerado um filho juntos. — Encostou-se a ele, beijando-o de leve nos lábios. Ele retribuiu o beijo, sem entusiasmo, como se beijasse uma velha amiga, mas sabia que precisava de quase nada para incendiar o seu corpo. Lembrou-se de que Elizabeth o avisara que ela possuía algo dele. E ali estava Lucrezia com o que de mais sagrado uma mulher poderia ter: um filho. Continuou calado, assimilando aquele novo fato, que alterava toda a situação.

— Não ficou feliz? — insistiu, tentando quebrar o silêncio dele, e descobrir o que ele sentia.

— A minha intuição estava certa, não é? — Esboçou um sorriso. Precisava

parecer mais natural, para fazê-la baixar as defesas.

— Sim... Como é que percebeu, antes de mim? — Miguel pressentiu que aquela pergunta faria a conversa resvalar para uma área perigosa. Ela estava a sondá-lo. Confessou, lembrando o gatilho que o fez deduzir que ela poderia estar grávida:

— Foi a primeira vez que você se queixou das minhas carícias vigorosas. E também nunca a tinha visto comer com tanto apetite. Foi uma questão de lógica, juntar as duas coisas.

— Hum... — Ela pareceu satisfeita com a explicação, colando-se mais a ele e acariciando a sua coxa com a mão suave. Ele afastou-se, dando alguns passos em direção à varanda e quando se virou para encará-la, percebeu que uma nuvem de raiva pairava nos olhos dela. A reação dela e o fato de desconhecer a identidade dela, além de estar gerindo a delicada situação da gravidez, irritaram-no profundamente.

— O que foi, Lucrezia? — ergueu a voz, com um timbre frio. — Primeiro afirma que é estéril e depois diz que está grávida... Como espera que eu reaja? É mesmo meu, esse filho? — Provocou-a corajosamente. Ela olhou-o surpreendida: não imaginara que ele duvidasse dela.

— Claro que é seu, Miguel. De quem mais poderia ser? — Levantou-se da cama, para pegar a caixa de chocolates que o hotel deixava sobre o criado-mudo. Quando ia colocar um dos chocolates redondos e perfeitos na boca, Miguel deu quatro passadas largas e rápidas e segurou-a pelo pulso com uma força desnecessária:

— Se está grávida do meu filho, vai ter que controlar o que come.

Ela gostou da reação dele e acalmou de imediato. Pensou que talvez ele só precisasse de tempo para aceitar a ideia. A notícia tinha sido muito repentina.

— Desculpe — pediu, com ternura. Ela tremeu. Bastava ele se importar um pouco com ela, para que uma espécie de calor se espalhasse pelo corpo, fazendo-a sentir leve. Soltou o chocolate, puxando o braço para se libertar da mão dele e massageou a marca avermelhada causada pelos dedos férreos de Miguel. A proximidade dela começou a perturbá-lo. Ela percebeu que Miguel estava reagindo à sua presença e convidou-o:

— Venha para a cama. — Ele queria resistir, mas ela tinha um poder de atração que o atordoava. Agarrou-a pela cintura e espremeu-a contra ele, procurando a sua boca com veemência e sentindo o corpo tomado por uma onda de desejo que o impedia de pensar. Sabia que ela não usava nada por baixo da roupa e aquele pensamento aumentou o desejo. Despiu-a, atirando o

vestido ao chão, enquanto ela lhe arrancava a roupa com sofreguidão. Quando estava totalmente despido, atirou-a para a cama com firmeza e deitou-se sobre ela. Sentiu que ela estava pronta, mas decidiu amá-la com doçura. Ela percebeu um novo cuidado na forma lenta com que ele a amou e nos seus movimentos suaves e precisos. Estar nos braços dele dava outro significado à sua vida, e o que havia planejado contra ele perdeu importância. Ele a conduziu lentamente a um patamar de entrega que ela jamais sentira. Miguel se despedia em cada gesto, em cada suspiro, em cada carícia, sabendo que aquele momento não voltaria a se repetir. E quando ela se rendeu, e o corpo se abandonou sobre a cama, em um esgotamento profundo, Miguel soltou-a com cuidado, se libertando da intimidade quente dos seus corpos. Foi a primeira vez que Lucrezia ficou sem palavras e se aquietou completamente ao lado dele. Minutos depois ela moveu-se com indolência, deitou a cabeça no peito dele, sobre o coração, e deixou-se embalar pelo ritmo dos batimentos regulares, como se estivesse escutando uma música. Fechou os olhos e sussurrou:

— Sou feliz.

Por um instante, Miguel duvidou que ela fosse um Anjo Negro. Aquelas palavras pareciam ter uma luz imprópria para qualquer Anjo Negro. Beijou-a na testa e ela levantou o rosto para observá-lo. Ele sentiu um arrepio ao mergulhar na noite que o aguardava dentro do olhar dela. Algo aconteceu com ele: quanto mais olhava para ela mais fundo parecia cair. Era uma queda vertiginosa e imparável, como se o seu corpo estivesse se diluindo. O som do celular o arrancou daquele mergulho sem fim.

— Não atenda — pediu ela, mas ele afastou-a lentamente, levantou-se e atendeu o celular que deixara no interior do bolso do seu casaco.

Ela sentiu prazer em observar o corpo másculo e perfeito, enquanto ele respondia com palavras monossilábicas, e afastava a letargia que a dominara momentos antes. Sentou-se numa cadeira, de costas para ela, e ficou alguns segundos escutando Daniel do outro lado da linha, ajudando-o a se reequilibrar e advertindo-o uma vez mais sobre os perigos que ele corria. Quando desligou o telefone, os seus olhos estavam límpidos, com um novo brilho dourado. Ela percebeu que ele escapara do seu domínio e recuperava a força luminosa que o acompanhava. Miguel voltou para a cama, e ela se deitou de novo sobre o peito dele.

— Quem era? — perguntou, com mansidão.

— Um amigo — respondeu, com o olhar fixo no teto.

— E o que ele queria?

— Lembrar-me de um compromisso — sorriu Miguel, mantendo a mente tranquila.

— A esta hora? — estranhou, olhando para o delicado relógio de pulso.

— Ciúmes? — Miguel brincou, começando a enrolar o cabelo dela com a ponta dos dedos, sem sobressaltos, acalmando-a.

— Um pouco...

— Isso não é saudável — avisou, com suavidade. — Eu estou aqui, não estou?

— Sim...

— Então confie em mim.

— E você confia em mim? — Apesar do tom de voz neutro de Lucrezia, Miguel sabia que estava sendo testado.

— Ainda não — espantou-a com a resposta direta. — Mas é um aprendizado a fazer, se quisermos ter um futuro.

Ela tranquilizou-se um pouco ao ouvi-lo falar, pela primeira vez, de um futuro possível. Pôs a mão sobre a testa dele como se estivesse medindo a temperatura de uma febre inexistente. Miguel manteve-se imóvel, parecendo não compreender o que ela estava fazendo. Começava a ter uma vaga ideia sobre o poder e as magias que ela usava para conseguir o que queria. Deixou-a avançar para dentro do seu cérebro. Podia senti-la, como se as mãos dela estivessem se movendo no interior da sua cabeça. Alguns segundos depois ela retirou a mão da testa dele, surpreendida com a ausência total de pensamentos, e aquele foi o primeiro sinal de alarme. Perguntou áspera:

— O que você está pensando?

— Nada. Estou apenas descansando — respondeu com voz branda, evitando irritá-la.

Ela sorriu, quase sem querer. Ele parecia ter razão e a forma intensa como a amara naquela noite era prova disso. Ela vacilava entre o desejo de que ele fosse o homem certo para ficar ao seu lado, e a sensação de que havia algo errado. Disse baixinho:

— Juntos, poderíamos ter o mundo.

Miguel evitou se aprofundar no comentário. Fechou os olhos e continuou imóvel. Controlava-se para evitar que Lucrezia descobrisse os seus pensamentos, impedindo-a de manipulá-lo. Ela saiu da cama, foi até o armário e tirou de lá a caixa negra. Nesse instante, todas as dúvidas que Miguel pudesse ter sobre ela sumiram: ela era uma assassina, um Anjo Negro

carregado de morte, e trazia no ventre o filho dele. Talvez ela tivesse ficado grávida por ambos serem especiais, como ela dissera. Aquela situação era mais uma armadilha do seu destino, pensou Miguel, dominando a angústia, ao sentir dentro dele as forças tranquilizadoras de Daniel e Dib.

Ela sentou-se na beira da cama e abriu a tampa da caixa. O momento da verdade aproximava-se rapidamente. Não havia como ambos escaparem: no instante em que um revelasse a sua natureza, o outro seria praticamente obrigado a se revelar também. E esse era o perigo que Miguel precisava evitar.

Ele continuou deitado, com os olhos semicerrados, observando-a por uma fresta que as pálpebras não ocultavam. Estava muito tenso, sob a calma aparente.

— Quero que veja uma coisa — pediu ela.

Ele sentou-se, posicionou as almofadas atrás das costas, apoiando-se na cabeceira da cama e olhou para a caixa. Franziu a testa, tomando decisões suaves, mas inevitáveis. Não tinha escolha senão olhar para o objeto. Sabia que aquele momento chegaria, mas não sabia se resistiria à laranja, mesmo com o apoio de Dib e Daniel.

— O que é? — perguntou, tendo certeza de que Lucrezia sabia que ele já tinha visto a laranja e estava ligado a Geneviève. E, também, que ela o vira na porta da gruta.

Ela tirou a laranja de dentro da caixa e rodou-a na mão, expondo-a completamente e criando um efeito hipnótico. Era uma peça fascinante, pensou Miguel, vendo-a girar devagar.

— Onde conseguiu isso? — questionou ele, com calma.

— Por quê?

— Porque pertencia a Geneviève Gillot. Agora ela está morta e a peça está na sua mão — revelou de uma só vez. Ela surpreendeu-se com a frontalidade dele. Achou que ele ia fingir que nunca tinha visto o objeto.

— E o que você tem a ver com Geneviève Gillot? — indagou Lucrezia, com frieza.

— Estou ligado à ONG onde ela trabalhava — informou, de forma sintética, sem demonstrar emoção. — Agora responda à minha pergunta: onde conseguiu isso?

— Você sabe, não é, Miguel? — questionou, com falsa doçura.

— Não sei. Vai me contar? — questionou, com o olhar límpido, fixo nela.

— Tem certeza de que quer mesmo saber?

— Você é a mãe do meu filho — justificou-se. — Acredito que sim, que quero saber.

— Tirei-a de Geneviève — disse, olhando-o intensamente para acompanhar a sua reação, sem parar de girar a laranja na mão.

— Foi você que a matou? — perguntou, com entoação vagarosa, mantendo a voz neutra.

— Infelizmente teve que ser — informou tranquilamente.

Miguel saiu da cama e apanhou as peças de roupa espalhadas pelo chão. Colocou-as na cadeira onde estava o casaco e começou a vestir-se. Podia sentir a intensidade do olhar dela queimando a sua nuca.

— Aonde vai? — questionou Lucrezia com um sorriso irônico, como um gato que brinca com o rato antes de abocanhá-lo. Miguel não sabia o que ela era capaz de fazer, mas respondeu:

— Embora.

— Não quero que vá — disse, com um tom leve de ameaça, parecendo haver algo metálico no fundo da sua voz.

— E eu queria que não tivesse assassinado Geneviève para conseguir um simples objeto. — Miguel aparentava tranquilidade, mas estava atento ao perigo crescente.

— Acabo de confessar que matei uma pessoa e você vai embora? Acha que vou permitir que saia por aí, para contar aos seus amigos da polícia?

Ele abotoou a camisa e apertou o cinto. Apoiou o quadril na escrivaninha e cruzou os braços sobre o peito. Olhou para ela com calma, ignorando a ameaça que ela acabara de fazer.

— Como sabe que tenho amigos na polícia?

— Já o vi com eles. E com mais dois dos seus amigos e uma... amiga de cabelo curto que parece ser muito importante para você. Quem é ela? — cuspiu sarcástica.

Miguel sentia a tensão se tornando palpável, apesar de ela parecer se divertir. Ele já tinha percebido que o ciúme era uma forma de fazer com que ela se descontrolasse, mas achava que ainda não era o momento de fazê-la perder o controle.

— Quando é que me viu? — questionou, sem responder à pergunta dela.

— Quem é ela?

— Esta conversa não leva a lugar algum — afirmou vestindo o casaco e se dirigindo para a porta. Ela se moveu com uma rapidez fenomenal e surgiu na frente dele, bloqueando a saída.

— Espantado?

— Na verdade, não — respondeu sereno, desconcertando-a.

— Quem é você? Realmente? — perguntou com o olhar negro e efervescente, confirmando que ele era muito mais forte do que aparentava, mas sem conseguir descobrir nada sobre a sua identidade. Ergueu a laranja, que levava na mão, e colocou-a na frente dele. — Segure.

— Por quê?

— Segure — ordenou com uma voz autoritária e um timbre tão possante que rachou o espelho da escrivaninha. Ele ouviu o espelho estalar, do centro para as bordas, como se tivesse sido atingido por um objeto sólido.

— Se isso é tão importante para você... — cedeu sereno, aceitando a laranja fria na palma da mão direita. A partir do momento em que se fixasse na laranja, a sua essência seria ali depositada, e ela teria acesso a tudo. Miguel esvaziara a mente e não havia emoções dentro dele. Ficou imóvel, com a laranja na mão por três ou quatro pastosos minutos, até que Lucrezia a pegou de volta. Observou-a atentamente e notou algumas manchas negras, muito leves. Aquilo jamais acontecera. Olhou-o, desta vez sem esconder a surpresa, e perguntou antes de se apropriar da essência que a laranja sugara:

— O que aconteceu?

— Não sei... Segurei a laranja como pediu.

— Como não sabe? Devia estar dourada, devia brilhar. E está escurecendo — disse, ao ver as manchas aumentando.

— Já fiz o que pediu — argumentou Miguel, dirigindo-se de novo para a porta.

— Não é possível... — retrucou, bloqueando a saída, enquanto erguia o objeto em direção à luz do teto do quarto. Hesitou, pensando se devia ou não se apropriar do conteúdo da laranja, mas a curiosidade foi mais forte. Ficou alguns segundos com a laranja entre as duas mãos, antes de deixá-la cair estrondosamente no chão. Olhou para Miguel, dividida entre o ódio e a surpresa. O seu instinto dizia que havia algo muito errado com aquele homem: primeiro ele era responsável pela sua gravidez, depois escurecera uma laranja de ouro, e, agora, a laranja mostrara que ele não tinha passado, emoções ou pensamentos. E tudo aquilo era humanamente impossível. Lucrezia jamais imaginara que pudesse cruzar com alguém igual ou superior a ela, mas parecia que isso estava acontecendo.

— Falamos em outro dia — insistiu Miguel, querendo sair. Podia sentir que ela se tornaria violenta a qualquer instante.

— Você não sai deste quarto enquanto eu não souber quem você é — respondeu, com a fúria espreitando nos olhos.

— E como pretende me impedir? — perguntou com a voz tranquila, tentando evitar um confronto, mas obrigando-a a se revelar cada vez mais. — Vai me dar o mesmo destino de Geneviève apenas porque quero adiar uma conversa?

Posto assim, com tanta crueza, ele parecia ter razão: não fazia sentido obrigá-lo a ficar. Mas ela queria descobrir a identidade dele. E a calma anormal com que ele estava lidando com a situação a enfurecia. Ele não mostrava temor e parecia não fazer a mínima ideia do que ela era capaz de fazer.

— Não. Só quero que me diga quem você é.

— Quem acha que sou, além de pai do seu filho? O que a incomoda? Não entendo... — Voltou a se apoiar na escrivaninha, atento aos movimentos dela, nua, na sua frente. Ela percebeu o quanto ele estava sendo astuto, tentando fazê-la falar.

— Incomoda-me que você pareça ser outra pessoa diferente desta... — afirmou, apontando o indicador para o peito dele. — E não se faça de desentendido. Sabe do que falo.

— Não sei — insistiu. — Essa sua cisma comigo vem do fato de você ser uma... assassina? Ou do fato de ter ficado grávida, comigo? — Miguel escolhia as palavras cuidadosamente.

Ela reconheceu que ele distorcia tudo o que ela dizia, respondendo sem se expor. Não havia forma de conseguir o que queria sem perguntar diretamente. Era isso que ele a estava forçando a fazer.

— Está chocado por ter descoberto que sou uma assassina? — questionou ela ironicamente.

— Sim... Mas gostaria que me contasse a verdade.

— A verdade? Você não aguentaria — respondeu, sarcástica, soltando uma gargalhada fria.

— Experimente — retorquiu Miguel.

— Pode ir — falou, baixando o corpo voluptuoso para apanhar a laranja do chão, provocando-o. Mesmo sabendo que ela era um ser negro e maligno, não conseguia resistir-lhe. Miguel sabia que aquilo era parte do poder dela e não podia ceder ao desejo. Afastou-se da escrivaninha e deu um passo adiante, mas ela pareceu mudar de ideia e colocou-se novamente na frente dele, nua e sedutora. O corpo, muito próximo, roçava no dele, de leve. Miguel avaliou-a

devagar, controlando-se com dificuldade. Passou por ela, dirigindo-se à porta.

— Sou Lilith — ele estacou ao ouvir a confissão, e um arrepio gelado atravessou o seu corpo, como se uma faca estivesse cortando a sua coluna. Ficou alguns segundos parado, com a mão no trinco, pensando que se ela fosse mesmo Lilith, com certeza o destruiria após aquela revelação.

— Isso deveria ter algum significado para mim? — perguntou, calmo, de costas para ela.

— Deveria.

— Por quê? — perguntou, começando a rodar lentamente o trinco.

— Diga-me você.

— Lê romances demais, Lucrezia. Não sei do que está falando — comentou, abrindo a porta e saindo para o corredor. Mas ela barrou de novo a passagem. Nua e indiferente a quem pudesse surgir no corredor.

— Não posso deixá-lo partir, Miguel — avisou, com os olhos ameaçadores, embora estivesse dividida entre a necessidade de matá-lo e o desejo de mantê-lo vivo.

— O que vai fazer? — perguntou, tentando ganhar tempo.

— Vamos voltar para o quarto — ordenou.

— Eu vou embora... — disse, mas antes de terminar a frase ela levantou-o pelo pescoço com uma mão e encostou-o contra a parede como se ele fosse uma pluma. Lucrezia lembrava uma amazona cheia de força e vitalidade. Ele não ofereceu resistência como ela esperava que fizesse. Sentiu-se sufocar, mas manteve o olhar fixo nela percebendo o prazer dela em ver a vida se esvaindo lentamente do seu corpo. Quando a vida parecia tê-lo abandonado, ela soltou-o e ele tombou secamente no chão. Levou alguns segundos para voltar a respirar fundo, em busca de ar, e quando o oxigênio chegou aos seus pulmões, ergueu-se do chão e encarou-a com inexplicável tranquilidade: viu as pupilas dela se contraindo com o choque de vê-lo respirando. O fato de ele estar vivo confirmava as suas suspeitas sobre Miguel ser diferente. Avaliou-o, tentando descobrir a sua verdadeira identidade, enquanto ele sentia a energia pura de Daniel e Dib fluir pelo seu corpo, alimentando-o e permitindo que superasse as provocações, sem perder o controle e sem se revelar.

— Não vai reagir? — provocou, tentando obter uma reação de Miguel que lhe oferecesse algum vislumbre de sua força.

— Não vale a pena — respondeu, calmo.

— Medo? — provocou, agora decidida a deixá-lo viver até descobrir quem ele era. Sentiu-se feliz com a decisão. Por mais que se esforçasse para

dominar os seus sentimentos, estava apaixonada por Miguel Besson.

Ele não respondeu, afastando-se e evitando mais uma vez o confronto.

Miguel distinguia claramente as figuras de Daniel e Dib nos bancos dianteiros do carro, recortadas pela luz tênue do estacionamento.

— Obrigado — disse, ao sentar-se no banco de trás, agradecendo o apoio deles. Dib deu a partida, e o carro deslizou silenciosamente, se afastando do hotel. Miguel esperou dois ou três minutos antes de informar bombasticamente:

— Ela é Lilith.

— Impossível! — recusou Dib. Aquela possibilidade era demasiado ameaçadora. — Ela confessou isso?

— Sim, e só quando ela falou é que percebi as semelhanças com Lilith: bela, morena, com cabelos longos, olhos negros, corpo perfeito. Sensual. Irresistível.

Dib e Daniel também reconheciam as semelhanças. Tentaram avaliar o alcance da descoberta.

— Lucrezia assassina crianças para roubar a alma e se alimentar do seu sangue, exatamente como Lilith. Mas isso já não lhe basta. Ela quer mais: quer o mundo, e está recorrendo à energia mais pura que existe para alcançar o seu objetivo — sintetizou Miguel.

— A energia das crianças — reforçou Dib, dirigindo-se a Miguel: — Talvez ela seja responsável pelo padrão que você reconheceu em todos os que parecem destinados a ocupar o lugar do Anunciado. Inclusive você.

— Nesse caso ela saberia quem eu sou. E ela não sabe — afirmou Besson.

Daniel falou pela primeira vez, após alguns momentos de reflexão:

— Ela deve fazer parte de um plano maior. E é nesse plano que está a ascensão do Anunciado. Por isso é que Lucrezia não o conhecia, Besson. Há outros Anjos Negros.

— Isso significa que ela não está só — concluiu Dib, consciente do perigo crescente.

Miguel percebeu a dimensão assustadora que o assunto estava ganhando. Tudo estava se tornando mais claro após saberem a verdadeira identidade dela: Lilith era a mais sedutora das criaturas de Lúcifer e uma das mais marcantes presenças ao longo da história da humanidade.

— Há mais uma coisa. Grave — anunciou Miguel, tentando prepará-los

para a revelação seguinte. — Ela está grávida, e eu sou o pai.

Dib continuou dirigindo, fazendo uma rápida revisão mental do cenário, cada vez mais complicado, em que se encontravam. Daniel foi o primeiro a falar quando o carro parou num sinal vermelho, a poucos quarteirões do apartamento de Miguel.

— O que pretende fazer?

— Não sei. Preciso pensar — respondeu, já controlando totalmente seu corpo e mente, após ter-se libertado do apoio energético de Daniel e Dib. — Por que é que ela não me matou? Podia ter me sufocado durante o ato sexual: é assim que ela mata os seus parceiros há milênios. Aumenta o seu peso sobre o peito e aperta aos poucos, como uma jiboia, até a vítima não ser capaz de respirar, enquanto ela absorve a energia que se vai libertando até o momento da morte. Ela podia ter me matado naquele corredor...

— Sim — reconheceu Daniel, consciente dos fenomenais poderes de Lucrezia. — Mas há dois pontos que precisa considerar: o primeiro é a parte angelical da sua natureza. Não é fácil matar um guardião e você sabe que nem mesmo ela consegue fazê-lo facilmente. Há uma espécie de impedimento: nós temos uma proteção inexplicável.

— Uma proteção divina, mas, no meu caso, pode terminar a qualquer momento, também de forma inexplicável — comentou Miguel, lembrando que já não era um guardião.

— Sim, é verdade. No entanto, parece claro que você ainda está protegido — disse Dib.

— Mas ela não sabe nada sobre a minha natureza. E você tem razão: ela não conseguiria estrangular-me, mas podia ter tentado de novo, e optou por me deixar partir.

— Isso leva ao segundo ponto: acredito que ela se apaixonou por você e, por isso, apesar de ser impossível, ficou grávida. Foi o amor, Besson. Foi o amor dela que gerou o seu filho e foi também o que o salvou esta noite — continuou Daniel, seguindo a sua linha de raciocínio.

— Ela só ama a si mesma. Eu vi nos seus olhos o prazer que ela sente ao tirar vidas.

— Mesmo assim, também acredito que ela o ama, de alguma forma distorcida e doentia — concordou Dib.

— Ela também pode querer descobrir a sua identidade. Estrangulou-o e você estaria morto, se fosse humano — lembrou Daniel.

— Acredito que isso a surpreendeu — afirmou Miguel. — Mas não tenha

ilusões, De Payens: ela não hesitará em me destruir se eu a rejeitar explicitamente ou destruir o filho dela.

— E seu. Seu filho — disse Dib, peremptório.

— Será um incubo ou um súcubo, um ser que se alimenta de sangue ou da energia sexual e mata os seus parceiros. E se ela descobrir a minha identidade, esse filho pode transformar-se no Anunciado perfeito — murmurou Miguel. — Talvez seja isso que ela pretende agora.

— Mas seria também seu filho: metade dele seria divina — reiterou Daniel.

— Esqueceu-se de que não sou um guardião puro como vocês?

— Ninguém é puro, Besson. Lutamos constantemente contra as nossas tentações, e cada vez elas se tornam mais difíceis, mais irresistíveis... — comentou Daniel, pensando em Elizabeth.

— É esse o processo, De Payens. E uma vez que se cede ao desejo, é difícil retroceder — concordou Miguel, falando por experiência própria.

— Eu sei — afirmou Daniel, afastando Elizabeth do pensamento. — Mas mesmo tendo optado por um caminho diferente, você continua protegido.

— Há quanto tempo não usa o seu punhal? — questionou Dib.

— Desde que voltei da minha viagem de seis meses pela África — respondeu, depois de pensar por alguns segundos, conscientizando-se que não sentira necessidade de usar a energia das almas, exceto por um momento na África do Sul quando Elizabeth estava entre a vida e a morte.

— Talvez precise de energia mais espaçadamente — insinuou Dib.

— Ou talvez... — Miguel hesitou evitando dizer o verdadeiro nome dela. — Lucrezia tenha suprido a minha carência através da sua energia durante estas últimas semanas.

— Também é uma possibilidade. Mas se for assim, em breve saberemos, não é? Quando detivermos Lucrezia, você vai ficar sem essa energia — avisou Daniel.

Miguel observou Daniel, sem conseguir evitar a surpresa por estarem conversando sobre assuntos tão profundos que iam contra os preceitos da Ordem. Percebeu que, apesar de terem percorrido caminhos tão diferentes, continuavam unidos.

— Obrigado por esta noite — Miguel agradeceu de novo, sabendo que sem eles o seu encontro com Lucrezia podia ter terminado de forma trágica.

— Não precisa agradecer — afirmou Daniel.

Dib parou em frente ao prédio onde Miguel morava.

— Ainda estamos em vantagem. Você se controlou muito bem e ela não descobriu quem você é — anunciou Dib, ao despedir-se de Miguel.

— Eu sei. Mas temos que pensar numa estratégia para destruí-la. Ela é muito poderosa, e percorre a terra há milhares de anos — lembrou, antes de sair do carro.

— Não quer ficar conosco? — perguntou Daniel enfiando a cabeça para fora da janela do carro.

— Não, obrigado. Até amanhã — acenou com a mão, entrando no prédio.

24. Identidades

*Dois amores — de paz e desespero —
Eu tenho que mais me inspiram noite e dia:
Meu anjo bom é um homem puro e vero;
O mau, uma mulher de tez sombria.*

William Shakespeare (1564-1616)

Lucrezia tinha certeza de que algo em Miguel não era totalmente humano. O Destruidor de Almas continuava escurecendo como se o ouro tivesse sido assolado por um estranho fungo capaz de destruir o metal precioso. Passou a noite em claro e, finalmente, quando parecia ter esgotado todas as ideias, dirigiu-se para o imenso quarto vazio, contendo apenas um espelho emoldurado por madeira ricamente esculpida, posicionado no centro de um círculo negro, desenhado no chão. Descalçou-se e acendeu todas as velas que estavam sobre a marca do círculo. Pegou a laranja que guardara na bolsa e caminhou até o centro, posicionando-se de frente para o espelho. Manteve-se imóvel por vários minutos, pronunciando uma longa prece em aramaico, com os olhos fechados e as mãos cruzadas sobre o peito na mesma posição de oferta em que deixava os seus mortos. O espelho abriu-se como se fosse uma porta. Ela atravessou-o e assim que passou o umbral, o espelho fechou-se.

Do outro lado, ele esperava por ela, sentado no imponente trono de madeira negra, todo entalhado com minuciosos desenhos e um espaldar alto. O trono estava no meio da sala redonda e praticamente vazia, com um altar

mal iluminado ao fundo. Eles não se viam desde a Segunda Guerra, quando ela decidira ficar entre os humanos e passara a sacrificar muitas almas puras para satisfazê-lo e agradá-lo.

Lucrezia recordava-se que séculos antes ele incumbira Aaba de encontrar o Anunciado. Aaba era uma das suas mais belas concubinas, mas tinha uma fraqueza terrível: por mais que tentasse era incapaz de presenciar qualquer derramamento de sangue. Ela fracassara e recebera uma terrível punição: foi emparedada entre 1794, após a revolução francesa, e 1914, o início da Primeira Guerra. Foi pouco antes da Primeira Guerra que Lucrezia recebeu a missão de fazer ascender o Anunciado. Enquanto Lucrezia se envolvia com os assuntos humanos, Aaba se reaproximou dele, tornando-se a sua amante favorita.

Quando Lucrezia não conseguiu transformar Hitler no Anunciado, acreditou que o fracasso seria a sua desgraça, tal como acontecera com Aaba. Mas teve outra oportunidade: apesar de ele não ficar satisfeito com o desfecho, reconhecia que Lucrezia havia sido quem mais se aproximara da realização da Profecia, com a ascensão de Hitler e a morte de milhões de pessoas durante a Segunda Guerra. Ela esperou pelo homem perfeito, durante anos, planejando com cuidado, para evitar os erros anteriores. Mas a situação parecia estar saindo do controle e ameaçando os seus planos. Além disso, estava grávida do homem por quem se apaixonara, quebrando duas regras: não se apaixonar e não ter filhos.

Aproximou-se do trono, com a laranja apertada na mão. Ajoelhou-se na frente dele, demonstrando uma submissão que não sentia. Percebeu que o olhar dele já não brilhava quando a via e não refletia nada além de indiferença. Sabia que aquilo não indicava nada de bom. Começou por confessar um dos seus crimes para tentar acalmá-lo, mas sabia que o resultado daquele encontro era incerto.

— Estou grávida. E não sei dizer como isso aconteceu. Como foi possível.

Ele inclinou a cabeça de modo peculiar, para avaliá-la melhor, com o seu olhar azul. A beleza dele parecia ter aumentado durante os anos em que não o vira. Ele manteve-se imóvel, com os braços apoiados no trono e o olhar quase transparente pousado sobre ela. Respondeu, por fim, como se tivesse que vencer a inércia para falar:

— Eu sei que está grávida. É visível em você.

Mas ela conhecia-o: sabia que por baixo daquela calma ele podia explodir de repente, fazendo-a voar contra a parede com um simples gesto, como tanto

gostava, para lembrar os outros sobre o seu poder descomunal. Era o seu gesto predileto.

— Foi você? — perguntou Lucrezia, desejando que ele tivesse vencido a esterilidade dela e lhe tivesse permitido ter aquele filho, que palpitava suavemente dentro do seu corpo. Um filho que além de arredondar o seu ventre também começava a amaciar o seu coração.

Ele sacudiu a cabeça com um movimento lento, de um lado para o outro, sem tirar os olhos dela. Gostava de vê-la de joelhos, apesar de ela manter a sua arrogância natural. Era dos poucos seres para quem estar de joelhos não significava humildade ou humilhação. Mas, naquele momento, ele queria humilhá-la por várias razões. Descobrira que ela estava se dedicando a aumentar o seu poder, já imenso, com vários rituais. E a sua ligação com Miguel Besson rendera uma gravidez que não estava prevista e, em circunstâncias normais, seria impossível. Mas tratava-se de Miguel Besson, o ser especial que ele rondava há séculos. O ser que Aaba havia escolhido para ser o Anunciado na época da Revolução Francesa.

— Então como é possível? — perguntou, tentando entender como ficara grávida, depois de ter sido amaldiçoada com a esterilidade, por um Anjo de Luz, nos tempos de Salomão, quando consumia as almas dos homens durante o sexo e gerava os seus filhos, os íncubos e os súcubos, espalhando-os pelo mundo para que se reproduzissem.

— Simples: o seu amante é um antigo guardião. Um dos oitos seres místicos que guardam os segredos divinos na terra — revelou em voz baixa, observando o resultado das suas palavras. Viu a fúria passar pelos olhos dela, seguro de que ela estava se sentindo ludibriada.

— Foi por isso que não consegui descobrir a identidade dele — disse raivosa. — Então ele está violando as regras sagradas, sendo meu amante.

— Ele deixou de ser um guardião há muitos séculos, mas agora parece ser protegido deles. O que pretende fazer? — perguntou, trespassando-a com o olhar frio, referindo-se à gravidez. Ele era tão perfeito que era impossível alguém não ser afetado pela sua beleza: Lucrezia mal conseguia respirar quando o olhava, como se ele lhe tirasse o fôlego. Ela tinha pensado muito após a partida de Miguel e não queria perder o filho. Estava disposta a qualquer negociação.

— Jean Luc Messie será o Anunciado que deseja.

— Não me parece. Você não conseguiu matar a mulher dele — lembrou sarcástico, levantando-se do trono negro para caminhar em volta dela,

revelando todo seu magnetismo.

— Ela morrerá. Usei a Lança do Destino.

— E por que não funcionou? Isso é inédito. Tem alimentado a Lança?

— Sim, tenho feito os rituais de pacificação. E tenho certeza de que não tem nada a ver com a Lança. Acho que é outra coisa, algum tipo de proteção que a impediu de morrer.

— Descubra o que é, e mate-a, ou não terá o seu Anunciado — avisou, mantendo os passos regulares em volta dela, fazendo pequenos círculos. — A dor serve para levar os homens à luz ou às trevas: é exatamente o mesmo caminho. Garanta que a escolha dele sejam as trevas.

— Eu sei — respondeu baixando a cabeça ao falar, para acalmar a ira latente dele. — Mas se Messie não for o Anunciado, o meu filho será.

Ele estacou com a oferta: o filho de um ser semidivino e de um Anjo Negro. Aquilo poderia redimi-la de ter ficado grávida, mas ainda era insuficiente para pagar o preço por ter se apaixonado por Miguel Besson. Mesmo que já não a desejasse, ela pertencia-lhe.

— Interessante — anunciou vagarosamente, avaliando a situação até tomar uma decisão. — Estou disposto a esperar pelo seu filho. Mas antes quero Besson — concluiu cruamente, com prazer sádico. Ela teria o filho, mas perderia o amante.

Lucrezia odiou o pedido, mas se controlou na presença dele.

— Se ele é um guardião, é imortal como nós. A Lança pode feri-lo, mas não há garantia de que possa matá-lo, se ele não se entregar voluntariamente à morte.

— Sim, mas há outras formas. Besson fez o Punhal das Almas com um fragmento da esmeralda que falta na minha testa — Lúcifer afastou o cabelo da testa revelando apenas uma parte da esmeralda, que quebrara durante a sua queda, milhares de anos antes, quando havia liderado a rebelião dos duzentos anjos contra o Divino. — Esse punhal absorve a alma, e é o único objeto capaz de aniquilar um guardião, embora ele também precise se render à morte.

— E onde está? — perguntou ela, totalmente alerta, interessada naquele novo objeto.

— Foi entregue ao jovem Messie — informou ele seguro.

— Como descobriu isso? — perguntou Lucrezia.

O mundo dos homens estava vedado a Lúcifer, mas ele descobrira uma forma de se misturar aos humanos, apesar do seu tempo na terra ser limitado.

E o seu conhecimento sobre o Punhal das Almas estava ligado à sua busca obsessiva pela esmeralda, a mesma que ele pedira que Lucrezia encontrasse durante a Segunda Guerra. A esmeralda era o objeto que ele mais desejava, para poder restaurar a sua terceira visão.

Ele sorriu sem responder à pergunta, mostrando rapidamente uma linha de dentes alvos entre os lábios perfeitos. Percebeu que o vestido dela estava muito justo, revelando as suas formas exuberantes. Mas não a desejou. Estava com o pensamento ocupado por outra mulher: Besson ficara com Lucrezia e, em troca, ele queria Elizabeth, a jovem pura que o fascinava cada vez mais. A jovem que conseguia ver o futuro. Desde que Abigor, o chefe das suas Legiões, fora aniquilado para sempre, mil anos antes, em uma das batalhas com os Anjos da Luz, antes do Divino decidir enviar guardiões à Terra, que Lúcifer buscava alguém com o dom de prever o futuro. A perda de Abigor dificultara os seus planos. Elizabeth poderia ocupar o lugar dele.

— O que aconteceu com o Destruidor de Almas? — perguntou, apontando para a mão dela, onde estava a laranja totalmente negra. Ela a ergueu, no centro da palma, como uma oferenda. Tinha sido um valioso presente que ele lhe dera dois milênios antes.

— Está vazio — agora que descobrira quem era Miguel, acreditava que ele tinha inutilizado o Destruidor de Almas com os seus poderes especiais.

— Besson não teria conseguido fazer isso sozinho — informou ele, surpreendendo-a.

— Mas ele estava sozinho comigo — afirmou.

— Aparentemente... — disse, irônico. — Besson tornou-a distraída.

— Impossível — falou, arrependendo-se imediatamente do que dissera ao encarar o olhar frio. — Tem alguma ideia de quem o estava ajudando? E onde estava?

— Tem que ser alguém superior, especial, e não precisava estar presente. Eles conseguem criar ligações mentais. Formam uma rede de energia e pensamentos...

— Outro guardião?

— Talvez — respondeu enigmático, sem revelar que sabia de quem se tratava. Segurou a laranja entre os dedos e rodou-a para ver todos os seus ângulos. — O certo é que não sobrou nenhuma memória no Destruidor de Almas. Tornou-se um objeto inútil e tudo o que estava aqui agora faz parte da memória de alguém. Tem ideia do que isso significa?

O timbre metálico da voz dele alertou-a: a situação dela havia piorado,

mesmo depois de prometer o seu filho e estar empenhada em conseguir Besson. A perda do Destruidor de Almas irritou-o: levava dois mil anos para torná-lo um objeto poderoso e agora não valia nada. Além da informação preciosa sobre muitas almas, havia rituais que seriam conhecidos dos guardiões. Os sete portais de acesso ao submundo também estavam na laranja.

— Desculpe — pediu, vendo a ira se firmar nos olhos dele.

— Não basta. Traga-me Besson e o Punhal das Almas — disse autoritário, abandonando-a na sala vazia. Ela percebeu que ele parecia disposto a destruí-la se ela errasse em mais alguma das tarefas que lhe atribuíra.

Daniel e Dib encontraram-se com Étienne na porta do hospital. Após dez minutos esperando por Miguel, sempre tão pontual, deduziram que ele devia ter tido uma noite difícil lidando com todas as revelações sobre Lucrezia e decidiram não incomodá-lo.

Miguel não dormira, perturbado com a descoberta da identidade de Lucrezia, as imagens terríveis que absorvera do Destruidor de Almas e, principalmente, a perspectiva de ter um filho crescendo no ventre de um Anjo Negro. O sono venceu-o quando a luz da manhã chegou, e a melhor decisão de Daniel foi mesmo a de deixá-lo descansar um pouco.

Daniel e Dib seguiram Étienne, e quando entraram no quarto de Sarah perceberam que a morte estava presente. Jean Luc, sentado à cabeceira da cama, soltou a mão dela para cumprimentá-los. Talvez fosse aquela mão presa na dela que ainda a mantinham viva.

Dib abriu a bata de Sarah e levantou o curativo. A ferida permanecia aberta, sem sinais de cicatrização, como se tivesse acabado de acontecer. Daniel perguntou a Jean Luc:

— Você disse ao *Monsieur* Étienne que o fio de ouro que Sarah usava desapareceu.

— Sim. Era um cordão com uma cruz de malta que pertencia à minha família. A minha avó dizia que era uma cruz especial, que protegia quem a usasse...

— A sua avó dizia mais alguma coisa? Sabe se é um objeto muito antigo? — insistiu Daniel.

— Era uma herança dos nossos antepassados. Consta que alguém trouxe a cruz de Jerusalém no século XII. Mas não há registros sobre a sua origem. Por

quê?

— Estou tentando compreender os motivos por trás do ataque — justificou Daniel. — Se o objeto for tão valioso e antigo como parece, pode ter sido a principal razão para o ataque. Já se percebeu que o assassino tem uma predileção por objetos aparentemente místicos.

— O que me confunde é o fato de o assassino não precisar matar ninguém para conseguir o que deseja. Bastava roubar. Isto é muito sanguinário — comentou Jean Luc, se esforçando por manter um raciocínio racional, sem imaginar que estava próximo da verdade.

— Também não compreendemos isso — concordou Étienne, evitando abordar a morte dos Messie, que também se encaixava no que ele acabara de dizer.

Quando saíram do quarto, Daniel comentou:

— Se o estado de Sarah não se alterar rapidamente, ela vai morrer.

— Como pode ter tanta certeza? — questionou Étienne.

— Quando se lida muito com a morte, percebe-se a alteração da energia. É algo indefinível, difícil de explicar — respondeu Daniel.

— Eu entendo o que quer dizer — afirmou Étienne. — Costumo ver isso nos olhos das vítimas. Há um vazio interior, como se as pessoas ficassem gradualmente ocas...

— É o desprendimento da matéria — confirmou Daniel.

— E vocês, padres, que são sempre chamados nos últimos momentos, conseguem ter uma percepção melhor, se bem que agora você abandonou a Igreja... — afirmou Étienne.

— Não abandonei a Igreja — informou, com um sorriso suave. — Só deixei de ser padre.

Étienne olhou-o, procurando compreender o significado profundo das suas palavras. Ficou pensativo por alguns segundos e perguntou, mudando de assunto:

— Acha que o cordão é importante?

— Sim. Se for mesmo do século XII e tiver vindo de Jerusalém, entra na categoria das relíquias místicas — disse Daniel.

— E isso faz dele um objeto muito valioso — argumentou Dib.

— E agora? — perguntou Étienne, como se tivesse chegado a um beco sem saída.

— Precisamos descobrir o principal lugar de realização dos sacrifícios — informou Daniel, acreditando que aquela seria a melhor forma de resolver o

caso, agora que já sabiam quem era a assassina, mas só podiam revelar à polícia depois de descobrirem como detê-la.

— Espero que, nesse meio-tempo, ela não resolva assassinar mais ninguém — resmungou Étienne, visivelmente cansado.

— Assim que tivermos novidades, ligamos — despediu-se Daniel, seguido de Dib.

Miguel entrou na sala de jantar do apartamento da Ordem, com o passo pesado como se tivesse uma tonelada, e após os cumprimentos, disse para Daniel:

— Precisamos conversar. A sós.

— Depois do jantar — avisou Alessia, enquanto organizava os últimos detalhes da mesa.

— Lamento, Alessia... Mas é urgente — pela entoação da sua voz, Daniel percebeu que o assunto era grave. Dirigiu-se para o escritório e quando entraram Miguel girou a chave e enfiou-a no bolso. Daniel esboçou um sorriso enigmático e sentou-se no sofá. Embora não soubesse do que se tratava, começara a formular uma ideia quando Miguel trancou a porta.

— Não vai perguntar por que fechei a porta?

— Tenho certeza de que vai me informar — disse, com uma ponta mal disfarçada de ironia.

— Descobri tudo, De Payens — afirmou de rompante. Daniel moveu a cabeça em sinal de anuência, e continuou a olhá-lo, esperando que Miguel explicasse o que havia descoberto.

— Eu absorvi as memórias do Destruidor de Almas.

— Não. Você, eu e Dib absorvemos as memórias do Destruidor de Almas. Juntos — frisou calmo, confirmando que a sua ideia inicial sobre o assunto que Miguel queria tratar estava correta. — Você, sozinho, não teria suportado a quantidade de energia contida naquele objeto.

— Sim... — hesitou Miguel, como se estivesse um pouco desnorteado. Sentou-se em frente de Daniel, mantendo o corpo tenso e o olhar atento.

— A confusão mental que está sentindo provém dos séculos de informação que estavam no Destruidor de Almas, e parte dessa informação está se consolidando dentro de você. Vai levar algum tempo até que tudo faça sentido — explicou Daniel, pacientemente.

— Eu só absorvi parte da informação? — quis saber Miguel.

— Sim, parte. Você e Dib absorveram apenas uma ínfima parcela do que estava no Destruidor de Almas. Fragmentos — explicou. — Eu sou o repositório de toda a informação.

— Como? — perguntou Miguel, tentando encontrar sentido nas terríveis memórias que estavam passando pela sua mente, como um filme muito veloz.

— Sou o guardião Supremo e, apesar de estar ameaçado pela morte, tenho muito mais poder que qualquer um de vocês — lembrou, com um leve tom de ameaça. Não sabia o que Miguel queria, mas a atitude dele mostrava certa confusão mental e, também, alguma irritação, tornando-se difícil prever qual seria o seu comportamento.

— Está me ameaçando? — perguntou Miguel, intuitivamente.

— Preciso? — questionou Daniel, consciente de que a conversa estava tomando um rumo diferente, que só podia significar que Miguel sabia ou estava prestes a descobrir um dos seus mais terríveis segredos.

— Não sei — respondeu Miguel, sentindo ressurgir a velha raiva que sentira por Daniel.

— Então vamos descobrir — afirmou Daniel, imperturbável, conhecedor dos efeitos que as memórias maléficas contidas no Destruidor de Almas podiam provocar.

— Eu sei quem você é — anunciou Miguel, movendo-se um pouco para adiante, com as mãos firmemente apertadas uma na outra.

— E quem sou eu? — questionou Daniel, com placidez.

— Você sabe quem é. Como não percebi nestes séculos todos? Como ninguém descobriu? — questionou, chocado, levantando-se num pulo como se tivesse sido impulsionado por uma mola invisível. Daniel continuou sentado, sem responder, pensando no que faria. Aquilo era demasiada informação para Miguel e, naquele momento, havia muito em jogo.

— Diga alguma coisa. — Miguel elevou a voz, parando de repente na frente de Daniel, ao perceber que a porta do escritório estava abrindo. Enfiou a mão no bolso e sentiu o metal frio da chave. A porta abriu-se silenciosamente para dar passagem a Dib.

— Temos outra chave — justificou Dib, mostrando-a antes de trancar de novo a porta. — O que está acontecendo, Besson?

— Descobri quem ele é. Sei qual é a verdadeira identidade dele — disse acusatório, apontando para Daniel. Dib trocou um rápido olhar com Daniel e aproximou-se de Miguel, prendendo a sua atenção.

— O que quer dizer, Besson? — perguntou Dib.

— Dib, ele é... — calou-se de repente, quando as mãos de Daniel envolveram a sua testa, fazendo-o desabar, como se estivesse dormindo. Dib o segurou, e ambos o carregaram para o sofá, com cuidado.

— Não queria fazer isto — afirmou Daniel. — Mas não tenho opção.

— Eu sei — concordou Dib. — É preciso apagar todas as memórias do Destruidor de Almas que tenham a sua imagem. Consegue fazer isso?

— Acho que sim — afirmou Daniel, pousando as mãos sobre a testa de Miguel e arrancando de lá todas as memórias onde a sua imagem estivesse presente. Depois transferiu vários conhecimentos de magia negra, contidos no Destruidor de Almas, para preencher os espaços vazios, evitando que Miguel ficasse com aquela vaga impressão de saber algo, sem ter certeza do que poderia ser. Levou mais de dez minutos até terminar e retirar as mãos da testa de Miguel.

Elizabeth bateu na porta, com os nós dos dedos, num tamborilar leve:

— Podem acabar com a conspiração? — perguntou, em tom de brincadeira.

Daniel fez um sinal positivo com a cabeça, para que Dib abrisse a porta e a deixasse entrar.

— O que aconteceu? — perguntou, indo para junto de Miguel, ao vê-lo deitado no sofá. Ajoelhou-se ao seu lado e pegou na mão adormecida.

— Cansaço — respondeu Daniel com simplicidade.

— Isso não é normal — retorquiu Elizabeth, vendo Miguel abrir os olhos.

— Nós não nos rendemos ao cansaço desta forma.

— O que aconteceu? — Miguel tentou erguer o corpo.

Daniel olhou-o de cima e aconselhou:

— Levante-se devagar. Você desmaiou e Dib é que o segurou.

— Isso nunca aconteceu... — respondeu Miguel, confuso.

— Pode ser efeito da última noite — Daniel explicou. — Você fez muito esforço para lidar com Lucrezia Zani.

Miguel sentou-se, ainda segurando a mão de Elizabeth. Olhou-a com ternura, pensando em como era bela e perfeita, com aquela pureza capaz de apaziguar a sua alma perturbada. Soltou-a, levantou-se do sofá e aproximou-se de Daniel, avaliando-o com atenção como se estivesse tentando lembrar algo. Franziu ligeiramente a testa e respondeu:

— Tem razão... Acho que preciso descansar.

— Quer ficar aqui hoje? — ofereceu Daniel.

— Fique, Miguel — pediu Elizabeth.

— Acho que vou aceitar — cedeu, sentindo-se ainda um pouco confuso.
— Vou avisar Alessia — disse Elizabeth saindo do escritório.
— Sente-se melhor, Besson? — perguntou Daniel, pousando a mão sobre o seu braço. Dib também se aproximou dele.
— Não sei. A minha mente está cheia de informações terríveis... — confessou.
— Precisa tomar cuidado: é uma informação muito maléfica — avisou Daniel.
— Estou vendo rituais e mortes horríveis... — murmurou.
— Por isso é bom que fique conosco, e talvez até por mais alguns dias, pelo menos até sabermos quais os próximos passos de Lucrezia — avisou Daniel.
— Em breve vai descobrir quem eu sou e deve vir em busca de mim — rematou Miguel.
— Estamos aqui para impedir que isso aconteça — tranquilizou Dib.
— Vamos jantar... — convidou Daniel, colocando a mão sobre o cotovelo de Miguel para conduzi-lo com suavidade.

Lucrezia apertou o botão da campainha com firmeza. O som propagou-se pela casa, e alguns segundos depois, o empregado abriu a porta. Ela entregou um cartão com o seu nome e uma anotação em letra miúda: *Sarah*. Ela podia ter entrado na casa à socapa, durante a noite, quando todos estivessem mergulhados no sono, para roubar o punhal, mas chegara o momento de revelar a sua identidade a Jean Luc e começar a explicar o papel dele.

Olhou em volta, lembrando-se da primeira vez que estivera ali, para assassinar os Messie e levar o Cálice que usaria no ritual para fortalecer o Anunciado. O empregado retornou e pediu que o acompanhasse, exatamente como ela previra. Lucrezia seguiu, sem dizer uma palavra. Jean Luc aguardava-a na sala onde Marie-Thérèse gostava de tomar o seu chá da tarde. Ele estava de pé, observando o jardim através da janela imensa. Ela parou, alguns passos atrás dele. Três ou quatro passos, não mais que isso. Ele voltou-se devagar para encará-la, cumprimentando-a com uma breve inclinação de cabeça, e controlando a surpresa por ver uma mulher tão jovem e bela na sua frente. Não sabia quem esperava, mas com certeza não era alguém com o perfil de Lucrezia, esbanjando charme e sensualidade. Ela vestia um *tailleur* impecável, justo ao corpo, num tom de vermelho sangue,

com a saia apenas dois centímetros acima do joelho, e sapatos pretos, de salto alto. Ela sorriu, mostrando os dentes brilhantes sob os lábios tão vermelhos quanto a roupa.

— Sou Lucrezia Zani e assassinei os seus pais — disse, arrastando as sílabas para tentar obter o máximo efeito com a frase. Jean Luc sentiu o coração bater descompassadamente, como se centenas de cavalos enlouquecidos trocassem dentro dele. Baixou o rosto. Ficou assim, com as mãos atrás das costas e o rosto virado para baixo durante mais de um minuto, tentando controlar as emoções. Não sabia o que fazer. Pensou em chamar a polícia, mas temia a reação dela. Voltou-se de novo para a janela, por um bom tempo. A sala estava totalmente silenciosa, e ele podia sentir a presença dela, enquanto era assaltado por pensamentos desconexos. Quando, por fim, voltou a olhá-la, o seu rosto não deixava transparecer qualquer emoção. Não podia dar-lhe o prazer de vê-lo sofrer.

Ela sorriu, reconhecendo o autocontrole dele. Sentou-se numa das poltronas e cruzou as pernas fazendo a saia subir alguns centímetros, para revelar as coxas bem torneadas, de pele acetinada. O casaco justo abriu-se ligeiramente, deixando antever a curva inicial dos seios firmes. Ela parecia indiferente ao frio do inverno. Jean Luc perguntou, sentando-se na poltrona em frente a ela, separado por uma bela mesa de chá do século XVIII:

— E Sarah?

— Tentei matá-la. Não tive sucesso, por enquanto. Mas decididamente matei o seu filho — informou com um sorriso sádico, colocando o fio de ouro quebrado, com a cruz de malta solta, sobre a mesa, como prova. A cruz fez um barulho seco quando bateu na madeira e aquele som propagou-se dentro dele como um eco. Ele fixou os olhos no objeto e conseguiu perceber algumas manchas escuras: era o sangue de Sarah que havia secado em volta do ouro lúcido, antes do fio ser arrancado. Não se moveu, como se tivesse paralisado. Continuou olhando fixamente o fio e a cruz. Lucrezia tinha levado a cruz com o objetivo de abalar Jean Luc, e ao observar a expressão sofrida do rosto dele, confirmou que conseguira.

— Eu daria a minha vida por ela — murmurou, confirmando apenas o que Lucrezia já sabia. Precisava entender por que ela havia assassinado toda a sua família. — Por quê?

— Você precisa ficar sozinho. Sarah deve morrer, desaparecer da sua vida de forma terrível, para que você sinta ódio e cumpra o seu destino. Para que se transforme no instrumento dos meus desejos.

— Bastava ter pedido — disse, como se estivesse totalmente vazio, olhando-a sem compreender o que ela queria dele, mas disposto a fazer o impossível para salvar Sarah.

Mas aquela reação não era o que Lucrezia esperava. Lembrou-se do desespero feroz de Hitler e do medo que ele sentia: vivia em sobressalto constante, temendo que as mulheres que amava acabassem dramaticamente com as suas vidas. Hitler tinha sentimentos e medos intensos e inflamava multidões com a sua voz e os seus discursos apaixonados, veementes.

Eram aqueles medos e desesperos que Lucrezia queria despertar em Jean Luc, mas via-o apenas mergulhado numa dor muda, consumido pelo desejo de salvar a amada. Observou-o com atenção: Jean Luc assemelhava-se a uma espécie de anjo frio e elegante, mas talvez fosse capaz de hipnotizar todos com a sua delicadeza e beleza. Porém ela tinha que controlá-lo, e para isso ele precisava sentir medo, porque o medo torna as pessoas frágeis, dependentes e fáceis de manipular.

— Não — negou ela, categórica. — Sarah tinha muita luz, muito amor. Com ela ao seu lado, você jamais poderia cumprir o seu destino. A bondade dela era contagiante, como um vírus. Com a morte dela você fica sem nada e está preparado para liderar o mundo — anunciou Lucrezia, áspera, sem que Jean Luc conseguisse compreender o que ela estava dizendo. Tudo aquilo soava como o discurso de uma mulher louca, completamente incongruente com a imagem racional que ela aparentava.

Lucrezia estava tão centrada em semear a maldade pelo mundo, tão envolvida nos seus jogos de manipulação e no seu desejo por poder que deixara escapar o mais importante dos detalhes: a essência de Jean Luc tinha sido alterada pelo amor.

— O que está dizendo? — perguntou atônito, com o discurso incoerente dela.

— Você será maior que Hitler.

Foi então que ele compreendeu o que ela queria, como se um clarão o tivesse atingido e iluminado tudo. Perguntou devagar, tentando dar lógica às palavras:

— Está afirmando que serei um líder político?

— Mais do que isso: será O líder. O mundo ficará rendido aos seus pés.

Jean Luc levantou-se e foi até o canto direito da sala, afastando-se dela. Sentou-se na cadeira preferida do seu pai, pensando que precisava ganhar tempo, para chamar a polícia. Cruzou as pernas e colocou uma das mãos no

bolso das calças para tentar usar o celular. Mas a tarefa parecia muito mais difícil do que pensara.

— Não estou interessado — respondeu, seguro de que ela era louca: ela assassinara a sua família e agora estava ali tentando transformá-lo num novo Hitler.

Lucrezia aproximou-se dele e afirmou com uma frieza ameaçadora:

— Não é uma alternativa nem uma oferta. É o que vai acontecer — esticou a mão direita, com a palma virada para cima. — O celular.

Ele olhou-a desafiador. O que ela poderia fazer? Matá-lo? Como poderia obrigá-lo a fazer algo que ele não queria?

Lucrezia apertou os lábios ao ver que ele hesitava em obedecer. Pensou irritada: *maldito livre-arbítrio humano*. Havia um acordo entre as forças do bem e do mal que proibia a interferência na vontade e nos destinos humanos, mas ela não estava disposta a deixar que um acordo interferisse nos seus planos. Repetiu a frase mais uma vez, usando um tom de voz específico, e ele sentiu-se compelido a obedecer:

— O celular, Jean Luc.

Ele deu-lhe o celular, tentando resistir, em vão, ao comando dela. Lucrezia desligou o celular, e ele teve a sensação de estar de novo no controle do seu corpo.

— Agora quero que me dê o punhal — disse, revelando a principal razão da sua visita.

Jean Luc ficou tenso, lembrando-se do Cálice desaparecido. Estava cheio de dúvidas, e apesar de não saber como ela reagiria, perguntou:

— Matou os meus pais para levar o Cálice?

— Um dos propósitos foi esse.

— E qual foi o outro?

— Um ritual para apaziguar as forças e agradar o meu Mestre.

— Que forças e que mestre?

Ela respondeu irritada com a ignorância dele.

— Existe a Luz e a Escuridão. Uma não existe sem a outra, e é a combinação das duas que gera as sombras. A Terra é o mundo das sombras onde a luz e a escuridão se misturam. Quando há luz surgem as sombras, mas quando há escuridão não há mais nada.

— Não entendo — respondeu, confuso com a loucura dela. Precisava chamar a polícia.

— Eu quero um mundo de escuridão. E o meu Mestre, que em breve será

também o seu, é o Senhor das Trevas. Mas teremos tempo para falar sobre isso. Agora quero o punhal...

Jean Luc olhou-a ela, estupefato, incapaz de assimilar todas aquelas baboseiras, mas desafiou corajosamente:

— E se eu não lhe der o punhal?

— Eu posso obrigá-lo. Você me deu o celular... — lembrou.

— Quando eu lhe der o punhal, suponho que terei o mesmo destino dos meus pais — disse, dando-se conta, pela primeira vez, que ela podia matá-lo. Não tinha pensado naquela possibilidade, chocado com a notícia de que ela era a assassina dos pais. Sentiu o coração disparar e a garganta seca.

— Claro que não — respondeu, espantada por ele não ter compreendido o papel que ela lhe estava reservando. — Tenho planos para você. Já lhe disse quais são.

Cada vez que ela falava, parecia um pouco mais louca do que antes, mas aquilo em vez de tranquilizá-lo aumentou a sua ansiedade: um louco era sempre imprevisível. Dirigiu-se ao lugar onde estavam as relíquias. Tinha sido dali que Charles Messie tirara o Cálice, antes de ela levá-lo à adega e matá-lo, juntamente com os outros. E agora o filho dele iria lhe dar o mais preciso dos objetos: parte da esmeralda de Lúcifer.

Ninguém tinha consciência do poder daquela esmeralda, mas ela acreditava conhecê-la bem: aprendera observando como Lúcifer a controlava para viajar entre os mundos, energizar-se, sugar almas, evaporar seres que o desafiassem ou explodir coisas que o irritassem. Ela fizera Hitler e o seu general, Heinrich Himmler, buscarem desesperadamente aquela pedra, e por isso a chamavam de Pedra de Lilith.

Quando Lúcifer disse que o Punhal das Almas tinha a esmeralda, ela se aquietou para que ele não percebesse a alegria intensa que sentira: finalmente achara a esmeralda, e depois de aprender a controlá-la seria como ele. Igual a ele, sem precisar se submeter a ninguém. O Anunciado seria seu subordinado, até o seu filho assumir o mundo. E Miguel Besson seria o seu companheiro: o homem com quem dividiria o seu destino.

Jean Luc deu-lhe a caixa fechada. Ela abriu a tampa e viu a esmeralda: achou que seria maior, porque não correspondia ao pedaço que faltava na testa de Lúcifer. Observou-a com cuidado, sem tocar, receando que Lúcifer pudesse senti-la. Afinal travava-se de uma parte dele, perdida na sua queda dos céus. Fechou a tampa com um baque seco e anunciou:

— Falamos após a morte de Sarah. Tenho certeza de que a minha proposta

se tornará mais atraente.

Oliver Bassan viu e reviu a gravação. Tinha deixado várias câmeras espalhadas pela casa dos Messie e acabara de descobrir quem era o responsável pela morte deles. O seu trabalho estaria completo quando Dimitri recebesse uma cópia da conversa entre aquela mulher, que dizia chamar-se Lucrezia Zani, e Jean Luc Messie. Tinha certeza de que Dimitri não ia gostar nada de ver que a assassina levava o punhal que tinha oferecido a Jean Luc, e custara um milhão e meio de dólares.

A conversa entre Lucrezia e Jean Luc parecia surreal, mas Oliver sabia que era o culminar de tudo o que ouvira sobre a Profecia, e foi obrigado a reconhecer que o grupo de estudiosos estava correto nas suas análises. Fez uma cópia no *pendrive* e dirigiu-se ao apartamento da Ordem, sem avisar.

Tocou à campainha desejando que Alessia atendesse. Mas enganou-se: era Seth. Pediu para falar com Daniel. Seth conduziu-o ao escritório onde estavam todos. No momento em que ele entrou na sala, o seu olhar cruzou-se brevemente com o de Alessia, e ela sentiu uma coisa morna no estômago, como se tivesse acabado de beber um chá muito quente.

Oliver explicou rapidamente o que acontecera e colocou o *pendrive* na televisão. Apertou o *Play* e em segundos a tela encheu-se com a imagem de Jean Luc e Lucrezia, numa conversa em que ela revelou os assassinatos dos Messie e Sarah, o papel que esperava de Jean Luc e, por fim, pediu o punhal, segura de que ele o tinha.

— Congele — pediu Daniel, avaliando a caixa que Lucrezia tinha na mão, praticamente no final da gravação. Oliver levantou o controle e congelou a imagem.

— Ah! — Elizabeth gritou, paralisando todos. A sua voz parecia conter algo de terrível.

— O que foi? — Daniel aproximou-se e segurou a mão dela, que apontava para a imagem de Lucrezia saindo da casa de Jean Luc Messie, com a caixa que continha o punhal.

— Elizabeth? — insistiu Daniel, vendo o rosto pálido dela e os lábios demasiado apertados, no esforço de se controlar para tentar explicar. — Respire.

Ela respirou, mas o ar levou algum tempo até chegar ao fundo dos seus pulmões, parecendo que uma mão a espremia por dentro, impedindo o

oxigênio de entrar. Falou, mastigando as palavras, uma a uma:

— Ela vai assassinar um de nós.

A sala mergulhou num silêncio brusco. Ninguém se atrevia a dizer absolutamente nada, nem Oliver, que continuava parado com o controle da televisão na mão, como se também tivesse sido congelado. Todos os olhares estavam centrados em Elizabeth. Daniel foi o primeiro a reagir. Continuava segurando a mão dela ao perguntar, fixando-a bem nos olhos, onde estava estampada toda a sua perturbação e também a sombra leve que denunciava a presença de Angelina:

— Quem, Elizabeth?

Ela sacudiu a cabeça:

— Não sei. Pode ser qualquer um de nós.

— Como? — continuou Daniel, criando um roteiro de perguntas precisas para descobrir o máximo de informação possível, antes que Angelina partisse.

— Com o Punhal das Almas, que está naquela caixa — disse soltando-se da mão de Daniel e apontando uma vez mais para a imagem da televisão.

— Quando?

— Não sei...

— Onde, Elizabeth?

— Não sei...

Daniel se aproximou, ficando a centímetros do rosto dela, para pedir suavemente:

— Feche os olhos. E descreva o que vê.

Ela levou alguns segundos até fixar a imagem e começar a falar.

— É uma sala redonda, escura, com um círculo de pedra no centro, em um nível mais baixo. O chão é de pedra com símbolos formados por pedras mais escuras. Tem um altar ao fundo, e o Cálice e o punhal estão sobre o altar.

— O que mais consegue ver? — continuou questionando Daniel calmamente.

— É embaixo da casa dela.

— E onde é a casa dela?

Ela se esforçou, mas sacudiu a cabeça, antes de responder:

— Não consigo ver mais nada.

— Tentamos mais tarde — avisou Daniel, afastando-se dela. Aquele caso sempre os incomodara, e a visão de Elizabeth, claramente guiada por Angelina, talvez explicasse os temores e pressentimentos iniciais. A

possibilidade de um deles perder a vida era algo impensável, porque um guardião só podia perder a vida se entregando a Lucrezia Zani, abdicando da vida por vontade própria. Essa era a única forma: um único Anjo Negro não conseguia destruir um guardião mesmo que tivesse o punhal. E o principal enigma era saber o que poderia levar um guardião a se entregar voluntariamente à morte.

— Obrigado pela gravação, Oliver. Vai entregá-la a Dimitri? — questionou Daniel, optando por não continuar explorando a trágica visão de Elizabeth sobre a morte de um deles.

— Editei uma versão com a confissão dos assassinatos e o pedido do punhal. Cortei tudo o que dizia respeito à Profecia. Seria complicado explicar a Dimitri — justificou. — Vou enviá-la por e-mail, ainda hoje. E isso finaliza o trabalho que Dimitri me contratou para fazer e encerra também a minha dívida com ele, por ter liberado Elizabeth.

— Mas ele pode lhe pedir que descubra a localização de Lucrezia — avisou Miguel, que se mantivera silencioso até ali.

— Pode. Vocês pretendem descobrir isso? — perguntou Oliver.

— Sim — respondeu Daniel.

— Talvez possamos continuar colaborando — disse, esboçando um gesto para se despedir.

— Seria muito útil — respondeu Daniel, confiante nas habilidades de Oliver.

— Lanche conosco — convidou Alessia num gesto de ousadia, que o agradou.

— Obrigado, Alessia — aceitou Oliver, com um sorriso.

25. A casa

O homem precisa daquilo que em si há de pior se pretende alcançar o que nele existe de melhor.

Friedrich Nietzsche (1844-1900)

Daniel entrou no gabinete de Étienne com um envelope na mão, percebendo o ambiente agitado. O jovem Messie estava orientando um especialista a desenhar um retrato. Bardas e Shaw observavam Jean Luc com atenção, enquanto Étienne caminhava entre duas poltronas e uma pequena mesa, num dos lados do gabinete. Quase podia sentir que o momento de prender a assassina se aproximava e, em breve, terminaria o inferno provocado por um dos piores casos em que tinha trabalhado.

— Ah, que bom que vieram... — disse Étienne cumprimentando Daniel, Dib e Miguel. — Tenho novidades: a assassina visitou Jean Luc para pedir um punhal que havia sido oferecido por um amigo do seu pai: Dimitri Sergeevich.

Eles perceberam como Bardas lhes deitou uma mirada atenta ao cumprimentá-los. Com a chegada deles, a sala ficou superlotada.

— E ele está fazendo o retrato falado — comentou Shaw.

— Acho que podemos ajudar — anunciou Daniel abrindo o envelope e tirando de lá uma fotografia com o rosto visível de Lucrezia. — Jean Luc, foi esta mulher que o visitou?

Ele se levantou e pegou a fotografia: ela era inconfundível. O olhar dela fixava-o diretamente parecendo capaz de sair do papel.

— Sim — respondeu, surpreso. — E essa é a caixa com o punhal.

— Onde conseguiram isso? — quis saber Étienne.

— Preciso confessar algo: por razões de segurança achamos melhor deixar alguém próximo de você, após o incidente com a Sarah — disse Daniel, simplificando o que acontecera. — E essa pessoa tirou esta fotografia.

— Vocês estavam me vigiando? — perguntou Jean Luc, com a voz ligeiramente irritada.

— Não. Protegendo — explicou Daniel. — Todas as pessoas importantes da sua vida foram mortas, ou quase. A assassina parece ter um interesse especial em você. Além disso, vários objetos da sua família estão passando para as mãos dela: o Cálice, o cordão de Sarah e, agora, o punhal. Há alguma coisa que ela lhe tenha dito, além de pedir o punhal?

Jean Luc hesitou, sentindo o olhar analítico de Daniel, como se ele soubesse o conteúdo da sua conversa com Lucrezia. Mas ele não podia contar aquele diálogo: iam achar que era louco, como ela. Por isso omitiu a fantasia dela transformá-lo no novo Hitler.

— Não.

Daniel percebeu que ele não falaria sobre o assunto e achou que era a melhor solução. Seria difícil agregar mais aquela variável ao caso, e explicar a existência da antiga profecia.

— Ela se chama Lucrezia Zani — disse Miguel. — Não sabemos onde mora. Talvez seja na sua própria casa que ela pratica alguns dos rituais.

— Podemos ver se está no sistema — sugeriu Étienne prontamente. — Enquanto eu mando investigar por aqui, Shaw, veja com a Interpol se há alguém com esse nome.

Jean Luc perguntou a Étienne:

— Como já têm a fotografia, posso ir? Gostaria de voltar para junto de Sarah.

— Claro, claro. Obrigado, Jean Luc — agradeceu Étienne.

— Enquanto esperamos a informação, podemos sair e tomar um espresso — sugeriu Bardas.

Meia hora depois, os resultados não agregaram nenhuma informação sobre Lucrezia.

— A única Lucrezia Zani que existe é uma italiana de noventa anos — avisou Étienne.

— Como? — perguntou Miguel, fazendo Étienne repetir a informação.

— A única Lucrezia Zani tem noventa anos e mora em Milão. Por que

pergunta?

— Acho que ela se apropriou da identidade da verdadeira Lucrezia Zani.

— Mas iria deixá-la viva? Não parece ser o estilo dela — rebateu Shaw.

— Deixou-a viva para provocar impasses como este: toda a informação leva até uma senhora de noventa anos, vivendo confortavelmente na sua casa de Milão. Uma senhora que não teria a mínima condição de estar envolvida em nada disto — defendeu Miguel.

— Bem... Vou mandar colocar a fotografia dela em todos os canais de televisão, revistas, jornais e internet — avisou Étienne.

— Talvez não seja aconselhável — disse Daniel.

— Por quê? — quis saber Shaw, que achara a ideia de Étienne brilhante.

— Não sabemos como ela vai reagir se for encurralada. — respondeu Daniel.

— Parece-me a forma mais rápida de descobrir onde ela está — defendeu Étienne.

— Concordo que é a mais rápida, mas não sei se é a mais segura. — Daniel pensou na reação de Lucrezia caso ela se enfurecesse, mas não lhe ocorreu uma alternativa melhor à decisão de Étienne, ou pelo menos uma alternativa que pudesse ser explicada racionalmente. Tinha certeza de que, apesar do rosto de Lucrezia ser maciçamente veiculado na mídia, não seria assim que descobririam onde ela morava. Iriam aparecer centenas de pessoas dizendo que a tinham visto, mas ninguém teria informações sobre a casa ou o esconderijo dela.

— Tem outra ideia? — questionou Étienne.

— Não — respondeu Daniel, laconicamente.

— Então acho que vamos avançar com a minha ideia — afirmou Étienne, seguro.

— Concordo — Shaw consultou Bardas com o olhar para ver se ele tinha alguma objeção, mas ele também estava de acordo. Todos ansiavam um rápido desfecho, não apenas pela enorme pressão política, que continuava aumentando todos os dias, mas principalmente porque aquele caso, pela sua natureza horrenda, provocava um esgotamento maior que qualquer outro. Tudo o que tinha a ver com crianças mexia mais profundamente com as emoções, deixando os investigadores com um mal-estar que, por vezes, lhes turvava o raciocínio. Bardas sabia daquilo por experiência própria: lembrava-se bem do caso de pedofilia que investigara e de como afetara os nervos de todos.

— Vai conosco, Besson? — perguntou Dib, ocupando o lugar do motorista no carro estacionado praticamente na frente da entrada do prédio da polícia.

— Vou — respondeu sentando-se no banco traseiro e fechando a porta do carro. — Não acredito que a polícia descubra onde ela está, mesmo que haja um cartaz em frente a sua casa. Ela se protege com encantamentos e por isso Elizabeth não conseguiu descobrir quase nada sobre ela. Nem eu, para dizer a verdade.

— Mas se lembram de quando Elizabeth sonhou com o número sete e a ascensão do Anunciado? Ela afirmou que era alguém que tanto podia ser um homem ou uma mulher e o Anunciado seria maior que Hitler — comentou Daniel.

— Hitler é uma referência para ela, porque tentou fazer dele o Anunciado — disse Miguel.

— E falhou — reforçou Daniel.

— Graças ao Tibetano — comentou Miguel, antes de murmurar. — Ainda não sei como classificar a sua atuação... Ele participou da ascensão e da queda de Hitler.

Daniel manteve-se em silêncio por alguns segundos. Era a segunda vez que Miguel falava no Tibetano. Apesar de muitos considerarem que o Tibetano se suicidara, Miguel tinha dúvidas sobre a verdadeira identidade do misterioso monge que orientara Hitler, e no final, sem uma explicação racional, também contribuíra para a sua queda. A controversa figura, muito pouco conhecida, era fascinante, e Miguel acreditava que Dib e Daniel sabiam de quem se tratava e tinham um conhecimento detalhado sobre aquela história secreta. Miguel continuou falando, introduzindo claramente o tema da Segunda Guerra:

— Sabemos que às vezes é preciso fazer o mal para atingir um bem maior.

— São Tomás de Aquino dizia que “não há ocasião que permita fazer o mal para que resulte alguma coisa boa”. E isso é um dos pontos essenciais sobre os quais discordamos, Besson — afirmou Daniel.

— É verdade, mas a realidade tem provado que eu estou certo e São Tomás de Aquino, não.

Daniel virou-se para trás e riu ao ver o sorriso de diversão estampado no rosto de Miguel. As descobertas sobre Lucrezia tinham-no abalado, mas agora parecia retornar lentamente ao seu ponto de equilíbrio, como se

estivesse maturando grandes decisões e planejando um novo caminho. Dib mantinha-se impávido, parecendo não estar escutando aquela conversa.

— Vocês sabem quem é o Tibetano? — perguntou Miguel descaradamente.

— Qual é o seu interesse no Tibetano? — quis saber Daniel.

— Se a história for verdadeira, ele era um monge de grande poder e conhecimento que ajudou Hitler e depois o traiu. Ninguém sabe quem foi, nem o que realmente aconteceu. Talvez seja o único mistério da Segunda Guerra que me escapa. O Tibetano encaixa-se nos meus argumentos contra são Tomás de Aquino — riu Miguel.

— Mas é um argumento demasiado simplista, não, Besson? — retrucou Daniel.

— Às vezes o simples é bom: é um contraponto à nossa vida demasiado complicada. Voltemos ao Tibetano, De Payens. Quem foi?

— Falaremos disso noutra ocasião, Besson. Agora não é um momento oportuno.

— É tão oportuno como qualquer outro — argumentou, evitando abandonar o assunto.

— Não vamos falar sobre isso — Daniel respondeu, desta vez mais firme.

— Isso significa que você sabe quem é o Tibetano — Miguel comentou como se falasse apenas para si mesmo e estivesse fechando um raciocínio que levava anos construindo.

— Esse assunto está encerrado, Besson — insistiu Daniel, com a voz pesada. E Miguel soube que não descobriria nada sobre o Tibetano, mas continuava disposto a desvendar o mistério sobre a sua identidade e os eventos ligados aos últimos dias de vida dos Barretes Negros, os monges que rodearam Hitler. Miguel acreditava que a principal razão para Daniel não abordar o assunto tinha a ver com o envolvimento da Ordem naqueles eventos, e talvez tivesse sido um envolvimento terrível.

— Nesse caso voltemos a Lucrezia — sugeriu Miguel, ignorando qualquer críspação que tivesse resultado das suas perguntas incômodas sobre o Tibetano.

— Tem alguma ideia sobre a melhor maneira de encontrá-la? — perguntou Daniel, voltando ao normal.

— Posso telefonar e aceitar o convite que ela me fez para ir à sua casa — afirmou, embora estivesse consciente dos perigos que a sua atitude podia trazer.

— Está fora de questão — Daniel rejeitou a ideia, reforçado por Dib, que acompanhara silenciosamente a discussão sobre o Tibetano:

— Você não deve se encontrar com ela. Principalmente depois do aviso de Elizabeth.

— Ela disse que seria um dos guardiões. Isso me exclui.

— Não necessariamente — afirmou Dib. — Elizabeth disse que seria um de nós. E, neste momento, você é um de nós.

— Não sou. Isso me exclui — insistiu Miguel. — Além disso, vocês mesmo reconheceram que Lucrezia não me fez mal por estar apaixonada por mim.

— Não é uma boa ideia, Besson. Ela pode estar apaixonada, mas a situação mudou. Ela teve tempo para pensar e já deve ter uma ideia sobre a sua identidade — Dib tinha certeza de que aquela era uma péssima maneira de descobrir o paradeiro de Lucrezia, embora soubesse que talvez fosse a única.

— É a melhor das ideias — defendeu Besson.

— Isso foi o que você disse da última vez e ela quase o matou — lembrou Daniel.

— Mas não matou. Posso querer falar do meu filho. Propor um futuro — disse.

— E acha que ela vai acreditar? Besson, ela já sabe que você destruiu o Destruidor de Almas, e isso é suficiente para ela deduzir que só um ser místico, um guardião, pode fazer isso. No contexto atual é isso que você é para ela: um guardião — Daniel reforçou a argumentação iniciada por Dib. — E a sua morte é muito mais valiosa para ela do que a sua vida. A sua alma dá-lhe uma quantidade de energia enorme que a tornará muito mais poderosa do que ela já é.

— Eu teria que me entregar para ela conseguir a minha alma.

— Ou ela pode forçá-lo a render-se com algum dos seus poderes de sedução ocultos. Talvez seja assim que ela pode nos destruir... Não faça isso, Besson. Pensaremos noutra solução — disse Daniel. — Precisamos de você vivo.

Miguel acatou o pedido, com relutância. Não estava disposto a sacrificar-se: não fazia parte do seu perfil. Abnegação e sacrifício lhe pareciam atitudes demasiado extremas, e ele não as apreciava. Mas acreditava que teria que resolver aquele assunto, de alguma forma. Pensara muito sobre o filho e avaliara as consequências do seu envolvimento com Lucrezia.

Dimitri recebeu o arquivo e viu a imagem de Lucrezia Zani. Estudou os gestos dela e apreciou a sua beleza. Oliver Bassan fizera um bom trabalho ao descobrir a responsável pela morte de Charles Messie e que, além de ter roubado o Cálice, também levava o punhal que ele oferecera ao jovem para satisfazer o último desejo do pai. Apesar de Dimitri querer ajustar contas com ela e aproveitar a oportunidade para recuperar os objetos dos Messie, Oliver havia-o avisado de que a polícia também estava no encalço dela e sugeriu que ele deixasse o assunto entregue às autoridades, pelo menos temporariamente.

Dimitri acatou a sugestão de Oliver e decidiu esperar para ver como se desenrolava o caso. Tudo o que não queria era voltar a estar sob o radar atento da polícia.

Estava satisfeito com o trabalho de Oliver, e ele correspondera a todas as recomendações que recebera. Talvez até um pouco mais: além de focado e muito eficaz, era extremamente inteligente. A sua ponderação e capacidade de análise faziam dele um elemento valioso, que Dimitri pretendia manter ao seu serviço. Já tinha até uma próxima tarefa para Oliver: encontrar Tereza Sampaio. Mas decidiu resolver primeiro o caso de Lucrezia Zani, antes de contratar Oliver para acabar com Tereza Sampaio.

A imagem de Lucrezia Zani apareceu em toda a mídia francesa, tornando-se foco do interesse internacional. O comunicado de imprensa não a associava à morte das crianças, porque a polícia temia reações violentas por parte da população, mas afirmava que ela era suspeita pelo envolvimento na morte dos Messie e seus empregados, além de ter tentado assassinar a esposa de Jean Luc Messie.

Quando Étienne pediu que Jean Luc desse uma declaração solicitando informações sobre Lucrezia Zani, para reforçar a empatia do público, o pandemônio instalou-se, porque todos diziam tê-la visto em algum lugar, sobrecarregando os telefones da polícia com informações aleatórias e, quase sempre, inverossímeis. Havia relatos da presença simultânea de Lucrezia em pontos muito distantes da cidade. Aquela sua onipresença não facilitava o trabalho da polícia. Tornou-se difícil filtrar a informação e descobrir o que era real ou pertinente e o que era fruto da imaginação das pessoas. E isso era o que Daniel temia que acontecesse.

A exposição de Jean Luc na televisão tornou-o o centro das atenções,

marcando o início da sua ascensão midiática. O herdeiro Messie, sobrevivente e solitário, causou uma onda de simpatia e transformou-se em celebridade, surgindo no foco de um movimento de solidariedade liderado por adolescentes que passaram a considerá-lo um ser iluminado por ter sofrido tantas perdas pessoais. A morte do bebê e o coma de Sarah contribuíam para acentuar a aura de quem parecia destinado a algo maior, após ter sido submetido a tanto sofrimento. Até o seu nome começou a ser alvo de especulação: “messie” em francês significa “messias”, e ele passou a ser conhecido como *le messie*, o messias.

Quanto mais a fotografia de Lucrezia Zani se propagava mais a celebridade de Jean Luc aumentava, tornando-se um fenômeno que ninguém previra.

Enquanto Lucrezia representava o mal, Jean Luc era a personificação do bem, com sua beleza triste, seu olhar distante e seus modos distintos. Ele era a versão moderna do príncipe encantado, e as coisas saíram do controle de tal forma que foi necessário montar um cordão policial em volta do hospital, para evitar que invadissem o local: as pessoas queriam vê-lo, mostrar solidariedade com a sua dor, segurar as suas mãos, levar flores, doces e pelúcias.

As televisões, ao perceberam o carisma midiático do jovem e o interesse que suscitava, acamparam, literalmente, em frente ao hospital, onde ele passava o tempo ao lado da esposa, que continuava entre a vida e a morte. Aquela dedicação engrandecia-o principalmente aos olhos das adolescentes. Sem qualquer intenção, Jean Luc surgia como um messias, e ninguém sabia de quê, nem mesmo ele. O certo é que se tornara uma espécie de Che Guevara moderno e estilizado, embora sem conteúdo político ou sociológico, mas cujo sofrimento representava um caminho para a iluminação espiritual. Havia camisetas estampadas com o seu rosto, revistas com reportagens, fotografias e gravações suas na internet saindo ou entrando no hospital, e tudo o que lhe dizia respeito tornara-se viral: a informação sobre ele multiplicava-se na mídia e contribuía para aumentar a sua aura mística.

Lucrezia estava fascinada com o punhal. De todos os objetos que conhecera, aquele era o mais especial: era uma parte da mítica visão de Lúcifer. Nem a fabulosa Lança do Destino ou o Cálice de Cristo, que agora também estava em seu poder, exerciam sobre ela aquela atração que a fazia mirar o objeto e andar constantemente com ele. Dormia com ele debaixo da

almofada, levava-o quando saía à noite, disfarçada de mulher fatal, com cabelos loiros ou ruivos para ludibriar a sua imagem estampada em todos os lugares. Na primeira noite resistiu, mas na segunda seguiu os seus impulsos e enfiou o punhal no coração de um jovem admirador que a seguira por um dos becos de Paris, depois de ela ter flertado com ele num bar. Sentiu um prazer indescritível ao absorver a alma aprisionada na esmeralda brilhante, através do pequeno corte que fez na pele, como se o seu corpo tivesse sofrido uma descarga violenta de adrenalina. Levou alguns minutos para voltar ao normal: parecia uma droga que dominava tudo, tornando os sentidos mais aguçados e o corpo, muito mais forte, além do prazer intenso que percorria todos os seus músculos. E, exatamente como uma droga de adição imediata, ela imediatamente quis mais. Aquele momento marcou o início de uma segunda onda de assassinatos, desta vez aleatória: eram homens e mulheres, de qualquer idade, que ela seduzia e arrastava para qualquer canto escuro para lhes ceifar a vida.

As noites tornaram-se inseguras e as pessoas tinham medo de sair. Étienne se irritava e desesperava com a falta de solução. Acreditava, assim como Shaw e Bardas, que aquilo era obra de Lucrezia Zani, apesar de não coincidir com o estilo anterior dela. Questionava se não seria uma vingança por terem revelado a sua imagem. Por mais que Daniel, Dib e Miguel reforçassem que Étienne não era responsável pelos assassinatos, ele não conseguia se livrar da culpa. Mas o pior era a ausência de soluções e a capacidade que ela tinha de passar despercebida entre as pessoas, como se tivesse o dom da invisibilidade: só sabiam que a tinham visto quando já era tarde demais e ela havia desaparecido. Depois de investigarem descobriram que ela podia ser loira ou ruiva, ter cabelo curto ou longo, e isso fazia toda a diferença numa mulher. Étienne decidiu aumentar o cerco: fez um anúncio mostrando várias fotografias dela montadas com diferentes tipos de cabelo e desta vez afirmou, de forma inequívoca, que ela estava ligada à morte das crianças e à segunda onda de assassinatos pelas noites de Paris.

Ao seu lado estava Jean Luc Messie, reforçando que ela fora responsável por dizimar a sua família e era necessário fazê-la parar. Ele pediu que só ligassem para a polícia com informações realmente importantes. E foi então que o mundo focou toda a sua atenção em Lucrezia Zani: o seu rosto passava na televisão em intervalos regulares, pelo mundo todo. Ela ganhou um nome e começou a ser conhecida como *la séductrice*, a sedutora, por sua capacidade de seduzir as pessoas, levando-as aparentemente sem resistência.

E a ela se punha a Jean Luc, *le messie*, com seus apelos firmes, imprimindo uma urgência crescente à necessidade de encontrá-la.

Miguel explicara aos guardiões que, após o primeiro assassinato com o punhal, Lucrezia Zani seria imparável. E propusera, várias vezes, encontrar-se com ela, mas a sua proposta foi sempre rejeitada por todos. Parecia claro que, no estado de frenesi em que ela estava, a presença de Miguel representava um atrativo adicional: ele era um ser especial que ela tentaria controlar ou, em uma situação extrema, assassinar para absorver a energia.

— Temos que pôr um fim nisto, mas não ao preço de mais uma vida — argumentou Daniel, vendo-os espalhados pelas cadeiras e sofás, como anjos se preparando para uma batalha.

— Segundo a profecia, “Um sacrifício deverá ser feito para a queda do Anunciado. O sangue de um anjo será derramado e a renúncia à vida será a causa da queda” — disse Elizabeth, que se debruçara sobre a Profecia, para justificar a sua visão sobre a morte de um deles.

— Talvez ela é que tenha que ser detida neste momento, porque Jean Luc, que seria o Anunciado, está em evidência, ganhando força e sendo escutado, mas em oposição a ela. E isso não estava previsto: ele devia ascender com ela — lembrou Kent.

— O epicentro é sempre ela — disse Uchoa. — Temos que fazê-la parar. Definitivamente.

— Ela adquiriu muito mais poder com o punhal — frisou Miguel.

— Elizabeth tem razão: a profecia menciona o sangue de um anjo — sintetizou Dib.

— Um de nós, como Elizabeth previu — lembrou Seth devagar. Elizabeth mantinha-se quieta, embora todos esperassem que ela soubesse mais alguma coisa: o que aconteceria ou como. Mas ela não conseguia ver nada além da fachada de uma casa, surgindo cada vez com mais detalhes. Mas de que adiantaria uma fachada, no meio de milhões de casas em Paris?

— Não — rebateu Daniel, firme. — Nenhum de nós deve cair para provocar a queda dela. Tem que haver outra solução.

— Um de nós tem que se entregar voluntariamente — afirmou Kent.

— E depois? O que acontece? — perguntou Miguel, pragmático.

— Não sei — respondeu Kent.

— Se um de nós se sacrificar, não sabemos o que pode acontecer... Isso

não é razoável, embora a profecia seja clara sobre a necessidade do sangue de um anjo — Dib comentou. — Elizabeth, tem alguma ideia?

— Lamento não poder ajudar mais — respondeu, sob o olhar atento de todos. — A única coisa que comecei a ver foi a fachada da casa onde Lucrezia está. Mas ainda é muito vaga...

Daniel imobilizou-se repentinamente. Pediu, sentindo uma ponta de esperança, pela primeira vez em dez dias, desde que haviam divulgado a imagem de Lucrezia:

— Conte-me sobre essa fachada. Consegue desenhá-la?

— Sou péssima em desenho — justificou-se, lembrando-o da sua falta de habilidade.

— Eu posso ajudá-la, se você descrever — sugeriu Daniel, encaminhando-se para uma das gavetas da mesa, de onde tirou um caderno de desenho e o estojo de lápis *Caran D'Ache*.

Todos abandonaram tacitamente a biblioteca para lhes dar espaço, e eles sentaram-se um ao lado do outro, num dos confortáveis sofás. Daniel colocou o bloco de capa rígida sobre a perna e começou a desenhar com traços precisos. Ela desconhecia aquele talento dele, de fazer surgir realidades no papel, e impressionou-se com a forma com que ele dava vida às suas palavras.

Eles estavam muito próximos, e ela podia sentir o calor do corpo dele através da roupa, e aquela sensação confortava-a, mas também lhe despertava desejos proibidos. Todos os gestos, por menores que fossem, funcionavam como uma linguagem sutil: ela encostou-se contra o braço esquerdo dele que segurava firmemente o bloco, e ele mantinha a coxa contra a dela, numa intimidade cujo perigo só eles entendiam. E cada vez que se moviam tudo adquiria um duplo sentido, e um gesto não era apenas um gesto, mas uma carícia que revelava o amor silencioso que viviam em segredo.

Desenharam a casa devagar, erguendo-a do chão como uma casa de verdade, pedaço por pedaço, fazendo com que ganhasse vida e densidade. Revelando as janelas, uma arcada e duas colunas que sustentavam a varanda do primeiro andar, posicionadas em frente à porta principal. Depois, um andar foi desenhado sobre o outro, e os seis degraus da frente surgiram como se tivessem nascido abruptamente do chão. Daniel adicionou o jardim raso, sem uma única flor. Um descampado na frente da casa. Ele coloriu-o com um bege muito desmaiado, que Elizabeth escolhera entre os lápis de cor, para simular a neve de inverno. A casa ficou pronta. Era uma casa pálida, discreta,

sem traços distintivos exceto as duas colunas que destoavam na arquitetura, sustentando os dois andares de cima. Mas ambos sabiam que a estranha força daquela casa estava nas suas entranhas, nas minúsculas janelas ovais, rentes ao chão, que denunciavam a existência de um porão cheio de segredos violentos.

— É isso — concluiu Elizabeth, apreciando o desenho, e em seguida olhando para ele.

A tensão entre eles aumentara aos poucos e os dois pareciam ligados a uma corrente elétrica, pronta para entrar em curto-circuito. O ar tornara-se denso e difícil de respirar. Ele abandonou o bloco ao seu lado, segurou-a pelo rosto com os olhos acesos e beijou-a com paixão. O gesto serviu de gatilho para incendiá-los e em segundos os seus corpos fundiam-se num abraço ávido. Ele inclinou-a para trás, deitando-se sobre ela e espremendo-a com o seu corpo contra o sofá. Sentiu-a ceder sob o seu peso, como se os corpos se tornassem um só.

A porta abriu, mas eles não perceberam o ruído suave do trinco, envolvidos no desespero de se entregarem um ao outro, indiferentes às consequências dos seus atos.

— Elizabeth?

Daniel parou de beijá-la e olhou-a, como se tivesse caído, de repente, de um lugar muito alto. Ela abriu os olhos para vê-lo, enquanto ambos tomavam consciência do que estava acontecendo. Ele começou a levantar-se devagar: primeiro a cabeça, depois o tronco, até se sentar no sofá, de costas para a porta entreaberta. Ela imitou os gestos dele. Daniel levou alguns segundos para se acalmar antes de ficar de pé, para enfrentar o intruso. Voltou-se e encarou-o: Dib fechou a porta e avançou até eles.

— Isto não pode acontecer aqui. É demasiado perigoso. Se alguém visse vocês... — afirmou Dib, mais preocupado com a possibilidade de eles serem descobertos do que com o fato de estarem infringindo as normas. — Se Besson entrasse teríamos um problema.

— Eu sei... — respondeu Daniel, esboçando um sorriso, sem necessitar dizer que aquela situação era insustentável e nenhum deles conseguia se controlar na presença do outro.

Elizabeth continuou sentada, envergonhada por Dib os ter descoberto, sem saber o que dizer. Daniel olhou-a com ternura indisfarçável e deu-lhe a mão para ajudá-la a levantar-se.

— Está tudo bem, Elizabeth — explicou. — Dib sabe.

Ela sentiu o seu carinho por Dib se multiplicar imediatamente e, num gesto impulsivo, abraçou-o no mesmo instante em que a porta se abriu para dar passagem a Miguel Besson. Ele parou, observando a cena inesperada: era claro que Elizabeth gostava de Dib, mas não imaginava que ela gostasse tanto dele como estava demonstrando naquele momento. Daniel percebeu que Miguel estava surpreso e pensou que se ele tivesse chegado minutos antes, a cena teria sido infinitamente mais surpreendente. O amor de Miguel por Elizabeth não lhe permitia gestos de altruísmo naquele momento, e a descoberta da paixão entre Daniel e Elizabeth iria resultar num incidente com desfecho imprevisível, mas com toda a certeza violento.

— Entre, Besson — convidou Daniel.

— Não quero interromper... — respondeu com uma ironia que fez Daniel sorrir sutilmente. Miguel compreendeu que chegara a hora de voltar a investir na sua relação com Elizabeth, antes que ela criasse relações de cumplicidade mais profundas com os guardiões: agora além de Alessia e Daniel, surgia também Dib.

— Eu e Elizabeth já terminamos — anunciou Daniel. Miguel entrou na sala, seguido de todos os outros. Daniel pegou o bloco de desenho e foi até o meio da sala. Ergueu o desenho e perguntou:

— Alguém conhece?

Miguel aproximou-se e tirou o caderno das mãos de Daniel. Analisou a imagem cuidadosamente, em silêncio, durante um tempo que pareceu demasiado longo para todos, menos para ele. As memórias invadiram-no de supetão: lembrava-se da primeira vez que havia entrado por aquele pátio e do jardim florido e bem tratado, agora ocupado por um tapete de neve.

— Era a casa dos pais de Adèle — disse, por fim. As coincidências se assemelhavam cada vez mais a peças de um quebra-cabeça maquiavélico e estavam acabando com os seus nervos.

— Começo a achar que você tem razão, Besson, quando disse que parece estar sempre associado a acontecimentos terríveis — afirmou Daniel.

— Eu pareço atrair esse tipo de evento: é óbvio que o meu comportamento é que levou a isso. Por exemplo, sou responsável pelo punhal e fui eu que desencadeei alguns dos acontecimentos atuais, há muitos anos — justificou, consciente da sua participação. — Mas a descoberta de que Lucrezia mora na casa dos pais de Adèle significa que eu conheço a casa.

— Podem ter feito mudanças — sugeriu Uchoa.

— Na fachada não fizeram nada — disse, apontando para o desenho. — E

estas janelas minúsculas, aqui, próximas do chão, são o porão, onde antes havia uma adega e, agora, tenho certeza de que é o local onde ela faz os rituais.

— Finalmente sabemos onde ela está. Precisamos planejar para ir lá e acabar com isto — afirmou Kent, ansioso por encerrar o caso e se livrar do mau pressentimento que o dominava desde que os assassinatos das crianças haviam começado.

— Não é tão simples assim. Ela tem poderes imensos. Não é um Anjo Negro comum — advertiu Daniel.

— Somos oito — lembrou Miguel. — Vai dizer que não conseguimos dominá-la?

— Podemos dominá-la, mas não sabemos a que preço — avisou Daniel, recordando os confrontos terríveis que haviam travado com Anjos Negros e quase custaram a vida dos guardiões em várias ocasiões. — Além disso, ela tem o punhal, o Cálice e a Lança do Destino. São objetos mágicos demasiado poderosos que podem funcionar como portais de energia...

— Através deles ela consegue toda a energia que necessitar, especialmente se matar alguém — complementou Miguel. — Mas nós só morremos se nos rendermos.

— É verdade, porém o perigo reside na possibilidade de Lucrezia nos dominar ao ponto de fazermos o que ela deseja. Basta alguém hesitar, por um segundo, para ela controlar a sua mente e fazer com que se submeta aos seus desejos — afirmou Daniel, seguro. — É assim que ela controla as suas vítimas, fazendo com que elas caminhem ao encontro da morte voluntariamente e sem resistências. Ela ignora o livre-arbítrio humano.

— Podemos usar uma estratégia similar à que usamos da última vez em que estive com ela: dividimo-nos em dois grupos. Um grupo entra na casa e o outro dá apoio — sugeriu Miguel.

— É uma boa solução — respondeu Daniel, depois de avaliar prós e contras.

— Eu, Dib e Kent faríamos parte do primeiro grupo, que tem como objetivo dominá-la e recuperar as relíquias. E no grupo de apoio ficariam os outros cinco. O que acha, Daniel? — quis saber Miguel.

— Eu vou com vocês — respondeu Daniel, consciente dos enormes riscos que corriam.

— É melhor ficar no grupo de apoio — sugeriu Dib. — Não nos revelamos de uma vez e, como você é o mais forte, será a última linha de defesa e só

entra em ação se for necessário.

Daniel assentiu com um gesto de cabeça, e embora soubesse que a sugestão de Dib era a mais inteligente, temia que só os três não conseguissem resistir aos poderes maquiavélicos de Lucrezia. Mas Daniel tinha ainda uma preocupação adicional: precisava proteger Elizabeth, a mais jovem e inexperiente guardiã, que não possuía força ou sabedoria suficientes para se confrontar com um ser negro como Lucrezia.

— Elizabeth não vai — anunciou, antevendo que ela se rebelaria contra a sua decisão.

— Por quê? — perguntou ela, e antes que Daniel respondesse Miguel concordou com ele, reforçando a decisão.

— Concordo — disse Miguel, porém Elizabeth não se deu por vencida.

— Por quê? — perguntou novamente.

— É perigoso demais. Você ainda não tem treino suficiente para se defender de Lucrezia e, neste momento, representa uma fragilidade que ela não hesitará em usar, nos expondo a todos — explicou Daniel.

— Mas eu estaria com você — argumentou ela.

— Eu preciso estar focado neles — disse apontando para Dib, Miguel e Kent. — Não posso me preocupar com a sua proteção.

— De Payens tem razão, Elizabeth — afirmou Miguel. — Lucrezia é muito poderosa.

— Preciso começar a me defender e, se não me expuser às situações, não aprendo — continuou argumentando. — Estão me impedindo de ganhar experiência.

— É verdade — disse Alessia. — Em algum momento temos que treiná-la no mundo real.

— Não nesta situação — Daniel desejava terminar aquela discussão.

— Por favor, Daniel... O que vai acontecer quando não puder me proteger? — perguntou com os olhos úmidos pelas lágrimas que controlava a custo, lembrando que em breve ele não estaria ali. Ele percebeu que era melhor tê-la do seu lado e ensiná-la o mais que pudesse, antes de partir, por muito perigosa que fosse a situação. — Além disso, sou necessária para ajudar a estabilizar o cordão de energia em volta da casa.

— Elizabeth tem razão, Daniel — avaliou Dib, intervindo na conversa. Daniel cedeu e moveu afirmativamente a cabeça, em silêncio.

— Iremos amanhã, ao meio-dia — decidiu Daniel.

— Por que não vamos esta noite? — quis saber Elizabeth.

— A luz está sempre a nosso favor, e a escuridão a favor dela. É preferível evitar confrontos à noite — explicou Daniel, encerrando o assunto. Uchoa, Seth e Kent foram preparar o jantar. Miguel aproveitou o momento para se aproximar de Elizabeth, que estava na varanda da sala, desafiando o frio gélido do inverno.

— Quando tudo isto terminar precisamos resolver questões que estão pendentes entre nós — disse vagarosamente, se posicionando ao lado dela.

— Eu sei — respondeu sem olhá-lo. Miguel analisou-a. Sempre tivera a impressão de que ela ocultava algo. Primeiro achou que era a sua estranha ligação com Daniel, um afeto que ela tinha desde a infância, quando o seguia como uma sombra. Mas depois de vê-la abraçar Dib, momentos antes, se questionou se ela não teria algum sentimento especial por ele. Por outro lado, a naturalidade de Daniel ao vê-los abraçados não indicava que Elizabeth e Dib tivessem uma relação proibida. Elizabeth encarou-o, incomodada com a intensidade do seu olhar:

— O que foi?

— Acho que você tem um segredo — Elizabeth esboçou um sorriso triste, e ele confirmou as suas suspeitas mesmo antes de ouvir a resposta.

— Todos temos segredos — reconheceu de forma simples.

— Fale-me dos seus — pediu docemente, se aproximando um pouco mais dela. Aspirou o perfume dela e sentiu um cheiro que remetia a Daniel e não a Dib, que ela acabara de abraçar. Ficou confuso, sentindo as dúvidas aumentarem.

— Não quero falar, Miguel.

— Talvez eu possa ajudar. Parece que o seu segredo está a fazê-la sofrer...

— Esse é o problema dos segredos: sempre geram sofrimento.

— É verdade — confirmou Miguel, pensando nos seus próprios segredos e na forma generosa como Elizabeth e a Ordem aceitaram o que ele fizera, não porque concordassem com as atitudes dele, mas porque as compreendiam. Por isso, sentia que também lhe devia compreensão e apoio, mesmo sem saber do que se tratava. — Estou aqui, se precisar de mim.

— Obrigada — respondeu não muito segura de que podia confiar nele, para revelar que estava apaixonada por um homem impossível e que, por esse homem, estava disposta a romper os seus votos sagrados. Para confessar que, por muito que o tivesse desejado, surgira um desejo maior, que apagara todas as memórias dos abraços dele. Ela se voltou para ele e beijou-o no rosto, como uma irmã, antes de se afastar, deixando-o entregue aos pensamentos

que o assaltavam, enquanto enfiava os olhos pela escuridão, pontilhada das luzes de Paris.

26. O sacrifício

*Se ao bronze, à pedra, ao solo, ao mar ingente,
Lhes vem a Morte o seu poder impor,
Como a beleza lhe faria frente
Se não possui mais forças que uma flor?*

William Shakespeare (1564-1616)

Miguel apertou a campainha da casa de Lucrezia Zani ao meio-dia em ponto, ladeado por Kent à sua direita, e Dib à esquerda. Tinha-se preparado para enfrentá-la, embora soubesse que ela não tinha escrúpulos e estava disposta a tudo para não se deixar vencer. Em volta da casa, formando um cordão invisível, estavam os outros cinco guardiões, posicionados em espaços regulares.

Ela levou vários minutos para atender. Sabia que eram os guardiões: eles não fizeram questão de disfarçar a sua energia magnetizante. Abriu a porta vestindo um vestido justo e preto, que revelava o seu corpo soberbo.

— Miguel. Que bom revê-lo — disse com ironia, segurando a porta entreaberta. — Não esperava que viesse me visitar, muito menos acompanhado pelos seus amigos. Esperava algo mais íntimo. Temos muito para conversar, não acha?

— Dadas as circunstâncias, uma plateia não nos fará mal — rebateu, devolvendo a ironia.

— Claro que não. Entrem — convidou. Miguel percebeu que o convite era o primeiro sinal de perigo. Entrou e olhou em volta, tentando reconhecer o

local: o enorme hall, com pé-direito alto, terminava em uma claraboia redonda de vidro, que filtrava a luz natural e iluminava a larga e sólida escada de madeira, em caracol, para os andares superiores. Dali também se via o início da escada de mármore, o mesmo mármore do hall, que conduzia ao porão. Aparentemente tudo estava igual, exceto as cores mais pálidas das paredes e a ausência de móveis. Havia apenas uma *chaise long* e uma pequena mesa, com algumas cartas fechadas sobre uma bandeja de prata.

— Descemos? — perguntou Miguel, sério, com o rosto sereno. Ela o olhou com um sorriso amplo, surpresa com a coragem dele. Mesmo estando acompanhado de dois guardiões, seriam insuficientes para detê-la. Ela estava cheia de energia e força: na noite anterior assassinara três jovens e, além de ter absorvido as suas almas, também se alimentou do seu sangue. Seria difícil alguém vencê-la, mesmo se tratando dos guardiões. Não imaginou que eles a encontrassem, mas ficou feliz porque queria ver Miguel. Ele continuava soberbo e belo. Porém, antes de seduzi-lo tinha que se livrar dos guardiões. Por um instante, pensou que poderia oferecer as suas almas a Lúcifer em troca de Miguel.

— Tem certeza de que quer descer? — perguntou ela.

— Por quê? Devíamos subir? — questionou Miguel, mantendo a ironia.

— Os seus amigos também querem descer? — inquiriu brandamente, avaliando-os com atenção. Dib parecia um monge tibetano, muito sereno, ocultando as emoções por trás de um grande véu espesso. Apesar de ser impenetrável, Lucrezia acreditou que era perigoso. Tão ou mais perigoso que Miguel, a quem ainda não conseguira decifrar. Voltou-se para Kent e teve a sensação de que ele estava ali por um motivo diferente dos outros, mas não conseguia perceber o que seria. Eles eram semidivinos e não era fácil descobrir as suas intenções.

— Sim — respondeu Miguel, sucintamente.

— *Seja feita a vossa vontade* — respondeu sarcástica, usando a oração do Pai-Nosso. Começou a descer a escada, com o salto batendo levemente contra o mármore, seguida de Miguel, Dib e Kent.

A escada terminava no porão amplo, reformado: o chão de pedra, com desenhos e símbolos em dois círculos — um círculo menor envolto por um maior — mostrava claramente o objetivo da sala. Ao fundo, um altar permitia posicionar a vítima para o seu sacrifício mortal. O ambiente era pesado e escuro, iluminado pela luz difusa, que chegava em pequenos gomos através das minúsculas janelas ovais, cujos vidros embaçados impediam a visão do

exterior. Ali tudo tinha uma densidade maior e os movimentos pareciam mais lentos.

Ela se dirigiu rapidamente para o altar e pegou o punhal e o Cálice antes de se refugiar no centro do círculo menor, onde estava protegida e preparada para uma guerra que certamente chegaria. Eles se dividiram estrategicamente, formando um triângulo em volta do círculo maior, ligados por uma rede de energia que permitia que se comunicassem.

Do lado exterior da casa, Daniel estava focado. Quem o visse, imóvel, camuflado por uma árvore, do outro lado da rua, acreditaria facilmente que se tratava de um turista tranquilo e atento, embevecido com algum detalhe da cidade. Os outros aparentavam a mesma tranquilidade discreta, que os diluía na paisagem urbana.

— E agora? — perguntou Lucrezia, desafiadora. — O que pretendem?

— As relíquias — respondeu Miguel, provocando um olhar de admiração em Lucrezia.

— Que ingenuidade a sua, Miguel — respondeu, achando a atitude dele demasiado inocente para alguém com os poderes e capacidades de um guardião. — Esperava mais de você.

— Perguntou o que queremos, e eu disse.

— Deviam ter vindo todos e mesmo assim não conseguiriam me derrotar — avisou, soltando uma sonora gargalhada que ecoou pela sala.

Miguel irritou-se com a petulância dela, mas ouvia a voz de Daniel, guiando-o, e sentia a energia de todos misturada à sua. Juntos formavam uma força praticamente invencível. Ela desconhecia que eles tinham se preparado através de um longo ritual em que se uniram como se fossem um só, fazendo com que a força de todos circulasse em cada um deles. Tinham como objetivo recuperar as relíquias e destruí-la. Para isso Daniel decidira que deveriam mostrar interesse nas relíquias, para que Lucrezia acreditasse que os guardiões tinham uma fraca estratégia, e os subestimasse. O imenso ego era uma das fraquezas dela e poderia ser a sua perdição.

— Devolva-nos o punhal e o Cálice — pediu de novo Miguel, seguindo o plano.

Ela deu nova gargalhada, com um riso agudo, de felicidade: eles, os seres mais poderosos da Terra, tinham vindo ali suplicar alguns objetos. Olhou para Kent, ergueu a mão esquerda e fez um gesto como se atirasse alguma coisa para a frente, mas não aconteceu nada. Voltou-se para Dib e repetiu o gesto com o mesmo resultado. Por fim olhou para Miguel firmemente e

volteou novamente a mão, mas Miguel não se moveu. Aquilo não era possível, pensou ela, percebendo que eles não se moviam com a força dela. Aprendera a fazer aquilo com Lúcifer, e eles deviam ter sido projetados contra a parede, mas nada acontecera. Nesse instante ela entendeu que tinha caído numa armadilha: eles eram muito mais fortes do que pareciam e fizeram-na acreditar que ela conseguiria vencê-los com facilidade. Lá fora, Daniel pressentiu o temor que a assaltou e percebeu que ela iria atacar com mais força e astúcia.

— Podemos ficar aqui horas, e nenhum dos lados vai ceder — avisou Lucrezia.

— Há sempre um lado que cede, em algum momento — disse Miguel. — É inevitável.

— Veremos — Lucrezia ajoelhou-se no chão, colocou os objetos à sua frente, uniu as mãos e começou a entoar um mantra lento, com palavras impronunciáveis. A sala se encheu de sombras, mas ela não conseguiu transformá-las na escuridão que desejava. Uma barreira impedia que as palavras dela chegassem onde deveriam, e essa barreira era formada pelos guardiões. A cada momento percebia que eles eram muito mais fortes do que supusera e tinha cometido um erro terrível: agora estava presa dentro do círculo e se saísse eles cairiam sobre ela como leões sobre a sua presa. A pressão começou a aumentar e a sala se iluminou suavemente rechaçando a escuridão que ela invocara. Observou-os: imóveis como anjos de pedra. Nenhum deles falava ou sequer piscava os olhos. Tinham as mãos cruzadas em frente do peito como se rezassem, com os indicadores e os polegares esticados um sobre o outro, e as pernas ligeiramente abertas, semelhantes a colunas colossais.

Permaneceram assim por cinco horas: imóveis, com ela dobrada no centro do círculo sem conseguir clamar por ajuda, presa numa esfera de isolamento, incapaz de sair dali sem correr o risco de ser destruída. Mas, em breve, a noite chegaria e com ela toda a sua força plena. Só precisava de mais uma hora. Os guardiões perceberam que a situação não teria fim. Estavam longe de esgotar a sua força, mas a proximidade da escuridão não lhes seria favorável.

Kent soube o que fazer. Para isso havia ido com eles no primeiro grupo. Tinha planejado aquele momento após ter compreendido os seus

pressentimentos e os seus temores e abraçara a ideia, que lhe parecia plena de significado. Disse mentalmente:

— Precisamos fazer alguma coisa: eu sei o que é. Lembrem-se da Profecia.

Daniel e Dib, mais atentos, souberam imediatamente do que se tratava:

— Não, Kent. Não faça isso. Por favor, não faça isso — pediu Daniel, mantendo a calma.

— É necessária a queda de um anjo — continuou ele. A tensão entre os guardiões aumentou: necessitavam manter a muralha de energia que selava a sala para impedir que Lucrezia invocasse outros seres negros para ajudá-la, e agora também necessitavam impedir Kent de fazer algo impensado.

— Kent, não sabemos quais as consequências. Precisamos de você — Dib tentou mantê-lo no alinhamento do fluxo energético. Mas Kent estava decidido: havia tomado aquela decisão bem antes de chegar ali. Pensara muito, até a ideia fazer sentido, e no instante em que decidira os seus temores desapareceram. Foi assim que ele soube que aquela era a atitude correta.

— Estou tranquilo. É uma decisão pensada: a minha vida foi importante e a minha morte também será — despediu-se, caminhando com passos seguros para dentro do círculo maior. — Adeus, irmãos.

— Kent saiu do alinhamento — avisou Miguel, mas todos já haviam sentido o movimento de Kent e não havia tempo para mais nada. Tudo estava acontecendo excessivamente rápido. Daniel restabeleceu o equilíbrio da energia em volta da sala, enfraquecido pela saída de Kent do alinhamento. Era vital que Lucrezia continuasse isolada, impedida de receber ajuda de outros Anjos Negros, porque isso iria obrigá-los a entrar numa guerra com desfecho incerto. Aquela casa era um portal direto com o mundo da escuridão, e qualquer erro ou hesitação que cometessem faria com que o portal se abrisse e entrassem centenas de seres para ajudar Lucrezia a destruir os guardiões.

Assim que Kent deu o primeiro passo, Lucrezia ergueu o rosto. Era uma surpresa que um guardião fosse ao encontro dela. Viu-o caminhando para o centro do círculo: Kent passou pela primeira barreira de energia, erguida pelos guardiões para mantê-la isolada, e parou no limite da barreira erguida por ela, em volta do círculo menor, que a mantinha protegida. Ela avaliou se não seria uma armadilha para ela quebrar o selo do círculo menor. Ergueu-se do chão, onde estivera ajoelhada nas últimas horas, e encarou Kent. Ele

estava tranquilo e seguro. Era impossível saber o que se passava dentro dele, por mais que ela tentasse.

— Deixe-me entrar — pediu Kent, com uma voz suave, como se já não estivesse ali. A tensão entre os guardiões era enorme.

— Por quê?

— Estou disposto a dar-lhe a minha vida.

— Por quê? — insistiu ela alerta, sem compreender por que ele faria aquilo. As forças estavam equilibradas. Era verdade que a noite a tornaria mais forte, mas mesmo assim não tinha certeza de vencê-los sem ajuda, e eles mantinham-na isolada. Podia ser um truque.

— Em troca da deles — disse Kent. — Só tem que deixá-los ir e entregar-lhes as relíquias.

Ela sorriu perante a proposta dele. Como é que um guardião poderia acreditar que ela faria uma coisa daquelas? Justo ela, conhecida por ser maquiavélica, sedutora e incapaz de cumprir o que quer que fosse quando o seu poder estava em jogo? Mas era uma proposta tentadora: talvez acalmasse Lúcifer ao dar-lhe a alma de um guardião, e conseguisse negociar a de Miguel. Talvez até lhe promettesse a alma de mais guardiões. Parecia demasiado fácil.

Pegou o punhal, preparando-se para atacá-lo, e disse algumas palavras para baixar o fluxo de energia. Kent ficou em frente a ela. Agora não havia volta: estavam os dois presos ali.

— Quero você, Miguel Besson, mas hoje me contento com ele — disse Lucrezia, apontando o punhal primeiro para Besson e depois para Kent, antes de avançar para ele, com rapidez, como se desbravasse uma floresta à catanada.

Miguel entrou no primeiro círculo mantendo o cordão energético equilibrado com maestria, e quando chegou ao segundo círculo, controlado por Lucrezia, não conseguiu ultrapassar a barreira intransponível. Precisava tentar salvar Kent. Começou a sentir que o seu desespero era o desespero de todos.

— Eu estou aqui. Deixe-o ir. É a mim que você quer — afirmou Miguel, parado no limite do círculo menor, disposto a ocupar o lugar de Kent e contrariando tudo aquilo em que acreditava: que o sacrifício pelo próximo era algo que não faria. Porém, naquele momento, o sacrifício por Kent e pela Ordem parecia dar verdadeiro significado à sua vida e ele se sentiu quase compelido a doar a vida em troca da salvação de Kent, e talvez do mundo.

— É a você que quero, mas hoje vou levá-lo — repetiu Lucrezia, com prazer, vendo Miguel empurrar a parede invisível com a mão, no esforço de penetrar a barreira. Podia vislumbrar a angústia nos olhos dele.

Kent despiu a camisa e deixou-a cair suavemente no chão, expondo o peito perfeito. Ajoelhou-se no centro do círculo, abriu os braços em cruz e esperou o golpe fatal no coração, o golpe que lhe ceifaria a vida. Tinha a passividade dos grandes guerreiros quando se rendem à morte, no momento certo. Kent entregava-se à morte serenamente, sem medo. Estava em paz, pronto para deixar a vida terrena, sem arrependimentos. Parecia-lhe lógico que o fim chegasse assim: que ele se tornasse um instrumento de Deus para evitar a ascensão do mal. Sentia-se como um cordeiro sacrificial: aceitava a sua morte porque salvaria os homens.

Não olhou para ela, mas ergueu simbolicamente o rosto para o céu e repetiu em voz baixa as mesmas palavras de Jesus: *“Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”*.

Ela sorriu perante as palavras dele, convencida de que não havia como o Divino resgatar a alma de Kent e acreditando que a morte dele lhe traria muito mais poder.

Ergueu o punhal e rasgou o ar, pronta para abrir o peito de Kent. Miguel e Dib assistiam impotentes e dominados pelo desespero, embora sentissem que aquele sacrifício se tornara inevitável. O punhal entrou com exatidão na trajetória do coração e uma luz brutal e muito intensa varreu a sala inteira, antes de se alojar na esmeralda. Kent tombou lentamente no chão, antes de ficar imóvel.

Os guardiões sentiram a perda violenta do seu irmão, como se algo tivesse se rompido dentro dos seus peitos. A dor intensa atravessou as suas almas e se alojou nos seus corpos, como se alguém tivesse arrancado um dos seus membros.

Lucrezia percebeu tarde demais que a luz violenta alterara todos os fluxos de energia e rompera a sua barreira, deixando-a exposta, sem qualquer defesa.

Miguel, que aguardava no limite do círculo menor, usou toda a sua força para superar a dor da perda de Kent e aproveitou aquela oportunidade. Com agilidade, deu um salto e atravessou o ventre dela com o punhal, num movimento enérgico, sem hesitações, lembrando-se, inevitavelmente, da primeira vez que a possuía. Talvez ela tivesse ficado grávida naquele

momento, quando os dois nem sequer imaginavam quem eram e se entregaram à satisfação daquele desejo inicial que selaria os seus destinos. A esmeralda brilhou, levemente. A criança estava morta, com um golpe preciso.

Ele retirou a lâmina sem precisar exercer força: ela soltou-se da carne suavemente. Lucrezia dobrou-se, sentindo uma dor violenta e viu o sangue escorrer para fora do seu corpo, como acontecera tantas vezes com as suas vítimas. Olhou-o incrédula, apertando o abdômen para estancar a hemorragia.

— Era seu filho. Você matou o seu filho — acusou, com fúria e os olhos negros fulgurantes, perante o gesto traiçoeiro.

— Ele não será o Anunciado — respondeu Miguel firme, como um anjo vingador.

— O Anunciado virá. É inevitável — tentou rir, ainda dobrada pela dor, mas sentindo que o corpo já começara a regenerar-se.

— Não virá — murmurou Miguel, com segurança, se aproximando mais dela, e erguendo rapidamente o punhal para lhe arrancar a vida.

— Não, Besson! — Dib, com um movimento elástico, segurou o pulso dele com a sua força sobre-humana, impedindo-o de ferir Lucrezia. Miguel olhou-o, irritado com a interrupção, lutando para libertar o pulso.

Ela riu dos dois. Uma gargalhada estrondosa, e disse:

— Salvo *in extremis*, Miguel. No último instante.

— Não faça isso. Deixe-a ir — pediu Dib, de novo.

— Ela não vai desistir até cumprir essa maldita Profecia... — defendeu Miguel.

— Deixe-a ir Besson — repetiu, desta vez silenciosamente, invadindo os pensamentos de Miguel sem cerimônia.

Ele baixou o punhal, se afastando de Lucrezia.

— Desistiu, Miguel? Agora aceita ordens?

Miguel percebeu que ela o estava provocando, mas ficou em silêncio, sem responder. Ela continuou, com ironia:

— Não vai vingar a morte do seu amigo? Ele foi muito corajoso — insistiu viperina, enfiando a mão nas feridas tanto de Miguel quanto de Dib. Miguel cerrou os punhos sentindo a fúria invadir o corpo, mas a voz de Dib ecoou no seu cérebro:

— Deixe-a ir. Ela está tentando provocá-lo. Acalme-se.

Miguel voltou-lhe as costas, mas ela se moveu velozmente, colocando-se na frente dele, rindo e debochando. Ele a olhou, com profundo desprezo, tentando se afastar para passar, mas ela manteve o corpo bloqueando a

passagem, e falou como se cuspiisse:

— Não vai mesmo vingar a morte do seu amigo?

Miguel ergueu a mão e deu-lhe uma sonora e potente bofetada com as costas da mão esquerda, atirando-a ao chão com o gesto inesperado. Ela ergueu o corpo e sentou-se de lado, apoiada numa das mãos, olhando-o surpreendida: sabia que ele era forte, mas não tinha ideia de que fosse tão forte. Levou a mão à boca e limpou o sangue que escorreu do lábio ferido.

— Vai pagar por isto. Até agora eu estava me divertindo, mas a partir deste momento, vou fazê-lo pagar por esta gota de sangue... e pelo sangue do meu filho — ameaçou friamente.

— Não. Você vai me fazer pagar por tê-la rejeitado. E infelizmente, rejeitei-a tarde demais — disse, com asco. — Eu a rejeito.

Miguel pronunciou as palavras devagar, sabendo que elas tinham um efeito profundo: rejeitar alguém equivalia a bani-lo da sua vida. Ela deixara de ser convidada a participar de qualquer coisa que lhe dissesse respeito. Ele estava a expulsá-la e tudo o que haviam vivido juntos parecia esvair-se com aquelas palavras: a paixão, as noites de amor e o filho.

Um ódio intenso tomou conta dela: uma força negra capaz de inflamar tudo à sua volta. Era irracional e poderoso, como todo o ódio é, e não a deixava pensar com clareza. Ergueu-se do chão e pegou o punhal que estava caído aos seus pés com a alma brilhante de Kent dentro da esmeralda e atirou-se para Miguel com o punho erguido, disposta a despedaçá-lo, e mesmo que não o conseguisse matar, deixá-lo-ia marcado e irreconhecível.

Daniel surgiu de repente, como uma sombra, por trás dela, e sem que ela percebesse posicionou-se na frente de Miguel, para protegê-lo. Lucrezia estacou, totalmente chocada com a imagem dele. Ele estava na sua frente, frio, com os olhos parados, sabendo o que ela estava pensando: podia ver como ela lutava para assimilar e compreender a informação. Era impossível que ele estivesse ali e fosse um dos guardiões. Ela não compreendia como aquilo podia estar acontecendo.

Daniel fixou nela o olhar gelado, exigindo silêncio e obediência, mas Lucrezia avançou para ele e quando abriu a boca para questioná-lo, Daniel ergueu a mão devagar, até ficar na direção do peito dela, paralisando-a. Ela parou a três passos dele, sem conseguir se mover e vencer a distância que os separava. Daniel, sem esforço, rodou o pulso um centímetro apenas e atirou-a contra a parede. Ela voou, atravessando a sala e bateu, com força, contra a parede. O seu corpo caiu desamparado no chão, sem proteção, e por mais que

ela tentasse recuperar o controle, não conseguia. Ele a dominava totalmente.

Miguel espantou-se com a cena surreal: não imaginava que Daniel pudesse ter todo aquele poder, e com um simples gesto e a maior das facilidades, atirasse um Anjo Negro contra a parede. Nunca tinha ouvido dizer que um guardião pudesse dominar um Anjo Negro, sem qualquer ajuda. Não entendia o que estava acontecendo. Dib mantinha-se sereno e centrado, sem sinais de surpresa, como se já tivesse visto Daniel fazer aquilo antes, mas a verdade é que também nunca presenciara uma cena daquelas.

— Como fez isso? — perguntou Miguel.

— Só foi possível atacá-la porque Kent a fez romper o círculo de proteção. E ela estava concentrada na paixão e no ódio que sentia por você — justificou Daniel. Miguel sentiu-se grato com a intervenção de Daniel, e apesar de continuar surpreso com a sua força, acreditou que seria fruto do estágio mais avançado do Graal, reservado ao guardião Supremo.

Lucrezia lutava para se erguer, mas uma força invisível mantinha-a presa ao chão, como se a gravidade fosse intensa demais para ela conseguir vencê-la e ficar de pé. Viu Daniel caminhar até o centro do círculo, debruçar-se e levar o corpo inerte de Kent como quem carrega uma criança no colo. Dib pegou o Cálice e o punhal que ela deixara cair, quando o seu corpo voou. Por fim, ouviu Daniel ordenar aos outros, com uma voz que soou familiar:

— Falta a Lança do Destino. Procurem. — E ela compreendeu que ele não era apenas um guardião, mas o líder dos guardiões, e aquilo era ainda mais estranho e ininteligível.

— E ela? — perguntou Miguel.

— Não vai se mover durante as próximas horas.

Ela ouvia tudo, imóvel, sem conseguir acreditar no que estava vendo.

— E quando ela recuperar os seus poderes? — insistiu Miguel.

— Talvez não recupere — anunciou Daniel, fazendo-a tremer interiormente, sem entender ainda o alcance do que ele dissera. — Levem as relíquias e encontrem a Lança. Mais uma coisa: a casa é um portal e os espelhos são ligações entre os dois mundos, o nosso e o dela. Não se aproximem dos espelhos.

— E quando terminarmos? — inquiriu Dib.

— Encontrem-me no mausoléu — disse, afastando-se e levando Kent.

Daniel levou Kent para Père-Lachaise, o cemitério francês onde

mantinham um mausoléu. Não tinha muito tempo, porque o corpo estava se degradando rapidamente e os anos abatiam-se sobre Kent, consumindo as feições e fragilizando os ossos. Daniel estava enfrentando, de novo, em pouco tempo, a mortalidade inesperada de um amigo. Fechou a tampa do caixão de cerejeira e encaixou-o na prateleira que tinha o nome dele. Arturo também já ocupava o seu lugar, depois de Uchoa e Seth terem conseguido resolver os problemas causados pela imensa burocracia para transladar o corpo do Brasil para a França.

Aquela era a última morada dos guardiões e representava o fim do ciclo na Terra, o fim da vida humana. Daniel observou as prateleiras do mausoléu e viu os caixões reluzentes e intocados, devidamente encaixados. Passou os dedos pela madeira impecável do seu, envolvido por um silêncio compacto.

A morte era uma consequência natural da vida e era inevitável aceitá-la, mas, naquele momento, lhe doía mais a perda abrupta de Kent do que a proximidade da sua própria morte.

Apoiou-se contra as prateleiras de mármore, inclinou o rosto para o chão e se deixou abater pela dor. Sentiu os olhos arderem com as lágrimas e todas as suas perdas o assaltaram como fantasmas atormentados. Durante centenas de anos convivera bem com a solidão, exceto nas horas dolorosas em que tivera que aceitar a perda daqueles que mais amara: primeiro a família, dizimada em Montségur, depois os Templários, especialmente De Molay pela forma cruel e sofrida como se fora. E, por fim Arturo, cuja decisão de se tornar humano lhe mostrou a terrível possibilidade de satisfazer os seus desejos em troca da imortalidade. Talvez, naquele momento, mesmo sem ter plena consciência, Daniel tenha começado a se questionar sobre as suas aspirações pessoais em detrimento das obrigações com a Ordem. Porém, a morte de Arturo também provou que a humanidade era infinitamente veloz e frágil quando comparada à vida de qualquer um deles. E o sacrifício supremo de Kent veio devolver a ênfase à sagrada missão da Ordem: Kent dera a vida para proteger a humanidade.

Daniel pensava em tudo aquilo, mergulhado no silêncio, e continuava se confrontando entre o dever altruísta com a Ordem e o desejo egoísta por Elizabeth. A pressão da mortalidade, que o arrancaria da vida em breve, levou-o a fazer uma escolha definitiva, movido pelo egoísmo: amaria Elizabeth nem que aquele fosse o seu último gesto. E ao tomar aquela decisão, Daniel fechou os sentidos para todo o resto, centrado apenas em satisfazer o seu próprio desejo humano nos seus dias finais de vida.

Ouviu a pesada porta ceder suavemente, com as suas dobradiças bem oleadas, e Dib entrou seguido dos outros. O espaço encheu-se e cada um fez as suas orações em silêncio, até o momento em que Daniel se levantou e enfileirou sete velas brancas no castiçal de prata, sobre o pequeno altar que havia no centro do mausoléu. Sabia que deveriam libertar a alma de Kent, presa no punhal, o quanto antes, mas decidiu resolver aquele assunto quando todos estivessem menos emotivos. Acendeu as velas e começou a despedir-se do amigo de tantos séculos: uniu as mãos na altura do peito e entoou uma oração em latim, que encontrou eco na voz dos guardiões. A escuridão parecia maior, porque a dor provocada pela ausência de Kent tornara a noite mais escura.

A perda de Kent representava um duro golpe para a Ordem, não apenas porque ele era o herdeiro do guardião Supremo, mas porque era amado e a sua ausência seria sentida sob todos os aspectos. A morte dele foi um sacrifício que ninguém esqueceria: Kent representou o auge da abnegação. Alessia não conseguia parar de chorar silenciosamente, mas todos tinham lágrimas nos olhos e lutavam para suportar a perda.

Daniel girou a chave, trancando o mausoléu e, após uma breve hesitação, guardou o chaveiro no bolso. Sabia que era a última vez que fazia aquele gesto. Na vez seguinte em que aquela porta se cerrasse, seria por causa dele.

— Tenho que telefonar à polícia antes que Lucrezia se liberte do encantamento — disse, esforçando-se para voltar ao pragmatismo terreno. Mas, de repente, sentiu uma dor aguda que o impedia de respirar. Levou a mão ao peito como se tentasse proteger o ponto de origem da dor, e por mais que lutasse para ficar de pé a intensidade da dor empurrava-o para o chão. Cambaleou e Dib amparou-o de um lado enquanto Miguel o segurava do outro. Daniel sabia que aqueles eram os sinais de que o seu tempo se escoava rapidamente. Ainda não chegara a sua hora, mas estava muito próxima. Levou alguns minutos para se recuperar. Todos, à sua volta, sofriam os efeitos da perda de Kent e eram obrigados a tomar consciência da proximidade da morte de Daniel. Era penoso vê-lo submetido às fragilidades do corpo. Elizabeth pedia, silenciosamente, com os olhos fixos nele: *“Por favor, deixe-o viver”*.

Daniel readquiriu a verticalidade devagar com um único pensamento ocupando a sua mente: precisava resolver as questões de hierarquia na

Ordem, porque em breve eles estariam reduzidos a cinco elementos e havia informações que precisava transmitir ao próximo guardião Supremo.

— Temos que conversar sobre a Ordem. Não tenho muito tempo — avisou, ainda ofegante. — Reunimo-nos amanhã de manhã, no apartamento.

— Besson vai? — perguntou Dib, em voz baixa, para que Daniel fosse o único a escutá-lo.

— Sim... — respondeu Daniel no mesmo tom, e erguendo a voz disse: — Besson, fique conosco esta noite. Também gostaria que participasse da reunião amanhã.

— Obrigado — aceitou Miguel, sentindo-se grato pelo convite. Não queria passar a noite sozinho, depois de um dia tão difícil e sofrido.

— Vemo-nos depois — despediu-se Daniel.

— Fico com você — comunicou Dib, mas Daniel moveu a cabeça, rejeitando a sugestão e falou, encarando Elizabeth:

— Venha comigo.

Ela se aproximou e caminhou ao seu lado, enquanto deixavam o cemitério, seguidos por um cortejo, que parecia formar uma pequena procissão. A noite gélida e escura tornava tudo fantasmagórico, como se, a qualquer instante, as sombras pudessem se tornar vivas e atacá-los. Quando o guarda fechou o enorme portão de ferro que separava o mundo dos vivos do mundo dos mortos, eles se dirigiram aos seus carros. Elizabeth foi com Daniel pedindo, trêmula de frio:

— Por favor, ligue o ar-condicionado. Estou gelada.

Ele ajustou a temperatura no máximo. Enquanto dirigia, colocou o celular no viva-voz e ligou para Étienne, informando a localização de Lucrezia Zani sem, no entanto, dar detalhes sobre a forma como conseguira o endereço ou sobre o que acontecera durante aquela tarde fatídica. Por muito que a curiosidade de Étienne o impelisse a fazer perguntas, ele respeitou, mais uma vez, o estranho método de trabalho de Daniel, e se concentrou nos resultados eficazes que ele conseguira.

Daniel sugeriu que algemassem Lucrezia imediatamente e a mantivessem isolada. Avisou-o que ela era capaz de convencer qualquer um a fazer o que quisesse, por isso seria conveniente que fosse interrogada somente por investigadores experientes. Lembrou que todas as suas vítimas tinham ido voluntariamente ao encontro da morte, desaconselhando que alguém a enfrentasse sozinho: guardas e investigadores deviam andar acompanhados para evitar o poder de manipulação de Lucrezia.

Étienne compreendeu bem a gravidade da situação e acatou as sugestões de Daniel. Étienne estava em casa, tendo uma noite tranquila, mas assim que desligou o telefone, se preparou rapidamente para ir trabalhar. Finalmente iria solucionar o caso e prender o responsável pela matança que assolara a Europa nos últimos meses.

Com dois telefonemas colocou a polícia em polvorosa e chamou Bardas e Shaw, que estavam no hotel, decidindo se voltavam ou não para a Inglaterra no dia seguinte. A notícia dada por Étienne acabou com a indecisão. Em minutos, deixaram o hotel com um entusiasmo quase infantil. A possibilidade de prenderem a assassina era suficiente para acabar com a pressão que sentiam.

Depois de falar com Étienne, Daniel telefonou para Oliver informando-o sobre os últimos acontecimentos. Contou que a polícia já sabia do paradeiro de Lucrezia e ia prendê-la. Talvez ele gostasse de dar a novidade a Dimitri, para encerrar definitivamente aquele ciclo.

No meio do caminho para casa, Daniel estacionou o carro numa rua tranquila de Paris e conduziu-a pela mão até um pequeno café. Ocuparam uma mesa discreta, num dos cantos. Pareciam namorados fugindo da luz e em busca de privacidade. Pediu dois chás quentes à garçonete que os atendeu, e os observava fixamente, fascinada com a beleza de ambos. Por mais discretos que fossem, não era possível passarem despercebidos: separados eram belos, mas juntos tinham algo que os tornava irresistíveis e atraía todos os olhares.

— Quis que viesse comigo porque preciso falar com você — disse, fazendo uma pequena pausa antes de prosseguir, como se estivesse procurando as palavras, no meio da sua tristeza. — Em breve não estarei aqui, mas antes de partir quero ficar com você. Esse era um desejo meu, mas agora é uma decisão. Sei que não devia propor isto, porque o seu pai pediu que cuidasse de você e não é o que estou fazendo. Além disso, sou o guardião Supremo e estou pondo em risco a sua imortalidade.

— Na próxima Consagração pensarei nisso. Não tenho dúvidas sobre o meu amor por você, nem sobre o que quero — respondeu, com um sorriso triste, sentindo a dor da morte de Kent misturada à proximidade da perda de Daniel.

Ele se impressionou com a segurança dela: desde o início, mesmo quando Miguel a envolvera com a sua magia e sedução, ela se mantivera firme no seu

amor por ele, afirmando sempre que não estava apaixonada por Miguel.

— Quando todos voltarem para São Paulo, vamos viajar juntos.

Ele anunciou os seus planos com a voz meiga. Finalmente ficariam um com o outro, e ela conheceria o amor depois de tanto tempo de espera. A garçonete colocou o chá entre eles, e Daniel soltou as mãos dela, que mantinha aquecidas entre as suas.

— Quando? — perguntou Elizabeth, misturando o chá delicadamente com a colher.

— Não sei ainda. Primeiro preciso organizar os assuntos da Ordem.

— Queria que fosse amanhã — sussurrou, após beber um gole da bebida quente.

— Eu também, Elizabeth — pronunciou o nome dela com doçura.

As emoções excessivas daquele dia, aliadas à morte de Kent, e ao seu amor por Daniel, deixavam-na num estado quase febril: sentia a pele tão sensível que o simples roçar da roupa parecia ser capaz de machucá-la.

Ele voltou a segurar uma das mãos dela, e quando pressionou o polegar sobre a sua pele, num gesto carinhoso, ela sentiu vontade de abraçá-lo, em busca de refúgio.

— Vamos para casa? — pediu, cansada.

— Sim... — concordou Daniel, jogando algumas moedas sobre a mesa, ao lado das xícaras com os chás inacabados, antes de se levantar e conduzi-la, pela mão, de volta ao carro.

27. O Tibetano

A vida parecia-lhe prodigiosamente longa. E, no entanto, passava veloz como um raio.

Virginia Woolf (1882-1941)

O ambiente estava dominado pela tristeza e pelo inconformismo. Era difícil aceitar que Kent partira, mesmo tendo oferecido a sua vida para salvá-los e destruir Lucrezia. A profecia estava certa: fora necessário a queda de um anjo para que tudo terminasse. A noite passara-se sem que a morte de Kent tivesse sido aceita. Ninguém tinha conseguido dormir e predominava a sensação de que, a qualquer instante, ele poderia irromper pela casa, com a sua figura esguia, vestindo as suas elegantes roupas negras.

Eram sete da manhã. A lareira crepitava suavemente e o fogo fazia estalar a madeira em intervalos irregulares. Miguel observava atentamente Elizabeth e Daniel: pressentia que havia algo acontecendo entre eles. Do outro lado da sala, Dib acompanhava os movimentos de Miguel, tentando descobrir o que ele poderia saber sobre os dois, e se havia o perigo de ele recuperar alguma memória sobre a identidade de Daniel. Mas as preocupações de Miguel, naquele instante, estavam concentradas em Elizabeth e Daniel: não conseguia acreditar que eles pudessem estar envolvidos. Considerava-os demasiado corretos para violarem as regras da Ordem e, além disso, Daniel jamais poria em risco a vida de Elizabeth.

— Trouxemos tudo, menos a Lança, não é? — perguntou Daniel, sentando numa das poltronas, com as pernas cruzadas e os braços sobre os apoios

laterais.

— Não a encontramos — respondeu Dib. — Não estava lá.

— Mas recuperamos o Cálice e o punhal — comentou Daniel.

— Sim — Dib apontou para os dois objetos, que estavam em cima da mesa, em frente aos sofás. — Depois de você sair, encontramos mais alguns objetos ritualísticos, no quarto dela. Já os selei, para mantê-los seguros até descobrirmos para que servem.

— O punhal é para Besson — avisou Daniel. — Esse era o nosso trato. Mas antes precisamos esclarecer alguns pontos: Besson, como você esfaqueou Lucrezia com o punhal e ela não absorveu a alma de Kent?

Miguel baixou-se, tirou um segundo punhal, que guardava na caneleira da sua perna direita, e colocou-o ao lado do outro, sobre a mesa.

— Sabem como sou prevenido... Com a esmeralda fiz dois punhais. O que usei em Lucrezia tem a esmeralda um pouco maior — justificou-se. Daniel sorriu quase involuntariamente: aquele era o Miguel que conhecia, sempre planejando vários passos adiante.

— Para que quer os dois? Deixe-nos ficar com um — pediu Daniel.

— Lamento. Preciso me sentir seguro e para isso preciso dos dois.

— Terá o seu punhal, mas antes temos que libertar Kent — prometeu Daniel, reforçando o que haviam combinado.

— Daniel, por que não absorve a alma de Kent? Isso lhe daria uma sobrevida, não é, Besson? — perguntou Dib, mas Daniel adiantou-se e informou antes que Miguel respondesse.

— Não quero uma sobrevida.

— Por quê? — interrompeu Elizabeth com uma ponta de desespero na voz, mal podendo acreditar que ele estava abdicando de mais algum tempo de vida, algum tempo junto dela. A atitude dele quase a fez sentir-se rejeitada.

— Uma sobrevida não resolve o problema, Elizabeth — explicou Daniel.

— Apenas o adia, e vamos todos passar por esta espera novamente. Chegou a minha hora.

— Mas poderíamos arranjar uma solução até lá — disse ela, sem esconder as lágrimas.

Ele não olhou para ela, temendo que a ternura que sentia ao vê-la assim, triste e angustiada, os denunciasse. Foi Dib que amenizou a situação:

— Compreendo a sua posição, Daniel, embora concorde com Elizabeth.

— Precisam entender que tenho que partir. Quanto mais resistência houver, mais doloroso será para todos, inclusive para mim — avisou, antes de

revelar o seu plano. — E há uma forma de Kent ser muito mais útil: sabemos que o estado de Sarah é irreversível. Ela pode ficar em coma durante anos, mas se libertar Kent dentro dela, ele poderá salvá-la.

— Isso nunca foi feito com um humano — lembrou Miguel. — A quantidade de energia libertada poderá matá-la em vez de salvá-la.

— O que mata e o que salva têm a mesma origem — comentou Seth, sabiamente.

— Sim — confirmou Daniel. — E acho que devemos deixar Jean Luc decidir.

— Será que ele vai acreditar? — perguntou Miguel.

— Depois de tudo o que ele passou, acho que sim. Além disso, o maior desejo dele é salvar Sarah — defendeu Daniel, antes de passar a outro tema, depois de uma pausa, para alinhar o discurso. — Sei que devíamos tratar a escolha do Supremo com o formalismo habitual, na nossa sede atual, em São Paulo. Mas não temos esse tempo e precisamos resolver o problema: a situação da Ordem agravou-se com a morte de Kent. Ele seria o Supremo.

— Para que discutir isso agora? — perguntou Alessia, reticente, tentando adiar a discussão, como se assim pudesse ganhar mais tempo para Daniel.

— Já tive o segundo aviso sobre a minha morte. E não haverá um terceiro — afirmou, com uma segurança que ninguém compreendia de onde lhe chegava. — Imagino que terei alguns dias, talvez menos, e desejo passar o tempo que me resta da forma que eu escolher. Por isso, quero resolver os assuntos da Ordem. Sei que estamos muito sensíveis e perturbados, mas não há mais tempo. Eu não tenho mais tempo! — frisou devagar, para deixar clara a sua urgência. — Precisamos escolher o Supremo.

Daniel podia sentir o esforço que todos faziam para controlar as emoções: a perda de Kent e a eminência da sua morte os deixava muito fragilizados. A Ordem nunca passara por uma perda daquela dimensão: dois guardiões em tão pouco tempo, sem contar a morte recente de Arturo.

— Compreendo — respondeu Alessia, com a voz embargada pelo choro. — Quero informar que não desejo assumir o meu lugar na hierarquia. Sei que sou a próxima, a herdeira natural ao lugar de Supremo, mas eu renuncio — falava lentamente, mostrando que havia ponderado bastante sobre aquele assunto. — E acho que dadas as circunstâncias devíamos votar, em vez de seguir a lei da hereditariedade.

— Alguém discorda da proposta de Alessia? — perante o silêncio, Daniel perguntou: — Alguém quer assumir o lugar do Supremo, segundo a lei da

hereditariedade?

Uma nova onda de silêncio envolveu a sala. Miguel se mantinha ligeiramente afastado, percebendo o quanto a situação era dolorosa: Daniel estava cedendo o seu lugar em vida, mas ninguém o queria. Era impressionante que nenhum deles revelasse o mínimo desejo pelo poder e pela sabedoria máxima, que era tudo o que ele quisera durante toda a sua existência. A forma como eles eram desapegados do poder mostrava que eram realmente seres muito melhores do que ele imaginara que fossem. Eram seres que estavam cada vez mais próximos do Divino, afastados das lutas e dos desejos mundanos pelo poder.

— Já que ninguém se manifestou, proponho Dib para Supremo. Acredito que ele terá a força e a capacidade de liderança que a Ordem necessita. Quem é a favor? — perguntou Daniel, e quatro mãos se ergueram, exceto a de Dib. Daniel perguntou:

— Aceita, Dib?

— Aceito — respondeu, erguendo a mão esquerda com a palma aberta virada para os guardiões, mostrando simbolicamente a sua alma pura.

— O Tibetano é o próximo Supremo — Daniel comunicou, e todos curvaram ligeiramente a cabeça perante Dib, mostrando que aceitavam a sua autoridade. Miguel observou Dib do outro lado da sala. Naquele instante, as palavras de Daniel haviam acabado de confirmar as suas suspeitas sobre a verdadeira identidade do Tibetano, depois de ter mencionado o assunto duas vezes sem obter respostas de Daniel e de Dib. Agora sabia que eles estavam envolvidos no caso dos monges negros, que contribuíram para a ascensão e queda de Hitler. E se Dib era o Tibetano, isso significaria que ele inicialmente ajudara Hitler a chegar ao poder, recorrendo à magia? E, nesse caso, quem era o homem que se suicidara em Berlim, em 1945, e todos acreditavam ser o Tibetano? Aquele episódio era cada vez mais confuso, e por mais que Miguel quisesse acreditar que Daniel e Dib jamais teriam se envolvido com Hitler, o fato de Dib ser o Tibetano contribuía para tornar a situação muito complexa.

Dib olhou para Miguel, e quando os seus olhares se cruzaram, soube que teriam que conversar porque ele não ia descansar até descobrir a verdade sobre os monges negros, as suas misteriosas mortes e o papel do Tibetano na Segunda Guerra.

Apesar de Dib ser o único que não descendia de guardiões, representava a escolha natural da Ordem mesmo quando Kent ainda era vivo e dava sinais

sutis de que não lhe agradava a ideia de se tornar o Supremo. Mas, até para Miguel, que sempre vivera entre as fronteiras difusas do bem e do mal, o fato de Dib ser o Tibetano parecia indicar que ele já tivera os seus momentos de escuridão e ninguém poderia garantir que aquilo não voltasse a acontecer. Isso significava que a Ordem que existia para proteger os homens poderia se transformar em uma Ordem que os destruiria. Os pensamentos assaltavam-no velozmente: Daniel representava a justiça, o pêndulo que equilibrava o mal e o bem, e a sua ausência ia acabar com aquele equilíbrio. Estavam perante um momento delicado, com a Ordem fragilizada, sem dois dos seus guardiões, e a ascensão de Dib, o Tibetano, de quem Miguel começava a duvidar.

— Proponho que Seth seja o segundo na hierarquia — continuou Daniel, alheio aos pensamentos turvos de Miguel. — Quem é a favor?

Novamente quatro mãos se ergueram, exceto a de Seth. E Daniel questionou-o, seguindo os passos da tradição:

— Aceita?

— Aceito — respondeu, repetindo os mesmos gestos que Dib fizera antes.

— Dib, não terei tempo para explicar tudo o que precisa saber, mas vamos falar o máximo possível. — Dib aceitou em silêncio. Daniel acreditou que todos aqueles diários que Arturo deixara seriam a principal forma de orientar Dib no novo e difícil papel que desempenharia. Durante o último ano Daniel também escrevera um diário que continha indicações sobre a transformação de um guardião em Supremo, e que, certamente, seriam muito úteis para ajudar Dib a superar as dificuldades iniciais.

— Preciso falar com você. Em particular — pediu Miguel discretamente. Daniel anuiu com a cabeça e foi para o escritório. Miguel fechou a porta quando entrou e sentou-se no sofá em frente ao que Daniel ocupara. Miguel percebeu que a forma como ele abandonara o corpo no sofá demonstrava algum cansaço.

— Diga, Besson — convidou, cruzando as pernas e apoiando o cotovelo no braço do sofá.

— Dib é o Tibetano?

— Sim.

— Ele não pode ser o guardião Supremo, De Payens.

— Por quê? — perguntou Daniel, franzindo a testa e deixando visível um vinco leve no centro. Achou estranho o comentário de Miguel: sempre

pensara que ele gostava de Dib e até o admirava. Aquela atitude parecia maquiavélica, como se Miguel estivesse arquitetando um plano para destruir Dib.

— Ele era o líder dos monges negros que contribuíram para a ascensão de Hitler. Sem eles talvez Hitler não tivesse mandado assassinar tantos milhões...

— Besson, essa é uma longa história — interrompeu Daniel, entendendo a origem das resistências de Besson.

— Você não pode deixar a Ordem nas mãos de Dib — insistiu.

— Não imaginava que tivesse essa imagem de mim, Besson — disse Dib nas costas dele, entrando silenciosamente na sala. Besson baixou a cabeça por um segundo para refazer os seus argumentos, antes de enfrentá-lo:

— Não é contra você, Dib. É contra o que você representa: se você foi o Tibetano, você também contribuiu para a ascensão de Hitler. Quem garante que não repetirá o mesmo erro de julgamento que cometeu durante a Segunda Guerra, e nos conduza para uma época ainda mais negra do que aquela? Principalmente porque agora terá um poder supremo, dado pelo acesso ao último estágio do Graal.

— Não vou falar sobre isso agora, embora deva dizer que tem uma ideia equivocada sobre a minha atuação na Segunda Guerra. E quero que saiba que estou assumindo a Ordem porque mais ninguém deseja este lugar. Nenhum de nós tem interesse em ser mais poderoso — disse Dib, fazendo uma alusão indireta ao desejo de Miguel por poder e ao motivo da sua saída da Ordem, séculos antes. — Neste momento, há coisas mais importantes para resolver.

— Mais importantes do que você assumir a Ordem? — questionou Miguel, indiferente às insinuações de Dib.

— Sim, a organização da Ordem — anunciou Dib, com a voz calma. — É nisso que vou me concentrar porque as nossas fragilidades nos deixam expostos. Seremos cinco em vez de sete guardiões, e embora não seja um de nós, conto com você até nos fortalecermos. Pode ser?

O pedido surpreendeu Miguel: mesmo após ter revelado as suas dúvidas, Dib manteve a sua atitude amistosa e ponderada. Foi quando Miguel lembrou subitamente a filosofia de Daniel, que devia ser a mesma de Dib, e consistia em manter os inimigos por perto. Estava confuso, sem saber o que pensar: Daniel e Dib estavam tranquilos, como se não tivessem nada a esconder, mas Miguel começava a duvidar da atuação deles, em especial de Dib.

— Claro — respondeu, silenciando os seus pensamentos. Pretendia

descobrir o que estava acontecendo, e o convite de Dib lhe pareceu a oportunidade ideal. — Quero fazer uma pergunta sobre Lucrezia: por que impediu que eu a matasse?

Dib pensou um segundo antes de responder, sob o olhar atento de Daniel.

— Lembra-se de ela ter dito que eu o salvei *in extremis*?

— Sim, no último instante... — respondeu, recordando as palavras de Lucrezia.

— Ela é um Anjo Negro e, apesar daquele corpo ser a sua marca registrada, ela tem a capacidade de mudar de corpo. Se você tivesse usado o punhal, ela poderia ter permitido que a matasse, apenas para se apoderar de você. Já se imaginou brigando com um Anjo Negro, dentro do seu corpo?

— Isso é verdade? — perguntou Miguel, olhando para Daniel à procura de uma confirmação. Daniel concordou, em silêncio. A dúvida que tivera sobre a atuação de Dib desapareceu: percebeu que Dib o impedira de matar Lucrezia para salvá-lo e não para protegê-la, como havia pensado.

— Obrigado — agradeceu, mas Dib se manteve silencioso. Miguel fez uma pausa, e depois perguntou: — Como pode saber isso, Dib?

— Há indícios de que alguns Anjos Negros dominam o corpo dos humanos. Por isso, é essencial saber como destruí-la — Dib afirmou, sem se adiantar na explicação, não parecendo disposto a aprofundar aquele assunto. O seu semblante sério se tornara mais fechado desde o instante em que aceitara o cargo de Supremo, como se já estivesse sentindo o peso adicional das novas responsabilidades. Dib sabia que muitas mudanças chegariam com a morte de Daniel e tentava controlar os seus próprios temores por assumir um papel daquela dimensão. Tinha visto Daniel se tornar muito mais poderoso, e o poder tinha sempre um lado sedutor que corrompia os homens, mesmo que eles não quisessem. Talvez o amor de Daniel por Elizabeth, por mais proibido que fosse, representasse o contraponto que ele necessitava para se manter equilibrado. Dib lembrava-se que o processo de Arturo tinha sido diferente: ele foi o primeiro Supremo e a mudança havia sido gradual. Mas com Daniel o poder entrara pelo seu corpo, de rompante, durante a Consagração, como aconteceria com ele, e era crucial que encontrasse um novo equilíbrio para garantir que o poder não o levasse da luz às trevas. Quanto maior o poder, maior o perigo de se perder.

Daniel disse para Miguel, como se estivesse amarrando todas as suas pontas soltas:

— Antes de toda esta confusão, você me pediu que descobrisse o paradeiro

de Tereza Sampaio. Eu ainda não falei com Bardas... Nunca surgiu o momento oportuno.

— Eu sei — respondeu Miguel. — Não quero que se preocupe com isso agora.

— Escute-me — pediu Daniel, com firmeza. — Não vou conseguir tratar desse assunto, por isso quero que contate Bardas diretamente e lhe conte a verdade, as suas razões para querer saber onde Tereza está.

Miguel sacudiu a cabeça, incapaz de compreender toda a generosidade de Daniel. Mesmo nos últimos momentos de vida, Daniel ainda se preocupava com os outros. Ele estava, claramente, resolvendo os assuntos pendentes.

— Falarei — prometeu Miguel, calando-se por um segundo, antes de perguntar. — E agora, o que vai acontecer?

— Alessia, Seth e Uchoa vão para São Paulo amanhã. Precisamos encerrar tudo por lá.

— Qual o próximo lugar?

— Portugal.

— Gosto da ideia. Lisboa? — inquiriu Miguel, consciente de que aquela mudança também o afetaria, porque ele iria seguir os passos da Ordem, a pedido de Dib.

— Sim — Daniel sabia que aquela era a sua última decisão e não viveria aquele novo tempo.

— Você vai continuar em Paris? — perguntou Miguel.

— Sim. Pedi que Dib e Elizabeth ficassem comigo — contou Daniel. Miguel aquiesceu com a cabeça, consciente de que aquele era o último desejo de Daniel: ficar em Paris, com o seu mais leal companheiro e a sua pupila.

— E Angelina? — perguntou Miguel, sabendo que teriam que libertá-la.

— Elizabeth vai saber qual a hora certa de deixá-la ir. E você e Dib vão ajudá-la nisso — afirmou Daniel, ainda imbuído da sua autoridade de Supremo. — Esta tarde temos que libertar Kent. Pode acompanhar-nos ao hospital, às quatro e meia?

— Sim. — Miguel sentia a urgência com que Daniel estava encerrando os assuntos. E a sua atitude só podia significar que ele sabia que o seu tempo estava se esgotando rapidamente.

Os últimos dias tinham sido agitados e terríveis. Oliver ligara, mas Alessia não conseguira falar com ele e enviara uma mensagem de texto, avisando que

depois telefonaria. Oliver encheu-se de paciência e esperou. Ela ligou, um par de dias depois, quase à hora do almoço.

— Alessia — pronunciou o nome dela, acentuando os esses como habitualmente fazia.

— Desculpe por só ligar agora.

— Eu sei que tudo se complicou por causa de Lucrezia Zani — Daniel havia-lhe falado sobre a prisão da assassina.

— Não foi apenas isso — respondeu com a voz triste, lembrando-se de Kent, que fora seu leal companheiro tantas vezes. — Perdemos Kent.

— Como? Kent? — questionou incrédulo.

— Lucrezia assassinou-o, mas não contamos à polícia para não complicar mais as coisas — contou, mostrando que confiava nele, mas sem revelar o verdadeiro motivo para não terem envolvido a polícia, e que era a rápida deterioração do corpo de Kent.

Oliver assimilou a informação em silêncio. Não tinha ligação com Kent, mas apesar de tê-lo conhecido recentemente, ele parecia uma pessoa de bem. Disse:

— Lamento muito, Alessia.

Ela ficou calada, como se a conversa tivesse chegado ao fim, depois de ter contado por que não telefonara nem estivera com ele. A sua atração por Oliver parecia inapropriada, depois de Kent ter dado a vida para salvá-los, lembrando-lhes o verdadeiro significado da Ordem.

— Posso ajudar? — perguntou Oliver, delicadamente.

— Acho que preciso de um tempo de recolhimento, para assimilar tudo isto.

— Compreendo. Mas eu gostaria de despedir-me de você, antes de voltar para Londres.

— Quando? — não esperava que ele partisse tão rápido, esquecida, momentaneamente, que também voltaria ao Brasil, com Seth e Uchoa, para organizarem a mudança para Portugal, onde começariam um novo ciclo de quinze ou vinte anos.

— Talvez amanhã. Você é a única razão que me prende aqui — confessou, fazendo as palavras se aninharem dentro dela e provocarem um ardor no estômago.

— Eu também vou voltar ao Brasil. Amanhã.

— Podemos nos encontrar esta tarde? — propôs.

— Sim — concordou, desejando vê-lo uma última vez. — Às três, no

Musée Monet.

Lucrezia estava confinada num quarto completamente branco. A pequena cama com lençóis e coberta branca dava-lhe asco. A almofada cheirava a um daqueles detergentes industriais usados para higienizar grandes espaços, e que deixavam um odor de limpeza impessoal e insuportável.

Desde que estava ali, ninguém falara com ela. Colocaram-na naquele quarto, alimentaram-na, deixaram-na tomar banho e ofereceram-lhe roupa e tênis, igualmente brancos, e com o mesmo cheiro horrível da cama. Era como se estivessem a desapossá-la da sua identidade: não lhe restara nada, nem a roupa nem qualquer um dos seus objetos pessoais. Guardaram os seus brincos, o relógio e o anel, do qual nunca se separava, numa caixa, e levaram tudo.

Olhou para toda aquela brancura até sentir náuseas. Viu e reviu as irregularidades da parede. Conhecia todos os detalhes do chão branco. Tinha-se passado três dias desde que entrara ali, naquele espaço minúsculo e higiênico e o tempo parecia não ter fim. Aquelas horas pareciam eternas. Se continuasse ali ia enlouquecer.

Três guardas uniformizadas foram buscá-la. Algemaram as suas mãos e pés. Ela estava sendo tratada como a pior das criminosas. Nunca havia passado por aquilo: escapara sempre de todas as situações, de todos os crimes, mas agora era diferente. Confrontara os guardiões e, apesar de ter assassinado um deles, tinha sido derrotada. Talvez a morte dele tivesse sido o seu segundo erro. O primeiro erro foi o seu envolvimento com Miguel Besson. Ainda não entendia como não havia percebido quem ele era. Acalentou a esperança de tê-lo ao seu lado e até pensara em negociar com Lúcifer para poupá-lo, mas agora tinha certeza de que Miguel contribuía para a sua queda. Naquele momento, não lhe restava nada e os seus poderes pareciam adormecidos, no meio da maldita brancura que a envolvia.

Foi escoltada por um longo corredor, e no final, à direita, entrou numa sala. Uma das guardas conduziu-a para uma mesa com quatro cadeiras. Prenderam as algemas que tinha nos pés a uma corrente de aço brilhante que havia no chão. A sala não tinha janelas, apenas uma porta e um vidro espelhado que permitia que a vissem, sem que ela pudesse ver o rosto dos observadores. Num dos cantos, junto ao teto, uma minúscula câmara filmava tudo.

Um homem entrou. Lucrezia reconheceu-o. Tinha-o visto durante alguns

minutos no porão de sua casa. Era alto, magro, com leve cheiro de cigarro, que se destacava sobre a sua colônia fresca. Ela aspirou aqueles odores com prazer, tentando apagar o cheiro de detergente impregnado na sua pele.

— *Bonjour*. Meu nome é Étienne Bergès, responsável pelo Departamento de Homicídios — disse com a voz ligeiramente rouca, que tanto podia ser provocada pelo cigarro como poderia ser o seu timbre natural. Mas era uma voz com um toque quente, sensual. Aquelas eram as primeiras palavras que lhe dirigiam desde que estava ali. Ela não respondeu. Fixou diretamente os olhos dele, para tentar descobrir quais os seus pontos fracos e avaliar se poderia manipulá-lo, como fizera a vida toda. Mas ele era um homem que não relevava as emoções, nem demonstrava nenhuma fraqueza aparente. Ou talvez fosse ela que não conseguia ver, por ter perdido os seus poderes.

— Por que estou aqui? — perguntou, arrojada.

— Tenho certeza de que sabe os motivos, mas mesmo assim vou informá-la — disse, sem ironia, num tom neutro. — A senhora é acusada de assassinar centenas de crianças em sete países da Europa, além dos Messie e vários jovens em Paris.

— Imagino que tenham provas contra mim. Quais são?

Étienne observou-a. Era muito bonita, mesmo com as roupas brancas e largas. Tinha uma altivez natural que lhe dava ares de rainha, apesar de estar numa sala de interrogatório. Assim que a viu pela primeira vez, na casa dela, soube que ela não iria facilitar a vida de ninguém, e muito menos a sua. E a prova já estava ali.

— Existe muito sangue no porão da sua casa, e que está sendo comparado com o das vítimas.

— Não sei de nada. Não tinha o hábito de usar o porão — mentiu, com calma.

— Essa vai ser a sua defesa? — questionou Étienne, sério.

— Sim. E também quero chamar o meu advogado, para podermos continuar esta conversa.

— Claro — disse Étienne, dando por encerrada a primeira conversa com Lucrezia Zani. Deixou a sala com passos lentos, imaginando que ela ia negar tudo, e se aquela fosse a sua defesa, seria péssima, porque havia provas da presença dela por todo o porão, da casa *dela*. O núcleo de investigação especial e a polícia ainda não tinham encontrado nenhuma das cenas primárias onde ela assassinara as crianças nos outros países. E Étienne não sabia se conseguiriam encontrar, mas o porão dela tinha provas mais do que

suficientes para incriminá-la. A polícia estava empenhada em montar um caso, baseado na quantidade crescente de evidências que estavam acumulando, sob a sua vigilante tutela. Étienne tinha sido muito enfático ao avisar que se alguém fizesse asneira, iria persegui-lo pessoalmente.

Mandou que lhe dessem um telefone para ela falar com o advogado, e deu-lhes todo o tempo para confabularem e montarem uma defesa.

Quanto mais Étienne, Bardas e Shaw observavam aquela mulher, mais lhes custava acreditar que ela tivesse assassinado tanta gente, tornando-se a assassina em série mais prolífera da história. Mas percebiam algo maligno dentro dela, na forma como os seus olhos negros pousavam nas pessoas, lembrando o olhar frio e vazio de uma serpente. Étienne achava-a excessivamente perigosa, por isso proibira que falassem com ela, para evitar que alguém fosse envolvido nos seus jogos psicológicos. Seguiu as sugestões de Daniel à risca, tanto no comportamento da polícia, quanto na forma de organizar a cela e as roupas dela.

Lucrezia voltou para a cela após falar com o advogado por duas horas. Parecia tranquila ao abandonar a sala onde Étienne tentara interrogá-la. Eram três da tarde quando percebeu que o canto da cela escurecia. Aquilo só podia significar que ele estava ali. Viu a imagem firmar-se contra a parede. Ele a observou, em silêncio, com o penetrante olhar azul.

— Por favor, tire-me daqui — pediu Lucrezia, rompendo o silêncio.

— Por quê? — perguntou, jocoso.

— Sempre o servi e sempre lhe fui leal. E você me abandonou no porão. Eu é que pergunto por quê — ela tentava falar com humildade, mas sentia raiva ao lembrar que ele deixara que a prendessem. Os olhos dele faiscaram levemente, com o comentário dela.

— Eu não a abandonei — disse, com indiferença. — Você ia me trair. Tinha em seu poder o punhal com parte da minha esmeralda. A minha terceira visão — frisou.

— Não... Não — negou. — Matei um guardião, e ia oferecer-lhe o punhal com a alma dele.

— E o Cálice que recebeu o sangue do Puro? — perguntou.

— Eu precisava do Cálice para fazer o Anunciado ascender.

— E quando pretendia me contar que tinha o Cálice?

— Assim que tivesse terminado a minha missão. A missão que você me deu.

Ele continuava encostado no canto, com um pé cruzado sobre o outro na

altura do tornozelo e os dois braços cruzados sobre o peito. Parecia uma estátua, com exceção dos olhos vivos e transparentes, que pareciam ser o único sinal de vida no corpo imóvel.

— Você acha mesmo que eu não descobriria que pretendia me trair? — perguntou seguro, ignorando os argumentos dela. — Que pretendia fazer ascender o Anunciado e dominar este mundo? Que pretendia usar a esmeralda para se igualar a mim? Acha que não sei o que andou fazendo nas últimas décadas, desde que escolheu viver entre os homens?

Ela empalideceu, ao perceber que ele a vigiara aqueles anos todos, seguira os seus passos, vasculhara os seus planos, conhecia os seus desejos.

— Não. Está enganado. Era tudo para você, para a sua glória — insistiu.

— Eu cuido da minha glória — respondeu, com um riso breve.

— Você está com os guardiões — acusou-o, vendo-se sem saída. Aquele conhecimento era o seu último trunfo. — O que faz no meio deles? Como consegue viver em dois mundos? — perguntou, tentando compreender o papel dele, desde que o reconhecera no porão da sua casa.

— Não quer gastar o seu tempo falando sobre mim, não é? A sua situação não parece nada boa — lembrou, cinicamente.

— Ajude-me a sair daqui — pediu de novo, percebendo que estava condenada a ficar fechada naquele cubículo branco, na melhor das hipóteses. Ele não acreditara em nada do que ela dissera, e iria fazê-la pagar pela sua ambição e arrogância. Naquele momento, a presença dele entre os guardiões era irrelevante, perante a discussão sobre o futuro dela.

— Já deve ter percebido que perdeu os seus poderes — disse, com cinismo. A informação explodiu dentro dela, adquirindo sentido. Aquilo explicava a sua ausência de energia, e por que não conseguira manipular ninguém desde que deixara o porão. Primeiro achou que era o efeito da agressão dele, quando a atirara contra a parede. Depois achou que era o efeito daquele espaço higiênico, mas agora sabia que ele era o responsável.

— Devolva os meus poderes. Só peço isso — pediu, sentindo-se frágil e desamparada, imaginando que aquela devia ser a sensação que os humanos tinham durante o tempo todo.

— Não fui eu que tirei os seus poderes — informou, com ar de deboche. Ela surpreendeu-se com a declaração: ele devia estar se divertindo à custa dela, porque não fazia sentido o que estava dizendo. Era óbvio que só podia ter sido ele. — Chegou o momento de viver como humana e, quando terminar o seu tempo, virei buscá-la, pessoalmente — enfatizou, antes de avisar. —

Não se preocupe: o seu lugar é entre nós.

— Não — deu um passo adiante, estendendo a mão para tentar tocar nele. Mas ele já havia partido. Não entendia como ele aparecera ali, sem um espelho servindo de portal. Talvez fosse uma projeção, e por isso ele ficara tão pouco tempo, e sempre imóvel. Lucrezia sentiu as lágrimas correrem pelo seu rosto. Nunca havia chorado. Tocou a face com a ponta dos dedos, sem entender o que estava acontecendo. Tornara-se humana e mortal? Transformara-se em um daqueles seres frágeis que desprezara durante centenas de anos? Se assim fosse, em breve, a sua beleza iria desaparecer e o seu corpo envelheceria. Sentou-se na cama, com o olhar vazio, tentando descobrir tudo o que estava acontecendo com ela.

Étienne, Bardas e Shaw viram Lucrezia falar com o canto vazio da parede. A câmera de filmar, posicionada numa esquina do teto, gravava uma cena bizarra: ela falando com o vácuo da sua própria cela. Bardas recordou o homem que matara Alejandra, em Madri. Ele também falara com as paredes vazias e pouco depois foi diagnosticado com esquizofrenia. Bardas achou que era muita coincidência que aquilo se repetisse: Paco Fuentes também se dedicava a rituais mágicos e sangrentos. Bardas comentou o caso e Shaw sugeriu:

— Talvez a esquizofrenia seja uma condição anterior aos crimes, e ela também seja esquizofrênica.

— Não sei. Acho estranhas estas coincidências. Só isso — respondeu Bardas, como se a sua apurada intuição estivesse prestes a revelar um mundo que o seu lado racional se negava a aceitar. Nem Étienne nem Shaw achavam as coincidências menos estranhas, mas todos sentiam necessidade de se apegar ao mundo palpável e lógico, que conseguiam explicar.

28. A libertação

- *Podes dizer-me, por favor, que caminho devo seguir para sair daqui?*
— *Isso depende muito de para onde queres ir — respondeu o gato.*
— *Preocupa-me pouco aonde ir — disse Alice.*
— *Nesse caso, pouco importa o caminho que sigas — replicou o gato.*

Lewis Carroll (1832-1898)

Ela o viu ao longe, inconfundível. Estava parado à frente da porta principal do museu. Havia pouca gente, e ele se destacava com a sua figura elegante e os olhos ocultos pelas lentes escuras dos óculos de sol. Ela sentiu uma alegria quase infantil. Ele a viu e foi ao seu encontro observando-a com prazer, imaginando o dia em que a tomaria nos braços, depois de ter vencido todos os argumentos e resistências dela. Não a beijou no rosto, como sempre fazia para cumprimentá-la, segurando-a apenas próximo do cotovelo, para conduzi-la ao interior do museu. Nenhum deles falou enquanto caminhavam em silêncio pelas salas. Ele mantinha a mão firme em volta do braço dela, lembrando-a constantemente da sua presença.

O silêncio foi crescendo. Cada vez que paravam perante uma obra de arte e recomeçavam a caminhar, acertando o passo, ele aproximava-se um pouco mais dela. Quando ela achou que não suportaria mais aquele silêncio cheio de coisas por dizer, pediu baixinho:

- Por favor, diga alguma coisa.
— Não é necessário — respondeu, inclinando o rosto até roçar no cabelo dela, e puxando-a mais contra ele, pelo braço. Ela sentiu o corpo dele a

milímetros do seu, como se houvesse apenas uma película a separá-los. Sentiu o calor perturbador que ele emanava e tentou se afastar, mas ele segurou-a firme e murmurou:

— Não se mova.

Ela sentiu um arrepio. Queria fugir e, ao mesmo tempo, queria jogar-se nos braços dele. Precisava romper aquela imobilidade impregnada de tensão, que estava roubando o seu oxigênio: queria respirar e não conseguia. Perguntava-se como ele conseguia deixá-la naquele estado de perturbação, estando apenas ao seu lado?

— Oliver, vamos? — disse baixinho.

— Não — respondeu inabalável, em frente de um dos quadros que nenhum deles observava, centrados na proximidade entontecedora dos seus corpos.

— Oliver... — ela começou a falar, mas ele a interrompeu.

— Quando voltamos a nos encontrar?

— Não sei. Vamos mudar para Portugal.

— Pelo menos vamos morar no mesmo continente — comentou, sorrindo.
— Quando?

— Ainda não sei... — respondeu de novo. — Assim que estiver tudo mais calmo, eu telefono.

— Promete?

— Sim. Agora vamos — pediu, tentando manter a respiração compassada.

À saída do museu Oliver disse:

— Antes de nos despedirmos tenho um presente para você — soltou finalmente o braço dela, para tirar uma pequena caixa de veludo verde-musgo do interior do bolso do casaco. Abriu a caixa e mostrou uma rosa de ouro, com pequenos brilhantes. — É uma rosa que nunca murchará. Quero que coloque no fio que traz ao pescoço. As rosas simbolizam, entre outras coisas, o segredo. Essa é o nosso segredo.

Ela se emocionou: conhecia bem a simbologia da rosa. A delicada peça era perfeita em todos os seus detalhes. Ela abriu o fio de ouro com uma pequena cruz e deixou que ele colocasse a rosa e fechasse o fio em volta do seu pescoço.

— Obrigada — agradeceu baixando o rosto para evitar a intensidade do olhar dele, mas Oliver colocou o indicador sob o queixo dela e com uma leve pressão para cima fez com que ela o encarasse. Os olhos dele pareciam líquidos, e ela mergulhou neles como quem entra numa banheira de água morna. Ele a puxou levemente pelo queixo e ela deixou-se ir, sem resistência,

até sentir os lábios macios dele contra os seus. Ele pressionou a boca ligeiramente contra a dela, num beijo inocente e se afastou.

— Da próxima vez que nos encontrarmos, quero que me peça para beijá-la — avisou, com um sorriso suave.

Daniel, Dib e Miguel entraram no hospital dispostos a salvar Sarah, se Jean Luc permitisse. Primeiro teriam que explicar o que aconteceria. Miguel, sempre mais pragmático e flexível, defendia que deviam manipular a mente dele para fazê-lo aceitar a oferta, mas Daniel opusera-se, sem evitar um sorriso ao perceber a forma como Miguel optava pelo caminho mais fácil, mesmo que para isso deixasse de respeitar o livre-arbítrio humano.

Explicaram a Jean Luc, da maneira mais simples possível, como poderiam salvar Sarah: disseram que havia um objeto mágico que canalizava uma energia rara e muito poderosa, que poderia tirar Sarah do coma.

— Quero ver o objeto — pediu Jean Luc depois de ouvi-los, sem resistência. O desespero provocado pela ideia de perder Sarah tornava-o disposto a explorar qualquer possibilidade, depois de passar tantos dias ao lado dela, vendo-a mergulhada num mundo de sombras.

Daniel retirou o punhal de dentro do casaco, onde se encontrava protegido por uma bolsa de couro macio, e mostrou-o a Jean Luc.

— Esse punhal... era meu. Dei-o a Lucrezia. Como conseguiram recuperá-lo? — comentou, espantado, refazendo mentalmente o percurso do punhal.

Miguel trocou um rápido olhar de cumplicidade com Daniel, quase como se o avisasse que Jean Luc não poderia guardar todas aquelas memórias.

— Descobrimos onde Lucrezia morava e conseguimos recuperar o punhal antes que ela fosse presa. Fomos nós que avisamos a polícia sobre o paradeiro dela — explicou Daniel.

— Como descobriram e o que foram lá fazer? — perguntou Jean Luc, mais por uma questão de raciocínio lógico do que de astúcia.

— Recebemos uma indicação de que o punhal estaria ali. Esse punhal foi roubado de mim e eu queria recuperá-lo — interveio Miguel.

— Então o punhal era originalmente seu? — questionou Jean Luc, com o olhar brilhante.

— Sim. Acredito que o roubaram, com o objetivo de vender ao seu pai.

— É possível... — confirmou Jean Luc. — E trata-se realmente de um objeto mágico?

— Trata-se de um objeto que pode salvar Sarah — afirmou Daniel, redirecionando a conversa, evitando entrar numa discussão sobre o perigoso terreno da magia. — Mas também pode matá-la. A descarga de energia é muito violenta e pode ser fatal. Em vez de salvá-la, nós podemos perdê-la.

— O punhal nunca foi testado antes... — argumentou Miguel, calando-se a tempo, sob o olhar de advertência de Daniel, antes de confessar que o objeto nunca havia sido testado antes em humanos. — Ela pode morrer com o choque. Não há garantias. Isto é apenas teoria.

— Eu compreendi — murmurou Jean Luc, segurando a mão inerte de Sarah entre a sua. Ela estava cada vez mais pálida e magra, com uma fragilidade que lembrava aquelas rendas muito antigas que podiam se desmanchar ao mínimo toque.

— Além disso, se ela sobreviver terá que passar por um novo ritual, para libertar a energia que agora vai entrar no seu corpo. E esse novo ritual será conduzido apenas por Dib e Miguel — avisou Daniel, sabendo que não estaria presente.

— Vamos fazer — decidiu Jean Luc.

— Tem certeza, Jean Luc? — perguntou Dib, pondo a mão nas costas dele, como se o estivesse confortando.

— O que faria se estivesse no meu lugar? — perguntou Jean Luc angustiado, e respondeu sem esperar a resposta de Dib. — Ela está morta. O cérebro não funciona e só respira porque está ligada a essa máquina. Se houver a mais remota possibilidade de fazê-la melhorar, quero fazer isso! E se ela não voltar, será melhor do que vê-la definhando neste sofrimento constante.

— Só mais uma coisa: jamais poderá falar sobre o que vai acontecer aqui — avisou Daniel, posicionando-se à direita da cabeceira da cama, enquanto Miguel se posicionava à esquerda e Dib, aos pés de Sarah. Jean Luc prometeu que não abordaria aquele assunto e foi afastado para um dos cantos do quarto, enquanto os observava ansioso e temeroso.

O silêncio, embora fosse total, possuía uma serenidade terapêutica que eles controlavam sem esforço. Daniel baixou o lençol que cobria Sarah até o meio do abdômen e abriu os botões da bata revelando o centro do peito branco, quase transparente, mantendo delicadamente os seios protegidos pelo tecido. Miguel pegou o punhal e aproximou-se dela. Colocou uma mão sobre o externo e, com a outra, baixou-o lentamente, deixando-o flutuar dois centímetros acima do peito dela.

Daniel olhou uma última vez para Jean Luc, e quando ele moveu a cabeça positivamente, retirou-a do respiradouro, tirou a máscara de oxigênio e desligou todos os fios e máquinas. Miguel levou o punhal suavemente até a pele e fez um corte minúsculo. Quando a primeira gota de sangue irrompeu, com o seu vermelho exuberante na brancura da pele, uma luz violenta acendeu na base do punhal e entrou brutalmente em Sarah, abalando o corpo dela com espasmos violentos. Miguel e Daniel seguraram-na contra a cama, mas a fragilidade e falta de preparo físico de Sarah para receber aquela quantidade imensa de energia fizeram com que o corpo quase voasse da cama, se elevando mais de meio metro. Dib saiu dos pés da cama e pousou a mão sobre o abdômen enquanto murmurava um mantra tibetano, para acalmá-la. Daniel juntou-se a ele, fazendo um coro cadenciado de duas vozes. O som lento e ritmado tornou-se gradualmente profundo, até os espasmos diminuírem, embora o corpo continuasse flutuando. Eles continuaram o mantra por mais alguns minutos, até o corpo descer lentamente e pousar na cama.

Jean Luc, apesar de todas as coisas inacreditáveis que presenciara, estava totalmente surpreso. Ver Sarah estremecida por uma energia estranha, flutuando sobre a cama, era algo insólito, embora também fosse a sua última esperança para trazê-la de volta à vida. Para ele, qualquer coisa valeria a pena desde que salvasse Sarah. Porém, o que Jean Luc desconhecia era que, se por acaso Sarah já se encontrasse num estágio avançado do caminho para a morte, nem mesmo a alma de Kent poderia ajudá-la a voltar. E isso era algo que ainda não sabiam.

Sarah continuava imóvel. Daniel entubou-a, ligou as máquinas e aconselhou Jean Luc a manter-se fiel ao plano que haviam combinado antes do ritual:

— Chame os médicos e peça que desliguem as máquinas. — Jean Luc já havia discutido vezes sem conta o estado de Sarah com os médicos. Os pais dela, apesar da dor que sentiam, desejavam que as máquinas fossem desligadas para evitar mais sofrimento à filha, mas ele mantivera-se teimosamente esperançoso.

Jean Luc saiu do quarto e voltou minutos depois com o médico de Sarah, o diretor do hospital e uma enfermeira. Dib, Daniel e Miguel afastaram-se para lhes dar espaço. O médico aproximou-se da máquina enquanto a enfermeira avaliava os batimentos cardíacos numa das telas. O médico desligou a máquina que mantinha os pulmões de Sarah funcionando e retirou o tubo de

dentro da sua garganta, exatamente como Daniel havia feito minutos antes. Esperaram alguns segundos e perceberam que o peito de Sarah estava se movendo suavemente e o coração se mantinha estável, com a linha regular oscilando na tela.

Os médicos trocaram um olhar de estranheza e mantiveram-se silenciosos e vigilantes mais algum tempo: um minuto, dois minutos, três, quatro, cinco minutos.

— Ela está respirando sozinha — disse, por fim, o médico de Sarah, comentando o óbvio, sem conseguir explicar o acontecimento.

Aquela seria a última refeição que fariam juntos. Na manhã seguinte Alessia, Uchoa e Seth voltariam para o Brasil. Miguel também iria com eles, para planejar a sua mudança para Lisboa. Daniel tentava manter o ambiente leve, mas era visível que todos estavam com a emoção à flor da pele, o que os impedia de comer e falar com naturalidade.

Seth andava às voltas com uma ideia, e sabia que aquela seria a última oportunidade de ouvir a opinião de Daniel antes que Dib assumisse o seu papel de Supremo.

— E se Besson tentasse se consagrar para voltar à Ordem? — perguntou, no meio do jantar.

Todos pararam de comer e olharam para Seth. A sala foi invadida por um silêncio denso, como se ele tivesse acabado de proferir uma blasfêmia. Foi Daniel que respondeu, olhando diretamente para Miguel, como se também já tivesse tido aquela ideia antes de descartá-la:

— Você não pode ser o sétimo guardião, Besson. Você não é confiável — afirmou, calmo.

— Eu sei. Já tentei, mas não sou capaz de viver a vossa vida de espartilhos. A castidade, a alimentação, o controle absoluto sobre o corpo vinte e quatro horas por dia, sem um minuto de relaxamento, para evitar que as emoções extravasem... Não sou capaz — confessou com honestidade impressionante, deixando todos com certo sentimento de admiração, por ouvi-lo expressar aquilo que também os atormentava, em maior ou menor intensidade, durante a maior parte do tempo.

— E não é apenas isso. Quando você pertenceu à Ordem, desapareceu com algumas das relíquias sagradas mais emblemáticas... As relíquias do Graal! Eu não acho que a Ordem possa lhe revelar a localização do Mosteiro, porque

agora, se você tentasse alguma coisa, não iria terminar bem! Você sabe, não é? — Daniel falou desprovido de qualquer ameaça, apenas enunciando fatos com uma firmeza que surgia nos seus olhos sem hesitação. E só naquele momento Miguel teve certeza de que Daniel o destruiria se precisasse defender a Ordem. Mas, em breve, ele não estaria mais entre eles, e parecia óbvio que ele estava dando instruções claras para a Ordem eliminar qualquer ameaça aos seus tesouros e segredos. Com a ausência de Daniel, se Miguel decidisse lutar contra a Ordem, o desfecho continuaria sendo imprevisível. Porém, Daniel conhecia-o demasiado bem e continuou falando, como se lesse os seus pensamentos:

— O desfecho de qualquer batalha nos próximos tempos pode ser incerto até a Ordem voltar a estabilizar sob o comando de Dib, mas eu acredito que as chances da nossa vitória são muito elevadas.

— Sei tudo isso. Pretendo estar ao lado da Ordem e não contra a Ordem. E mais, De Payens: se eu estivesse no seu lugar, tomaria a mesma decisão — respondeu Miguel, com a mesma honestidade perturbadora, que resolvera usar naquela noite.

— A nossa busca vai começar uma vez mais. Vivemos muito, mas também levamos muito tempo para ser substituídos e talvez isso seja sábio — comentou Daniel, pensando que o longo tempo de vida que tinham lhes permitia corrigir os seus percursos, compreender os erros, mas, principalmente, buscar a redenção para todas as vezes que haviam cedido à escuridão.

Os guardiões tinham um longo e árduo processo de escolha de novos seres especiais: procurar alguém para ocupar os lugares de Kent e de Daniel podia levar muitos anos. Não havia mais descendentes dos cátaros e a busca pelos novos guardiões era extenuante, além de muito cuidadosa. Da última vez, antes de encontrarem Dib, o Tibetano, muitos se dissiparam, e foi um processo complexo e sofrido.

Miguel quis se despedir. A perda de Daniel, tão próxima da morte de Kent, deixava-os esgotados. Aproximou-se de Daniel para abraçá-lo, mas ele a puxou para um canto da sala e disse baixo, soltando as palavras devagar, retomando uma conversa que já tivera com ele:

— Há mais uma coisa, Besson: Elizabeth.

— O que espera de mim? — perguntou, temendo escutar as palavras de

Daniel.

— Espero que a proteja.

— É aquela velha história de dar o ouro para o ladrão guardar, não é? — comentou, dividido entre a emoção e uma ligeira ironia, consciente do significado profundo do pedido de Daniel.

— Sim... — confirmou Daniel. — Sei que a ama. Use esse amor para protegê-la.

— Inclusive de mim, é isso?

— Não sei. Agora cabe a você protegê-la. Por mim e por Arturo. Você é o último cátaro, nascido em Montségur... — lembrou.

Miguel pensou por alguns segundos, mantendo a cabeça inclinada para baixo e o olhar fixo no chão. Após um profundo suspiro, ergueu o rosto para enfrentar o olhar translúcido de Daniel. Prometeu com a voz séria, consciente das implicações que a sua promessa acarretava e do quanto iria impactar na sua vida:

— Vou protegê-la.

Daniel conseguira arrancar-lhe aquela promessa do fundo das entranhas e ele teria que revolver todo o seu amor e todos os seus planos para cumpri-la. Talvez se arrependesse um dia, mas, naquelas circunstâncias, lhe pareceu a coisa certa para fazer. Percebeu que era hora de se despedir e sentiu um nó na garganta. Daniel estava tranquilo e Miguel sentiu admiração pela forma como ele se desprendia da vida, cheio de elegância e leveza.

Daniel abraçou-o com força e beijou-o nas duas faces. Miguel lutou para engolir as lágrimas, mas não conseguiu evitar que algumas saltassem dos olhos. Daniel se manteve em silêncio, vendo-o desaparecer pela porta.

Depois se despediu dos que iriam para São Paulo nessa madrugada: Alessia, Uchoa e Seth. Não disse últimas palavras, não deu conselhos, não falou. Apenas os abraçou e beijou deixando que cada um chorasse longamente nos seus braços, como filhos que se despedem dos pais para sempre.

Daniel sentiu a mão esquerda dormente. Moveu os dedos para combater a dormência. Aqueles pequenos sinais faziam parte do seu cotidiano, sinalizando que partiria em breve, abandonando a vida como uma borboleta abandona o casulo, depois de se metamorfosear.

Ele esperava por ela, em frente ao prédio, como um namorado clandestino.

Estava apoiado na parte da frente de um luxuoso carro prateado, com os braços cruzados sobre o peito, quando viu a silhueta dela na porta, se firmando à medida que se aproximava com o passo gracioso e uma pequena mala suspensa na mão enluvada. Usava uns jeans que moldavam a sua bela figura, e uma blusa branca de lã, justa ao corpo, sob o longo casaco negro de inverno. Calçava botas rasteiras, que ofereciam maior firmeza e estabilidade aos passos. Em volta do pescoço tinha um cachecol preto e branco, e estava com um moderno chapéu preto, que ocultava parcialmente o rosto.

Com algumas passadas largas aproximou-se dela, apropriando-se da mala com uma das mãos e segurando-a pelo braço com a outra, para encaminhá-la gentilmente para o carro. Segurou a porta do carro para que ela entrasse, colocou a mala no banco de trás e ocupou o seu lugar. Começou fazendo uma série de pequenos gestos: apertou o cinto de segurança, ligou o ar-condicionado para aquecer o ambiente, ligou a música, com a inconfundível voz de Montserrat Caballé e, por fim, deu a partida, fazendo o carro deslizar suavemente.

Ouviu-a rir. Baixou a música e perguntou:

— O que foi?

— Sinto-me como uma daquelas adolescentes que fogem de casa para se encontrar com o namorado num lugar secreto.

Ele sorriu, olhando-a de soslaio, para não tirar os olhos da estrada. O trânsito estava infernal. Sair de Paris no final da tarde era uma péssima ideia, mas o fato de ganharem uma noite adicional superava qualquer problema.

— Já pode me dizer para onde vamos?

— Saint-Germain-en-Laye. — Daniel tinha reservado uma suíte dupla para duas noites, em um discreto e confortável hotel, entre castelos e antigas ruas, não muito distante de Paris. Aquele lugar era um reduto histórico de calma e romantismo.

— Não conheço.

— Eu sei, mas tenho certeza de que vai gostar.

— Eu também. Basta estar com você — anunciou, esticando a mão. Ele a segurou no ar e apertou os dedos carinhosamente.

— Ainda podemos voltar atrás... — murmurou.

— Tem dúvidas? — perguntou ela, docemente.

— Nenhuma dúvida. Mas o meu caso é diferente do seu. Você corre o risco de empenhar o seu futuro — respondeu.

— Eu sei o que quero de você desde... sempre — murmurou, enquanto ele

parava no sinal vermelho. Ela aproveitou, soltou o cinto de segurança, rodou o corpo e se inclinou para beijá-lo nos lábios. Daniel deixou-se prender pela boca morna de Elizabeth e segurou-a pelo queixo, para beijá-la com mais intensidade. A buzina do carro de trás começou a apitar e ele percebeu que o sinal mudara de cor, e um bando de franceses impacientes iniciava uma sinfonia acompanhada por alguns insultos. Ele passou o sinal rindo, contagiado pela gargalhada límpida dela, que voltara ao seu lugar rapidamente.

Duas horas depois, entrou na suíte do hotel apertando a mão dele com força. Ele percebeu a ansiedade dela, soltou-a e pousou as duas malas de viagem no apoio que ficava à entrada, antes de se dirigir à porta que unia os quartos. Abriu-a, com calma, revelando uma segunda suíte. Ela o olhou espantada, e perguntou sem esconder o desapontamento:

— Não vamos ficar juntos?

— Sim, mas quero que saiba que não somos obrigados a ficar juntos se algo não... der certo! — disse, com um sorriso meigo. Ela avançou até ele, colocou as mãos no seu rosto e perguntou com suavidade:

— O que poderia não dar certo?

— Nada — riu baixo, enlaçando-a pela cintura e puxando-a contra o seu peito sólido antes de beijá-la com o seu jeito calmo e sensual.

— Vamos jantar — anunciou.

— Não quero... — respondeu ela, puxando-o pelo braço. Ele acariciou a curva da cintura dela, mirando-a com os olhos transparentes e antecipando o prazer de fazê-la sua naquela noite. Abraçou-a e murmurou junto do ouvido dela:

— Jantamos, voltamos para o quarto e prometo que só vamos sair quando você quiser.

— Está bem — respondeu, rendida ao pedido dele, sabendo que acabava sempre por fazer o que ele pedia, em especial quando ele pedia daquela forma amorosa. Haviam esperado tanto tempo que poderiam esperar mais algumas horas. Seria o tempo necessário para ela relaxar e controlar um pouco a ansiedade.

— Vou tomar um banho antes de descermos — anunciou Elizabeth.

O jantar romântico à luz das velas, preparado numa discreta sala com lareira, em que estavam apenas os dois, diante de uma mesa fabulosa,

surpreendeu Elizabeth. Toda a decoração e elegância pareciam remeter a um passado longínquo. Daniel tinha escolhido previamente o cardápio: pratos leves e bonitos, de bom gosto e paladar delicado. Pela primeira vez, beberam um belíssimo vinho tinto, que já os aguardava no *decanter*, onde revelaria todo o seu *bouquet*. Ele fez com que ela risse, enquanto comiam sem pressa e saboreavam o vinho maduro, em tragos lentos.

Entre um prato e o outro, ele acariciava as mãos dela com uma ternura que se espalhava por todo o corpo. Ela duvidava que aquele calor que subia das coxas ao ventre, para chegar vertiginosamente ao peito, e depois ao rosto, fosse apenas efeito do vinho. Ao mergulhar nos olhos dele, à luz das velas, percebia que todas aquelas sensações eram provocadas por ele. Estava rendida ao erotismo que ele ia revelando aos poucos.

Daniel falava tranquilamente, antecipando os gestos dela, e quando ria, com o copo rubro na mão, inclinava o rosto um pouco para adiante, ao contrário dela, que jogava a cabeça para trás, num gesto de abandono. Ele a envolvia lentamente e ela compreendeu por que o jantar tinha sido o ponto de partida: o convívio e o prazer da gastronomia dissiparam as suas ansiedades, relaxando-a. Ele estava a prepará-la para o amor, e ela estava se sentindo como se fosse um lago profundo onde ele iria navegar.

No final do jantar, ele se levantou e puxou a cadeira dela, num gesto galante, para permitir que saísse da mesa. Conduziu-a pela mão, com suavidade, sabendo que, a partir daquele instante, nada mais se interpunha entre eles: seriam apenas os dois, numa entrega desejada e esperada. Daniel abriu a porta do quarto e puxou-a para dentro. Sentiu a mão dela tremer, mas continuou a segurá-la no escuro, até atravessar o quarto e acender a luz difusa do abajur, sobre o criado-mudo.

Olhou-a com intensidade, como se tivesse chegado ao seu destino, após uma longa e penosa viagem. Despiu o casaco leve que ela estava usando, se abaixou devagar e descalçou-a, tocando os pés delicados com as mãos mornas e colocando os sapatos de lado. Ergueu-se e tirou o seu próprio casaco, abandonando-o no chão, junto ao dela. Tirou o cinto das calças, deixando-o tombar, para cima das outras peças. Colocou as duas mãos na cintura dela e puxou-a para junto dele, observando-a bem no fundo do olhar, mergulhando dentro dela muito antes de tê-la, amando-a bem antes de tocá-la. Ela deixou-se conduzir até os seus corpos se encostarem suavemente, sem turbulência, num encontro anunciado. Ele transferiu as mãos da cintura para o rosto, contornando-o delicadamente com as pontas dos dedos, como se

estivesse a estudá-la para desenhá-la mais tarde e aproximou-se dos seus lábios. Beijou-a com doçura, saboreando cada segundo, enquanto se enlaçavam lentamente um no outro, preparando-se para o amor.

— Bravo! — disse uma voz neutra, parecida à de Daniel, vinda da poltrona no canto direito e escuro do quarto. — Gostaria de ter visto um pouco mais, mas ando muito ocupado. Tenho que ir e vou ter que levá-lo comigo.

Ela se sobressaltou, sem compreender o que estava acontecendo, mas Daniel manteve-a abraçada, enquanto interrompia o beijo com a lentidão de uma despedida. Não se moveu por um segundo. A sua calma mostrava que aquela voz era uma visita esperada, que ele não temia. Soltou-a e afastou-se um passo, com o olhar sereno. Queria tê-la amado antes de partir. Queria tê-la feito sua, senti-la ceder nos seus braços. Tinha esperado uma vida por ela e agora teria que deixá-la. Elizabeth agarrou-o, e todo o desespero estava concentrado na sua mão cerrada em volta do braço dele, com uma força viva que queria contrariar a morte. Virou o rosto para a figura masculina, que agora estava de pé, recortada na semiobscuridade.

— Por favor... — suplicou com a voz trêmula, assaltada pelas lágrimas.

— Lamento — respondeu a mesma voz, agora com um timbre metálico.

Elizabeth nunca havia pensado que a morte tivesse um rosto, uma forma humana. E que pudesse ser um homem. Pareceu-lhe sempre feminina, mas agora percebia que a morte podia assumir um corpo masculino.

— Elizabeth — Daniel pronunciou o nome dela sem sinais de ansiedade ou medo. Ela o abraçou com força, enquanto ele dizia, bem próximo do ouvido, de forma quase inaudível.

— Eu a amo e quero que confie em mim. Não importa o que vai acontecer, confie em mim. Seja firme no seu amor por mim. Confie em nós.

— Daniel — disse a voz, chamando por ele imperativamente.

Ele a soltou e atravessou o quarto para se juntar à figura, que tinha exatamente a sua altura e compleição. Assim, no escuro, ela quase não sabia distinguir quem era um e quem era o outro. Fixou os olhos, mas não serviu de nada: eles desapareceram como se tivessem ficado invisíveis, de repente. Por segundos achou que o corpo dele tombaria no chão e ela poderia beijar os lábios ainda mornos para se despedir, para chorar sobre ele, mas ali só havia o vazio e um frio intenso, como se o quarto tivesse sofrido uma rajada de vento gelado que usurpara a vida. Sentou-se no chão, como se as pernas quebrassem e tivessem deixado de sustentá-la. As lágrimas vieram numa enxurrada. De repente, o celular dele tocou no bolso do seu casaco, fazendo

com que a ausência dele se tornasse mais gritante. Elizabeth segurou o casaco, colocou-o sobre as pernas e enfiou a mão no bolso, tateando, sem conseguir ver direito, por causa das lágrimas. Era Dib. Ele pressentira o que acontecera. Ela atendeu o celular, mas não era capaz de falar. Dib ouvia-a soluçar convulsivamente.

— Elizabeth, eu vou buscá-la. Fique aí. Não saia daí... — disse, sem esperar pela resposta. Sabia que Daniel se fora e sabia também que ela seria incapaz de falar.

Encontrou-a, algum tempo depois, chorando, abraçada ao casaco de Daniel. Para ela, aquele momento representava o que a solidão tinha de mais puro, e o que a dor possuía de mais concreto. Daniel se fora e com ele também se fora a razão da sua existência.

— Vamos para casa. Temos que chamar os outros — anunciou Dib, levantando-a do chão, ciente de que haveria uma longa jornada pela frente e ele teria que protegê-la, até ela superar aquele sofrimento. A Ordem não podia perder mais ninguém: estavam reduzidos a cinco dos sete guardiões e Elizabeth era essencial para o futuro da humanidade.

Agradecimentos

Paulo Henrique, meu companheiro de todas as horas, por ser o meu céu e o meu chão. Sua fé em mim me inspirou e me permitiu escrever esta trilogia. É o seu olhar atento que me guia. São suas mãos que me seguram.

Lourenço, meu filho e meu sol, por iluminar minha vida e tornar possível o lugar da escrita.

Minha família (em especial meus pais e irmãos) e amigos, por todo o apoio e afeto nesta jornada.

Delta de Negreiros, uma espécie de irmã, e Elaine Wzorek, minhas principais leitoras. Sua amizade, sugestões e críticas foram fundamentais para este livro.

Ana Luisa Astiz, minha agente literária, por continuar acreditando em mim e mediando minha relação com o mundo. Por suas análises ponderadas e seu profissionalismo.

Quezia Cleto, e equipe da minha editora, pelas sugestões, cuidada revisão e ideias ousadas.

O DRAGÃO

*As trevas não conseguem expulsar a escuridão. Somente a luz consegue
fazer isso.*

Martin Luther King (1929-1968)

Para o Lourenço, meu filho, minha luz.

1. Um novo destino

O destino não vem do exterior para o homem, ele emerge do próprio homem.

Rainer Maria Rilke (1875-1926)

Max Küchler encostou a pistola à cabeça, com gestos lentos, mas firmes. No seu rosto não havia sinais de hesitação ou sofrimento. Estava tranquilo com a sua decisão. Após a descoberta sobre as estratégias do poderoso grupo econômico a que pertencia, aquela era a sua única opção.

Dedicara muito tempo da sua vida à Sociedade do Dragão Verde, um grupo secreto que desenvolvera durante décadas um plano para controlar a Europa. Esse plano seria executado em quatro etapas. Na primeira, foi criada uma organização para unir comercialmente os países europeus por meio de uma moeda única e da livre circulação de bens e pessoas. A segunda consistia no enfraquecimento dos seus governos, para torná-los reféns da Sociedade, através de grandes instituições financeiras, empresariais e bancárias como o BCI (Banco Central Independente). A terceira parte do plano previa a constituição de um exército, que tinha como primeira missão destruir todas as personalidades importantes que se opusessem aos interesses e ascensão dos Dragões. E, na etapa final, seria imposta à Europa uma Nova Ordem Política e Econômica — a NOPE.

Em Berlim, durante a última reunião dos doze líderes que representavam a cúpula dos Dragões, Küchler se opôs à terceira fase do plano. Sabia que a criação de um exército os tornaria mais poderosos e imparáveis. Relembrou a

Segunda Grande Guerra e a derrota alemã, advertindo-os de que não desejaria que a história se repetisse, até porque, na atualidade, isso significaria uma destruição sem precedentes.

Após escutar os argumentos eloquentes de Kùchler, Dieter Steinbach, um homem de temperamento frio, empurrou a sua cadeira para trás e levantou-se com modos contidos, revelando a sua elevada estatura de quase um metro e noventa. Sugeriu de modo econômico:

— Acho que deve se afastar da presidência. Deixou de representar os nossos valores.

Kùchler fixou nele um olhar atônito e levou alguns segundos para reagir, dominado pela surpresa. Por fim, ergueu-se da cadeira para enfrentar Dieter ao mesmo nível, embora fosse dez centímetros mais baixo. Apoiou as palmas das mãos sobre a mesa, calçadas com macias luvas de pele verde, que ilustravam o seu estatuto de presidente do grupo, e respondeu, com segurança:

— Não.

— Votemos — propôs Dieter, lacônico, sem se abalar com a resposta.

— Os mandatos são rotativos e não se vota pela destituição de um presidente — lembrou Kùchler. — Isso nunca aconteceu. Um presidente exerce o mandato até o fim.

— Um presidente representa a Sociedade. A sua opinião revelou que você deixou de representá-la. Sugiro que se demita — continuou Dieter friamente, sem se intimidar pela posição de Kùchler enquanto presidente do grupo.

— Não farei tal coisa — afirmou peremptoriamente Kùchler. — Eu posso ter a minha opinião e discuti-la.

— Pode, mas apenas se a sua opinião for favorável aos interesses do grupo — rematou Dieter, sentando-se e dando por encerrada a questão.

Kùchler percebeu que o ambiente ficara tenso e todos se mantinham em silêncio, acompanhando o desenrolar da discussão. Ao ver Dieter calar-se e voltar a ocupar o seu lugar, Kùchler sentiu alívio. A inesperada intervenção de Dieter revelava a sua natural autoridade, que se impunha sem que ele necessitasse ser agressivo. Por instantes, Kùchler achou que a troca de palavras podia terminar mal, mas o resto da reunião transcorreu com normalidade. A ausência de comentários posteriores sobre o pequeno debate dos dois lhe causou alguma estranheza, mas ele não voltou a pensar no assunto.

Dib pediu que Uchoa, Alessia, Seth e Miguel retornassem a Paris, para discutirem o insólito desaparecimento de Daniel. Para evitar abalar a coesão do grupo expondo o relacionamento de Elizabeth e Daniel, e a sua cumplicidade, Dib convenceu-a a ocultar o verdadeiro motivo da presença dos dois em Saint-Germain-en-Laye. Elizabeth concordou, consciente de que aquela mentira começara muito antes, quando ela e Daniel se apaixonaram.

Dib não se alongara nas explicações quando telefonou para informar que Daniel tinha desaparecido, deixando-os ansiosos e preocupados. Agora eles queriam saber os detalhes do enigmático evento. Alessia foi a primeira a falar, indo direto ao ponto:

— O que aconteceu?

Dib explicou que Daniel decidira ir para Saint-Germain-en-Laye. Os três jantaram no hotel onde estavam hospedados, e Daniel quis falar com Elizabeth em privado.

— Por quê? — perguntou Miguel, desconfiado.

— Não houve tempo para ele dizer o que pretendia, não foi, Elizabeth? — inquiriu Dib.

— Sim — concordou, fixando o olhar num ponto além da janela, onde estava apoiada.

— Conte-nos como tudo se passou — pediu Miguel, olhando diretamente para Elizabeth. Ela lembrou a ternura com que Daniel a beijou antes da estranha figura o levar.

— Elizabeth? — chamou Dib, tentando fazê-la pensar no discurso que haviam alinhado. Ela manteve o olhar fixo além da janela e começou a falar:

— Estava no quarto de Daniel quando escutamos uma voz masculina. Ele estava sentado numa poltrona, no canto mal iluminado do quarto.

— Quando você entrou no quarto, reparou se havia mais alguém? — perguntou Seth.

— Não parecia haver — revisitara a imagem dezenas de vezes, buscando algum pormenor que tivesse escapado e pudesse ajudá-la a entender o que acontecera, ou desse alguma pista sobre a possibilidade de Daniel continuar vivo.

— Então essa voz surgiu do... nada? — insistiu Seth, surpreendido.

— Praticamente. Foi como se ele se tivesse materializado ali, de repente.

— E o que ele disse? — quis saber Uchoa.

— Que tinha que levar Daniel — fez uma pausa, antes de explicar: — O

mais estranho é que Daniel não se surpreendeu ao escutar a voz. Era como se estivesse esperando aquele homem.

— Você o viu? — perguntou Alessia.

— Não, mas... — hesitou antes de revelar o que a incomodara desde o incidente, e que não confessara sequer a Dib. — Vocês vão pensar que estou imaginando coisas...

Dib olhou para ela, sentindo-se tenso com as revelações que ela poderia fazer. Não fazia a mínima ideia do que ela iria dizer, e aquilo não estava previsto nos seus planos.

— Nós não vamos pensar nada — assegurou Alessia, incentivando-a: — Diga Elizabeth.

— A voz dele era parecida com a de Daniel. Tinha apenas um tom mais metálico. E quando Daniel se aproximou dele, e os dois estavam no canto escuro do quarto, eu tive dificuldade em distingui-los. Eu sabia qual deles era o Daniel porque o vi caminhar para lá, mas eles tinham a mesma estatura, a mesma complexão... Não sei explicar.

Elizabeth estava confusa e o que estava dizendo não tinha lógica. A sala ficou silenciosa. Todos olhavam fixamente para Elizabeth e ninguém entendia o que ela estava dizendo.

— Não sabe explicar o quê, Elizabeth? — perguntou Miguel, sentindo que a revelação que ela tinha acabado de fazer os estava conduzindo para um novo enigma.

— Eles eram iguais — confessou baixinho, olhando para Miguel.

A sala mergulhou novamente no silêncio. Eles se entreolharam sem saber o que pensar ou dizer. Nada do que Elizabeth dizia parecia ter muita lógica. Miguel foi o primeiro a falar, tentando racionalizar:

— Como é que eles eram iguais? Está dizendo que Daniel tem um... — Miguel hesitou à procura da palavra — “clone” que veio buscá-lo, vindo sabe-se lá de onde? — questionou sem esconder o espanto, mas se esforçando por manter o seu habitual pragmatismo.

— Não sei. Eu não vi o rosto dele — lembrou Elizabeth. — Mas fisicamente é parecido com Daniel. Eu mal os distingi quando estavam lado a lado.

— E ele levou Daniel? Para onde? — questionou Alessia, tão perturbada quanto os restantes, com as revelações que estavam sendo feitas, mesmo sabendo que Elizabeth não tinha como saber para onde Daniel tinha sido levado.

— Não sei. Eles se evaporaram... Desapareceram no ar. De repente. Não sei para onde foi o corpo dele — disse inconformada. — Talvez ele esteja vivo, em algum lugar.

— Ele fez um trato, uma troca. Não é possível que tenha sobrevivido — murmurou Seth. — Dib, o que você acha?

— Daniel é especial — respondeu devagar, escolhendo bem as palavras.

— Somos todos especiais — argumentou Uchoa, se referindo à tríade que formava a essência de cada um deles: animal, humana e divina.

— Não em comparação com Daniel. Ele é... — Dib hesitou à procura de uma expressão que não pareceu encontrar, enquanto todos estavam suspensos, aguardando o que ele diria. Não fazia sentido o desaparecimento de Daniel, nem aquela semelhança com quem o levou.

— Ele é o quê, Dib? — perguntou Alessia, ansiosa.

— Não posso falar sobre isso — anunciou Dib, após alguns segundos de silêncio.

— Como não? Somos irmãos — argumentou Uchoa. — Precisa nos contar.

— Não é algo que me pertença e eu possa contar. Fiz um juramento.

— Também fez um juramento à Ordem — reforçou Uchoa, insistente.

— Este juramento pesa mais, nestas circunstâncias — respondeu Dib, baixando a cabeça, como se o peso do que ele estava carregando, fosse maior do que ele podia suportar.

Miguel escutava Elizabeth, e agora Dib, sentindo uma lembrança emergir vagamente na sua memória. Não conseguia dizer o que era, mas parecia algo ligado a Daniel, algo que havia vislumbrado quando tiraram a informação do interior da Laranja Dourada. Sentia a lembrança rondando, como se fosse uma daquelas palavras que alguém quer recordar, e está na ponta da língua, se negando a aparecer. Mas ele sabia que a memória se definiria em algum momento.

— Tenho a impressão de saber algo sobre Daniel, algo que estava na Laranja Dourada — confessou Miguel, perscrutando os olhos de Dib, mas ele não deu sinais de se perturbar com o comentário de Miguel. — Foi assim que você descobriu esse *mistério* sobre Daniel?

— Não. O que sei sobre Daniel é um conhecimento antigo. Muito antigo. E fiz um juramento — acrescentou Dib, para mostrar que não iria revelar fosse lá o que fosse que sabia.

— E tem a ver com o homem que o levou? — perguntou ardilosamente Miguel. Dib olhou-o com tranquilidade, e disse, com a firmeza autoritária da

sua nova posição de líder:

— Vou repetir uma vez mais: não falarei sobre isso.

— Dib, ele pode estar vivo? Há alguma possibilidade? — inquiriu Elizabeth, com esperança.

— Não — respondeu devagar, como se lhe custasse dizer aquela palavra.

— Mas você disse que ele era especial. Talvez sobreviva — argumentou ela.

— Acredito que aquela figura que veio buscá-lo é a morte. Sabemos que a morte adquire formas diferentes para cada pessoa. Ninguém negocia com a morte, Elizabeth. É o último estágio desta vida, o estágio obrigatório pelo qual temos que passar para evoluir — afirmou Dib, consciente de que todos queriam alimentar a secreta esperança de que Daniel pudesse retornar, rejeitando assim a morte dele. Mas Dib sabia que aquilo os impediria de seguir adiante e não podia permitir que a Ordem ficasse paralisada esperando um improvável retorno de Daniel.

— Quando acontece algo violento com um de nós, todos sentimos. É uma corrente que se quebra, e o impacto é mais forte entre os que caminham juntos — Elizabeth expressava uma opinião geral que ainda não havia sido verbalizada. — Nós sentimos fisicamente a perda de Kent, mas ninguém sentiu o mesmo com Daniel. Eu caminhei com ele e não senti a sua dissolução. Isso significa que ele está vivo, em algum lugar.

Por momentos cada um ficou preso em seus próprios questionamentos e o silêncio invadiu a sala. O que Elizabeth dissera era lógico e todos haviam pensado o mesmo. Embora soubessem que a morte era irreversível, tinham dúvidas: e se ele ainda estivesse vivo por alguma razão ligada ao segredo que Dib sabia? E que segredo era aquele? E quem era o homem que levava Daniel, e Elizabeth dizia ser parecido com ele? Seria mesmo a morte, como Dib supunha?

Dib interrompeu o silêncio, ciente do que precisava ser feito, e quando falou foi para destruir intencionalmente qualquer resquício de esperança que pudesse haver sobre Daniel:

— O segredo de Daniel está ligado à sua natureza. Mais exatamente ao equilíbrio das suas três naturezas. Talvez por essa razão o seu corpo tenha desaparecido ao transferir-se diretamente para a dimensão da morte, em vez de se destruir, como acontece conosco. E nenhum de nós sentiu a perda de Daniel porque não houve dissolução. Mas não há a menor possibilidade de ele superar a morte. Ele está em outro plano — concluiu Dib, encerrando o

assunto e sabendo que as perdas de Daniel e Kent seriam difíceis de superar. Especialmente a de Daniel, porque o seu corpo tinha desaparecido. Percebeu que, apesar dos seus argumentos firmes, os Guardiões continuavam esperançosos de que Daniel continuasse vivo, e isso os impedia de passar por um luto pleno.

Eram oito horas da manhã de uma sexta-feira fria e chuvosa. As gotas finas e persistentes batiam contra as vidraças das janelas da enorme sala de Max Küchler. Ele bebeu o último gole do café aromático e pousou delicadamente a xícara sobre o pires de porcelana branca. Preparava-se para ir trabalhar quando a empregada lhe entregou um envelope que havia sido colocado na caixa do correio. Ele analisou-o com curiosidade: o envelope branco tinha o seu nome e endereço manuscritos numa caligrafia perfeita e familiar, que o incomodou.

Abriu o envelope e, pela abertura, deu uma espiada rápida no conteúdo. Tomou um choque e demorou alguns segundos para se recompor, antes de se dirigir para o seu escritório particular e trancar a porta. Despejou o conteúdo sobre a mesa. Havia duas dezenas de fotografias e um pequeno cartão com uma única palavra rabiscada em alemão: *Selbstmord*. Suicide-se. A palavra em tinta negra, estrategicamente posicionada no centro imaculado do cartão, lhe provocou a sensação física de ter sofrido o impacto de uma pancada violenta no estômago. Levou vários minutos para compreender todas as implicações. Sentiu as mãos tremerem e um suor frio percorreu o seu corpo. Teve uma sensação de enjoo. Leu a mensagem algumas vezes, recusando aquilo que o seu cérebro começava a racionalizar.

Finalmente pousou o cartão sobre a possante mesa de madeira, achando irônico que um cartão tão pequeno, contendo uma única palavra, pudesse ter um poder tão devastador.

Analisou as fotografias uma por uma, com atenção fixa. As imagens eram chocantes.

Decidiu que não iria trabalhar. Telefonou à sua secretária e pediu que cancelasse todos os seus compromissos para aquela sexta-feira.

Küchler passou o dia e o final de semana fechado no escritório, revendo as fotografias e digerindo a mensagem do cartão. O incidente com Dieter Steinbach, dias antes, adquiriu uma nova dimensão. Compreendeu, finalmente, que embora fosse o presidente da Sociedade, o verdadeiro poder

estava nas mãos do mais jovem integrante do grupo, responsável por controlar a economia europeia, para que eles se beneficiassem disso. Kùchler participara de todos aqueles planos e lucrara muito com eles, mas considerava inaceitável a criação da NOPE para controlar a Europa. Conhecia bem a dramática história do Terceiro Reich, os milhões de mortos e a humilhante derrota alemã na Segunda Guerra. Kùchler sempre se opusera ao uso da força. Mas o conteúdo do envelope, que descobrira ter sido enviado por Dieter Steinbach ao analisar a caligrafia perfeita, apresentava uma realidade contra a qual não podia lutar.

A ideia de suicídio se consolidou na sua mente durante o fim de semana: Kùchler sabia que os Dragões estavam oferecendo uma saída honrosa, e se não aceitasse, mandariam assassiná-lo, destruiriam a sua reputação e confiscariam os seus bens, deixando a sua família na miséria. Ele reconhecia naquela oferta o funcionamento rígido da organização.

Domingo à noite, a sua decisão estava tomada e os motivos eram claros: Kùchler precisava, acima de tudo, salvar a sua família.

Nas últimas horas de vida percebeu o quanto fora ingênuo por ter acreditado que poderia influenciar os planos da Sociedade, urdidos durante anos, e que já estavam sendo implantados sem o seu conhecimento. Kùchler agora entendia que Dieter sempre soubera das suas reservas sobre os limites de atuação da Sociedade, e por isso o mantivera afastado do que estava acontecendo. Tornara-se óbvio que Dieter era o verdadeiro líder e orquestrara tudo nas sombras. A única coisa que escapava a Kùchler eram os motivos para Dieter possuir um poder tão grande, sem qualquer esforço aparente. Talvez aquele fosse mais um dos segredos que ele desconhecia.

Na segunda-feira, bem cedo, Kùchler encaminhou o envelope com todo o seu conteúdo, inclusive o pequeno cartão branco ordenando o seu suicídio. Temendo que pudesse ser interceptado, Kùchler colocou-o pessoalmente no correio. Em seguida voltou para casa, fechou-se de novo no escritório e acabou com a sua vida.

Max Kùchler, um respeitado e bem-sucedido empresário, suicidou-se desconhecendo que o envelope contendo o terrível segredo da Sociedade do Dragão Verde não chegaria às mãos do seu destinatário, Daniel De Payens, desaparecido dias antes.

Martha trabalhava no correio da pequena vila, com menos de mil

habitantes. A civilização tardava em chegar ali, e a vila se assemelhava a uma pequena clareira no meio da densa floresta amazônica, no coração do Pará, no norte brasileiro. Uma única estrada de terra ligava a vila à cidade mais próxima, que distava cem quilômetros: por ali saíam e chegavam as pessoas, as notícias, as encomendas e os mantimentos.

Martha chegara à vila alguns meses antes, e em pouco tempo conquistara todos: escrevia e lia cartas para os que não sabiam ler e escrever. Antes de Martha, o correio era aberto uma vez por semana por um funcionário da cidade vizinha, e na época das chuvas só abria quando a estrada não estava intransitável. Agora, além do correio funcionar todos os dias, era ponto de encontro: Martha tinha sempre algumas revistas, e as pessoas criaram o hábito de ficar junto da porta lendo e conversando. Martha também pôs um computador no correio, mas ao ver como muitos lutavam para enviar um simples e-mail, aliou-se à diretora da escola, para darem cursos gratuitos de internet, no final do dia, três vezes por semana.

Era grata àquela gente simples que a aceitara grávida, sem julgamentos, e ainda salvara a sua vida e a do seu filho. Fernando nasceu numa noite escura, no auge de uma tempestade tropical medonha. Quando Martha sentiu as dores de parto, não tinha como chegar ao hospital da cidade, pela estrada escura e traiçoeira. Não se via um palmo e chovia como se o mundo fosse acabar. O único posto de saúde da vila só funcionava às terças-feiras, quando o médico da cidade lá ia. Desesperada, saiu de casa, desafiando o temporal e atravessou a única rua da vila, para bater na porta da vizinha mais próxima. Dona Clara, uma septuagenária com olhos perspicazes, deitou-a na sua cama e pediu que esperasse. Saiu de casa, ignorando a chuva e a escuridão e voltou algum tempo depois acompanhada de uma índia de rosto maduro e redondo. As duas lavaram-na, prepararam água quente e toalhas, e fizeram o parto de Fernando. Martha ficou na casa de dona Clara por dois dias, e quando voltou para a sua casa, a vila inteira já sabia do acontecido.

Alguns dias depois, Martha voltou a abrir o correio, levando Fernando numa cesta, que pertencera a César, o único filho de dona Clara, desaparecido numa viagem que haviam feito para São Paulo, mais de quarenta anos antes, quando ele era ainda um bebê de colo. Aquela era uma história triste que dona Clara evitava.

Ela se apegou ao menino, como se fosse sua avó, e Martha deixava Fernando com ela sempre que precisava. Dona Clara dizia que Fernando nascera numa noite de tempestade, porque haveria de mudar muitos destinos.

Martha sorria com os vaticínios da velha senhora. Mas talvez ela tivesse razão, porque, certa tarde, ao pensar na forma como Fernando preencheria a sua vida, Martha decidiu procurar por César, o filho perdido de dona Clara.

O escritório era sóbrio e formal, mobiliado com madeiras nobres e escuras. Dieter Steinbach, de pé, olhou para Rolf Merten, o ministro das finanças. Os seus olhos frios provocaram um arrepio na nuca do ministro, fazendo com que se mexesse desconfortavelmente na cadeira posicionada por trás da mesa.

— Não podemos fazer isso — afirmou o ministro com firmeza, apesar das ameaças veladas de Dieter. Ele queria que Rolf tomasse medidas para agravar a crise.

— Não cabe a você decidir — informou Dieter, indiferente à opinião de Rolf.

— Veremos — retrucou o ministro, irritado. Não podia admitir aquelas interferências no seu governo. Em 2008, a crise econômica alastrara-se pelo mundo com a falência do banco Lehman Brother nos Estados Unidos, colocando o sistema financeiro mundial à beira do colapso. Embora alguns governos tivessem injetado bilhões na economia de seus países para tentarem salvar os bancos privados, a crise acabou se concentrando na Europa. Na sua origem estava uma desenfreada especulação financeira, fomentada por grandes grupos econômicos — os mesmos que agora controlavam a economia mundial e tinham interesse em agravar a crise para manterem os seus lucros bilionários. Dieter Steinbach pertencia à cúpula do Dragão Verde, um desses grupos tão secretos que Rolf só soubera da sua existência três meses antes, pouco depois da sua nomeação como ministro das finanças.

Dieter curvou os lábios finos numa espécie de sorriso e, sem responder à provocação de Rolf, se limitou a anunciar:

— Temos uma reunião na próxima sexta-feira, às nove da noite. Na minha casa de campo.

Rolf tentou controlar a irritação crescente, provocada por mais aquela informação dada como se fosse uma ordem.

— Estarei fora da Alemanha na próxima sexta-feira — respondeu, em tom de desafio. — Tenho uma reunião com os ministros europeus para avaliarmos os efeitos da crise.

Dieter, que já se encontrava com a mão sobre o puxador da porta, pronto para abandonar o escritório, voltou atrás e com alguns passos largos

aproximou-se da mesa do ministro. Ficou parado alguns segundos, avaliando o rosto ligeiramente exaltado de Rolf Merton. Percebia as razões da sua irritação, mas Rolf parecia ter esquecido que fora nomeado com o apoio da Sociedade, para cumprir os seus planos. Disse com o rosto hermético, sem expressar emoção:

— Contamos com você — fez uma pausa, antes de avisar. — Esse lugar de ministro é muito... volátil. O poder está onde está o dinheiro. Não se iluda: nós somos o verdadeiro governo.

Rolf ouviu a porta se fechando nas costas do homem e sentiu a raiva se apoderar dele. Podia, finalmente, extravasar as emoções. Pegou o pesado pisa-papel de prata, que estava sobre a mesa, e atirou-o contra a parede mais próxima. O objeto fez um estrondo seco, ao chocar-se na parede, deixando uma marca redonda de tinta descascada. A secretária entrou na sala, assustada com o barulho, mas ele fez um gesto rápido, mandando-a sair, sem dizer uma palavra. Sabia que estava nas mãos daquele grupo, mas só agora começava a entender que não tinha liberdade para governar. Eles pareciam saber tudo e estar em todo lado.

Antes que todos partissem de novo, Dib precisava resolver um assunto pendente e começar a imprimir o seu ritmo à Ordem.

— Decidi adiar o ritual da Consagração que confirma o meu lugar de Supremo — comunicou, causando estranheza.

— Pode fazer isso? Assumir o lugar de Supremo sem a Consagração? — inquiriu Uchoa.

— Não. Nesse caso serei o Supremo porque vocês me legitimam, e não pela minha força ou sabedorias extraordinárias, como aconteceu com Arturo e Daniel.

— E por que não se submete ao ritual? — perguntou Miguel, sem entender como alguém poderia recusar tal poder místico e absoluto, um poder que ele desejara centenas de anos antes. E continuava desejando secretamente.

— Existe sempre o risco de dissipação durante o ritual, e a Ordem está reduzida a cinco elementos. Não creio que a minha Consagração seja a melhor opção para garantir a continuidade da Ordem. Se eu me dissipar, ficará reduzida a quatro.

Miguel reconheceu a sabedoria e o altruísmo de Dib: primeiro pensou na Ordem e depois nos seus desejos, se é que Dib os tinha. Tratava-se de um ser

enigmático, que mantivera uma relação de grande cumplicidade com Daniel, e provara mais uma vez a sua lealdade não revelando os segredos dele, mesmo após a sua misteriosa morte. E agora estava também mostrando o seu comprometimento com a Ordem, negando ceder à tentação da Consagração, que lhe daria o poder máximo. Dib não parecia alimentar ambições pessoais, nem parecia necessitar lutar contra os desejos humanos que assombravam todos eles em algum momento das suas vidas.

— É uma decisão sábia — comentou Miguel, sem esconder a sua admiração.

O comentário de Miguel confirmou que Dib tomara a decisão certa: ao rejeitar o poder máximo dos Guardiões, ele ganhara a fidelidade e o respeito de todos eles.

— Vocês voltam para São Paulo e organizam a mudança para Lisboa. Eu não irei. Preciso me inteirar dos assuntos da Ordem, aqui e no Mosteiro — esclareceu com a sua calma habitual. — Gostaria que mudassem em um mês. Besson, você virá conosco?

— Sim — confirmou, mais uma vez, percebendo que Dib exerceria a sua liderança com uma brandura firme, um traço muito presente na sua personalidade, mas parecia cada vez mais claro que ele não hesitaria em exercer o seu poder, caso fosse contestado.

— Encontro vocês em Lisboa, para iniciarmos a busca por novos Guardiões — avisou Dib.

— Será um processo penoso — comentou Alessia, recordando o que acontecera quando procuravam um guardião que substituísse Miguel. Ironicamente, esse guardião se transformara no Supremo que Miguel tanto desejara ser. Do ponto de vista simbólico, Dib estava ocupando o lugar que pertenceria a Miguel, se ele não tivesse abandonado a Ordem.

2. Semeando violência

Nos indivíduos, a loucura é algo raro — mas nos grupos, nos partidos, nos povos, nas épocas, é regra.

Friedrich Nietzsche (1844-1900)

Em um discreto apartamento na Sophienstraße, uma rua central, porém sossegada, de Berlim, o jovem de trinta e dois anos arrumava algumas roupas em uma sacola de viagem preta, enquanto repassava certos detalhes da missão com o seu colega:

— Hans, o objetivo é apenas criar desordem.

Hans Müller, de vinte e três anos, tinha um jeito aguerrido, sempre disposto a levar tudo até às últimas consequências. Era um soldado treinado para viver em estado de alerta, como se houvesse dentro dele uma mola que disparava ao menor estímulo.

As instruções de Klaus Jürgen confundiram-no ligeiramente.

— Achei que tínhamos que causar o máximo de destruição.

— Sim, mas de forma que pareça um ataque organizado pelo povo — afirmou Klaus.

— Não entendo por quê... — respondeu Hans.

Klaus guardou a última peça de roupa e começou a fechar a sacola, enquanto pensava que, apesar de Hans ser um excelente soldado, não devia muito à inteligência e, por vezes, era difícil fazê-lo compreender as coisas. Mas depois de entender o que tinha que fazer, era completamente confiável e cumpria ordens como ninguém. Foram essas características — lealdade e

confiabilidade — que fizeram com que o escolhesse para aquela missão. Encheu-se de paciência e explicou mais uma vez:

— Precisamos nos misturar ao povo e incentivar confrontos entre a população e a polícia.

— Confusão com todos? — inquiriu Hans, de modo simplista.

— Sim — repetiu Klaus, cheio de calma. — Queremos que as manifestações e os movimentos sociais sejam desacreditados.

— Por quê? — perguntou de novo. Klaus já lhe tinha explicado aquilo, mas ele não tinha compreendido muito bem.

— Porque isso fragiliza as instituições e precisamos de governos frágeis para podermos controlar os países — repetiu Klaus, lembrando a velha máxima que ouvira durante anos sobre a necessidade de *dividir para conquistar*.

— E seremos outra vez poderosos — concluiu Hans.

— Sim — concordou Klaus, apertando os lábios, sem esconder o profundo desprezo que sentia pelos outros povos. — Vamos acabar com o lixo da Europa e construir um mundo perfeito, de ordem.

— De *puros* — acrescentou Hans, familiarizado com aquele conceito de gente pura e superior. Aquilo ele compreendia bem e fazia todo o sentido.

Klaus esboçou um sorriso frio, pegou a pequena sacola preta e anunciou:

— A partir deste momento somos ingleses. Vamos.

Hans seguiu-o prontamente, levando na mão uma sacola similar à de Klaus, contendo apenas roupas e alguns objetos de higiene pessoal. Deixaram o apartamento e entraram no táxi que já os esperava à porta do prédio, para se dirigirem ao aeroporto.

Eram ambos altos, de pele clara, olhos completamente azuis, e cabelo loiro cortado muito rente. Lembravam aqueles míticos guerreiros vikings com seus corpos perfeitamente equilibrados: magros, porém musculosos e ágeis. Juntos, formavam um par que chamava a atenção pela perfeição, mas como haviam sido treinados para desaparecer no meio das multidões, mantinham uma atitude discreta. Os dois falavam inglês como verdadeiros nativos de Londres, exatamente como a nacionalidade anotada em seus passaportes falsos, e desde que haviam saído de casa, não haviam pronunciado uma única palavra em alemão, como se tivessem apagado as suas origens.

Yurii Korolenko era filho de pai ucraniano e mãe alemã. Cresceu imbuído

do espírito nazista, incutido pela mãe até à data de sua morte, quando ele tinha quinze anos. Rudolf Halder, único irmão da mãe, que também contribuía para aprimorar suas crenças nazistas, deixara de visitá-lo quando a irmã morreu. Halder e o cunhado não se davam bem exatamente por causa da política, mas Yurii lembrava bem daquele tio que nunca mais voltou a ver.

Embora Yurii tivesse nascido no Kosovo, onde passara grande parte da sua vida, mudara para a aldeia paterna poucos anos antes. O lugar ficava na região de Volínia, no oeste da Ucrânia, a quarenta quilômetros de Kovel, a cidade mais próxima. Ninguém sabia o que Yurii fazia enquanto viveu no Kosovo, mas ao chegar à aldeia, abriu uma loja com produtos diversificados: roupas, enlatados, louças, filmes, best-sellers europeus e americanos, e alguns eletrônicos. Os mais jovens gostavam de conferir as novidades que sempre havia, e as jovens visitavam a loja para ver Yurii. Embora não fosse bonito, era interessante, solteiro e com uma ótima posição social para os padrões da aldeia.

Yurii tinha fama de corajoso e sempre ajudava quem precisasse. Porém, quando bebia, tornava-se desagradável e todos se afastavam dele para evitar brigas. Nunca arranhou problemas na aldeia, mas havia rumores sobre o seu comportamento beligerante quando ia a Kovel e bebia demais. Diziam que ele se metia em confusões por suas opiniões políticas radicais e por ter o hábito de agredir mulheres. Mas a maioria defendia que, apesar do gênio forte, ele era incapaz de fazer mal a uma mulher.

Naquela manhã, quando Aleksí e Roman saíram de casa, não faziam ideia do estado em que iriam encontrar Yurii Korolenko. Os dois amigos beiravam os sessenta anos e gostavam de caçar para os lados do antigo barracão, uma velha construção de madeira a três quilômetros da aldeia, e que já ninguém lembrava para que servira. Saíram bem cedo, quando ainda estava escuro e andaram devagar. Nevara durante a noite e a neve fofa dificultava a caminhada. Entraram no barracão, como sempre faziam, para beber um trago da aguardente que levavam na pequena mochila, e aquecer o corpo antes de começarem a caçada, na esperança de pegarem um coelho para um guisado.

Assim que abriram a porta viram Yurii Korolenko no meio do barracão abandonado. Estava com os braços e as pernas presos a quatro estacas de madeira encravadas no chão. O corpo nu, deitado sobre a terra fria, tinha marcas de tortura. Alguém passara algum tempo com ele, infligindo vários tipos de tortura. O crime chocou os dois, e a aldeia foi estremecida pelo horror.

A brutalidade da morte de Yurii avivou os rumores sobre seu temperamento violento. As especulações aumentaram e muitos achavam que era a vingança por algo terrível que ele fizera. Mas independente do que ele tivesse aprontado nada justificava o sofrimento a que fora submetido. A morte dele era o trabalho de alguém com ódio e frieza.

A polícia veio de Kovel para solucionar o caso, mas não havia pistas. A neve que caíra na véspera apagara todas as marcas de pegadas e no barracão não havia vestígios do assassino. Ninguém vira estranhos por ali — e aquilo só podia ter sido feito por um estranho, alguém de fora da aldeia, porque nenhum dos seus habitantes teria coragem e crueldade suficientes para perpetrar um assassinato tão horripilante quanto aquele.

Miguel pensara bastante sobre o assunto e havia decidido visitar Lucrezia Zani na prisão. Foi vê-la na única manhã que tinha disponível, antes do seu retorno a São Paulo.

Apesar do sacrifício de Kent ter possibilitado a derrota de Lucrezia, Miguel continuava com a impressão de que ainda não terminara sua história com ela. Além disso, queria descobrir o paradeiro da lança.

Imaginou que ela estaria privada da sua exuberante beleza. Porém, surpreendeu-se ao vê-la na sala de visitas: ela continuava jovem e linda. Por momentos, Miguel achou que ainda não passara tempo suficiente desde a prisão dela, para que os efeitos da decadência física se tornassem visíveis. Ela também estava surpresa, mas por razões diferentes: não esperava a visita dele.

— Não imaginava que fosse voltar a vê-lo. Pelo menos não aqui — disse com ironia. Minutos antes, quando anunciaram que tinha uma visita, esperava a pessoa que deveria tirá-la da prisão, e jamais imaginou que fosse Miguel.

Ele observou a sala minúscula, antes de sentar-se em frente a ela, e percebeu que Lucrezia continuava sendo tratada da forma que Daniel havia sugerido: tudo era imaculadamente branco, inclusive as roupas. Mas haviam tomado medidas adicionais: algemaram as suas mãos à mesa de ferro, solidamente presa ao chão, acorrentaram os seus pés, um ao outro, e em seguida a uma enorme argola no chão.

— Essas algemas são para impedir que escape? — perguntou, apontando para as mãos dela, ignorando o comentário inicial de Lucrezia, alusivo à sua presença ali.

— Matei um dos guardas — informou, com um sorriso brando, lembrando o incidente.

— Ele a irritou? — provocou Miguel.

— Não — respondeu baixando a voz, com um brilho intenso nos olhos. — Preciso me alimentar e continuar forte até sair daqui.

Miguel percebeu que aquela seria a estratégia dela, enquanto estivesse presa — uma estratégia de sobrevivência. Ele conhecia bem o drama dela, porque também estava precisando se alimentar. Daniel tinha razão quando afirmou que Lucrezia o alimentara com a sua energia enquanto eles mantiveram um relacionamento. Mas agora, Miguel sentia sua energia diminuindo, e sabia que, em breve, não lhe restaria outra opção senão absorver mais uma alma humana.

— As chances de matar alguém reduziram muito. Da forma como a prenderam, há poucas hipóteses de repetir o feito — argumentou Miguel, estudando-a.

— Basta um segundo de distração — avisou baixinho, confirmando que aquele era o seu único objetivo enquanto estivesse ali.

— Você não sairá daqui viva, Lucrezia — lembrou Miguel, sério, como um juiz anunciando uma sentença de morte. — E quando morrer o seu castigo continuará em outro lugar.

— Não esteja tão certo — afirmou com uma segurança inesperada, que o deixou de sobreaviso. Miguel notou que ela planejava algo e não parecia estar blefando.

— Suponho que tem planos para o seu futuro?

— E para o seu também — afirmou ela, com um sorriso, analisando-o. Miguel continuava a atraí-la, como um ímã ao qual ela era incapaz de resistir. Ainda o desejava, mas também o odiava: ele era o responsável por ela estar presa.

— Pretende me destruir? Não será fácil — comentou, divertido, continuando a provocá-la. Sabia que Lucrezia perdia o controle com certa facilidade quando ficava com raiva. Achou que se a irritasse bastante talvez ela desse alguma indicação sobre os seus planos. O fato de estar ali, presa à mesa e ao chão, naquela situação humilhante, já era suficiente para deixá-la vulnerável, facilitando o seu objetivo.

— Será fácil se eu estiver com a Lança do Destino — contrariou, avaliando-o com atenção, para ver como ele reagiria à informação. Mas Miguel manteve o semblante tranquilo, sem dar sinais da importância que

aquela informação realmente tinha. Ele sabia que só Lucrezia conhecia o paradeiro da lança, mas o que não sabia, e acabara de descobrir, é que ela podia ter acesso à lança. E isso não era nada bom. Deduziu que a sensação de que a sua ligação com ela não terminara talvez estivesse ligada à lança.

— Primeiro terá que sair daqui — zombou e notou os olhos dela faiscarem de ira.

— A lança virá até mim — afirmou, antes de baixar de novo a voz, para informá-lo quase num sussurro. — Ela está nas mãos do seu *herdeiro natural*, aquele que vai liderar o mundo, não como Lúcifer queria, mas como eu planejei. Poderia ter sido o nosso filho. Mas você o matou — disse, com ódio. Aquele filho assombrava os dois, porque ambos acreditavam que ele poderia ter dominado o mundo. Lucrezia desejava tê-lo visto ocupar o lugar de Lúcifer, e Miguel temia isso. Ele não respondeu. Não queria falar sobre o filho: havia-o libertado do Punhal das Almas e percebera que ele era uma alma forte, predestinada à maldade, como a mãe. Estava seguro de ter tomado a decisão certa destruindo-o, mas era seu filho.

Manteve-se em silêncio, atento às pistas que Lucrezia estava lhe dando sobre a existência de uma nova ameaça. Estava surpreso com a notícia, e embora se esforçasse para manter o autocontrole, Lucrezia percebeu que conseguira chocá-lo.

— Achou mesmo que eu só teria um plano? Levei anos organizando, para que nada pudesse dar errado. Esperando o momento certo — confessou Lucrezia, com uma gargalhada, feliz por revelar que os seus planos estavam se concretizando, e não havia como impedi-los. Nesse instante, Miguel compreendeu que a Ordem havia descartado Lucrezia muito cedo, e talvez fosse tarde demais para impedi-la. Miguel recuperou a sua fleuma habitual:

— E o *herdeiro natural* virá resgatá-la?

— Sim — respondeu, segura, rodando ligeiramente os pulsos dentro das algemas.

— A não ser que você tenha deixado de ser necessária para ele — anunciou Miguel em um tom jocoso. Lucrezia enfrentou-o com o olhar em brasa: aquela possibilidade terrível já havia cruzado os seus pensamentos. Apesar do *herdeiro natural* já estar com a lança, Lucrezia se negava a acreditar que ele fosse abandoná-la ali. Mas os dias estavam passando e ele ainda não dera notícias. Ele sabia onde ela estava: Lucrezia ocupara as notícias do mundo todo. Miguel percebeu que tinha atingido um ponto nevrálgico: se a sua hipótese de que o *herdeiro natural* a tinha abandonado se

confirmasse, era uma oportunidade que lhe permitiria negociar. Ela ficou imóvel, olhando-o em silêncio. Miguel compreendeu que a conversa terminara. Levantou-se e, antes de abandonar a sala, anunciou de modo quase inaudível:

— Eu posso oferecer alternativas, se o seu *herdeiro natural* a abandonar. Pense nisso.

Oliver Bassan tirou o envelope pardo da caixa postal e guardou-o no interior do elegante casaco azul-escuro, antes de voltar a abotoá-lo para enfrentar o frio londrino. A tarde estava chegando ao fim e as luzes da cidade já estavam acesas. Atravessou a rua, apanhou o metrô e foi para o seu confortável apartamento. Fez um chá, sentou-se num dos sofás da sala e, finalmente, abriu o envelope. Avaliou a fotografia: era uma mulher com a pele dourada, ligeiramente bronzeada, com cabelos negros e ar exótico. Chamava-se Tereza Sampaio Elliot e havia entrado para um programa de proteção de testemunhas. Mudara de nome e, certamente, de aparência, e o seu paradeiro era desconhecido. Dimitri Sergeevich acreditava que, apesar de Tereza ser brasileira, podia estar noutro país qualquer. Oliver discordava: mesmo com os acordos internacionais, a testemunha fica, em geral, sob a proteção do seu país de origem. E se ela estivesse no Brasil, como Oliver imaginava, seria relativamente fácil encontrá-la. Bastava conhecer a pessoa certa no lugar certo, por uma quantia adequada. Localizar Tereza poderia ser como procurar uma agulha num palheiro, mas Dimitri pagara, de novo, bem mais do que o seu preço habitual por aquele trabalho. Oliver deduziu que ele devia querer muito a morte dela. Pesquisou as razões para isso e descobriu nas atas do julgamento de Dimitri que ela o traíra, tornando-se testemunha chave da promotoria pública. Oliver sabia bem que pessoas como Dimitri não perdoavam traições, até porque era um comportamento que enfraquecia o seu poder. Se houvesse rumores que ele perdoara um traidor, a sua força no mundo do crime diminuiria. Havia sempre alguém disposto a tudo para conseguir o poder, e a única forma de Dimitri mantê-lo era mostrar que não tinha compaixão — o que, aliás, era verdadeiro. Em contrapartida, Dimitri tinha um grande senso de lealdade.

Oliver seguiu a lógica do seu próprio raciocínio e começou por São Paulo, onde esperava encontrar alguém ligado ao programa de testemunhas, disposto a vender a informação pelo preço certo. Além disso, Oliver podia unir o útil

ao agradável, aproveitando a ocasião para rever Alessia.

Dib retirou-se para o Mosteiro, onde leu vários dos diários recentes de Arturo e o único volume que Daniel havia escrito. Entrou, pela primeira vez, na Sala do Assombro, o reduto mais secreto do Mosteiro, e só então compreendeu a magnitude dos tesouros que estavam sob a sua guarda: objetos misteriosos com poderes terríveis, capazes de transformar homens em deuses e, depois, aniquilá-los. As ambições humanas giravam em torno do desejo por poder e riqueza. E a história já comprovara que, se os homens tivessem acesso a algum daqueles objetos, o usariam para subjugar os outros, deixando um rastro de destruição, como acontecera com Hitler e teria acontecido com Lucrezia Zani, se não a tivessem impedido.

Arturo fora responsável por encontrar a maior parte daqueles objetos, mas todos os Guardiões haviam contribuído para aumentar aquela coleção impressionante. Porém, vê-los confinados no mesmo espaço tinha um efeito surpreendente e assustador. Dib sentiu-se impotente e, tal como acontecera com Daniel, foi assaltado por uma espécie de terror ao saber que era responsável por aquele tesouro terrível.

Desembrulhou cuidadosamente o Cálice, recuperado das mãos de Lucrezia, e colocou-o numa das prateleiras. Finalmente ele ocupava o seu lugar, ao lado de um pedaço de madeira e de um prego da Cruz de Cristo. Os dois Punhais das Almas, feitos a partir da esmeralda do anel de Salomão, continuavam com Miguel Besson, honrando o trato feito com Daniel. Mas faltava recuperar a Lança de Longinus, que já tivera a sua cota de participações em eventos nefastos. E, uma vez mais, desaparecera misteriosamente. Só Lucrezia sabia a localização.

Anoitecia quando Rolf Merten saiu de casa. Deixou Berlim e pegou uma estrada tranquila, com crescente número de árvores, à medida que se afastava da cidade. Dirigiu devagar, por duas horas, o dobro do tempo normal para ir da cidade ao local onde aconteceria a reunião. Havia estado ali uma única vez, após ter assumido o seu cargo. Na época estranhou o convite do JKW, um poderoso grupo de empresários, mas calculou que fosse uma reunião para parabenizá-lo e trocarem ideias sobre os rumos da economia. Rolf sabia que a importância deles era vital para a economia europeia, e não apenas alemã.

Ao contrário das suas expectativas, o encontro revelou várias surpresas

desagradáveis. Rolf percebeu que o seu nome não fora sugerido ao governo por três dos empresários que conhecia e estavam presentes, mas havia sido imposto por aquele grupo de doze homens, reunidos em volta da imponente mesa negra. Rolf foi sumariamente informado que aquela nomeação teria um preço.

Descobriu que o grupo JKW era o braço financeiro da Sociedade do Dragão Verde, uma instituição secreta, fundada nos primórdios do século XIX, e que também apoiara Angela Füller, a chanceler alemã. Ela fora eleita para consolidar a posição da Alemanha enquanto principal força econômica europeia e destruir as economias frágeis dos países do sul da Europa. A péssima administração desses países, aliada à crise, facilitara o plano. Apesar do seu excelente desempenho, Angela Füller foi afastada dos holofotes. O seu desejo pelo poder tornara-se demasiado evidente quando ela começou a tomar decisões para fortalecer a sua liderança pessoal, sem consultar a Sociedade. Embora o plano fosse o controle da Europa, os Dragões não tinham intenção de permitir que a chanceler assumisse um papel maior na Alemanha e muito menos a liderança europeia.

O afastamento de Angela Füller havia gerado estranheza, já que ela era vista como uma das pedras basilares da comunidade europeia. Porém, essa estranheza inicial foi substituída por aprovação quando os líderes europeus perceberam a relevância dada ao novo ministro das finanças, Rolf Merten, um jovem, mas proeminente economista, cheio de ideias inovadoras. O seu percurso acadêmico era irrepreensível: formado em economia na Alemanha, fizera o mestrado em Londres e completara o doutorado em Princeton, quando tinha vinte e cinco anos. Inteligente e brilhante teórico, era uma estrela ascendente da economia mundial. O seu novo cargo permitia que aliasse teoria e prática, e ele começava a pensar que conseguiria salvar a Europa.

Quando Rolf Merten entrou na sala, conduzido pelo impecável mordomo, viu-os sentados em volta da enorme mesa. Ninguém se levantou exceto Heinrich Koch, que ocupava a cabeceira da mesa e fazia o papel de anfitrião, apesar de estar na casa de Dieter Steinbach. Koch, recentemente nomeado para a presidência do Bundesbank, se tornara o novo líder da Sociedade, reduzida a onze elementos após a morte de Max Küchler.

Dieter ocupava o seu lugar habitual, à direita do líder, e cumprimentou o ministro com um leve aceno de cabeça.

Heinrich apontou a cadeira vazia ao lado de Dieter. Rolf ocupou-a,

tentando aparentar tranquilidade. O ambiente silencioso e formal, embora não fosse tenso, era intimidativo. Rolf não sabia o que esperar da reunião, mas acreditava que estava relacionada com o seu novo plano para salvar a Europa da crise. E a conversa começou exatamente por aquele ponto, como Rolf imaginara. Fritz, um dos empresários, talvez o mais velho, que presidia uma das mais poderosas indústrias farmacêuticas, disse:

— Senhor ministro, quero parabenizá-lo pelo excelente trabalho que tem feito. Mas quero também lembrar quais as razões da sua nomeação: o senhor deve fortalecer a Alemanha e não salvar a Europa.

— Posso fazer as duas coisas — respondeu Rolf, sabendo que aquela afirmação podia parecer arrogante da sua parte, mas era a pura realidade.

— Não — disse o homem à direita de Fritz. Rolf reconheceu-o: era o principal acionista da empresa de telecomunicações que dominava o mercado europeu. — O seu papel, ministro, é apenas salvar a Alemanha. A Europa precisa afundar.

— A Alemanha é a Europa — argumentou Rolf.

— Exatamente — disse Heinrich devagar, esticando bem a palavra no tempo, enquanto movia a mão esquerda, envolta pela luva verde, igual à que Max Kückler usara.

Rolf entendeu com aquela única palavra qual era o verdadeiro plano dos Dragões: destruir a Europa para que a Alemanha emergisse absoluta. Aquele cenário remetia para a dramática história recente da Alemanha, e Rolf não gostou da memória que o assaltou. Manteve-se em silêncio, avaliando rapidamente as suas opções. Sabia que não podia pactuar com um plano de destruição da Europa, porque isso poderia destruir a própria Alemanha. Porém, já percebera que qualquer oposição poria em risco o seu cargo e ele poderia ser substituído por alguém menos inteligente, que ao seguir os planos dos Dragões, afundasse a Europa e a Alemanha — tudo de uma assentada. Precisava ganhar a confiança deles, para descobrir exatamente o que pretendiam e, para isso, teria que se tornar um deles. A sala continuava silenciosa, aguardando a sua reação. Rolf raciocinava com rapidez, analisando os vários cenários. Por fim, respondeu:

— Compreendo.

Dieter, silencioso, com os olhos semicerrados, parecia alheio ao que acontecia na sala, mas todos haviam aprendido a reconhecer que ele se mantinha alerta sob aquela atitude mansa. E se os Dragões com suas ideologias puristas, seus planos econômicos maquiavélicos e suas pretensões

bélicas eram perigosos, Dieter era o mais cruel dos seus membros. Informou num tom neutro, revelando a Rolf uma verdade terrível, que funcionava como uma ameaça:

— Max Küchler não compreendeu.

Rolf sentiu um frio na boca do estômago, mas manteve a aparência serena. Alguns jornalistas haviam se questionado sobre as causas e circunstâncias da morte de Küchler, mas o comentário de Dieter acabara com as suas dúvidas, por ser uma clara confissão de que o suicídio de Küchler foi algo imposto.

— Compreendo — repetiu Rolf, mais uma vez, acrescentando com sutileza: — E quero compreender.

Dieter encarou Rolf diretamente, avaliando-o com atenção. Precisava decidir quanta informação lhe daria, porque não desejava perdê-lo. Rolf era um economista excepcional e gostaria de tê-lo ao seu lado. Mas antes precisava saber o que ele estaria disposto a fazer em prol de uma nova Alemanha. Dieter decidiu aprofundar o caso de Küchler, para esclarecer alguns pontos sobre a atuação da Sociedade:

— Max Küchler compreendeu muito bem que, caso não se suicidasse, teria um acidente trágico e a sua família sofreria as consequências. É uma pena que a família acabe envolvida nestas situações. Mas esse é um procedimento antigo, que garante bons resultados. Erwin Rommel, um dos generais de Hitler, optou pelo mesmo destino de Küchler — Rolf conhecia bem o episódio: Rommel, um dos poucos generais de Hitler que não participou de crimes de guerra, foi implicado na tentativa de assassinato do Führer em julho de 1944 e forçado a se suicidar, para evitar que sua família fosse enviada para um campo de concentração e seus homens questionados. Por ser um herói temido e respeitado pelos alemães e pelos seus inimigos, os nazistas mantiveram o mito de Rommel, lhe dando um funeral com honras militares e afirmando que ele morrera devido a ferimentos de guerra.

Após uma breve pausa, para que o ministro começasse a entender as ligações dos Dragões com a filosofia nazista, Dieter continuou explicando:

— A nossa posição aqui é herdada, passa de pais para filhos. Somos educados para abraçar o nosso destino. Porém, Küchler nunca foi realmente um de nós: era sempre moderado, escolhendo soluções equilibradas. Esse posicionamento foi importante durante algum tempo, mas deixou de ser útil para os tempos que se aproximavam.

Aquela explicação finalmente explodiu no cérebro de Rolf, fazendo-o compreender que estava perante um reduto de nazistas. A elite da sociedade

nazista, que sobrevivera à Segunda Guerra, conseguira educar filhos e netos para que perpetuassem os seus valores. Sentia todos os olhares da sala sobre ele e sabia que a sua atitude, naquele exato instante, determinaria o seu futuro e, possivelmente, o da sua família, porque as palavras de Dieter continham uma ameaça clara. Tinha que ser cuidadoso. Fixou o olhar na mesa e se manteve em silêncio, consciente do incômodo que a sua atitude geraria. Pela primeira vez, desde que chegara ali, estava no controle da situação e aproveitou bem aquele tempo. Todos estavam em suspense, aguardando o que diria e ele usou aqueles momentos para se acalmar e preparar uma frase inteligente.

Foi Heinrich Koch quem rompeu o silêncio, que se tornara demasiado longo:

— Senhor ministro?

Rolf ergueu os olhos da mesa e encarou os seus interlocutores com aparente tranquilidade, antes de pronunciar uma curta frase, que não o comprometia e tinha múltiplos significados:

— Temos que pensar na Alemanha.

Naquele contexto, a frase foi entendida como uma cedência de Rolf Merten, uma concordância com os desejos dos Dragões, em prol da defesa da Alemanha. Mas Dieter não se convenceu. A lealdade do ministro à Alemanha precisava ser testada.

— Concordo. Mas até onde estaria disposto a ir para defender a Alemanha? — perguntou Dieter, forçando Rolf a revelar a sua posição.

— Quais são os planos? — perguntou astutamente. Dieter sorriu, antes de responder. Foi a primeira vez que Rolf o viu sorrir e achou-o quase humano: o sorriso transformava o seu rosto, suavizando a frieza dos traços sérios.

— Não podemos revelar os nossos planos, como compreende — respondeu Dieter, usando a mesma palavra que Rolf repetira minutos antes. — Mas vamos dizer-lhe quais os próximos passos para a Alemanha aumentar a sua influência na Europa.

— Já somos os líderes da Europa e ganhamos muito durante a crise — lembrou Rolf.

— Sim, mas precisamos ganhar mais e deixar o resto da Europa afundar no caos econômico para a Alemanha emergir como a única força, em torno da qual todos se curvarão.

Aquela ideia ia contra tudo o que Rolf acreditava: ele defendia que uma Europa forte tornaria a Alemanha mais forte e faria da zona do euro uma

potência econômica, capaz de voltar a dar cartas no mundo. Mas começou a entender o objetivo deles.

— Existe a Inglaterra — comentou o ministro. Naquele momento, a Inglaterra era a segunda maior potência europeia e a sua posição era uma incógnita. Nas recentes eleições, ascendera ao poder um novo premiê que parecia disposto a mudar a forma como a Inglaterra vinha lidando com a crise.

— Cuidaremos da Inglaterra no momento oportuno — afirmou Dieter, dando a entender que aquela questão já estava sendo equacionada.

— E qual o meu papel? — perguntou Rolf, direto.

— Você deve fortalecer a Alemanha, e não salvar a Europa, senhor ministro — explicou Dieter, chamando-o daquela forma pela primeira vez. Rolf ficou um segundo em silêncio. Aquiesceu com um movimento de cabeça e perguntou:

— É só?

— Por enquanto, sim — respondeu Dieter, dando por encerrada a participação de Rolf.

O ministro despediu-se rapidamente e foi para o aeroporto. Precisava comparecer à cúpula para debater a crise. Além de ter que repensar a sua atuação após a reunião, tinha que assimilar a nova realidade com que se defrontara: tanto ele quanto a Alemanha estavam nas mãos de herdeiros do nazismo, dispostos a qualquer coisa para aumentar o seu poder econômico e político. Quando se sentou na poltrona, na primeira classe do voo para Londres, estava com uma terrível dor de cabeça. Sentiu um cansaço súbito, como se tivessem tombado vários anos sobre ele em vez de algumas horas. Rolf Merten acabara de perder a inocência.

A crise econômica na Europa, em especial na Grécia e nos países do Sul, gerou protestos crescentes contra a atuação dos governos.

A Grécia foi o primeiro país a entrar em colapso: famílias inteiras estavam desempregadas, as empresas continuavam falindo a um ritmo frenético, empréstimos não eram pagos e casas eram devolvidas aos bancos. A população não tinha perspectivas: sem trabalho, não tinha onde morar nem o que comer. Muitos, dominados pelo desespero e ameaçados por um futuro sem esperança, cometiam suicídio. A situação lembrava os dias negros da queda da bolsa em 1929.

No início eram apenas expressões pacíficas de indignação, mas rapidamente escalonaram e se transformaram em confrontos entre a população e as forças responsáveis por manter a ordem.

Klaus Jürgen e Hans Müller haviam desempenhado bem o seu papel nesses países: provocaram e incitaram o povo desesperado a recorrer à violência. Os grupos, quando bem comandados, se transformam em turbas irracionais, como se houvesse neles uma inteligência superior capaz de anular a vontade própria dos indivíduos. Klaus lembrava-se bem desses ensinamentos, durante o seu treinamento, e usara-os com maestria. Compreendera o poder da manipulação das massas, e agora estava colocando em prática uma pequena parte do seu aprendizado.

Nove dias após os primeiros incidentes da Grécia, Klaus Jürgen e Hans Müller deram por terminada a sua missão e rumaram para Madrid, com o mesmo plano destrutivo, deixando para trás um saldo de cem mortos e muitos prejuízos.

3. Buscando aliados

Sente apenas, com as poucas faculdades que lhe restam neste momento para julgar, que este homem desvairado pulveriza o passado deles, o esmaga debaixo dos pés como se fosse vidro.

Marguerite Yourcenar (1903-1987)

Elizabeth tinha a sensação de que haviam se passado anos, em vez de meses, desde a última vez que vira os amigos. A quantidade de eventos que vivera durante o período tornava o tempo mais amplo. Sabia que o seu mundo e o mundo deles não tinham mais nada em comum. Eram universos diferentes e ela deixara de poder partilhar a sua nova vida. Tentou se ajustar à normalidade deles e quis saber as novidades. Durante o jantar ficou sabendo que Jorge se mudara para casa da Ana, e embora continuassem relutantes em dar um nome à relação, estavam felizes.

Paula e Pietro lutavam com a possibilidade de se tornarem mais do que amigos, repetindo a história vivida por Ana e Jorge durante alguns anos.

Mas a grande novidade era o bebê que Áurea e André estavam esperando. Eles aproveitaram a ocasião e convidaram Elizabeth para madrinha. Ela rejeitou, evitando magoar os amigos:

— Eu vou me mudar para a Europa — comunicou, segurando a mão de Áurea com carinho. — Acho que o bebê precisa de uma madrinha que esteja aqui, ao lado dele — Percebeu que o seu argumento fora convincente, e Áurea acenava com a cabeça, em sinal de concordância.

Quando Elizabeth se transformou no foco da conversa, comentaram que

ela emagrecera e não parecia feliz, mas só quando Paula perguntou sobre Daniel, que a acompanhara ao casamento de Áurea e André, tudo pareceu se esclarecer.

— Daniel teve um acidente. Fatal — confessou, fazendo os amigos acreditarem que aquela era a razão da sua ida para a Europa, evitando, assim, mais perguntas tanto sobre a mudança quanto sobre Daniel.

Ao despedir-se deles, no final da noite, Elizabeth sabia que não voltaria a vê-los. Abraçou-os, tentando dominar as lágrimas. Cortar os laços era algo doloroso e ela começava a sentir o peso da vida de solidão a que os Guardiões estavam sujeitos.

Georgia Ivanović apresentou-se na polícia, em Kovel, e confessou que assassinara Yurii Korolenko. A sua figura magra e pálida, com olhos claros e parados, era incongruente com a imagem de uma assassina fria, capaz de torturar um homem daquela forma cruel. Ela não tinha força física para enfrentar alguém sólido e pesado como Yurii, mas contou como planejara tudo cuidadosamente. Estudou os hábitos dele e, certa noite, seguiu-o até um bar em Kovel, numa das visitas que ele fazia à cidade. Conversou com ele, seduziu-o, embebedou-o e convidou-o para acompanhá-la, levando-o de carro até o local isolado que escolhera com antecedência — o barracão próximo da aldeia. Ele desceu do veículo e caminhou, tropeçando, ao encontro do terrível destino que lhe estava reservado.

Georgia além de confessar o assassinato, também se justificou. Contou como os pais e três irmãos foram assassinados. O capitão do grupo, Yurii Korolenko, poupou-a para lhe reservar um destino infame. Estuprou-a diariamente durante os três meses em que a manteve prisioneira. Por vezes, quando estava demasiado bêbado para estuprá-la, usava o cano da pistola, ou chamava os companheiros, enquanto ele observava, debochando. Os ataques bárbaros provocaram uma infecção que quase a matou e a deixou estéril. Ela foi salva por uma família que a encontrou ardendo em febre, seminua, abandonada no meio dos escombros da cidade destruída pelos bombardeios.

O pior de tudo é que, em momento algum, ele deu sinais de reconhecer a mulher que havia estuprado durante três meses. Tinham sido tantas mulheres, tantos estupros e mortes que ele não se lembrava do rosto dela. E essa havia sido a grande ironia do destino: ele não sabia sequer quem ela era, e ela nunca o esquecera.

A história trágica e a vingança cruel de Georgia encheram as páginas dos jornais. Ela passou de vítima a algoz e foi elogiada por uns e amaldiçoada por outros. Mas não encontrou paz. Alguns dias após a sua prisão, escreveu uma carta que chegou às mãos do seu destinatário, Miguel Besson, no mês seguinte.

Kovel, fevereiro de 2011

Miguel,

Achei que a morte de Yurii Korolenko me daria tranquilidade. Finalmente ia dormir uma noite. Queria uma única noite sem pesadelos. Vingaria a minha família e todas as torturas que sofri durante noventa dias nas mãos dele.

Eu não tinha futuro, só passado. E do passado, só lembrava Yurii Korolenko. O meu futuro foi roubado no dia em que o encontrei. Ele não levou apenas a minha família, levou a minha dignidade, a possibilidade de eu amar alguém ou ter um filho. Torturei-o por um dia. Espanquei-o, queimei sua pele e fiz com ele uma pequena parte do que ele fizera comigo.

Quando me faltaram as forças, atirei no meio da sua testa, como ele fez com o meu pai. Mas em vez de paz, só existe vazio dentro de mim. Antes, vivia para me vingar. Depois de matá-lo, não sei o que fazer da minha vida. E continuo sem esquecer Yurii Korolenko. Agora, além de viver com o que ele fez, também sou obrigada a viver com o que eu fiz. Ele se juntou aos outros fantasmas da minha vida.

Não faz sentido eu ter feito justiça tratando Yurii Korolenko da mesma forma que ele tratou as suas vítimas e, no final, não ter encontrado alívio para o meu sofrimento. Talvez o caminho do ser humano seja o perdão, de que tanto falam, e não a vingança, que tanto queremos. Mas eu não fui capaz de perdoar — nem sei como fazê-lo.

Obrigada por ter me acolhido na Irmandade. Foi uma oportunidade que devia ter vivido de outro modo, se tivesse me libertado do passado. Mas, quando se está mergulhado no ódio, não existe nada para além disso. Só escuridão. Talvez um dia eu consiga ver alguma luz.

Um abraço,

Georgia

Miguel surpreendeu-se com a carta. Georgia não falava das suas emoções e

ele tinha certeza de que aquele havia sido um grande passo para ela. A carta era o retrato de uma mulher vencida pelos seus demônios. Miguel percebeu o sofrimento e a solidão dela e contratou um advogado para defendê-la.

E foi por meio do advogado que Miguel ficou sabendo dos desdobramentos políticos do crime de Georgia: ela assassinara o sobrinho de Rudolf Halder, um alemão que parecia ter conexões políticas importantes e estava disposto a fazer com que ela pagasse duramente pelo crime.

Miguel compreendia que o desejo de Halder por justiça era legítimo, mas não mediu esforços para defender Georgia.

Rolf Merten decidiu que precisava de um aliado confiável, que não achasse que ele estava alucinando, dominado por teorias conspiratórias. Teria que ser alguém com poder e credibilidade, capaz de implementar os planos de recuperação da Europa — planos que ele continuava preparando, contrariando o veto da Sociedade.

Não estava apenas em jogo a sua vida, mas também a da sua família, e o futuro da Europa. Porém, por mais que observasse os seus parceiros europeus, não havia ninguém em quem se atrevesse a confiar. Todos pareceram suspeitos.

Os Dragões estavam em todo lado, e qualquer um podia pertencer àquele grupo maligno. Embora o tempo fosse um fator vital, Rolf tinha que avaliar cada um dos premiês e Chefes de Estado, e estar seguro de sua escolha, antes de dar um passo em falso e deitar tudo a perder. Pedira aos serviços secretos alemães dossiês sobre eles. Quando o Diretor disse que não podia disponibilizar aquelas informações, em vez de se indignar, Rolf desenvolveu uma estratégia, dando início a um astuto jogo político.

Ainda não compreendera bem o funcionamento da Sociedade: Dieter era estranhamente mais relevante do que o presidente do grupo, Heinrich Koch. Dieter tinha um imenso poder — algum papel não revelado, que se sobrepunha ao papel dos outros Dragões Verdes, e as suas decisões eram acatadas por todos.

O ministro telefonou pela primeira vez para Dieter Steinbach.

— Não esperava o seu contato — respondeu Dieter, surpreso.

— Estou com um pequeno problema — avançou Rolf, sem subterfúgios.

— Preciso de certas informações, mas o Serviço Secreto negou o meu acesso. Existe alguma razão especial para isso? — questionou, reconhecendo dessa

forma o poder de Dieter. Ele ficou em silêncio por breves segundos, antes de perguntar, com formalismo:

— E por que deseja essas informações, senhor ministro?

Embora a pergunta lhe parecesse impertinente, porque ele era um ministro alemão, e não deveria estar naquela situação, Rolf respondeu calmamente:

— Preciso conhecer melhor os meus pares para adequar as nossas estratégias econômicas a cada um dos países. Acho que os resultados podem ser mais rápidos.

— Concordo — respondeu Dieter, que sempre admirara a inteligência de Rolf. — Vai ter acesso a toda a informação que necessita.

O diálogo com Dieter confirmou as suspeitas de Rolf: a Sociedade não apenas sabia tudo o que acontecia, como controlava as instâncias mais delicadas do governo alemão. Eles estavam infiltrados em tudo. Isso significava que todo o cuidado seria pouco. Sentiu o estômago embrulhado. Teve consciência de que estava isolado contra aquele grupo de fanáticos empenhado em dominar a Europa.

Oliver saiu do aeroporto e foi envolvido por um calor abafado, como se estivesse entrando num forno gigante. Os dias de verão intercalavam um calor pegajoso de trinta e cinco graus com tempestades violentas. O sol impiedoso dava lugar a um ameaçador céu cor de chumbo, e uma chuva intensa inundava São Paulo em menos de meia hora.

Despiu o blazer elegante e entrou no táxi. Entregou ao motorista um pedaço de papel com o endereço do hotel e aproveitou o percurso para telefonar a Alessia.

— Oliver — disse, reconhecendo o número dele. Oliver telefonava todos os dias. Aquela rotina agradava-lhe, apesar de ele nunca ligar no mesmo horário. Por isso, ela vivia numa espécie de ansiedade permanente, aguardando o contato diário.

— Já acabou de empacotar tudo? — perguntou, com a sua voz agradável e bem-humorada.

— Praticamente — respondeu Alessia.

— Isso significa que já tem tempo livre?

— Sim, pelo menos nos próximos três dias, antes de embarcarmos para Lisboa.

— Era tudo o que eu precisava escutar.

— Por quê? Vem para São Paulo? — provocou, segura do oceano que os separava.

— Já estou aqui — respondeu devagar, com um sorriso, do outro lado da linha.

Ela sentiu um nó na garganta e ficou silenciosa, por um segundo, antes de perguntar:

— Por que não me avisou que estava vindo?

— Queria surpreendê-la.

— Conseguiu — confessou Alessia.

— Podemos nos encontrar no final do dia? Talvez jantar? — propôs.

— Onde? — aceitou, surpreendendo-o. Ele esperava a resistência habitual com que ela sempre reagia aos seus convites.

— Recomendaram-me um restaurante português, assim você já começa a se habituar à gastronomia — disse, sorrindo. — Posso passar em sua casa?

— É melhor eu me encontrar com você. Às oito. Envie uma mensagem com o endereço — respondeu. Quando desligou, as suas mãos tremiam ligeiramente. Por muito que repetisse que ele era um amigo, sabia bem que os seus sentimentos estavam se intensificando e todas as desculpas para manter aquela relação já haviam se esgotado. Alessia não tinha mais como se iludir de que não estava apaixonada.

Antes de deixar São Paulo, Miguel organizou uma última reunião com o Conselho da Irmandade. A partir daquele momento manteria contato por telefone ou e-mail, mas eles não voltariam a vê-lo, para evitar que a sua aparência levantasse suspeitas.

Decidira ler a carta de Georgia na reunião. Talvez as palavras dela ajudassem Penafor e Frederico, ambos incapazes de perdoar os responsáveis pelo seu sofrimento passado.

Quando terminou a leitura, percebeu que a carta tivera o efeito desejado: todos se mantiveram calados e a tristeza era visível em seus rostos. O percurso de Georgia não fora em vão. Decidiram que iriam apoiá-la e ajudá-la quando ela saísse da prisão. A coesão que Miguel buscara durante anos, para a Irmandade no Brasil, acabou surgindo da forma mais inesperada.

Kami e Ambrósio assumiram o seu discreto romance, um encontro de duas pessoas sofridas, com um passado de cicatrizes, magicamente tocadas pelo amor.

Alguns dias depois daquela reunião, Frederico Buonaventura decidiu o que faria com os seus fantasmas. Falou com um jornalista e contou a sua história, revelando os nomes dos responsáveis pela sua prisão e tortura durante a ditadura. Quando tudo foi publicado, sentia-se como se tivesse expulsado um demônio de dentro dele. Aquele foi o primeiro de vários artigos, expondo vítimas e torturadores. Frederico podia, finalmente, seguir adiante. Dedicou-se a ajudar os outros com uma energia renovada, passando a envolver-se com situações de violação dos direitos humanos.

Dieter Steinbach olhou para a fotografia do filho com tristeza. Era muito bonito e, embora fosse parecido com ele, herdara alguns traços da beleza clássica da mãe.

Dieter percebera desde muito cedo as tendências do filho: a falta de interesse pelas mulheres apenas se acentuou com os anos e ele nunca se aproximou de nenhuma, por mais que o pai insistisse. Dieter não acreditava que o fato da mãe ter rejeitado Peter e morrido em um trágico acidente de carro antes que ele completasse um ano tivessem exercido qualquer tipo de influência na orientação sexual do filho. Ele achava que *aquele desvio* tinha nascido com Peter, para seu enorme desgosto.

Quando Peter Steinbach se suicidou, Dieter não conseguiu evitar uma sensação de alívio. Por muito que amasse o filho, ele seria sempre um constrangimento por ser a antítese de todos os princípios que defendia. Os homens arianos deviam ser perfeitos, superiores. Ser gay era uma falha inaceitável para ele.

Os motivos do suicídio de Peter nunca foram totalmente esclarecidos, mas Dieter deixou que tudo permanecesse dúvida. Houve alguns rumores sobre um relacionamento entre Peter e um jovem francês, seu colega de faculdade, Jean Luc Messie. Porém, o pai do colega francês acabara com os rumores e, para salvar a reputação de Jean Luc, acabara ilibando a de Peter.

Dieter sentia saudades do filho. Pensava nele todos os dias e amava-o. Mas a morte dele salvaguardara os seus princípios políticos. Dieter achava que, embora pudesse haver outros motivos para o suicídio, a sua rejeição à homossexualidade do filho com certeza pesara na decisão dele.

Peter herdara as fraquezas emocionais da mãe. Por mais que Dieter tivesse se esforçado para ajudá-lo a desenvolver uma personalidade forte e a controlar as suas emoções com várias terapias possíveis, tudo havia sido em

vão. Foi por isso que nunca lhe revelou a verdade, por temer que Peter não conseguisse lidar com ela, como acontecera com a mãe.

Lembrou-se, com nostalgia, da sua paixão por Helen. Eles eram muito jovens e Dieter acreditava que ela o amaria independente de qualquer coisa. Helen estava grávida de cinco meses quando ele decidiu revelar orgulhosamente o seu passado e os seus projetos futuros. Nesse dia trágico ela caiu da escada e quase perdeu o bebê. Os médicos recomendaram repouso e Dieter contratou duas enfermeiras para monitorá-la.

Achou que ela ficara feliz com tudo o que ele contara, mas o comportamento dela mudou. Primeiro pensou que fosse por causa do acidente e da gravidez, e se esforçou por entender o isolamento dela e a forma fria com que passou a tratá-lo. Aos poucos percebeu que ela o estava rejeitando, e isso significava que também estava rejeitando as suas origens e planos. Por fim, descobriu que ela havia provocado o acidente na escada com a intenção de perder o bebê e, além da raiva que sentiu, passou a vigiá-la, para evitar que ela machucasse o filho.

Quando Peter nasceu Helen não quis vê-lo. Nesse período Dieter perdeu as esperanças de que ela voltasse a ser a mulher por quem se apaixonara e soube que a morte dela seria tão necessária quanto inevitável. Não podia permitir que ela arruinasse o seu futuro e fez aquilo para que foi educado e treinado: eliminou o problema. Nunca se arrependeu de ter adulterado o carro de Helen, para provocar o acidente fatal. Ele próprio pesquisara e testara, com a ajuda do único amigo de infância, Rudolf Halder.

O triste percurso da vida de Dieter podia se transformar num trunfo valioso. O fato de ser um viúvo, que perdera seu único filho, depois de criá-lo sozinho, eram episódios que contribuíam para tornar a mística de Dieter Steinbach mais forte: aquela era a história de um homem que se dedicara ao trabalho para superar a dor. Um homem que representava a superação e a força que a Alemanha buscava e seria candidato a chanceler nas eleições seguintes.

Juan Penafor visitara várias vezes a pequena casa nos subúrbios da cidade. Desde que Miguel lhe dera o dossiê com a identidade do responsável pela morte do pai, ele observara a mulher miúda, que lutara sozinha para criar os dois filhos. Por vezes odiava-a, mas com a frequência das visitas passou a sentir pena. A sua dura vida, entre dois empregos, para conseguir pagar as

despesas e criar os filhos, era extenuante. Embora os filhos, de dezoito e dezessete anos, trabalhassem e estudassem, a família vivia com dificuldades. Vera parecia mais velha do que era, e a sua fisionomia revelava uma vida de sofrimento, resistência e luta.

Vera era filha única, de uma família de classe média, e o seu destino mudou quando os pais lhe ofereceram um carro usado, no dia em que ela fez vinte anos. Ela era responsável e trabalhadora, mas certa noite, depois de sair de uma festa onde bebera uma ou duas cervejas, atropelou um homem. Aterrorizada, tomou a pior das decisões e fugiu do local. Descobriu que o homem tinha morrido no hospital e a polícia estava procurando o responsável: os seus medos se intensificaram e ela tinha certeza de que seria presa. Contou aos pais, para tentar se livrar da culpa, e mais tarde, dividiu o terrível segredo com o marido. Quando o filho mais novo nasceu, o marido abandonou-a e nunca mais quis saber da família. Porém, anos depois, a troco de dinheiro, revelou o triste segredo de Vera ao investigador de Miguel Besson.

Naquela tarde de sábado, quando Vera estava sozinha em casa, Penafor se encheu de coragem e tocou à campainha. A mulher abriu a porta, e ele informou de supetão:

— Sou filho do homem que você atropelou há vinte anos.

Ela caiu num pranto convulsivo, e sem avisos, tombou de joelhos, tocando com as pontas dos dedos nos sapatos pretos e brilhantes dele. Foi como se estivesse esperando por ele para desabar. Parecia uma daquelas árvores centenárias, que cai bruscamente, quando atingida pela força de um raio. Penafor não sabia o que fazer. Levantou-a pelos ombros e conduziu-a para dentro de casa, fechando a porta, para evitar que a vizinhança visse a cena. Sentou-a no sofá. Ela se assemelhava a uma boneca quebrada, sem vontade própria. Penafor olhou em volta, viu a cozinha pela porta aberta e foi buscar um copo de água. Ela aceitou com as mãos trêmulas, respirando com dificuldade, entre soluços.

— Me perdoe. Eu matei o seu pai — confessou, chorando. — Pode chamar a polícia. Os meus filhos estão quase criados. Não vou negar o que fiz.

Penafor foi invadido pela compaixão ao se confrontar com o genuíno sofrimento da mulher. Percebeu que ela carregara um peso muito maior do que o dele. E nesse instante decidiu o que faria com a responsável pela morte do seu pai.

— Não vou chamar a polícia — avisou, para acalmá-la. — Vim resolver o

nosso assunto: só eu e você. Precisamos os dois de paz — Penafor observava-a com atenção, vendo os olhos vermelhos e lacrimejantes e as rugas do rosto prematuramente envelhecido, quando pronunciou as palavras que mudariam a vida de ambos. — Eu perdoo você.

Ela olhou-o surpreendida. Não esperava aquela atitude. Achou que ele quisesse vingar-se. Foi assaltada por uma nova onda de choro. Com esforço, limpou os olhos na blusa, como fizera momentos antes, para tentar secar as lágrimas. As palavras dele pareciam ter o dom da cura: quase de imediato ambos sentiram que a escuridão os abandonara.

— Obrigada — murmurou, agradecida. — Obrigada. Que Deus o abençoe.

Ele tirou um cartão do bolso, anotou o celular, e colocou sobre a mesa simples.

— Se algum dia precisar, me telefone — disse, com sinceridade.

Quando saiu da casa de Vera sentia-se outro homem. O peso que o assombrara durante anos tinha desaparecido. Parou por um instante em frente à porta da casa dela e respirou fundo, com uma sensação de alívio. O seu único objetivo agora era descobrir onde estava Tereza Sampaio Elliot, a mulher que amava. Sabia que era difícil encontrar alguém que não desejava ou não podia ser encontrado. Embora não fizesse a menor ideia de por onde começar, Miguel dissera que o ajudaria, e toda a sua esperança repousava naquela promessa.

4. Recomeços

[...] qualquer amor que comece, geralmente, organiza-se, e mesmo que seja em torno de um impedimento central para o viver, faz isso, cria hábitos, costumes [...]

Marguerite Duras (1914-1996)

Elizabeth estava encerrando um capítulo da sua vida humana, deixando para trás aqueles que haviam participado de sua vida por anos. Porém, o que mais lhe custou foi despedir-se dos seus seguranças, especialmente de Leon. Apesar de ele ter salvado a vida dela, quando era ainda uma menina, e ele já ter notado que os Guardiões se mantinham misteriosamente jovens, chegara o momento de Elizabeth deixá-lo partir.

Leon e Náder haviam-na acompanhado durante anos, e ela foi generosa com eles, ao aumentar o fundo monetário que o seu pai lhes deixara, para que eles pudessem viver sem preocupações financeiras. Arturo já os avisara de que aquela hora chegaria e eles estavam preparados. Contaram a Elizabeth que queriam viver num lugar muito civilizado e haviam escolhido a Suécia. Elizabeth não conseguia imaginá-los morando num país tão frio e com uma cultura e língua tão diferentes dos lugares onde haviam morado até então, mas desejava que eles fossem felizes em suas escolhas.

O assassinato do seu sobrinho Yurii surpreendeu Rudolf Halder por seus detalhes brutais. Mas o que mais o surpreendeu foi saber que uma mulher havia sido responsável por aquele grau de crueldade.

Halder não tinha uma relação com Yurii. Eles não se viam desde a morte da sua irmã, mas Yurii era o seu familiar mais próximo. Inicialmente Halder sentiu-se quase compelido a reivindicar que a justiça fosse aplicada da forma mais dura possível. No entanto, quando teve acesso à confissão da assassina, reconheceu que ela havia sido corajosa ao superar o sofrimento a que fora submetida, lavando-o com sangue.

Halder sabia reconhecer um bom soldado quando o encontrava, e Georgia parecia ter alma de soldado. Tratava-se de uma questão de honra, por isso deixou que a justiça seguisse o seu rumo e cuidasse daquele assunto: o seu sobrinho havia tido um comportamento vergonhoso, indigno de um soldado.

Alessia viu-o na sala de espera do restaurante, encostado ao balcão. Ele se destacava com o seu ar britânico e elegante, mesmo vestindo simples jeans e uma camisa. Ou talvez fosse o sentimento que ele lhe suscitava que o diferenciava dos outros.

Oliver veio ao seu encontro e abraçou-a com força, como um amigo que não a via há anos. Mas ambos sabiam que aquele abraço era muito mais que isso: era o reencontro de duas pessoas que estavam construindo um caminho para o amor.

Jantaram naquela noite e nas seguintes, antes de Alessia partir para Lisboa.

Durante o primeiro encontro, Alessia falou sobre a morte de Daniel. Ela já lhe havia contado por telefone, mas de forma breve, evitando se aprofundar no assunto. Porém, ao vê-lo pessoalmente, fez um longo desabafo, e não conseguiu impedir que algumas lágrimas escapassem dos olhos. Oliver também lamentou a morte dele. Não haviam tido tempo para cultivar uma amizade, mas Daniel era um homem que cumpria a sua palavra e foi gentil com ele desde o momento em que se conheceram, em circunstâncias peculiares. Alessia informou-o que Dib assumira a liderança do grupo, e Oliver não compreendeu se ela considerava aquilo melhor ou pior, nem conseguiu avaliar que impacto o novo líder teria no relacionamento que se esforçava para construir com ela.

Nos jantares seguintes, Oliver tentou falar sobre os seus sentimentos, mas ela evitou o assunto, temendo sentir-se obrigada a tomar uma decisão para a qual não estava preparada. Ele manteve uma distância calculada, apesar de ser visível que Alessia travava uma intensa luta interior. Oliver precisava dar-lhe tempo, embora soubesse que esse era o bem mais precioso da vida

humana. Ele conhecia as urgências, porque a sua profissão consistia em roubar o tempo aos homens. E, por mais paradoxal que pudesse parecer, o fato de ser um assassino parecia ser menos importante para Alessia do que o dilema que ela vivia em relação às suas restrições morais. Oliver pensara muito sobre o assunto e se questionava sobre o grupo a que Alessia pertencia. Já sabia que eles eram uma espécie de monges, dedicados ao estudo, com o objetivo de ajudarem os outros. E havia ainda Elizabeth, com aquele seu estranho poder divinatório, que lhe permitia espreitar o futuro. Oliver os considerava monges atípicos, que viviam com um conforto excessivo, e continuava sem entender o voto de castidade a que estavam submetidos.

— Vou visitá-la a Lisboa assim que terminar este trabalho — prometeu Oliver, saindo do restaurante. Ela sacudiu ligeiramente a cabeça, e deu um sorriso, antes de perguntar:

— Não tem dúvidas sobre a sua profissão?

— Não. Você tem dúvidas sobre a sua?

— Não é bem uma profissão — argumentou Alessia. — É mais um destino. Mas assim como você, eu também não tenho dúvidas — fez uma pausa antes de confessar, em tom de voz mais baixo: — A diferença é que eu não tive escolha e você teve.

— O que quer dizer com isso? — perguntou se aproximando e colocando as duas mãos em volta do rosto dela, fazendo com que ela o encarasse.

— Falamos sobre isso em outra ocasião.

— Não — respondeu sério, antes de perguntar: — Você é obrigada a pertencer a esse grupo?

Ela percebeu que precisava ter cuidado com as palavras para não dar a impressão errada.

— Não sou obrigada, mas também não posso sair.

— Não compreendo — disse, mantendo o rosto dela preso entre as suas mãos mornas.

Alessia mergulhou por segundos nos olhos escuros de Oliver, se questionando como um assassino podia ser capaz de transmitir tanta ternura.

— Um dia falaremos sobre isso — repetiu, antes de se aproximar dele, tomando a iniciativa de beijá-lo. Ele lembrou que dissera, no último encontro em Paris, que a beijaria quando ela pedisse. Durante aqueles três dias esperou pacientemente o pedido. E quase acreditou que ela não fosse fazê-lo. Mas ela havia, por fim, tomado a decisão.

Estavam na calçada, próximo ao carro dela, alheios aos transeuntes que

passavam e eram incapazes de imaginar a importância que aquele momento tinha para os dois.

Oliver se inclinou devagar, pousando os lábios sobre os dela com delicadeza, antes de beijá-la com a mesma paixão do seu primeiro beijo, nos alvares da adolescência. Sentiu o abandono dela e abraçou-a contra o seu corpo forte e elástico. Ela parecia menor entre os seus braços, como uma boneca delicada que ele temia apertar demais e quebrar. Quando a soltou, sem sustos, ambos estavam cientes da intensidade das suas emoções. Separaram-se em silêncio, sem palavras adicionais. O beijo parecia suficiente para explicar tudo o que sentiam um pelo outro. Oliver ficou a vê-la dirigir-se para o carro, com os seus passos elegantes, e só se moveu muito depois que ela já havia desaparecido do horizonte do seu olhar.

A enorme casa, em plena Avenida da Liberdade, uma das principais artérias de Lisboa, datava de finais do século XVII. Era uma casa senhorial de dois andares com um jardim interno, agora dominado pelas ervas daninhas, devido à falta de manutenção. O jardim, com uma fonte e um pequeno lago, ambos secos, funcionava como uma espécie de coração, em torno do qual a casa crescia. No térreo, a fileira de janelas de madeira, primorosamente preservada, das salas de jantar e de estar, abria para o jardim, bem como parte das janelas dos quartos do primeiro andar. Do sótão, as janelas arredondadas também espreitavam o jardim.

Além desse, havia outro jardim, mais amplo, numa das laterais da casa, com várias árvores centenárias. Dib planejou colocar ali uma tenda, com uma mesa e cadeiras, para que aproveitassem os dias primaveris e o calor do verão. Esse jardim separava a casa principal das confortáveis — embora desocupadas — acomodações dos empregados que ficavam ao fundo, em cima da espaçosa garagem que podia abrigar até oito veículos.

A casa fora habitada pela última vez oitenta anos antes e embora Manfred, o mordomo da Ordem, fizesse visitas regulares para mantê-la em condições, continuava sendo uma casa fria e vazia. Mas isso mudaria com a chegada dos Guardiões.

A regra da Ordem ditava que, em cada cidade onde morassem, houvesse uma casa comum para acolhê-los durante as viagens ou os primeiros meses de adaptação ao novo país. Mas, após esse período inicial, todos optavam por seus próprios apartamentos.

Elizabeth gostou da casa assim que entrou no enorme hall e viu a abóbada redonda, no alto, filtrando a luz e deixando um halo leitoso. Duas escadarias de mármore lúcido conduziam ao andar superior, reservado à área íntima, com seus doze amplos quartos e respectivos banheiros. E, mais acima, vislumbrava-se uma escada polida e lúcida, de madeira escura, que terminava no sótão, onde estavam antigos objetos e móveis.

No primeiro andar, os quartos de Arturo, Daniel e Kent permaneceram intocados. Elizabeth foi a primeira a escolher o seu quarto, entre os disponíveis. Tinha duas largas janelas, uma para o jardim interno e outra para a rua, por onde ela espreitava o movimento das pessoas em seu vaivém diário.

Miguel, que também ficaria na casa temporariamente, optou pelo quarto mais próximo de Elizabeth, e não lhe passou despercebido que ela ficara em frente ao quarto que Daniel ocupara em vida. Somando a imensa tristeza de Elizabeth aos pequenos gestos que Miguel vinha observando, cada vez parecia mais óbvio que ela nutria sentimentos muito mais intensos por Daniel do que deveria. A possibilidade de ela estar apaixonada por Daniel causava-lhe mágoa e, em certos momentos, raiva, por não ter percebido antes, mas também explicava a distância que ela havia cultivado gradualmente entre eles, e a segurança com que ela afirmava não o amar, desde o início.

O fato da Inglaterra não ter aderido ao euro e manter a libra esterlina era irrelevante, porque o país pertencia à União Europeia e era impactado pelas políticas da comunidade. Por isso, o primeiro-ministro inglês, William Temple, além de se opor às estratégias da Alemanha para a Europa, também as criticava de modo contundente. Temple acreditava que a Alemanha usava a crise para se beneficiar financeiramente e fortalecer a sua posição política. Por mais que os outros líderes de estado considerassem a opinião do premiê inglês muito radical, ninguém podia negar que as empresas que mais lucravam com a crise eram alemãs, ou tinham capital alemão.

A nova rodada de reuniões, programada para o final de março, estava indo por uma péssima direção. O ambiente da cúpula tornou-se tenso após a intervenção de Temple. Ele exacerbou as dúvidas que já existiam, colocando alguns países contra as propostas alemãs. O problema era que, embora as propostas alemãs fossem contestadas, não havia outras. Ninguém sabia qual a melhor forma de sair da crise, mas começava a ficar claro que a austeridade

não era a solução.

Quando o primeiro dia de reuniões terminou, os participantes estavam esgotados, em especial Temple e Rolf Merten, que haviam monopolizado as discussões com intensos debates. Rolf estava surpreso com a atuação de Temple. Ambos tinham assumido o cargo recentemente e trouxeram uma nova dinâmica às negociações.

Rolf estava consciente de que não podia perder a posição de liderança, mas, intimamente, estava satisfeito por ter encontrado alguém com uma visão aguçada e crua dos rumos da economia. Rolf já tivera essa impressão de Temple, na reunião de cúpula anterior, quando ele fizera uma intervenção sobre as taxas de juros. Mas, no decorrer daquele dia, confirmou a inteligência de Temple.

No dia seguinte haveria outra reunião, e embora a sua admiração pelo primeiro-ministro inglês e suas ideias fosse crescente, Rolf estava confiante de que as propostas alemãs seriam aprovadas.

Daniel havia sugerido que Miguel contatasse Bardas para descobrir o paradeiro de Tereza Sampaio. Porém, quando Miguel se debruçava sobre o assunto, a justificativa que daria a Bardas parecia ingênua. Explicar que queria descobrir o paradeiro de Tereza porque Juan Penafor a amava e queria voltar a vê-la era um argumento frágil perante o fato de ela estar num programa de proteção por ter testemunhado contra Dimitri, um poderoso mafioso russo, que ameaçava a sua vida.

Em vez de consultar Bardas, decidiu contratar Oliver Bassan para que encontrasse Tereza. Embora seu contato inicial com ele não tivesse sido dos melhores, a atuação de Oliver durante o caso dos Anjos Caídos conquistou o seu respeito. Ele era um assassino profissional, com vasta experiência em localizar pessoas. Telefonou para agendar uma conversa.

— Oliver, é Miguel Besson. Como vai?

Entre todas as pessoas com quem se cruzara recentemente, Besson parecia ser a que tinha menor probabilidade de contatá-lo. Ele nunca demonstrara simpatia por Oliver. Por isso, o telefonema deixou-o de sobreaviso.

— Bem, obrigado — respondeu cuidadoso, tentando descortinar que razões teria Besson para ligar.

— Precisamos conversar. Preferia que fosse pessoalmente. Posso encontrá-lo em Londres? — perguntou, disposto a viajar de Lisboa a Londres.

— Não estou em Londres — respondeu, deduzindo que o assunto devia ser confidencial para ele não querer conversar por telefone. Mas não mencionou que sabia que Besson estava em Lisboa, nem o informou que, naquele momento, estava no Brasil.

— Quando volta?

— Não sei ainda. Estou envolvido num projeto — explicou, emprestando uma entoação sutil à frase, para que Miguel compreendesse o que ele estava dizendo. — Mas talvez possamos falar pela internet.

— Sim — concordou Miguel.

— Vou enviar um endereço. Sugiro que também crie um, específico para esse assunto. — Miguel entendeu a mensagem: deveria criar uma conta e depois desativá-la.

Pouco depois, Miguel recebeu uma mensagem no seu celular, com o endereço eletrônico de Oliver e o software que deveria baixar da internet. Em minutos Miguel criou a sua conta e entrou em contato com Oliver.

— Não esperava que me telefonasse — comentou, olhando para Miguel com o rosto impassível, como se, na verdade, não estivesse surpreendido.

— Pensei que você poderia resolver o problema de um amigo — avisou Miguel, sem responder ao comentário. — Preciso que encontre uma pessoa.

Oliver levantou ligeiramente a sobrancelha direita, enquanto esperava que Besson continuasse explicando o que pretendia. Já tinha entendido que o assunto era para um amigo, mas era Besson que o estava contratando.

— É uma mulher chamada Tereza Sampaio Elliot. Foi minha assistente e preciso descobrir onde ela está — Oliver ouviu o nome e considerou que o pedido era mais uma coincidência do destino. Besson e os amigos estavam de novo interessados no mesmo alvo de Dimitri. E ele estava, uma vez mais, trabalhando para Dimitri.

— Por quê? — questionou, tentando entender o que estava acontecendo e por que Tereza se tornara tão disputada.

— Isso é importante para você?

— Sim — respondeu lacônico, com uma entoação séria. Miguel hesitou, antes de revelar a verdadeira razão para investigar o paradeiro de Tereza.

— Um amigo teve um relacionamento com ela e quando ela desapareceu ele ficou destroçado — afirmou, sabendo o quão ridículo aquilo podia soar. Realmente Oliver achou a justificativa bizarra, mas parecia difícil que Besson fosse inventar uma desculpa daquelas se tivesse outros objetivos para Tereza. Pelo que pudera observar, ele era um homem com duas características bem

definidas: não tinha muita paciência e era direto.

— E qual o seu papel nisso tudo?

— Quando vi o estado dele, prometi que ajudaria a encontrá-la — Miguel fez uma pausa, como se estivesse avaliando o que diria em seguida. — Mas há algo que precisa saber: Tereza participou de um julgamento, contra um conhecido seu, e foi integrada num programa de proteção à testemunha.

As dúvidas de Oliver sobre Besson se dissiparam ao perceber que ele estava sendo sincero, sem ocultar a participação de Tereza no julgamento de Dimitri.

— Temos um pequeno problema: existem interesses mais *radicais* sobre a mesma pessoa — avisou, enfatizando a palavra *radicais*, seguro de que Besson entenderia a mensagem. Miguel fixou o olhar na tela do computador, avaliando o rosto sério de Oliver. Estaria ele dizendo que já havia sido contratado para encontrar Tereza e possivelmente assassiná-la? Se assim fosse, o contratante só podia ser Dimitri Sergeevich. Ficaram em silêncio por alguns segundos, enquanto Miguel o observava e completava o seu raciocínio. Por fim, perguntou:

— É esse o seu projeto?

— Sim.

— Existe alguma possibilidade de rever a sua participação? — quis saber Miguel.

— Não. O que está em causa é uma decisão que não depende da minha participação. Qualquer outra pessoa poderá finalizar o projeto se eu me retirar.

Miguel entendia o que Oliver estava dizendo: se ele recusasse assassinar Tereza, Dimitri contrataria outra pessoa para fazer aquele trabalho.

— Compreendo — respondeu Miguel. — De qualquer forma, obrigado pela informação.

— Quando tiver terminado o projeto, eu aviso — informou Oliver, antes de desligar. Besson agradeceu com um aceno de cabeça, apreciando a gentileza de Oliver.

Não tinha interesse em intervir nos assuntos de Oliver e Dimitri. Pensou, com calma, e decidiu que só falaria com Penafor quando Oliver confirmasse a morte de Tereza.

Martha não sabia por onde começar procurando informações sobre o filho

de dona Clara. Ele desaparecera tantos anos antes que as chances de encontrá-lo eram quase nulas. Só conhecia uma pessoa que podia ajudá-la: Rui Queiroz, o coronel da Polícia de São Paulo. Conhecera-o em circunstâncias incomuns, e ele era a única pessoa em quem confiava.

— Sou eu — disse, com medo, quando telefonou, sabendo que não devia contatá-lo.

— Sabe que não pode me ligar. Já falamos sobre isso — anunciou Queiroz. Não andava com a melhor das disposições: Miguel Besson telefonara dias antes para informá-lo das trágicas mortes de Daniel e Kent, de quem se tornara amigo uma década antes. Quando Queiroz perguntou se Bardas já sabia, Miguel disse que acabara de lhe contar. Aquela notícia inesperada entristeceu-o e deixou-o mal-humorado.

— Eu sei, mas só posso recorrer a você — disse, lembrando-o do significado do seu isolamento. — Preciso da sua ajuda.

— Diga — respondeu, educado.

— Dona Clara fez o meu parto e tem quase setenta anos.

— Eu sei. Você me disse quando falou do nascimento de Fernando — respondeu, agora com a voz mais calma. Sabia que não devia ser fácil para ela recomeçar a vida num lugar tão distante, com um bebê nos braços.

— Ela teve um filho há mais de quarenta anos, que foi sequestrado durante uma viagem que fizeram para São Paulo, quando ele tinha oito meses. A polícia nunca encontrou a criança. Ele se chamava César — contou Martha, de uma só vez, antes que ele mudasse de ideia e deixasse de escutá-la. Queiroz tentava entender onde ela queria chegar com aquela história e não gostou do rumo que estava tomando.

— Você não está querendo que eu procure essa criança, está? — questionou, por lhe parecer a única razão lógica para ela contar o caso.

— Pensei nisso, sim.

Ele riu inesperadamente, do outro lado da linha, surpreendido pela ideia, lembrando:

— Passaram quarenta anos.

— Eu sei, mas você é a única pessoa capaz de descobrir qualquer coisa — afirmou, com sinceridade. — E a dona Clara está sofrendo até hoje. Consegue imaginar o sofrimento de uma mãe que não sabe o que aconteceu com o seu filho? Eu não consigo. Quando olho para o Fernando, não sou capaz de pensar no que faria se algo acontecesse com ele.

Queiroz escutou o que Martha dissera e rendeu-se aos seus argumentos: era

insuportável imaginar que algo pudesse acontecer com os próprios filhos.

— Mande um e-mail com as informações que conseguir — disse após alguns segundos em silêncio, enquanto decidia o que fazer.

— Obrigada. Sabia que podia contar com você.

— Não me agradeça ainda. Duvido que consiga descobrir alguma pista depois de tanto tempo — avisou, antes de terminar com firmeza: — E não me telefone. Eu ligo para você.

— Está bem... — anuiu Martha, feliz por Queiroz ter concordado em procurar César.

Miguel comentou com os Guardiões que estava notando um padrão familiar na forma como a Europa estava se desestruturando e não conseguia deixar de associá-lo à recessão europeia da década de 1930, que impulsionara a ascensão do nazismo e do fascismo. Tudo parecia estar se organizando para que a história se repetisse. Dib e os Guardiões concordaram com Miguel quando ele enfatizou que os confrontos violentos da Grécia e Espanha não podiam ser uma coincidência e precisavam ser monitorados.

Por isso, quando uma manifestação paralisou Lisboa, Dib considerou que aquela era a oportunidade ideal para investigarem e pediu que Miguel e Seth investigassem. Eles decidiram separar-se para aumentarem as chances de descobrirem algo suspeito.

Os manifestantes subiram a Avenida da Liberdade e se concentraram em frente à Assembleia da República. Em pouco tempo, o espaço ficou apinhado e milhares de pessoas ocuparam as ruas em volta. Miguel estava no centro do grupo, em frente à Assembleia, sem conseguir se mover, preso entre a massa compacta. Seth enviara uma mensagem pelo celular, avisando que estava próximo da Assembleia, numa pequena rua do lado esquerdo.

Do seu lugar, Miguel conseguia ver os policiais posicionados nas escadas da Assembleia, armados e usando máscaras, escudos e cassetetes, como era de praxe. Formavam várias linhas de defesa, esperando o pior, com base no que acontecera na Grécia e na Espanha nas semanas anteriores. Era perceptível o nervosismo deles e a tensão crescente dos manifestantes. Parecia claro que se o conflito se instalasse as pessoas não conseguiriam se mover e muitas seriam machucadas. Miguel sabia que uma multidão inflamada podia se transformar rapidamente num grupo violento, capaz de grandes atrocidades. O grupo era uma entidade que conseguia anular as

vontades individuais. Mas não era só ele que conhecia essa filosofia. Ali, mesmo ao seu lado, estava um homem que pensava exatamente como ele.

Miguel sentiu uma pancada violenta na face e, ao virar o rosto para enfrentar o agressor, viu os olhos azuis e vibrantes de um jovem com pouco mais de vinte anos. Se ele tivesse agredido outra pessoa, ela teria tombado no chão e seria espezinhada pela multidão inquieta. Mas o jovem escolhera mal: Miguel não era uma pessoa comum e não se abalou com o golpe.

Hans Müller ergueu de novo o punho fechado, mas Miguel não permitiu que ele completasse o segundo ataque. Com um gesto rápido pressionou a lateral do pescoço do jovem, usando o indicador e o polegar direitos. Ele desabou sem saber o que tinha acontecido. Miguel amparou-o e pediu que as pessoas se afastassem, para criar uma pequena clareira. Mas a multidão tinha dificuldade em se mover e o espaço livre era exíguo. Miguel deitou-o no chão e hesitou: bastaria pôr a mão sobre a testa dele para acessar os seus pensamentos e descobrir tudo sobre ele. Mas aquele gesto violava uma das regras da Ordem: se Daniel estivesse ali, condenaria a sua atitude. Miguel não se conformava com aqueles paradoxos: tinham tantos poderes e não podiam usá-los. Que sentido havia naquilo?

Passaram vários minutos, e a pressão das pessoas sobre a clareira minúscula onde estava ajoelhado aumentava. Enquanto decidia se descobriria ou não os pensamentos do agressor, outro jovem, igualmente loiro e de olhos azuis, se ajoelhou ao seu lado.

— O que aconteceu com ele? — perguntou, em inglês.

— É seu amigo? — quis saber Miguel, também em inglês, sem responder à pergunta.

— Sim. Somos ingleses e estamos de férias — justificou-se, tentando mostrar que não tinha nada a esconder. Aquele excesso de informação poderia funcionar com uma pessoa comum, que não estivesse atenta aos detalhes, mas não era o caso de Miguel.

— Em uma manifestação? — inquiriu Miguel.

— Estávamos de passagem quando as pessoas chegaram — explicou Klaus Jürgen, apontando com a mão para a praça. A pronúncia dele era perfeita e ele parecia sincero, mas algo nos seus olhos vivos incomodou Miguel. Klaus olhou para o companheiro e perguntou de novo:

— Sabe o que aconteceu com ele?

— Acho que desmaiou — respondeu Miguel, continuando a avaliar o jovem, antes de sugerir: — É melhor tirar o seu amigo daqui. Quer ajuda?

— Sim, obrigado — agradeceu, colocando o braço direito de Hans sobre o seu ombro e segurando-o pela cintura. Miguel fez o mesmo do lado esquerdo, e levantaram-no. Miguel percebeu que os dois jovens eram atléticos e fortes.

Atravessaram a multidão com dificuldade, mas o fato de levarem alguém desmaiado forçou as pessoas a abrirem um espaço, ainda que mínimo, para que passassem.

Quando se afastaram do centro da manifestação, conseguiram sentar Hans num banco de jardim, depois de as pessoas, que estavam de pé sobre ele, descerem, para dar lugar ao jovem desmaiado. Klaus sentou-se ao lado de Hans, para mantê-lo firme, apoiado no banco e escorado pelo seu corpo. Deu-lhe algumas palmadas no rosto:

— Hans... — chamou preocupado, sem perceber que mencionara o nome em alemão, e não a identidade inglesa que tinham assumido. Mas o amigo parecia mergulhado num sono profundo. Ele era saudável e aquilo não era normal. Algo grave devia ter acontecido.

— Se quiser, posso ajudá-lo a levar o seu amigo para o hotel. Este lugar não é seguro. Pode haver confrontos — avisou Miguel, registrando a incongruência entre o fato de serem ingleses e o jovem desmaiado ter um nome alemão. Além disso, o mais bizarro é que ele tentara agredi-lo. Questionou mentalmente por que alguém tentaria agredi-lo, sem justificativa. Será que ele o confundira com outra pessoa ou era um dos provocadores, que incentivavam os conflitos, como Miguel acreditava que acontecera em outros países? Em qualquer das hipóteses, pretendia descobrir o máximo possível sobre os jovens.

Klaus hesitou perante o convite. Não era uma boa ideia alguém ajudá-lo a levar Hans para o hotel e ficar sabendo onde estavam hospedados. Pensou que ele poderia ser um policial. Mas o homem parecia tranquilo e havia sido muito prestativo. Achou que estava sendo exagerado, vendo conspirações em todo lado, mas havia sido treinado para pensar assim. Avaliou-o de novo: ele não parecia representar qualquer ameaça, e as suas roupas e gestos eram muito elegantes para que ele fosse um policial.

— Você também não é português? — perguntou, nitidamente desconfiado.

— Sou francês — disse, estendendo a mão, para cumprimentá-lo. — Besson.

O outro pareceu relaxar um pouco e cumprimentou Miguel.

— Peter — apresentou-se, com o nome falso, registrado no seu passaporte. Ficou calado por alguns segundos, observando a multidão que continuava

chegando, enquanto decidia o que fazer. Alguns dos manifestantes já estavam de volta, de pé, em cima do banco. E Hans não dava sinais de acordar.

— Vou aceitar a sua ajuda, para levá-lo até ao hotel. É próximo daqui — disse, por fim. Miguel não respondeu. Ajudou-o a levar Hans.

Algum tempo depois voltou à manifestação para se encontrar com Seth, convencido de que havia algo errado com os dois rapazes, e era necessário investigá-los melhor. Miguel estava aprendendo a usar a sua capacidade de lidar com o mal. Levara muito tempo para entender que atraía a maldade, como um para-raios atrai um raio. Era isso que ele se tornara: uma espécie de para-raios da maldade. Tivera uma confirmação recente desse fato através do seu relacionamento com Lucrezia. E agora estava sentindo, de novo, que algo não estava bem.

5. Espelho de Iblis

[...] espelhos deste mundo, portas do além [...]

Octavio Paz (1914-1998)

Elizabeth acordou com o ruído de vidro se quebrando em algum lugar da casa. Levantou a cabeça da almofada e ficou atenta, esperando. Mas o silêncio voltou a reinar e tudo pareceu aquietar-se. Consultou o relógio do celular, sobre o criado-mudo: eram duas e cinquenta e oito. Preparou-se para voltar a dormir, quando escutou, de novo, o ruído musical do vidro estalando. Agora que estava acordada, percebeu que o som estava próximo e parecia vir de dentro do seu quarto. Acendeu a luz suave do abajur e sentou-se na cama. Tinha certeza de que alguma coisa estava acontecendo: a temperatura do quarto aumentou bruscamente, como se a lareira estivesse acesa, funcionando em sua intensidade máxima.

Olhou para o grande e antigo espelho oval, encostado na parede do quarto, ao lado da larga janela que abria para o jardim interno. Tratava-se de uma peça da renascença italiana, do início do século XVI, mas o espelho era muito mais antigo, e era conhecido como o espelho de Iblis. A moldura era de madeira ricamente esculpida com animais em toda a volta, e os três pés tinham a forma de leões. Quando Elizabeth o viu pela primeira vez, guardado no sótão, sentiu-se atraída pela sua beleza, como se uma força a levasse até ele. Dib contou que aquele espelho pertencera a Daniel e permitiu que ela ficasse com ele.

O ruído aumentou, e ela identificou que o ponto de origem era o espelho.

Saiu da cama e aproximou-se, com passos lentos e miúdos. O barulho vinha de dentro, como se alguém estivesse quebrando o espelho pelo lado interior. Porém, apesar do ruído, a superfície se mantinha intacta. Elizabeth ficou em frente ao espelho, tentando descobrir o que estava acontecendo. A luz tênue do quarto permitia que visse o seu reflexo, e não havia nada de anormal, exceto o barulho. O medo começou a dominá-la. Sentiu as mãos gelarem e decidiu chamar Dib. Quando deu um passo atrás, para se afastar, o seu reflexo no espelho estremeceu como a água agitada de um lago, e outra imagem começou a surgir, sobrepondo-se à sua. Elizabeth ficou imóvel, fascinada com o que estava acontecendo. A figura se firmou e se tornou reconhecível. Os batimentos do coração dela aumentaram muito rápido e a temperatura do seu corpo subiu. Parecia que ia explodir. Sentiu a ligeira dormência do corpo, anunciando a proximidade da transmutação. Queria se controlar, mas parecia demasiado tarde. No instante exato em que o seu corpo ia começar a transmutar-se, uma mão saiu de dentro do espelho e agarrou-a pelo pulso, com força. O choque da mão contra o seu pulso fez com que tudo paralisasse bruscamente dentro dela. Elizabeth tinha dificuldade em aceitar o que estava acontecendo. Murmurou:

— Daniel? — chamou, mas a imagem, embora nítida, se manteve silenciosa. Ele estendeu a outra mão do outro lado do espelho, com lentidão, e Elizabeth imitou o gesto. Ela tocou na superfície lisa, sobre a mão dele, e o espelho cedeu, deixando de ser sólido para se transformar em uma estranha matéria líquida, que mantinha sua forma e não molhava. Ele segurou os dedos dela e começou a sair do espelho, com cuidado, como se saísse de uma névoa densa e entrasse devagar no mundo real, para não perturbar a ordem das coisas.

Ela recuou um pouco, para lhe dar espaço, enquanto o olhava surpresa, dividida entre sentimentos de alegria e de confusão. Ele inclinou a cabeça, para olhá-la de lado, por um momento. Puxou-a com firmeza pela mão que segurava e abraçou-a. Afundou o rosto no cabelo dela e aspirou o perfume suave com sofreguidão. Ela tentou se afastar, mas Daniel manteve-a presa entre os braços. Elizabeth chamou de novo:

— Daniel.

Ele respondeu baixinho, junto dela:

— Sim.

— Como é possível?

— Não diga nada — pediu, ainda abraçado a ela. — Não posso demorar.

— Não... — rejeitou, conseguindo se afastar. Queria ter a certeza de que ele era real, e não uma projeção da sua mente, ou algum sonho louco. O cabelo dele estava mais longo, caído sobre sua testa, fazendo com que ele parecesse mais jovial. Ela acariciou o rosto dele com a ponta dos dedos, lutando para aceitar a sua presença.

— Não tenho muito tempo — avisou de novo, analisando-a com intensidade, antes de se inclinar para beijá-la nos lábios. Um beijo inocente, parecido com o primeiro beijo que haviam trocado. Ela pôs as mãos nas costas dele e abraçou-o com força, tentando impedi-lo de partir. De repente ficou imóvel, quase sem respirar, percorrendo as costas dele com as mãos, em busca das cicatrizes sob o tecido fino da camisa. Soltou-se dos braços dele e recuou um passo para encará-lo, enquanto perguntava:

— O que aconteceu com as suas cicatrizes?

— Desapareceram... — murmurou Daniel, afastando o pijama de seda para expor a curvatura pálida do ombro dela. Ela empurrou-o com firmeza.

— Você me disse que eram para sempre — lembrou.

— Desapareceram, Elizabeth — afirmou, com voz meiga. — No lugar onde estou o meu corpo se tornou perfeito: sem marcas.

— Mas como desapareceram? — insistiu ela, confusa.

Daniel percebeu que ela não iria sossegar até descobrir como aquilo havia sido possível, depois de ele ter afirmado que as marcas nunca desapareciam. Ela mantinha a linha fina da sua cirurgia, que ia do centro do peito ao púbis, e embora se tivesse diluído, não ia sumir. Daniel se afastou alguns centímetros, para que ela visse o seu rosto sério, antes de responder:

— Eu não estou mais neste mundo.

— Explique-me — pediu, com uma estranha intuição. — Diga onde está. O que aconteceu.

— Não posso falar sobre isso — avisou, abraçando-a de novo. Acariciou as costas dela. Pôs as mãos debaixo do pijama, na região da cintura, e com um movimento ascendente e sensual fez a blusa dela subir e expor o seu corpo delicado — Vamos viver este momento.

A pele de Elizabeth despertou sob o calor das mãos dele. Quando Daniel finalmente a beijou, ela sentiu uma vertigem, como se estivesse mergulhando num abismo profundo. Foi um beijo exigente e selvagem, que arrancou o seu fôlego e a sua razão.

Ele despiu a blusa do pijama dela e jogou no chão. As mãos dele ferviam, e ele beijava-a com uma sofreguidão que beirava a violência. Com um

movimento ágil, pegou-a no colo e levou-a para a cama, deitando-se sobre ela com firmeza. Havia uma urgência nova nos seus beijos e carícias, como se o seu tempo estivesse na iminência de se esgotar.

Elizabeth queria pensar, mas não conseguia. Estava envolta num turbilhão de emoções contraditórias. O seu corpo cedia ao desejo e à intensidade selvagem de Daniel, mas uma voz, na sua mente, sussurrava que parasse. Não reconhecia as costas dele, lisas sob os seus dedos, e no fundo de si um aviso vindo de uma voz que parecia não lhe pertencer ia-se fortalecendo.

Ele despiu a camisa exibindo a sua perfeição quase angelical. Estava embriagado pelo desejo e, sem perder um segundo, tirou as calças do pijama dela. As suas mãos ardiam, literalmente, sobre o corpo dela. E Elizabeth sentiu uma dor intensa se espalhando na pele, como se estivesse sendo queimada viva, mas não conseguia reagir. Sentia-se débil nos braços dele, sem vontade própria. Estava se esvaindo sob a fúria sensual de Daniel. Achou que ia desmaiar. Fechou os olhos, juntou todas as suas forças, e chamou de forma inaudível:

— Mãe.

Uma força se fortaleceu dentro dela, e Angelina lhe deu a energia de que ela precisava para recuperar o seu livre-arbítrio. Elizabeth empurrou-o e, embora ele fosse infinitamente mais forte, a rejeição dela o surpreendeu. Olhou-a, sem compreender como ela se libertara do seu poderoso domínio. Elizabeth avisou, com a voz trêmula, ainda abalada por todas as emoções que estava sentindo:

— Não quero que seja assim, Daniel.

— Desculpe... — pediu, percebendo que a assustara com o seu desejo intempestivo. Ele não queria machucá-la, mas perdera o controle. Era como se ela o tivesse intoxicado com a sua beleza e o seu corpo puro.

— Que aconteceu com você? — perguntou, saindo da cama para vestir o pijama. Apanhou a camisa e lhe entregou. Ele estava sentado na beira da cama e vestiu-se com gestos calmos. Não parecia o mesmo de cinco minutos antes, quando tentara amá-la praticamente à força.

— Desculpe — pediu Daniel mais uma vez. Aproximou-se dela, emoldurou o rosto com as mãos, recuperando a ternura que ela reconhecia. — Não tenho mais tempo para ficarmos juntos. E você me provoca emoções difíceis de controlar.

Daniel estava sendo sincero e os sinais do seu arrependimento eram visíveis no seu olhar.

— Eu sei, mas não quero que aconteça assim — repetiu, recordando o romantismo dele na última vez que tinham estado juntos.

— Não volta a acontecer — abraçou-a pela cintura, com suavidade. — Senti falta de seu cheiro, da sua pele, dos seus beijos...

— Eu também — confessou ela, feliz por reconhecer nele o Daniel por quem se apaixonara. — Mas as suas mãos estão queimando a minha pele.

Ele hesitou, antes de finalmente avisá-la baixinho:

— Ninguém pode saber sobre mim. Se falar sobre a minha presença aqui, não poderei voltar a vê-la.

Ela concordou com a cabeça, sem entender as razões para manter o segredo sobre a visita dele. Todos ficariam felizes por saber que ele estava vivo. Queria perguntar por que os Guardiões não podiam saber que ele estava noutra dimensão, e Dib não podia saber do retorno dele, ou da sua habilidade de se locomover entre as dimensões. Mas Daniel não lhe deu tempo.

Sentiu um nó na garganta ao vê-lo partir, mas pelo menos sabia que ele estava vivo, e toda a sua tristeza desapareceu. Viu-o entrar no espelho como se fosse uma porta líquida. Ela tentou enfiar as mãos no espelho assim que ele desapareceu, mas a superfície tornara-se sólida. Por instantes achou que tudo não passara de uma ilusão, um truque da sua mente obcecada em voltar a ver Daniel. Mas ainda sentia o corpo ardendo, como se as mãos dele continuassem sobre a sua pele.

Klaus Jürgen ouviu o noticiário matinal, franzindo ligeiramente a testa, para se concentrar. As notícias sobre a tranquilidade com que decorrera a grande manifestação de Lisboa estavam se repercutindo em toda a Europa. Klaus acompanhava o telejornal da BBC, ouvindo elogios à lição de civismo dada pelos portugueses, dominado por sentimentos de frustração e irritação. Estava recostado na cama, com o laptop sobre os joelhos esperando um contato, que certamente chegaria.

Aquela missão tinha lhe sido dada pelo próprio general Rudolf Halder. Ela representava o início da ofensiva na Europa. O general Halder era o responsável pelo Centro de Operações, que reunia sob seu comando todas as operações militares do Dragão Verde. Ele defendia que a violência era um passo necessário para a Alemanha justificar o uso da força. Os Dragões estavam seguindo o caminho dos seus antecessores, aproveitando a sua experiência e evitando os seus erros. Para o início dos conflitos se inspiraram

no incêndio do Palácio do Reichstag, onde funcionava o parlamento alemão, e que aconteceu em fevereiro de 1933, um mês após Hitler ter sido nomeado chanceler da Alemanha. Atribuído a Marinus van der Lubbe, um comunista radical, executado por isso, o incêndio serviu para os nazistas justificarem a existência de uma conspiração contra o governo alemão e aniquilarem os comunistas e outros opositores. Herman Göring, um dos mais poderosos homens do regime nazista, e um dos primeiros a chegar ao Palácio, teria admitido, em privado, que iniciara o incêndio.

Klaus sabia que o contratempo da manifestação de Lisboa teria consequências e temia perder o seu posto de capitão recém-promovido. O general Halder punha severamente falhas e erros. Klaus precisava cumprir a sua missão o mais rápido possível. Em duas semanas haveria uma nova manifestação e ele esperava compensar, com muita violência, a calma da anterior. Mas continuava sem entender o que acontecera com Hans.

Minutos depois, viu o sinal de chamada piscando na tela do seu computador. Sentou-se rapidamente na mesa, colocou os fones de ouvido e atendeu. O general Halder surgiu na tela, mantendo-se em silêncio, com o rosto fechado, esperando que o capitão se explicasse:

— *Herr* general Halder — cumprimentou, erguendo o braço direito para diante, na saudação nazista, antes de resumir o que se passara, ciente do pragmatismo do general. — Planejamos que Hans Müller atacaria primeiro. Ele tentou agredir um homem que reagiu e o deixou inconsciente por mais de quinze horas, apenas pressionando o seu pescoço. Essa foi a última memória de Hans antes de desmaiar.

— Capitão Jürgen, esse golpe não deixa nenhum soldado inconsciente por tanto tempo — retorquiu o general estranhando a explicação. Ele confiava em Klaus Jürgen. Era um excelente soldado, dedicado à causa, capaz de cumprir ordens, mas também capaz de planejar e desenvolver estratégias com eficácia. E os homens admiravam a sua força e liderança. Algo estava errado naquela história. — Foi ele que lhe disse?

— Sim, depois que voltou a si, *herr* general.

— Conte-me o que aconteceu, capitão — pediu o general, após uma pausa, optando por conhecer a versão longa.

— Acertamos um *timing* para o início da agressão. Hans começaria, exatamente como aconteceu nos outros países. Eu estava alguns metros atrás. Decidimos fazer apenas um núcleo de agressão — explicou. — E a violência propagava-se a partir daquele ponto.

— Sim, sim... — respondeu o general, impaciente com a explicação. Ele compreendia bem o que Hans estava dizendo. Fora uma das várias estratégias que haviam definido no Centro de Operações, na Alemanha, quando lhes deu aquela missão.

— Mas Hans não fez nada e fui ver o que aconteceu. Levei algum tempo para me aproximar porque havia muita gente. Encontrei-o no chão com um homem tentando ajudá-lo.

— O mesmo homem que o atacou?

— Não sei, *herr* general — confessou Klaus, sabendo que não adiantava mentir ao general. Ele parecia ter uma espécie de detector de mentiras que lhe permitia descobrir o que era verdadeiro ou falso. Klaus já tinha pensado sobre o assunto, mas não fazia sentido: o homem era educado, elegante, bem-vestido e parecia incapaz de atacar outra pessoa, ainda que fosse para se defender. Klaus observara-o atentamente e estudara os seus gestos calmos. Besson era, definitivamente, um cavalheiro. Continuou a explicar:

— Hans diz que acertou o homem com força, mas ele nem sequer se moveu. Isso não é normal, porque nunca vi ninguém resistir a um ataque de Hans.

— Sim — reconheceu o general, ciente da famosa força bruta de Hans. Ele era capaz de vencer até os melhores soldados com os seus punhos.

— Hans contou que o homem só apertou o seu pescoço, e não se lembra de mais nada.

O general manteve o olhar fixo em Klaus, processando a informação. Conhecia bem aquele golpe. Os seus soldados eram treinados em combates corpo a corpo e dominavam várias técnicas de artes marciais. Mas aquela história não fazia sentido.

— Ele viu o rosto do homem — concluiu o general, devagar.

— Sim, mas também não lembra.

— Você não acha estranho que ele saiba vários detalhes, mas não se lembre do rosto do seu atacante? Estava a centímetros dele — lembrou o general. — Hans pode ter feito alguma asneira e não está querendo assumir.

— Não creio, *herr* general — discordou Klaus, enfatizando: — Hans ficou inconsciente por quinze horas.

— Só nos resta aceitar que houve um conjunto de fatores: Hans encontrou alguém muito forte, não o agrediu com a força necessária, e o homem reagiu. É uma explicação racional — disse o general, tentando ser lógico. — As batalhas vencem-se sempre por um conjunto de fatores, embora haja eventos

determinantes.

— *Herr* general, há algo errado — afirmou Klaus, seguindo o que os seus instintos lhe diziam. — Hans contou que ele não se moveu um centímetro sequer com o golpe.

— Descubra o que aconteceu. Não é normal que ele não se recorde do rosto do atacante e saiba esses detalhes todos — enfatizou o general, antes de ordenar: — Mas a prioridade continua sendo o nosso plano.

— Sim, *herr* general — anuiu Klaus.

— Avalie as condições de Hans continuar na missão — fez uma pausa, antes de concluir, com um tom frio. — Se houver algum obstáculo, elimine. Qualquer obstáculo, capitão Jürgen, mesmo que seja interno.

— Sim, *herr* general — respondeu Klaus, vendo o general desligar. Avaliou as palavras do general: ele estava lhe dando ordens para destruir qualquer pessoa que o impedisse de atingir os seus objetivos, incluindo o seu companheiro Hans Müller. Aquilo significava que, embora tivesse uma nova chance para completar a sua missão, a história de Hans não convencera o general, apesar de ele próprio ter desenvolvido uma explicação racional.

Elizabeth tentou abrir os olhos. Sentia dores por todo o corpo. Queria levantar-se da cama, mas não conseguiu. O quarto estava girando. Sentia tonturas e náuseas. A sua pele estava ardendo e a dor aumentava a cada instante. Precisava chamar alguém, mas a voz não saía. Ela tentava falar, mas a voz estava presa na sua cabeça e ninguém podia escutá-la. Não sabia se era dia ou noite, nem era capaz de descobrir onde estava. Daniel tinha as mãos fervendo, como se estivesse colocando brasas sobre a sua pele. Só sabia isso. E sentia muita sede.

Miguel acordou com Angelina chamando por ele e soube que algo ruim acontecera com Elizabeth. Vestiu um roupão com rapidez, atravessou o corredor e bateu na porta do quarto dela, sem se preocupar com o barulho. Eram seis da manhã e, apesar do ajuste ao novo fuso horário, àquela hora já era habitual que estivessem acordados.

Elizabeth não respondeu e Miguel bateu mais forte, uma segunda vez, chamando por ela. Alessia e Dib saíram para o corredor e, segundos depois, surgiram Seth e Uchoa. De novo, Elizabeth não respondeu. Miguel experimentou o trinco, mas a porta estava trancada.

— Besson, o que aconteceu? — questionou Dib, avançando pelo corredor,

totalmente vestido. Ele era o único que já havia feito sua meditação, tomado banho e estava pronto.

— Onde está a chave reserva? — perguntou olhando para Dib, antes de responder à pergunta dele. — Tem algo errado. Ela não responde.

— Ela pode estar no banheiro — argumentou Alessia.

— Não — afirmou Miguel, seguro, falando de Angelina e convencendo todos com o seu argumento.

— Vou buscar a chave — respondeu Dib, se afastando, para voltar minutos depois com um molho de chaves. Escolheu uma e abriu a porta. Dib avisou:

— Elizabeth, vamos entrar.

O quarto estava silencioso e Elizabeth parecia dormir. Miguel aproximou-se da cama e acendeu a luz do abajur, enquanto Seth abria as cortinas.

A luminosidade invadiu o quarto. Ela estava deitada de lado e, numa situação normal, já teria acordado com a movimentação.

— Ela não está bem — avançou Alessia, protetora, empurrando ligeiramente Miguel para o lado. Ele deu-lhe espaço, e ela sentou-se na beira da cama.

— Elizabeth — chamou, colocando a mão na testa dela. — Ah — gritou, puxando as cobertas para baixo. — Ela está ardendo de febre. Alguém prepare um banho frio, já.

Alessia virou Elizabeth para cima e percebeu as manchas vermelhas num dos pulsos. Puxou a manga do pijama e viu a mancha se alongando pelo braço. Levantou a blusa e viu o corpo cheio de marcas intensas, vermelho vivo.

— O que é isso? — perguntou, mostrando a barriga de Elizabeth. Miguel, de pé, viu a imagem de cima e percebeu logo o padrão do desenho:

— Parecem mãos sobrepostas.

Dib posicionou-se ao lado de Miguel e observou Elizabeth. Realmente pareciam mãos. Dib se aproximou da cama e colocou a mão sobre uma das marcas: encaixava perfeitamente.

— Como isso aconteceu? — perguntou Alessia, sem entender que explicação poderia haver para as marcas e o estado de Elizabeth.

— Não sei — comentou Dib, preocupado. — O objetivo agora é fazer a febre baixar.

— Podem trazê-la — avisou Uchoa do banheiro, onde estava preparando o banho. A banheira tinha poucos centímetros de água fria, mas já era possível mergulhar Elizabeth.

Miguel pegou-a no colo, com cuidado, e levou-a para o banheiro. Elizabeth tentava balbuciar alguma coisa, mas eles só entendiam o nome de Daniel. Miguel sentiu ciúme.

Alessia despiu o pijama de Elizabeth revelando o corpo marcado. Em certos lugares estava totalmente visível o desenho de uma mão.

Miguel colocou-a na banheira. A água fria fez com que ela estremecesse. Ele se ajoelhou e pôs a mão sob a cabeça dela, para apoiá-la.

A água ia enchendo a banheira e envolvendo o corpo dela. Todos se mantinham silenciosos e vigilantes, esperando a febre baixar. Guardiões não adoeciam nem tinham febre. Quando isso acontecia era sempre por um motivo extraordinário, uma interferência superior.

Por fim, após uma interminável meia hora a febre começou a ceder e Elizabeth reagiu. Tentou fixar o olhar e reconheceu Miguel ao seu lado. Ele perguntou, com a voz suave:

— O que está sentindo?

— Como se tivesse queimando — disse baixinho. — Sinto dor. E frio. A água está gelada.

— Vai ter que ficar na água mais um pouco — avisou Miguel. — A febre continua alta.

Alessia também se ajoelhara e perguntou, segurando a mão dela:

— Você lembra o que aconteceu esta noite, Elizabeth?

Ela hesitou, recordando o aviso de Daniel. Se falasse sobre ele, nunca mais o veria.

— Não — respondeu. Dib observava-a e, talvez ela tivesse enganado os outros, mas ele sabia que Elizabeth estava mentindo.

— Alguma coisa aconteceu com você — anunciou Dib. — O seu corpo está marcado, como se alguém tivesse posto mãos em brasa sobre a sua pele.

Ela olhou para baixo e viu as marcas das mãos de Daniel através da transparência da água. A pele estava coberta de manchas escarlate e, em alguns lugares, eram visíveis pequenas bolhas se formando, provocadas pela intensidade das queimaduras. Quando voltou a olhar para Dib, ainda um pouco tonta, percebeu claramente que ele sabia que ela estava mentindo.

— E o que aconteceu aumentou a temperatura do seu corpo, e você estava entrando em colapso — avisou Seth.

— A febre baixou, mas as marcas não sumiram. A pele não se regenerou — afirmou Miguel.

— Dependendo da origem, as manchas podem não desaparecer

espontaneamente — disse Seth. Todos sabiam o que ele estava insinuando: algo sobrenatural atacara Elizabeth.

— Talvez você saia do banho e a febre aumente de novo. Precisamos descobrir como isto aconteceu com você. Quem fez essas queimaduras no seu corpo — pediu Seth.

— Não lembro — insistiu Elizabeth, começando a tremer. Estava ficando com frio.

— É melhor tirá-la da água — aconselhou Dib. — Alessia, vista a roupa dela. Volto já.

Minutos depois, Dib retornou com um copo de água e um pequeno frasco na mão. Colocou dez gotas de um líquido verde-escuro dentro do copo e mandou-a beber. Elizabeth não questionou. Só depois que ela bebeu a última gota do remédio amargo, Dib explicou:

— É para as queimaduras. Esperemos que resulte — fez uma pausa, antes de falar com outros. — Eu fico com Elizabeth se quiserem se trocar e preparar o café da manhã.

Assim que eles saíram, Dib disse, mais em jeito de ordem do que de pedido:

— Agora eu quero a verdade.

— Não posso falar, Dib. Tem que confiar em mim. Por favor.

— Você não pode falar e eu não posso confiar em você — aproximou-se dela para frisar bem o que ia dizer: — Essa coisa que está protegendo quase te matou esta noite. E você ainda não está livre do perigo — saiu do quarto deixando-a sozinha, pensando nas palavras dele.

Embora Martha não quisesse que dona Clara criasse expectativas sobre a possibilidade de reencontrar o filho, precisava lhe fazer várias perguntas e, para isso, teria que revelar que estava procurando por César. Ao saber da notícia, dona Clara comoveu-se. A gratidão que sentia por Martha deixá-la participar da vida de Fernando se transformara num afeto próximo do que sentiria por uma filha. Agora ela tinha certeza de que Martha era um presente na sua vida sofrida.

Dona Clara sabia que não podia ter esperanças, mas como disse a Martha, nunca perdera a esperança: era algo que estivera sempre dentro dela, e foi o que a fez atravessar a vida e suportar a perda do marido, sem esmorecer.

Contou tudo o que lembrava, enquanto Martha anotava, para não deixar

escapar nenhum detalhe que pudesse se tornar importante. Quarenta anos antes, ela, o marido Lívio e César foram para São Paulo, passar um mês com a família. Dona Clara tinha lá duas tias, irmãs da sua mãe, que sempre a convidavam para visitá-las.

Naquele tempo era uma aventura viajar para São Paulo, mas finalmente o casal conseguiu juntar dinheiro e foi. Hospedaram-se na Penha, na casa da tia Josaína. Ela tinha duas filhas: Leopolda, dois anos mais velha que dona Clara, e Leopoldina, um ano mais nova.

No final da terceira semana de férias, Lívio e Clara foram ao centro da cidade. Leopoldina, que, entretanto, se apegara a César, se ofereceu para cuidar dele enquanto os primos iam passear. Depois de hesitar, porque nunca tinha deixado César com ninguém, dona Clara entregou o filho aos cuidados da prima mais nova.

Quando voltaram do passeio, no fim do dia, a polícia esperava por eles, juntamente com os tios e as primas, para lhes dar a terrível notícia de que o bebê desaparecera. Leopoldina explicou, chorando sem parar, que tinha ido ao banheiro, por alguns minutos, e alguém entrou na casa e roubou o bebê de dentro da cesta, onde ele estava dormindo. A polícia investigou a família e toda a vizinhança, mas não conseguiu provar que algum deles tivesse levado o bebê.

A casa não tinha sinais de entrada forçada porque a porta estava sempre no trinco. Naquela época ninguém trancava as portas, justificou-se dona Clara.

Depois do desaparecimento de César, dona Clara e o marido ficaram em São Paulo por mais três semanas antes de retornarem para o Pará. Já tinham passado muito tempo e Lívio precisava voltar ao trabalho, para não perder o emprego. Dona Clara não voltou a falar com as primas, mas falava sempre com a tia Josaína, para saber se havia notícias de César, e também telefonava para a polícia. Até à data da morte da tia, quinze anos antes, nunca descobriram nada.

Dona Clara e Lívio não tiveram mais filhos, e ele morreu pouco antes dos sessenta anos.

Martha anotou todos os nomes, datas e locais e enviou um e-mail para Queiroz.

O último dia de reuniões terminou com a aprovação das propostas alemãs, por meio de uma vitória suada. Rolf se esforçou por rebater os argumentos

inteligentes e pertinentes de William Temple, o premiê inglês. Mas Rolf sabia que talvez não tivesse tanta sorte na vez seguinte. Temple estava se revelando um adversário difícil, que não sossearia enquanto não provasse que a Alemanha estava minando a Europa. E Temple estava correto: a operação *Umarmen*, com o irônico significado de *abraço* em alemão, tinha o propósito final de controlar a Europa tornando-a definitivamente refém dos bancos e empresas do JKW, o braço econômico dos Dragões.

Porém, a vitória de Rolf Merten lhe deixara um sabor amargo: sua atuação brilhante convenceria os Dragões sobre a sua lealdade à Alemanha, mas as suas medidas afundariam a economia europeia em menos de um trimestre. Aquilo que a sua antecessora levava anos fazendo — uma lenta e desgastante queda da Europa —, ele conseguiria terminar em poucos meses, facilitando a ascensão do neonazismo.

Também era óbvio que arranjava um inimigo combativo, de peso: William Temple. Pelo conteúdo dos debates e posicionamento cada vez mais radical dos dois ministros — o inglês e o alemão —, era evidente que havia um abismo a separá-los. Rolf tinha certeza de que Temple iria descobrir os seus objetivos obscuros, mas quando descobrisse seria tarde demais para salvar a economia das garras da JKW.

6. Runa Sigel

Ficamos contentes com a sua primeira vinda. Começamos por pensar que vinha da luz, mas agora ele chega como as sombras do crepúsculo, não como a luz da alba. Vem como um dia que já passou e faz com que a noite entre no nosso futuro...

Charlot, chefe dos Índios Cabeças Chatas, 1876

— Houve um *pequeno acidente* — avisou Lúcifer, entrando na magnífica Biblioteca. Aquele era o lugar preferido de Daniel, onde passava todo o seu tempo pesquisando e lendo. Em certos momentos, Lúcifer duvidava se tinha sido uma boa ideia deixá-lo ter acesso a todo aquele conhecimento, mas apesar dos milhares de volumes, ali não devia haver nada de excepcional, que Daniel já não soubesse.

Daniel ergueu os olhos do livro que estava lendo e aguardou o resto das notícias, sem pronunciar uma única palavra. Sabia bem que *os pequenos acidentes* de Lúcifer eram sempre grandes acontecimentos provocados por ele, sem nada de accidental.

— Visitei a sua *noiva* — anunciou irônico, com um sorriso debochado, embora se mantendo atento à reação dele. Apesar de Daniel estar enfraquecido pelas energias negras do submundo, continuava sendo uma criatura de muito poder. E Lúcifer sabia que Elizabeth era a única fraqueza que conseguira descobrir em centenas de anos: finalmente ele se apaixonara, e isso o tornara vulnerável.

Lúcifer não podia destruir Daniel por razões que estavam além do seu

controle. Uma dessas razões era por Daniel possuir uma parcela divina maior, que o distinguia de todos os seres semidivinos. Ele não era simplesmente um protegido, era também um dos prediletos do Divino. E foi por isso que Samael, o anjo da morte, não pode levá-lo, mesmo após Daniel ter trocado a sua vida pela de Elizabeth.

Samael perdeu duas vezes: primeiro perdeu Elizabeth quando ela foi resgatada das suas fronteiras, e depois não pode levar Daniel. Ficou irritado com a artimanha de Daniel. Era sabido que a vida de um protegido não podia ser ceifada. Mas aquela artimanha precisava ser punida para que não se repetisse, e o equilíbrio entre a vida e a morte não fosse rompido. Samael apelou para Lúcifer: só a união dos dois poderia punir Daniel. Juntos poderiam reivindicá-lo e mantê-lo preso nos domínios de Lúcifer, até que Samael considerasse a troca pela vida de Elizabeth paga. Daniel achou justo o pedido de Samael e acompanhou Lúcifer quando chegou o momento. Estava disposto a cumprir o trato para que o equilíbrio entre os mundos não fosse alterado e a sua dívida com Samael fosse saldada.

— E qual foi o *pequeno acidente*? — questionou Daniel, por fim, mantendo o rosto impassível, mas se preparando para o pior.

— Ela achou que eu era você — Lúcifer falava pausadamente, mantendo o sorriso debochado. Moveu as mãos, como se estivesse fazendo um pequeno ballet, antes de continuar a sua explicação. — Acho que a machuquei.

Daniel sentiu uma onda de raiva subir pelos seus músculos, impedindo-o de pensar com clareza. Traiu-se ao apertar ligeiramente os maxilares. O gesto não passou despercebido a Lúcifer. Ele passara séculos tentando feri-lo, e agora bastava falar em Elizabeth para conseguir. Lúcifer estava adorando presenciar o sofrimento de Daniel. E ele nem sequer imaginava que Lúcifer planejava convencer Elizabeth a segui-lo para o submundo. Ela teria que ir voluntariamente, exercendo o seu livre-arbítrio, mas Lúcifer tinha certeza de que ela estava disposta a seguir Daniel para qualquer lugar.

Lúcifer reconhecia que ela era linda, mas quando a teve nos braços, ainda que por pouco tempo, compreendeu por que Daniel se apaixonara. A pureza dela era dolorosamente cativante e deixara-o exaltado. Mas aprendera uma lição naquele primeiro encontro: não podia se apressar com ela e tinha que ser paciente e agir mais como Daniel.

Lúcifer estava de pé, observando Daniel, esperando que ele dissesse algo ou perguntasse por Elizabeth. Mas depois da rápida contração do maxilar, Daniel se manteve sereno, como se nem o tivesse escutado confessar que

machucara Elizabeth.

Lúcifer puxou uma pesada cadeira de madeira, sem esforço, e sentou-se próximo de Daniel. Inclinou ligeiramente a cabeça para fitá-lo num ângulo estranho. Adquiriu aquele hábito após ter perdido parte da esmeralda da sua terceira visão. Tinha a sensação de que, ao inclinar a cabeça, a sua terceira visão ficava menos distorcida. Mas não conseguia usá-la com ele ou com qualquer dos Guardiões. Sabia que eles tinham poderes especiais que lhe escapavam, assim como ele tinha os seus. Surpreendeu-se com a limpidez translúcida dos olhos de Daniel. Pareciam pedras de gelo, refletindo a luz sem nada revelar.

Daniel fixou de novo o olhar no imenso livro de pele que estava sobre a mesa, mostrando que não estava disposto a continuar aquela conversa.

— Não quer saber o que fiz com a sua *noiva*? — questionou Lúcifer, provocante.

Daniel não se moveu. Ergueu os olhos, apenas por um instante, antes de responder:

— Não, Lux — Lúcifer sorriu. Daniel sempre o chamara daquele jeito, o seu nome original em latim, que significava luz. Ele nunca mudara a sua forma de tratá-lo, mesmo após o fatídico dia em que ambos escolheram rumos diferentes, quase uma eternidade antes. Mas a partir dali, ambos cultivaram uma distância amigável, evitando conflitos, embora, por vezes, Daniel o tratasse com uma condescendência irritante, como naquele momento.

— Tem certeza? — insistiu Lúcifer, sorrindo.

— Sim. Você é que parece muito ansioso para contar — comentou Daniel, controlando as suas verdadeiras emoções. Lúcifer sentiu uma ligeira irritação. Tinha ido ali com o intuito de provocá-lo e Daniel sempre conseguia inverter a situação, conseguindo irritá-lo. Decidiu que não deixaria Daniel perturbá-lo. Não podia lhe dar esse poder.

— Elizabeth — pronunciou o nome dela muito devagar, como se estivesse saboreando cada uma das sílabas. — Primeiro pensei que ela era a paixão de Besson, mas depois percebi que era também a sua. Imagine a minha surpresa! — fez uma pausa e sorriu, antes de dizer realmente o que queria: — Por pouco, por muito pouco, não a tive. Toda aquela pureza e inocência, aquela bondade, o dom de ver o futuro... — falou, rodando levemente a mão direita, como se tivesse acariciando uma mulher imaginária. — A sua *noiva* vai ser minha, Daniel — informou, inclinando de novo a cabeça para avaliá-lo, mas

Daniel mantinha sua aparência tranquila e impenetrável.

Lúcifer afastou a cadeira e levantou-se, dizendo:

— Veremos como vai reagir quando eu lhe disser que ela é minha.

Aquelas palavras fizeram Daniel tremer interiormente. Quando a pesada porta da biblioteca se fechou, após a saída de Lúcifer, Daniel deixou cair a máscara. A sua indiferença foi substituída por uma expressão de dor: fechou os olhos com força, cerrou os maxilares e deitou a cabeça sobre o braço, por alguns segundos. Lúcifer viera lhe contar os seus planos para vê-lo sofrer, porque sabia que ele só poderia sair dali quando Lúcifer o deixasse partir. E isso só aconteceria quando Samael o libertasse.

Oliver entregou um envelope com nove mil dólares ao homem moreno, em troca da localização de Tereza Sampaio Elliot. Demorou uma semana para conseguir alguém que trabalhasse na Polícia Federal e trocasse informações por dinheiro. Oliver conhecia muita gente que lhe devia favores, e por fim conseguiu um nome. Embora fizesse aquilo há anos, sempre ficava impressionado com a facilidade com que as pessoas vendiam a sua lealdade.

O homem cobrara inicialmente três mil dólares pela informação, mas telefonara dias depois, triplicando o valor. Justificara-se, afirmando que Tereza havia sido realocada e o arquivo era confidencial para o seu posto hierárquico. Para conseguir a informação que Oliver pedira, tinha que falar com um colega, num posto superior, para que ele acessasse o arquivo, e isso seria mais caro.

Oliver informou que pagaria. E ali estava o homem moreno, de baixa estatura e rosto feroz, entregando um envelope marrom, com duas folhas dobradas no seu interior, contendo o endereço e a nova identidade de Tereza.

Minutos após afastar-se do homem moreno, Oliver destruiu o *chip* do celular que usara para contatá-lo. Em seguida dirigiu-se para o táxi que o esperava uma rua abaixo. Quando se sentou no banco de trás e o táxi começou a rodar, abriu o envelope e descobriu qual seria o seu próximo destino.

Daniel jamais conseguira ir além dos muros que separavam os domínios privados de Lúcifer do resto do submundo.

A morada de Lúcifer e dos seus eleitos, os mais sedutores e perigosos Anjos Negros, era um lugar tranquilo, com uma ordem perfeita. Fora daquela

espécie de ilha, cheia de beleza e sofisticação, estava o verdadeiro submundo, não muito diferente de certos lugares da terra: gente vivendo sem regras nem lei, em sofrimento e lutas constantes, submetida aos mais fortes e cruéis. A diferença é que ali o sofrimento se repetia diariamente e não tinha fim, porque a morte não chegava. O submundo era apenas o resultado das piores facetas humanas.

Daniel precisava avisar Elizabeth sobre o plano de Lúcifer se aproximar dela, usurpando a identidade dele. Para isso teria que resolver dois problemas: o primeiro era sair dali sem ser descoberto, e o segundo, seria o de explicar a Elizabeth que ela devia rejeitar um homem que era, em tudo, igual a ele — uma versão exata dele. Mas esse problema, comparado ao perigo de ser descoberto, parecia infinitamente menor naquele momento.

Daniel sabia da existência dos portais que ligavam os dois mundos, e tinha um deles — o espelho de Iblis. Mas só as memórias que absorvera da Laranja Dourada lhe permitiam saber a localização exata dos sete portais do submundo. E apenas três dos portais estavam relativamente acessíveis e não eram vigiados pelos implacáveis guardas de Lúcifer. Em contrapartida, os lugares onde se encontravam estavam sob uma rígida vigilância e ninguém podia entrar neles sem autorização de Lúcifer.

O portal que tinha correspondência com o seu espelho de Iblis ficava na Biblioteca, por onde ele podia circular com certa liberdade. Lúcifer não imaginava que Daniel soubesse daquilo e, principalmente, que conseguisse localizar um portal cuja existência ninguém descobrira em milênios.

Durante o período que ali passara, Daniel estivera quase sempre sozinho na Biblioteca. Só em raras ocasiões cruzara com alguns seres magníficos, de beleza exótica. Esguios e altos, com rostos angulosos e longos cabelos de um negro tão profundo que pareciam azuis. Eles possuíam uma presença totalmente magnetizante. Mesmo de longe, Daniel podia perceber que tinham tanto de belo quanto de maligno. Deviam ser Anjos Negros do mais alto escalão, talvez do mesmo escalão a que Lucrezia Zani pertencera, antes de cair em desgraça aos olhos de Lúcifer.

O certo era que a Biblioteca era pouco frequentada, mesmo pelos privilegiados que estavam autorizados a visitá-la. No entanto, não deixava de haver o risco de Daniel ser confrontado, a qualquer momento, com a presença dos Anjos Negros, ou até do próprio Lúcifer, como acontecera recentemente. Concentrou-se em descobrir como acessar o portal, localizado atrás de uma das estantes atulhada de livros até o topo, à esquerda da porta principal. O pé-

direito da Biblioteca, com quase quarenta metros, tinha quinze níveis diferentes, que permitiam o acesso lateral aos livros, por meio de passadiços de madeira ricamente entalhados. As estantes de madeira maciça haviam sido desenhadas e encaixadas em seus devidos lugares, não parecendo haver forma de movê-las. O peso adicional, proveniente dos muitos milhares de volumes, contribuía para mantê-las imóveis. O portal estava no primeiro nível, próximo do chão, como acontecia com a localização de todos os portais. Era o chão que lhe dava sustentação, permitindo estabilizar os grandes fluxos de energia necessários para o deslocamento entres planos diferentes de existência.

Apesar de tudo, Daniel acreditava que Lúcifer jamais fecharia completamente um portal. Ele tinha alternativas e estratégias para tudo, e selar um portal não era uma decisão inteligente. Concentrou-se na busca de uma saída, contando com uma vantagem que mais ninguém possuía: ele conhecia bem Lúcifer e o seu raciocínio. Após muitas tentativas, usando a lógica e os instintos, encontrou a alavanca secreta que permitia mover a parte inferior da estante e aceder ao portal oculto por detrás dela. A alavanca estava numa posição engenhosa, mas lógica, exatamente em frente ao portal, na parede oposta.

Mas as dificuldades estavam apenas começando. Após acessar o portal e se deslocar para o plano humano, teria que manter a estante deslocada da parede, para criar um espaço que permitisse a passagem do seu corpo, no retorno. Qualquer um que entrasse na Biblioteca poderia perceber a estranha posição da estante. E se ela se fechasse, Daniel não poderia voltar ao submundo, permitindo que Lúcifer descobrisse a sua fuga. Tudo o que Daniel não podia fazer era irritar Lúcifer, pondo em causa a verdadeira razão da sua presença ali, e colocando Elizabeth em perigo, evitando que ela pagasse pelo arrojo dele.

Queiroz leu o e-mail de Martha. Ela adicionara detalhes com um cuidado que faria inveja a qualquer detetive. Embora não acreditasse que pudesse encontrar César, tanto tempo após o seu desaparecimento, foi tocado pela história de dona Clara.

Usou o seu pouco tempo livre para começar a investigar. O primeiro desafio era encontrar o arquivo do caso. Quarenta anos antes só havia papel e a delegacia responsável pela investigação inicial fechara. Os arquivos foram

transferidos para duas delegacias, que absorveram o contingente policial e os casos não resolvidos. Queiroz pediu que procurassem o arquivo e, cinco dias depois, recebeu um dossiê empoeirado. A informação se tornara praticamente ilegível, e a letra manuscrita se diluíra no papel amarelado. Queiroz anotou os nomes e endereços que encontrou.

No final de semana seguinte começou a investigar os familiares de dona Clara. Visitou o bairro onde moravam quatro décadas antes, e depois de passar uma manhã frustrante fazendo perguntas, finalmente encontrou uma senhora que conhecia a família de dona Clara e se lembrava do bebê desaparecido. Ela contou a história, mas não disse nada que Queiroz já não soubesse pelo e-mail de Martha: os tios de dona Clara haviam falecido; Leopolda, a prima mais velha de dona Clara, desapareceu depois do incidente com o bebê; Leopoldina, a mais nova, casou-se e mudou para outro bairro. No entanto, a senhora deu-lhe o endereço da sogra de Leopoldina, que ainda morava no bairro.

Queiroz dirigiu-se à casa da sra. Costa. Ela era uma viúva com mais de noventa anos, enérgica e com gênio forte, e contou-lhe tudo o que sabia mas, uma vez mais, não havia novidade. Após uma longa conversa, conseguiu o endereço de Leopoldina e foi ao apartamento dela, porém não a encontrou e decidiu voltar noutro dia.

Dieter Steinbach surpreendeu-se com o telefonema de Merten, pedindo uma reunião, dias depois da última reunião de cúpula dos países do euro. O ministro informou que gostaria de discutir os resultados da cúpula, que considerou “muito produtivos”. Dieter reorganizou a sua agenda para receber Rolf no dia seguinte, movido pela curiosidade.

Rolf explicou, com os detalhes que considerou pertinentes, como a Operação *Umarmen* estaria finalizada em três meses. E com base em sua atuação, disse que gostaria de participar dos planos da Sociedade. O pedido, feito de modo cru, como era típico de Rolf, pegou Dieter desprevenido. O ministro estava se superando em seu arrojo — que, aliás, constituía uma de suas características. Ele era um pensador original, muito à frente do seu tempo.

Dieter lembrou-o que o lugar na Sociedade era herdado, passava de geração em geração. Rolf não se abalou com os argumentos e defendeu que o mérito devia ser recompensado. Pediu que Dieter ponderasse sobre o assunto

e afirmou que ele era a pessoa certa para gerir as finanças tanto da Alemanha quanto do grupo, se necessário. E quando Dieter lhe respondeu que iria consultar o Conselho, Rolf sorriu, antes de afirmar, de forma eloquente, enfatizando bem as palavras:

— Por razões que desconheço, você é o Conselho. Eles farão o que você quiser.

Dieter sempre admirara a inteligência de Rolf Merten e sentia orgulho por tê-lo escolhido. Nem todos no Conselho concordaram quando propôs o nome de Rolf para assumir a economia do país, até às eleições seguintes, em poucos meses. Os críticos defendiam que Rolf era contra o capitalismo desenfreado e, politicamente, era um opositor do neonazismo, além de ser muito jovem. Mal tinha acabado de completar quarenta anos. Dieter defendeu que a idade não era importante num homem com o cérebro de Rolf e lembrou que ninguém, em seu pleno juízo, apoiava o neonazismo no atual cenário europeu.

Afirmou que uma simples frase como *Sieg Heil*, a expressão vitoriosa dos nazistas, podia ser punida com uma pena de até três anos de prisão. Os Dragões sabiam que ser nazista ainda era algo silencioso, que precisava do momento certo e de um contexto seguro para se revelar. Era necessário criar um ambiente político que favorecesse o ressurgimento dos seus ideais, e era nisso que eles estavam investindo.

Agora, vendo Rolf Merten, o mais brilhante economista moderno, rendido à causa nazista, Dieter não tinha dúvidas sobre a sua escolha. O fato de Rolf ter projetado o fim econômico da Europa era um feito e tanto, que provava sua lealdade à Alemanha, além de mostrar que o ministro estava sendo coerente com os ideais daqueles que o haviam nomeado. Rolf não era um homem que voltasse as costas aos seus compromissos.

Dieter sorriu perante o comentário sagaz de Rolf.

— Vou ver o que posso fazer — argumentou, levantando-se da sua cadeira e mostrando assim que a reunião terminara. Agora Dieter teria que convencer os outros a aceitá-lo, porque Rolf seria o único que não descendia de uma linhagem ariana. Gostaria que ele se tornasse o décimo segundo elemento da Sociedade e ocupasse o lugar deixado por Kückler. Ninguém cogitara convidar os descendentes de Kückler, porque além dos fatos que rodearam a sua morte, ele tinha duas filhas, e a Sociedade só aceitava homens.

Dieter Steinbach sentia-se pronto para iniciar a ascensão do Quarto Reich. Já tinha o triunvirato do poder: ele seria o *Führer*, Rolf controlaria a

economia europeia, e Halder, as forças militares.

Elizabeth sabia que todos aguardavam uma explicação para o incidente, noites antes. Esperaram que ela melhorasse e as queimaduras sarassem. Apesar do remédio que Dib lhe dera e da sua natureza lhe permitir uma rápida recuperação, Elizabeth levou dias para se livrar da dor e das marcas.

— Precisamos saber o que houve — Dib falou, depois do almoço, quando ainda estavam reunidos em volta da mesa. — O que acontece com cada um de nós, acaba afetando todos.

— Eu sei, mas não posso falar — insistiu, sentindo-se sob escrutínio, sem poder revelar que vira Daniel. E pior: sem saber como justificar as marcas das mãos dele no seu corpo. Por isso, o silêncio era a sua única alternativa.

— Elizabeth, neste momento estamos vulneráveis: perdemos Kent e Daniel. Mudamos de país. Esta seria a ocasião ideal para sermos atacados. E eu acho que existe uma força sobrenatural usando você e tentando manipulá-la — concluiu Dib. Depois de pensar bastante, acreditava que a única razão para ela proteger a identidade da pessoa que a atacara só podia estar relacionada com Daniel.

— Conte-nos o que aconteceu. Por favor — pediu Miguel, concordando com a explicação de Dib: alguma força dominara Elizabeth. E todos tinham uma dúvida que não verbalizavam: até que ponto essa força a subjugara? Era difícil perceber mudanças na energia dela, porque a febre poderia ter escamoteado a perda da sua castidade. Miguel não podia continuar com aquela dúvida que o estava corroendo. Perguntou, de forma elegante, evitando expô-la: — Elizabeth, o que aconteceu naquela noite põe em questão alguma regra da Ordem?

Ela compreendeu o alcance da pergunta. Encarou-o e sacudiu a cabeça, com um gesto de rejeição, sem precisar falar. Miguel sentiu alívio.

— Você está lidando com algo muito além da sua compreensão — Dib avisou-a, com a voz fria. — E se persistir no que está fazendo, seja lá o que for, não há nada que possamos fazer para protegê-la.

— Além de estar nos colocando em perigo — concluiu Uchoa.

Elizabeth ouvia-os, mas não acreditava que Daniel fosse capaz de prejudicá-los. Para isso ele teria que ter-se transformado numa força sobrenatural destrutiva.

— Se acontecer de novo, eu falo com vocês — avisou Elizabeth.

Apesar das palavras dela, nenhum dos Guardiões ficou tranquilo. Dib chamara a atenção para algo sobrenatural que estava acontecendo, mas todos já pressentiam uma força maligna se formando dentro da casa. Elizabeth era a única que não conseguia sentir, por ser o epicentro dessa força e, também, a menos experiente.

Dieter Steinbach conheceu Lucrezia Zani pouco depois da morte do seu filho, num momento em que lutava com sentimentos paradoxais: por um lado lamentava dolorosamente a sua perda, por outro achava que talvez fosse melhor assim.

Lucrezia sabia tudo sobre Dieter: quem era, o seu passado e o da sua família, os seus desejos e planos para o futuro. Também sabia da existência da Sociedade do Dragão Verde. Mas Dieter não conseguiu descobrir nada sobre ela. Quando Lucrezia fez a inesperada proposta de ajudá-lo a chegar ao poder, ele rejeitou. No seu futuro, planejado com cuidado e antecedência, não havia obstáculos, e o papel dela parecia irrelevante.

Lucrezia não pareceu afetada com a rejeição e parecia até esperar aquela reação da parte dele. Ela o informou sobre os imprevistos, lembrando-o que, antes dele, muitos haviam tentado dominar o mundo e falhado, e o tipo de ajuda que ela estava propondo não era *deste mundo*. Explicou que o futuro dele só estaria garantido se ele tivesse a Lança do Destino. Dieter surpreendeu-se com a revelação: a lança estava perdida desde o final da Segunda Guerra, mas ele conhecia bem a sua origem e valor e, também, o papel que desempenhara na ascensão do nazismo. Na verdade, os Dragões haviam procurado por ela: tratava-se de um artefato místico que garantia o poder a quem o possuísse. Todos os grandes líderes da história possuíram a lança.

Dieter perguntou o que ela queria em troca, e a resposta de Lucrezia foi ainda mais surpreendente:

— Almas e a sua lealdade — dissera, com simplicidade.

Dieter sabia tudo sobre os rituais do nazismo e as muitas mortes que haviam alimentado as forças que os tornaram poderosos. Aquela era a sua herança, e os registros dos Dragões, salvos da destruição da Segunda Guerra, revelavam a participação de monges tibetanos que haviam auxiliado os nazistas na sua escalada ao poder. Apesar de tudo aquilo, as razões para os planos nazistas terem fracassado permaneciam um enigma incompreensível.

Dieter não pretendia fracassar e fez um acordo com Lucrezia.

Recebeu a lança e guardou-a numa sala especial, na área privada de *Drachenaugen*, o Olho do Dragão, a sua propriedade secreta, onde aconteciam os treinos da elite militar.

Lucrezia cumprira a sua parte do acordo, ao enviar a Lança do Destino. Agora era vez dele: Dieter deveria provar a sua lealdade começando por resgatá-la da prisão.

Porém, a associação de Lucrezia ao caso dos Anjos Caídos a tornara tóxica: ela era a mais profícua assassina de crianças da história e qualquer ligação com ela arruinaria o seu futuro. Depois da prisão de Lucrezia e da sua intensa exposição na mídia, Dieter decidiu não voltar a contatá-la. Parecia claro que os planos para a ascensão do Quarto Reich se sobrepusessem ao seu acordo com ela. A sua lealdade era primeiro com a Alemanha, e só depois com Lucrezia.

Elizabeth escutou, de novo, o ruído do espelho se quebrando. Agora sabia do que se tratava. Aproximou-se, desta vez sem temores. O ruído ficou mais forte, e a imagem de Daniel se definiu aos poucos, por trás de uma espécie de película brilhante. Ela estendeu a mão, tocou no espelho, e ele se tornou espantosamente líquido. Daniel segurou as pontas dos seus dedos e emergiu da superfície trêmula do espelho para entrar no quarto. Observou-a: ela estava um pouco pálida, mas continuava linda. A longa camisola de seda verde água tinha a mesma cor dos olhos dela. O tecido suave moldava o seu corpo quando ela se movia, revelando as formas longilíneas. Ele rodeou-a pela cintura com um dos braços e se inclinou para beijá-la no rosto. Conduziu-a pela mão e sentaram-se na beirada da cama. Daniel firmou uma perna no chão e cruzou a outra sobre a cama, sem soltar os dedos dela. Analisou-a por alguns segundos, com os olhos azuis de transparência assombrosa. Elizabeth achou-o diferente: não parecia o homem intenso e ansioso da última visita, nem o apaixonado e amoroso dos dias anteriores ao seu desaparecimento. Era outro: comedido e sereno. Lembrava o Daniel de sempre.

— As suas mãos estão mornas — constatou. — Da última vez queimaram o meu corpo.

Daniel baixou os olhos para ocultar um lampejo de raiva. Acabara de descobrir o que Lúcifer havia feito com Elizabeth. Ele era o mais poderoso de todos os Anjos Negros e as suas queimaduras podiam ter marcado ou

desfigurado Elizabeth para sempre. Não sabia ainda como lhe contar que Lúcifer podia assumir a identidade dele.

— Desculpe — pediu, acariciando a mão dela com a ponta dos dedos, como se estivesse desenhando um mapa sobre a sua pele. — Ainda tem as marcas?

— Não. Dib me deu um remédio, e elas sumiram aos poucos — explicou, lembrando os avisos de Dib sobre uma força sobrenatural e atenta ao comportamento de Daniel.

Daniel levou a mão dela aos lábios e beijou-a com ternura. O movimento expôs a marca no braço dele, oculta sob a manga da camisa dobrada. A marca perfeita das ss sempre a deixara curiosa, mas não se lembrava de tê-la visto na última visita dele. Ficou desconcertada ao recordar a explicação que ele dera sobre a ausência de cicatrizes.

— Esta marca não desapareceu como as suas cicatrizes? — perguntou, passando os dedos suavemente sobre ela. Daniel ficou em estado de alerta e compreendeu de imediato que Lúcifer devia ter dito algo para explicar a ausência de cicatrizes. A óbvia intimidade que Lúcifer tivera com Elizabeth, fazendo-se passar por ele, incomodava-o, mas não havia nada que pudesse fazer, exceto tentar desmascará-lo.

— Ela não desaparece. O que acha que é? — sabia que Elizabeth tinha dúvidas, e o seu objetivo ao explorar o assunto era criar um problema posterior para Lúcifer.

— Não sei... — titubeou.

— Acho que sabe. Ou pelo menos já pensou sobre isso. É algo que a incomoda desde que a viu pela primeira vez, na entrada do Mosteiro — lembrou Daniel, com calma.

— É o símbolo da *Schutzstaffel* — Elizabeth falava baixo, parecendo temer seus próprios pensamentos, ao mencionar as ss, a cruel tropa de elite nazista, liderada por Himmler. Por mais que tentasse evitar, estava começando a ter dúvidas sobre a natureza de Daniel, sem saber até que ponto ele flertava com a maldade. Era difícil distinguir o bem e o mal, principalmente nas ocasiões em que, para conseguir o bem, era necessário fazer o mal. O temor que ele não fosse totalmente bom não fazia com que o amasse menos, mas temia que pudesse se tornar a perdição de ambos.

— O que acha que representa? — insistiu, movendo o braço e expondo o desenho na pele, resultante de uma escarificação, um relevo produzido com cortes na pele.

— Não sei, Daniel — respondeu, sabendo que os prisioneiros de guerra eram marcados com números e, se Daniel tinha aquele símbolo, era provável que estivesse associado ao nazismo. Ela debatia-se com pensamentos contraditórios, sem conseguir imaginar por que ele mantinha o símbolo das ss, tantos anos após a queda do nazismo, quando poderia tê-lo eliminado com uma cirurgia simples. Também não entendia por que ele estava falando sobre aquilo, justamente naquela ocasião. Mas ele estava disposto a desvendar o mistério:

— Os símbolos nazistas se baseiam em antigos símbolos místicos. Símbolos do Bem. O significado original desses símbolos é desconhecido da maioria das pessoas, e o que restou foi a leitura feita pelo nazismo. É o caso da runa Sigel — disse apontando para a tatuagem. — Sabe o que são as runas, não é?

— Formam a antiga escrita da Europa do Norte, e são-lhe atribuídos poderes mágicos.

Daniel moveu a cabeça num breve aceno de concordância, antes de explicar:

— A runa Sigel representa a vitória em combate, o sol, a força da vida. Muito antes de Hitler ter se apropriado da runa Sigel, como marca das ss e símbolo de vitória nazista, nós, os Guardiões, já usávamos as runas. Quando evoluir no seu aprendizado vai saber que usamos todos os símbolos e instrumentos de magia, independente de sua origem.

— É igual à das ss — comentou Elizabeth, sentindo culpa por ter duvidado dele.

— A das ss é que é igual à minha. Tenho esta tatuagem desde 1314, o ano em que De Molay foi morto — anunciou, explicando a origem da escarificação, tentando se manter tranquilo. Sabia que precisava voltar ao submundo. Quanto mais tempo estivesse ali, maior seria o risco de ser descoberto. Por outro lado, não podia se apressar com Elizabeth, para garantir que ela se lembraria de todos os detalhes que poderiam expor Lúcifer. — A primeira runa simboliza a vitória do bem contra o mal. E a segunda é um aviso sobre o que está oculto dentro de nós. Juntas, lembram que, às vezes, precisamos recuar para conseguirmos vencer as batalhas. É isso que fazemos: vencemos batalhas.

— É difícil não associá-la ao nazismo — confessou ela, tentando justificar os pensamentos e as dúvidas que a haviam assaltado sobre Daniel.

— Eu sei — acariciou de leve a mão dela. — Antes de voltar preciso fazer

um pedido que não será fácil de entender.

— O que é?

Daniel se aproximou dela e falou baixinho, junto ao seu ouvido:

— Sempre que eu a visitar e não tiver a marca Sigel, não confie em mim. Não discuta qualquer assunto comigo nem deixe que me aproxime de você.

Elizabeth ficou desconcertada com as palavras dele. Por alguns segundos, lutou para compreender o que ele estava dizendo. Afastou o rosto um pouco para ver os olhos dele e perguntou no mesmo tom de voz baixo, ainda sem entender o que estava acontecendo:

— O que está querendo dizer?

— Tenha cuidado — advertiu. — Questione Dib sobre as minhas cicatrizes. Elas não desaparecem. Nunca — enfatizou, beijando-a no rosto, antes de partir, sem lhe dar tempo para retrucar.

Elizabeth viu-o entrar no espelho e desaparecer. Continuou sentada na cama, confusa. Esforçou-se, em vão, para lembrar se Daniel tinha a marca Sigel na visita anterior, mas só conseguia recordar a ausência das cicatrizes, o excesso de paixão e o calor das mãos dele.

William Temple só percebeu que havia um minúsculo pendrive na mala de mão, onde transportava os documentos e o computador, ao reorganizar os seus papéis. Estava em casa, no sábado à tarde, quando tirou tudo de dentro da mala de couro e encontrou o pendrive negro no fundo da divisória externa, facilmente acessível por meio de um zíper. Ele não usava aquela divisória, por considerá-la demasiado exposta.

O pendrive não era seu e a primeira coisa que lhe ocorreu foi que podia ser um vírus, ou algo malicioso. Avaliou as suas opções e decidiu testar o pendrive no antigo computador. Deixara de usá-lo desde que comprara o novo, e já tinha retirado toda a informação importante.

Ligou o velho computador e inseriu o pendrive. Clicou no ícone que representava uma pasta zipada e uma lista de dez documentos se desdobrou na tela. Abriu o primeiro, em Word, e começou a ler. Sentiu imediatamente um baque, como se tivesse tomado um susto. Tentou controlar a ansiedade que se apoderava dele à medida que lia. Ao finalizar o primeiro, passou para os seguintes, e quando estava analisando as planilhas Excel, ouviu algumas batidas na porta. Reconhecia a forma suave como os dedos batiam contra a madeira: era Joan, sua mulher. Ela nunca entrava no seu escritório sem antes

bater na porta e fazia-o sempre delicadamente.

— Entre — respondeu, olhando para o relógio de pulso. Eram cinco e meia da tarde.

— Trouxe um chá. Precisa comer algo — anunciou, colocando a bandeja com o bule de porcelana e a xícara sobre um dos cantos da mesa. Ao lado havia um prato com bolinhos crocantes, de massa folhada, de que ele tanto gostava. Joan lhe dava a segurança emocional de que precisava para fazer o seu trabalho e também lhe impunha algumas regras e limites.

— Não percebi o tempo passar — disse, levantando-se da cadeira para se aproximar dela. Beijou-a na testa, antes de aceitar a xícara fumegante.

Continuava apaixonado após vinte e cinco anos de casamento. Conheceram-se na faculdade, e Temple sempre soube que ela era a sua alma gêmea, mas levou dois anos para convencê-la disso. Não imaginava a sua vida sem ela. Seis anos antes, quando Joan foi diagnosticada com câncer, ele quase enlouquecera durante o período de um ano e meio em que ela lutou contra a doença. Desde então ela fazia exames periódicos e, nesses dias, ele levava-a sempre para jantar no seu restaurante favorito.

Tinham dois filhos: Jonathan com dezenove anos, estudava economia seguindo os passos do pai, e Kate, com vinte e um anos, estudava filosofia.

— Desculpe, querida, surgiu um imprevisto e não pude ficar com você — justificou-se. Ele gostava de passar as tardes de sábado lendo e conversando com Joan. Quando o tempo estava bom, ficavam no pequeno jardim, rodeados de flores e silêncio. Às vezes ele abria as portas de vidro da sala de estar, que comungavam diretamente com o jardim, punha um CD com ópera e ficavam ali. Só entravam em casa quando anoitecia.

— Não faz mal — respondeu, acariciando o rosto dele com ternura. — Sabíamos que seria assim, se fosse eleito. Agora, continue... — despediu-se dele com um beijo na face. Temple abraçou-a com força, fazendo-a sorrir. Depois ficou a vê-la afastar-se, até a porta se fechar nas suas costas.

Terminou o chá, colocou um bolinho minúsculo na boca e voltou para o computador, concentrando-se de novo nos documentos e nas planilhas.

Quando deixou o seu escritório, quase às oito da noite, já tinha uma ideia clara do que faria, embora desconhecesse a identidade do generoso benfeitor que lhe dera o pendrive.

7. Quietude dos bons

Para o triunfo do mal basta que os homens bons não façam nada.

Edmund Burke (1729-1797)

Lucrezia entendeu, finalmente, que Dieter Steinbach não iria salvá-la. Calculou que ele não ia correr o risco de tornar pública a sua ligação com ela, para não comprometer os planos para a ascensão do Quarto Reich. Mas isso não tornava a atitude dele perdoável. Se ele estivesse mesmo disposto a ajudá-la, teria arranjado uma solução.

Sem o apoio de Dieter, Lucrezia precisava arranjar outra solução para sair daquela prisão higiênica e branca, que consumia as suas energias. Após a morte do guarda, não tivera oportunidade de atacar mais ninguém e estava muito enfraquecida. Em breve começaria a sua decadência física. Tinha que escapar o mais rápido possível. Avaliou a oferta de Miguel. A situação era irônica: ele foi o principal responsável pela sua prisão, e agora era a sua última opção de liberdade. Mas haveria um preço a pagar e ela precisava descobrir qual seria.

Pediu para contatar Miguel, e dois dias depois obteve a autorização. Levaram-na para a pequena sala branca de visitas, algemada pelas mãos e pés, com um aparato de segurança digno do mais perigoso dos assassinos — que era o caso. Lucrezia continuava vigilante, observando os guardas, à espera da primeira falha para voltar a matar. Mas eles haviam aprendido a lição com o jovem guarda que pagara a sua distração com a vida, e não se deixavam enganar por sua beleza ou falsa mansidão.

Marcou o número de Miguel e aguardou. Segundos depois ouviu a voz dele:

— Sim?

— Miguel, sou eu, Lucrezia.

— Como vai? — perguntou. Não esperava que ela o procurasse, mas deduziu que o *herdeiro natural*, como ela chamara, a deixara apodrecendo na prisão. Só aquilo justificaria o telefonema dela.

— Vamos discutir a sua proposta? — questionou, sem responder à pergunta dele. Miguel calculou que ela estivesse muito pressionada pelo tempo. Também sabia que qualquer acordo com ela só seria válido até o momento em que ela tivesse o que desejava. Precisava ser muito perspicaz para lidar com Lucrezia.

— Vou vê-la assim que possível — respondeu, dando por terminada a conversa.

A brutalidade do controle econômico na Europa fazia-se sentir em todos os níveis, através da Operação *Umarmen*, e havia sempre algum fato que contribuía para alimentar a tensão. O último tinha sido a aprovação da lei sobre o registro obrigatório de sementes, que passavam a ser propriedade intelectual dos grandes grupos econômicos.

A manifestação programada em Lisboa, para o início da semana, contava com a participação de centenas de pessoas vindas de várias regiões do país. A maioria dos manifestantes era uma população sem emprego ou perspectivas de futuro, que estava sendo mergulhada na pobreza para alimentar o canibalismo das poderosas corporações.

A cidade estava paralisada e as ruas, intransitáveis. Desde muito cedo as pessoas, com faixas de protesto, se dirigiam para os pontos de encontro previamente definidos.

Todos os meios de comunicação comentavam que se tratava da maior manifestação que já ocorreria. O governo temia que qualquer conflito terminasse num banho de sangue e ordenou a participação do exército no reforço da segurança.

Os Guardiões observavam as movimentações e acreditavam que aquela manifestação terminaria mal. Miguel, que havia considerado a agressão de Hans suspeita, mencionou três questões para justificar que o seu atacante, e o amigo Peter, agiam com propósitos obscuros. A primeira era a identidade

deles: Peter afirmara que eram ingleses, mas o atacante, Hans, tinha um nome alemão. A segunda era que eles estavam de férias e Peter afirmou que haviam sido *surpreendidos* pela manifestação. E, por fim, Hans agredira-o com violência incomum. Separadamente, qualquer das atitudes não parecia suspeita, mas somadas tinham uma leitura diferente: Miguel se perguntava por que um inglês de férias, com nome alemão, estava participando de uma manifestação e atacara um dos manifestantes?

Dib pediu que Miguel, Seth e Uchoa monitorassem o evento. Eles se misturaram à população, atentos a tudo o que parecesse suspeito, e procuravam dois homens altos, atléticos e loiros entre milhares de pessoas. A probabilidade de os encontrarem era baixa, ou talvez os localizassem quando fosse tarde e o conflito já estivesse estalado.

Os três se dirigiram à Assembleia da República, por ruas paralelas, onde se encontrava o núcleo da concentração. Baseado em sua experiência anterior, Miguel acreditava que o conflito começaria ali. Mas havia muita gente e era quase impossível encontrar os dois atacantes.

Miguel conseguiu convencer uma energética septuagenária, que morava em frente à Assembleia, a deixá-lo usar a sacada do seu apartamento, no segundo andar, para encontrar um amigo. Usou o zoom do celular para procurar os dois homens entre a multidão. A dona da casa, embora o tivesse deixado entrar, não saiu de junto dele. Meia hora depois, quando ela começava a dar sinais de impaciência, Miguel viu Hans se movendo lentamente entre a multidão. Agradeceu a gentileza da senhora e saiu rapidamente. Em segundos estava na rua. Avisou Seth e Uchoa.

Pensou que, se Hans estava ali, Peter não devia estar longe, e eles não podiam mais justificar as suas presenças na manifestação, afirmando que haviam sido *surpreendidos* pelo evento.

Como Hans era alto, Miguel conseguia ver o seu cabelo loiro, cortado rente, destacando-se entre os manifestantes. Miguel forçou-se entre a multidão e aproximou-se. Entre eles havia apenas uma mulher, e se Miguel esticasse o braço conseguiria tocar em Hans.

Entretanto Uchoa e Dib continuavam procurando alguém que correspondesse à descrição de Peter, que Miguel lhes dera. Eram três da tarde quando Hans ergueu o punho para atingir o jovem que estava do seu lado esquerdo gritando por justiça. Mas antes que o atingisse Miguel afastou a mulher que os separava com um empurrão e interrompeu o movimento de Hans com a mão. Hans voltou-se para trás, surpreendido pela intervenção e

força de Miguel. Uma luz se acendeu no seu cérebro de repente: aquele era o mesmo homem que ele atacara na manifestação anterior. Tentou libertar a mão, mas os dedos de Miguel pareciam de aço. Miraram-se por segundos, antes de Hans fazer um gesto com o outro punho para acertar Miguel. Mas ele parou o novo golpe com a outra mão. Hans estava com os dois punhos fechados, envolvidos pelas mãos férreas de Miguel, e por mais que tentasse não conseguia libertar-se. As pessoas em volta dos dois começaram a se agitar e Miguel percebeu que era hora de acabar com aquilo e tirar Hans dali. Soltou um dos punhos de Hans e moveu rapidamente a mão em direção ao pescoço dele, apertando-o com firmeza e fazendo-o desmaiar em segundos. Apoiou Hans sobre o seu corpo, colocando o braço dele sobre o seu ombro, e começou a arrastá-lo para fora dali. A multidão se afastava um pouco, tentando criar espaço para ele passar com o corpo inerte. Desta vez Miguel pretendia descobrir o que estava acontecendo.

Levou Hans por alguns quarteirões, sem esforço, afastando-se da multidão, e quando encontrou um banco de jardim, numa pequena praça mais tranquila, sentou-se calmamente com ele. Pretendia ter um esclarecedor *contato* com Hans.

Klaus Jürgen aproximou-se da Assembleia e estranhou a calmaria. Naquele momento os distúrbios já deviam ter começado e Hans estaria esperando por ele para iniciarem outro foco de violência, desta vez no Rossio, onde havia alguns jovens arruaceiros, cheio de energia, e seria fácil disseminar os confrontos.

Apesar de não encontrar Hans, Klaus precisava cumprir a missão e decidiu provocar o conflito. Avaliou a multidão compacta e percebeu que seria difícil escapar. A praça estava rodeada por um cordão de militares e policiais e a sua fuga estaria comprometida. Amaldiçoou Hans, por não ter feito a sua parte do trabalho na hora certa, quando os militares ainda estavam se posicionando.

Afastou-se da praça, pelo meio da multidão, em busca de uma oportunidade. Abriu caminho com agressividade crescente, empurrando as pessoas, indiferente às reclamações e aos insultos de que era alvo. Um homem alto e forte reagiu, colocando a mão imensa sobre o seu peito. Klaus pegou a mão do homem e rodou com força até ouvir um estalo: a mão quebrou e o homem urrou de dor. O amigo que o acompanhava avançou para Klaus, mas ele lhe acertou o rosto com um murro violento. O amigo caiu

sobre outra pessoa com o impacto do golpe. O conflito estava iniciado: como um rastilho de pólvora, os manifestantes se empurravam e, em segundos, estavam se agredindo. Klaus se afastou, deixando um trilho de violência. A manifestação se transformou num campo de batalha com o triste saldo de dois mortos, cem feridos e muitos presos.

Voltou para o hotel com algumas mazelas. Hans ainda não tinha chegado e, também, não atendia o celular.

Oliver alugou um carro assim que saiu do aeroporto, em Belém do Pará. Chegou ao seu destino, depois de uma viagem extenuante. As estradas eram uma tristeza. Era difícil saber quais as que estavam em piores condições: se eram as de terra ou as que tinham uma fina e degradada camada de asfalto.

Hospedou-se no único hotel da vila e logo percebeu que o lugar tinha o nome de hotel por puro eufemismo. O quarto era muito simples e de higiene duvidosa. Tinha uma cama de casal com colchão duro, envolta por um mosquiteiro preso ao teto, e um criado-mudo. O banheiro servia os hóspedes dos três quartos do segundo andar, onde Oliver estava alojado. No primeiro andar havia mais três quartos e outro banheiro.

Pouco depois de fazer o check-in e tomar um banho, Oliver foi conhecer a vila. Além do hotel, havia dois botecos, um restaurante com uma esplanada que ocupava toda a calçada, uma oficina para consertar qualquer veículo que tivesse rodas, uma farmácia ao lado do posto de saúde, um banco e uma casa de venda e conserto de todo o tipo de eletrodomésticos. Havia ainda um supermercado e uma padaria que concorriam entre si, uma escola para crianças de todas as idades, o posto da polícia e o correio, uma cabeleireira e um barbeiro. Todas as lojas e casas estavam organizadas em torno da rua central que dividia a vila em duas metades, e mais adiante se transformava na estrada, que a ligava à cidade vizinha.

Em menos de uma hora Oliver tinha percorrido a vila, suscitando curiosidade por onde passava. As pessoas encaravam-no, sem timidez. Primeiro observavam-no, com olhos atentos, e depois cochichavam, tentando entender os motivos da sua presença ali. Oliver, indiferente à polêmica que estava gerando, sentou-se calmamente na esplanada do restaurante. Eram cinco da tarde. A esplanada ficava de frente para o correio, do outro lado da rua. Oliver tinha uma visão clara da porta do correio. Pediu uma água, com o português atravessado que se esforçava por aprender. Às seis horas, viu

Martha sair do correio e dirigir-se à escola, dois quarteirões acima. Oliver deixou uma nota de cinco reais debaixo do copo vazio. Era bem mais do que o suficiente para cobrir o valor das duas águas que tomara. Seguiu-a à distância, mantendo-se do lado oposto da calçada por onde ela caminhava, apressada.

Observou-a e tirou várias fotografias, discretamente, com o celular. Nesse momento alguns habitantes da vila começaram a achar que ele era um turista, mas as opiniões eram cada vez mais ecléticas: cada um dizia algo diferente. A única coisa sobre a qual todos concordavam era que ele era estrangeiro e rico.

Oliver viu Martha sair da escola com uma sacola pendurada no ombro e um bebê nos braços: ele movia as mãos agitado e ela ria. A criança teria cinco ou seis meses. Era difícil saber.

Oliver estranhou: não havia nenhuma referência à criança nos documentos com a nova identidade de Tereza Sampaio Elliot. Podia ser um engano: talvez aquela mulher não fosse Tereza. Continuou a segui-la. Ela foi à casa de uma senhora com os cabelos totalmente brancos, onde deixou o bebê, antes de voltar para a escola. Podia vê-la através da janela da sala de aula ensinando jovens e adultos de várias idades a usar os computadores. O perfil daquela mulher não coincidia com as informações que ele tinha: Martha não parecia alguém que se envolvera com a máfia russa e testemunhara contra o seu chefe, ou que tivesse tido uma vida sofisticada, como assistente de Miguel Besson. Tudo nela era simples: a forma como falava, as roupas e até o afeto com que tratara o bebê, que era seguramente seu filho.

No hotel, Oliver comparou as fotografias de Tereza, enviadas por Dimitri, com as de Martha, que tirara durante a tarde. Precisava estar seguro de que se tratava do seu alvo. A descoberta foi surpreendente: aquelas duas mulheres tão diferentes eram a mesma pessoa.

O ambiente da cidade estava tenso. Por precaução, Klaus deixou o hotel, para procurar Hans, levando os passaportes de ambos. Antes de se dirigir à polícia ou aos hospitais, Klaus fez uma busca a partir da Assembleia. Talvez Hans tivesse sofrido algum acidente.

Anoitecia quando viu dois homens sentados no banco da praça, por trás da Assembleia. Sob a luz dos candeeiros, reconheceu ambos: Hans e Besson, o mesmo homem que o salvara da última vez. Ficou atento: algo que acontecia uma vez podia ser um acidente, mas quando acontecia duas vezes

só podia ser intencional. Aproximou-se devagar, com o corpo tenso, se preparando para o pior. Olhou em volta para ver se havia mais alguém com Besson, mas era difícil perceber entre o frenesi das pessoas que estavam passando por ali, àquela hora.

— Besson. Não esperava voltar a vê-lo — anunciou tentando ganhar tempo.

— Peter. Ou devo chamá-lo de capitão Klaus Jürgen?

Os olhos de Klaus brilharam, enquanto ele avaliava rapidamente o que podia ter acontecido. Hans estava sentado na ponta do banco, com a cabeça tombada sobre o peito, como se dormisse, mas Klaus não sabia se ele estava vivo ou morto.

— Klaus. Acho que ganhou esse direito — respondeu com uma ponta de sarcasmo, consciente de que errara na avaliação que fizera de Besson. Agora tinha certeza de que ele atacara Hans da outra vez. — Ele está vivo?

— Claro. Quem pensa que sou? — questionou Miguel, com um ar jocoso. — Não se preocupe, ele vai acordar em breve. Eu estava à sua espera.

— Hans não lhe daria essa informação voluntariamente. Torturou-o?

— Não — respondeu Miguel, rindo. Agora que sabia quem eram, não sentia nenhuma simpatia por eles. — Não foi necessário. Hans Müller nem percebeu que estava me dando essa informação — afirmou Miguel, de forma enigmática. Klaus não entendeu o comentário.

— Como não percebeu? Hans não sabe o que lhe contou?

— Não. E você vai perceber que ele não tem nenhuma lembrança a meu respeito. Exatamente como da outra vez — avisou Miguel. — É uma pena que as memórias de Hans sejam tão limitadas. Ele é apenas um soldado: foi criado num regime militar, que fez dele um soldado de elite, juntamente com outros. Com exceção do seu impressionante treinamento militar, ele não sabe sequer a localização do seu quartel general. Muito interessante o secretismo que rodeia todas as atividades de vocês!

Klaus mantinha o olhar fixo em Miguel tentando descobrir como ele sabia de tudo aquilo se não havia forçado Hans a dizer-lhe. Miguel continuou falando:

— Hans tem grande admiração por você e faria de tudo para protegê-lo, mas, infelizmente, desta vez cruzaram com a pessoa errada. Fiquei sabendo que vocês têm como missão criar confrontos violentos em vários países, para permitir que os “puros” — Miguel sorriu brevemente, antes de enfatizar —, ou melhor, os arianos, voltem a dominar a Europa. Não ficou claro como isso

vai acontecer, mas talvez você possa preencher as lacunas que Hans deixou — convidou Miguel amigavelmente.

Besson era desconcertante. Klaus observou-o: ele parecia tranquilo, com os braços abertos apoiados nas costas do banco de madeira, como se estivesse admirando uma paisagem em vez de estar enfrentando um soldado de elite, treinado para matar. Era óbvio que ele não lhe diria como conseguiu arrancar todas aquelas informações de Hans. Klaus não tinha dúvidas de que precisava eliminar Besson: ele não podia saber tudo aquilo e sair ileso dali. Ainda não chegara o momento de revelar a existência do Quarto Reich.

Nesse instante Hans ergueu a cabeça e viu Klaus. Estava confuso. Levou alguns segundos tentando entender como chegara ali, mas não conseguia se lembrar. Olhou para Miguel e ele parecia familiar.

Klaus estava com as duas mãos dentro dos largos bolsos do confortável casaco de pele. No bolso direito, tinha os dedos em volta da pequena pistola Walther, adaptada com um silenciador. Os transeuntes que passavam não prestavam atenção aos três homens que pareciam conversar calmamente. Klaus se aproximou de Miguel e quando estava bem na frente dele, a uma distância de dois passos, puxou suavemente o gatilho. A bala saiu pelo bolso do casaco, com um estalido seco, quase inaudível, que se perdeu entre os ruídos da rua e o barulho persistente das sirenes. Besson manteve o olhar fixo em Klaus. Sentiu o impacto da bala no centro no peito. Foi inundado por uma sensação quente, um ardor. Piscou os olhos uma única vez, tentando entender o que acontecera. Baixou o rosto, confuso, e viu uma mancha de sangue se alastrando pela sua blusa de lã azul-clara, exposta sob o casaco aberto. Klaus afastou os olhos de Miguel, com indiferença, antes de se dirigir a Hans:

— Vamos.

Hans seguiu-o em silêncio, sem questionar. Miguel ficou sentado no banco do jardim, imóvel, com o olhar perdido no vazio, e a imensa mancha vermelha se espalhando no centro do seu peito, como uma rosa devagar se abrindo sob os auspícios da primavera.

William Temple havia se reunido com a sua equipe para explicar quais as medidas que salvariam a Europa da crise. Não se tratava apenas da Inglaterra, mas de toda a Europa, inclusive os países causticados do Sul. A equipe acompanhara a explicação em silêncio, vendo o Premiê possuído por uma espécie de epifania. Ninguém se atrevia a dizer nada que abalasse o

entusiasmo quase infantil de Temple. Deixaram-no falar e perceberam que quanto mais ele detalhava, mais verossímil se tornava o seu plano. O gabinete encheu-se de uma agitação febril, quase idêntica ao entusiasmo do primeiro-ministro quando a reunião começara. Discutiram, planejaram, arquitetaram. De repente, a Europa podia ser salva. O custo seria violento, mas, desta vez, quem iria pagar não era o povo e, sim, os bancos e os grupos econômicos que se haviam beneficiado com bilhões de euros e estavam empenhados em alimentar a crise para manterem seus lucros.

Temple sabia que aqueles planos iriam torná-lo popular aos olhos da população, mas odiado pelas corporações e pelos senhores do dinheiro. Mas ele não se importava.

Teria que começar por algum lado e como a burocracia para marcar uma reunião com os países membros era enorme, decidiu esperar pela cúpula seguinte, e testar o seu plano com a Inglaterra. A sua equipe trabalhou dia e noite para preparar um plano e submetê-lo à aprovação do governo.

O momento da votação foi o grande divisor de águas: os que aprovaram, estavam claramente empenhados em dar um novo rumo à economia, e os que votaram contra, defendiam os interesses das grandes corporações. Temple ficou chocado com o número de opositores: imaginou que fossem menos, mas pelos menos ficou sabendo quem eles eram. As propostas foram aprovadas por uma margem ínfima.

As medidas entraram imediatamente em vigor e o assunto era pauta constante na mídia. Em pouco tempo começou a notar-se uma tímida retomada econômica, com o florescimento de pequenas empresas, ofertas de empregos e o aumento da iniciativa privada — suportadas por políticas de incentivo do governo.

Tom Hogdson, colega e amigo íntimo de Temple desde os tempos de faculdade, era editor do conceituado jornal *The World* e escreveu vários artigos importantes sobre a retomada econômica, enfatizando o papel vital de Temple. A *pequena revolução inglesa*, como Temple lhe chamara, começou a ganhar credibilidade e aceitação mesmo antes da cúpula europeia, onde seria oficialmente apresentada e discutida.

Os meios de comunicação foram contagiados por certa dose de otimismo: em vez de abordarem as pequenas coisas negativas, transformando-as em problemas, como vinha sendo hábito, passaram a valorizar as pequenas coisas positivas, transformando-as em exemplos.

Elizabeth estava na cozinha, preparando o jantar com Alessia, quando sentiu uma pontada no peito. A dor tornou-se tão forte que ela lutava para respirar. Alessia tentou se aproximar, para ajudá-la, mas sentiu a mesma dor. Em segundos, Dib se juntou a elas na cozinha, com a mão sobre o peito, tentando se controlar.

Ninguém sabia o que era, mas algo terrível acontecera com Miguel. E parecia impossível: eles só podiam ser mortos em circunstâncias peculiares, por seres sobrenaturais ou quando se rendiam à morte. Dib telefonou para Seth.

— O que aconteceu? — perguntou Dib, sem se explicar, sabendo que Seth o entenderia.

— Também sentimos. Foi Besson — disse Seth, antes de justificar: — Separamo-nos no início da manifestação. Besson ficou na Assembleia, enquanto eu e Uchoa viemos para a Baixa. Havia vários focos de violência e evitamos várias mortes.

Dib estava consciente de que o saldo dos mortos não tinha sido maior devido às intervenções de Seth, Uchoa e Miguel.

— Vamos procurá-lo na região da Assembleia. Estou indo para lá — anunciou Dib, sem precisar falar sobre aquilo que era óbvio: se Miguel estivesse morto, o seu corpo iria se deteriorar. Era preciso protegê-lo e levá-lo para um lugar privado.

Elizabeth e Alessia viram Dib partir. Ficaram imóveis por alguns minutos, antes que Elizabeth começasse a chorar baixinho. Alessia abraçou-a. Era difícil aceitar e compreender o que estava acontecendo: por motivos diferentes, os Guardiões estavam sendo dizimados, um por um. E embora Miguel agora não fosse um Guardião, já havia sido um deles.

Naquele momento, Alessia percebeu a inutilidade da raiva que alimentara contra Miguel durante todos aqueles anos. E aquele sentimento começou a ceder, dando lugar ao arrependimento. Devia ter perdoado quando teve oportunidade. Agora o perdão também parecia inútil se Miguel estivesse morto.

Queiroz sabia que era o horário do jantar e as pessoas queriam descanso depois de um dia de trabalho. Mas ele já tinha ido ao apartamento dos Costa três vezes, sem conseguir encontrá-los.

Tocou a campainha e quando disse o nome pelo interfone ouviu o clique da porta. Certamente Leopoldina já tinha sido informada sobre ele pela sogra.

Subiu os seis andares e, ao sair do elevador, Leopoldina já o aguardava, com a porta do apartamento aberta. Perguntou se podia ver o distintivo e, só depois que o analisou, o convidou para entrar. Ofereceu café, mas Queiroz rejeitou depois de agradecer. Observou discretamente a sala: era pequena, mas os móveis embora não fossem novos estavam bem cuidados. Em frente ao sofá e à poltrona imitando couro marrom havia uma estante com a televisão e *souvenirs* de vários lugares, que causavam um estranho efeito de desordem.

Queiroz sentou-se na poltrona, e Leopoldina ocupou o sofá, aproveitando para baixar o som da televisão. Nesse instante, Costinha entrou na sala. Tinha acabado de tomar banho e estava com o cabelo molhado. Cumprimentou Queiroz, parecendo esperá-lo, exatamente como acontecera com Leopoldina, e sentou-se ao lado dela, explicando:

— A minha mãe contou que estava procurando por Leopoldina, por causa do bebê que foi sequestrado há mais de quarenta anos.

— Sim — concordou, voltando-se para Leopoldina. — Sei que passou muito tempo, mas a sua prima continua sem saber o que aconteceu. Isso é terrível para uma mãe.

— Eu sei — disse, com os olhos úmidos. Nunca deixara de ser assombrada por aquele dia. Arrependia-se de ter ficado com o bebê e culpava-se por tê-lo deixado sozinho.

— Conte-me o que aconteceu. Consegue lembrar-se?

— Nunca consegui esquecer — afirmou, olhando para as mãos apertadas, uma sobre a outra. Costinha pôs a sua mão sobre a da mulher. Queiroz percebeu que eles eram um casal unido, daqueles que se apoiam um ao outro.

— Posso gravar? — perguntou Queiroz, e antes que ela se assustasse, garantiu: — É só para eu não esquecer nenhum detalhe. Prometo que não vou usar para mais nada.

Ela consultou o marido com o olhar e depois de ver o seu gesto de anuência, concordou. Queiroz colocou o celular sobre a pequena mesa que ficava entre o sofá e a estante de televisão e começou a gravar a conversa. A voz dela era suave, mas deixava transparecer alguma ansiedade. O dramático incidente parecia continuar vivo dentro dela. Contou como tudo acontecera, e Queiroz não encontrou nenhuma novidade até ali.

— Quem você acha que entrou em sua casa? Tem alguma ideia? —

perguntou Queiroz, com a voz branda. Ela olhou para o chão e sacudiu a cabeça. Foi Costinha quem falou:

— Conte o que pensou, Leopoldina. O que nós pensamos, mas nunca dissemos por causa da sua mãe. Tire isso de dentro do peito — segurou a mão dela com mais firmeza antes de continuar: — Que mal pode ter? Já passaram tantos anos.

— Eu pensei que Leopolda, a minha irmã, era a única pessoa que podia ter entrado em casa e levado o bebê — confessou Leopoldina. — Um estranho não ia entrar em casa e levar o bebê durante os poucos minutos em que fui ao banheiro.

Aquilo ia ao encontro da teoria de Queiroz: ele achava que um conhecido da família é que levava o bebê. Tratava-se de alguém familiarizado com a casa e a vizinhança e cuja presença não levantava suspeitas.

— E nunca falaram das vossas suspeitas à polícia? — perguntou Queiroz

— Nunca dissemos nada a ninguém, mas o bairro todo falava que tinha sido Leopolda e que ela tinha até... — hesitou, antes de revelar a terrível suspeita: — matado o bebê.

— E por que a sua irmã faria isso? Roubaria o bebê e lhe faria mal?

— Talvez... porque não pudesse ter filhos.

— Como? — perguntou Queiroz, interessado, com os olhos vivos, ao escutar a notícia pela primeira vez.

— A minha mãe nos levou ao médico quando nos tornamos mulheres, sabe? E ele falou que ela não podia ter filhos — fez uma pausa, antes de explicar: — Talvez ela tenha roubado o bebê por ciúmes, ou para ficar com ele.

Queiroz achou que finalmente encontrara um motivo plausível para o sequestro.

— E o que aconteceu com Leopolda? Onde está agora?

— Depois que os meus primos, os pais de César, voltaram para o Pará, ela apareceu algumas vezes lá em casa, para pedir dinheiro à minha mãe, mas depois sumiu. Procuramos por ela, mas nunca achamos. Os meus pais morreram sem saber dela.

— Por que não foram à polícia? — quis saber Queiroz.

— O meu pai queria ir, mas a minha mãe achava que a polícia podia desconfiar que ela tinha levado o bebê, e iam prendê-la.

— E o que você acha que aconteceu?

— Que ela está morta. Ela começou a beber, sabe? Sempre gostou de

festas, sair com os homens... Nas últimas vezes que viu os meus pais estava sempre bêbada. Só queria dinheiro para ir beber mais — contou Leopoldina, aparentemente pacificada com o desaparecimento da irmã. Aquilo que a corroía era o bebê, e não o destino da irmã.

— Você acha que a sua irmã podia machucar o bebê se o tivesse levado?

— Não sei. Eu e ela não nos dávamos. Ela era muito egoísta e quando aprontava sempre mentia para parecer que eu é que tinha aprontado — contou Leopoldina.

— Ela tinha algum namorado?

— As pessoas diziam que sim. Mas ela estava sempre mudando de namorado.

— Sabe se havia algum lugar aonde ia habitualmente, ou se tinha alguma amiga?

— Não — respondeu, sacudindo ligeiramente a cabeça.

Queiroz percebeu que Leopoldina não sabia mais nada que pudesse ajudá-lo. Agradeceu a disponibilidade do casal e despediu-se. Enquanto voltava para casa, desenvolveu uma teoria.

Quando Dib viu um homem imóvel no banco de jardim, reconheceu a silhueta inconfundível de Miguel. Seth e Uchoa já estavam lá. Dib sentou-se ao lado de Miguel, observando-o: ele estava com os braços abertos, apoiados sobre o encosto do banco de madeira, e um grande círculo escuro manchava a sua blusa de lã clara. Dib mediu a pulsação dele, mas não conseguiu senti-la. Uchoa e Seth se mantinham imóveis, aguardando as ordens de Dib. Ele pensou por alguns segundos, tentando entender como alguém podia ter baleado Miguel e causado tanto dano. Não fazia sentido, a não ser que houvesse algo sobrenatural que estivesse escapando. Dib afastou-se e fez um sinal para que Uchoa e Seth levassem Miguel até o carro, apoiado neles.

Em casa, puseram Miguel na cama. Estavam todos em volta dele. Elizabeth chorava, vendo-o pálido e imóvel. Dib, ponderado como sempre, havia-se debruçado sobre o assunto desde que encontrara Miguel. Pediu:

— Precisamos tirar a roupa dele e ver se a bala ainda está no seu corpo.

— Besson devia ter expelido a bala — comentou Uchoa, despindo o casaco e a blusa de Miguel, ajudado por Seth.

— Sim, deveria — confirmou Dib, antes de se voltar diretamente para Elizabeth e dizer, com firmeza: — Você não está ajudando. Eu sei que está

acontecendo muita coisa ao mesmo tempo com você, Elizabeth, mas precisamos nos manter calmos, para encontrarmos uma solução. E eu preciso de você para isso.

Ela moveu a cabeça, concordando, e tentando engolir as lágrimas.

Dib analisou o peito nu de Miguel. O buraco negro estava exatamente sobre o coração. Sentou Miguel e avaliou as suas costas: não havia ferimento de saída. A bala continuava dentro do seu peito.

— Temos que tirar a bala. Talvez depois ele consiga se regenerar — anunciou Dib, colocando as mãos sobre o peito de Miguel. O quarto foi invadido pelo silêncio enquanto ele se concentrava. Fechou os olhos, respirou fundo e ficou imóvel por vários minutos. Finalmente, Dib abriu os olhos devagar, focando-os em Miguel. Assoprou nas duas mãos, posicionadas em forma de conchas, esfregou-as uma na outra e pousou-as sobre o ferimento aberto. Manteve as mãos ali por dois ou três minutos, arrancando a bala com delicadeza, para evitar ferir mais o coração de Miguel. Quando afastou as mãos, tinha a bala na palma direita. Manteve-se ao lado de Miguel, esperando que ele retornasse, mas nada aconteceu. O ferimento não se regenerou como seria normal.

— Precisamos fazer um ritual de cura, para ganhar tempo, até descobirmos como fazê-lo melhorar — avisou Dib. Posicionaram-se em volta de Miguel, com as mãos erguidas em direção ao corpo e as palmas voltadas para baixo. Entoaram um antigo cântico herdado dos seus antepassados cátaros. O ferimento começou a fechar muito devagar. Miguel aspirou uma lenta golfada de ar, parecendo retornar à vida, mas continuou imóvel, como se estivesse em coma profundo. Dib colocou a mão sobre o seu peito e sentiu o coração batendo suavemente. Sabia que aquilo iria mantê-lo vivo, mas por pouco tempo.

Elizabeth ficou ao lado dele, segurando a sua mão. Miguel mantinha a sua beleza elegante: parecia estar dormindo. Dib havia colocado uma coberta de algodão sobre ele, mas Elizabeth podia ver os ombros perfeitos e os braços bem modelados. Recordou os momentos em que se rendera aos seus encantos. Ela sentiu as lágrimas correrem livremente por suas faces. Estava perdendo todos os homens que amara: primeiro o pai, depois Daniel e agora Miguel — ambos presos num mundo desconhecido, sem que ninguém pudesse ou soubesse como trazê-los de volta.

A proposta de Dieter para que Rolf Merten assumisse o lugar de Kùchler na Sociedade do Dragão Verde encontrou resistências entre os membros mais tradicionalistas. Finalmente, após muita discussão, Rolf foi aceito entre os Dragões, infringindo uma regra de duzentos anos. Mas o preço que ele havia pagado para conseguir aquele lugar tinha sido muito elevado: ele havia prejudicado a Europa e esperava que suas atitudes fossem recompensadas.

Quando William Temple começou a despontar na imprensa como o líder que iria resgatar a Europa, a Sociedade não se preocupou. Mas Rolf alertou-os para o perigo, afirmando que se o premiê continuasse com a *pequena revolução inglesa*, seria catastrófico. Previu o alinhamento dos países europeus e a perda de controle da economia por parte do grupo JKW. Afirmou que a *pequena revolução inglesa* significava a retomada econômica e a perda da liderança alemã. Todos os seus vaticínios começaram a se concretizar com uma rapidez assombrosa. E duas atitudes emergiram entre os membros da Sociedade: a primeira foi o reconhecimento e aceitação de Rolf na Sociedade, e a segunda foi a decisão de protegê-lo, porque ele era, agora, o coração palpitante da economia alemã. Rolf estava se transformando no precursor que Dieter desejava, uma espécie de João Batista que precederia e anunciaria a chegada do *Fùhrer* do Quarto Reich.

E foi assim que Rolf ouviu, impávido, a discussão que levaria à sentença de morte do primeiro-ministro inglês. Quando perguntou como isso seria feito, foi Dieter quem lhe respondeu, de modo breve:

— É melhor não se envolver nas questões operacionais. Deixemos isso para Halder.

Rolf avaliou atentamente o general, compreendendo que o planejamento para a ascensão do nazismo já alcançara os militares, através de seus longos braços mortais.

8. Ajuda silenciosa

O silêncio desintegra as ameaças, dissolve os malefícios. É a primeira defesa contra as agressões dos outros, dos estranhos, dos não humanos.

J. M. G. Le Clézio (1940)

Oliver preferia usar armas de longo alcance em que não tinha contato com a vítima. Apertava o gatilho e o tiro, certo, terminava tudo em segundos, sem sofrimento. Por isso, as alternativas para assassinar alguém pareciam menos piedosas. Mas, naquela vila quase selvagem, rasgada à força no meio da floresta, qualquer acontecimento iria criar burburinho. Crimes em lugares pequenos geram muita emoção e curiosidade.

Sempre que Oliver precisava agir em circunstâncias similares, recorria aos seus conhecimentos de química e fazia com que a morte fosse provocada por algum problema de saúde. A simulação de ataque acardíaco era mais comum, mas Martha parecia demasiado saudável para isso. Porém, antes de optar pelo método para assassiná-la, Oliver decidiu garantir que a criança não ficaria abandonada depois da morte da mãe. Tentou falar com Miguel Besson para lhe revelar a existência do bebê. Talvez o pai fosse o amigo de Besson, que se apaixonara por Tereza. Mas Miguel não retornou os seus telefonemas e Oliver só compreendeu o silêncio anormal quando Alessia lhe contou que ele sofrera um acidente, e o seu estado era grave. Oliver decidiu esperar, pelo menos até saber se conseguiria falar com Miguel para discutir o destino da criança. Oliver não tinha pressa: estava aproveitando aquele tempo para aprender português, conhecer e catalogar as plantas da região. Aos poucos, as

peessoas começaram a vê-lo como um homem de estudo e ele passou de turista a cientista.

Miguel continuava sem reagir. Elizabeth mantinha-se ao lado dele, vigiando a palidez inerte. A boa notícia era que o ferimento estava quase cicatrizado, mas o processo tinha sido muito lento e se arrastado ao longo de vários dias.

— Vá descansar — disse Dib. — Eu passo a noite com ele.

— Não. Eu quero ficar aqui.

— Não pode continuar salvando Besson dessa forma — avisou Dib, revelando que sabia o que estava acontecendo: Miguel se mantinha vivo porque ela o estava suprindo com a sua própria energia. — Eu vou ajudá-lo esta noite. Agora vá descansar.

Ela se deixou convencer. Estava cansada e enfraquecida. Sentiu as pernas fraquejarem quando se levantou e Dib teve que ajudá-la, para evitar que perdesse o equilíbrio.

— Coma alguma coisa — aconselhou Dib. Quando Elizabeth saiu, ele fechou a porta à chave e sentou-se ao lado de Miguel. Pôs as suas mãos sobre ele e transferiu lentamente a sua poderosa energia. Passara as últimas horas meditando e se preparando para aquele momento, ao contrário de Elizabeth, que fizera aquilo sem treinamento ou preparação.

Minutos depois, Miguel abriu os olhos devagar e fixou-os em Dib. Estava confuso.

— Besson, você foi ferido, com uma bala no coração — informou Dib. Miguel fechou os olhos, como se tentasse lembrar o evento de que Dib falava.

— Sei — respondeu baixinho, com o olhar escuro e irreconhecível.

— Eu tirei a bala, mas você não está se regenerando. O que precisamos fazer?

Miguel ficou em silêncio, mantendo os olhos fechados, por alguns segundos.

— Besson? — chamou Dib, segurando o pulso dele para avaliar os batimentos cardíacos. — Tudo o que estamos fazendo é paliativo. Você tem pouco tempo. Diga-me o que fazer.

— O Punhal das Almas — disse Miguel, abrindo de novo os olhos. Ambos sabiam o que aquilo significava: Miguel precisava absorver uma alma para

sobreviver. E devido ao seu intenso estado de fraqueza, talvez uma só pessoa não bastasse para regenerá-lo e devolver o vigor de que necessitava.

— Descanse um pouco — respondeu Dib. Besson mergulhou num sono suave. Dib já havia considerado aquela possibilidade, e agora que sabia como salvar a vida de Besson, precisava tomar uma decisão difícil: deixá-lo morrer ou ajudá-lo a matar outro ser humano.

Aquela era uma situação que Dib não podia partilhar com ninguém: ele era o líder e precisava fazer a difícil escolha entre a vida de Miguel e a de outra pessoa. E as duas vidas se equiparavam: uma não era mais importante que a outra, segundo os preceitos da Ordem. E o respeito à vida era o primeiro princípio da Ordem. O correto seria deixar Miguel morrer. Mas, do ponto de vista da manutenção e sobrevivência da Ordem, Miguel era importante.

Apesar das duas últimas cúpulas terem sido marcadas por discussões intensas, aquela, mesmo antes de começar, prometia debates e controversas ainda maiores. Mais uma vez, havia duas posições claramente demarcadas: a inglesa e a alemã.

A Alemanha começou com uma proposta de sanções contra a Inglaterra por ter infringido várias das medidas aprovadas pela Comunidade. Alguns países vetaram a proposta alemã e avançaram com uma contraproposta para que a Inglaterra liderasse um plano de mudanças. O debate resvalou para questões constitucionais e o que a lei permitia ou não. Mas o que ficou claro foi que ninguém queria seguir a liderança alemã, e todos desejavam mudanças na economia. Mudanças com impacto imediato, como estava acontecendo com a Inglaterra.

No final daquele primeiro dia, Rolf Merten dirigiu-se ao primeiro-ministro inglês para se despedir. Não era um gesto normal entre os dois. Só costumavam se cumprimentar no primeiro e no último dia das reuniões, e, além disso, haviam brigado furiosamente, como cão e gato. Apesar do comportamento atípico de Rolf, o premiê inglês apertou a mão do colega alemão. Foi então que sentiu a aspereza do papel contra a sua pele. Rolf encarava-o fixamente, com o rosto sério. Naquele instante estava arriscando a vida para lhe entregar aquele bilhete e contava com a brilhante inteligência de Temple para que compreendesse o que estava acontecendo. Temple soltou a mão e deu um vago aceno de cabeça, mantendo a sua fleuma britânica, sem se abalar. Afastou-se de Rolf com a mão ligeiramente fechada para manter o

bilhete colado à palma e evitar qualquer desconfiança por parte de alguém que os pudesse estar observando.

Quando chegou ao seu quarto de hotel, pôs a mala sobre a mesa e abriu o bilhete. Tomou um choque, como se alguém o tivesse agredido. Levou alguns segundos para assimilar a mensagem. Leu de novo a frase curta, em inglês, com seu vaticínio mortal: *They are going to kill you*. Questionou-se sobre quem poderia querer assassiná-lo, sentindo o coração pulsar mais rápido. Respirou fundo, antes de pegar o celular e ligar para o seu chefe de segurança. As suas mãos tremiam.

— Senhor primeiro-ministro — respondeu Bradford, o chefe dos quatro seguranças, surpreso com o contato. Temple nunca lhe tinha telefonado.

— Recebi uma ameaça... de morte — informou, de supetão.

— Estamos indo, senhor.

Temple desligou o celular. Antes de pôs-lo sobre a mesa, ao lado da sua pasta, bateram à porta com os nós dos dedos. Reconheceu o tamborilar familiar das batidas na porta e tranquilizou-se com a rapidez dos seguranças. Não era habitual que eles estivessem no corredor, porque aquela área era segura, e nenhum visitante subia sem autorização. Temple calculou que deviam ter subido, pouco depois dele, no outro elevador. Ouviu novas batidas na porta, com o código dos seus seguranças: duas batidas suaves com os nós dos dedos, um intervalo, uma batida, um intervalo e mais duas batidas. Dirigiu-se à porta e espreitou pelo olho mágico. Reconheceu Angus, um dos seguranças, e abriu a porta para deixá-lo entrar. Ele entrou, olhou em volta, e perguntou:

— Está tudo bem, senhor primeiro-ministro?

— Sim.

Por segundos o segurança manteve-se imóvel, escutando a mensagem que chegava pelo seu auricular. Depois respondeu, para um microfone invisível:

— Estou com o primeiro-ministro. Está tudo sob controle.

Temple deduziu que ele devia estar se comunicando com o Bradford.

— Está sozinho, senhor? — perguntou Angus, observando atentamente o premiê.

— Sim, claro que estou sozinho — respondeu aborrecido, sem entender que raio o segurança estava querendo insinuar.

— Ótimo. — Levou a mão ao coldre e tirou a arma. Encaixou o silenciador e começou a rodá-lo rapidamente na ponta da arma, mantendo os olhos fixos em Temple. Ele levou um centésimo de segundo para entender o gesto e

descobrir que um dos seus seguranças era também o seu assassino. Sentiu as mãos suadas e a boca seca. Todos os músculos do seu corpo pareciam ter sido esticados até o limite. Precisava ganhar tempo para pensar numa saída.

— Por que vai me assassinar? — perguntou com seu estilo pragmático, lutando para que a sua voz não traísse a ansiedade que o dominava. No seu olhar não havia resquícios de medo.

— Não me foi comunicado, primeiro-ministro — respondeu calmo, mantendo um tratamento cortês até o final. Ele gostava de Temple. Considerava-o um homem correto, justo e muito educado. Infelizmente estavam em campos políticos opostos.

— Mas acredito que seja por sua posição contra a Alemanha — explicou o assassino.

Angus estava a poucos passos de Temple. Com gestos precisos apontou a arma para a cabeça do primeiro-ministro, enquanto fixava nele o seu olhar frio. Temple estava sem saída. O silêncio era tão intenso que conseguia ouvir a sua respiração se tornando mais rápida.

Nesse exato instante a porta do quarto escancarou-se com estrondo. Angus hesitou um milionésimo de segundo antes de atirar no primeiro-ministro, e se voltar para enfrentar os invasores. Temple, aproveitando a breve hesitação do assassino, moveu-se para a direita. Mas a bala foi mais rápida e atingiu-o em plena queda. O premiê caiu no chão, com um ruído seco. Na porta, Bradford acompanhado dos outros dois seguranças, miravam o assassino com as armas empunhadas. Bradford falou para o segurança à sua esquerda, sem desviar o olhar do assassino:

— Veja o premiê e chame os paramédicos.

O segurança tentou se mover lentamente em direção a Temple enquanto chamava os paramédicos. O assassino deu dois passos para trás, de modo a aumentar o seu campo de visão, e ver todos os integrantes que estavam no quarto.

— Não se mexa — Angus ordenou ao segurança que tentava aproximar-se do premiê caído no chão. O segurança se imobilizou, por um momento, obedecendo à ordem do assassino. O tempo parecia se arrastar dentro do quarto.

Era difícil saber a gravidade do ferimento de Temple, oculto sob o casaco, mas uma mancha vermelha se alastrava, tingindo a parte visível da camisa, e começando a manchar o carpete.

— Precisamos ver como ele está — pediu Bradford.

— Está morto — anunciou o assassino, antes de perguntar ao chefe de segurança: — Por que veio se eu disse que estava tudo sob controle?

— Exatamente por isso, e porque não deveria estar aqui. Agora, solte a arma — pediu Bradford, mudando de estratégia, e apontando a arma diretamente para a cabeça do assassino. Embora não quisesse matá-lo, porque ele seria mais valioso vivo do que morto, o tempo estava se escoando e a sua prioridade era salvar a vida do primeiro-ministro.

— *Nein* — rejeitou o assassino, em alemão, com voz forte, revelando, pela primeira vez, um indício de sua origem.

— Solte a arma — pediu de novo Bradford, enquanto o segurança da esquerda dava mais um passo em direção ao primeiro-ministro, e o da direita avançava um passo em direção ao assassino. A pressão aumentava a cada segundo. A porta continuava aberta, mas não havia como o assassino chegar lá. Ele sabia que aquela era uma missão suicida. Tinha sido treinando para dar a vida pela sua causa. Ouviu vozes se aproximando no corredor. Calculou que eram os paramédicos. Fixou o olhar em Bradford e atirou. O chefe de segurança jogou o corpo para a direita ao mesmo tempo em que atirava em Angus. O segurança ao seu lado também atirou. O assassino tombou, bruscamente atingido por duas balas, ambas letais: uma na cabeça e outra no peito.

Bradford se aproximou, finalmente, do premiê. O segurança já tinha aberto o casaco e estava pressionando o ferimento com uma das mãos.

— Está vivo. A bala atingiu-o no ombro, próximo da clavícula — avisou o segurança, enquanto Bradford era dominado por uma sensação de alívio ao medir as pulsações no pescoço de Temple, antes dos paramédicos entrarem no quarto e dominarem a situação.

Bradford, sangrando do braço esquerdo, onde a bala de Angus o atingira, telefonou para o MI6, informando sobre a tentativa de assassinato. Aquele era um telefonema que jamais esperara fazer.

Os paramédicos levaram William Temple para o hospital, acompanhado dos seus seguranças e de dois agentes do MI6. Entretanto, outros dois agentes secretos selaram o quarto de Temple.

As horas passavam e Dib precisava fazer uma escolha antes do sol raiar, para que a noite o ajudasse a ocultar os rastros do crime, se decidisse ajudar Besson. Eram duas e meia da manhã quando tomou a decisão drástica de

preservar a Ordem ao preço de uma vida. Assegurou-se de que todos estavam dormindo, antes de se dirigir ao quarto de Besson procurar o Punhal das Almas. Encontrou-o envolto em sua proteção de veludo azul-escuro. Em seguida energizou Besson, até ele ficar suficientemente forte para caminhar, e entregou-lhe o Punhal.

— Obrigado — agradeceu Miguel, em voz baixa.

— Precisamos ser rápidos. Você não tem energia suficiente.

Miguel anuiu com a cabeça e vestiu-se.

— Vou com você — Dib anunciou.

Miguel olhou-o, em silêncio, sabendo que Dib estava quebrando os preceitos da Ordem para ajudá-lo.

— Temos que ir. Você tem pouco tempo — disse Dib, tentando apressá-lo.

Dib abriu a porta do quarto e os dois atravessaram silenciosamente o corredor e saíram de casa. Dib temia que algum dos Guardiões os visse e ele precisasse explicar que passara horas elevando a sua energia para estabilizar Besson e permitir que fosse se alimentar de uma alma humana. Miguel não tinha a sua agilidade habitual. Tudo parecia acontecer em câmera lenta, como se a qualquer instante os seus movimentos pudessem paralisar de novo.

— Sabe para onde vamos? — perguntou Dib, caminhando ao lado de Miguel.

— Acho melhor irmos para a zona ribeirinha. Mas vamos pelas ruas menos movimentadas. Pode surgir uma oportunidade... — disse, revelando o seu lado negro de caçador de almas. Meia hora depois, quando atravessaram uma rua menor, bem próximo do rio Tejo, Miguel viu um homem solitário. Disse entredentes:

— É melhor não ver isto.

Dib não respondeu e manteve-se firme, ao seu lado. Viram o homem se aproximando. Pela silhueta, era alto e atlético. Quando estavam a dois passos dele, Miguel deixou escorregar o punhal que trazia na mão, oculto na manga do casaco, e segurou-o pelo cabo. Se os sentidos de Miguel estivessem equilibrados, ele teria reconhecido o jovem e não teria cometido o erro de atacar uma vítima maior do que ele estando tão enfraquecido. Mas, a cada segundo, a sua vida se escoava e o desespero tomou conta dele: quando ergueu o braço para enfiar o punhal no peito do homem musculoso, ele esquivou-se com agilidade e atacou Miguel com uma faca. A lâmina entrou no ventre de Miguel, sem resistências. Miguel se dobrou, assim que a lâmina chegou ao fundo, parada pelo cabo da faca, e o atacante a puxou para fora

com um gesto enérgico, fazendo um rasgão enorme no seu abdômen. Miguel sentiu os joelhos dobrarem e a vida se esvaindo pelo ferimento, juntamente com uma parte do intestino, que ele tentava manter dentro de si, com as mãos molhadas de sangue.

O atacante se voltou rapidamente para Dib, tentando continuar a sua agressão, mas ele já o aguardava: com uma mão parou o movimento do braço que empunhava a faca, e com a outra o golpeou violentamente no pescoço, com a parte posterior da palma aberta. A força e precisão do ataque fizeram o homem tombar imediatamente no chão, desmaiado. Dib posicionou o corpo do jovem ao lado de Miguel e apanhou o Punhal das Almas que ele deixou cair quando foi ferido.

Miguel continuava de joelhos, com as duas mãos pressionando o abdômen. Dib pegou a mão direita de Miguel e ajudou-o a segurar o punhal. Com a sua mão envolvendo a de Miguel, ajudou-o a erguer o braço e guiou-o, para que perfurasse o peito do homem deitado ao seu lado. No instante em que o punhal entrou no peito e capturou a alma do jovem, a esmeralda brilhou, com sua luz intensa e branca. Dib ajudou-o a tirar o punhal do corpo inerte e orientou a mão enfraquecida de Miguel para o ferimento exposto. Assim que o Punhal tocou no sangue de Miguel, a luz entrou pelo corte, como uma descarga elétrica, e regenerou-o. O choque foi muito violento para Miguel, completamente fragilizado, e ele ficou imóvel durante vários minutos absorvendo a quantidade enorme de energia que entrara no seu corpo. Dib ouviu vozes e risos ao longe, e avisou:

— Besson, precisamos ir. Vem gente aí — Miguel não respondeu e continuou imóvel. Dib ouviu as vozes se aproximando. Olhou para o início da rua e viu quatro vultos caminhando na direção deles. Dib segurou o braço de Miguel e sacudiu-o com força.

— Besson — Miguel levantou o rosto e os seus olhos tinham recuperado o brilho dourado. Dib não conseguiu evitar um leve sorriso. Mesmo ao preço de uma vida, estava feliz por Besson estar bem. — Temos que ir.

— Não se preocupe — respondeu Besson, erguendo-se rápido. Dib seguiu-o e, em segundos, desapareceram com uma rapidez incomum, deixando o corpo do jovem tombado na calçada.

Desafiando todos os conselhos dos seus médicos e seguranças, o primeiro-ministro inglês compareceu à cúpula, que havia sido adiada por um dia, por

questões de segurança. Ainda não eram oito da manhã quando a sua entrada na sala foi ovacionada de pé pelos representantes europeus que estavam presentes.

A mídia considerava Temple o herói dos tempos modernos, uma espécie de Robin Wood que negara ceder às pressões econômicas das poderosas e implacáveis corporações para salvar o povo. Ele saiu fortalecido daquele incidente, conquistando um enorme espaço entre as lideranças europeias e cativando os olhos do mundo.

Analistas mais arrojados começaram a desenvolver teorias da conspiração, associando a tentativa de assassinato do premiê com os grupos econômicos que não queriam ver seus lucros e interesses diminuídos. Se alguém tentara assassinar Temple, era porque ele estava no caminho certo, incomodando gente muito importante.

Naquele último dia da cúpula, Temple propôs que os países reavaliassem as suas dívidas e preparassem pacotes de renegociação associando diminuição dos juros, investimentos na economia, aumento da produção e diminuição do desemprego. Estava provado que só a austeridade e os cortes não resolviam a crise. No final do discurso, fez uma pausa estudada e esboçou um sorriso suave, antes de perguntar:

— Os senhores já imaginaram o que aconteceria se todos os países se unissem, declarassem falência e se negassem a pagar mais parcelas da dívida, sem uma renegociação? A questão é, como sempre foi, a necessidade de união, em torno de propostas direcionadas para salvar a Europa, cortando os lucros bilionários dos grandes grupos e bancos.

Temple foi ovacionado de pé, pela segunda vez no mesmo dia. Qualquer coisa que fosse dita após aquele discurso de fé, com promessas de salvação, não teria impacto, por isso Rolf optou pelo silêncio, consciente de que as palavras de Temple agitariam os Dragões, por ameaçarem os seus interesses de hegemonia econômica e política. Ele sabia que Temple chegaria àquela proposta, mas não imaginou que acontecesse de modo tão rápido. Ambos tinham consciência de que Temple estava capitalizando o atentado para promover as suas ideias e diminuir as resistências da plateia.

Quando chegou o momento de se despedirem, Temple passou um bilhete a Rolf, usando a mesma estratégia que o alemão usara antes, para salvar a sua vida.

Rolf abriu o bilhete no avião, de volta para Berlim, após assegurar-se de que estava sozinho. Sorriu ao ler: *Thank you very much for both: the warning*

and the pendrive.

Temple nunca imaginou que Rolf era responsável pelo pendrive, até receber o bilhete que o salvara. Foi então que entendeu que Rolf não era, na verdade, o seu maior inimigo, mas o seu maior aliado. E estava arriscando a sua vida para fazer aquilo.

Miguel e Dib estavam preparando o café da manhã quando Alessia entrou na cozinha. Por alguns segundos ficou surpresa, em silêncio, olhando alternadamente para cada um deles. Miguel foi o primeiro a falar, aproximando-se dela e beijando-a no rosto pela primeira vez em centenas de anos.

— Bom dia, Alessia.

Ela recebeu o beijo com frieza, antes de perguntar:

— Vai explicar como melhorou de repente, quando durante dias ninguém sabia como fazê-lo retornar à vida?

Antes que Miguel tivesse oportunidade de responder, Elizabeth entrou na cozinha e, ao vê-lo de pé, junto da mesa, correu para ele e abraçou-o, dizendo:

— Fui ao seu quarto e estava vazio... Estou tão feliz — Miguel abraçou-a com ternura, lembrando-se da sensação de tê-la nos braços.

— Há muito tempo que não tenho uma recepção tão calorosa. Preciso fazer isto mais vezes — disse Miguel, sorrindo.

Antes que ela respondesse, Seth e Uchoa chegaram e tiveram a mesma reação de espanto que Alessia expressara minutos antes.

— Besson! — exclamou Seth. — Como é possível que tenha se recuperado tão rápido?

— Eu explico — disse Miguel, soltando Elizabeth para sentar-se à mesa. Serviu-se de uma xícara de chá e adicionou uma porção generosa de creme de leite. — Dib me ajudou a recuperar, permitindo que eu absorvesse alguma da sua energia. Na verdade acho que todos fizeram isso, em algum momento. Você também, Elizabeth. E eu quero agradecer, porque é graças a vocês que estou aqui agora.

— Mas isso não foi suficiente para você ficar bem — constatou Uchoa, com olhar atento.

— Não. Quando fui ferido, o meu nível de energia estava muito baixo. Vocês sabem o que preciso fazer para ficar bem — fez uma pausa, antes de

continuar explicando, para dar tempo de todos formularem suas próprias teorias e a realidade parecer menos chocante, se é que isso era possível: — Eu evitei repor a minha energia durante o máximo de tempo possível, e isso quase me custou a vida. Esta noite, depois de Dib me ajudar, eu saí e absorvi uma alma.

Elizabeth apertou a mão dele, com ternura:

— Se não fizesse isso teria morrido, Miguel.

— Eu sei, mas isso não torna o gesto mais aceitável. Apenas justificável. Também sei que estou violando o primeiro princípio da Ordem. Por isso acho melhor não falarmos sobre o assunto, para que sejam protegidos da minha atuação. Só não queria mentir.

Alessia olhou-o como se o estivesse vendo pela primeira vez: talvez a sua resistência a Miguel a tivesse impedido de vê-lo como ele era. Talvez ele estivesse realmente mudado. Miguel notou o olhar dela e soube que estava vencendo a sua última resistência na Ordem. Agora precisava apenas criar uma oportunidade para falar com ela e resolver as questões que se arrastavam entre eles por tantos séculos. Tinha certeza de que ela o escutaria.

Elizabeth também o olhou com admiração. E Miguel sentiu-se grato por isso. Tinha prometido a Daniel que cuidaria dela, mas continuava a amá-la e oscilava entre a promessa e a tentação de voltar a seduzi-la.

Miguel não queria arruinar aquele momento de boas-vindas, mas precisava falar sobre o que havia descoberto pouco antes de ter sido baleado. Disse para Dib:

— Nós temos que falar sobre o que está acontecendo na Europa.

— Você descobriu alguma coisa? — perguntou Dib.

— Sim... — respondeu Miguel.

Dib também desejava avaliar a situação europeia. E esse seu desejo havia sido despoletado pelo atentado ao premiê inglês. Dib estava incomodado com o incidente e tinha certeza de que o mesmo acontecera com os outros Guardiões. Agora que Miguel melhorara, podiam voltar de novo a sua atenção para os assuntos mais mundanos.

— Vamos conversar na sala, depois do café da manhã — anunciou Dib, querendo que terminassem a refeição com tranquilidade.

O general Rudolf Halder, um dos doze eleitos do Quarto Reich, atendeu à reunião de urgência. Sabia do que se tratava: era sobre a sua atuação.

Ele não se envolvia nas discussões conceituais ou no planejamento financeiro. Para Halder havia uma clara divisão de tarefas, e as questões militares eram da sua exclusiva responsabilidade. Ele não admitia interferências, exceto de Dieter. Mas aquele dia estava sendo péssimo: o fracasso do assassinato de Temple e a perda de dois dos seus soldados tinham minado o bom humor.

Horas antes Klaus Jürgen informara-o do assassinato de Hans, em Lisboa. Parecia tratar-se de uma briga com dois rufiões, mas não havia pistas. Provavelmente seria mais um daqueles crimes urbanos, sem solução. O general detestou ter perdido um soldado de forma tão estúpida.

Naquele momento, Halder escutava o novo membro do grupo, Rolf Merten, recém-chegado da cúpula europeia, descrevendo rapidamente a ascensão do primeiro-ministro inglês. E a conclusão era simples: em vez de eliminá-lo, haviam-no fortalecido.

O general espumava de raiva: os seus intensos olhos azuis pareciam duas nesgas frias no rosto bronzeado pela exposição regular ao ar livre. Era sabido que ele gostava de se envolver pessoalmente no treinamento da sua tropa de elite. Conhecia bem Angus, o soldado que estivera infiltrado entre os ingleses durante anos, esperando ser convocado para servir a Alemanha. E lamentava a sua morte, mas soldados eram treinados para dar a vida, e o que Halder realmente lamentava era o fato de Temple não ter sido assassinado e eles terem perdido o elemento surpresa. A partir daquele instante, a segurança em volta dele e da família aumentara, e com o MI6 envolvido, seria difícil outra oportunidade para eliminar o *obstáculo*, que era como Dieter passara a chamá-lo.

Heinrich Koch, o presidente da Sociedade, propôs delicadamente, tentando evitar a impressão de que estava interferindo na área de atuação de Halder:

— Talvez possamos recorrer a um assassino profissional, em vez de sacrificarmos os nossos homens tão cedo. A hora de derramar sangue pela Alemanha chegará.

— Qual a sua proposta? Exatamente — questionou Halder, com a sua habitual secura.

— Ouvi falar de um assassino infalível — anunciou, fazendo com que todos se fixassem nele. — Quando Dieter pediu que indagássemos sobre a Lança do Destino, falei com Dimitri Sergeevich. E durante a nossa conversa ele me confidenciou que conhecia alguém que fazia *serviços especiais* — frisou devagar, antes de se justificar: — Sabem que sou um homem

previdente e acho que informações como essas são sempre úteis.

— Para fazer uma conversa assim, suponho que deve ter uma relação muito próxima com esse Dimitri Sergeevich. Não? — inquiriu Dieter astutamente.

— Sim. Dimitri é um homem de grandes recursos, capaz de localizar qualquer objeto de arte. De vez em quando, eu compro uma peça — respondeu com ar displicente.

— Você confia nele? — perguntou o homem que estava sentado à sua esquerda.

— Confio. Recentemente ele foi preso e não entregou nenhum dos seus clientes. É tão cuidadoso que não tem um único registro em papel.

— E como se chama esse assassino? — quis saber Halder.

— Chama-se Oliver Bassan — disse, depois de pesquisar no celular. — É a única forma de contatá-lo é por meio de uma caixa postal em Londres.

— Então ele é inglês? — perguntou Dieter.

— Suponho que sim. Isso é ótimo, não é? — perguntou Heinrich.

— Não sei. Contratar um inglês para matar o seu premiê pode não ser a melhor ideia — disse um dos participantes da reunião. — O que acha, general?

— Um assassino não tem escrúpulos. Mata por dinheiro — respondeu Halder, antes de pedir para Heinrich: — Dê-me o contato.

Heinrich Koch pegou o bloco que estava na mesa, à sua frente, arrancou uma folha e anotou com a sua letra miúda e espremida o nome de Oliver e a caixa postal, e ao entregar a informação a Halder, avisou:

— Dimitri disse que ele pode demorar a responder.

— Por quê? — estranhou Halder, desconfiado.

— Ele só tem esse contato. E pode estar fora do país. Responde apenas quando retorna das suas viagens — justificou Heinrich. Halder pareceu se convencer, mas argumentou, olhando para o papel com as informações sobre Oliver:

— Não me parece a melhor maneira de fazer negócio.

— Foi mais ou menos o que eu disse quando o Dimitri me contou que Oliver funcionava dessa forma. Mas Dimitri argumentou que ele pode se dar a esse luxo. É um assassino especial: nunca falha, e quando fecha um contrato, cumpre-o, mesmo que apareça alguém que lhe ofereça o dobro. Só aceita um contrato por vez, e é muito caro.

— Um indivíduo paradoxal: assassino e ético. E que parece garantir a

realização do trabalho — resumiu Dieter. — Quanto custa o contrato dele?

— Entre dois e três milhões de dólares — disse Heinrich sem pestanejar.

— Acho que justifica, para eliminar o *obstáculo* — disse Dieter. — O que acha, Halder?

— Acho muito caro. Mas tratando-se *do obstáculo* é um investimento necessário.

— Então está decidido — concluiu Dieter. — Halder vai contratar Oliver Bassan. Paralelamente, continuamos com os nossos planos.

Não era apenas Heinrich Koch que era prevenido. Halder também era: já enviara Klaus Jürgen, em quem confiava plenamente, para Londres, acompanhado de Anton Blankenheim, um soldado dispensável que ocupou o lugar do malgrado Hans, para os dois se ambientarem com a cidade e vigiarem o premiê inglês. Mas Halder não compartilhou a sua decisão com mais ninguém.

No dia seguinte, o general mandou um envelope com as informações necessárias para contratar Oliver Bassan, seguindo as instruções de Heinrich Koch. O envelope tinha duas fotografias do alvo e um cartão com dois números: o primeiro era de um celular descartável e o segundo era o valor que pretendiam pagar. O estrago que Temple estava fazendo era cumulativo e Dieter queria que ele fosse eliminado o mais rápido possível. Por isso decidiram oferecer três milhões de dólares, para incentivar Oliver. Agora era só aguardar a resposta.

Miguel estava com o olhar fixo na televisão, acompanhando o telejornal, enquanto todos se acomodavam na sala. Tratava-se do rosto do jovem esfaqueado naquela noite, numa briga com mais dois homens, segundo testemunhas que os tinham visto fugindo do local. Dib estava ao seu lado no momento da notícia. Miguel reconheceu o jovem:

— Que ironia! — comentou, trocando um olhar de cumplicidade com Dib e aproveitando a oportunidade para introduzir o tema da reunião — Esse é Hans Müller, um dos jovens que me agrediu. Ele estava com outro: capitão Klaus Jürgen. São nazistas e estão envolvidos em todos os incidentes que aconteceram na Grécia, Espanha e Portugal. Foram treinados para isso, num campo militar, algures na Alemanha.

— E como você sabe isso? — perguntou Uchoa.

— Vocês não querem saber... — respondeu Miguel, com um sorriso

breve.

— Besson, você acessou as memórias dele? — questionou Dib, direto.

— Sim — confessou, antes de continuar, agora, imprimindo um tom mais sério à conversa: — Mas ele não sabe a localização do campo de treinamento. Trata-se de um local onde os soldados chegam com quinze anos e suas vidas são totalmente condicionadas pela filosofia nazista e limitadas ao treinamento militar.

— Isso significa que os alemães estão se organizando há anos — comentou Seth.

— Não são os alemães — corrigiu Miguel, antes de dizer devagar: — São os nazistas.

— Então estamos perante o ressurgimento do nazismo — concluiu Elizabeth, interrompendo o momento de silêncio que dominara a sala depois das palavras de Miguel.

— E está acontecendo secretamente, já que nem os próprios soldados sabem a localização do campo — disse Alessia. — Talvez haja vários campos...

— Não sei... Mas eles estão criando um exército de super-soldados — avisou Miguel. — Trata-se de algo grandioso.

— Descobriu mais alguma informação?

— Nomes de vários soldados. E o seu comandante: general Rudolf Halder. O que é interessante, porque é a segunda vez que me deparo com esse nome — Miguel fez uma pausa, antes de relatar o episódio onde escutou a primeira vez o nome do general: — Georgia, uma das associadas da Irmandade no Brasil, assassinou Yurii, um capitão que matou a família dela na guerra do Kosovo e a estuprou diariamente durante os três meses em que a manteve prisioneira.

A sala mergulhou de novo no silêncio, enquanto eles escutavam a história trágica de Georgia e aguardavam que Miguel revelasse as ligações com o general alemão.

— Yurii era sobrinho de Rudolf Halder e ele começou a pressionar as autoridades para que Georgia fosse severamente castigada. O estranho é que, de repente, ele se desinteressou do caso... — disse Miguel.

— Talvez ele não concordasse com a atitude do sobrinho — sugeriu Elizabeth. — Soldados têm códigos. Ou deveriam ter...

— Talvez — concordou Miguel, que não havia pensado no assunto sob aquele prisma. — Essa foi a primeira vez que ouvi o nome de Halder.

— E agora sabemos que ele é um general nazista — concluiu Alessia.

— Com os nazistas se organizando na Alemanha e alimentando confrontos violentos pela Europa, começa a emergir um cenário perigoso, que pode nos conduzir de volta à profecia do Anunciado — declarou Dib, pensativo, tentando entender como tudo poderia se cruzar. — Sendo William Temple o maior opositor das políticas alemãs, o seu atentado parece apontar para a participação dos nazistas.

— E nós, o que vamos fazer? — perguntou Seth.

Dib ficou pensativo por alguns segundos, antes de decidir:

— Só vamos interferir se surgir algo sobrenatural ou a situação sair totalmente do controle. Neste momento, vamos continuar monitorando.

Dieter Steinbach já liderava as pesquisas alemãs quando foi eleito um dos homens mais influentes da atualidade. Apareceu nas capas de todas as revistas internacionais importantes e o seu rosto se tornou sinônimo de poder, sucesso e o símbolo da nova Alemanha — emergente e forte.

A sua história pessoal, marcada por perdas e superações, diluía a ideia de que ele era um empresário frio, orientado para os lucros, ou um líder indiferente ao sofrimento humano. Dieter não conheceu a mãe, que morrera no parto. Seu pai, Joseph Steinbach, após criá-lo sozinho, sofreu um ataque cardíaco fulminante aos cinquenta e sete anos, quando Dieter tinha vinte e seis. Cinco anos antes, sua mulher, Helen, tivera um acidente de carro fatal quando o filho, Peter, não tinha ainda um ano. Dieter repetiu o papel do seu pai, criando o filho sozinho. E, anos depois, o suicídio de Peter fechou o ciclo das suas grandes perdas.

A sofrida trajetória, aliada à aura de sucesso, contribuiu para que ele suscitasse simpatia e se tornasse o centro da atenção feminina. Aos cinquenta anos, Dieter era um líder que emergiu pronto, capaz de exaltar o orgulho do seu povo. Mas a excessiva exposição na mídia era suspeita para alguns críticos atentos, que começaram a se questionar sobre a imagem perfeita de Dieter e as suas verdadeiras intenções. Porém, a verdade era mais terrível do que qualquer um pudesse imaginar.

A presença de Dieter na mídia havia sido cuidadosamente orquestrada por um dos braços dos Dragões, conhecido com *Stille Hilfe*, Ajuda Silenciosa. Esse grupo, fundado no final da Segunda Guerra por oficiais das ss, tinha o objetivo de ajudar nazistas de elite perseguidos. Os membros da *Stille Hilfe*

foram responsáveis por realocar e acobertar nazistas importantes, misteriosamente desaparecidos no fim da guerra. Com os anos, o grupo sofisticou sua atuação para proteger e apoiar financeiramente os descendentes de nazistas. Agora, esses descendentes estavam infiltrados em vários países, esperando o momento de assumirem suas verdadeiras identidades e cumprirem seus destinos.

Foram alguns desses nazistas adormecidos que tornaram possível a eleição de Dieter como um dos homens mais influentes do mundo e a sua exposição na mídia.

9. Dragão Verde

Eu admito que há homens brancos bons, mas não estão em proporção com os maus. Os maus devem ser mais fortes, porque são eles que mandam. Só fazem o que lhes apetece.

Pachgantschilias, chefe Dalaware, 1787

Miguel retornou os contatos de Oliver Bassan. Calculou que ele terminara o projeto.

— Como vai? — perguntou Oliver, que já esperava o contato dele. Alessia tinha-lhe contado que Miguel se recuperara do acidente grave, embora Oliver estranhasse que Miguel estivesse vários dias em coma e a sua recuperação total acontecesse no espaço de dois ou três dias. Porém, não podia comentar o acidente, para não expor a sua relação com Alessia.

— Bem, obrigado. E você? — perguntou Miguel, amável.

— Tentando terminar este projeto — respondeu ambíguo, mas Miguel compreendeu que ele estava querendo dizer que ainda não assassinara o seu alvo.

— Achei que já tinha resolvido.

— Surgiu um imprevisto e eu queria falar com você antes. Há uma criança com cinco ou seis meses. Tem alguma informação sobre isso? — perguntou enigmático e, mais uma vez, Miguel entendeu tudo. Nenhum deles gostava de falar abertamente.

— Não. Mas as datas coincidem. O pai é certamente o meu amigo — respondeu Miguel fazendo rápidas contas de cabeça.

— Gostaria de saber se a criança pode ser... encaminhada para o pai, assim que eu resolver o assunto — Miguel surpreendeu-se com a preocupação de Oliver. Tinha uma ética que faltava à maioria das pessoas normais e não existia em pessoas com a profissão dele.

— Deixe-me ver o que posso fazer — respondeu Miguel. — Pode me dar alguns dias?

— Sim. Mas não muitos. Estou aqui há bastante tempo — afirmou.

— Compreendo. Eu sei que tentou me contatar, mas tive um pequeno acidente — justificou Miguel. — Pode dar-me mais uma semana?

— Uma semana — concordou Oliver depois de uma breve hesitação, em que pensou no que faria durante aquele período. Conhecia a vila tão bem que era capaz de enunciar todas as pedras que havia espalhadas nas calçadas. Decidiu que iria viajar. Gostaria de se embrenhar pela intensa e exuberante floresta amazônica.

Dib avaliou a correspondência que havia sido reencaminhada de Paris. Era quase toda comercial, mas um envelope endereçado a Daniel chamou a sua atenção. Usando o elegante estilete de prata, que estava sobre a mesa, abriu o pesado envelope, com um corte preciso. Dentro, havia dois outros envelopes. O maior já estava aberto e era dirigido a Max Küchler. Dib reconheceu o nome: era o empresário alemão que se suicidara recentemente. Pôs a mão na abertura do envelope e, quando puxou as fotografias, um pequeno cartão branco com a palavra *Selbstmord*, caiu no chão. Dib deduziu que estava associado à morte de Küchler. Colocou o cartão sobre a mesa e analisou as fotografias. A primeira dezena mostrava uma instalação militar muito bem equipada, com mísseis, veículos militares, vários aviões de combate e uma sala de comunicações, imensa, completamente ativa. Todos os equipamentos eram de última geração, pelo que Dib podia perceber. Em vários pontos, era visível a inconfundível suástica nazista. As outras fotografias revelam um campo de treinamento, também militar, com muitas centenas de jovens executando vários exercícios. A última fotografia era dos jovens alinhados, em seus perfeitos uniformes cinzentos, fazendo a saudação nazista em direção a alguém que estava à sua frente, mas fora do ângulo da fotografia — possivelmente o líder.

Dib reviu as fotografias duas ou três vezes, antes de avaliar de novo o pequeno cartão branco, com aquela que teria sido a ordem para Küchler se

suicidar.

Por fim, abriu o envelope menor, contendo uma carta de Küchler para Daniel.

Berlim, fevereiro de 2011

Caro Daniel,

Apesar de não nos comunicarmos há muitos anos, acredito que continue sendo o padre justo que conheci e com quem troquei tantas ideias na juventude.

Não sei a quem recorrer neste momento. Não há ninguém em quem possa confiar, e a única pessoa que me ocorreu foi você. Quando receber esta carta, tudo terá terminado, e eu já terei cumprido a ordem do cartão que acompanha as fotografias.

O meu pai, o meu avô, e antes dele, o meu bisavô, pertenceram a este grupo — somos a elite da Sociedade do Dragão Verde. O nosso lugar é herdado, como já deve ter deduzido.

Neste momento, a Sociedade está focada em aumentar não apenas o seu poder econômico, que já é imenso, mas também o seu poder militar, com o objetivo de formar o Quarto Reich. Como me opus ao desenvolvimento militar, foi “sugerido” que me suicidasse para preservar a minha família e evitar que os meus bens sejam confiscados pela Sociedade. Compreendi demasiado tarde que a Sociedade não permite que nenhum dos doze membros, que formam a sua elite de comando, tenha uma opinião diferente da estabelecida no plano original.

Embora eu tenha crescido abraçando os valores da Sociedade, e tenha orgulho de ser alemão, não acredito que a tentativa da Alemanha subjugar a Europa, mais uma vez, possa resultar em algo positivo. Muito pelo contrário, acho que o uso da força militar vai contribuir para nos destruir a todos. Quando recebi estas fotografias vi que o projeto já estava em um estágio muito avançado, e acho que algo precisa ser feito.

A minha morte é inevitável, por isso lhe peço que tente impedir a ascensão militar do Dragão Verde e evite a destruição da Europa e, talvez, o início de um conflito global.

Um abraço,

Max Küchler

Dib ficou imóvel por alguns minutos, com a carta na mão, ajustando mentalmente os cenários. O quebra-cabeça começava a tomar forma: aquelas fotografias consolidavam as informações que já tinham sobre os nazistas.

Agora Dib sabia que aquilo não era apenas a ascensão do nazismo, mas uma repetição do que aconteceu com Hitler em 1933.

Queiroz teve a ideia de pesquisar os registros dos nascimentos dos seis meses após o sequestro de César, cruzando-os com os nomes dos pais das crianças. Apesar de ser uma possibilidade remota, tinha esperança de que o menino tivesse sido registrado como filho de Leopolda. A maioria dos arquivos já estava digitalizada, e ele começou a pesquisa por São Paulo. E quando o resultado deu negativo, alargou-a para as cidades do interior. De cada vez que o resultado era negativo, ele sentia-se frustrado, mas não desistia. Até que, certa manhã, o registro de nascimento de um menino surgiu com o nome de Leopolda e do pai.

Havia algo familiar no nome da criança. Queiroz não lembrava exatamente o que era, mas tinha a certeza de já ter visto aquele nome.

Primeiro buscou informações sobre o pai, Javier Penafor, e descobriu que ele tinha sido atropelado num acidente de carro e que nunca descobriram o responsável. Em seguida investigou o filho, e quando apareceram vários arquivos na tela do seu computador, Queiroz compreendeu quem ele era: Juan Penafor era o homem que ajudara Tereza Sampaio Eliot, e foi a única pessoa com quem ela falou além do advogado. Queiroz achou que aquela coincidência era uma terrível maneira da vida equilibrar as suas contas. Ele não acreditava no destino, nem na possibilidade da vida seguir um roteiro prévio de acertos e débitos. Para Queiroz tudo era resultado do livre-arbítrio humano.

Recordou que, meses antes, Tereza pediu que ele a realocasse numa vila pequena. Ela queria que o filho crescesse num lugar tranquilo. Ele a ajudou usando as suas conexões para transferi-la e arrumar um emprego nos serviços públicos. Deu-lhe algumas opções e ela escolheu uma vila no Pará, de que ele nunca tinha ouvido falar até o momento em que Tereza decidiu mudar-se para lá com o seu filho ainda por nascer.

Agora Queiroz estava perante um dilema: tinha encontrado o filho de dona Clara, mas ele era também o pai de Fernando. Se Juan Penafor descobrisse a

verdadeira identidade da mãe, iria descobrir também o paradeiro de Tereza e sua nova identidade, podendo colocar a vida dela em risco. O relacionamento deles era do conhecimento público, e poderiam chegar a Tereza através dele. Queiroz hesitou e decidiu avaliar melhor o assunto antes de falar com Tereza.

Manfred organizara meticulosamente a sede da Ordem. Obras de arte de grande valor decoravam as paredes, e era visível o esmero com os detalhes. O espaço respirava história: não havia ali uma única peça que não fosse centenária. A sala em tons de vermelho, onde Dib marcara a primeira reunião formal da Ordem em Lisboa, impunha certa formalidade.

Manfred tinha preparado chá e os famosos pastéis de Belém, que agradavam ao paladar de todos os Guardiões.

Eles ocuparam seus lugares nas cadeiras imponentes, forradas de veludo vermelho escuro, em volta da mesa redonda de pau-brasil, do século XVII. Dib colocou um envelope sobre a mesa e começou a reunião com um mantra, exatamente como Daniel fazia quando liderava a Ordem. Quando o coro de vozes que o acompanhava silenciou, ele avisou, sem preâmbulos:

— Estamos com um problema. Max Küchler, o empresário alemão que se suicidou há várias semanas, escreveu uma carta para Daniel, onde relata que foi forçado a suicidar-se pela Sociedade do Dragão Verde.

Dib percebeu como Miguel cruzou as mãos sobre a mesa, dando sinais de incômodo assim que ele revelou a existência da Sociedade. Seth, Uchoa e Alessia entreolharam-se, como se tentassem dar sentido ao que Dib estava dizendo. Só Elizabeth não compreendera o significado da revelação. Ele continuou falando, mantendo-se atento às reações à sua volta:

— Küchler afirma que a Sociedade está preparando a ascensão do Quarto Reich e tem uma força militar em alto estágio de desenvolvimento, como podem ver por estas fotografias — Dib abriu o envelope e tirou de lá a carta, que entregou a Miguel, sentado na cadeira à sua esquerda, e as fotografias, que entregou a Seth sentado à sua direita. — Isto confirma o que já sabemos sobre os nazistas, mas dá-nos uma dimensão muito maior do perigo que se avizinha.

Por alguns minutos a carta e as fotografias circularam silenciosamente. Miguel foi o primeiro a falar, encarando Dib:

— A Sociedade do Dragão Verde foi extinta em 1945. Mas isso é algo que só você poderá confirmar, não é, Dib?

Dib moveu ligeiramente a cabeça, rejeitando a frase de Miguel.

— Não. Todos nós pensávamos que os Dragões haviam sido extintos em 1945.

— Mas você era o Tibetano. Você era líder do Dragão Verde durante a Segunda Guerra. Ou estou errado? — questionou Miguel, com os olhos fixos nos de Dib, expondo finalmente as dúvidas que alimentara durante todos aqueles anos. Miguel estava empenhado em descobrir a verdade sobre a participação da Ordem na guerra. Se as suas dúvidas se confirmassem, significava que, em algum momento, Dib e Daniel haviam se envolvido com os nazistas. Agora, estava, finalmente, perante uma oportunidade para esclarecer tudo. E ele sentia que tinha esse direito, porque eles também haviam acreditado no seu envolvimento com as ss, e ele esclarecera tudo, conseguindo até convencer Kent, o seu crítico mais feroz.

— Acho que devemos nos concentrar no que está acontecendo agora — interrompeu Alessia, tentando mudar o foco da conversa, e voltar à questão de Kùchler.

— Não, Alessia — rebateu Miguel, com firmeza. — Porque os eventos do final da Segunda Guerra estão na origem e têm influência direta no que está acontecendo na atualidade. Estão aqui — disse batendo com o indicador na mesa. — Não é, Dib?

— Alguém pode me explicar o que está havendo, por favor? — pediu Elizabeth, perdida na conversa, sem entender o motivo da aparente tensão de Miguel.

Dib sabia que a carta de Kùchler falando sobre a Sociedade do Dragão Verde iria reacender as dúvidas sobre os fatídicos eventos do final da guerra. Decidiu que chegara o momento de revelar um dos grandes mistérios da Segunda Guerra. Começou a falar devagar, desenterrando um segredo com quase setenta anos.

— Os místicos do nazismo, comandados por Heinrich Himmler, acreditavam que só conseguiriam impor o Terceiro Reich ao mundo recorrendo à magia — Dib falava para Elizabeth, que era a única que desconhecia aqueles detalhes. — Himmler foi um dos homens mais poderosos da Alemanha. Comandou as ss entre 1929 e 1945, transformando-a numa das organizações mais cruéis de todos os tempos. A simples visão dos seus uniformes negros aterrorizava qualquer um.

Miguel interveio, aprofundando a explicação de Dib, para que Elizabeth entendesse a extensão das ss e o verdadeiro poder daquele homem:

— As ss incluíam a polícia secreta nazista, o serviço de inteligência, as forças policiais e os grupos de extermínio, os *Einsatzgruppen*. Também tinham o seu próprio exército e controlavam os campos de concentração. Himmler foi um dos responsáveis pela Solução Final. Além disso, as ss tinham uma unidade dedicada ao ocultismo, que albergava esses místicos de que Dib falou.

— Essa unidade era a Sociedade do Dragão Verde e, dentro dela, Himmler criou vários subgrupos secretos que ele comandava — continuou Dib, explicando: — O Karotechia era um desses subgrupos, e era responsável por investigar as fontes da magia e do poder místico. Foram eles que descobriram que os magos negros mais poderosos eram os monges tibetanos Barretes Negros.

Dib fez uma pausa, para tomar um gole de água, antes de continuar explicando:

— Na década de 1930, Himmler fundou um núcleo secreto, com sete Barretes Negros, que ficou conhecido como a Colônia Tibetana de Berlim. Os Barretes Negros tinham o objetivo de aumentar o poder sobrenatural nazista. Eles dominavam a arte divinatória e podiam matar com um simples mantra. Praticavam rituais terríveis que violavam todos os tabus. Matavam adultos e crianças com fins ritualísticos, mas também os incluíam na sua dieta e usavam os ossos como adereços mágicos. Consideravam que a violência gerava uma energia poderosa, e o sangue era a sua expressão máxima.

Elizabeth lembrava-se que Miguel já havia mencionado os Barretes Negros, monges xamanistas que praticavam rituais sexuais e sacrifícios humanos.

— Esses conceitos são parecidos com o Vril — comentou Elizabeth, lembrando que Miguel também mencionara a influência da Sociedade Thule no nazismo, através da crença no Vril enquanto energia telúrica que podia ser obtida por meio de orgias e sacrifícios humanos.

— Sim — confirmou Dib, antes de enfatizar: — Por isso, quando Besson falou sobre eles, disse que a associação do nazismo à magia negra tibetana se tornou letal, porque foi a validação dos conceitos nazistas.

Dib calou-se por alguns segundos. Aqueles eram eventos que ninguém gostava de revisitar, e o que estava por trás deles era conhecido por poucos.

— Qual a relação entre a Colônia Tibetana e a Sociedade do Dragão? — perguntou Elizabeth, confusa.

— São grupos distintos. Mas como Himmler mantinha tudo muito secreto

e fragmentado, as duas foram confundidas depois da guerra, e os seus líderes também, apesar de serem pessoas diferentes — justificou Dib. — A Sociedade do Dragão Verde era liderada pelo Homem das Luvas Verdes e a Colônia Tibetana era liderada pelo Tibetano.

— De onde surgiu a ideia de que eles eram a mesma pessoa? — questionou Elizabeth.

— No final da guerra, quando as tropas russas invadiram Berlim, encontraram uma sala com um círculo formado por seis tibetanos deitados, vestindo túnicas verdes. O sétimo tibetano, no centro do círculo, usava luvas verdes. Foi esse detalhe que contribuiu para gerar confusão entre o Tibetano e o Homem das Luvas Verdes. Mas foi um gesto intencional.

— Por quê? — perguntou Elizabeth, sem entender.

— Tratou-se de um subterfúgio para salvaguardar a identidade do verdadeiro Homem das Luvas Verdes, o líder da Sociedade do Dragão, que escapou de Berlim — disse Dib.

— Himmler? — indagou Elizabeth, tentando adivinhar a identidade do misterioso homem.

— Não — Dib fez uma pausa, antes de revelar com serenidade: — Eu.

Miguel perguntou, depois de alguns segundos tentando assimilar a notícia surpreendente:

— Então... você era o Homem das Luvas Verdes?

— Sim, eu era o Tibetano que passou a liderar a Sociedade do Dragão Verde, a partir de fevereiro de 1943 — confessou, muito calmo. — O fato de eu e o mestre da Colônia sermos tibetanos contribuiu para aumentar a confusão entre as nossas identidades. Mas eu sou um Barrete Amarelo. E o mestre da Colônia era um Barrete Negro, capaz de qualquer atrocidade para conseguir o poder. Nós, os Barretes Amarelos, buscamos a iluminação e seguimos os ensinamentos de Buda. Praticamos a castidade e a contenção espiritual. Os Barretes Negros buscam o poder e praticam o excesso.

— Isso são sutilezas desconhecidas pela maioria — disse Miguel, agitando a mão no ar, como se estivesse considerando aqueles detalhes irrelevantes, quando na realidade não eram. — Você tirou vantagem do fato de ser tibetano para alimentar uma confusão de identidades, que lhe permitiu ocultar o seu verdadeiro papel no nazismo.

— Sim — confirmou Dib, com simplicidade.

Elizabeth tentava acompanhar o que estava acontecendo: Dib confessara que tinha liderado uma das Sociedades mais secretas e poderosas dos

nazistas. Uma Sociedade que renascera das cinzas — ou talvez nunca tivesse desaparecido — e estava espalhando de novo os seus tentáculos malignos pela Europa. E a elite dessa Sociedade, formada por doze homens, estava agora disposta a fazer ascender o Quarto Reich.

A conversa parecia acontecer apenas entre Elizabeth, Dib e Besson. Seth, Alessia e Uchoa mantinham-se em silêncio. Eles conheciam a história, embora não soubessem todos os detalhes vividos por Daniel e Dib, porque, naquela época, todos estavam envolvidos na guerra.

No início de 1943, quando tudo estava sem controle e dominado por forças negras, Arturo decidiu, finalmente, que os Guardiões tinham que alterar o curso da guerra e acabar com o nazismo. Eles se infiltraram em vários países, para conter o conflito. Alessia se envolveu com a resistência francesa. Arturo desempenhou um papel vital junto dos ingleses, acompanhando Winston Churchill, o primeiro-ministro britânico e o mais virulento crítico de Hitler. Seth e Uchoa foram para os Estados Unidos e depois para Hiroshima e Nagasaki, após o ataque nuclear americano àquelas duas cidades. Kent esteve na Alemanha e em seguida participou do grupo Aliyah Bet, um movimento clandestino que organizava a fuga dos judeus para a Palestina. Daniel e Dib se envolveram no coração do governo nazista e seus atos se confundiam, em várias ocasiões, com atitudes favoráveis ao nazismo, como estava acontecendo naquele momento, com Dib.

— E quem liderou a Sociedade do Dragão antes de você? — perguntou Miguel, reconhecendo que a ardilosa estratégia de Dib é que fomentara a confusão de identidades entre os líderes da Colônia e do Dragão Verde, por tantas décadas.

— Heinrich Himmler — informou Dib.

— Como pode Himmler, que não confiava em ninguém, permitir que você assumisse a liderança de um grupo tão vital? — questionou racionalmente Miguel.

— Em 1943, quando tudo começou realmente a ir mal para os nazistas, Himmler, apesar de controlador, precisou rever suas prioridades e abdicou da liderança dos Dragões — contou Dib. — Nós nos conhecemos em 1929, na época da grande depressão mundial, quando o nazismo começou a florescer. Confesso que fiquei impressionado com ele: parecia um homem discreto, mas tinha uma sede de poder como eu raramente tinha visto. Era maquiavélico, manipulador e tinha ideias políticas perigosas. Além disso, tinha grande interesse pelo ocultismo. Decidi manter uma relação de proximidade com ele.

E quando a guerra começou, embora eu nunca tivesse assumido um papel de destaque no governo nazista, sempre mantive contato com Himmler. Levei anos provando a minha lealdade, mas foram algumas das minhas habilidades sensoriais que o convenceram de que eu era a pessoa certa para assumir os Dragões — lembrou Dib.

Elizabeth olhava-o espantada. Primeiro pensara que Miguel estivera envolvido com os nazistas, até ele ter explicado o seu papel na Segunda Guerra e a sua participação nos *Einsatzgruppen*. E agora Dib estava dizendo que ajudara Himmler durante anos, para ganhar a sua confiança e se tornar líder de uma sociedade secreta.

— Eu e Daniel sabíamos que você participava dos *Einsatzgruppen*, mas não podíamos deixar que se aproximasse do Dragão Verde. Nós tínhamos dúvidas sobre o seu verdadeiro papel no nazismo, principalmente depois de Kent tê-lo visto em Babi Yar. Não sabíamos se estava do lado de Hitler e tínhamos que impedi-lo de atingir uma posição de poder entre os Dragões, porque você possuía um conhecimento do sobrenatural que mais ninguém tinha. Daniel se empenhou muito para evitar que isso acontecesse. E, também, para evitar que nos cruzássemos em algum momento — explicou Dib, esclarecendo finalmente por que Miguel não conseguira se aproximar daquela sociedade secreta.

— O que aconteceu com os tibetanos da Colônia? Foram mortos? — perguntou Elizabeth.

— Suicidaram-se com cianeto — informou Dib.

— Você teve alguma participação na morte deles? — questionou Miguel.

— Às vezes para conseguir o bem, é necessário fazer o mal — argumentou Dib, sem responder diretamente à pergunta, e seguro de que Miguel entendia bem aquele conceito. — Depois que os sete Barretes Negros tomaram chá envenenado, eu os posicionei em círculo e coloquei as luvas verdes no Tibetano. Eu achava que aquele detalhe ia gerar muitas teorias conspiratórias e impedir que a verdade viesse à tona, como, aliás, aconteceu.

— Como é que ninguém descobriu a verdade durante todos estes anos? — perguntou Elizabeth.

— Poucos sabiam da existência da Colônia Tibetana, e os que sabiam foram mortos ou desapareceram no final da guerra. A Colônia permaneceu sempre envolta em mistério — explicou Dib. — E o Homem das Luvas Verdes é o personagem mais enigmático da Segunda Guerra. Naquela época a sua identidade era quase desconhecida e permaneceu um mistério. Alguns o

confundem com o Tibetano da Colônia, por causa do incidente que acabei de contar. Mas outros dizem que era um monge com grandes poderes: conseguia ler mentes, curar com o toque das mãos, subjugar pessoas à sua vontade, provocar alucinações coletivas, germinar plantas em questão de horas. Parece que também era capaz de se transformar num animal. Mas ninguém, em seu perfeito juízo, acreditava nisso. Parecia mais um daqueles mitos, como o desaparecimento do ouro e do submarino nazi, com alguns dos capitães e generais de guerra.

Todos sorriram com os comentários de Dib. Embora ninguém acreditasse, agora que conheciam a identidade do Homem das Luvas Verdes, sabiam que todos os rumores sobre ele representavam apenas uma parcela da verdade.

— Preciso fazer uma pergunta — disse Miguel. — Os Barretes Negros não suspeitavam que o chá pudesse estar envenenado?

— O que você acha? — questionou Dib, consciente da pergunta engenhosa de Miguel.

— Eles deviam confiar muito na pessoa que lhes preparou o chá — respondeu Miguel.

— As guerras obrigam-nos a fazer coisas impensáveis. Fazem-nos optar pelo necessário e não pelo certo — afirmou Dib, fixando o olhar profundo em Miguel. E todos entenderam qual a participação de Dib na trágica morte dos tibetanos.

— Mas qual era o papel do Tibetano, o líder da Colônia? — perguntou Elizabeth, sem comentar o que Dib confessara indiretamente.

— Ajudar Hitler a dominar o mundo para cumprir a Profecia Tibetana. Hitler confiava nele e sempre o consultava, mesmo depois da Alemanha começar a enfraquecer, em 1943. Ambos serviam uma força maior, uma força negra, que queria dominar a humanidade.

— Se você era o líder da Sociedade do Dragão, e ela se extinguiu em 1945, como ressurgiu agora? — perguntou Uchoa, intervindo pela primeira vez, desde o início da conversa, e dando ao assunto um foco mais recente.

— Começo a duvidar que tenha se extinguido em 1945 — disse Dib, pegando a carta. — Küchler fala dos antepassados e afirma “o nosso lugar é herdado”. Mais adiante, diz “embora eu tenha crescido abraçando os valores da Sociedade”. Os Dragões foram fundados oficialmente em 1812. No mesmo ano em que Napoleão fracassou na invasão à Rússia, iniciando a sua derrocada. Nesse ano, a Lança do Destino passou de Napoleão para o grande Dragão, que era o líder da Sociedade na época. Eu vi registros disso, mas

nunca consegui ter acesso ao lugar onde estava a lança.

Miguel estendeu a mão e Dib deu-lhe a carta. Ele releu, antes de confirmar:

— Tem alguma ideia de como os Dragões sobreviveram ao fim da guerra?

— Eram doze membros de elite que formavam a Sociedade, exatamente como diz a carta de Küchler. Na época era eu e outros onze, todos eles homens de alta patente das ss. Alguns nunca foram encontrados depois da guerra.

— O que você acha que aconteceu? — perguntou Elizabeth.

— Não sei — respondeu Dib.

— Mas você era o líder da Sociedade do Dragão — lembrou Elizabeth, antes de perguntar confusa: — Como pode não saber o que aconteceu com os Dragões?

— Eu era o único dos doze Dragões que não pertencia às ss, e isso sempre me deixou numa certa posição de fragilidade. Eu podia sentir que ficava à margem de certos assuntos. O que era conveniente para Himmler, porque ele continuava controlando a Sociedade, sem correr o risco de ver meu poder aumentar — fez uma pausa, antes de revelar a teoria que desenvolvera ao longo dos anos. — Há aqui três questões que precisam ser consideradas: a primeira é que Himmler tinha a mania de criar várias unidades, como perceberam. Só ele conhecia todo o quebra-cabeça e controlava tudo. Ele não tinha um homem de confiança, tinha vários e, na verdade, não confiava realmente em nenhum. A segunda questão é que dos doze Dragões, a elite nazista de Himmler, seis desapareceram depois da guerra e nunca foram encontrados.

— Seis contando com você? — perguntou Seth.

— Não. Eu e mais seis. Procurei-os durante anos, mas não descobri onde estavam, nem sequer se haviam sido mortos nos dias finais da guerra — explicou Dib.

— E os outros cinco? Que aconteceu? — perguntou Elizabeth.

— Foram mortos, alguns em Berlim e outros tentando escapar — respondeu Dib, com o rosto sério, recordando o fim do conflito mais sangrento da Europa. — Agora, penso que esses seis que desapareceram deram continuidade à Sociedade e se mantiveram fiéis ao nazismo.

— E qual a terceira questão? — perguntou Alessia.

— No último ano de guerra surgiram rumores sobre uma unidade, dentro das ss, exclusivamente dedicada para planejar a fuga dos nazistas e dar-lhes apoio econômico. Chamava-se *Stille Hilfe*. Acredito que eles tinham um

plano B e a missão de proteger os Dragões — anunciou Dib.

— Também ouvi falar dessa unidade, *Stille Hilfe* — comentou Miguel. — Talvez tenham planejado tudo. Mas não entendo como Himmler não escapou, sendo o arquiteto do plano.

— Vários acontecimentos devem ter alterado os planos dele impedindo-o de escapar com os seis Dragões desaparecidos — contou Dib. — No início de 1945, Himmler tinha plena consciência de que a guerra estava perdida. Contatou Eisenhower, o Comandante das Forças Aliadas na Europa, para tentar negociar a rendição da Alemanha, sem o conhecimento de Hitler. Eisenhower recusou a proposta. Entretanto, Hitler descobriu a manobra de Himmler e considerou que ele era um traidor. Himmler tentou escapar, mas foi capturado pelos aliados e suicidou-se com uma cápsula de cianeto, na sua cela, antes do interrogatório.

— Há suspeitas de que ele tenha sido assassinado — comentou Seth.

— Tem lógica — concordou Uchoa, que já havia pensado longamente sobre o assunto. — Se o grupo *Stille Hilfe* ficou com o ouro nazista e ajudou os Dragões a escaparem, assassinaram Himmler para preservar o segredo. Ele era o responsável pelo plano e a única pessoa que poderia revelá-lo.

— É provável — respondeu Dib. — Parece claro que o objetivo do *Stille Hilfe* era garantir a continuidade do nazismo, salvando os membros mais importantes das ss. O que nos trouxe ao momento atual: os Dragões mantiveram-se ativos e atualmente têm meios econômicos e um exército pronto para a ascensão do Quarto Reich.

— Concordo. E o pior é que já está tudo acontecendo — disse Miguel.

— Küchler pediu que Daniel impedisse os Dragões e o início de um conflito global. Não imagino o que ele esperava que Daniel fizesse contra uma organização tão poderosa. Até porque ele acreditava que Daniel era um simples padre — lembrou Seth.

Sempre que alguém dizia o nome de Daniel, Elizabeth sentia o estômago embrulhado. Por mais carinhosa que a presença de Miguel fosse, sentia falta de Daniel, e era um sentimento tão intenso que, por vezes, quando respirava, o ar parecia insuficiente.

— Isso mostra bem o desespero de Küchler e, também, que não tinha a quem recorrer. Acho que o essencial é descobrirmos quem são os atuais Dragões e onde está localizado este centro de treinamento militar — disse Dib, apontando para as fotografias.

— Halder deve ser um dos membros da Sociedade do Dragão — declarou

Miguel.

— Isto não tem fim — disse Dib. — Tenho certeza de que estamos, de novo, lidando com a Profecia Tibetana e uma séria tentativa de fazer ascender o Anunciado. Ele pode ser um dos doze Dragões.

De repente, aquele comentário de Dib fez com que Miguel se lembrasse das palavras de Lucrezia Zani, quando a visitara, e tudo fez sentido, como se um véu tivesse se aberto revelando a realidade que ele já devia ter visto. Ela mencionou o *herdeiro natural* para liderar o mundo e disse que era uma mulher prevenida e levava anos planejando aquilo.

— Talvez o verdadeiro Anunciado esteja pronto para assumir o seu papel — murmurou Miguel pensativo. Todos olharam para ele, e Dib perguntou:

— Então você concorda comigo?

— Absolutamente — Miguel encarou-o sério. — Preciso falar com Lucrezia Zani e tentar descobrir o que está acontecendo. Tenho certeza de que ela sabe.

Dib ficou em silêncio por alguns segundos analisando o comentário de Miguel.

— Você e Uchoa começam por aí: contatem Lucrezia — ordenou Dib. — Seth e Alessia vão a Berlim descobrir com quem Küchler se relacionava e monitorar Halder. Isso vai nos permitir descobrir quem são os Dragões.

— E nós vamos para Paris amanhã — Miguel falou diretamente para Uchoa.

— Entretanto, não podemos esquecer que precisamos iniciar a busca por novos Guardiões — afirmou Dib, sentindo o peso das responsabilidades se abatendo sobre ele. Encontrar e treinar dois novos Guardiões e, ao mesmo tempo, deter a ameaça do Quarto Reich seriam tarefas que exigiriam muito de todos eles.

Miguel ficou satisfeito com o resultado da reunião: conseguiria arranjar uma forma de visitar Lucrezia Zani, sem criar problemas com os Guardiões.

— Besson, cuidado com Lucrezia — avisou Dib. — Ela é um Anjo Negro e se conseguir se alimentar de almas e sair daquele lugar higiênico, os seus poderes devem retornar.

— Eu sei — respondeu, embora desejasse descobrir o paradeiro da lança.

Elizabeth estendeu a mão para ajudá-lo a entrar no seu quarto. Aprendera que ele só poderia estar ali se o convidasse. Ele abraçou-a com força. Estava

com saudades. Elizabeth tentou resistir, mas Daniel conseguia sempre envolvê-la. Acariciou o rosto dele, levemente, antes de tocar no seu braço em busca do relevo da runa Sigel. Lembrava-se bem do aviso que ele fizera da última vez: se não tivesse a marca, ela não podia confiar nele. Passou os dedos pela parte interna do braço e sentiu um arrepio, ao perceber a pele lisa.

— O que foi? — perguntou Daniel, atento às reações dela.

— Não tenho me sentido bem, desde que fiquei com febre por causa das suas mãos — disfarçou, sentando-se numa das duas poltronas, distante da cama. Ele rodou a outra poltrona, sem esforço, e posicionou-a em frente a ela.

— Eu lamento — respondeu Daniel. — Não volta a acontecer.

Ela ouviu a resposta e prendeu o fôlego, por um segundo. Ele acabara de se trair. Não só não tinha a cicatriz, como também não se lembrava de já ter pedido desculpa por tê-la machucado com as mãos em brasa, na visita anterior. Este era o Daniel em quem não podia confiar, mas continuava sendo o seu Daniel. Ela estava confusa.

Ele pegou o braço dela, levantou a manga do confortável pijama de algodão e constatou:

— As marcas desapareceram.

— Dib me deu um remédio — repetiu ela, embora já o tivesse informado.

— Se não tivesse resultado, eu teria curado você. Não vou permitir que nada aconteça com você — prometeu, antes de pedir: — Quero que venha comigo.

Ele estava sendo sincero. Elizabeth se assemelhava ao efeito de uma droga que entrara no seu sistema: viciava muito rápido e era necessário sempre mais.

— O que preciso fazer para ir com você? Explique-me como funciona — pediu, sorrindo, para disfarçar a confusão que sentia com as atitudes dele. Daniel parecia não se recordar da visita anterior. Ele fixou os olhos nela e sentiu prazer ao ver o sorriso dela, suave e meigo.

— Você precisa querer ir comigo. E esse desejo deve estar muito claro dentro de você.

— Por quê?

— Porque é a única forma de você continuar forte no plano onde estou — explicou Daniel. — Se não for assim, você vai enfraquecer.

— Qualquer pessoa pode fazer isso?

— Não. Os humanos precisam perder suas vidas. E depois da morte, não têm escolha: Samael, o anjo da morte, avalia os seus feitos e determina para

onde vão. Eles só podem atravessar o portal se forem enviados para o mesmo plano de existência em que estou — disse, mas não explicou que, mesmo depois de mortos, os humanos não eram livres para usar os portais, e isso era um privilégio de poucos.

— E por que seria diferente comigo?

— Você é uma criatura do Graal — informou em voz baixa, usando a expressão *criatura*, que nunca usara antes para se referir a ela. — Criada para transcender homens e animais. Tem o dom dos sonhos e conhece o futuro.

— Mas a minha natureza também é humana e animal.

— E angelical — lembrou ele.

— Se eu for com você, estou quebrando o juramento de servir a Ordem, acima de tudo. E não poderei voltar a consagrar-me — falou, tentando entender exatamente o que ele estava propondo.

— Isso não será um problema: quando chegar a hora certa, farei com que não precise mais da Consagração para continuar imortal.

— Isso não é possível — discordou ela, sentindo-se cada vez mais desconfiada.

— É, sim. Confie em mim — pediu, acariciando a mão dela.

— Posso voltar dessa dimensão, quando quiser?

— Sim — mentiu, omitindo que depois de ela o seguir, só ele poderia permitir que ela circulasse entre os mundos. E em cem anos, quando o efeito do Graal diluísse, ela só seria imortal enquanto permanecesse ao lado dele, servindo-o. Como, aliás, acontecia com o seu exército de Anjos Negros.

— E como é essa dimensão? — quis saber.

— Com a sua pureza, para onde quer que vá, será sempre o paraíso — afirmou, enigmático. Ela o olhou sem entender o que ele estava dizendo. E surpreendeu-o ao mudar radicalmente de assunto:

— Fale-me sobre as suas cicatrizes, agora que elas desapareceram.

Ele hesitou por um décimo de segundo, como se um raio tivesse atingido o seu cérebro. E mesmo antes de racionalizar o que estava acontecendo pressentiu a armadilha de Elizabeth. Algo acontecera. Não sabia o quê, mas teve a nítida percepção de que algo estava errado.

— De onde surgiu essa ideia, assim, de repente? — queria ganhar tempo para entender onde ela estava querendo chegar.

— Não é de repente.

— Você sabe o que aconteceu — respondeu, perscrutando o olhar dela, com atenção.

— Não. Você lembra que nunca me falou sobre isso?

— Não gosto de falar sobre isso — percebeu pelo olhar de Elizabeth que ela não parecia disposta a esquecer o assunto, e contou, sem ocultar o seu desagrado: — Fui preso em 1307, com outros Templários. E fui torturado durante anos. Não é uma época da qual gosto de falar.

— Lamento muito, Daniel.

Ele a analisou, com intensidade. O Graal protegia os Guardiões tornando-os imunes a alguns dos seus poderes e encantos. O fato de não conseguir acessar as emoções e os pensamentos dela contribuía para tornar o relacionamento deles mais instigante. Mas, naquele momento, irritou-o, porque não sabia o que ela estava planejando nem os motivos para perguntar sobre as suas cicatrizes. Ele conseguia ser igual a Daniel em tudo, só não era capaz de imitar as marcas da sua vida, e essas marcas eram as cicatrizes. As de Daniel não desapareciam, mas não havia possibilidade de Elizabeth saber disso. Só Daniel poderia lhe dar aquela informação, e ele estava exilado no submundo. Não havia como Daniel sair de lá para visitar Elizabeth.

— Tenho que voltar — avisou.

— Por quê?

— Só posso ficar com você por algum tempo — disse, evitando explicar que a sua temperatura aumentava, para limitar o seu tempo no mundo humano. Dirigiu-se para o portal, mas antes de entrar, perguntou: — Vai pensar na minha proposta?

— Sim. Mas precisamos falar mais sobre isso — rematou, mantendo-se sentada na poltrona. Desta vez não lhe pediu que ficasse. Estava confusa: não entendia como as cicatrizes sumiam e reapareciam. As suas dúvidas sobre Daniel aumentavam, mas ela temia falar com algum dos Guardiões, por medo que ele não voltasse — como havia dito.

10. O perdão

E o fim de tudo é o fato de eu ter que perdoar-te. Tenho que fazê-lo. Não escrevo esta carta para pôr amargura no teu coração, mas para a tirar do meu. Por mim próprio, tenho que perdoar-te. Não podemos manter constantemente uma víbora no peito, para nos alimentar, nem levantar-nos de noite para semear espinhos no jardim da alma. Não me será difícil fazê-lo, se me ajudares um pouco.

Oscar Wilde (1854-1900)

Miguel atravessou o jardim e colocou a mão sobre o braço de Alessia, fazendo com que ela se voltasse para encará-lo.

— Precisamos acabar com isto, Alessia. Já chega.

— Eu sei — ela acenou de leve a cabeça, fitando os olhos dourados de Miguel.

— Perdoe-me — pediu, com sinceridade. — Sei que a magoei.

— Queria entender por quê. Podia ter falado comigo, antes de partir — disse ela.

— Não — retrucou Miguel. — Não fui correto, mas não podia lhe causar mais dano. Se tivesse revelado os meus planos, teria feito de você minha cúmplice, e a sua situação teria se tornado mais precária do que já era quando deixei a Ordem.

— Naquela época, eu teria feito qualquer coisa por você — confessou Alessia, expulsando finalmente aquilo de dentro dela, séculos depois.

— Eu sei. Mas eu não tinha o direito de pedir mais do que já me dera.

— Talvez você tenha se tornado melhor... — respondeu, observando-o com atenção.

— Não sou bom, mas também não sou mau — pediu de novo: — Você me perdoa?

— Sim — respondeu devagar, depois de um longo silêncio.

— Nunca lamentei o que aconteceu entre nós — explicou Miguel. — E fico feliz por estarmos de novo em paz — despediu-se dela com um beijo no rosto, dirigindo-se em seguida para o aeroporto, na companhia de Uchoa. Em breve estariam em Paris.

Alessia viu-o partir, pensando no segredo que a assombrara por tanto tempo.

Com exceção de Daniel, Arturo e Miguel, que cresceram juntos em Montségur, todos os outros haviam sido separados e vivido em países diferentes, para garantirem a continuidade da Ordem naqueles tempos conturbados, de perseguição aos Cátaros. Após a queda de Montségur, em 1244, a última geração de Guardiões se uniu e passou a viver num monastério Templário na França.

Mas Miguel sempre teve um segredo: jamais se submeteu às regras da Ordem e escapava do monastério para seduzir mulheres. O fato de nunca ter sido casto lhe permitiu funcionar com a mesma sintonia, evitando que alguém notasse alterações na sua energia.

Quando Miguel viu Alessia pela primeira vez, recém-chegada ao monastério, sentiu-se imediatamente atraído por ela. E aquela atração, talvez por ser a mais proibida de todas, aumentou até se tornar incontornável.

Alessia era a única mulher que ali vivia, tendo o privilégio de possuir um alojamento exclusivo. Exceto esse detalhe, a sua figura se diluía entre os Templários: vestia-se como eles, ocultando as formas femininas sob a roupa de corte masculino. Embora a sua beleza suave só fosse notada em raras ocasiões, não escapava a Miguel.

Ele apreciava a delicadeza dela: os gestos, as mãos finas e macias, o rosto bonito com a boca carnuda em forma de coração, o corpo miúdo e perfeito que adivinhava sob as roupas. Miguel levou alguns anos para se aproximar dela, fruindo o tempo da lenta conquista, e prolongando-o. O desconhecido exercia um fascínio excitante sobre ele, e a espera aguçava os seus sentidos e antecipava o prazer da recompensa.

Miguel cultivou o carinho fraternal, o amor espiritual, a dependência emocional e, por fim, o desejo carnal, fazendo tudo culminar numa paixão avassaladora. Alessia, inocente, desconhecia as emoções mundanas e lutou o quanto pôde contra aquele sentimento proibido. Rejeitou, chorou, amaldiçoou, sofreu e, por fim, adoeceu. Por mais que tentassem descobrir o que tinha, ninguém encontrava explicações. Trataram todas as doenças que conheciam, mas não foram capazes de curar o mal que a estava definhando. Ela não dormia, e quase não comia, se arrastando pelos corredores do monastério como um fantasma.

A doença piorou quando Miguel partiu para a Inglaterra, com a incumbência de resolver algumas transações comerciais da Ordem. Naquela época, os Templários, apelidados de “Banqueiros de Cristo”, movimentavam grandes somas de dinheiro por toda a Europa, e os assuntos da Ordem estavam ligados aos assuntos Templários. Miguel, devido ao seu grande talento comercial, era, com frequência, responsável por negócios importantes. Ficou na Inglaterra por seis meses e quando retornou à França encontrou Alessia num estado deplorável. Compreendeu que todo o esforço para conquistá-la tinha sido recompensado: Alessia estava sofrendo de *maladie d’amour*, o mal de amor. Miguel pediu a autorização de Arturo para visitá-la, acreditando que o mesmo sentimento que provocara a doença também a iria curar. Quando Alessia o viu, o seu rosto se iluminou.

— Alessia, está na hora de melhorar — anunciou Miguel, sentado na beirada da cama, avaliando a palidez excessiva da sua pele.

— Não mereço melhorar — rejeitou, sacudindo a cabeça, com esforço, hipnotizada por aquele homem que se parecia com um deus. Aquele amor estava a destruí-la.

— Mas eu quero que fique boa. Preciso de você — confessou num sussurro.

— E depois, o que acontece? — perguntou, lutando contra o amor proibido.

— Depois nós resolvemos. Mas, primeiro, tem que melhorar — disse, antes de voltar o olhar para a porta do quarto, por onde Arturo acabara de passar.

— Então? — perguntou Arturo, ao ver Miguel segurando a mão de Alessia entre as suas, numa atitude fraternal. Miguel beijou-a na testa, antes de comentar:

— Ela vai ficar bem. Tenho certeza. Não é, Alessia?

— Sim — concordou baixinho.

Arturo estava incrédulo: durante meses haviam tentado, em vão, arrancá-la do seu estado de melancolia, e em minutos Miguel parecia ter lhe devolvido a vontade de viver.

Dias depois Miguel encontrou-a no claustro do monastério. Ela ocupava um banco do jardim, com as mãos cruzadas sobre o regaço. Sentou-se junto a ela, aproveitando o fato de estarem sozinhos pela primeira vez desde que ele a visitara no quarto. Miguel ergueu o rosto para o céu e fechou os olhos, para receber o sol primaveril. Ficou imóvel, por um momento, sentindo que ela o observava.

— Esta noite vou ao seu quarto — anunciou, voltando-se para encará-la, com os olhos brilhando como duas brasas. A frase inesperada, dita com naturalidade, chocou-a. Ela nunca tinha sequer beijado um homem, e aquela visita noturna era assustadora: tratava-se de algo proibido tanto por sua rígida educação quanto pela Ordem.

— Não podemos — rejeitou apavorada, lembrando que o padre da sua infância falara do pecado e da ameaça do fogo eterno, ensinamentos muito anteriores às proibições da Ordem.

— Preciso estar com você, antes de viajar — justificou, de forma astuta, sabendo que aquilo a convenceria a recebê-lo nos seus aposentos.

— Vai viajar? — perguntou, recordando os dias horríveis que passara sem ele.

— Por alguns meses.

— Para onde? — perguntou baixinho, tentando controlar as lágrimas. Ele percebeu e sentiu um acesso de ternura: o amor inocente dela era doce e irresistível. Anunciou, devagar:

— Inglaterra. Outra vez.

— Por favor, não vá.

— Por quê? — Ela ficou em silêncio, tentando encontrar palavras que explicassem que o seu coração se acendia na presença dele, e na ausência só havia escuridão. Mas aprendera que aquela era uma trilha proibida e, por isso, as palavras lhe faltavam. Miguel insistiu:

— Alessia?

— Não sei falar sobre isso — disse, com vergonha de se expressar, e o rosto corado.

— Está bem. Mas posso me despedir de você, hoje à noite? — perguntou antes de acrescentar: — Viajo em dois dias.

— Está bem — cedeu, vencida pela saudade antecipada e pelo medo de que ele a esquecesse.

Naquela noite Miguel esgueirou-se pelos corredores do monastério, como um ladrão silencioso, até chegar ao quarto dela sem ser visto. A porta cedeu quando ele a empurrou.

Viu-a sentada, muito reta, na única cadeira que havia no quarto, vestindo a longa túnica negra dos Guardiões, como se insistisse teimosamente em se lembrar do juramento a que estava sujeita. Ele se ajoelhou aos pés dela e colocou a cabeça no seu colo, sem dizer uma palavra, como um menino em busca da ternura. Ela levou alguns segundos até criar coragem de acariciar o cabelo macio com os dedos. Sentiu o calor do rosto dele passar para as suas coxas e alastrar-se pelo corpo. Ele abraçou as pernas dela e, sem aviso, beijou o lugar onde antes repousara o rosto. Ela tremeu. Ele levantou a cabeça e ainda de joelhos prendeu o rosto dela entre as suas mãos e beijou-a nos lábios com delicadeza, até sentir o corpo dela perder parte da rigidez. Em seguida levantou-se e partiu.

Alessia continuou sentada, se perguntando se aquilo teria mesmo acontecido, enquanto olhava o quarto vazio. Passariam quatro meses até voltar a vê-lo, e quando isso aconteceu o seu coração explodiu de alegria. Miguel entrou no refeitório acompanhado dos Templários que o tinham acompanhado a Londres e cumprimentou os irmãos até chegar ao lugar onde ela estava. Beijou-a na mão e aproveitou para dizer baixinho, de modo a que só ela escutasse:

— Esta noite.

Ela se agitou com a expectativa e a memória do beijo inocente que haviam trocado meses antes. E, mais tarde, naquela noite, ele seria tudo menos inocente, levando-a a descobrir prazeres jamais imaginados e a compreender que o corpo era como um navio capaz de levá-la para outros mundos. Miguel venceu pacientemente todas as defesas dela e ensinou-a sobre a requintada arte do amor. Visitou-a noite após noite, indo cada vez mais longe na sofisticação do amor. Ela estava perdidamente apaixonada, mas ele estava apenas encantado por ela — encantado pela sua beleza frágil e doçura, pelo seu corpo perfeito, em todos os detalhes.

Miguel fez dela uma mulher consciente da sua força e beleza. Foram amantes até o dia em que desapareceu. E foi essa traição que ela jamais perdoou: o fato de ele a ter abandonado, sem nunca ter mencionado que ia sair da Ordem, levando as suas relíquias mais preciosas.

Aquele era o segredo que unira Alessia a Besson.

Arturo era o único que estava no monastério naquele período e, por isso, foi também o único a perceber as mudanças no padrão de energia de Alessia, mas nunca a confrontou. Respeitou o tempo dela, até o dia em que Alessia confessou o seu pecado, semanas após Besson ter pilhado e abandonado a Ordem. Alessia estava destroçada e envergonhada, certa de que não seria novamente consagrada pelo Graal.

A partir de então, Alessia seguiu as regras da Ordem com uma rigidez por vezes excessiva, que beirava a punição. Arturo chegou a falar com ela sobre alguns excessos que condenava, como o jejum prolongado. Ele dizia que a vida era a busca do equilíbrio, e certos excessos, mesmo entre os que buscavam a iluminação, como ela, podiam causar mais mal que bem. Defendia que o corpo tinha que estar saudável e forte para suportar o espírito e os desafios. Mas Alessia punia-se, não apenas por ter se afastado dos preceitos da Ordem, mas também por ter acreditado em Miguel, entregando-lhe o corpo e alma com a simplicidade de alguém que se rende a um deus, sem reservas.

Porém, décadas depois, a consagração de Alessia foi confirmada, sem que ela ou Arturo compreendessem os insondáveis caminhos do Graal. A castidade era essencial para manter a energia da Ordem fluindo, e a quebra daquela regra não foi suficiente para afastar Alessia da linhagem dos Guardiões.

Queiroz pesou cuidadosamente os prós e os contras e, no final, restava-lhe apenas um grande argumento: Martha pedira a sua ajuda para encontrar o filho perdido de dona Clara, e ele tinha encontrado. As implicações dessa descoberta deveriam ser analisadas por Martha. Ela teria que decidir o que fazer com as informações.

— Martha — disse Queiroz, familiarizado com a sua nova identidade. Ela estava fechando o correio, para o horário do almoço, quando atendeu o celular e reconheceu a voz dele.

— Tem notícias?

— Sim, mas você precisa prestar muita atenção no que vou contar — avisou antes de continuar, tentando prepará-la para as informações surpreendentes que ia revelar. Martha ficou de sobreaviso, imaginando o pior: que o filho de dona Clara estava morto, ou era um traficante da pior

espécie. Nada a preparara para as revelações que Queiroz faria.

— Estou escutando.

— O filho de dona Clara é Juan Penafor — disse de uma só vez. Percebeu que a notícia teve impacto pelo longo silêncio que se seguiu às suas palavras. Por fim, Martha respondeu:

— Não é possível. Isso não tem sentido. O pai dele era espanhol e criou-o sozinho depois que a mãe o abandonou, quando ele tinha dois anos.

— Você sabe o nome da mãe dele?

— Não. Ele nunca falou da mãe.

— Juan Penafor foi registrado como filho de Leopolda Cassiano.

— Pode haver outra — sugeriu Martha, lutando contra a realidade.

— Não, Martha. Leopolda Cassiano é a prima de dona Clara.

— Falou com ela?

— Não. Ela desapareceu. Talvez tenha morrido. Não encontrei mais nenhum registro dela — fez uma pausa, antes de concluir: — Nunca saberemos por que roubou o bebê, mas Leopoldina disse que ela não podia ter filhos. Talvez ela quisesse uma criança.

Martha ficou calada, lutando para assimilar a informação.

— É uma ironia. Entende? A mulher que fez o meu parto é a avó do meu filho — Martha parecia lutar com as palavras. — É a mãe do pai dele. Como é isso possível?

— A vida parece ter formas de se equilibrar — comentou Queiroz, que embora fosse pouco dado às filosofias e não acreditasse nas artimanhas do destino, tinha que reconhecer que aquela história era surpreendente.

Quando Martha desligou, lutava ainda para aceitar a reviravolta daquela história. Teria que decidir se estava disposta a expor-se, colocando em perigo a sua vida, e a de Fernando, para reencontrar Juan Penafor, o filho de dona Clara.

Apesar de ter absorvido a alma de Hans, Miguel continuava frágil. A sua debilidade era muito profunda e ele precisava repor a energia para não correr o risco de repetir o incidente que acontecera dias antes.

Na primeira noite que passou em Paris, enquanto Uchoa descansava, Miguel saiu em busca de alguém capaz de alimentá-lo. Embora matar fosse uma necessidade e não lhe causasse repulsa, notou que estava se tornando mais penoso. Porém, mesmo não querendo ceifar a vida de alguém, a sua

sobrevivência dependia daquele gesto.

Eram duas e meia da manhã quando viu duas jovens atravessando a rua, depois de saírem de um bar. Preferia alguém solitário, mas tornara-se difícil ver pessoas andando sozinhas pelas ruas durante a noite. O medo tinha-se instalado em Paris com os assassinatos de Lucrezia Zani, e ainda não tinha desaparecido. Miguel seguiu-as, esperando o momento certo para atacar. Elas entraram por uma rua silenciosa e pouco iluminada, a caminho do pequeno apartamento que dividiam, quando ouviram o som dos passos firmes se aproximando rapidamente. Hesitaram por um segundo, decidindo se apressavam o passo, mas a voz de Miguel acalmou-as. Ele pediu, educadamente, uma informação, depois de afirmar que se perdera. Elas pararam, voltaram-se para trás para avaliá-lo e, ao verem um homem bem vestido e elegante, sentiram alívio. Ele não parecia perigoso. Era apenas alguém que se perdera pelas ruas de Paris.

Esperaram que ele se aproximasse e começaram a explicar o percurso para sair do bairro. Miguel ouviu-as com atenção, mas durante a explicação deu uma pancada seca numa das jovens, fazendo-a desmaiar imediatamente. E antes que a outra tivesse tempo para entender o que estava acontecendo, feriu-a mortalmente com o Punhal.

— Lamento muito — disse baixinho, enquanto o punhal deslizava no peito dela e atingia o coração. Ela não sentiu dor, apenas uma espécie de bem-estar repentino quando se libertou do seu corpo. Miguel absorveu a alma dela. Levou alguns minutos para se recompor, antes de repetir o processo com a outra jovem. Recuperou a sua força e os dois assassinatos lhe pareceram completamente justificados, fazendo com que se apaziguasse com a sua natureza.

Sabia que no dia seguinte todos os jornais iriam noticiar as duas mortes e até avançar com a possibilidade de estar havendo uma nova onda de assassinatos. Miguel deixara um rastro de crimes por resolver durante séculos, numa infinidade de países. E aqueles seriam mais dois sem solução, como tantos outros que aconteciam nas grandes capitais.

Em Londres, depois de se instalarem num discreto apartamento, próximo do centro, Klaus Jürgen e Anton Blankenheim começaram a planejar a sua missão. Klaus preferia trabalhar com Hans, por ser mais maleável e comprometido, mas reconhecia que Anton estava entre os melhores

atiradores, sendo ideal para aquele trabalho.

Anton Blankenheim desconhecia qual seria a sua missão e embora estivesse curioso não se atrevia a perguntar nada a Klaus: ele era seu superior hierárquico e era conhecido por sua rigidez, não admitindo falhas ou impertinências. Klaus não podia permitir que ele soubesse uma informação tão vital antes da hora certa. Assassinar o premiê inglês, considerado o salvador da Europa, era algo muito sensível. E eles não podiam falhar.

A primeira etapa era de reconhecimento: precisavam conhecer Londres, em especial os arredores da casa de Temple e a região do Palácio de Westminster, onde funcionava o parlamento, e investigar todas as rotas de fuga possíveis, inclusive saídas subterrâneas, túneis e os esgotos, cujas plantas detalhadas já estavam em seu poder. Também tinham que avaliar os vários locais estratégicos de onde pudessem cometer o assassinato. Depois passariam às fases seguintes, quando o General Halder os acionasse. Klaus receberia as armas que usariam no atentado e eles teriam alguns dias para se adaptarem e treinarem com elas. E, por fim, teriam acesso a uma cópia da agenda de William Temple, para que escolhessem a melhor oportunidade para assassiná-lo. Aquilo significava que alguém próximo do premiê estava envolvido com a Sociedade do Dragão Verde.

Paris amanheceu com um sol tímido, mas a primavera já se instalara na capital francesa e o dia prometia ser menos frio.

Durante a manhã, Miguel e Uchoa visitaram o casal Messie e conversaram sobre a libertação da alma de Kent, que Sarah havia absorvido meses antes e a salvara da morte. Dib os havia instruído para encerrarem aquele assunto, que continuava sendo doloroso para todos.

Sarah e Jean Luc sabiam que, em algum momento, ela precisaria se libertar da energia de Kent. Ela estava totalmente recuperada, e era grata por isso, embora continuasse com dificuldades em compreender a forma como havia sido resgatada da morte. Mas, enquanto judia, sempre lidara com os rituais da sua religião e reconhecia como eram importantes e necessários para ordenar o seu mundo, por isso escutou as instruções de Miguel e anotou o que precisava fazer durante os três dias que antecederiam a libertação de Kent. Depois daquele ritual, Jean Luc e Sarah estariam livres para recomeçarem as suas vidas, deixando para trás a sombra de Lucrezia.

Após deixarem a casa dos Messie, Miguel e Uchoa dirigiram-se à prisão

onde Lucrezia permanecia em seu confinamento especial. Apenas uma pessoa podia visitá-la, e Miguel entrou sozinho na ala reservada aos prisioneiros, enquanto Uchoa o aguardava do lado exterior.

Ao contrário da visita anterior, desta vez Miguel notou que Lucrezia estava pálida e com a vitalidade abalada. Os efeitos do isolamento começavam a surgir no seu rosto. Ambos sabiam que ela estava em desvantagem para negociar. A sua óbvia fragilidade adicionava um caráter de urgência, que diminuía o seu poder negocial. Por muito que ela tivesse para oferecer, a sua vida estava em risco se não saísse daquele lugar.

— Vejo que o tempo não está sendo benevolente com você — começou Miguel, provocante, sentando-se na cadeira disponível, em frente a ela, e tentando capitalizar a sua vantagem.

— O que você quer para me ajudar a sair daqui? — perguntou baixinho.

— A Lança de Longinus — respondeu Miguel.

— A lança não é nada comparada com o que sei. Conheço um segredo que fará os Guardiões tremerem — informou, com um sorriso seguro, falando devagar. — Um segredo que vai transformar os Guardiões para sempre e pode até destruí-los.

Miguel observou-a. Era difícil saber se ela estava blefando. Lucrezia era dissimulada e manipuladora e faria qualquer coisa para sair dali. Ela moveu ligeiramente as mãos presas nas algemas, e Miguel percebeu que a pele estava perdendo a elasticidade da juventude. Em volta dos olhos e nas mãos surgiam pequenas rugas. Mas mesmo assim continuava sendo uma bela mulher.

— O que propõe?

— Primeiro você me liberta. Depois eu conto o segredo.

— Como saberei se vale a pena?

— Vale — garantiu ela, baixando a voz de novo. — É sobre o líder dos Guardiões.

Miguel ficou um momento imóvel, avaliando-a cuidadosamente, para descobrir se ela estava mesmo falando a verdade.

— Não posso avaliar o que me está propondo, porque não sei do que se trata. Portanto, minha contraproposta é a seguinte: ajudo você em troca do segredo e da lança.

— Não — respondeu corajosamente, mesmo sabendo que se Miguel fosse embora e ela tivesse que o chamar para negociar de novo, a sua posição seria ainda mais frágil.

Miguel levantou-se, muito calmo, e dirigiu-se para a porta, pronto para abandonar a sala. Ele não tinha nada a perder, mas ela tinha tudo a perder.

— Miguel — chamou-o, fazendo com que ele parasse a menos de um passo da porta. — Só o segredo. Eu preciso da lança.

Ele se voltou lentamente e encarou-a antes de responder:

— É exatamente isso que me preocupa: que você precise da lança.

Ficaram em silêncio, e ele voltou à mesa, ocupando de novo o lugar em frente a ela.

— Não posso lhe dizer — disse ela. — Mas garanto que o que eu sei é mais importante que a lança. Pelo menos para os Guardiões. Esse segredo condena-os a todos.

Miguel estava curioso. Inclinou-se na direção dela e ameaçou-a:

— Se você tentar me enganar, não vai ter um segundo de paz até eu a destruir — fez uma pausa, antes afirmar, com os olhos brilhando: — E eu prometo que vou destruí-la.

Ela sacudiu a cabeça, em sinal de assentimento. Acreditava nele. Sabia que ele dedicaria a vida para isso, e um homem como Miguel Besson, quando se dedica a algo, sempre acaba conseguindo, mesmo que se passem muitos anos. Ele tirou discretamente do bolso dois minúsculos pacotinhos brancos e pôs na mão dela, explicando:

— É uma perigosa mistura de plantas. Tem dois pacotes com as quantidades precisas. Você toma a primeira dose, que é a menor, e exatamente vinte e quatro horas depois vai tomar a segunda. Não erre nas doses — advertiu Miguel, antes de continuar explicando o que aconteceria com ela, e como poderia escapar.

Minutos depois Miguel se encontrou com Uchoa.

— O que ela queria? — perguntou Uchoa.

— Nada que não tivéssemos imaginado. Ela queria ajuda para escapar em troca da lança — respondeu Miguel.

— E o que você respondeu?

— Não aceitei. Mas tenho certeza de que ela vai tentar escapar. Ela disse que há um *herdeiro natural*, que está com a lança, e vai ajudá-la — mentiu Miguel, se precavendo.

— Então por que ela o chamou? — Uchoa achou que a atitude de Lucrezia não fazia sentido.

— Lucrezia quer ter um plano B. Se algo der errado, precisa de uma alternativa — justificou Miguel. — O corpo dela está se deteriorando e ela

está enfraquecendo. Acho que devemos ficar atentos, porque ela não pode continuar presa por mais tempo.

Uchoa estava dirigindo o carro alugado de volta para o hotel, enquanto conversavam. Ficou calado por alguns segundos, avaliando os argumentos de Miguel, e eles pareciam ter lógica. Mesmo assim estava com a sensação de que ele não contara toda a verdade.

— Estaremos atentos — assegurou Uchoa, cada vez mais seguro de que havia algo errado.

A carta não tinha remetente, mas o carimbo de Berlim chamou a atenção de William Temple. Abriu o envelope e avaliou a lista com doze nomes. Tinha certeza de que fora enviada por Rolf Merten, o seu aliado secreto. Gostaria de falar com ele, mas era muito arriscado tentar contatá-lo. Qualquer movimento em falso colocaria a vida de Rolf em risco. Depois da sua tentativa de assassinato, Temple já tinha provas de que os responsáveis não hesitariam em matar para defender os seus interesses. Estava lidando com gente implacável.

O MI6 e a polícia tinham descoberto muito pouco sobre o seu assassino: a identidade e o histórico profissional eram falsos. Ele era alemão, e não inglês, como atestavam seus documentos. Crescera em instituições de adoção, e após completar quinze anos deixara de haver vestígios da sua existência. Ressurgiu, anos depois, como inglês, com uma identidade falsa tão perfeita que lhe permitiu enganar os serviços secretos e conseguir o lugar de segurança do primeiro-ministro. Aquelas informações provavam que o caso foi planejado com antecedência e, possivelmente, havia gente infiltrada em lugares-chave de vários países, e não apenas na Inglaterra. A grande questão era saber quem eles eram, e o grande perigo é que qualquer um podia pertencer ao grupo fantasma.

Temple achava que aquela lista de nomes poderia conter a resposta para várias das suas dúvidas, mas primeiro precisava investigar quem eles eram. Reconheceu o nome de Max Küchler, o empresário alemão que se suicidara por motivos que permaneciam obscuros. Pensou que o seu amigo Tom Hodgson podia ajudá-lo, sem chamar a atenção. Desde que soube que um dos seus seguranças era um nazista infiltrado, estava tomando alguns cuidados adicionais até ter certeza de que os seus colaboradores eram confiáveis. Convidou Tom para jantar em sua casa, no final de semana, onde teriam

privacidade para abordar um assunto tão sensível.

Alessia e Seth chegaram a Berlim para descobrir informações sobre Max Küchler e Rudolf Halder.

Primeiro foram à casa dos Küchler, onde Iris, sua viúva, já os aguardava. Alessia telefonara pedindo que ela os recebesse e venceu as suas resistências ao mencionar que Max escrevera a um amigo e ela precisava ver o conteúdo da carta.

Iris recebeu-os com uma educação fria. Não sabia quem eram exceto que tinham sido enviados por um amigo de Max e, antes de mais nada, queria ler a carta do marido, e assegurar-se de que Alessia dissera a verdade. Desde a morte de Max, lutava para compreender quais os motivos por trás do suicídio dele. Mesmo os amigos de Max, com quem Iris conversara no funeral, não entendiam o que acontecera. Max não se abria com ninguém: não fez nenhum desabafo, nem deu sinal de que algo estava errado.

Seth deu-lhe uma cópia da carta. Ela começou a ler. Os seus olhos encheram-se de lágrimas e ela levou a mão direita aos lábios, tentando controlar o choro. A carta tremeu na sua mão esquerda. Iris interrompeu a leitura e deu alguns passos em direção à janela, para se acalmar. Respirou fundo e retomou a leitura. Estava chocada. Não sabia do que o marido estava falando, mas finalmente entendera o motivo do seu suicídio. Quando leu as últimas palavras, limpou as lágrimas, devolveu a carta a Seth e explicou, tentando manter a voz serena:

— Não consigo acreditar que Max pertencesse à elite de um grupo nazista. Ele era uma pessoa generosa e não um nazista radical. Isso simplesmente... não faz sentido.

— Talvez por isso ele tenha pedido a ajuda do nosso amigo Daniel — comentou Seth.

— Por que ele não se afastou? Ou não me contou o que estava acontecendo? — perguntou Iris, mais para si mesma do que para eles.

Seth explicou, percebendo a confusão dela:

— Grupos radicais não permitem que seus membros os abandonem. Max foi obrigado a seguir os passos do pai e do avô.

— O meu sogro nunca escondeu suas simpatias pelos nazistas. Mas Max jamais falou sobre isso e nunca educou as nossas filhas para serem nazistas — disse ela.

— A elite da Sociedade parece aceitar apenas homens e talvez por isso as suas filhas tenham sido poupadas da doutrinação nazista — explicou Alessia. — Mas Max não podia escapar ao seu destino, embora não concordasse com os rumos da Sociedade.

— E isso custou a sua vida — disse Iris, limpando discretamente uma lágrima teimosa.

— O que aconteceu naquele fim de semana? — perguntou Seth.

Iris contou que tudo parecia normal apesar de ele ter se isolado no escritório. Mas, por vezes, ele trabalhava durante todo o final de semana, e ela não estranhou a atitude.

— O último desejo de Max era que a Sociedade fosse destruída — lembrou Seth. — Para isso precisamos de informação sobre os amigos dele, para descobrirmos se pertenciam ao grupo.

— Por que ele não contou tudo na carta? — perguntou Iris, tentando ser racional. — Ele podia ter revelado os nomes. Por que não o fez?

— Para proteger a família. Esses grupos sempre ameaçam a família — frisou calmamente Seth. — Os seus membros estão sujeitos ao silêncio e à lealdade. E se a carta caísse nas mãos erradas, Max não tinha revelado nenhum segredo que pusesse a sua família em perigo.

Só naquele momento Iris entendeu o sacrifício final de Max. As lágrimas deslizaram silenciosamente pelo seu rosto, sem que ela se esforçasse por ocultá-las.

— Vou preparar uma lista — disse Iris, entendendo os objetivos deles.

— Seria melhor anotarmos os nomes agora — sugeriu Alessia, evitando adiar o assunto e expor Iris a um novo encontro, caso ela estivesse sendo observada pelos nazistas. Ela concordou com a cabeça e começou a falar, enquanto Alessia ia escrevendo os nomes no pequeno bloco que tirou da bolsa, organizando-os em função da intimidade que tinham com Max. Conseguiram uma lista de vinte nomes, que iriam investigar posteriormente.

Mas assim que Alessia e Seth deixaram a casa dos Kùchler, havia dois nomes que se destacavam na lista: Rudolf Halder, o general responsável pelo treino dos soldados nazistas, e Dieter Steinbach, o carismático candidato de extrema-direita, com um discurso nazista, que liderava as pesquisas e estava sendo apontado como o próximo chanceler alemão.

11. Sete espelhos

Quando olhamos um espelho, pensamos que a imagem à nossa frente é exata. [...] Mas às vezes [...] é do outro lado do espelho que a verdade nos encara.

Harold Pinter (1930)

Lucrezia tomou a dose menor do pó fino e branco. Guardou a dose maior na costura da sua roupa interior. Minutos depois reconheceu os sinais que Miguel descrevera. Sentiu a respiração ofegante, a visão embaçada, e os batimentos do seu coração aumentaram tanto que ela achou que o seu peito fosse estourar. Deus alguns passos e bateu na porta com força, mas caiu no chão, desmaiada, antes de gritar por socorro.

O guarda, que ficava sempre ao lado da porta, ouviu a batida, seguida do baque seco do corpo batendo contra o chão. Aproximou-se e abriu o visor de metal. Espreitou a cela e viu o pé descalço de Lucrezia no chão. Não tinha autorização para entrar na cela sozinho, desde que ela matou um guarda e foi instaurado um rígido protocolo de segurança. Não importava o que tivesse acontecido: o protocolo tinha prioridade.

O guarda pediu ajuda pelo rádio e em menos de um minuto quatro seguranças armados, com coletes à prova de bala, e capacetes transparentes, avançaram pelo longo corredor e passaram por dois portões, antes de chegarem à porta da cela de Lucrezia.

Um deles abriu a porta enquanto os outros mantinham as armas apontadas na direção da cela. A porta não cedia, porque o corpo dela estava bloqueando

a entrada. Eles empurraram a porta, e o corpo rolou, inerte, criando o espaço necessário para a porta abrir. Um dos guardas ajoelhou-se, sob a mira atenta dos outros, e pegou no pulso dela para avaliar os batimentos cardíacos. Mas não havia batimentos. Imediatamente, começou a fazer uma massagem cardíaca, enquanto os outros chamavam os paramédicos. Levaram-na para o hospital, rodeada da segurança digna da assassina perigosa que era. Lucrezia tivera um ataque cardíaco e foi internada na UTI, com guardas à porta, independente dos médicos afirmarem que ela não tinha a menor condição física para tentar escapar.

A notícia espalhou-se rapidamente: Lucrezia Zani fora internada com um ataque cardíaco, e os médicos estavam tentando estabilizá-la para submetê-la a uma cirurgia.

Quando Dib viu a notícia na televisão, o seu primeiro pensamento foi para Miguel. Ele telefonara para informá-lo sobre o encontro com Lucrezia, mas aquele ataque cardíaco não podia ser uma coincidência: parecia sincronizado com a visita de Miguel.

— Besson, diga-me que você não cometeu a insanidade de ajudar Lucrezia — Dib ligou para Miguel e falou com a voz ríspida, sem sequer o cumprimentar.

— Eu contei o que aconteceu — mentiu, com convicção. — De onde tirou essa ideia?

— Da sequência de eventos. Um dia após a sua visita, ela teve um ataque cardíaco.

— Dib, eu avisei que ela estava muito fraca.

— A imagem dela na TV desmente a sua descrição. Lucrezia não está enfraquecida o suficiente para ter um ataque cardíaco — Miguel percebeu que Dib estava irritado, o que era muito incomum, e, além disso, não acreditava nele.

— Se alguém a ajudou não fui eu, Dib — mentiu de novo Miguel.

— Você é o único suspeito. Falei com Étienne Bergès e ele verificou as visitas de Lucrezia — Dib ainda não tinha terminado de falar e Miguel já percebera aonde aquilo ia dar e a origem da irritação dele. — Você foi a única visita dela e foi vê-la não uma, mas duas vezes — Dib acrescentou com secura: — Pensei que tínhamos uma relação de confiança.

— E temos, Dib. Eu explico — argumentou, tentando acalmar Dib: — Quando a visitei da primeira vez, fui perguntar sobre a lança. Daniel tinha desaparecido, e eu não achei que era a melhor hora para falar de Lucrezia.

Depois a oportunidade passou, e achei que se falasse sobre a visita iam achar que eu estava escondendo alguma coisa.

— E não está?

— Não, Dib. Foi apenas isso que aconteceu — disse, se mantendo firme na mentira.

— Se eu descobrir que teve alguma participação na fuga de Lucrezia Zani, você deixa de ser bem-vindo entre nós — avisou friamente. Miguel sabia que Dib não hesitaria em pôr em prática aquele aviso. Sentiu um ligeiro arrepio. Estava tão próximo de alcançar os seus objetivos e não podia deitar tudo a perder por causa de Lucrezia. E nem sequer sabia se o segredo que ela iria lhe contar justificaria a sua participação na fuga dela.

Desde que Martha descobrira que dona Clara era mãe de Penafor e avó de Fernando acordava no meio da noite remoendo a culpa por ter decidido não contar a verdade. Mas se Penafor visitasse a mãe iria descobrir tudo sobre Martha e o filho, e a segurança de Fernando era mais importante.

Porém, forças alheias aos planos dela estavam atuando para alterar o destino. Miguel também tinha que decidir se revelaria ou não o paradeiro de Martha a Juan Penafor e tomou uma decisão oposta à dela: em vez de silenciar o que sabia, decidiu revelar.

Telefonou para Penafor, de Paris:

— Tenho boas notícias, mas antes precisa me prometer que não vai tomar decisões impensadas que podem prejudicar quem você ama, certo?

— Certo — concordou Penafor, cheio de esperança. Miguel não ia contatá-lo e dizer aquela frase se não soubesse onde estava Tereza.

— Tereza agora se chama Martha e está morando numa pequena vila no interior do Pará. Trabalha nos correios e dá aulas gratuitas para quem quiser aprender a mexer com computadores — contou, para acalmá-lo, antes de comunicar a principal notícia.

Penafor estava emocionado com a descoberta do paradeiro de Martha, mas a descrição que Miguel estava fazendo dela não correspondia à imagem que ele guardava.

— Penafor? — chamou Miguel perante o silêncio dele.

— Tem certeza de que a Martha é a Tereza? Não parece ela — disse, após um momento de silêncio para pensar no que Miguel lhe contara.

— Ela teve necessidade de se adaptar, Penafor. E a necessidade às vezes

revela o melhor de nós, e outras vezes o pior — avisou Miguel, calmamente. — No caso de Martha, houve um evento extraordinário que a transformou numa pessoa melhor.

— Sim, eu sei: ela teve que recomeçar uma vida.

— Não — disse Miguel, sempre no mesmo tom sereno. — O evento extraordinário não foi ela recomeçar uma vida, mas ela gerar uma vida.

Penafor ficou de novo silencioso. Sentiu um nó na garganta enquanto brigava para entender o sentido pleno da frase que Miguel acabara de pronunciar.

— Não compreendo... — disse, emocionado, com dificuldades em aceitar a notícia.

— Martha foi mãe. E acredito que você seja o pai. A questão, Penafor, é que você precisa decidir o que vai fazer, sem esquecer que a prioridade é a segurança deles.

Miguel conseguia ouvir Penafor chorando do outro lado da linha, e quando ele falou a sua voz estava embargada pelas lágrimas:

— Primeiro preciso vê-los, e depois decido o que vou fazer.

— Eu envio o endereço por e-mail — disse Miguel. — Boa sorte.

— Obrigado. Miguel. Obrigado.

Dieter viu-a pela primeira vez num bar onde foi com o General Halder, o seu único e leal amigo. Halder detestava frequentar bares ou discotecas, mas naquela noite eles tinham um objetivo diferente.

Dieter passou algum tempo observando a sala cheia de gente até os seus olhos se cruzarem com os da jovem. Nesse instante, ele soube que tinha encontrado a mulher que estava buscando. Ela estava com amigos, mas, de vez em quando, olhava para Dieter com um sorriso travesso. Dieter retribuía o sorriso, discretamente.

Halder considerou a escolha de Dieter arriscada: além de ela ser muito jovem, era também demasiado popular. Sugeriu que ele escolhesse alguém discreto, de preferência sem família. Mas Dieter achou que ela era a mulher certa. Quando deixaram o bar, às onze da noite, ela ainda ficou lá.

No dia seguinte, as fotografias discretas que Halder tinha tirado na véspera permitiram-lhe descobrir tudo sobre ela: Lynn Hogdson tinha vinte e um anos, frequentava o terceiro ano do curso de biologia, era filha de pai inglês e mãe alemã. O pai era um famoso e respeitado jornalista inglês, Tom

Hogdson, fato que desagradou profundamente a Halder. Lynn não era, em definitivo, “a mulher certa”, como Dieter a apelidara na véspera.

Lucrezia Zani sofreu um segundo ataque cardíaco vinte e quatro horas após o primeiro, desta vez fatal. Apesar dos esforços dos médicos, ela não conseguiu sobreviver. O plano de Miguel deu certo: a segunda dose do remédio simulou a morte dela. Lucrezia foi posta numa gaveta no necrotério, enquanto aguardava a autópsia, que seria realizada na manhã seguinte.

A mídia noticiou a morte dela às cinco da tarde. Alguns comentaristas lamentaram que ela não tivesse enfrentado o julgamento e os familiares de suas vítimas, pagando pelos seus terríveis crimes. Por muito que certos líderes religiosos falassem de justiça divina, o que as pessoas queriam era que Lucrezia pagasse pelos seus crimes através da justiça dos homens. A morte dela gerou a sensação de que ela conseguira escapar: a medida dos crimes era infinitamente superior à medida da punição.

Mas o verdadeiro drama começou quando o corpo dela desapareceu durante a noite, enquanto aguardava a autópsia. Em pouco tempo, multiplicaram as especulações sobre a possibilidade de Lucrezia estar viva e ter escapado. Por muito que os médicos argumentassem que ela tinha morrido, não havia um corpo que sustentasse aquelas afirmações, e ela começava a se configurar como alguém capaz de enganar os médicos, fingindo a sua morte.

Dib não tinha dúvidas de que Lucrezia estava viva. A sua única dúvida era sobre a participação de Miguel na fuga. Avaliou os acontecimentos. Se houvesse o dedo de Miguel no fantástico desaparecimento de Lucrezia, os benefícios dele teriam que ser muito grandes, e a lança parecia suficiente para justificar o envolvimento dele com Lucrezia. Mas Dib acreditava que talvez houvesse um motivo ainda maior, e ele pretendia descobrir o que poderia estar por trás da vil traição de Miguel, caso ele estivesse mesmo envolvido com Lucrezia Zani.

Lynn tinha uma personalidade alegre que lhe angariava uma fila de pretendentes, mas ela não pretendia envolver-se com ninguém. Porém, quando viu Dieter no bar onde festejava o aniversário de uma das amigas, sentiu-se imediatamente atraída por ele. O rosto dele era familiar, como se já o conhecesse, mas não conseguia lembrar se o vira antes. Ficou desapontada

quando ele deixou o bar, na companhia do amigo. Não sabia nada sobre ele, mas não parou mais de pensar nele.

Dias depois Lynn teve um choque ao ver o rosto dele estampado na capa de uma prestigiada revista de economia. Dieter Steinbach era o candidato mais forte ao cargo de chanceler nas eleições que se avizinhavam e um dos homens mais importantes da Alemanha. Lynn compreendeu que a sensação de familiaridade em relação a Dieter estava explicada: com certeza já o vira em alguma notícia ou na televisão.

Comprou a revista e leu o longo artigo sobre Dieter. Ficou sabendo que era viúvo e o seu único filho suicidara-se. Era também muito cobiçado pelas mulheres. Agora que sabia quem ele era, mal podia acreditar que ele tinha olhado para ela. Guardou a revista sobre o seu criado-mudo, para poder admirar a foto de vez em quando.

Miguel esgueirou-se na noite para se encontrar com Lucrezia, num beco de Paris. Ela tinha ligado horas antes marcando o lugar. Ele a ajudara na fuga, e ela iria cumprir a sua parte no acordo, revelando o segredo que ameaçava os Guardiões.

Quando Miguel chegou, ela já o esperava. Voltara ao auge da beleza, com a energia recuperada e o corpo perfeito. Ele se perguntou quantas pessoas ela havia assassinado para conseguir aquele esplendor todo. Miguel sabia que, quanto mais pessoas ela matasse, mais forte ela ficava e mais rápida era a sua capacidade de regeneração.

— Miguel, continua atraente — abraçou-o e beijou-o, mostrando que ainda o desejava. Miguel correspondeu. Não ficou surpreso com a atitude dela: era óbvia a estranha atração que continuavam sentindo um pelo outro. Mas ambos estavam conscientes de que não eram confiáveis. Miguel, apesar de tê-la ajudado, sabia que ela não lhe perdoara a participação na sua prisão e, principalmente, a morte do filho. E Lucrezia estava consciente de que ele poderia traí-la de novo.

— Está linda — elogiou, observando a roupa e maquiagem irrepreensíveis.

— Tenho um apartamento, que escapou à devassa da polícia. Sabe como gosto de planos alternativos, não é? — comentou, sem soltá-lo, mantendo os braços em volta do pescoço dele.

— Afinal, qual o segredo que pode destruir os Guardiões?

Ela riu, estendendo o seu poder no tempo: enquanto Miguel não soubesse

do que se tratava, ela podia exercer certo domínio sobre ele.

— Lucrezia, não tenho tempo para jogos — Miguel avisou, adotando uma atitude impaciente e destruindo o clima de flerte. — Isto é um negócio: fiz a minha parte e você faz a sua. Agora diga: qual o segredo?

Miguel percebeu que ela ficou tensa com a atitude inesperada. Encarou-o sem esconder a irritação causada pela brusquidão dele e revelou o segredo numa única frase.

— De Payens não é apenas o líder dos Guardiões. Ele é Lúcifer, o líder do submundo.

Miguel manteve o olhar fixo nela, tentando se controlar. Primeiro achou que ia começar a rir com o tamanho da barbaridade: será que ela pensava mesmo que ele ia acreditar que Daniel era simultaneamente o líder dos Guardiões e do submundo? Aquilo não tinha lógica. Depois, alguma coisa espreitou dentro da sua memória: recordou-se que algo sobre Daniel começara a incomodá-lo a partir do momento em que absorvera parte das memórias contidas na Laranja Dourada. Não sabia definir o que era, mas estava relacionado a Daniel: conseguia ver a imagem dele, mas nada mais do que isso. Como se explicaria a presença de Daniel dentro da Laranja Dourada? Precisava pensar sobre o assunto, unir as peças soltas que estavam no seu cérebro, de forma caótica.

Lucrezia parecia divertir-se com a revelação que acabara de fazer, enquanto observava as reações de Miguel. Estudava-o como se ele fosse um novo livro, cheio de teorias interessantes. Por muito que Miguel tentasse manter o autocontrole, a sua expressão de incredulidade não escapara a Lucrezia. Era visível que ele lutava para aceitar o que ela acabara de dizer. Decidiu dar-lhe provas, forçando-o a recordar um episódio recente.

— Lembra-se do que aconteceu quando De Payens apareceu no porão da minha casa? — perguntou astutamente, trazendo o incidente de volta à memória de ambos. — Quando ele entrou na cave, eu o reconheci. E ia questioná-lo. Mas antes que eu pudesse falar, ele me fez voar e bater contra a parede, com um gesto da mão. E depois me paralisou — fez uma pausa, antes de perguntar: — Você já ouviu falar de algum Guardião que dominasse um Anjo Negro tão antigo como eu com um simples gesto?

— Não. Mas De Payens não é um Guardião comum — lembrou Miguel. — Ele é o Supremo. Está no último estágio do Graal. Ninguém conhece verdadeiramente a extensão dos seus poderes.

— É verdade — reconheceu. — Mesmo assim, não acredito que ele

pudesse dominar-me com tanta facilidade se não fosse algo mais. Ele possui uma essência diferente de todos os Guardiões — mencionou Lucrezia, fazendo com que Miguel lembrasse que Dib havia dito quase as mesmas palavras.

— Fale-me sobre Lúcifer — pediu Miguel, com a cabeça inundada de ideias e dúvidas.

— Não faz parte do nosso contrato — respondeu, sorrindo e avaliando-o astutamente.

— Bem, se De Payens é mesmo Lúcifer, como você está querendo me convencer, devia estar no nosso contrato você falar sobre ele — argumentou, com calma. Os seus pensamentos estavam em polvorosa, mas ele precisava de mais informação. Queria saber o máximo possível sobre De Payens ou Lúcifer, para dar sustentação àquela história bizarra.

Ela sorriu, sabendo que estava no controle da situação. Tinha interesse em fazer com que os Guardiões enfraquecessem Lúcifer, porque achava improvável que o destruíssem. Enquanto eles brigassem, ela poria em marcha o seu plano para dominar o mundo, fazendo de Dieter Steinbach o novo líder, depois de lhe dar uma lição sobre lealdade. Explicou:

— Lúcifer pode ficar na terra por um tempo limitado. Há uma lei sagrada que não lhe permite andar entre os homens. Foi uma proteção divina.

— O que acontece se ele ficar aqui?

— A temperatura do seu corpo aumenta. Como ele suporta altas temperaturas, é capaz de gerar muito calor. Ninguém sabe qual o limite que ele pode suportar, ou se existe um limite. Mas Lúcifer nunca fica muito tempo e sempre retorna ao submundo. — Ao escutá-la, lembrou-se das queimaduras sobre o corpo de Elizabeth e sentiu uma onda de raiva apossar-se dele, como se tudo tivesse ficado claro. Mas precisava voltar ao foco da conversa com Lucrezia e decidiu que analisaria aquilo depois, quando estivesse tranquilo para poder pensar.

— E como é que ele se desloca entre a terra e o submundo?

— Existem sete portais no submundo, que têm sua correspondência na terra. Eles funcionam como passagens entre os dois universos.

— E você saberia onde estão essas passagens, aqui na Terra?

Ela sorriu, de novo, provocando:

— Sabe que não tenho que lhe dar mais informações, não é?

Miguel ficou pensativo, avaliando a situação em silêncio por alguns segundos.

— Sei, mas também sei que se você está me dizendo tudo isto é porque tem algum interesse obscuro em me transmitir essa informação — Miguel provou que estava atento às manipulações de Lucrezia. — Imagino que tenha deixado de ser a favorita de Lúcifer, porque ele não fez nada para libertá-la da prisão. E agora você está tentando se vingar ou, pior, está planejando assumir o lugar dele. Mas quaisquer que sejam os seus planos, ele é demasiado poderoso para que se atreva a enfrentá-lo sozinha. Por isso, está me contando tudo o que deseja que eu saiba para que eu envolva os Guardiões numa caçada a Lúcifer. Estou certo, Lucrezia? — a sua voz estaca carregada de ironia, mas o olhar perscrutador era sério.

Ela o escutou, confirmando a sua brilhante inteligência. Tratava-se de um ser fenomenal, que não desejava como adversário. Miguel estava correto em todas as suas deduções: ela desejava que os Guardiões destruíssem Lúcifer, para poder assumir o seu reino.

— Pelo seu silêncio, suponho que estou certo. Então vamos continuar a nossa conversa — afirmou Miguel, fazendo-a sorrir. Quando ele aparentava aquele grau de segurança e frieza, tornava-se ainda mais atraente. Por muita raiva que sentisse ao pensar no seu filho, não conseguia superar o desejo e o fascínio que Miguel lhe suscitava. — Onde estão as passagens?

— A localização estava na Laranja Dourada que você destruiu — lembrou Lucrezia, sentindo-se irritada ao pensar no Destruidor de Almas com mais de dois milênios, antes de explicar: — Há sete passagens no submundo, todas controladas por Lúcifer. Quatro delas estão em áreas restritas dos domínios de Lúcifer e são usadas pelos Anjos Negros, mas estão vigiadas por guardas. O quinto portal está na sala do Trono de Lúcifer. O sexto está sob o Lago Negro, que fica no jardim privado de Lúcifer, e o sétimo fica na Biblioteca. E apesar dos portais da Biblioteca e do Lago Negro não serem diretamente vigiados, há sempre guardas nas proximidades — avisou. — Além disso, estão ambos selados. Existe algo sobre eles que impede que a passagem abra. Se um dos lados do portal estiver fechado, ele não funciona.

Miguel arquivou mais aquela informação, lembrando que Daniel e Dib assimilaram a maior parte das memórias da Laranja Dourada. Ele lembrava vários rituais, com objetivos diferentes, mas o princípio básico era sempre sanguinário: alguém perdia a vida e o sangue era derramado. Porém, agora, tinha certeza de que a informação importante tinha sido assimilada por Daniel, e talvez Dib. Ainda não descobrira qual o papel de Dib. Se Daniel fosse mesmo Lúcifer, Dib conheceria a sua verdadeira identidade?

— E onde estão os portais correspondentes aqui na Terra? — inquiriu Miguel.

— São sete espelhos. Eu tenho um, mas não sei onde estão os outros — confessou.

— E onde está o seu espelho?

— Estava na minha casa, e apesar de ela ter sido fechada pela polícia, foi fácil invadir e levar o espelho para o meu apartamento.

— E cada espelho corresponde a um portal específico no submundo?

— Sim, exceto o de Lúcifer, que lhe permite acessar qualquer portal. Em geral, o ponto de entrada e saída é o mesmo, mas alguns dos espelhos têm uma espécie de mecanismo de segurança, e só é possível sair do portal e entrar na Terra se for convidado. É um encantamento para proteger os homens — justificou.

— O seu espelho também é assim?

— Não. Eu entro e saio quando quero, mas o meu portal, no submundo, é o que está na Sala do Trono. Lúcifer ligou-os. Por isso ele sempre sabe quando chego.

— Isso significa que ele pode aparecer aqui a qualquer momento, através do seu espelho? — perguntou Miguel, avaliando os perigos da situação.

— Não mais. Acabei de selar o meu espelho: fiz um encantamento e ocultei-o por trás de um armário — confessou, demonstrando que não estava escondendo nenhuma informação, tentando conquistar a confiança de Miguel. Ele era um aliado precioso.

— E se os espelhos forem destruídos?

— As passagens deixam de existir. É por esse motivo que apenas Lúcifer conhece a localização dos sete espelhos.

— Suponho que você saiba como destruir ou enfraquecer Lúcifer...

— Ninguém sabe. Dizem que é indestrutível — confessou ela. — Mas talvez agora se consiga descobrir como enfraquecê-lo. Primeiro é preciso saber como ele assumiu o papel de Guardião Supremo e consegue ficar na Terra sem que a temperatura do seu corpo aumente.

— Pode ter sido a força do Graal — defendeu Miguel, enquanto se perguntava se Daniel era mesmo Lúcifer como é que o Graal não o havia dissipado durante todos aqueles anos. Algo estava muito errado, pensou Miguel, ou então ele era mesmo indestrutível. Este pensamento provocou um arrepio na sua coluna.

— Talvez — concordou ela. Não sabia muito sobre o Graal, exceto que era

uma força mística, emanada diretamente da esfera divina e impregnada de um conhecimento superior, que tornava os Guardiões muito poderosos. — Mas ele é muito mais forte no submundo e em lugares onde há magia.

— Obrigado pelas informações — disse Miguel.

— O que você vai fazer com tudo o que lhe contei? — perguntou ela.

— Preciso pensar — respondeu, surpreendendo-a. Lucrezia esperava que ele dissesse que ia contar aos Guardiões e confrontar Daniel De Payens. Ela desconhecia que Daniel desaparecera misteriosamente e estava sendo considerado morto pelos Guardiões, em especial por Dib. Ele era quem mais defendia que Daniel havia morrido, e o único Guardião a mencionar a natureza especial do líder. Portanto, deduziu Miguel, Dib devia saber a verdade.

— Você vai continuar em Paris? — perguntou ela, afastando Miguel dos pensamentos que o assaltavam.

— Apenas por mais um ou dois dias — respondeu. No dia seguinte ele e Uchoa iriam terminar o ritual de libertação de Kent, e depois voltariam para Lisboa, cumprindo as orientações de Dib. — E você?

— Berlim — disse séria, se aproximando dele. Colocou as duas mãos sobre os ombros de Miguel, fixando os olhos dele, antes de surpreendê-lo com um convite: — E você pode vir comigo.

Ele esboçou um sorriso breve, registrando a informação. Se Lucrezia ia para Berlim, significava que a lança e o *herdeiro natural* estavam lá. O quebra-cabeça parecia adquirir o seu desenho final, porque era em Berlim que também se encontrava a temida Sociedade do Dragão. A associação entre os nazistas e o Anunciado consolidava-se.

— O convite é tentador, mas tenho que resolver algumas pendências. Principalmente depois do que você me contou — declinou, mas reconhecia que ela continuava a atraí-lo. Abraçou-a pela cintura, puxando-a contra o seu corpo, e beijou-a apaixonadamente. Lucrezia rendeu-se ao beijo sensual. Quando ele a abraçava daquele jeito nada mais parecia importar. Ele parou e afastou-se ligeiramente, olhando-a. Ela disse, com sinceridade:

— Compreendo. Se precisar de mim, me ligue. Vou sentir saudade — Despediu-se com mais um beijo. Por segundos, enquanto desfrutou dos braços dele, esqueceu as traições dele e até acreditou que talvez fosse capaz de superá-las se ficassem juntos.

Dieter concordava com Halder: Lynn era jovem, muito bonita e representava um perigo desnecessário, por ser filha de um conhecido jornalista inglês. Mas Dieter gostava do perigo e achava que ela era perfeita para o seu objetivo macabro: Lynn seria o primeiro sacrifício que faria com a lança, para garantir a sua vitoriosa ascensão. O único problema é que estava pensando nela muito mais do que deveria.

Naquele dia, deixou-se levar pelo impulso e parou o carro próximo da universidade. Sabia a que horas ela sairia. Desde a primeira noite em que a tinham encontrado, no bar, Halder mantinha-a sob vigilância.

Dieter viu-a deixar a universidade acompanhada de dois colegas. Observou-a por alguns minutos, até tomar uma decisão, e telefonar para Halder.

— Quero que a leve para jantar — disse, antes de acrescentar, com a voz firme, que indicava que havia ponderado bem a sua decisão. — Na minha casa. Amanhã.

— Jantar? Na sua casa? — inquiriu Halder, sem esconder o seu desagrado, tentando lembrá-lo que nada daquilo era parte do plano. — O objetivo é outro. Você não pode ter nenhuma associação com ela.

— Por isso você vai providenciar tudo. Sem deixar rastros. Ninguém saberá que me encontrei com ela.

— Certo — respondeu Halder, antes de acrescentar, com a voz fria: — O único problema é que ela é um rastro.

— Tenho certeza de que você vai resolver o assunto — disse, com um sorriso, antes de desligar e partir, deixando para trás Lynn conversando com os dois colegas.

Alessia e Seth investigaram cuidadosamente a lista de vinte nomes que Iris Küchler lhes dera e a reduziram para onze. Quaisquer dúvidas que pudessem ter se transformaram em certezas quando viram que os onze homens se reuniam regularmente em uma casa de campo que pertencia a Dieter Steinbach.

Todos eles eram empresários bem-sucedidos do grupo JKW, exceto Rolf Merten, o ministro das finanças, que não constava da lista inicial e parecia estar ocupando o lugar deixado por Küchler.

O interessante é que não havia nenhuma associação entre qualquer dos doze membros com um passado nazista: aparentemente, eles não descendiam

de nazistas e tinham uma história familiar muito comum.

Seth e Alessia acreditavam que eles haviam apagado os rastros de suas verdadeiras identidades, algo que os Guardiões sabiam que não era tão difícil de conseguir quando se tem conhecimentos e dinheiro.

Mas a hipótese mais promissora para desvendar os segredos dos doze Dragões e confirmar que eles tinham um exército com intenções maquiavélicas residia em um lugar inacessível, para onde Halder e Dieter se deslocavam com frequência, usando helicópteros. Esse era o lugar que Seth e Alessia pretendiam descobrir, antes de retornarem a Lisboa.

Oliver viajou pelas profundezas da selva amazônica durante vários dias. Foi acompanhado de um guia indígena que cobrava muito caro por falar inglês, algo raro na região, e um índio de idade incerta, que sabia tudo sobre plantas, animais, venenos e curas. A viagem foi uma experiência fascinante, que lhe permitiu mergulhar num mundo anterior à existência da civilização. Ali tudo vivia em delicado equilíbrio e desempenhava uma função precisa: não apenas animais, plantas e água, mas a própria geografia — as rochas, o relevo do chão, as margens do rio Amazonas, um gigante que se ia ramificando com seus braços incansáveis. O odor úmido e quente da floresta era sufocante, exigindo que os pulmões aprendessem a respirar um ar mais espesso. Um metro depois de entrar na floresta, ela já era tão densa que qualquer um podia se perder mesmo estando tão próximo do ponto de entrada.

Quando Oliver erguia os olhos à procura do céu, havia apenas árvores e árvores sem fim, que se esticavam para o alto, em busca do infinito. Descobriu que na floresta nada era inocente ou tinha uma função meramente decorativa. O objetivo de todos os seres era a sobrevivência e as suas estratégias eram, com muita frequência, letais.

Os dois índios que o acompanhavam pareciam não se incomodar com os insetos em volta deles, mas Oliver sofria com as picadas inclementes. O índio mais velho compadeceu-se dele e fez uma pasta verde, de odor forte, esmagando folhas de várias plantas entre duas pedras. Oliver passou-a no corpo e os insetos deixaram de incomodá-lo. Para Oliver, aquela sabedoria milenar era preciosa. Registrou, fotografou, anotou em seu caderno e colheu amostras. Ele sabia que tinha visto apenas uma milésima parte daquele mundo maravilhoso e decidiu que voltaria para explorá-lo. Aquilo que para

muitos era um inferno verde, para ele tornou-se o *seu mundo*, e a sua formação de químico adquiriu, enfim, total significado, como se ele tivesse sofrido uma epifania. Sentiu uma emoção interior, uma espécie de clique, daqueles que acontecem quando duas peças diferentes de repente se encaixam: a sua vida era aquela, a química do grande coração pulsante das florestas.

Entre as muitas amostras de venenos e curas que investigou e recolheu, Oliver levava aquele que provocaria a morte de Martha: o veneno de um sapo tão colorido quanto letal, que os índios usavam nas pontas de suas flechas. O veneno só se tornava mortal se fosse ingerido ou entrasse em contato com a corrente sanguínea. Oliver já planejava tudo, só precisava esperar um pouco mais. Miguel Besson dissera que avisara o amigo. Oliver deduziu que ele devia estar chegando, para ver o filho.

William Temple deu a Tom Hogdson a lista com os doze nomes para que ele investigasse e discutiu com ele as suas teorias, sempre protegendo a identidade do seu aliado secreto, Rolf Merten. Ficou surpreso ao perceber que Hogdson conhecia todos os nomes da lista.

Hogdson explicou que passara meses investigando fraudes financeiras envolvendo um grupo econômico chamado JKW, e a identidade dos principais acionistas coincidia com os nomes da lista de Temple. Aquele fato contribuía para transformar as suspeitas de Hogdson em certezas: agora sabia que não estava perseguindo fantasmas e havia algo de concreto oculto nas atividades do grupo. Tudo estava se encaixando e o jornalista começava a vislumbrar um quebra-cabeça assustador.

Hogdson relatou que o centro do mistério sobre o JKW culminou com a morte de Max Küchler. Ele conhecia Küchler e já haviam se cruzado em várias ocasiões. Dias antes da sua morte, encontraram-se num evento em Berlim e conversaram bastante. Embora a relação deles não fosse profunda, nada no comportamento de Küchler indicava que estivesse a ponto de cometer suicídio. Ele estava otimista e tinha falado dos seus planos para o futuro, o que não era normal em alguém que pretende se suicidar.

A sua morte prematura foi uma surpresa para Hogdson e o seu instinto de jornalista dizia que havia ali uma história qualquer. Apesar de a polícia alemã considerar o caso como um suicídio, Temple e Hogdson partilhavam da mesma opinião: acreditavam que Küchler tivesse sido forçado a se suicidar,

ou fora assassinado para que parecesse um suicídio, com o objetivo de ocultar algum segredo obscuro. Era preciso ter em atenção que um dos doze nomes da lista era Dieter Steinbach, candidato de extrema-direita ao cargo de chanceler.

Hogdson acompanhava o posicionamento e discursos de Dieter, assustadoramente decalcados do nazismo, e compreendia o perigo que ele representava para uma Europa fragilizada. Por isso, estava disposto a chegar ao fundo daquela história.

12. Dilemas

É, pois, falso dizer que na vida “decidem as circunstâncias”. Pelo contrário: as circunstâncias são o dilema, sempre novo, ante o qual temos de nos decidir. Mas quem decide é o nosso caráter.

José Ortega y Gasset (1883-1955)

Elizabeth encontrou Dib no jardim interno, conversando com Afonso, o jardineiro. Observou o seu jeito tranquilo, brigando para falar português sem o sotaque do Brasil, e não conseguiu evitar um sorriso de ternura: Dib se envolvia nos detalhes, conversando com cada pessoa como se tivesse todo o tempo do mundo. O jardineiro, muito educado, gostava de falar com ele sobre as plantas e os planos para revigorar os jardins, depois dos anos de abandono. Desde que Afonso começara a cuidar dos jardins tinha acontecido uma verdadeira revolução e as novas plantas e flores estavam se adaptando rapidamente e enchendo a casa de vida e cor.

Dib viu Elizabeth e foi ao seu encontro. Após uma mirada atenta, comentou, com o seu sorriso brando:

— Não a vi no café da manhã. Deixou-me sozinho — Uchoa e Miguel chegariam de Paris no final do dia, Alessia e Seth continuavam em Berlim, investigando a Sociedade do Dragão e tentando descobrir a localização do misterioso lugar onde Dieter e Halder pareciam se refugiar.

— Preciso falar com você — disse, sem responder ao comentário dele. — Sobre Daniel.

— Vamos para a biblioteca — sugeriu. Sabia que Elizabeth não aceitara o

desaparecimento de Daniel, mas não esperava que fosse falar sobre ele. Achou que ela quisesse esclarecer o caso das misteriosas marcas que tinham surgido no seu corpo. Dib ocupou uma das poltronas do século XVIII, forrada de veludo verde-escuro, e perguntou:

— Você continua esperando o retorno dele?

Ela se sentou na frente dele. Ficou pensativa por alguns segundos pensando na melhor forma de responder e, por fim, disse:

— Ele disse que vai voltar.

Dib ficou alerta. Inclinou o corpo para se aproximar um pouco mais dela, antes de perguntar:

— Quando é que ele disse isso?

Ela se calou por mais um instante, decidindo cuidadosamente o rumo da conversa. Precisava de alguém para ajudá-la a analisar e entender a situação, e não havia ninguém melhor do que Dib, seu cúmplice na relação com Daniel.

— Antes de contar o que aconteceu, preciso que me fale sobre as cicatrizes de Daniel.

O pedido era inusitado, e Dib se questionou sobre os motivos que ela teria para querer aquela informação, antes de comentar:

— Daniel não gostava de falar sobre isso.

— Mas você sabe o que aconteceu. E eu preciso que me conte — Dib deduziu que as cicatrizes deviam desempenhar um papel importante no que estava acontecendo e começou a contar o que Daniel lhe revelara séculos antes.

— Daniel já lhe falou sobre a prisão dos Templários, ordenada por Filipe, o rei francês, em 1307. Mas ele não disse que também foi preso, juntamente com De Molay, o grão-mestre, e Geoffroy de Charnay, o preceptor da Ordem. Como Daniel era muito próximo do grão-mestre, a Inquisição acreditava que ele sabia onde estavam os tesouros Templários e por isso torturou-o com grande requinte. — Dib fez uma breve pausa, antes de continuar: — Foi durante esse período que Daniel enfrentou o lado mais sombrio dos homens e conheceu a capacidade deles provocarem sofrimento por meio de torturas indescritíveis, máquinas e objetos criados para gerar dor.

Elizabeth estremeceu com o relato e recordou os detalhes que Daniel contara sobre De Molay. Não queria imaginar o que poderiam ter feito com Daniel. A ideia da tortura lhe causava uma mistura de ansiedade, náusea e frio. Sentiu o olhar de Dib, avaliando-a, para ver se ela suportaria a terrível

história até o fim.

— Os torturadores compreenderam que Daniel era muito mais resistente à dor que os outros e também se regenerava muito mais rápido. Daniel precisava exercer um enorme controle para evitar a transmutação. Se aquilo acontecesse, o segredo dos Guardiões seria revelado. Por isso ele lutava para manter a calma, mas os seus algozes consideravam que a atitude dele era uma provocação e mandaram chamar inquisidores espanhóis, exímios em prolongar a dor.

— Agora compreendo por que ele estava tão perturbado ao falar sobre a prisão dos Templários... Ele estava, também, falando sobre a sua própria prisão e eu não entendi.

— Sim — concordou Dib. — Daniel sabia o quanto os torturadores se empenhavam para infligir o máximo de dor, pelo máximo de tempo possível, antes da morte. Eram os melhores e mais hábeis na arte da tortura. Mas ele não disse uma palavra durante os quatro anos em que foi torturado e nunca conseguiu imaginar a amplitude do sofrimento de De Molay e Geoffroy durante os sete anos em que eles ficaram presos. Os prisioneiros eram levados ao limite da morte e trazidos de volta para continuarem sofrendo. Aquele processo representava o verdadeiro prazer dos inquisidores. E esse era o desespero máximo: não havia a possibilidade de encontrar paz na morte ou da dor terminar na morte.

Elizabeth tentava conter o choro, mas não era capaz. Exatamente como acontecera quando escutara pela primeira vez a história sobre o trágico fim dos Templários, deixou que as lágrimas corressem livres pelo seu rosto. Dib contava tudo de forma menos emocional possível, e embora a estivesse poupando dos detalhes mais dolorosos e macabros, não escondia a intensidade dos acontecimentos.

— Durante os quatro anos em que esteve preso, Daniel aprendeu a conhecer todos os sons e todas as vozes. Não havia nada que acontecesse naquelas masmorras que ele não soubesse, pela sua audição sensível. Aprendeu a reconhecer a respiração dos inquisidores e a saber quais os dias em que eles estavam dispostos a serem mais cruéis. Conhecia o humor deles pela forma como batiam os pés contra o chão de pedra. E começou a planejar a sua fuga e o resgate de De Molay e Geoffroy. Mas as masmorras onde eles estavam eram impenetráveis. Havia guardas por todos os lados, e nenhum prisioneiro tinha como se libertar das correntes de ferro, curar os ossos quebrados, a pele repuxada pelo fogo ou a carne exposta, em sangue vivo.

Era impossível escapar, mas Daniel desapareceu misteriosamente.

— Como é que ele conseguiu escapar? E por que não escapou antes?

— Alguém o ajudou. Daniel não teria conseguido sair dali sozinho — explicou Dib.

— Quem é que o ajudou? Um Guardião?

— Daniel nunca revelou o nome de quem o ajudou — contou Dib. — Antes de fugir, tentou salvar De Molay e Geoffrey, mas eles estavam debilitados demais para escaparem. Pensou em ficar mais um tempo nas masmorras, até conseguir uma oportunidade de resgatá-los, mas quem o ajudou convenceu-o a fugir naquela noite.

— Mas como pôde ter escapado sem que os guardas vissem? — perguntou Elizabeth.

— Só Daniel conhece esses detalhes — Dib fez uma pausa, antes de revelar cuidadosamente: — Mas eu estou começando a achar que talvez ele tenha escapado daquelas masmorras, há setecentos anos, do mesmo modo que desapareceu do quarto onde estava com você.

Ela ficou quieta, olhando-o, sem pronunciar uma palavra. Aquilo que Dib acabara de dizer contrariava tudo o que ele defendera antes: a possibilidade de Daniel estar vivo. Dib continuou contando a saga de Daniel, evitando, assim, que ela o questionasse sobre o que acabara de insinuar.

— A França ficou em alerta e o rei mandou as tropas inspecionarem todos os lugares, até o encontrarem. Mas Daniel desapareceu, sem deixar rastro.

— Exatamente como agora: sem deixar rastro — anunciou baixinho, e Dib escutou-a, mas manteve-se concentrado no seu relato:

— Ele foi o único Templário a escapar. Os inquisidores chamavam-no *Le muet*, o mudo. O povo começou a atribuir-lhe poderes mágicos, devido às histórias que circulavam a respeito da sua capacidade de cura e, também, pela forma misteriosa como desapareceu, sem derramar uma gota de sangue e sem que ninguém o visse. Depois da sua fuga, a segurança do castelo aumentou, e os soldados matavam qualquer um que se aproximasse. A fuga de Daniel tornou impossível a possibilidade de resgatar De Molay e Geoffrey. Daniel sentiu-se responsável pelo sofrimento deles nos três anos seguintes. — Dib fez uma pausa, antes de terminar: — Ele escapou com vida, mas presenciou a morte de muitos dos seus irmãos e do seu grande amigo De Molay, sem que eles tivessem revelado qualquer dos segredos Templários. Arturo cuidara da construção do Mosteiro com De Molay e transferiu os tesouros para lá, ajudado por mais de cem cavaleiros. Esses Templários se enclausuraram

voluntariamente no Mosteiro até a morte, depois de perceberem a importância dos tesouros que guardavam.

— E como é que Daniel reapareceu, depois de ter escapado das masmorras?

— Ele apareceu no Mosteiro, mas nunca falou sobre a fuga ou a jornada até lá.

— Isso significa que Daniel pode voltar para nós?

— Talvez. Não tenho certeza — respondeu, revelando as suas verdadeiras dúvidas.

— E as cicatrizes das... — hesitou, procurando uma palavra menos ferina, mas não encontrou: — torturas nunca vão desaparecer?

— Podemos nos regenerar, mas as cicatrizes são permanentes. Você já sabe isso — comentou Dib, antes de perguntar: — Por que essa insistência com as cicatrizes?

Ela ficou pensativa, avaliando o que diria em seguida.

— Daniel pediu que não falasse com ninguém sobre a sua visita.

— Como é que ele apareceu? — perguntou Dib, devagar, quase sustendo a respiração, e confirmando as suas suspeitas.

— Ele entra através do espelho. Funciona como um portal. Mas eu tenho que convidá-lo, estendendo a mão para ajudá-lo a atravessar o portal.

— O espelho de Iblis? — questionou, vendo-a acenar a cabeça em sinal de afirmação, antes de fazer a segunda pergunta: — E o portal é uma passagem para onde?

— Eu perguntei o mesmo quando ele me pediu para acompanhá-lo — Dib começou a unir as peças soltas e sentiu um arrepio quando ela contou aquilo, pressentindo o perigo. — Mas ele não explicou.

— Você não pode segui-lo, antes de saber para onde vai — disse, enfático.

— Eu sei.

— Quantas vezes ele já a visitou?

— Três — respondeu, e Dib espantou-se com o número elevado de visitas. Achou que acontecera uma única vez, quando ela se queimara.

— E qual a relação das cicatrizes de Daniel com as visitas dele?

— Na primeira vez, ele não tinha cicatrizes, e o calor das mãos dele queimou a minha pele. Na segunda, mostrou-me a marca Sigel e avisou que sempre que não a tivesse, eu não devia confiar nele. Disse também que eu devia falar com você sobre as cicatrizes. — Elizabeth fez uma pausa breve, antes de continuar: — E na última visita, ele não tinha a marca Sigel, mas

quando o questionei sobre a forma como ele tinha obtido as cicatrizes, ele resumiu o que você me disse hoje.

— E explicou por que as cicatrizes sumiram? — questionou Dib, já com uma ideia bastante clara do que estava acontecendo, depois das explicações de Elizabeth.

— Disse que no plano onde está, as marcas desaparecem.

— E o que você acha? — perguntou.

— Preciso saber quem é o homem que está me visitando e não tem as cicatrizes e a marca Sigel. Talvez seja Daniel, revelando outra faceta. Não sei — disse confusa. — Mas por que ele falaria tanto nas cicatrizes e na marca Sigel?

— Porque são importantes para você distinguir o verdadeiro Daniel — avisou Dib, deixando escapar a mensagem, sem trair o seu juramento sobre os segredos que guardava.

— O que você quer dizer com isso? — questionou ela, tentando forjar uma teoria com base no que Dib estava insinuando. — Você acha que há um Daniel verdadeiro e um Daniel falso?

— Não sei, mas há algo errado com o Daniel, e ele parece ter consciência disso. Concorda?

Ela anuiu com a cabeça, antes de confessar:

— Sim. Mas não entendo o que pode estar acontecendo...

— E por que não me contou antes? — perguntou Dib, mudando de assunto.

— Daniel disse que se eu falasse com alguém, não voltaria a visitar-me.

Dib estava esclarecido das razões que a obrigavam a silenciar as visitas de Daniel. Ficou pensativo, tentando compreender as razões ocultas por trás daquele aviso feito a Elizabeth. Parecia óbvio que Daniel não queria que ninguém soubesse que continuava vivo e com a capacidade de se locomover entre os mundos. Mas Dib se questionava se aquele ser que visitava Elizabeth seria mesmo Daniel.

— Precisa ter cuidado, Elizabeth — advertiu, sem poder partilhar os seus pensamentos sombrios com ela, reforçando o aviso: — E não siga Daniel em circunstância alguma, até sabermos exatamente onde ele está.

— Eu sei. Você quer vê-lo? — perguntou, disposta a descobrir a verdade mesmo que aquilo significasse deixar de ver Daniel. — Eu posso chamá-lo quando escutar o ruído no espelho...

— Não. Se eu estiver presente, talvez ele desapareça. Não podemos

arriscar — segurou a mão dela, e pediu, enfático: — Você tem que manter a sua ligação com ele e tentar descobrir o que está acontecendo e quais as intenções dele.

Ela meneou a cabeça, antes de confessar:

— Eu sinto que alguma coisa está muito errada.

— Mas ele não pode desconfiar que você tem dúvidas — avisou Dib, consciente de que estava pondo a vida de Elizabeth em risco, mas não tinha alternativa.

Dieter esperava Lynn na sala. Ao vê-la surgir na porta, levantou-se do sofá e foi recebê-la, transformando um momento que poderia causar desconforto e ansiedade em algo tranquilo. Beijou a mão dela, sorrindo:

— Obrigado por ter aceitado o convite e por depositar a sua confiança em mim.

Ela o olhou, sem dizer nada: Dieter era ainda mais bonito de perto e do que nas fotos. Ele guiou-a para o sofá, onde estivera sentado segundos antes, com uma leve pressão no braço. Ajudou Lynn a despir o casaco, apreciando as formas esguias sob o vestido verde-musgo, elegante e justo ao corpo. Esperou que ela se sentasse, antes de lhe servir um cálice de cristal com vinho do Porto branco, gelado. Ela bebeu um gole, delicadamente. Não era apreciadora de bebidas alcoólicas, mas, naquele momento, precisava de algo que diminuísse a sua ansiedade.

Ainda não acreditava que Dieter a convidara para jantar. Não tinha contado sequer à sua irmã, temendo que ela a dissuadisse de jantar com alguém que não conhecia. E o seu nervosismo não era somente por ele ser um dos homens mais cobiçados e poderosos da Alemanha, era principalmente por não o conhecer. Mas ele tratou-a de forma tão natural que o desconforto dela desapareceu. Lentamente, sentiu o efeito relaxante do vinho e as suas mãos perderam aquele frio peculiar provocado pela ansiedade.

O jantar maravilhoso, servido numa sala decorada com flores, que amenizavam o ambiente austero, fê-la esquecer do incidente que a irritara, quando ela foi conduzida ao heliporto, por um motorista de rosto hermético, num carro com vidros escurecidos. Ao ocupar o seu lugar no helicóptero, um dos seguranças que a acompanhavam pediu que colocasse uma venda de veludo negro. Lynn pensou em recusar, mas desistiu quando ele disse que aquela era a condição para levá-la à casa de Dieter. Apesar do conforto, o

mistério que rodeava a viagem contribuiu para enchê-la de dúvidas. Agora, após a refeição, percebia que valera o risco, mas precisava abordar o assunto:

— Por que me obrigou a vender os olhos?

— Esta casa é o meu refúgio. Poucos sabem da sua existência e localização. E gostaria de mantê-la assim.

— Não confia em mim?

— Ainda não — sorriu, cativante, como se estivesse se desculpando por não confiar.

— Mas eu tive que confiar em você, vindo aqui, de olhos vendados? — questionou ela, encarando-o com o olhar sério.

— Sim. Sei que não é muito justo, mas espero mudar essa situação se continuarmos a nos ver — retribuiu o olhar sério, antes de enfatizar: — Eu gostaria muito.

Ela sentiu o coração bater mais rápido e respondeu, com espontaneidade:

— Eu também.

— Então está decidido: jantamos de novo amanhã. O motorista vai buscá-la no mesmo horário — levantou-se para puxar a cadeira dela e ajudá-la a sair da mesa, guiando-a de novo pelo braço, de volta à sala onde haviam tomado o aperitivo antes do jantar.

A presença dele era magnetizante. Ela estava fascinada não apenas pela sua beleza, mas também pelo seu porte e elegância. Dieter parecia estar sempre no controle, sabendo o que dizer e o que fazer. Junto dele sentia-se mais sofisticada e segura, como se a presença dele bastasse para elevá-la a um patamar superior, distante das banalidades do dia a dia.

— Mas preciso pedir um favor. Sei que é terrível, porém... — hesitou pela primeira vez, e Lynn calculou que devia ser algo constrangedor para ele.

— Por favor, diga.

— Não gostaria que falasse de nós a ninguém. Por enquanto — percebeu a decepção no rosto dela e justificou: — Com a proximidade das eleições, a mídia vai especular sobre nós e expô-la a situações desagradáveis sobre o nosso relacionamento. Eu tenho mais que o dobro da sua idade... — disse, baixando a voz, para emprestar uma entoação mais intimista à conversa.

Ela acenou rapidamente a cabeça, concordando com ele, feliz com a preocupação dele em preservá-la das especulações maldosas da mídia.

— Eu não me importo com a idade.

Ele a encarou em silêncio, assegurando-se da veracidade da frase.

— Vamos nos conhecer melhor, antes de nos precipitarmos — despediu-se

dela com um beijo no rosto, depois de ajudá-la a vestir o casaco. Ela deu alguns passos em direção à porta, mas pareceu arrepender-se e voltou atrás. Parou na frente dele, olhou-o por um segundo, antes de ganhar coragem para colocar um braço em volta do pescoço dele e beijá-lo nos lábios com suavidade. Dieter manteve-se imóvel, sem reagir. Ela soltou-o e partiu.

Quando voltou para Lisboa, na companhia de Uchoa, depois de terem libertado a alma de Kent do corpo de Sarah, Miguel já havia equacionado tudo o que Lucrezia lhe contara. Tinha esquematizado e ordenado as informações de modo a dar-lhes uma coerência interna. E tudo se encaixava como se a verdade estivesse sempre ali, mas tanto ele quanto os Guardiões tivessem evitado enxergar.

A possibilidade horrenda de Daniel e Lúcifer serem a mesma pessoa explicaria porque todos os esforços para destruir Lúcifer durante tantos séculos tinham falhado.

Recordou o que Lucrezia dissera: Lúcifer não podia se manter na Terra por muito tempo, porque a sua temperatura aumentava. Pensou nas marcas de mãos sobre o corpo de Elizabeth, e uma certeza se consolidou dentro dele: Elizabeth e Daniel eram amantes, e ele viera visitá-la. Não se tratava mais de uma suspeita. As provas da traição eram visíveis nas marcas das mãos dele sobre o corpo dela. Miguel sentiu que o seu peito ia explodir de raiva e ciúme. Tinha sido traído.

Quanto mais analisava a situação, mais claro se tornava o seu objetivo: desenvolver uma estratégia para destruir Daniel, porque ele continuava vivo, refugiado em seu reino. Miguel tinha consciência de que aquela não era uma tarefa que pudesse levar a cabo sozinho e precisaria de apoio. Lucrezia já se mostrara disposta a ajudá-lo: ela tinha interesse em aniquilar Daniel. Mas Miguel também precisaria dos Guardiões e teria que convencê-los a derrotar o seu anterior líder, já que ele os enganara por centenas de anos.

Porém, havia um detalhe: Miguel seria questionado sobre a fonte das informações sobre Daniel e teria que revelar que fora Lucrezia. Estava perante um dilema.

Seth e Alessia descobriram a localização da propriedade frequentada por Dieter e Halder. Visitaram os arredores, mas não acharam forma de entrar sem chamar a atenção. Tratava-se de uma imensa propriedade com mais de

cento e vinte hectares, isolada por altas cercas eletrificadas e vigiada por guardas fortemente armados, nas quatro entradas. As enormes árvores centenárias formavam uma proteção natural contra os olhares curiosos, depois que as cercas terminavam.

Ninguém sabia o que acontecia na antiga propriedade, localizada numa região rural do interior da Alemanha. Segundo os habitantes mais velhos da região em volta, a propriedade sempre fora um lugar estranho. Antes de eletrificarem as cercas, em várias ocasiões, alguns jovens tinham tentado invadir o local, para saciarem a curiosidade. Porém, ninguém conseguiu vencer a segurança: havia muitos guardas e cães. Os sustos que os curiosos tiveram durante essas invasões impediram que voltassem a tentar entrar no local. O mistério fazia com que atribuíssem as histórias mais macabras e os piores horrores à propriedade. O certo é que, com o passar dos anos, a péssima fama do lugar afastava qualquer um das suas imediações e desencorajava quem pensasse em invadi-la. Até o nome da propriedade era assustador — *Drachenaue*, Olho do Dragão.

Decidiram investigar a propriedade. As quatro entradas estavam igualmente vigiadas, e eles optaram pela porta sul, localizada na estrada menos movimentada. Pararam o carro em frente ao grande portão, e imediatamente dois soldados vieram ao encontro deles. Mas antes que Seth pedisse informações, seguindo o plano que definira com Alessia, afirmando que estava perdido, os dois soldados apontaram as armas diretamente para o rosto deles, pedindo que ambos saíssem do carro. Eram sete horas, e a noite já cobria tudo com as suas sombras.

Seth e Alessia desceram do carro e em segundos viram-se rodeados por seis soldados: os dois que mantinham as armas apontadas e mais quatro, que haviam atravessado o portão com grandes dobermanns.

Seth e Alessia tentaram falar, mas os soldados não permitiram. Depois de alguns minutos imóveis, sob o cano das armas e com os cães ladrando à sua volta, viram surgir outro soldado — o sétimo. Seth percebeu que se tratava de um tenente. O tenente perguntou o que faziam ali. Seth respondeu, no seu alemão impecável, que estavam perdidos e queriam informações para sair dali e voltar à estrada principal.

O tenente avaliou-os friamente e não pareceu acreditar. Pediu para ver os documentos. Seth hesitou: eles não pareciam ser uma força oficial que pudesse exigir documentos. O tenente tirou a pistola do coldre e apontou diretamente para a cabeça de Alessia, dizendo de novo:

— Os documentos.

Seth entregou prontamente os documentos. Um tiro na cabeça era sempre uma incógnita: eles se regeneravam, mas podia haver danos cerebrais. Nenhum dos Guardiões estava disposto a ser baleado no cérebro. Interiormente Seth irritou-se por ter acreditado que se trataria de uma missão mais simples, em que eles dominariam facilmente os soldados com os seus dons.

O tenente avaliou os documentos com atenção e não pareceu convencer-se de que eles estavam ali por acaso. Fez um sinal com a cabeça a um dos soldados. Seth viu o soldado tirar um par de algemas das calças e percebeu que aquilo ia terminar mal. Trocou um olhar de cumplicidade com Alessia e tomaram instintivamente a decisão de dominar os soldados: Seth colocou a mão sobre a cabeça do tenente e ele tombou. Em seguida fez o mesmo com os soldados que estava apontando as armas. Por sua vez Alessia dominava mais dois soldados. Mas os últimos dois soltaram os cães, ordenando que atacassem. Os cães voaram para cima de Seth e Alessia e, enquanto eles lutavam para controlá-los, um dos soldados deles atirou em Alessia.

Seth viu-a tombar no chão, enquanto dominava os soldados e os cães enlouquecidos. Quando se aproximou de Alessia, o sangue saía de dentro dela como um rio, deixando uma mancha enorme na blusa. Seth colocou-a no carro e desapareceu rapidamente.

Halder estava muito irritado, mas Dieter sorria, bem-humorado. Halder era a única pessoa a quem ele permitia a irritação e as críticas. Eram amigos desde a infância e totalmente leais um ao outro.

— Você jantou com ela todos os dias desta semana. Todos. Sabe bem quem ela é, e o perigo que isso representa — acusou Halder.

— Sei — respondeu Dieter, ciente de que Lynn era filha do editor do jornal *The World*.

— E quanto tempo você acha que vão levar para descobrir o seu envolvimento com alguém que tem idade para ser sua filha? Estamos à beira das eleições, Dieter!

— Eu não estou envolvido com ela — explicou Dieter, sério, percebendo que a conversa estava se tornando tensa.

— Não? Então como você chama isso?

— Ainda não sei.

— Então é muito pior do que eu pensava. Precisa acabar com isso! — avisou Halder. — O plano é que você seja dedicado à Alemanha. E esteja disponível para se tornar desejável e capitalizar o desejo feminino. E Lynn... Bem, você sabe que precisamos sacrificá-la.

— Eu sei — respondeu.

— Então o que você está fazendo, Dieter? — Halder mordeu as palavras. Os seus olhos brilhavam de raiva quando se aproximou do amigo, com os dentes cerrados. Dieter sabia que Halder tinha razão, mas mudara de ideia.

— Eu quero suspender o plano — anunciou. Halder parou como se tivesse congelado.

— O quê? Você quer alterar o plano por causa de uma mulher? É isso?

— Não — respondeu sério, antes de revelar as suas intenções: — Só não quero sacrificá-la, com a lança. Podemos arranjar outra para o lugar dela.

— Não! — rejeitou, peremptório. — Lynn precisa sumir. Ela sabe demais.

— Halder, ela não sabe nada. E garanto que ela não vai dizer a ninguém que jantou comigo. E se disser?

— Você precisa focar — avisou Halder, percebendo o interesse excessivo de Dieter por Lynn. — E ela é uma distração e um risco, Dieter. Um risco que põe em causa o Quarto Reich e não apenas você. E o meu papel é proteger você, mesmo que seja das suas loucuras. E se você insistir nisso, eu acabo com o problema — enfatizou secamente.

Dieter sabia o que aquilo significava: Halder faria Lynn desaparecer da face da Terra. Levantou-se da cadeira onde estava sentado e aproximou-se de Halder, pondo a mão sobre o braço dele, para tentar acalmá-lo:

— Não desejo ninguém na minha vida desde... Helen. Agora, encontrei Lynn. Vamos convencê-la a ficar do nosso lado — fez uma breve pausa, antes de afirmar: — Podemos testá-la, fazendo-a participar do ritual da lança. Se tivermos dúvidas sobre a lealdade dela, eu mesmo resolvo o assunto — baixou a voz antes de completar a frase —, como fiz com Helen.

Halder observou Dieter atentamente, como se estivesse vasculhando a sua alma. Embora lhe parecesse uma loucura que Dieter estivesse se expondo por causa de Lynn, aceitou a proposta. Duvidava muito que Lynn conseguisse aceitar a verdade sobre Dieter e o acompanhasse no ritual, matando alguém para satisfazer os objetivos obscuros do nazismo.

— Tudo bem... — concordou Halder, convencido de que Dieter estava tomando uma péssima decisão. Contava com a reação negativa de Lynn, para encerrar aquele assunto, e fazê-la desaparecer de uma vez por todas.

Juan Penafor embarcou para Belém. Quando lá chegou, no início da manhã, alugou um carro confortável para compensar as horas terríveis passadas num daqueles bancos minúsculos, que as companhias aéreas pareciam reduzir a cada ano.

Abriu o mapa, colocou-o sobre o assento do passageiro e dirigiu, seguindo as indicações. As estradas eram péssimas: esburacadas, sem sinalização, e em certos lugares já se percebia a invasão da floresta, recuperando a terra da mão dos homens.

A sua ansiedade aumentava à medida que diminuía os quilômetros que o separavam de Martha e do seu filho. Durante o trajeto, todos os cenários possíveis lhe passavam pela cabeça, e embora estivesse temeroso, tentando antecipar a reação dela, não lhe parecia possível que Martha, como ela agora se chamava, fosse rejeitá-lo.

Chegou à vila pela única rua, que nada mais era do que a continuação da estrada. Parecia que, de repente, a vila tinha nascido no meio da estrada, sem nenhum aviso. Metade de cada lado. Penafor conhecia vários lugares assim no Brasil: eles organizavam-se a partir da estrada, como se ela fosse uma coluna vertebral que os sustentava e, simultaneamente, dava forma.

Penafor estava cansado e com o corpo moído, resultado da tensão provocada pelo mau estado das estradas, o desconhecimento do caminho e a perspectiva de ver Martha e o filho. Atravessou a vila devagar, tentando abarcar tudo com o primeiro olhar. Viu o hotel, o único na vila, e hospedou-se num dos quartos simples do primeiro andar, para passar a noite.

Juan Penafor era o segundo homem desconhecido que aparecia na vila em pouco tempo. O outro era Oliver Bassan, que estivera ausente por mais de uma semana, mas retornara na véspera, com a pele queimada, própria de um turista que se expusera ao sol dos trópicos.

Oliver voltara ao seu posto de observação predileto, na esplanada posicionada em frente ao correio. Viu Penafor atravessar a rua e deduziu que ele era o amigo de Miguel Besson. Aquilo significava que podia terminar o trabalho e partir. Queria rever Alessia, embora soubesse que, naquele momento, ela estava em Berlim. Precisava entender melhor o papel dela na misteriosa Ordem que a obrigava a seguir uma série de regras e que os impedia de ter um relacionamento normal.

Tom Hogdson não conseguiu provar a teoria sobre a existência de uma conspiração para destruir a economia europeia de modo a beneficiar o grupo JKW. O premiê inglês sentiu-se desapontado com as notícias: esperava que o amigo descobrisse algo bombástico, mas com exceção do enriquecimento do JKW e do poder crescente dos seus principais acionistas, que ditavam as cartas no mundo empresarial, não havia nada de concreto.

Apesar da ausência de evidências, Hogdson achou que valia a pena continuar investigando o assunto. Sugeriu a Temple que poderia escrever sobre os homens mais ricos da Europa, revelando que todos pertenciam ao grupo JKW. O artigo daria destaque a Dieter Steinbach, com suas ideias claramente nazistas, e líder nas pesquisas para as eleições alemãs. Temple achou a estratégia de Hogdson brilhante: o artigo seria suficiente para levantar uma série de dúvidas inquietantes.

Mas, às vésperas de publicá-lo, Hogdson foi abalado por um drama pessoal, envolvendo a sua filha, Lynn. Nas conversas com a mãe, Lynn confidenciara estar apaixonada e, após muita insistência, confessou a identidade do apaixonado. Quando a mãe revelou o nome a Hogdson, ele tremeu, apreensivo. Se Lynn estivesse apaixonada por qualquer outra pessoa, ele teria ficado feliz. Mas a filha estava apaixonada pelo mais improvável dos homens: Dieter Steinbach, um nazista, com mais do dobro da idade dela e que possivelmente seria o futuro chanceler alemão. Um homem perigoso, que ele estava investigando e pretendia expor ao mundo.

Depois de avaliar a situação, percebeu que a sua filha acabara de torná-lo refém do grupo JKW. Hogdson debatia-se com um dilema: o que aconteceria se ele publicasse o dossiê que já havia montado? Lembrou-se das suas dúvidas sobre o estranho suicídio de Kückler e perguntou-se se eles não seriam capazes de machucar Lynn para atingi-lo.

Mesmo pondo em causa o seu profissionalismo e temendo desapontar de novo o seu amigo William, decidiu adiar a publicação do artigo, até saber mais sobre o tipo de relacionamento que existia entre Lynn e aquele homem.

Alessia acordou na cama do quarto do hotel, sob o olhar vigilante de Seth. A preocupação era visível no rosto dele.

— Como você está se sentindo? — perguntou.

— Bem, acho — sorriu, olhando para o amigo. — Achou que eu não

voltaria, Seth?

— Quase... — respondeu, mantendo a seriedade. — A bala atravessou o seu coração e você levou algumas horas para se regenerar.

— Mas já estou de volta... Obrigada por ter cuidado de mim — agradeceu, tentando sentar-se na cama. Seth ajudou-a, posicionando a almofada por trás das suas costas.

— Achei que você demorou tempo demais para se recuperar — disse.

— Eu não tenho seguido as regras com a dedicação que deveria — confessou. Sabia que estava descurando a sua meditação e os exercícios para manter seus chacras equilibrados, e sua lenta regeneração era o preço que estava pagando. Podia arrumar várias desculpas, mas tinha consciência de que era a sua ligação com Oliver que a estava desestabilizando e consumindo seus pensamentos.

— Não sei o que está acontecendo, mas precisa se reequilibrar — avisou Seth. — Estão se aproximando tempos difíceis.

— Eu sei, Seth — respondeu, tocando a mão dele num gesto de carinho, antes de dizer: — Uma coisa já é certa sobre nossa visita àquele lugar: tanta segurança só pode significar que estão guardando algo muito valioso.

— Concordo — respondeu Seth.

13. Olho do Dragão

Não se pode culpar um país, mas deve-se responsabilizar seus líderes. Aqueles que lideraram o destino de milhões devem responder pelos seus atos.

Documento de abertura do tribunal de Nuremberg (1945)

Depois do incidente com um casal de estrangeiros no portão sul, a segurança de *Drachenaue* tinha sido reforçada sob as ordens de Halder. Era naquela propriedade que durante as últimas décadas vinha sendo preparada, no mais absoluto segredo, uma estirpe especial de soldados altamente qualificados: aqueles que seriam a elite das tropas especiais do Quarto Reich. E era também ali que Dieter mantinha a sua casa, numa das áreas de acesso restrito da enorme propriedade.

Naquela noite, Dieter planejou tudo com o seu perfeccionismo habitual. Depois de um jantar leve, levou Lynn pela primeira vez para o seu quarto. Ela acompanhou-o, sem hesitar. Sentia o corpo relaxado e morno, mas não sabia definir muito bem se era o vinho ou a presença dele que lhe provocava aquele bem-estar.

Dieter abriu a porta do quarto iluminado por velas e Lynn sentiu que o calor no centro do corpo se intensificara, transformando-se numa bola de fogo, onde se confundiam a ansiedade e o desejo. Dieter se concentrou nela, sem dizer uma palavra. Beijou-a sem pressas e, ao perceber que vencera as resistências dela, despiu-a devagar, apreciando atentamente a beleza perfeita: a pele macia, os cabelos loiros, os intensos olhos azuis, o corpo magro e bem proporcionado, que parecia ter sido cuidadosamente esculpido por um deus

benévolo. Em seguida despiu as suas próprias roupas, no mesmo ritmo vagaroso, mantendo o olhar atento sobre ela. Levantou-a do chão, com um movimento ágil, e deitou-a na cama. Acariciou a pele acetinada, percorrendo o corpo dela com as mãos, até senti-la vibrar na mesma sintonia que ele. Beijou-a carinhosamente e, quando se afastou um pouco para observá-la melhor, os olhos dela estavam tão brilhantes quanto duas estrelas. Ele relutou alguns segundos, antes de se render à beleza dela, mas por fim envolveu-a vagarosamente nos seus braços e tomou-a para si. Ela fechou os olhos e entregou-se. Ele sentiu a respiração dela ofegante e incerta, antecipando o abandono propiciado pelas descobertas do amor.

O dia começava a raiar quando ela deu os primeiros sinais de despertar do sono profundo, sob o olhar vigilante de Dieter. Ela sorriu quando o viu. Dieter puxou-a contra o peito com ternura. Lynn gostava da forma segura com que ele a abraçava. Cada dia ele lhe revelava uma nova faceta sua, e ela achava-o sempre mais envolvente.

Ele tinha dito que aquele seria um dia especial, mas ela não sabia o que esperar das surpresas de Dieter, quando ele a conduziu suavemente pela mão através do labirinto de salas e corredores.

A casa havia sido inspirada em certos detalhes do Castelo de Wewelsburg, que Heinrich Himmler considerava o centro espiritual das ss. Foi construída em forma de triângulo, com três torres. Dieter subiu os degraus de mármore da larga escada do lado norte da casa, que conduziam à torre. Empurrou a porta enorme e pesada e revelou o esplendor da *Obergruppenführersaal*, a Sala dos Generais. A sala redonda estava iluminada pela luz da manhã filtrada através dos vitrais das doze portas, que havia em toda a sua volta. Do lado externo, eram aqueles vitrais coloridos da torre norte que quebravam a monotonia simétrica das paredes de pedra cinzenta, como se fossem os olhos da casa, vigiando toda a propriedade.

A sala tinha uma mesa redonda, de madeira negra, e doze cadeiras igualmente negras, posicionadas em frente às doze portas que abriam para uma pequena sacada. Entre as portas, doze pilares de mármore pareciam sustentar a abóbada redonda, pintada com vários símbolos. As novas gerações tinham um conhecimento raso e fragmentado da moderna história alemã, que ocultava cuidadosamente alguns dos eventos macabros da Segunda Guerra. Mas Lynn reconheceu a suástica no centro da abóbada e foi aquele símbolo que prendeu a sua atenção. Estava surpreendida, sem entender o que estava acontecendo. Perguntou:

— O que significa isto?

Dieter resumiu a história da Alemanha e a dramática derrota do Terceiro Reich na Segunda Guerra. Falou do nazismo e das descendências míticas da raça ariana, pura e forte, que estava destinada a dominar o mundo. Ela o olhava fascinada. Dieter caminhava devagar em volta da sala, enquanto ia falando, detendo-se em cada uma das portas para fixar o jardim primoroso e as árvores verdes em volta da casa. Por fim, parou em frente a ela, com o rosto muito sério, antes de confessar:

— E eu serei o líder do Quarto Reich.

Lynn não sabia o que dizer. Dieter mantinha o olhar firme sobre ela, e então revelou o seu verdadeiro segredo e as razões que o tornavam o novo líder alemão. Percebeu, de novo, a expressão de espanto no rosto dela. Estava ciente de que tudo o que dissera a seu respeito era difícil de acreditar, mas era a mais pura verdade. Uma verdade que ela teria que aceitar e abraçar se quisesse continuar vivendo.

Mas ele ainda não tinha terminado as suas revelações. Guiou-a uma vez mais e desceu as escadas para o nível mais baixo da casa. Sob a torre norte, um amplo porão de pedra — a Sala Rubra — revelava o lado sanguinário do nazismo. Havia dois círculos com dois degraus, que elevavam os níveis do piso. No centro do círculo menor e mais alto da sala havia um enorme sol de mármore verde-escuro entalhado no mármore branco — era o *Schwarze Sonne*, o Sol Negro com seus doze raios, o mesmo que estava oculto sob a mesa da Sala dos Generais.

Dieter dirigiu-se ao móvel de madeira, num dos cantos da sala, e tirou de lá um longo saco de veludo negro. Pediu que Lynn ocupasse o centro do círculo menor. Ela obedeceu. Por muito estranha que fosse a situação e o pedido dele, Lynn não sentia medo. Dieter lhe inspirava segurança e ela confiava nele. Mas a casa enorme, com suas salas repletas de simbolismos, dava-lhe a sensação de estar vivendo um sonho do qual esperava acordar a qualquer instante. Ainda não tivera tempo para processar as informações e estava lutando para acreditar em Dieter e nos seus planos terríveis.

Lynn ajoelhou-se sobre o símbolo representado pelo Sol Negro, atendendo ao pedido de Dieter. Ele tirou uma lança do interior da proteção de veludo, explicou a sua origem e afirmou que era um objeto mágico que o ajudaria a alcançar o poder máximo, desde que ele a alimentasse com sacrifícios humanos.

Lynn levou algum tempo para entender o que ele estava dizendo. Por fim

notou que algo sinistro estava realmente acontecendo ao ver que a lança pingava sangue de forma contínua e regular. No chão, na direção da ponta da lança, estava se formando um pequeno lago redondo e vermelho que ia aumentando, e agora estava tocando a ponta dos sapatos negros e brilhantes de Dieter. Perguntou, com a voz trêmula, quando a verdade atingiu o seu cérebro, depois de um longo silêncio:

— E eu sou o sacrifício de que precisa?

— Sim — afirmou com a voz tranquila e o olhar sereno fixo na figura dela, ajoelhada aos seus pés. — Mas algo aconteceu quando a conheci, e eu mudei de ideia. Quero que faça parte da minha vida.

Ela o olhou confusa e chocada. Por alguns segundos pensou que ele fosse assassiná-la, apesar do seu coração insistir em dizer que ele seria incapaz de feri-la. A sua pulsação estava acelerada e, embora ela tivesse dúvidas, olhava para Dieter e lembrava que ele era o mesmo homem que a tomara nos braços e amara horas antes. Sentiu alívio ao ouvir as palavras dele. Manteve-se ajoelhada e baixou o rosto para o chão vendo a mancha vermelha se alastrando. Dieter colocou a lança de volta na sua proteção e, quando foi guardá-la no armário, os seus sapatos deixaram pegadas parciais de sangue no chão. Um caminho ensanguentado que se formava enquanto ele andava. Lynn achou que talvez aquele fosse o verdadeiro caminho de Dieter e os seus olhos se encherem de lágrimas. O homem que amava não era apenas um nazista que queria dominar o mundo, era também um assassino frio.

Dieter voltou para junto dela e estendeu a mão para ajudá-la a levantar do chão. Viu que ela estava chorando. Imaginou que a assustara. Mas não podia correr riscos com Lynn e para se assegurar da lealdade dela precisava testá-la.

— Não chore — pediu.

— Você pensou mesmo em... — hesitou em busca de uma palavra: — sacrificar-me? Você seria mesmo capaz?

— Não — disse com um sorriso, segurando o rosto dela entre as mãos e observando-a. — Jamais lhe faria mal. E você, agora que sabe quem sou, o que deseja fazer?

— Eu quero ficar ao seu lado, mas... não sei se sou capaz — confessou, com as lágrimas correndo pelo rosto. — Não sei se tenho força para... absorver isto. Fui educada para ser tolerante, para respeitar os outros. E os sacrifícios... — fez uma pausa para engolir o nó que sentia na garganta, em busca das palavras: — são desumanos. Matar alguém de forma tão fria...

Dieter olhou-a fixamente e, apesar do que ela estava dizendo, percebia que

estava surpreendida, chocada com as revelações que escutara, mas não sentia nenhuma repulsa por ele. E aquilo era um fato extraordinário. Precisava dar-lhe tempo para se ajustar à ideia. Disse baixinho, abraçando-a:

— Fique comigo este final de semana. Vamos conversar, antes de você decidir.

— E se eu decidir não ficar com você?

— Então vai ter que me prometer que nunca falará sobre mim ou sobre isto com ninguém — mentiu ele, sabendo que se aquela fosse a decisão dela, teria que matá-la. Agora, sim, Lynn sabia demais.

Ela acenou a cabeça, acreditando. Dieter percebia que ela lutava para aceitar quem ele era e, principalmente, o que ele era capaz de fazer. Dedicou-lhe o final de semana: amou-a e falou dos seus planos para o futuro como um destino necessário e inevitável. Lynn tentava resistir, mas a atração que sentia por ele e por tudo o que ele estava dizendo se confundia dentro dela e ganhava espaço. Havia uma lógica subversiva em tudo o que ele dizia, uma lógica que ordenava o caos em que a Europa parecia estar mergulhando. Por vezes sentia dúvidas, mas bastava que ele a abraçasse para elas desaparecerem, como por magia.

Ela se sentia especial por ser a escolhida de Dieter. Ele exercia um poder hipnótico sobre ela, capaz de anular a sua vontade. Quando o fim de semana terminou, ela estava disposta a manter a relação deles em segredo, até ele ser eleito líder do Quarto Reich.

Martha estava sozinha no correio. Faltavam poucos minutos para o horário de almoço. Já tinha desligado o computador e as luzes e estava com as chaves numa mão e a bolsa na outra quando ouviu o sininho anunciando a entrada de uma pessoa. Olhou para a silhueta, recortada contra a luz, e sentiu um baque no estômago. Reconheceu-o imediatamente, mas não entendia como ele chegara ali. Aquele lugar estava no fim do mundo e era um ponto minúsculo e indetectável no mapa. Martha ficou em silêncio, tentando controlar a emoção.

Penafor percebeu que ela estava dividida entre a alegria de vê-lo e o medo, imaginando que, se ele a havia encontrado, Dimitri, que tinha muito mais recursos, também iria descobrir a sua localização. Disse, respeitando a nova identidade dela:

— Martha, está tudo bem. Não se preocupe. Sou eu.

Ela engoliu em seco, controlando as lágrimas e apertando as chaves na mão até sentir dor, como se aquilo pudesse trazê-la de volta à realidade e arrancá-la daquela ilusão. Olhava para Penafor, à espera de vê-lo sumir, mas ele continuava imóvel na sua frente. Ele era real.

— Como é que você descobriu onde eu estava?

— Foi Miguel Besson que descobriu.

— E quem mais sabe onde estou?

— Só Miguel e a pessoa que ele contratou — disse, se aproximando dela. Acariciou o seu rosto com carinho. Ela estava diferente. O olhar era mais suave.

— Então Dimitri também pode me encontrar — respondeu, pensando em Fernando.

— Não. Ele não vai encontrá-la — assegurou Penafor.

— Não é por mim que estou preocupada, Penafor — disse baixinho, com as lágrimas rolando livres pela face. — É pelo nosso filho.

Penafor olhou para ela, comovido, lutando contra o nó na garganta que o impedia de falar:

— Eu sei. Eu sei — fez uma pequena pausa antes de explicar: — Miguel falou-me sobre ele, sobre o nosso filho.

Ela deixou cair a chave e a bolsa no chão e abraçou-o, rendida às artimanhas do destino. Aquele era o homem que amava e estava ligada a ele de muitas formas. Penafor apertou-a entre os braços, tentando, simultaneamente, matar a saudade e protegê-la.

— Temos que ir buscar o Fernando — disse ela. — Conversamos em casa.

Penafor sorriu. Agora, além de estar em paz, estava também feliz: tinha uma família. Baixou-se para pegar a bolsa e a chave e entregou-as a Martha. Ambos estavam com as mãos ligeiramente trêmulas. Aquele foi o primeiro dia em que Martha, sempre tão pontual, fechou o correio depois do horário normal e chegou atrasada à escola do filho.

Martha pôs Fernando no colo e ele esticou a mão miúda e perfeita em direção ao homem que estava ao lado da mãe. Penafor tentava se controlar, sentindo sobre ele o olhar curioso das duas professoras. A mais velha avançou para Martha, disposta a começar uma conversa, que certamente seria sobre Penafor. Mas Martha antecipou as suas intenções e disse, pegando a bolsa de Fernando, com roupa, fraldas e mamadeiras:

— Precisamos ir. Hoje estou um pouco atrasada.

Penafor pegou a bolsa das mãos dela e caminhou ao seu lado. Martha ainda

não tinha chegado à sua casa quando as especulações sobre o homem misterioso que a estava visitando tomaram conta da vila.

Na casa simples, mas confortável, resguardados dos olhares curiosos, Penafor cedeu finalmente às emoções. Pousou a bolsa sobre a mesa, abraçou Martha e o filho e foi sacudido por um soluço involuntário, enquanto as lágrimas molhavam a blusa de Martha, no local onde ele encostara o rosto. O bebê agitava as mãos, tentando alcançar o seu objetivo até conseguir o que queria: prender uma mecha do cabelo de Penafor e puxá-la com toda a força. O pai levantou o rosto, olhou-o emocionado e deixou que ele continuasse puxando o seu cabelo. Foi a mãe que disse, com doçura, pegando nos dedinhos e tentando parar os seus movimentos:

— Não, filho. Não pode puxar o cabelo do papai.

Penafor chorou, de novo, ao ouvi-la dizer pela primeira vez a palavra “papai”. Pediu:

— Pode deixar.

— Não. Depois ele acha que pode fazer isso com todo mundo — argumentou com um sorriso. Desde que Fernando nascera, era a primeira vez que sentia alguma segurança. Antes de Penafor chegar, vivia com o medo constante de que acontecesse alguma coisa com ela, por não haver mais ninguém para cuidar de Fernando. Mas agora, Penafor estava ali e a sua presença fazia toda a diferença. Lembrou-se de dona Clara. Tinha evitado contar a verdade, para garantir a segurança do seu filho, mas o destino colocou-a de frente para os eventos que tentara manter ocultos.

Miguel observava os Guardiões, esperando uma oportunidade para revelar o que sabia sobre o *herdeiro natural* e, principalmente, expor a identidade de Daniel. A reunião após o retorno de Alessia e Seth da Alemanha parecia ser o momento ideal.

Alessia e Seth revelaram as descobertas sobre a identidade dos doze Dragões Verdes, e a existência de um local secreto, defendido como uma fortaleza. Além disso, o fato de os soldados terem atacado Seth e Alessia somente porque eles se aproximaram para pedir informações indicava que algo muito importante era mantido ali.

— Concordo com você, Seth — disse Dib. — Essa propriedade deve ser o local onde treinam os soldados de elite. O que acha, Besson?

— É provável — concordou Miguel, adicionando aquelas informações às

que já possuía desde o seu encontro com Lucrezia. Fez uma pausa e decidiu que chegara a hora de revelar o que sabia. — Tenho informações que gostaria de partilhar, mas preciso que me escutem antes de tirarem conclusões e me condenarem.

O pedido pôs todos de sobreaviso, especialmente Dib, que tratava Miguel com frieza desde que Lucrezia escapara.

— A primeira é que eu ajudei Lucrezia — falou diretamente para Dib. — Eu menti quando neguei a minha participação na fuga. Por favor, me desculpe.

Dib anunciou, sem surpresa:

— Eu estava seguro disso. E suponho que agora dirá que a ajudou em função de um benefício maior, que justifica o ato imperdoável de libertar um Anjo Negro. É isso?

— Sim.

— Lamento informá-lo que nada justifica a sua atitude — avisou Dib. — Lucrezia livre é muito mais perigosa que qualquer ameaça que ela possa ter revelado.

— Escute-me antes, por favor — pediu, lembrando bem das consequências que Dib citara, se ele tivesse ajudado Lucrezia. Miguel estava seguro de que as informações que recolhera tinham valido os riscos a que se submeteu.

Dib não respondeu e continuou a olhá-lo friamente, esperando que Miguel falasse.

— Lucrezia entregou a lança a um *herdeiro natural* que está em Berlim, onde ela se encontra agora. Juntando essa informação com tudo o que Alessia e Seth descobriram, temos certeza de que Berlim é o centro do plano e a Sociedade do Dragão Verde está por trás da ascensão do nazismo — fez uma pausa, para avaliar a reação de todos, sabendo que não acrescentara nada de novo. — Lucrezia disse que Jean Luc Messie foi apenas uma manobra de diversão. O verdadeiro Anunciado é o *herdeiro natural*.

— Já sabemos que os Dragões têm um exército e estão infiltrados economicamente nas maiores empresas do mundo, preparando a ascensão do Quarto Reich. Nada disso é novidade — Dib resumiu a situação, mantendo a sua atitude fria. — Lucrezia preparou o verdadeiro Anunciado e ele está em Berlim. Portanto, o *herdeiro natural* tem que ser um dos onze Dragões remanescentes, após o suicídio de Max Küchler. O ministro das finanças está descartado, porque só se juntou ao grupo para substituir Küchler — justificou Dib. — A grande questão para descobrir a identidade dele é a seguinte: por

que é que Lucrezia Zani o considera o *herdeiro natural*?

— Um *herdeiro natural* é alguém que tem direito ao lugar, um sucessor, um descendente — afirmou Seth falando vagarosamente, como se pudesse ter alguma ideia.

— Mas um descendente de quem? — perguntou Elizabeth.

— Essa é a resposta que precisamos descobrir entre esses onze Dragões — disse Dib.

— Eles encobriram a sua ascendência: aparentemente nenhum deles descende de nazistas — afirmou Alessia, totalmente recuperada. — Eu e Seth já verificamos isso.

— Mas, na realidade, sabemos que todos descendem de nazistas importantes. Küchler afirmou na carta que o lugar é herdado — Dib parou um instante, antes de concluir. — Talvez o verdadeiro objetivo do *Stille Hilfe*, o grupo secreto que ajudou os seis Dragões no final da guerra, fosse o de garantir a sobrevivência da geração seguinte, a geração dos filhos.

— E esta nova geração que está no poder são os filhos ou netos dos nazistas da Segunda Guerra — disse Uchoa.

— E um deles é o verdadeiro líder. Precisamos descobrir quem é e por quê — afirmou Dib, fazendo uma pausa para pensar, antes de dizer: — Eu apostaria em Dieter Steinbach. É ele que está concorrendo ao lugar de chanceler da Alemanha.

— Concordo com você — disse Alessia. — Ele é o representante dos nazistas. E na Alemanha só se fala nele.

— Resta saber por que ele é o *herdeiro natural* — afirmou Dib, antes de voltar sua atenção para Miguel. — Mas nada do que você nos disse justifica a liberdade de Lucrezia. Concorda, Besson?

— Sim. Mas a verdadeira razão para ter ajudado Lucrezia foi De Payens.

Pela primeira vez desde que confessara o seu papel na fuga de Lucrezia Miguel sentiu que conseguira a atenção de todos.

— O que tem Daniel? — questionou Elizabeth, e o leve tremor da sua voz não escapou a Miguel. Ele sentiu uma raiva quente no estômago, ainda inconformado por não ter percebido que Elizabeth o rejeitara por estar apaixonada por Daniel.

— Vocês alguma vez se perguntaram por que sete poderosos Guardiões nunca conseguiram causar o menor dano a Lúcifer? E mais do que isso: alguma vez o viram ou enfrentaram, em tantos séculos da nossa existência?

— O que está querendo dizer? — questionou Elizabeth de novo.

— Estou dizendo que nunca ninguém viu Lúcifer — respondeu Miguel, fazendo uma longa pausa. Percebeu que os Guardiões estavam inquietos, suspensos nas palavras dele. E então ele revelou o grande enigma, com a voz séria e firme: — Isso não aconteceu porque Lúcifer e De Payens são a mesma pessoa.

Elizabeth olhou para Dib, procurando entender aquela informação à luz das três misteriosas visitas de Daniel. Mas Dib devolveu-lhe um olhar tranquilo, tentando assegurá-la de que estava tudo bem. O olhar de cumplicidade dos dois não escapou a Miguel e ele deduziu, de imediato, que ambos sabiam mais do que demonstravam. Para inflamar os ânimos, Miguel preparou uma armadilha: referiu arditamente o conhecimento de Dib sobre Daniel, quando haviam abordado o inexplicável desaparecimento do seu corpo.

— Talvez De Payens fosse mesmo especial e fosse essa parte da sua natureza que Dib não quis nos revelar. — O descrédito de Dib enquanto líder ainda não consagrado e a ausência dos poderes máximos concedidos pelo Graal iriam deixá-lo fragilizado. Se os Guardiões se rebelassem contra ele, um novo líder teria que ascender. Alessia já havia renunciado. Seth e Uchoa não pareciam interessados em assumir a liderança. E Elizabeth não tinha experiência ou força para isso. Restava Miguel Besson e para que ele se consagrasse teria que ter acesso ao Mosteiro e, por fim, a todos os seus segredos. Mas antes, Miguel teria que destruir Dib.

Os olhares de todos deslocaram-se de Miguel para Dib, aguardando a sua reação. Se Dib quisesse manter a liderança incólume teria que se defender, expondo o que sabia sobre Daniel. Dib sorriu abertamente. O sorriso amplo iluminou todo o seu rosto, parecendo ter a capacidade de diminuir a tensão da sala. Miguel surpreendeu-se com a reação. Tinha certeza de que o havia encurralado e não havia como Dib se livrar daquela situação a não ser confessando a verdadeira natureza de Daniel, algo que só ele sabia.

— Besson, suponho que essa informação foi a razão para que libertasse Lucrezia Zani — disse Dib, mantendo o sorriso e ocultando as preocupações geradas pelas palavras de Miguel. — Eu não acredito nisso, ao contrário de você. Mas vou dizer aquilo em que acredito: Lucrezia Zani tem interesse em destruir os Guardiões e... Lúcifer, claro. Com essa simples informação consegue as duas coisas. Neste momento, estamos vulneráveis e em menor número, e qualquer luta contra Lúcifer seria fatal para nós, mas certamente iríamos enfraquecê-lo. E enquanto estivéssemos lutando, Lucrezia teria oportunidade para dominar o mundo através do Quarto Reich — percebeu

que os seus argumentos encontravam eco nos Guardiões. E na verdade, eram similares aos argumentos que Miguel já havia enumerado a Lucrezia. Aquela explicação racional estava desmontando a armadilha de Miguel. Dib fez uma pausa de alguns segundos, antes de anunciar com o rosto sério: — Eu acho que a Lucrezia o enganou, Besson.

Miguel olhou para ele e, por um instante, duvidou se não teria sido mesmo assim — se ela não o teria enganado. Questionou se os seus desejos não poderiam ter ofuscado a sua visão da realidade. Mas depressa se recompôs e voltou a defender a sua posição.

— Claro que ela tem interesse em destruir Lúcifer e os Guardiões, mas isso não significa que esteja mentindo sobre De Payens. Como você explica o seu desaparecimento e o fato de nunca ninguém ter visto Lúcifer?

— São duas questões diferentes. Vou falar sobre Daniel uma última vez. Mas antes quero dizer que, se você insistir em lançar dúvidas sobre Daniel, eu retiro o seu convite para participar da Ordem — rematou Dib, adotando uma atitude autoritária que mostrava o seu desejo de encerrar o assunto. Precisava pensar rápido e tomar uma atitude para terminar de vez com os temas recorrentes sobre Daniel.

— Não vai responder às minhas questões? — inquiriu Miguel, provocante.

— Vou responder e pretendo começar falando da sua atitude. Você libertou Lucrezia contra a minha orientação. A informação de Lucrezia é falsa e atende exclusivamente os interesses dela — Dib viu Miguel sorrir, mas ignorou a provocação, porque estava longe de ter acabado de falar. — O seu interesse, Besson, sempre foi claro para Daniel e para mim: você tem determinados sentimentos em relação a Elizabeth, mas o seu objetivo principal é o de saber a localização do Mosteiro e conseguir o poder máximo da Ordem, o poder do Supremo, dado pelo último estágio da Consagração. Aliás, foi por isso que abandonou a Ordem, levando as relíquias sagradas — todos estavam silenciosos e imóveis, impressionados com a postura direta de Dib. Nunca nenhum deles o tinha visto com aquela firmeza fria, que não deixava margem para que fosse questionado. — Arturo se negou a dividir o poder, seguindo a antiga lei de que o Supremo só seria substituído após a sua morte. E Daniel o apoiou. Dos três Guardiões originais de Montségur, você foi o único que nunca soube a localização do Mosteiro. Sabe por quê?

Miguel estava pálido. Era óbvio que ele conhecia bem os motivos para aquela situação, mas nunca imaginou que Dib fosse tão longe e desenterrasse tantos fatos dolorosos de modo tão cru. Dib continuou falando, com o olhar

gélido pousado em Miguel:

— A razão é simples: nem Arturo nem Daniel confiaram em você. A sua natureza oscila entre o bem e o mal, como, aliás, acontece com todos nós. Mas em você o mal vence demasiadas vezes, porque você age para atender os seus interesses puramente egoístas. O seu desejo pelo poder será a sua perdição, Besson. Foi o poder que você invejou em Arturo e invejaria em Daniel, se ele ainda estivesse aqui — Dib fez uma pausa antes de concluir — Então os seus interesses e os de Lucrezia são muito claros, e todas as informações que nos deu devem ser entendidas tendo por base este contexto.

Dib olhou os Guardiões um por um, avaliando as suas reações. Levantou-se da cadeira onde estivera sentado e começou a caminhar pela sala, obrigando-os a acompanharem-no com o olhar. Parecia mais alto e mais forte, naquela sua expressão de força, que contrastava tanto com a sua habitual brandura.

— Quanto ao fato de Daniel e Lúcifer serem a mesma pessoa, nunca ouvi nada mais absurdo. Você acha mesmo que o Graal iria consagrar um Anjo Negro durante setecentos anos e depois deixá-lo assumir o papel de Supremo? — parou um segundo, em frente a Miguel, antes de afirmar com um tom de voz mais alto e forte. — Pense no que você disse, Besson! Você foi manipulado!

Continuou caminhando em silêncio pela sala, antes de voltar a falar. Miguel manteve-se imóvel, aguardando o fim da dissertação de Dib. Tudo o que não desejava era iniciar um confronto com ele naquele momento. Precisava pensar.

— E para finalizar, vou falar sobre a verdadeira natureza de Daniel. Ele foi dotado de uma parte divina superior à de qualquer um. Nós nos tornamos Guardiões, mas ele já nasceu Guardião. Essa é a sua essência. Daniel é um anjo que veio para nos ensinar. E vocês devem se recordar bem que o rito do Graal só se revelou completamente sob os conhecimentos de Daniel. Eu não estava lá, mas todos comentam que era como se Daniel soubesse tudo o que precisava ser feito. Você acompanhou esse ritual, Besson — comentou Dib, olhando para Miguel. — A primeira revelação absoluta do Graal só aconteceu quando deixaram Montségur e a última geração de Guardiões se juntou na França. E depois da Consagração, foi Daniel que ensinou todos a controlarem o seu lado animal — lembrou Dib. — Ele veio ao mundo para nos ajudar na transformação, recuperando um conhecimento que foi perdido. Ele nunca quis glória ou poder. Queria justiça e equilíbrio. Por isso o seu

corpo desapareceu: por ele ser um Anjo de Luz, um dos protegidos do Divino.

A sala mergulhou no silêncio. Estavam todos surpreendidos com a revelação e ninguém sabia o que dizer. Até Miguel levou algum tempo para reagir àquela informação inesperada, que punha em causa o que Lucrezia lhe dissera, mas dava um novo sentido aos acontecimentos.

— Não é possível — disse Miguel, com descrédito.

— Se pensarem bem no comportamento de Daniel ao longo do tempo, verão que ele sempre foi diferente de nós. Ele sempre teve mais facilidade para se controlar, vencer as tentações e superar os dilemas — afirmou Dib.

Miguel sabia que aquela afirmação de Dib sobre Daniel era verdadeira, mas havia alguns pontos incongruentes. Perguntou:

— E como é que ele não sabe o que é realmente necessário para que o Graal nos consagre? Se ele é um Anjo de Luz, como pode desconhecer a essência da Consagração?

Dib encarou-o, esboçando uma expressão séria:

— Como pode questionar isso, Besson? Sempre soubemos que os caminhos do Graal são insondáveis. E nem mesmo Daniel pode saber isso, porque a Consagração é uma emanção do próprio Divino.

— E por que Daniel não queria que soubéssemos sobre a sua natureza? — quis saber Elizabeth, devolvendo o foco da conversa a Daniel.

— Ele queria ser um de nós, igual a nós — disse Dib.

Miguel sacudiu a cabeça, irritado, tentando encontrar alguma lógica em tudo aquilo: se Dib estivesse dizendo a verdade, significava que Lucrezia tinha mentido. Miguel tentou entender como se deixara ludibriar por Lucrezia.

— Isso explicaria a facilidade com que ele dominou Lucrezia no porão e a atirou contra a parede — comentou Miguel, pensativo, refazendo mais uma vez o seu raciocínio, perante as informações fornecidas por Dib.

— Então ele está vivo? — questionou Alessia, perplexa, não conseguindo evitar uma sensação de traição, juntamente com os outros Guardiões. Mas Dib esclareceu o assunto, de modo a apaziguá-los.

— Ele está em outra dimensão. Fez um acordo com Samael e está pagando a dívida por ter resgatado Elizabeth da morte. Ele sabia que não poderia retornar. Foi por isso que eu insisti tanto que Daniel não voltaria — comentou Dib, voltando a ocupar a sua cadeira. — Eu acredito que foi Samael, ou alguém por intermédio de Samael, que o veio buscar.

— E por que não nos falou de Daniel? Você sempre soube isso? — perguntou Alessia.

— Sim, mas não dependia de mim. Eu não podia falar sobre o assunto. Daniel não desejava revelar a sua identidade e queria que continuássemos o nosso trabalho — declarou Dib, percebendo o alívio de todos perante a confirmação da notícia de que Daniel continuava existindo, apesar de estar em outra dimensão. O fato de não terem sentido Daniel dissipar-se sempre os deixou na dúvida. Dib sabia que aquele era o momento de definir os passos seguintes:

— Agora que já esclarecemos a identidade de Daniel, precisamos nos concentrar e resolver outras questões — Dib voltou-se para Miguel e anunciou com a voz calma, tomando mais uma vez uma decisão que favorecia a Ordem: — Besson, não vou pedir que se afaste da Ordem porque espero que nos ajude a destruir Lucrezia. Você é quem a conhece melhor e isso será muito útil — afirmou Dib, antes de frisar: — Tudo o que ela lhe disse foi com o objetivo de nos dividir e enfraquecer.

Miguel sacudiu a cabeça em sinal de anuência. Sentia-se furioso por ter ficado claro para todos que Lucrezia o enganara. Aquilo não ficaria assim. Ele precisava debruçar-se mais sobre o assunto e tentar descobrir a verdade sobre Daniel: ainda não estava convencido.

Naquele momento Dib estava oferecendo a Miguel uma oportunidade de se vingar de Lucrezia, caso ele confirmasse que ela o havia enganado. Decidiu não falar sobre os sete espelhos que funcionavam como portais para o submundo até estar seguro sobre aquela informação e tinha uma ideia de como poderia validá-la.

— Vou pensar numa forma de destruir Lucrezia — a voz tensa mostrava a irritação de Miguel por ter sido manipulado por Lucrezia.

— Paralelamente, vamos continuar atentos aos movimentos dos nazistas — avisou Dib. — Mas o nosso foco agora é Lucrezia.

Lucrezia caminhava pela sala redonda, dando pequenos passos enquanto observava a jovem adormecida no centro do Sol Negro, desenhado no chão. Escutou a porta se abrindo e imaginou a surpresa que a sua presença causaria.

Dieter entrou, seguido de Halder e Lynn. Desde o instante em que Lynn conheceu Halder, percebeu o quanto ele era importante para Dieter e sentiu que ele a observava constantemente, como se a estivesse estudando e

tentando adivinhar o que ela seria capaz de fazer.

Dieter parou na porta ao ver Lucrezia e franziu a testa em sinal de desagrado. Trocou um olhar de cumplicidade com Halder, e ele compreendeu a mensagem: precisavam se livrar dela, de uma vez por todas. Já sabiam que escapara da prisão, mas não imaginavam que se arriscasse a vir ali, se expondo numa viagem da França à Alemanha.

— Como conseguiu entrar? — perguntou Halder avançando até junto dela.

— Tenho os meus métodos — afirmou sorrindo, antes de garantir: — Ninguém me viu.

— Isso não é possível — afirmou Halder se questionando sobre como ela conseguira invadir uma área restrita, totalmente segura, sem ser notada.

— É uma pequena demonstração do que posso fazer. Tenho muitas habilidades — afirmou, sabendo que lhe bastara apenas apagar a memória dos que a tinham visto. — Lembra-se do nosso combinado, Dieter? Almas e lealdade!

Dieter olhou-a friamente. Não estava disposto a ser pressionado por ninguém.

— O meu dever primeiro é com a Alemanha. Sabe disso, não é? Não podia arriscar uma associação com você, tentando libertá-la.

— Podia ter enviado alguém para me ajudar. Há sempre um jeito — sugeriu ela.

— Hoje tudo é rastreável e a sua presença é uma ameaça. Você matou centenas de crianças — lembrou Dieter. — O que deseja?

— Você sabe... Vim cobrar a minha parte do trato.

Dieter foi ao armário, pegou na lança e voltou para junto de Lucrezia. Olhou-a com atenção, antes de entregar o saco negro:

— É sua. Leve-a.

Lucrezia surpreendeu-se: não tinha previsto aquela atitude. Ninguém rejeita a lança. Ela é a fonte do poder. Sorriu, incrédula. Dieter estava sendo muito estúpido.

— Sem a lança não haverá Quarto Reich — avisou ela.

— Estou disposto a arriscar — Dieter parecia seguro da sua decisão, continuando com a lança estendida em direção a ela. Lucrezia hesitou. Precisava voltar ao controle da situação. Aproximou-se do rosto dele e mordeu as palavras:

— Você só existe porque eu permiti.

Dieter sorriu e retrucou, talvez por desconhecer quem ela era realmente:

— Não imagino como isso pode ter acontecido. Mas se você *permitiu*, como diz, e eu não fizer o que deseja, certamente vai me destruir — sorriu, antes de concluir. — Suponho que já tem quem ocupe o meu lugar e esteja disposto a começar uma guerra para que você tenha as almas e a lealdade que tanto deseja. Não é isso que quer?

Os olhos dela brilharam de raiva. Perdê-lo arruinaria os seus planos e iria obrigá-la a esperar mais alguns anos. Precisava fazer com que ele lhe obedecesse. Olhou para Lynn, avaliando-a com intensidade, e quando se voltou de novo para Dieter, anunciou:

— Você cumpre o trato e ela vive — apontou o indicador para Lynn, ameaçadora.

Dieter sorriu e, sem levar muito a sério a ameaça, ofereceu de novo:

— Leve a lança.

Lucrezia virou as costas e abandonou a sala, sem a lança.

Dieter devolveu a lança ao armário, de onde a havia tirado minutos antes. Depois voltou-se para Halder e perguntou, referindo-se à jovem que permanecia imóvel, deitada no chão:

— Quando a sequestrou, ela viu o seu rosto, Halder?

— Não viu nada — assegurou o general. — Injetei uma boa dose de meperidina.

— Então solte-a. Não haverá rituais — Dieter olhou para Lynn, avaliando-a, e percebeu que ela parecia aliviada com a decisão dele.

— Tem certeza, Dieter? A lança foi usada na Segunda Guerra... — lembrou Halder.

— E olhe no que deu — interrompeu Dieter, saindo da sala com passos largos, decidido a ignorar a mística e as promessas em torno da lança. Estava irritado com a ameaça que Lucrezia fizera. Ninguém o obrigava a fazer nada que não quisesse. Tinha que livrar-se dela. Mas antes tinha que resolver outro problema: Lynn. Não seria ainda daquela vez que testaria a sua fibra e lealdade, obrigando-a a assassinar alguém. Precisava pensar noutro modo de testá-la.

14. Fragilidades

Uma ideia pode levar ao obscurecimento das sensações e distrair da realidade corrente [...], mas nenhuma ideia tem a força de nos arrebatrar a um ponto tal que não paremos de repente perante um fato impressionante e não lhe sacrificuemos tudo o que, durante anos de trabalho, tenhamos feito em prol da ideia.

Fiodor Dostoievski (1821-1881)

A crise na Europa parecia ceder, ainda que lentamente. O início da recuperação enchia as pessoas de esperança e projetos — algo que não acontecia há anos. Temple sabia que sem esperança não havia futuro: essa era a chave dos planos bem-sucedidos.

Rudolf Halder convenceu os membros do conselho a sancionar um novo atentado contra William Temple. Explicou que já tinha dois homens em Londres e não podiam continuar esperando uma resposta do assassino, Oliver Bassan, enquanto Temple fortalecia a sua liderança carismática na Europa, competindo diretamente com Dieter. Os planos para Dieter assumir a Alemanha estavam próximos: as pesquisas já o consideravam o próximo chanceler. Ele só perderia se houvesse uma catástrofe ou um escândalo de proporções homéricas.

Rudolf Halder ordenou que Klaus Jürgen iniciasse os preparativos para assassinar o primeiro-ministro inglês. Klaus e Anton começaram a treinar com as armas que usariam, e assim que Klaus recebesse a agenda do premiê, escolheria o local para o atentado e traçaria as rotas de fuga.

Oliver tinha ido ao correio três vezes para pesquisar os hábitos de Martha. Conversou com ela e o seu inglês irrepreensível parecia ser o único resquício da pessoa que ela tinha sido. Percebeu que ela mantinha uma garrafa de suco ao seu lado, sobre o gasto balcão de madeira, que ia bebendo durante o dia. O balcão era baixo e não possuía as modernas proteções que separam o atendente do resto das pessoas.

Oliver planejou adicionar a batracotoxina, o mortal veneno de rã, ao conteúdo da garrafa. A morte dela não causaria suspeita e seria atribuída a um animal peçonhento. Todos os dias, na vila, havia alguém que matava cobras, escorpiões, aranhas ou outros animais perigosos.

Sentado na esplanada, Oliver viu Penafor com o bebê ao colo e Martha caminhando ao seu lado. Formavam uma inesperada família feliz. Dirigiam-se ao correio. Martha abriu a porta quando o relógio marcava exatamente oito e meia, fazendo jus à sua pontualidade habitual. Penafor entrou com ela no correio para despedir-se com um beijo, evitando o olhar curioso das pessoas. Segundos depois, Penafor deixou o correio levando o bebê. Oliver percebeu que a criança ficaria com o pai e não iria para a escola naquele dia. O bebê estava feliz no colo de Penafor, rindo agitado e fazendo pequenos barulhos, em busca das palavras. Penafor atravessou a rua e sentou-se numa mesa próxima de Oliver Bassan. Ele o observou, através dos óculos muito escuros: Penafor pediu um café e um pão com manteiga. Falava com o filho com calma e mantinha os olhos úmidos, carregados de ternura, como se fosse começar a chorar a qualquer instante. Aquilo incomodou Oliver: o bebê feliz no colo do pai, ainda surpreso com aquele presente milagroso da vida.

Oliver tinha consciência de que vinha protelando o assassinato, deixando os dias passarem, inventando todas as desculpas possíveis, mas precisava resolver o assunto de vez. Um homem com o trabalho dele não podia se dar ao luxo de ter hesitações, dúvidas ou fragilidades.

Elizabeth sabia que muito do conhecimento acumulado na sua memória tinha sido transmitido por sua mãe. Durante os meses em que Angelina estivera dentro do seu corpo, Elizabeth aprendeu ritos e magias que aumentavam os seus poderes de pitonisa, que a ajudavam a sonhar ou a proteger-se dos maus espíritos, vivos ou mortos.

— Eu quero libertar a minha mãe — pediu, quando todos estavam

tomando o café da manhã, surpreendendo-os. — Ela me ajudou com as visões sobre Lucrezia, protegeu-me e transmitiu-me o seu conhecimento. Mas chegou o momento de deixá-la partir.

— Faremos o ritual — concordou Dib. — Besson tem mais experiência em lidar com a libertação da alma, e acho que deve ajudá-la. Pode ser, Besson?

— Sim — anuiu Miguel, ainda desconfortável com o fracasso da sua revelação sobre a identidade de Daniel, e com as palavras de Dib, relembrando o seu passado e expondo as suas intenções. Mas só ele parecia incomodado, porque todos os outros o continuavam tratando como se aquele incidente e o fato dele ter ajudado Lucrezia não tivessem acontecido. Porém, algo tinha ficado bem claro: Besson continuava sendo alguém em quem não podiam confiar. E, apesar de todo o esforço que fizera até ali para aceder aos segredos do Mosteiro terem desmoronado, Miguel, com seu jeito obstinado, considerou que aquela situação não passava de um revês momentâneo. Precisava voltar a conquistar a confiança deles e garantir que desta vez não cometeria erros.

— Quando quer fazer o ritual, querida? — perguntou Alessia, preocupada. Desde que Angelina estava com Elizabeth percebia as transformações no seu comportamento e sabia que ela estava sendo protegida pela mãe. Mas a partir do instante em que Angelina partisse, Elizabeth ficaria sozinha e Daniel também já não estava ali para protegê-la.

— O mais rápido possível — respondeu Elizabeth, decidida.

— Começamos amanhã. Mas durante os três dias que precisa jejuar vai ficar vulnerável — avisou Miguel. — Precisa estar isolada e em um ambiente protegido.

— E se essa regra não for cumprida? — perguntou Elizabeth, trocando um rápido olhar com Dib. Estava claro para ambos que ela não poderia estar com Daniel, se ele tentasse atravessar o espelho de Iblis.

— Essa é principal regra que garante a sua proteção — avisou Miguel. — O ritual vai enfraquecê-la e você pode ser dominada por um espírito maléfico, que também impedirá a libertação de Angelina.

— E depois, o que pode acontecer?

— Teremos que realizar um exorcismo — disse, antes de revelar o resto da verdade chocante. — E a sua mãe é expulsa juntamente com o ser maléfico, mas pode ficar presa na sua órbita se ele for muito poderoso.

Elizabeth compreendeu os riscos a que estava sujeita. Mas, ainda assim, naquele mesmo dia, Dib procurou-a para enfatizar os perigos que ela corria:

— Elizabeth, você só pode estar com Daniel após o ritual de libertação da sua mãe.

— Não acredito que ele tenha se tornado um ser maligno.

— Não sabemos o que ele é neste momento — afirmou Dib, expressando abertamente o que pensava. Ela ficou chocada com a crueza dele, mas Dib continuou: — E é o que precisamos descobrir. Depois de libertar a sua mãe, terá que redobrar os cuidados, porque ela já não poderá protegê-la. Por isso, pergunto: acha que este é o momento certo para deixá-la ir?

— Não sei, mas também não posso mantê-la presa no meu corpo por mais tempo, impedindo-a de evoluir para satisfazer as minhas necessidades egoístas. Já basta ela ter ficado vinte e cinco anos presa no Punhal.

Dib entendia os argumentos dela, mas tinha dúvidas se ela seria capaz de enfrentar Daniel sem a ajuda da mãe. Além disso, a fragilidade de Elizabeth durante os três dias seguintes representava mais uma ameaça, a adicionar às outras que pendiam sobre ele: a liberdade de Lucrezia, a ascensão dos dragões, o desconhecimento do paradeiro de Daniel, que continuava vagando no mundo terreno, e a confusão aparente com a sua identidade. Além disso, havia ainda a busca dos novos guardiões, um tema vital sobre o qual Dib ainda não tivera tempo de se debruçar.

Tom Hogdson chegou a Berlim no final da manhã e foi direto para o apartamento da sua filha. Havia dois dias que ninguém conseguia falar com ela e quando ligavam a chamada caía na caixa postal.

Tocou a campainha e, após um silêncio prolongado, usou a sua chave para entrar. O apartamento estava imaculadamente arrumado, refletindo a personalidade metódica de Lynn, que era o oposto da irmã Tess, dois anos mais nova, um verdadeiro furacão que desarrumava tudo por onde passava. Embora fossem muito unidas, Lynn não telefonava à irmã havia vários dias, o que também não era normal. Percebeu que a filha não dormira em casa e sentiu a ansiedade aumentar. Notou que ela tinha várias revistas com reportagens de Dieter Steinbach.

Ansioso e preocupado com a falta de notícias, ligou o computador dela para ver se encontrava alguma pista, mas não havia sequer um e-mail de Dieter. Nada. Se Lynn não tivesse contado à mãe que estava apaixonada por Dieter, ele jamais descobriria qualquer ligação entre eles. Sendo um jornalista experiente, Hogdson sabia que a ausência de sinais de um relacionamento é

sempre sinônimo de problemas. E certamente não era Lynn que estava querendo ocultar a relação, mas Dieter. Decidiu esperar até o final do dia, mas à medida que as horas passavam e o celular dela permanecia mudo, a sua preocupação crescia. No início da noite ele estava muito ansioso, imaginando o pior. Lynn nunca ficara sem atender o celular durante tanto tempo e quando ouvia uma mensagem dos pais sempre retornava. Tinha certeza de que algo acontecera com a filha.

Martha achou que o convite de dona Clara para o jantar seria uma oportunidade para contar quem era Penafor. Precisava se livrar daquele segredo e da culpa por não tê-lo revelado antes.

As suas dúvidas sobre a relação entre dona Clara e Penafor foram rapidamente sanadas: eles sentiram empatia imediata, dominados por uma estranha sensação de familiaridade, como se já se conhecessem.

Quando estavam tomando café e comendo bolo de mandioca, Penafor sentou-se na velha poltrona que pertencera ao marido de dona Clara e cruzou as pernas, apoiando as costas no espaldar. Nesse instante dona Clara sentiu um aperto no coração e finalmente entendeu o que estava acontecendo: Penafor lembrava o seu marido. Levantou-se e foi buscar algumas fotografias que guardava num álbum muito manuseado.

Martha sabia onde aquilo ia parar. Conhecia bem aquele álbum, porque dona Clara cismara que Fernando era parecido com o seu filho César e já mostrara várias vezes as três únicas fotos que tinha dele. O que Martha desconhecia era que dona Clara também queria mostrar como Penafor se parecia com o seu marido. Mas antes que ela pudesse falar de coincidências e semelhanças, Martha decidiu esclarecer os misteriosos laços que os uniam. Levantou-se e pediu delicadamente à dona Clara:

— A senhora pode me emprestar o álbum? Eu já devolvo — ela entregou o álbum com visível desagrado. — Antes de vermos as fotografias eu preciso contar uma coisa.

Martha sentou-se de novo, com o álbum sobre as pernas, e falou devagar, como se estivesse contando uma história difícil:

— Há exatamente quarenta e três anos dona Clara viajou para São Paulo com Lívio, o marido, e César, o filho, ainda bebê. Ele foi sequestrado da casa de parentes e nunca mais o encontraram. Eu pedi ao Rui Queiroz, o coronel da Polícia Militar de São Paulo, que procurasse por ele. As chances de

encontrar o bebê eram muito pequenas.

Martha fez uma pausa, observando dona Clara. Ela estava comovida e tinha certeza de que naquela noite ia descobrir o destino do filho. Martha retomou a história, dando uma rápida mirada em Penafor. Ele estava escutando por educação e torcendo para que Queiroz tivesse encontrado o filho de dona Clara. Agora que era pai, sabia que ninguém devia passar a vida com a incerteza terrível sobre o destino de um filho.

— Mas Queiroz encontrou César, dona Clara.

— Eu sabia que você ia dizer isso. O meu coração estava me avisando — disse, pondo a mão sobre o peito, com os olhos marejados de lágrimas e a voz trêmula. — E onde é que ele está?

— À sua frente, dona Clara.

Ela levou alguns segundos para entender a mensagem e ergueu os olhos para o homem que ocupava a cadeira que pertencera ao seu marido, sabendo intuitivamente que era ele. Não foi capaz de dizer uma única palavra e começou a chorar em silêncio, enquanto olhava para Penafor, que não entendia o que estava acontecendo.

Penafor levantou-se para pousar a xícara de café sobre a mesa, ficando de costas voltadas para as duas por um momento, tentando racionalizar a revelação de Martha. Voltou o rosto em direção ao filho, para ver o menino dormindo tranquilo, alheio à revolução que acontecia na sala. Em menos de um minuto Penafor passara de espectador a protagonista, mas tinha certeza de que não pertencia àquela história. Sentou-se de novo, antes de dizer:

— A minha mãe era alcoólatra e morreu depois de ter me abandonado aos cuidados do meu pai. E ele era um homem bom que perdeu a vida num trágico e infeliz acidente — explicou para dona Clara, porque Martha já conhecia a história. Martha percebeu que ele realmente se apaziguara com a morte do pai: Penafor já tinha lhe contado o que acontecera e que não guardava ressentimento pela pessoa responsável pelo acidente.

Martha disse, depois de observar dona Clara chorando silenciosamente:

— Tenho certeza de que ele o amou e cuidou de você como um filho, mas o seu pai biológico era Lívio. Você foi sequestrado por Leopolda.

Dona Clara falou pela primeira vez depois de saber que Penafor era seu filho, sem mostrar surpresa por Leopolda ser a sequestradora, como se o seu coração sempre tivesse sabido daquela verdade:

— A mulher que você pensa ser sua mãe era minha prima mais velha, Leopolda, filha da minha tia Josáina. Nós ficamos na casa da minha tia na

viagem que fizemos para São Paulo. Não sei por que ela o levou, mas sempre achei que tinha sido ela — suspirou, dominada pela nostalgia, tentando resgatar as memórias. — Você era tão perfeito, tão parecido com o Fernando.

O nome da sua mãe era igual, e tudo poderia não passar de uma coincidência se a sua avó também não se chamasse Josaína, um nome incomum. Penafor começou a achar a história verossímil e entendeu as razões para o seu pai ter guardado um envelope com cópias das certidões de casamento de Josaína, de nascimento de Leopolda e seu, e um recorte de jornal com a notícia do desaparecimento de um bebê. Penafor encontrara aquele envelope com o seu nome anotado, depois da morte do pai, mas nunca lhe deu muita importância. Naquele momento descobriu que o seu pai o poupava da verdade. Penafor recordou o pai e amou-o ainda mais por aquele gesto.

Os últimos dias não estavam sendo fáceis para ele, com acontecimentos constantes que viravam a sua vida de ponta-cabeça: primeiro a descoberta de que tinha um filho e agora a descoberta dos seus pais biológicos. Era visível que estavam todos com as emoções à flor da pele. Penafor não sabia o que dizer. Foi dona Clara que falou emocionada, enrolando com os dedos o lenço de tecido, que fora buscar no quarto para limpar as lágrimas:

— Estou feliz por ver você, meu filho. E agradeço ao homem que cuidou de você com tanto amor. Agora precisamos descansar. Amanhã vamos ver as fotografias — levantou-se e recuperou o precioso álbum das mãos de Martha.

Daniel tinha que impedir que Lúcifer concretizasse o plano de arrastar Elizabeth para o submundo. Para isso, precisava ter certeza de que ela compreendera que não podia confiar em alguém parecido com ele mas que não possuísse as suas cicatrizes.

Os riscos para voltar a visitá-la eram enormes: se Lúcifer descobrisse que ele tinha atravessado o portal da Biblioteca, poderia colocar os seus verdadeiros planos em perigo. E isso era algo que não podia acontecer.

Lúcifer podia estar interessado na beleza e nos dons de Elizabeth, mas a sua real intenção consistia em infligir o máximo possível de sofrimento a Daniel. Ele estava consciente de que Lúcifer havia esperado séculos para descobrir um ponto vulnerável na sua vida e agora que sabia do seu amor por Elizabeth iria usar isso para magoá-lo.

Quando, dias antes, Lúcifer argumentou que Elizabeth não conseguiria

distingui-los e que iria enganá-la sempre na sua ausência, Daniel começou a pensar num plano para garantir a proteção de Elizabeth e revelar a existência de Lúcifer. Um plano que a impedisse de ser ludibriada por ele e de segui-lo para o submundo.

Ele conhecia bem Lúcifer e sabia que ele não resistia a um bom desafio, por isso, na primeira oportunidade, sugeriu algo que sabia ser irresistível. Propôs que se apresentassem os dois perante Elizabeth. Se ela descobrisse qual deles era o verdadeiro Daniel, Lúcifer o libertaria, mas se ela errasse, Daniel seria prisioneiro de Lúcifer pelo tempo que ele determinasse. Em qualquer dos casos, Lúcifer deixaria Elizabeth em paz. Ele achou o desafio tentador e imaginou que Daniel devia estar muito desesperado para recorrer a um estratagema daqueles e aceitou.

Lúcifer não acreditava que Elizabeth fosse capaz de distingui-los, mas Daniel estava depositando toda a sua fé, e destino, nas mãos dela.

Halder não podia permitir que Lynn se transformasse numa fragilidade de Dieter e, como não deixava nada ao acaso, já mandara instalar microfones no apartamento dela para garantir que ela não ia falar demais. Por isso, quando Lynn retornou a casa, por volta das onze da noite, e encontrou o pai esperando, o general acompanhou a conversa com interesse vivo.

E sendo precavido, Halder já tinha dois dos seus soldados de elite estrategicamente posicionados em frente ao apartamento dela, para eliminarem Lynn se fosse necessário.

— Onde você esteve, Lynn? — a voz do pai parecia cansada e, simultaneamente aliviada. — Não imagina o quanto me preocupeei...

Hogdson abraçou a filha e observou-a com um olhar avaliador, em busca de algum sinal de que alguém pudesse tê-la machucado.

— Desculpe, papai. Eu não achava o meu celular e só o encontrei agora... — informou, sem saber que Halder é que ficara com o celular dela para copiar a agenda de contatos e garantir que ninguém tentasse localizá-la. Depois mandara um dos seguranças colocar de volta na bolsa dela, na viagem de volta para casa.

— Mas devia ter me ligado, de outro lugar, para avisar.

— Eu sei, papai. Desculpe — pediu de novo, ainda abraçada a ele.

— Onde você esteve? — perguntou de novo.

Halder endireitou ligeiramente o corpo e apertou os fones de ouvido contra

a cabeça, como se estivesse evitando perder qualquer palavra: a resposta àquela pergunta determinaria o quanto Lynn estava disposta a proteger Dieter.

— Com uma amiga, papai.

Hogdson conhecia a filha bem demais para não perceber quando ela estava mentindo:

— Diga a verdade, Lynn. Você nunca precisou me esconder nada. Esteve com Dieter?

Halder fechou os punhos, enraivecido. Hogdson já sabia que Lynn estava envolvida com Dieter. Ele era um jornalista competente e não faria uma pergunta daquelas se já não soubesse. Agora precisava descobrir como ele tinha chegado àquela conclusão.

— Não, papai. Eu gosto de Dieter Steinbach, mas... — hesitou, tentando explicar de forma convincente, com o rosto sério: — ele não quer ter nenhum tipo de relacionamento comigo. Ele diz que o foco dele é a Alemanha.

Halder reconheceu que a estratégia de Lynn fora inteligente: reconhecera que estava apaixonada, mas negou o envolvimento com Dieter, protegendo-o. Talvez ele tivesse subestimado Lynn, ou a lealdade dela a Dieter.

Hogdson olhou para a filha, surpreso. A forma como Lynn falara de Dieter à mãe, um homem que estava num patamar totalmente diferente dos habituais colegas de faculdade com quem ela podia flertar, indicara que o caso era sério. A mãe dissera que nunca tinha ouvido Lynn falar de alguém como ela falara de Dieter, dias antes. Em seguida, Lynn explicou ao pai que estava apaixonada e tentara se aproximar de Dieter, mas era óbvio que ele não podia se envolver com ela. Hogdson entendeu o que estava acontecendo: tratava-se de um amor não correspondido. Apesar de Lynn sofrer com a rejeição de Dieter, o fato de ela não ter um relacionamento com ele era um alívio e significava que Hogdson podia publicar o seu artigo sobre ele e o grupo JKW sem temer retaliações contra a filha.

— Talvez tenha sido melhor assim — Hogdson voltou a abraçar a filha, solidário. — Ele não é o homem que todos pensam, Lynn. Você tem que acreditar em mim.

— O que quer dizer, papai? — perguntou, surpreendida com o comentário.

— Não vamos falar sobre isso. Está com fome? Vamos comer um lanche — disse dirigindo-se à cozinha, separada da sala por um pequeno balcão.

Lynn ficou preocupada com a frase, sentindo-se, pela primeira vez, dividida entre os dois homens que amava, o pai e Dieter. Mas Halder ficou

bem mais preocupado que ela. O comentário de Hogdson indicava que ele sabia algo sobre Dieter e isso era péssimo porque ele tinha acesso às páginas de um jornal sério e importante. As dúvidas de Halder se transformaram em certezas quando o telefone de Hogdson tocou e o militar acompanhou as respostas do jornalista, embora não soubesse quem ele estava falando:

— Sim, está tudo bem. Eu tive que vir a Berlim ver a Lynn — explicou Hogdson.

— Não... Ela está bem — insistiu Hogdson. — A minha viagem atrasou a publicação do artigo que combinamos, mas eu volto amanhã e publicamos no dia seguinte.

— Claro, claro — concordou Hogdson, enfático. — Antes das eleições, até porque elas já serão no próximo final de semana.

— Sem dúvida que terá repercussões — continuou Hogdson. — Não sei se será o suficiente para abalar a liderança dele nas pesquisas, mas certamente vai gerar comentários e, principalmente, questionamentos.

— Sim, telefone quando chegar a Londres — disse Hogdson, finalizando a conversa.

Hogdson sentiu-se tranquilo por ter conversado com William Temple e assegurado que publicaria o artigo sobre Dieter. Até poucos minutos antes, não sabia se poderia publicá-lo, mas o fato de Lynn estar bem e não ter nada a ver com Dieter dava-lhe a segurança necessária para fazer o seu trabalho sem receio de pôr a filha em risco.

Miguel bateu com os nós dos dedos na porta do quarto de Elizabeth. Ele estava monitorando a libertação de Angelina.

— Vim ver como está — justificou, ocupando uma das poltronas, próxima do espelho, no canto do quarto.

— Estou bem — respondeu ela, sentando-se à frente dele.

— Algum sinal de fraqueza ou tontura?

— Nada.

Ele sacudiu a cabeça levemente, em sinal de concordância, observando-a com atenção. Apesar do seu interesse e cuidado com ela, a sua presença ali tinha outra razão.

— Preciso falar com você sobre De Payens — anunciou de chofre, atento à reação dela. Elizabeth manteve os olhos fixos nos dele, mas Miguel percebeu que ela apertou uma mão contra a outra e cruzou as pernas, sendo notório o

esforço que fazia para se controlar sempre que ouvia falar de Daniel.

— O que é?

— Eu sei o que estava acontecendo — anunciou sério. — As suas queimaduras foram feitas por ele — fez uma pausa, antes de concluir: — Vocês são amantes.

— Está enganado — discordou, com o olhar límpido. — Nós nunca fomos amantes.

Miguel hesitou perante a segurança dela. Elizabeth parecia estar dizendo a verdade, mas ele insistiu na sua teoria.

— Sei que está mentindo — apontou para o espelho e continuou falando. — Aquele espelho é um portal, e De Payens entrou no seu quarto por ali.

Elizabeth tremeu por dentro ao perceber o quão perto ele estava da verdade. Miguel estava juntando as peças e conjecturando, mas estava quase descobrindo a sua relação com Daniel, as visitas dele e o portal.

— Não sei do que está falando, Miguel.

— Como quiser... — respondeu friamente. — Mas quero avisá-la de uma coisa: se foi De Payens que passou por aquele espelho e deixou marcas de queimaduras no seu corpo, então ele é Lúcifer. E isso é algo que só você pode saber. Só você pode confirmar o que eu estou dizendo, Elizabeth. E talvez você tenha contado a Dib, porque no momento em que falei sobre a identidade de Lúcifer, vocês olharam um para o outro.

Elizabeth sentiu-se abalada pelas dúvidas, mas não se rendeu aos argumentos dele.

— Mesmo depois do que Dib contou sobre Daniel, você ainda acha que ele e Lúcifer são a mesma pessoa?

— Sim — arriscou-se, lembrando o aviso de Dib. Mas tinha quase certeza de que Elizabeth não revelaria a Dib aquela conversa.

— Foi Lucrezia que lhe disse que Daniel sai pelos espelhos e queima as pessoas?

— Não... — Miguel sorriu. Resumida daquela forma, a sua teoria parecia bizarra. — Lucrezia disse que a temperatura dele aumenta quando ele deixa o submundo. E explicou que há sete portais que ligam o submundo e permitem a passagem de Lúcifer e dos Anjos Negros.

Elizabeth pensava que a explicação de Miguel coincidia com o que acontecera: Daniel usara o espelho e o seu corpo ficara quente, mas havia elementos dissonantes.

— Se a temperatura de Daniel aumenta, como é que ele ficou entre nós por

tanto tempo? A sua teoria é inconsistente. Daniel não tem nada a ver com Lúcifer.

— Não sei como ele conseguiu ficar aqui, mas algo está errado com De Payens — afirmou Miguel. — Lucrezia reconheceu-o quando ele entrou no porão da casa dela. E antes que ela pudesse falar, ele paralisou-a e silenciou-a.

Elizabeth sabia que algo estranho estava acontecendo com Daniel, mas não podia dividir a sua angústia com Miguel, porque isso a faria revelar as visitas dele através do misterioso espelho. Nesse instante, um pensamento absurdo se formou na mente dela. Algo que tinha estado latente, mas ela não tinha percebido. Nem ela, nem ninguém. Mas tratava-se de algo tão terrível que ela não se atrevia a acreditar que fosse verdade. E se o homem que a visitara fosse um impostor: alguém que se apropriara da identidade de Daniel e o mantinha preso em algum lugar? Alguém que conseguia adquirir a forma de Daniel? Miguel viu que ela ficou pensativa e quieta.

— Elizabeth? O que foi? — Perguntou inclinando-se um pouco para tocar nas mãos dela. Sentiu que os dedos dela estavam frios. Ela levantou os olhos que fixara obstinadamente no chão enquanto pensava e olhou-o.

— Nada... — mentiu. — Eu só acho que Lucrezia não é confiável.

— Sim, mas isso não invalida a teoria sobre De Payens — disse, sem soltar os dedos dela. — Só quero que me responda uma única pergunta. Eu preciso saber, porque amo você — afirmou, olhando-a intensamente. Ela desviou o olhar, sem saber o que dizer.

— Olhe para mim e me responda — pediu Miguel, tocando com o indicador no queixo dela, para forçá-la a encará-lo. — Você se afastou de mim por que se apaixonou por ele?

— Você sabe que não posso me apaixonar ou me envolver com alguém.

— Mas o amor não é algo que se possa controlar. Diga-me o que sente. Se estiver apaixonada por De Payens eu vou entender, embora isso me cause muito sofrimento.

Ela hesitou. Aquela era uma boa oportunidade para contar a verdade a Miguel, mas temia a reação dele.

— Eu amo você como um irmão — confessou, mudando o foco da conversa.

— Não era o que eu esperava ouvir — abandonou a mão dela e recostou-se na poltrona. — Mas se você não está apaixonada por De Payens, eu ainda tenho esperança.

— Não, Miguel. Não existe esperança para nós — disse, baixando a cabeça, e ele finalmente descobriu a verdade, sem que ela precisasse confessar os seus sentimentos. Sentiu o peito explodir de raiva e dor ao perceber que a tinha perdido. Mas não estava disposto a desistir. E se Daniel fosse Lúcifer, como ele pensava que era, iria destruí-lo e Elizabeth ficaria livre.

Ela continuou a falar, insistindo no seu afeto por Miguel:

— Você é o irmão que nunca tive, o meu único laço de sangue — afirmou com os olhos cheios de lágrimas. — Mesmo que eu pudesse amá-lo, o meu coração sente de modo diferente.

— Então é verdade: você está apaixonada por ele — anunciou.

Ela ficou calada, com os olhos brilhantes pelo efeito translúcido das lágrimas.

— E ele? Amava você? — perguntou, tentando saber a verdade de uma vez por todas.

— Daniel era um ser especial, acima de nós — respondeu, protegendo-o.

— Mas deu a vida para salvá-la.

— Sim, deu. Mas daria a vida por qualquer um de nós. Amava-me como ama todos.

A resposta dela era lógica: Daniel era exatamente como ela acabara de descrever.

— Mas amava mais você do que todos os outros. Talvez fosse isso que ele queria dizer na noite em que desapareceu.

— Nunca vamos saber o que teria acontecido naquela noite — comentou, com tristeza.

— A dor diminui com o tempo — anunciou Miguel, depois de uma pausa, oscilando entre o amor e a raiva por ela não o amar. Por fim levantou-se e puxou-a pela mão. Ela ficou na frente dele. — Eu vou estar sempre ao seu lado.

Abraçou-a sem encontrar resistências e beijou-a de leve no rosto, antes de abandonar o quarto, em silêncio. Pelo menos agora sabia a verdade sobre os sentimentos dela.

Ao ver Halder na sua casa, àquela hora da manhã, quando o sol ainda não tinha nascido, Dieter soube que havia um problema. Embora gostasse de acordar cedo, a visita de Halder tinha interrompido o seu sono.

— São cinco e meia da manhã — constatou Dieter, sentando-se à mesa, onde o empregado acabara de colocar um bule fumegante de chá e duas xícaras. — O assunto deve ser grave.

— Você vai querer escutar isto — avisou Dieter colocando o minúsculo gravador digital sobre a mesa e apertando a tecla *play*.

Dieter escutou atentamente enquanto bebia o seu chá. Percebeu que se tratara de uma gravação feita no apartamento de Lynn e não se surpreendeu, nem se incomodou. Halder gostava de controlar tudo e estava cumprindo o seu papel, que era protegê-lo. Dieter curvou os lábios em um sorriso satisfeito ao ouvir Lynn confessar que estava apaixonada e em seguida negar o relacionamento deles. Mas a frase final do pai dela e a conversa que ele teve ao telefone minutos depois deixaram Dieter alarmado.

— Coloque de novo os minutos finais — pediu, escutando mais uma vez a gravação.

Quando o gravador silenciou, ficaram ambos quietos. Halder dormira apenas um par de horas e tinha a vantagem de ter pensado cuidadosamente no assunto. Mas antes de dizer alguma coisa, queria ouvir a opinião de Dieter. Ele bebeu mais uma xícara de chá e perguntou:

— Isso é mesmo o que eu estou pensando?

— E o que está pensando? — questionou Halder, querendo que Dieter fosse explícito.

— Hogdson vai publicar um artigo sobre mim que pode me prejudicar nas eleições.

— Tudo indica que sim.

— Precisamos neutralizá-lo — comunicou Dieter, determinado.

— Concordo.

— Ele pode sofrer um acidente de carro, como qualquer pessoa — sugeriu Dieter.

Halder sorriu. Aquele era o líder que ele reconhecia e estava disposto a seguir.

— Mas antes precisamos descobrir com quem ele estava falando, porque há mais alguém que conhece o conteúdo do artigo, e se for outro jornalista, o acidente de Hogdson não resolve o problema.

— Não sei se dá tempo... Precisamos ser rápidos. As eleições estão à porta.

— Temos uma pessoa infiltrada no governo inglês — confessou entredentes, fazendo Dieter sorrir. Ele sabia bem que Halder não gostava de

revelar a identidade dos infiltrados. — Vou contatá-la para ela tentar descobrir as conexões de Hogdson.

Oliver observou o correio e, quando Martha ficou sozinha, encaminhou-se para lá. Empurrou a porta e, assim que o sininho tocou, ela ergueu o rosto para ver quem era. Sorriu ao reconhecê-lo. Mas, desta vez, Oliver manteve o rosto sério ao aproximar-se do balcão. Viu a garrafa de suco aberta ao lado dela. A pequena tampa de plástico azul estava virada para cima, sobre a mesa. Era um suco escuro, talvez de uva.

Ela levantou-se da mesa, mantendo o sorriso suave, e cumprimentou-o em inglês.

— Boa tarde. Em que posso ajudá-lo?

Oliver falou bem devagar, com os olhos atentos, fixos nela:

— Fui contratado para matá-la.

Ela ficou imóvel como se tivesse apanhado uma descarga elétrica colossal. O seu primeiro pensamento foi para Fernando. Ele era o seu elo mais forte com a vida: queria vê-lo crescer, saber que tipo de homem seria, velar pelo seu futuro, consolá-lo nas tristezas, delirar com as alegrias. Sentiu vontade de chorar, não porque temia a morte, mas porque não queria deixar o filho. Ficou calada por algum tempo, antes de dizer:

— Este dia era inevitável desde que testemunhei contra Dimitri.

— Sim.

— Talvez seja melhor assim. Agora Fernando tem o pai e a avó.

— A avó? — perguntou Oliver, confuso. Na sua investigação não tinha encontrado a mãe de nenhum deles e, portanto, não havia avó nenhuma. Martha sorriu de novo. Parecia serena com a morte, disposta a aceitar o destino que traçara com suas escolhas. Oliver sabia que aquela pessoa, na sua frente, era diferente da que tomara a decisão de trabalhar para Dimitri e, depois, denunciá-lo. Porém, embora as pessoas mudem, os erros precisam ser acertados. E homens como Dimitri não conhecem o perdão.

— Penafor foi sequestrado há mais de quarenta anos, e a sua verdadeira mãe é dona Clara. Quando veio me procurar, acabou encontrando também um filho e a mãe.

— Quando você veio para cá sabia que dona Clara era mãe dele?

— Não. Eu pedi a uma pessoa em quem confio que procurasse o filho dela, e ele descobriu que era Penafor.

Oliver esboçou um sorriso, pensando nas probabilidades de algo assim acontecer.

— E você telefonou para ele?

— Não — disse ela, mantendo-se serena. Quem os visse conversando jamais imaginaria que ela estava falando com o seu assassino. — Um amigo dele descobriu onde eu estava e contou-lhe — Oliver sabia que o amigo que avisara Penafor era Miguel Besson. — Você também descobriu onde eu estava. Como?

— Subornei a polícia — informou. — Tenho contatos, mas qualquer pessoa disposta a pagar pode localizá-la. Se quiser viver, precisa sair rapidamente desse programa de proteção de testemunhas.

Martha gelou pela segunda vez, desta vez com medo de entender o que ele estava propondo e criar esperanças vãs. Não queria ter esperança e perdê-la de novo: acreditar no futuro e perceber, mais uma vez, que não o tinha.

— O que está querendo dizer? — perguntou, por fim, enchendo-se de coragem.

— Há duas hipóteses. Na primeira eu não corro riscos: cumprio o meu contrato, você morre e tudo termina aqui — Oliver explicava tudo com uma calma fria e metódica. — Na segunda, você transforma-se no meu ponto fraco: eu corro riscos e você vive. Sai do programa de proteção e desaparece, sem deixar rastro. Nenhum rastro. Penafor também tem que desaparecer — enfatizou, antes de avisá-la. — Se você aparecer viva, em algum lugar do mundo, a minha reputação fica em risco e eu vou assassiná-la. Compreende?

Martha sacudiu a cabeça tentando engolir as lágrimas, em vão.

— Por que está fazendo isto?

— Sinto-me generoso — respondeu, sabendo que estava amolecendo e chegara a hora de deixar a profissão. Ele sabia qual o momento exato em começou a mudar: foi quando conheceu Elizabeth e negociou pela primeira vez com um cliente para manter o alvo vivo. O fato de não ter assassinado Elizabeth marcou um novo rumo. Depois, para agravar a situação, apaixonou-se por Alessia. E agora estava ali, achando que aquela mulher já havia pagado pelos seus pecados e não merecia morrer por causa de Dimitri. Ela devia viver para cuidar do filho. Martha continuou chorando, enquanto agradecia:

— Obrigada, mas não importa aonde eu vá Dimitri sempre vai me encontrar.

— Talvez você precise mesmo acabar com isto — sugeriu Oliver, olhando-a com firmeza, mas aguardando a decisão dela.

— Tem razão. Preciso manter meu filho seguro — concordou, selando o seu destino, para salvaguardar o futuro do filho e do homem que amava.

— Está bem — concordou Oliver. — Vamos resolver tudo de forma tranquila.

Martha olhou para ele e, por alguma razão inexplicável, confiou mais no homem que fora pago para matá-la do que em muitas pessoas que conhecera ao longo da sua vida.

15. O mesmo rosto

Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações! Tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do Norte; subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo.

Isaías 14: 12-14

Lucrezia Zani esperou pacientemente, sentada no interior do carro, em frente ao prédio onde Lynn Hogdson morava. Às dez da manhã ela saiu acompanhada por um homem. Pelas semelhanças físicas, deduziu que devia ser pai dela. Viu-a despedir-se com um abraço e esperar até que ele entrasse no táxi que já o aguardava.

Assim que o táxi partiu, Lucrezia desceu do carro, aproximou-se de Lynn e segurou-a por um braço, com força. Lynn reconheceu-a e compreendeu imediatamente que a situação não seria agradável: aquela era a mulher que estivera na casa de Dieter e queria que ele fizesse os rituais com a lança.

— Venha comigo — ordenou, com secura.

— Não — retorquiu Lynn, sentindo a pressão dos dedos da mulher aumentar sobre o seu braço até causar dor.

— Não resista — aconselhou Lucrezia, entredentes. — Vai ser pior para você.

Lynn não estava disposta a obedecer àquela mulher. Puxou o braço e preparou-se para gritar e chamar a atenção do policial que se encontrava do

outro lado da rua. Mas Lucrezia percebeu as suas intenções e, com uma leve pressão sobre um ponto específico da testa, fez com que Lynn desmaiasse. Apoiou o peso dela sobre o seu corpo e levou-a para o carro, com tranquilidade.

Lucrezia precisava voltar a ter o controle sobre Dieter Steinbach. Ele estava se revelando muito voluntarioso e não parecia disposto a servi-la. Preferia se arriscar com as incertezas do destino do que aceitar a vitória segura que ela lhe possibilitaria através do poder da lança. Ele não era um homem que gostasse de sujeitar-se, mas nenhum grande líder gostava de fazê-lo, por isso Lucrezia iria submetê-lo à força.

Pouco depois, Dieter recebeu um telefonema que acabou com o seu humor.

— Tenho algo que lhe pertence, e só você poderá decidir como isto vai terminar: ou recupera a sua querida Lynn ou vai perdê-la para sempre — anunciou Lucrezia, com voz jocosa. — Liberto Lynn, assim que você sacrificar alguém com a lança.

Dieter ficou silencioso por segundos analisando as suas possibilidades antes de pedir:

— Quero falar com Lynn.

— Ela está... descansando, mas acredite: está comigo — avisou com a voz fria.

Miguel telefonou para Lucrezia, com a intenção de se reaproximar, para pôr em marcha o plano de destruí-la definido pelos Guardiões.

— Miguel, que surpresa — disse ao escutar a voz dele.

Ele sorriu antes de dizer, de forma direta:

— Eu quero vê-la.

Lucrezia ficou alguns instantes em silêncio, avaliando o pedido. Estar com Miguel era algo que ela sempre queria, apesar das desconfianças e traições que se haviam instalado entre os dois. Mas ela seria capaz de jurar que ele tinha segundas intenções. Depois que conseguira as informações sobre o líder da Ordem, em troca da ajuda na sua fuga, Miguel continuava querendo a Lança do Destino. Talvez fosse essa a verdadeira razão para querer visitá-la, deduziu ela.

— Lucrezia? — Miguel chamou-a, interrompendo o silêncio em que ela mergulhara.

— Você quer me ver ou quer ver a lança?

— Posso escolher? — perguntou, rindo.

— Pode — respondeu ela no mesmo tom jocoso.

— Nesse caso quero ver você e depois a lança — fez uma pausa breve, antes de enfatizar: — Exatamente por essa ordem.

Lucrezia riu. Miguel percebeu que ela parecia feliz, e isso só podia significar que o seu plano estava indo bem, o que era preocupante.

— Neste momento eu estou... estou resolvendo um assunto. Mas podemos nos falar amanhã para combinar a sua visita — falou o final da frase com voz arrastada e sensual.

— Eu ligo para você — disse Miguel, no mesmo tom.

Dieter estava furioso, percorrendo a sala ininterruptamente, de um lado para o outro, com os punhos cerrados e os maxilares contraídos. Depois de contar a Halder que Lucrezia tinha sequestrado Lynn para obrigá-lo a se sujeitar à vontade dela, afirmou:

— Não podemos nos submeter a essa mulher por causa da Lynn. Ela não aceitou a lança e sequestrou Lynn para me pressionar a fazer os rituais de magia negra — Dieter abanou a cabeça. — Eu sei da importância que o misticismo teve no nazismo durante a Segunda Guerra.

— E ainda tem — confirmou Halder.

— Sim... Mas não sei se quero pagar esse preço. Talvez tenha chegado a hora de separar a política do misticismo — disse Dieter com o olhar firme, como se tivesse pensado bastante sobre o assunto. — Nós podemos vencer esta eleição sem recorrer à magia. Trata-se de uma questão lógica: a Europa precisa de nós, e isso não tem nada a ver com a magia.

— Se você quiser o poder, tem que pagar o preço, Dieter — insistiu Halder, que acreditava que o misticismo era responsável pela atual liderança de Dieter. — Você está rejeitando a magia porque Lucrezia o está pressionando, mas chegamos até aqui usando os símbolos e os rituais do nazismo. Não é sábio parar agora e desafiar o destino.

Dieter olhou para o amigo, mas não parecia convencido de que aquela fosse a melhor decisão. Por fim, concordou com a cabeça em silêncio, antes de dizer:

— Temos a lança. Não precisamos de Lucrezia. Quero-a morta — os seus olhos sombrios mostravam uma resolução perigosa. — Principalmente por ter sequestrado Lynn.

— Precisamos atraí-la até nós — sugeriu Halder, pensando como o estrategista que era e registrando a intensidade dos sentimentos de Dieter por Lynn.

— Entretanto, também podemos usar Hogdson... — acrescentou Dieter.

— O que você está querendo fazer? Ele é um jornalista que precisamos silenciar.

— Exatamente! Eu posso avisá-lo que Lucrezia Zani, a criminosa mais procurada do momento, sequestrou Lynn para me atingir.

— Depois que a filha dele negou qualquer envolvimento com você? Como explica isso? E como explica a sua ligação com Lucrezia?

Dieter pensou por um momento. O rosto sério revelava a sua férrea determinação em buscar uma solução.

— Eu e Lucrezia nos conhecemos antes de eu saber que ela era uma assassina. Depois que escapou da prisão, ela veio para Berlim e pediu que eu a ajudasse a montar um esquema similar ao da França, para ela continuar assassinando pessoas para os seus rituais satânicos. Mas como rejeitei, sequestrou Lynn para me pressionar.

— E o que Lynn tem a ver com você? — perguntou de novo Halder. — Sabe que Hogdson o está investigando e não vai gostar de saber que você está envolvido com Lynn, e que ela mentiu para proteger você.

— No início, não. Mas quando eu disser que amo a filha dele e explicar que tentei mantê-la afastada de tudo, para protegê-la, ele vai ceder. A segurança de Lynn vai ser mais importante e nós seremos aliados nisso — sorriu, revelando o brilho inteligente do olhar. — O sequestro de Lynn vai ser muito mais positivo que negativo.

— Você está apaixonado pela Lynn? — perguntou Halder, com a voz preocupada ao perceber que, sob a aparente frieza com que Dieter estava retirando benefícios políticos da situação, havia um interesse genuíno em preservar Lynn.

— Posso ficar — respondeu enigmático, enfrentando o olhar analítico do amigo, antes de voltar ao foco da conversa. — Além disso, conseguiríamos atrasar a publicação do artigo e ganhar tempo para descobrir quem mais está envolvido nessa investigação.

Halder ficou alguns minutos imóvel, em silêncio, sentado no sofá com as pernas cruzadas, enquanto avaliava a estratégia de Dieter. Ele tinha razão: precisavam ganhar tempo para tentar descobrir com quem Hogdson falara sobre o artigo.

— Talvez seja uma boa ideia. Telefone — cedeu Halder, dando-lhe o número copiado do celular de Lynn.

Tom Hogdson estava pegando o voo de volta para Londres quando o telefone tocou. O número era privado. Pensou que era mais alguma daquelas campanhas de marketing oferecendo produtos. Atendeu e percebeu imediatamente que se enganara:

— Hogdson, meu nome é Dieter Steinbach. Precisamos falar sobre Lynn.

— O que tem Lynn? — perguntou, surpreso com o telefonema e tenso com o assunto.

— Prefiro falar pessoalmente.

Hogdson levou alguns instantes para se decidir, antes de abandonar o interior da manga do avião onde se encontrava, já a poucos metros da porta de embarque.

— Estou saindo agora do aeroporto. Onde podemos nos encontrar?

No horário do almoço, Hogdson chegou ao endereço que Dieter lhe dera, no centro de Berlim. Era o escritório de Dieter. Cumprimentaram-se com educação fria. Hogdson controlava a ansiedade que aumentara muito durante o percurso do aeroporto até ali, tentando entender o que Dieter poderia querer de Lynn. Tentara falar com a filha várias vezes, mas o celular estava desligado. Sabia que ela tinha ido para as aulas e tentou acalmar-se acreditando que ela ligaria assim que pudesse.

Dieter não estava sozinho e apresentou-lhe Halder. Hogdson recordou que aquele era um dos nomes da lista que Temple lhe dera e um dos membros que pertencia ao JKW.

Deu uma discreta mirada na sala, antes de se sentar num dos confortáveis sofás de couro macio, aceitando o convite de Dieter. O lugar, sóbrio, não possuía nada que comprometesse Dieter, exceto uma pequena águia de bronze, com as asas abertas, sobre um dos cantos da larga mesa. Hogdson reconheceu aquele símbolo: era a famosa águia usada pelos nazistas.

— O que deseja falar sobre Lynn? — perguntou assim que a secretária de Dieter saiu da sala, após servir café e água para todos.

— Ela foi sequestrada — anunciou Dieter, de chofre.

Hogdson sentiu um baque no corpo todo. Pôs o copo de água sobre a mesa, tentando controlar o tremor das suas mãos.

— O quê? — perguntou atônito. Despediu-se da filha naquela manhã, à

porta de casa, quando ela se preparava para ir à faculdade.

Dieter contou o que tinha acontecido e resumiu os acontecimentos, exatamente como combinara pouco antes com Halder. Revelou que Lucrezia Zani é que estava com Lynn e quais os estranhos objetivos dela. E quando Hogdson lhe perguntou por que a sua filha estava sendo usada como moeda de troca para atingir Dieter, ele confessou:

— Lynn é o meu ponto fraco. Neste momento não posso revelar a sua existência sem expô-la a uma pressão enorme por parte da mídia. Por isso, quero aguardar o momento certo, depois das eleições, para falar sobre Lynn — fez uma pausa, dando tempo para Hogdson se recompor. A expressão de choque do seu rosto mantinha-se desde que ele soubera do sequestro de Lynn, mas agora parecia ter aumentado ao perceber que Lynn mentira sobre Dieter: não era apenas ela que estava apaixonada, ele também estava.

— Está dizendo que a minha filha está nas mãos de uma assassina por sua causa? — os olhos de Hogdson tornavam-se gradualmente mais focados, enquanto tentava racionalizar e organizar a informação na mente.

— Sim.

— Então faça o que ela pediu! Precisamos salvar Lynn — disse com firmeza, mas sem disfarçar o desespero que havia na sua voz. Levantou-se do sofá e foi até à janela. Ficou observando o movimento agitado dos transeuntes na rua no horário do almoço, com a mente efervescente. Estava nervoso perante a perspectiva de Lynn estar nas mãos daquela mulher: ela era uma assassina impiedosa, responsável por centenas de mortes.

— Temos um problema — confessou Dieter. — Ela quer que a ajudemos a encontrar vítimas para os rituais de magia que costuma praticar, em troca da vida de Lynn.

— E também deseja que a ajudemos a assassinar essas vítimas. Isso faria de nós seus reféns — interveio Halder, em voz baixa. — Dieter está prestes a tornar-se o líder da Alemanha e não pode se envolver em nenhum escândalo.

Hogdson não estava conseguindo pensar com clareza. Sentiu uma náusea. Perguntou onde era o banheiro e quando lá chegou vomitou todo o conteúdo do estômago. Lavou o rosto com água gelada e tentou acalmar-se. Precisava de um plano para salvar Lynn sem matar ninguém, sem romper com os seus princípios éticos. Não podia ser cúmplice de uma assassina e matar outras jovens, filhas de alguém, para salvar a sua. Compreendia perfeitamente que Dieter não quisesse fazer o mesmo. Voltou para a sala cinco minutos depois, um pouco mais sereno, ciente da pressão do tempo.

— Chamar a polícia está fora de questão — declarou Hogdson. — Mas precisamos agir.

— Eu estou disposto a... — Dieter fez uma pausa antes de terminar a frase, para aumentar o impacto do que diria em seguida: — fazer qualquer coisa para salvar Lynn.

A frase teve o efeito desejado: Hogdson olhou para ele, surpreso pela devoção que Dieter parecia dedicar a Lynn. Halder quase sorriu ao perceber a expressão de espanto no rosto do jornalista. Dieter sempre conseguia mexer com as emoções das pessoas.

— Não podemos matar alguém para salvar Lynn. Não estaria certo — afirmou Hogdson pensativo. De repente sentiu um cansaço profundo e queria poder voltar atrás no tempo para não ter cedido ao desejo de Lynn estudar em Berlim.

— A questão aqui não é matar alguém para termos Lynn de volta — afirmou Dieter com a firmeza de quem acabara de tomar uma decisão. — A questão é mais ampla: não ficarmos reféns de uma assassina, sem escrúpulos, que pode sequestrar Lynn sempre que quiser me pressionar — baixou a voz e anunciou: — Temos que eliminá-la.

— Você mataria para salvar a minha filha? — perguntou Hogdson devagar, ao tomar consciência do que ele estava dizendo.

— Sim — respondeu sem hesitações.

Aquela palavra provocou uma espécie de descompressão em Hogdson. Por mais que aquele homem pudesse ser um crápula, que manipulava meio mundo e enriquecia à custa da miséria dos outros, ele estava disposto a tudo para salvar Lynn. Ele devia amá-la muito. Hogdson pensou no artigo sobre Dieter, pronto para publicar. Pensou em William Temple com toda a sua nobreza. E pensou na vida de Lynn.

— Hogdson, o que acha que devemos fazer? — perguntou Halder.

— Precisamos atraí-la para algum lugar e... destruí-la — disse Hogdson, sabendo que aquela decisão salvaria Lynn, mas torná-lo-ia refém do KKW. Ele estava vendendo a sua alma. E Dieter conseguira transformar calmamente um inimigo, num refém.

William Temple, embora não aparentasse, sentia-se apreensivo sempre que acompanhava a mulher ao médico para saberem os resultados de exames. Mais uma vez, as notícias eram as melhores: Joan continuava sem sinais da

doença.

Saíram do consultório do médico quase às sete da noite e foram direto para o restaurante. Jantaram calmamente, comemorando mais aquela vitória. Joan apreciou aqueles momentos livres, cada vez mais raros na intensa agenda do marido. Notava que ele andava cansado, mas tinha também um entusiasmo vibrante com tudo o que estava acontecendo na economia.

Deixaram o restaurante às dez, acompanhados dos dois seguranças de Temple. O motorista já os aguardava em frente ao restaurante. Temple abraçou a mulher pelos ombros e caminhou devagar ao lado dela, em direção à porta aberta do carro. Joan queria prolongar o encontro. Sabia que o marido não passava mais tempo com ela porque a sua função se tornara mais exigente. Parou um instante para beijá-lo docemente nos lábios, mas não conseguiu completar o gesto.

Temple assustou-se ao sentir a mulher escorregar dos seus braços e tombar inerte no chão. Tentou segurá-la, mas ela parecia uma boneca de pano, sem sustentação. Antes que descobrisse o que se passara, Bradford, o chefe dos seus seguranças, jogou-se sobre ele para protegê-lo. Temple empurrou-o, para tentar livrar-se do corpo musculoso que estava sobre o seu, mas não conseguiu libertar-se dos braços do segurança. Viu Joan caída no chão, com uma imensa mancha de sangue alastrando pela roupa e compreendeu que ela havia sido alvejada.

Bradford arrastou-o de volta para o restaurante, com firmeza, enquanto Temple tentava voltar para junto da mulher. Um novo tiro acertou a omoplata do segundo segurança que se aproximou para proteger o premiê. Entraram no restaurante e, através da porta entreaberta, Temple conseguiu ver Joan deitada no chão, com o seu terceiro segurança pressionando o peito dela. Disse:

— Preciso vê-la.

Os serviços secretos que acompanhavam discretamente o premiê desde o atentado chegaram em dois carros negros e estacionaram em frente ao restaurante. Vários agentes de terno escuro espalharam-se estrategicamente pelo perímetro.

— Não posso permitir que arrisque a sua vida, primeiro-ministro — disse Bradford, que continuava a segurá-lo firmemente por um dos braços, evitando que Temple fosse para junto de Joan, enquanto o segurança ferido soltava Temple e se apoiava na parede. A dor provocada pela bala acentuara-se e o sangue manchava o seu terno escuro.

— Você não entende... Aquela bala era para mim! — disse o premiê.

Bradford não respondeu ao comentário do primeiro-ministro, vendo o segurança ferido tombar no chão, desmaiado. Só nesse momento Temple percebeu que ele também tinha sido ferido. Mas os seus pensamentos estavam com Joan, e Temple ensaiou um gesto para se dirigir à porta. Dois agentes secretos, que tinham entrado no restaurante, seguraram-no e conduziram-no para a porta traseira, onde já os esperava outro carro negro. Em segundos Temple foi levado, desesperado com o estado de Joan, e lutando para ficar junto dela. Mas as regras eram claras: ele precisava ir para um lugar seguro.

O fim do ritual para libertar Angelina, após três dias de jejum, deixara Elizabeth exausta. Ainda não eram seis da tarde quando se deitou e mergulhou num sono profundo. Acordou às onze da noite com o som familiar do espelho. Acendeu o abajur do criado-mudo, vestiu um roupão e foi ao quarto de Dib: sabia que não podia enfrentar Daniel. Estava vulnerável e ele poderia voltar a dominá-la, até porque, agora, já não tinha a mãe para ajudá-la.

Bateu suavemente no quarto de Dib, e em segundos ele surgiu, ainda vestido.

— É Daniel — sussurrou ela.

Ele acenou com a cabeça e seguiu-a, fechando a porta do seu quarto com cuidado, para evitar que o barulho alertasse os outros. Mas era tarde demais: Seth foi o primeiro a surgir no corredor, seguido de Uchoa, Miguel e Alessia.

— O que está acontecendo? — perguntou Miguel.

Dib hesitou. Lançou um rápido olhar para Elizabeth, antes de decidir que era melhor acabar de vez com aquele mistério:

— Se quiserem ver Daniel, podem acompanhar-nos com uma condição: ninguém interfere ou diz uma única palavra. Serão meros observadores.

Todos olharam para Dib, surpresos. Mas ele tinha uma expressão tão séria e fechada que ninguém se atreveu a fazer qualquer pergunta. Anuíram em silêncio e seguiram Dib e Elizabeth até o quarto dela. O barulho do espelho persistia e Miguel compreendeu que a sua teoria estava certa: aquele espelho era um portal que Daniel usava para visitar Elizabeth. Na sua mente todo se harmonizava, e ele se questionava se Lucrezia não estaria certa em todo o resto, já que as informações sobre os portais estavam corretas.

Dib colocou a mão sobre o espelho, num convite para abrir o portal. O

recorte de duas figuras tornou-se visível através da transparência do espelho. Dib sabia o que aquilo significava: eles iam aparecer juntos. Tratava-se de um evento raríssimo. Nem mesmo Dib conseguira vê-los lado a lado, em mais de sete séculos. Tentou avisar Elizabeth:

— Eles são... — mas não conseguiu terminar a frase antes que eles emergissem do espelho com toda a sua magnífica beleza. Eles dirigiram-se devagar para a luz, surpreendendo todos os que os observavam: eram completamente iguais.

— Não é possível — rejeitou Elizabeth, chocada. Prendeu a respiração e levou alguns segundos para recuperar o fôlego. Pestanejou várias vezes, temendo que estivesse alucinando e a mente estivesse lhe pregando uma peça. Olhou de relance para os outros Guardiões, imóveis e silenciosos, e percebeu que eles também estavam com uma expressão de perplexidade no rosto. Até Dib, o único que sabia a identidade da figura que acompanhava Daniel, os olhava fascinado, sem conseguir distingui-los.

— Estão todos aqui — disse um dos dois, olhando em volta. A sua voz era idêntica à de Daniel, com o mesmo timbre, e tanto podia pertencer ao Daniel verdadeiro quanto ao falso. — Viemos fazer uma proposta a Elizabeth: se Elizabeth identificar Daniel, ele ficará livre.

— E se eu não conseguir? — questionou Elizabeth, ainda em estado de choque.

— Samael determinou um tempo de prisão no submundo. Se você se enganar, a prisão será por tempo indefinido — respondeu a outra voz.

Lúcifer estava adorando o sofrimento que estava infligindo: naquele momento os seus olhos perspicazes já haviam percebido a angústia que dominava todos os Guardiões. A inesperada plateia aumentou o seu prazer. Aquele era um presente adicional: infligir sofrimento a todos os Guardiões.

Elizabeth analisou-os com atenção. Agora entendia por que o verdadeiro Daniel chamara a atenção dela para as cicatrizes e a marca Sigel. Mas, naquele momento, ela não podia guiar o seu julgamento pela marca Sigel, porque ambos usavam camisas de manga comprida.

Assim, lado a lado, eram exatamente iguais. Não era possível distingui-los e ela não sabia se seria capaz de descobrir qual deles era Daniel.

A tensão aumentava lentamente, enquanto os minutos se escoavam e Elizabeth continuava observando os dois homens à sua frente. Sentia o peso da responsabilidade: tinha o destino de Daniel nas mãos. Aproximou-se deles. Jamais havia visto dois seres tão idênticos. Tudo era igual: a estatura, o

corpo, as mãos, o cabelo, o odor, a pele, a boca, os olhos e até voz. Moviam-se da mesma maneira e falavam do mesmo modo.

— Ninguém consegue distingui-los — avisou Dib, interrompendo o silêncio compacto. — Você não precisa fazer isso, Elizabeth.

— Se eu não fizer, é como se tivesse errado e não conseguisse distingui-los, não é? — perguntou para os dois.

— Sim — concordou um deles.

Ela se lembrou das últimas palavras de Daniel. Pensava nelas vezes sem conta. Fechou os olhos e quase podia escutar a voz dele: *“Não importa o que vai acontecer, confie em mim. Seja firme no seu amor por mim! Confie em nós!”*.

Abriu os olhos devagar e observou novamente cada um deles. Tocou na mão de um e de outro. Por um instante achou que um deles pudesse estar mais quente e esse não seria Daniel. Mas a temperatura da pele mantinha-se igual.

— Eu consigo fazer isto — disse baixo, combatendo o desânimo que se apossava dela. Tinha medo de errar e condenar Daniel a uma vida de prisão, longe dela.

— Você consegue — afirmou Alessia colocando a mão sobre o braço dela. — Você consegue. Leve o tempo que precisar — repetiu com firmeza, sabendo que não havia alternativa.

Os minutos continuaram passando. O silêncio era total. Elizabeth continuava avaliando um e outro, mas quanto mais os olhava, menos conseguia diferenciá-los. Fixou-os várias vezes. Meia hora depois ela persistia na análise e quando tudo parecia perdido ela percebeu uma diferença. E era uma diferença tão profunda que se tornou gritante. Ergueu a mão esquerda, sem hesitações, e acariciou o rosto de um deles.

— Daniel — disse, por fim, com serenidade, como se tivesse chegado a um lugar seguro depois de ter atravessado um mar tempestuoso.

Ele se manteve impávido, olhando-a como se estivesse ausente. Mas ela não se moveu da sua frente, nem olhou para o homem igual a ele. Não lhe restavam dúvidas.

— Tem certeza? — perguntou o outro homem.

Ela o encarou. Estava tão próxima do seu rosto que podia ver pequenas gotas azuis no fundo aquoso e transparente dos olhos dele.

— Tenho — disse, voltando-se de novo para Daniel ou para aquele que julgava ser Daniel. Pôs a palma da mão sobre o peito dele. Dentro dela nada

balançava. Sabia que era Daniel.

— Lamento. Está errada — falou novamente a mesma voz.

— Basta — disse Daniel devagar, finalmente olhando para Elizabeth com ternura.

— Bravo — disse, por fim, a voz do lado. — Parabéns, Daniel. Ganhou a liberdade — expressou-se com ironia, irritado por ela os ter diferenciado e escolhido Daniel.

Ela recuou dois passos, para enfrentar o outro homem. Viu-o afastar ligeiramente o cabelo da testa e revelar uma ponta ínfima da esmeralda. A famosa esmeralda que formava a sua terceira visão e estava sempre oculta pelo seu cabelo. E, nesse instante, sem que ele tivesse dito uma palavra, revelou a sua identidade a todos os que ali estavam: era Lúcifer.

— Como descobriu, Elizabeth? — perguntou Lúcifer, sorrindo.

Daniel manteve-se imóvel, com o olhar fixo em Elizabeth, sentindo que o mundo se tornara de novo um lugar cheio de possibilidades. Ela sacudiu a cabeça, em sinal de rejeição, sem responder à pergunta: não iria confessar algo a Lúcifer que lhe permitisse tornar a usurpação da imagem de Daniel ainda mais perfeita. Lúcifer riu, com ar de deboche, mostrando a linha precisa de dentes brilhantes. Ele se aproximou dela para colocar a mão na cabeça e tentar descobrir como os identificara. Apesar de saber que não conseguia ler a mente dos Guardiões, ela estava obviamente enfraquecida e isso facilitaria as suas intenções. Mas Daniel moveu-se pela primeira vez e com um gesto vertiginoso segurou a mão de Lúcifer no ar, dizendo mais uma vez, de modo sereno, embora firme:

— Basta, Lux.

Lúcifer olhou-o com o rosto impassível. Por um momento o desfecho daquele confronto de olhares parecia imprevisível, como era habitual sempre que estalava o conflito entre eles. A tensão entre eles era palpável. Ficaram se olhando por um longo minuto, sem que ninguém interferisse, mas os Guardiões cerraram fileiras, posicionando-se em círculo mantendo Daniel e Lúcifer no meio. A energia que os dois emanavam era muito intensa.

— Por enquanto — respondeu Lúcifer, aproximando-se do espelho, e preparando-se para partir e voltar ao seu mundo. Aquele conflito terminou, mas Lúcifer já o estava ameaçando com o próximo. Daniel sabia que era assim: havia uma eterna disputa, que os colocava em uma luta diária. Uma luta sem fim, não apenas entre o bem e o mal, mas entre o equilíbrio e o desequilíbrio que cada um deles representava.

Porém, para espanto de todos, inclusive de Lúcifer, Daniel comunicou calmamente:

— Vou voltar com você. Vou cumprir o meu trato. Deixarei o submundo quando Samael considerar que a minha dívida por ter resgatado Elizabeth está paga.

Lúcifer estranhou a atitude dele, oferecendo-se:

— Eu negocio com Samael.

— Não quero mais negociações: vou cumprir o trato — afirmou Daniel.

— Não quer correr nenhum risco, deixando-me negociar — concluiu Lúcifer levantando ligeiramente uma sobrancelha e sorrindo ao perceber que Daniel não iria permitir que negociasse nada em seu nome. Obviamente que não confiava nele e tinha todos os motivos para isso.

— Sim — respondeu Daniel, antes de se voltar para Dib para legitimar o seu comando. — Você continua liderando a Ordem.

Elizabeth precisava confrontar Lúcifer mais uma vez para entender o que acontecera.

— Por que você usa a imagem de Daniel? Para nos confundir? — Aquela era a pergunta que todos desejavam fazer, exceto Dib, que conhecia a terrível verdade.

Lúcifer soltou uma gargalhada, que ecoou pelo espaço, parecendo deleitar-se com a pergunta, antes de olhar para Daniel com cumplicidade e perguntar:

— Eles não fazem ideia da verdade, não é?

— Não — respondeu Daniel.

— Isto vai ser interessante... — afirmou Lúcifer, mantendo um sorriso amplo. — Você conta ou eu conto?

— Eu conto — afirmou Daniel, antes de revelar o que mantivera oculto durante milênios. — Nós somos irmãos gêmeos.

A notícia foi mais um choque. Durante todo aquele encontro, o que os Guardiões haviam pensado é que Lúcifer poderia adquirir a forma de Daniel, para se misturar aos humanos. Miguel olhou os dois e perguntou, totalmente surpreso e intrigado:

— Irmãos como? Você nasceu em Montségur.

— Dib contará tudo... — Daniel estava, finalmente, autorizando Dib a revelar o seu segredo. — Nós temos que ir — afirmou para evitar que Lúcifer ficasse mais tempo junto de Elizabeth, ao notar a lascívia com que ele a olhava. Antes de partir, aproximou-se dela e inclinou-se ligeiramente, diminuindo a distância entre eles. Daniel era mais alto que ela uns bons

centímetros.

— O que aconteceu com você? — perguntou, consciente da fragilidade dela. Ela sorriu perante a preocupação dele.

— Libertei a minha mãe.

Ele anuiu a cabeça mostrando que entendera os motivos da debilidade dela e revelou o verdadeiro motivo para se aproximar, ao avisá-la em voz baixa, antes de se juntar a Lúcifer:

— Não se esqueça do que eu disse da última vez.

Ela percebeu que Daniel temia que Lúcifer a enganasse de novo e estava lhe pedindo, sutilmente, para ficar atenta à marca Sigel.

Após ter recebido uma cópia da agenda de William Temple, Klaus Jürgen avaliou as suas atividades e escolheu o melhor local para cometer o assassinato: Temple iria acompanhar a mulher ao médico e depois jantariam num restaurante. Klaus reconheceu os dois endereços, porque haviam sido incluídos na lista de lugares que o general Halder lhe dera, para que pesquisasse e organizasse rotas de fuga. Ambos eram de fácil acesso, mas o restaurante oferecia melhores condições: em frente havia um prédio com terraço que permitiria que ele e Anton esperassem o momento certo para assassinar Temple.

Klaus planejou o atentado para depois do jantar, quando fosse menos provável e esperado. Mas havia um problema: os tiros a partir do terraço seriam rapidamente localizados. Embora usassem silenciadores, a luminosidade provocada pelos disparos era mais visível à noite. E essa era a estratégia de Klaus para que Anton cumprisse o seu papel de assassino e, simultaneamente, de bode expiatório, evitando investigações posteriores. Klaus planejou a fuga, deixando Anton sozinho. Em algum momento Anton deveria ser morto nos confrontos com a polícia inglesa. E isso encerrava o caso.

Tudo teria acontecido como Klaus planejou se no instante em que Anton atirou em Temple Joan não tivesse se colocado em frente ao marido, para beijá-lo. Aquele gesto de romantismo podia ter custado a vida dela, mas salvou a dele.

Anton, com os olhos focados na cena, viu a primeira-dama tombar e blasfemou baixinho. Preparou-se para atirar de novo, mirou e atirou, mas o segurança foi mais rápido e protegeu Temple. Anton percebeu que precisava

sair dali porque já não conseguiria assassinar o premiê inglês naquela noite. O segundo tiro atrasara-o alguns segundos, o suficiente para complicar a fuga. Desmontou rapidamente a arma, arrumou-a na mala e quando se voltou para encarar Klaus percebeu que estava sozinho no terraço. Sentiu a adrenalina bombear todos os seus músculos ao perceber que tinha caído numa armadilha: Klaus deixara-o entregue ao seu destino.

Precisava pensar rápido: avaliou a rua e viu os serviços secretos bloquearem o restaurante. Alguns deles já estavam formando um perímetro em frente ao prédio onde se encontrava. Anton seria caçado como um animal e tinha duas opções: rendia-se e revelava o que sabia, ou lutava e morreria. Foi para isso que Klaus o deixara ali: para dar a vida pela causa.

Abriu de novo a mala e montou o rifle de longo alcance: morreria, mas levaria quantos pudesse com ele. Posicionou-se, acertou o telescópio da mira e começou a atirar. Sentia-se como se estivesse participando num daqueles jogos onde era preciso matar todos os inimigos para poder passar de nível. A diferença era que as mortes eram reais e, pela primeira vez, ele sentiu verdadeiro prazer: as pessoas eram seus alvos e ele podia atirar em quantas quisesse, até ficar sem munição ou até que alguém o eliminasse. Do local onde estava, controlava a rua e a porta que dava acesso ao terraço: ninguém podia passar por ali sem que ele visse.

Anton era um atirador exímio e cada vez que apertava o gatilho alguém perdia a vida. Percebeu que a confusão se instalou entre os ingleses. Matou cinco pessoas e continuou buscando novos alvos. Alguns transeuntes corriam em busca de abrigo, mas Anton atirou em mais três e eles caíram empurrados pelo impacto das balas penetrando em seus corpos.

De repente tudo se aquietou. Anton conhecia aquele momento: era quando as tropas se reorganizavam antes de um novo ataque. Naquele caso, o ataque seria para destruí-lo.

Sorriu. Não estava com raiva por Klaus o ter deixado ali. Ele era um soldado e tinha sido treinado para matar ou morrer pela causa. Disse baixinho:

— *Heil Dieter!*

Apontou novamente a arma para a rua, fixando a mira com cuidado. Um cachorro estava passando e ele atirou. O cachorro caiu no chão sem emitir um único som. Depois Anton aquietou-se, esperando. Não acreditava que eles viessem ao terraço para se tornarem alvos fáceis. Deduziu que eles viriam de helicóptero.

Um homem moveu-se entre dois carros, e Anton matou-o. Gostava da forma como o seu dedo pressionava o gatilho transformando o movimento suave em mais uma morte.

Reconheceu o ruído do helicóptero e voltou a arma ligeiramente para o céu escuro, à sua direita. Vigiou o céu através do telescópio da mira: o helicóptero foi-se aproximando e ganhando forma. Anton fixou a mira como se tivesse todo o tempo do mundo e atirou. A bala riscou o ar e entrou pelo vidro pelo helicóptero. Ele fez uma pirueta e ele soube que acertara o piloto. Mas o helicóptero estabilizou e se aproximou novamente. Anton mirou uma vez mais e continuou atirando até o helicóptero balançar e iniciar sua queda vertiginosa. Anton sorriu vendo as pessoas gritando e correndo. Mudou o foco da arma e fixou-o na rua, atirando para todos os que se moviam.

Sentiu uma pressão na nuca: era o cano de uma arma. Um grupo de agentes entrara no terraço e o seu barulho fora abafado pelo ruído provocado pelo helicóptero. Anton parou um segundo, antes de voltar a apertar o gatilho da sua arma e fazer mais uma vítima mortal ao mesmo tempo em que o policial disparava contra a sua nuca. Anton deixou tombar a cabeça, ainda com a arma na mão e o dedo sobre o gatilho. Houve um segundo de silêncio, antes do helicóptero bater no chão, no meio da rua, com um estrondo ensurdecedor, estraçalhando os carros estacionados em volta.

O saldo total foi de vinte mortos: dezenove pessoas e um cão.

Quando Daniel e Lúcifer desapareceram, engolidos pelo portal, Elizabeth pediu, sem dar tempo a que ninguém fizesse qualquer comentário:

— Dib, conte-nos o que aconteceu com Daniel.

Todos os olhares se voltaram para Dib, aguardando o desvendar do mistério. Ninguém o condenava por ter mantido aquele segredo, que não lhe pertencia. Ele começou a falar:

— O Divino criou um par de anjos perfeitos: Lúcifer e seu irmão gêmeo, Daniel. Eles eram tão idênticos que era impossível distingui-los. O Divino encantou-se com a sua obra-prima: eles eram os mais belos entre os belos. Mas Lúcifer também se encantou com a sua beleza e achou que devia ser mais do que o seu irmão. Ele aspirava ser como o Divino: ter a sua sabedoria e poder e, principalmente, o dom da criação, o maior de todos os dons. Lúcifer invejava o Divino, seu Pai. E também invejava o irmão, por se contentar com a sua natureza e nada desejar além de servir seu Pai. Lúcifer

planejou uma revolta para usurpar o lugar do Divino e destruir Daniel e conseguiu o apoio de um séquito de anjos. Pela primeira vez a casa do Divino estremeceu sob os efeitos de um conflito sem precedentes: irmãos contra irmãos e filhos tentando destituir seu Pai. Embora o Divino amasse os dois, ficou furioso com o atrevimento e a arrogância de Lúcifer. E na sua ira expulsou Lúcifer e todos os que pactuaram com ele, condenando-os ao submundo, para que ele reinasse sobre a maldade e os anjos amaldiçoados que o acompanharam na queda, na expulsão do paraíso.

Dib fez uma breve pausa, antes de prosseguir, percebendo que todos estavam atentos ao que ele estava contando, e tomando consciência de que aquela parte da história bíblica era verdadeira e não se tratava de uma narração simbólica.

— Mas Lúcifer teve um último gesto de rebelião e desafiou o Divino: disse que conquistaria a humanidade se ela pudesse escolher. E o Divino concordou em dar ao homem o livre-arbítrio para que ele escolhesse entre o bem e o mal. Porém, estabeleceram uma regra básica, que ficou conhecida como a *regra de ouro*, e não pode ser quebrada: nenhum deles podia interferir no livre-arbítrio humano. O Divino permitiu que Lúcifer ficasse com as almas que ele ganhasse, mas proibiu-o de andar entre os homens. No entanto, Lúcifer descobriu que havia locais mágicos por toda a Terra, que podiam funcionar como portais ligando o mundo dos homens ao seu mundo subterrâneo, e mandou que os seus Anjos Negros se misturassem aos homens e os tentassem, influenciando o seu livre-arbítrio.

— Esses portais são iguais a este? — perguntou Miguel, apontando para o espelho.

— Sim. Existem sete espelhos de Iblis. Daniel só tem este, mas o seu objetivo era conseguir todos os espelhos — confirmou Dib, antes de retornar à sua explicação. — Além dos anjos, por vezes, o próprio Lúcifer manipulava os homens por meio de sussurros e sugestões. O Divino, para equilibrar as forças, transformou homens em Guardiões responsáveis por proteger os humanos e permitiu que homens puros, dignos de aceder ao conhecimento máximo, se tornassem seres superiores que equilibrassem a tríade do universo: humano, animal e divino.

— Nós — afirmou Uchoa.

— Mas era necessário alguém que garantisse a formação de uma nova geração de Guardiões muito poderosos. Porque os Anjos Negros também estavam se tornando mais poderosos. E como o conhecimento dos Guardiões

se perdera, Daniel se ofereceu para mostrar os caminhos do Graal.

— Então Daniel nasceu de seres humanos? — questionou Elizabeth.

— Não. Ele foi um bebê encontrado pelos De Payens — contou Dib. — Eles o criaram como um dos seus filhos.

— Isso explica como ele surgiu entre os homens — comentou Seth.

— De Payens deve confiar muito em você — disse Miguel com ironia, magoado por ter crescido com Daniel e deixado Montségur na sua companhia sem que ele lhe tivesse confidenciado nada. Dib não respondeu à provocação de Miguel.

— Foi uma longa noite e Elizabeth precisa descansar — afirmou Dib, antes de se despedir e sair do quarto, acompanhado pelos Guardiões. Ainda estavam todos sob o efeito das revelações surpreendentes sobre as identidades de Daniel e Lúcifer. Apesar de lidarem com o extraordinário, reconheciam que aquilo estava muito além do que poderiam ter imaginado. Era surpreendente como Daniel conseguira manter aquele segredo por todos aqueles séculos.

16. Amor proibido

Há precipícios carnavais como há precipícios espirituais, com as suas vertigens e as suas delícias, os seus suplícios também, que apenas os que ousaram mergulhar neles conhecem.

Marguerite Yourcenar (1903-1987)

Martha estava no correio quando passou mal. Não conseguia respirar e o seu tórax não era capaz de dilatar-se o suficiente para receber o precioso ar que necessitava, como se houvesse uma tonelada sobre ela. Quando caiu no chão, já não escutou o sininho avisando-a que um novo cliente havia entrado. Era a dona do restaurante, e depois de chamá-la, espreitou por cima do balcão e viu Martha no chão, parcialmente oculta pela sua mesa. Sem saber o que fazer, correu para a porta e pediu ajuda aos gritos. Em segundos, os que passavam pela calçada entraram no correio. Gerou-se uma confusão, com todos querendo ajudar sem, no entanto, saberem como proceder. Alguém teve a ideia de ir buscar dona Clara. Quando ela chegou parecia tarde demais. Dona Clara colocou as mãos sobre o coração de Marta procurando pelo som, mas encontrou uma quietude assustadora. Pôs os dedos experientes sobre o pulso e depois sobre o pescoço esperando que, em algum lugar do corpo, ainda palpitasse um resquício de vida. Mas nada indicava que Martha estivesse viva. Dona Clara disse, chorando, ajoelhada no chão, apoiando o rosto sobre o peito imóvel:

— A minha Martha...

A notícia espalhou-se e uma multidão tumultuou-se na porta do correio.

Penafor, com o bebê no colo, tentou entrar, e embora ainda não tivesse sido devidamente apresentado, todos sabiam que ele era o pai da criança. Os sentimentos sobre ele não eram claros: as pessoas não sabiam por que ele tardara em visitar Martha e o filho. Mas, perante a terrível morte de Martha, afastaram-se silenciosamente, fazendo um caminho para deixá-lo chegar até junto dela. Penafor aproximou-se e ajoelhou-se ao lado de dona Clara, sobre o corpo inerte. Sentiu um nó na garganta ao vê-la pálida e imóvel. O filho estendeu as mãozinhas em direção à mãe e, nesse momento, as lágrimas rolaram pelo rosto de Penafor.

Ninguém entendia como Martha, tão jovem e saudável, tinha caído morta no chão. O povo, sempre supersticioso, achava aquilo difícil de explicar. Mas dona Clara, conhecedora do espírito da vila, pretendia acabar com as especulações, mesmo antes de começarem. Não queria que Martha se transformasse nalguma lenda contada para assustar as crianças.

Depois de alguns minutos, levantou-se devagar e anunciou, entre lágrimas:

— Todos gostavam da Martha. Não quero conversa sobre ela. Ouviram?

— Não seria melhor fazer uma autópsia para saber o que aconteceu? — perguntou a dona da farmácia, com certa frieza.

— Ninguém vai cortar Martha — avisou dona Clara com o indicador em riste e os olhos furibundos, momentaneamente esquecida da dor. — Isso faz mal ao espírito.

Um silêncio pesado envolveu os correios. Não se atreviam a desafiar dona Clara, nem mesmo a dona da farmácia. Todos sabiam que dona Clara mantinha ligações estranhas com os índios mais velhos, que lhe haviam ensinado magias perigosas. Ela era a única branca que se atrevia a ir sozinha pelas florestas para se encontrar com os índios de dia ou de noite. Além disso, havia sido a parteira de muitas daquelas pessoas, que estavam vivas graças a ela.

Dona Clara começou a chorar de novo, com desgosto redobrado, quando voltou a olhar para Martha.

— Levem-na para minha casa — pediu aos três moços que estavam encostados na ponta do balcão, antes de avisar: — O funeral é amanhã.

Tom Hogdson precisava retornar a Londres com urgência, para cobrir o atentado contra o primeiro-ministro e o banho de sangue que deixara a capital inglesa de luto. Mas não podia partir sem resgatar Lynn, sequestrada havia

vinte e quatro horas. Enquanto aguardava o encontro com Lucrezia Zani, não saía do celular — falando, recebendo e enviando e-mails. O seu nível de estresse estava no auge.

Hogdson tentou contatar Temple, mas o celular dele permanecia desligado, certamente por questões de segurança. As notícias sobre o premiê eram escassas: sabia-se que não fora atingido e estava sob proteção dos serviços secretos em lugar desconhecido. Mas a primeira-dama lutava pela vida: a bala, em sua trajetória assassina, atravessou o peito, a milímetros do coração, e perfurou o seu pulmão.

Estava no apartamento da filha quando a campainha tocou: era Halder que o vinha buscar para o encontro com Lucrezia. Halder havia escolhido um lugar discreto, afastado de Berlim. Tratava-se de uma antiga fábrica desativada, abandonada havia mais de uma década, que pertencia a um dos Dragões. Quando Hogdson entrou no carro, Dieter cumprimentou-o com um aperto de mão educado. Durante o percurso, Halder contou que preparara uma emboscada com um grupo de soldados de elite.

Hogdson deduziu que os soldados pertenciam ao grupo JKW e sentiu um arrepio: aquilo significava que, além de controlarem a economia, também eram altamente militarizados. Mas agora tinha que se concentrar em salvar Lynn e voltar para Londres no primeiro voo. Os seus pensamentos foram interrompidos pela voz pausada de Dieter:

— Assim que resgataremos Lynn, vou colocar várias seguranças com ela. Esta situação não volta a acontecer.

Hogdson olhou friamente para ele, através dos óculos escuros, antes de responder, tentando controlar a irritação:

— Agradeço, mas Lynn vai voltar comigo para Londres.

O silêncio envolveu-os por alguns momentos, até ser interrompido por Dieter:

— Vamos deixar Lynn decidir sobre isso.

Halder percebeu que aquela conversa não iria terminar bem. Conhecia bem Dieter e ele não estava habituado a ter suas decisões questionadas. Interrompeu-os, avisando, ao passar por um grande portão de ferro, que já estava aberto:

— Chegamos.

Estacionou em frente ao pavilhão central da fábrica, olhou em volta e viu um dos seus soldados camuflado no telhado. Ele só o vira porque conhecia a sua localização.

Os três saíram do carro e dirigiram-se ao galpão da fábrica. Era um espaço amplo, com o chão de cimento, e em toda a volta havia escadas que levavam a uma espécie de varandas que contornavam o espaço central. Nessas varandas, Halder posicionara vários soldados. Mas Dieter era um homem previdente e levava a Lança do Destino. Se fosse mesmo um objeto mágico, como os nazistas acreditavam, poderia usá-lo para destruir Lucrezia. O seu objetivo era livrar-se dela e se ao fazer isso conseguisse tornar Tom Hogdson seu cúmplice, o plano seria perfeito.

Eles estavam quinze minutos adiantados e ficaram silenciosamente aguardando Lucrezia. Ouviram o carro chegar e pouco depois ela entrou no galpão segurando o braço de Lynn. Parou em frente a eles e comentou com ironia:

— Vejo que trouxe a lança. Pretende usá-la?

Dieter não respondeu. Olhava-a, atentamente, com o rosto sério. A imagem dele era intimidativa, mas ela não se abalou. Sabia que podia destruí-los a qualquer instante.

Hogdson perguntou, aliviado ao ver a filha:

— Você está bem, Lynn?

Ela anuiu com a cabeça. Comoveu-se e os olhos encheram-se de lágrimas ao ver o pai ali, juntamente com Dieter.

— Trouxe o pai dela e... — Lucrezia sorriu antes de concluir, arrastando as palavras: — alguns soldados. Ideia sua, não? — perguntou, voltando-se para Halder.

— Deixe Lynn fora disto — Dieter falou pela primeira vez, ignorando a pergunta.

— Esta foi uma forma de chamar a sua atenção — avisou Lucrezia mantendo os dedos em volta do braço de Lynn. — Você *tem* que fazer o que eu peço, porque da próxima vez ela morre. Compreende?

— Compreendo — Dieter respondeu, mantendo a postura serena e ocultando o quanto estava irritado com o arrojo dela.

— Muito bem — disse virando-se para Lynn e soltando o seu braço. — Pode ir.

Ela foi em direção ao pai e abraçou-o. Escondeu o rosto no seu ombro, lutando para conter as lágrimas. Lucrezia ironizou:

— Comovente. Não acham?

Halder fez um movimento discreto com a mão e em segundos o corpo de Lucrezia estremecia sob o efeito violento dos tiros que rasgavam a sua carne.

Ela tombou no chão com o corpo crivado de balas, mas os soldados atiraram por mais alguns segundos.

Dieter ergueu o braço e os soldados pararam. Aproximou-se dela e notou que as feridas começaram a sarar: as balas estavam sendo lentamente rejeitadas por seu corpo e saíam uma por uma. Lucrezia estava no auge da sua força, após ter assassinado várias pessoas e ter se alimentado de seu sangue. Ela havia se preparado para o caso de Dieter e Halder terem preparado alguma armadilha contra ela: tinha certeza de que nenhum deles compreendera o verdadeiro alcance do contrato que haviam feito.

Dieter estava surpreso: mesmo acreditando num mundo sobrenatural, não compreendia o que podia estar acontecendo. Halder colocou-se ao lado dele, sem esconder o espanto. Era difícil imaginar que ela estivesse viva: ninguém sobrevivia a um ataque daqueles.

Lucrezia abriu os olhos e anunciou friamente:

— Vocês só continuam vivos porque são necessários para os meus planos. Mas eles — disse apontando com o dedo para Hogdson e Lynn: — são totalmente irrelevantes.

Lucrezia começou a ensaiar um movimento lento para se erguer do chão, mas Dieter tirou a lança da proteção do saco negro e acertou o seu coração. Ela ficou imóvel.

Hogdson soltou a filha e aproximou-se de Dieter e Halder, questionando incrédulo, sem conseguir explicar o que tinha acabado de presenciar:

— O que aconteceu com os ferimentos dela? Ela foi trespassada por dezenas de balas... Quem é essa mulher?

Dieter olhou para ele e respondeu:

— Não sei, mas... — fez uma pausa tentando arranjar uma explicação racional e ao perceber que não havia disse: — parece ter uma força sobrenatural.

— Está morta? — perguntou Hogdson.

— Acho que não... — respondeu Halder, indeciso, avaliando Lucrezia.

— Está dizendo que ela vai... ressuscitar? Ela foi atravessada por uma lança no coração — lembrou Hogdson, tentando ater-se à lógica.

— E antes ela foi alvejada... — lembrou Halder, com o olhar fixo nela.

— O que pretendem fazer? — perguntou Hogdson, confuso com o inquietante incidente. Se alguém tivesse lhe contado, ele jamais teria acreditado que uma mulher baleada de morte havia se regenerado em tão pouco tempo. Apesar de ainda não ter pensado no assunto, sabia que não

podia tornar-se público porque não teria credibilidade alguma. Mas ele pretendia compreender o que estava acontecendo e obter uma explicação que o salvasse daquela área desconfortável e irreal em que estava mergulhando.

— Acho que não podemos tirar a lança do coração dela... — avisou Dieter. Lynn aproximou-se dele e deu-lhe a mão. Dieter fechou a mão sobre a dela e ao sentir os seus dedos frios sentiu vontade de protegê-la, dominado por uma onda de ternura. O aperto que sentira no peito durante as últimas vinte e quatro horas em que ela estivera sequestrada desaparecera. Ela estava despertando nele uma nova espécie de afeto. Gostava da presença dela, da sua beleza, do seu riso e da forma como ela se entregava a ele, sem reservas ou medos, deixando que ele a guiasse.

— Sim... — respondeu Halder, pensativo. — Se tirarmos a lança, talvez ela volte.

— Não podemos correr esse risco — concordou Dieter.

— Como ela conseguiu melhorar? — perguntou Hogdson, ainda estupefato, olhando para o corpo dela, imóvel, mas sem nenhum vestígio dos ferimentos. Ele conseguia ver a pele dela totalmente lisa através da roupa rasgada pelos tiros.

— Não sei. Talvez... os rituais que ela pratica sejam mesmo sobrenaturais — disse Dieter, olhando de soslaio para Hogdson.

— Isso não é possível — retorquiu Hogdson.

Dieter soltou a mão de Lynn, deu alguns passos em volta do corpo de Lucrezia, avaliando-o atentamente antes de tomar uma decisão.

— Vamos levá-la assim e deixá-la na cripta, até pensarmos numa solução — sugeriu Dieter referindo-se à cripta por baixo da Sala Rubra, que havia preparado para os sacrifícios. Era ali que estavam os antepassados e familiares de Dieter.

Halder chamou os soldados e instruiu-os rigidamente sobre o transporte e os cuidados com o corpo de Lucrezia. Frisou que a lança deveria ser mantida na mesma posição, enfiada no coração dela, e ninguém podia removê-la.

Quando entraram no carro, Dieter abriu a porta para Lynn entrar. As eleições aconteceriam em dias e ele precisava se concentrar nos momentos finais da campanha.

— Eu disse ao seu pai que disponibilizaria alguns seguranças para protegê-la. Mas ele prefere que você vá para Londres — Dieter fez uma pausa, para avaliar o rosto de Lynn. Percebeu que ela não gostara da ideia de deixar Berlim. — E eu concordo com ele.

A frase surpreendeu Hogdson. Não esperava que Dieter cedesse aos seus desejos de levar a filha para Londres, depois da conversa que haviam travado sobre o assunto.

— Mas eu não quero ir para Londres — respondeu Lynn. — Tenho aulas.

— Eu sei, mas esta semana é complicada, Lynn. E para ter a tranquilidade de que necessito você tem que estar segura, e o seu pai é quem pode garantir melhor a sua proteção — fez uma pausa antes de concluir: — Depois das eleições, vamos pensar sobre o nosso futuro e no momento certo para apresentá-la à mídia. Claro que o seu pai terá um papel vital nesse processo — comentou, incluindo Hogdson, de forma inteligente.

Hogdson percebia que Dieter o estava manipulando e, apesar de ser um homem perigoso e sem escrúpulos, reconhecia que ele salvara a sua filha e se mostrava disposto a mantê-la segura. Hogdson imaginou que até o diabo tinha as suas fraquezas, mas isso não mudava a sua essência. Pediu, segurando a mão da filha, com ternura:

— Venha comigo por alguns dias. Depois que tudo acalmar, você volta.

Ela aquiesceu com a cabeça, em silêncio, e Hogdson sentiu alívio. Mas tinha certeza de que a decisão dela tinha muito mais a ver com o pedido de Dieter do que com o seu.

Halder acompanhava a conversa satisfeito por Dieter ter tomado a decisão de deixar Lynn ir com o pai. Tinha muito que resolver e não podia também preocupar-se com Lynn. Depois de tudo o que acontecera nas últimas vinte e quatro horas, calculou que Hogdson não fosse publicar nada sobre Dieter. O atentado contra William Temple e a saúde da primeira-dama ocupavam as primeiras páginas de todos os jornais.

Além do foco nas eleições alemãs, Halder precisava eliminar Temple. Estava furioso: um atentado falhado já era ruim, mas dois eram um desastre. Os incidentes estavam contribuindo para dar ao premiê a imagem de alguém escolhido para uma missão.

Halder lembrou-se de Hitler: ele convenceu o mundo de que era o *escolhido* depois de escapar com vida dos muitos atentados que sofrera, sem que ninguém conseguisse explicar como saiu ileso de alguns deles. Vários dos homens que estavam com ele haviam morrido, mas Hitler escapara sempre ileso e aquilo não podia ser uma coincidência.

Elizabeth explicou que tinha sonhado com um homem se elevando sobre

Hitler, exatamente como acontecera meses antes, quando Daniel pediu que descobrisse a identidade do assassino das crianças. Mas, ao contrário do primeiro sonho, agora ela viu o rosto do homem que teria um papel mais sanguinário que o de Hitler. Afirmou:

— Qualquer dúvida sobre a identidade do Anunciado está resolvida. As nossas deduções estavam corretas: é Dieter Steinbach.

Dib escutou a notícia sem surpresa: sempre tivera certeza de que se tratava de Dieter. A confirmação apenas dava aos Guardiões a segurança necessária para começarem a intervir em vez de se limitarem a monitorar.

— E será eleito, exatamente como aconteceu com Hitler — lembrou Uchoa.

— Só precisamos descobrir porque ele é o *herdeiro natural* — afirmou Dib.

— Eu também descobri as razões — afirmou Elizabeth.

Miguel, sentado ao lado dela, sorriu ao perceber como Elizabeth ganhava uma segurança tranquila em seu papel de pitonisa.

Elizabeth revelou o terrível segredo que Dieter mantinha oculto e que era a origem de seu poder na Sociedade do Dragão e na ascensão do Quarto Reich.

— Isso não é nada bom... — disse Seth, contrariado. — Mas é totalmente lógico. Agora que sabemos o que Dieter esconde, esse fato só o torna mais perigoso.

— Devíamos... — Miguel hesitou, antes de dizer o que realmente pensava: — Eliminá-lo. Se ele continuar vivo, sabemos como isto vai terminar.

Dib olhou para ele, com uma expressão séria, antes de responder:

— Não nos cabe destruir o destino dele. Estamos proibidos de destruir qualquer ser vivo — fez uma pausa, enfatizando: — Você sabe isso, Besson.

Dib compreendia o comentário de Miguel e sabia o quanto aquela solução seria muito mais fácil, mas os Guardiões deviam proteger a vida e só interferiam nos destinos humanos em casos extremos, quando a Humanidade estivesse realmente ameaçada. Por isso, Dib defendia que eliminar Dieter estava fora do escopo da atuação deles, assim como estivera Hitler durante muito tempo, até Arturo decidir que chegara o momento de impedirem a destruição da humanidade, quando o conflito já se alastrara pelos cinco continentes.

— Temos que impedir que os nazistas eliminem Temple — avisou Uchoa. — Parece evidente que são eles que estão tentando eliminar o seu maior

opositor.

— Este segundo atentando foi uma carnificina... — comentou Alessia.

— Sim — concordou Dib. — Mas precisamos de Daniel: só o Guardião Supremo tem poder suficiente para um encantamento de proteção como esse.

— Isso já foi feito antes? — questionou Elizabeth.

— No início da Segunda Guerra, quando seu pai era o Supremo, ele protegeu Winston Churchill — respondeu Dib.

— Se apenas De Payens consegue fazer esse encantamento, como podemos falar com ele antes que os nazistas assassinem Temple? — inquiriu Miguel, com seu jeito prático.

Dib ficou pensativo por alguns segundos. Mais uma vez precisaria dos poderes de Supremo para contatar Samael, o Anjo da Morte, o único capaz de enviar uma mensagem a Daniel.

— Eu posso tentar contatar Samael, por meio da meditação. Não sei se consigo me comunicar com ele — avisou Dib, mas todos sabiam que, se havia alguém que poderia conseguir isso, seria ele. A sua capacidade de concentração e o nível de profundidade que atingia eram incomuns, e não era por acaso que Daniel sempre se apoiava na energia de Dib quando necessitava.

— Além de proteger Temple, o que mais podemos fazer? — questionou Elizabeth, objetivamente.

— Besson está tentando restabelecer a ligação com Lucrezia.

— Falei com ela ontem. Vamos combinar a minha visita a Berlim hoje — avisou Miguel, antes de concluir: — Temos que destruir Lucrezia. Enquanto ela não for destruída, haverá sempre um Anunciado.

— Destruir Lucrezia cai na nossa categoria do sobrenatural. É algo que podemos fazer — anunciou Seth calmamente, apaziguado com o rumo que tudo estava tomando depois que descobrira o segredo de Dieter.

Penafor fizera planos com Martha e, após a sua morte trágica, manteve-se fiel a tudo o que haviam combinado. Tinham decidido mudar para outro país da América Latina, com novas identidades, à revelia do programa de proteção de testemunhas, que, paradoxalmente, não parecia ter oferecido proteção alguma. Se Penafor tinha descoberto onde ela estava, ainda que através de Miguel Besson, as chances de Dimitri também a encontrar eram muito altas.

A perda de Martha arrasara-o, mas Penafor tinha Fernando, e o filho se

tornara a razão de sua existência. Não foi difícil convencer dona Clara a acompanhá-los e, três dias após a morte de Martha, levou o filho e a mãe para São Paulo, onde fez os preparativos necessários para se mudarem para o Peru.

Quando Oliver chegou a Londres, pouco depois do atentado do primeiro-ministro, o ambiente das ruas era tenso. A presença da polícia tinha sido reforçada. O atentado funcionara como uma ameaça terrorista que deixou os ingleses temendo que o pior ainda estivesse por vir.

Oliver encerrou o caso de Martha, ou Tereza Sampaio Elliot, ao enviar uma fotografia para Dimitri Sergeevich comprovando a morte dela. Sabia que levava muito mais tempo do que o necessário para completar aquele trabalho, mas, na realidade, apaixonara-se pela Amazônia com toda a sua riqueza e estendera a sua estadia o máximo possível para conhecer melhor a fauna e a flora do local. Agora até a lembrança das picadas dos insetos já lhe provocavam alguma nostalgia.

Após visitar os pais e o velho mestre de artes marciais, Oliver passou pela sua caixa postal para pegar a correspondência acumulada durante a sua ausência prolongada. Avaliou todas as cartas, deixando o envelope marrom para o final: sabia que se tratava de um novo trabalho. Quem o contratava conhecia bem as suas especificações: o tipo de envelope, os pagamentos e as regras. De outra forma, Oliver descartava os pedidos.

Havia muito tempo que não se espantava ao receber uma proposta. Mas aquela era especial, principalmente por tudo o que estava acontecendo na Inglaterra. O novo trabalho havia sido encomendado semanas antes, na época em que ele chegara ao Brasil.

Analizou as três fotografias: era o premiê inglês. Deduziu que, perante o seu prolongado silêncio, haviam contratado outro assassino. Mas o fato do atentado ter falhado podia significar que Oliver seria contatado uma vez mais. Era um trabalho que o desagradava: Oliver gostava do premiê e, além disso, não queria se envolver na política. Na verdade, estava começando a pensar em abandonar aquela profissão para se dedicar à química, uma paixão redescoberta na sua viagem aos trópicos.

Decidiu esperar. Naquele momento não precisava pensar sobre algo que ainda não acontecera. Concentrou-se na sua viagem a Lisboa, para ver Alexia.

William Temple visitou Joan no Hospital. Ela vencera o câncer, mas a quimioterapia havia fragilizado o seu sistema imunológico e, por isso, ainda não estava fora de perigo. Apesar do prognóstico favorável, os médicos continuavam cautelosos nas avaliações.

Temple sentou-se na cadeira próxima da cama, e os seus olhos encheram-se de lágrimas ao ver Joan ainda sedada, frágil sobre a cama. Ela estava ali porque salvara a sua vida. Beijou a palma morna da mão dela, num gesto de despedida. Não podia ficar mais tempo junto dela. Os filhos estavam no corredor, aguardando a vez para verem a mãe por alguns minutos. Só podia entrar uma pessoa de cada vez e por pouco tempo: aquela havia sido uma concessão muito especial dos médicos.

Lembrou-se do aviso de Rolf Merton, quando se cruzaram na última reunião da comunidade europeia. Ele havia dito de forma a que só Temple escutasse e compreendesse o profundo significado da frase:

— Eles vão continuar insistindo.

Temple aumentara a sua segurança e a segurança em volta da mulher e dos filhos. Mas aquelas medidas não foram suficientes para impedir que um novo atentado fosse cometido, desta vez atingindo o alvo errado. Joan não devia estar ali.

Os serviços secretos, responsáveis pela investigação, descobriram que Anton Blankenheim tinha um histórico similar ao do assassino anterior, que se fizera passar por segurança do premiê: era alemão, crescera em instituições de adoção e desapareceu com quinze anos, até ressurgir naquela situação. Tudo indicava que se tratava do mesmo grupo de assassinos.

O atentado exigia premeditação, e o que intrigava os investigadores era o fato do assassino saber que Temple estaria jantando naquele restaurante, quando somente as suas secretárias tinham acesso àquela informação.

Investigaram a possibilidade de alguém ter invadido o sistema, mas os compromissos particulares do premiê não estavam na rede e, sim, anotados numa agenda de papel. Os serviços secretos focaram sua investigação na equipe mais próxima de Temple.

Daniel tinha razões para justificar a sua presença no submundo e submeter-se a Lúcifer, com aparente mansidão. Apesar de precisar reequilibrar a matemática entre a vida e a morte, que rompera ao resgatar Elizabeth, o

verdadeiro motivo do acordo com Samael estava relacionado com o seu apurado sentido de justiça. Desde o instante em que descobriu que Lucrezia Zani reivindicava as almas de todos os que assassinara durante milênios, Daniel compreendeu a necessidade de libertá-las.

As almas aprisionadas no submundo eram impedidas de evoluir e estavam submetidas a um sofrimento intenso. Eram almas brancas, almas inocentes injustamente aprisionadas sem terem passado pelo julgamento de Samael. Ele era sábio e imparcial nas suas avaliações e o seu comprometimento era com a passagem dos estágios da vida e da morte. O conjunto da vida de cada ser é que definia para onde ele seguiria após a sua morte e Samael pesava-o cuidadosamente. Ele desconhecia aquela situação, e jamais concordaria com ela, não apenas por colocar em risco o equilíbrio entre os mundos, mas por se tratar de uma fonte de sofrimento.

Para libertar aquelas almas Daniel precisaria da ajuda de Samael. Quando Daniel lhe contou que Lúcifer andava ludibriando o universo, roubando as almas brancas que pertenciam ao Divino, Samael ficou furioso. E ambos se uniram para elaborar um plano cuidadoso, e muito perigoso, para libertar as almas. Embora nenhum dos dois soubesse exatamente quais as consequências daquela atitude, tinham certeza de que seriam devastadoras.

Daniel tinha que descobrir onde estavam as almas e avisar Samael. Ele não era um frequentador regular do submundo, mas teria que visitar Lúcifer para conseguir se comunicar com Daniel.

Durante os seus passeios diários, antes de se refugiar na biblioteca, Daniel ainda não tinha conseguido localizar as almas aprisionadas. Acreditava que elas estavam nos domínios privados de Lúcifer, mas tratava-se de uma área permanentemente vigiada por guardas e de acesso proibido.

Lisboa estava ensolarada e a sua imensa luz branca caía sobre as ruas, tornando a cidade mais ampla. Alessia caminhou até à beira do Tejo, onde Oliver a esperava num pequeno café, de frente para o rio. Dali, ele conseguia vislumbrar a ponte 25 de abril, a grande ponte lápis, elástica, que balançava sobre o Tejo e era um dos ícones da cidade. Assim que viu Alessia, com seu andar compassado de bailarina, sentiu o coração bater um pouco mais rápido. Sabia que tinha saudades, e vê-la pela internet ou falar ao telefone não lhe bastava, mas só agora compreendia o quanto sentira a falta dela. Quando ela chegou junto dele, Oliver levantou-se para abraçá-la. Apertou-a nos braços e

beijou-a, indiferente à habitual atitude reservada dela. E ao sentir que ela correspondia, beijou-a uma vez mais. Foi ela que se afastou um pouco, sorrindo, antes de avisá-lo:

— As pessoas...

— Não me importam as pessoas. Não me importo com ninguém. Só com você.

A intensidade apaixonada dele, sob a sua aparente frieza britânica, a fez estremecer. Naquele momento, tudo o que desejava era ficar com Oliver, livre dos temores e das preocupações com a Ordem. Estava apaixonada e parecia-lhe possível ser feliz, junto dele, apesar do fato irônico de Oliver ser um assassino.

— Eu também... — respondeu. E Oliver sentiu pela primeira vez que ela amadurecera a ideia de ficar com ele e tomara finalmente uma decisão. Puxou a cadeira, para ajudá-la a sentar e segurou-lhe a mão, antes de levá-la aos lábios com delicadeza.

— Precisamos resolver a nossa relação, Alessia — disse, sem lhe dar oportunidade para sequer perguntar sobre a viagem. Antes de vê-la estava disposto a esperar, mas agora sentia uma urgência nova e queria ficar junto dela. Conhecia bem os efeitos traiçoeiros do tempo humano: a vida podia mudar ou acabar em um centésimo de segundo.

— Eu sei.

— Estou apaixonado por você. Sei das suas restrições...

Ela ergueu a mão e pousou o indicador sobre os lábios dele, interrompendo-o:

— Vamos para o seu hotel — pediu, decidida, olhando-o com intensidade. Oliver inclinou-se e beijou-a suavemente nos lábios. Ambos sentiam que aquele momento seria decisivo nas suas vidas.

Horas depois, já no início da noite, Alessia deitada nos braços dele, com a cabeça loira apoiada no seu ombro, disse, sentindo as carícias suaves de Oliver sobre o seu ventre morno:

— Preciso falar sobre mim e sobre a Ordem.

Ela havia pesado bem a possibilidade de se envolver com Oliver e pensado muito sobre o gesto profundo de romper os seus votos e entregar-se a ele. E tudo aquilo só teria sentido se revelasse a sua identidade e o papel da Ordem. Não sabia qual seria a reação de Oliver, mas ele precisava saber quem ela era.

Ele mudou de posição, tirou o braço de debaixo da cabeça dela e deitou-se de lado para observá-la melhor. A beleza do corpo miúdo e esbelto e a forma

apaixonada com que ela se entregara ao amor tinham ido muito além do que ele sonhara, e a sua paixão por ela parecia ter aumentado nas últimas horas.

— Sim... — respondeu, incentivando-a.

— O que tenho para dizer vai chocá-lo — avisou, mesmo sabendo que por mais que o preparasse ele jamais estaria pronto para ouvir as revelações que ela faria.

— Veremos... — respondeu com a sua calma habitual, afastando uma mecha de cabelo que caíra sobre o rosto dela.

Alessia começou por contar as origens da Ordem e os seus verdadeiros objetivos. Falou do Graal e da Consagração e, por fim, explicou os seus efeitos sobre os Guardiões. Oliver ficou quieto, acompanhando o relato com atenção e fazendo uma pergunta ou outra ocasionalmente, mas quando ela revelou a sua verdadeira identidade ele não compreendeu. Aquilo era demasiado fantasioso para que ele pudesse acreditar. Precisou de alguns minutos para tentar assimilar toda a informação que acabara de escutar.

— Você está dizendo que é imortal. É isso? — questionou, rompendo finalmente o silêncio que se seguira às assombrosas revelações de Alessia.

— Sim — confirmou, meneando ligeiramente a cabeça em sinal positivo.

Ele sorriu e levantou-se da cama. Deu alguns passos lentos em volta do quarto, tentando ajustar o relato inverossímil à realidade. Mas era difícil aceitar o que ela estava dizendo. Por um instante temeu que ela estivesse com algum surto emocional, mas ao vê-la tão serena, elaborando um discurso articulado e com pleno domínio das suas emoções, rechaçou a ideia.

— Isso não é possível, Alessia — rejeitou, sentando-se na ponta da cama, ao lado dela. Alessia abraçou-o, imaginando o quão difícil era encaixar aquilo na sua vida racional.

— Mas é a verdade, Oliver — enfatizou, com ternura. — Nós somos seres especiais e por isso temos votos, regras e mudamos de país a cada quinze ou vinte anos, antes de começarem a surgir suspeitas sobre a nossa idade.

— Há mais alguma coisa que eu precise saber? — perguntou com a voz séria, esforçando-se para aceitar a história de Alessia, mas sem conseguir.

— Não — mentiu ela, omitindo a ameaça da dissipação durante a Consagração e o fato de se transformarem em leões sagrados. Ele precisava de tempo para assimilar todas aquelas informações. — Sei que precisa pensar sobre isso, tentar aceitar...

Ele concordou com a cabeça, mantendo-se em silêncio. Precisava de tempo, antes de falar mais sobre o assunto. De todas as suas experiências de

vida, aquela havia sido a mais bizarra, e também, inverossímil. Pediu-lhe:

— Encontramo-nos aqui amanhã?

— Sim... — respondeu beijando-o.

17. O Homem das Luvas Verdes

E se um de vós quiser castigar em nome da retidão e descarregar o machado contra a árvore do mal, olhe também as suas raízes. E, por certo, encontrará as raízes do bem e do mal, do frutuoso e do estéril, entrelaçadas no coração silencioso da terra.

Khalil Gibran (1883-1931)

Dib conseguira se comunicar com Samael, e quando ele se materializou bruscamente à sua frente, observou-o por alguns segundos. Sempre se impressionava com os traços tranquilos e perfeitos do Anjo da Morte.

— Preciso da sua ajuda para contatar Daniel.

O Anjo o olhou atentamente, antes de responder:

— Não posso ajudá-lo. Minha posição é de neutralidade.

— Por favor, Samael — pediu Dib, com uma expressão tensa. — Ele precisa fazer um encantamento para proteger um homem.

— E quem é esse homem, que parece tão importante?

— É o opositor de Dieter Steinbach, aquele que está tentando repetir o Terceiro Reich.

Samael ficou em silêncio por alguns segundos, antes de perguntar:

— O homem que tem a Lança de Longinus?

Dib anuiu com a cabeça. Samael sabia bem daqueles detalhes: objetos mágicos como a lança geravam morte, e Samael conhecia todas as fontes da morte. Aquela lança deixara um rastro de sangue por todos os lugares por onde passara ao longo dos últimos dois milênios.

— O que devo dizer? — cedeu Samael, finalmente.

— Que ele precisa fazer um encantamento para selar o corpo de William Temple, o premiê inglês.

Segundos depois Samael desapareceu no ar, como se nunca tivesse estado ali.

A vitória de Dieter Steinbach era esperada: as pesquisas anunciavam a sua liderança havia várias semanas. Mas todas as pesquisas haviam errado sobre o surpreendente comparecimento da população às urnas. Aquela eleição teve a menor abstenção das últimas décadas, o que tornava a vitória de Dieter esmagadora em número de votos. Ele era o líder alemão mais votado desde a Segunda Guerra, e isso o tornava mais perigoso, porque comprovava a sua capacidade de agregar os alemães em torno de um projeto.

O novo chanceler era o Homem das Luvas Verdes, o verdadeiro líder da Sociedade. Vinte e cinco anos antes, tinha sido o mais jovem integrante dos Dragões, ao ocupar o lugar do pai, Joseph Steinbach, morto prematuramente com um ataque cardíaco.

Joseph educara o filho fazendo-o sentir, desde muito cedo, que ele era especial, superior a todos com quem convivia e estava reservado para um destino grandioso. O pai sempre dissera que não bastava ser inteligente, tinha também que trabalhar, esforçar-se. Acreditar nisso moldou a personalidade de Dieter: apesar de ser extremamente inteligente, também se empenhava em ser o primeiro em tudo. Dieter tornou-se um homem seguro, arrojado, lapidado para liderar e que fazia o que era preciso.

Desde jovem que Dieter tinha a postura fria e ponderada que impunha respeito e até algum temor. Na Sociedade nunca tentou assumir um lugar de destaque, mas rapidamente se tornou claro que ele, por sua natureza e legado, era o verdadeiro líder dos Dragões independente do lugar rotativo de Presidente, que cada membro assumia. Já naquela época, era óbvio que ele assumiria a liderança da Alemanha.

Quando queria algo, revelava o seu verdadeiro magnetismo e irradiava uma paixão que contrastava com a sua moderação habitual, e não deixava ninguém indiferente. Nesses momentos, transformava-se num orador eloquente, capaz de inspirar uma fervorosa adesão, como provou ao longo da campanha que lhe deu a vitória nas eleições. Exercia um fascínio intenso quando discursava. E aqueles que o conheciam mais intimamente também

conheciam sua obstinação, seu espírito combativo e incansável, sua autoridade racional e a fria capacidade analítica com que avaliava tudo.

Dieter baseava as suas ideias numa equação simples: a de que o verdadeiro poder era o dinheiro. Defendia que se dominavam mais pessoas através de meios econômicos do que através de guerras e meios militares. Mas os meios militares eram absolutamente necessários para, depois, manter o controle sobre os indivíduos.

Agora que conquistara a Alemanha, o seu único problema para conseguir a liderança da Europa parecia ser a Inglaterra. Dieter comentou com Halder que havia sempre um maldito inglês para atrapalhar os planos alemães: Hitler tivera Winston Churchill e ele tinha William Temple.

— Algo está errado com Lucrezia — Miguel chamou a atenção dos Guardiões.

Eram quatro da tarde, e estavam todos na sala, exceto Alessia. Durante os últimos dias ela saía logo após o almoço e, por vezes, voltava só depois do jantar. Ninguém fazia comentários e todos respeitavam a sua privacidade. Cada Guardião conhecia bem os votos a que estava sujeito e as regras que não devia infringir.

A sala de estar da casa que todos dividiam, decorada com móveis dos séculos XVII e XVIII, tinha dois ambientes contíguos. O primeiro, com vários sofás e poltronas em tons de bege e verde seco, se ligava à sala de jantar para doze pessoas por uma porta lateral, em cerejeira, vazada por cristais lapidados. O segundo ambiente, onde eles se encontravam naquele momento, tinha uma enorme porta de correr, toda de vidro, com acesso ao jardim externo e que emprestava uma luminosidade intensa àquela área da sala. Os sofás e poltronas em vários tons de amarelo suave, bege e dourado estavam dispostos em U.

— Conseguiu falar com ela? — perguntou Uchoa, sabendo que havia dias que Miguel ligava para Lucrezia e a chamada caía na caixa postal. Ele deixara várias mensagens e ela não lhe retornara. Aquela não era uma atitude normal, pelo menos em relação a ele.

— Não. E isso é suspeito. Ela não ficaria tanto tempo sem me retornar, principalmente depois de termos combinado que nos falaríamos no dia seguinte.

— O que acha que pode ter acontecido? — inquiriu Dib, ocupando uma

das poltronas.

— Não sei. Mas se aconteceu algo, com certeza Dieter saberá — afirmou.

— Tem alguma sugestão? — perguntou Dib, percebendo que ele parecia ter um plano.

— Se você concordar, vou a Berlim falar com Dieter Steinbach.

— Isso vai revelar o nosso interesse em Lucrezia e deixar Dieter de sobreaviso se estiver realmente acontecendo algo com ela — comentou Elizabeth se antecipando à análise de Dib.

— Sim... Mas creio que precisa ser feito — respondeu Miguel. — Não vejo outra solução para localizar Lucrezia.

— Tudo bem — concordou Dib, depois de ponderar por alguns segundos. — Seth vai com você. Ele investigou os Dragões e pode ajudá-lo com Dieter.

— De Payens já deu notícias? — questionou Miguel, sabendo que Dib já tinha se comunicado com Samael

— Não — respondeu Dib.

Tom Hogdson pesquisou tudo o que havia sobre Lucrezia Zani. Tinha acompanhado aquele caso, como tantos outros jornalistas, com interesse profissional, mas agora o seu interesse era pessoal. Aquela mulher, que sobrevivera às balas, só havia sido parada pela força de uma lança que permaneceu no seu coração.

Hogdson era racional e não só gostava de compreender os fenômenos com que se deparava, como também precisava explicá-los aos seus leitores. Como jornalista, tinha uma curiosidade insaciável que o fazia perseguir as histórias até se dar por satisfeito com as explicações. Mas, naquele caso, nada parecia ter lógica. Conhecia bem Matthew Shaw, o responsável pelo núcleo de investigação do fatídico caso dos Anjos Caídos e teve uma longa conversa com ele. Só após confessar a Shaw que acreditava que os reais motivos para Lucrezia cometer os assassinatos estavam além do fato de ser uma assassina em série é que Shaw fez uma revelação horrífica, algo mantido oculto da população e da mídia: Lucrezia havia assassinado um dos guardas da prisão para se alimentar. Shaw confirmou que ela tinha uma compulsão canibalesca já delineada no seu perfil psiquiátrico. Hogdson leu o perfil: algumas notas eram chocantes, e outras, intrigantes.

Quando o psiquiatra perguntou o principal motivo das mortes, Lucrezia respondeu:

— Sobrevivência.

E quando ele quis saber o que isso significava, ela confessou, enigmática:

— Existe um mundo maior... Um mundo, que apesar de invisível para os humanos, comanda todos nós. Eu pertencço a esse mundo e por isso me alimento de almas.

O psiquiatra considerou que ela não estava delirando, mas apenas se divertindo, para evitar abordar as verdadeiras razões da sua compulsão para matar. Obviamente não acreditava em nada do que ela lhe dissera e considerava Lucrezia uma mitômana.

Mas Hogdson começava a acreditar que talvez houvesse algum fundo de verdade nas palavras de Lucrezia, especialmente tendo em conta a estranha forma como ela estava sendo mantida cativa após o incidente de Berlim: não estava morta, apenas paralisada por uma lança no peito.

Hogdson questionou-se por que teriam usado aquela lança e não outra. O que ela teria de especial? Continuou pesquisando, e a lança mais famosa de que ouvira falar era a Lança do Destino. Mas estava novamente mergulhado no reino da especulação. Os últimos relatos sobre o misterioso artefato também eram fantasiosos e remetiam à Segunda Guerra: a lança teria pertencido a Hitler e desaparecido no final da guerra.

Quanto mais Hogdson pesquisava, menos verossímil e racional lhe parecia toda aquela história e o seu contexto se tornava mais macabro. Não sabia o que pensar.

Quando o Anjo Negro se aproximou da mesa que ocupava na Biblioteca para dar um recado de Lúcifer, Daniel percebeu que havia algo errado.

— Lúcifer quer que vá ao jardim do Lago Negro — anunciou, baixinho, a bela figura longilínea de longos cabelos quase brancos e olhos cor de mel.

Daniel seguiu-a até o jardim e percebeu que Lúcifer estava com Samael. A sensação inicial de que havia algo acontecendo acentuou-se. Viu Lúcifer deixar Samael e vir na sua direção:

— Samael veio me visitar — anunciou. — Quer saber como você está. Você o irritou muito com aquele truque: trocar o seu lugar pelo da sua *noiva*, quando sabia que ele não podia tomar a sua vida...

— Achei que ele já estivesse mais calmo — respondeu Daniel.

— Não está — anunciou Lúcifer sorrindo, antes de lhe contar: — E parece que eu o irritei um pouco mais quando disse que você está querendo negociar

comigo para não cumprir o seu contrato aqui...

Daniel semicerrou os olhos e esboçou um sorriso irônico enquanto avaliava o irmão:

— Aconteceu exatamente o contrário: você queria que eu partisse, e eu não quis.

— Detalhes — respondeu Lúcifer divertido, por estar arranjando problemas ao irmão. — Depois que você o enganou, o seu prestígio com ele está muito baixo. Acho que ele não vai acreditar em você.

— E o que ele quer de mim?

— Garantir que você vai ficar aqui.

Daniel baixou o rosto e deu um suspiro, antes de se afastar de Lúcifer para ir ao encontro de Samael. Podia notar o rosto tenso do Anjo, mirando-o, com uma expressão fechada. E, a alguns metros de distância, Lúcifer, divertido, observando a cena do confronto entre Samael e Daniel.

— O que está acontecendo? — questionou Daniel, baixo. — O que está fazendo aqui?

— Agradeça a Dib — respondeu Samael. — Tive que encenar uma fúria contra você e fingir que acredito nas manipulações de Lúcifer para lhe dar um recado: os nazistas estão tentando matar Temple, e Dib quer que você sele o corpo dele.

— Isso significa que os nazistas estão ganhando terreno — disse Daniel.

— Os Guardiões precisam de você — disse Samael. — Sugiro que descubra rapidamente o que precisamos.

Daniel cerrou os olhos com força, pensando, antes de dizer:

— Você precisa voltar aqui. Lúcifer vai desconfiar...

— Eu cuido disso. Vamos seguir o plano. Neste momento, eu só preciso parecer muito furioso com você.

Daniel olhou o Anjo por alguns segundos, antes de voltar as costas e se afastar. Quando passou por Lúcifer, ele disse, sorrindo:

— Não parece que correu bem...

Daniel encarou-o, sério:

— As suas mentiras contribuíram para piorar a minha situação. Era o que queria?

Lúcifer riu, antes de anunciar:

— Sim. Mas, na verdade, parece que correu melhor do que eu esperava.

Hogdson conseguiu finalmente encontrar-se com William Temple. Dirigiu-se ao escritório do premiê e foi recebido por Megan Holmes. Hogdson conhecia melhor Olivia Knill, que secretariava o premiê desde o início da sua carreira política. Megan acompanhou-o até junto do premiê, mas antes de se retirar ainda teve tempo de ver Hogdson abraçar o amigo.

— O que aconteceu com o artigo sobre Dieter Steinbach? — perguntou o primeiro-ministro em voz baixa, depois de terem falado sobre as melhorias do estado de saúde de Joan e as suspeitas de que o segundo atentado havia sido perpetrado pelos alemães, exatamente como o primeiro.

— Tenho uma história bizarra para contar — avisou Hogdson, mantendo o tom confidencial. — Mas precisamos de privacidade.

— Passe lá em casa hoje, às oito — pediu Temple.

Hogdson sabia que o premiê não estava se referindo à sua residência oficial, no nº10 da Downing Street. Joan preferira ficar na casa deles durante o seu período de convalescença.

Mais tarde, na intimidade do escritório particular de Temple, o jornalista falou sobre o envolvimento de Lynn com Dieter, o sequestro, a forma como foi salva e o estranho incidente com a vilã, Lucrezia Zani, a mesma mulher que fizera a Europa tremer assassinado crianças e, na fase final, vários jovens. Falou dos seus instintos canibalescos, da sua fabulosa capacidade de regeneração e da forma como estava sendo mantida em cativeiro: com uma lança no peito, que ele começava a acreditar tratar-se da Lança do Destino.

Temple olhou para o amigo, visivelmente preocupado: fosse lá o que tivesse acontecido, embora ele fosse muito racional, estava certamente delirando. Hogdson percebeu a atitude de Temple, pela forma como franziu ligeiramente a testa para mostrar que não estava acreditando ou concordando com nada do que estava sendo dito.

— Eu sei que pareço delirante e até um pouco insano... Mas você me conhece há anos — disse, bebendo um gole reconfortante do uísque envelhecido que Temple servira aos dois — e sabe que eu sou ponderado e racional.

— Eu sei...

— Mas isto é algo muito maior do que qualquer um de nós.

— Tom, quando buscamos explicações sobrenaturais e não nos apegamos ao que pode ser provado cientificamente, a realidade fica muito confusa. Isso é um caminho perigoso, principalmente para homens com as nossas responsabilidades.

— Estou ciente disso. E sei também que você é como eu: um cético que precisa de provas para acreditar — tirou o celular do bolso e mostrou um filme. — A imagem está péssima porque eu não podia filmar, como é óbvio! Mas acho que você vai compreender do que estou falando...

Temple levou algum tempo vendo o filme com atenção fixa. Parou várias vezes, fez zoom em várias imagens e repetiu várias cenas. Não havia dúvidas: as cenas mostravam uma mulher que parecia se regenerar em minutos, quando devia estar morta. Por fim viu Dieter perfurá-la com a lança e ela tombar no chão, imóvel.

— Compreendo... — disse Temple por fim, vencido pela realidade. Uma realidade inexplicável que desafiava a lógica. — O que você vai fazer com o filme?

— Nada — avaliou, cansado. — Esse filme pode destruir a minha reputação.

— Sim — concordou Temple. — Haveria dúvidas se não seria uma manipulação.

— Mas estou pensando em confrontar Dieter. Apesar de ter dito que não sabia como ela ressuscitara, ele levou a lança. Ele sabia que a lança era a única forma de... — hesitou à procura das palavras — imobilizá-la. Além disso: que lança é aquela?

— Será sábio? — questionou Temple. — Dieter não é confiável. Acredito que ele está por trás das duas tentativas de assassinato contra mim e quase matou a Joan. Sei que... a sua filha está envolvida com ele. Mas foi uma péssima escolha da parte dela — olhou para o amigo, e percebeu o quanto ele estava abatido. — Você precisa separar as duas coisas: Lynn é adulta e fez a escolha dela e você precisa fazer o seu trabalho, Tom. E esse trabalho é denunciar Dieter Steinbach. Precisamos impedir que a Europa caia nas mãos dos nazistas... É o que eles são, Tom. Nazistas!

— Eu sei... — rendeu-se Hogdson.

— Você falou com mais alguém sobre isto?

— Claro que não.

— Então vamos manter assim — pediu o primeiro-ministro, antes de dizer: — Eis o que eu acho: esse incidente com a Lucrezia pode ser uma manobra de distração.

Hogdson calou-se por segundos, pensativo, e depois disse:

— Vou enviar uma cópia de tudo o que pesquisei, inclusive deste filme, para você arquivar.

— Está bem — concordou Temple, consciente de que Hogdson estava lhe enviando cópias dos arquivos por uma questão de segurança. — Mas precisamos publicar o perfil de Dieter, para começar a minar a liderança alemã. Ele já ganhou as eleições. Estamos perdendo um tempo precioso — enfatizou, querendo que o amigo voltasse o foco para a realidade e esquecesse aquelas bobagens sobrenaturais, que certamente teriam uma explicação.

Lúcifer havia convidado Daniel para visitar a Sala do Trono várias vezes. Gostava de mostrar o lugar de onde comandava os seus exércitos. Era ali que passava muito do seu tempo, recebendo anjos e mensageiros, e arquitetando os seus planos maquiavélicos. Seria lógico que as almas aprisionadas estivessem nas proximidades da Sala e dos aposentos ocupados por Lúcifer.

A primeira vez que Daniel entrou na Sala do Trono, analisou o espaço amplo, o altar, alguns objetos mágicos, o chão marcado de vários símbolos de poder e o impressionante trono negro de Lúcifer. Daniel percebeu que a sala tinha duas portas — uma em frente da outra. Talvez uma delas conduzisse à sala que buscava. Mas não havia como entrar na Sala do Trono. Aquele era o lugar mais bem guardado do submundo, porque além de ser o centro do poder, era através dele que Lúcifer entrava nos seus quartos e salas.

Daniel ficou atento à rotina do irmão. Lúcifer tinha o hábito de sair de manhã. Atravessava os jardins em direção ao grande portão de metal negro, que separava aquela área do resto do submundo, e desaparecia durante várias horas.

Daniel decidiu aproveitar a ausência do irmão para assumir a sua identidade e entrar na Sala do Trono. Tinha observado o seu jeito de entrar na sala, sem olhar para os guardas, com a cabeça ligeiramente inclinada para o lado. Daniel percebera que Lúcifer usava aquele ângulo estranho para melhorar a capacidade de visão da sua esmeralda danificada. Não podia errar quando passasse pelos guardas, nem podia ser descoberto por Lúcifer enquanto estivesse nos seus aposentos. Tinha que ser rápido. Os riscos que estava correndo eram enormes, principalmente porque estava pondo em causa a única chance de resgatar as almas.

Controlou a tensão que sentiu se acumulando nos ombros ao atravessar o corredor. Inclinou ligeiramente a cabeça para passar pelos guardas e respirou fundo, aliviado, quando se viu sozinho na Sala do Trono. Foi para a porta da

esquerda: eram os aposentos de Lúcifer. Inspeccionou as várias salas luxuosamente decoradas com todo o tipo de arte, livros e instrumentos musicais, mas não achou o que buscava. Voltou para a Sala do Trono e, desta vez, foi pela porta da direita: havia um corredor com várias portas e uma escada. Abriu as portas, enquanto ia passando, mas eram apenas diferentes aposentos magníficos que davam continuidade aos aposentos privados de Lúcifer. Daniel percebeu que não teria tempo para continuar a sua busca. Era muito arriscado. Teria que voltar. Passou novamente pelos guardas e, quando virou no corredor à direita, em direção à Biblioteca, viu Lúcifer, voltando do seu passeio matinal. Daniel sentiu um tremor: se tivesse demorado um minuto a mais, Lúcifer tê-lo-ia encontrado nos seus aposentos. Mas não podia permitir que Lúcifer fosse para a Sala do Trono: ele acabara de sair de lá segundos antes.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Lúcifer.

— Ia ver se você estava, mas desisti da ideia — mentiu. Lúcifer fixou o olhar ferino em Daniel: não estava convencido das intenções de Daniel quando decidira acompanhá-lo de volta ao submundo. Quem se submeteria a uma prisão voluntária? Devia haver uma razão oculta, uma razão maior do que o seu desejo de acertar contas com Samael.

— Por que ia ver-me? E por que mudou de ideia?

Daniel baixou o rosto, por um instante, como se estivesse hesitante. Lúcifer ficou imediatamente curioso com a atitude do irmão. Os seus olhos brilharam.

— O que é, Daniel? — insistiu Lúcifer.

— Você pode vir comigo à Biblioteca um segundo? — pediu, recorrendo a um subterfúgio para afastar o irmão da Sala do Trono. De qualquer modo, Daniel já tinha planejado falar com Lúcifer, e a situação delicada em que se encontrava, naquele momento, fê-lo antecipar a conversa.

Lúcifer seguiu-o sem dizer uma palavra. Daniel dirigiu-se a uma das estantes e tirou de lá um enorme livro: uma cópia do Códex Giga que havia encontrado dias antes. Lúcifer sorriu assim que viu o livro, e o gesto não passou despercebido a Daniel. Colocou o imenso livro de setenta e cinco quilos sobre a mesa e abriu-o.

— Este é o Códex original, não é? — perguntou Daniel.

— Sim.

— Existem várias diferenças. Este ritual... — disse apontando para as páginas que haviam desaparecido da cópia, que estava na Terra — diz

diretamente respeito aos Guardiões. Na cópia, o ritual não é muito claro e envolve uma pitonisa.

— O verdadeiro ritual é esse. E envolve dois Guardiões, mas os resultados são muito mais poderosos se a Guardiã for uma pitonisa — explicou Lúcifer, observando Daniel atentamente. — E se você o leu, já sabe o seu real significado e, também, o perigo. Algumas das regras a que os Guardiões estão submetidos são para evitar que aconteça o que está descrito nessas páginas.

Daniel sabia que não podia confiar em Lúcifer, mas se tudo o que estava escrito ali fosse verdadeiro, Daniel entendia por que ficara oculto. Além disso, ali estava revelado o segredo sobre a existência dos Guardiões.

— Foi você que alterou a cópia? — perguntou Daniel.

— Tive que alterar, Daniel... — confessou Lúcifer. — Já imaginou o que aconteceria se os Guardiões soubessem o que está nessas páginas? — fez uma pausa, antes de resumir: — Esse ritual permite que os Guardiões tenham filhos e rompam a regra da castidade em circunstâncias muito especiais.

— E por que deixou que eu soubesse disso agora? — perguntou Daniel, desconfiado das intenções de Lúcifer.

— Não era esse o conhecimento que procurava? Ele lhe permite *ficar* com a sua *noiva* — mencionou Lúcifer com ligeira ironia. Falar de Elizabeth irritava-o, depois que ela conseguira distinguir os dois, ao escolher Daniel.

— Responda à minha pergunta, Lux — pediu Daniel.

Ele baixou o rosto, por um instante, sorrindo de modo enigmático, e quando voltou a encarar Daniel revelou as suas intenções:

— A proibição dos Guardiões terem filhos tem a ver com o poder que eles teriam. Se você e Elizabeth tiverem um filho, ele será um dos seres mais poderosos da face da Terra... Sem a Consagração. E com a Consagração talvez seja até mais poderoso que você... — insinuou, para provocá-lo, mesmo sabendo que aquilo não era possível. Ninguém conhecia os verdadeiros poderes de Daniel. Ele sempre teve o cuidado de não os revelar. Daniel continuava sendo uma incógnita.

— Isso não vai acontecer! — interrompeu Daniel, rejeitando a ideia.

Lúcifer continuou olhando para ele, mantendo o sorriso no rosto, sem se abalar com a atitude do irmão. Daniel rejeitava a ideia de ter um filho com Elizabeth, mas essa também não era a ideia que Lúcifer tinha em mente. Ele queria apenas que Daniel e Elizabeth se tornassem íntimos, para que não suspeitassem quando ela engravidasse de Lúcifer. Esse era o seu plano: ter

um filho de Elizabeth. E esse filho cresceria entre Guardiões e conheceria todos os seus segredos, permitindo que Lúcifer os destruísse. Os Guardiões imiscuíam-se nos seus planos há séculos e aquilo precisava acabar. Elizabeth era um meio para ele se vingar de Daniel e dos Guardiões. Mas, antes, Lúcifer tinha que saber como Elizabeth havia descoberto a diferença entre eles. Depois seria fácil enganá-la e se fazer passar pelo irmão.

— Se você o diz... — respondeu Lúcifer, fazendo um gesto com a mão aberta, como se estivesse desistindo da conversa. Mas Daniel pressentia que algo estava errado.

— E o que você ganha ao mostrar-me o ritual? Qual o seu interesse num... filho meu e de Elizabeth? — insistiu Daniel.

— Ele poderia mudar o mundo. E nós — apontou com o indicador para Daniel e depois para si mesmo: — poderíamos nos unir e ter tudo o que jamais ousamos sonhar.

Daniel não respondeu. Observou atentamente Lúcifer e sabia que as palavras dele não tinham lógica: não fazia sentido que ele quisesse que Elizabeth e Daniel tivessem um filho. Algo não batia, e Daniel não sabia o que era, mas descobriria. Lúcifer devia ter algum objetivo oculto, algum esquema maquiavélico que envolvesse um filho dos Guardiões.

— Lux... — disse Daniel, apontando para o livro e mudando de assunto antes que o irmão percebesse as suas dúvidas — os rituais que estão aqui, para destruir um Anjo Negro, também são verdadeiros? Na cópia só há exorcismos, encantamentos, feitiços...

Daniel percebeu os olhos de Lúcifer escurecerem. Viu a ira passar pelo seu olhar.

— Não sei — mentiu devagar, furioso por ter deixado escapar aquilo. Ninguém sabia da existência daquelas folhas adicionais. Depois de saber da relação entre Elizabeth e o irmão e ter traçado planos para ela, ordenara que um dos seus Anjos Negros colocasse o livro de modo a que Daniel o encontrasse, mas esquecera de mencionar que as folhas finais, contendo notas sobre os Anjos Negros, deviam ser arrancadas. Agora Daniel possuía um conhecimento precioso que facilitava a destruição dos Anjos Negros, um conhecimento que Lúcifer encobria há milênios.

— Não se preocupe, Lux. Com exceção do rito dos Guardiões, que você tão bem guardou e agora me revelou tão generosamente, todo o resto eu já sabia — afirmou, pensando em alguns dos conhecimentos que conseguira por meio da Laranja Dourada. Pela primeira vez reconheceu abertamente: — Eu

tenho dons e conhecimentos especiais. Paralisei Lucrezia, um dos seus anjos mais antigos, e só não a destruí porque não queria que os Guardiões descobrissem a minha verdadeira identidade. Teria sido muito difícil explicar, naquele momento, como eu tinha todo aquele conhecimento, que não estava escrito em lado algum.

— Lucrezia pertence a uma categoria de anjos diferente — afirmou Lúcifer.

— Sim... Mas eu também posso destruí-la — Daniel continuou explicando com segurança. — Destruí todos os Anjos Negros que enfrentei. Mas você sabe isso.

— Agora compreendo por que as suas grandes destruições sempre acontecem quando está sozinho. Na presença dos Guardiões você sempre foi comedido, controlado — sorriu com ironia, antes de concluir: — Você nunca quis revelar a sua identidade e poder.

— Sim — reconheceu. — Porém, isso vai mudar. Os Guardiões já sabem quem eu sou. Não preciso mais me conter — avisou, dando a entender que as suas brigas seriam elevadas para um patamar mais intenso.

— Nem eu — respondeu Lúcifer, com uma expressão séria no rosto, deixando transparecer a ameaça que pairava no seu olhar frio.

— Além do Códex, queria também pedir para ver Elizabeth.

Lúcifer olhou-o por um segundo, surpreso com aquela segunda mudança brusca da conversa, e soltou uma gargalhada.

— Você é um prisioneiro, Daniel — lembrou, quando controlou o riso.

— Sim... Um prisioneiro voluntário. Suponho que possa fazer algumas concessões.

O pedido de Daniel era favorável aos planos de Lúcifer: quanto maior a proximidade com Elizabeth, menos Daniel seria capaz de resistir. Ele estava apaixonado e em breve cederia ao desejo e à tentação. Depois disso, Lúcifer poderia possuir Elizabeth, passando-se por Daniel, e ele jamais duvidaria que não fosse o pai da criança. Fingiu pensar alguns segundos, antes de concordar, com ar displicente:

— Claro.

— Uso o portal da Sala do Trono? — perguntou naturalmente. Haviam usado aquele para visitarem Elizabeth e os Guardiões.

— Sim. Venha comigo — convidou Lúcifer.

— Vou mais tarde — respondeu, dando uma rápida mirada no seu relógio de pulso. A noção de tempo ali era difusa: horas podiam parecer dias ou

minutos. Para evitar surpresas, Daniel passou a usar o seu relógio de pulso.

Dieter estava irritado: Rudolf Halder acabara de informá-lo sobre a longa relação de amizade entre William Temple e Tom Hogdson, dois dos seus opositores. Eles eram amigos desde os tempos da faculdade, segundo as informações do agente infiltrado entre os ingleses. E aquilo não era segredo.

Dieter levou alguns segundos para se acalmar, e Halder mostrou o verdadeiro objetivo da sua visita matinal: tirou o jornal inglês *The World* do saco de papel e colocou-o sobre a mesa, com a primeira página virada para cima.

Dieter viu sua foto e começou a ler o artigo. Os primeiros dois parágrafos eram generalistas e informativos, anunciavam a sua vitória e falavam dos novos rumos esperados para a Alemanha. Mas, a partir do terceiro, o autor, que não era outro senão Tom Hogdson, falava da ligação de Dieter com um poderoso grupo econômico, que tinha aumentado seus lucros milionários com a crise. Hogdson analisava friamente a atuação do ministro das finanças alemão, que continuaria no governo, e a atuação do partido de Dieter nos últimos anos, e mostrou que a Alemanha estava se preparando para o controle da Europa. Do ponto de vista político, Hogdson anunciou que eram esperadas medidas de direita cada vez mais duras, até porque Dieter Steinbach sempre fez questão de revelar que era de direita, defendia valores muito conservadores e era contra a imigração.

Ao terminar a leitura, Dieter deixara de estar irritado para ficar totalmente furioso. Aquele artigo teria repercussões e ia agitar os meios políticos, não apenas da Alemanha.

— Não é que seja mentira, mas é a forma como Hogdson escreveu, insinuando que sou o arquiteto da crise para fragilizar a Europa e ganhar com isso — disse com ironia, apontando para o jornal com o indicador. — O público não pode saber disso. Preciso dar uma coletiva de imprensa e revelar a verdade... Criar um novo fato para abafar este.

— Não acha melhor seguirmos o planejamento e esperarmos alguns dias?

— Não — disse peremptório. — Vamos acabar com isto, principalmente agora que sabemos que Temple e Hogdson estão alinhados.

— Vou contatar de novo Oliver Bassan, para eliminar de vez o *obstáculo*.

— Não.

— Não? — admirou-se Halder.

— Não podemos correr o risco de falhar novamente. Cada vez que falhamos Temple torna-se mais forte ao olhar dos eleitores. Foi um erro tentar matá-lo uma segunda vez, e o fato de a mulher ter sido atingida lhe angariou muita simpatia.

— O que pretende fazer?

Dieter sorriu. Semicerrou os olhos frios e fixou-os em Halder. Havia pensado bastante no assunto, antes de tomar aquela decisão.

— Destruir a coisa mais preciosa que um homem pode ter: a sua reputação.

Halder sacudiu a cabeça suavemente, sorrindo também. Aquilo seria perfeito.

— O que tem em mente?

— Basta ligar Temple a um dos nossos grupos e mostrar que ele foi um dos grandes beneficiários da crise — dirigiu-se ao escritório e abriu o cofre oculto atrás do quadro de Rembrandt. Tirou de lá um envelope branco e entregou-o a Halder. — Aqui estão os detalhes do que precisa ser feito. Use os infiltrados que tem e dê o mínimo de informação a cada um.

Halder compreendeu as ordens de Dieter: ele não queria que ninguém tivesse um panorama completo do que estava sendo feito. Olhou para a folha e viu tudo o que Dieter planejara. Ele era detalhista e assinalara quais as ações das empresas e quais os bens que deviam passar para o nome do premiê inglês e, também, dos seus filhos.

— Faça dele um homem rico — disse Dieter, disposto a sacrificar milhões da fortuna do grupo para destruir o seu maior inimigo na Europa.

— Vai informar o Conselho sobre isto? — perguntou Halder.

— Depois que estiver resolvido — disse Dieter, cada vez mais sigiloso em suas ações.

— Precisamos da autorização dos outros para movimentar bens — comentou Halder.

Dieter entregou um segundo envelope e disse:

— Os códigos que vai precisar para acessar as contas e a minha autorização — fez uma pausa, e enfatizou: — Depois precisamos apagar os rastros eletrônicos dessa operação.

Ele fez um aceno com a cabeça concordando, antes de perguntar:

— E Tom Hogdson?

— Vou destruí-lo através de Lynn se ele continuar escrevendo sobre mim — comunicou com frieza, sem mostrar qualquer sinal de simpatia por Hogdson.

— Em breve todos vão escrever sobre você, Dieter — afirmou Halder.

— Não. Em breve ninguém se atreverá a escrever sobre mim! — virou o rosto sério e decidido para Halder, antes de dizer: — Lynn volta amanhã para Berlim. Mande alguém buscá-la no aeroporto e leve-a diretamente para o meu apartamento na cidade.

— Ela vai morar com você? — perguntou Halder.

— Sim — disse Dieter, depois de olhar fixamente para o amigo por alguns segundos.

— E quando decidiu isso? — Halder questionava-o com cuidado, evitando irritar Dieter naquele momento. Sabia que Lynn estava se tornando emocionalmente importante para ele, mas também se transformara num trunfo político contra o pai, Tom Hogdson.

— Agora.

— Não está se precipitando?

— Não... Eu quero Lynn ao meu lado e se isso for péssimo para Hogdson, é uma ótima situação, não concorda?

— Concordo... — disse Halder, baixando a cabeça, pensativo. Apesar dos argumentos de Dieter, ele estava se afastando dos planos originais e isso não era algo que agradasse ao general. Ele preferia evitar os improvisos.

Assim que ele atravessou o espelho, Elizabeth reconheceu-o. Depois que percebera a diferença entre eles, ela tornara-se tão óbvia que não era possível escamoteá-la. Atirou-se nos braços dele, sem temores ou dúvidas. A sombra negra que havia pairado sobre o relacionamento deles tinha desaparecido.

Na Sala do Trono, Lúcifer acompanhava atentamente a cena. Quando Daniel atravessou o portal, Lúcifer manteve-o aberto para ver o encontro entre Daniel e Elizabeth. Dos sete portais, aquele era o único que podia ficar aberto e refletir o que estava acontecendo: as imagens surgiam no espelho como um filme. Lúcifer seguia os gestos do irmão como um estudante aplicado, para evitar erros quando voltasse a encontrar-se com Elizabeth.

Daniel afastou-se um pouco dela e segurou seu rosto com as duas mãos para vê-la melhor. Aqueles meses longe dela, temendo que ela se envolvesse com Lúcifer, pertenciam ao passado. Ela voltara a ser a sua Elizabeth. Beijou-a na face, com ternura, antes de dizer:

— Preciso falar com Dib. Sabe onde ele está?

— No escritório — ela informou.

— Você pode esperar aqui por mim? — pediu. Ele queria estar com ela, mas a sua presença ali tinha outra razão: precisava fazer o encantamento para proteger o corpo de William Temple contra qualquer derramamento de sangue. Daniel não podia praticar aquele ritual no submundo, onde os seus poderes estavam diminuídos, devido à energia negra do lugar.

Ela aquiesceu com a cabeça e sentou-se na poltrona, esperando calmamente que ele retornasse. Trinta minutos depois Daniel voltou.

Elizabeth levantou-se assim que ele entrou no quarto e abraçou-o.

— Estava com tanta saudade — disse, com o rosto afundado na curva do pescoço dele.

Daniel sorriu, antes de perguntar, com o rosto tão próximo do dela que podia sentir o seu hálito refrescante:

— Como soube que era eu?

— Pelos olhos — respondeu baixinho.

— São iguais. Exatamente iguais — argumentou Daniel.

Lúcifer, sentado no seu trono negro, inclinou-se para diante, com um interesse vivo, aguardando a resposta dela. Havia esperado ansiosamente por aquele momento.

— Não — rejeitou, antes de explicar. — Os seus têm uma doçura no fundo... É uma luz que vem direto daqui — pôs a mão sobre o coração dele. — E isso não é possível igualar.

— Você não pode falar sobre isso com ninguém. Ninguém — disse Daniel, percebendo que a ternura que sentia por ela é que estava visível no seu semblante. Era uma ternura que ele quase perdera nas batalhas contra o irmão e seus soldados maléficos, mas ela resgatara.

— Por quê? Ele não pode imitar isso...

— Se ele souber como é que você nos distingue, ele pode imitar isso — segurou o rosto dela e disse baixinho: — É uma expressão no olhar.

— Mas não é uma expressão qualquer, Daniel — percebeu que ele estava preocupado e tentou serená-lo. — Eu sei a diferença. Além disso, existem as cicatrizes...

— Mesmo assim — interrompeu, pedindo —, não comente com ninguém.

— Não vou comentar — concordou, antes de perguntar. — Por que nunca disse que Lúcifer era seu irmão?

— Não é algo que se diga. Por vezes é... doloroso — respondeu sério, sem revelar que a sua ligação gemelar com Lúcifer tinha um preço muito elevado. O fato de serem irmãos ocultava uma realidade ainda pior, mais terrível.

Ficaram se olhando intensamente, e ele sentiu o desejo latejando no seu corpo. Apertou-a contra o peito, antes de beijá-la com sensualidade.

— Preciso retornar — avisou Daniel para evitar perder-se nos braços dela.

— Quando você volta?

— Não sei. Mas não esqueça o que eu disse — lembrou, segurando-a ainda pela cintura e acariciando docemente o rosto dela.

— Não esqueço — confirmou, sabendo da preocupação de Daniel com o fato de Lúcifer poder assumir a identidade dele para se aproximar dela, como já havia feito.

Daniel encostou os lábios na pele acetinada dela e segredou, antes de partir:

— Eu amo você.

18. A Noite Vermelha

Aqueles que não conhecem a história estão fadados a repeti-la.

Edmund Burke (1729-1797)

Oliver Bassan continuava lutando para aceitar todas as revelações de Alessia, mas a forma segura e detalhada com que ela falava sobre o assunto parecia convencê-lo aos poucos. Agora entendia o aviso dela, de que nada voltaria a ser o mesmo, depois de escutar as histórias que ela tinha para contar. Aquele novo mundo mágico desafiava a racionalidade que pautara toda a sua vida.

Eles se encontravam diariamente e a intensidade crescente do seu relacionamento não deixava dúvidas sobre a intenção de permanecerem juntos. O único problema, que era também incontornável, era a condição de Alessia enquanto Guardiã. Ao contrário de Arturo, ela temia abandonar o seu estado de imortalidade e estava consciente dos riscos que corria quando se submetesse à Consagração seguinte. Também sentia que a sua energia era afetada pela relação com Oliver: os seus sentidos e percepções não eram tão claros como antes. E sabia que a mudança do seu padrão de energia era perceptível para todos, por isso decidiu falar com os Guardiões e explicar o que estava acontecendo.

Dib marcou a reunião na Biblioteca da Ordem, para atender ao pedido de Alessia. Quando todos se sentaram, ela confessou, com tranquilidade, indo direto ao ponto:

— Eu preciso comunicar algo pessoal e que tem impacto na Ordem: eu me

apaixonei.

Apesar de todos já terem sentido as mudanças na energia de Alessia e perceberem que algo havia acontecido, a revelação foi uma surpresa.

Elizabeth achou que ela estava sendo muito corajosa. Quisera ter tido a coragem dela e dizer a todos que estava apaixonada por Daniel.

— E foi por isso que quebrei as minhas regras de castidade — continuou explicando, ao mesmo tempo em que encarava os Guardiões com o olhar límpido, sem temor, escudada pela força do amor que sentia por Oliver.

— Isso é... muito importante, Alessia — afirmou Dib, surpreso. — Vai deixar a Ordem?

— Não sei o que fazer, mas creio que deixar a Ordem é a coisa certa — hesitou um pouco, antes de dizer: — Preciso pensar antes de decidir, se você concordar, Dib.

Ele anuiu com a cabeça. Não podia perder mais nenhum guardião, mas também não podia apoiá-la abertamente porque ela infringira as regras. Não entendia o que estava acontecendo com os Guardiões: desde a morte de Arturo tudo parecia estar se desmoronando. Ansiava pelo retorno de Daniel. Perguntou, apenas para confirmar as suas suspeitas:

— Podemos saber quem é?

— Oliver Bassan — respondeu, percebendo um sorriso de cumplicidade da parte de Miguel Besson. Quando ela disse que estava apaixonada, ele já sabia que se tratava de Oliver. Era evidente a atração dos dois desde que haviam se conhecido.

Todos recordavam que Elizabeth mencionara a importância de Oliver para a Ordem, na época em que ele a sequestrara. E, perante aquele novo evento, a premonição de Elizabeth estava se confirmando e talvez aquela fosse a participação de Oliver.

— Alessia, deixar a Ordem é um passo definitivo — disse Uchoa. — Pense bem. Lembre-se de Arturo e como tudo foi tão rápido...

— Eu sei — respondeu. Depois de estar nos braços de Oliver, mesmo sabendo que estava traindo os princípios da Ordem, não conseguia deixar de pensar em Arturo: trocar a eternidade pelo amor parecia a decisão certa, por muitos temores que tivesse.

Dieter tinha bem vívida a memória do dia em descobriu a verdade sobre a sua identidade. Dois dias após completar quinze anos, o pai chamou-o à sala,

onde era aguardado por um homem de cabelos brancos. Thomas Lang tinha setenta e dois anos e a sua idade física era desmentida pelos gestos vibrantes. Percebia-se que era um homem de convicções fortes e apaixonadas, daqueles que dedicam a vida a um ideal.

Lang explicou-lhe que era o líder do Dragão Verde, uma poderosa sociedade secreta com um plano político ambicioso. Eles pretendiam alargar o território alemão e transformar a Europa multirracional numa Europa ariana. Fundamentavam as suas pretensões de expansão territorial no conceito de *Lebensraum*, a ideia de *espaço vital* usada por Hitler décadas antes para justificar a invasão e anexação dos países europeus. Esse ideal da raça e conquistas arianas, explicara Lang, estivera próximo de se concretizar com o Terceiro Reich, mas a Alemanha perdera a guerra. No entanto, estava se aproximando o momento da Alemanha se tornar de novo poderosa, desta vez sem erros. Para isso era necessário um líder forte, que assumisse o Quarto Reich. E Lang informou-o que ele seria esse líder, revelando o porquê.

A partir daquele momento, Dieter abraçou o papel que lhe havia sido destinado, acreditando no seu valor para a história alemã. O verdadeiro segredo da Sociedade do Dragão Verde era Dieter Steinbach. E era esse segredo que ele ia expor, apesar da apreensão de alguns membros da Sociedade que o aconselharam a solidificar a sua liderança no governo, antes da bombástica revelação. Mas Dieter já se decidira.

Apareceu na televisão, irrepreensível e elegante. Assim que começou a falar, o seu carisma magnetizante teve um efeito hipnótico sobre a população que acompanhava atentamente a primeira intervenção oficial do seu chanceler. Dieter representava a extrema-direita, mas só agora iria assumir todos os princípios neonazistas, que haviam sido banidos da Alemanha desde a final da Segunda Guerra. Ele falou da crise, do desemprego, da violência e da imigração não apenas na Alemanha, mas em toda a Europa. Afirmou que iria tomar medidas para resolver todos aqueles problemas, como havia prometido na campanha. Mas o que realmente pretendia revelar naquela noite era algo muito pessoal. Todos estavam suspensos nas palavras dele, e a audiência não parava de aumentar. E o que Dieter tinha para revelar dizia respeito às suas origens, mantidas ocultas para sua própria segurança. Disse, fixando a câmara, como se estivesse olhando para cada um dos que o estavam vendo e escutando:

— Eu sou neto de Adolf Hitler e Geli Raubal.

Quando terminou a frase, fez uma pausa estudada. O país inteiro manteve-

se em silêncio, acompanhando o silêncio dele. Estavam fascinados com Dieter e a sua tremenda coragem ao revelar que não era apenas neto do homem responsável pela Segunda Guerra, como também era fruto de uma relação incestuosa entre Hitler e sua sobrinha Geli, a grande paixão do avô.

Aquela revelação chocante mostrou a verdadeira força de Dieter Steinbach e, naquele momento, embora o neonazismo já tivesse muitos seguidores, na sua maioria silenciosos, consolidou-se a certeza de que chegara o momento da Alemanha reivindicar o seu papel na história. E essa certeza surgiu sem esforço, embasada na identidade de Dieter. Ele era o *herdeiro natural* do poder.

Quando Dieter voltou a falar, fez outra afirmação surpreendente:

— Tenho grandes planos para a Alemanha. Nós somos o Quarto Reich — fixou de novo a câmera, com o seu olhar intenso, que parecia fazê-lo sair da tela diretamente para dentro da sala de estar das pessoas, e deu um sorriso breve, que mostrava uma linha fina de dentes alvos e perfeitos — Conto com vocês, meus irmãos de sangue.

Tom Hogdson terminou o dia com uma desagradável surpresa. Estava chocado, assim como o resto do mundo, com a revelação sobre a ascendência de Dieter e a sua clara intenção de formar o Quarto Reich. Politicamente aquilo significava a ascensão do neonazismo, que precisava ser travado de imediato. Pessoalmente, significa que a sua filha estava vivendo com o neto de Hitler, e que ele seguia as passadas do avô. Desde que ela voltara para Berlim que estava morando com ele. Mas aquilo não era tudo.

O celular tocou, arrancando-o dos seus pensamentos lúgubres. Hogdson atendeu de modo automático, aliviado por se tratar de Temple: talvez ele fosse a única pessoa que compreenderia a profundidade do seu sofrimento naquele instante.

— Você viu a intervenção? — perguntou Hogdson, referindo-se ao discurso de Dieter, antes que Temple falasse.

— É de arrepiar! — confirmou Temple.

— E Lynn está grávida! — rematou Hogdson com a voz cansada, como se o mundo tivesse desabado sobre ele. Naquele contexto, a gravidez de Lynn era terrível.

— O quê? — perguntou Temple, surpreso, sentindo uma onda súbita de simpatia pelo amigo. Não conseguia imaginar o que ele estava passando.

Tinha telefonado para trocar algumas ideias sobre Dieter, mas o problema do amigo havia dominado a conversa.

— Ela ligou esta manhã para dizer que está grávida de um mês. Não sei o que fazer.

Temple ficou em silêncio por alguns segundos, pensativo, antes de aconselhar:

— Fique do lado dela. Não critique, não se oponha... Não faça nada! Porque ele vai usar Lynn para atingir você.

— Ela está totalmente apaixonada por aquele monstro — disse Hogdson, desgostoso.

— Precisa convencê-la a voltar para a Inglaterra.

— Eu sei, mas vai ser difícil — respondeu Hogdson. — Além disso, precisamos nos preparar para o pior. Estamos vendo o ressurgimento do neonazismo por toda a Europa. A crise é propícia a isso... E agora eles têm um líder.

— Eles alimentaram a crise, porque tinham um líder — concluiu Temple, invertendo a ordem dos acontecimentos. Agora tudo era tão claro que não entendia como aquilo lhe podia ter escapado. — E não é um líder qualquer.

— Não — concordou Hogdson. — É o legítimo herdeiro do legado nazista.

— Estamos todos preocupados. Eu vou ter uma reunião emergencial em Paris, com alguns chefes de estado. Mas vamos manter isto confidencial — pediu Temple ao amigo. — Eu falo com você quando voltar, depois de amanhã.

Quando se despediram, nenhum dos dois imaginava quão terrível seria aquela noite, e o impacto que ela teria para a democracia.

Dieter observou Lynn dormindo ao seu lado e abraçou-a com ternura. A gravidez dela foi inesperada, mas deixou-o feliz por perceber que a sua vida estava se tornando muito melhor do que planejava: era o líder da Alemanha, seria pai de novo e estava encantado com Lynn. Embora o relacionamento deles fosse muito recente, Dieter queria legitimar a relação com ela, ao casar e torná-la pública, mas precisava esperar alguns dias para que todos assimilassem quem ele era. Desistiu de parecer um misógino, como o avô. Aquela imagem servira ao seu propósito durante a eleição, mostrando-o como um homem dedicado à Alemanha. Agora, a presença de Lynn contribuiria

para humanizá-lo junto aos apoiantes.

Assumir a sua genealogia e constituir uma família seriam as únicas revelações que ele pretendia dividir com o público. Jamais revelaria que o sombrio segredo sobre a sua existência e a do seu pai, guardado desde o final da década de 1930, provocou a morte de muita gente ao longo de setenta anos, inclusive da sua avó Geli e da sua mulher Helen.

Apesar de Geli ter sido a verdadeira paixão de Hitler, foi assassinada quando ameaçou contar ao mundo que tinha um filho dele. A história posterior, sobre uma suposta paixão de Geli pelo motorista, que teria levado ao suicídio dela, era totalmente falsa e servira para justificar e camuflar o assassinato dela, perpetrado por um dos acólitos de Hitler. Por questões de segurança, Hitler estava distante do seu apartamento no momento em que Geli foi morta com a pistola do tio, para reforçar a ideia de suicídio. O trágico foi que ela levou duas horas para morrer. Hitler tinha ficado completamente fora de si com o sofrimento desnecessário infligido a Geli e não hesitou em mandar fuzilar o responsável pelo assassinato.

Depois disso, foi criado o grupo especial *Stille Hilfe* com a principal missão de proteger o filho de Hitler e, muitos anos depois, o seu neto, ambos herdeiros do legado ariano. Agora, também ele teria um herdeiro e o mesmo grupo que o mantivera em segurança protegeria o seu filho. E tudo o que Dieter desejava era que esta nova criança fosse diferente de Peter.

Os objetivos de Dieter eram claros: politicamente, precisava conquistar a Europa e, pessoalmente, tinha que proteger Lynn e o seu filho. Ela queria terminar a faculdade e, embora isso não agradasse a Dieter, ele acabou concordando depois de avisá-la que colocaria dois seguranças para garantir a proteção dela. Após o seu sequestro por Lucrezia, Dieter tinha a desculpa perfeita para controlar Lynn em todos os momentos, afirmando que a estava protegendo e mascarando, assim, a sua verdadeira face possessiva e controladora.

Naquela noite, enquanto Dieter dormia abraçado a Lynn, um rio de sangue correu silenciosamente por toda a Alemanha, levando consigo todos os inimigos do estado neonazista que haviam sido identificados. Por isso, aquela noite ficou conhecida como a Noite Vermelha, em referência ao sangue derramado. Centenas de pessoas foram executadas com um tiro na cabeça, em uma megaoperação que não deixava dúvidas sobre a eficácia e magnitude dos militares que serviam a Dieter. Rudolf Halder assumira as Forças Armadas. O Exército, a Marinha e a Aeronáutica estavam sob o seu comando

implacável.

Naquela noite terrível, foram assassinados mais de dois mil homens e mulheres que, em algum momento, se posicionaram contra o nazismo, Dieter ou a ascensão do Quarto Reich. As ruas se tingiram de sangue e as vozes dissonantes foram silenciadas. O medo se instalou. Os opositores do nazismo na Europa tremeram perante a comprovada ameaça que o Quarto Reich representava ainda nos seus dias iniciais. Dieter estava repetindo os passos do avô, mas com uma eficácia que Hitler jamais alcançara, mesmo nos seus dias de glória. A Europa estava começando a acreditar que, em breve, os alemães iniciariam as invasões a outros países, para atender aos desejos de expandir o seu *espaço vital*, conquistando territórios.

Miguel e Seth chegaram a Berlim após a fatídica Noite Vermelha, com o objetivo de descobrirem o paradeiro de Lucrezia. Acreditavam que ela era a força por trás do poder de Dieter Steinbach.

Era visível a tensão na capital alemã, e muitos dos que haviam votado em Dieter foram surpreendidos por suas revelações e atitudes. Desejavam uma Alemanha mais forte, mas não por aquele preço terrível do ressurgimento do nazismo. Foi como se tivessem estado com os olhos vendados, e de repente a venda caísse. No entanto, os jovens estavam dominados por um entusiasmo febril e espalhavam-se pelas ruas, ignorando as tristes lições da história e os horrores da Segunda Guerra.

Porém, o mais espantoso eram os outdoors e as bandeiras estrategicamente posicionadas com os símbolos e as cores negras, vermelhas e brancas do partido nazista. Em uma noite, a temida suástica ressurgia nas ruas, e os soldados negros caminhavam pelas principais cidades alemãs em pequenos grupos, com seus rostos perfeitos e sérios, representando a Nova Ordem.

Miguel e Seth trocaram alguns olhares de cumplicidade, em silêncio, durante o percurso do aeroporto ao hotel. Perceberam que o taxista, um senhor de sessenta anos, estava nervoso, observando tudo atentamente, sem pronunciar uma única palavra. O medo era palpável.

Miguel e Seth sabiam que o acesso a Dieter seria difícil e ele estava rodeado de medidas de segurança. Por isso haviam solicitado previamente uma reunião, sabendo que ele concordaria assim que soubesse que o assunto era Lucrezia Zani. E, tal como haviam previsto, Dieter marcou a reunião, que aconteceria às duas da tarde daquele dia.

As instalações de Dieter estavam cercadas de soldados. Miguel e Seth foram conduzidos ao escritório, onde eram aguardados por Dieter e Halder. O general parecia mais imponente no seu uniforme negro, e a sua presença tinha um efeito dissuasor, para que os dois visitantes evitassem qualquer atrevimento contra o líder alemão.

Dieter apontou para duas das quatro poltronas em couro negro, em volta da mesa redonda, enquanto ele e Halder ocuparam os dois lugares remanescentes. Dieter foi o primeiro a falar:

— Em que posso ajudá-los?

— Estamos procurando Lucrezia Zani e acreditamos que você sabe onde ela se encontra — Miguel afirmou, atento à expressão do rosto de Dieter, mas ele manteve-se imperturbável.

— E por que saberia? — questionou Dieter.

— Lucrezia acreditava que você era o *herdeiro natural*, aquele que dominaria a Europa com seu poder. E ela investiu muito em você, mesmo que não saiba disso! Portanto, por uma questão de lógica, ela tem que estar aqui — Miguel falava num tom suave, como se estivesse contando uma história de embalar.

— Como obtive essa informação? — questionou Halder, intervindo pela primeira vez.

— Através de Lucrezia — informou Miguel, de modo breve.

— Qual a sua ligação com ela? — perguntou Halder de novo.

— Nós contribuímos para a prisão dela na França — respondeu Miguel, incluindo Seth na conversa. — Lucrezia Zani é perigosa e precisa ser detida.

— Mas se ela está do meu lado, por que eu o ajudaria? — questionou Dieter.

Miguel inclinou o corpo para diante e fixou o olhar em Dieter, mudando o tom de voz manso para um mais frio:

— Se ela não está contatável é porque algo aconteceu. E isso parece indicar que você não deseja a ajuda dela.

Halder franziu ligeiramente os olhos, antes de dizer, com a voz pausada:

— Se vocês a prenderam, por que ela iria permitir que a contatassem?

Miguel sorriu, antes de responder:

— Porque, depois que a aprisionamos, eu a ajudei a escapar da prisão.

— E por que faria isso? — insistiu Halder, intrigado.

— Para recuperarmos a Lança do Destino, que ela enviou para você, Dieter — anunciou falando diretamente com Dieter. — Essa lança nos pertence.

Dieter semicerrou os olhos, percebendo que eles estavam muito bem informados, enquanto ele não sabia nada a respeito deles. Halder havia-os investigado antes da reunião e não tinha descoberto nada. Era como se eles levassem uma vida anônima e inocente, incongruente com o que eles estavam lhe contando naquele momento.

— Essa lança pertenceu ao meu avô.

— Sim, sabemos disso. Mas foi uma... posse temporária — afirmou Miguel, sem conseguir evitar a ironia. Seth moveu-se ligeiramente na poltrona. A conversa estava indo muito bem, e Miguel não podia criar nenhum ponto de tensão. Miguel percebeu o movimento de Seth e tentou corrigir o comentário, retomando o tom sério. — Ela foi... tirada de nós.

— Diria que são demasiado novos para essa afirmação — disse Halder.

— Besson refere-se à nossa família — disse Seth, pela primeira vez.

— Então vocês são parentes? — perguntou Halder.

— Sim — mentiu Seth, serenamente. — E gostaríamos de recuperar a nossa herança.

— Dizem que a lança é um artefato mágico — comentou Dieter, observando-os.

— Conhecemos as lendas em torno dela — confirmou Seth.

Ficaram em silêncio por alguns momentos, antes de Dieter afirmar:

— Não sei onde está Lucrezia e não tenho a lança.

Miguel sorriu, mas agora os seus olhos pareciam feitos de gelo.

— Vou contar uma história para que compreendam com o que estão lidando e você, Dieter, conheça o papel que lhe foi reservado, independente das suas ambições pessoais — avisou Miguel. — Todos nós sabemos que o nazismo sempre teve uma ligação com o oculto. O seu avô tornou-se líder graças a uma série de fatores, mas a Lança do Destino e o ocultismo desempenharam um papel vital na ascensão do nazismo. Isso teve um alto preço pago em vidas humanas: em troca do poder foram necessários milhares de sacrifícios humanos.

Dieter moveu-se na poltrona, descruzando as pernas e voltando a cruzá-las. Parecia desconfortável com o rumo da conversa. Ele sabia tudo aquilo, crescera envolvido em crenças sobrenaturais, e o nazismo continuava ligado ao ocultismo.

— O problema é que — Miguel continuou falando — os contratos feitos com criaturas da escuridão são imprevisíveis e é impossível antecipar o seu desfecho. Em algum momento essas criaturas exigem um preço alto demais,

que nem sempre é possível pagar. Elas querem sempre mais e quando não são atendidas rompem o contrato. Foi o que aconteceu com o seu avô — explicou Miguel, omitindo a intervenção dos Guardiões. — Vocês, como representantes máximos do nazismo, conhecem esta história. E sabem que a lança chegou até Dieter para que ele faça um novo acordo e cumpra o destino planejado para o seu avô, desta vez, evitando os erros que ele cometeu.

Miguel fez uma pausa, avaliando Dieter e Halder. Eles mantinham-se imóveis, mas era óbvio que estavam acompanhando a sua dissertação com muita atenção.

— E, é neste contexto, que Lucrezia surge com a oferta de poder ilimitado através da Lança do Destino, em troca de mais sacrifícios humanos. A equação é a seguinte, Dieter: ou você se envolve com a magia negra e terá muito poder por algum tempo, e um fim trágico, ou você se dedica à política e talvez tenha poder por menos tempo, mas será dono do seu destino.

— Por que deveríamos acreditar nisso? — perguntou Dieter, tentando aparentar indiferença.

— Porque sabe que tudo isto é verdade e não há ninguém que os possa ajudar a destruir Lucrezia Zani. Ela é uma poderosa... maga negra — Miguel escolheu um termo que considerou mais fácil de explicar. — E se não for detida, e você usar a lança, terá o mesmo destino fatal do seu avô: esplendor e queda — concluiu, recostando-se de novo na poltrona.

Aquela informação explicava por que Lucrezia não tinha sido morta com os tiros, e por que a lança precisava estar no seu peito para mantê-la imóvel, mas também revelava que aqueles dois homens tinham um conhecimento profundo, e perigoso, de tudo o que estava acontecendo.

— Quem são vocês? — perguntou Halder, com o maxilar tenso.

— Não podemos dar essa informação. Só podemos dizer que a nossa missão é...

— Recuperar a lança e destruir Lucrezia Zani — interrompeu Halder, impaciente.

O silêncio envolveu de novo a sala. Seth falou, tentando amenizar a tensão que parecia estar crescendo com o silêncio:

— Sabemos que é difícil confiarem em nós, mas não há opção: Lucrezia deve ser destruída.

— Ela não se encontra em situação de fazer mal a ninguém — informou Halder.

Miguel sorriu. Finalmente confirmaram que Lucrezia estava com eles.

— Não se iludam: enquanto ela não estiver morta, ninguém está seguro, principalmente você, Dieter — avisou Miguel, levantando-se e indicando que a reunião terminara. — Nós vamos continuar em Berlim por alguns dias. Se mudarem de ideia e quiserem a nossa colaboração, liguem para este número — entregou um cartão com o seu telefone.

O jovem soldado estava fascinado por Lucrezia Zani: a beleza dela mantinha-se inexplicavelmente intocada muitos dias após a sua morte. A lança continuava no seu peito, e ele se perguntava o que aconteceria se a arrancasse dali.

Desde que haviam levado o corpo de Lucrezia para a cripta da família de Dieter que o soldado a visitava sorrateiramente. Ele era um dos dez soldados de elite responsáveis pela segurança da casa de Dieter, localizada num dos extremos da imensa propriedade, onde também se encontrava o campo de treinamento das tropas especiais.

Sempre que a visitava, ele sentia aumentar a vontade de libertar a mulher da lança que a mantinha imobilizada. E foi o que decidiu fazer naquele final de tarde. Aproximou-se do caixão sem tampa, porque a lança, erguida sobre o peito, não permitia que fosse fechado. Olhou para a mulher e acariciou o rosto dela com as pontas dos dedos. Embora a temperatura fosse mais fria que a sua, não se aproximava da pele gélida dos mortos. Sentia-se tão atraído por ela, como se estivesse sendo magnetizado. Com gestos cuidadosos fechou as mãos sobre a lança, preparando-se para arrancá-la do peito de Lucrezia e, nesse exato instante, escutou a voz fria de Halder nas suas costas:

— O que você acha que vai fazer?

O soldado voltou o rosto para trás e encarou o general, em seu impecável uniforme, sem soltar a lança. Halder avisou-o, com voz de comando:

— Solte a lança.

Mas o soldado ignorou a ordem do seu general. Halder percebeu que ele parecia possuído por uma espécie de transe e, embora não quisesse feri-lo, não lhe restava outra opção. Não podia permitir que libertassem aquela mulher sem antes descobrirem exatamente como poderiam matá-la. Tirou a pistola do coldre e ordenou de novo:

— Afaste-se dela.

O soldado continuou dedicado à sua tarefa de arrancar a lança do peito de Lucrezia. Halder percebeu que o cabo da lança se moveu ligeiramente.

Apertou o gatilho e o soldado caiu, com um tiro fatal na nuca. Halder aproximou-se do caixão. Olhou para Lucrezia e percebeu que os olhos dela estavam semicerrados, como se ela estivesse fazendo um esforço para despertar. Halder reconheceu que ela era realmente muito bela. Questionou-se como ela poderia ter o poder de se mover com o coração atravessado por uma lâmina. Deduziu que, mesmo imobilizada, ela exercera um estranho encanto sobre o soldado e, antes que lhe acontecesse o mesmo, segurou a lança com as duas mãos e forçou-a para dentro do corpo dela, garantindo que o atravessara totalmente.

Halder chamou os soldados para que levassem o corpo do jovem morto e fechou a porta à chave. A partir daquele momento as visitas à cripta estavam proibidas.

E, pela primeira vez, o general pensou seriamente na oferta dos estranhos homens que haviam visitado o escritório de Dieter, dois dias antes. Desde então, Halder mantinha-os sob vigilância, mas tudo o que eles haviam feito era passear pela cidade, visitar museus, antigos monumentos, a Biblioteca Nacional e duas universidades. Teriam se confundido com dois turistas inofensivos se Halder não soubesse o que eles queriam. E além de suas atividades aparentemente inofensivas, Halder notou algo que o deixou de sobreaviso: uma das universidades que visitaram era frequentada por Lynn. Aquilo não era uma coincidência.

Naquela mesma noite falou com Dieter, e depois de contar o trágico incidente com o soldado, afirmou que precisavam de uma solução definitiva para Lucrezia. Naquele momento Halder precisava se concentrar na reorganização das Forças Armadas e não podia estar preocupado com o que poderia acontecer com Lucrezia Zani. Se ele não tivesse feito a sua ronda habitual pela torre norte, talvez Lucrezia tivesse se libertado e certamente voltaria a atacar Lynn, porque ela se tornara o ponto vulnerável de Dieter. Esse argumento fez com que Dieter concordasse com a solução proposta por Halder: no dia seguinte, entregariam Lucrezia aos dois homens que andavam procurando por ela.

A nova visita de Daniel deixou Elizabeth feliz. Aos poucos tudo parecia voltar ao normal entre eles, embora ainda não tivessem conversado sobre a noite em que Daniel foi levado.

— Você gostaria que repetíssemos aquela noite? — perguntou Daniel,

sentado ao lado dela na beira da cama, segurando uma das mãos dela.

— Sim... Você não? — quis saber ansiosa.

— Gostaria muito — beijou os dedos dela. A boca dele estava mais quente que o normal e ela estremeceu com o contato sensual dos lábios contra a sua pele — Mas não sei quando vou sair do submundo. Se você quiser... — hesitou, e Elizabeth perguntou:

— Se eu quiser o quê?

— Eu posso ficar uma noite com você — disse baixinho.

— Eu gostaria — respondeu.

— Vou descobrir como fazer isso, sem que... Lúcifer saiba.

— Como vai conseguir?

— Ainda não sei. Preciso investigar — disse, sorrindo. — Agora preciso voltar antes que ele descubra a minha ausência — anunciou, despedindo-se.

Pouco depois, sentado no seu trono negro, Lúcifer sorria satisfeito: conseguira enganar Elizabeth, a única pessoa que o havia conseguido diferenciar de seu irmão e, em breve, ela seria sua e teria no ventre um filho seu. O seu plano maquiavélico estava dando certo: agora só precisava que Daniel ficasse uma noite com ela, para fazê-lo acreditar que o filho era dele. Elizabeth não ficaria no submundo enquanto estivesse grávida porque o seu filho morreria. Além disso, o objetivo era que o seu filho fosse criado pelos Guardiões.

Depois de muito tentar, Lúcifer estava finalmente no caminho certo para contornar as limitações a que estava sujeito desde que tinha sido expulso do paraíso: não podia ter filhos com nenhum Anjo Negro, porque elas eram inférteis e não podia ter filhos no submundo porque eles morriam com pouco tempo de gestação. Era uma maldição do Divino, para que ele não tivesse descendência.

Também já tentara ter filhos com mulheres, mas nenhuma suportara a sua temperatura no ato da concepção e todas haviam morrido queimadas. Lúcifer sorriu ao lembrar que os cientistas se interessaram pelos casos das pessoas que arderam, de dentro para fora, sem que nada mais ao seu redor tivesse incendiado. Eles haviam chegado à conclusão de que se tratava de um fenômeno chamado “combustão espontânea”. Aquela teoria explicara a morte dos humanos que ele havia incendiado. Mas Elizabeth era uma guardiã e ele já a testara: ela suportaria a sua temperatura e, depois, viveria com o seu filho na superfície, protegida por aqueles que desejavam destruí-lo.

A chacina dos opositores alemães na Noite Vermelha teve repercussões: a maioria dos países sugeria o corte das relações comerciais e diplomáticas com a Alemanha, e várias manifestações aconteciam um pouco por todo o lado. Mas nada disso afetava os nazistas: enquanto o resto do mundo se posicionava contra Dieter, os alemães, especialmente os jovens, iam para as ruas defendê-lo.

Os Estados Unidos, reivindicando seu habitual papel de arauto do bem, tentaram penalizar a Alemanha, mas recuaram ao compreender que os seus principais bancos estavam nas mãos do grupo JKW. Então, lentamente a Alemanha seguiu o seu rumo, sem pressões externas e sem que ninguém se atrevesse a imiscuir-se nas suas políticas.

Temple continuava sendo o rosto da oposição a Dieter. Naquele dia, Olivia Knill entrou na sua sala e entregou-lhe um envelope confidencial, que viera com a sua correspondência. Temple agradeceu e, quando ficou sozinho, abriu o envelope e analisou as três folhas que estavam no seu interior. A primeira tinha o seu nome no cabeçalho, a segunda estava com o nome do seu filho e a última com o da sua filha. Levou alguns minutos para compreender o significado do que estava lendo até que, finalmente, tudo ficou claro. Cada folha correspondia a uma lista de bens que provava a ligação da sua família aos negócios do JKW, fazendo dele um homem inesperadamente rico, sem que ele conseguisse explicar a proveniência de todo aquele dinheiro.

Temple sentiu uma onda de calor e uma espécie de tontura ao compreender a armadilha: o JKW estava a incriminá-lo para que ele parasse de pressionar a Alemanha. Ficou pensativo, avaliando as suas opções, e quando deixou o escritório já tinha um plano. Durante o percurso para casa, telefonou ao diretor dos serviços secretos e pediu-lhe que fosse ao seu apartamento pessoal.

Depois dos dois atentados, e do desafortunado acidente com Joan, Temple vencera as suas suspeitas em relação à possibilidade de qualquer um ser infiltrado nazista no seu governo e passara a confiar gradualmente no diretor: um homem pacato e muito ponderado, que ocupava um cargo vital, mas falava pouco.

19. A sala das almas

Aquele que guarda um tesouro valioso, experimenta obrigatoriamente grandes perdas.

Lao Tzu (604 a.C.-531 a.C.)

Hogdson chegou a Berlim de manhã. Semanas antes, teria ficado no apartamento de Lynn, mas agora a filha estava morando com Dieter e ele não suportava olhar para o apartamento vazio. Optou por se hospedar no hotel. A sua visita a Berlim tinha dois propósitos: o primeiro era confrontar Dieter e o seu general sobre Lucrezia Zani e o segundo era ver a filha e garantir que estava ao lado dela. A relação dela com a mãe era ótima, porque a mãe era sempre muito compreensiva. Mas com ele havia alguma tensão; por mais que se esforçasse, Hogdson tinha dificuldade em aceitar que ela estava namorando Dieter, um homem abominável que estava levando a Alemanha ao abismo.

Depois de fazer o check-in, atravessou o hall em direção ao elevador e viu o general Halder. Por um segundo, se questionou se ele estaria ali por sua causa e sentiu um arrepio ao pensar que os nazistas sabiam e controlavam toda a informação, mas rapidamente se sentiu aliviado ao ver que estava enganado. Halder aguardava dois indivíduos, com os quais travou um diálogo muito curto, antes de deixar o hotel sozinho.

Hogdson observou os indivíduos parados, olhando para a porta por onde Halder acabara de sair. A postura deles era tranquila, tornando difícil perceber se eram defensores ou opositores dos nazistas. Mas mesmo assim,

Hogdson tomou uma decisão.

— Bom dia — disse, aproximando-se deles. — Meu nome é Tom Hogdson, do jornal...

— Sabemos quem é — respondeu Miguel, lembrando-se que ele havia sido o primeiro jornalista a publicar um excelente artigo sobre as conexões de Dieter, antes de ele revelar que era neto de Hitler. Além disso, era o pai de Lynn, a namorada de Dieter, que eles haviam descoberto durante os dias que permaneceram em Berlim.

— Lamento, mas não falamos com jornalistas — avisou Seth.

— Compreendo — o seu instinto de jornalista dizia que aqueles homens, fossem lá quem fossem, eram importantes, embora Hogdson não soubesse em que contexto ou por que razão. E o jornalista dava muita importância ao seu instinto. — Não vou publicar nada do que falarmos.

— E do que falaríamos? — perguntou Seth, atento.

Hogdson ficou em silêncio por um instante antes de dizer:

— O risco é todo meu. Não sei quem são, e vocês sabem quem eu sou.

— É um grande risco nos tempos que correm. Especialmente em Berlim — concordou Seth. — E por que se arrisca com dois desconhecidos?

— O meu instinto diz-me que talvez tenhamos problemas comuns.

— O seu instinto ainda vai matá-lo — avisou Miguel, com uma expressão séria. — O que quer que esteja fazendo, precisa parar antes que seja tarde demais.

Hogdson olhou-o fixamente, afirmando com calma:

— Faz parte do ofício.

— Acho que devíamos ouvi-lo — disse Seth, depois de uma breve pausa. Miguel observou o companheiro, tentando entender o que ele estava fazendo. Aquilo era um problema adicional que não precisavam. Observou o jornalista: ele parecia cansado. Devia estar sendo pressionado pelos nazistas depois do artigo, talvez através da sua própria filha. E das duas uma: ou era muito corajoso ou completamente louco. Ou pior: uma explosiva mistura das duas características.

— Vamos para um lugar mais privado — sugeriu Miguel.

Temple olhou atentamente para o chefe dos serviços secretos, sentado no sofá da sua sala. Acreditava que podia confiar nele. Charles Major era um homem de sessenta anos, com fama de durão, que punha os interesses da

Inglaterra acima de qualquer coisa.

Entregou-lhe o envelope com as listas dos bens que estavam em seu nome e dos seus filhos. Major avaliou as listas calmamente. Sabia que o primeiro-ministro não tinha nada daquilo: haviam investigado tudo o que estava no nome dele e da família durante as eleições, para anteciparem quaisquer suspeitas de corrupção.

— Compreende que isso é um problema, Major?

— Sim, senhor — respondeu econômico, sem afastar os olhos cautelosos das listas. Se ele não soubesse tudo o que o premiê tinha antes, poderia acreditar naquilo. — Isto associa o senhor ao grupo alemão, o JKW.

— Todas as críticas que fiz contra eles ficariam desacreditadas. Isso aí — disse apontando para as listas — significa que eu lucrei muito com a crise. Na verdade, eu, que nunca fui rico, tornei-me milionário.

— Eles querem destruir a sua reputação, senhor. Talvez... — disse olhando para o premiê — tenham percebido que o assassinato não era a melhor maneira de destruí-lo. Não há provas da participação do JKW nos atentados, mas é a nossa melhor teoria — avisou, em voz baixa. Temple sentiu-se aliviado ao ouvir aquelas palavras, ao compreender que os serviços secretos estavam considerando aquela possibilidade. Era a primeira vez que Major falava abertamente sobre as suas suspeitas. Até ali sempre dizia que estavam investigando, porque não gostava de falar sem provas.

— O que devo fazer?

— Por enquanto nada, senhor. Vamos investigar e tentar descobrir como isto foi feito. Há sempre rastros eletrônicos, mesmo quando se acha que tudo foi apagado.

— Eles vão publicar isso, Major — comentou Temple, angustiado.

— Não vão, senhor. Eles querem pressioná-lo a retratar-se. A passar para o lado deles — fez uma pausa, antes de avisar. — Como estão fazendo com Tom Hogdson, ao usar a filha dele.

— Você já sabe disso? — perguntou, sem surpresa.

— Sim, senhor. E vamos tentar proteger Hogdson, mas seria bom que ele falasse conosco — insinuou astutamente Major.

— Ele só está tentando se aproximar da filha — avisou Temple.

— Talvez a filha recupere o bom senso. Mas isso não vai acontecer agora. Entretanto, Hogdson deveria evitar qualquer contato com eles, senhor — recomendou, ciente de que o premiê entenderia o recado que estava mandando para Hogdson. Temple anuiu com a cabeça, antes de perguntar,

apontando para as folhas que Major estava guardando no bolso: — E se eles me contatarem por causa disso?

— Telefone-me, senhor — disse, entregando um novo celular ao premiê. Use este celular para assuntos confidenciais, inclusive para falar comigo. O meu número já está registrado aí.

— Obrigado — agradeceu Temple aceitando o telefone.

— Preciso fazer algumas perguntas sobre estas listas, senhor — avisou Major. — Quem lhe entregou o envelope?

— A minha secretária, Olivia Knill. Ela trabalha comigo desde o início da minha carreira política. — Temple sentiu-se impelido a explicar, temendo que Olivia pudesse parecer suspeita naquele contexto. Temple sabia que, naquele momento, todos eram suspeitos. Até ele havia levado algum tempo para confiar em Major.

— E ela disse de onde surgiu o envelope?

— Veio com a correspondência da tarde — contou Temple.

Major concordou com um movimento da cabeça, antes de se levantar para se despedir:

— Fique tranquilo, senhor. Vamos descobrir como isto aconteceu.

— Só espero que não seja tarde demais... — disse o premiê, abatido.

— Não será, senhor — assegurou Major.

— Sabiam que a população mais do que duplicou em cinquenta anos e aumentou de três bilhões de habitantes em 1960, para sete bilhões em 2011? E mais de um terço da população mundial, dois bilhões e meio, vive na Índia e na China? — enfatizou Dieter com voz firme e vibrante, para a plateia silencioso. — Já imaginaram o que vai acontecer com o mundo se não houver uma política urgente de controle de natalidade? — fez uma pausa estudada e observou os alunos. — Não estou falando somente do aumento populacional. Estou falando do aumento da pobreza. Estou falando da decadência da raça humana. Porque os que mais se reproduzem são os menos preparados, os menos aptos, os que não têm condições de sustentar os filhos. Quanto mais pobres são, mais filhos têm! É um círculo de perpetuação da pobreza.

A sala continuou silenciosa, até que um estudante começou a aplaudir provocando uma reação em cadeia, e em segundos todos estavam de pé aplaudindo o discurso apaixonado. Dieter ergueu a mão, pedindo silêncio, e lentamente todos se sentaram.

— Temos a responsabilidade de mudar o mundo e tomar medidas para resolver esses problemas. Porque todos vão pagar muito caro por esse crescimento desordenado: eu, você, você... — disse, apontando o dedo pela sala.

Os alunos levantaram-se de novo e aplaudiram. Dieter sorriu, olhando para Halder na primeira fila. Halder afirmara que os alunos daquela universidade não seriam favoráveis ao seu discurso e, no entanto, ali estavam aqueles que pareciam ser os mais resistentes às suas teorias ovacionando-o de pé e concordando com as suas ideias. Eram os jovens que ele precisava conquistar para que abraçassem as suas ideias de raça pura e limpeza étnica — porque era disso que ele estava falando. Agora Dieter sabia que, se tinha dado certo ali, daria certo nas outras universidades.

Daniel voltou à Sala do Trono e entrou, de novo, pela porta da esquerda. Atravessou o corredor e desceu a escada. Quando chegou ao final encontrou um hall redondo com o chão de mármore negro e tão brilhante que parecia um espelho. Olhou para cima e viu uma abóbada de vidro que filtrava uma luz pálida. Observou em volta. Havia três portas altas de madeira negra entalhadas com vários símbolos de proteção.

Dirigiu-se à primeira. Era uma sala totalmente escura. Daniel deteve-se no umbral, avaliando-a cuidadosamente, até os seus olhos se habituarem à ausência de luz. Olhou para baixo e percebeu que era um buraco imenso. Se ele tivesse dado mais um passo teria mergulhado ali, desamparado. Para andar na sala, havia um metro de chão junto das paredes e uma passagem suspensa, não muito larga. Deu alguns passos sobre a passagem e percebeu que a sala parecia expandir-se à medida que ele caminhava, provocando um estranho efeito de óptica. O lugar era muito maior do que parecia. Daniel conseguiu vislumbrar algumas sombras disformes lá embaixo e compreendeu que aquele era um lugar de punição. Não conseguia ver claramente o que havia lá embaixo, mas imaginou que ali eram infligidos sofrimentos terríveis e inimagináveis. Devia ser o lugar para onde Lúcifer enviava aqueles que o traíam ou desafiavam. Ouviu vários gemidos sufocados. Estremeceu ao pensar que talvez o irmão o atirasse ali se descobrisse quais as suas verdadeiras intenções.

Saiu da sala negra e dirigiu-se à segunda porta. Era uma sala totalmente amarela, iluminada por luzes tênues. Daniel ficou tão surpreso com a visão

quanto havia ficado antes, mas desta vez por razões opostas. O ambiente, suave e morno, transmitia uma grande serenidade. A iluminação provinha de pequenas luzes estrategicamente posicionadas pelas paredes. Parecia uma sala de relaxamento. No centro da sala havia uma grande cama redonda e, num dos cantos, uma fabulosa banheira. Daniel deslocou-se até o meio da sala e as luzes brilharam com mais intensidade. Ele podia sentir a energia palpitante do lugar e o cansaço, que se abatera sobre ele por estar confinado no submundo, desapareceu. Apesar do bem-estar que estava sentindo, Daniel precisava retornar à sua busca e encontrar as almas.

Consultou o relógio de pulso e viu que não podia continuar, porque o seu tempo estava se esgotando. Voltou para a Sala do Trono e abandonou rapidamente os domínios de Lúcifer antes que ele o encontrasse ali. Mas precisava ainda afastá-lo por algum tempo, para que os guardas não desconfiassem. Esperou por ele, no corredor adjacente, longe do olhar vigilante dos guardas e quando o viu foi ao seu encontro.

— Vai pedir-me para acompanhá-lo de novo à Biblioteca? — inquiriu Lúcifer, irônico.

— Não. Vamos dar uma caminhada — convidou Daniel.

— O que aconteceu? — perguntou, com o olhar atento, seguindo o irmão.

— Acho que devíamos passar algum tempo juntos — disse Daniel.

— Por quê? — Lúcifer olhou para Daniel, espantado. Aquele pedido era surpreendente e muito bizarro.

— Desde a sua expulsão esta é a primeira oportunidade para nos aproximarmos.

— Você não quer isso — disse Lúcifer, olhando o irmão. — Talvez fosse melhor me dizer o que realmente quer.

— Só isso. Depois que eu partir, não vamos nos encontrar tão cedo.

— Concordo... Mas estamos em situações opostas e irreconciliáveis. Não há como convivermos, porque nenhum de nós está disposto a ceder. Certo?

— Sim. No entanto, somos irmãos. Não precisamos ceder em nada, apenas aproveitar este momento. É provável que isto não se repita — afirmou Daniel, sentando-se num banco do jardim, em frente ao lago negro e lúcido. Lúcifer sentou-se ao lado dele.

— Não há forma de forçar nada a ser o que não é, Daniel. Não consigo evitar a sensação de que você está aprontando algo desde que chegou aqui.

— Não será você que está aprontando? — Daniel perguntou, sorrindo. — Você vive manipulando e por isso não acredita que alguém não tenha

segundas intenções.

— Pode ser — Lúcifer pensou no argumento do irmão. Todos tendem a julgar os outros pelo seu próprio olhar. Talvez Daniel tivesse razão, até porque, naquele momento, estava planejando algo terrível contra ele e Elizabeth. — O que propõe?

— Gostaria de acompanhá-lo em uma dessas suas saídas matinais — disse Daniel, querendo ganhar tempo e prolongando o diálogo para evitar que Lúcifer retornasse à Sala do Trono tão pouco tempo depois da sua saída. Passara a usar roupas parecidas às de Lúcifer, para evitar suspeitas sempre que invadia os aposentos dele, mas não eram exatamente iguais, para evitar a desconfiança do irmão. Daniel temia que algum dos guardas, mais atento, notasse um detalhe diferente.

Lúcifer olhou-o de novo, estupefato com a ousadia do irmão.

— O que você acha que eu faço de manhã?

— Imagino que visite os seus domínios.

— Sim — aquiesceu, antes de perguntar: — E você quer conhecer os meus domínios?

— É possível?

— Não.

— Compreendo que não queira me mostrar o que acontece aqui — respondeu Daniel.

— Você não suportaria, mesmo sabendo que todos estão aqui por suas escolhas e atos.

— Então, não existe ninguém inocente aqui? — perguntou Daniel, abordando a verdadeira razão da sua presença no submundo.

— Claro que não. Samael pesa e julga todas as almas. Por quê? — perguntou alerta.

— Eu só não suportaria se houvesse inocentes — respondeu Daniel.

— Mesmo assim está fora de questão, Daniel — avisou, antes de sugerir. — Devia negociar a sua liberdade com Samael. Ele deve vir em breve, para avaliar se está cumprindo o trato. Na última vez estava furioso, mas deve estar mais tranquilo... — Lúcifer sorriu, ao lembrar. Desejava que Daniel e Elizabeth ficassem juntos, para pôr o seu plano em ação.

— Vou falar com ele — respondeu sorrindo. — Está querendo se livrar de mim?

— Não, mas a sua *noiva* deve sentir a sua falta. Pode usar o portal da minha sala sempre que quiser visitá-la — ofereceu, fazendo Daniel aumentar

as suas suspeitas sobre a generosidade de Lúcifer. Era óbvio que ele tinha uma agenda oculta no seu relacionamento com Elizabeth, em especial depois de ter dado acesso ao ritual do Códex. Daniel tinha certeza de que Lúcifer estava planejando algo, só não sabia o quê.

— Agradeço — respondeu Daniel.

Miguel ocupou uma das cadeiras da sala que precedia o seu quarto de hotel, sendo imitado por Seth e Hogdson.

— Primeiro preciso saber qual a ligação de você com Halder — começou Hogdson.

— Podemos mentir — disse Miguel.

— Sim, mas sabem quem eu sou e não creio que me convidassem para estar aqui se estivessem dispostos a mentir. As minhas opiniões sobre o governo alemão estão claras no artigo que escrevi, e não seria necessário nenhuma emboscada para descobrirem isso.

Miguel sorriu perante a lógica de Hogdson.

— Não podemos falar da nossa ligação com Halder, mas podemos dizer que somos opositores do nazismo. A nossa presença aqui se deve a motivos pessoais — informou Miguel.

— A minha também — informou tirando o celular do bolso. — Eu não o conhecia quando o abordei. Foi apenas um palpite de jornalista para tentar descobrir algum ponto fraco de Halder. Mas depois que me disse o seu nome, tenho certeza de que já o escutei antes — comentou Hogdson diretamente para Miguel, enquanto lia algumas notas no celular. — Aqui está: Daniel De Payens, Miguel Besson...

Miguel trocou um olhar rápido e preocupado com Seth.

— E onde escutou o meu nome?

— No caso de Lucrezia Zani. A sua participação não é oficial e não está em nenhum dos documentos que consultei — tranquilizou-o Hogdson. — Disseram-me que fazem parte de um discreto grupo de consultores.

— Quem o informou? — quis saber Miguel, para confirmar a origem das informações.

— Matthew Shaw.

— E o que mais ele disse? — perguntou Seth.

— Se eu quisesse falar com especialistas sobre Lucrezia Zani, deveria contatá-los. Já tentei falar com você e com Daniel, mas os celulares não são

mais aqueles.

— Não — confirmou Miguel. — E a sua presença aqui tem a ver com Lucrezia Zani?

— Também — disse, sentindo-se confiante em falar com eles, agora que sabia quem eram. — Recentemente ela sequestrou a minha filha, Lynn. Dieter e Halder conseguiram resgatá-la.

— E qual a sua ligação com eles? — perguntou Miguel, para confirmar o relacionamento entre Lynn e Dieter e até que ponto Hogdson estava informado sobre o assunto.

— A minha filha está morando com Dieter — disse, deixando transparecer que a situação o desagradava.

— E onde está Lucrezia agora? — perguntou Miguel.

— Essa é a questão intrigante — disse, posicionando o celular de frente para Miguel e Seth, antes de fazer rodar um curto filme com Lucrezia. Quando terminou a exibição, comentou: — Ela devia estar morta, mas recuperou-se dos ferimentos fatais. E, como puderam ver, só ficou imóvel depois de ter sido ferida por aquela lança que, segundo consta, é especial.

Miguel e Seth ficaram em silêncio por breves instantes, ordenando mentalmente tudo o que Hogdson acabara de revelar. A preocupação deles deixara de ser apenas com Lucrezia. Agora precisavam também saber quem tivera acesso àquele filme.

— Alguém mais viu este filme? — perguntou Seth.

— Apenas a pessoa a quem entreguei uma cópia — informou Hogdson. Miguel e Seth calcularam que ele não revelaria o nome.

— Dieter e Halder sabem que filmou o incidente? — insistiu Seth.

— Não.

— Então vamos manter assim, porque esta é uma das coisas que pode provocar a sua morte — avisou Miguel, sério, antes de perguntar de novo: — Onde está Lucrezia agora?

— Ela foi levada pelos soldados de Halder, com a lança no corpo, para a cripta, mas não disseram qual a localização... — anunciou Hogdson. — Dieter e Halder acreditam que se retirarem a lança ela volta à vida. Por mais estranho que isso possa parecer.

Seth trocou um breve olhar de cumplicidade com Miguel: seria capaz de jurar que a cripta estava localizada na propriedade rural de Dieter, onde Alessia havia sido ferida pelos soldados.

— Você não pode escrever sobre Lucrezia — advertiu Miguel. — Sei que

é o seu trabalho. Mas isto... — apontou para o celular — não pode vir a público.

— Eu sei. Ninguém vai acreditar. Vão achar que é uma montagem e a minha credibilidade será questionada — disse, lembrando que Temple, com quem conversara a respeito, tinha aquela mesma opinião. — Mas eu preciso saber a verdade — enfatizou Hogdson e, ao ver Miguel baixar o rosto, em silêncio, percebeu que ele sabia muito mais sobre Lucrezia do que aparentava e parecia estar decidindo quanta informação lhe daria. — Afinal o que é Lucrezia Zani, além de uma assassina em série?

— Ela tem um profundo domínio da magia — afirmou Miguel, repetindo o argumento que dera a Dieter e Halder dias antes.

— Nunca ouvi falar de alguém que tenha superado a morte — argumentou Hogdson.

— Não há — confirmou Miguel, antes de insinuar: — O que você filmou deve ser alguma montagem...

Hogdson ficou em silêncio. Apesar dos comentários de Miguel, Hogdson continuava achando que o incidente que presenciara era chocante e sem explicação. A ele não lhe parecia uma montagem.

— Shaw disse que os assassinatos que ela cometeu eram uma espécie de sacrifício para manter ou conseguir o poder — Hogdson já analisara o assunto de Lucrezia sob vários ângulos, sem encontrar uma explicação plausível.

— Sim, ela acreditava nisso — concordou Seth.

— Ela se considerava uma versão feminina de Fausto. É isso? — perguntou Hogdson, recordando a história do homem que vendera a alma ao diabo, em troca de riqueza e poder, e havia sido imortalizada por Goethe, um dos grandes escritores alemães.

— Em termos rudimentares — respondeu Miguel, avaliando Hogdson, e tentando compreender se ele estava aceitando os argumentos deles, de que a atuação de Lucrezia se baseava em suas crenças e não em algo real.

Hogdson ficou calado, pensando se não estaria enlouquecendo. Tal como dissera Temple, na última conversa dos dois, ele estava enveredando por um caminho perigoso.

— E agora? — perguntou Hogdson. O encontro com Miguel e Seth em vez de ajudá-lo só contribuía para tornar a situação mais confusa.

— Hogdson, há três questões aqui: a primeira é que esse filme precisa ser destruído; a segunda é que você tem que se concentrar na sua filha, e a

terceira é que nós vamos tratar de Lucrezia com Halder e Dieter — disse Miguel, revelando o motivo do contato com Halder.

— Você não deve confrontar Dieter enquanto ele estiver com a sua filha, nem deve se envolver na questão da Lucrezia — resumiu Seth. — Teve muita sorte por ela não ter assassinado Lynn.

— Eu sei.

— Afinal, o que ela queria quando sequestrou Lynn? — perguntou Miguel.

— Que Dieter Steinbach a ajudasse a montar um esquema de assassinatos similar ao que aconteceu na França e nos outros países onde ela esteve. E quando ele se negou, ela sequestrou Lynn para forçá-lo — informou, mas Miguel e Seth sabiam que não era exatamente aquilo. Estavam certos de que Lucrezia queria que ele usasse a lança para consolidar o seu poder através de sacrifícios rituais e preparasse um novo holocausto, como o seu avô fizera antes. E Dieter recusara submeter-se à vontade dela.

— Se Lucrezia usou Lynn como moeda de troca, significa que a sua filha deve ser muito importante para Dieter. Durante a campanha ele afirmava que era um homem devoto à Alemanha. Mas isso parece ter mudado com Lynn. Sabe se ele pretende assumir publicamente a relação com ela? — questionou Miguel.

— Ele diz que sim. Mas apenas quando considerar que é seguro — fez uma pausa, antes de confessar: — Ela está grávida.

Miguel e Seth trocaram novo olhar de cumplicidade: Dieter iria ser pai de novo. Talvez aquilo explicasse por que decidira destruir Lucrezia, para evitar que ela continuasse a ameaçar a mãe do seu filho.

— Hogdson, deixe-nos resolver a questão de Lucrezia Zani — pediu Miguel.

Ele hesitou por alguns segundos, antes de ceder:

— Eu gostaria de saber o que vai acontecer.

— Nós falamos com você — afirmou Miguel, sem saber até que ponto diria a verdade.

— O que vocês sabem sobre a lança? — perguntou Hogdson.

— Não sabemos nada — mentiu Miguel.

— Concentre-se na sua filha — Seth aconselhou de novo. Mas tanto Seth quanto Miguel sabiam que havia uma luz teimosa no olhar de Hogdson, e ele não desistiria daquela história.

Depois que Hogdson partiu, Seth falou da casa rural de Dieter.

— Acha que devemos ir até lá procurar Lucrezia? — perguntou Miguel.

— O local é uma fortaleza — lembrou Seth. — O ideal seria que eles nos entregassem Lucrezia. E acho que é isso que eles estão prontos para fazer.

Dib acompanhava o telejornal com expressão preocupada. Analisava as manifestações pela Europa e se questionava se os homens alguma vez seriam capazes de aprender com as lições do passado. Era notório que o neonazismo estava crescendo na Alemanha, o seu berço, mas também estava se espalhando pelos outros países europeus.

— Entre — respondeu, ao escutar as batidas na porta do seu quarto.

Elizabeth enfiou a cabeça pela porta e disse:

— Daniel quer falar com você.

Dib levantou-se do sofá onde estava e dirigiu-se apressadamente para o quarto de Elizabeth. Abraçou Daniel com força. Tinha saudades do amigo e gostaria que aquele confinamento a que ele estava sujeito terminasse rapidamente.

— Não tenho muito tempo. Usei o portal da Biblioteca e corro o risco de ser descoberto — justificou-se, antes de prosseguir. — Preciso da ajuda de vocês — apontou para o espelho e explicou. — Samael vai usar este portal. Elizabeth não o conhece, mas você sabe quem ele é, Dib. Façam o que ele quiser, por mais absurdo que pareça.

Dib olhou-o, tentando compreender o que estava acontecendo.

— Não posso dizer mais nada... Preciso garantir que Lúcifer não vai descobrir o que está sendo planejado e, principalmente, que vocês não participaram do plano... É para a proteção de todos — informou, antes de questionar Elizabeth: — Desde que eu estive aqui com Lux, quantas vezes a visitei?

— Esta é a sua terceira visita — respondeu, franzindo a testa em sinal de interrogação.

— Temos um problema — disse Daniel, com expressão tensa. — Eu só a visitei duas vezes: hoje e quando perguntei como me reconheceu. O que eu disse na outra visita?

— Se eu queria que você ficasse... — hesitou, olhando para Dib, sentindo-se constrangida, antes de revelar o diálogo — uma noite comigo.

— Não era eu, Elizabeth. Isso significa que Lux assistiu à nossa conversa a partir da Sala do Trono e sabe como você nos distinguiu. Por isso ele agora é capaz de imitar esse detalhe.

— Isso é possível? Ele assistir da Sala do Trono?

— Sim, se ele manteve o portal aberto depois de eu passar. Eu só descobri isso depois, num texto que achei sobre os portais, e foi por isso que hoje usei o portal da Biblioteca. Escute... — disse aproximando-se dela: — Eu não vou passar nenhuma noite com você, Elizabeth. Nenhuma. Quando eu voltar do submundo, falamos sobre isso.

Beijou-a na testa, abraçou Dib e desapareceu no espelho.

Elizabeth olhou para Dib, sem compreender o que estava se passando:

— O que pode estar acontecendo? — perguntou Elizabeth.

— Não sei, mas Daniel está tentando nos proteger e está evitando que Lúcifer descubra... O que me preocupa agora é a capacidade de Lúcifer ludibriá-la.

— Desde que distingi os dois, nem por um momento me questioneei se poderia ser Lúcifer, e isso facilitou o engano — respondeu, com um suspiro.

— Então questione-se. Precisamos descobrir o que ele quer.

— Acho que ele quer ficar comigo, por alguma razão que desconheço — disse, olhando para Dib, e se esforçando para lembrar algo que não tivesse notado e a ajudasse a revelar as verdadeiras intenções de Lúcifer.

Dib ficou pensativo por alguns segundos, antes de afirmar:

— Rejeite-o. Você escutou Daniel.

Lynn passou a tarde com o pai. Visitaram uma galeria de arte e lancharam juntos. A presença do pai prometendo que estaria ao seu lado confortou-a. Lynn confessou que a gravidez não era algo que tivesse desejado, mas, depois que acontecera, a reação de Dieter deixou-a feliz. Falou da alegria dele e dos cuidados que tinha com ela e com a sua segurança. Hogdson ficou um pouco menos apreensivo ao perceber que apesar de Dieter representar tudo o que ele abominava parecia amar mesmo a sua filha.

Nessa noite, Dieter aguardou que ela contasse o que havia feito durante a tarde. Ele sabia do encontro com o pai, mas esperava que ela abordasse o assunto. Começou a ficar irritado quando percebeu que iam se deitar e ela continuava sem falar do pai.

Dieter acendeu o abajur sobre o seu criado-mudo. Lynn detestava aquele abajur e já tinha tentado trocá-lo, mas Dieter opôs-se, e revelou que pertencera a um dos generais de Hitler. Porém, a verdadeira razão, que ele jamais revelaria, era que a peça era uma preciosidade de pele humana, sendo

levemente visível, junto da costura inferior, o número de um dos prisioneiros do Holocausto.

Deitou-se e abriu o livro que estava lendo, mas Lynn fechou-o e disse, encostando a cabeça sobre o ombro dele:

— Precisamos conversar. Nós nunca falamos sobre o fato do meu pai ter escrito aquele artigo sobre você. Imagino...

— Não vamos falar sobre isso, Lynn — interrompeu Dieter.

— Eu não quero que isso, ou qualquer outra coisa, fique entre nós. Se vamos ficar juntos temos que nos aceitar um ao outro. Por isso, hoje vamos falar sobre o meu pai — anunciou com uma firmeza que surpreendeu Dieter.

— Eu estava dizendo que acho que aquele artigo irritou você. Mas o meu pai estava fazendo o trabalho dele e talvez isso aconteça mais vezes. O que não pode acontecer é uma briga entre vocês.

— Por que está me dizendo tudo isso?

— Porque foi o que eu disse ao meu pai esta tarde.

Dieter calou-se por um segundo, aliviado por ela ter contado. Não queria reconhecer, mas ficara com ciúme por ela ter visto o pai sem lhe dizer. Agora tudo parecia bem.

— Você esteve com ele? — perguntou, para disfarçar que já sabia.

Ela levantou o rosto do peito dele para enfrentá-lo, antes de dizer:

— Passamos a tarde juntos. E o mais importante foi que eu lhe disse que vocês dois não têm que ser amigos, mas precisam conviver civilizadamente: ele é meu pai e você é o homem que eu amo. Você será o pai do meu filho e ele o avô. Eu quero que se entendam e se respeitem, mesmo que o meu pai precise se opor a você, Dieter.

Ele sorriu, arrebatado por uma onda de ternura. A firmeza dela tornava-a mais desejável.

— Sim, senhora — respondeu, brincando. — Convide o seu pai para jantar amanhã.

Ela acenou com a cabeça, acreditando que conseguira unir os dois homens que faziam parte do seu destino, antes que a rivalidade entre eles se agravasse.

Daniel voltou à sala amarela e sentiu, de novo, que a sua energia estava sendo regenerada. Aproximou-se das paredes e analisou as luzes brilhando dentro das caixinhas de cristal, no lugar dos candeeiros: todas aquelas luzes eram almas inocentes. Descobriu que Lúcifer não apenas roubava os homens das mãos de Deus, transformando-os em seres malignos que renunciavam à

luz, mas também aprisionava almas inocentes para se fortalecer com a sua energia. Saiu da sala e dirigiu-se à terceira porta. Abriu-a e viu finalmente que encontrara a Sala das Almas. Era um lugar com um brilho tão branco e forte que feria os olhos. Esperou alguns segundos para adaptar-se à intensidade da luz e entrou.

Era uma sala redonda, como a Sala do Trono, com uma grande mesa de mármore branco, igualmente redonda. Sobre a mesa, havia vários tipos de cristais de tamanhos diferentes, todos iluminados por luzes brancas e intensas, de brilho intermitente.

As paredes da sala eram forradas do chão ao teto por muitas centenas de pequenas caixas transparentes de cristal, similares a gavetas, contendo luzes tão intensas quanto as que estavam sobre a mesa. Aquelas luzes eram as almas que Daniel buscava, mas ele não entendia a razão para Lúcifer manter tantas almas brancas aprisionadas. Tinha que haver uma explicação para a existência daquela Sala. Foi nesse instante que lembrou a explicação de Miguel sobre a esmeralda na base do Punhal das Almas: Miguel usava a pedra para absorver almas e transformá-las em energia. Ali, o princípio devia ser o mesmo: Lúcifer absorvia as almas através da sua esmeralda, que funcionava como uma espécie de bateria para mantê-lo forte por mais tempo.

Daniel observou as caixas atentamente. Precisava descobrir como liberar a almas: cada caixa tinha um botão minúsculo na frente. Acreditou que, se apertasse ali, a caixa abriria, mas não teria tempo para abri-las todas, uma por uma. Precisava de uma solução mais eficaz.

Aproximou-se da mesa, no centro da sala, e observou que os tubos de cristal faziam um leve zumbido. Aquilo parecia funcionar como um gerador de energia e, na base dos tubos, havia botões iguais aos das caixas.

Consultou as horas e percebeu que o tempo estava se esgotando. Deixou a sala rapidamente antes que Lúcifer voltasse do passeio matinal. Quando ele chegou, Daniel já o esperava na porta principal, próximo dos jardins:

— Veio investir de novo na nossa relação, Daniel? — perguntou Lúcifer.

— Não — sorriu, perante a ironia. Era óbvio que Lúcifer não levava a sério o pedido dele para passarem mais tempo juntos. — Não adianta insistir em algo que você não deseja, Lux.

— Então o que você quer? — perguntou, não muito bem-humorado.

— Gostaria de saber quando Samael vem visitá-lo, e se posso falar com ele.

— Samael vem em dois dias. E... sim, pode falar com ele. Pretende partir?

— Não depende de mim. Mas estou pensando nisso. Parece óbvio que você não deseja a minha presença aqui — constatou, com um sorriso brando. Lúçifer encarou-o e, sem responder à provocação, afastou-se.

20. A Lança do Destino

Vivemos num tempo em que a civilização periga morrer por meio da civilização.

Friedrich Nietzsche (1844-1900)

Depois de uma viagem de helicóptero, com os olhos vendados, Miguel e Seth chegaram ao seu destino, a casa de Dieter Steinbach. A ideia de colocaram a venda desagradou os dois, mas o objetivo de encontrarem Lucrezia pesou mais do que as restrições impostas.

Entraram na enorme casa, escoltados por seis soldados que os conduziram à cripta onde estava Lucrezia Zani. Halder aguardava-os na porta e, após um rápido cumprimento, conduziu-os até o caixão dela. Miguel e Seth ficaram em silêncio por vários segundos. Mas em vez de estarem apreciando Lucrezia, como Halder imaginava, estavam fascinados com a Lança do Destino — a mesma arma que ferira Jesus dois mil anos antes e, depois disso, fortalecera e destruía tantos líderes. Finalmente, estavam olhando para a lança e tinham oportunidade de recuperá-la.

Miguel aproximou-se da lança e tocou-a com as pontas dos dedos.

— O que acham? — perguntou Halder, interrompendo os pensamentos deles.

Miguel e Seth tinham consciência de que não podiam destruir Lucrezia sozinhos. Estavam lidando com um Anjo Negro da mais alta estirpe, e não era fácil matá-la. Agora que haviam descoberto a localização dela, precisavam convocar mais Guardiões.

— Precisamos descobrir como matá-la antes de retirar a lança — avisou Miguel. — Vamos precisar da ajuda de alguns amigos.

Halder apertou os lábios, em sinal de desagrado. Ter aqueles dois na torre norte já era um risco. Não estava disposto a permitir o acesso de mais ninguém.

— Vamos evitar a participação de mais gente — recusou.

— Como sabe, estamos lidando com alguém incomum. Alguém que domina a magia — respondeu Miguel.

— Vamos traçar um plano antes de voltarmos a conversar — propôs Halder, insatisfeito com o rumo dos acontecimentos.

— Concordo — disse Miguel. — Mas antes precisamos deixar claro que vamos levar a lança, depois que tudo terminar.

— Dieter não concordou com isso.

— Mas irá concordar. Em troca da lança nós destruimos Lucrezia para que ela não cause nenhum dano a Dieter ou à sua família — Miguel olhou calmamente para Halder, antes de concluir, usando as informações que Hogdson lhes passara: — Mulheres grávidas e crianças são muito frágeis. E Lucrezia gosta muito de crianças, como sabe.

Halder apertou os punhos, irritado, sem conseguir imaginar como ele sabia aquilo.

— Enquanto tentamos encontrar uma solução, você fala com Dieter — sugeriu Seth.

— Este é um momento em que precisamos de Daniel — disse Seth, caminhando na sala de estar da suíte do hotel.

— Eu sei — respondeu Miguel, imóvel, no sofá, recapitulando o que sabia sobre a destruição dos Anjos Negros. — Só há três formas de destruir um Anjo Negro: usando objetos mágicos, atacando a sua fraqueza ou se ele se render.

— Lucrezia não se vai render — analisou Seth. — A lança é um objeto mágico e não a destruiu. Só nos resta descobrir qual a fraqueza dela.

Miguel revisitou a sua relação com Lucrezia para tentar descobrir algo que tivesse escapado. Lembrou-se de um detalhe que o incomodara nos momentos de intimidade, quando os olhos dela escureciam, como se houvesse uma grande escuridão dentro dela. Ele conseguira vislumbrar o fenômeno, mas não foi capaz de compreendê-lo. Porém, agora, começava a

se questionar se aquilo não representaria a vulnerabilidade dela. No entanto, se aquela fosse mesmo a fraqueza de Lucrezia, ainda persistia a dúvida sobre a forma de destruí-la. Não poderia usar o Punhal das Almas porque seria imprudente absorver a alma de alguém tão poderoso quanto Lucrezia, que poderia subjugá-lo. Havia também a lança, mas estava comprovado que não funcionava. Partilhou os seus pensamentos com Seth.

— Parece lógico que ela fique vulnerável nos momentos de intimidade — analisou Seth, sempre ponderado. — Ela é um anjo que usa o sexo para seduzir e matar.

— Sim — concordou Miguel. — Mas ela é um anjo do mais alto escalão.

— Por isso a destruição talvez seja uma combinação de dois fatores — continuou Seth.

— Exato... — Miguel concordou devagar, entendendo o que Seth estava dizendo. — Só deve ser possível destruí-la com um objeto mágico, talvez a lança, mas apenas quando ela estiver vulnerável.

— Isso significa que Lucrezia seria libertada e você teria que envolver-se com ela — insinuou Seth. — Isso seria muito perigoso para você.

— Se estivermos errados, ela pode matar-me — concluiu Miguel.

— Não podemos tomar essa decisão sem consultar Dib. Há muito em jogo.

— O ideal seria que eles viessem — disse Miguel, ligando para Dib. Informou-o sobre o que estava acontecendo. Dib avaliou as opções, antes de perguntar:

— Por quanto tempo podem protelar a destruição de Lucrezia?

— Pouco tempo — respondeu Seth, participando da conversa pelo viva-voz. — Mesmo imobilizada, ela tentou manipular um dos guardas e a sua condição é instável.

— Compreendo. O problema é que eu e Elizabeth não podemos viajar agora. E eu acho que deveríamos estar todos aí, porque Besson corre perigo.

— Eu sei — respondeu Miguel. — Mas se eu a libertar, será mais fácil seduzi-la. Lucrezia vai achar que estou do lado dela e vim salvá-la.

Apesar daquele plano ser o mais viável, Dib achava uma péssima ideia que Seth e Miguel enfrentassem Lucrezia sozinhos. Os perigos eram muitos. Ponderou a situação: precisava decidir se manteria os Guardiões em Lisboa, ou se os enviaria para Berlim.

— Alessia e Uchoa irão para Berlim — decidiu. — Seth, é fundamental que Lucrezia nunca perceba a presença de vocês. Devem apoiar Besson e ajudá-lo a destruí-la.

Quando desligou o telefone, Dib se questionou se não estaria cometendo um erro ao separar os Guardiões. A situação era confusa e fragmentada: Daniel estava envolvido com Samael e isso não era necessariamente bom; Lucrezia seria libertada para que pudesse ser destruída; Lúcifer estava ludibriando Elizabeth com obscuras intenções que ninguém conhecia, e o nazismo ganhava espaço na Europa.

Após a Noite Vermelha, não havia opositores declarados na Alemanha. Alguns, que tinham escapado do massacre da noite fatídica, mudaram de opinião sobre o nazismo e de detratores passaram a apoiantes, forçados por técnicas de persuasão e tortura usadas pelos militares de Halder. A censura havia sido instaurada. O exército estava engrossando suas fileiras com um número crescente de voluntários seduzidos pela propaganda e pelos benefícios oferecidos. E a Sociedade do Dragão financiava o movimento nazista em quase todos os países europeus, com crescente adesão da juventude. O nazismo se assemelhava a um vírus, contaminando tudo.

Naquela reunião, Halder propôs o início da construção dos campos de prisioneiros. Era vital que tivessem lugares para onde enviá-los — fossem eles políticos, étnicos ou de guerra, quando houvesse. Todos concordaram, mas Dieter foi muito específico sobre o funcionamento dos campos: ele não queria repetir o Holocausto. Ordenou que os campos fossem decentes e pudessem ser visitados por qualquer organização. E antes que os Dragões questionassem as suas ordens, Dieter comunicou as suas terríficas e verdadeiras intenções:

— Não preciso lembrar que os nossos objetivos são, também, os de destruir todos os que não são puros, arianos — fez uma pausa, antes de concluir: — Por isso, paralelamente a esses campos exemplares, os senhores irão construir, *secretamente*, instalações subterrâneas para eliminar prisioneiros, sem deixar vestígios. Essas instalações devem ter mecanismos de autodestruição, para o caso de serem descobertas, de forma a garantir que ninguém jamais saiba da sua existência.

As instruções agradaram aos Dragões. Finalmente a realidade estava se transformando, depois de anos de planejamento. Mas Rolf Merton, apesar do aparente entusiasmo, estava chocado com as decisões da reunião. Sentia o estômago revolver-se e, por um momento, quando Dieter falou dos campos subterrâneos, achou que ia vomitar na frente de todos.

— O primeiro-ministro inglês anda muito silencioso — comentou o presidente do grupo, Heinrich Koch. A pergunta chamou a atenção de Rolf, diminuindo ligeiramente a sua indisposição.

— Preparamos uma pequena armadilha: pusemos vários bens da JKW no nome dele e da família — Halder sorriu, satisfeito com a engenhosidade do plano. — Ao que tudo indica, ele enriqueceu com a crise e está ligado ao grupo que mais critica.

Uma gargalhada geral varreu a sala.

— O nosso principal opositor vai ter dificuldade em explicar isso — rematou Halder.

Além das questões estratégicas e políticas, Dieter tinha um objetivo pessoal para a reunião. Anunciou, sabendo que sua vida era constantemente escrutinada pelos Dragões, até por questões de segurança:

— Já devem saber que estou envolvido num relacionamento com Lynn Hogdson.

O presidente pigarreou levemente, e Dieter enfrentou-o:

— Diga, Heinrich.

— Lynn não é filha de Tom Hogdson, do jornal inglês *The Word*? Não foi ele que escreveu recentemente um artigo contra você?

— Sim, para as duas questões — respondeu Dieter, calmamente.

— Não acha isso perigoso? — perguntou um dos membros, à direita de Dieter.

— Talvez. Mas não estou disposto a abdicar de Lynn — fez uma pausa, antes de revelar: — Ela está grávida, e eu pretendo tornar a notícia pública.

A sala ficou silenciosa, sem que ninguém se atrevesse a fazer críticas adicionais, mas era visível que não estavam satisfeitos com o relacionamento de Dieter nem com a decisão de torná-lo público. Foi Dieter que interrompeu o silêncio, reconhecendo a oposição dos Dragões, e sabendo como desarmá-los:

— Não devem se preocupar com minhas decisões pessoais. E vou dizer o porquê. Quando eu contei à minha primeira mulher, Helen, quem eu era e ela reagiu mal, eu resolvi o problema. Lembram-se daquele acidente de carro? — perguntou, olhando vagorosamente para todos os que estavam na sala, exceto para Halder, que era o único que conhecia todos os seus segredos. — O que quero dizer é que, se eu arranjo um problema, eu resolvo o problema.

— Sobre o acidente... — começou por dizer um dos membros, mas foi interrompido por Halder, antes de terminar a frase.

— Somos todos inteligentes e não precisamos voltar a esse assunto. Se Dieter precisa do nosso apoio, devemos dá-lo. Sem restrições — enfatizou.

Todos concordaram levemente com a cabeça, e Dieter continuou:

— Eu quero planejar o futuro do meu filho. Quero garantir que ele será meu herdeiro e protegido pelo grupo *Stille Hilfe*. E quero também que essa proteção se estenda a Lynn.

— Não é muito cedo para essas preocupações, Dieter? — perguntou o presidente.

— Não — respondeu, econômico, antes de explicar. — Apesar de não haver oposição, porque nós a eliminamos — lembrou —, isso não significa que ela não exista e não esteja se organizando. Não podemos ter essa ilusão — Dieter falava com serenidade. — Por isso, quando eu anunciar meu casamento com Lynn, quero que ela já esteja sob a proteção do *Stille Hilfe*. Eu e meu pai fomos protegidos por eles, e eu quero que protejam meu filho e minha mulher.

— Eles serão colocados sob proteção. Imediata — avisou Heinrich.

— Obrigado — agradeceu Dieter, se tranquilizado por saber que Lynn e o bebê estariam a salvo, agora que o *Stille Hilfe* iria cuidar da proteção deles. Agora ele podia pensar em liberar Lucrezia. Assim que terminou a reunião, ordenou, baixinho, para Halder:

— Vamos discutir a destruição de Lucrezia Zani.

Miguel e Seth se reuniram com Halder e Dieter para discutir o destino de Lucrezia e da posse da lança. Dib queria que resolvessem o caso de Lucrezia rapidamente. E Dieter também parecia ter sido tomado por uma urgência súbita.

— Precisamos libertar Lucrezia e levá-la conosco — afirmou Miguel. Dieter olhou-o por dois ou três segundos, como se estivesse escutando uma barbaridade pela primeira vez, antes de começar a rir. Miguel e Seth perceberam que aquela reação era péssima.

— Isso não será possível — avisou Halder, que mantivera uma expressão fria. — Vocês nos propuseram inicialmente — enfatizou — a destruição de Lucrezia. O que mudou?

— Para destruí-la, temos que levá-la para um local apropriado, que iniba a magia dela — mentiu Miguel.

— E por que devemos confiar em vocês? Talvez o objetivo de vocês seja

libertar Lucrezia e não matá-la — comentou Dieter, agora com o rosto sério.

— Precisa confiar em nós porque não lhe restam opções — afirmou Miguel, encarando Dieter. — Lucrezia não vai ficar presa por muito tempo e, quando menos esperarem, ela vai aparecer e destruir a sua família, Dieter, para obrigá-lo a fazer o que ela deseja. Além disso, nós é que ajudamos a prendê-la em Paris. A nossa intenção, desta vez, é destruí-la.

Dieter e Halder ficaram em silêncio, ponderando os argumentos de Miguel. O mais importante era se poderiam confiar na intenção deles destruírem Lucrezia. Mas Dieter se negava a ser chantageado por alguém, e o que mais o incomodava, naquele momento, era a ameaça que ela representava para Lynn e o seu filho, apesar de eles já estarem sob a proteção do *Stille Hilfe*.

Dieter olhou para Halder, em busca de uma reação. Mas o amigo mantinha-se impávido, avaliando a situação, sem ter tomado uma decisão. Halder não confiava naqueles dois homens. O fato de não ter encontrado informações sobre eles indicava que eles não eram quem diziam ser. Porém, apesar de não saber nada sobre eles, não tinha alternativas para Lucrezia, uma mulher que dominava o mundo da magia e não podia ser morta. Um fato daqueles poria em causa a credibilidade e a sanidade de qualquer um. Analisado sob aquele prisma, Halder sabia que só lhes restava a possibilidade de entregarem Lucrezia e esperarem que ela fosse morta, porque se isso não acontecesse, ela com certeza viria destruí-los, e o Quarto Reich ruiria.

Finalmente, o general olhou para Dieter e moveu a cabeça de leve, em sinal de anuência. Dieter respirou fundo e perguntou:

— Como pretendem fazer isso?

— Ela confia em mim — explicou Miguel. — E eu é que vou retirar a lança e depois levá-la para o lugar onde tudo vai terminar.

— E a lança? — inquiriu Halder.

— Vamos precisar dela.

— E depois? — insistiu Halder.

— Depois temos que guardá-la num lugar seguro — disse Seth. — A acreditar no que ela representa, nos parece que ela já destruiu o suficiente.

Dieter estava farto daquelas regras e ameaças sobrenaturais. Cedeu finalmente:

— Podem levar Lucrezia e a lança.

Samael estava com Lúcifer quando Daniel se juntou a eles no jardim.

Daniel observou-os: pareciam divertidos com algum assunto e riam descontraidamente.

Após os cumprimentos, Daniel perguntou:

— Posso falar com você?

— Sim — respondeu Samael, com um suave movimento de cabeça.

— Acho que o meu irmão está querendo ficar livre... — disse Lúcifer, provocando novamente Daniel, antes de se afastar alguns passos para deixá-los sozinhos. Daniel segurou o braço de Samael e afastou-se um pouco mais, mas a presença de Lúcifer tirava-lhes a privacidade. E Daniel sabia que ele estava fazendo aquilo de modo intencional.

— O que você está querendo, Daniel? — questionou Samael com voz amena, consciente de que Lúcifer estava ouvindo a conversa.

— Podemos negociar o meu tempo aqui? — perguntou olhando fixamente para Samael.

— Não — respondeu econômico. Daniel encarou o chão por alguns segundos, como se tivesse sido vencido, e quando ergueu o olhar percebeu que Lúcifer sorria, antes de se afastar do local. Daniel continuou em silêncio até Lúcifer desaparecer e, por fim, quando estavam finalmente a sós, disse baixinho:

— Descobri a Sala das Almas.

Samael manteve a postura serena, temendo que Lúcifer percebesse que eles estavam planejando algo, enquanto os observava de longe, agora encostado na porta do jardim. Respondeu no mesmo tom baixo, quase sem mover os lábios.

— Consegue libertá-las?

— Acho que sim, mas não sei se consigo libertar todas. O mecanismo de abertura é individual. Tenho que abrir cada uma das caixas de cristal, e são centenas...

— Use as almas libertadas para ajudá-lo a abrir as outras caixas. Elas conseguem — avisou. — Eu espero no portal da Biblioteca, como planejamos.

Daniel anuiu levemente com a cabeça, antes de dizer:

— Já falei com Dib e Elizabeth. Eles estão à sua disposição.

— Daniel... Se ele descobrir, vai atirá-lo para o *fosso* — anunciou Samael, que já ouvira histórias terríveis sobre a sala negra que Daniel encontrara e era conhecida como o *fosso*. Dias antes Daniel talvez não soubesse o que aquilo significava, mas depois de ver a entrada da sala tivera um vislumbre do

sofrimento que o esperava se Lúcifer descobrisse os seus planos.

— Eu sei. Por isso protegi os Guardiões: eles não sabem de nada.

— Será mais seguro assim — concordou Samael. — Vamos tentar durante o passeio matinal de Lúcifer. Eu estarei esperando você todas as manhãs.

Daniel anuiu com a cabeça, com um gesto quase imperceptível, antes de deixar Samael sozinho no jardim. Ao passar pela porta, Lúcifer perguntou com ar zombeteiro:

— Vai continuar aqui por quanto tempo?

— Ainda não sei. Ele não disse — respondeu, aparentando irritação.

— Quer que eu fale com ele? — ofereceu-se Lúcifer, tentando prolongar a alegria que sentia ao ver a aparente expressão contrariada do irmão.

— Não — recusou, deixando Lúcifer, para que ele voltasse a reunir-se com Samael.

Durante o percurso para a casa de Dieter Steinbach, Miguel se perguntava se estaria fazendo a coisa certa. Havia discutido longamente com Dib, depois de Alessia e Uchoa chegarem, para montarem um plano infalível. Miguel achou que se a levasse para algum lugar isolado, como Seth havia sugerido, ela podia desconfiar, por isso decidiram ficar no luxuoso hotel, no centro de Berlim, onde alugaram um andar inteiro por um preço exorbitante. Haviam tido tempo para organizar tudo, em todos os detalhes, enquanto aguardavam o sinal de Dieter para avançarem.

A única pessoa que podia interferir no plano era Hogdson, mas depois de ter jantado com Lynn e Dieter parecia ter se apaziguado um pouco e tornado mais razoável: Miguel conseguira convencê-lo a voltar para Londres e deixá-los caçar Lucrezia, tal como já haviam feito em Paris. Tom Hogdson acatou temporariamente a sugestão, mas Miguel estava consciente de que ele não desistiria de buscar a verdade sobre a perigosa assassina. E, mais cedo ou mais tarde, teriam que conversar sobre Lucrezia Zani, embora Miguel ainda não fizesse a menor ideia do que lhe diria. Se Hogdson não tivesse cópias do filme, Miguel apagaria a sua memória e resolveria o problema independente de estar quebrando as regras.

— General, retire os soldados — anunciou Miguel. — Vou entrar na cripta sozinho. Deixe o helicóptero pronto, como combinamos. E não entre, em circunstância alguma.

Halder concordou, em silêncio. Miguel já o avisara que se Lucrezia o

visse, com certeza o mataria, e Halder não estava disposto a arriscar-se por algo que nem sequer entendia bem.

Miguel desceu as escadas e entrou na cripta. Aproximou-se de Lucrezia e observou-a por alguns segundos: ela continuava maravilhosa. Puxou a lança com firmeza, sentindo-a soltar-se da carne na sua passagem. Quando libertou a lança, guardou-a na proteção de veludo negro, que Halder lhe entregara, minutos antes.

Aguardou a reação dela. A ferida começou a cicatrizar, embora muito lentamente, e ela abriu os olhos devagar. Era óbvio que ela estava bastante enfraquecida. Miguel fez uma carícia no rosto dela:

— Bem-vinda de volta.

Ela parecia confusa e era visível a sua debilidade:

— Como me encontrou?

— Eu conto tudo depois. Primeiro, temos que sair daqui antes que os soldados voltem — mentiu. — Consegue ficar de pé?

— Acho que sim — sentou-se devagar no caixão, levando a mão ao peito ainda ferido.

— Apoie-se em mim — ofereceu Miguel, pousando a lança no chão. Ela apoiou as mãos nos ombros dele e Miguel ajudou-a a sair do caixão. Em seguida recuperou a lança e segurou a mão de Lucrezia para guiá-la pelas escadas. Anoipecia, as luzes não estavam acesas e o percurso era escuro. Miguel tentou apressá-la, mas ela não era capaz de andar mais rápido. Ele lhe deu a lança e optou por levá-la no colo até junto do helicóptero. Ajudou Lucrezia a sentar-se, apertou o cinto de segurança dela e mandou o piloto conduzi-los ao seu destino: o heliporto do luxuoso hotel onde se hospedariam.

Miguel a ajudou novamente e carregou-a no colo até o quarto. Deitou-a na cama:

— O que você quer? — perguntou.

— Dois *steaks tartar*, um fígado cru e...

— O fígado cru é excessivo — avisou Miguel, com calma, sentado na beira da cama.

— Fígado e filé-mignon muito malpassado. Peça, Miguel — disse, pondo a mão sobre o braço dele, ansiosa. — Estou faminta.

Miguel fez o pedido, enquanto Lucrezia aguardava, em silêncio. Quando chegou o carrinho com a comida, Miguel posicionou-o ao lado da cama e entregou-lhe o prato com o fígado. Lucrezia pegou o fígado e começou a

cortar pedaços com as mãos, que ia colocando na boca. Em seguida passou para o filé-mignon e repetiu o processo. Por fim comeu os dois *steaks tartar*. Só quando terminou é que olhou para Miguel, que a observava. Apesar de ela parecer revigorada, Miguel sabia que ela continuava enfraquecida e precisaria matar alguém para se fortalecer.

— E agora? — perguntou ele, colocando o último prato vazio em cima do carrinho.

— Vou tomar um banho, enquanto você pede champanhe — pediu, sorrindo.

Miguel viu-a dirigir-se ao banheiro e disse, surpreendendo-a mais uma vez:

— Comprei roupa para você. Veja no guarda-roupa...

Ela foi até lá e escolheu algumas peças de roupa íntima e um roupão de seda negro. Depois de um banho demorado, voltou ao quarto. Aproximou-se de Miguel, aceitou a taça de champanhe e sentou-se no sofá em frente ao dele, avaliando-o.

— Você me salvou. Comprou roupas, perfume, cremes... Alimentou-me. Por quê?

Miguel sorriu, antes de responder:

— Senti a sua falta.

— Mentira — disse ela.

Ele inclinou-se para diante, agora com o rosto sério:

— Você sabe que eu quero a lança, não é? Nunca escondi isso. Por isso telefonei para você algumas vezes, para falarmos da visita que havíamos combinado, e comecei a achar estranho que você não atendesse, nem que fosse para me insultar — concluiu, com um sorriso. — Mas o que realmente me alertou foi o fato de o seu celular começar a cair direto na caixa postal...

— Ele estava no meu bolso e ficou sem bateria — explicou, seguindo atentamente a história de Miguel, que tinha sido muito convincente até ali.

— Se eu quisesse a lança...

— Teria que me encontrar — interrompeu ela.

— Exato.

— E como me achou?

— No dia em que Dieter Steinbach revelou ser o neto de Hitler, foi fácil deduzir que ele era o *herdeiro natural*, como você lhe chamou — disse, omitindo que os Guardiões haviam descoberto aquilo por meio dos sonhos de Elizabeth. — Lembra-se disso?

— Lembro — fez uma pausa, para encher o copo. — Ele revelou que era

neto de Hitler?

— Na televisão, no horário nobre.

— Enlouqueceu — resmungou ela.

— Não — discordou Miguel. — Apesar de ele não estar usando a lança, ele está se tornando uma liderança muito forte na Europa. Ele agregou a direita em torno de um ideal comum e numa noite apenas mandou assassinar a maioria dos que lhe faziam qualquer tipo de oposição na Alemanha. Devia estar orgulhosa dele.

— Estou impressionada — confessou.

— Mas parece que ele não precisa de você.

— Ele não quer precisar de mim!

— E você quer que ele precise, para conseguir beneficiar-se das mortes...

— Sim — respondeu com franqueza. — E você podia juntar-se a mim...

— Já falamos sobre isso, Lucrezia — disse Miguel suavemente.

— E você disse não. Eu sei... E salvou-me apenas para conseguir a lança?

— Não — disse com firmeza, pousando o copo de champanhe intocado sobre a mesa, e sentando-se ao lado dela, com o corpo tão próximo que ela podia sentir o calor dele. — Eu quero a lança, não quero participar do seu plano, mas quero você. Faz sentido? — perguntou com a boca a centímetros dos lábios dela.

Lucrezia manteve o olhar firme sobre ele, analisando-o atentamente.

— Faz — disse, sentindo que a proximidade do corpo dele começava a perturbá-la.

Miguel tirou o copo da mão dela e pousou-o na mesa, ao lado do seu. Inclinou-se sobre ela e beijou-a com sensualidade enquanto a empurrava sobre o sofá. Lucrezia sentiu o corpo ceder, enquanto o desejo se espalhava. Miguel sempre a fazia sentir especial, única. Apreciou a doçura dele, depois de ter estado tantos dias imóvel, com a morte rondando. Teria ficado entre a vida e a morte por muito tempo, sentindo uma dor imensa, se ele não a tivesse resgatado. Era grata e acreditava nele. A história que ele contara tinha lógica e ele não escondera que tinha ido atrás da lança. Naquele momento, não importava mais que ele tivesse matado o filho deles e tentado destruí-la. Ele a tinha resgatado, e a sua paixão por ele reacendeu-se. Sussurrou, despindo-lhe a camisa:

— Vamos para a cama.

Miguel levou-a no colo e pousou-a gentilmente sobre a cama. Despiram lentamente as roupas um do outro, entre carícias e beijos. Ele pensou que,

apesar de Lucrezia ser quem era, tinha sentido falta daqueles momentos de paixão.

— Parece que sentiu mesmo a minha falta — disse, meiga, rendendo-se à ternura dele.

— Você também... — respondeu, deitando-se sobre ela, para possuí-la devagar, antes de sentá-la sobre ele. Ela moveu-se lentamente, enquanto Miguel a observava com os olhos semicerrados. Viu os olhos dela escurecendo e com a mão direita, oculta nas costas dela, fez um sinal quase imperceptível. Em segundos, Seth, que aguardava na sala, observando o envolvimento do casal, entrou no quarto e arremessou a lança, trespassando Lucrezia. Ela não sentiu nada. Começou a tombar sobre Miguel, com os olhos abertos e negros, como um boneco que, de repente, fica sem energia. Miguel amparou-a com as mãos, evitando que o corpo dela caísse sobre o dele, para que a lança não o ferisse.

Seth aproximou-se da cama e Miguel viu Uchoa e Alessia surgirem na porta do quarto. Enquanto Seth tinha aguardado, escondido no imenso armário da sala, com a lança, Uchoa e Alessia estavam no corredor, junto da porta, que Miguel deixara encostada quando o atendente levava a garrafa de champanhe.

Miguel acariciou os cabelos negros de Lucrezia, antes de tirá-la de cima do seu corpo. Seth percebeu que ele estava emocionado, mas não fez qualquer comentário. Entregou o roupão a Miguel e, enquanto ele se vestia, analisou Lucrezia. Uchoa aproximou-se:

— Acha que está morta?

— Não sei... Besson, o que você acha? — perguntou Seth.

— Só retirando a lança é que teremos certeza, mas é bom estarmos preparados para o caso de ela continuar viva — fez uma pausa, e avisou. — Vai ser um inferno.

Miguel apanhou a sua roupa e foi para o banheiro trocar-se. Minutos depois voltou e encontrou todos em volta de Lucrezia, que Seth mantinha sentada sobre a cama. Alessia tirou algumas fotografias, para que Miguel mostrasse aos nazistas, como prova da morte de Lucrezia.

— Seth, você tira a lança — disse Miguel, parecendo ter readquirido o autocontrole. — Ela vai levar alguns minutos para se recompor. Se o ferimento começar a sarar, você tem que voltar a colocar a lança no coração dela e... voltamos à estaca zero. Está pronto?

— Sim — respondeu Seth, que fora escolhido para ferir Lucrezia, por sua

reconhecida habilidade com lanças e arcos.

— Quando eu disser *três* — avisou Miguel sentando-se na cama e segurando Lucrezia, para que Seth pudesse retirar a lança que atravessava o seu peito de um lado ao outro — Um... Dois... Três.

Seth puxou a lança com firmeza e segurou-a de forma a poder usá-la de novo, com eficácia. O tempo começou a passar e o ferimento de Lucrezia não sarava. De repente, ela começou a envelhecer, como se estivesse sendo sugada de dentro para fora. Miguel deitou-a na cama, e Lucrezia murchou gradualmente até ficar irreconhecível, transformando-se em esqueleto e, por fim, em pó.

Lucrezia Zani estava morta.

21. Roubando almas

Não era um Deus punitivo, porque nunca se pôs a questão da supremacia de um poder do Mal superior ao poder do Bem. Só havia um poder soberano e esse era Bom.

Lutero Urso em Pé

Tornara-se evidente que o neonazismo repetiria as atrocidades de Hitler. No percurso para mais uma reunião da cúpula dos Dragões, Rolf pensava em todas as estratégias possíveis para se comunicar com William Temple. Não sabia como, mas era imperativo que o fizesse. Tinha um pendrive com a cópia de um dos campos de prisioneiros e a respectiva câmara de morte subterrânea.

Os seus pensamentos foram interrompidos pela notícia do rádio: um grupo de nazistas invadiu uma obra com trabalhadores imigrantes e atacou-os. Havia vários mortos e feridos. Dieter estava incentivando a população a agir contra os estrangeiros, imigrantes e todos os que não fossem arianos. Rolf estremeceu ao perceber a escalada da violência. Quando chegou à reunião, estava irritado. Se não fosse a ameaça que pendia sobre a sua família, caso ele traísse os Dragões, iria a público revelar o que sabia, mesmo pondo em risco a sua vida. Mas estava sem opções e o pior era não ter como avisar Temple, o seu único aliado confiável contra os nazistas.

Rolf acreditou que a reunião seria para discutir mais medidas sobre o curso do nazismo. Estava despreparado para o que o aguardava, assim que a reunião começou:

— Rolf, recebi uma informação intrigante — avisou Dieter.

Rolf gelou. Sentiu o estômago encolher e um suor frio subiu pelas costas e alojou-se na base do seu crânio. Conseguiu manter a postura. Aprendera que a melhor forma de enfrentar um inimigo é jamais mostrar o que está pensando ou sentindo: aquela era a essência do comportamento político.

— Que informação?

— Você não sabe? — perguntou Dieter, olhando-o friamente.

— Não — respondeu, mantendo a voz e o olhar firmes, sob o escrutínio de Dieter e dos outros Dragões.

— Vou ajudá-lo: dois dias atrás você acessou os arquivos dos campos e copiou o projeto do campo de prisioneiros e da câmara... secreta — disse, evitando mencionar o nome exato da câmara de morte.

— Acessei e copiei — confessou, levando a mão ao bolso do terno azul-escuro, para retirar um pendrive. — Estão aqui. Infelizmente não tive tempo para fazer nada com eles.

A sala mergulhou num silêncio chocado. Ninguém entendia a atitude de Rolf: seria ele tão ingênuo a ponto de acreditar que podia copiar arquivos secretos e andar com eles no bolso? E mais do que isso: como poderia assumir tão serenamente que havia feito uma cópia?

— Rolf — disse Dieter, controlando a surpresa causada pela confissão do ministro —, preciso saber o que você anda planejando fazer com isso.

— Na verdade... — fez uma breve pausa, olhando para o pendrive na mão. — Todos conhecem o meu fascínio por números — comentou com a voz calma, provocando alguns sorrisos mansos, enquanto se esforçava por ignorar aquela garra fria que parecia continuar apertando a base da sua nuca. — Se realmente formos adiante com isto, precisamos ser muito eficazes. As suas preocupações para evitar o sofrimento desnecessário das vítimas impactam nos custos com os campos e na produtividade de eliminarmos os... prisioneiros — Rolf percebeu que o seu discurso estava surtindo o efeito desejado e alguns moviam a cabeça levemente, em sinal de concordância. — Eu pretendia fazer um estudo sobre produção para a próxima reunião, mas você convocou-nos antes do previsto.

Dieter sorriu. Rolf sentiu alívio: sabia que quando Dieter sorria daquele jeito estava tudo bem, mas, para se salvar, tinha acabado de mergulhar ainda mais nas malhas do nazismo. Agora teria que ajudá-los a tornar as câmaras de morte mais eficientes. Ensaçou uma pausa bem devagar e franziu ligeiramente a testa, em sinal de desagrado, antes de perguntar:

— Esta reunião — fez um círculo lento com a mão esquerda — foi por causa disto? — ergueu o pendrive com a mão direita tornando-o visível.

— Sim — afirmou Dieter. — O seu comportamento pareceu suspeito.

— O meu comportamento pareceu suspeito? — perguntou com o rosto grave, espaçando as palavras, para conter a irritação. Todos perceberam que ele estava furioso.

— Compreende que não é um comportamento normal... — disse Halder, que sempre mediava os conflitos de Dieter, para evitar que ele sofresse os impactos ou se expusesse.

— Não, Halder — disse Rolf interrompendo-o, com a voz alterada, um pouco mais alta que o habitual. — O que não é normal é eu ter acesso a certos arquivos, quando, na realidade, não posso trabalhar com eles, porque isso faz de mim um suspeito. E a pergunta é: um suspeito de quê?

Rolf estava usando a situação para expressar toda a raiva que vinha acumulando contra as políticas nazistas. Estava farto daquilo. E talvez aquela fosse uma oportunidade para se afastar. Encarou corajosamente todos os membros que estavam sentados ao redor da mesa, esperando que Dieter ou Halder respondessem.

— Lamento o mal-entendido — disse Dieter, com toda a calma. — Foi excesso de zelo.

— Mal-entendido? — respondeu Rolf. — Se eu tivesse hesitado nas minhas respostas, ainda que por um segundo, este incidente teria arruinado a minha reputação. — Voltou-se para os outros e perguntou: — Não teria?

— É possível — reconheceu Heinrich Koch, parecendo falar por todos. — Depois que a dúvida se instala é difícil recuperar a confiança.

— Aparentemente, a dúvida já se instalou, e eu não pareço ter a confiança do grupo — falou com ironia. — Creio que é hora de retirar-me — Rolf levantou-se, deixando o pendrive sobre a mesa, antes de abandonar a sala. Cada passo que dava em direção à porta parecia um passo mais próximo da liberdade. Quando estava com os dedos no trinco, Dieter aproximou-se dele com algumas passadas:

— Compreendo a sua reação. Mas peço que não tome nenhuma decisão precipitada.

— Não é uma decisão precipitada. É apenas a decisão certa para estas circunstâncias — encarou Dieter, antes de concluir: — Quando há uma quebra de confiança, deixa de ser possível o trabalho conjunto.

— Rolf, não volta a acontecer. Garanto! Halder preocupa-se com a

segurança, mas é a função dele.

— Espionar-me é parte das funções dele? — perguntou irônico.

— Não. Mas controlar arquivos tão sensíveis e perigosos como estes, que você acessou, é parte das funções de Halder — pôs a mão sobre o braço de Rolf. — Você sabe que é uma peça essencial para o meu governo — disse, com o rosto sério, mostrando que não estava disposto a deixá-lo partir. A esperança que Rolf tivera por um breve instante, de que poderia abandonar os Dragões, revelara-se uma ilusão. Racionalmente, ele sabia bem que, depois de fazer parte daquele grupo, ninguém o abandona a não ser em caso de morte. Não tinha escapatória.

Rolf meneou a cabeça e voltou a ocupar o seu lugar, virando-se para Halder:

— Você precisa parar com o *excesso de zelo* — afirmou, frisando bem as palavras.

— É o meu trabalho — argumentou Halder, friamente.

— Não — respondeu Rolf. — O seu trabalho é a segurança. O *excesso de zelo* é uma estupidez que o impede de distinguir o importante do supérfluo e nos faz perder tempo a todos. Além disso, você pode destruir uma pessoa com o seu *excesso de zelo* — fez uma pausa antes de dirigir-se a Dieter, com firmeza: — Mais uma coisa: não vou analisar os campos nem fazer sugestões para aumentar a sua eficácia. Aqui está o pendrive — disse, fazendo o objeto deslizar pela mesa até junto de Halder.

Heinrich Koch e alguns outros membros que sempre acharam que Halder tinha poder demais e abusava dele alinharam com Rolf, movendo a cabeça em sinal de concordância. Somente quatro dos membros se mantiveram imóveis, parecendo estar de acordo com a atuação de Halder. Dieter, sempre atento aos bastidores e manobras políticas, percebeu que aquilo era um sinal claro do descontentamento com a atuação do seu general. E não gostou. Mas, naquele momento, optou por dizer nada.

Mais tarde falou com Halder e pediu-lhe que moderasse a atuação em relação aos Dragões. Era óbvio que ele andava exagerando, por temer que algum deles se revelasse um traidor. Halder argumentou, como sempre, que as grandes traições contra Hitler vieram dos próprios nazistas. Dieter enfatizou que ele precisava deixar os Dragões em paz e tinha que parar de vigiá-los, porque estava colecionando inimigos, quando devia cultivar aliados. Halder concordou, mas não conseguiu dominar as suas desconfianças: elas eram parte da sua personalidade controladora e neurótica,

por isso decidiu continuar vigilante, especialmente em relação ao mais novo membro da Sociedade, Rolf Merten. Apesar de Dieter ter muito apreço por ele, os instintos de Halder continuavam dizendo que ele não era confiável.

A voz irada de Lúcifer ecoou pelo espaço, fazendo tremer todos os que o escutaram. Estava furioso quando se dirigiu à Biblioteca onde sabia que encontraria o irmão.

Daniel deixou o livro de lado assim que o viu surgir na porta, todo vestido de negro, com o semblante alterado. Viu-o aproximar-se com passos firmes, como um guerreiro que vai para a batalha. Daniel ficou apreensivo, temendo que ele tivesse descoberto as visitas à Sala das Almas ou, pior, os planos urdidos com Samael. Mas não teve tempo para desenvolver nenhuma hipótese. Em poucos segundos Lúcifer estava de pé, à sua frente, com os punhos cerrados e os olhos brilhando de ódio. Perguntou, com o timbre mais alto que o normal:

— O que vocês fizeram com Lucrezia?

Daniel não fazia ideia do que ele estava falando. Estava quase isolado, sem notícias do que acontecia no mundo, e não disfarçou a surpresa gerada pela pergunta de Lúcifer.

— Não sei — respondeu, sentindo-se aliviado por a ira de Lúcifer ter origem em Lucrezia. — O que aconteceu?

Lúcifer observou-o, estudando a sua expressão com atenção: o rosto de Daniel mostrava genuína admiração com a pergunta do irmão. Ele não parecia ter conhecimento algum do que acontecera. Continuou a observá-lo, enquanto lhe dava a notícia, com a voz crispada:

— Lucrezia foi dissipada. Acabou.

— Não sei de nada — respondeu Daniel, mantendo a expressão de espanto.

— Isto é trabalho dos seus Guardiões — apontou o indicador para Daniel. — Só eles podem tê-la destruído.

— Sei que vocês dois eram ligados, mas acho que foi positivo — disse Daniel sério, justificando a sua opinião. — Ela estava causando muitos problemas com aquela mania de querer à força um Anunciado para dominar o mundo.

— Não era ela... — Lúcifer falou, como se estivesse mordendo as palavras. — Era eu. Ela me servia — bateu uma vez no peito com a palma

aberta.

— Tem certeza? — perguntou Daniel astutamente, tentando gerar a dúvida no irmão.

— No final ela voltava sempre para mim — afirmou Lúcifer, antes de ameaçar. — Alguém terá que pagar por isso.

— Não — respondeu Daniel. — Ela tirou a vida de Kent e os Guardiões tiraram a vida dela. Se é que foram mesmo os Guardiões.

— Claro que foram. Nenhum humano poderia destruí-la. Ela tinha uma única vulnerabilidade, e Besson deve ter descoberto.

— Você sabia do caso deles?

— Claro que sabia. Eu sei tudo — respondeu com arrogância. — Eu sempre quis Besson, mas agora garanto que a alma dele será minha — afirmou, com um lampejo de ódio no olhar.

— Ele não é mais um Guardião, mas continua sendo nosso protegido. — Daniel pensou por um instante, antes de dizer: — Ele vai onde nenhum dos Guardiões pode ir e faz o que precisa ser feito.

— É essa atuação que vai custar a alma dele — anunciou. — Além disso, ele tem a minha esmeralda.

— Deve ser preocupante para você que essa esmeralda esteja nas mãos de Besson. Talvez seja essa a sua única vulnerabilidade, Lux — Daniel observava-o, estudando cuidadosamente as suas expressões. Percebeu que uma sombra rápida cruzou o olhar do irmão e soube que acertara o alvo: finalmente tinha certeza de que a esmeralda seria capaz de destruí-lo.

Lúcifer abriu os lábios num sorriso largo e disse de modo enigmático, encarando o irmão:

— Você sabe muito bem que não pode permitir que alguém me destrua — baixou o tom de voz e inclinou-se para Daniel, antes de continuar. — Você precisa de mim. Vivo.

Daniel baixou o rosto, com um sorriso suave, sem responder à provocação. Em vez disso, voltou ao assunto de Miguel:

— Besson não te pertence: ele está se redimindo dos excessos que cometeu.

— Você acredita na redenção dele? — perguntou sarcástico, saindo da sala sem esperar resposta, pisando o chão com passos rápidos e pesados, mostrando que a sua fúria não diminuía.

Alessia e Uchoa levaram as cinzas de Lucrezia numa pequena caixa de aço para Lisboa. Os restos mortais tinham grande poder se fossem usados em rituais de magia e Dib iria trancá-los no Mosteiro, junto com outras relíquias amaldiçoadas.

Mas, em Berlim, Halder e Dieter queriam garantias de que Lucrezia estava morta.

— General, o assunto está encerrado — afirmou Miguel, ocupando um dos sofás do escritório de Dieter, próximo de Seth.

— Têm provas? — inquiriu Dieter, cauteloso.

— Estas fotografias — afirmou Miguel, mostrando Lucrezia trespassada pela lança, pouco depois da sua morte.

— Isso não significa nada — argumentou Dieter, devolvendo o celular com as imagens.

— Desta vez significou — assegurou Miguel.

— E o corpo? — perguntou Halder, sabendo que eles não haviam tirado o corpo do hotel. Seus soldados, sempre vigilantes, não tinham visto nada de estranho.

— Já cuidamos disso — explicou Miguel, econômico.

— Como? — insistiu o general, insatisfeito com a resposta.

— General... é melhor não entrarmos nesses detalhes — avisou Miguel, com o rosto sério para que não houvesse dúvidas de que não pretendia explicar o que acontecera ao corpo. — Uma coisa é certa: não voltarão a ter problemas com Lucrezia Zani.

Halder não estava satisfeito com as respostas de Miguel, mas percebia que Dieter estava impaciente para encerrar aquele assunto.

— E há mais... pessoas como ela? — perguntou Halder, por precaução.

— Não sabemos — mentiu Miguel. — Mas magos negros como Lucrezia surgem sempre que a situação é propícia.

— E qual seria essa situação? — questionou Halder, desagradado com o aviso.

— Situações de intenso sofrimento e morte, como as guerras — avisou Seth.

Halder e Dieter trocaram um rápido olhar de cumplicidade, cada vez mais seguros de que os campos subterrâneos teriam que ser eficazes, verdadeiras máquinas de matar, rápidas e indolores, ao contrário do que acontecera nos campos da Segunda Guerra. Dieter não estava disposto a lidar com outra pessoa como Lucrezia Zani, nem a repetir a experiência do avô, que ficara

refém de crenças ocultistas, das quais ele estava tentando se libertar, para ser o único senhor do seu destino.

— Compreendo — respondeu Dieter. — E se surgir mais alguém com o perfil dela?

— Entre em contato conosco — avisou Miguel.

— Então vocês são uma espécie de... caçadores? — questionou Halder, que ainda não descobrira quem eram aqueles homens, mas precisava catalogá-los de alguma forma.

— Se quiser considerar assim... — Miguel preparava-se para se despedir quando Halder fez uma última pergunta:

— E a lança?

— Vamos ficar com ela, como combinamos. Alguma objeção? — questionou Miguel.

— Não — respondeu Dieter, sem hesitar. Não lhe parecia que a lança trouxesse nada de positivo. Se assim fosse o seu avô não tinha terminado de maneira trágica e o Terceiro Reich não teria fracassado. Aquele era mais um passo para dissociar o nazismo do ocultismo.

Para evitar pontas soltas sobre o caso de Lucrezia só lhes faltava falar com Hogdson. Miguel telefonou, mas havia montado com Seth uma versão diferente da que acontecera: informou Hogdson de que, ao retirarem a lança do peito de Lucrezia, ela estava morta. Hogdson pareceu aliviado com a explicação, porque parecia trazê-lo de volta à normalidade:

— Talvez seja melhor assim. É mais racional.

— Sem dúvida — disse Miguel, ciente de que a mentira simplificara muito os fatos.

— E a lança? — perguntou Hogdson.

Miguel sorriu: todos os que viram ou ouviram falar da lança pareciam ter uma estranha obsessão por ela. Por isso achou admirável que Dieter conseguisse se livrar dela: ele havia escolhido exercer o poder na Alemanha e rejeitado submeter-se ao mundo sobrenatural. — Não tem nada de especial — respondeu Miguel. — Você não acredita que era mesmo a Lança de Longinus, acredita? Uma lança com dois mil anos não estaria naquele estado de conservação, nem poderia ser manuseada daquela forma — argumentou.

— Tem razão. Eu estava perturbado por causa de Lynn e talvez tivesse me deixado levar pelas circunstâncias — disse, antes de tentar argumentar. —

Mas o filme não tem explicação.

— Destrua o filme — aconselhou Miguel, que já articulara uma explicação mais convincente para o filme. — Acho que foi uma armação de Dieter e Halder para perturbá-lo, ou pior, para arruinar a sua carreira. Repare — disse, preparando-se para resumir os seus argumentos —, você é um jornalista prestigiado e as suas opiniões são respeitadas. O fato de ser pai da namorada de Dieter, e ser contra o nazismo, é muito negativo. A melhor maneira de diminuir a sua importância é minando a sua reputação.

Hogdson hesitou: aquela explicação fazia todo o sentido e tinha muita lógica. Talvez Dieter e Halder quisessem destruí-lo ou, pelo menos, mantê-lo sob controle. E só algo assim poderia explicar o que ele tinha visto.

— Talvez... — disse Halder após alguns segundos de silêncio.

Pouco depois de desligar, Hogdson reviu, pela enésima vez, a gravação do celular com atenção fixa, evitando perder qualquer detalhe: realmente parecia um filme de ficção. Agora lhe parecia óbvio que se ele tivesse vindo com aquilo a público teria destruído a sua reputação, exatamente como Temple, e agora Miguel, haviam mencionado. Sentiu que a sua clareza de raciocínio estava voltando, como se uma nuvem de crenças absurdas o estivesse abandonando. A sua velha lógica estava de volta. Colocou o dedo sobre a tecla e, após uma hesitação breve, apagou o filme. Pretendia fazer o mesmo com a cópia que dera a Temple.

Quando Elizabeth entrou no seu quarto, às seis da tarde, surpreendeu-se ao encontrar Samael esperando por ela, sentado pacientemente numa das suas poltronas. Elizabeth hesitou por um segundo, sem saber se devia ou não chamar Dib, mas Samael foi ao seu encontro, no meio do quarto. Observou-a com atenção e quando falou a sua voz era suave e aveludada:

— Elizabeth, eu sou Samael.

Ela moveu levemente a cabeça. Ele era alto, esguio, e a sua pele alva e os olhos profundamente verdes contrastavam com o longo cabelo negro. Ela jamais imaginara que a morte fosse representada por alguém tão belo e sereno.

— Vou chamar Dib — anunciou, deixando Samael sozinho, para voltar acompanhada de Dib minutos depois.

— Como vai? — cumprimentou Samael.

— Bem, obrigado — respondeu Dib.

— Cobriu o espelho? — perguntou Elizabeth, notando que o espelho estava coberto por uma manta, que costumava ficar dobrada sobre os pés da sua cama.

— Para evitar surpresas — justificou-se Samael. — Não quero que Lúcifer apareça enquanto eu estiver aqui. Isso poria em risco todo o nosso plano.

— E qual é o plano? — perguntou Dib.

— É mais seguro que não saibam. Por enquanto — avisou, com a voz cadenciada e branda.

— O que podemos fazer para ajudá-lo? — quis saber Dib.

— Eu posso movimentar-me para qualquer lugar, mas não posso entrar no submundo sem a permissão de Lúcifer. Por isso, vou precisar usar o espelho de Iblis — apontou com o indicador para o espelho. — E durante o tempo que eu permanecer no submundo, terão que manter o portal aberto e funcional. Isso é muito importante — frisou.

— Como vamos manter o portal aberto? — argumentou Elizabeth.

— Quando eu passar, não vou fechá-lo, mas vocês precisam garantir que nada nem ninguém fique na frente do espelho. A passagem tem que estar completamente desobstruída — enfatizou.

— Você vai trazer alguém de lá? — perguntou Dib, intuitivamente.

Samael olhou para ele com uma expressão séria, antes de responder:

— O que quer que saia por aquele espelho, não deve ser impedido. Não feche o portal até que eu passe. Isto tem que ficar muito claro, Dib.

— E o que vai acontecer se Lúcifer descobrir o que estão fazendo? — perguntou Elizabeth.

Samael ficou em silêncio, mirando os dois com a sua placidez habitual. Aquilo era algo que não podia comentar. Daniel é que deveria prepará-los para as terríveis consequências do plano que eles estavam pondo em ação.

— Obrigado pela ajuda — agradeceu Samael, antes de partir, sem responder à pergunta de Elizabeth.

Dib analisou a lança, com cuidado e reverência. Aquela era a lâmina que ferira Cristo dois milênios antes, perfurando o seu corpo de modo a alimentar os mitos sobre a sua morte. Estava milagrosamente conservada. Mas sangrava constantemente. Só parava de sangrar quando estava envolvida em sua proteção de veludo negro.

Todos se mantinham silenciosos em volta do objeto, fascinados com o seu

simbolismo e poder. Dib pousou a lança ao lado da caixa de metal com as cinzas de Lucrezia.

— Excelente trabalho — disse, parabenizando os envolvidos na recuperação da lança e na morte de Lucrezia. — Precisamos manter estes dois objetos seguros, até os transferirmos para o Mosteiro.

— Talvez seja melhor mantê-los aqui, na sede da Ordem, do que em casa — sugeriu Uchoa.

— Sim — concordou Dib. — Por enquanto, vão ficar no porão.

A sala a que Dib se referia albergava várias obras de arte e era protegida por uma porta blindada. Mas, apesar das medidas de segurança, todos sabiam que o Mosteiro era o único lugar totalmente seguro para objetos daquela magnitude e com aquele poder.

— Dieter vai ser pai — avisou Miguel, mudando bruscamente o rumo da conversa. — Isso significa que a descendência de Hitler vai continuar.

— Acha que isso é um problema? — questionou Elizabeth. — A criança ainda não nasceu, e não sabemos o que será...

— Não nasceu, mas representa a continuidade. E se crescer no meio de nazistas, com certeza seguirá os passos do pai — avisou Uchoa.

— O problema é o Dieter. É nele que precisamos nos concentrar agora — avisou Elizabeth.

— Você sonhou? — perguntou Dib, que aprendera a reconhecer as reações de Elizabeth.

— Sim, e embora não tenha visto claramente, sei que está acontecendo algo terrível — avisou Elizabeth. — Embaixo da terra havia túneis e salas com portas de aço numeradas em amarelo.

— Tem ideia do que possa ser? — perguntou Miguel.

— Eles estão construindo câmaras de morte em algum lugar da Alemanha. A notícia chocante alarmou-os.

— O quê? — perguntou Dib, atento, franzindo a testa em sinal de preocupação.

— Câmaras de morte — repetiu Elizabeth. — Mas precisamos de provas e eu não descobri a localização e também não sei se já estão finalizadas.

Os Guardiões ficaram silenciosos. As palavras de Elizabeth traziam à memória o horror das práticas de extermínio da Segunda Guerra e dos campos nazistas.

— Se Elizabeth estiver certa, estamos perante uma repetição dos campos de concentração, mas desta vez eles estão planejando com antecedência e

muito secretismo — comentou Uchoa, antes de concluir, com expressão tensa: — Precisamos impedir que isso aconteça.

— O que está sugerindo? — perguntou Miguel, sempre pragmático.

— Talvez devêssemos eliminar Dieter, como Miguel já sugeriu — disse Uchoa, surpreendendo-os com a sugestão.

— Você quer dizer assassinar? — insistiu Miguel, grande defensor da ideia.

— Sim — concordou Uchoa, justificando: — Se tivéssemos feito isso com Hitler, teríamos salvado milhares de vidas.

— Não vamos assassinar ninguém. Essa é a nossa primeira lei — anunciou Dib, mantendo a serenidade e acabando com aquele delírio. Percebia que a influência de Miguel começava a fazer-se sentir na Ordem e não podia permitir aquilo. Destruir alguém era uma atitude que poderia acontecer apenas em situações limite, quando estavam esgotadas todas as opções. — O que precisamos fazer é mapear o solo alemão, para descobrir a localização dessas câmaras e expô-las ao mundo. Isso revelaria as verdadeiras intenções dos nazistas.

— E como pretende fazer isso? — perguntou Miguel, surpreso.

— Pretendo que os homens descubram as câmaras de morte — sugeriu Dib.

— E nós vamos manipulá-los para que isso aconteça — concluiu Seth, antes de perguntar: — Como?

— Precisamos de um aliado que tenha acesso aos meios para conseguir essa informação. E sabemos quem é — comentou Dib devagar, como se estivesse ajustando o seu plano enquanto falava.

— Quem? — perguntou Elizabeth. — William Temple?

— Sim — confirmou Dib. — Ele é o opositor de Dieter e, embora não saiba, é também nosso protegido: Daniel garantiu que nem uma gota do seu sangue será derramada.

— A não ser que os nazistas decidam matá-lo sem derramar o seu sangue — lembrou Miguel, com uma ponta de cinismo.

Dib mirou-o com expressão de reprovação, mas antes que pudesse responder-lhe, Uchoa questionou:

— Como vai contatar Temple e depois convencê-lo da existência de câmaras secretas sem uma única prova? — questionou Uchoa.

Dib sorriu, demonstrando que tinha uma solução:

— Besson e Seth irão a Londres para conseguirem uma reunião com

Temple, através de Tom Hogdson. Ele e Temple foram colegas de faculdade e são próximos — sugeriu Dib. — Nessa reunião com Temple vão mencionar que, durante o tempo que estiveram na Alemanha, ouviram *rumores* sobre a construção de campos de concentração subterrâneos. Se necessário, Hogdson pode confirmar que vocês estiveram na Alemanha e contataram nazistas do mais alto escalão.

A sala ficou em silêncio, assimilando o plano simples e eficaz de Dib. Naquele momento ele agira de forma muito similar à de Daniel: planejando com inteligência e aproveitando as oportunidades do momento. Dib pretendia conduzir Temple à descoberta das câmeras de morte, para expor os nazistas, mantendo a atuação dos Guardiões salvaguardada.

Daniel esforçava-se para manter a tranquilidade. Não podia cometer nenhum erro, ou tudo o que planejava por tanto tempo com Samael estaria perdido.

O comportamento de Lúcifer, depois da dissipação de Lucrezia, tornara-se imprevisível. No dia anterior, em vez do seu passeio habitual, fechara-se na Sala do Trono. Se fizesse o mesmo naquela manhã, Daniel teria que adiar de novo a libertação das almas. E se Lúcifer saísse, havia ainda o risco adicional de voltar mais cedo e flagrar Daniel. E, nesse caso, não hesitaria em atirá-lo para a sala negra, onde estavam os que o haviam traído.

Além disso, para o plano funcionar, Daniel teria que contar com a ajuda das almas para abrir todas as caixas de cristal. Daniel tinha uma única oportunidade. Aquela era a primeira vez que alguém tinha coragem para invadir os domínios de Lúcifer e libertar as almas brancas que ele vinha roubando, e aprisionando, há milênios.

Daniel esperou pacientemente por Lúcifer, sentado num banco do jardim, de onde tinha uma visão clara do percurso até o portão, que separava a área privativa da área externa, como Lúcifer gostava de chamar ao resto do submundo, onde realmente estavam os horrores.

Às dez da manhã, uma hora mais tarde do que o habitual, Daniel viu Lúcifer desaparecer pelo portão. Ele já não parecia furioso, apenas abatido: caminhava com os ombros ligeiramente curvados e o seu rosto estava um pouco pálido. Por muito turbulenta que fosse a sua relação com Lucrezia, a morte dela havia-o perturbado.

Assim que o portão se fechou, Daniel dirigiu-se para a Sala do Trono.

Cada dia era mais difícil distinguir os dois, especialmente depois que Daniel passara a adotar gradualmente as roupas negras, iguais às do irmão, para melhor se fazer passar por ele.

Atravessou os corredores com rapidez e, quando entrou nos aposentos de Lúcifer, desceu as escadas em segundos. Ao chegar à Sala das Almas, pôs o seu plano em prática. Dirigiu-se à mesa central, para libertar as almas mais brilhantes dos tubos de cristal, mas antes falou com elas, como Samael havia sugerido:

— Sou Daniel, irmão de Lúcifer — percebeu que o zumbido que as almas faziam se silenciou e as luzes trêmulas se aquietaram. — Vou libertar vocês, mas preciso de ajuda. Assim que saírem das caixas, têm que libertar as outras almas, do ponto mais alto das paredes para baixo — explicou, para manter certa ordem e evitar confusão. — A seguir vão à sala ao lado, libertar as outras. Já deixei a porta encostada para que possam passar. Depois, esperem por mim no início das escadas. — Deu um último conselho: — Agrupem-se sempre junto ao teto, para evitar que alguém os veja. Entenderam?

A volta do zumbido, por um momento, pareceu indicar que as almas haviam compreendido o monólogo de Daniel. Mas ele só teria certeza depois que começasse a libertá-las. Usou as duas mãos para acelerar o processo e apertar simultaneamente dois botões nas bases dos tubos de cristal. As tampas abriram e as almas voaram, como dois pontos brilhantes em direção às filas superiores, exatamente como Daniel pedira. Em segundos, filas de caixas perdiam as luzes que as haviam iluminado até ali, e a sala foi-se enchendo de zumbidos suaves. Daniel viu uma nuvem imensa de pontos brilhantes deslocando-se na direção da porta e soube que iam para a sala seguinte. Ao contrário do que imaginara, o processo levava apenas alguns minutos, graças à participação das almas.

Quando a sala ficou vazia, Daniel passou pela sala seguinte para confirmar que todas as almas também haviam sido libertadas e correu para a base da escada. Olhou para o teto e ficou fascinado ao perceber que havia milhares de luzes minúsculas, silenciosas e imóveis, aguardando o seu sinal. Subiu as escadas, acompanhado por uma espécie de onda luminosa rente ao teto, atravessou a Sala do Trono e os corredores em direção à Biblioteca. As chances de haver alguém por ali eram mínimas, mas podiam sempre tropeçar com algum visitante indesejado. E foi o que aconteceu. Assim que abriu a porta da Biblioteca, Daniel deu de cara com um belíssimo Anjo Negro, com um rosto anguloso de feições índias. Ele olhou para Daniel, hesitante. Estava

de pé com um livro na mão. Pousou-o na ponta da mesa e foi ao encontro de Daniel: era óbvio que pensava tratar-se de Lúcifer. Daniel precisava afastá-lo dali, para poder acessar o portal. Pensou rapidamente e quando o anjo parou na sua frente já tinha decidido o que faria:

— Não sou Lúcifer. Sou seu irmão gêmeo — avisou deixando o anjo desconcertado com a semelhança dos dois, e o fato de Lúcifer ter um irmão gêmeo. — Mas ele quer falar com quem estiver na biblioteca.

O anjo acenou silenciosamente com a cabeça, sem esconder a sua confusão.

— Há mais alguém aqui? — perguntou Daniel.

— Sim — disse apontando para a estante que ficava exatamente sobre o portal.

— Chame-o e vão à Sala do Trono.

O anjo voltou-lhe as costas e foi buscar o outro, antes de ambos abandonarem a Biblioteca. Daniel respirou fundo e olhou para o teto: metros acima estava o manto brilhante, mantendo-se imóvel. Ele fez um sinal e o manto deslizou, pairando sobre a sua cabeça. Daniel afastou a estante e Samael apareceu. Por um segundo, Samael teve a mesma expressão de fascínio no rosto, que também assaltara Daniel, quando viu aquele imenso mar de pontos luminescentes. Eram muitas almas. Bem mais do que imaginara.

— Não temos tempo — avisou Daniel, pensando que em breve os anjos voltariam, quando percebessem que ele os enganara.

— Vamos — disse Samael, entrando no portal, seguido das almas silenciosas. Daniel foi o último a passar. Tentou fechar o portal da Biblioteca, mas não conseguiu. Sempre soubera que a estante precisava ser empurrada pelo lado de fora, para selar a entrada, e que ao deixar a estante encostada corria o risco dos anjos o seguirem pelo portal, mas não tinha escolha.

Hogdson explicou detalhadamente a Temple o que acontecera em Berlim, inclusive a morte de Lucrezia, tal como Miguel lhe havia contado.

— Então você acredita que ela está mesmo morta?

— Sim. — Hesitou Hogdson, antes de comentar: — Agora parece ridículo ter pensado que ela sobreviveria a uma lança no coração.

— Com certeza — Temple ficou pensativo por um momento, antes de afirmar: — Essas explicações sobrenaturais abalam o emocional e destroem a

clareza do raciocínio. E o filme... Parece uma farsa para perturbá-lo, ou minar a sua reputação, como os seus conhecidos afirmaram. E eles devem saber do que estão falando, Tom. Afinal, como você mesmo me disse, já haviam ajudado a prender essa assassina em Paris — Temple deu um gole generoso no seu uísque, antes de acrescentar pausadamente: — O grupo de Dieter gosta de destruir a credibilidade de qualquer um que lhes faça frente.

— O que está acontecendo, William? — perguntou Hogdson, atento, ao escutar o comentário do amigo. — Eles fizeram alguma coisa parecida com você?

— Sim — disse, levantando-se do sofá para pegar o grosso dossiê marrom que estava sobre a mesa. Entregou-o a Hogdson e explicou: — De acordo com o que está aí, eu e meus filhos somos milionários com vários investimentos no JKW. Basicamente, lucramos com a crise e até já contribuímos para a campanha dos nazistas na Alemanha.

Hogdson começou a folhear o dossiê e Temple continuou falando:

— Os serviços secretos ingleses descobriram as ações eletrônicas. O mau da internet é que todos podemos ser alvos, e o bom é que todos deixam o rastro de suas ações. Nada é realmente apagado e, apesar dos nazistas serem brilhantes, os nossos serviços são melhores.

— Sabem quem foi?

— Não descobriram exatamente quem foi, mas descobriram de onde partiu.

— Do JKW?

— Sim. E a nossa equipe já me transformou novamente num homem pobre. E os meus filhos também. O que quero dizer, Tom, é que eles são realmente perigosos. E estão em todo o lado, controlando e manipulando tudo. Pode ser qualquer um — avisou Temple, com a voz cansada. — Você conheceu a minha secretária, Megan Holmes?

— Sim.

— Ela trabalha para o JKW — confessou.

— O quê? Como é isso possível?

— Eles têm gente infiltrada em vários governos há muito tempo. Adormecida. Esperando o momento certo para agir — Temple ergueu os olhos e fixou-os no amigo, antes de lhe contar detalhes sobre a terrível descoberta. — Quando houve o segundo atentado, o assassino tinha que saber onde eu estaria e poucas pessoas tinham acesso à minha agenda pessoal. Os serviços secretos investigaram o pessoal do meu gabinete. Discretamente,

claro. Quando eu recebi as três listas com os bens, essas primeiras páginas que você viu no dossiê — disse apontando para os papéis que Hogdson ainda tinha nas mãos — falei com Charles Major. Ele já tinha uma teoria e aprofundou a investigação até descobrir que Megan era alemã e tinha ligações com o JKW.

— E onde ela está agora?

— Trabalhando — disse Temple, sorrindo pela primeira vez, desde o início da conversa.

— Você é louco? Eles ficam sabendo tudo o que você está fazendo!

— Não mais. Major está usando Megan, através de mim, para enviar informações ao JKW. — Temple inclinou-se para diante, diminuindo a distância que o separava de Hogdson, e disse em voz mais baixa: — Informações falsas. Inclusive informações militares.

Hogdson deu uma gargalhada. Finalmente começava a surgir uma luz no horizonte.

— Mas isso não é tudo... — avisou Temple. — Começamos uma operação em toda a Europa para descobrir quem são os outros agentes infiltrados.

— Já descobriram algum?

— Três. Ao acompanharmos as ações de Megan, descobrimos seus contatos. E agora que os estamos vigiando, certamente vamos descobrir mais.

— E depois alimentam-nos com informações falsas.

— Exatamente — disse Temple, sorrindo.

— Talvez consigamos minar o nazismo antes de se fortalecer mais — comentou Hogdson, também com um sorriso, sentindo a esperança voltar.

— Não temos outra opção: precisamos destruí-los — afirmou Temple, levantando-se ao escutar as batidas suaves de Joan na porta do escritório, chamando-os para o jantar.

22. Olho por olho, dente por dente

*Olho por olho, dente por dente, pé por pé. Queimadura por queimadura,
ferida por ferida, golpe por golpe.*

Êxodo 21: 24-25

Lúcifer estava de pé, na sala, observando o ambiente, para descobrir por que a luz diminuía e a temperatura esfriara. O equilíbrio da luz e da temperatura vinha diretamente da Sala das Almas, do lugar que ele chamava de Mesa Branca. Lúcifer projetara aquela mesa com cristais, para que funcionasse como um poderoso gerador a partir da energia das almas brancas. Também tinha uma sala de repouso, onde aumentava a sua energia e mantinha reservas em sua esmeralda, para que ela funcionasse como uma bateria.

As batidas na porta interromperam a sua análise. Quando abriu, estranhou a visita dos dois Anjos Negros.

— O que estão fazendo aqui?

— O seu irmão disse que queria falar conosco — respondeu o anjo de feições índias.

Lúcifer franziu os olhos, como se estivesse se esforçando para pensar melhor, percebendo de imediato que se tratava de um engodo.

— Onde o encontraram?

— Na Biblioteca.

Lúcifer apertou os punhos para controlar a raiva e dirigiu-se à Biblioteca apressadamente, seguido pelos dois anjos, que não compreendiam o que

estava acontecendo. Assim que entrou, a estante deslocada, que ocultava o portal, prendeu imediatamente a sua atenção. Lúcifer foi até lá, com os olhos brilhando de ódio. Ordenou aos dois anjos, para evitar que eles descobrissem a existência daquele portal:

— Saiam. E... não deixam ninguém entrar!

Aproximou-se do portal. Pela temperatura morna, era óbvio que Daniel tinha atravessado havia pouco tempo e parecia ter levado com ele um grande fluxo de energia.

Mesmo sem ter certeza do que estava havendo, calculou que o desequilíbrio da luz e da temperatura estava relacionado com algumas das almas que Daniel conseguira recuperar. Ele devia ter descoberto a Sala das Almas, pensou Lúcifer furioso, deduzindo os planos de Daniel.

Supôs que Daniel tivesse libertado as almas da Mesa Branca e por isso a energia estivesse instável. Decidiu que cuidaria da Sala das Almas depois. Naquele momento precisava seguir Daniel e impedi-lo de ser bem-sucedido, qualquer que tivesse sido o seu plano.

O discurso de William Temple nas Nações Unidas foi devastador: criticou duramente a Alemanha e alertou para os perigos crescentes do neonazismo. Chamou Dieter Steinbach de *herdeiro maldito* e responsabilizou-o pela escalada da violência na Europa. Temple conseguiu que os olhos do mundo se voltassem para Dieter, mas, ao mesmo tempo, apressou a sua sentença de morte, fazendo com que o chanceler alemão radicalizasse as medidas contra ele. As tentativas para assassiná-lo e associá-lo ao JKW para destruir a sua reputação tinham falhado. O homem parecia ter mais vidas que um gato. Falou com Halder:

— Precisamos de uma solução definitiva para Temple. Desta vez sem erros.

— Eu sei — pela forma séria e econômica como Halder respondera, Dieter percebeu que ele estava planejando algo e, apesar da sua irritação com o discurso de Temple, não conseguiu evitar um sorriso de satisfação perante a eficiência do seu general.

— Então já tem um plano?

— Vamos usar polônio 210 — disse Halder, movendo levemente a cabeça em resposta à pergunta de Dieter. — Não há como ele escapar, até porque não há antídoto.

Dieter ficou pensativo por alguns segundos, antes de questionar:

— Mas é radioativo. Não é demasiado perigoso?

— Não, se for manipulado com segurança — assegurou Halder.

— Ótimo — aprovou Dieter, sorrindo.

Dib reuniu os Guardiões no quarto de Elizabeth enquanto aguardavam a chegada de Samael. Tinha-lhes explicado o pedido de Daniel e adiar a viagem de Miguel e Seth para Londres, para contatarem Temple, porque não sabia o que Samael e Daniel haviam planejado. Mas quando Samael retornou do submundo, seguido por milhares de luzes, ficou claro qual tinha sido o plano secreto arquitetado com Daniel: libertar as almas injustamente aprisionadas no submundo, sem o julgamento de Samael.

Elizabeth aproximou-se do espelho, esperando Daniel. Porém, as almas continuaram atravessando, em seu imparável fluxo luzidio. Inundaram o espaço com uma luz tão intensa que cegava os olhos, oferecendo um espetáculo de luzes e zumbidos, como se milhares de pirilampos estivessem voando pelo ar.

Finalmente Daniel atravessou o portal, mas dirigiu-se apressado para Samael:

— Você tem que ir. Não consegui fechar o portal e Lúcifer pode nos seguir.

— Obrigado — agradeceu Samael, abraçando Daniel, antes de desaparecer misteriosamente, como se tivesse evaporado no ar, levando todas as almas em menos de um segundo.

— Como ele fez aquilo? — perguntou Elizabeth, espantada.

— É o que ele faz. É assim que ele leva os mortos — respondeu Daniel, olhando em volta à procura de algo para bloquear o espelho. Mas antes de conseguir selar o portal, Lúcifer surgiu no seu limiar e, embora não pudesse sair, puxou Elizabeth para junto dele. Ela tentou resistir, mas ele apertou o seu braço com força fazendo-a gemer de dor.

— Sugiro que fique quieta, antes que eu realmente machuque você — avisou.

Daniel deu dois passos adiante, com as mãos levantadas, em sinal de rendição, percebendo o que o irmão estava planejando fazer. Pediu:

— Leve-me no lugar dela.

— Você já ocupou o lugar dela uma vez. Desta vez não vai funcionar —

avisou.

— Lux, por favor... — pediu Daniel. — Pode fazer de mim o que quiser. Mas deixe-a. Ela não tem nada a ver com isto.

— Vou dizer como funciona: vou levar algo seu, até que devolva o que pegou de mim.

Lúcifer puxou Elizabeth para dentro do espelho, desaparecendo com ela.

Os Guardiões ficaram em silêncio, aturdidos com a rapidez com que tudo acontecera.

— Ele já sabe exatamente o que você pegou? — perguntou Miguel, baixinho.

— Não sei — respondeu Daniel no mesmo tom, com a voz tensa.

— Esperemos que ele não desconte em Elizabeth quando descobrir a magnitude do roubo — avisou Miguel.

— Talvez isso não seja o pior — avisou Daniel, fazendo Miguel encará-lo com uma sombra de temor nos olhos.

— O que está querendo dizer? — questionou Miguel.

— No submundo nos tornamos mais frágeis, mas quando a descida não é voluntária, o corpo se torna gradualmente enfraquecido — avisou Daniel.

Os Guardiões ficaram em silêncio, tentando entender as implicações daquela informação. Mais uma vez, Miguel foi o primeiro a falar:

— O que isso significa?

— Quanto mais fraca Elizabeth estiver, maior será o poder dele sobre ela.

Miguel cerrou os punhos, sentindo sua raiva contra Daniel crescer. Responsabilizava-o por tudo o que pudesse acontecer com Elizabeth.

— Temos que fechar o portal — disse Daniel, colocando finalmente uma proteção sobre o espelho com a ajuda de Dib, mesmo sabendo que era tarde demais.

Lúcifer conduziu Elizabeth às acomodações que lhe destinara, próximas das suas: um quarto com banheiro, sala privada e um jardim. Aquela seria a gaiola dourada dela, durante o tempo que ali permanecesse. Dois Anjos Negros guardavam sua porta e iriam acompanhá-la para todo o lado. Lúcifer não pretendia dar-lhe a liberdade que dera a Daniel.

Ele próprio selou o portal da Biblioteca, para evitar que voltasse a ser usado, e depois desceu para a Sala das Almas. Foi então que percebeu o estrago que Daniel fizera: ele não levava apenas algumas almas, como Lúcifer

imaginara, ele levaria todas as almas. Aquilo significava que, em breve, quando a energia remanescente das almas se esgotasse, a sua área privativa seria dominada pelas trevas.

A escuridão e o frio eram eminentes. Eram as almas brancas que alimentavam tudo, com sua energia pura e inesgotável. Lúcifer estava furioso. Chamou alguns dos anjos e ordenou que trouxessem as *almas cinzentas*, as almas condenadas que estavam tentando se redimir do mal que haviam feito, para se libertarem do submundo e passarem ao nível seguinte de evolução.

Lúcifer iria usá-las para obter a energia de que necessitava, mas, ao contrário das almas brancas, a energia delas esgotava-se e era mais fraca, por isso ele precisaria de milhares de almas para restabelecer o equilíbrio da luz e da temperatura. E tinha que monitorá-las constantemente. Aquilo resolveria o problema, mas não aplacaria a onda de ódio que sentia. Nunca, em toda a sua existência, desejou tanto destruir o irmão. Porém, não poderia matá-lo devido ao segredo que pairava sobre eles como uma maldição.

Embora consumido pelo sequestro de Elizabeth, Daniel sabia que não conseguiria voltar ao submundo e nada poderia fazer para resgatá-la naquele momento. Só lhe restava aguardar, mas aquela seria uma longa e dolorosa espera. Voltou sua atenção para os assuntos terrenos. Ao assumir de novo o lugar de Guardião Supremo, concordou com a decisão de Dib, considerando que era vital travar os avanços dos nazistas e revelar a construção dos campos de prisioneiros.

Miguel e Seth estavam em Londres, tentando marcar a reunião com William Temple, através de Tom Hogdson. Encontraram-se com ele no escritório do jornal.

— Não pensei que voltaria a vê-los tão cedo — disse Hogdson, depois de se cumprimentarem. — Em que posso ajudá-los?

— Qual a sua relação com o primeiro-ministro? — perguntou Miguel frontalmente, deixando Hogdson de sobreaviso.

— Não espera que eu fale sobre isso, não é?

— Sabemos que frequentaram a mesma universidade e o mesmo círculo social. Portanto, já está estabelecido que se conhecem — avisou Seth, com calma. — Só queremos determinar qual o seu nível de acesso a ele.

— O que querem com ele?

— Qual o seu acesso a ele? — perguntou Miguel.

— Vocês me procuraram, portanto precisam de mim — avisou Hogdson, cuidadoso. — Se querem acesso a Temple, primeiro têm que me contar o que desejam.

— Não sabemos até que ponto você é confiável — respondeu Miguel, com a sua habitual frontalidade, decidido a ser transparente com Hogdson. — Dieter Steinbach vive com a sua filha e pode estar a pressioná-lo para conseguir todo o tipo de informação. E o assunto que pretendemos discutir com o primeiro-ministro é muito sensível.

Hogdson ficou calado por um longo momento, antes de argumentar:

— Eu pensaria o mesmo se estivesse no lugar de vocês. Mas eu quero salvar Lynn e para isso tenho que destruir Dieter. É a única solução. — A sua voz revelou tristeza, ao concluir: — Ela está tão apaixonada que está surda a qualquer argumento.

— Isso não significa que você não esteja sendo pressionado por causa dela — insistiu Miguel, com firmeza.

— Basta Lynn estar com Dieter para eu estar sendo pressionado — confessou, com honestidade. — Porém, se eu não fizer nada, tudo isto — fez um gesto vago com as mãos — vai desaparecer e em breve vamos ser engolidos pela escuridão do neonazismo — aquietou-se, pensativo. — Eu marco o encontro. É com vocês?

— Sim — respondeu Seth.

— É urgente, Hogdson. — Miguel inclinou-se para diante, aproximando-se bem do jornalista para dizer baixinho: — Tenha cuidado: você está sendo vigiado.

Miguel e Seth haviam investigado Hogdson, antes de se encontrarem com ele. E suas suspeitas se confirmaram, ao descobrirem que dois homens se revezavam para mantê-lo sob constante vigilância. Eles deduziram que se tratava dos nazistas, mas também podiam ser os serviços secretos ingleses.

— Eu sei — respondeu Hogdson, no mesmo tom.

Miguel pegou uma caneta e um papel e anotou algo, antes de entregar a Hogdson, mostrando que estava confiando nele:

— Este é o assunto.

Hogdson olhou para o papel e levou um choque. Leu duas ou três vezes até compreender o que aquela informação significava. Miguel havia escrito apenas: *Campos de concentração*. Finalmente encarou Miguel e meneou levemente a cabeça, com o rosto pálido.

— Nós voltamos hoje para Lisboa. Avise-nos quando conseguir a reunião — pediu Miguel, despedindo-se do jornalista.

— Não... Fiquem em Londres — pediu Hogdson, enquanto apertava a mão de Miguel. — Eu vou falar com premiê para receber vocês com urgência.

A intuição de Lúcifer sobre a presença de Daniel no submundo estava correta. Calculou que Daniel soubera da existência das almas através das memórias do Destruidor de Almas. Lúcifer não recordava quais as outras memórias contidas na Laranja e quão prejudiciais poderiam ser se Daniel as tivesse acessado.

Só dias após o roubo das almas é que Lúcifer compreendeu a totalidade do plano. No auge do seu ódio contra o irmão, deixou escapar um detalhe importante que agora parecia óbvio: Daniel não conseguiria executar aquele plano sem ajuda. A fuga das almas significava a participação de Samael, porque só ele podia fazê-las passar de uma dimensão para outra. E esse gesto significava que Samael se alinhara com os Guardiões. Lúcifer sentiu uma nova onda de ódio contra o irmão, desta vez por ele ter conseguido que Samael abandonasse a neutralidade que mantivera por milênios, para passar a apoiá-lo. Mas o pior era que Samael estava apenas exercendo o direito de recuperar as almas que Lúcifer roubara durante milhares de anos ao Divino.

Tudo contribuía para irritá-lo: a traição de Daniel, o roubo das almas, a participação de Samael e a fragilidade crescente de Elizabeth. Ela estava enfraquecendo desde que fora forçada a descer para o submundo. Era visível que emagrecera e se tornara cada vez mais suscetível à maldade que reinava ali, e isso contribuía para o seu corpo se deteriorar rapidamente.

O ódio violento de Lúcifer contra Daniel se concentrou em Elizabeth. Naquele instante, ela substituíra o irmão: ela era a única mulher que ele tinha amado. Dirigiu-se aos aposentos dela e entrou sem bater. Encontrou-a de pé, observando o jardim, através da janela de vidro.

Lúcifer apreciou as costas eretas, o corpo esguio e os cabelos loiros, ainda curtos. Ela voltou-se para encará-lo. Lúcifer aproximou-se e colocou a mão direita em volta do pescoço delicado, erguendo Elizabeth do chão enquanto a olhava fixamente. Viu os braços dela se debatendo em busca de ar e quase podia sentir a garganta se esmagando sob os seus dedos de aço. Sorriu de prazer, perante o sofrimento dela, antes de soltá-la. O corpo caiu

desamparado contra o chão, e ela sentiu o impacto violento em todos os músculos, antes de perder a consciência.

Lúcifer ficou esperando ela se erguer, mas Elizabeth continuou imóvel. Baixou-se para observá-la melhor e percebeu que ela desmaiara. Ela estava muito debilitada e ele não podia se arriscar a perdê-la: Elizabeth era o seu maior trunfo contra Daniel e os Guardiões.

Pensou que talvez ela também estivesse se deixando enfraquecer para evitar servir de moeda de troca. Mas ele não ia permitir que isso acontecesse. Pegou-a no colo e levou-a para a sala amarela, onde as almas cinzentas gerariam energia suficiente para equilibrá-la. Deitou-a sobre a cama de repouso e ordenou que a fortalecessem. Observou-a por alguns minutos, decidido a torná-la sua e a cumprir os seus planos de ter um filho com ela, um filho que atingiria os Guardiões no seu âmago. Imaginou quanto sofrimento aquilo causaria ao irmão.

Temple recebeu Miguel e Seth no seu gabinete, no final do expediente, depois de ter garantido que sua secretária Megan Holmes já havia saído. Eles foram recebidos por Olivia, que os acompanhou à sala do premiê.

— Obrigado por nos receber, senhor primeiro-ministro — agradeceu Miguel, após as rápidas apresentações.

— Agradeçam a Tom Hogdson. Estou atendendo um pedido dele — sorriu Temple, antes de acrescentar, justificando por que os estava recebendo. — Vieram muito recomendados.

— Obrigado — agradeceu Miguel. — Não vamos tomar muito do seu tempo.

— Tom também me disse que se tratava de algo urgente — afirmou, recostando-se no espaldar da cadeira, antes de perguntar. — O que posso fazer pelos senhores?

— Soubemos que os alemães estão construindo campos de prisioneiros e, por baixo deles, campos de morte, onde pretendem eliminar os seus inimigos sem o risco de serem descobertos — resumiu Miguel, de modo preciso.

Temple olhou para ele, com o rosto fechado, se sentindo invadido pelo horror: se os alemães estavam realmente construindo campos de prisioneiros, aquilo significava que as suas intenções eram muito piores do que as que ele havia imaginado. Eles estavam preparando um novo holocausto.

— Como tiveram acesso a essa informação? — perguntou Temple,

desconfiado, analisando primeiro Miguel e depois Seth, que ainda não participara da conversa. Ele precisava ter certeza de que aquela informação era confiável. — Trata-se de algo sigiloso, por isso preciso que me digam como souberam, antes de continuarmos a nossa conversa.

— Estivemos em Berlim, com pessoas do mais alto escalão nazista, inclusive Dieter Steinbach e o general Halder — explicou Seth, seguindo as sugestões de Dib. — Hogdson pode confirmar. Nós nos encontramos em Berlim.

Temple continuou olhando alternadamente para os dois, mantendo-se em silêncio, como se estivesse fazendo um longo raciocínio. Por fim perguntou, de modo astuto:

— E foram os nazistas que falaram sobre isso?

— Não — respondeu Miguel, fazendo uma pausa, antes de retomar. — Na verdade nem sequer temos como provar que isso está acontecendo. O que ouvimos foram *rumores*, mas pareceu-nos suficientes para falar com o senhor.

— Por que eu? — questionou devagar. Miguel sorriu. Aquela pergunta era fácil de responder:

— O senhor representa a oposição ao nazismo. Uma oposição confiável. Talvez seja isso que está na origem dos seus atentados e, se assim for, eles não vão desistir — justificou Miguel. O premiê avaliou os argumentos e achou que eram lógicos.

— O que esperam que eu faça com esses *rumores*? — os seus olhos atentos detectavam todos os gestos e expressões deles.

— Só o senhor pode transformar esses *rumores* em informações, monitorando cuidadosamente o solo alemão, com os satélites ingleses — sugeriu Miguel. — O senhor tem os meios e a autoridade para isso.

— E depois? — perguntou Temple.

— Deve expor ao mundo as verdadeiras intenções nazistas — disse Miguel.

— Acham mesmo que expor os nazistas resolve o problema? — perguntou Temple, antes de afirmar com um suspiro cansado: — Se fosse assim tão simples!

— Não resolve, mas aumenta a pressão sobre a Alemanha e sobre Dieter — avisou Miguel. — O que vai acontecer quando as pessoas descobrirem que aqueles campos não são apenas para exterminar os inimigos dos nazistas, mas para destruir todos os que não são arianos?

— Os conflitos vão eclodir — anunciou Temple. — Mas eles estão em vantagem porque têm apoiantes infiltrados por todo o lado.

— Eles passaram anos esperando e planejando dominar a Europa — explicou Seth. — Investiram nos maiores negócios e fizeram uma fortuna, para depois investirem num exército, armamento e mecanismos de persuasão que lhes permitam dominar os seus opositores. Na Alemanha, eliminaram a maioria deles na Noite Vermelha.

Temple olhou para ele, surpreso com a síntese, antes de perguntar:

— Vocês estão monitorando os nazistas? Resolveram o caso da pior assassina em série — lembrou Temple, mostrando que estava a par do que havia acontecido, informado por Hogdson. — E agora querem destruir os nazistas. Quem são vocês, exatamente? — Tinha-os recebido a pedido de Hogdson, mas antes da reunião, solicitou que Major investigasse quem eles eram. Os serviços secretos não encontraram nenhuma informação relevante sobre eles. Pareciam cidadãos pacatos, sem nada que chamasse a atenção.

— Só queremos ajudar. Perdemos nossas famílias na Segunda Guerra e não gostaríamos que tudo se repetisse — explicou Miguel.

— São judeus? — inquiriu o primeiro-ministro curioso.

— Sim — mentiu Miguel, achando que assim encerraria o assunto e atribuiria um senso de justiça às suas intenções.

— Os judeus estão sempre muito atentos às questões nazistas — concluiu Temple, fazendo uma pausa, antes de retomar a um assunto que já haviam abordado. — Mas se os nazistas estão preparando isto há anos, como tudo indica que estejam, não vai ser fácil destruí-los.

— A não ser que os líderes sejam eliminados, antes que se tornem demasiado poderosos — insinuou Miguel, pausadamente, em voz baixa, para avaliar a reação de Temple. O premiê compreendeu a mensagem, mas absteve-se de comentar. Aquele pensamento já cruzara a sua mente, porém ele não acreditava que *destruir* inimigos fosse a melhor forma de resolver problemas. Mesmo tratando-se de inimigos como Dieter Steinbach.

— Primeiro vamos descobrir a verdade sobre os campos — decidiu Temple.

— O que aconteceu? — perguntou Samael, vendo o rosto abatido de Daniel. Olhou para Dib, tentando descobrir o que podia ter acontecido, mas o antigo monge mantinha a sua expressão serena. Devia ser algo importante,

para que Daniel tivesse pedido a presença dele.

— Lúcifer levou Elizabeth e selou os portais — avisou Daniel.

— Então não temos como voltar — concluiu Samael, entendendo a angústia de Daniel.

— Não sei como resgatá-la, Samael — a voz de Daniel estava tensa. — E não sei o que ele é capaz de fazer com ela.

— Nada. Ele não vai fazer nada — assegurou Samael, com firmeza.

— Como pode ter tanta certeza?

Samael esboçou um sorriso, pousando a mão sobre o braço de Daniel, para tentar acalmá-lo, antes de justificar:

— Ela é a única arma que ele tem contra você. A única, Daniel. Ele esperou milênios para ter algo que o fizesse sofrer. E agora tem. Ele está se regozijando com o seu sofrimento e vai prolongar a situação o máximo de tempo possível. Entretanto, talvez possamos usar esse tempo em que ele está imóvel a nosso favor...

— Samael, isto é apenas a bonança antes da tempestade — interrompeu Daniel. — Tenho certeza de que ele está se preparando para nos atacar.

— Como? Ele não pode invadir a superfície — lembrou Dib.

— Pode — afirmou Daniel, antes de explicar. — No deserto do Saara existe um lugar que funciona como um portal, quando acontecem as grandes tempestades provocadas pelo Siroco. As tempestades abrem as ligações entre os mundos e não é necessário que alguém permita a passagem, como acontece com os outros portais. Este é um portal natural. O único portal.

— E só abre durante as tempestades? — perguntou Samael, espantado, tomando conhecimento daquele extraordinário evento.

— Sim, mas apenas quando elas são muito violentas — confirmou Daniel.

— E por que Lúcifer nunca usou esse portal antes? — inquireu Dib.

— Nunca o desafiámos ao ponto de fazer com que ele invadissem a Terra — disse Daniel. — Desta vez roubamos milhares de almas que ele usava para se fortalecer.

— Não roubamos — corrigiu Samael, com a sua voz calma. — Aquelas almas não lhe pertenciam. Nós apenas as recuperamos e restabelecemos o equilíbrio.

— Você acha que isso faz diferença para ele? — perguntou Daniel, olhando o anjo magnífico, quase imóvel na sua frente. — Lúcifer tem uma visão distorcida do mundo. Ele vê apenas o que lhe interessa, o que é favorável às suas intenções. Para ele, os ladrões somos nós. E mais: nós

planejamos e conspiramos contra ele.

— Eu sei — Samael concordou com os argumentos de Daniel. — O que sugere?

— Temos que aguardar a reação dele — disse Daniel. — Mas precisamos nos preparar para o pior. Quando Lúcifer invadir, virá acompanhado de centenas de Anjos Negros e toda a espécie de seres que possamos imaginar. Tenho certeza de que ele vai nos fazer pagar muito caro por este episódio.

— E por Lucrezia também — lembrou Dib.

— Sim, por ela também — afirmou Daniel, recordando a ira do irmão, ainda que contida, quando ele soube da destruição de Lucrezia. — Mas as almas serão a principal causa do ataque.

Daniel olhou para Samael, antes de revelar a verdadeira razão para tê-lo chamado ali:

— Eu sei que você é neutro, mas se houver uma batalha, precisamos da sua ajuda.

Samael sabia que, desde o instante em que recuperara as almas brancas da mão de Lúcifer, perdera o seu estatuto de neutralidade. Os Guardiões tinham se arriscado para salvar aquelas almas, e ele devia-lhes todo o seu apoio.

— Podem contar comigo, embora continuemos numa grande desvantagem numérica.

— Precisamos de aliados — afirmou Daniel. — Mas não há mais ninguém que nos possa ajudar.

— Se Lúcifer invadir a Terra, estará quebrando as leis. Posso usar esse argumento para conseguir o apoio de alguns anjos — avisou Samael.

— Já tentei. Eles vão cumprir a lei à risca e nenhum ser divino virá nos ajudar — avisou Daniel, olhando fixamente para Samael.

— Significa que seremos oito contra um exército. Isso se resgatarmos Elizabeth — disse Dib. Num confronto daqueles, mesmo que os Guardiões usassem relíquias místicas como a Lança de Longinus, a probabilidade de escaparem ilesos era reduzida.

— Não temos escolha — disse Daniel, antes de se dirigir a Samael. — Preciso que monitore qualquer atividade suspeita no deserto. Eles devem testar o portal antes de usá-lo. E só podem fazê-lo num dia de tempestade...

— E se testarem, significa que, na tempestade seguinte, invadirão a Terra — concluiu Samael, se baseando nas informações de Daniel.

Temple sobressaltou-se ao ouvir a campainha do seu apartamento, quase à meia-noite. Aquilo só podia significar que havia problemas. E quando viu Major pelo óculo da porta, teve certeza de que algo terrível havia acontecido. Convidou-o para entrar.

Joan apareceu na sala, de roupão, surpresa com a visita.

— William, está tudo bem?

— Sim, querida — respondeu o premiê. — É apenas uma pendência que ficamos de resolver hoje — aproximou-se dela e beijou-a na testa, dizendo: — Vá descansar.

Temple observou a mulher desaparecer e dirigiu-se para o escritório seguido de Major. Fechou a porta, antes de perguntar:

— O que aconteceu?

— Megan Holmes, a sua secretária, tem uma substância radioativa conhecida como polônio 210. É letal — avisou, sem deixar margem para dúvidas. — E não existe antídoto.

— Eu sei o que é... — Temple estava familiarizado com as características da substância: poucos anos antes, um russo, acusado de espionagem, havia sido assassinado com ela. — Mas tem certeza de que a Megan tem? — perguntou apenas para confirmar, sabendo que Major só faria aquela afirmação se estivesse seguro.

— Sim. E achamos que o senhor é o alvo.

Temple manteve-se em silêncio, avaliando o perigo, antes de perguntar:

— O que devo fazer?

— O senhor vai para a sua reunião em Amsterdã amanhã. Segue direto para o aeroporto, sem passar no escritório para evitar contato com Megan. Durante os dois dias em que estiver ausente, vamos fazer uma operação com os serviços secretos dos outros países e prender todos os infiltrados que já descobrimos.

— Quantos são?

— Até agora, quinze — comunicou Major, consciente de que, apesar daquele ser um número elevado, não sabiam qual a proporção na totalidade dos neonazistas infiltrados na Europa. Infelizmente, a ameaça à vida de Temple forçara-os a antecipar as prisões.

— É preciso evitar que eles se suicidem antes de falarem — lembrou Temple, com uma expressão fechada. — Nesses grupos radicais eles preferem morrer a entregar os parceiros.

— Sim, senhor primeiro-ministro — respondeu Major com o seu

formalismo habitual, sem revelar que já haviam ponderado aquela possibilidade.

Lúcifer entrou no quarto de Elizabeth sem se fazer anunciar, parecendo mais uma invasão do que uma visita. Aquela atitude se transformara em hábito. Ela estava sentada no sofá, de frente para a janela.

Agora que Lúcifer não se fazia passar por Daniel, a sua verdadeira natureza era visível e causava-lhe desconforto e receio, especialmente depois que ele a tentara estrangular. Elizabeth percebia que os olhos frios dele a analisavam com um desejo indisfarçável. Não sabia quais as intenções dele, mas temia que fossem as piores.

— Como está? — perguntou aproximando-se dela e parando na sua frente. Tinha que reconhecer que o irmão levava muito tempo para se apaixonar, mas acabara escolhendo a mulher perfeita. Desde que Elizabeth chegara ali, Lúcifer passava menos tempo com as suas amantes. Inclusive Aaba, a sua preferida, já estava se queixando do seu distanciamento. Mas Elizabeth consumia os seus pensamentos. Além de ser uma arma contra Daniel, também estava se transformando numa obsessão. E quanto mais a via, mais interessado parecia ficar.

— Bem, obrigada — respondeu com naturalidade, evitando deixar transparecer os seus temores.

— Vim convidá-la para jantar — afirmou, disposto a se redimir do seu comportamento nem sempre correto e a conquistá-la.

— Se for mesmo um convite, tenho a opção de não aceitar.

Lúcifer sorriu perante o comentário, e a expressão de crueldade que marcava o seu rosto desde a traição do irmão suavizou-se um pouco, fazendo-o parecer quase humano.

— Sim, tem essa opção. Mas não faria isso com seu anfitrião... — insinuou, mantendo o sorriso brando, que o deixava mais parecido com Daniel.

Quando ele se humanizava, a sua incrível semelhança com Daniel acentuava-se. Ela preferia que Lúcifer agisse de modo cruel e frio, para saber sempre quem ele era e não vacilar por um único segundo que fosse.

— Você não é meu anfitrião. Estou aqui contra a minha vontade e submetida à sua.

— Pretendo mudar isso... dentro do possível — avisou, decidido a pôr em

prática o plano de seduzi-la. — Infelizmente terá que permanecer aqui, mas quero tornar a sua estadia agradável. Tenho sido péssimo com você... — reconheceu, fazendo uma pausa, antes de explicar: — Estou muito irritado com Daniel, mas você não tem nada a ver com as ações dele.

— Então por que estou aqui? Não é pela minha ligação com Daniel?

— Claro que o fato de Daniel amar você e estar sofrendo com a sua ausência é um dos motivos, mas há outros. — Lúcifer acariciou suavemente o rosto dela com a ponta dos dedos, antes de continuar explicando, com uma entoação lenta e sensual: — Eu quero você do mesmo jeito que ele. Eu quero você para mim.

Elizabeth tentou recuar, para afastar o rosto da carícia dele, mas ele a segurou, mantendo a mão firme em volta do rosto dela. Elizabeth encarou-o, surpresa com a revelação. Não sabia se os sentimentos dele eram verdadeiros ou se ele estava tentando se aproximar dela para executar a vingança contra Daniel. De qualquer modo, aquilo era irrelevante. Ela amava Daniel e não sucumbiria aos encantos e desejos de Lúcifer, por mais sedutor e parecido com o irmão que ele fosse.

— Vamos nos conhecer melhor — pediu, continuando a acariciar o rosto dela. — Jantamos?

Elizabeth avaliou a situação racionalmente. A possibilidade de se aproximar de Lúcifer podia ser vantajosa: permitia-lhe ganhar tempo e tentar descobrir o máximo possível sobre ele. Lembrou-se de um dos princípios básicos do Tai Chi: usar a força e energia do seu inimigo contra ele. Compreendeu que podia usar o seu confinamento para ajudar os Guardiões, tentando encontrar as fraquezas de Lúcifer.

— Está bem — concordou, distanciando o rosto da mão dele e afastando-se dele, sabendo que, na verdade, ele não lhe estava dando a possibilidade de rejeitar o convite.

— Já volto — avisou Lúcifer, ausentando-se por alguns minutos. Quando retornou, trazia uma caixa negra com um enorme laço de seda dourado. Colocou o presente sobre a mesa e avisou, antes de partir:

— O jantar é às oito.

Elizabeth desmanchou o laço e abriu a tampa. Surpreendeu-se com a delicadeza do presente. Lúcifer escolhera um vestido longo, de organdi *nude*. Quando experimentou teve certeza de que o vestido havia sido feito especialmente para ela: ajustava-se ao seu corpo com perfeição. A cor clara e o modelo, que revelava suavemente a sua figura longilínea, provocavam a

estranha ilusão de que ela estava nua. E talvez aquela tivesse sido a intenção de Lúcifer. Mas, apesar disso, Elizabeth reconheceu que o vestido era belíssimo.

Tirou do fundo da caixa um segundo pacote, em papel de seda negro. Abriu-o e aprovou os sapatos delicados, de salto alto, numa cor similar à do vestido.

Durante o jantar, Lúcifer comportou-se de modo elegante, mas sem ocultar a sua intenção de seduzi-la. Ela deixou claro que não pretendia ceder ao charme dele, mas Lúcifer não se abalou com a recusa. Ele era o príncipe da escuridão e ninguém resistia aos seus encantos quando decidia pô-los em prática.

Temple observou o chip minúsculo que Rolf Merton lhe dera naquela tarde, em Amsterdã, no final da reunião das chefias europeias. Eles haviam se despedido friamente, mantendo a farsa de que eram inimigos, quando Rolf lhe passara o minúsculo chip para a mão.

O premiê ajustou o chip ao pendrive, antes de colocá-lo no computador e abrir os arquivos: eram duas plantas, com notas em alemão. Não dominava a língua, sabia apenas uma palavra ou outra, e os seus conhecimentos eram insuficientes para entender as anotações. Mas imediatamente lhe veio à mente a recente conversa com Miguel e Seth sobre os campos de prisioneiros, que os alemães estariam construindo. Temple ainda não decidira como lidar com aquela informação, mas se aquelas plantas fossem realmente o que ele imaginava, teria que tomar medidas urgentes.

O premiê traduziu o texto e quando descobriu o significado das plantas confirmou os seus piores temores. Os neonazistas estavam recriando os campos de concentração da Segunda Guerra, mas desta vez usando a inteligência e evitando os erros anteriores: os campos de prisioneiros seriam exemplo de respeito aos direitos humanos, e, por baixo, haveria os campos de morte, invisíveis e desconhecidos, ocultos na terra.

Temple precisava ponderar o que fazer com aquelas plantas, sem expor o seu aliado.

23. Descobrimos a verdade

As armas mais eficazes do reino não devem ser mostradas ao povo.

Lao Tzu (604 a.C.-531 a.C.)

Megan Holmes sorriu ao pensar que o prêmio chegara na noite anterior de Amsterdã, e aquela seria a sua última manhã de vida. Saiu do apartamento e preparou-se para trancar a porta quando notou algumas sombras se movimentando no corredor. Virou o rosto para a direita e viu dois homens vestidos com roupas brancas e capacetes, apontando uma arma diretamente para ela. Olhou para a esquerda e viu mais dois homens, posicionados da mesma forma.

Deduziu imediatamente que eles estavam ali porque haviam descoberto que ela tinha o polônio. E se eles sabiam da existência do polônio, com certeza também estavam a par da sua intenção de assassinar o primeiro-ministro. Mas ela tinha preparado tudo na véspera e já adicionara o polônio ao chá que Temple tomava habitualmente. Bastavam quarenta nanogramas para assassinar alguém, e ela tinha adicionado uma quantidade muito maior, que garantia o sucesso da sua missão. O general Halder não estava disposto a tolerar mais erros.

Os canos negros das armas empunhadas com firmeza, fixos no seu rosto, fizeram-na estremecer: Megan não conseguiu distinguir se era o medo ou a indisposição que começou a sentir depois de ter bebido o café, uma hora antes.

— Ponha a bolsa no chão, devagar — aconselhou um dos homens.

Ela pôs a bolsa no chão, mas quando se baixou sentiu uma náusea violenta. Apoiou a mão na porta, dobrou o corpo e vomitou.

Um dos agentes aproximou-se e apontou um contador Geiger para o corpo dela. Os resultados indicaram um alto nível de contaminação: Megan Holmes tinha sido envenenada por uma dose fatal de polônio. Foi isolada e conduzida para a unidade especial de um dos hospitais que havia sido previamente preparado para receber possíveis vítimas por envenenamento de polônio. Charles Major havia planejado tudo aquilo, sem deixar nada ao acaso.

— Você está apaixonado por Elizabeth? — perguntou Miguel, estudando o rosto de Daniel. Tinha esperado pacientemente uma oportunidade para falar com Daniel a sós desde que ele retornara do submundo. Finalmente encontrara-o no jardim.

A pergunta direta surpreendeu Daniel. Hesitou, pensando na resposta. Se dissesse a verdade, não sabia qual seria a reação de Miguel, embora acreditasse que seria péssima. Por outro lado, conhecendo Miguel, sabia que ele só faria aquela pergunta se já soubesse a resposta. Encarou-o e respondeu com clama, pronunciando uma palavra:

— Sim.

Miguel sentiu a raiva se apoderando dele, como se um incêndio começasse nas suas pernas e avançasse pelo corpo todo, até atingir o cérebro. Embora tivesse pressentido vezes sem conta a paixão dos dois, tinha esperança de que tudo não passasse de uma fantasia sua. Mas a resposta de Daniel tornava tudo real, impossível de ignorar.

Miguel cerrou os punhos e apertou os maxilares. A raiva se transformou em ódio: como Daniel podia ter agido de forma tão dissimulada, sendo ele o Guardiã Supremo? Pelo menos Alessia tinha sido frontal e corajosa, ao assumir que estava apaixonada, e precisava avaliar a possibilidade de abandonar a Ordem para ficar com Oliver. Mas Daniel e Elizabeth haviam tramado no silêncio. Há quanto tempo os dois o estavam enganando? Na verdade, há quanto tempo estavam enganando todos? Daniel não era digno do lugar que ocupava.

A confirmação daquela traição de Daniel impedia-o de pensar com clareza.

Sentiu vontade de agredi-lo. Tentou se controlar, mas ao vê-lo na sua frente, imóvel e sereno, como se nada o abalasse, ergueu o punho e esmurrou o rosto dele com brutalidade. Daniel recebeu o impacto do golpe no corpo e

deu um passo para trás, para tentar recuperar o equilíbrio. Mas não reagiu. Continuou olhando para Miguel, sem intenção de revidar. E aquela passividade era ainda pior: contribuía para Miguel ficar mais irritado.

Dib observou a cena de longe e deduziu que Daniel tinha acabado de revelar os seus sentimentos por Elizabeth. Mas Seth e Uchoa, que estavam ao seu lado, correram para junto de Daniel, dispostos a protegê-lo e a enfrentar Miguel, mesmo sem saberem do que se tratava. Seth segurou o braço que Miguel erguera novamente, preparando-se para mais uma agressão, e Uchoa posicionou-se na frente de Daniel, como um escudo.

— Não interfiram — avisou Miguel, furioso, com os olhos quase translúcidos, tentando libertar o braço que Seth segurava.

Daniel colocou a mão sobre o ombro de Uchoa, que o estava protegendo com o corpo, e pediu:

— Podem ir, está tudo bem.

Seth hesitou em soltar o braço de Miguel, mas Daniel insistiu:

— Está tudo bem, Seth.

Eles voltaram para junto de Dib, mas mantiveram-se ali, observando os dois. Seth perguntou para Dib:

— Sabe o que aconteceu?

— Não — mentiu Dib. Estava se tornando um hábito ter que mentir para proteger Daniel.

Miguel enfrentou o olhar calmo de Daniel. Perguntou:

— É só o que tem para dizer?

— Parece-me suficiente, não acha? — respondeu, sério, sem o menor indício de ironia.

Miguel apertou os maxilares de novo. Queria esmurrá-lo uma vez mais. Imagens dos dois, Elizabeth e Daniel, passavam pela sua mente e adquiriam um novo significado.

— Quero saber o que aconteceu. Exatamente o que aconteceu — pediu Miguel.

— Nada — respondeu Daniel, mantendo o olhar transparente, fixo em Miguel.

— Nada? — Miguel parou um segundo, lembrando o que Elizabeth havia contado sobre a última noite com Daniel. — E o que você estava fazendo sozinho com ela, num quarto de hotel, na noite em que desapareceu?

— Não aconteceu nada entre nós, Besson — garantiu, de novo.

O tom sério e a firmeza do olhar de Daniel eram convincentes.

— Se tivesse acontecido, todos saberiam. Você teria percebido que o padrão de energia dela mudara — lembrou Daniel, calmamente. Miguel sabia que ele tinha razão, mas o ciúme o estava enlouquecendo: eles podiam não ter estado juntos, mas se amavam. Miguel não conseguia pensar direito. Disse:

— Considero que a minha dívida com os Guardiões está paga. Recuperamos o Cálice e a Lança de Longinus. E, em troca, eu fico com a Esmeralda, como combinamos. Nada mais nos liga — resumiu Miguel, voltando as costas a Daniel, depois de dizer, sabendo que o magoaria: — Elizabeth está outra vez em perigo por sua causa.

O celular do primeiro-ministro tocava, mas ele não atendia. Major teve um mau pressentimento enquanto se dirigia em alta velocidade para o escritório de Temple. Não encontraram o polônio na casa de Megan e isso significava que a substância letal já devia estar no escritório do premiê.

Major ligou para a secretária de Temple e depois de várias tentativas finalmente Olivia Knill atendeu.

— Olivia, o primeiro-ministro está aí?

— Sim, senhor Major. Chegou há alguns minutos e está tomando o seu chá.

Major estremeceu, sentindo o alarme do perigo sendo acionado no seu cérebro, e todo o seu corpo ficou tenso. O polônio podia estar no chá.

— Olivia, o premiê não pode tomar o chá — falava devagar, espaçando as palavras, com um tom assustadoramente incisivo. — Não podem tocar em nada... Nada.

— Primeiro-ministro... — ela gritou, soltando o telefone com Major ainda na linha e correndo em direção à porta do gabinete. Abriu-a de supetão e Temple, em pé, junto da janela, com a xícara de chá na mão, olhou para ela espantado.

— Não beba... Não beba o chá... — disse Olivia exaltada, com a respiração ofegante, sacudindo ligeiramente as duas mãos. — Dê-me a xícara. Devagar...

Temple deu-lhe a xícara, sem entender o que estava acontecendo, mas lembrou, de imediato, o aviso de Major sobre o polônio, dois dias antes. Sentiu o estômago embrulhado. Olivia avaliou o conteúdo e sentiu uma tontura provocada pela ansiedade: o que quer que estivesse no chá, o premiê

já havia ingerido, quando bebeu mais da metade da xícara.

— Quer explicar o que está acontecendo, Olivia? — perguntou Temple, mantendo a calma e tentando dominar os pensamentos assustadores que o assaltavam.

— Não toque em nada, primeiro-ministro. O senhor Major já está chegando — avisou Olivia, pousando a xícara sobre a mesa, junto do bule, antes de sugerir. — Talvez seja melhor irmos para o corredor.

Temple abandonou o gabinete, com passos firmes, pensando no polônio de Megan Holmes. Não entendia como ela poderia tê-lo envenenado, se já havia sido presa naquela manhã, antes de ir para o escritório, de acordo com os planos que Major lhe transmitira. A ideia de ter ingerido o polônio era devastadora: tratava-se de uma sentença de morte.

— Você tomou o chá, Olivia? — perguntou Temple quando já estavam no corredor.

— Sim, senhor.

— Escute com atenção — disse parando na frente dela, com o rosto sombrio. — Eu e você vamos ao banheiro tirar todo esse chá de dentro de nós. Agora, Olivia.

Minutos depois, quando Charles Major chegou, Temple e Olivia já tinham se livrado do chá, mas aquilo não salvaria suas vidas se tivessem ingerido o polônio. Temple explicou a Olivia o que estava acontecendo, enquanto o gabinete era isolado e eles eram analisados por uma equipe de especialistas.

— O que aconteceu com o seu rosto? — quis saber Alessia, quando se juntou aos quatro Guardiões, no jardim, e notou que Daniel tinha um machucado do lado direito, que parecia já estar se regenerando.

— Besson o agrediu — respondeu Seth, perante o silêncio tranquilo de Daniel. Com exceção de Dib, nenhum deles sabia o motivo da briga.

— Por que brigaram? — quis saber Alessia, observando-o com preocupação. Sentia-se mais próxima de Daniel desde que tinham falado sobre os sentimentos dela por Oliver Bassan, após o seu retorno do submundo. Daniel a havia escutado com uma compreensão inesperada, sem julgamentos ou críticas, avaliando os prós e contras de uma decisão tão importante e irreversível como a de abandonar a Ordem. Lembrou-a do envelhecimento de Bento e de Arturo, da missão de proteger os homens e dos irmãos de jornada, com quem servira por mais de setecentos anos. Mas falou-

lhe também do amor como algo que completa o coração humano e dá significado à vida. Cabia-lhe a ela pesar tudo aquilo e decidir.

Daniel moveu a cabeça de leve, em sinal de rejeição, indicando que não queria falar sobre o assunto. Mas todos sabiam que acontecera algo grave para que Daniel aceitasse passivamente a agressão de Miguel.

— Acabei de cruzar com Besson. Ele estava saindo de casa, com uma mala — explicou Alessia. — Tentei falar com ele, mas ele me disse que estava com pressa.

— Se ele só levou uma mala, significa que deixou a maior parte dos seus pertences — avaliou Uchoa.

— Ele tem que voltar — disse Seth, com firmeza. — Precisamos dele para nos ajudar a resgatar Elizabeth e a lutar contra Lúcifer, se ele resolver mesmo invadir a Terra.

— Não sei o que Besson pretende fazer, mas neste momento ele precisa ficar sozinho. Tem muito para digerir — comentou Daniel, antes de se afastar.

Havia polônio no chá do Premiê, numa quantidade muito superior à necessária para matá-lo, mas o estranho é que, nem ele, nem sua secretária, haviam sido contaminados.

— Você é que fez o chá para o primeiro-ministro? — Major questionou Olivia.

— Sim — respondeu, antes de detalhar o que acontecera naquela manhã, ciente da importância de qualquer informação, por menor que fosse. — O primeiro-ministro sempre toma Earl Grey, mas hoje pediu que preparasse um Orange Pekoe, de uma plantação rara de chá europeu, que existe nos Açores.

— O chá já estava aqui? — interrompeu Major, pragmático.

— Não. Foi-lhe oferecido em Amsterdã, pelo ministro português.

— Então ele trouxe o chá esta manhã... — disse Major, fechando o raciocínio.

— Sim — concordou Olivia.

— Foi esse chá que salvou a vida dos dois — explicou Major, notando a expressão de alívio no rosto da secretária.

— E Megan Holmes? — perguntou Olívia, com a voz ligeiramente crispada. Não podia acreditar que a sua colega era uma traidora e ela não percebera. Parecia tão normal, sempre solícita. Mas agora entendia que a

disposição de Megan em ajudá-la era apenas para disfarçar que estava espionando o primeiro-ministro.

— Foi envenenada com polônio. Estava no café que encontramos no apartamento dela. O estado dela é muito grave — informou Major, antes de dirigir-se a Olivia e Temple: — Lembrem-se de algo que Megan possa ter dito ou deixado escapar? Algo estranho, que na época não fizesse muito sentido?

— Não... — respondeu Temple.

— Isto é o pior: eu nunca ter notado nada — exclamou Olívia, inconformada.

Temple levantou-se da cadeira, onde se sentara ao lado de Olivia, e segurou o braço de Major, para se afastarem alguns passos, em busca de privacidade.

— Megan fez algum comentário quando a levaram? — perguntou o premiê.

— Não. Nem creio que faça. Já não está em condições... Ingeriu uma dose muito elevada de polônio — respondeu Major. — Mas algum dos outros vai confessar...

— Preciso falar com você — interrompeu o primeiro-ministro, em voz baixa. — Neste momento é irrelevante se esses nazistas vão ou não falar... Tenho informações que precisa checar.

Major escutou as palavras de Temple e deduziu que o assunto devia ser muito importante para o premiê desvalorizar a importância da confissão de algum dos agentes nazistas infiltrados nos governos da Europa.

— Sugiro que o senhor primeiro-ministro libere Olivia por hoje e vá para casa. Passo lá mais tarde para conversarmos — avisou Major.

Lúcifer convidou Elizabeth para acompanhá-lo até o jardim do Lago Negro. Ele queria impressioná-la com a beleza do lugar e conseguiu. O lago brilhava sob o efeito da luz, como se estivesse coberto por uma película de prata. As plantas em volta, primorosamente cuidadas, lembravam uma pintura. Elizabeth foi atraída por um canteiro triangular: as rosas, de um vermelho profundo, tinham a textura do veludo. Ela estendeu a mão e, quando tocou num dos botões, ele se abriu, revelando camadas de pétalas com seus diferentes tons de vermelho. Lúcifer, ao seu lado, observava-a com atenção, sem deixar escapar nenhuma das suas expressões ou gestos. Ele

bateu as mãos, e, num segundo, todas as rosas se abriram devagar, como se estivessem ensaiando uma dança. Ela sorriu, quase involuntariamente, e quando voltou o rosto na direção dele, notou que Lúcifer também sorria. E aquele sorriso era tão parecido com o de Daniel que ela estremeceu.

William Temple observava atentamente Charles Major, tentando detectar alguma reação no seu rosto hermético. Mas era difícil saber o que se passava com ele.

— Isto significa que os nazistas estão construindo campos de prisioneiros e de morte? — perguntou Major olhando a tela do tablet, onde estavam as plantas dos dois campos.

— Sim.

— Desculpe, primeiro-ministro... — pediu, antes de perguntar. — Mas o senhor tem certeza de que a sua fonte é confiável?

— Foi a mesma fonte que me avisou sobre a primeira tentativa de assassinato — disse, sem revelar que a fonte foi também responsável pelos seus planos para salvar a economia europeia, e sem dizer que mais duas pessoas, Miguel e Seth, tinham ouvido falar da existência dos campos. Parecia difícil explicar a presença de Miguel e Seth na sua vida. — Garanto que é alguém confiável. — Assegurou Temple, antes de dizer: — Precisamos descobrir onde os nazistas estão construindo esses campos.

— O melhor seria que os militares cuidassem desse assunto, senhor primeiro-ministro — declarou Major.

— Sim... Mas não sabemos em quem podemos confiar — argumentou Major. — Preferia manter isso entre nós, até termos provas.

— Sugere que usemos o satélite? — perguntou Major.

— Sim. Temos que esquadrihar cada milímetro do solo alemão.

— Já estamos esquadrihando, senhor primeiro-ministro — respondeu Major calmamente. — E além do armamento, da localização dos campos militares e de um sofisticado campo de treinamento com a mais avançada tecnologia, não encontramos nada que se pareça com isto.

— Eles estão construindo, por isso vamos descobrir os campos em algum lugar, Major — assegurou Temple. — Sugiro que tentem encontrar essas... — apontou para uma das plantas — construções subterrâneas.

— Sim, primeiro-ministro — respondeu Major, não muito feliz com aquela nova tarefa, agregada ao seu imenso trabalho. Major gostava de respeitar as

funções de cada organização, e parecia-lhe que aquela era uma responsabilidade dos militares. Mas não podia rejeitar ou discutir as ordens do primeiro-ministro, e muito menos num momento tão sensível quanto o que estavam vivendo.

A prisão de quinze dos infiltrados nazistas, e a morte de Megan, após mais um atentado fracassado contra Temple, atrasaram os planos de Dieter e dos Dragões.

— Como isso pôde acontecer, Halder? — perguntou o presidente dos Dragões, ocupando o seu lugar habitual à cabeceira da mesa.

— Parece óbvio que se eu soubesse como aconteceu não estaríamos aqui discutindo o assunto — respondeu o general com arrogância, sem esconder a irritação.

— Perdemos quinze dos nossos infiltrados, sem contar com a preciosa secretária de Temple — resumiu o presidente.

— Ela precisava ser eliminada depois de cumprir a sua missão. Não podíamos correr o risco de ela ser descoberta — justificou Halder.

— Mas ela não cumpriu a missão — lembrou um dos homens à esquerda de Dieter.

— O capitão Klaus Jürgen garantiu que ela envenenou o chá do primeiro-ministro, e só depois é que lhe ofereceu o seu café preferido... — fez uma pausa para que entendessem a mensagem sem necessitar explicar o ocorrido.

— E que danos os outros infiltrados podem nos causar? — perguntou um dos homens sentados à direita de Rolf Merton.

— Cada um sabe apenas o necessário para desempenhar o seu papel. Mas, ao juntar as informações, o quadro começa a fazer sentido. E se eles revelarem os nomes de outros contatos, perderemos mais agentes — avaliou Halder.

— E qual seria esse quadro? — inquiriu o presidente da Sociedade.

— A nossa tomada de poder nos governos europeus — respondeu Dieter, que apesar da sua irritação com todos aqueles acontecimentos continuava apoiando Halder. O general já estava usando os seus agentes infiltrados, para que descobrissem as fraquezas dos adversários do mais alto escalão e obrigá-los a cederem à agenda nazista, nomeando homens de confiança de Dieter para posições chave dos governos europeus. Halder usava tudo para pressionar: da família à reputação. Os nazistas tinham começado a ocupar

posições de comando fora da Alemanha para se infiltrarem mais nos governos e eliminarem silenciosamente os opositoristas. Um dos campos de morte já estava pronto para receber os primeiros prisioneiros. Muitos deles seriam pessoas que iriam desaparecer misteriosamente sem que mais ninguém voltasse a ouvir falar delas.

A sala ficou em silêncio por instantes, enquanto todos avaliavam as implicações da descoberta daquele plano.

— Temos que eliminá-los, para evitar que falem — avisou Halder.

— Neste momento eles estão sob custódia dos serviços secretos. O acesso é praticamente impossível — comentou Rolf. — Como pretende fazer isso?

Halder olhou para Rolf. Não acreditava que todos os reveses que estavam acontecendo com os neonazistas fossem apenas fruto da inteligência dos seus inimigos. Havia muitas coincidências e alguém devia estar passando informações confidenciais, talvez aos ingleses, que eram os seus maiores opositores. Por outro lado, Halder sabia que, no caso dos infiltrados, só ele conhecia as suas identidades, o que punha em causa a sua teoria de um traidor. Não entendia o que estava acontecendo, mas suspeitava de todos, especialmente de Rolf, que era o mais novo integrante do grupo.

Rolf percebeu o olhar penetrante de Halder e quase podia sentir que ele suspeitava da sua lealdade. Mas tinha certeza de que se Halder soubesse de alguma coisa já teria agido. Porém, aquilo era também um aviso para que redobrasse os seus cuidados e se mantivesse quieto, pelos menos por algumas semanas. A situação era explosiva.

— Halder? — chamou o presidente, afastando o general de suas teorias conspiratórias.

— Temos muitos agentes infiltrados — avisou Halder, com segurança, mas sem revelar os seus planos. — Isso não será um problema. Já estamos cuidando dos prisioneiros — assegurou.

— Enquanto Halder elimina os agentes que foram presos, nós estamos infiltrando os nossos homens entre as lideranças europeias, para lugares chave dos governos: defesa e economia — afirmou Dieter.

— Não será um pouco prematuro? — perguntou o presidente.

— Não. Chegou a hora — afirmou Dieter, seguro. — Esperar é a pior das decisões.

— Concordo — disse Halder. — Quanto mais tempo passar, maior a nossa exposição.

— E quanto a William Temple? — perguntou o presidente. Era evidente

que Temple era o maior entrave à ascensão nazista na Europa. O símbolo da oposição.

— Vou contratar o assassino que recomendaram, Oliver Bassan — informou o general, friamente.

Miguel sentou-se em frente a ele e observou-o em silêncio. Daniel tinha ligado, pedindo para se encontrarem. Haviam se passado vários dias desde que o agredira, e durante esse período tinha pensado muito sobre Elizabeth. Estava mais tranquilo e começava a aceitar o fato dos dois terem se apaixonado. De certo modo, ficara feliz por Daniel ter telefonado.

Depois das emoções iniciais, do choque e da raiva, percebeu que não queria afastar-se da Ordem. E esse desejo não tinha a ver com a sua intenção de descobrir os segredos do Mosteiro, algo que perseguira por séculos, mas que agora estava perdendo importância na sua lista de prioridades. Miguel estava mudando: pela primeira vez, depois de Adèle, algo se tornara mais importante que o Mosteiro. O seu amor por Elizabeth o estava transformando, sem que ele ainda tivesse se apercebido da profundidade daquela mudança. Mas uma ideia permanecia: Miguel continuava preferindo a sua liberdade aos espaltilhos da Ordem.

— Nós dois amamos Elizabeth. Não foi algo que tivéssemos escolhido ou planejado — Daniel falava devagar. Sabia bem que Miguel se sentia traído.

— Eu devia ter falado com você, mas não era algo que estivesse disposto a admitir nem sequer para mim mesmo.

Miguel continuou calado.

— Lutei muito contra isso — fez uma longa pausa, antes de continuar, visivelmente perturbado: — Ainda luto. Não sei o que fazer... Oscilo entre desejos opostos.

Miguel ficou surpreendido com a confissão angustiada de Daniel e a sua franqueza. Falou pela primeira vez:

— Nunca imaginei que você fosse capaz de amar alguém dessa forma.

— Dessa forma como?

— Como um homem ama uma mulher.

— Deve ser uma punição divina. A pior das punições — reconheceu, deixando transparecer o quanto estava sofrendo. Miguel solidarizou-se com ele: conhecia bem o amor, que tanto podia elevar alguém ao paraíso como mergulhá-lo no inferno.

— Não — rejeitou Miguel. — O amor é uma bênção, De Payens.

— Não para nós.

— Até para nós. É um evento verdadeiramente raro. — Miguel respirou fundo, antes de reconhecer: — Você a ama e não pode. E eu a amo e posso. E embora ela não possa amar ninguém, é a você que ama.

— Não posso envolver-me com ela, Besson. Preciso me concentrar na Ordem. Continuamos com menos um Guardiã — respondeu Daniel, aliviado por estarem falando abertamente sobre Elizabeth.

Miguel meneou a cabeça, em sinal de consentimento, e pediu, com ar sofrido:

— Não desista dela, De Payens.

— Esse pedido vindo de você é paradoxal — comentou Daniel, esboçando pela primeira vez um sorriso, ainda que pálido.

— Se ela me amasse, pouco me importariam as regras da Ordem — comentou Miguel.

— Essa é uma das diferenças entre nós — constatou Daniel.

Miguel olhou-o, sem responder, lutando para manter as suas emoções controladas. Depois de ter beijado e abraçado Elizabeth, a ideia de vê-la com Daniel era insuportável. A situação era dolorosa para ambos, mas para Miguel os dias seriam mais amargos, porque descobrira que ela amava outro homem.

— Besson, precisamos de você. Precisa voltar para casa — pediu Daniel. Aquele episódio tivera um resultado inverso: em vez de afastá-los, como seria de esperar, aproximou-os.

Ele concordou acenando a cabeça, antes de perguntar:

— Teve notícias dela?

— Não. — Daniel se calou por um segundo, antes de acrescentar: — Nem de Lúcifer... Samael continua monitorando o deserto, mas até agora não aconteceu nada.

Oliver Bassan estava em Londres para se encontrar com Dimitri Sergeevich. Não fazia ideia do que ele pretendia. Quando Dimitri lhe entregou um envelope pardo, Oliver soube que o trabalho que ele estava encomendando devia ser muito importante. Dimitri não iria fazer uma reunião, numa sala privada do hotel onde estava hospedado, se assim não fosse.

Oliver abriu o envelope e viu uma das fotografias do primeiro-ministro inglês. Temia aquele momento desde que o haviam contatado da primeira vez. Deduziu que estavam tentando contratá-lo de novo, através de Dimitri, que fora certamente quem o recomendara. Agora não havia como evitar uma resposta: tinha que decidir se aceitava ou não assassinar Temple, um homem destemido, que se opunha ao nazismo. Fechou o envelope, colocou sobre a mesa, empurrando-o em direção a Dimitri. Ele compreendeu de imediato que Oliver estava recusando.

— Por quê? — perguntou.

— Enquanto eu estava fora, envolvido no nosso último projeto, recebi uma encomenda similar. Mas só tive acesso ao pedido quando voltei a Londres, e nessa época já tinham cometido dois atentados contra o premiê...

— Sim, sim... Lembro-me.

— Depois disso já tentaram mais uma vez, pelo menos de acordo com as notícias. Este é um trabalho muito exposto. Se não tivessem tentado três vezes e falhado — enfatizou Oliver —, eu poderia aceitar. Mas assim é um risco que não quero correr. E, por isso, não se trata de dinheiro — avisou para evitar qualquer tentativa de negociação.

Dimitri já esperava aquela atitude profissional de Oliver. Ele precisava se manter fora do radar, e aquele atentado tornara-se um risco muito grande. Mas Dimitri precisava tentar, para agradar ao seu cliente, que se tornara um homem diabolicamente perigoso. Se ele estivesse no lugar de Oliver, também recusaria.

Oliver comentou para finalizar a conversa:

— Ou o premiê tem muita sorte ou o seu cliente tem muito azar... — Dimitri entendeu que Oliver estava querendo mesmo era dizer que o cliente era muito incompetente. Sorriu e moveu a cabeça, concordando.

— Compreendo, mas eu tinha que falar com você. Eles são... perigosos.

Foi a vez de Oliver concordar, com um movimento de cabeça, antes de dizer, mais baixo, testando os limites de Dimitri:

— Os alemães.

Dimitri fez uma expressão de enfado, sem comentar. Ambos se entendiam bem, desde o primeiro contato, sem precisarem falar muito. Eram homens habituados a ler nas entrelinhas: bastava-lhes, com frequência, um gesto aqui e uma palavra ali para montarem um quebra-cabeça que seria incompreensível para a maior parte das pessoas. Ficaram em silêncio por alguns segundos, antes de Oliver perguntar delicadamente, incluindo-se na

frase de forma inteligente, e referindo-se ao fato de estar recusando o trabalho:

— Vamos ter problemas?

— O cliente — Dimitri apontou para o envelope — não vai reagir bem à sua resposta. Eu acho até melhor que recuse, e vai ser inevitável trabalharmos com eles, mas... quanto mais tarde melhor.

Oliver percebeu que Dimitri não gostava dos nazistas. Além da lealdade que o vira demonstrar ao filho do amigo morto, Charles Messie, aquele óbvio desprezo pelos nazistas aumentou a sua simpatia por ele. Precisava informá-lo sobre Lucrezia, cujo fim soubera por meio de Alessia.

— Foi noticiado que a assassina dos Messie escapou da prisão...

— Sim... — interrompeu Dimitri, lembrando: — Você disse que a polícia ia cuidar dela, mas parece que precisamos voltar a esse assunto.

— Não — contrariou Oliver, olhando diretamente para Dimitri. Já tinha percebido que ambos gostavam de fixar o interlocutor quando estavam conversando. Viu Dimitri semicerrar os olhos, para assimilar melhor o que Oliver estava comunicando.

— Suponho que tem alguma evidência, já que não saiu nada na mídia — comentou.

— Nem vai sair — afirmou Oliver, acessando o seu e-mail e mostrando a foto que pedira a Alessia, quando soube que ia se reunir com Dimitri. Oliver pegou o celular e avaliou a fotografia: Lucrezia, nua, com uma lança atravessando o corpo.

— Trágico. Suponho que foi... justiça divina — afirmou Dimitri, devolvendo o celular.

— Sim — concordou Oliver levantando-se para se despedir, mas hesitou, como se fosse falar e no último momento se arrependesse. Dimitri percebeu.

— O que foi?

— Estou pensando em mudar de profissão...

Dimitri moveu a cabeça de um lado para o outro, rejeitando a ideia. Sentia um apreço crescente por Oliver.

— Não faça isso.

Oliver sorriu. Apertou a mão de Dimitri e partiu.

Dimitri viu-o desaparecer pela porta e ficou inconformado, pensando na última frase do assassino. Perdê-lo era um duro golpe. Gostava do trabalho dele: eficiente e limpo. Além disso, ele era inteligente e muito correto, alguém em quem podia confiar.

Dieter acariciou suavemente a barriga arredondada de Lynn. Naquela tarde tinham descoberto que o bebê seria um menino. Ela estava deitada ao seu lado, com a cabeça apoiada no ombro dele.

— Precisamos conversar — avisou, tentando prepará-la para um diálogo difícil.

— O que foi? — perguntou, com a voz letárgica.

— Se algo acontecer comigo...

Ela não o deixou falar. Levantou o rosto para olhá-lo e interrompeu-o colocando os dedos delicadamente sobre a boca.

— Nada vai acontecer com você.

— Nós estamos impondo novas políticas, que estão repercutindo no mundo todo. Mas muitos não desejam uma Nova Ordem, embora seja necessária — ele acariciava devagar o cabelo dela, enquanto falava. — Eu represento esse novo mundo, e vão tentar me destruir. Mas preciso garantir que você e o nosso filho estejam seguros.

Viu uma película brilhante se formando nos olhos dela e sentiu ternura. Abraçou-a contra o peito, como se estivesse tentando protegê-la. Segurou o rosto dela e quando a beijou sentiu o gosto das lágrimas.

— Não chore. Estamos apenas sendo cautelosos. Está bem?

Ela moveu a cabeça e abraçou-o.

— Preciso que me escute com muita atenção.

Lynn moveu de novo a cabeça, num sinal afirmativo, tentando controlar as lágrimas. As carícias de Dieter no seu cabelo e os seus braços protetores acalmaram-na. Quando ela voltou a erguer o rosto, ainda com os vestígios luzidios das lágrimas, estava um pouco mais serena, e Dieter recomeçou a falar.

— Você e o nosso filho já estão sendo protegidos por um grupo chamado *Stille Hilfe*. Foi o mesmo grupo que nos protegeu, a mim e ao meu pai. Eles têm tudo planejado para que vocês sejam levados para um país seguro...

— E você? — perguntou ansiosa, percebendo que ele estava lhe comunicando um plano para o futuro.

— Escute... — pediu, olhando-a com o rosto muito sério. — Se algo acontecer comigo, você precisa ficar em segurança e cuidar do nosso filho.

— Não...

— Lynn, você tem que entender que precisa cuidar de você e dele —

repetiu com a voz carinhosa, falando devagar. — Prometa-me.

Ela sentiu a garganta se fechando com mais um nó de lágrimas. Respondeu, trêmula:

— Prometo.

— Nada vai faltar a vocês. E tudo o que agora é meu, será seu, mas existe uma condição: o nosso filho terá uma educação igual à minha.

Ela moveu a cabeça em silêncio, aceitando que o filho seria um nazista. Aquilo não a incomodou. Começava a concordar com Dieter em muitos aspectos e quando pensava no crescimento populacional entendia o que os nazistas e as grandes corporações estavam fazendo: enfraquecendo os países e destruindo os mais pobres para eliminá-los. E eles não podiam reagir, porque o poder realmente estava onde estava o dinheiro.

—Você tem alguma resistência a isso? — perguntou, querendo descobrir até onde ela estaria segura. Sabia que se Lynn vacilasse naquele ponto, estaria assinando a sua condenação à morte e ele poderia não estar por perto para protegê-la.

— Não.

— Bem... — sorriu e beijou-a na testa, antes de dizer baixinho: — Se algum dia tiver dúvidas, guarde para você e nunca, nunca, as partilhe com ninguém. Entendeu?

— Sim — foi aquela frase dele que lhe deu a dimensão real do perigo que corria e da intensidade do amor dele: Dieter estava a protegê-la, mesmo que ela, no futuro, duvidasse da filosofia nazista. Naquele instante, amou-o ainda mais.

— Agora as questões práticas — avisou, abrindo a gaveta do criado-mudo e pegando um pequeno caderno com capa marrom. — Aqui estão as minhas contas privadas em todo o mundo, com as senhas. Isto não pode cair nas mãos de ninguém, Lynn — avisou, sacudindo ligeiramente o caderno. — É uma segurança adicional à do *Stille Hilfe*. Eles vão providenciar tudo o que precisa, mas este é o nosso dinheiro. E é muito dinheiro, Lynn — fez uma pausa, para avaliar se ela estava entendendo a importância de tudo o que ele estava dizendo, e percebeu pela expressão tensa e séria que ela estava registrando todas as palavras dele. Entregou-lhe o caderno e pediu que abrisse. Ela analisou as pequenas páginas, mas não entendeu o que estava escrito. Olhou-o com uma expressão interrogativa, e ele sorriu, antes de explicar:

— Está em código. Existe uma chave que você vai precisar decorar —

disse, antes de explicar: — Este caderno fica no cofre, no escritório. Eu vou dar-lhe a combinação e você é que vai guardá-lo. É a única coisa que *tem* que levar se precisar sair numa emergência — enfatizou, antes de perguntar: — Entendeu tudo o que expliquei?

— Sim — ela pensou por um segundo e comentou: — Se precisarmos sair daqui, significa que o nazismo falhou.

— Ou que eu fui assassinado — lembrou Dieter devagar, preparando-a para aquela possibilidade. Viu que ela ia chorar de novo. — Lynn... Não fique assim, *mein schatz*.

Ela gostava quando ele a chamava de seu tesouro, fazia-a sentir especial. Tentou esboçar um sorriso. Era tão apaixonada por ele que a ideia de que algo pudesse acontecer-lhe era totalmente insuportável. Não conseguia sequer imaginar. Perguntou:

— Se eles protegeram você durante tantos anos, por que não podem proteger agora?

— Estão me protegendo, mas eu agora estou demasiado exposto e é muito mais difícil ficar seguro nestas circunstâncias. A pressão só vai aumentar, por isso é que, se houver algum perigo, você vai para outro país e não pode contatar ninguém. Nem mesmo os seus pais. É pela segurança de todos. Ele — Dieter colocou de novo a mão sobre a barriga dela — precisa estar seguro. Se descobrirem quem ele realmente é, a vida de vocês será um inferno — avisou, convencendo-a de que era necessário que cumprisse as regras e seguisse à risca as instruções.

24. A queda

*Quanto mais canhões tiver
Mais ameaças fará.
Pensará: eles têm medo da guerra, mas,
Um dia, será ele que terá a guerra.*

Bertolt Brecht (1898-1956)

Halder detestou a resposta de Dimitri, tal como ele havia previsto na sua conversa com Oliver. Por muito que as justificativas do assassino fossem lógicas, e aquele momento fosse inoportuno para tentar um novo atentado, porque a segurança em torno de Temple era enorme, Halder acreditava que bastaria esperar para descobrir uma oportunidade e assassinar o premiê. Era isso que esperava de um assassino tão recomendado quanto Oliver Bassan. O fato de ele ter rejeitado o trabalho naquele momento, e ignorado o seu contato da primeira vez, transformou Oliver em desafeto de Halder, e o general adicionou o nome dele à lista dos desafetos que recusava esquecer, mas cujo destino já estava traçado. Mais tarde mandaria eliminar Oliver Bassan, fazendo-o pagar por aquela atitude arrojada e impertinente. Mas agora precisava pensar num novo plano para acabar com Temple, enquanto reforçava a segurança interna e punha toda a máquina militar, que levava anos a desenvolver, em ação.

Haviam tentado, em vão, fazer com que os quinze agentes nazistas cooperassem: primeiro oferecerem imunidade e proteção, depois ameaçaram.

Mas nenhum deles cedeu. A lealdade com o nazismo era superior a tudo. Mesmo depois que perceberam que suas identidades verdadeiras haviam sido descobertas, eles se negaram falar. Mantinham-se num silêncio teimoso e deixaram de comer, mostrando que estavam dispostos a morrer, sem traírem o seu novo líder — Dieter Steinbach.

Os militares queriam acesso aos nazistas presos, e os generais prometiam que eles falariam de qualquer jeito. Estava implícito o uso da tortura, mas não houve tempo para que tentassem medidas mais duras: todos morreram misteriosamente nas prisões, vítimas de um novo tipo de toxina botulínica, ainda desconhecido dos cientistas.

Tratava-se de uma variação geneticamente modificada que a tornava letal, sem que houvesse antídoto. A morte dos agentes por meio da nova toxina revelou a profundidade das pesquisas e investimentos nazistas. As implicações daquele fato, associadas ao uso do polônio na tentativa de assassinato de Temple, eram devastadoras porque significavam que os nazistas estavam desenvolvendo armas químicas havia vários anos e já as estavam usando. Isso, somado à construção dos campos de morte, não deixava nenhuma dúvida sobre os caminhos que os nazistas estavam trilhando e os seus objetivos obscuros começavam a surgir à luz do dia.

O pequeno grupo estava reunido para avaliar a ameaça alemã. Ali estavam William Temple, Charles Major dos serviços secretos, John Winter da Força Aérea, Marc Lancaster da Marinha, Brian Clinton do Exército e Jonathan Frye, o ministro da defesa.

Frye olhava para as imagens de satélite esforçando-se por conter a surpresa: em tempo recorde os alemães haviam construído verdadeiros labirintos debaixo da terra. Além dos campos, cujas plantas Major lhe entregara, havia vilas habitáveis. Finalmente os serviços secretos compreenderem do que se tratava. Ninguém considerava que a Alemanha era uma ameaça real porque o seu contingente militar permanecia o mesmo e não havia nenhuma indicação de que o governo alemão estivesse mobilizando soldados ou iniciando uma corrida ao armamento. Mas ali estava a verdadeira força alemã: milhares de militares armados, vivendo debaixo da terra, sendo treinados e preparados para assaltar a Europa. Aguardando o dia certo para se revelarem, como uma força obscura e poderosa que se ergue da terra, totalmente pronta. E quando isso acontecesse seria tarde demais para os países enfrentarem o poder bélico alemão.

William Temple voltou-se para o ministro da defesa e rebateu friamente a

possibilidade da comunidade europeia tentar impor sanções aos alemães:

— Frye, qualquer ação contra eles marcará o início de um conflito armado. Tudo o que eles precisam, e talvez desejem, é de um gesto que justifique um ataque contra a Europa.

— E se eu contatar os ministros da defesa da comunidade, para sondar as posições deles sobre a possibilidade de um conflito com a Alemanha? — questionou Jonathan.

— Precisamos escolhê-los com cuidado, senhor — avisou Major. — Não sabemos quem é confiável e não é seguro tomar qualquer decisão enquanto não descobirmos quem são os nossos aliados.

— Já repararam quantos novos ministros da defesa e da economia assumiram os cargos durante as últimas semanas? — perguntou Temple, com a testa franzida em sinal de preocupação, depois de trocar um rápido olhar de cumplicidade com Major. Ambos estavam acompanhando com interesse aquela rápida troca de cargos. — Não parece suspeita essa troca simultânea de ministros por toda a Europa?

Frye pensou por dois ou três segundos nos comentários do premiê e olhou para Major, tentando avaliar a reação dele para ver se ele sabia mais do que estava dizendo ali, na reunião. Mas Major manteve-se imperturbável. Era óbvio que todos os que ali estavam já haviam se questionado sobre aquele fato inusitado, mas não tinham ainda uma explicação.

— Major, diga-lhes o que pensa — incitou William.

— Ainda estamos investigando, mas acreditamos que todos esses novos ministros são favoráveis ao nazismo e estão ocupando posições estratégicas que lhes permitirão, em determinado momento, tomar medidas favoráveis a Dieter Steinbach.

— Meu Deus! — resmungou Frye. — O que faremos? — perguntou um pouco exasperado perante a impossibilidade de tomar medidas imediatas e por perceber que havia inimigos infiltrados em todos os governos, caso Major estivesse correto. E o problema é que Major jamais faria aquele comentário se não tivesse algum grau de segurança no que estava dizendo.

— Devemos nos preparar para o pior: começar a recrutar discretamente e aumentar os nossos contingentes — avisou John Winter, da RAF, a Força Aérea inglesa, olhando para os seus congêneres do Exército e da Marinha.

— Sim — autorizou o premiê, desgastado. A situação estava se tornando cada vez mais tensa e confusa por toda a Europa, e a pressão sobre ele continuava aumentando. — Entretanto, precisamos de aliados.

Depois que a reunião terminou, e Temple ficou a sós com Major, disse baixinho algo que jamais pensara ser capaz de desejar:

— O ideal seria que Dieter Steinbach... abdicasse.

Major perscrutou-o com olhos atentos, esclarecendo bem ao estilo inglês o que estava sendo ponderado pelo premiê:

— O senhor está mesmo querendo dizer o que eu estou pensando?

— Ele é a espinha dorsal dos nazistas — respondeu num tom ponderado e sério, revelando que havia se debruçado bastante sobre o assunto. Na verdade, pensava naquilo desde que se reunira com os dois estranhos homens, amigos de Hogdson, que o haviam alertado sobre a existência dos campos de concentração. Os dois indivíduos haviam insinuado que eliminar os líderes nazistas seria o ideal para o fim do conflito, mas aquilo seria mais um segredo que o premiê guardaria, juntamente com a identidade do seu aliado secreto.

— Suponho que podemos... pensar no assunto — avançou Major.

Temple hesitou: ele podia mandar assassinar um homem, mas ainda não estava totalmente pronto para dar aquele passo, mesmo se tratando do homem responsável pelos três atentados contra a sua vida e por ter ferido Joan.

— Vamos aguardar — disse, por fim.

O silêncio de Lúcifer era aterrorizador. Ninguém sabia o que ele poderia estar planejando, nem o que estava fazendo com Elizabeth.

Daniel queria concentrar-se para tomar decisões, mas sentia-se quase paralisado, como se lhe tivessem roubado o chão: temia que qualquer atitude para resgatar Elizabeth pudesse resultar num perigo ou sofrimento maior para ela. Convencera Samael a contatar Lúcifer, mas o irmão nem sequer respondera. Segundo Samael, isso só podia significar que Lúcifer já descobrira, ou deduzira, qual a sua participação no roubo das almas brancas.

Quando finalmente Lúcifer respondeu a Samael, convidou-o para visitar o submundo. Queria que Samael presenciasse o seu relacionamento com Elizabeth. Investia todos os dias na sedução de Elizabeth e, embora fosse difícil saber até que ponto ia o envolvimento dela, por se tratar de uma Guardiã, podia sentir que as suas resistências haviam diminuído. Jantavam sempre juntos e Lúcifer tinha que reconhecer que ansiava por esses momentos.

Quando Elizabeth entrou no salão e viu Samael conversando com Lúcifer,

acreditou que estava perante uma oportunidade única de enviar algum tipo de mensagem a Daniel. Lúcifer havia solicitado a presença dela um pouco mais cedo que o habitual, e ela notou que a mesa impecável estava preparada para três pessoas porque Samael jantaria com eles.

Lúcifer comentou baixinho para Samael, ao vê-la aproximar-se:

— O meu irmão esperou séculos, mas soube escolher bem.

Samael percebeu o olhar lascivo de Lúcifer na direção de Elizabeth. Era óbvio que ele não fazia questão de esconder o desejo por ela, e as suas intenções eram claras: Elizabeth, além de instrumento de vingança contra Daniel, tornara-se um objeto de desejo de Lúcifer.

Ele evitou falar das almas brancas até o final do jantar, como se nada daquilo tivesse acontecido. Foi um anfitrião agradável e bem-humorado, conduzindo a conversa com assuntos superficiais, mostrando-se preocupado com Elizabeth e esforçando-se por agradá-la. Samael notou que ela estava receptiva aos elogios de Lúcifer e parecia até incentivá-lo, de forma elegante. A situação não parecia encenada e a naturalidade com que os dois agiam um com o outro preocupou Samael. Questionou-se se Lúcifer não o teria chamado ali para que ele visse o relacionamento deles e depois contasse os detalhes a Daniel, aumentando a intensidade do seu sofrimento.

No final do jantar, quando estavam se despedindo, finalmente Lúcifer revelou as suas verdadeiras intenções para aquele encontro e abordou a questão das almas.

— Sei o que você e Daniel fizeram. E chamei-o aqui com dois objetivos: o primeiro foi para que visse que Elizabeth está bem e... — fez uma pausa breve para escolher a palavra certa — feliz. E o segundo foi para avisar que a atitude de vocês terá consequências que não são capazes de imaginar.

— Compreendo...

— Não compreende, mas certamente terá tempo para isso — avisou com um sorriso frio. Durante todo o jantar as semelhanças dele com Daniel pareciam maiores, sendo por vezes difícil separar um do outro. Mas agora, ao assumir o seu verdadeiro comportamento, Lúcifer tornava-se muito diferente do irmão.

Samael ficou em silêncio encarando Lúcifer, antes de dizer com calma:

— Elizabeth não tem nada a ver com o que fizemos. Deixe-a ir.

Lúcifer sorriu com ironia e colocou o braço sobre o ombro dela, puxou-a ligeiramente contra o corpo, antes de explicar, recorrendo ao mesmo argumento que usara com Daniel:

— Tem tudo a ver. Vocês tiraram o que era meu e eu tirei o que é de Daniel. A coisa que ele mais deseja na vida humana que escolheu.

Samael tentou analisar a reação de Elizabeth, mas ela estava tranquila e mantinha o rosto sério, sem esboçar emoção. Já que a situação não parecia negociável e o conflito era latente, decidiu esclarecer alguns pontos, com a sua habitual entoação serena:

— Nós não levamos o que era seu. Apenas recuperamos o que era do Divino e restabelecemos o equilíbrio entre os mundos. Tudo isso... — Samael apontou diretamente para Lúcifer — que você faz tanta questão de repetir, sobre o roubo das almas, serve apenas ao seu verdadeiro propósito: o de ferir Daniel e iniciar uma batalha que lhe permita destruir os Guardiões, porque eles atrapalham os seus planos.

Lúcifer sorriu com a análise concisa e verdadeira de Samael.

— Por mais correta que seja a sua análise, tudo o que eu precisava era de um pretexto para os meus planos. E vocês me deram.

Samael moveu levemente a cabeça, em jeito de negação, e manteve-se em silêncio. Não importava o que dissesse, Lúcifer não mudaria de ideia. Esboçou um gesto de despedida, mas antes que partisse Elizabeth beijou-o inesperadamente na face, pedindo num sussurro:

— Diga ao Daniel que sou como o bambu.

Oliver tomou a decisão de falar com Daniel sobre os atentados nazistas contra o primeiro-ministro inglês. Justificaria a sua atitude, mencionando que Alessia falara sobre o empenho deles na oposição ao nazismo. Mas não se tratava de uma decisão inteiramente altruísta. Embora não pudesse revelar que sabia quem eles eram, apesar de lutar para aceitar aquela realidade bizarra, tinha por um lado curiosidade em descobrir mais sobre eles, e, por outro, interesse em se aproximar deles.

Alessia conduziu Oliver à sala onde estavam todos, exceto Elizabeth. Ela dissera que Elizabeth viajara, consciente de que certas informações eram ainda incompreensíveis para ele.

Oliver cumprimentou-os e, pela primeira vez, à luz dos novos conhecimentos, analisou-os com um olhar diferente: a autoconfiança e a segurança, que muitas vezes confundira com arrogância, estavam explicadas. Se tudo o que Alessia explicara fosse realmente verdade, estava lidando com seres superiores e únicos. Já compreendera porque, meses antes, eles

conseguiram localizar Elizabeth em Londres, quando a sequestrara, e por que o tinham enfrentado desarmados e tranquilos, sem qualquer temor.

Depois dos cumprimentos, Oliver explicou, deixando clara a sua ligação com Alessia e indo direto ao ponto, bem ao seu estilo inglês:

— Alessia comentou que estão monitorando os nazistas, e eu tenho novidades.

— Eles o contataram? — perguntou Daniel.

— Sim — respondeu sem se alongar e evitando explicar que o haviam tentado contratar duas vezes. — Queriam que eu assassinasse o primeiro-ministro inglês.

Sentiu os olhares dos Guardiões analisando-o. Tinha conseguido total atenção deles.

— Você aceitou? — perguntou cuidadosamente Daniel.

— Não, mas não creio que isso faça alguma diferença. Eles vão continuar tentando, até conseguirem. Temple é o adversário mais feroz dos nazistas, especialmente de Dieter Steinbach — sintetizou cruamente.

— Sabemos — concordou Daniel. — E qual a sua opinião sobre os nazistas, Oliver?

— Sabe o que se diz: nunca é bom deixar que o *dragão* cresça demais, e a única forma de impedir isso é eliminando-o enquanto é jovem — afirmou Oliver objetivamente.

— Então acha que Dieter Steinbach é um *dragão* que precisa ser eliminado? — questionou Daniel vagarosamente, sublinhando bem as palavras. Oliver não sabia nada sobre a Sociedade do Dragão, mas o termo que usara era muito adequado.

— Sim — disse com frontalidade. — Ele é a essência do nazismo, o herdeiro de Hitler.

De alguma forma, todos partilhavam aquela opinião e sabiam por experiência própria que, se não impedissem o fortalecimento do nazismo, a história se repetiria, e Dieter se tornaria o novo Anunciado, apesar de não possuir a Lança do Destino. Ele vinha ganhando força e mérito à custa dos esforços da poderosa organização que o protegia e apoiava há anos — a Sociedade do Dragão Verde, com a sua poderosa máquina financeira, o grupo JKW.

Miguel e Uchoa apoiavam a sugestão de Oliver.

— Eu concordo com Oliver — afirmou Miguel, sem deixar passar a oportunidade para enfatizar a sua posição.

— Nós não podemos fazer nada, Oliver — Daniel afirmou evitando comentar a opinião de Miguel. As palavras de Daniel tinham um novo significado para Oliver. Agora que conhecia a verdadeira identidade e missão deles, também sabia que só podiam intervir em circunstâncias especiais e não podiam matar. Antes de tudo, tinham que respeitar a vida.

— Mas eu posso — ofereceu-se Oliver, espantando todos. Alessia olhou para ele, com ar interrogativo. Ele havia lhe dito que ia deixar aquela profissão.

— E eu também. Se você estiver disposto a eliminar esse *dragão*, eu vou com você — propôs Miguel, usando a mesma terminologia de Oliver.

A sala mergulhou no silêncio, enquanto Daniel avaliava a inesperada oferta de Oliver e Miguel. Foi Dib quem interrompeu a quietude, ao perguntar, com curiosidade:

— Oliver, por que rejeitou a proposta para assassinar Temple?

Oliver pensou alguns segundos, parecendo escolher cuidadosamente as palavras para responder à pergunta.

— Podia dizer que tive escrúpulos em assassinar um homem que admiro e é o premiê do meu país, mas, embora isso seja verdade, a razão principal é bem mais banal: decidi mudar de profissão.

Daniel sorriu sutilmente. Embora Oliver não fosse influenciável, Daniel acreditava que a presença de Alessia na vida dele pesara, de alguma forma, naquela decisão.

— E o que pretende fazer? — perguntou Dib, mais uma vez.

— Sou químico — revelou com simplicidade, antes de se justificar. — Recentemente estive na Amazônia e redescobri o prazer da química. A natureza dá-nos tudo e nós não apenas esquecemos isso, como ainda estamos destruindo a fonte da nossa própria sobrevivência. Aqueles a quem chamamos selvagens são, na verdade, os sábios.

O breve discurso pegou todos desprevenidos, exceto Alessia, que conhecia a decisão dele. Ela sabia que aquela viagem representara um chamado e transformara Oliver.

— Então a sua oferta para eliminar Dieter já vai contra a sua decisão de mudar de profissão? — questionou Daniel calmamente.

— Sim, mas considero isso como um gesto de despedida, que irá ajudar a humanidade.

— O que vocês acham? — perguntou Daniel aos outros.

— Já conhecem a minha opinião: Dieter precisa ser destruído o mais

rápido possível — respondeu Uchoa, que tal como Miguel já se posicionara sobre o assunto.

— Concordo — disse Seth.

— O fim de Dieter é inevitável, mas assim, pelo menos, salvamos milhares de vidas — argumentou Dib, depois de pesar a possibilidade de trocarem muitas vidas por uma.

Alessia era a única que não se expressara. Daniel encarou-a, esperando a sua opinião.

— Talvez seja melhor assim... — respondeu ela.

Daniel fez uma pausa e falou:

— Corremos o risco de nos precipitarmos. Não temos como saber o que Dieter fará, embora tudo indique que ele pretende repetir os passos do avô.

— Eu sei que precisamos de mais provas... mas algumas já estão aí, De Payens — avisou Miguel, lembrando a Daniel que Temple lhe fizera um rápido telefonema, confirmando que os *rumores* eram reais. Temple não precisou dizer mais nada para Miguel entender que ele estava se referindo aos rumores sobre os campos de concentração que haviam discutido quando se encontraram em Londres. Aquilo significava que os ingleses tinham provas concretas que os nazistas estavam construindo campos de morte. Que outro significado teriam aqueles campos, se os nazistas não estivessem preparando um genocídio em massa, arquitetado sob o mais rigoroso sigilo e os mais minuciosos planos?

— Não são provas, são indícios — concluiu Daniel. — Essa é uma das razões pelas quais não devemos agir até que tudo esteja claro, para evitar erros. Dieter Steinbach ainda pode seguir outro caminho, que não o da destruição.

— Você não acredita nisso — interveio Dib, sempre assombrado pela Profecia Tibetana. — Nenhum de nós acredita.

— E isso é suficiente para condenar um homem à morte? — questionou Daniel, parecendo travar um diálogo mais interior do que exterior.

— Sim, porque todos pensamos o mesmo — argumentou Dib. — E estamos dispostos a violar um de nossos princípios vitais ao concordarmos com a morte de Dieter.

Daniel ficou em silêncio por mais alguns segundos: não estava apenas condenando Dieter à morte, estava também legitimando o fato de Miguel e Oliver tirarem a vida de outro ser humano. Voltou-se para Oliver e perguntou:

— Tem certeza de que deseja fazer isto?

Oliver assentiu com a cabeça, mantendo-se em silêncio.

— Besson vai com você — cedeu Daniel finalmente, validando o desejo de Miguel em acompanhar Oliver, e sentenciando Dieter à morte.

Entrar na Alemanha não era difícil. Assim como não era particularmente difícil planejar e assassinar o líder alemão. Por mais protegido que Dieter estivesse, em algum momento, bastaria um simples descuido, para tudo terminar numa fração de segundo. O problema seria depois do assassinato: primeiro Miguel e Oliver teriam que deixar o local onde cometeriam o crime, e em seguida precisariam sair do país. E no instante em que Dieter fosse atingido, a Alemanha entraria numa espécie de estado de sítio, como se estivesse acontecendo uma guerra, e todos os transportes seriam cuidadosamente vigiados e as fronteiras do país seriam fechadas.

Fizeram uma cuidadosa pesquisa sobre os locais onde Dieter faria os seus discursos. Ele gostava de falar em universidades e locais públicos, porque estava empenhado em conquistar um público crescente de jovens que faziam a diferença, por serem mais ativos e empenhados nas mudanças. Durante dias fizeram o levantamento dos locais onde Dieter iria discursar e estudaram todas as possibilidades: qual o melhor ângulo para o disparo mortal, e qual a melhor rota de fuga.

Depois deixariam o local, a pé, como dois turistas, e viajariam no mesmo carro alugado que tinham usado para entrar na Alemanha, até próximo da fronteira belga, onde pegariam o trem. Apesar da fronteira com a Polônia ser a mais próxima de Berlim, parecia óbvia demais, por isso optaram por atravessar na Bélgica. Era menos arriscado irem de trem do que de avião. Mas ambos estavam conscientes de que os riscos eram muito altos, porque os nazistas ficariam furiosos e não deixariam a morte do seu líder sair barata.

Finalmente escolheram o local: Oliver usaria uma arma de longo alcance e pretendia dar o tiro a pouco mais de seiscentos metros de distância do alvo. Ele já acertara vários alvos em distâncias superiores, até mais de um quilômetro. Tinha contrabandeado a arma para a Alemanha, desmontada e oculta sob o tapete do porta-malas. Embora não houvesse nada que o ligasse à arma, e o número de série estivesse totalmente destruído, aquela era uma arma tão especial que ele jamais poderia deixá-la no local ou abandoná-la na Alemanha, e, portanto, teria que desmontá-la com rapidez e fazê-la

desaparecer. Definiram que Miguel levaria metade das peças da arma num compartimento secreto de uma mala de mão pequena, que evitaria chamar a atenção, e ele levaria a outra metade, na cavidade oca da caixa de um violino. Se alguém abrisse tanto a mala quanto a caixa de violino, encontraria apenas um computador ou um violino.

Miguel achou que a distância entre Oliver e o alvo era muito grande e representava um perigo adicional: se houvesse vento, a trajetória da bala seria alterada. Mas Oliver era um atirador experiente e fez vários cálculos e análises a partir do ponto onde efetuaria o disparo, no topo de um prédio. Só se tranquilizou quando estava totalmente seguro dos resultados. Ao vê-lo agir com uma eficiência fria, e nervos de aço, Miguel não pôde evitar certa admiração por Oliver, em especial porque ele era apenas humano.

Daniel ouviu o relato minucioso de Samael: a proximidade de Lúcifer e Elizabeth perturbou-o. Tinha certeza de que o irmão a estava obrigando a ser conivente, aceitando os avanços dele. Mas Samael discordou e insistiu que Elizabeth estava tranquila e, em certos momentos, parecia até incentivar Lúcifer.

— Não acredito que Elizabeth se deixe seduzir por Lúcifer, mesmo que ele use todo o seu charme e poder — respondeu Daniel incrédulo e angustiado.

— Estou apenas relatando o que vi. Aliás, foi para isso que ele me chamou lá.

— Eu sei...

— Mas Elizabeth mandou um recado para você.

— O que ela disse? — perguntou, tentando controlar a ansiedade. Samael olhou-o sereno: era visível o quanto ele amava aquela mulher. De certo modo invejava-o. Fazia parte da sua natureza angelical um sentimento de amor e compaixão generalizado, mas amar alguém com a intensidade com que Daniel amava Elizabeth era algo que jamais vivenciara.

— Que ela é como o bambu.

Daniel cerrou os olhos por um instante e ficou pensativo tentando entender o que ela queria dizer. Certamente que era algo muito importante, mas ele não sabia o quê.

— O bambu?

— Sim. Ela parecia muito segura de que você entenderia o significado.

Daniel tentou lembrar-se de alguma conversa sobre o bambu e, de repente,

tudo se tornou claro. Eles nunca tinham falado diretamente sobre o bambu, mas havia uma metáfora que os Guardiões usavam sobre o controle da sua força e das suas emoções.

— Eu sei o que é... — disse por fim Daniel, sentindo-se, subitamente, tranquilo. Samael interrogou-o com o olhar. Daniel explicou: — Nós aprendemos que é importante sermos como o bambu, vergarmos com o vento, sem oferecer resistência. Porque o bambu verga, mas não quebra. É o que ela está fazendo, Samael: se ajustando, vergando, sem oferecer resistência a Lux.

Samael sorriu, acenando com a cabeça.

— Concordo que é uma estratégia inteligente, mas isso só garante o bem-estar dela por um tempo limitado.

— Sim, mas até lá ele vai agir contra nós, e há de surgir uma oportunidade para a libertarmos.

— Ele deixou isso claro, ao afirmar que nenhum de nós imagina o que ele vai fazer.

Daniel encarou Samael e anunciou:

— Precisamos nos preparar, Samael. Vai ser terrível.

Dieter não sentiu dor. Continuou de pé por alguns segundos, enquanto a imaculada camisa branca se tingia de vermelho, a partir do centro do peito, até ele cair desamparado. O seu corpo cedeu devagar e quando ele atingiu o chão já estava morto.

A plateia ficou paralisada e silenciosa, observando, impotente, a queda do seu líder como se estivesse mergulhando num pesadelo. Por alguns longos segundos tornara-se quase possível escutar a respiração dos jovens que abarrotavam a praça, no centro de Berlim. Bruscamente o silêncio se transformou em algazarra, gritos e correrias desesperadas. Soldados que sempre escoltavam Dieter atiraram para o ar, tentando impor a ordem e impedir que a multidão continuasse fugindo.

O palco improvisado, onde Dieter estava discursando, encheu-se de soldados comandados por Halder, e em minutos Dieter foi conduzido para o hospital, rodeado de um imenso aparato de segurança.

Centenas de pessoas foram levadas para interrogatório e tiveram seus celulares confiscados para que as fotografias e filmagens fossem analisadas. Os prédios em volta da praça foram revistados. A eficiência dos soldados de

Halder era impressionante: em pouco tempo já tinham esquadrinhado tudo em volta da praça, e alguns já estavam vendo as imagens das câmeras da região para descobrirem de onde partira o tiro e qualquer pessoa ou atitude suspeita.

Halder estava inconformado com a morte do amigo. Os olhos vermelhos e os maxilares tensos revelavam a intensidade das emoções que o dominavam.

Além da dor da perda, os resultados da autópsia eram desesperadores: não havia bala no corpo de Dieter. E não havia ferimento de saída dela. Algo perfurara o seu coração e, simplesmente, desaparecera. E isso era inacreditável, inaceitável e incompreensível.

Halder tinha esperança de descobrir a bala, porque lhe permitiria saber qual a arma utilizada e começar a investigação a partir dali. Mas, além de não haver bala, também não tinham descoberto nenhum vestígio da presença do assassino. E em menos de vinte e quatro horas após a morte de Dieter a Alemanha já tinha mergulhado em conflitos violentos entre defensores e detratores de Dieter. Halder precisava acabar com aquilo para evitar que tudo se desmoronasse.

A Sociedade do Dragão já estava se preparando para voltar à clandestinidade, se necessário. Sem Dieter, o planejamento de anos estava fadado ao fracasso. Dieter era o rosto e a alma do projeto nazista, exatamente como seu avô havia sido, décadas antes.

Furioso, Halder ordenou que descobrissem o que causara a morte de Dieter. Precisava de respostas.

O médico-legista e sua equipe descobriram que o chanceler tinha sido ferido com algo contendo nitrogênio. Talvez uma bala de gelo que tivesse derretido posteriormente. Mas Halder e os Dragões consideravam aquela hipótese pouco plausível: não havia balas de gelo que resistissem à velocidade e à distância a que o disparo foi feito.

De acordo com as filmagens analisadas, os especialistas tinham desenhado a trajetória da bala e descoberto qual o prédio de onde partira o tiro. Mas não encontraram nenhum vestígio do assassino.

Depois de muita discussão, os Dragões começaram a aceitar que talvez quem tivesse por trás daquele assassinato fosse um gênio do crime e da química. Mas aquele seria um dos mistérios que já estava contribuindo para a construção do mito de Dieter: a história sempre se encarrega de engrandecer

os episódios insólitos, aqueles que o homem não consegue explicar.

Miguel dirigia o carro na velocidade máxima permitida. A rapidez com que saíram de Berlim evitara que tivessem sido parados nas blitz que se formaram em volta da cidade logo após o atentado contra Dieter. Mas não conseguiram evitar uma blitz a poucos quilômetros da fronteira belga. O exército estava controlando todas as saídas do país. Meia dúzia de carros militares, com vários soldados, bloqueavam a rodovia.

Dois soldados, com as armas na mão, pediram que Miguel e Oliver descessem do carro. Eles ficaram ao lado do carro e, enquanto um dos soldados analisava os documentos, o outro começou a revistar, pedindo que abrissem o porta-malas. Miguel destravou o porta-malas.

Miguel e Oliver observaram os outros soldados em volta, atarefados com outros carros. Eles não pareciam interessados num tipo específico: paravam viaturas com famílias, casais e motoristas sozinhos. Paravam todos e revistavam tudo minuciosamente.

O soldado pegou a caixa do violino e abriu. Miguel trocou um rápido olhar de cumplicidade com Oliver. Aquilo não era nada bom. Miguel aproximou-se um pouco mais do porta-malas. Mas o outro soldado, com os documentos na mão, gritou uma ordem para que ele ficasse quieto. Qualquer incidente ali seria fatal: havia muitos soldados e todos estavam relativamente próximos.

O soldado tentou fechar a caixa do violino, mas não conseguiu. O violino tinha se deslocado. Ele empurrou o violino e começou a ficar impaciente quando não conseguiu encaixá-lo. Miguel ofereceu-se para fechar a caixa e o soldado entregou-lhe o violino com irritação. Abriu as malas de roupa e enfiou as mãos, revirando tudo, para avaliar se havia algo oculto. Por fim abriu a pequena mala preta com o computador. Nesse momento, Miguel colocou a caixa do violino no carro e viu o soldado levantar o computador. Quando o devolveu à mala, com uma força maior do que a necessária, o computador bateu no fundo e fez um som oco. O soldado hesitou. Franziu o cenho e levantou de novo o computador. Bateu com os nós dos dedos na mala e o eco repercutiu. Colocou a arma no ombro, depositou o computador sobre o porta-malas e levantou a mala para analisar. Miguel ofereceu-se, solícito:

— Eu posso abrir para você.

O soldado olhou-o de soslaio. Acalmou-se, porque parecia óbvio que se o motorista estivesse escondendo algo não estaria tão tranquilo, se oferecendo

para abrir uma mala que tinha claramente um fundo falso.

Oliver se esforçava por parecer sereno, mas estava se tornando difícil gerir a ansiedade. Não imaginava o que Miguel decidira fazer, ao oferecer-se para abrir a mala que tinha peças da arma responsável pela morte de Dieter Steinbach.

Miguel pousou a mala no interior do carro, inclinou-se para diante e tapou a visão do soldado, forçando-o a aproximar-se. Nesse instante o outro soldado juntou-se a eles e disse que os documentos estavam em ordem. Oliver estendeu a mão para pegar os documentos.

Um dos soldados que inspecionava o carro atrás deles chamou o soldado que verificara os documentos e ele dirigiu-se até lá. Oliver viu-o analisar um passaporte e voltou a sua atenção de novo para Miguel, que, nesse instante, puxava cuidadosamente a tampa da mala preta para revelar o conteúdo fatal. Oliver sentiu o estômago embrulhado e aproximou-se deles. Precisava fazer alguma coisa. Só não sabia o quê. Se o soldado descobrisse aquela arma, os alemães iam desvendar o assassinato de Dieter. Aquela era a única chance de saberem que Dieter havia sido morto com uma bala de gelo especial, que Oliver levava quase duas décadas para aperfeiçoar.

Miguel puxou a tampa, pelo lado contrário, revelando o conteúdo para a parte interior do veículo, obrigando o soldado a inclinar-se para o interior do carro.

Nesse instante, Oliver sentiu uma mistura de frio e náuseas e viu Miguel colocar a mão sobre a testa do soldado por segundos. O outro soldado reapareceu atrás deles:

— O que está acontecendo?

— Nada — respondeu o soldado afastando-se do carro, com ar natural. — Está tudo bem. Pode liberar.

O soldado dos documentos entregou um cartão azul, liberando o veículo da inspeção. Aquele pequeno cartão funcionava como uma espécie de salvo-conduto que teriam que mostrar em todas as barreiras que passassem.

Miguel agradeceu, fechou o porta-malas e entrou no carro, seguido de Oliver.

Ficaram em silêncio por alguns minutos. Quando Oliver acalmou e controlou as náuseas provocadas pela ansiedade perguntou:

— Quer me explicar o que foi aquilo?

Miguel sorriu, sem responder.

— Besson? — insistiu Oliver. — O soldado viu a arma e não reagiu?

— Ele viu a arma, mas não sabe que viu — disse Miguel. — É... complicado. Confie em mim. Eu não posso falar sobre isso.

Oliver ficou calado e pensativo por um longo momento, antes de afirmar:

— Suponho que ele *esqueceu* o que viu quando você colocou a mão na testa dele?

Miguel gostava cada vez mais de Oliver: um profissional brilhante e muito inteligente, além de ser um agradável companheiro de viagem. Por vezes quase esquecia que ele era humano. Ficou feliz por Alessia ter encontrado um homem como ele.

— Mais ou menos isso, Oliver. Talvez um dia possamos falar sobre esse assunto com mais detalhe, mas não agora — disse. Oliver aquietou-se. Pretendia tirar aquele assunto a limpo com Alessia e só compreendeu o que tinha acontecido quando ela lhe explicou que Miguel violara as regras ao interferir na mente do soldado. Miguel violara o livre-arbítrio do jovem, forçando-o a esquecer o que tinha visto. Oliver estava começando a ter uma tênue ideia do que eles eram capazes de fazer e das razões que estavam por trás do mundo de regras que regia suas vidas.

25. A batalha

Se me livrasse dos meus demônios, perderia os meus anjos.

Tennessee Williams (1911-1983)

Samael surgiu de repente. Por muito natural que fosse a maneira como ele se deslocava entre as dimensões, sempre gerava estranheza a rapidez com que se materializava nos lugares. Quando, horas antes, ele disse que tinha novidades, Daniel deduziu que só poderiam ser péssimas notícias e convocara os Guardiões.

— Ontem à noite detectei atividade no Saara — disse, confirmando os temores de Daniel. — Duas dezenas de Anjos Negros atravessaram o portal várias vezes, no auge da tempestade.

— Estavam testando o portal — avisou Daniel, pensativo. — Isso significa que estão preparando o ataque para a próxima tempestade.

— E seremos apenas nós, contra um exército de muitas centenas — avaliou Samael, olhando atentamente para cada um dos presentes na sala: Daniel, Dib, Seth, Uchoa, Alessia e Miguel, além dele. — É muito difícil aniquilar os Anjos Negros de alto escalão, e suponho que são esses que Lúcifer vai enviar contra nós.

— Eu descobri como destruí-los, mas Lúcifer está ciente do meu conhecimento, por isso deve protegê-los — avisou Daniel, surpreendendo todos.

— Como descobriu? — perguntou Seth.

— Na Biblioteca de Lúcifer — resumiu, sem explicar que tinha acessado o

Códex Giga original e também havia lido as páginas desaparecidas, contendo o misterioso ritual que eles haviam tentado pesquisar. — Ele esqueceu o que alguns textos continham, e quando percebeu, eu já os havia lido.

Samael sorriu com o descuido de Lúcifer. Era o único que parecia completamente tranquilo com a proximidade de uma batalha com uma dimensão daquelas. Havia centenas de anos que não acontecia um confronto direto com as forças de Lúcifer. Mas Samael representava a morte, e só o Divino o poderia dissipar, por isso qualquer que fosse o resultado da batalha, ele poderia sair enfraquecido, mas seria sempre imune.

— E como se destroem os Anjos Negros? — perguntou Miguel.

— Atravessando o coração deles com vidro — a explicação de Daniel mergulhou a sala no silêncio. Todos estavam se questionando como poderiam matar alguém com vidro. Teriam que conseguir estacas e lanças de vidro, mas elas certamente quebrariam na primeira utilização. Por isso, teriam que conseguir centenas de estacas e lanças.

— Mas se Lúcifer sabe que nós conhecemos a fraqueza deles, vai fazê-los usar armaduras — deduziu Uchoa.

— Sem dúvida — concordou Daniel. — E isso aumenta a nossa dificuldade: temos que ser capazes de perfurar a armadura, que deverá ser de algum tipo de metal leve e resistente, e atingir o coração deles com o vidro.

— Me parece quase impossível — comentou Alessia. — A Lança do Destino não serve para nada nestas circunstâncias.

— Ou as nossas relíquias — mencionou Seth.

— Teria que ser uma lança de vidro capaz de perfurar o metal sem se quebrar — comentou Miguel. — Que tipo de vidro resistiria a isso?

— Aqui na Terra não existe nenhum com essas características — respondeu Daniel. — Samael... — chamou, olhando em volta, mas ele não estava na sala. — Alguém o viu?

Todos negaram, acenando com a cabeça. A rapidez silenciosa com que ele se movia era impressionante. Bruscamente Samael voltou, com vários estojos, que colocou delicadamente no chão. Antes que alguém comentasse o seu desaparecimento, ele pegou um dos estojos e abriu, revelando o seu conteúdo:

— Vamos precisar disto.

Daniel tirou a espada longa do estojo, fez um movimento com ela no ar, para sentir o peso. Era leve, a lâmina brilhava e tinha a transparência do vidro. Colocou os dedos sobre a parte lateral da lâmina: era tão fria quanto o

gelo.

— As Espadas de Cristal — anunciou, encarando Samael, antes de perguntar: — Vai nos explicar como conseguiu?

Samael sorriu com a sua serenidade habitual, antes de contar:

— Essas espadas são toda a ajuda que consegui do Divino.

— Então o meu Pai... — constatou Daniel usando pela primeira vez a expressão, mantendo a espada em um movimento contínuo no ar — decidiu ceder um pouco na sua neutralidade.

Os Guardiões o olharam, impressionados por ouvi-lo falar do Pai com tanta naturalidade. Foi aquela frase que lembrou quem ele realmente era: um dos filhos diletos do Divino.

— Eu não diria isso. Sabe como Ele não gosta de ser envolvido diretamente nos confrontos — lembrou Samael. Daniel olhou para ele e esboçou um sorriso. Sabia que Samael estava correto, mas o fato de Ele ter enviado as espadas indicava que tinha apreciado a salvação das almas e estava disposto a dar uma lição em Lúcifer, ao fim de muitos séculos.

Miguel abriu um dos estojos, para avaliar a espada juntamente com os Guardiões.

— Que material é este? — perguntou Miguel, segurando o cabo e observando o brilho intenso da lâmina.

— O cristal mais puro que já existiu. E o único que é inquebrável — avisou Samael, apontando para as espadas. — São oito espadas construídas pelos primeiros anjos celestes com o cristal do início dos tempos. O cristal que estava na base daquela que viria a ser a montanha mais alta da terra, o Everest.

— Daniel, você já as conhecia? — perguntou Dib.

— Só tinha ouvido falar delas. Mas sei que as suas lâminas cortam qualquer coisa e criam uma espécie de ligação com quem a usa.

— Que ligação? — perguntou Uchoa.

— Uma memória. Por exemplo: eu toquei nesta espada e ela passou a reconhecer-me. E Miguel também já escolheu a dele — disse apontando para Miguel. — Agora experimente tocar na minha — ofereceu a sua espada a Uchoa. Ele aceitou, e a espada parecia leve no primeiro momento, mas quando ele tentou movê-la, o peso dela tornou-se tremendo.

— Não consigo movê-la... — reconheceu Uchoa, olhando para Daniel, sem entender.

— Exato. Ela agora só responde a mim. — Daniel sorriu, antes de pegar a

espada de volta e sugerir: — Escolha a sua.

Depois que todos escolheram suas espadas, sobrou uma, que seria a de Elizabeth. Samael explicou que, apesar de todas serem aparentemente iguais, cada espada tinha um dom adicional e um nome, que só seria revelado ao seu mestre no momento certo. Quando usada, a espada se transformava em uma espécie de criatura viva e criava uma união umbilical com o seu mestre, sussurrando-lhe, por vezes, as melhores estratégias de ataque e defesa. Por isso eles deveriam treinar com ela, para alimentarem essa ligação até o dia da batalha.

Após o assassinato de Dieter Steinbach, a Alemanha mergulhou numa espécie de convulsão social. Os nazistas, além de não terem a mínima pista sobre o assassino, não sabiam o que havia matado o chanceler alemão. Os confrontos crescentes entre os neonazistas e os seus opositores resultaram em vários mortos e muitos feridos. O país estava se desestruturando, e a forte repressão imposta pelos militares do general Halder servia apenas para aumentar a intensidade da resistência.

Foi Rolf Merten, o até então ministro das finanças, que tomou a frente do país e começou a negociar com os outros partidos alemães a formação de um governo emergencial, que controlasse a Alemanha até as eleições seguintes. A sua atitude serena e ponderada, apesar de sua associação ao regime nazista, angariou simpatia e respeito de todos. Por isso, quando ele pediu o afastamento de Halder e a restituição do poder aos responsáveis que comandavam os militares antes da ascensão nazista, foi acatado.

Merten tinha consciência da extensão e profundidade dos tentáculos nazistas e do quanto a sua vida estava em risco ao tomar aquelas decisões. No entanto, não havia alternativas, se ele quisesse salvar o país de um derramamento de sangue maior: os nazistas precisavam abdicar e sua influência tinha que ser reduzida. Era, portanto, imperativo quebrar os contratos com as empresas nazistas e afastar os seus defensores declarados. Levaria tempo para eliminar todos os resquícios do nazismo, e talvez não conseguissem. Talvez o nazismo ficasse apenas adormecido por vários anos, antes de acordar de novo, como tinha acabado de acontecer.

Mas o choque maior, que abalou a Europa, não foi o assassinato de Dieter Steinbach, nem o desconhecimento sobre a forma como morrera ou a ausência de culpados, apesar dos intensos esforços da polícia, dos militares e

dos serviços secretos. O que deixou a Europa consternada foi a descoberta dos campos de extermínio e dos planos secretos e macabros dos nazistas para eliminarem milhões silenciosamente. Esses fatos, revelados ao mundo por Temple, que apoiara o governo emergencial liderado por Merten, pressionaram e obrigaram o nazismo a recuar.

Rolf Merten viajou até Londres para se encontrar pessoalmente com William Temple. Os dois homens, ambos de temperamento reservado e frio, não conseguiram, no entanto, controlar a emoção que os dominou quando se viram pela primeira vez, depois daquela luta silenciosa contra o neonazismo. Tiveram uma longa conversa, que os aproximou mais, aprofundando a confiança que já depositavam um no outro.

Também falaram sobre o atentado de Dieter, que permanecia um mistério. Merten explicou que, apesar dos esforços, ninguém sabia quem mandara matá-lo e havia a possibilidade crescente de ele ter sido morto por uma bala de gelo e criogênico, um novo método que eles desconheciam. Temple comentou que nunca tinha ouvido falar naquilo e calou as suas suspeitas: assim que soubera do assassinato lembrou-se dos dois homens de Londres e decidiu esquecer o assunto, porque considerou que, qualquer que tivesse sido o assassino, havia feito um bem à humanidade. A história se encarregaria de providenciar várias explicações para o caso.

Merten pretendia afastar-se da política e, assim que houvesse eleições, tinha intenção de voltar às suas atividades acadêmicas. Ainda temia que os nazistas voltassem para assombrá-lo. Os Dragões continuavam sendo proeminentes homens de negócio, mas após a morte de Dieter, Merten não foi convocado para mais nenhuma reunião. Recebeu, no entanto, a visita de Heinrich Koch, que o aconselhou vivamente a esquecer a Sociedade do Dragão e a identidade de todos os seus representantes.

Hogdson não encontrou Lynn em lugar algum: ela tinha desaparecido da face da Terra. Os telefones dela não funcionavam e quando viajou até Berlim em busca da filha encontrou o apartamento intacto. Nenhum dos funcionários de Dieter, tanto na sua residência, quanto no seu escritório, tinham qualquer informação sobre Lynn. Era como se ela nunca tivesse existido. Tentou falar com Halder, nos primeiros momentos, quando a Alemanha passava pela turbulência e conflitos depois da morte do chanceler, mas também não conseguiu. E, pouco tempo depois, quando os alemães se prepararam para

responsabilizá-lo pela construção dos campos, ele desapareceu exatamente como Lynn, sem deixar rastro.

Hogdson voltou-se para o velho amigo, William Temple. E mesmo este, depois de envolver Rolf Merten no caso, não conseguiu descobrir o paradeiro dela.

No auge do desespero Hogdson ligou para Miguel Besson e foi a Lisboa para se encontrar com ele. Tinha sido graças a Hogdson que os Guardiões conseguiram acesso ao prêmio inglês, e Miguel devia-lhe aquilo: recebeu-o acompanhado de Daniel.

— Se você e os seus amigos encontraram Lucrezia, tenho certeza de que podem encontrar a minha filha — afirmou, pálido e visivelmente mais magro. — Tenho certeza de que eles a mantêm prisioneira em algum lugar, porque ela vai ter um filho de Dieter. Ela vai continuar essa descendência maldita. Mas aquela criança é também minha neta...

— Não podemos prometer que vamos encontrá-la. A história já nos provou que os nazistas, quando querem, conseguem desaparecer da face da Terra — avisou Miguel, sem mencionar que a Sociedade do Dragão e o grupo *Stille Hilfe* tinham recursos e haviam desenvolvido mecanismos para permanecerem ocultos o tempo que quisessem.

— Pelo que nos contou, a Lynn era muito apaixonada por Dieter — disse Daniel.

— Sim — concordou Hogdson.

— Talvez ela esteja protegendo o filho — sugeriu Daniel, tentando pacificar Hogdson.

— Você está tentando me dizer que talvez ela esteja *voluntariamente* desaparecida? — perguntou com os olhos brilhantes, como se as lágrimas estivessem sempre à beira de saltar.

— Sim — explicou Daniel. — Já imaginou o que seria dessa criança no mundo real? Bisneta de Hitler e filha de Dieter? Herdeira de uma linhagem pura de nazistas?

— Eu sei... Mas Lynn podia dizer apenas que estava bem. O pior é não saber o que aconteceu.

— Pense assim: enquanto não tiver notícias dela e da criança, é porque estão bem. Os nazistas jamais farão mal ao herdeiro legítimo de Dieter Steinbach. Ele representa a continuidade — avisou Daniel, colocando as coisas sob uma perspectiva diferente, antes de dizer: — Mas nós vamos ficar atentos. Se soubermos de algo, contatamos você.

Apesar da conversa não ter sido o que esperava, e eles não terem saído pelo mundo em busca da filha, as palavras de Daniel deram-lhe alguma tranquilidade. Agarrou-se à esperança de que Lynn estava escondida em algum lugar para proteger o filho. Só a esperança permitiria que a sua família sobrevivesse àquela catástrofe até terem notícias sobre o paradeiro de Lynn.

Assim que Tom Hogdson partiu, Daniel disse, com o rosto sério:

— Precisamos monitorar essa criança. Temos que descobrir onde ela está.

— Isto não tem fim? — questionou Miguel, com enfado.

— É o ciclo eterno de luta entre bem e mal — disse Daniel, sério. — Não o menospreze.

O vento soprava com violência, arrastando nuvens de areia. Tornara-se impossível respirar, mesmo protegendo a boca e o nariz. A areia rodopiando, com força, tornava a visibilidade impossível a um simples palmo de distância. Era uma cortina espessa que agredia o corpo, como mil agulhas simultâneas, cegando e machucando. Ninguém, em plena sanidade, se atrevia a enfrentar uma tempestade daquelas, capaz de enterrar pessoas e animais e alterar a geografia do deserto, mudando as dunas de lugar.

Daniel e Lúcifer sempre haviam evitado se confrontar fisicamente. Sabiam que a agressão levaria o seu relacionamento a um patamar diferente, que nenhum deles desejava. Uma briga entre eles não resolveria qualquer conflito, e nunca poderia chegar ao fim, como acontecia com outras lutas em que um adversário tinha a possibilidade de eliminar o outro. Entre eles não havia essa opção: estavam conscientes de que não podiam se destruir. Mas não estavam ali para se confrontarem diretamente e, sim, para tentarem destruir o maior número possível de apoiantes, minando as bases e forças do adversário.

Os Guardiões estavam alinhados, com suas longas espadas luzidias. Eram sete figuras vestidas de branco, formando uma linha reta com intervalos de dois metros entre eles: Daniel, Dib, Seth, Uchoa, Alessia, Miguel e, por fim, Samael.

Assim que a intensidade da tempestade diminuiu, as sombras negras começaram a firmar-se na linha do horizonte. Eram centenas se aproximando devagar, como se tivessem todo o tempo do mundo. Mas quando estavam a cinco metros das sete figuras brancas, atacaram bruscamente, com uma velocidade espantosa.

A batalha começou de repente, e em segundos todos os Guardiões não passavam de minúsculos pontos brancos, no centro de uma nuvem negra. Pouco depois tudo saiu do controle, como, aliás, acontece em todas as batalhas.

Apesar de suas magníficas espadas, os Guardiões perdiam terreno. Cada um estava rodeado por Anjos Negros que se multiplicavam a todo instante, tornando a batalha infindável.

Lúcifer aproximou-se de Daniel. Ele parecia estar se divertindo no campo de batalha, sem participar da luta, andando de um lado para o outro, como um general que inspeciona atentamente suas tropas. Segurou Daniel pelo braço direito, impedindo-o de mover a espada, e avisou, com um sorriso:

— Irmão, você não vai perder a vida, mas eles — apontou para os Guardiões totalmente rodeados por dezenas de anjos sinistros —, mesmo com as Espadas de Cristal, não vão deixar esta batalha. Você precisa pensar na solidão que irá enfrentar... sem eles e sem Elizabeth.

Daniel empurrou Lúcifer, libertando o braço, para atravessar o corpo de um anjo com a espada. Quando puxou a espada, o corpo tombou, diluindo-se como se fosse pó. Lúcifer mantinha-se de pé, observando os movimentos ágeis de Daniel: cada vez que ele movia a espada um anjo desaparecia. Mas Lúcifer estava seguro da sua vitória: o seu exército era imenso e estava drenando as forças dos Guardiões. Em algum momento eles começariam a sucumbir à horda de atacantes.

Daniel olhou em volta e tudo o que via eram os Guardiões rodeados por anjos violentos, prontos para destruí-los. Samael estava próximo dele, incansável e invencível: a sua espada era tão certa quanto a de Daniel.

Mas as horas passavam e a tarde caía. A proximidade da noite estava aumentando os poderes de Lúcifer, e Daniel temia que, em breve, os seus Guardiões enfraquecessem. Podia sentir a energia deles se tornando mais suave.

Uchoa, Seth e Alessia eram os que pareciam mais fragilizados, lutando contra uma horda de anjos pálidos, de olhos muito escuros e longos cabelos da cor do ouro.

Quando a noite caiu envolvendo todos com o seu manto negro, uma lua redonda e branca começou a subir lentamente no céu, como se escalasse uma montanha difícil. Mas depois de tantas horas lutando e destruindo centenas de

seres malignos, tudo parecia perdido. Os movimentos deles tornavam-se gradualmente menos enérgicos, e os seus corpos perfeitos cediam aos ataques violentos.

Alessia caiu no chão, e Miguel correu para ajudá-la, fazendo recuar alguns dos atacantes que haviam se jogado sobre ela. Nesse momento, quando ela achou que não teria forças para continuara lutando, uma onda incandescente de luz branca e intermitente rodeou o seu corpo, e o de todos os Guardiões, como se fosse uma película formada por centenas de pontos luminosos, e começou a rechaçar os adversários.

As espadas adquiriram um brilho extraordinário e mudaram de cor. Subitamente, os Guardiões tinham o dobro da habilidade e energia habitual, e em cada golpe a espada atravessava vários anjos simultaneamente, destruindo-os, sem que fosse necessário ferir seus corações negros com a lâmina longa e fatal. A quantidade crescente de pó gerada pelos corpos se desmanchando começou a poluir o ar e a ofuscar a visão.

Lúcifer percebeu que algo estava dando errado. Aproximou-se dos Guardiões para descobrir o que era aquela capa luminosa que os cobria, dando-lhes força e, simultaneamente, protegendo-os. E que novo poder era aquele das espadas, que bastava tocarem em seus anjos para os destruírem.

Daniel atravessou rapidamente o espaço que o separava de Samael, destruindo todos os anjos que havia entre eles, e perguntou:

— O que está acontecendo?

— As almas que você libertou me pediram para intervir. Eu ainda não as havia pesado, então... transportei-as — justificou-se, enquanto movia a espada com incrível agilidade.

— Preciso que vá buscar Elizabeth... — pediu Daniel.

— Não consigo entrar no submundo sem a autorização dele. Você sabe disso — respondeu Samael, sem deixar que a conversa com Daniel afetasse a sua concentração na luta.

— Temos que pensar numa solução — insistiu Daniel, lutando com movimentos precisos, enquanto pensava numa forma de libertar Elizabeth. Sabia que se perdessem aquela batalha, Elizabeth ficaria à mercê de Lúcifer por tempo indeterminado.

Miguel e Dib estavam com as costas encostadas um no outro, protegendo-se, rodeados de dezenas de seres diabólicos, que desapareciam no ar com

velocidade espantosa. Mas Miguel estava formulando um plano, enquanto os aniquilava com sua espada longa:

— Se destruírmos Lúcifer, acabamos com esta situação. Definitivamente.

— Não! Agora se concentre — avisou Dib, cortando o ar com a espada num movimento contínuo e elegante, atravessando os corpos de vários Anjos Negros e dissolvendo-os.

Miguel ignorou as palavras de Dib. Já havia tomado a sua decisão desde o instante em que notara Lúcifer se movimentando no campo de batalha, observando tudo com prazer indisfarçável. Viu Lúcifer se aproximando e, com um salto ágil, derrubou-o e ficou ajoelhado sobre ele, com o punhal em riste na mão direita, exatamente no centro do peito, onde ficava o coração de todos os anjos. Pousou a espada no chão e segurou o punhal com as duas mãos, como um anjo vingador, tomado pelo ódio e pelo desespero. Os seus olhos dourados tinham um brilho intenso carregado de emoções primitivas, revelando os traços iniciais do leão que estava acordando dentro dele.

— Eu acredito que a esmeralda deste punhal é a única forma de destruir você — disse, encarando friamente Lúcifer, imóvel debaixo dele. — Ela faz parte de você...

O punhal começou a entrar suavemente, fazendo a carne ceder sobre o esterno. Centímetros abaixo palpitava o coração de Lúcifer. O sangue começou a sair do corte, ainda superficial, formando pequenas gotas vermelhas. Um fio suave começou a escorrer antes de se transformar num jorro lento e mais espesso.

— Não faça isso — gritou Dib, aproximando-se dele vertiginosamente, no meio do assalto violento dos corpos, rechaçando-os com golpes precisos de espada. Era uma luta mortal e longa, mas as probabilidades estavam ficando favoráveis aos Guardiões, com a ajuda das almas brancas e as habilidades das espadas.

Miguel continuou concentrado na sua tarefa fatal, sem escutar ninguém. Bastava empurrar o punhal um pouco mais para atingir o coração de Lúcifer e sugar-lhe a alma. Miguel continuou a exercer pressão com o punhal, preparando-se para desferir o golpe final.

Lúcifer encarava-o com um olhar estranhamente tranquilo para alguém que estava prestes a perder a vida. Miguel hesitou por um segundo, perante a placidez dele: talvez a esmeralda não fosse capaz de matá-lo, mas precisava tentar. Empurrou o punhal mais um centímetro. Lúcifer mantinha-se sereno: não acreditava que fosse perder a vida, porque guardava um poderoso

segredo que o salvaria.

— Não faça isso — insistiu Dib, com a voz firme, já ao lado de Miguel, colocando a sua mão esquerda sobre as duas de Miguel, com uma calma tensa, que contrastava com a violência brutal que se desenrolava em volta deles.

Miguel não entendia por que Dib o estava impedindo de destruir Lúcifer. Aquela era uma oportunidade única. Em milênios. Olhou para Dib cheio de fúria, e depois para Lúcifer, imóvel, por baixo dele. Percebeu que Lúcifer não oferecia resistência e começava a esboçar um sorriso vitorioso. Miguel não compreendia o que estava acontecendo e encarou Dib mais uma vez. Dib ergueu a mão direita e apontou para um lugar não muito distante: Daniel aproximava-se deles velozmente, com movimentos elásticos. Miguel percebeu que uma mancha vermelha, no centro do peito dele, estava se alastrando e tingindo a blusa branca. Daniel tinha o olhar fixo em Miguel. Lúcifer não se movia. E Dib mantinha a mão esquerda sobre as duas de Miguel, como se implorasse para ele não perfurar o peito de Lúcifer com o punhal.

— Termine o que ia fazer, Besson — pediu Daniel, ajoelhando-se ao lado deles.

— Não faça isso. Vai destruir os dois — disse Dib, agora com a voz baixa e trêmula. Era a primeira vez que Miguel via Dib perder a sua serenidade emblemática. — Por favor...

— Deixe-o continuar, Dib — pediu Daniel, calmo. — Algum dia isto precisa terminar.

— Esse dia não será hoje — argumentou Dib, antes de se voltar para Besson, com os olhos brilhantes, como se estivesse a ponto de chorar, falando em voz baixa para que mais ninguém escutasse aquele segredo terrível: — Se matar Lúcifer, matará Daniel.

Miguel hesitou. Dib estava afirmando que a ligação entre eles era tão forte que a morte de um resultaria na morte do outro. Bem e mal estavam tão associados que só podiam existir em conjunto, exatamente como as sombras eram resultado da luz.

Miguel encarou Daniel e depois Lúcifer, que mantinha o sorriso vitorioso na boca perfeita. Miguel empurrou o punhal um pouco mais. A ponta atravessava o osso. O corte aumentou e o sangue alastrou-se, manchando mais a roupa de Lúcifer. Miguel observou a blusa de Daniel e viu a marca vermelha tornar-se maior e, confirmou que ferindo Lúcifer, feria Daniel.

Daniel inclinou-se para Lúcifer, deu-lhe a mão, e disse:

— Está na hora de partirmos, irmão.

Lúcifer olhou para Daniel incrédulo, compreendendo que ele estava disposto a morrer para destruí-lo.

— Não, Daniel — pediu Lúcifer sério, sem nenhum vestígio do sorriso triunfante que marcara o seu rosto, segundos antes. — Não pode fazer isso.

— Pare, Besson — pediu Samael, posicionando-se atrás de Daniel. — Por favor.

A confusão em volta deles diminuía, mas eles estavam entregues a um drama demasiado privado para perceberem o que estava acontecendo. Um a um, todos paravam de lutar, e se voltaram para acompanhar os gestos de Miguel, sentado sobre o peito de Lúcifer, com o punhal feito com a mesma esmeralda da sua terceira visão, a centímetros do seu coração. As duas esmeraldas estavam começando a brilhar levemente. Naquele momento Miguel teve certeza de que o Punhal das Almas era o único objeto capaz de destruir Lúcifer. Bastaria fazer um pequeno movimento adicional, para que o punhal se cravasse no coração dele e o destruísse, aprisionando a sua alma.

— Dib, solte a mão de Besson, por favor — Daniel fez o pedido com voz firme, encarando Dib, num gesto de despedida. — Precisamos acabar com isto ou não haverá fim.

Lúcifer voltou o rosto para Samael e disse:

— Eu o autorizo a ir ao submundo — Samael entendeu a mensagem. Samael não podia permitir que Daniel morresse. Ele era essencial para manter o equilíbrio na Terra. Ele era o Justo. E a sua missão ainda não terminara.

Mas Lúcifer precisava ganhar tempo, mais alguns minutos, para tentar salvar a vida.

— Mesmo que nos destrua agora, nunca haverá fim. Nunca — argumentou Lúcifer. — Eu e você não estaremos aqui, mas todos continuarão existindo. O bem e o mal continuarão com aqueles que herdarão o nosso lugar.

— Não o escute, Besson. Faça o que é necessário. Você sabe que é a decisão certa — afirmou Daniel e, sem soltar a mão de Lúcifer, disse: — Estou pronto. E você?

— Mande-o parar, Daniel — pediu Lúcifer, olhando o irmão fixamente e percebendo que o fim estava próximo. Custava-lhe acreditar na magnitude do sacrifício de Daniel.

— Chega, Lux — insistiu Daniel, sereno.

Em volta, todos haviam se aquietado, com as espadas viradas para o chão,

ao longo do corpo. Um silêncio mortal pesava no campo de batalha. Ninguém se movia.

Daniel percebeu que o fragmento da esmeralda brilhava com mais intensidade na testa de Lúcifer enquanto Miguel empurrava um pouco mais o punhal para dentro do peito dele. A pedra do punhal brilhava na mesma sintonia que a esmeralda da testa de Lúcifer. Miguel sentiu que a lâmina já atravessara o esterno.

— Por favor, Miguel — escutou a voz de Elizabeth nas suas costas quase num murmúrio. Ela se ajoelhou ao lado de Daniel, fixando os olhos no perfil de Miguel, que se mantinha sentado sobre Lúcifer, com o punhal perfurando devagar o seu tórax.

Miguel olhou para ela: estava bem mais magra e muito pálida. Parecia tão frágil.

— Por favor — pediu ela de novo, com as lágrimas correndo pelo rosto e colocando suavemente a mão sobre um dos braços dele.

Ele se voltou para Daniel e viu-o balançar a cabeça em sinal de rejeição, enquanto lhe pedia com o olhar que terminasse todo aquele tormento. Miguel hesitou.

— Perdoe-me — pediu, olhando para Daniel com os olhos toldados por algumas lágrimas. — Perdoe-me, mas não posso fazer isto.

Daniel viu-o retirar lentamente o punhal do peito de Lúcifer, recuperar a Espada de Cristal, que pousara no chão antes de tentar destruir Lúcifer, e ficar de pé.

— Você vive porque Daniel precisa viver. Mas deve haver uma forma de Daniel viver sem você. E eu pretendo descobrir qual é — disse Miguel, quase em tom de promessa, para Lúcifer. Ele começara a recuperar-se e sorriu. Sentou-se e devolveu o olhar a Miguel, avisando, com sarcasmo:

— Não há. Acha que tenho algum prazer em estar ligado a ele? Em garantir que nada aconteça com ele? Ele... — levantou-se do chão e olhou para Miguel no mesmo nível, apontando para Daniel, com um trejeito de desprezo, que disfarçava o desejo de ser igual ao irmão — tem grande resistência à dor, mas eu... detesto sentir dor — riu, levando a mão ao peito já cicatrizado, e disse, antes de se afastar: — Por hoje terminamos, mas momentos assim sempre nos ensinam muito, não é, Besson?

A batalha épica havia infligido grandes perdas ao contingente de Lúcifer.

A libertação das almas brancas também foi um duro golpe para ele, porque alterava o equilíbrio da luz no seu mundo. Além disso, perdera Lucrezia e, com ela, a possibilidade de concretizar a Profecia Tibetana nos tempos mais próximos. Lúcifer estava temporariamente enfraquecido e muito irritado. As circunstâncias forçaram-no a libertar Elizabeth. A presença dela nos momentos finais da batalha havia impedido que Miguel o destruísse e garantira a sua sobrevivência. Mas Lúcifer continuava vendo Elizabeth como um meio para ferir o irmão e preparar a sua vingança contra os Guardiões. E tudo o que ele possuía era tempo.

Talvez o Divino amasse Daniel um pouco mais por ele se parecer tanto com Lúcifer, o seu filho perdido: ambos eram perfeitos em suas belezas irretocáveis. Mas, por milênios, a perda de Lúcifer amargou seu coração. E tanto o Pai quanto os Filhos lembravam bem do fatídico incidente que dera origem a tudo: O Divino tinha nas mãos uma fabulosa esmeralda que daria um poder inimaginável a quem a usasse. Ofereceu-a aos dois filhos, propondo-se dividi-la ao meio. Mas Lúcifer desejava a esmeralda inteira, e Daniel, para evitar um conflito com o irmão rejeitou a sua parte. Era sempre assim: Lúcifer acabava conseguindo tudo o que queria, porque Daniel era conciliador e acabava cedendo, sob o olhar condescendente do Pai.

O poder imenso da esmeralda exacerbou algumas das características de Lúcifer, tornando-o mais arrogante e ambicioso, até o momento em que ele reivindicou o lugar do Pai. E aconteceu a grande batalha que separou os anjos. O Divino expulsou Lúcifer e, na sua queda do paraíso, a esmeralda quebrou-se, como punição, diminuindo o seu poder e distorcendo a límpida visão que ele tinha de todos os seres.

Mas quando Lúcifer tentou destruir o irmão, que permanecera ao lado do Pai, e quase foi bem-sucedido em duas de suas tentativas, o Divino decidiu que precisava proteger Daniel. E a única forma de salvá-lo seria obrigando Lúcifer a proteger o irmão.

Eles eram gêmeos, ligados desde o nascimento, e o Divino expandiu aquela ligação para uni-los na morte: se um morresse, o outro também morreria.

Durante muito tempo Lúcifer havia duvidado que aquilo fosse mesmo verdade. Pensou tratar-se de um subterfúgio do Divino para proteger Daniel, até o dia em que tentou perfurar o peito do irmão com uma espada e percebeu

que o seu próprio peito doía e sangrava enquanto feria Daniel. As suas dúvidas dissiparam-se e ele foi forçado a garantir a integridade física do irmão, em vez de destruí-lo. Foi o que aconteceu quando Daniel foi preso em 1307 e torturado durante anos, juntamente com os Templários. De bom grado Lúcifer teria deixado Daniel sofrer. Infelizmente a dor intensa e prolongada tornava-se sua quando o irmão era levado aos limites da morte. E Lúcifer foi obrigado a resgatá-lo. Mas havia um problema: Lúcifer só podia chegar à Terra por meio de portais, ou projetando a sua imagem, como aconteceu quando visitou Lucrezia na prisão. Por isso, quando salvou Daniel das masmorras francesas e, também, quando foi buscá-lo no quarto de hotel onde ele estava com Elizabeth, precisou da ajuda de Samael, para que ele liberasse um corredor entre mundos que lhe permitisse fazer a travessia.

Aquela era a maldição de Lúcifer e Daniel: para continuarem vivendo, estavam condenados a salvar-se um ao outro, eternamente. O Divino transformou a luz e a escuridão num ciclo eterno. Mas começava a delinear-se uma nova situação: por um lado, Lúcifer tinha, finalmente, conseguido um instrumento incrível para atormentar o irmão, por meio de Elizabeth, e, por outro, havia a disposição de Daniel sacrificar a sua vida para destruir o irmão e salvar os homens.

Elizabeth estava lendo um livro na sala, junto da janela aberta. Dali podia ver o jardim florescendo, sob as mãos atentas de Afonso. Miguel aproximou-se e beijou-a no rosto, antes de sentar-se ao seu lado no sofá.

— Como você está?

Ela sorriu, fechando o livro antes de responder:

— Bem.

Miguel ficou em silêncio, observando-a. Ela ganhara peso e perdera aquela palidez pouco saudável de quem passara algum tempo sem ver a luz do sol. Por fim, anunciou:

— Eu e Daniel falamos sobre você.

Elizabeth olhou para ele, com uma expressão atenta, mas não respondeu. Desde que voltara do submundo ainda não tinha conseguido ficar a sós com Daniel. Sentia que ele a evitava, mas estava certa de que, em algum momento, precisariam conversar. Aprendera a ter paciência, a esperar, sem se deixar dominar por aquela ansiedade que sentia quando o conheceu.

— Não vai me perguntar sobre o que falamos?

— Tenho certeza de que me vai contar... — disse, sorrindo de novo. Ele retribuiu o sorriso. Percebia nela uma nova serenidade, que a distanciava da mulher que tivera nos braços. Pareciam ter se passado décadas desde que a beijara.

— Estamos os dois apaixonados por você — declarou, pausadamente.

— Daniel disse isso? — perguntou e Miguel sentiu uma pontada no peito: a preocupação inicial dela era sempre com Daniel.

— Sim — segurou a mão dela e notou que os dedos estavam frios. Apertou-a entre as suas, para aquecê-la. — E eu quero escutar de você, quero que me diga o que você sente.

Ela baixou o rosto, por um instante, como se estivesse buscando as palavras para evitar feri-lo. Encarou-o com os olhos límpidos e respondeu com uma simplicidade avassaladora:

— Eu amo Daniel, desde... desde sempre. Mas tornei-me uma Guardiã e essa é a minha missão. Não há nada que eu possa fazer a não ser aprender a lidar com as minhas emoções — deu um sorriso triste. — Será um aprendizado sofrido.

Miguel percebeu o sofrimento dela. Um sofrimento talvez menor que o seu, porque o amor dela, ainda que impossível, era correspondido, e Miguel sabia que ela amava outro homem. Mas compadeceu-se dela. Tudo o que a magoava também o magoava.

— Não quero que você sofra — acariciou o rosto dela com as pontas dos dedos. O olhar dele transmitia uma ternura que a confortou. Abraçou-o e sussurrou:

— Eu sei que você também está sofrendo, por minha causa. Desculpe.

— Eu estou bem — confessou baixinho, em tom de brincadeira: — E não vou desistir de você. Vou esperar até que você se canse de Daniel...

Ela abandonou a cabeça sobre o ombro dele e riu. Miguel continuava tendo aquela capacidade única de fazê-la rir, mesmo nos momentos em que tudo parecia desolador e sem esperança. Gostava de estar assim com ele: finalmente livre de segredos.

Daniel entrou na sala e viu os dois abraçados: sentiu uma espécie de espasmo no estômago, uma emoção entre o ciúme e o temor de perdê-la. Miguel viu-o e sorriu, mas não soltou Elizabeth. Não pretendia facilitar a vida do amigo.

26. O sétimo Guardião

O amor foi sempre assim: não conhece a sua verdadeira profundidade senão no momento da separação.

Khalil Gibran (1883-1931)

Os Guardiões estavam reunidos formalmente, em Lisboa, na sala vermelha da Ordem. Manfred Kräuser, o fiel mordomo alemão, organizara tudo, com um cuidado especial: aquele encontro marcava o retorno de Daniel e, também, de Elizabeth. Apesar da insistência de Daniel para que ele se aposentasse, Manfred teimava em servir a Ordem ignorando as mazelas da idade.

Miguel também havia sido convidado para participar, apenas naquela ocasião.

Depois dos instantes iniciais, com Daniel liderando um mantra, tudo parecia ter voltado à normalidade, ou pelo menos a um ritmo com menos sobressaltos. Todos reconheciam que aqueles momentos eram tão preciosos quanto passageiros e tinham que aproveitá-los.

— Eu quero agradecer o seu apoio. Sem você tudo teria sido muito mais difícil, e foi o seu ataque a Lúcifer que nos permitiu ter Elizabeth de volta — disse Daniel.

— Não me agradeça. Quase me sinto parte da Ordem... — respondeu Miguel, sorrindo.

— Talvez possa voltar a ser parte da Ordem — disse Elizabeth, olhando para ele. Todos percebiam que ela estava mais séria e focada, como se tivesse

amadurecido de repente. Mas tinha sido um processo lento, cheio de obstáculos, lutas e desafios.

A sala ficou suspensa à espera da resposta de Miguel. Parecia algo cada vez mais lógico que ele retornasse à Ordem. E até Daniel, sempre atento às intenções ocultas de Miguel, parecia estar disposto a dar-lhe mais uma chance. Miguel hesitou: a tentação era muito grande. Aquilo significava o acesso ao Mosteiro, que ele perseguira por tanto tempo. Mas significava também submeter-se ao julgamento da Consagração e, se tudo desse certo, às regras da Ordem.

— Não estou pronto para tanta responsabilidade e tantas restrições — confessou com honestidade, abdicando da oportunidade única de conhecer o Mosteiro e as suas relíquias. — Prefiro continuar assim, mesmo sabendo que não terei acesso aos ritos, reuniões e conhecimentos da Ordem. Mas gostaria que a nossa relação se mantivesse desta forma...

Daniel sorriu sutilmente. Pelo menos Miguel fora honesto. Se aquele convite tivesse acontecido antes, talvez Miguel tivesse aceitado com a intenção de conhecer o Mosteiro e dilapidá-lo de mais algumas de suas relíquias, para satisfazer a sua ambição e desejo pelo poder.

— Não vejo problema — disse Daniel, notando que até mesmo Alessia deixara de resistir à presença dele. — Mas continuamos com um problema: precisamos de um sétimo Guardião.

— Sei que não devo intervir, mas tenho uma sugestão, se permitirem — disse Miguel.

— Diga — incentivou Daniel.

— Oliver Bassan — sugeriu Miguel, antes de explicar: — Ele já teve um treinamento especial em artes marciais e no domínio do corpo. Isso ajudaria.

Daniel olhou para ele com espanto. Avaliou rapidamente a expressão dos outros Guardiões, mas eles não pareciam chocados com a ideia. Lembrou-se do aviso de Elizabeth sobre Oliver, dizendo que ele seria importante, e consultou-a com o olhar. Ela moveu levemente a cabeça, em sinal de concordância.

Aquela era uma situação complexa: todos sabiam que Alessia tinha um relacionamento com Oliver e estava ponderando a possibilidade de se afastar da Ordem, mas precisava de tempo, porque se tratava de uma decisão complexa e irreversível.

Alessia susteve a respiração ao ouvir a sugestão de Miguel. Ela já havia pensado no assunto e tinha conversado com Oliver. Mas ambos temiam

qualquer das implicações que uma decisão daquelas poderia ter. Ela jamais teria coragem para sugerir o nome de Oliver, porque estaria falando do homem que amava, e a situação era muito constrangedora.

Daniel voltou-se para Alessia, antes de dizer, com toda a calma:

— Vamos analisar isto por etapas. A primeira questão é saber se você já decidiu o que pretende fazer em relação à Ordem.

— Ainda não sei...

— Uma opção precisa ser feita, Alessia: ou ficam juntos e você abdica da Ordem, ou o relacionamento termina e Oliver se submete à Consagração. Não há como ter as duas coisas — avisou firme, consciente da sua própria situação com Elizabeth. Percebeu que Miguel o estava observando com o rosto sério e devolveu-lhe um olhar franco: Miguel sabia bem que ele mantinha a sua decisão de afastar-se de Elizabeth.

— Eu sei, Daniel — respondeu Alessia, com a voz um pouco insegura. — Mas se Oliver for aceito na Ordem, nós vamos cumprir as regras.

— Tem certeza? Tem ideia de quanto isso será difícil para os dois? — perguntou Daniel, sentindo sobre ele o olhar intenso de Elizabeth. Evitou encará-la.

— Sim — respondeu Alessia, depois de um longo silêncio.

— Então vamos passar à segunda questão — disse Daniel. — Oliver foi um assassino, e essa era a sua profissão. Trilhou um caminho oposto ao nosso. Precisamos avaliar as probabilidades de alguém como ele sobreviver à Consagração.

Todos ficaram em silêncio. Foi Elizabeth quem respondeu:

— Nunca sabemos realmente o que o Graal... *sente* ou *vê* em nós.

— Sim — concordou Daniel. Havia em Elizabeth uma tranquilidade nova, e ele confiava cada vez mais nas intuições dela. — Mas precisamos avaliar, para evitar condená-lo.

— O que você acha realmente, Daniel? — perguntou Alessia.

— Eu acho que... — olhou de novo para Elizabeth, pesando as palavras — pela lógica as chances de Oliver são baixas, mas Elizabeth teve uma intuição sobre o papel dele quando o conheceu. Talvez fosse a possibilidade de se tornar um Guardiã.

— Ou talvez fosse a ligação comigo — argumentou Alessia, com a sua franqueza.

— Só saberemos, de fato, testando Oliver — disse Daniel. — O que ele sabe sobre nós?

— O suficiente para tomar uma decisão — avisou Alessia.
— Muito bem — olhou rapidamente para todos, evitando comentar o fato de Alessia ter confiado alguns dos segredos da Ordem a Oliver, e perguntou:
— Alguma objeção sobre a possibilidade de testarmos Oliver?
Ninguém ergueu a mão, e Daniel decidiu:
— Vou falar com ele.

Poucos dias após a Batalha das Almas, que era como denominavam o evento, em homenagem às almas brancas que os haviam ajudado a vencer o exército de Lúcifer, Daniel e Elizabeth conversaram.

Daniel confessara que a amava, mas não podia conciliar uma relação com ela e a sua dedicação à Ordem. Elizabeth sabia que aquela era a melhor decisão para ambos. Tinha amadurecido e estava consciente da importância do seu papel. Conhecer Lúcifer dera-lhe uma nova perspectiva sobre a grande missão dos Guardiões. Lembrou-se do seu desapontamento inicial, quando Daniel lhe contou, bem nos primórdios da sua jornada, que a missão deles era lutar contra o mal. Agora percebia que ele tinha razão: não havia nada mais importante, e tudo, de alguma forma, sempre terminava no confronto entre o bem e o mal.

Desde então, eles se evitavam tacitamente. Mas, em certos dias, tornava-se mais difícil, para ambos, terem que lidar com aquele amor recalcado, oprimido. Era como se, de repente, uma onda de paixão os dominasse exigindo um esforço maior e um autocontrole que nenhum deles tinha em relação ao outro. Nesses dias, os artifícios para se evitarem tornavam-se mais evidentes.

Por mais que tivesse imaginado como seria tornar-se um Guardião e estivesse cada vez fascinado com as histórias que Alessia revelava aos poucos, nada havia preparado Oliver para aquela conversa com Daniel, quando ele o convidou para se juntar a eles.

Daniel falou das restrições e dos sacrifícios que seria obrigado a fazer e explicou os perigos que ele corria. Mas, tal como acontecera com Elizabeth, evitou sabiamente mencionar que ele seria capaz de transmutar-se num animal sagrado, que passaria a assombrá-lo desde o primeiro instante.

Oliver tinha que escolher entre a Ordem e Alessia. Ambos já haviam falado longamente sobre o tema, e até então a única possibilidade era a de

Alessia abandonar a Ordem. Mas, com o convite de Daniel, a situação ganhara uma nova perspectiva: eles poderiam ficar juntos por muito tempo, lado a lado, como irmãos, mas não poderiam ser amantes.

Oliver demorou algumas semanas para decidir. Imaginou quantas pessoas teriam aquela oportunidade única e, apesar do seu intenso e profundo amor por Alessia, sabia, bem no fundo de si, que não poderia recusar a possibilidade única de se tornar um Guardião, um ser místico, mesmo correndo o risco de desaparecer durante a Consagração. Alessia compreendeu e aceitou a decisão dele: também ela, apesar de amar muito Oliver, hesitava em abandonar a Ordem e tudo o que conhecera durante séculos. E, nesse momento, deu-se conta do quanto Arturo fora corajoso e magnífico quando trocou a Ordem pelo amor de uma mulher.

Oliver submeteu-se ao árduo treinamento que o transformaria num Guardião, se fosse consagrado. Porém, a maior luta acontecia no seu coração sempre que via Alessia e sabia que não poderia voltar a amá-la.

— Todos pagamos um preço por nossas escolhas. O seu também virá, Besson — avisou Daniel, preocupado com Miguel, ao perceber que o padrão de energia dele tinha melhorado, e aquele fato significava que ele usara o Punhal das Almas e assassinara alguém. Estavam os dois na sala de estar, vendo o jardim que continuava florescendo.

— O meu é como o vosso: vem todos os dias — disse Miguel, sem esconder uma expressão de sofrimento, que chamou a atenção de Daniel.

— O que é, Besson? — perguntou.

— Vocês restringem o corpo e as emoções todos os dias, e eu também faço isso. Mas as minhas urgências e necessidades são muito maiores que as de vocês, porque sem a Consagração eu preciso alimentar-me verdadeiramente de... energia — disse com um sorriso pálido, evitando dizer abertamente que se alimentava de almas humanas. — Já não sinto grande prazer em fazer isso. Não mais. Quando saí da Ordem sim, fazia por puro prazer. E foi assim por centenas de anos. Era como uma droga! Depois da morte de Adèle também... Mas agora começa a causar-me sofrimento.

— Por que não para? — insinuou Daniel, surpreso com a franqueza dolorosa de Miguel.

— Porque não estou pronto para abdicar da minha imortalidade. E se eu parar é isso que vai acontecer, não é?

— Sim — disse Daniel. — Mas, no final, talvez exista outro preço que vai precisar pagar, se continuar por esse caminho que está trilhando agora.

— O que é, De Payens? — foi a vez de Miguel perguntar, ao perceber que Daniel parecia hesitar em dizer-lhe algo. — Pode falar — insistiu Miguel.

— Lux está... vigiando você.

— Você quer dizer que ele está me esperando, não é?

— Sim — respondeu Daniel, mantendo o rosto fechado, ao lembrar os comentários de Lúcifer sobre Miguel. — Ele não acredita que você consiga se redimir de tudo o que fez.

Miguel ficou em silêncio por um momento, antes de perguntar:

— E você, acredita que eu posso me redimir?

— Acredito que já está se redimindo — respondeu, sorrindo suavemente e pensando na forma como ele continuava amando Elizabeth sem nada esperar em troca, e na mudança lenta que percebia em seu comportamento.

— Você não tem ideia do que eu fiz ou sou capaz de fazer — disse Miguel.

— Tenho sim — retorquiu, firme. — Todos nós somos capazes do melhor e do pior.

Miguel baixou a cabeça em sinal de concordância. Acreditou que Daniel talvez fosse o único dos Guardiões capaz de imaginar as barbaridades que ele cometera, porque o seu irmão tinha uma maldade incomparável.

— Entretanto, De Payens, vivamos um dia de cada vez! — disse Miguel devagar, com um sorriso brando.

Ir ao cinema, apesar de ser comum, para Elizabeth parecia ter acontecido uma década antes, quase em outra vida que ela mal reconhecia. Naquela noite quis confundir-se com alguém *normal*: pegou o metrô e foi assistir a um filme francês. Depois passou pela sorveteria — a mais famosa de Lisboa. Dirigiu-se ao expositor de sorvetes e o seu coração parou. Por mais que quisesse, não tinha como escapar: Daniel estava ao seu lado, escolhendo um sorvete. Com tantos lugares foram se cruzar justamente na mesma sorveteria. Era uma coincidência cruel.

Sorriram um para o outro, com uma espécie de constrangimento, e ele inclinou-se para cumprimentá-la com um beijo rápido no rosto. Havia algumas semanas que não se viam, desde que Elizabeth e Alessia estavam morando no novo apartamento. Seth e Uchoa também já tinham se mudado, e na casa continuavam Daniel, Dib e Miguel. Recentemente Oliver viera juntar-

se a eles.

Sentaram-se de frente um para o outro. Era a primeira vez que ficavam sozinhos desde que tinham conversado sobre a relação deles, seis meses antes, depois da Batalha das Almas. Daniel tentou parecer natural:

— Como está se adaptando?

— Bem, mas gostava mais da casa... — disse, comendo uma colher de sorvete de baunilha com framboesas.

— Pode voltar — lembrou. Ela o encarou e esboçou um sorriso pálido, antes de responder, trazendo à tona aquilo que ambos lutavam para ocultar e superar:

— É mais fácil assim.

Ele moveu a cabeça, concordando em silêncio. Saboreou o sorvete com gestos tranquilos, evitando olhar muito para ela. Cada vez que os seus olhos se cruzavam, ele sentia uma vontade alucinante de abraçá-la. E percebia claramente que ela sentia o mesmo. Os olhos pareciam tornar-se aquosos, como se os dois pudessem se liquefazer a qualquer instante. O silêncio instalou-se, mas era um daqueles silêncios densos, que crescia cheio de palavras e desejos inconfessáveis. Ele pousou a taça vazia sobre a mesa e esperou que ela terminasse.

— Está de carro? — perguntou.

— Vim de metrô.

— Eu lhe dou carona — ofereceu, levantando-se da mesa. Ela também se levantou.

Encararam-se por alguns segundos, conscientes do perigo de ficarem tão próximos um do outro. Ela hesitou e respondeu:

— É melhor não.

Ele se manteve em silêncio, encarando-a por um longo momento, antes de dizer, com a voz levemente rouca, já toldada pelo desejo:

— Vamos.

Entraram no carro sem pronunciar uma única palavra, temendo que qualquer som pudesse conduzi-los a alguma atitude impensada que os atirasse nos braços um do outro. Ele ligou o ar-condicionado depois de inserir a chave na ignição. Pôs as duas mãos no volante lutando para não assaltá-la, como um ladrão violento. Sentiu a mão dela resvalar suavemente sobre o seu braço como um anel leve e mortal e voltou o rosto para ela, com o maxilar apertado, no esforço de se controlar. Era um homem habituado a desafiar o corpo e o espírito, sobrevivera às piores torturas, e agora bastava estar junto

dela para todo o seu autocontrole desaparecer. Reviram-se um no outro, transtornados por aquele desejo que renascia sempre maior e mais impaciente. Era como se estivessem tentando selar um poço profundo, cheio de ar comprimido.

— Vou levá-la, antes que... — justificou-se, sem terminar a frase. Apertava o volante com tanta força que os nós dos seus dedos estavam quase brancos. Sentia-se como um náufrago que se agarra à última tábua de salvação em mar aberto.

— Eu sei — respondeu, sentindo-se tão atraída por ele quanto uma borboleta pelo fogo. Ele lutou contra o desejo, mas a proximidade dela era inebriante e venceu-o. Afastou as mãos do volante com gestos lentos e segurou-a pelo rosto para aproximá-la de si. Beijou-a com sofreguidão e volúpia. Um beijo desesperado. O seu corpo ardia, tomado por um incêndio que só parecia se apaziguar nos lábios dela.

Ela o segurou pela nuca e colocou a mão debaixo da blusa dele, em busca da pele, mas encontrou a camisa. Puxou-a para fora das calças com um movimento firme e, quando os seus dedos tocaram no abdome dele, sentiu-o estremecer. Desceu a mão devagar para dentro das calças, movida por um desejo que a impedia de pensar.

Alguém bateu com uma chave no vidro embaçado da janela lateral. Ele se afastou dela com dificuldade e viu uma sombra disforme do lado de fora. Baixou o vidro e um policial observava-os com olhar benevolente, embora mantendo o rosto sério:

— Boa noite, senhor. Não podem estar aqui — pediu firme.

Não disseram uma palavra durante o percurso e, quando a deixou em casa, não se aproximou dela, temendo que o desejo retornasse mais violento e cometessem alguma insanidade. Ela disse, ao sair do carro:

— Eu amo você.

Depois que ela entrou na porta do prédio, ele murmurou, como se falasse para si mesmo:

— Eu também amo você.

Oliver viajou para Londres com o objetivo de organizar todas as suas pendências. Desde que a data para a sua Consagração havia sido marcada, sentia a pressão aumentando. Falara muito com Alessia sobre os seus temores, e ela o havia serenado, evitando demonstrar que também temia por

ele. Com o tempo, os dois estavam aprendendo a conviver sem o sofrimento e a angústia dos dias iniciais, quando se separaram. Agora passavam muito tempo juntos, conversando ou estudando e continuavam a amar-se, talvez mais do que antes, mas sublimavam o desejo com longos diálogos onde desnudavam suas almas, ideias e temores.

Oliver leu a correspondência e deixou para o final o envelope branco com o selo do Peru. Abriu devagar e sorriu ao ver a fotografia: Penafor estava no centro, abraçando a mãe e Martha, que segurava o pequeno Fernando no colo. A criança olhava diretamente para a câmera fazendo um gesto de adeus com a mão e uma careta mostrando os dentinhos perfeitos. Dona Clara parecia ter rejuvenescido e Penafor aparentava uma expressão leve e jovial, de felicidade.

Oliver lembrou-se do que tinha acontecido com o seu último trabalho, quando decidira que não iria assassinar Martha. Aquele momento foi crucial para consolidar a sua decisão de abandonar a profissão. Entendeu que os seus tempos de assassino deixaram de fazer sentido e haviam terminado.

Falou com Martha e, juntos, conversaram com dona Clara e com Penafor e explicaram o que estava acontecendo. Foi dona Clara que teve a ideia do curare e ensinou todos os seus segredos a Oliver. O curare era uma mistura de várias espécies de ervas, usada pelos índios sul-americanos na ponta das flechas com o objetivo de paralisar a caça ou os seus inimigos. Havia aproximadamente quarenta tipos de curare, resultantes de diferentes combinações de plantas, que eram fervidas juntas por três dias, até se transformarem numa pasta. O curare paralisava os músculos e podia provocar morte por asfixia. Mas, na quantidade certa, simulava a morte e a vítima podia recuperar-se sem lesões.

Combinaram que Martha tomaria uma dose de curare para simular a sua morte e ficaria escondida em casa de dona Clara até o momento de deixarem a vila. Enquanto isso o caixão foi enterrado cheio de pedras, sem que ninguém se atrevesse a abri-lo depois de dona Clara anunciar, de forma autoritária, que Martha precisava de paz. Quando saíram da vila, Martha foi deitada no banco de trás do carro até mergulharem no verde intenso e protetor da floresta. Agora estavam vivendo no Peru, com novas identidades. Oliver colocou o isqueiro na ponta do envelope e da fotografia e acendeu. Ficou observando a fotografia desaparecer lentamente sob o efeito do fogo.

Durante os três dias que ficou na capital inglesa, visitou o seu velho mestre de artes marciais e os pais, como se fosse a última vez. Pediu à mãe que

fizesse o seu macarrão favorito e passeou pelos lugares de que mais gostava. Quando deixou a cidade não sabia se voltaria, mas tinha certeza de que, se voltasse, não seria mais o mesmo.

Só ao entrar no Mosteiro é que Oliver Bassan compreendeu realmente a magnitude do que o aguardava. Era sempre impressionante ver o choque que a enigmática fortaleza causava em quem a visse pela primeira vez. Foi ali que Daniel lhe revelou os segredos mais profundos do Graal e o preparou para o verdadeiro desafio que a Consagração representava.

— A metáfora da maçã bíblica, que a Eva deu a Adão, é o Graal. Ele representa a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal — explicou Daniel calmamente, para que Oliver compreendesse como o Graal estava presente na história da humanidade. — Todas as religiões são apenas caminhos diferentes que levam ao mesmo Deus, ao mesmo lugar. No caso, não se trata de salvação. Nós, Guardiões, estamos além da salvação: nós representamos o conhecimento superior, a ligação entre mundos.

Daniel explicou ainda que o Graal tinha o poder de exacerbar a natureza deles.

— Quando nos tornamos Guardiões, a Consagração aguça tudo o que já somos: os nossos defeitos e virtudes acentuam-se.

Oliver estava extasiado com aquele novo mundo e lutava para compreender a diversidade e profundidade dos conceitos que tinham entrado na sua vida durante o último ano. Mas todos sabiam que ele só conheceria totalmente aquela realidade após a Consagração, quando tivesse passado pelo umbral da vida e da morte e reunisse em si todas as três essências: humana, animal e divina.

A tensão aumentava com a aproximação da Consagração de Oliver. Todos temiam por sua vida e estavam conscientes de que o passado dele, enquanto assassino, aliado ao recente relacionamento com Alessia, pesariam contra ele durante o ritual. Mas Alessia era quem mais temia. Foi ela que preparou as ervas para o último banho de Oliver antes do ritual, tal como fizera com Elizabeth. E minutos antes de descerem para a sala da Consagração, foi ao quarto dele. Precisava vê-lo uma última vez a sós, porque se Oliver se dissipasse, ela teria, pelo menos, se despedido dele. Sentiu um nó na garganta quando bateu à porta, delicadamente. Oliver abriu e sorriu ao vê-la. Era visível a transformação dele: o seu corpo tornara-se mais sólido com o

treinamento intenso da Ordem, o rosto adquirira uma aura de tranquilidade, apesar da ansiedade gerada pela proximidade do ritual, e os olhos tinham uma limpidez assombrosa.

— Entre — convidou, afastando-se para deixá-la passar, mas mantendo a porta aberta. Queria estar com ela, queria vê-la, mas conhecia bem os seus limites e as regras a que estavam submetidos e evitava todas as situações que podiam alimentar o desejo deles.

Alessia encarou-o e não sabia o que dizer.

— Vim... vê-lo, antes...

— Está tudo bem — ele a acalmou, talvez porque não soubesse exatamente o que podia acontecer. Tinha uma vaga ideia, um conhecimento teórico, mas na verdade não sabia, ao contrário de Alessia, que já presenciara a dissipação de muitos.

— Eu sei — respondeu por fim, dominando o temor, porque sabia que isso era uma das piores emoções naquele momento. Precisava ter fé, acreditar, sem qualquer dúvida.

Seth surgiu na porta e perguntou:

— Vamos?

Oliver olhou para ele e anuiu com a cabeça, sem responder. Encarou Alessia e sorriu de novo. Estava sereno, disposto a entregar o seu destino àquela estranha luz de que os Guardiões tanto falavam. Alessia aproximou-se e esticou o corpo para aproximar-se do rosto, antes de beijá-lo carinhosamente na face.

— *Bonne chance* — disse, desejando boa sorte em francês, a sua língua materna, aquela que ela sempre falava quando estava dominada pelas emoções.

Oliver gostaria que Miguel Besson estivesse ali. Apesar de ele estar ligado ao círculo dos Guardiões, Oliver sabia que ele não fazia, realmente, parte dele. De todos, era com Miguel que mais se identificava. Depois de terem se aproximado durante a viagem a Berlim, acabaram por criar laços de amizade, quando Oliver passou a viver na grande casa da Ordem.

Foi lá que se submetera, voluntariamente, a um intenso e violento treinamento de oito horas diárias. Aquilo tinha sido ótimo, porque, além de lhe permitir evoluir rapidamente, ajudara-o a concentrar-se e a dominar o seu amor por Alessia.

A sala branca parecia irreal. Oliver observou tudo com atenção antes de se dirigir ao seu lugar, no centro do círculo formado pelo tapete branco e fofo.

O ritual começou e as vozes dos Guardiões elevaram-se, criando um caminho que ligava o mundo terreno ao espiritual. A água dos vasos fervia e o vapor elevava-se criando pequenas nuvens opacas. Oliver começou a sentir o corpo invadido por um calor crescente e, quando a luz caiu sobre ele, como um raio, os efeitos da sua intensidade brutal atiraram-no ao chão. Por segundos ninguém conseguiu vê-lo, nem saber se ele havia ou não se dissipado. A luz envolveu-o completamente como uma grande bola brilhante e efervescente, e tudo acabou. A sala mergulhou num silêncio quase mortal.

Alessia sentiu os olhos encherem-se de lágrimas e lutou para controlar as emoções, sabendo que não podia romper o ritual, sob circunstância alguma.

Lentamente a luz dissipou-se, deixando que a realidade se tornasse visível: no chão, um magnífico leão branco se confundia com o tapete.

Mais uma vez, o Graal se revelara, contrariando toda a lógica humana, ao transformar um homem que havia sido um assassino de aluguel, em um dos seus ferozes guerreiros.

27. A Lua Azul

[...] Quando se ama, entrega-se a vida toda, ali, desprotegido, correndo o tremendo risco de ficar completamente só, assumindo-o com coragem e dando um passo adiante. Por isso a morte pode tão pouco diante do amor. Quase nada. Ama-se por cima da morte, porquanto o fim não é o momento em que as coisas se separam, mas o ponto em que acabam. Não é por respirar que estamos vivos, mas é por não amar que estamos mortos.

José Luís Nunes Martins (1971)

Miguel já se apaziguara com a ideia de que Daniel e Elizabeth estavam apaixonados. Mas foi o fato de saber que eles não tinham um relacionamento e estavam condicionados pelas regras da Ordem que o ajudou a lidar melhor com a situação e a superar o sofrimento inicial. Agora Miguel até achava admirável o comportamento dos dois e reconhecia o enorme sacrifício e esforço que eram necessários para eles estarem lado a lado e, ao mesmo tempo, permanecerem separados. Exatamente como acontecia com Alessia e Oliver.

Para Miguel, em certas ocasiões, era visível a intensidade da dor que aquela paixão lhes causava, até na forma como os dois se evitavam. O seu amor por ela tornara-o altruísta: Miguel queria que ela fosse feliz e conhecesse, pelo menos uma vez, a sua faceta de mulher. E já que ele não lhe poderia mostrar aquele caminho, talvez Daniel pudesse.

Miguel não sabia qual o propósito do ritual do Códex Giga, mas sempre imaginara que se tratava de um rito de fertilidade envolvendo os Guardiões.

Hesitou por um longo período, até tomar uma decisão: se ele e Daniel juntassem as sete folhas desaparecidas, descobririam finalmente o misterioso ritual, permitindo que Daniel e Elizabeth se unissem em uma circunstância especial, sem desafiarem as regras da Consagração.

Daniel e Dib estavam na Biblioteca quando Miguel colocou as três páginas do Códice sobre a mesa. Daniel observou as folhas na frente dele.

— Por que me está me devolvendo essas páginas? — inquiriu, ao reconhecer as páginas roubadas do Códice e imaginando que, em troca, Miguel desejava ver as folhas que os Guardiões tinham.

Miguel ficou em silêncio durante alguns segundos, antes de explicar:

— Acho que o rito do Códice permite que você e Elizabeth fiquem juntos, sem violarem as leis da Consagração.

— Trata-se de uma forma de contornar as regras — argumentou Daniel.

— Mas vale a pena tentar, não acha? Eu faria qualquer coisa para ficar com ela... — confessou Miguel, encarando-o, com o olhar grave. — Mas Elizabeth ama você. E eu quero que ela seja feliz.

— Não pensou em encantá-la? — perguntou Daniel, sério, sabendo que Miguel possuía aquele dom especial. O mesmo de Lúcifer.

— Pensei e tentei isso na Costa do Marfim — lembrou Miguel. — Mas o amor que ela sente por você, desde o momento que o viu, quando era ainda uma criança, sempre se sobrepõe a tudo. De que adiantaria eu tê-la se ela ama você?

— E está abdicando dela sem mágoa?

Miguel fixou o olhar dourado em Daniel, antes de dizer:

— Sem mágoa, mas com tristeza. E eu sei o quanto você a ama, e como isso o está destruindo. O amor de vocês é inevitável. Talvez como foi o meu e o de Adéle, ou o de Arturo e Angelina.

Dib acompanhava a conversa em silêncio. Nunca imaginara que ambos conseguissem chegar àquele grau de civilidade. A generosidade de Miguel, ao abdicar de Elizabeth, estava mostrando a sua volta para a luz, e era um passo adicional para a sua redenção.

— Mas não esqueça que tenho a eternidade para conquistá-la — avisou Miguel, sorrindo.

Daniel assentiu ligeiramente com a cabeça e, sem responder ao comentário de Miguel, empurrou folhas do Códex, na direção dele, num claro sinal de rejeição, dizendo:

— Não quero saber o ritual. Se você quiser, Dib dá-lhe acesso às nossas

páginas.

Miguel olhou para Daniel com uma expressão incrédula. Estava lhe dando uma possibilidade extraordinária de ser feliz, e ele recusava. Quem rejeitaria a oportunidade de estar com a mulher que ama, nem que fosse uma única vez?

Daniel não desejava alongar-se no assunto. Já se expusera o suficiente por causa do seu amor por Elizabeth, contrariando a sua habitual reserva, e não pretendia voltar a falar dos seus sentimentos ou do seu relacionamento com ela. Aquilo entrara, de vez, na esfera da sua privacidade.

— De Payens... — começou Miguel, para tentar convencê-lo a ler o ritual, antes de rejeitar.

Daniel olhou firme para ele e explicou, com calma:

— Meus sentimentos sobre Elizabeth estão equacionados. Não voltarei a mencionar esse assunto. Gostaria que respeitassem a minha decisão e, principalmente, o meu desejo de privacidade — fez uma pausa, antes de terminar, com uma voz firme, encerrando qualquer possibilidade de comentários futuros: — Não há mais nada para acrescentar e não se trata de uma pauta pública.

Daniel levantou-se da mesa e afastou-se dos dois. Miguel olhou para Dib, com uma expressão interrogativa, antes de comentar:

— Eu estava tentando ajudá-lo...

— Daniel não quer ajuda. Ele já tomou a sua decisão e, sendo reservado do jeito que é, não creio que volte a falar de Elizabeth — explicou Dib.

— Talvez um dia ela perceba que jamais terá Daniel... — avisou Miguel.

— Mas também não poderá ter você — lembrou Dib astutamente. — Ela é uma Guardiã.

— Nada é definitivo — Miguel ficou pensativo por alguns segundos, antes de sugerir: — Podemos ver o ritual?

Ao juntarem as páginas ficou claro que se tratava da união entre dois Guardiões. Era um rito que permitia aos Guardiões unirem-se em noites especiais, sem que deixassem de ser consagrados ou sem que isso pusesse em risco as suas vidas durante a Consagração. O rito permitia romper a regra da castidade, mantendo o padrão de energia, e eles podiam transmutar-se durante o processo. E se a Guardiã fosse casta, o ritual mencionava a perda do seu sangue, mas tratava-se de sangue virginal e não de sangue sacrificial. O ritual mencionava especificamente uma pitonisa, por se tratar de um ser extraordinário, com seu dom único de ver o futuro e o passado.

Dib compreendeu, finalmente, o que Miguel Besson buscava com tanto afincos no Códex Giga. No início, quando Miguel se aproximara de Elizabeth, os Guardiões haviam se questionado sobre a possibilidade de ele querer assassiná-la, mas agora as suas intenções estavam muito claras: o objetivo de Miguel nunca foi sacrificar Elizabeth, como erroneamente pensaram, mas elegê-la como sua companheira.

Miguel sorriu para Dib:

— Eu tinha razão: tratava-se de um rito de fecundidade.

— Não — corrigiu Dib. — Este é um rito de acasalamento, e não permite gerar filhos.

— Sim... — Miguel hesitou, antes de concluir: — Melhor ainda — sorriu de novo para Dib, com os olhos brilhantes: — A questão que me colocou há pouco, sobre Elizabeth não poder se envolver comigo, por ser uma Guardiã, está resolvida. Como eu disse: nada é definitivo.

— Você vai tentar conquistar Elizabeth? — perguntou Dib, percebendo uma ligeira mudança no comportamento de Miguel, após descobrir o ritual.

— Daniel não a quer. Como pode rejeitá-la, se isto este ritual permite que fique com ela? — perguntou, apontando para as páginas sobre a mesa. — Não entendo — balançou a cabeça e respondeu à pergunta de Dib. — Vai chegar o momento em que ela vai se cansar de esperar por Daniel e vai entender que ele é totalmente dedicado à Ordem. E quando isso acontecer, eu vou estar lá, do lado dela.

Dib moveu levemente a cabeça, de um lado para o outro, e sorriu com as palavras de Miguel: era impressionante a forma como ele estava lidando com o amor não correspondido que sentia por Elizabeth.

Em uma imensa casa de campo, no coração da América do Sul, Lynn Hogdson caminhava devagar pelo gramado, com o filho aninhado amorosamente nos braços. Os primeiros raios de sol caíam sobre os cabelos dela emprestando-lhe reflexos dourados. Lynn dera ao seu filho o nome que Dieter escolhera: Ritter.

Pouco depois da morte de Dieter, quando Lynn leu as opiniões do mundo sobre ele, ficou chocada. Aquele homem frio, que diziam ser capaz de todo o tipo de crueldades e estava construindo campos de concentração para eliminar os seus opositores, não coincidia com o homem que ela amava: Dieter Steinbach tinha sido gentil, amoroso, protecionista e generoso. Dieter

tinha sido o seu grande amor. E a sua morte violenta apenas contribuiu para endeusá-lo mais aos seus olhos. Quanto mais o tempo passava, mais perfeito ele se tornava. Lynn construía um mito de Dieter, e era esse mito que ela sussurrava aos ouvidos do filho.

Halder saiu de dentro de casa e se aproximou dela, sugerindo:

— O sol está esquentando. Venha para dentro.

Ela seguiu Halder silenciosamente e, quando chegaram à sala refrescante, com as janelas todas abertas e as cortinas claras e esvoaçantes, o bebê começou a chorar. Halder pegou-o no colo e caminhou com passos tranquilos, até ele se acalmar e mergulhar no sono. Lynn sorriu ao ver o cuidado com que ele punha o bebê no carrinho evitando acordá-lo.

Halder se tornara seu protetor assim que Dieter foi assassinado, mas desde que ali chegara, dois meses depois dela, após ter sido afastado do poder, transformara-se na sombra dela e, também, de Ritter. Por vezes, à noite, quando o bebê chorava, ele saía do seu quarto, estrategicamente posicionado em frente ao dela, e batia na porta, para ver se estava tudo bem. Quando percebia que ela estava cansada, segurava o bebê, embalando-o docemente até que adormecesse, para que ela descansasse um pouco. Ela sentia gratidão e total confiança naquele homem que defendera Dieter até o final e agora estava ali, cuidando dela e do seu filho. Já não conseguia imaginar a sua vida sem ele.

Por vezes pensava na angústia que devia estar causando aos pais, mas ao olhar para o filho, decidia que era melhor assim. Lembrava-se bem da preocupação de Dieter com a sua segurança e a do seu filho, Ritter, e agora entendia o porquê, quando via o quanto todos eram contrários ao nazismo e difamavam Dieter e o seu projeto político, um projeto que ela estava abraçando cada vez mais.

Foi o grupo *Stille Hilfe* que cuidou dela após o assassinato de Dieter e não permitiu sequer que ela comparecesse à cerimônia funerária, para evitar que se expusesse e corresse qualquer risco. Foi, de imediato, levada para os Estados Unidos, onde ficou um mês, antes de ser transferida para ali. A casa tinha sido adaptada para que tivesse o máximo de conforto e segurança. Alguns metros adiante, vários chalés albergavam as famílias dos soldados que a protegiam. Era frequente Halder receber visitas de vários homens, que ela passou a reconhecer e, com o tempo, passou também a conviver. Apesar de quase todos acreditarem que a Sociedade do Dragão Verde e o grupo JKW tinham desaparecido, na verdade, eles continuavam existindo com a mesma

força de antes, mas na clandestinidade. Os negócios foram assumidos por uma espécie de grupo sombra. Mas os integrantes eram os mesmos: poderosos homens de negócios, com ideias neonazistas, que não tinham abandonado o projeto de transformar o mundo num lugar de gente pura e com uma população controlada, sem aquela crescente taxa de natalidade entre os países pobres. E esses homens vinham visitar o seu filho numa romaria contínua, porque ele representava o futuro e um dia assumiria o lugar que pertencera ao seu pai, para liderá-los de volta ao poder.

Miguel gostava de morar na casa da Ordem, entre seres iguais a ele, que, apesar de saberem o que ele fazia para sobreviver, não o julgavam. Era a primeira vez em séculos que sentia tranquilidade e o seu desejo por poder se aplacava um pouco. O amor por Elizabeth resgatara-o das trevas, mas ele sabia bem que dentro dele morava um monstro terrível, que precisava vigiar muito mais atentamente do que qualquer dos outros Guardiões vigiava os seus próprios monstros.

Ele tinha se apaziguado até mesmo com Alessia, de quem se aproximou mais por meio de sua amizade com Oliver. Ela estava lendo na Biblioteca da Ordem quando Miguel se aproximou e se sentou ao seu lado.

— Tenho uma coisa para você — estendeu-lhe um envelope fechado e explicou em voz baixa, captando a total atenção dela: — Quando Oliver conseguir se controlar totalmente, vocês podem ficar juntos.

— Isso não existe — respondeu ela, mantendo o mesmo tom de voz baixo. — Nós não podemos ficar juntos, e você sabe disso.

— Aí dentro — insistiu Miguel, apontando para as mãos de Alessia segurando o envelope — está uma cópia completa do ritual do Códex Giga. Eu e Dib juntamos as minhas páginas e as da Ordem e descobrimos que se trata de um ritual que permite aos Guardiões consumarem o seu amor nas noites de Lua Azul.

Percebeu que o olhar dela denotava dúvida. Não acreditava que aquilo fosse possível. Miguel explicou, calmamente:

— O ritual completo está aqui, na Biblioteca. Você pode confirmar.

Alessia olhou-o confusa.

— E você fez uma cópia para mim?

— Sim — confirmou. Sentia que precisava mostrar-lhe os atalhos para a felicidade junto de Oliver, depois de tê-la seduzido e abandonado, ainda que

muitos séculos antes. — Achei que era muito óbvio você copiar o ritual...

Ela inclinou ligeiramente a cabeça, analisando o envelope fechado.

— Sim, muito óbvio — concordou, antes de perguntar, movendo ligeiramente o envelope: — Mas por que está me dando isto?

— Quero que você seja feliz. Os sacrifícios que os Guardiões fazem precisam de algum tipo de recompensa, de prazer. Não acha?

Ela sorriu, antes de agradecer:

— Obrigada.

Daniel decorou o ritual original do Códex Giga durante o período em que esteve no submundo, com acesso pleno à Biblioteca de Lúcifer. Estudou religiosamente as páginas até conseguir enunciá-las de cor, em todos os seus detalhes.

Aquele ritual incluía acasalamento e fecundidade, devendo acontecer na Lua Azul, a segunda lua cheia do mesmo mês, um fenômeno raro, que acontece em intervalos de dois ou três anos. E não garantia apenas que os Guardiões deixassem de ser castos, também lhes permitia gerar um filho, se eles o desejassem, sem pôr em causa a sua imortalidade no momento da Consagração. O filho de dois Guardiões seria um ser superior, principalmente se a mãe fosse uma pitonisa, mesmo sem se consagrar. Mas, se a criança fosse posteriormente submetida ao Graal e atingisse o estágio de Guardião Supremo, teria um poder imenso, capaz de desafiar qualquer um. E alguém com tanto poder assim corria o risco de se corromper, porque a essência do poder é sempre a ambição e a corrupção.

O ritual original era diferente do que constava na cópia a que os Guardiões agora tinham acesso, depois que Dib e Miguel haviam unido as páginas perdidas. Este último tratava-se de uma pálida cópia do original, em que os Guardiões tinham a opção de gerar um filho e podiam não se transmutar durante o ato amoroso.

Quando Daniel leu o ritual pela primeira vez, no Códex de Lúcifer, surpreendeu-se com a sua simplicidade e descobriu uma das principais razões das regras de castidade. Os Guardiões estavam proibidos de violarem a sua castidade, não apenas devido à ameaça da dissolução durante a Consagração, mas também por se tratar de um mecanismo que os impedia de terem filhos. Ele compreendeu a sabedoria do terrível segredo e guardou-o para si.

Daniel observou atentamente as páginas onde anotara o ritual original, que

havia memorizado a partir do Códex da Biblioteca de Lúcifer, e voltou a guardá-las no seu cofre pessoal. Ele se sentia muitas vezes tentado a consumir o seu amor com Elizabeth. Desejava e temia, não porque ambos pudessem dissipar-se, uma vez que já não havia esse risco se cumprissem as regras do ritual, mas porque sabia que seria mais difícil resistirem um ao outro depois que se amassem.

Meses depois Daniel bateu suavemente à porta do apartamento de Elizabeth, com os nós dos dedos. Ela abriu a porta. Estava um pouco pálida, revelando traços da ansiedade que a dominava: tinha as mãos frias e o estômago embrulhado. Olharam-se durante alguns segundos, em silêncio. Ele perguntou:

— Está pronta?

Ela anuiu com a cabeça e virou-se para pegar a pequena mala de viagem, sobre a cadeira da entrada. Ele lhe tomou delicadamente a mala das mãos. Os seus dedos roçaram levemente nos dela, e ambos sentiram uma espécie de choque. A tensão entre eles era insuportável. Ele se afastou em direção à porta entreaberta.

— Daniel...

Ele parou, e Elizabeth aproximou-se, colocando a mão sobre o braço dele. Daniel voltou-se lentamente para encará-la. O lugar onde a mão dela estava parecia queimar. Soltou a mala, deixando-a tombar no chão com um baque seco. Segurou o rosto dela com as mãos e encostou a boca aos seus lábios, pedindo, num murmúrio:

— Por favor, não me toque. Por favor, Elizabeth...

— Não sou capaz — ela sussurrou, segurando a face dele, sentindo os lábios dele junto dos seus.

Daniel abraçou-a e beijou-a devagar. Um único e longo beijo que parecia não ter fim. Sentiu-se temporariamente saciado e soltou-a sem pressas. Recuperou a mala do chão e encarou-a uma última vez, dizendo em voz baixa:

— Vamos.

Ela o seguiu em silêncio. Entrou no carro e lembrou-se da última vez, em Paris, quando ele também levava a mala dela e a guardara no banco de trás, exatamente como acabara de fazer. Naquela época, os planos eram os mesmos: viverem uma noite de amor, mesmo arriscando suas vidas imortais.

Infelizmente Lúcifer levara Daniel, antes que tivessem tido tempo para ficarem juntos.

Mas agora tratava-se de uma noite muito especial. Era a noite da Lua Azul. Seria uma noite de amor cujas memórias deveriam alimentá-los durante os dois ou três anos seguintes, quando houvesse outra Lua Azul.

Quando Daniel lhe revelara a existência do ritual, três meses antes, ela sentira finalmente o sofrimento ceder, para dar lugar à esperança. Ele tinha ido ao apartamento dela, levando um envelope, mas ao contrário daquele primeiro envelope que lhe entregara, pouco depois da morte de Arturo, com a trágica notícia da morte da mãe, este continha os caminhos do amor e a promessa da felicidade.

— Isto... — disse, balançando o envelope — só você é que pode ler. Quando terminar, vamos conversar.

Elizabeth não fazia ideia do conteúdo do envelope. Precisou ler as páginas várias vezes, lutando para acreditar que podia, finalmente, amar Daniel, pelo menos uma vez.

Foi encontrar-se com Daniel na casa da Ordem, que ele dividia com Dib, Miguel e Oliver, ainda sob supervisão constante até aprender a controlar-se. Daniel explicou-lhe quando seria a próxima Lua Azul e perguntou, fixando nela o olhar penetrante, como se estivesse lendo os sentimentos mais profundos que ela guardava na alma:

— Você quer passar comigo a noite da Lua Azul?

— Sim... — confirmou com a voz trêmula, embargada pela emoção, uma mistura de felicidade e medo.

Durante os meses seguintes, ambos sentiram a tensão se avolumando até o ar se tornar quase irrespirável, quando estavam próximos um do outro. Viveram o período de espera, antecipando aquela noite que chegaria com a lua, e passaram a evitar-se mais do que antes, com medo de se traírem na presença dos outros ou de não serem capazes de controlar a ansiedade e esperar o momento certo, ditado pelo ritual.

Daniel dirigiu até Sintra num silêncio contido. A casa antiga, sob a encosta, pertencia-lhe. Levara semanas para transformá-la num lugar novamente habitável, depois de estar fechada durante anos. Manfred ajudou-o na difícil tarefa de torná-la confortável e luminosa em todos os pormenores,

para receber Elizabeth naquele momento tão especial. E tudo estava perfeito.

Ele subiu as escadas guiando-a até o quarto dela, no primeiro andar. O quarto dele ficava em frente.

— Venho buscá-la em uma hora.

Ela se aproximou e, antes que ele partisse, abraçou-o. Ele a envolveu nos braços e apertou-a contra o corpo. Fechou os olhos, beijou-a na testa e disse baixinho:

— Só mais uma hora, Elizabeth, para que a lua surja no céu.

— Eu sei...

Daniel conduziu-a pela mão. Atravessaram o longo corredor e quando chegaram ao fim ele abriu a porta do quarto e revelou o seu interior espaçoso e elegante. Pela imensa janela aberta, espreitava uma lua branca e perfeita, totalmente redonda: a Lua Azul.

A larga cama antiga, com dossel, estava rodeada por cortinas leves e esvoaçantes. As cores claras das roupas contrastavam com as madeiras escuras.

O quarto iluminado por velas — dezenas de velas, com seu jogo de luzes e sombras, criava um ambiente intimista que convidava ao amor.

Elizabeth olhou em volta, sem soltar a mão dele. Pela primeira vez, os dois pareciam serenos, envoltos em suas roupas de linho branco, tal como era prescrito no ritual. Finalmente poderiam se amar, depois de uma espera tão longa e sofrida, e a consciência desse fato lhes dava a tranquilidade necessária para viverem aquele momento único, em que se conheceriam pela primeira vez numa lenta e preciosa entrega.

Horas depois, deitados lado a lado, olhando um para o outro, com os corpos abandonados numa letargia morna, tomavam consciência do turbilhão intenso de emoções que tinham acabado de viver. Daniel passou os dedos docemente pelos cabelos dela, como se os estivesse penteando, e sorriu, feliz. Ela devolveu o sorriso, envolta numa cumplicidade própria dos amantes, quando o silêncio tem voz e as palavras sobram.

Momentos assim, que se repetiriam a cada par de anos, seriam o laço do amor e a memória que os ajudaria na travessia do tempo.

— Agora pertencemos um ao outro — ela disse, num murmúrio, encostando a sua boca à dele e contornando o queixo masculino com a ponta dos dedos, por onde despontavam os primeiros sinais da barba.

Ele a puxou contra o peito e abraçou-a com ternura, encerrando-a no círculo apertado dos seus braços vigorosos. Acariciou suavemente a pele sedosa das costas. Elizabeth sentiu um arrepio, e ele riu, com os dentes encostados ao pescoço dela, antes de ensaiar, de novo, os gestos do amor.

Agradecimentos

Paulo Henrique Bogo, meu marido, por sua incansável confiança e amor que me conforta. Por suas mãos que me amparam e seus passos que me guiam.

Lourenço, meu filho, por existir. Por ser a prova perfeita do milagre da vida. É a minha luz e um amor que me transcende.

Aos meus pais, Mário e Noémia, cujo amor seguro me amparou, guiou e fortaleceu. Seu carinho e suas palavras foram o verdadeiro caminho que me permitiu chegar aqui.

Aos meus irmãos, Mário Carlos e Cristina, por fazerem parte da minha jornada, apoiarem e participarem deste projeto.

Delta de Negreiros e Elaine Wzorek, minhas primeiras leitoras e críticas. Suas palavras me orientaram, suas dúvidas me instigaram e seus conselhos me guiaram.

Ana Luisa Astiz, minha agente literária, por ter tornado possível a publicação desta trilogia, por continuar mediando minha relação com o mundo e, mais que tudo, por acreditar em mim.

Todos aqueles que durante este projeto me apoiaram e inspiraram: Quezia Cleto, minha editora, com o seu olhar atento; Inês Costa, pelo carinho ao cuidar da minha família; Carlos Fernando Hudson Nascimento, o médico e o amigo que me orientou nas questões do corpo humano; Rui Barbosa, o amigo de todas as horas, que inspirou um dos personagens; Paula Ferreira, com seu apoio contagiante e traduções cuidadas.

Copyright © 2014 by I. M. Martins

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opiniões sobre eles.

PREPARAÇÃO Mariana Rodrigues

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

DIAGRAMAÇÃO Verba Editorial

ISBN 978-85-438-0230-5

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

TRILOGIA DOS GUARDIÕES

O MOSTEIRO



I. M. MARTINS

B 2 6 9

O mosteiro

Martins, I. M.

9788580869743

396 páginas

[Compre agora e leia](#)

O Mosteiro é o primeiro livro da Trilogia dos Guardiões, que será publicada exclusivamente em e-book. Uma aventura cheia de mistérios antigos, sociedades secretas, crimes atrozes, magias proibidas, desejos inconfessáveis e amores impossíveis. Um segredo obscuro que atravessou três milênios deixando uma trilha de sangue, até chegar aos dias de hoje. Após a morte de seu pai, Elizabeth Blanchefort vê sua vida virar de ponta cabeça. Antes uma dedicada executiva, ela logo se torna alvo de diversas sociedades secretas que estão atrás de objetos que ela nunca achou possível existirem. Com a ajuda de Daniel de Payens, um homem lindo e enigmático, Elizabeth descobre os segredos que sua família lutou para manter escondidos durante séculos, e que podem mudar seu destino.

[Compre agora e leia](#)

DA AUTORA DE ACADEMIA DE VAMPIROS

RICHELLE
MEAD

A **ERA** DE **X**
MATERIAL BÔNUS

BRUNO

A Era de X

Mead, Richelle

9788580869514

43 páginas

[Compre agora e leia](#)

Material bônus da nova série de Richelle Mead, autora de Academia de vampiros e número 1 da lista de mais vendidos do New York Times. Conheça o mundo de A Era de X. Além do primeiro capítulo, conheça o histórico da República da America do Norte Unida (RANU) e descubra mais sobre Justin March, Mae Koskinen e Tessa Cruz. O primeiro livro da série, Tabuleiro dos deuses, pode ser comprado.

[Compre agora e leia](#)



O ACORDO

AMORES IMPROVÁVEIS

O acordo

Kennedy, Elle

9788543805887

360 páginas

[Compre agora e leia](#)

Tocante, profundo, engraçado, sexy... Um romance que vai te encantar e surpreender a cada página.

Hannah Wells finalmente encontrou alguém que a interessasse. Mas, embora seja autoconfiante em vários outros aspectos da vida, carrega nas costas uma bagagem e tanto quando o assunto é sexo e sedução. Não vai ter jeito: ela vai ter que sair da zona de conforto... Mesmo que isso signifique dar aulas particulares para o infantil, irritante e convencido capitão do time de hóquei, em troca de um encontro de mentirinha.

Tudo o que Garrett Graham quer é se formar para poder jogar hóquei profissional. Mas suas notas cada vez mais baixas estão ameaçando arruinar tudo aquilo pelo qual tanto se dedicou. Se ajudar uma garota linda e sarcástica a fazer ciúmes em outro cara puder garantir sua vaga no time, ele topa. Mas o que era apenas uma troca de favores entre dois opostos acaba se tornando uma amizade inesperada. Até que um beijo faz com que Hannah e Garret precisem repensar os termos de seu acordo.

[Compre agora e leia](#)



Dia de beauté

Ceridono, Victoria

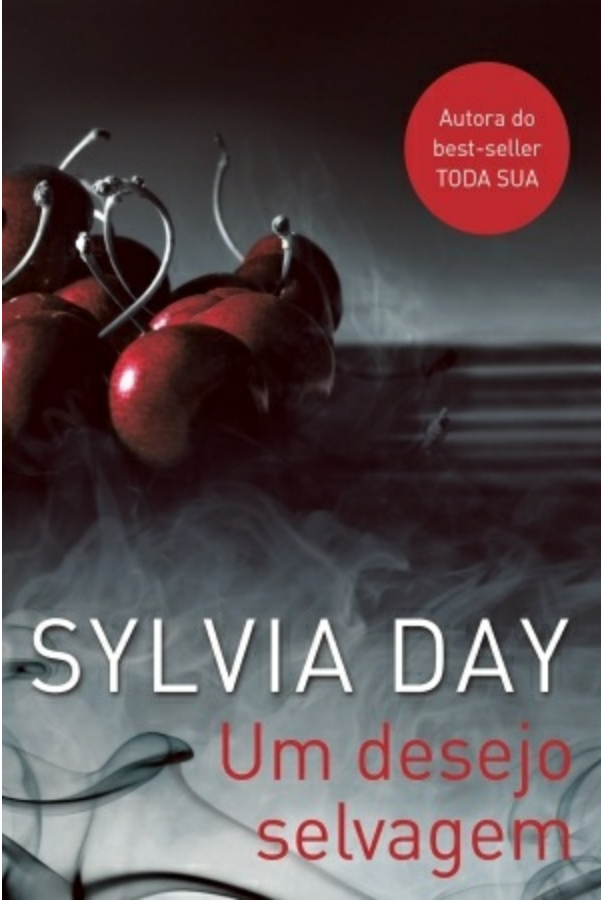
9788543804187

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quase nada é tão divertido quanto maquiagem. O lema de Victoria Ceridono, blogueira e editora de beleza da Vogue, é especialmente verdadeiro em seu livro Dia de beauté – um guia de maquiagem para a vida real. Com mais de 130 fotos e ilustrações, promete ensinar tudo que existe entre um make básico, quase nada, e uma maquiagem para festa. Sem nunca perder o tom divertido, as dicas de Victoria são acessíveis, vindas de quem experimentou de tudo para descobrir o que vale mesmo a pena. Um livro para todo tipo de leitor(a) – desde iniciantes até obcecadas, passando por quem apenas busca dicas para sair da rotina, ou alguém não interessado que sem querer foi parar com o livro em mãos. Um livro para inspirar e despertar a vontade de mergulhar nesse fantástico universo da maquiagem.

[Compre agora e leia](#)



Autora do
best-seller
TODA SUA

SYLVIA DAY

Um desejo
selvagem

Um desejo selvagem

Day, Sylvia

9788580869330

264 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste segundo livro da série, Vash, a segunda vampira mais importante do mundo, e Elijah, líder dos licanos, assumem o papel central. Além de serem representantes de duas espécies que sempre se perseguiram, Elijah e Vash se odeiam, mas são obrigados a se aproximar em busca de parceria numa guerra contra os anjos. O único problema é que o ódio entre eles vai se transformando em uma paixão incontrolável. Vash, uma mulher dura e determinada, perde a concentração nas lutas, passa a ter ciúmes e a não controlar mais seus sentimentos, enquanto Elijah parece decidido a conquistá-la, usando os mais tentadores artifícios.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[Rosto](#)

[O Mosteiro](#)

[Epígrafe](#)

[Dedicatória](#)

[1. O sopro da morte](#)

[2. A Casa do Lago](#)

[3. O coração de Angelina](#)

[4. O feiticeiro e a pitonisa](#)

[5. A esmeralda](#)

[6. O assassino inglês](#)

[7. O castigo](#)

[8. Objetos mágicos](#)

[9. A herança](#)

[10. A reunião](#)

[11. O mundo invisível](#)

[12. Sedução](#)

[13. A ronda dos leões](#)

[14. Premonição](#)

[15. O sábio e as salas secretas](#)

[16. A força da espada](#)

[17. A revelação](#)

[18. A festa](#)

[19. As páginas perdidas](#)

[20. O brasão](#)

[21. Laços de sangue](#)

[22. O ano do tigre](#)

[23. Os Guardiões](#)

[24. A consagração](#)

[25. A traição](#)

[26. O punhal das almas](#)

[27. As sombras](#)

[28. O terço dos anjos](#)

[29. A escolha](#)

[Agradecimentos](#)

O Tibetano

Epígrafe

Dedicatória

1. O retorno
 2. Um amor inevitável
 3. O número sagrado
 4. A memória
 5. A tenacidade de Oliver
 6. O despertar das feras
 7. O fio invisível da fé
 8. O cordão dourado
 9. Um novo ciclo
 10. O massacre de Babi Yar
 11. O caso Messie
 12. Holocausto revisitado
 13. A profecia Tibetana
 14. O beijo
 15. A tormenta
 16. O cativo
 17. A alma de Angelina
 18. O despertar do desejo
 19. A gruta
 20. A laranja de ouro
 21. A revelação
 22. O herdeiro
 23. Fogo e gelo
 24. Identidades
 25. A casa
 26. O sacrifício
 27. O Tibetano
 28. A libertação
- Agradecimentos

O Dragão

Epígrafe

Dedicatória

1. Um novo destino
2. Semeando violência

- [3. Buscando aliados](#)
- [4. Recomeços](#)
- [5. Espelho de Iblis](#)
- [6. Runa Sigel](#)
- [7. Quietude dos bons](#)
- [8. Ajuda silenciosa](#)
- [9. Dragão Verde](#)
- [10. O perdão](#)
- [11. Sete espelhos](#)
- [12. Dilemas](#)
- [13. Olho do Dragão](#)
- [14. Fragilidades](#)
- [15. O mesmo rosto](#)
- [16. Amor proibido](#)
- [17. O Homem das Luvas Verdes](#)
- [18. A Noite Vermelha](#)
- [19. A sala das almas](#)
- [20. A Lança do Destino](#)
- [21. Roubando almas](#)
- [22. Olho por olho, dente por dente](#)
- [23. Descobrindo a verdade](#)
- [24. A queda](#)
- [25. A batalha](#)
- [26. O sétimo Guardião](#)
- [27. A Lua Azul](#)
- [Agradecimentos](#)

[Créditos](#)